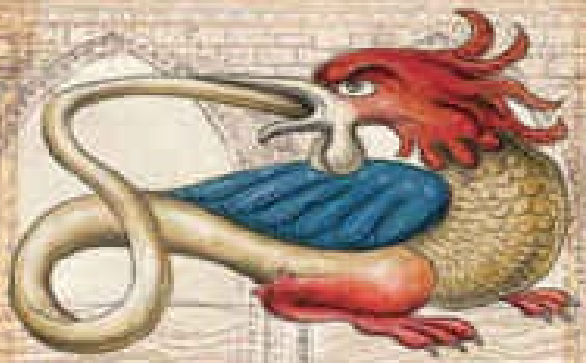
DO AUTOR DE

OS PILARES DA TERRA

KEN FOLLETT



MUNDO SEM FIM

ARQUEIRO

MUNDO SEM FIM





O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande

paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

KEN
FOLLETT



MUNDO SEM FIM

ARQUEIRO

Título original: *World Without End*

Copyright © 2007 por Ken Follett
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Pinheiro de Lemos

revisão: Flávia Midori, Luis Américo Costa e Penha Dutra

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

mapas: Stephen Raw

capa: Fiction

ilustração de capa: Garry Walton/ Meiklejohn

adaptação de capa: Miriam Lerner

adaptação para ebook: Marcelo Morais

ZZZZ

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F724m

Follett, Ken, 1949-
Mundo sem fim [recurso eletrônico] / Ken Follett [tradução de Pinheiro de Lemos];
São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: World without end
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-474-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção histórica inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Lemos, Pinheiro de. II. Título.

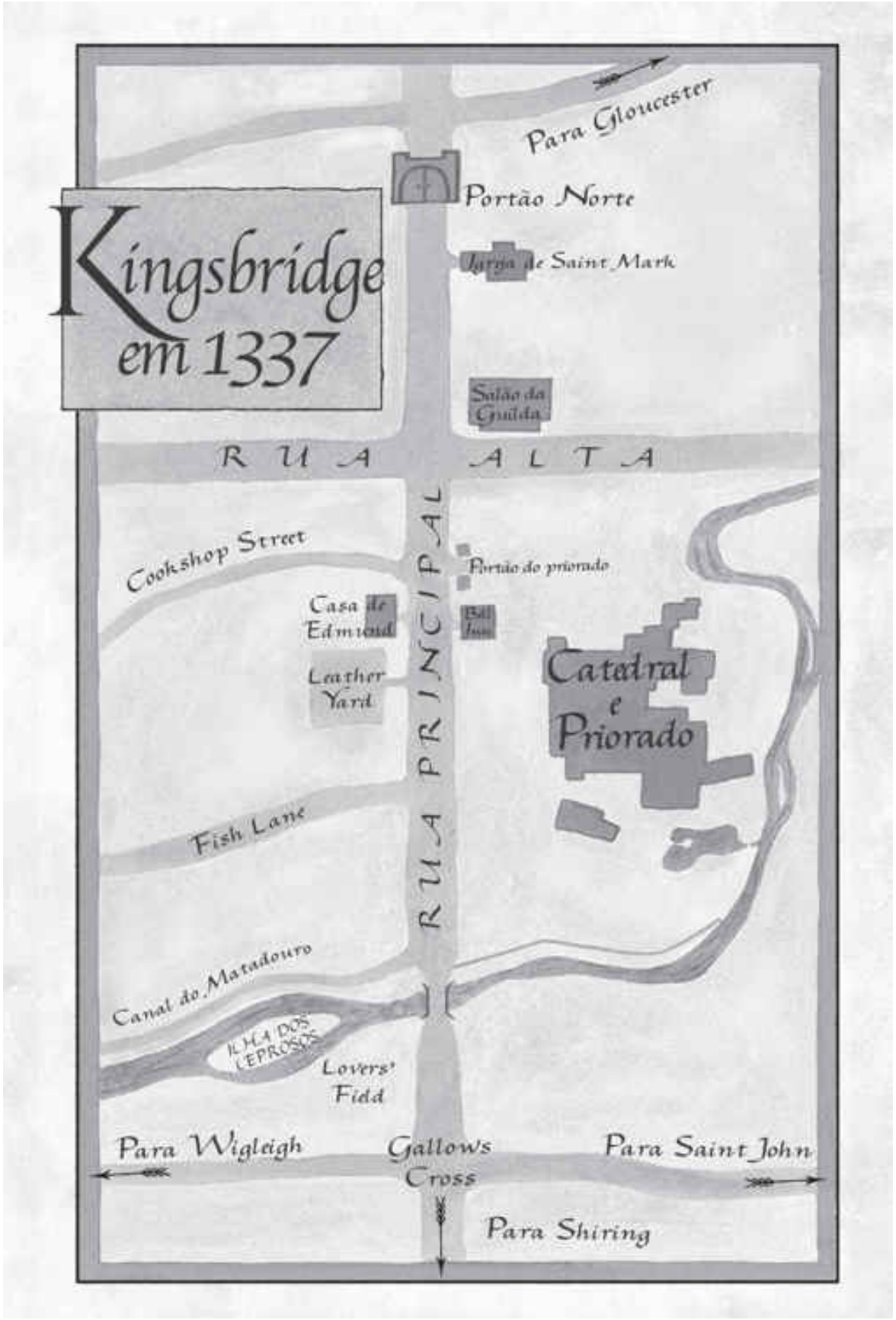
15-26587

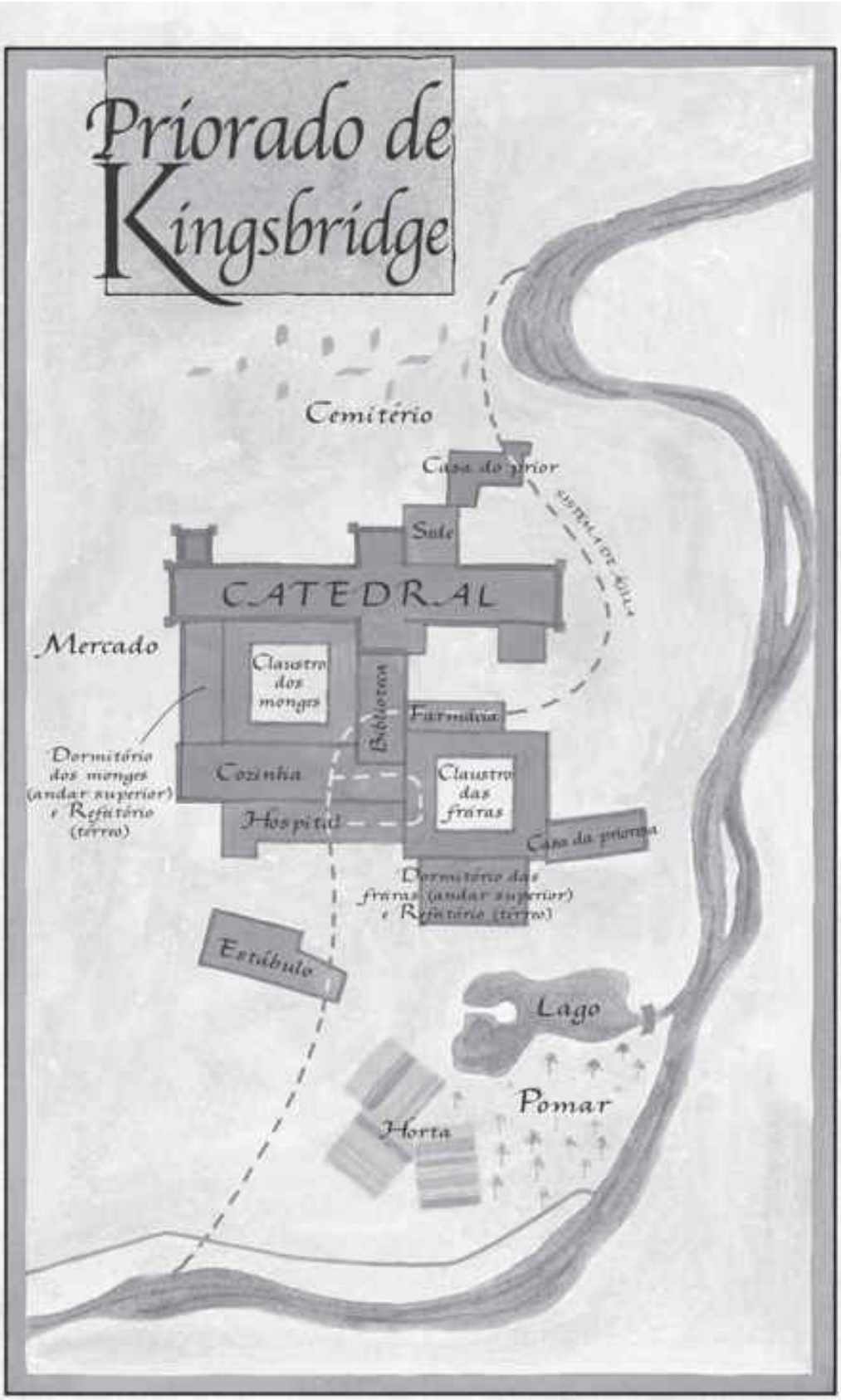
CDD: 823.92
CDU: 821.111(410)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

****

Para Barbara


Kingsbridge em 1337
Para Gloucester
Portão Norte
Igreja de Saint Mark
Salão da Guilda
RUA ALTA
RUA PRINCIPAL
Cookshop Street
Portão do priorado
Casa de Edmund
Bell Inn
Leather Yard
Catedral e Priorado
Fish Lane
Canal do Matadouro
ILHA DOS LEPROSOS
Lovers' Fidd
Para Wigleigh
Gallows Cross
Para Saint John
Para Shiring


Priorado de Kingsbridge
Cemitério
Casa do prior
Sala de Aula
Sala
CATEDRAL
Mercado
Claustro dos monges
Biblioteca
Farmácia
Dormitório dos monges (andar superior) e Refeitório (térreo)
Cozinha
Claustro das freiras
Hospital
Casa da priorisa
Dormitório das freiras (andar superior) e Refeitório (térreo)
Estábulo
Lago
Pomar
Horta

PARTE I

1º DE NOVEMBRO DE 1327

1

Gwenda estava com 8 anos, mas não tinha medo do escuro.

Quando abriu os olhos, não conseguiu ver nada, mas não foi isso que a assustou. Sabia onde se encontrava. Estava no priorado de Kingsbridge, deitada no chão, numa cama de palha, no prédio de pedra comprido que chamavam de hospital – um lugar para tratar de doentes, mas que também servia de albergue para pobres e ricos. A mãe estava deitada ao seu lado e Gwenda compreendeu, pelo cheiro de leite quente, que amamentava o bebê que acabara de nascer e ainda nem tinha nome. Do outro lado da mãe estava o pai e, junto de Gwenda, o irmão mais velho, Philemon, de 12 anos.

Havia muita gente no hospital. Embora não pudesse ver as outras famílias deitadas no chão, espremidas como ovelhas num cercado, Gwenda podia sentir o cheiro desagradável dos corpos quentes. Quando o dia amanhecesse, seria Todos os Santos, um domingo naquele ano, e por isso mesmo um dia muito especial. A noite anterior fora um momento perigoso, quando os espíritos do mal vagueavam livres por toda parte. Centenas de pessoas das aldeias ao redor tinham ido para Kingsbridge, como a família de Gwenda, a fim de passar o Dia de Todos os Santos no recinto sagrado do priorado, comparecendo à missa ao amanhecer.

Gwenda era cautelosa com os espíritos do mal, como todas as pessoas sensatas, porém o que teria de fazer durante o serviço religioso a assustava mais.

Ela ficou olhando para o escuro, tentando não pensar no que a deixava apavorada. Sabia que havia uma janela em arco na parede à sua frente. Não tinha vidro – só os prédios mais importantes tinham vidro nas janelas –, mas uma cortina de linho impedia a entrada do ar frio do outono. Porém Gwenda não conseguiu distinguir uma mancha cinzenta mais clara no lugar em que deveria estar a janela. E ficou contente por isso. Não queria que a manhã chegasse.

Não podia ver nada, mas havia muito para escutar. A palha que cobria o chão sussurrava a todo instante, sempre que as pessoas se mexiam durante o sono. Uma criança gritou como se tivesse sido acordada por um pesadelo, mas foi logo silenciada por palavras de carinho. Alguém falava de vez em quando, murmurando durante o sono. Em algum lugar duas pessoas faziam a coisa que os pais faziam, mas sobre a qual nunca falavam, a coisa que Gwenda chamava de grunhido, porque nenhuma outra palavra poderia descrevê-la.

Não demorou muito para que surgisse uma luz. No lado leste do vasto salão, um monge passou pela porta, carregando uma única vela. Colocou-a ao pé do altar e usou-a para acender uma vela fina e comprida. Saiu pelo salão, encostando a chama nos lampiões. Sua sombra subia pelas paredes a cada vez, a vela de verdade se encontrando com a vela de sombra no pavio de cada lampião.

A claridade crescente iluminava as fileiras de pessoas estendidas no chão, envoltas por seus mantos miseráveis ou aconchegadas nos vizinhos em busca de calor. As pessoas doentes ocupavam os catres perto do altar, onde podiam obter o máximo de benefício da santidade do lugar. No lado oposto havia uma escada que levava ao andar superior, onde ficavam os quartos dedicados aos visitantes aristocráticos: o conde de Shiring estava ali naquele momento, com sua família.

O monge se inclinou sobre Gwenda para acender o lampião por cima de sua cabeça. Fitou-a e sorriu. Ela estudou o rosto à luz bruxuleante das chamas e o reconheceu. Era o irmão Godwyn, jovem e bonito. Na noite anterior ele conversara gentilmente com Philemon.

Ao lado de Gwenda havia outra família de sua aldeia: Samuel, um próspero camponês, que cuidava de uma propriedade grande, a esposa e os dois filhos. O caçula, Wulfric, era um menino irritante de 6 anos que achava que jogar bolotas de carvalho nas meninas e fugir correndo era a coisa mais divertida do mundo.

A família de Gwenda não era rica. O pai não tinha terras e trabalhava para qualquer um que quisesse lhe pagar. Havia sempre trabalho no verão, mas, depois da colheita, quando o tempo começava a esfriar, a família muitas vezes passava fome.

Era por isso que Gwenda tinha de roubar.

Ela se imaginava sendo apanhada: a mão forte de alguém agarrando-a pelo braço, uma voz profunda e cruel dizendo “Ora, ora, uma pequena ladra”, a dor e

a humilhação de ser açoitada e, depois, o pior de tudo, a agonia quando sua mão fosse cortada.

O pai sofrera essa punição. Na ponta do braço esquerdo havia um coto horrível, todo enrugado. Ele conseguia fazer as coisas com uma única mão: era capaz de usar uma pá, selar um cavalo, até tecer uma rede para pegar aves. Mesmo assim, era sempre o último trabalhador a ser contratado na primavera e o primeiro a ser dispensado no outono. Nunca poderia deixar a aldeia e procurar trabalho em outros lugares, porque a amputação o marcava como um ladrão e as pessoas se recusariam a contratá-lo. Quando viajava, ele amarrava uma luva recheada no coto, para não ser escorraçado por todo estranho que encontrasse, mas isso também não enganava as pessoas por muito tempo.

Gwenda não testemunhara a punição do pai – ocorrera antes de seu nascimento –, mas a imaginava com frequência. Agora, não podia deixar de pensar na mesma coisa acontecendo com ela. Em sua mente, viu a lâmina do machado descendo para o pulso, cortando pele e ossos, separando a mão do braço, de tal forma que nunca mais ficariam ligados, e teve de ranger os dentes para não gritar.

As pessoas acordavam e se esticavam, esfregando o rosto. Gwenda também se levantou e ajeitou as roupas. Todos os seus trajes haviam pertencido antes ao irmão mais velho. Ela usava uma bata de lã que descia até os joelhos, com uma túnica por cima, presas na cintura por um cinto feito de corda de cânhamo. Os sapatos outrora tiveram cadarços, mas os ilhoses haviam rasgado e os cordões desapareceram. Agora, ela prendia os sapatos com palha trançada. Assim que juntou os cabelos por baixo de uma touca feita de rabos de esquilo, ela terminou de se arrumar.

Olhou para o pai, que indicou furtivamente uma família ali perto, um casal de meia-idade com dois filhos, apenas um pouco maiores do que Gwenda. O homem era baixo e franzino, com uma barba ruiva encrespada. Afivelava uma espada na cintura, o que significava que era um homem de armas ou um cavaleiro, já que as pessoas comuns não tinham permissão para usar espadas. A esposa era magra, com uma atitude brusca e uma expressão mal-humorada. Enquanto Gwenda os examinava, o irmão Godwyn acenou com a cabeça, respeitoso, e disse:

– Bom dia, sir Gerald, lady Maud.

Gwenda viu o que atraíra a atenção do pai. Sir Gerald tinha uma bolsa presa ao cinto por uma tira de couro. Parecia estufada. Devia conter várias centenas das pequenas moedas de prata de *penny*, meio *penny* e um quarto de *penny*, o dinheiro inglês... tanto quanto o pai poderia ganhar em um ano inteiro de trabalho, se conseguisse arrumar emprego. Seria mais do que o suficiente para alimentar a família até o plantio da primavera. A bolsa poderia até conter umas poucas moedas de ouro estrangeiras, como florins de Florença ou ducados de Veneza.

Gwenda tinha uma pequena faca numa bainha de madeira, pendurada por um cordão no pescoço. A lâmina afiada cortaria a tira de couro e faria com que a bolsa estufada caísse em sua mão... a menos que sir Gerald percebesse alguma coisa estranha e a agarrasse antes que cometesse o furto...

Godwyn elevou a voz por cima do rumor das conversas:

– Pelo amor de Cristo, que nos ensina a caridade, será servida uma refeição depois do serviço de Todos os Santos. Até lá, há água para beber na fonte do pátio. Por favor, não deixem de usar as latrinas lá fora... Nada de urinar dentro do prédio!

Os monges e as freiras eram rigorosos com a higiene. À noite, Godwyn surpreendera um menino de 6 anos urinando num canto e expulsara sua família inteira. A menos que tivessem um *penny* para dormir numa taverna, teriam passado a fria noite de outubro estremecendo no chão de pedra do pórtico norte da catedral. Havia também uma proibição para animais. Hop, o cachorro de três pernas de Gwenda, fora banido. E ela se perguntava onde o animal passara a noite.

Depois que todos os lampiões foram acesos, Godwyn abriu a enorme porta de madeira para o exterior. O ar frio da noite gelou as orelhas e a ponta do nariz de Gwenda. Quando sir Gerald e a família se encaminharam para a porta, o pai e a mãe foram atrás. Gwenda e Philemon seguiram o exemplo.

Philemon sempre fora o encarregado de roubar. Mas, no dia anterior, quase fora apanhado no mercado de Kingsbridge. Pegara um pequeno pote de óleo caríssimo do estande de um mercador italiano, mas o deixara cair, à vista de todos. Por sorte, o pote não quebrara ao bater no chão, então o garoto fingira tê-

lo derrubado acidentalmente.

Até bem pouco tempo atrás, Philemon era pequeno e apagado, não chamava a atenção de ninguém. Mas, durante o último ano, crescera bastante, adquirira uma voz grave, tornara-se desajeitado, como se não conseguisse se acostumar ao novo tamanho de seu corpo. Depois do incidente com o pote de óleo, o pai anunciara que Philemon era agora grande demais para o furto sistemático; dali por diante, essa incumbência seria de Gwenda.

Fora por isso que ela permanecera acordada durante boa parte da noite.

O nome de Philemon na verdade era Holger. Quando tinha 10 anos, ele decidira que seria monge e dissera a todo mundo que mudara o nome para Philemon, que parecia mais religioso. Numa reação surpreendente, a maioria das pessoas atendeu a seu desejo, embora o pai e a mãe continuassem a chamá-lo de Holger.

Eles passaram pela porta e viram duas fileiras de freiras trêmulas, segurando tochas acesas, para iluminar o caminho do hospital até a enorme porta oeste da catedral de Kingsbridge. As sombras cabriolavam à luz das tochas, como se duendes e diabinhos da noite anterior estivessem à espreita ali, mantidos a distância apenas pela santidade das freiras.

Gwenda pensava que encontraria Hop esperando lá fora, mas não o avistou. Talvez ele tivesse encontrado algum lugar quente para dormir. Enquanto seguiam para a catedral, o pai deu um jeito de permanecerem próximos de sir Gerald. Alguém deu um puxão doloroso nos cabelos de Gwenda, por trás. Ela soltou um grito estridente, pensando que era um duende. Virou-se para descobrir que era Wulfric, seu vizinho de 6 anos. Ele se afastou para longe de seu alcance, rindo. Mas o pai de Wulfric berrou “Comporte-se!” e deu um cascudo na cabeça dele. O menino começou a chorar.

A vasta catedral era uma massa informe pairando acima da multidão amontoada. Só as partes inferiores eram nítidas, arcadas e janelas iluminadas em laranja e vermelho pela luz bruxuleante das tochas. A procissão passou a andar mais devagar ao se aproximar da entrada da catedral, e Gwenda avistou os moradores da cidade, que vinham da direção oposta. Havia centenas de pessoas, pensou ela, talvez milhares, embora não soubesse o que seria mil, pois não era capaz de contar até um número tão alto.

A multidão avançava lentamente pela entrada. A luz irrequieta das tochas incidia sobre as figuras esculpidas nas paredes, dando a impressão de que se empenhavam numa dança delirante. Havia demônios e monstros no nível mais baixo. Gwenda olhou assustada para dragões e grifos, um urso com cabeça de homem, um cachorro com dois corpos e um único focinho. Alguns demônios lutavam contra humanos: um deles punha um laço no pescoço de um homem, um monstro parecido com uma raposa arrastava uma mulher pelos cabelos, uma águia com mãos espetava com uma lança um homem nu. Por cima dessas cenas, os santos formavam uma fileira, abrigados sob dosséis; mais no alto, os apóstolos se sentavam em seus tronos; depois, na arcada sobre a porta principal, São Pedro com sua chave e São Paulo com um pergaminho olhavam em adoração para Jesus Cristo lá no alto.

Gwenda sabia que Jesus estava lhe dizendo para não pecar ou seria torturada pelos demônios, mas os humanos a assustavam mais do que os espíritos do mal. Se não conseguisse roubar a bolsa de sir Gerald, seria açoitada pelo pai. Pior ainda, não haveria nada para a família comer além de sopa feita com bolotas de carvalho. Ela e Philemon passariam fome por semanas. Os seios da mãe secariam e o bebê morreria, como os dois últimos. O pai desapareceria por vários dias e voltaria sem nada para a panela, apenas uma garça magricela ou um par de esquilos. Sentir fome era pior do que ser açoitada... doía por mais tempo.

Aprendera a cometer pequenos furtos ainda bem pequena: uma maçã de uma barraca, um ovo retirado de baixo da galinha do vizinho, uma faca que um bêbado descuidado largava na mesa de uma taverna. Mas roubar dinheiro era diferente. Se fosse apanhada ao pegar a bolsa de sir Gerald, não adiantaria desatar a chorar e torcer para ser tratada como uma criança travessa, como acontecera uma vez, depois que roubara um par de sapatos de couro de uma freira de coração mole. Cortar o cordão de couro da bolsa de um cavaleiro não era um pecadilho infantil, mas um crime de adulto, e seria tratado de acordo.

Ela tentou não pensar a respeito. Era pequena, ágil e rápida. Pegaria a bolsa furtivamente, como um fantasma... desde que conseguisse não tremer.

A vasta catedral já estava lotada. Monges encapuzados seguravam tochas nos corredores laterais, projetando clarões vermelhos irrequietos. As sucessivas colunas da nave subiam pela escuridão. Gwenda permaneceu perto de sir Gerald

enquanto a multidão avançava para o altar. O cavaleiro de barba ruiva e sua esposa magricela não a notaram. Os dois meninos não prestavam mais atenção a ela do que às paredes de pedra da catedral. A família de Gwenda ficou para trás e ela não os viu mais.

A nave se encheu depressa. Gwenda nunca vira tantas pessoas no mesmo lugar; estava mais movimentada do que a campina verde no dia de mercado. As pessoas se cumprimentavam com jovialidade, sentindo-se a salvo dos espíritos do mal naquele lugar sagrado. O som de todas as conversas se juntava num rugido.

Até que o sino tocou e todos se calaram.

Sir Gerald estava ao lado de uma família da cidade. Todos usavam mantos de bom tecido, o que indicava que o chefe devia ser negociante de lã. Ao lado do cavaleiro havia uma garota que devia ter 10 anos. Gwenda se postou atrás de sir Gerald e da garota. Tentou passar despercebida, mas, para sua consternação, a garota olhou para trás e sorriu, tranquilizadora, como se lhe dissesse que não precisava ficar assustada.

Ao longo das paredes, os monges começaram a apagar as tochas, uma a uma, até que a ampla catedral ficou mergulhada na mais absoluta escuridão. Gwenda especulou se a garota rica se lembraria dela mais tarde. Não se limitara a lançar um olhar para Gwenda e depois a ignorara, como as pessoas costumavam fazer. Notara-a, previra que poderia ficar assustada e lhe oferecera um sorriso cordial. Mas havia centenas de crianças na catedral. Ela não poderia ter percebido as feições de Gwenda com nitidez havendo tão pouca luz ali... ou poderia? Gwenda tentou remover a preocupação de sua mente.

Invisível naquela penumbra, adiantou-se e se esgueirou sem fazer barulho entre as duas figuras. Sentiu a lã macia do manto da garota num lado e o tecido mais áspero do manto do cavaleiro no outro. Agora se encontrava em posição de alcançar a bolsa.

Levou a mão ao pescoço e tirou a pequena faca da bainha.

O silêncio foi rompido por um terrível grito. Gwenda já esperava por isso – a mãe explicara o que aconteceria durante o serviço religioso –, mas mesmo assim ficou atordoada. Parecia que alguém estava sendo torturado.

Depois houve um estrondo, como se alguém estivesse batendo numa placa de

metal. Mais ruídos se seguiram: gemidos, risadas ensandecidas, uma trompa de caça, barulho de correntes, o repicar de um sino. Na congregação, uma criança começou a chorar, logo seguida por outras. Alguns adultos soltavam risadas nervosas. Sabiam que os ruídos eram feitos por monges, mas ainda assim era uma cacofonia infernal.

Não era o melhor momento para pegar a bolsa, pensou Gwenda, amedrontada. Todos estavam tensos, alertas. O cavaleiro seria sensível a qualquer toque.

O ruído diabólico foi se tornando mais e mais alto, até que um novo som interveio: música. A princípio, foi tão baixo que Gwenda não pôde ter certeza se ouvira mesmo, mas pouco a pouco o volume foi aumentando. As freiras cantavam. Gwenda sentiu seu corpo dominado pela tensão. O momento se aproximava. Movendo-se como um espírito, imperceptível como o ar, ela se virou, a fim de ficar de frente para sir Gerald.

Sabia exatamente o que ele vestia: uma grossa túnica comprida de lã, presa na cintura por um cinto largo e tachonado. Por cima da túnica, usava um manto bordado, caro mas velho, com botões de osso amarelados na frente. Fechara alguns botões, mas não todos, provavelmente por causa da indolência do sono ou porque a caminhada do hospital até a catedral era curta.

Com um toque tão leve quanto possível, Gwenda encostou a mão no manto. Imaginou os dedos como uma aranha, tão pequena que o homem não poderia senti-la. A mão de aranha deslizou pela frente do manto e encontrou a abertura. Enfiou-se por baixo da beira do manto e avançou pelo cinto largo até encontrar a bolsa.

O pandemônio diminuía à medida que a música se tornava mais alta. Da frente da congregação veio um murmúrio de reverência. Gwenda não podia ver nada, mas sabia que um lampião fora aceso no altar para iluminar um relicário de ouro e marfim, uma caixa elaborada contendo os ossos de Santo Adolfo, que não estavam ali quando as tochas se apagaram. A multidão se adiantou, todos querendo chegar mais perto das relíquias sagradas. Ao sentir que era espremida entre sir Gerald e o homem à frente, Gwenda ergueu a mão direita e encostou o gume da faca no cordão da bolsa.

O couro era duro e seu primeiro movimento não foi suficiente para cortá-lo.

Serrou-o freneticamente com a faca, torcendo de forma desesperada para que sir Gerald estivesse tão interessado na cena no altar que não notasse o que acontecia debaixo de seu nariz. Olhou para cima e viu que já era possível distinguir alguns contornos das pessoas ao redor: os monges e as freiras acendiam as velas. A claridade aumentaria a cada momento. Quase não lhe restava tempo.

Ela deu um puxão mais forte na faca e sentiu que a tira de couro cedia. Sir Gerald soltou um grunhido baixo: sentira alguma coisa ou reagia ao espetáculo no altar? A bolsa caiu e parou na sua mão, mas era muito grande para que a segurasse com facilidade e começou a escapulir. Por um momento terrível, Gwenda pensou que a deixaria cair e a perderia no chão, entre os pés indiferentes da multidão. Mas depois conseguiu segurá-la com firmeza.

Experimentou um momento de alívio e alegria: estava com a bolsa.

Mas ainda corria um tremendo perigo. O coração batia tão alto que a menina tinha a sensação de que todos ao redor podiam ouvi-lo. Virou-se depressa, ficando de costas para o cavaleiro. No mesmo movimento, enfiou a bolsa recheada pela frente da túnica. Podia sentir que formava uma protuberância, pendendo como a barriga de um velho. Deslocou-a para o lado, onde ficaria parcialmente coberta pelo braço. Ainda seria visível quando a claridade aumentasse, mas não tinha outro lugar para guardá-la.

Meteu a faca na bainha. Agora tinha de escapar depressa, antes que sir Gerald notasse a perda... mas a pressão dos fiéis, que a ajudara a pegar a bolsa sem ser notada, agora obstruía a fuga. Tentou recuar, na esperança de encontrar uma brecha entre os corpos por trás, mas todos ainda tentavam se adiantar, na esperança de ver os ossos do santo. Ela estava acuada, incapaz de se mover, bem na frente do homem que acabara de roubar.

– Você está bem? – murmurou uma voz em seu ouvido.

Era a garota rica. Gwenda fez um esforço para conter o pânico. Precisava ser invisível. Uma criança mais velha prestativa era a última coisa que desejava naquele momento. Não disse nada.

– Tomem cuidado – disse a garota às pessoas ao redor. – Estão espremendo a menina.

Gwenda teve vontade de gritar. A gentileza da garota rica poderia fazer com que sua mão fosse cortada.

Desesperada para escapar, ela estendeu as mãos para o homem à sua frente e o empurrou, mas não conseguiu afastá-lo. Só conseguiu atrair a atenção de sir Gerald.

– Não consegue ver nada aí embaixo, não é? – murmurou sua vítima, gentil.

E, para seu horror, sir Gerald a pegou por baixo dos braços e a levantou.

Gwenda estava impotente. A mão enorme do homem estava a poucos centímetros de sua axila, onde escondera a bolsa. Virou-se para a frente, a fim de que ele só pudesse ver a parte posterior de sua cabeça. Olhou por cima da multidão para o altar, onde monges e freiras acendiam mais velas e cantavam para o santo falecido havia tanto tempo. Além deles, uma tênue claridade brilhava através da janela de rosácea: o dia amanhecia, expulsando os espíritos do mal. O clangor cessara agora e o canto aumentava de intensidade. Um monge alto e bonito subiu para o altar. Gwenda reconheceu Anthony, o prior de Kingsbridge. Ele ergueu as mãos numa bênção e disse, bem alto:

– E assim, mais uma vez, pela graça de Cristo Jesus, o mal e as trevas deste mundo são banidos pela harmonia e pela luz da santa Igreja de Deus.

A congregação deixou escapar um rugido triunfante, para depois começar a relaxar. O clímax da cerimônia passara. Gwenda se contorceu. Sir Gerald entendeu a mensagem e pôs a menina no chão. Com o rosto virado para o outro lado, ela se afastou, seguindo para o fundo da multidão. As pessoas não se sentiam mais ansiosas em ver o altar, e ela pôde esgueirar-se entre os corpos. Quanto mais se distanciava, mais fácil era, até que finalmente avistou a grande porta oeste e encontrou sua família.

O pai a fitava em expectativa, pronto para um acesso de fúria se ela tivesse fracassado. Gwenda tirou a bolsa de baixo da túnica e a estendeu, contente por se livrar daquilo. O pai pegou a bolsa e a abriu para um olhar furtivo no conteúdo. E deu um sorriso de satisfação. Entregou-a à mãe, que a escondeu nas dobras da manta que agasalhava o bebê.

A provação terminara, mas o risco ainda não.

– Uma garota rica me notou – avisou Gwenda, notando a estridência do medo na própria voz.

Os olhos pequenos e escuros do pai faiscaram com raiva.

– Ela viu o que você fez?

– Não. Mas disse aos outros para não me espremerem. E depois o cavaleiro me levantou para que eu pudesse ver melhor o altar.

A mãe soltou um gemido baixo. O pai resmungou:

– Então ele viu seu rosto.

– Fiquei virada para o outro lado durante todo o tempo.

– Mesmo assim, é melhor ele nunca mais se encontrar com você. Não vamos voltar para o hospital. Comeremos o desjejum numa taverna.

– Não podemos nos esconder o dia inteiro – disse a mãe.

– Tem razão. Mas podemos sumir no meio da multidão.

Gwenda começou a se sentir melhor. O pai parecia pensar que não havia nenhum perigo real. De qualquer forma, ficava mais segura porque o pai assumira o comando, tirando a responsabilidade dela.

– Além do mais – acrescentou o pai –, estou com vontade de comer pão e carne em vez do mingau aguado dos monges. Agora podemos pagar.

Eles deixaram a catedral. O céu era de um cinza perolado com a claridade do amanhecer. Gwenda queria segurar a mão da mãe, mas o bebê começou a chorar e atraiu por completo a atenção da mãe. Foi nesse instante que Gwenda avistou um cachorrinho de três pernas, branco, de cara preta, que, de modo familiar, chegava correndo de lado ao adro da catedral.

– Hop! – gritou ela, pegando o cachorro nos braços e apertando-o com força.

2

Merthin tinha 11 anos, um a mais do que o irmão Ralph, mas, para sua intensa irritação, Ralph era mais alto e mais forte.

Isso causava problemas com os pais. O pai, sir Gerald, era um homem de armas, e não podia esconder seu desapontamento quando Merthin se mostrava incapaz de levantar a pesada lança ou ficava exausto antes de terminar de cortar uma árvore, ou voltava para casa chorando depois de perder uma briga. A mãe, lady Maud, piorava ainda mais a situação, envergonhando Merthin com sua atitude superprotetora, quando o menino precisava mesmo era que ela fingisse que não notava. Sempre que o pai demonstrava orgulho pela força de Ralph, a mãe tentava compensar com críticas à sua estupidez. Como era um pouco lento para compreender as coisas, Ralph era escarnecido pelos outros meninos, o que o deixava furioso e o levava a brigar.

Os pais estavam nervosos na manhã do Dia de Todos os Santos. O pai nem quisera ir a Kingsbridge. Mas fora obrigado. Devia dinheiro ao priorado e não tinha como pagar. A mãe dizia que os monges tomariam suas terras: ele era senhor de três aldeias perto de Kingsbridge. O pai lhe lembrara que era descendente direto de Thomas, que se tornara conde de Shiring no ano em que o arcebispo Becket fora assassinado pelo rei Henrique II. Esse conde Thomas era filho de Jack Builder, o arquiteto da catedral de Kingsbridge, e de lady Aliena de Shiring... um casal quase lendário, cuja história era contada nas longas noites de inverno, junto com os relatos heroicos de Carlos Magno e Roland. Com tais ancestrais, sir Gerald não podia ter as terras confiscadas por qualquer monge, ele berrava, muito menos por aquele velho assustado que era o prior Anthony. Quando ele começava a gritar, uma expressão de resignação cansada se estampava no rosto de Maud, que se virava em seguida. Merthin já a ouvira

murmurar:

– Lady Aliena tinha um irmão, Richard, que só sabia lutar, não servia para qualquer outra coisa.

O prior Anthony podia ser um velho, mas pelo menos fora homem suficiente para se queixar das dívidas não pagas de sir Gerald. Procurara o suserano do homem, o atual conde de Shiring, que era também primo em segundo grau de Gerald. O conde Roland o convocara a Kingsbridge hoje, para um encontro com o prior, no qual tentariam achar uma solução. Era esse o motivo do mau humor do pai.

E, ainda por cima, ele fora roubado.

Só descobrira a perda depois do serviço religioso de Todos os Santos. Merthin apreciara o ar dramático da catedral: a escuridão, os estranhos ruídos, a música começando suavemente e depois aumentando de intensidade, até que parecia vibrar em toda a vasta catedral, e no final as velas sendo acesas uma a uma, devagar. Também notara, quando a claridade começava a aumentar, que algumas pessoas haviam tirado proveito da escuridão para cometer pequenos pecados, pelos quais podiam agora ser perdoadas: vira dois monges parando de se beijar abruptamente e um mercador tirando a mão furtiva do seio roliço de uma mulher que sorria, mesmo parecendo ser esposa de outro. Merthin ainda se encontrava num clima de excitação quando voltaram ao hospital.

Enquanto esperavam que as freiras servissem a refeição, um garoto da cozinha passou por perto e subiu a escada, levando uma bandeja com uma travessa de carne assada e um jarro de cerveja, a bebida maltada, escura e amarga. A mãe comentou, irritada:

– Acho que seu parente, o conde, poderia nos convidar para comer com ele em seu aposento particular. Afinal, sua avó era irmã do avô dele.

– Se você não quer o mingau, podemos comer na taverna – respondeu o pai.

Merthin ficou alerta no mesmo instante. Gostava de comer na taverna, do pão fresco e da manteiga salgada. Mas a mãe disse:

– Não podemos pagar.

– Claro que podemos – disse o pai, estendendo a mão para a bolsa, e foi nesse instante que descobriu que ela havia desaparecido.

A princípio, ele olhou para o chão ao redor, como se pudesse ter caído

naquele momento, e então notou a ponta cortada da tira de couro. Rugiu com indignação. Todos olharam para ele, exceto a mãe, que se virou, e Merthin a ouviu murmurar:

– Era todo o dinheiro que tínhamos.

O pai lançou olhares acusadores para as pessoas próximas. A cicatriz comprida, que se estendia da têmpora direita ao olho esquerdo, pareceu escurecer com a raiva. Houve um silêncio tenso: um cavaleiro furioso era sempre um perigo, mesmo sendo um cavaleiro que parecia caído em desgraça.

– Você foi roubado na catedral, com toda a certeza – comentou a mãe na mesma hora.

Merthin refletiu que devia ter sido mesmo isso. No escuro, as pessoas haviam roubado mais do que beijos.

– Sacrilégio ainda por cima! – exclamou o pai.

– Acho que aconteceu quando você levantou aquela menina – disse a mãe, com o rosto todo contorcido, como se tivesse acabado de engolir algo amargo. – O ladrão deve ter se inclinado por trás para alcançar sua cintura.

– Ele deve ser encontrado! – gritou o pai.

O jovem monge chamado Godwyn interveio:

– Lamento muito que isso tenha acontecido, sir Gerald. Vou comunicar imediatamente a John Constable, o chefe da guarda. Ele pode procurar por um morador da cidade que se tornou rico de repente.

Merthin refletiu que era um plano pouco promissor. Havia milhares de moradores da cidade e mais centenas de visitantes. A guarda não poderia vigiar todos.

Mas o pai se mostrou um pouco apaziguado.

– O patife será enforcado! – bradou ele, a voz um pouco menos elevada.

– Enquanto isso, talvez você, lady Maud e seus filhos queiram nos conceder a honra de sentar à mesa que está sendo armada diante do altar – murmurou Godwyn, deferente.

O pai soltou um grunhido. Sentia-se satisfeito, Merthin sabia, por lhe ser concedido um reconhecimento acima do da massa dos convidados, que se sentariam no chão, onde haviam dormido.

O momento de violência potencial passou. Merthin relaxou um pouco.

Enquanto os quatro se sentavam à mesa, no entanto, ele especulou sobre o que poderia acontecer agora com a família. O pai era um bravo guerreiro... todos diziam isso. Sir Gerald lutara pelo velho rei em Boroughbridge, onde a espada de um rebelde do Lancashire abrira a cicatriz em sua testa. Mas era um homem sem sorte. Alguns cavaleiros voltavam da batalha com despojos: apoderavam-se de joias, carroças com dispendiosos tecidos flamengos ou sedas italianas ou com o amado pai de uma família nobre, que podia ser resgatado por mil libras. Sir Gerald, porém, nunca conseguira muitos espólios. Pelo contrário, ainda tinha de comprar armas, uma armadura e um caríssimo cavalo de guerra para poder cumprir seu dever e servir ao rei; e, por algum motivo, os rendimentos de suas terras nunca eram suficientes. Por isso, contra a vontade da mãe, ele começara a tomar empréstimos.

Empregados da cozinha trouxeram um caldeirão fumegante. A família de sir Gerald foi servida primeiro. O mingau era feito com cevada e temperado com alecrim e sal. Ralph, que não compreendia a crise da família, começou a falar muito excitado sobre o serviço de Todos os Santos. Mas acabou se calando, por causa do silêncio sombrio com que seus comentários foram recebidos.

Depois de comer o mingau, Merthin foi até o altar. Escondera seu arco e as flechas atrás dele. As pessoas hesitariam em roubar qualquer coisa de um altar. Ainda poderiam superar o medo se a recompensa fosse bastante tentadora, mas não era o caso de um arco tosco e umas poucas flechas. Ainda estavam onde os deixara.

Sentia-se orgulhoso de seu arco. Era pequeno, é claro: para dobrar um arco normal, com quase 2 metros, era preciso toda a força de um homem adulto. O arco de Merthin tinha pouco mais de um metro de comprimento e era fino, mas, sob outros aspectos, parecia o arco inglês de combate, que matara tantos homens das montanhas escocesas, rebeldes galeses e cavaleiros franceses de armadura.

O pai não fizera antes qualquer comentário sobre o arco. Agora, deu a impressão de que o via pela primeira vez.

– Onde conseguiu essa madeira curva? – indagou ele. – Custa muito caro.

– Não esta, porque é muito curta. Foi um fabricante de arcos que me deu.

O pai balançou a cabeça.

– A não ser por isso, é perfeita – disse. – Foi cortada da parte interna do

teixo, onde o alburno se encontra com o cerne. – Ele apontou para as duas cores diferentes.

– Sei disso – respondeu Merthin com ansiedade, pois não era sempre que tinha a oportunidade de impressionar o pai. – O alburno é melhor para a frente do arco, porque o puxa de volta para o formato original, e o cerne mais duro é melhor para a parte interna da curva, porque empurra de volta quando o arco é dobrado para dentro.

– Exatamente. – O pai devolveu o arco. – Mas lembre-se de que essa não é a arma de um nobre. Filhos de cavaleiros não se tornam arqueiros. Dê para o filho de algum camponês.

Merthin ficou desolado.

– Mas ainda nem experimentei!

A mãe interveio:

– Deixe os dois brincarem. São apenas meninos.

– Tem razão – murmurou o pai, perdendo o interesse. – Será que esses monges nos trariam um jarro de cerveja?

– Lá vai você de novo – resmungou a mãe. – Merthin, tome conta de seu irmão.

– O inverso é mais provável – resmungou o pai.

O garoto ficou contrariado. O pai não tinha a menor ideia do que acontecia. Ele, Merthin, podia cuidar de si mesmo, mas Ralph, sozinho, sempre se metia em confusão. Merthin sabia, no entanto, que era melhor não contrariar o pai naquele humor. Por isso, deixou o hospital sem dizer mais nada. Ralph o seguiu.

Era um dia claro e frio de novembro. O céu era formado por nuvens de um cinza-claro. Deixaram a catedral lado a lado e desceram pela rua principal, passando pela Fish Lane, o Leather Yard e a Cookshop Street. Na base da colina, atravessaram a ponte de madeira sobre o rio, deixando a cidade rumo à comunidade suburbana chamada de Newtown. As ruas ladeadas por casas de madeira passavam entre pastos e hortas. Merthin seguiu na frente até uma campina conhecida como Lovers’ Field, o campo dos namorados. Ali, o chefe da guarda da cidade e seus ajudantes haviam colocado tocos de árvores... alvos para os arqueiros. A prática de arco e flecha depois do serviço religioso era obrigatória para todos os homens, por ordem do rei.

Não havia necessidade de impor o cumprimento da determinação real, afinal, não era difícil ou extenuante disparar algumas flechas na manhã de domingo. Por isso, havia uma centena ou mais de jovens em fila, esperando sua vez, observados por mulheres, crianças e homens que se consideravam velhos ou distintos demais para serem arqueiros. Alguns tinham as próprias armas. Para os que eram pobres demais e não tinham condições de comprar, John Constable punha à disposição arcos de treino baratos, feitos de teixo ou aveleira.

Era como um dia de festival. Dick Brewer vendia canecas de cerveja, de um barril instalado numa carroça. As quatro filhas adolescentes de Betty Baxter circulavam com bandejas de pães temperados para vender. Os habitantes mais ricos estavam bem agasalhados, com gorros de pele e sapatos novos; até mesmo as mulheres mais pobres haviam arrumado os cabelos e enfeitado seus mantos com trançados novos.

Merthin era o único que tinha um arco e por isso logo atraiu a atenção das outras crianças. Ele e Ralph foram cercados, os meninos fazendo perguntas invejosas, as meninas com olhares de admiração ou desdém, dependendo do temperamento de cada uma. Uma delas indagou:

– Como conseguiu fazer um arco?

Merthin a reconheceu: ela ficara perto dele na catedral. Era cerca de um ano mais jovem, calculou ele, usava um vestido e um manto caros, de lã bem fechada. De modo geral, Merthin achava que as meninas de sua idade eram insuportáveis: riam muito e se recusavam a levar qualquer coisa a sério. Mas aquela o fitava e a seu arco com uma curiosidade franca, que não podia deixar de lhe agradar.

– Acho que aprendi sozinho.

– Isso é muito bom. Funciona direito?

– Ainda não experimentei. Qual é o seu nome?

– Caris, da família Wooler. E você?

– Merthin. Meu pai é sir Gerald. – Merthin empurrou para trás o capuz do manto e pegou lá dentro a corda enrolada do arco.

– Por que guarda a corda no capuz?

– Para não molhar se chover. É o que fazem os arqueiros de verdade.

Ele prendeu a corda nas aberturas nas extremidades do arco, dobrando-o um

pouco para que a tensão a mantivesse no lugar.

– Vai atirar nos alvos?

– Vou.

– Não deixarão – interveio outro menino.

Merthin o fitou. O garoto tinha cerca de 12 anos, era alto e magro e tinha pés e mãos grandes. Merthin o vira na noite anterior no hospital com a família: seu nome era Philemon. Assediara os monges, fazendo perguntas. Ajudara a servir a ceia.

– Claro que deixarão – declarou Merthin. – Por que não deixariam?

– Porque você é jovem demais.

– Isso não faz sentido.

Mesmo enquanto falava, Merthin sabia que não deveria se sentir tão seguro: os adultos muitas vezes eram estúpidos. Mas o fato de Philemon pressupor que sabia mais que ele o irritara, sobretudo depois que Merthin demonstrara tanta confiança na frente de Caris.

Ele deixou os dois e se aproximou de um grupo de homens que esperavam para usar um alvo. Reconheceu um deles: um homem muito alto, de ombros largos, chamado Mark Webber. Mark olhou para o pequeno arco e perguntou a Merthin:

– Onde conseguiu isso?

– Eu que fiz – respondeu Merthin, orgulhoso.

– Dê uma olhada, Elfric – disse Mark para o homem ao seu lado. – Ele fez um bom trabalho.

Elfric era musculoso e tinha uma expressão astuta. Lançou um olhar superficial para o arco e comentou, desdenhoso:

– É muito pequeno. Nunca vai disparar uma flecha capaz de penetrar a armadura de um cavaleiro francês.

– Talvez não – admitiu Mark, em tom suave. – Mas creio que o rapaz ainda vai esperar um ou dois anos antes de enfrentar os franceses.

John Constable gritou nesse instante:

– Estamos prontos para começar! Mark Webber, você é o primeiro.

O gigante se adiantou até a linha de tiro. Pegou um arco e o testou, dobrando a madeira grossa sem o menor esforço. Constable notou pela primeira vez a

presença de Merthin.

– Nada de meninos – declarou.

– Por que não? – protestou Merthin.

– Não importa por quê. Apenas saia daí para não atrapalhar.

Merthin ouviu os risos zombeteiros das outras crianças.

– Não há motivo para me impedir! – insistiu ele, indignado.

– Não tenho de lhe dar explicações. Muito bem, Mark, pode atirar.

Merthin ficou mortificado. O seboso Philemon provara na frente de todos que ele estava errado. Ele voltou para junto das crianças.

– Eu disse que não ia conseguir – comentou Philemon.

– Ora, cale a boca e vá embora!

– Não pode me obrigar a ir embora – declarou Philemon, que era 15 centímetros mais alto do que Merthin.

– Mas eu posso – interveio Ralph.

Merthin suspirou. Ralph era sempre leal, mas não percebia que essa briga faria Merthin parecer fraco, além de idiota.

– Preciso ir embora, de qualquer maneira – disse Philemon. – Tenho de ajudar o irmão Godwyn.

Ele se afastou. As outras crianças se dispersaram, em busca de novas curiosidades.

– Você pode experimentar o arco em outro lugar – sugeriu Caris a Merthin. Era evidente que ela estava ansiosa para ver o que aconteceria. Ele olhou ao redor.

– Mas onde?

Se fosse visto praticando sem supervisão, poderiam lhe tirar o arco.

– Podemos ir para a floresta.

Merthin ficou surpreso. Crianças não podiam entrar na floresta. Malfeitores se escondiam ali, homens e mulheres que viviam do roubo. As crianças podiam perder suas roupas ou virar escravas... e havia perigos ainda piores, que os pais apenas insinuavam. E, mesmo que escapassem desses perigos, as crianças ainda corriam o risco de serem açoitadas pelos pais, por terem violado as regras.

Mas Caris parecia não ter medo, e Merthin não queria dar a entender que era menos corajoso do que ela. Além do mais, a maneira brusca como fora

dispensado por Constable o levava a ser desafiador.

– Está bem. Mas precisamos ter certeza de que ninguém nos verá.

Caris também tinha uma solução:

– Conheço um caminho.

Ela seguiu na direção do rio. Merthin e Ralph foram atrás. Um cachorro pequeno, de três pernas, os acompanhou.

– Qual é o nome do seu cachorro? – perguntou Merthin a Caris.

– Ele não é meu. Mas lhe dei um pedaço de toucinho mofado e agora não consigo me livrar dele.

Foram andando pela margem lamacenta do rio, passando por armazéns, cais e barcaças. Merthin estudava discretamente a garota que se tornara líder sem qualquer esforço. Tinha um rosto quadrado e determinado que não era bonito nem feio. Havia malícia nos olhos esverdeados com manchas de um castanho dourado. Os cabelos castanho-claros estavam presos em duas tranças, como era a moda entre as mulheres das classes mais prósperas. As roupas eram caras, mas as botas eram práticas, de couro, em vez dos sapatos de pano bordados que as damas da nobreza preferiam.

Ela se afastou do rio. Passaram por uma serraria e entraram numa área de mato baixo. Merthin sentiu uma pontada de apreensão. Agora que estavam na floresta, onde poderia haver um bandido à espreita por trás de qualquer carvalho, ele se arrependia de sua bravata, mas ficaria envergonhado se recuasse.

Continuaram a andar, à procura de uma clareira para praticar com arco e flecha. De repente Caris disse em voz baixa, num tom de conspiração:

– Estão vendo aquela moita grande de azevinho?

– Claro.

– Assim que passarmos por ali, agachem-se junto comigo e não façam barulho.

– Por quê?

– Você já vai descobrir.

Um momento depois, os três se agacharam por trás da moita. O cachorro de três pernas se sentou também, olhando esperançoso para Caris. Ralph começou a fazer uma pergunta, mas ela fez um gesto para que se calasse.

Um minuto depois, uma menina apareceu. Caris se levantou de um pulo e a

segurou. A garota gritou.

– Não grite! – ordenou Caris. – Estamos perto da estrada e não queremos ser ouvidos. Por que está nos seguindo?

– Vocês estão com meu cachorro, e ele não quer voltar! – soluçou a menina.

– Conheço você... nos encontramos na catedral esta manhã – disse Caris, com o tom de voz mais suave. – Não precisa gritar. Não vamos lhe fazer nenhum mal. Qual é o seu nome?

– Gwenda.

– E o cachorro?

– Hop. – Gwenda pegou o cachorro, que lambeu suas lágrimas.

– Está com ele agora. É melhor continuar conosco, porque ele pode fugir de novo. Além do mais, não conseguiria encontrar o caminho de volta para a cidade sozinha.

Continuaram a andar.

– O que tem oito braços e onze pernas? – perguntou Merthin.

– Eu desisto – disse Ralph no mesmo instante.

Ele sempre desistia.

– Eu sei – disse Caris, sorrindo. – Somos nós. Quatro crianças e o cachorro. – Ela riu e arrematou: – Essa é boa.

Merthin ficou satisfeito. As pessoas nem sempre entendiam suas piadas; as garotas, quase nunca. Um momento depois, eles ouviram Gwenda explicar a Ralph:

– Dois braços, mais dois braços, mais dois braços, mais dois braços são oito. Duas pernas...

Não viram ninguém, o que era ótimo. As poucas pessoas que tinham atividades legítimas na floresta – lenhadores, queimadores de carvão, fundidores de ferro – não trabalhariam naquele dia, e seria excepcional encontrar um grupo de nobres caçando no domingo. Os que por acaso se reunissem ali, naquele dia, só poderiam ser malfeitores. Mas as chances de encontrá-los eram mínimas. A floresta era grande, estendia-se por muitos quilômetros. Merthin nunca viajara longe o bastante para ver o fim dela.

Alcançaram uma clareira grande e Merthin disse:

– Aqui está bom.

Havia um carvalho com um tronco largo no outro lado da clareira, a cerca de 15 metros de distância. Merthin ficou de lado para o alvo, como vira os homens fazerem. Pegou uma de suas três flechas e ajustou na corda do arco a ponta com uma reentrância. Tivera tanta dificuldade para fazer as flechas quanto para fabricar o arco. A madeira era freixo e as penas eram de ganso. Não conseguira arrumar ferro para as pontas, por isso se limitara a afiá-las e calciná-las, para que ficassem duras. Mirou o carvalho. Puxou a corda do arco. Precisou fazer o maior esforço. Lançou a flecha.

Caiu no chão antes de atingir o alvo. Hop, o cachorro, correu pela clareira para buscá-la.

Merthin ficou consternado. Esperava que a flecha voasse pelo ar, zunindo, e a ponta se cravasse no tronco. Compreendia agora que não puxara o arco o suficiente.

Tentou com o arco na mão direita e a flecha na esquerda. Era excepcional sob esse aspecto, porque não era canhoto nem destro, mas uma mistura. Com a segunda flecha, puxou ainda mais a corda e conseguiu dobrar mais o arco. Dessa vez, a flecha quase tocou o carvalho.

No terceiro disparo, ele apontou para cima, na esperança de que a flecha voasse e descesse em cima do tronco. Mas exagerou na força e a flecha passou por entre os galhos, caindo no chão com uma chuva de folhas secas amareladas.

Merthin estava envergonhado. Atirar com um arco era mais difícil do que ele imaginara. O arco provavelmente era bom, ele refletiu, o problema era sua competência... ou, melhor, a falta dela. Mais uma vez, Caris pareceu não perceber seu constrangimento.

– Deixe-me tentar – pediu ela.

– Garotas não podem atirar – interveio Ralph e tirou o arco de Merthin.

Ficou de lado para o alvo, como Merthin fizera, mas não atirou de imediato; em vez disso, puxou o arco várias vezes, para ter uma noção. Como Merthin, descobriu que era mais duro do que previra a princípio. Mas, depois de um tempo, pareceu pegar o jeito.

Hop largara as três flechas aos pés de Gwenda, que então as pegou e as estendeu para Ralph.

Ele mirou sem puxar a corda, apontando a flecha para o tronco enquanto não

havia pressão de seus braços. Merthin compreendeu que deveria ter feito isso. Por que essas coisas eram tão naturais para Ralph, que não era capaz de responder ao enigma mais simples? Ralph puxou a corda, não sem esforço, mas num movimento fluido, parecendo sustentar a tensão com as coxas. Soltou a flecha e acertou o tronco do carvalho, a ponta penetrando 2 ou 3 centímetros na casca externa mais mole. Ralph soltou uma risada triunfante.

Hop saiu correndo atrás da flecha. Parou quando alcançou a árvore, aturdido.

Ralph já estava puxando a corda do arco outra vez. Merthin percebeu o que ele tencionava fazer.

– Não...

Mas era tarde demais. Ralph atirou no cachorro. A flecha acertou o animal atrás do pescoço e afundou. Hop tombou para a frente e ficou se contorcendo.

Gwenda soltou um grito desesperado.

– Oh, não! – exclamou Caris.

As duas saíram correndo na direção do cachorro. Ralph exibiu um sorriso.

– O que acha disso? – indagou, orgulhoso.

– Você atirou no cachorro dela! – berrou Merthin, furioso.

– Não tem importância... O bicho só tinha três pernas!

– Mas a menina gostava dele, seu idiota! Olhe só como ela está chorando!

– Você só está com inveja porque não sabe atirar.

Alguma coisa atraiu a atenção de Ralph. Com um movimento ágil, ele prendeu outra flecha na corda, puxou-a, virou o arco e disparou, sem qualquer pausa. Merthin não viu no que ele atirava, até que a flecha atingiu o alvo, uma lebre gorda saltando pelo ar, ferida nos quartos traseiros.

Merthin não pôde ocultar sua admiração. Mesmo com prática, nem todos conseguiam acertar uma lebre em disparada. Ralph possuía um talento natural. Merthin sentia inveja, embora nunca fosse admitir. Ansiava por ser um cavaleiro, bravo e forte, e lutar pelo rei, como o pai fazia, e ficou consternado ao descobrir que era um caso perdido, que nem sabia como atirar com arco e flecha.

Ralph pegou uma pedra e esmagou o crânio da lebre, acabando com seu sofrimento.

Merthin foi se ajoelhar ao lado das duas meninas e de Hop. O cachorro não respirava mais. Caris gentilmente tirou a flecha do pescoço dele e a entregou a

Merthin. Não houve fluxo de sangue. Hop estava mesmo morto.

Por um momento, ninguém disse nada. No silêncio, ouviram um homem gritar.

Merthin se levantou de um pulo, o coração batendo forte. Ouviram outro grito, uma voz diferente: havia mais de uma pessoa. Eram vozes agressivas e furiosas. Havia uma luta ali perto. Merthin ficou apavorado, tanto quanto as outras crianças. Paralisados, escutando, eles ouviram outro som, o barulho de um homem correndo impetuoso pela floresta, pisando em galhos caídos, achatando arbustos novos, pisoteando folhas mortas.

E ele se aproximava da clareira.

– A moita! – Caris foi a primeira a falar, apontando para uma moita grande.

Era provavelmente o lugar em que se abrigava a lebre que Ralph matara, pensou Merthin. Um momento depois, Caris estava deitada de barriga para baixo, rastejando. Gwenda a seguiu, com o corpo de Hop nos braços. Ralph pegou a lebre morta e foi se juntar aos outros. Merthin estava de joelhos, vigiando a clareira, quando compreendeu que haviam deixado uma flecha denunciadora espetada no tronco do carvalho. Correu pela clareira, arrancou-a e voltou para mergulhar debaixo da moita.

Ouviram a respiração do homem antes de avistá-lo. Ofegava bastante enquanto corria, aspirando o ar com um esforço que indicava que quase não aguentava mais. Seus perseguidores continuavam a gritar, avisando um ao outro:

– Por aqui... ele seguiu nesta direção!

Merthin recordou que Caris dissera que não estavam longe da estrada. O homem em fuga seria um viajante atacado por salteadores?

Um momento depois, ele apareceu na clareira.

Era um cavaleiro, de 20 e poucos anos, com uma espada e uma adaga comprida presas no cinto. Estava bem-vestido, com uma túnica de couro para viagem e botas de cano alto, as bordas superiores viradas. Cambaleou e caiu, rolou, levantou-se, encostou-se no carvalho, ofegante. Sacou suas armas.

Merthin olhou para os outros. Caris estava pálida de medo, mordendo o lábio. Gwenda apertava o corpo do cachorro morto como se isso a fizesse se sentir mais segura. Ralph também parecia assustado, mas não o suficiente para impedi-lo de arrancar a flecha da lebre e meter a carcaça na túnica.

Por um momento, o cavaleiro olhou fixamente para a moita. Merthin sentiu, com um terror total, que ele vira as crianças escondidas ali. Ou talvez notasse os gravetos quebrados e as folhas pisoteadas por onde haviam passado. Pelo canto do olho, Merthin viu que Ralph prendia uma flecha no arco.

No instante seguinte, os perseguidores apareceram. Eram dois homens de armas, corpulentos, empunhando espadas. Usavam túnicas distintivas, de duas cores, o lado esquerdo amarelo, o lado direito verde. Um deles usava um manto marrom de lã ordinária, o outro, um manto preto encardido. Todos os três ficaram parados, recuperando o fôlego. Merthin teve certeza de que estava prestes a ver o cavaleiro ser retalhado até a morte e sentiu um impulso vergonhoso de chorar. Até que, subitamente, o cavaleiro virou a espada e a estendeu, o cabo virado para a frente, num gesto de rendição.

O mais velho dos homens de armas, o que usava o manto preto, adiantou-se e estendeu a mão esquerda. Cauteloso, pegou a espada estendida, entregou-a a seu companheiro e aceitou depois a adaga do cavaleiro, antes de dizer:

– Não são suas armas que eu quero, Thomas Langley.

– Você me conhece, mas eu não o conheço. – Se Thomas sentia algum medo, mantinha-o sob controle. – Pelas túnicas, devem ser homens da rainha.

O homem mais velho encostou a ponta da espada na garganta de Thomas e o empurrou contra a árvore.

– Você tem uma carta.

– Instruções do conde para o representante do rei no condado sobre a questão dos impostos. Pode ler à vontade.

Era uma piada. Os homens de armas, quase com certeza, não sabiam ler. Thomas tinha muita coragem e calma, pensou Merthin, para escarnecer de homens que pareciam dispostos a matá-lo.

O segundo homem de armas passou por baixo da espada do primeiro e pegou a carteira presa no cinto de Thomas. Impaciente, cortou o cinto com sua espada. Jogou o cinto para o lado e abriu a carteira. Tirou uma bolsa pequena, que parecia ser feita de lã oleada. Pegou um pergaminho enrolado, lacrado com cera.

Aquela luta poderia ser apenas por causa de uma carta?, especulou Merthin. Se era isso mesmo, então o que havia no pergaminho? Não era provável que fossem instruções rotineiras sobre impostos. Algum terrível segredo devia estar

escrito ali.

– Se você me matar – disse o cavaleiro –, o crime será testemunhado por quem se esconde naquela moita.

A cena congelou por uma fração de segundo. O homem de manto preto manteve a espada encostada na garganta de Thomas, resistindo à tentação de olhar para trás. O homem de verde hesitou, mas acabou fitando a moita.

Foi nesse instante que Gwenda gritou.

O homem de verde ergueu a espada e deu duas passadas largas através da clareira, na direção da moita. Gwenda se levantou e saiu correndo, deixando a folhagem. O homem de armas partiu em seu encalço, estendendo a mão para agarrá-la.

Ralph também se levantou. Ergueu o arco e disparou a flecha contra o homem, no mesmo movimento. Ela o acertou no olho e afundou na cabeça dele por alguns centímetros. O homem ergueu a mão esquerda, como se quisesse pegar a flecha e arrancá-la, mas depois ficou inerte e caiu como um saco de trigo, batendo no chão com um baque tão forte que Merthin pôde sentir o tremor.

Ralph também saiu correndo e seguiu Gwenda. De soslaio, Merthin percebeu que Caris agora corria atrás deles. Ele queria fugir também, mas seus pés pareciam enraizados no solo.

Soou um grito no outro lado da clareira. Merthin viu que Thomas derrubara a espada que o ameaçava e sacara, de algum lugar do corpo, um pequeno punhal. A lâmina tinha a extensão da mão de um homem. Mas o homem de armas de manto preto estava alerta e pulou para trás, fora do alcance da faca. Depois, ergueu a espada e desferiu um golpe, mirando na cabeça do cavaleiro.

Thomas se esquivou, mas não com rapidez suficiente. O gume da lâmina atingiu seu braço esquerdo, cortando o couro e alcançando a carne. Ele soltou um uivo de dor, mas não caiu. Com um movimento rápido, que pareceu extremamente gracioso, levantou a mão direita, atingiu a garganta do oponente e, com a mão ainda em movimento, descrevendo um arco, puxou a faca para o lado, rasgando o pescoço dele.

O sangue esguichou como água saindo de uma fonte. O homem de preto tombou, a cabeça ligada ao corpo apenas por uma pequena tira.

Thomas largou o punhal e estendeu a mão direita para segurar o braço

esquerdo ferido. Sentou-se no chão, parecendo subitamente fraco.

Merthin estava sozinho com o cavaleiro ferido, dois homens de armas mortos e o cadáver de um cachorro de três pernas. Sabia que deveria correr atrás das outras crianças, mas a curiosidade prevaleceu. Thomas parecia agora inofensivo, disse a si mesmo.

O cavaleiro tinha uma boa vista.

– Pode sair da moita agora – disse ele. – Não represento perigo para você no estado em que me encontro.

Hesitante, Merthin se levantou e saiu da moita. Atravessou a clareira e parou a alguns passos de distância do cavaleiro sentado no chão.

– Será açoitado se descobrirem que brincava na floresta – disse Thomas.

Merthin acenou com a cabeça, concordando.

– Guardarei seu segredo se você guardar o meu.

Merthin tornou a acenar com a cabeça. Na verdade, não estava fazendo concessões ao aceitar o acordo. Nenhuma das crianças contaria o que vira. Haveria problemas incalculáveis se falassem. O que aconteceria com Ralph, que matara um dos homens da rainha?

– Poderia fazer o favor de me ajudar a passar uma atadura neste ferimento? – pediu Thomas.

Apesar de tudo o que acontecera, ele falava com extrema cortesia, pensou Merthin. O autocontrole do cavaleiro era extraordinário. Merthin sentiu que queria ser como ele quando crescesse.

Após um longo esforço, a garganta apertada de Merthin conseguiu soltar uma palavra:

– Claro.

– Pegue aquele cinto rasgado e enrole no meu braço.

Merthin fez o que ele mandou. A camisa de Thomas estava encharcada de sangue e a carne do braço, aberta como um pedaço de carne no cepo do açougueiro. Merthin ficou um pouco nauseado, mas se forçou a passar o cinto em torno do braço de Thomas, para fechar o ferimento e diminuir a hemorragia. Deu um nó e o homem usou a mão direita para apertá-lo o máximo possível.

Depois, com um enorme esforço, Thomas conseguiu se levantar. Olhou para os homens mortos.

– Não podemos enterrá-los. Eu sangraria até a morte antes que terminasse de cavar as sepulturas. – Lançou um olhar para Merthin. – Mesmo com você me ajudando.

Thomas pensou por um momento.

– Por outro lado, não quero que sejam encontrados por um casal de namorados procurando um lugar para... ficar a sós. Vamos arrastar os corpos para a moita em que vocês se esconderam. O homem do manto verde primeiro.

Os dois foram até os mortos.

– Cada um segura uma perna – disse Thomas.

Com a mão direita, ele pegou o tornozelo esquerdo do homem. Merthin pegou o outro pé, com as duas mãos. Juntos, arrastaram o corpo até a moita e o deixaram ao lado do de Hop.

– Aqui está bom – decidiu Thomas.

Ele tinha o rosto lívido de tanta dor. Passado um momento, abaixou-se e arrancou a flecha do olho do morto.

– É sua? – indagou, alteando uma sobrancelha.

Merthin pegou a flecha e a limpou na terra, para remover o sangue e o pedaço de cérebro que tinha grudado. Em seguida, arrastaram o corpo do outro homem através da clareira, da mesma maneira, a cabeça quase solta balançando. Deixaram-no ao lado do primeiro.

Thomas pegou as espadas de seus dois perseguidores e as jogou na moita. Depois recuperou suas armas.

– Agora, tenho de pedir que me faça um grande favor. – Thomas estendeu a adaga. – Pode cavar um pequeno buraco para mim?

– Está bem.

Merthin pegou a adaga.

– Bem aqui, na frente do carvalho.

– De que tamanho?

Thomas pegou a carteira de couro presa em seu cinto.

– Grande o suficiente para esconder isto por cinquenta anos.

Merthin tomou coragem para perguntar:

– Por quê?

– Cave e lhe contarei tudo o que posso contar.

Merthin fez um quadrado no solo com a adaga e a usou para afofar a terra fria, antes de retirá-la com as mãos. Thomas pegou o pergaminho, colocou-o na bolsa de lã e o ajeitou dentro da carteira.

– Recebi esta carta para entregar ao conde de Shiring. Mas contém um segredo tão perigoso que compreendi que o portador seria morto, para se ter certeza de que nunca iria revelá-lo. Por isso, eu precisava desaparecer. Decidi que procuraria abrigo num mosteiro e me tornaria monge. Estou cansado de lutar e tenho muitos pecados de que me arrepender. Assim que perceberam meu desaparecimento, as pessoas que me deram a carta começaram a me procurar... e tive azar. Fui visto e reconhecido numa taverna em Bristol.

– Por que os homens da rainha o perseguiam?

– Ela também gostaria de impedir a revelação do segredo.

Quando o buraco cavado por Merthin tinha quase meio metro de profundidade, Thomas disse:

– Já é o suficiente.

Ele largou a carteira no buraco. Merthin o tapou com a terra retirada. Thomas cobriu a terra revirada com folhas e gravetos até que ficou indistinguível da área ao redor.

– Se souber que eu morri, gostaria que abrisse o buraco e entregasse a carta a um padre – pediu Thomas. – Pode fazer isso por mim?

– Claro.

– Até que isso aconteça, não deve contar a ninguém. Enquanto souberem que tenho a carta mas ignorarem a localização dela, terão medo de fazer qualquer coisa. Mas, se você revelar o segredo, duas coisas vão acontecer. Primeiro, eles me matarão. Depois, matarão você.

Merthin ficou transtornado. Era injusto que corresse tanto perigo só porque ajudara um homem, cavando um buraco.

– Lamento assustá-lo – acrescentou Thomas. – Mas a culpa também não é toda minha. Afinal, não pedi que viesse até aqui.

– Não, não pediu.

Merthin desejou com toda a força do coração ter obedecido às ordens da mãe e se mantido longe da floresta.

– Voltarei para a estrada agora. Por que você não retorna pelo caminho por

onde veio? Aposto que encontrará seus amigos esperando em algum lugar perto daqui.

Merthin se virou para ir embora.

– Qual é o seu nome? – perguntou Thomas, antes que ele se afastasse.

– Merthin, filho de sir Gerald.

– É mesmo? – disse Thomas, como se conhecesse o pai. – Não conte nada, nem mesmo para ele.

Merthin assentiu e partiu.

Depois de percorrer 50 metros, vomitou. E sentiu-se um pouco melhor.

Como Thomas previra, os outros o esperavam nos limites da floresta, perto da serraria. Agruparam-se ao seu redor, tocando-o, como se quisessem se certificar de que ele estava mesmo bem. Pareciam aliviados, mas também envergonhados, como se sentissem culpa por tê-lo deixado para trás. Estavam todos abalados, até mesmo Ralph, que balbuciou:

– Aquele homem... em quem acertei a flecha... Ele ficou muito ferido?

– Ele morreu – disse Merthin, mostrando a flecha, ainda suja de sangue.

– Arrancou do olho dele?

Merthin gostaria de dizer que sim, mas decidiu falar a verdade:

– Foi o cavaleiro quem tirou.

– O que aconteceu com o outro homem de armas?

– O cavaleiro cortou a garganta dele. Depois escondemos os corpos na moita.

– E ele deixou você ir embora?

– Deixou. – Merthin não disse nada sobre a carta enterrada.

– Temos de guardar segredo – instou Caris. – Haverá problemas terríveis se alguém descobrir.

– Nunca contarei a ninguém – disse Ralph.

– Devemos fazer um juramento – insistiu Caris.

Formaram um pequeno círculo. Caris estendeu o braço para que sua mão ficasse no centro. Merthin pôs sua mão por cima. A pele de Caris era macia e quente. Ralph e Gwenda uniram suas mãos às dos outros dois. Juraram pelo sangue de Jesus.

E voltaram à cidade.

A prática de arco e flecha já tinha terminado e se aproximava o momento da

refeição do meio-dia. Ao atravessarem a ponte, Merthin comentou com Ralph:

– Quando eu crescer, quero ser como aquele cavaleiro... sempre cortês, sem nunca sentir medo, mortífero numa luta.

– Eu também – disse Ralph. – Quero ser mortífero.

Na cidade, Merthin experimentou um sentimento irracional de surpresa por descobrir que a vida normal continuava: o som de bebês chorando, o cheiro de carne assando, homens tomando cerveja do lado de fora das tavernas.

Caris parou diante de uma casa enorme, na rua principal, na frente da entrada para o priorado. Apontou para ela e disse a Gwenda:

– Minha cadela acaba de ter filhotes. Quer vê-los?

Gwenda ainda parecia assustada, à beira das lágrimas, mas acenou com a cabeça, enfática.

– Quero, sim, por favor.

Era uma manobra hábil, além de gentil, pensou Merthin. Os filhotes seriam um conforto para a menina... e também uma distração. Quando voltasse para sua família, contaria sobre os filhotes e era menos provável que falasse da aventura na floresta.

Despediram-se. As meninas entraram na casa. Merthin se descobriu pensando em quando veria Caris de novo.

Até que se lembrou dos outros problemas. O que o pai faria em relação às dívidas? Merthin e Ralph chegaram ao adro da catedral. Ralph ainda levava a lebre morta e o arco. O lugar estava calmo.

O hospital estava vazio, exceto por uns poucos doentes.

– Seu pai está na catedral, com o conde de Shiring – informou uma freira.

Os dois garotos entraram na vasta catedral. Os pais estavam no vestíbulo. A mãe se achava sentada junto de uma coluna, no canto em que a parte redonda da estrutura se aproximava da base quadrada. À luz fria que passava pelas janelas altas, seu rosto era sereno, quase esculpido da mesma pedra cinzenta do pilar em que encostava a cabeça. O pai se mantinha de pé ao seu lado, os ombros largos arriados numa atitude de resignação. O conde Roland se encontrava na frente dos dois. Era mais velho do que o pai, mas parecia mais jovem por causa dos cabelos pretos e dos movimentos vigorosos. O prior Anthony estava ao lado do conde.

Os dois meninos recuaram quando viram a cena, mas a mãe fez sinal para que se adiantassem.

– Venham até aqui – disse ela. – O conde Roland nos ajudou a chegar a um acordo que resolve todos os nossos problemas com o prior Anthony.

O pai soltou um grunhido, como se não se sentisse tão grato quanto a mãe pelo que o conde fizera.

– E o priorado fica com as minhas terras – disse ele. – Vocês dois não herdarão nada.

– Passaremos a viver aqui, em Kingsbridge – explicou a mãe, em tom mais animado. – Seremos pensionários do priorado.

– O que é um pensionário? – perguntou Merthin.

– Significa que os monges nos darão uma casa para viver e duas refeições por dia pelo resto de nossas vidas. Não é maravilhoso?

Merthin compreendeu que ela não pensava de fato que era maravilhoso. Apenas fingia estar satisfeita. Já o pai sentia uma vergonha evidente por ter perdido suas terras. Havia mais do que uma insinuação de desgraça nisso, concluiu Merthin. O pai olhou para o conde.

– O que vai acontecer com meus meninos?

O conde Roland se virou para examiná-los.

– O maior parece promissor – disse ele. – Foi você que matou essa lebre?

– Fui eu, sim, milorde – respondeu Ralph, orgulhoso. – Acertei-a com uma flecha.

– Ele pode me procurar dentro de poucos anos para ser escudeiro – disse imediatamente o conde. – Faremos dele um cavaleiro.

O pai pareceu satisfeito.

Merthin ficou atordoado. Grandes decisões estavam sendo tomadas muito depressa. Estava indignado pelo fato de o irmão mais jovem ser privilegiado, e não fazerem nenhuma menção a ele.

– Isso não é justo! – protestou Merthin. – Também quero ser um cavaleiro!

– Não! – exclamou a mãe.

– Mas eu fiz o arco!

O pai deixou escapar um suspiro exasperado.

– Foi você quem fez o arco, pequeno? – disse o conde, com uma expressão

desdenhosa. – Nesse caso, será aprendiz de carpinteiro.

3

A casa de Caris era um prédio de madeira luxuoso, com chão e chaminé de pedra. Havia três cômodos separados no térreo: a sala com a grande mesa de jantar, a saleta em que o pai tratava de negócios e a cozinha. Quando Caris e Gwenda entraram, a casa estava impregnada pelo aroma apetitoso de pernil assando.

Caris levou Gwenda pela sala grande até a escada interna.

– Onde estão os filhotes? – perguntou Gwenda.

– Quero ver minha mãe primeiro – explicou Caris. – Ela está doente.

Entraram no quarto da frente, onde a mãe se achava deitada numa cama de madeira toda esculpida. Era uma mulher pequena e frágil; Caris já tinha a mesma altura dela. A garota achou que a mãe parecia mais pálida do que o habitual, com os fios dos cabelos grudados no rosto molhado de suor.

– Como se sente, mamãe? – perguntou Caris.

– Um pouco fraca hoje.

O esforço de falar deixou a mãe ofegante. Caris sentiu uma mistura familiar e angustiante de ansiedade e desamparo. A mãe estava doente havia um ano. Começara com dores nas juntas. Logo passara a ter úlceras dentro da boca e equimoses inexplicadas pelo corpo. Sentia-se fraca demais para fazer qualquer coisa. Na semana anterior pegara um resfriado. Agora, tinha febre e dificuldade para respirar.

– Precisa de alguma coisa?

– Não, obrigada.

Era a resposta habitual, mas Caris ficava enfurecida com a própria impotência cada vez que a ouvia.

– Devo chamar madre Cecilia?

A prioresa de Kingsbridge era a única pessoa capaz de proporcionar algum conforto à mãe. Tinha um extrato de papoulas que misturava com mel e vinho quente para atenuar a dor por algum tempo. Caris achava que Cecilia era melhor do que um anjo.

– Não há necessidade, querida. Como foi o serviço de Todos os Santos?

Caris notou que os lábios da mãe estavam muito brancos.

– Assustador.

A mãe fez uma pausa, descansando um pouco, antes de perguntar:

– O que fez esta manhã?

– Fui assistir à prática de arco e flecha.

Caris prendeu a respiração, com medo de que a mãe pudesse adivinhar seu segredo, como acontecia com frequência. Mas a mãe olhou para Gwenda.

– Quem é sua amiguinha?

– Gwenda. Eu a trouxe até aqui para ver os filhotes.

– Isso é ótimo.

A mãe se mostrou subitamente cansada. Fechou os olhos e virou a cabeça para o lado.

As meninas deixaram o quarto sem fazer barulho. Gwenda estava chocada.

– O que houve com ela?

– Ela tem uma doença debilitante.

Caris detestava falar a respeito. A doença da mãe a deixava com a sensação ruim de que nada era certo, de que qualquer coisa poderia acontecer, de que não havia nenhuma segurança no mundo. Era ainda mais assustadora do que a luta que testemunhara na floresta. Se pensava no que poderia acontecer, na possibilidade da morte da mãe, vinha-lhe um pânico que deixava seu coração palpitando e lhe dava vontade de gritar.

O quarto do meio era usado no verão pelos italianos, compradores de lã de Florença e Prato, que vinham fazer negócios com o pai. Agora, estava vazio. Os filhotes se encontravam no quarto dos fundos, que pertencia a Caris e sua irmã, Alice. Tinham 7 semanas de idade, prontos para deixar a mãe, que se mostrava cada vez mais impaciente com as crias. Gwenda soltou um suspiro de alegria e se abaixou no mesmo instante para ficar no chão com os filhotes.

Caris pegou uma fêmea, a menor da ninhada, mas bastante animada, sempre

se aventurando sozinha para explorar o mundo.

– Só ficarei com esta – comentou. – Seu nome é Scrap.

Segurar a cachorrinha fez com que a menina se acalmasse e a ajudou a esquecer as outras coisas que a perturbavam.

Os outros quatro filhotes subiram em Gwenda, farejando-a e mastigando seu vestido. Ela pegou um macho, feio, marrom, de focinho comprido e olhos muito juntos.

– Gosto deste – murmurou ela, com o filhote enroscando-se em seu colo.

– Gostaria de ficar com ele? – perguntou Caris.

Lágrimas afloraram aos olhos de Gwenda.

– Posso?

– Temos permissão para dar todos os filhotes.

– É mesmo?

– Papai não quer mais cachorros. Se você quiser, pode levar.

– Quero, sim – sussurrou Gwenda. – Muito obrigada.

– Já tem um nome?

– Alguma coisa que me lembre Hop. Talvez eu o chame de Skip.

– É um bom nome.

Caris percebeu que Skip já adormecera no colo de Gwenda. As duas continuaram sentadas no chão com os filhotes, em silêncio. Caris pensou nos dois meninos que haviam conhecido, o pequeno, de cabelos vermelhos e olhos castanho-dourados, e seu irmão mais jovem, alto e bonito. O que a impelira a levá-los para a floresta? Não era a primeira vez que ela cedia a um impulso estúpido. Tendia a acontecer quando alguém de autoridade ordenava que ela não fizesse alguma coisa. Sua tia Petranilla vivia ditando regras: “Não dê comida a esse gato, senão nunca vamos nos livrar dele. Nada de jogo de bola em casa. Fique longe daquele menino, pois sua família é de camponeses.”

Regras que reprimiam seu comportamento pareciam levar Caris à loucura. Mas ela nunca fizera nada tão insensato. E então sentiu-se abalada ao pensar a respeito. Dois homens haviam morrido. Mas o que poderia ter acontecido era ainda pior. As quatro crianças poderiam ter sido mortas também.

Ela especulou sobre o motivo da luta, por que os homens de armas perseguiam o cavaleiro. Obviamente, não era um simples assalto. Haviam falado

de uma carta. Mas Merthin não dissera mais nada a respeito. Era bem provável que não tivesse sabido de mais nada. Ou seja, era apenas outro mistério da vida adulta.

Caris gostara de Merthin. Seu irmão, insuportável, era como todos os outros meninos de Kingsbridge, fanfarrão e agressivo, além de estúpido. Mas Merthin era diferente. Ela se sentira atraída por ele desde o início.

Duas novas amizades em um único dia, pensou ela, olhando para Gwenda. A menina não era bonita. Tinha olhos castanho-escuros bem juntos e um nariz adunco. Escolhera um cachorro que parecia um pouco com ela, compreendeu Caris, divertida. As roupas de Gwenda eram velhas e deviam ter sido usadas por muitas outras crianças antes. A garota estava mais calma agora. Já não dava a impressão de que poderia desatar a chorar a qualquer momento. E também fora tranquilizada pelos filhotes.

Soaram passos familiares na sala lá embaixo. Logo depois, uma voz berrou:

– Tragam-me um jarro de cerveja, pelo amor dos santos! Estou com mais sede que um cavalo de carroça!

– É meu pai – anunciou Caris. – Venha comigo para conhecê-lo. – Ao perceber que Gwenda estava apreensiva, ela acrescentou: – Não se preocupe. Ele sempre grita assim, mas é um bom homem.

As meninas desceram com os filhotes.

– O que aconteceu com os meus criados? – esbravejou o pai. – Fugiram para a terra dos duendes?

Ele saiu da cozinha, arrastando a perna direita torta, como sempre, e carregando uma enorme caneca de madeira, com a cerveja ameaçando derramar.

– Olá, meu botão-de-ouro!

A voz com que ele se dirigiu a Caris foi mais suave. Sentou-se numa cadeira enorme, à cabeceira da mesa, e tomou um longo gole da caneca.

– Assim é melhor. – Ele enxugou a barba irregular com a manga e então notou a presença de Gwenda. – Uma pequena margarida para acompanhar meu botão-de-ouro? Como é seu nome?

– Gwenda, de Wigleigh, milorde – respondeu ela, apavorada.

– Dei um filhote a ela – explicou Caris.

– Ótima ideia! Os filhotes precisam de atenção, e ninguém pode amá-los

mais do que uma menina.

Caris viu, no banco ao lado da mesa, um manto escarlate. Só podia ser importado, porque os tintureiros ingleses não sabiam como obter aquele vermelho brilhante. Seguindo o olhar da filha, o pai explicou:

– É para sua mãe. Ela sempre quis ter um casaco vermelho italiano. Espero que isto a encoraje a melhorar logo para vesti-lo.

Caris tocou o casaco. A lã era macia e fechada, como só os italianos sabiam fazer.

– É lindo – murmurou ela.

Tia Petranilla chegou da rua. Tinha alguma semelhança com o pai, mas era muito contida, enquanto o irmão era extrovertido. Parecia mais com o outro irmão, Anthony, o prior de Kingsbridge: eram ambos altos e imponentes, enquanto o pai de Caris era baixo, de peito estufado e manco.

Caris não gostava de Petranilla. Ela era esperta e mesquinha, uma combinação terrível num adulto: A garota nunca conseguia enganá-la. Gwenda sentiu a aversão de Caris e olhou apreensiva para a recém-chegada. Só que o pai se mostrou satisfeito ao vê-la.

– Entre, irmã – disse ele. – Onde estão os meus criados?

– Não sei por que você imagina que eu saiba disso, já que venho de minha casa, no outro lado da rua. Mas, se tivesse de adivinhar, Edmund, eu diria que sua cozinheira está no galinheiro, à procura de ovos para fazer um pudim, enquanto a outra criada está lá em cima, ajudando sua esposa a se sentar num banco, o que costuma fazer por volta de meio-dia. E espero que seus dois aprendizes estejam de guarda no armazém à beira do rio, cuidando para que nenhum dos festeiros embriagados resolva acender uma fogueira onde uma faísca possa chegar a atingir sua lã.

Ela costumava falar assim mesmo, fazendo um pequeno sermão em resposta à pergunta mais simples. Seu comportamento era arrogante, mas o pai não se importava... ou fingia não se importar.

– Minha extraordinária irmã – disse ele. – Você é a única que herdou a sabedoria de nosso pai.

Ela se virou para as meninas.

– Nosso pai descendia de Tom Builder, o padrasto e mentor de Jack Builder,

que foi o arquiteto da catedral de Kingsbridge. O pai prometeu que daria seu primogênito a Deus, mas infelizmente fui a primeira criança a nascer. Ele me deu o nome de Santa Petranilla, que era filha de São Pedro, como tenho certeza de que sabem, e rezou para que nascesse um menino em seguida. E nasceu, só que deformado. Como não queria dar a Deus um presente defeituoso, ele criou Edmund para assumir o negócio da lã. Felizmente veio outro menino em seguida, nosso irmão Anthony, bem-comportado e temente a Deus, que ingressou no mosteiro ainda pequeno, para se tornar agora, como todos nos orgulhamos de proclamar, o prior.

Ela teria se tornado sacerdote se fosse homem, mas tivera de se contentar em fazer o melhor a seu alcance: criar o filho Godwyn para ser um monge no priorado. Como o avô Wooler de Caris, a tia entregara um filho a Deus. A menina sempre sentira pena de Godwyn, seu primo mais velho, por ser filho de Petranilla.

Petranilla notou o casaco vermelho.

– De quem é isto? – indagou ela. – É o tecido italiano mais caro!

– Comprei para Rose – disse o pai.

Petranilla olhou para a vestimenta fixamente. Caris podia sentir que ela estava pensando que o irmão era um tolo por comprar um casaco como aquele para uma mulher que não saía de casa havia um ano. Mas ela se limitou a fazer um comentário que podia ser encarado como um elogio... ou não:

– Você é muito bom para ela.

O pai não se importou.

– Suba para vê-la – exortou ele. – Vai animá-la.

Caris duvidava, mas Petranilla não tinha essas apreensões e tratou de subir.

A irmã de Caris, Alice, veio da rua. Tinha 11 anos, um a mais do que Caris. Olhou para Gwenda e perguntou:

– Quem é ela?

– Minha nova amiga: Gwenda – respondeu Caris. – Ela vai levar um filhote.

– Mas ela pegou o filhote que eu queria! – protestou Alice, apesar de nunca ter dito que queria o animal.

– Ei... você ainda não tinha escolhido nenhum! – exclamou Caris, indignada. – Só está dizendo isso por maldade!

– Por que ela vai ficar com um dos nossos filhotes?

– Calma, calma... Temos mais filhotes do que precisamos – interveio o pai.

– Caris deveria ter me perguntado primeiro qual deles eu queria!

– Tem razão – disse o pai, embora soubesse muito bem que Alice estava apenas querendo criar problemas. – Não faça isso de novo, Caris.

– Está bem, papai.

A cozinheira chegou, com jarros e canecas. Quando Caris estava aprendendo a falar, chamava-a de Tutty, ninguém sabia por quê. Mas o nome pegara.

– Obrigado, Tutty. Sentem-se à mesa, meninas – disse o pai.

Gwenda hesitou, sem saber se o convite se estendia a ela. Mas Caris acenou com a cabeça, pois sabia que o pai a incluía. Ele costumava convidar para comer todas as pessoas que se encontravam em sua presença no momento da refeição.

Tutty encheu de cerveja a caneca do pai, depois serviu a Alice, Caris e Gwenda um pouco de cerveja misturada com água. Gwenda bebeu tudo de imediato, com evidente satisfação. Caris compreendeu que ela não bebia cerveja com frequência: as pessoas pobres tomavam sidra feita com maçã ácida.

Em seguida, Tutty pôs na frente de cada pessoa uma grossa fatia de pão de centeio. Gwenda pegou sua fatia para comer e Caris percebeu que ela nunca havia comido a uma mesa antes.

– Espere um instante – murmurou ela.

Gwenda largou o pão. Tutty trouxe o pernil numa tábua, junto com um prato de repolho. O pai pegou um facão e cortou a carne em fatias, empilhadas em cima de cada pedaço de pão. Gwenda arregalou os olhos diante da quantidade de comida que lhe foi servida. Caris usou uma colher para pegar folhas de repolho e colocá-las sobre as fatias do pernil.

Foi nesse instante que a outra criada, Elaine, desceu correndo a escada.

– A patroa parece ter piorado – disse ela. – A Sra. Petranilla diz que devemos chamar madre Cecilia.

– Pois então corra até o priorado e peça-lhe que venha – ordenou o pai.

A criada saiu às pressas.

– Comam, crianças – disse o pai.

Ele espetou uma fatia de pernil quente com a faca, mas Caris podia perceber que o pai não sentia mais nenhuma satisfação pela comida. Parecia observar algo

a distância. Gwenda comeu um pouco do repolho e sussurrou:

– A comida está divina.

Caris experimentou. O repolho fora cozido com gengibre. Provavelmente Gwenda nunca provara gengibre antes. Só os ricos podiam comprá-lo.

Petranilla desceu, pôs um pouco de pernil num prato de madeira e subiu para oferecer à cunhada. Voltou poucos momentos depois com a comida intacta. Sentou à mesa para comer o pernil. A cozinheira trouxe-lhe pão.

– Quando eu era pequena, nossa família era a única em Kingsbridge que tinha carne para comer todos os dias – comentou ela. – Exceto nos dias de jejum... Meu pai era muito devoto. Foi o primeiro mercador de lã da cidade a negociar diretamente com os italianos. Todos fazem isso agora... embora meu irmão Edmund ainda seja o mais importante.

Caris perdera o apetite. Tinha de mastigar bastante para poder engolir.

Madre Cecilia finalmente chegou, uma mulher pequena e ativa, com uma atitude mandona tranquilizadora. Vinha acompanhada de irmã Juliana, uma pessoa simples, com um coração terno. Caris sentiu-se melhor ao observá-las subirem a escada, uma pardaloca saltitante e uma galinha balançando de um lado para outro em sua esteira. Lavariam a mãe com água de rosas para baixar a febre e a fragrância serviria para reanimá-la.

Tutty trouxe maçãs e queijo. O pai descascou a fruta com sua faca, distraído. Caris recordou que o pai costumava lhe dar pedaços de maçã descascada quando ela era pequena enquanto ele comia a casca.

Irmã Juliana desceu. Tinha uma expressão preocupada no rosto roliço.

– A prioresa quer que o irmão Joseph venha ver a Sra. Rose. Vou chamá-lo.

Joseph era o médico sênior no mosteiro; estudara com os mestres de Oxford.

Juliana saiu apressada para a rua.

O pai largou a maçã descascada sem comer.

– O que vai acontecer? – perguntou Caris.

– Não sei, botão-de-ouro. Vai chover? Os florentinos precisam de quantos sacos de lã? As ovelhas vão pegar uma morrinha? A criança que vai nascer será uma menina ou um menino com a perna torta? Nunca sabemos, não é mesmo? É isso... – O pai desviou os olhos. – É isso que torna tudo tão difícil.

Ele estendeu a maçã para Caris, que a deu a Gwenda... que devorou tudo,

inclusive os caroços.

Irmão Joseph chegou pouco depois, acompanhado por um jovem assistente, que Caris reconheceu como Saul Whitehead, Cabeça Branca, assim chamado porque os cabelos – o pouco que restava depois do corte monacal – eram louro-acinzentados.

Cecilia e Juliana desceram, sem dúvida para dar espaço aos dois homens no pequeno quarto. Cecilia se sentou à mesa, mas não comeu. Tinha um rosto pequeno, com feições bem acentuadas, o nariz um pouco pontudo, os olhos brilhantes e um queixo que parecia a proa de um barco. Olhou curiosa para Gwenda.

– Quem é essa menina? – indagou, jovial. – Ela ama Jesus e sua Santa Mãe?

– Sou Gwenda, amiga de Caris.

Ela fitou Caris, ansiosa, como se temesse ter sido muito presunçosa ao reivindicar essa amizade.

– A Virgem Maria vai fazer minha mãe melhorar? – perguntou Caris.

Cecilia ergueu as sobrancelhas.

– Uma pergunta direta. É fácil perceber que você é filha de Edmund.

– Todo mundo reza para ela, mas nem sempre as pessoas melhoram – comentou Caris.

– E sabe por que isso acontece?

– Talvez porque a oração não ajude ninguém, e acontece apenas que as pessoas fortes ficam boas, mas as fracas, não.

– Não diga bobagem – interveio o pai. – Todo mundo sabe que a Santa Mãe nos ajuda.

– Não se preocupe – disse-lhe Cecilia. – É normal as crianças questionarem... ainda mais as inteligentes. Caris, os santos são sempre poderosos, mas algumas orações são mais eficazes do que outras. Compreende isso?

Caris acenou com a cabeça, relutante, não se sentindo convencida, mas sem saber o que responder.

– Ela deve ir para a nossa escola – disse Cecilia.

As freiras mantinham uma escola para as filhas da nobreza e dos habitantes mais prósperos da cidade. Os monges cuidavam de uma escola separada para os meninos. O pai não concordava com essa ideia.

– Rose já ensinou as letras para as meninas. E Caris conhece os números tão bem quanto eu... até me ajuda nos negócios.

– Ela deve aprender mais do que isso. Não vai querer que ela passe a vida como sua serva, não é?

– Ela não precisa aprender as coisas dos livros – interveio Petranilla. – Vai ter um bom casamento. Haverá inúmeros pretendentes para as duas irmãs. Filhos de mercadores, até mesmo filhos de cavaleiros, se mostrarão ansiosos por conseguir um matrimônio nesta família. Mas Caris é uma criança voluntariosa; devemos cuidar para que ela não se perca com algum menestrel sem dinheiro.

Caris notou que Petranilla não previa problemas com a obediente Alice, que provavelmente se casaria com o homem que a família escolhesse como seu marido.

– Deus pode chamar Caris para seu serviço – sugeriu Cecilia.

– Deus já chamou duas pessoas desta família: meu irmão e meu sobrinho – resmungou o pai. – Imagino que Ele já se sinta satisfeito a esta altura.

Cecilia olhou para Caris.

– O que você acha? Quer ser uma mercadora de lã, a esposa de um cavaleiro ou uma freira?

A perspectiva de ser freira deixou Caris horrorizada. Teria de obedecer às ordens de outra pessoa todas as horas do dia. Seria como permanecer uma criança pelo resto da vida... e ter Petranilla como mãe. Ser a esposa de um cavaleiro, ou de qualquer outro homem, parecia quase tão ruim, porque as mulheres tinham de obedecer a seus maridos. Ajudar o pai, talvez assumir o negócio quando ele ficasse velho demais, era a alternativa menos desagradável, mas não era exatamente o seu sonho.

– Não quero ser nenhuma dessas coisas.

– Há outra coisa que você gostaria de fazer? – indagou Cecilia.

Havia, sim, embora Caris nunca tivesse dito a ninguém antes; na verdade, nem mesmo compreendera direito até aquele momento. Mas agora a ambição parecia plenamente formada e ela compreendeu, sem a menor dúvida, que era seu destino.

– Vou ser médica.

Houve um momento de silêncio e depois todos riram.

Caris corou, sem saber o que era tão engraçado. O pai se compadeceu e explicou:

– Só os homens podem ser médicos. Não sabia disso, botão-de-ouro?

Caris ficou espantada. Olhou para Cecilia.

– Mas e você?

– Não sou médica. As freiras podem cuidar de doentes, é claro, mas seguem as instruções dos homens treinados. Os homens que estudaram com os mestres compreendem os humores do corpo, a maneira como se desequilibram na doença e como levá-los de volta às proporções corretas, para restabelecer a boa saúde. Sabem qual veia sangrar para a enxaqueca, lepra ou falta de ar; onde aplicar uma ventosa e onde cauterizar; se devem aplicar uma cataplasma ou dar um banho.

– Uma mulher não poderia aprender essas coisas?

– Talvez, mas não foi isso que Deus determinou.

Caris se sentia frustrada com a maneira como os adultos recorriam a essa frase todas as vezes que não sabiam o que responder. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, o irmão Saul desceu trazendo uma bacia com sangue e atravessou a cozinha para despejá-la no quintal. A cena deixou Caris com vontade de chorar. Todos os médicos usavam a sangria como método de cura, e por isso devia ser eficaz, mas mesmo assim ela detestava ver a força vital da mãe numa bacia, prestes a ser jogada fora.

Saul voltou ao quarto da doente. Pouco depois, ele e Joseph desceram.

– Fiz tudo o que podia por ela – declarou Joseph a Edmund, solene. – E ela confessou seus pecados.

Confessou seus pecados! Caris sabia o que isso significava. Começou a chorar.

O pai tirou seis moedas de prata de sua bolsa e as entregou ao monge, murmurando, com a voz rouca:

– Obrigado, irmão.

Enquanto os monges se retiravam, as duas freiras tornaram a subir.

Alice se sentou no colo do pai e comprimiu o rosto contra seu pescoço. Caris chorou e abraçou Scrap. Petranilla ordenou que Tutty tirasse a mesa. Gwenda observava tudo com os olhos arregalados. Todos continuaram sentados à mesa, esperando.

4

O irmão Godwyn estava com fome. Já comera um ensopado de nabos cortados com peixe salgado, mas não se satisfizera. Os monges quase sempre comiam peixe e tomavam uma cerveja fraca, mesmo quando não era dia de jejum.

Nem todos os monges, é claro. O prior Anthony tinha uma dieta privilegiada. E teria hoje uma refeição ainda mais especial, pois a prioresa, madre Cecilia, seria sua convidada. Ela estava acostumada a boa comida. As freiras, que sempre pareciam ter mais dinheiro do que os monges, matavam um porco ou uma ovelha a intervalos de poucos dias e os comiam com vinho da Gasconha.

Era incumbência de Godwyn supervisionar a refeição, uma tarefa difícil, quando seu próprio estômago roncava de fome. Ele conversou com o cozinheiro do mosteiro, verificou o ganso gordo que assava no forno, a panela com o molho de maçã borbulhando no fogo. Pediu ao adegueiro que tirasse um jarro de sidra do barril e pegou na padaria um pão de centeio... do dia anterior, já que não se fazia pão aos domingos. Retirou as taças e travessas de prata da arca trancada e as arrumou na mesa da sala da casa do prior.

O prior e a prioresa faziam uma refeição juntos pelo menos uma vez por mês. O mosteiro e o convento eram instituições separadas, com suas próprias instalações e diferentes fontes de receita. Então eles eram subordinados de forma independente ao bispo de Kingsbridge. Apesar disso, partilhavam a enorme catedral e vários outros prédios, onde os monges trabalhavam como médicos e as freiras, como enfermeiras. Por isso, havia sempre detalhes para discutir: serviços na catedral, hóspedes e pacientes no hospital, os problemas políticos da cidade. Anthony tentava muitas vezes persuadir Cecilia a pagar despesas que, em termos estritos, deveriam ser divididas igualmente – janelas de vidro para a sala do capítulo, colchas para o hospital, a repintura do interior da catedral – e ela quase

sempre concordava.

Hoje, porém, a conversa deveria se concentrar na política. No dia anterior Anthony retornara de uma viagem de duas semanas em Gloucester, onde participara das cerimônias de sepultamento do rei Eduardo II, que perdera o trono em janeiro e a vida em setembro. Madre Cecilia queria saber de tudo, embora simulasse se manter acima de todas as intrigas.

Godwyn tinha outra coisa em mente. Queria conversar com Anthony sobre seu futuro. Estivera aguardando ansioso pelo momento certo desde que o prior voltara. Ensaiara o discurso, mas ainda não encontrara a oportunidade de fazê-lo. Esperava ter chance naquela tarde.

Anthony entrou na sala no momento em que Godwyn punha um queijo e uma tigela com peras no aparador. O prior parecia uma versão mais velha de Godwyn. Os dois eram altos, com feições regulares e cabelos castanho-claros. Como todos na família, tinham olhos esverdeados com manchas douradas. Anthony parou ao lado do fogo – a sala estava fria e o velho prédio permitia a passagem de aragens geladas. Godwyn serviu uma taça de sidra.

– Padre prior, hoje é meu aniversário. Estou com 21 anos.

– Sei disso. Lembro-me muito bem de seu nascimento. Eu tinha 14 na ocasião. Minha irmã Petranilla berrou como um javali com uma flecha nas entranhas quando trouxe você ao mundo. – Anthony ergueu a taça num brinde, fitando o sobrinho com uma expressão afetuosa. – E agora você é um homem.

Godwyn decidiu que aquele era o momento.

– Já estou no priorado há dez anos.

– Tanto tempo assim?

– Isso mesmo... Como estudante, noviço e monge.

– Minha nossa!

– Espero ter sido um crédito para minha mãe e meu tio.

– Sentimos orgulho de você.

– Obrigado. – Godwyn engoliu em seco. – E agora quero ir a Oxford.

Havia muito tempo Oxford era um centro para mestres de teologia, medicina e direito. Padres e monges iam a Oxford para estudar e debater com mestres e outros discípulos. Ao longo do último século, os mestres haviam se incorporado numa companhia, ou universidade, que recebera permissão real para aplicar

exames e conceder diplomas. O priorado de Kingsbridge mantinha um departamento, ou célula, na cidade, conhecido como Kingsbridge College, onde oito monges podiam continuar a vida de orações e abnegação enquanto estudavam.

– Oxford! – Uma expressão de ansiedade e desagrado estampou-se no rosto de Anthony. – Para quê?

– Para estudar. É o que os monges devem fazer.

– Nunca estive em Oxford... e sou o prior.

Era verdade, mas Anthony às vezes se encontrava em desvantagem com colegas seniores por causa disso. O encarregado da sacristia, o tesoureiro e outras autoridades monásticas, ou obedienciais, eram graduados na universidade, além dos médicos. Todos tinham pensamento ágil e eram hábeis na argumentação. Anthony parecia às vezes inepto se comparado a eles, especialmente no capítulo, a reunião diária de todos os monges. Godwyn ansiava em adquirir a lógica irrefutável e a superioridade confiante que observava nos homens de Oxford. Não queria ser como o tio.

Mas não podia dizer isso.

– Quero aprender.

– Por que aprender heresias? – indagou Anthony, desdenhoso. – Os estudantes de Oxford questionam os ensinamentos da Igreja!

– A fim de compreendê-los melhor.

– É inútil e perigoso.

Godwyn se perguntou por que Anthony reagia com tanta veemência. O prior nunca parecera preocupado com a heresia antes, e Godwyn não estava nem um pouco interessado em desafiar as doutrinas aceitas. Ele franziu o rosto.

– Pensei que você e minha mãe tinham ambições para mim. Não querem que eu avance, me torne um obediencial e, talvez um dia, o prior?

– Claro que queremos. Mas você não precisa deixar Kingsbridge para conseguir isso.

Na verdade você não quer que eu avance muito depressa para não o ultrapassar. E não quer que eu deixe a cidade para não perder o controle que tem sobre mim, pensou Godwyn, num relance de percepção. Ele desejou ter previsto essa resistência a seus planos.

– Não quero estudar teologia.

– Então o que pretende estudar?

– Medicina. É uma parte importante do nosso trabalho aqui.

Anthony contraiu os lábios. Godwyn vira a mesma expressão desaprovadora na mãe.

– O mosteiro não tem condições de pagar. Sabia que apenas um livro custa pelo menos 14 xelins?

Godwyn foi tomado de surpresa. Sabia que os estudantes podiam alugar livros por páginas, mas essa não era a questão principal.

– O que me diz dos estudantes que já estão lá? Quem paga por eles?

– Dois são sustentados por suas famílias e outro, pelas freiras. O priorado paga pelos outros três. Não temos condições de mandar mais ninguém. Na verdade, temos duas vagas no colégio não preenchidas por falta de recursos.

Godwyn sabia que o priorado passava por dificuldades financeiras. Por outro lado, possuía vastos recursos: milhares de acres de terras; moinhos, pesqueiros, florestas; e a enorme receita do mercado de Kingsbridge. Ele não podia acreditar que o tio estivesse recusando o dinheiro de que precisava para estudar em Oxford. Sentia-se traído. Anthony era seu mentor, além de parente. Sempre favorecera Godwyn em relação aos outros jovens monges. Mas agora ele tentava bloquear o progresso do sobrinho.

– Médicos trazem dinheiro para o priorado – argumentou ele. – Se não treinar alguns jovens, os velhos acabarão morrendo e o priorado se tornará mais pobre.

– Deus proverá.

Essa platitude irritante era sempre a resposta de Anthony. Havia alguns anos vinha declinando a receita que o priorado conseguia com a realização anual da Feira do Velocino. Os habitantes da cidade exortavam Anthony a investir em melhores instalações para os negociantes de lã – tendas, estandes, latrinas, até mesmo um prédio para as transações –, mas ele sempre recusava, alegando pobreza. E, quando Edmund, o irmão, dizia que a feira definharia até acabar, ele respondia: “Deus proverá.”

– Neste caso, talvez Deus também providencie o dinheiro necessário para meus estudos em Oxford – disse Godwyn.

– É possível.

Godwyn sentiu um doloroso desapontamento. Experimentava o impulso de escapar de sua cidade natal e respirar um ar diferente. Em Kingsbridge College, continuaria sujeito à mesma disciplina monástica, é claro... mas pelo menos ficaria longe do tio e da mãe, o que era uma perspectiva atraente. Mas ainda não estava disposto a desistir.

– Minha mãe ficará muito desapontada se eu não for.

Anthony se mostrou apreensivo. Não queria incorrer na ira da formidável irmã.

– Então deixe-a rezar para que o dinheiro seja encontrado.

– Eu poderia conseguir o dinheiro em outro lugar – sugeriu Godwyn, improvisando.

– Como faria isso?

Ele vasculhou a mente à procura de uma resposta, e teve uma súbita inspiração.

– Eu poderia fazer o que você faz e pedir à madre Cecilia.

Era possível. Cecilia deixava-o nervoso – podia ser tão intimidadora quanto Petranilla –, mas era mais suscetível a seu charme juvenil. Podia ser persuadida a pagar pela educação de um monge jovem e inteligente.

A sugestão pegou Anthony de surpresa. Godwyn percebeu que ele tentava pensar numa objeção. Mas vinha argumentando como se o dinheiro fosse a principal consideração, e era difícil agora mudar de posição.

Enquanto Anthony hesitava, Cecilia entrou.

Usava um grosso manto de lã, sua única indulgência... detestava sentir frio. Depois de cumprimentar o prior, ela se virou para Godwyn:

– Sua tia Rose está gravemente doente. – A voz era precisa e musical. – Pode não passar desta noite.

– Que Deus esteja com ela.

Godwyn sentiu uma pontada de compaixão. Numa família em que todos eram líderes, Rose era a única seguidora. Suas pétalas pareciam mais frágeis por estar cercada de espinheiros.

– Não é um choque – acrescentou ele. – Mas minhas primas Alice e Caris ficarão tristes.

– Felizmente elas têm sua mãe para consolá-las.

– É verdade.

Consolar alguém não era o ponto forte de Petranilla, pensou Godwyn – ela era melhor em exigir uma postura empertigada e prevenir as recaídas –, mas não corrigiu a prioresa. Em vez disso, serviu-lhe uma taça de sidra.

– Está com frio, reverenda madre?

– Congelando.

– Acenderei o fogo.

Anthony interveio, insidioso:

– Meu sobrinho Godwyn está sendo atencioso porque quer que você pague os estudos dele em Oxford.

Godwyn lhe lançou um olhar furioso. Teria planejado um discurso cuidadoso e escolhido o melhor momento para apresentá-lo. Agora, Anthony denunciara o problema da maneira mais brusca possível.

– Acho que não temos condições de financiar mais dois.

Foi a vez de Anthony ficar surpreso.

– Alguém mais pediu dinheiro a você para estudar em Oxford?

– Talvez eu não deva dizer. Não quero criar problemas para ninguém.

– Não tem importância – falou Anthony num tom um tanto brusco, mas logo recuperou o controle e acrescentou: – Somos gratos por sua generosidade.

Godwyn pôs mais lenha na fogueira e saiu em seguida. A casa do prior ficava no lado norte da catedral. O claustro e todos os outros prédios do priorado ficavam no lado sul. Godwyn passou pela catedral, a caminho da cozinha do mosteiro.

Pensara que Anthony podia usar de subterfúgios e ser evasivo sobre Oxford, dizendo-lhe que deveria esperar até ficar mais velho ou até que um dos estudantes que já estavam lá se formasse... pois Anthony era evasivo por natureza. Mas ele era seu protegido, e sentira-se confiante de que o tio acabaria por apoiá-lo. Sua oposição categórica o surpreendera.

Ele especulou sobre quem mais teria solicitado o apoio da prioresa. Dos 26 monges, seis eram mais ou menos da idade de Godwyn: podia ser qualquer um deles. O subadegueiro, Theodoric, estava ajudando o cozinheiro. Poderia ser o rival pelo dinheiro de Cecilia? Godwyn o observou ajeitar o ganso numa travessa

e encher uma tigela com o molho de maçã. Theodoric era inteligente o bastante para estudar. Talvez fosse um concorrente.

Godwyn levou o jantar para a casa do prior, preocupado. Se Cecilia decidisse ajudar Theodoric, ele não sabia o que faria. Não tinha um plano alternativo.

Queria ser o prior de Kingsbridge um dia. Tinha certeza de que poderia fazer um trabalho melhor que o de Anthony. E, se fosse bem-sucedido, poderia subir ainda mais: bispo, arcebispo ou talvez um agente ou conselheiro real. Tinha apenas uma vaga ideia do que faria com esse poder, porém estava convencido de que pertenceria a alguma posição elevada na vida. Mas havia apenas dois caminhos para isso. Um era o nascimento aristocrático; o outro, a educação. Godwyn vinha de uma família de mercadores de lã: sua única esperança era a universidade. E, para isso, precisaria do dinheiro de Cecilia.

Ele pôs o jantar na mesa. Cecilia estava perguntando:

– Mas de que o rei morreu?

– Ele sofreu uma queda.

Godwyn trinchou o ganso.

– Quer um pedaço do peito, reverenda madre?

– Quero, sim, por favor. Uma queda? – O tom era cético. – Fala como se o rei fosse um velho trôpego. Ele tinha apenas 43 anos.

– Os carcereiros disseram que foi uma queda.

Deposto, o ex-rei se tornara prisioneiro no castelo de Berkeley, a dois dias de viagem de Kingsbridge.

– Ah, os carcereiros... Homens de Mortimer.

Cecilia desaprovava Roger Mortimer, o conde de March. Não apenas ele liderara a rebelião contra Eduardo II, mas também seduzira a esposa do rei, a rainha Isabella.

Eles começaram a comer. Godwyn ficou imaginando se sobraria alguma coisa. Anthony disse a Cecilia:

– Você dá a impressão de que desconfia de alguma coisa.

– Claro que não... mas outras pessoas, sim. Ouvi comentários...

– De que ele foi assassinado? Sei disso. Mas vi o cadáver nu. Não havia marcas de violência no corpo.

Godwyn sabia que não deveria interromper, mas não resistiu:

– Há rumores de que todos na aldeia de Berkeley ouviram gritos de agonia quando o rei morreu.

Anthony fitou-o com uma expressão de censura.

– Quando um rei morre, há sempre rumores.

– O rei não apenas morreu – disse Cecilia. – Foi primeiro deposto pelo Parlamento... uma coisa que nunca havia acontecido antes.

Anthony baixou a voz para comentar:

– As razões eram poderosas. Havia pecados de impureza.

Ele estava sendo enigmático, mas Godwyn sabia o que isso significava. Eduardo tinha seus "favoritos" – rapazes pelos quais demonstrava um afeto anormal. O primeiro, Peter Gaveston, recebera tanto poder e privilégio que despertara ciúme e ressentimento entre os barões. Ao final, ele fora executado por traição. Mas depois vieram outros. Não era de admirar, diziam as pessoas, que a rainha tivesse arranjado um amante.

– Não posso acreditar nisso – protestou Cecilia, que era uma fervorosa realista. – Pode ser verdade que os bandidos na floresta se entreguem a essas práticas tão sórdidas, mas um homem de sangue real nunca poderia afundar tão baixo. Ainda há um pouco do ganso?

– Há, sim.

Godwyn fez um esforço para ocultar seu desapontamento. Cortou o último pedaço da carne da ave e serviu a prioresa.

– Pelo menos não há agora nenhum desafio ao novo rei – comentou Anthony. – O filho de Eduardo II e da rainha Isabella fora coroado como rei Eduardo III.

– Ele tem 14 anos e foi posto no trono por Mortimer – lembrou Cecilia. – Quem será o verdadeiro soberano?

– Os nobres estão contentes por terem estabilidade.

– Especialmente os amigos de Mortimer.

– Como o conde Roland de Shiring, não é mesmo?

– Ele parecia muito entusiasmado hoje.

– Não está sugerindo...

– Que ele teve alguma coisa a ver com a "queda" do rei? Claro que não. – A prioresa comeu o resto de sua carne. – Seria muito perigoso falar sobre essa ideia, até mesmo entre amigos.

– Tem toda a razão.

Houve uma batida à porta. Saul Whitehead entrou na sala. Tinha a mesma idade de Godwyn. Poderia ser seu rival? Era inteligente e capaz, e havia a grande vantagem de ser parente distante do conde de Shiring, mas Godwyn duvidava que ele fosse ambicioso o suficiente para ir a Oxford. Era devoto e tímido, o tipo de homem para quem a humildade não era uma virtude, porque vinha naturalmente. Mas qualquer coisa era possível.

– Um cavaleiro acaba de entrar no hospital com um ferimento de espada – informou Saul.

– Interessante, mas não tão chocante para justificar a interrupção do jantar do prior e da prioresa – declarou Anthony.

Saul parecia assustado.

– Peço perdão, padre prior – balbuciou ele –, mas há divergências sobre o tratamento.

Anthony suspirou.

– Seja como for, o ganso já acabou.

Ele se levantou e saiu, junto com Cecilia. Godwyn e Saul os seguiram. Entraram na catedral pelo transepto norte, saíram pelo transepto sul, atravessaram os claustros e entraram no hospital. O cavaleiro ferido estava na cama mais próxima do altar, como era adequado para sua posição.

O prior Anthony deixou escapar um grunhido involuntário de surpresa. Por um momento, exibiu choque e medo. Mas logo recuperou o controle, e seu rosto se tornou impassível. Cecilia, no entanto, não deixava escapar nada e perguntou-lhe:

– Conhece esse homem?

– Creio que sim.. É sir Thomas Langley, um dos homens do conde de Monmouth. – Era um homem bonito, na casa dos 20 anos, ombros largos e pernas compridas. Estava nu da cintura para cima, exibindo um tronco musculoso, cruzado por cicatrizes de lutas anteriores. Parecia pálido e exausto.

– Ele foi atacado na estrada – explicou Saul. – Conseguiu se livrar dos atacantes, mas depois teve de se arrastar por quase 2 quilômetros para chegar à cidade. Perdeu muito sangue.

O antebraço esquerdo do cavaleiro estava cortado do cotovelo ao pulso, um

ferimento obviamente infligido por uma espada afiada.

O médico sênior do mosteiro, irmão Joseph, se encontrava ao lado do paciente. Joseph era baixo, na casa dos 30 anos, tinha nariz grande e dentes podres.

– O ferimento deve ser mantido aberto e tratado com um unguento, para que o pus saia – disse ele. – Dessa maneira, os humores ruins serão expelidos e o ferimento se curará de dentro para fora.

Anthony acenou com a cabeça.

– Onde está a divergência?

– Matthew Barber tem outra ideia.

Matthew era o cirurgião-barbeiro da cidade. Vinha se mantendo recuado, numa atitude deferente, mas agora se adiantou. Segurava a caixa de couro que continha suas tesouras caras e afiadas. Era baixo e magro, com olhos azuis brilhantes e uma expressão solene.

Anthony não cumprimentou Matthew, mas perguntou a Joseph:

– O que ele está fazendo aqui?

– O cavaleiro o conhece e mandou chamá-lo.

Anthony disse a Thomas:

– Se quer ser retalhado, por que veio para o hospital do priorado?

A insinuação de um sorriso surgiu no rosto branco do cavaleiro, mas ele parecia cansado demais para responder.

Foi Matthew quem falou, com surpreendente confiança, aparentemente alheio ao desdém de Anthony:

– Já vi muitos ferimentos como esse no campo de batalha, padre prior. O melhor tratamento é o mais simples: lavar o ferimento com vinho quente, depois costurar para fechar e enfaixar.

Ele não era tão deferente quanto parecia. Madre Cecilia interveio:

– Será que nossos dois jovens monges têm opiniões a respeito?

Anthony estava impaciente, mas Godwyn compreendeu aonde ela queria chegar. Era um teste. Talvez Saul fosse o rival pelo dinheiro da prioresa. E a resposta era tão fácil que Godwyn se apressou em ser o primeiro a enunciá-la:

– O irmão Joseph estudou os antigos mestres. Deve saber melhor. Não creio que Matthew sequer saiba ler.

– Sei, sim, irmão Godwyn – protestou Matthew. – E tenho um livro. – Anthony riu. A ideia de um barbeiro com um livro era tão absurda quanto a de um cavalo usando chapéu.

– Que livro?

– O *Cânone*, de Avicena, o grande médico islâmico. Traduzido do árabe para o latim. Li tudo, bem devagar.

– E seu tratamento é proposto por Avicena?

– Não, mas...

– Então não há o que discutir – cortou Anthony.

– Mas aprendi mais sobre cura viajando com exércitos e tratando de feridos do que jamais poderia aprender no livro – insistiu Matthew.

Madre Cecilia tornou a interferir:

– Saul, qual é sua opinião?

Godwyn esperava que Saul desse a mesma resposta, o que deixaria a competição sem decisão. Mas, embora se mostrasse nervoso e tímido, Saul contradisse Godwyn:

– O barbeiro pode estar certo.

Godwyn exultou, enquanto Saul continuava a argumentar pelo lado errado:

– O tratamento proposto pelo irmão Joseph pode ser mais apropriado para ferimentos de esmagamento ou pancada, como os que acontecem nos locais de construção, onde a pele e toda a carne ao redor ficam cortadas. Fechar o ferimento prematuramente pode fazer com que os humores ruins fiquem dentro do corpo. Esse é um ferimento limpo e quanto mais cedo for fechado, mais depressa vai sarar.

– Não diga bobagem – declarou o prior Anthony. – Como um barbeiro da cidade pode estar certo e um monge instruído, errado?

Godwyn disfarçou um sorriso triunfante.

A porta foi aberta nesse instante e um jovem com um traje de sacerdote entrou. Godwyn reconheceu Richard de Shiring, o mais jovem dos dois filhos do conde Roland. Seu aceno de cabeça para o prior e a prioresa foi tão superficial que pareceu descortês. Foi direto até a cama e perguntou ao cavaleiro:

– Que diabos aconteceu?

Thomas ergueu a mão, num gesto que indicava extrema fraqueza, e fez sinal

para que Richard chegasse mais perto. O jovem padre inclinou-se sobre o paciente. Thomas sussurrou em seu ouvido. O padre Richard recuou, num movimento brusco, como se estivesse chocado.

– Impossível! – exclamou.

Thomas gesticulou de novo, e o processo se repetiu: outro sussurro, outra reação indignada. E dessa vez Richard perguntou:

– Mas por quê?

Thomas não respondeu.

– Está pedindo uma coisa que não está em nosso poder conceder. – Thomas acenou com a cabeça, firme, como se concordasse.

– Você não nos dá opção.

Thomas sacudiu a cabeça de um lado para outro, fraco. Richard virou-se para o prior Anthony.

– Sir Thomas deseja se tornar um monge aqui no priorado.

Houve um momento de silêncio surpreso. Cecilia foi a primeira a reagir:

– Mas ele é um homem de violência!

– Ora, não é um fato inédito – disse Richard, impaciente. – Às vezes um guerreiro decide abandonar sua vida de combate e procurar perdão para seus pecados.

– Talvez na velhice. Mas esse homem ainda não tem 25 anos. Está fugindo de algum perigo. – Cecilia olhou para Thomas. – Quem ameaça sua vida?

– Reprima sua curiosidade – resmungou Richard, ríspido. – Ele quer ser um monge, não uma freira. Portanto, não tem por que fazer mais perguntas.

Era uma maneira chocante de falar com uma prioresa, mas os filhos dos condes podiam escapar impunes dessa grosseria. Ele se virou para Anthony:

– Você tem de aceitá-lo.

– O priorado é pobre demais para aceitar mais monges. A menos que haja um donativo que pague os custos...

– Será providenciado.

– Teria de ser adequado à necessidade...

– Será providenciado! – bradou Richard.

– Está bem.

Cecilia continuava desconfiada.

– Sabe mais sobre esse homem do que está me dizendo? – perguntou ela a Anthony.

– Não há razão para rejeitá-lo.

– O que o faz pensar que ele é um penitente sincero?

Todos olharam para Thomas. Ele fechara os olhos.

– Ele terá de provar sua sinceridade durante o noviciado, como todos os outros.

Cecilia se mostrava visivelmente insatisfeita, mas, para variar, Anthony não estava lhe pedindo dinheiro, portanto não havia nada que pudesse fazer.

– É melhor cuidarmos logo do ferimento – disse ela.

– Ele recusou o tratamento do irmão Joseph. Foi por isso que tivemos de chamar o padre prior – explicou Saul.

Anthony inclinou-se sobre o paciente. Em voz alta, como se falasse com um surdo, ele declarou:

– Você deve aceitar o tratamento determinado pelo irmão Joseph. Ele sabe melhor.

Thomas parecia inconsciente. Anthony se virou para Joseph:

– Ele não está mais objetando.

– Ele pode perder o braço! – protestou o médico-barbeiro.

– É melhor se retirar – disse-lhe Anthony.

Furioso, Matthew saiu. Anthony olhou para Richard.

– Talvez queira ir até a casa do prior para tomar uma taça de sidra.

– Obrigado.

Antes de se retirar, Anthony disse a Godwyn:

– Fique aqui e ajude a madre prioresa. Procure-me antes das vésperas para informar como o cavaleiro está se recuperando.

O prior Anthony não costumava se preocupar com o progresso dos pacientes individuais. Era evidente que tinha um interesse especial naquele caso.

Godwyn observou o irmão Joseph aplicar o unguento no braço do cavaleiro agora inconsciente. Refletiu que provavelmente garantira o apoio financeiro de Cecilia ao dar a resposta correta à indagação, mas estava ansioso para ouvir a confirmação expressa. Depois que o irmão Joseph acabou e enquanto Cecilia lavava a testa do cavaleiro com água de rosas, ele decidiu dizer:

– Espero que considere meu pedido de forma favorável.

Ela lhe lançou um olhar penetrante.

– É melhor você saber logo que decidi dar o dinheiro a Saul.

Godwyn ficou chocado.

– Mas eu dei a resposta certa!

– Será? – Ela ergueu as sobrancelhas.

– Não concorda com o barbeiro, não é?

– Não aceito ser interrogada por você, irmão Godwyn.

– Desculpe – disse ele no mesmo instante. – Apenas não consigo compreender.

– Sei disso.

Se ela queria ser enigmática, não havia sentido em continuar a conversa. Godwyn se virou, tremendo de frustração e desapontamento. Ela daria o dinheiro a Saul! Seria porque ele tinha um parentesco com o conde? Godwyn achava que não: madre Cecilia era muito independente. Fora a devoção ostentosa de Saul que inclinara a balança, concluiu Godwyn. Mas Saul nunca seria um líder. Aquilo era um tremendo desperdício. Godwyn não sabia como daria a notícia à sua mãe. Ela ficaria furiosa... mas a quem culparia? Anthony? O próprio Godwyn? Um sentimento familiar de medo dominou o rapaz enquanto imaginava a ira da mãe.

E, ao pensar nela, Godwyn viu-a entrar no hospital, pela porta na outra extremidade: uma mulher alta, com um busto proeminente. Seus olhos se encontraram e Petranilla parou junto da porta, esperando que o filho viesse ao seu encontro. Ele avançou devagar, tentando pensar no que dizer.

– Sua tia Rose está morrendo – anunciou Petranilla assim que ele se aproximou.

– Que Deus abençoe a alma dela. Madre Cecilia já tinha me contado.

– Você parece chocado... mas sabe como ela estava doente.

– Não é por causa de tia Rose. Tenho outra má notícia. – Godwyn engoliu em seco. – Não posso estudar em Oxford. Tio Anthony não vai pagar e madre Cecilia também recusou.

Petranilla não explodiu de imediato, para grande alívio do filho. Mas contraiu os lábios numa expressão sombria.

– Por quê?

– Ele não tem dinheiro e madre Cecilia prefere mandar Saul.

– Saul Whitehead? Ele nunca será coisa alguma.

– Pelo menos ele vai ser médico.

A mãe o fitou nos olhos, e ele murchou.

– Acho que você cuidou muito mal de tudo. Deveria ter falado comigo antes.

Godwyn já receava que a mãe enveredasse por esse caminho.

– Como pode dizer que agi errado? – protestou ele.

– Deveria ter me deixado falar com Anthony primeiro. Eu o teria amaciado.

– Mas ele ainda poderia se recusar.

– E, antes de abordar Cecilia, deveria ter descoberto se outro já havia pedido sua ajuda. Dessa maneira, poderia arruinar a posição de Saul antes de falar com ela.

– Como?

– Ele deve ter uma fraqueza. Você poderia descobrir qual é e levá-la ao conhecimento de Cecilia. Quando ela estivesse se sentindo desiludida, apresentaria sua proposta.

Godwyn percebeu o sentido do que ela dizia.

– Nunca pensei nisso – comentou ele, baixando a cabeça.

Com uma raiva controlada, Petranilla declarou:

– Você tem de planejar essas coisas, assim como os condes planejam batalhas.

– Compreendo isso agora – murmurou Godwyn, sem fitar a mãe nos olhos. – Nunca mais cometerei o mesmo erro.

– Espero que não.

Ele tornou a fitá-la.

– O que devo fazer?

– Não vou desistir. – Uma expressão familiar de determinação estampou-se no rosto de Petranilla. – Providenciarei o dinheiro.

Godwyn sentiu um fluxo de esperança, mas não podia imaginar como a mãe cumpriria a promessa.

– Onde conseguirá?

– Venderei minha casa e passarei a morar com meu irmão Edmund.

– Ele aceitará?

Edmund era generoso, mas às vezes tinha atritos com a irmã.

– Acho que sim. Ele ficará viúvo em breve e precisará de alguém para administrar a casa. Não que Rose tenha sido muito eficiente nesse papel.

Godwyn balançou a cabeça.

– Mesmo assim, você ainda precisará de dinheiro.

– Para quê? Edmund me dará casa e comida e pagará as pequenas necessidades. Em troca, cuidarei das criadas e educarei suas filhas. E você terá o dinheiro que herdei de seu pai.

Ela falava com firmeza, mas Godwyn podia perceber a amargura expressa nos lábios contraídos. Sabia que seria um grande sacrifício para a mãe. Ela se orgulhava de sua independência. Era uma das mulheres proeminentes da cidade, a filha de um homem rico e irmã do principal mercador de lã. Prezava sua posição. Adorava convidar os poderosos de Kingsbridge para jantar e partilhar o melhor vinho. Agora, propunha se mudar para a casa do irmão e viver como uma encostada, trabalhando como uma espécie de criada, dependente de Edmund para tudo. Seria uma decadência terrível.

– É sacrifício demais – murmurou Godwyn. – Você não pode fazer isso.

O rosto da mãe endureceu. Ela ergueu os ombros, como se estivesse se preparando para assumir uma carga pesada.

– Claro que posso.

5

Gwenda contou tudo ao pai.

Jurara pelo sangue de Jesus que guardaria o segredo, por isso iria agora para o inferno... mas sentia mais medo do pai do que do inferno.

O pai começara perguntando onde ela arrumara Skip, o novo filhote, o que a obrigou a contar como Hop morrera, e, no final, toda a história saiu.

Para sua surpresa, não foi açoitada. Na verdade, o pai pareceu satisfeito. Fez com que ela o levasse à clareira onde as mortes haviam ocorrido. Não foi fácil encontrar o lugar de novo, mas Gwenda acabou descobrindo; e lá estavam os corpos dos dois homens de armas com a libré verde e amarela.

Primeiro, o pai abriu suas bolsas. Ambas continham 20 ou 30 *pence*. Ele se mostrou ainda mais satisfeito com as espadas, que valiam mais do que umas poucas moedas. Começou a despir os mortos, o que era difícil com apenas uma das mãos, então ordenou que Gwenda o ajudasse. Os corpos sem vida eram pesados, estranhos ao contato. O pai a obrigou a tirar tudo o que eles usavam, inclusive as calças enlameadas e as roupas de baixo sujas.

Ele envolveu as armas com as roupas, formando o que parecia ser uma trouxa de trapos. Depois, os dois arrastaram os corpos nus para a moita.

O pai demonstrava a maior animação quando voltaram para Kingsbridge. Levou Gwenda para a Slaughterhouse Ditch, uma rua perto do rio, e entraram numa taverna grande e suja chamada White Horse. Ele comprou uma caneca de cerveja para Gwenda e foi para os fundos do prédio com o taverneiro, a quem chamava de Davey Boy. Era a segunda vez que Gwenda bebia cerveja naquele dia. O pai voltou poucos minutos depois sem a trouxa.

Retornaram à rua principal. Encontraram a mãe, Philemon e o bebê na Bell Inn, ao lado do portão do priorado. Exultante, o pai piscou para a mãe e

entregou-lhe um bom punhado de dinheiro para esconder entre as roupas do bebê.

Já ia anoitecer, e a maioria dos visitantes já voltara para suas aldeias. Mas, como era tarde demais para voltar a Wigleigh, a família passaria a noite na estalagem. O pai exclamava que agora tinham condições, embora a mãe, bastante nervosa, insistisse:

– Não deixe as pessoas saberem que você está com dinheiro!

Gwenda sentia-se exausta. Levantara-se cedo e andara muito. Deitou-se num banco e adormeceu no instante seguinte.

Foi acordada pela batida violenta da porta da estalagem. Ergueu os olhos, surpresa, para ver dois homens de armas entrarem. A princípio, pensou que eram os fantasmas daqueles que haviam morrido na floresta, e sofreu um momento de terror absoluto. Mas depois compreendeu que eram outros, usando o mesmo uniforme, amarelo num lado, verde no outro. O mais jovem carregava uma trouxa de roupas de aparência familiar. O mais velho perguntou ao pai:

– Você é Joby de Wigleigh, não é?

Gwenda ficou apavorada no mesmo instante. Havia um tom sério de ameaça na voz do homem. Não era pose, mas determinação. Ele lhe deu a impressão de que era capaz de fazer qualquer coisa para conseguir o que queria.

– Não – respondeu o pai, mentindo instantaneamente. – Vocês encontraram o homem errado.

Os dois ignoraram a resposta. O segundo homem pôs a trouxa na mesa e abriu-a. Havia duas túnicas em amarelo e verde envolvendo duas espadas e duas adagas. Ele olhou para o pai.

– De onde veio isto?

– Nunca vi antes. Juro pela Cruz.

Era uma estupidez negar, pensou Gwenda. Eles arrancariam a verdade do pai, assim como ele arrancara dela. O mais velho dos homens de armas informou:

– Davey, o dono do White Horse, disse que havia comprado de Joby Wigleigh.

A voz vibrava de ameaça. As poucas outras pessoas ali levantaram-se e saíram da estalagem, ficando apenas a família de Gwenda.

– Joby foi embora há pouco tempo – alegou o pai, desesperado.

O homem assentiu.

– Com a esposa, duas crianças e um bebê.

– Isso mesmo.

O homem avançou com súbita rapidez. Agarrou a túnica do pai com a mão forte e o empurrou contra a parede. A mãe gritou e o bebê começou a chorar. Gwenda viu que a mão direita do homem tinha uma luva acolchoada, coberta por uma cota de malha. Ele recuou o braço e desferiu um soco na barriga do pai. A mãe gritou:

– Socorro! Assassino!

Philemon começou a chorar. O rosto do pai ficou branco de dor e o corpo se tornou inerte. Mas o homem o manteve preso contra a parede, evitando que ele caísse. Deu outro soco, dessa vez no rosto. O sangue esguichou do nariz e da boca do pai.

Gwenda teve vontade de gritar e escancarou a boca, mas nenhum som saiu da garganta. Pensava que o pai era todo-poderoso – muito embora ele fingisse às vezes ser fraco ou covarde, a fim de obter compaixão ou desviar a raiva – e aterrorizava-a agora vê-lo tão impotente.

O estalajadeiro apareceu na porta que dava para os fundos do prédio. Era um homem enorme, na casa dos 30 anos. Uma menina gorducha espiou por trás dele.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou ele, em tom autoritário.

O homem de armas não olhou para ele.

– Fique fora disso – ordenou. E acertou outro soco na barriga do pai, que vomitou sangue.

– Pare com isso! – protestou o estalajadeiro.

– Quem você pensa que é?

– Sou Paul Bell e esta é a minha casa.

– É melhor cuidar de sua própria vida, Paul Bell, se sabe o que é bom para você.

– Acho que você pensa que pode fazer qualquer coisa por usar esse uniforme. – Havia desprezo na voz de Paul.

– Tem toda a razão.

– Mas, afinal, de quem é essa libré?

– Da rainha.

– Bessie, corra para chamar John Constable – disse Paul por sobre o ombro. – Se um homem vai ser assassinado na minha taverna, quero que ele seja testemunha.

A menina desapareceu.

– Não haverá nenhuma morte aqui – declarou o homem de armas. – Joby mudou de ideia. Decidiu que vai me levar ao lugar onde roubou os dois mortos... Não é mesmo, Joby?

O pai não conseguia falar, mas acenou com a cabeça em concordância. O homem o largou. Ele caiu de joelhos, tossindo e vomitando. O homem olhou para o resto da família.

– E a criança que testemunhou a luta...?

– Não! – gritou Gwenda.

O homem balançou a cabeça com satisfação.

– A menina com cara de ratinho, é óbvio.

Gwenda correu para a mãe, que balbuciou:

– Maria, Mãe de Deus, salve minha criança!

O homem agarrou Gwenda pelo braço e a afastou da mãe com um puxão brusco. Ela gritou. O homem resmungou:

– Fique quieta ou vai receber a mesma coisa que o desgraçado do seu pai.

Gwenda comprimiu os maxilares com toda a força para não gritar.

– Levante-se, Joby. – O homem puxou o pai. – Trate de se recuperar logo, pois vamos dar um passeio.

O segundo homem pegou as roupas e as armas. Quando deixavam a estalagem, a mãe ainda gritou, frenética:

– Façam tudo que eles mandarem!

Os homens tinham cavalos. Gwenda se sentou na frente do homem mais velho, enquanto o pai ocupava a mesma posição no outro cavalo. O pai estava impotente, gemendo, por isso a garota os guiou, lembrando o caminho com toda a nitidez, agora que já o percorrera duas vezes. O progresso a cavalo foi rápido, mas mesmo assim a tarde já escurecia quando alcançaram a clareira.

O mais jovem segurou Gwenda e o pai, enquanto o líder tirava os corpos de

seus companheiros de baixo da moita.

– Esse Thomas deve ser um guerreiro excepcional para matar Harry e Alfred juntos – comentou o mais velho, olhando para os cadáveres.

Gwenda compreendeu que os homens não sabiam das outras crianças. Teria confessado que não estava sozinha e que Ralph matara um dos dois, mas estava apavorada demais para falar.

– Ele quase decepou a cabeça de Alfred. – O homem olhou para a menina. – Alguém falou sobre uma carta?

– Não sei! – exclamou ela, recuperando a voz. – Fiquei com os olhos fechados porque sentia muito medo e nem ouvi o que disseram! Juro que é verdade! Eu diria se soubesse!

– Se tivessem pegado a carta antes, ele a teria recuperado depois de matá-los – disse o homem para o companheiro. Então correu os olhos pelas árvores ao redor da clareira, como se esperasse encontrar a carta pendurada entre as folhas. – É bem provável que ele esteja agora no priorado, onde não podemos pegá-lo sem violar a santidade do mosteiro.

O segundo homem disse:

– Pelo menos podemos relatar exatamente o que aconteceu e levar os corpos para um sepultamento cristão.

Houve uma súbita comoção. O pai desvencilhou-se do segundo homem e correu pela clareira. Seu captor fez menção de partir no encalço do pai, mas foi detido pelo homem de armas mais velho.

– Deixe-o ir... qual o sentido de matá-lo agora?

Gwenda começou a chorar baixinho.

– O que vamos fazer com a criança? – perguntou o mais jovem.

Iam matá-la, Gwenda tinha certeza. Não podia enxergar nada através das lágrimas, e soluçava tanto que nem conseguia suplicar por sua vida. Morreria e iria para o inferno. E ficou esperando pelo fim.

– Deixe-a ir embora – murmurou o homem mais velho. – Não nasci para matar crianças.

O outro a soltou e a empurrou. Ela cambaleou e caiu. Levantou-se, limpou os olhos para poder ver e afastou-se cambaleando.

– Corra, menina! – gritou o homem. – Hoje é o seu dia de sorte!



Caris não conseguia dormir. Levantou-se e foi até o quarto da mãe. O pai estava sentado num banco, olhando para o corpo imóvel na cama.

A mãe tinha os olhos fechados e seu rosto brilhava, à luz da vela, com uma camada de suor. Parecia ter dificuldade para respirar. Caris pegou sua mão pálida: estava muito fria. Ela a manteve entre as suas, tentando aquecê-la.

– Por que tiraram o sangue da mamãe?

– Acham que a doença às vezes vem do excesso de um dos humores. Esperam diminuí-lo retirando o sangue.

– Mas isso não fez com que ela melhorasse.

– Não, não fez. Na verdade, ela parece pior.

Lágrimas afloraram nos olhos de Caris.

– Então por que deixou que fizessem isso?

– Os padres e os monges estudam as obras dos filósofos antigos. Sabem mais do que nós.

– Não acredito nisso.

– É difícil saber em que acreditar, meu pequeno botão-de-ouro.

– Se eu fosse médica, só faria coisas para curar as pessoas.

O pai não prestou atenção. Olhava mais atentamente para a mãe. Inclinou-se para a frente e enfiou a mão sob a manta para tocar o peito dela, logo abaixo do seio. Caris podia ver o formato de sua mão enorme por baixo da lã fina. Ele deixou escapar um som abafado. Deslocou a mão e comprimiu com mais firmeza. Conservou-a assim por uns poucos momentos.

Fechou os olhos.

Caiu para a frente, lentamente, até ficar de joelhos ao lado da cama, como se estivesse rezando, a cabeça grande encostada na coxa da mãe, a mão ainda em seu peito.

Caris compreendeu que o pai chorava. Era a coisa mais assustadora que já lhe acontecera, muito mais assustadora do que ver um homem ser morto na floresta. As crianças choravam, as mulheres choravam, as pessoas fracas e desamparadas choravam, mas o pai nunca vertia uma lágrima. Ela teve a sensação de que o mundo ia acabar.

Tinha de pedir ajuda. Largou a mão fria da mãe em cima da manta, onde permaneceu, imóvel. Voltou a seu quarto e sacudiu o ombro de Alice, que dormia.

– Você precisa acordar – disse.

A princípio, Alice não abriu os olhos.

– Papai está chorando! – exclamou Caris.

Alice se sentou na cama.

– Não pode ser.

– Levante-se!

Alice saiu da cama. Caris pegou a mão da irmã e foram juntas para o quarto da mãe. O pai estava de pé agora, olhando para o rosto imóvel no travesseiro, as faces manchadas de lágrimas. Alice fitou-o, em choque. Caris sussurrou:

– Eu disse!

Tia Petranilla se encontrava do outro lado da cama.

O pai viu as meninas paradas na porta. Foi até lá e as abraçou.

– A mãe de vocês foi ao encontro dos anjos – murmurou. – Rezem por sua alma.

– Sejam corajosas, meninas – acrescentou Petranilla. – Daqui em diante serei a mãe de vocês.

Caris removeu as lágrimas dos olhos, fitou a tia e balbuciou:

– Não será, não...

PARTE II

8 A 14 DE JUNHO DE 1337

6

No domingo de Pentecostes, no ano em que Merthin completou 21 anos, uma chuva torrencial caiu sobre a catedral de Kingsbridge.

Enormes gotas ricocheteavam no telhado de ardósia, córregos preenchiam as calhas, fontes jorravam das bocas das gárgulas, lençóis de água desciam pelos botaréus e torrentes projetavam-se pelas arcadas e escorriam pelas colunas, encharcando as imagens dos santos. O céu, a vasta catedral e a cidade tinham todos diferentes tonalidades de cinza.

Pentecostes celebra o momento em que o Espírito Santo surgiu para os discípulos de Jesus. O sétimo domingo depois da Páscoa caía em maio ou junho, logo depois que a maioria das ovelhas da Inglaterra era tosquiada, por isso era sempre o primeiro dia da Feira do Velocino de Kingsbridge.

Enquanto seguia para o serviço matutino na catedral, sob o aguaceiro, puxando o capuz para a frente numa vã tentativa de manter o rosto seco, Merthin teve de passar pela feira. Na extensa campina a oeste da catedral, centenas de negociantes haviam armado seus estandes... e os cobriram às pressas com pedaços de aniagem oleados e panos empastados, a fim de impedir a passagem da chuva. Os mercadores de lã eram as figuras principais na feira, dos pequenos operadores que ofereciam a produção de uns poucos aldeões dispersos aos grandes negociantes, como Edmund, que tinha um armazém cheio de sacos de lã para vender. Ao redor deles, agrupavam-se os estandes subsidiários, vendendo tudo o que o dinheiro podia comprar: vinho doce da Renânia, brocado de seda com fios de ouro de Lucca, tigelas de cristal de Veneza, gengibre e pimenta de lugares no Oriente cujos nomes poucas pessoas conheciam. E, finalmente, havia os comerciantes dos produtos cotidianos, que forneciam aos visitantes e donos dos estandes as necessidades comuns: padeiros, cervejeiros, confeiteiros,

adivinhos e prostitutas.

Os donos dos estandes reagiam com bravura à chuva, gracejando uns com os outros na tentativa de criar um clima festivo, mas o tempo prejudicaria os lucros. Algumas pessoas tinham de fazer negócios de qualquer maneira, com chuva ou com sol: os compradores italianos e flamengos precisam da macia lã inglesa para milhares de teares movimentados em Florença e Bruges. Mas os clientes ocasionais permaneceriam em casa: a esposa de um cavaleiro decidiria que podia passar sem noz-moscada e canela; um próspero camponês daria um jeito para que seu velho casaco durasse mais um inverno; um velho advogado chegaria à conclusão de que sua amante não precisava de uma argola de ouro.

Merthin não tencionava comprar nada. Não tinha dinheiro. Era um aprendiz sem remuneração, vivendo com seu mestre, Elfric Builder. Comia à mesa com a família, dormia no chão da cozinha e usava as roupas descartadas por Elfric, mas não recebia pagamento. Nas longas noites de inverno fabricava brinquedos engenhosos, que vendia por uns poucos *pence* – uma caixa de joias com compartimentos secretos, um galo que esticava a língua quando se apertava seu rabo –, mas no verão não tinha tempo livre, pois trabalhava até o anoitecer.

No entanto, seu aprendizado estava quase terminando. Em menos de seis meses, no primeiro dia de dezembro, iria se tornar um membro pleno da guilda dos carpinteiros de Kingsbridge, aos 21 anos. Aguardava esse momento com a maior ansiedade.

As grandes portas do lado oeste da catedral estavam abertas para admitir os milhares de moradores da cidade e visitantes que compareceriam ao serviço religioso naquele dia. Merthin entrou e sacudiu a chuva das roupas. O chão de pedra estava escorregadio de água e lama. Num dia de sol, o interior da catedral estaria iluminado por feixes de luz, mas hoje os vitrais estavam escuros, a congregação encolhida sob roupas escuras molhadas.

Para onde iria toda aquela chuva? Não havia valas de drenagem em torno da catedral. A água – milhares e milhares de galões – apenas encharcava o solo. Descia mais e mais, até cair como chuva no inferno? Não. A catedral fora construída numa encosta. A água seguia por baixo da terra, descendo pela colina de norte para sul. As fundações dos enormes prédios de pedra eram projetadas para permitir sua passagem, pois o acúmulo seria perigoso. Toda aquela chuva

acabaria no rio, no limite meridional das terras do priorado.

Merthin imaginou que podia sentir o fluxo subterrâneo, a vibração transmitida pelas fundações e pelo chão, alcançando as solas de seus pés.

Uma pequena cadela preta aproximou-se, abanando o rabo, para cumprimentá-lo com a maior alegria.

– Olá, Scrap.

Merthin abaixou-se para afagá-la. Ao erguer os olhos, deparou com a dona da cadela, Caris, e seu coração parou por um instante.

Ela usava um manto escarlate que herdara da mãe. Era o único ponto de cor na escuridão. Merthin sorriu, feliz ao vê-la. Era difícil dizer o que a tornava tão bonita. Caris tinha um rosto pequeno e redondo, feições regulares, cabelos castanhos e olhos verdes com manchas douradas. Não era muito diferente de uma centena de outras moças de Kingsbridge. Mas usava o chapéu num ângulo elegante, exibia um brilho de inteligência zombeteira nos olhos, com um sorriso malicioso, que prometia prazeres vagos mas fascinantes. Merthin a conhecera havia dez anos, mas só nos últimos meses compreendera que a amava.

Caris puxou-o para trás de uma coluna e beijou-o na boca, a ponta de sua língua passando pelos lábios de Merthin.

Beijavam-se sempre que tinham uma oportunidade: na catedral, no mercado, quando se encontravam na rua e – melhor de tudo – quando ele ia à casa de Caris e ficavam a sós. Merthin vivia para esses momentos. Pensava em beijá-la antes de dormir e voltava a pensar assim que acordava.

Eles se encontravam na casa dela duas ou três vezes por semana. O pai, Edmund, gostava dele, embora a tia Petranilla fosse contra. Um homem jovial, Edmund muitas vezes o convidava para ficar para o jantar. Merthin aceitava, agradecido, pois sabia que a refeição seria melhor do que na casa de Elfric. Ele e Caris jogavam xadrez ou damas ou apenas conversavam. Merthin gostava de observá-la contando uma história ou explicando alguma coisa, as mãos desenhando imagens no ar, o rosto expressando divertimento ou espanto, de acordo com o relato. Na maior parte do tempo, no entanto, esperava pelos momentos em que podia roubar-lhe um beijo.

Ele observou ao redor na catedral: ninguém olhava naquela direção. Merthin enfiou a mão por dentro do manto e tocou no linho macio do vestido. O corpo de

Caris era quente. A mão subiu, a palma envolveu o seio pequeno e redondo. Ele adorava a maneira como a carne de Caris cedia à pressão da ponta de seus dedos. Nunca a vira nua, mas conhecia os seios com a maior intimidade.

Em seus sonhos, os dois iam mais longe. Ficavam a sós em algum lugar, uma clareira na floresta ou um quarto grande num castelo, e ambos estavam nus. Por mais estranho que parecesse, porém, os sonhos sempre terminavam um momento antes de penetrá-la, e ele acordava na maior frustração.

Um dia, pensava ele, um dia...

Ainda não haviam falado sobre casamento. Os aprendizes não podiam casar, por isso ele tinha de esperar. Caris, com certeza, já deveria ter se perguntado o que fariam quando o período de aprendizado terminasse, mas ela nunca expressara nada. Parecia contente em viver um dia de cada vez. E Merthin tinha um medo supersticioso de falar sobre o futuro juntos. Diziam que os peregrinos não deviam passar muito tempo planejando a jornada, pois podiam tomar conhecimento de tantos riscos que decidiriam não partir.

Uma freira apareceu por ali, e Merthin retirou a mão do busto de Caris com um sentimento de culpa, mas a religiosa não os notou. As pessoas faziam coisas de todos os tipos na vasta catedral. No ano passado, Merthin vira um casal mantendo relações sexuais junto da parede da nave sul, durante a cerimônia da véspera de Natal – embora tivessem sido expulsos por isso. Especulou se ele e Caris poderiam continuar a se acariciar discretamente.

Mas ela tinha outras ideias.

– Vamos para a frente.

Caris o pegou pela mão e o levou através da multidão. Merthin conhecia muitas das pessoas ali, mas nem todas: Kingsbridge era uma das maiores cidades da Inglaterra, com cerca de 7 mil habitantes, e ninguém conhecia todo mundo. Ele acompanhou Caris até o ponto em que a nave se encontrava com os transeptos. Ali, encontraram uma barreira de madeira que bloqueava a passagem para a extremidade leste, o coro, a área que era reservada ao clero.

Merthin descobriu-se ao lado de Buonaventura Caroli, o mais importante dos mercadores italianos, um homem corpulento, com um grosso casaco de lã todo bordado. Vinha de Florença – que dizia ser a maior cidade do mundo cristão, mais de dez vezes maior do que Kingsbridge –, mas agora vivia em Londres,

cuidando dos muitos negócios que sua família mantinha com os produtores de lã ingleses. Os Carolis eram tão ricos que emprestavam dinheiro a reis, mas Buonaventura era amável e despretensioso – embora as pessoas dissessem que podia ser implacável nos negócios.

Caris o cumprimentou com toda a familiaridade, já que o homem estava hospedado em sua casa. Ele ofereceu um aceno de cabeça cordial a Merthin embora devesse ter adivinhado, pela idade e as roupas velhas, que era um simples aprendiz. Buonaventura estudava a arquitetura. Puxou uma conversa afável:

– Visito Kingsbridge há cinco anos, mas até hoje nunca havia notado que as janelas dos transeptos são muito maiores do que as outras. – Ele falou em francês, com uma mistura de palavras do dialeto da região italiana da Toscana.

Merthin não teve dificuldade para compreender. Como a maioria dos filhos dos cavaleiros ingleses, crescera falando francês normando com os pais e inglês com os companheiros, e podia adivinhar o significado de muitas palavras italianas porque aprendera latim na escola dos monges.

– Posso explicar por que as janelas são assim.

Buonaventura ergueu as sobrancelhas, surpreso por um aprendiz alegar tal conhecimento.

– A catedral foi construída há duzentos anos, quando as janelas ogivais estreitas eram um esquema revolucionário – continuou Merthin. – Um século depois, o bispo queria uma torre mais alta, então reconstruiu os transeptos na mesma ocasião, abrindo janelas maiores que ele julgava estarem na moda.

Buonaventura ficou impressionado.

– E como sabe de tudo isso?

– Há na biblioteca do mosteiro uma história do priorado, chamada *Livro de Timothy*, que narra tudo sobre a construção da catedral. A maior parte foi escrita no tempo do grande prior Philip, mas autores posteriores acrescentaram novas informações. Li quando era menino na escola dos monges.

Buonaventura olhou Merthin fixamente por um momento, como se quisesse memorizar seu rosto, antes de murmurar casualmente:

– É um belo prédio.

– Os prédios na Itália são muito diferentes?

Merthin era fascinado pelos outros países, sua vida em geral e a arquitetura em particular. A expressão de Buonaventura era pensativa.

– Creio que os princípios da construção são os mesmos por toda parte – comentou Buonaventura. – Mas nunca vi domos na Inglaterra.

– O que é um domo?

– Um telhado redondo, como se fosse uma meia bola.

– Nunca ouvi falar disso! – exclamou Merthin, atônito. – Como é construído?

– Meu jovem, sou um negociante de lã – respondeu o outro, rindo. – Posso dizer se um velocino vem de uma ovelha de Cotswold ou de uma ovelha de Lincoln apenas esfregando a lã entre o indicador e o polegar. Mas não sei como um galinheiro é construído, muito menos um domo.

O mestre de Merthin, Elfric, aproximou-se. Era um homem próspero e usava roupas caras, mas sempre dava a impressão de que elas pertenciam a outra pessoa. Com seu jeito interesseiro, ignorou Caris e Merthin, mas fez uma reverência profunda a Buonaventura e disse:

– É uma honra tê-lo de novo em nossa cidade, senhor.

Merthin se afastou dos dois.

– Quantas línguas você acha que existem? – perguntou-lhe Caris.

Ela sempre falava sobre coisas absurdas.

– Cinco – respondeu Merthin, sem pensar.

– Vamos falar sério. Há o inglês, o francês e o latim. São três. Os florentinos e os venezianos falam de maneiras diferentes, embora tenham palavras em comum.

– Tem razão. – Merthin entrou no jogo. – Já são cinco. E há o flamengo.

Poucas pessoas em Kingsbridge podiam entender a língua dos mercadores que vinham das cidades de tecelagem de Flandres: Ypres, Bruges, Ghent.

– E o dinamarquês.

– Os árabes têm seu próprio idioma e, quando escrevem, nem usam as mesmas letras que nós.

– E madre Cecilia me disse que todos os bárbaros falam outra língua, embora ninguém saiba como escrevê-las. Escoceses, galeses, irlandeses e provavelmente outros. Com isso, já temos onze... e podem até existir povos de que nunca

ouvimos falar!

Merthin sorriu. Caris era a única pessoa com quem podia conversar assim. Nenhum amigo da sua idade compreendia a emoção de imaginar povos estranhos e diferentes maneiras de viver. Ela fazia perguntas ao acaso: Como é viver na beira do mundo? Os padres estão errados sobre Deus? Como você sabe que não está sonhando neste momento? E os dois se lançavam numa viagem especulativa, competindo para saber quem apresentava as ideias mais extravagantes.

O barulho das conversas na catedral cessou de repente. Merthin viu que os monges e as freiras começavam a se sentar. O mestre do coro, Carlus Cego, entrou por último. Embora não enxergasse, caminhava sem ajuda na catedral e nos prédios monásticos, devagar, mas tão confiante quanto um homem dotado de visão, conhecendo cada pilastra e cada laje. Então ele emitiu uma nota, em sua profunda voz de barítono, e o coro começou a cantar um hino.

Merthin mantinha um ceticismo discreto em relação ao clero. Os padres exerciam um poder que nem sempre combinava com seus conhecimentos... Mais ou menos como seu empregador, Elfric. Mas ele gostava de frequentar a igreja. Os serviços religiosos o induziam a uma espécie de transe. A música, a arquitetura e as invocações em latim o fascinavam e ele se sentia como se dormisse com os olhos abertos. Mais uma vez, ele experimentou a sensação fantasiosa de que podia sentir a água da chuva correndo em torrentes sob seus pés.

Seu olhar vagueou pelos três níveis da nave: arcada, galeria e clerestório. Sabia que as colunas eram feitas pondo-se uma pedra sobre outra, mas davam uma impressão diferente, pelo menos à primeira vista. Os blocos de pedra eram esculpidos de tal forma que cada coluna parecia um feixe de hastes. Ele acompanhou a subida de um dos quatro pilares gigantescos da interseção – da imensa base até o ponto em que uma projeção estendia-se para o norte, formando uma arcada sobre a nave lateral –, antes de continuar a subir até o nível da tribuna. Outra projeção seguia para oeste, formava a arcada da galeria e continuava a subir para se tornar a arcada do clerestório. As hastes restantes se separavam, como um buquê de flores, para se tornarem as vigas do teto abobadado. Da saliência central, no ponto mais alto da abóbada, ele acompanhou

a descida de uma haste até a coluna equivalente no outro lado da interseção.

E, no instante em que o fazia, uma coisa estranha aconteceu. Sua vista pareceu momentaneamente turva e ele teve a impressão de que o lado leste do transepto se deslocava.

Houve um rumor baixo, tão profundo que foi quase inaudível, e um tremor sob seus pés, como se uma árvore tivesse caído nas proximidades.

O canto hesitou.

No coro, apareceu uma rachadura na parede do lado sul, bem ao lado do pilar que Merthin estudava.

Ele começou a se virar para Caris. Pelo canto do olho, viu blocos de pedra caindo em cima do coro e na interseção. E depois o barulho prevaleceu sobre tudo: mulheres dando gritos estridentes, homens berrando, o estrondo ensurdecedor das enormes pedras batendo no chão. Durou um longo momento. Quando o silêncio voltou, Merthin descobriu que segurava Caris, o braço esquerdo em torno de seus ombros, comprimindo-a contra ele, o braço direito protetor a cobrir sua cabeça, o corpo se interpondo entre sua amada e o lugar em que uma parte da enorme catedral desabara em ruínas.



Foi obviamente um milagre o fato de ninguém ter morrido.

O dano maior era na nave sul do coro, onde não havia ninguém durante o serviço. A congregação não era admitida no coro e o clero se concentrava na parte central. Vários monges haviam escapado por um triz, o que apenas aumentava os rumores sobre milagres. Outros haviam sofrido cortes e equimoses de lascas voando. A congregação não sofrera mais do que uns poucos arranhões. Era evidente que todos haviam recebido uma proteção sobrenatural de Santo Adolfo, cujos ossos estavam preservados sob o altar-mor. Seus milagres incluíam muitos casos de cura de doentes e de salvação de pessoas da morte. Mas, de um modo geral, todos concordavam que Deus enviara um aviso aos habitantes de Kingsbridge. Só que ainda não era claro o propósito da advertência.

Uma hora depois, quatro homens inspecionavam os danos. Irmão Godwyn, o

primo de Caris, era o sacristão, o responsável pela catedral e por todos os seus tesouros. Sob o seu comando, como matriculário, ou mestre de obras, encarregado dos reparos e operações de construção, seguia o irmão Thomas, que fora sir Thomas Langley dez anos antes. O contrato para a manutenção da catedral era de Elfric, carpinteiro por treinamento e construtor geral por ofício. E Merthin acompanhava o grupo, como aprendiz de Elfric.

A extremidade leste da catedral era dividida por pilares em quatro seções, chamadas de baias. O desabamento afetara as duas baias mais próximas da interseção. A abóbada de pedra sobre a nave sul fora destruída por completo na primeira baia e parcialmente na segunda. Havia rachaduras na galeria da tribuna e pedras da armação caíram de janelas do clerestório.

– Alguma fraqueza na argamassa permitiu que a abóbada desabasse, e isso causou as rachaduras nos níveis superiores – declarou Elfric.

Não parecia correto para Merthin, mas ele carecia de uma explicação alternativa.

Merthin detestava seu mestre. Fora primeiro aprendiz do pai de Elfric, Joachim, um construtor experiente que trabalhara em igrejas e pontes em Londres e Paris. O velho gostava de explicar a Merthin os conhecimentos dos pedreiros: o que eles chamavam de seus “mistérios”, que eram acima de tudo fórmulas aritméticas para construção – como a proporção entre a altura de um prédio e a profundidade de suas fundações. Merthin gostava de números e absorvia tudo o que Joachim podia lhe ensinar.

Mas Joachim morrera e Elfric assumira. Elfric achava que a lição mais importante para um aprendiz era a obediência. Merthin tinha dificuldade para aceitar essa imposição e Elfric o punia com pouca ração, roupas de tecido frágil e trabalho ao ar livre nos dias gelados. Para agravar a situação, a filha gorducha de Elfric, Griselda, da mesma idade de Merthin, vivia sempre bem-vestida e bem agasalhada.

A esposa de Elfric morrera três anos antes e ele se casara com Alice, a irmã mais velha de Caris. As pessoas achavam que Alice era a irmã mais bonita. Era verdade que ela tinha feições mais regulares, mas carecia das atitudes cativantes de Caris. Merthin a achava insípida. Alice sempre parecera gostar de Merthin quase tanto quanto a irmã. Por isso ele esperava que o casamento levasse Elfric a

tratá-lo melhor. Mas acontecera o inverso. Alice parecia pensar que era seu dever conjugal juntar-se ao marido para atormentá-lo.

Merthin sabia que muitos outros aprendizes sofriam da mesma maneira. Todos aturavam, porque o aprendizado era o único acesso a um ofício bem remunerado. As guildas dos artesãos bloqueavam com eficiência os que queriam exercer um ofício de outra maneira. Ninguém podia trabalhar numa cidade sem pertencer a uma guilda. Até mesmo um padre, um monge ou uma mulher que quisesse negociar com lã ou produzir cerveja para vender teria de ingressar numa guilda. E fora das cidades quase não havia trabalho: os camponeses construíam suas próprias casas e costuravam suas próprias roupas.

Ao final do aprendizado, a maioria dos rapazes permanecia com o mestre, trabalhando por um salário. Uns poucos acabavam como sócios, assumindo os negócios quando o velho mestre morria. Esse não seria o destino de Merthin, de tanto que detestava Elfric. Já decidira que o deixaria no momento em que pudesse.

– Vamos olhar de cima – propôs Godwyn.

Eles se encaminharam para leste.

– É bom vê-lo de volta de Oxford, irmão Godwyn – disse Elfric. – Mas deve sentir falta da companhia de todas aquelas pessoas de grande saber.

Godwyn acenou com a cabeça.

– Os mestres são mesmo espantosos.

– E os outros estudantes... devem ser jovens extraordinários, eu imagino. Apesar de também ouvirmos histórias de mau comportamento.

Godwyn exibiu uma expressão desolada.

– Infelizmente algumas dessas histórias são verdadeiras. Quando um jovem padre ou monge se afasta de casa pela primeira vez, pode sofrer tentações.

– Seja como for... somos afortunados por contar em Kingsbridge com o benefício de homens treinados na universidade.

– É muita gentileza sua dizer isso.

– Mas é verdade.

Merthin teve vontade de dizer “Cale a boca, pelo amor de Deus!”. Mas aquele era o jeito de Elfric. Era um artesão deficiente, com um trabalho descuidado e um julgamento impreciso, mas sabia como se insinuar nas boas

graças dos outros. Merthin o observara fazer isso muitas vezes: Elfric podia ser tão encantador com as pessoas de quem queria alguma coisa quanto era grosseiro com aqueles de quem nada precisava.

Merthin tinha ficado mais surpreso com Godwyn. Como um homem inteligente e instruído podia deixar de perceber como Elfric era? Talvez fosse menos óbvio para a pessoa que era alvo dos elogios.

Godwyn abriu uma pequena porta e subiu pela estreita escada em espiral oculta na parede. Merthin ficou animado. Adorava entrar nas passagens secretas da catedral. Também se sentia curioso pelo dramático desabamento, ansioso por descobrir a causa.

As naves eram estruturas de um único andar, projetando-se dos lados do corpo principal da catedral. Tinham tetos de pedra, com vigas em abóbada. Por cima da abóbada, um telhado inclinado erguia-se da borda exterior da nave até a base do clerestório. Sob esse telhado inclinado havia um vazio triangular, sendo seu piso o lado oculto, ou extradorso, do teto abobadado da nave. Os quatro homens entraram nesse vazio para, de cima, avaliar os danos.

O lugar era iluminado por aberturas de janelas para o interior da catedral. Além disso, Thomas tivera a precaução de trazer um lampião a óleo. A primeira coisa que Merthin notou ali foi que as abóbadas, vistas de cima, não eram exatamente iguais em cada baia. A do leste tinha uma curva um pouco menos acentuada que a vizinha, enquanto a seguinte – parcialmente destruída – parecia ser também diferente.

Caminharam pelo extradorso, mantendo-se perto da beirada, onde a abóbada era mais forte, até chegarem tão perto quanto ousavam da parte desabada. A abóbada fora construída da mesma maneira que o resto da catedral, com as pedras unidas por argamassa, só que as do teto eram muito finas e leves e ficavam quase vertical ao subir de seu apoio, mas depois se inclinavam para dentro, até se encontrarem com o trecho que partia do outro lado.

– A primeira coisa a fazer, obviamente, é reconstruir a abóbada sobre as duas primeiras baias da nave – declarou Elfric.

– Faz muito tempo que ninguém constrói uma abóbada com vigas. – Thomas olhou para Merthin. – Você é capaz de fazer o cimbre?

Merthin sabia a que ele se referia. Na beira da abóbada, onde a alvenaria era

quase vertical, as pedras ficariam no lugar por seu próprio peso; mais alto, porém, à medida que se inclinasse para a horizontal, havia necessidade de uma sustentação para mantê-las no lugar enquanto a argamassa secava. O método óbvio era fazer o cimbre, uma armação de madeira também conhecida como cambota, ajeitando as pedras por cima.

Era um desafio e tanto para um carpinteiro, pois as curvas tinham de ser exatas. Thomas conhecia a competência do rapaz. Afinal, supervisionara o trabalho de Merthin e Elfric na catedral ao longo de vários anos. De qualquer forma, era falta de tato de Thomas dirigir-se ao aprendiz antes do mestre. Elfric reagiu no mesmo instante:

– Sob a minha supervisão, é claro que ele pode fazer.

– Posso fazer o cimbre – respondeu Merthin, já pensando na maneira como a armação seria sustentada por andaimes, na plataforma em que os pedreiros trabalhariam. – Mas essas abóbadas não foram construídas com cimbres.

– Não diga bobagem, menino – resmungou Elfric. – Claro que foram. Você não sabe nada sobre isso.

Merthin sabia que era uma insensatez discutir com seu mestre. Por outro lado, dentro de seis meses estaria competindo com Elfric por trabalho e precisava que pessoas como o irmão Godwyn acreditassem em sua competência. Além disso, sentiu-se humilhado pelo desdém na voz de Elfric e teve um desejo irresistível de provar que seu mestre estava enganado.

– Reparem no extradorso – disse ele, indignado. – Depois de terminarem uma baia, era de esperar que os pedreiros usassem a mesma armação na seguinte. Nesse caso, todas as abóbadas teriam a mesma curva. Mas, na verdade, são todas diferentes.

– É óbvio que não tornaram a usar as armações – declarou Elfric, irritado.

– Por que não fariam isso? – insistiu Merthin. – Deviam querer poupar madeira, para não falar dos salários de carpinteiros competentes.

– Seja o que for, não é possível construir abóbadas sem uma armação de madeira.

– É, sim. Há um método...

– Já chega! – exclamou Elfric. – Você está aqui para aprender, não para ensinar.

Godwyn interveio:

– Só um momento, Elfric. Se o garoto estiver certo, poderemos poupar muito dinheiro para o priorado. – Ele olhou para Merthin. – O que você ia dizer?

Merthin quase desejou não ter levantado o assunto. Teria de pagar caro mais tarde. Mas já tinha se comprometido. Se recuasse, todos pensariam que não sabia do que falava.

– Está descrito num livro da biblioteca do mosteiro e é muito simples. À medida que cada pedra é assentada, passa-se uma corda em torno. Uma ponta da corda é amarrada na parede e se prende um peso de madeira na outra ponta. A corda forma um ângulo reto na beira da pedra, impedindo-a de se soltar da camada de argamassa e cair no chão.

Houve um momento de silêncio enquanto todos se concentravam tentando visualizar a disposição. Depois, Thomas acenou com a cabeça e comentou:

– Pode dar certo.

Elfric ficou furioso. Godwyn estava intrigado.

– Que livro é esse?

– Chama-se *Livro de Timothy*.

– Conheço o livro, mas nunca o estudei. É evidente agora que deveria tê-lo lido. – Godwyn olhou para os outros. – Já vimos o suficiente?

Elfric e Thomas assentiram. Enquanto desciam, Elfric sussurrou para Merthin:

– Compreende que acaba de abrir mão de várias semanas de trabalho? Aposto que não faria isso se fosse o próprio mestre.

Merthin não pensara a respeito. Elfric tinha razão: ao provar que o cimbre era desnecessário, ele ficara sem o trabalho. Mas havia alguma coisa de errado na maneira de pensar de Elfric. Era injusto permitir que alguém gastasse dinheiro desnecessariamente, só para ter um trabalho. Merthin não queria ganhar a vida enganando as pessoas.

Desceram a escada em espiral para o coro. Elfric disse a Godwyn:

– Virei procurá-lo amanhã com um preço para o trabalho.

– Combinado.

Elfric se virou para Merthin:

– Fique aqui e conte as pedras numa abóbada da nave lateral. Leve-me a

resposta em casa.

– Está bem.

Elfric e Godwyn se retiraram, mas Thomas ficou.

– Eu o meti numa encrenca.

– Tentou me ajudar.

O monge deu de ombros e fez um gesto de “o que se pode fazer” com o braço direito. O braço esquerdo fora amputado na altura do cotovelo dez anos antes, depois da infecção do ferimento sofrido no combate que Merthin testemunhara.

Merthin quase não pensara mais naquela estranha cena na floresta – acostumara-se a Thomas com o hábito de monge –, mas a recordou nesse momento: os homens de armas, as crianças escondidas na moita, o arco e flecha, a carta enterrada. Thomas sempre o tratava com toda a gentileza e Merthin achava que era pelo que acontecera naquele dia.

– Nunca contei a ninguém sobre a carta – murmurou ele.

– Sei disso. Se tivesse contado, você estaria morto.



A maioria das grandes cidades era dirigida por uma guilda de mercadores, uma organização dos cidadãos mais eminentes. Sob a guilda dos mercadores, havia numerosas guildas de artesãos, cada uma dedicada a um ofício específico: pedreiros, carpinteiros, curtidores de couro, tecelões, alfaiates. Havia ainda as guildas paroquiais, pequenos grupos centrados em torno de igrejas locais, formados para levantar dinheiro para vestes sacerdotais e ornamentos sagrados, além de ajuda a viúvas e órfãos.

As cidades com catedrais eram diferentes. Kingsbridge, como Saint Albans e Bury Saint Edmunds, era regida pelo mosteiro, que possuía quase todas as terras dentro e ao redor da cidade. Os priores sempre haviam recusado permissão para uma guilda de mercadores. Contudo, os artesãos e mercadores mais importantes pertenciam à guilda paroquial de Santo Adolfo. Não restava a menor dúvida de que começara, no passado distante, como um grupo devoto que angariava dinheiro para a catedral. Agora era a organização mais importante da cidade.

Determinava regras para a condução de negócios e elegia um regedor e seis auxiliares para impor o cumprimento. No salão da guilda eram mantidas as medidas que padronizavam o peso de um saco de lã, a extensão de uma peça de pano e o volume de um alqueire para todas as transações em Kingsbridge. Mas os mercadores não podiam formar tribunais e dispensar justiça, como acontecia nas outras cidades, pois o priorado de Kingsbridge se reservava esses poderes.

Na tarde do domingo de Pentecostes, a guilda paroquial ofereceu um banquete para os compradores visitantes mais importantes. Edmund Wooler era o regedor e Caris o acompanhou como anfitriã. Assim, Merthin teria de se divertir sem ela.

Por sorte, Elfric e Alice também foram ao banquete. Ele sentou sozinho na cozinha, escutando a chuva e pensando. Não fazia frio, mas fora aceso um pequeno fogo para cozinhar e o brilho vermelho era animador.

Ele podia ouvir a filha de Elfric, Griselda, lá em cima. Era uma boa casa, embora menor que a de Edmund. Embaixo havia apenas a sala e a cozinha. A escada levava a um patamar aberto, onde Griselda dormia, e a um quarto fechado, para o mestre e sua esposa. Merthin dormia na cozinha.

Certa ocasião, três ou quatro anos antes, Merthin fora atormentado à noite por fantasias de subir a escada e se meter por baixo das cobertas, ao lado do corpo quente e roliço de Griselda. Mas ela se considerava superior, tratando-o como a um servo. Nunca lhe dera o menor encorajamento.

Sentado num banco, Merthin olhava para o fogo e visualizava o andaime de madeira que construiria para os pedreiros que reconstituiriam a abóbada desmoronada na catedral. A madeira era cara e os troncos compridos eram raros. Os donos das florestas costumavam ceder à tentação de vender a madeira antes do pleno desenvolvimento da árvore. Por isso os construtores tentavam reduzir a quantidade de madeira usada em andaimes. Em vez de construírem do nível do chão, poupavam madeira ao suspendê-los a partir das paredes existentes.

Enquanto ele pensava, Griselda entrou na cozinha e foi se servir de uma caneca de cerveja do barril.

– Quer também? – perguntou ela.

Merthin aceitou, surpreso com a cortesia. Ela tornou a surpreendê-lo ao sentar num banco na sua frente para beber.

O namorado de Griselda, Thurstan, desaparecera havia três semanas. Sem dúvida, ela agora se sentia solitária e era por isso que procurava a companhia de Merthin. A bebida esquentou seu estômago e o relaxou. Em busca de alguma coisa para dizer, ele perguntou:

– O que aconteceu com Thurstan?

Ela balançou a cabeça, como uma égua arisca.

– Eu disse que não queria me casar com ele.

– Por que não?

– Ele é jovem demais para mim.

Isso não pareceu certo a Merthin. Thurstan tinha 17 anos e Griselda, 20... e ela não era muito madura. Era mais provável, pensou Merthin, que Griselda o considerasse de uma classe inferior. Thurstan chegara a Kingsbridge dois ou três anos antes, sem que ninguém soubesse de onde vinha. Trabalhara como ajudante não especializado para vários artesãos da cidade. Era de imaginar que tivesse se sentido entediado com Griselda e Kingsbridge e decidira ir embora.

– Para onde ele foi?

– Não sei e não me importo. Devo me casar com alguém da minha idade, alguém com senso de responsabilidade. Talvez um homem que possa um dia assumir o negócio de meu pai.

Ocorreu a Merthin que Griselda podia estar se referindo a ele. Não, não era possível, pois ela sempre o menosprezara. Griselda se levantou e foi sentar no banco, ao lado dele.

– Meu pai é rancoroso com você. Sempre achei isso. – Merthin ficou atônito.

– Demorou bastante para você dizer isso. Estou morando aqui há seis anos e meio.

– É difícil ficar contra minha família.

– Mas por que ele é tão infame comigo?

– Porque você sabe das coisas melhor do que ele e não consegue esconder.

– Talvez eu saiba mesmo.

– Viu?

Merthin riu. Era a primeira vez que ela o fazia rir.

Griselda chegou mais perto, de tal forma que sua coxa, coberta pelo vestido de lã, encostou nele. Merthin usava sua velha camisa de linho, que descia até o

meio das pernas, com o calção que todos os homens vestiam por baixo. Podia sentir o calor do corpo de Griselda através das roupas. O que provocava isso? Ele a fitou, incrédulo. Tinha cabelos escuros lustrosos e olhos castanhos. O rosto era atraente, mas meio carnudo. E tinha uma boca bonita para ser beijada.

– Gosto de ficar dentro de casa num dia de chuva – murmurou ela. – É aconchegante.

Merthin se sentia cada vez mais excitado. Desviou os olhos. O que Caris pensaria, imaginou ele, se entrasse ali naquele momento? Ele tentou reprimir o desejo, mas isso só serviu para torná-lo mais intenso.

Tornou a olhar para Griselda. Ela tinha os lábios úmidos e entreabertos. Inclinou-se para ele. Merthin a beijou. No mesmo instante, ela enfiou a língua em sua boca. Foi uma intimidade súbita e chocante, que o deixou ainda mais excitado. Ele reagiu da mesma maneira. Não era como beijar Caris...

O pensamento o deteve. Ele se desvencilhou de Griselda e se levantou.

– Qual é o problema?

Merthin não queria contar a verdade, por isso disse:

– Você sempre deu a impressão de que não gostava de mim.

Ela se mostrou irritada.

– Já disse que tinha de ficar do lado de minha família.

– Você mudou muito repentinamente.

Griselda se levantou e avançou. Merthin recuou até encostar na parede. Ela pegou sua mão e comprimiu-a contra o busto. Os seios eram redondos e cheios e ele não pôde resistir à tentação de acariciá-los.

– Já fez isso antes... a coisa de verdade... com uma mulher?

Merthin descobriu que não era capaz de falar, mas assentiu.

– Já pensou em fazer comigo?

– Já.

– Pode fazer agora, se quiser, enquanto todo mundo está fora. Podemos subir e nos deitar na minha cama.

– Não.

Griselda comprimiu o corpo contra o dele.

– Beijá-lo me deixou toda quente e molhada por dentro.

Ele a afastou. O empurrão foi mais brusco do que tencionava. Griselda

cambaleou para trás e caiu sobre o traseiro bem fornido.

– Deixe-me em paz! – gritou Merthin.

Ele não tinha certeza se era isso mesmo que queria, mas Griselda aceitou sua palavra.

– Pois então vá para o inferno! – Ela se levantou e subiu, batendo os pés.

Merthin continuou onde estava, ofegante. Agora que a rejeitara, já se arrependia.

Os aprendizes não eram atraentes para as jovens, que não queriam esperar anos pelo casamento. Mesmo assim, Merthin cortejara várias garotas de Kingsbridge. Uma delas, Kate Brown, gostara dele o suficiente para deixá-lo ir até o fim, numa tarde quente de verão, um ano antes, no pomar de seu pai. Depois, o pai morrera de repente e a mãe levara a família para viver em Portsmouth. Fora a única ocasião em que Merthin fizera sexo com uma mulher. Era louco por rejeitar a oferta de Griselda?

Ele disse a si mesmo que tivera sorte ao escapar. Griselda era mesquinha e não gostava dele. Deveria se orgulhar de ter resistido à tentação. Não seguira o instinto, como um animal estúpido; tomara uma decisão, como um homem.

E foi nesse instante que Griselda começou a chorar.

O choro não era alto, mas dava para ouvir. Ele foi até a porta dos fundos. Como todas as casas na cidade, a de Elfric tinha uma faixa de terra atrás, comprida e estreita, com uma latrina e um depósito de lixo. Em quase todas as casas havia galinhas e um porco, uma horta e árvores frutíferas. Mas o terreno de Elfric era usado para guardar pilhas de madeira e de pedras, rolos de corda, baldes, carrinhos de mão e escadas. Merthin ficou olhando para a chuva caindo no quintal, mas mesmo assim os soluços de Griselda ainda alcançavam seus ouvidos.

Ele decidiu sair da casa. Foi até a frente, mas não pôde imaginar para onde iria. Só encontraria Petranilla na casa de Caris, e tinha certeza de que ela não gostaria de recebê-lo. Pensou em ir até a casa dos pais, mas, naquele estado, eram as últimas pessoas que gostaria de ver. Poderia conversar com o irmão, mas Ralph só voltaria a Kingsbridge mais para o final da semana. Além do mais, ele compreendeu, não poderia sair de casa sem um casaco. Não por causa da chuva, pois não se importava de ficar molhado, mas porque o volume na frente das

roupas não iria diminuir tão cedo.

Tentou pensar em Caris. Imaginou que ela estaria tomando vinho, comendo rosbife e pão de trigo. E se perguntou o que ela estaria vestindo. Ficava muito bem num vestido rosa, com um decote quadrado, que deixava à mostra a pele alva do pescoço esguio. Mas o choro de Griselda insistia em se intrometer em seus pensamentos. Queria confortá-la, dizer que lamentava fazer com que ela se sentisse rejeitada, explicar que ela era uma mulher atraente, mas não eram feitos um para o outro.

Merthin sentou, mas logo tornou a se levantar. Era difícil escutar impassível o choro de uma mulher angustiada. Não podia pensar em andaimes com aquele som preenchendo a casa. Não podia ficar, não podia sair, não podia se sentar quieto.

Subiu.

Griselda estava deitada de barriga para baixo no colchão de palha que era sua cama. O vestido subira pelas coxas grossas. A pele na parte de trás das pernas era muito branca e parecia macia.

– Desculpe – murmurou Merthin.

– Vá embora.

– Não chore.

– Eu odeio você.

Ele se ajoelhou e acariciou as costas de Griselda.

– Não posso ficar sentado na cozinha ouvindo você chorar.

Ela se virou e o fitou, o rosto molhado pelas lágrimas.

– Sou feia, gorda e você me detesta.

– Não, não detesto você.

Merthin limpou as lágrimas das faces dela com o dorso da mão. Griselda o segurou pelo pulso e o puxou.

– Não mesmo? Jura?

– Não. Mas...

Ela estendeu a mão para trás da cabeça de Merthin, puxou-o e o beijou. Ele gemeu, mais excitado do que nunca. Deitou-se no colchão, ao lado de Griselda. Vou deixá-la daqui a pouco, disse a si mesmo. Só a confortarei por mais um momento, depois vou me levantar e descer.

Griselda pegou a mão dele, levantou a saia e a comprimiu entre suas pernas. Merthin sentiu os pelos duros, a pele macia por baixo, a divisória úmida... e compreendeu que estava perdido. Acariciou-a rudemente, enfiou o dedo. Sentiu que estava prestes a explodir e balbuciou:

– Não posso parar.

– Depressa!

Ela tirou a camisa e baixou o calção de Merthin. Ele montou nela. Sentiu que perdia o controle quando ela o guiou para dentro. O remorso o atingiu antes de acabar.

– Oh, não...

A explosão começou com a primeira arremetida e acabou num instante. Ele arriou em cima de Griselda, os olhos fechados.

– Oh, Deus, eu queria estar morto...

7

Buonaventura Caroli fez seu anúncio surpreendente durante a primeira refeição da segunda-feira, o dia seguinte ao grande banquete no salão da guilda.

Caris se sentia um pouco indisposta ao sentar à mesa de carvalho na sala da casa do pai. Estava com dor de cabeça e um pouco nauseada. Comeu uma pequena porção de pão e bebeu leite quente para aquietar o estômago. Ao recordar que apreciara o vinho no banquete, ela especulou se não teria bebido demais. Seria aquela a sensação na manhã seguinte sobre a qual homens e rapazes gracejavam quando se gabavam da quantidade de bebida forte que podiam tomar?

O pai e Buonaventura comiam carneiro enquanto tia Petranilla contava uma história:

– Quando eu tinha 15 anos, fiquei noiva de um sobrinho do conde de Shiring. Todos consideraram que era uma boa união: o pai dele era um cavaleiro de nível intermediário e o meu era um rico mercador de lã. Até que o conde e seu único filho morreram na Escócia, na batalha de Loudon Hill. Meu noivo, Roland, tornou-se o conde... e rompeu o noivado. Ele ainda é o conde. Se eu tivesse me casado com Roland antes da batalha, seria agora a condessa de Shiring.

Ela mergulhou sua torrada na cerveja.

– Talvez não fosse a vontade de Deus – disse Buonaventura. Então jogou um osso para Scrap, que o devorou como se não comesse havia uma semana. Depois virou-se para o pai: – Meu amigo, há uma coisa que preciso lhe dizer antes de começarmos os negócios do dia.

Caris sentiu, pelo tom de voz, que era uma má notícia, e o pai deve ter tido a mesma intuição, pois comentou:

– Isso parece sinistro.

– Nosso comércio vem encolhendo durante os últimos anos – continuou Buonaventura. – A cada ano minha família vende um pouco menos de tecido, a cada ano compramos um pouco menos de lã da Inglaterra.

– Os negócios são sempre assim – disse Edmund. – Sobem, descem, ninguém sabe por quê.

– Mas agora seu rei resolveu interferir.

Era verdade. Eduardo III compreendera que havia muito dinheiro no negócio de lã e resolvera que uma parte maior deveria ir para a Coroa. Introduzira um novo imposto, de 1 libra por saco de lã. Um saco era padronizado em 165 quilos, vendido por 4 libras, portanto o novo imposto representava um quarto do valor da lã, uma fatia considerável. Buonaventura acrescentou:

– E, o que é pior, ele tornou difícil a exportação da lã da Inglaterra. Tive de pagar subornos enormes.

– A proibição das exportações será suspensa em breve – garantiu Edmund. – Os mercadores da Companhia da Lã em Londres estão negociando com as autoridades reais...

– Espero que você esteja certo. Mas, nas atuais circunstâncias, minha família acha que não preciso mais visitar duas feiras de lã nesta parte do país.

– É isso mesmo! – exclamou Edmund. – Esqueça a cidade de Shiring e venha apenas para cá.

A cidade de Shiring ficava a dois dias de viagem de Kingsbridge. Era mais ou menos do mesmo tamanho, mas, embora não tivesse uma catedral nem um priorado, contava com o castelo do representante do rei e alojava o tribunal do condado. Realizava uma vez por ano uma feira de lã rival.

– Infelizmente não consigo as mesmas condições aqui. A Feira do Velocino de Kingsbridge parece estar declinando. Mais e mais vendedores preferem Shiring. A feira ali oferece uma variedade maior de tipos e qualidades.

Caris ficou consternada. Aquilo podia ser desastroso para o pai.

– Por que os vendedores preferem Shiring? – interveio ela.

Buonaventura deu de ombros.

– A guilda dos mercadores da cidade procura tornar a feira ali cada vez mais atraente. Não há uma fila comprida para passar pelo portão da cidade. Os mercadores podem alugar barracas e estandes. Além disso, há um prédio onde

todos podem negociar à vontade num dia de chuva como este...

– Podemos fazer tudo isso – declarou Caris. O pai soltou uma risada.

– Duvido muito.

– Por que não, papai?

– Shiring é um burgo independente, com uma carta real. A guilda dos mercadores tem o poder de organizar as coisas beneficiando os negociantes de lã. Já Kingsbridge pertence ao priorado.

– Para a glória de Deus – interveio Petranilla.

– Sem dúvida – concordou Edmund. – Mas nossa guilda paroquial não pode fazer nada sem a aprovação do priorado e os priores são cautelosos e conservadores. Meu irmão não é exceção. O resultado é que quase todos os planos de melhoria são rejeitados.

– Em consideração à antiga associação de minha família com você, Edmund, e com seu pai anteriormente, continuamos a vir a Kingsbridge – explicou Buonaventura. – Mas não podemos ser sentimentais em momentos difíceis.

– Pois então deixe-me pedir um pequeno favor, em nome dessa antiga associação. Não tome uma decisão final por enquanto. Mantenha a questão em aberto.

Era uma manobra hábil, pensou Caris. Estava impressionada – como acontecia com frequência – com a astúcia que o pai podia demonstrar numa negociação. Ele não argumentara para que Buonaventura revertesse a decisão, o que só serviria para deixá-lo ainda mais determinado. Era mais provável que o italiano concordasse em ainda não tomar a decisão final. Isso não representava nenhum compromisso, mas deixava a porta aberta.

E Buonaventura achou difícil recusar:

– Está bem. Mas com que finalidade?

– Quero a chance de melhorar a feira, especialmente a ponte – explicou Edmund. – Se pudermos oferecer melhores instalações em Kingsbridge do que em Shiring, e passarmos a atrair mais vendedores, vocês continuariam a nos visitar, não é mesmo?

– Claro.

– Então é isso que temos de fazer. – Edmund levantou-se. – Irei conversar com meu irmão agora. Caris, venha comigo. Vamos lhe mostrar a fila na ponte.

Ou, melhor, Caris, vá chamar aquele seu jovem e competente construtor, Merthin. Precisaremos de seus conhecimentos.

– Ele deve estar trabalhando.

– Pois então diga ao mestre dele que o regedor da guilda paroquial exige a presença do rapaz – declarou Petranilla.

Ela se sentia orgulhosa pelo fato de o irmão ser regedor da guilda e fazia questão de mencioná-lo em todas as oportunidades. Além do mais, tinha toda a razão. Elfric teria de liberar Merthin.

– Vou procurá-lo – disse Caris.

Ela vestiu o manto com capuz e saiu. Ainda chovia, embora não com a mesma intensidade do dia anterior. Elfric, como a maioria dos cidadãos proeminentes, vivia na rua principal, que começava na ponte e seguia até os portões do priorado. Era uma rua larga, agora cheia de carroças e pessoas a caminho da feira, passando por enormes poças e pequenos regatos criados pela chuva.

Caris estava ansiosa para ver Merthin, como sempre. Gostava dele desde aquele Dia de Todos os Santos, dez anos antes, quando Merthin aparecera na área de treino de arco e flecha com o arco que fabricara. Ele era inteligente e divertido. Como ela, sabia que o mundo era um lugar maior e mais fascinante do que a maioria dos cidadãos de Kingsbridge podia conceber. Mas seis meses antes haviam descoberto uma coisa que era ainda melhor do que serem amigos.

Ela já beijara outros rapazes antes de Merthin, embora não com tanta frequência: nunca achara que havia algum sentido. Com ele, no entanto, era diferente, excitante e sensual. Merthin tinha um jeito malicioso que tornava tudo atraente. Caris também gostava quando ele acariciava seu corpo. Queria fazer mais, mas tentava não pensar a respeito. “Mais” significava casamento, e uma esposa tinha de ser subordinada ao marido, que seria seu amo. E Caris detestava essa perspectiva. Felizmente não precisava pensar nisso por enquanto. Merthin não podia se casar até terminar seu aprendizado, e ainda faltava meio ano.

Caris entrou na casa de Elfric. Sua irmã, Alice, se achava sentada à mesa na sala, em companhia de Griselda, a enteada. Comiam pão com mel. Alice mudara nesses três anos desde que se casara com Elfric. Sua natureza sempre fora agressiva, como a de Petranilla. Sob a influência do marido, ela se tornara ainda

mais desconfiada, ressentida e mesquinha. Mas, naquele momento, mostrou-se bastante cordial.

– Sente-se, irmã. O pão está fresco, foi assado esta manhã.

– Não posso. Estou procurando Merthin.

Alice assumiu uma expressão desaprovadora.

– Tão cedo?

– O pai quer falar com ele.

Caris atravessou a cozinha até a porta dos fundos e olhou para o pátio. A chuva caía sobre uma paisagem desoladora de material de construção. Um dos trabalhadores de Elfric punha pedras molhadas num carrinho de mão. Não havia sinal de Merthin. Ela voltou à sala.

– Deve encontrá-lo na catedral – informou Alice. – Ele está fazendo uma porta.

Caris recordou que Merthin falara a respeito. A porta do pórtico norte apodrecera e ele fora encarregado de fazer outra.

– E está esculpindo virgens – acrescentou Griselda, que sorriu e pôs mais pão com mel na boca.

Caris sabia disso também. A velha porta era decorada com esculturas que ilustravam a história que Jesus contara no Monte das Oliveiras sobre as virgens sábias e as insensatas. Merthin tinha de copiá-las. Mas havia algo de desagradável no sorriso de Griselda, pensou Caris: quase como se ela estivesse rindo de Caris por ser virgem.

– Tentarei a catedral.

Com um movimento brusco, ela saiu. Subiu pela rua principal e entrou no adro da catedral. Enquanto se esgueirava entre os estandes, teve a impressão de que certo desânimo pairava sobre a feira. Seria apenas sua imaginação, pelo que Buonaventura dissera? Ela achava que não. Ao recordar as Feiras do Velocino de sua infância, refletiu que eram mais movimentadas e mais concorridas. Naquele tempo, o recinto do priorado não era grande o bastante para comportar toda a feira. Por isso, as ruas próximas eram atravancadas por estandes sem licença – muitas vezes apenas uma banca pequena com produtos diversos –, além de ambulantes com bandejas, malabaristas, adivinhos, músicos e frades itinerantes, chamando os pecadores para a redenção. Agora, parecia que sobrava lugar no

adro da igreja para mais alguns estandes.

– Buonaventura deve estar certo – murmurou ela para si mesma. – A feira está mesmo encolhendo.

Um mercador lançou-lhe um olhar estranho e Caris compreendeu que expressara seu pensamento em voz alta. Era um péssimo hábito: as pessoas achavam que ela falava com os espíritos. Condicionara-se a não fazer isso, mas às vezes esquecia, em especial quando se sentia ansiosa.

Ela contornou a enorme catedral para alcançar a face norte.

Merthin trabalhava no pórtico, uma área ampla em que as pessoas costumavam se reunir. A nova porta estava presa a uma armação de madeira para mantê-la imóvel enquanto ele cuidava das esculturas. A porta antiga permanecia na arcada, toda rachada, se esfarelando. Merthin estava de costas para ela, a luz passando por cima de seus ombros para incidir sobre a madeira à frente. Não a viu, e o barulho da chuva abafou os passos de Caris. Por isso, ela pôde estudá-lo por algum tempo sem ser notada.

Era um homem pequeno, não muito mais alto do que ela. Tinha uma cabeça grande e inteligente sobre um corpo vigoroso. As mãos pequenas movimentavam-se com extrema habilidade pela escultura, arrancando lascas de madeira com uma faca afiada enquanto ele moldava as imagens. A pele era branca e os cabelos vermelhos, abundantes.

– Ele não é muito bonito – comentara Alice, com uma careta, quando Caris admitira que tinha se apaixonado por Merthin.

Era verdade que Merthin não tinha a aparência vistosa do irmão Ralph, mas Caris achava seu rosto maravilhoso: irregular, exuberante, inteligente, com um riso fácil, igual a seu espírito.

– Olá.

Merthin se sobressaltou. Ela riu e comentou:

– Você não costuma se assustar com tanta facilidade.

– Confesso que levei um susto.

Ele hesitou por um instante, mas a beijou em seguida. Parecia um pouco contrafeito, mas isso às vezes acontecia, quando estava concentrado em seu trabalho.

Caris olhou para as imagens esculpidas na madeira. Eram cinco virgens em

cada lado da porta, as sábias festejando o casamento, as insensatas lá fora, segurando lampiões virados ao contrário, para mostrar que não tinham mais óleo. Merthin copiara os desenhos da porta antiga, mas com mudanças sutis. As virgens estavam em filas, cinco num lado, cinco no outro, como as arcadas na catedral. Mas na nova porta não eram exatamente iguais. Merthin dera a cada uma delas um sinal de individualidade. Uma era bonita, outra tinha cabelos crespos, outra chorava, outra fechava um olho numa piscadela maliciosa. Fizera com que fossem reais, e a cena na velha porta parecia agora, em comparação, fria e sem vida.

– É maravilhoso – murmurou Caris. – Mas eu me pergunto o que os monges pensarão.

– O irmão Thomas gosta.

– E o prior Anthony?

– Ele ainda não viu. Mas aceitará. Não vai querer pagar duas vezes.

Era verdade, pensou Caris. Seu tio Anthony não gostava de coisas novas, mas também era parcimonioso. A menção do prior lembrou-a de sua missão.

– Meu pai quer que você se encontre com ele e o prior.

– Ele disse por quê?

– Acho que vai pedir a Anthony para construir uma nova ponte.

Merthin guardou as ferramentas num saco de couro. Varreu o chão, tirando do pórtico a serragem e as lascas de madeira. Depois ele e Caris atravessaram a feira, debaixo da chuva, e seguiram pela rua principal até a ponte de madeira. Caris relatou o que Buonaventura dissera à mesa naquela manhã. Merthin também achava, como ela, que as feiras recentes não eram tão movimentadas quanto as de sua infância.

Apesar disso, havia uma longa fila de pessoas e carroças esperando para entrar em Kingsbridge. Na extremidade próxima da ponte havia um monge numa guarita, recebendo uma taxa de 1 *penny* de cada mercador que queria entrar na cidade para vender seus produtos. A ponte era estreita, por isso ninguém podia se esquivar da fila. Em consequência, pessoas que não precisavam pagar – principalmente os moradores da cidade – também tinham de aguardar. Além disso, algumas tábuas da ponte estavam tortas ou quebradas, o que obrigava as carroças a avançarem devagar. O resultado era que a fila se estendia

interminavelmente pela estrada, passando além das choupanas fora dos limites da cidade e desaparecendo na chuva.

A ponte também era muito curta. Outrora, sem dúvida, os dois lados davam para terra seca. Mas o rio alargara ou a passagem de carroças e pessoas ao longo de décadas e séculos havia afundado as margens. As pessoas tinham de passar agora por uma faixa lamacenta, nos dois lados.

Caris percebeu que Merthin estudava a estrutura. Conhecia aquela expressão em seus olhos: ele pensava em como a ponte conseguia se manter de pé. Caris o surpreendia com frequência a olhar para alguma coisa daquela maneira, em geral na catedral, mas às vezes também na frente de uma casa ou até mesmo de algo da natureza, como um espinheiro em flor ou um falcão pairando no ar. Merthin ficava imóvel, os olhos brilhantes e penetrantes, como se projetasse uma luz em algum lugar escuro, tentando entender tudo. Se Caris perguntava, ele respondia que tentava ver o interior das coisas.

Ela acompanhou seu olhar e tentou imaginar o que ele via na velha ponte. Tinha 60 metros de um lado a outro, a ponte mais longa que ela já vira. Era sustentada por maciças pilastras de carvalho, em duas fileiras, como os pilares nos lados da nave da catedral. Havia cinco pares de pilastras. As que ficavam nas extremidades, onde a água era mais rasa, eram menores, mas as três centrais se elevavam uns 5 metros acima da superfície da água.

Cada pilastra consistia de quatro vigas de carvalho mantidas juntas por braçadeiras de tábuas. A lenda dizia que o rei dera ao priorado de Kingsbridge os 24 melhores carvalhos da Inglaterra para a construção dos três pares de pilastras centrais. As partes de cima eram ligadas por vigas, em duas linhas paralelas. Vigas mais curtas cruzavam de uma linha a outra, para formar o leito da ponte, e tábuas longitudinais haviam sido estendidas por cima, como o leito da estrada. Em cada lado havia uma cerca de madeira, que servia como um frágil parapeito. De dois em dois anos, em média, um camponês embriagado passava com a carroça por essa grade, caindo no rio; o homem e o cavalo morriam.

– O que está vendo? – perguntou Caris.

– As rachaduras.

– Não vejo nenhuma.

– As madeiras nos lados da pilastra central estão rachando. Dá para ver onde

Elfric reforçou-as com braçadeiras de ferro.

Agora que ele apontava, Caris podia perceber as faixas de metal pregadas sobre as rachaduras.

– Você parece preocupado.

– Não sei por que as madeiras racharam, em primeiro lugar.

– Isso tem importância?

– Claro que tem.

Merthin não estava muito falante naquela manhã. Caris já ia perguntar o porquê quando ele anunciou:

– Lá vem seu pai.

Ela olhou para a rua. Os dois irmãos formavam uma estranha dupla. O alto Anthony levantava com todo o cuidado a batina monacal e contornava cauteloso as poças, com uma expressão de desagrado no rosto pálido de quem passava a maior parte do tempo entre quatro paredes. Edmund, mais vigoroso, apesar de mais velho, tinha um rosto vermelho e uma barba grisalha, longa e desgrenhada. Andava descuidado, arrastando a perna murcha pela lama, falando com veemência e gesticulando a todo instante. Quando viu o pai, a distância, da maneira como um estranho poderia vê-lo, Caris sentiu um ímpeto de amor.

A discussão estava no auge quando alcançaram a ponte e continuou sem qualquer pausa.

– Olhe só para essa fila! – exclamou Edmund. – Centenas de pessoas não estão negociando na feira porque ainda não conseguiram chegar! E pode ter certeza de que metade encontrará um comprador ou vendedor enquanto espera e fará seus negócios ali mesmo, depois voltará para casa, sem sequer entrar na cidade!

– Isso é sonegar impostos e é contra a lei – declarou Anthony.

– Vá dizer às pessoas que estão na fila, se conseguir atravessar a ponte... mas não vai conseguir, porque é estreita demais! Escute, Anthony, se os italianos forem embora, a Feira do Velocino nunca mais será a mesma. Sua prosperidade e a minha dependem da feira! Não podemos permitir que isso aconteça.

– Não podemos obrigar Buonaventura a fazer negócios aqui.

– Mas podemos tornar nossa feira mais atraente que a de Shiring. Precisamos anunciar um projeto grandioso e simbólico, agora, esta semana, alguma coisa

para convencer todo mundo de que a Feira do Velocino não acabou. Temos de derrubar esta velha ponte e construir uma nova, duas vezes mais larga. – Sem qualquer aviso, ele virou-se para Merthin: – Quanto tempo levaria, rapaz?

Merthin ficou surpreso, mas respondeu:

– A parte mais difícil seria encontrar as árvores certas. Precisamos de madeiras compridas e amadurecidas. Os pilares terão de ser fincados no fundo do rio, o que é sempre complicado, pois estaremos trabalhando na correnteza. Depois disso, é apenas carpintaria. Dá para terminar até o Natal.

– Não há certeza de que a família Caroli mudará de planos se construirmos uma nova ponte – protestou Anthony.

– Eles mudarão – declarou Edmund, incisivo. – Eu garanto.

– Seja como for, não posso construir uma ponte. Não tenho dinheiro.

– Também não pode deixar de construir a ponte. Vai se arruinar e destruir a cidade.

– É impossível. Nem mesmo sei onde arrumarei a verba para consertar a nave sul da catedral.

– Então o que pretende fazer?

– Confiar em Deus.

– Aqueles que confiam em Deus e plantam uma semente podem ter uma colheita abundante. Mas você não está plantando a semente.

– Sei que é difícil para você compreender, Edmund – reagiu Anthony, irritado –, mas o priorado de Kingsbridge não é um empreendimento comercial. Estamos aqui para cultuar Deus, não para ganhar dinheiro.

– Não poderá cultuar Deus por muito tempo se não tiver nada para comer.

– Deus proverá.

O rosto vermelho de Edmund se incendiou de raiva, ao ponto de ficar meio púrpura.

– Quando você era menino, o negócio de nosso pai o alimentou e o vestiu, pagou por sua educação. Desde que se tornou um monge, os cidadãos desta cidade e os camponeses das terras ao redor o mantêm, pagando seus arrendamentos, dízimos, taxas dos estandes no mercado, pedágio da ponte e uma dúzia de outros tributos diferentes. Durante toda a sua vida, você viveu como uma pulga nas costas das pessoas que trabalham. E agora tem a desfaçatez de

dizer que Deus provê.

– Isso é perigosamente próximo da blasfêmia.

– Não se esqueça de que o conheço desde que nasceu, Anthony. Você sempre teve talento para evitar o trabalho.

A voz de Edmund, que se elevava para um grito com bastante frequência, agora baixara. Era um sinal, Caris sabia, de que ele estava realmente furioso.

– Quando chegava o momento de esvaziar nossa latrina – continuou Edmund –, você ia para a cama, pois precisava estar descansado para a escola no dia seguinte. O presente do pai para Deus, você sempre teve o melhor de tudo e nunca levantou um dedo para ganhar nada. Comida reforçada, o quarto mais quente, as melhores roupas... Fui o único menino que usou as roupas descartadas de seu irmão mais jovem!

– E nunca me deixou esquecer isso.

Caris esperava por uma oportunidade de interromper a discussão e interveio nesse instante:

– Tem que haver uma maneira de contornar o problema.

Ambos a fitaram, surpresos com a interrupção. Ela acrescentou:

– Por exemplo, os moradores da cidade não poderiam construir uma ponte?

– Não diga bobagem – protestou Anthony. – A cidade pertence ao priorado. Um servo não assume o encargo de reformar a casa de seu amo.

– Mas, se sua permissão for solicitada, não teria razão para recusar.

Anthony não contestou de imediato, o que era animador, mas Edmund balançou a cabeça.

– Não creio que eu consiga convencer os cidadãos a entrar com o dinheiro. Seria do interesse de todos, a longo prazo, é claro, mas todos relutam em pensar a longo prazo quando são convidados a se separar de seu dinheiro.

– Mas você espera que eu pense a longo prazo! – exclamou Anthony.

– Você lida com a vida eterna, não é? Entre todas as pessoas, deve ser capaz de ver além do fim da próxima semana. E cobra o pedágio de 1 *penny* de todo mundo que passa pela ponte. Receberia seu dinheiro de volta e ainda se beneficiaria com o aumento dos negócios na cidade.

– Mas tio Anthony é um líder espiritual e acha que esse não é o seu papel – observou Caris.

– Mas a cidade é dele! – protestou o pai. – É o único que pode fazer isso! – Edmund lançou um olhar inquisitivo para a filha ao compreender que ela devia ter uma razão para contestá-lo. – Em que está pensando?

– Os moradores da cidade não poderiam construir uma ponte e ser pagos com o dinheiro do pedágio?

Edmund abriu a boca para expressar uma objeção, mas nenhuma lhe ocorreu. Caris olhou para Anthony, que disse:

– Quando o priorado era novo, sua única receita vinha da ponte. Não posso abrir mão dela agora.

– Mas pense no que ganharia se a Feira do Velocino e o mercado semanal recuperassem seu tamanho antigo: não apenas o pedágio da ponte, mas também as taxas de locação dos estandes, a porcentagem que recebe de todas as transações na feira e, ainda por cima, os donativos à catedral!

Edmund acrescentou:

– E os lucros de suas próprias vendas de lã, grãos, peles, livros, imagens dos santos...

– Planejou tudo isso, não é? – Anthony apontou um dedo acusador para o irmão mais velho. – Instruiu sua filha e o rapaz sobre o que deveriam dizer. Ele nunca poderia conceber um projeto desse tipo, e ela é apenas uma mulher. Tem a sua marca. É tudo uma conspiração para me privar do pedágio da ponte. Pois fracassou. Louvado seja Deus, não sou tão estúpido assim! – Ele se afastou furioso, andando na lama. Antes de se afastar também, Edmund ainda comentou:

– Não sei como meu pai pôde ter um filho com tão pouco bom senso. – E saiu pisando duro.

Caris se virou para Merthin.

– O que você acha de tudo isso?

– Não sei. – Ele virou o rosto, evitando os olhos de Caris. – É melhor eu voltar ao trabalho. – E partiu, sem beijá-la.

Quando ele não podia ouvi-la, Caris indagou em voz alta:

– O que será que deu nele?

8

O conde de Shiring foi a Kingsbridge na terça-feira da semana da Feira do Velocino. Levou os dois filhos, várias outras pessoas da família e um séquito de cavaleiros e escudeiros. A ponte foi esvaziada por homens que vieram na frente e ninguém teve permissão para atravessá-la por uma hora antes de sua chegada, para que ele não sofresse a indignidade de ter de esperar, como as pessoas comuns. Seus seguidores usavam librés em vermelho e preto e entraram na cidade com estandartes erguidos, os cascos dos cavalos espirrando água da chuva e lama nos cidadãos. O conde Roland prosperara nos últimos dez anos – sob a rainha Isabella e, mais tarde, sob seu filho, Eduardo III – e queria que o mundo soubesse disso, como em geral acontecia com os homens ricos e poderosos.

Em sua companhia, estava Ralph, filho de sir Gerald e irmão de Merthin. Na mesma ocasião em que Merthin se tornara aprendiz do pai de Elfric, Ralph ingressara como escudeiro no serviço do conde Roland. Era feliz desde então. Passara a ser bem alimentado e bem-vestido, aprendera a cavalgar e lutar, ocupava a maior parte do tempo com caçadas e jogos. Em seis anos e meio, ninguém jamais lhe pedira para ler ou escrever uma única palavra. Enquanto cavalgava atrás do conde, por entre os estandes apinhados da Feira do Velocino, observado por rostos ao mesmo tempo invejosos e assustados, ele se compadeceu dos mercadores e negociantes que tinham de disputar ninharias na lama.

O conde desmontou na frente da casa do prior, no lado norte da catedral. Seu filho mais jovem, Richard, fez a mesma coisa. Richard era o bispo de Kingsbridge e a catedral, teoricamente, era sua. Mas o palácio do bispo ficava em Shiring, a sede do condado, a dois dias de viagem. Isso convinha a ele, cujos

deveres eram políticos, além de religiosos, e convinha aos monges, que preferiam não ter uma estreita supervisão.

Richard tinha apenas 28 anos, mas seu pai era um grande aliado do rei e isso contava mais do que a idade.

O restante do séquito seguiu para o lado sul da catedral. O filho mais velho do conde, William, lorde de Caster, ordenou que os escudeiros levassem os cavalos para o estábulo e foi se instalar no hospital, em companhia de meia dúzia de cavaleiros. Ralph apressou-se em ajudar a esposa de William, lady Philippa, a desmontar. Era uma mulher alta e atraente, de pernas compridas e seios fartos. Ralph sentia um amor impossível por ela.

Depois de cuidar dos cavalos, Ralph foi visitar a mãe e o pai. Eles viviam de graça numa pequena casa na parte sudoeste da cidade, à beira do rio, numa área malcheirosa por causa do trabalho dos curtidores de couro. Ao se aproximar da casa, Ralph sentiu que murchava de vergonha dentro de seu uniforme vermelho e preto. E também se sentiu grato porque lady Philippa não podia ver a indignidade da situação de seus pais.

Não os via havia um ano, e achou que pareciam mais velhos. Havia muitos fios brancos nos cabelos da mãe e o pai estava quase perdendo a vista. Serviram-lhe sidra feita pelos monges e morangos silvestres que a mãe colhera na floresta. O pai admirou sua libré.

– O conde já o promoveu a cavaleiro? – perguntou ele, ansioso.

A ambição de cada escudeiro era a de se tornar um cavaleiro, mas a ansiedade de Ralph era maior que a dos outros. O pai nunca superara a humilhação, dez anos antes, de ser degradado para a posição de pensionista do priorado. Uma flecha penetrara no coração de Ralph naquele dia. A angústia nunca seria atenuada até que ele restaurasse a honra da família. Mas nem todos os escudeiros se tornavam cavaleiros. Mesmo assim, o pai sempre falava como se fosse apenas uma questão de tempo para Ralph.

– Ainda não – respondeu o rapaz. – Mas é provável que haja em breve uma guerra contra a França e terei uma oportunidade.

Ele falou em tom jovial, não querendo demonstrar como ansiava pela chance de se distinguir em batalha. A mãe não gostou.

– Por que os reis sempre querem a guerra?

O pai riu.

– Os homens são feitos para isso.

– Não são, não! – protestou a mãe, veemente. – Quando dei à luz Ralph, em meio a dor e sofrimento, não queria que ele vivesse para ter a cabeça cortada pela espada de um francês ou o coração atingido pela flecha de uma besta.

O pai lhe deu uma palmada de leve, um aviso para encerrar aquele tipo de conversa, e depois perguntou a Ralph:

– O que o faz dizer que haverá guerra?

– O rei Filipe da França confiscou a Gasconha.

– Não podemos admitir isso.

Os reis ingleses governavam a província ocidental francesa da Gasconha havia gerações. Tinham concedido privilégios comerciais aos mercadores de Bordeaux e Bayonne, que faziam mais negócios com Londres do que com Paris. Mas sempre havia problemas.

– O rei Eduardo enviou embaixadores a Flandres para fazer alianças – disse Ralph.

– Aliados podem querer dinheiro.

– Foi por isso que o conde Roland veio a Kingsbridge. O rei quer um empréstimo dos mercadores de lã.

– Quanto?

– Fala-se em 200 mil libras, em todo o país, como um adiantamento sobre o imposto da lã.

– O rei deve tomar cuidado para não tributar os mercadores de lã até a morte – comentou a mãe, desolada.

– Os mercadores têm muito dinheiro. Basta olhar para suas boas roupas.

Havia uma amargura evidente na voz do pai, e Ralph notou que ele usava uma camisa de linho surrada e sapatos velhos.

– De qualquer maneira, eles querem que tomemos providências para impedir que a Marinha francesa continue a interferir com seu comércio – acrescentou o pai.

Ao longo do último ano, navios franceses haviam atacado cidades na costa sul da Inglaterra, saqueando os portos e incendiando os navios ancorados.

– Os franceses nos atacam, por isso atacamos os franceses – disse a mãe. –

Qual é o sentido disto?

– As mulheres nunca compreenderão – resmungou o pai.

– É verdade – declarou a mãe, incisiva.

Ralph mudou de assunto:

– Como está meu irmão?

– É um bom artesão.

O pai falava, pensou Ralph, como um vendedor de cavalos dizendo que um pônei pequeno era uma boa montaria para uma mulher.

– Ele está apaixonado pela filha de Edmund Wooler – informou a mãe.

– Caris? – Ralph sorriu. – Ele sempre gostou dela. Brincávamos juntos quando éramos crianças. Caris era mandona, mas Merthin parecia não se importar. Eles vão se casar?

– Espero que sim – disse a mãe. – Quando ele terminar o aprendizado.

– Ele terá muito trabalho. – Ralph se levantou. – Onde ele está agora?

– Trabalhando no pórtico norte da catedral – respondeu o pai. – Mas talvez tenha saído para comer.

– Vou procurá-lo.

Ralph beijou os pais e saiu. Voltou ao priorado e vagueou pela feira. A chuva cessara e o sol aparecia de vez em quando entre as nuvens, brilhando nas poças e no vapor que subia das coberturas encharcadas dos estandes. Ele avistou um rosto familiar e seu coração disparou: o nariz reto e o queixo forte de lady Philippa. Ela era mais velha do que Ralph, devia ter uns 25 anos, pelos seus cálculos. Estava parada num estande, examinando peças de seda da Itália. Ralph admirou a maneira lasciva como o vestido leve de verão envolvia as curvas dos quadris. Fez uma reverência desnecessariamente elaborada.

Ela ergueu os olhos e ofereceu um brusco aceno de cabeça.

– Lindos tecidos – murmurou ele, tentando puxar conversa.

– Sim.

Nesse momento, um homem pequeno, de cabelos cor de cenoura despenteados, aproximou-se: Merthin. Ralph ficou exultante ao vê-lo.

– Este é meu inteligente irmão mais velho – disse ele a Philippa.

– Compre o verde-claro, combina com seus olhos – sugeriu Merthin a Philippa.

Ralph estremeceu. Merthin não deveria tê-la tratado com tanta familiaridade. Mas ela pareceu não se importar muito. Com um ligeiro tom de censura, respondeu:

– Quando eu quiser a opinião de um menino, perguntarei ao meu filho. – Ao mesmo tempo, ela lhe ofereceu um sorriso que era quase galante.

– Esta é lady Philippa, seu tolo! – interveio Ralph. – Peço desculpas pela ousadia de meu irmão, milady.

– Como ele se chama?

– Merthin Fitzgerald, a seu dispor sempre que tiver alguma hesitação sobre sedas.

Ralph pegou o braço do irmão e o afastou antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa inconveniente.

– Não sei como você pode fazer isso! – O tom de Ralph misturava exasperação e admiração. – Combina com os olhos dela, não é? Se eu dissesse alguma coisa, ela mandaria me açoitar.

Ele exagerava, é claro, mas também era verdade que Philippa costumava reagir com rispidez a qualquer insolência. Ralph não sabia se devia achar divertido ou sentir raiva por ela ter sido indulgente com Merthin.

– Sou assim – murmurou Merthin. – O sonho de todas as mulheres. – Ralph percebeu alguma amargura na voz do irmão.

– Você está com problemas? Como está Caris?

– Cometi uma estupidez – disse Merthin. – Contarei tudo mais tarde. Mas agora vamos dar uma volta enquanto faz sol.

Ralph notou um estande em que um monge de cabelos louros quase grisalhos vendia queijo.

– Fique observando – disse ele para Merthin.

Ele se aproximou do estande e disse:

– Parece saboroso, irmão... De onde vem?

– Fabricamos em St.-John-in-the-Forest. É uma pequena célula do priorado de Kingsbridge. Sou o prior ali... Meu nome é Saul Whitehead.

– Sinto fome só de olhar. Bem que gostaria de comprar um pedaço, mas o conde mantém os escudeiros sem dinheiro.

O monge cortou uma fatia da roda de queijo e a entregou para Ralph.

– Pode levar um pedaço de graça, em nome de Jesus.

– Obrigado, irmão Saul.

Enquanto se afastavam, Ralph sorriu para Merthin e comentou:

– Viu só? É tão fácil quanto tirar um doce de uma criança.

– E igualmente admirável.

– Mas ele é um tolo por dar um pedaço de queijo a qualquer um que conte uma história triste.

– É bem provável que ele pense que é melhor correr o risco de ser feito de tolo do que negar comida a um homem faminto.

– Você está um pouco amargo hoje. Por que acha que pode ser atrevido com uma mulher da nobreza, mas eu não posso convencer um monge estúpido a me dar um pedaço de queijo de graça?

Merthin o surpreendeu com um sorriso.

– Como acontecia quando éramos pequenos, não é?

– Exatamente!

Agora, Ralph não sabia se devia achar graça ou ficar furioso. Antes que pudesse tomar uma decisão, uma linda garota com ovos numa bandeja o abordou. Era esguia, com um busto pequeno sob um vestido feito em casa. Ralph imaginou que os seios eram pálidos e redondos como os ovos. Sorriu para a garota.

– Quanto? – perguntou ele, embora não precisasse de ovos.

– Uma dúzia por 1 *penny*.

– São bons?

Ela apontou para um estande próximo.

– São daquelas galinhas.

– E as galinhas foram bem servidas por um galo saudável?

Ralph viu que Merthin revirava os olhos, num desespero zombeteiro pela insinuação. A garota, no entanto, resolveu entrar na brincadeira. Sorriu e disse:

– Sim, senhor.

– Galinhas de sorte, hem?

– Não sei.

– Claro que não. Uma donzela pouco entende dessas coisas.

Ralph examinou-a. Ela era loura, de nariz arrebitado. Devia ter 18 anos, ele

calculou. A garota pestanejou.

– Não me olhe assim, por favor – murmurou ela.

Um camponês – sem dúvida o pai da garota – chamou-a do estande:

– Annet! Venha para cá!

– Então seu nome é Annet – disse Ralph.

Ela ignorou o chamado.

– Quem é seu pai? – perguntou ele.

– Perkin de Wigleigh.

– É mesmo? Meu amigo Stephen é senhor de Wigleigh. Ele é bom para você?

– Lorde Stephen é justo e misericordioso.

– Annet! Precisamos de você aqui! – chamou o pai de novo.

Ralph sabia por que Perkin tentava afastá-la. Não se importaria se um escudeiro quisesse se casar com sua filha: seria um degrau acima na escada social para ela. Mas receava que Ralph desejasse apenas se divertir com ela e depois descartá-la. E ele tinha razão.

– Não vá, Annet Wigleigh – pediu Ralph.

– Não pretendo ir até que você compre o que estou oferecendo.

Ao lado deles, Merthin murmurou:

– Não sei qual dos dois é pior.

– Por que não larga seus ovos e vem comigo? – propôs Ralph. – Podemos dar um passeio pela beira do rio.

Entre o rio e o muro do terreno do priorado havia uma margem larga, coberta naquela época do ano por arbustos enormes e flores silvestres, um tradicional ponto de encontro de namorados. Mas Annet não era tão fácil quanto parecia.

– Meu pai não ia gostar.

– Não vamos nos preocupar com ele.

Não havia muita coisa que um camponês pudesse fazer para se opor à vontade de um escudeiro, ainda mais quando este usava a libré de um grande conde. Era um insulto ao conde tentar agredir um de seus servidores. O camponês podia tentar dissuadir a filha, mas seria perigoso para ele tentar contê-la à força.

Mas outra pessoa surgiu a favor de Perkin. Uma voz juvenil interveio:

– Olá, Annet. Está tudo bem?

Ralph virou-se para o recém-chegado. Ele parecia ter 16 anos, mas era quase tão alto quanto Ralph, os ombros largos, as mãos enormes. Era muito bonito, com feições regulares que podiam ter sido talhadas por um escultor de catedrais. Tinha abundantes cabelos louro-castanhos, com um princípio de barba da mesma cor.

– Quem é você? – perguntou Ralph.

– Sou Wulfric de Wigleigh, senhor. – Wulfric foi deferente, mas não demonstrou medo. Olhou para Annet. – Vim ajudá-la a vender alguns ovos.

O ombro musculoso do rapaz se pôs entre Ralph e Annet, sua postura protegendo a garota, ao mesmo tempo que excluía o escudeiro. A atitude era um pouco insolente e Ralph sentiu um ímpeto de raiva.

– Saia da frente, Wulfric de Wigleigh. Você não é desejado aqui. – Wulfric virou-se novamente e o fitou com uma expressão serena.

– Estou noivo desta mulher, senhor.

Mais uma vez, o tom foi respeitoso, mas a atitude sem medo. Perkin interveio:

– É verdade, senhor. Eles vão se casar.

– Não me fale sobre seus costumes camponeses – disse Ralph, desdenhoso. – Não me importo se ela é casada com esse idiota.

Irritava-o ouvir inferiores falando com ele daquela maneira. Não tinham o direito de lhe dizer o que fazer. Merthin se intrometeu:

– Vamos embora, Ralph. Estou com fome e Betty Baxter está vendendo tortas quentes.

– Tortas? Estou mais interessado em ovos.

Ele pegou um dos ovos na bandeja e o acariciou maliciosamente. Largou-o em seguida e estendeu a mão para o seio esquerdo de Annet. Era firme sob a ponta de seus dedos, com o formato de um ovo.

– O que pensa que está fazendo? – Ela parecia indignada, mas não se afastou.

Ralph apertou o seio gentilmente, apreciando a sensação.

– Examinando as mercadorias em oferta.

– Tire as mãos de mim.

– Num instante.

Foi nesse momento que Wulfric lhe deu um violento empurrão.

Ralph foi tomado de surpresa. Não esperava ser atacado por um camponês. Cambaleou para trás, tropeçou e caiu. Ouviu alguém rir, e o espanto deu lugar à humilhação. Levantou-se furioso.

Não estava usando a espada, mas tinha uma adaga comprida no cinto. Porém seria indigno usá-la contra um camponês desarmado; ele poderia perder o respeito dos cavaleiros do conde e dos outros escudeiros. Teria de punir Wulfric com os punhos.

Perkin saiu de seu estande, falando depressa:

– Um erro lamentável, senhor. Não foi intencional. O rapaz está profundamente arrependido. Posso lhe garantir...

A filha, no entanto, não exibia qualquer sinal de medo.

– Rapazes, rapazes! – exclamou ela, num tom de censura zombeteira, parecendo mais satisfeita do que qualquer outra coisa.

Ralph ignorou os dois. Deu um passo para cima de Wulfric e ergueu o punho direito. E, quando Wulfric levantou os braços para se defender do golpe, Ralph acertou o punho esquerdo em sua barriga.

Não era tão mole quanto ele esperara. Mesmo assim, Wulfric se dobrou para a frente, o rosto contorcido em agonia, levando as mãos à barriga, e Ralph aproveitou para golpeá-lo no rosto com o punho direito, acertando no alto do malar. O soco doeu em sua mão, mas trouxe alegria para sua alma.

Para seu espanto, porém, Wulfric o atingiu em resposta.

Em vez de desabar no chão e ficar estendido à espera de ser chutado, o camponês reagiu com um golpe do punho direito, que continha toda a força do ombro. O nariz de Ralph pareceu explodir em sangue e dor. Ele rugiu de raiva.

Wulfric recuou, parecendo compreender a coisa terrível que acabara de fazer. Baixou os braços, as palmas estendidas para cima.

Mas era tarde demais para se arrepender. Ralph o atingiu com os dois punhos, no rosto e no corpo, uma tempestade de socos de que Wulfric tentou se esquivar, mantendo os braços erguidos e baixando a cabeça. Enquanto batia, Ralph especulou vagamente por que o rapaz não fugia. Adivinhou que ele esperava receber toda a sua punição ali em vez de enfrentar um destino pior mais tarde. Ele tinha coragem, compreendeu Ralph, mas isso o deixou ainda mais

furioso. Acertou-o com toda a força, várias vezes, dominado por uma emoção que era ao mesmo tempo raiva e êxtase. Merthin tentou interferir.

– Pelo amor de Cristo, já chega! – disse, pousando a mão no ombro do irmão, mas Ralph desvencilhou-se com um movimento brusco.

Finalmente as mãos de Wulfric caíram para os lados e ele cambaleou, atordoado, o rosto bonito coberto de sangue, os olhos se fechando. Um momento depois, ele arriou no chão. Ralph começou a chutá-lo. Foi nesse instante que um homem corpulento, de calça de couro, apareceu e falou, com voz autoritária:

– Já chega, jovem Ralph. Não mate o rapaz.

Ralph reconheceu John, o chefe da guarda da cidade, e gritou indignado:

– Ele me atacou!

– Não está mais atacando, não é, senhor? Nem poderia, estendido no chão, com os olhos fechados. – John postou-se na frente de Ralph. – Prefiro cuidar do caso sem um inquérito do juiz.

As pessoas se agrupavam em torno de Wulfric: Perkin, Annet, que parecia corada de excitação, lady Philippa e vários espectadores.

Ralph perdeu a sensação de êxtase. Sentia uma dor intensa no nariz. Só conseguia respirar pela boca. E o gosto de sangue.

– Esse animal acertou meu nariz. – Sua voz soou como se ele estivesse com um forte resfriado.

– Será punido pelo que fez – declarou John.

Dois homens que se pareciam com Wulfric apareceram: o pai e o irmão mais velho, calculou Ralph. Ajudaram-no a se levantar, lançando olhares furiosos para o escudeiro. Perkin, um homem gordo com um rosto astuto, disse:

– Ele deu o primeiro soco.

– O camponês me empurrou deliberadamente! – gritou Ralph.

– O escudeiro insultou a futura esposa de Wulfric.

– Não importa o que o escudeiro possa ter dito. Wulfric deveria saber que não pode pôr as mãos num servidor do conde Roland – declarou John. – O conde vai esperar que ele seja severamente punido.

O pai de Wulfric indagou:

– Há uma nova lei, John Constable, dizendo que um homem de libré pode fazer o que bem quiser?

Houve murmúrios de concordância da pequena multidão agora reunida. Os jovens escudeiros causavam muitos problemas e com frequência escapavam à punição por usarem as cores de algum barão, e isso causava um crescente ressentimento entre mercadores e camponeses. Lady Philippa interveio nesse momento:

– Sou a nora do conde e assisti a tudo.

Sua voz era baixa e melodiosa, mas tinha a autoridade de alguém de sua posição. Ralph esperava que ela tomasse seu partido, mas ficou consternado quando acrescentou:

– Lamento dizer que a culpa foi toda de Ralph. Ele acariciou a moça de maneira insultuosa.

– Obrigado, milady – disse John Constable, deferente. Ele baixou a voz para conferenciar com ela: – Mas acho que o conde pode não querer que o camponês fique sem punição.

Lady Philippa acenou com a cabeça, pensativa.

– Não queremos que isso seja o início de uma prolongada disputa. Ponha o rapaz no tronco por 24 horas. Não vai lhe fazer nenhum mal na sua idade, mas todos saberão que a justiça foi feita. Isso será o suficiente para o conde. Eu respondo por ele.

John hesitou. Ralph percebeu que ele não gostava de receber ordens de ninguém, a não ser de seu empregador, o prior de Kingsbridge. Mas a decisão de Philippa poderia satisfazer a todas as partes. O próprio Ralph gostaria de ver Wulfric açoitado, mas começava a desconfiar de que não sairia daquela história como um herói e pareceria ainda pior se exigisse uma punição rigorosa. Depois de um momento, John disse:

– Está bem, lady Philippa, se estiver disposta a assumir a responsabilidade.

– Claro que assumo.

– Então está resolvido.

John pegou Wulfric pelo braço e o levou. O rapaz se recuperara depressa e podia andar normalmente. Talvez lhe dessem de comer e beber enquanto estivesse no tronco e providenciassem para que não fosse agredido.

– Como está? – perguntou Merthin ao irmão.

Ralph tinha a sensação de que metade do rosto inchava como uma bexiga

inflada. Ele sentia bastante dor e a voz saiu fanhosa:

– Estou bem. Nunca me senti melhor.

– Vamos procurar um monge para cuidar do seu nariz.

– Não. – Ralph não tinha medo de lutar, mas detestava o que os médicos faziam: sangrias, ventosas, lancetar furúnculos. – Só preciso de uma garrafa de vinho forte. Leve-me para a taverna mais próxima.

– Está bem.

Mas Merthin não se mexeu. Fitava o irmão com uma expressão estranha.

– O que há com você? – perguntou Ralph.

– Você não muda, não é?

Ralph deu de ombros.

– Alguém muda?

9

Godwyn estava completamente fascinado pelo *Livro de Timothy*. Era a história do priorado de Kingsbridge e, como a maioria das histórias, começava com a criação do Céu e da Terra por Deus. Mas, acima de tudo, relatava a era do prior Philip, dois séculos antes, quando a catedral fora construída – um tempo que era agora considerado pelos monges como a era de ouro. O autor, irmão Timothy, alegava que o lendário Philip fora um disciplinador rigoroso, além de um homem de compaixão. Godwyn não sabia como alguém podia ser as duas coisas.

Na quarta-feira da semana da Feira do Velocino, na hora de estudo antes do serviço da sexta, Godwyn estava sentado num banco alto na biblioteca do mosteiro, o livro aberto sobre o atril à sua frente. Era o seu lugar predileto no priorado: uma sala espaçosa, bem iluminada por janelas altas, com quase cem livros num armário trancado. Era um local normalmente silencioso, mas hoje ele podia ouvir o barulho abafado da feira, no outro lado da catedral: mil pessoas comprando e vendendo, negociando e discutindo, apregoando suas mercadorias e torcendo nas brigas de galo e nas lutas de cachorros com ursos.

Ao final do livro, autores posteriores haviam relatado os descendentes dos construtores da catedral até os dias atuais. Godwyn estava satisfeito – e francamente surpreso – por encontrar a confirmação da teoria de sua mãe de que descendia de Tom Builder, por meio da filha dele, Martha. Ele se perguntou que características da família poderiam vir de Tom. Um pedreiro precisava ser um hábil negociante, refletiu ele, e o avô de Godwyn e seu tio Edmund possuíam essa qualidade. A prima Caris também apresentava sinais da mesma competência. Talvez Tom também tivesse os olhos verdes com manchas douradas de que todos partilhavam.

Godwyn também lera sobre o enteado de Tom Builder, Jack, o arquiteto da

catedral de Kingsbridge que se casara com lady Aliena e gerara uma dinastia de condes de Shiring. Ele era o ancestral do namorado de Caris, Merthin Fitzgerald. Isso fazia sentido: o jovem Merthin já demonstrava uma capacidade incomparável como carpinteiro. O *Livro de Timothy* até mencionava os cabelos vermelhos de Jack, herdados por sir Gerald e Merthin, embora não por Ralph.

O que mais lhe interessou foi o capítulo do livro sobre as mulheres. Ao que parecia, não havia freiras em Kingsbridge no tempo do prior Philip. Havia uma proibição rigorosa acerca do ingresso de mulheres nos prédios do mosteiro. O autor, citando Philip, dizia que, se possível, um monge nunca deveria olhar para uma mulher, para sua própria paz de espírito. Philip desaprovava a combinação de mosteiro e convento, argumentando que as vantagens das instalações partilhadas eram superadas pelas oportunidades para que o demônio introduzisse a tentação. Onde havia as duas coisas, a separação de monges e freiras deveria ser tão rigorosa quanto possível, dizia ele.

Godwyn sentiu a emoção de encontrar um apoio autorizado para uma convicção que já acalentava. Em Oxford, apreciara o ambiente exclusivamente masculino do Kingsbridge College. Os professores da universidade eram todos homens, assim como os estudantes, sem exceção. Mal falara com uma mulher durante sete anos e, se mantivesse os olhos abaixados ao caminhar pela cidade, podia até evitar a possibilidade de vê-las. Ao voltar para o priorado, achara perturbador ver freiras com tanta frequência. Embora elas tivessem os próprios claustros, refeitório, cozinha e outros prédios, ele as encontrava a todo instante na igreja, no hospital e em outras áreas comuns. Naquele momento, havia uma freira jovem e bonita chamada Mair a poucos passos de distância, consultando um livro sobre ervas medicinais. Era até pior encontrar as garotas da cidade, com suas roupas justas e seus penteados atraentes, passando descontraídas pelos terrenos do priorado em missões diversas, como levar mantimentos para a cozinha e visitar o hospital.

Era evidente, pensou ele, que o priorado não conseguira manter os elevados padrões de Philip – outro exemplo da fraqueza que impregnara tudo sob o regime de Anthony, o tio de Godwyn. Mas talvez ele pudesse fazer alguma coisa a respeito.

Soou o sino para a sexta, e ele fechou o livro. A irmã Mair fez a mesma

coisa. Sorriu para ele, os lábios vermelhos formando uma doce curva. Ele desviou os olhos e se apressou para deixar a sala.

O tempo começava a melhorar, o sol aparecia entre pancadas de chuva. Na catedral, os vitrais clareavam e escureciam à medida que as nuvens desfilavam pelo céu. A mente de Godwyn estava igualmente irrequieta, distraída das orações pela especulação sobre a melhor maneira de usar o *Livro de Timothy* para inspirar um retorno às origens no priorado. Decidiu levantar o assunto no capítulo, a reunião diária de todos os monges.

Notou que os construtores estavam trabalhando depressa nos consertos no coro, depois do desabamento do último domingo. Os escombros já haviam sido removidos e a área fora isolada por cordas. Havia uma crescente pilha de pedras finas e leves no transepto. Os homens não pararam de trabalhar nem mesmo quando os monges começaram a cantar: havia tantos serviços religiosos no decorrer de um dia normal que os reparos levariam um tempo interminável se fossem interrompidos. Merthin Fitzgerald, que abandonara temporariamente seu trabalho na nova porta, encontrava-se na nave sul, preparando a teia elaborada de cordas, caibros e andaimes que os pedreiros usariam para reconstruir o teto abobadado. Thomas Langley, cujo trabalho era supervisionar os construtores, estava parado no transepto sul, junto com Elfric, apontando com o único braço para a área desmoronada, obviamente discutindo o trabalho de Merthin.

Thomas era eficiente como matriculário: era decidido e nunca deixava as coisas escaparem ao controle. Nas manhãs em que os construtores não apareciam – uma irritação frequente –, Thomas saía para procurá-los e exigia uma explicação para a ausência. Se tinha um defeito, era o fato de ser independente demais: quase nunca relatava o progresso ou pedia a opinião de Godwyn. Conduzia o trabalho como se fosse seu próprio mestre em vez de subordinado de Godwyn – e este tinha a incômoda suspeita de que Thomas duvidava de sua capacidade.

Godwyn era mais jovem, mas apenas um pouco: tinha 31 anos, contra os 34 de Thomas. Talvez o ex-cavaleiro achasse que o monge fora promovido por Anthony sob pressão de Petranilla. Mas ele não deixava transparecer qualquer outro sinal de ressentimento. Apenas fazia as coisas à sua maneira.

Enquanto Godwyn observava, murmurando automaticamente os responsos

do serviço, a conversa de Thomas com Elfric foi interrompida. Lorde William de Caster entrou na igreja. Era alto, tinha a barba preta, muito parecido com o pai, igualmente rigoroso – embora as pessoas comentassem que às vezes era abrandado pela esposa, Philippa. Ele se aproximou de Thomas e acenou para que Elfric se afastasse. Thomas virou-se para William. Alguma coisa em sua atitude lembrou Godwyn de que Thomas fora outrora um cavaleiro e chegara ao priorado sangrando de um ferimento de espada, que acabara levando à amputação do braço esquerdo na altura do cotovelo.

Godwyn desejou poder ouvir a conversa. Lorde William inclinou-se para a frente, falando de modo agressivo, apontando um dedo. Thomas, destemido, respondia com igual vigor. Godwyn lembrou de repente que Thomas tivera uma conversa intensa e combativa similar no dia em que chegara ali, havia dez anos. Naquela ocasião, ele discutira com o irmão mais moço de William, Richard, que à época ainda era padre. Agora se tornara o bispo de Kingsbridge. Talvez fosse apenas uma fantasia, mas Godwyn imaginou que discutiam sobre o mesmo assunto. O que poderia ser? Seria possível que houvesse entre um monge e uma família nobre algum problema que ainda fosse causa de raiva dez anos depois?

Lorde William se afastou, furioso, numa insatisfação evidente. Thomas virou-se para Elfric.

A discussão dez anos antes resultara no ingresso de Thomas no priorado. Godwyn recordou que Richard prometera um donativo para garantir a aceitação de Thomas. Godwyn nunca mais ouvira falar desse donativo. Especulou agora se teria mesmo sido pago.

Durante todo aquele tempo, ninguém no priorado, ao que tudo indicava, descobrira muita coisa sobre a vida anterior de Thomas. O que era curioso, pois os monges adoravam intrigas. Por viverem em contato tão estreito, como um pequeno grupo – eram 26 no momento –, tendiam a saber tudo uns sobre os outros. A quem Thomas servira? Onde vivera? A maioria dos cavaleiros controlava umas poucas aldeias, recebendo arrendamentos que lhes permitiam pagar por cavalos, armaduras e armas. Thomas tivera esposa e filhos? Em caso positivo, o que acontecera com eles? Ninguém sabia.

Apesar do mistério sobre seus antecedentes, Thomas era um bom monge, devoto e trabalhador. Parecia que aquela existência combinava mais com ele do

que a vida de cavaleiro. Apesar de sua antiga carreira de violência, havia alguma coisa de boa nele, como acontecia com vários monges. Era muito ligado ao irmão Matthias, um homem de natureza doce, alguns anos mais jovem. Mas, se cometiam pecados de impureza, eram tão discretos que nenhuma acusação jamais fora feita.

Quase ao final do serviço, Godwyn olhou para a escuridão profunda da nave e avistou a mãe, Petranilla, parada ali, tão imóvel quanto um dos pilares, uma haste de sol iluminando a orgulhosa cabeça grisalha. Ela estava sozinha. Godwyn se perguntou havia quanto tempo a mãe estaria ali, observando. Os leigos não eram encorajados a comparecer aos serviços durante a semana, e ele calculou que Petranilla viera procurá-lo. Sentiu um misto familiar de prazer e apreensão. Sabia que a mãe faria qualquer coisa por ele. Vendera sua casa e se tornara governanta do irmão Edmund para que ele pudesse estudar em Oxford. Quando pensava no sacrifício que isso representara para a orgulhosa mãe, ele tinha vontade de chorar de gratidão. Mas a presença de Petranilla sempre o deixava ansioso, como se ele estivesse prestes a ser repreendido por alguma transgressão.

Enquanto os monges e as freiras se retiravam, Godwyn afastou-se da procissão para ir ao seu encontro.

– Bom dia, mamãe.

Ela o beijou na testa e comentou, com uma preocupação maternal:

– Você parece magro. Não tem o suficiente para comer?

– Peixe salgado e mingau, mas há sempre uma boa quantidade.

– Por que está tão excitado? – Petranilla era sempre capaz de perceber a disposição do filho. Ele falou sobre o *Livro de Timothy*.

– Eu poderia ler o trecho durante o capítulo.

– Os outros apoiariam?

– Theodoric e os monges mais jovens apoiariam. Muitos acham perturbador ver mulheres o tempo todo. Afinal, optaram por viver numa comunidade só de homens.

Petranilla acenou com a cabeça em aprovação.

– Isso o projeta no papel de líder. Excelente.

– Além do mais, eles gostam de mim por causa das pedras quentes.

– Pedras quentes?

– Introduzi uma nova regra no inverno. Nas noites geladas, quando vamos à catedral para as Matinas, cada monge recebe uma pedra quente enrolada num pano. Evita que peguem frieiras.

– Muito esperto. Mesmo assim, verifique seu apoio antes de entrar em ação.

– Claro. Mas combina com o que os mestres ensinam em Oxford.

– E o que é?

– A humanidade é falível, por isso não devemos confiar em nosso próprio raciocínio. Não podemos esperar compreender o mundo. Tudo o que podemos fazer é nos espantar com a criação de Deus. O verdadeiro conhecimento só vem por meio da revelação. Não devemos questionar a sabedoria recebida.

A mãe pareceu cética, como costumava acontecer com os leigos quando homens instruídos tentavam explicar a alta filosofia.

– E é nisso que os bispos e cardeais acreditam?

– É, sim. A Universidade de Paris até proibiu as obras de Aristóteles e Aquino, porque estão baseadas na racionalidade em vez de na fé.

– Essa maneira de pensar o ajudará a conquistar os favores de seus superiores?

Era só com isso que a mãe se importava. Queria que o filho fosse prior, bispo, arcebispo, até mesmo cardeal. Godwyn queria a mesma coisa, mas esperava não ser tão cético quanto ela.

– Tenho certeza que sim.

– Ótimo. Mas não foi por isso que vim procurá-lo. Seu tio Edmund acaba de sofrer um golpe. Os italianos estão ameaçando levar seus negócios para Shiring.

– Isso vai arruinar muita gente – reagiu Godwyn, chocado. Mas ele ainda não entendia por que o fato merecia uma visita especial de Petranilla.

– Edmund acha que pode recuperá-los, se melhorarmos a Feira do Velocino... principalmente se derrubarmos a velha ponte e construirmos uma nova, mais larga.

– Deixe-me adivinhar: tio Anthony recusou.

– Mas Edmund não desistiu.

– Quer que eu converse com Anthony?

– Você não conseguirá persuadi-lo. – Petranilla balançou a cabeça. – Mas, se

o assunto for levantado no capítulo, deve apoiar a proposta.

– E ir contra tio Anthony?

– Sempre que uma proposta sensata encontrar oposição da velha guarda, você deve ser identificado como o líder dos reformadores.

Godwyn sorriu, com a maior admiração.

– Mamãe, como sabe tanto sobre política?

– Eu lhe direi. – Ela desviou os olhos, focalizando a grande janela de rosácea no lado leste, a mente no passado. – Quando meu pai começou a negociar com os italianos, foi tratado como um arrivista pelos principais cidadãos de Kingsbridge. Torciam o nariz para ele e sua família, fizeram tudo o que podiam para impedi-lo de pôr em prática suas ideias. Minha mãe já tinha morrido a essa altura, e eu era adolescente. Por isso, tornei-me sua confidente. Ele me contava tudo.

O rosto de Petranilla, normalmente fixo numa expressão de calma gelada, contorceu-se numa máscara de ressentimento e amargura: os olhos se contraíram, os lábios foram repuxados, o rosto ficou vermelho ao recordar a vergonha.

– Ele concluiu que nunca se livraria deles enquanto não assumisse o controle da guilda paroquial. Foi nisso que se empenhou, e eu o ajudei. – Ela respirou fundo, como se mais uma vez concentrasse suas forças para uma guerra prolongada. – Dividimos o grupo predominante, lançamos uma facção contra outra, fizemos alianças e trocamos de lado, minando as forças de nossos oponentes, implacáveis, usando os nossos partidários até que nos conviesse descartá-los. Demorou dez anos, mas no final ele era o regedor da guilda e o homem mais rico da cidade.

Petranilla já contara antes a história do avô, mas nunca em termos tão francos.

– Quer dizer que você o ajudava, como Caris faz com Edmund agora?

Ela soltou uma risada curta e áspera.

– Isso mesmo. A diferença é que já éramos os cidadãos mais eminentes de Kingsbridge quando Edmund assumiu. Meu pai e eu subimos a montanha. Edmund precisou apenas descer pelo outro lado.

A conversa foi interrompida por Philemon. Ele entrou na catedral vindo dos

claustros, um homem alto, de pescoço estreito, com 22 anos, andando como um passarinho, em passos curtos e saltitantes. Trazia uma vassoura: era empregado pelo priorado como faxineiro. Parecia excitado.

– Estava à sua procura, irmão Godwyn.

Petranilla ignorou a pressa óbvia.

– Olá, Philemon. Ainda não o fizeram monge?

– Não consigo obter o donativo necessário, Sra. Petranilla. Venho de uma família humilde.

– Mas não é inédito que o priorado abra mão do donativo no caso de um candidato que demonstre devoção. E há anos você é um servidor do priorado, pago e não pago.

– O irmão Godwyn propôs meu ingresso, mas alguns monges mais velhos foram contrários.

– Carlus Cego detesta Philemon, não sei por quê – interveio Godwyn.

– Falarei com meu irmão Anthony. Ele deve prevalecer sobre Carlus. Você é um bom amigo de meu filho e eu gostaria de vê-lo como um monge.

– Obrigado, senhora.

– Como é evidente que está ansioso para contar alguma coisa a Godwyn que não pode ser dita em minha presença, vou me retirar agora. – Petranilla beijou o filho. – Lembre-se do que eu disse.

– Não esquecerei, mamãe.

Godwyn se sentiu aliviado, como se a nuvem de tempestade tivesse passado para desabar em outra cidade. Assim que Petranilla se afastou, Philemon disse:

– É o bispo Richard!

Godwyn elevou as sobrancelhas. Philemon tinha um jeito todo especial de descobrir os segredos das outras pessoas.

– O que você sabe?

– Ele está no hospital neste momento, num dos quartos particulares lá em cima... com a prima Margery!

Margery era uma linda jovem de 16 anos. Os pais – um irmão mais moço do conde Roland e uma irmã da condessa de Marr – haviam morrido e ela ficara sob a guarda de Roland. Ele acertara seu casamento com um dos filhos do conde de Monmouth, numa aliança política que fortaleceria sua posição como principal

nobre do sudoeste da Inglaterra.

– O que eles estão fazendo? – perguntou Godwyn, embora pudesse adivinhar.

Philemon baixou a voz:

– Estão se beijando!

– Como sabe?

– Eu lhe mostrarei.

Philemon seguiu na frente. Deixaram a catedral pelo transepto sul, passaram pelos claustros dos monges e subiram um lance de escada para o dormitório. Era um quarto simples, com duas fileiras de camas de armação de madeira, cada uma com seu colchão de palha. Partilhava uma parede com o hospital. Philemon foi até um armário grande, onde eram guardados lençóis. Com algum esforço, puxou o armário para a frente. Havia uma pedra solta na parede por trás. Por um momento, Godwyn especulou como Philemon encontrara aquela abertura. Calculou que ele podia ter escondido alguma coisa ali. Philemon retirou a pedra, tomando cuidado para não fazer barulho.

– Dê uma olhada, depressa! – sussurrou ele. Godwyn ainda hesitou.

– Quantos outros hóspedes você já observou daqui?

– Todos eles – respondeu Philemon, como se isso fosse óbvio.

Godwyn pensou que sabia o que ia ver, e não gostou. Espionar o comportamento impróprio de um bispo podia ser aceitável para Philemon, mas parecia vergonhosamente clandestino. A curiosidade, no entanto, prevaleceu. Ao final, perguntou a si mesmo o que a mãe aconselharia e compreendeu no mesmo instante que ela lhe diria para olhar.

O buraco na parede ficava um pouco abaixo do nível dos olhos. Ele se inclinou e espiou. Era um dos dois quartos particulares de hóspedes no segundo andar do hospital. Havia num canto um genuflexório, na frente de um quadro da Crucificação. Havia também duas cadeiras confortáveis e alguns bancos. Quando os hóspedes eram importantes, os homens ficavam num quarto e as mulheres, no outro. Aquele com certeza era o quarto das mulheres, pois havia numa mesa pequena vários artigos femininos típicos: escovas, fitas e misteriosos potes e outros frascos.

No chão jaziam dois colchões de palha. Richard e Margery estavam deitados em um deles. E faziam mais do que se beijar.

O bispo Richard era um homem atraente, com cabelos castanhos e feições regulares. Margery tinha quase a metade de sua idade, era uma jovem esguia, de pele branca e sobrancelhas escuras. Deitavam-se lado a lado. Richard beijava seu rosto e falava em seu ouvido. Um sorriso de prazer contraía seus lábios carnudos. O vestido de Margery fora levantado até a cintura. Tinha pernas bonitas, brancas e compridas. Richard mantinha a mão entre as coxas dela, movimentando-a com evidente experiência. Embora não tivesse muito conhecimento de mulheres, Godwyn sabia de alguma forma o que ele fazia. Margery fitava Richard com adoração, a boca entreaberta, ofegante de excitação, o rosto vermelho de paixão. Talvez fosse apenas preconceito, mas Godwyn teve a intuição de que Richard considerava Margery como sua diversão do momento, enquanto ela via em Richard o amor de sua vida.

Godwyn os contemplou por um momento, horrorizado. Richard deslocou a mão e Godwyn se descobriu de repente olhando para o triângulo cabeludo entre as coxas de Margery, escuro contra sua pele branca, assim como as sobrancelhas. Apressou-se em desviar os olhos.

– Deixe-me ver também – murmurou Philemon.

Godwyn se afastou da parede. Aquilo era chocante, mas o que ele deveria fazer? Se é que deveria fazer alguma coisa. Philemon olhou pelo buraco e soltou um murmúrio de excitação.

– Posso ver a cona! – sussurrou. – E Richard a está acariciando!

– Saia daí – disse Godwyn. – Já vimos o suficiente... até demais.

Philemon ainda hesitou, fascinado; depois, relutante, afastou-se e ajeitou a pedra solta no lugar.

– Devemos denunciar a fornicação do bispo imediatamente!

– Cale a boca e deixe-me pensar.

Se fizesse o que Philemon sugeria, Godwyn passaria a ter Richard e sua poderosa família como inimigos... e sem qualquer propósito. Mas havia como se aproveitar daquela situação? Godwyn tentou pensar com a cabeça da mãe. Se não havia nada a ganhar com a revelação do pecado de Richard, seria possível transformar em virtude o fato de ocultá-lo? Talvez Richard se mostrasse agradecido a Godwyn por guardar o segredo.

Isso era mais promissor. Mas, para que funcionasse, Richard precisava saber

que Godwyn o protegia.

– Venha comigo – disse ele a Philemon.

Philemon tornou a arrastar o armário para o lugar. Godwyn se perguntou se o barulho da madeira rangendo na pedra do chão seria audível no quarto ao lado. Duvidava. De qualquer maneira, Richard e Margery se encontravam absortos demais no que faziam para prestar atenção a ruídos do outro lado da parede.

Godwyn desceu a escada na frente. Atravessaram os claustros. Havia duas escadas para os aposentos particulares: uma subia do andar térreo e a outra por fora do prédio, permitindo que os hóspedes importantes entrassem e saíssem sem passar pelo salão em que ficavam as pessoas comuns. Godwyn subiu apressado pela escada externa.

Parou junto do quarto em que Richard e Margery estavam.

– Entre atrás de mim – murmurou para Philemon. – Não faça nada. Não diga nada. Saia quando eu sair. – Philemon largou a vassoura.

– Não – disse Godwyn. – Entre com ela.

– Está bem.

Godwyn abriu a porta e entrou.

– Quero este quarto muito limpo – disse ele em voz alta. – Varra todos os cantos... Oh, perdão! Pensei que o quarto estava vazio!

No tempo que levara para Godwyn e Philemon correrem do dormitório para o hospital, os amantes haviam progredido. Richard agora se deitava em cima de Margery, a batina clerical levantada na frente. Ela mantinha as pernas levantadas, ao lado dos quadris do bispo. Não havia a menor possibilidade de equívoco sobre o que faziam.

Richard interrompeu os movimentos de arremetida e olhou para Godwyn com uma mistura de frustração indignada e culpa assustada. Margery soltou um grito chocado e também fitou Godwyn, com medo nos olhos.

– Bispo Richard! – exclamou Godwyn, simulando surpresa, pois queria que ele não tivesse a menor dúvida de que fora reconhecido. – Mas como...? E Margery?

Ele simulou compreender subitamente.

– Perdoem-me! – Godwyn se virou e gritou para Philemon: – Saia! Agora!

Philemon se apressou em passar pela porta, ainda segurando a vassoura.

Godwyn o seguiu, mas se virou na porta, para ter certeza de que Richard o via direito. Os dois amantes permaneceram paralisados na mesma posição, em congresso sexual, mas seus rostos mudaram. A mão de Margery subira para a boca, no gesto eterno de culpa e surpresa. A expressão de Richard era de quem fazia cálculos frenéticos. Queria falar, mas não podia pensar no que dizer. Godwyn decidiu livrá-los da angústia. Fizera tudo o que precisava fazer.

Saiu, mas, antes que pudesse fechar a porta, um choque o deixou imóvel. Uma mulher subia a escada. Ele foi dominado por um momento de pânico. Era Philippa, a esposa do outro filho do conde. Ele compreendeu no mesmo instante que o segredo culpado de Richard perderia seu valor se mais alguém o descobrisse. Tinha de avisá-lo.

– Lady Philippa! – disse ele em voz alta. – Bem-vinda ao priorado de Kingsbridge!

Ouviu sons urgentes dentro do quarto. Pelo canto do olho, percebeu que Richard se levantava de um pulo.

Por sorte, Philippa não entrou direto no quarto. Em vez disso, parou e disse a Godwyn:

– Talvez você possa me ajudar.

Do lugar em que parara, ela não podia ver o interior do quarto, percebeu Godwyn.

– Perdi uma pulseira – explicou Philippa. – Não é preciosa, apenas madeira esculpida. Mas gosto muito dela.

– É uma pena – murmurou Godwyn com um ar compadecido. – Pedirei que todos os monges e freiras procurem por ela.

– Eu não vi – disse Philemon.

– Talvez tenha escapulido de seu pulso – comentou Godwyn.

Ela franziu o rosto.

– O mais estranho é que não a usei desde que cheguei aqui. Tirei-a e a larguei em cima da mesa. Agora, não consigo encontrá-la.

– Talvez tenha rolado para algum canto escuro. Philemon aqui vai procurar. É ele quem limpa os quartos de hóspedes.

Philippa olhou para Philemon.

– Eu o encontrei quando saía, há cerca de uma hora. Não viu a pulseira

quando varreu o quarto?

– Ainda não varri. A Srta. Margery entrou no momento em que eu ia começar.

– Philemon acabava de voltar para limpar, mas a Srta. Margery está... – ele olhou para o quarto –... em oração.

Margery se ajoelhara no genuflexório e mantinha os olhos fechados, suplicando perdão por seu pecado, Godwyn esperava. Richard se postava atrás dela, a cabeça inclinada, as mãos cruzadas, os lábios em movimento, num murmúrio.

Godwyn deu um passo para o lado, a fim de deixar que Philippa entrasse no quarto. Ela lançou um olhar desconfiado para o cunhado.

– Olá, Richard. Você não costuma orar durante a semana.

Ele levou um dedo aos lábios, num gesto de quem pedia silêncio, e apontou para Margery. Philippa disse, bruscamente:

– Margery pode orar tanto quanto quiser, mas este é o quarto das mulheres e quero que você saia.

Richard escondeu seu alívio e se retirou, fechando a porta para as duas mulheres.

Ele e Godwyn se entreolharam. Godwyn percebeu que Richard não sabia o que fazer. Poderia se sentir propenso a dizer “Como ousa entrar num quarto sem bater?”, mas estava tão errado que provavelmente não teria o sangue-frio para se mostrar arrogante. Por outro lado, também não podia suplicar a Godwyn que guardasse segredo, pois assim reconheceria que se encontrava sob o poder do monge. Era um momento de constrangimento angustiante. Enquanto Richard hesitava, Godwyn declarou:

– Ninguém jamais ouvirá nada de mim.

Richard mostrou-se aliviado, mas olhou para Philemon.

– E ele?

– Philemon quer ser um monge. Está aprendendo a virtude da obediência.

– Estou em dívida com você.

– Um homem deve confessar seus próprios pecados, não os pecados de outros.

– Mesmo assim, sou grato, irmão...?

– Godwyn, o sacristão. Sou sobrinho do prior Anthony. – Ele queria que Richard soubesse que era bem relacionado o suficiente para criar problemas. Mas se apressou em acrescentar, para atenuar o tom de ameaça: – Minha mãe foi noiva de seu pai há muitos anos, antes que ele se tornasse conde.

– Já ouvi essa história.

Godwyn teve vontade de dizer também: “E seu pai rejeitou minha mãe, assim como você planeja rejeitar a pobre Margery.” Mas, na verdade, apenas comentou, jovial:

– Poderíamos ter sido irmãos.

– É verdade.

Soou o sino para o jantar. Aliviados do embaraço, os três homens se separaram: Richard foi para a casa do prior Anthony; Godwyn, para o refeitório dos monges; e Philemon, para a cozinha, a fim de ajudar no serviço.

Godwyn estava pensativo enquanto atravessava os claustros. Sentia-se perturbado pela cena animal que testemunhara, mas achava que cuidara bem da situação. No final, Richard dera a impressão de que confiava nele.

No refeitório, Godwyn sentou ao lado de Theodoric, um monge inteligente, uns poucos anos mais jovem do que ele. Theodoric não estudara em Oxford e, em consequência, tinha o maior respeito por Godwyn. Como este o tratava como igual, Theodoric sentia-se lisonjeado.

– Acabo de ler uma coisa que vai interessá-lo – comentou Godwyn. Ele resumiu o que lera sobre a atitude do reverenciado prior Philip em relação às mulheres em geral e às freiras em particular. – É o que você sempre disse – arrematou Godwyn.

Na verdade, Theodoric nunca expressara uma opinião sobre o assunto, mas sempre concordara quando Godwyn se queixava da indulgência do prior Anthony.

– Claro. – Theodoric, que tinha olhos azuis e a pele clara, agora estava corado de excitação. – Como podemos ter pensamentos puros quando somos constantemente distraídos pelas mulheres?

– Mas o que podemos fazer?

– Devemos confrontar o prior.

– No capítulo, não é mesmo? – Godwyn falou como se a ideia fosse de

Theodoric, não sua. – Um excelente plano. Mas os outros nos apoiariam?

– Os monges mais jovens, com certeza.

Os jovens provavelmente concordavam com quase todas as críticas aos mais velhos, pensou Godwyn. Mas ele também sabia que muitos partilhavam sua preferência por uma vida em que as mulheres estivessem ausentes ou, pelo menos, invisíveis.

– Se conversar com alguém daqui até o capítulo, avise-me sobre o que os outros pensam – pediu Godwyn. Isso encorajaria Theodoric a sair em busca de apoio.

O jantar foi servido, um ensopado de peixe salgado e vagem. Mas, antes que Godwyn pudesse comer, foi impedido por frei Murdo.

Os frades eram monges que viviam entre as pessoas comuns em vez de isolados em mosteiros. Achavam que sua abnegação era mais rigorosa que a dos monges institucionais, cujo voto de pobreza era comprometido por seus esplêndidos prédios e extensas propriedades. Tradicionalmente, os frades não tinham propriedades, nem mesmo igrejas... embora muitos abandonassem esse ideal depois que admiradores devotos lhes davam terras e dinheiro. Aqueles que ainda viviam de acordo com os princípios originais pediam comida e dormiam no chão da cozinha. Pregavam em mercados e na frente de tavernas e eram recompensados com moedas. Não hesitavam em viver à custa dos monges comuns, aos quais pediam comida e alojamento sempre que convinha. Sua pressuposição de superioridade, como era de esperar, causava ressentimentos.

Frei Murdo era um exemplo bastante desagradável: gordo, sujo, guloso, muitas vezes bêbado, às vezes visto na companhia de prostitutas. Mas era também um pregador carismático, capaz de atrair uma multidão de pessoas com seus sermões pitorescos, embora dúbios em termos teológicos.

Então ele se levantou, sem ser convidado, e começou a orar em voz alta:

– Nosso Pai, abençoe este alimento para nossos corpos infames e corrompidos, tão cheios de pecados quanto um cachorro morto é cheio de vermes...

As orações de Murdo nunca eram breves. Godwyn largou sua colher, com um suspiro.



Havia sempre uma leitura no capítulo, em geral da regra de São Bento, mas com frequência da Bíblia e às vezes de outros livros religiosos. Enquanto os monges ocupavam seus lugares nos bancos de pedra da câmara octogonal do capítulo, Godwyn procurou o jovem monge com quem deveria ler naquele dia e avisou, em voz baixa mas firme, que ele, Godwyn, seria o único a ler hoje. Depois, quando o momento chegou, ele leu a página crucial do *Livro de Timothy*.

Sentia-se nervoso. Voltara de Oxford um ano antes, e desde então mantinha conversas discretas sobre a reforma do priorado, mas, até aquele momento, não tivera uma confrontação aberta com Anthony. O prior era fraco e preguiçoso, precisava ser arrancado de sua apatia. Além disso, São Bento escrevera: "Todos devem participar do capítulo, pois muitas vezes o Senhor revela a um membro mais jovem o que é melhor." Godwyn tinha todo o direito de falar no capítulo e pedir o cumprimento mais rigoroso das regras monásticas. Mesmo assim, ele sentiu de repente que corria um risco e desejou ter levado mais tempo pensando em sua tática de usar o *Livro de Timothy*.

Mas era tarde demais para qualquer arrependimento. Fechou o livro e disse:

– Minha pergunta, para mim mesmo e para meus irmãos, é a seguinte: caímos abaixo dos padrões do prior Philip na questão da separação entre os monges e as freiras?

Ele aprendera, nos debates entre estudantes, a apresentar seu argumento sob a forma de uma indagação, sempre que possível, dando a seu oponente uma margem mínima de contestação.

O primeiro a responder foi Carlus Cego, o subprior, auxiliar direto de Anthony:

– Alguns mosteiros ficam longe de qualquer centro de população, ou numa ilha desabitada, ou no fundo de uma floresta, ou no topo solitário de uma montanha.

Sua maneira lenta e deliberada de falar deixava Godwyn impaciente. Ele continuou, sem qualquer pressa:

– Nessas casas, os irmãos se isolam de todo contato com o mundo secular. Kingsbridge nunca foi assim. Estamos no coração de uma grande cidade, o lar de

7 mil almas. Cuidamos de uma das mais magníficas catedrais da cristandade. Muitos de nós são médicos, porque São Bento disse: “Cuidados especiais devem ser dispensados aos doentes, pois devem ser tratados como o próprio Cristo.” O luxo do isolamento total não nos foi concedido. Deus nos incumbiu de uma missão diferente.

Godwyn esperava alguma coisa assim. Carlus detestava que mudassem os móveis de posição, pois esbarraria neles, e se opunha a qualquer outro tipo de mudança, pela ansiedade paralela de lidar com o desconhecido. Theodoric prontamente rebateu Carlus:

– Razão ainda maior para que sejamos rigorosos com as regras. Um homem que vive ao lado de uma taverna deve tomar um cuidado extraordinário para evitar a embriaguez.

Houve um murmúrio de concordância satisfeita: os monges gostavam de uma réplica bem articulada. A pele clara de Theodoric ficou rosada de satisfação. Um noviço chamado Juley, encorajado, falou alto o bastante para ser ouvido por todos:

– As mulheres não incomodam Carlus porque ele não pode vê-las.

Vários monges riram, embora outros balançassem a cabeça em desaprovação.

Godwyn sentiu que ia muito bem. Parecia estar ganhando a discussão até agora. O prior Anthony perguntou:

– O que propõe exatamente, irmão Godwyn?

Ele não estudara em Oxford, mas sabia o suficiente para pressionar à procura do objetivo do oponente. Relutante, Godwyn pôs suas cartas na mesa:

– Podemos considerar a possibilidade de reverter a situação ao que era no tempo do prior Philip.

Anthony continuou pressionando:

– O que exatamente isso significa? Nada de freiras?

– Isso mesmo.

– Mas para onde elas iriam?

– O convento pode ser removido para outro lugar e se tornar uma célula remota do priorado, como Kingsbridge College ou St.-John-in-the-Forest.

Isso deixou todos chocados. Houve um clamor de comentários, que o prior

controlou com alguma dificuldade. A voz que emergiu no burburinho foi a de Joseph, o médico sênior. Era um homem inteligente e orgulhoso, a quem Godwyn via com cautela.

– Como poderíamos cuidar do hospital sem as freiras? – Os dentes podres tornavam a voz sibilante, de tal maneira que parecia embriagado, mas nem por isso falava com menos autoridade. – Elas ministram os medicamentos, trocam os curativos, alimentam os inválidos, penteiam os cabelos dos velhos senis...

– Os monges poderiam fazer tudo isso – garantiu Theodoric.

– E o que me diz dos partos? – indagou Joseph. – Muitas vezes cuidamos de mulheres que estão com dificuldade para trazer um bebê ao mundo. Como os monges as ajudariam sem as freiras para... tocar no que é necessário tocar?

Vários homens manifestaram sua concordância, mas Godwyn previra essa questão e logo sugeriu:

– As freiras não poderiam ser removidas para o antigo lazareto?

A colônia de leprosos – ou lazareto – ficava numa pequena ilha no rio, ao sul da cidade. Nos velhos tempos, era povoada por sofredores, mas a lepra parecia estar acabando e agora havia apenas dois ocupantes, ambos idosos.

O irmão Cuthbert, sempre espirituoso, murmurou:

– Eu não gostaria de ser encarregado de comunicar à madre Cecilia que ela será transferida para uma colônia de leprosos.

Houve uma nova onda de risos.

– As mulheres devem ser regidas pelos homens – declarou Theodoric.

– E madre Cecilia é regida pelo bispo Richard – disse o prior Anthony. – Ele teria de tomar a decisão.

– Que o céu impeça que ele tome tal decisão. – Era Simeon, o tesoureiro. Um homem magro, de rosto comprido, ele se opunha a todas as propostas que acarretassem despesas. – Não poderíamos sobreviver sem as freiras.

Godwyn foi tomado de surpresa.

– Por que não?

– Não temos dinheiro suficiente. Quando a catedral precisa de reparos, quem você acha que paga os construtores? Não somos nós, não temos condições. É madre Cecilia. Ela compra suprimentos para o hospital, pergaminhos para a sala dos manuscritos e ração para os estábulos. Qualquer coisa usada em comum por

monges e freiras é paga por ela.

Godwyn estava consternado.

– Por que somos tão dependentes das freiras?

Simeon deu de ombros.

– Ao longo dos anos, muitas mulheres devotas doaram terras e outros bens ao convento.

Essa não era toda a história, Godwyn tinha certeza. Os monges também dispunham de muitos recursos. Recebiam aluguéis e outros tributos de quase todos os cidadãos de Kingsbridge, além de possuírem milhares de acres de terras cultivadas. A maneira como a riqueza era administrada devia ser um fator. Mas não havia sentido em discutir esse ponto agora. Perdera a discussão. Até mesmo Theodoric se calara. Anthony disse, complacente:

– Foi uma discussão muito interessante. Obrigado, Godwyn, por levantar a questão. Agora, vamos rezar.

Godwyn estava furioso demais para uma oração. Não conseguira nada do que queria e não sabia onde errara. Enquanto os monges saíam, Theodoric lançou-lhe um olhar assustado e murmurou:

– Eu não sabia que as freiras pagavam tanta coisa.

– Nenhum de nós sabia. – Godwyn percebeu que olhava irritado para Theodoric e se apressou em acrescentar: – Mas você foi esplêndido, debateu melhor do que muitos homens de Oxford.

Era a coisa certa a dizer, e Theodoric ficou feliz.

Aquela era a hora em que os monges liam na biblioteca ou passeavam pelos claustros, mas Godwyn tinha outros planos. Alguma coisa o intrigara durante todo o jantar e o capítulo. Relegara-a para o fundo da mente porque coisas mais importantes haviam interferido, mas voltou agora. Pensava que sabia onde podia estar a pulseira de lady Philippa.

Havia poucos esconderijos num mosteiro. Os monges levavam uma vida comunitária: com exceção do prior, ninguém tinha um quarto só para si. Mesmo na latrina, sentavam-se lado a lado, sobre um cocho por onde passava sem cessar a água levada por tubos. Não podiam ter bens pessoais, por isso ninguém tinha armários nem mesmo uma caixa.

Mas hoje Godwyn vira um esconderijo.

Ele subiu para o dormitório. Estava vazio. Afastou da parede o armário de roupas de cama e removeu a pedra solta, mas não olhou pelo buraco. Em vez disso, enfiou a mão, explorando. Tateou em cima, nos lados, no fundo. À direita, havia uma pequena fissura. Godwyn esticou os dedos e tocou em algo que não era pedra nem argamassa.

Tirou o objeto. Era uma pulseira de madeira esculpida.

Godwyn a levantou contra a luz. Era feita de alguma madeira de lei, provavelmente carvalho. A superfície interna era lixada, mas a externa mostrava quadrados e losangos interligados com uma precisão fascinante. Godwyn pôde compreender por que lady Philippa gostava tanto daquela pulseira.

Ele a guardou no mesmo lugar em que a encontrara, ajeitou a pedra solta e empurrou o armário de volta à posição.

O que Philemon queria com aquela pulseira? Poderia vendê-la por 1 ou 2 *pence*, mas seria um risco, porque era reconhecível. Mas com certeza não a usaria.

Godwyn deixou o dormitório e desceu a escada para os claustros. Não sentia a menor disposição para o estudo ou a meditação. Precisava conversar sobre os acontecimentos do dia. Tinha necessidade de ver a mãe.

O pensamento o deixou apreensivo. Ela poderia censurá-lo por seu fracasso no capítulo. Mas tinha certeza de que o elogiaria pela maneira como lidara com o bispo Richard e estava ansioso em relatar tudo. Decidiu sair para procurá-la.

Em termos estritos, isso não era permitido. Os monges não deveriam vaguear à vontade pelas ruas da cidade. Precisavam de uma razão e, em teoria, deveriam pedir permissão para o prior antes de sair do priorado. Na prática, porém, os obedienciários – autoridades monásticas – tinham dezenas de pretextos. O priorado mantinha negócios constantes com mercadores, comprando alimentos, roupas, sapatos, pergaminhos, velas, ferramentas de jardinagem, arreios para os cavalos... todas as necessidades da vida cotidiana. Os monges eram proprietários; possuíam quase toda a cidade. E qualquer um dos médicos podia ser chamado para atender um paciente incapaz de se locomover até o hospital. Portanto, não era incomum ver monges nas ruas e não era provável que alguém pedisse a Godwyn, o sacristão, uma explicação para sua saída do mosteiro.

Não obstante, era sempre sensato ser discreto. Ele passou pela feira

movimentada e seguiu apressado pela rua principal até a casa de seu tio Edmund.

Como já esperava, Edmund e Caris haviam saído para cuidar dos negócios. Encontrou a mãe sozinha com os criados.

– É um presente generoso para uma mãe ver o filho duas vezes no mesmo dia! – exclamou Petranilla. – E me dá uma oportunidade de alimentá-lo direito!

Ela serviu-lhe uma caneca grande de cerveja forte e mandou que a cozinheira trouxesse um prato com carne fria.

– O que aconteceu no capítulo?

Godwyn relatou tudo e comentou, ao final:

– Eu estava com pressa demais.

Petranilla acenou com a cabeça.

– Meu pai dizia: nunca convoque uma reunião até que o resultado seja certo.

– Devo me lembrar disso. – Godwyn sorriu.

– Seja como for, acho que não houve mal.

Era um alívio. A mãe não ficara furiosa.

– Mas perdi a discussão.

– Mas também definiu sua posição como líder do grupo reformista mais jovem.

– Mesmo que tenha bancado o tolo?

– É melhor do que ser uma nulidade.

Godwyn não sabia se a mãe estava certa, mas, como sempre acontecia quando duvidava da sabedoria dela, não contestou, preferindo pensar a respeito mais tarde.

– Aconteceu uma coisa muito estranha.

Ele contou sobre Richard e Margery, omitindo os detalhes físicos mais grosseiros. Petranilla ficou surpresa.

– Richard deve estar louco! O casamento será cancelado se o conde de Monmouth descobrir que Margery não é mais virgem. O conde Roland ficará furioso. Richard pode ser banido do clero.

– Mas muitos bispos têm amantes, não é mesmo?

– Isso é diferente. Um padre pode ter uma “governanta”, que é sua esposa sob todos os aspectos, menos no nome. Um bispo pode ter várias amantes. Mas tirar a virgindade de uma nobre pouco antes de seu casamento... até mesmo o

filho de um conde pode ter dificuldade para sobreviver como clérigo depois disso.

– O que acha que devo fazer?

– Nada. Cuidou muito bem da situação até agora. – Godwyn se sentiu orgulhoso. – Um dia essa informação será uma arma poderosa – acrescentou Petranilla. – Não se esqueça disso.

– Há mais uma coisa. Fiquei pensando como Philemon descobriu a pedra solta e me ocorreu que ele podia ter usado o lugar inicialmente como um esconderijo. Estava certo... e encontrei uma pulseira que lady Philippa havia perdido.

– Muito interessante. Tenho a impressão de que Philemon ainda será muito útil para você. Ele é capaz de fazer qualquer coisa. Não tem escrúpulos, não tem moral. Meu pai tinha um associado que estava sempre disposto a fazer o trabalho sujo: criar boatos, espalhar intrigas venenosas, fomentar discórdias. Homens assim podem ser valiosos.

– Acha que não devo denunciar o furto?

– Claro que não. Obrigue-o a devolver a pulseira, se acha que isso é importante. Ele pode dizer que a encontrou quando varria. Mas não o denuncie. Garanto que colherá os benefícios mais tarde.

– Então devo protegê-lo?

– Como faria com um cachorro feroz que ataca os intrusos. Ele é perigoso, mas vale a pena.

10

Na quinta-feira, Merthin completou a porta que estava esculpindo. Concluíra seu trabalho na nave sul, pelo menos por enquanto. O andaime estava pronto. Não havia necessidade de fazer o cimbre para os pedreiros, já que Godwyn e Thomas estavam determinados a poupar dinheiro usando o método proposto por Merthin. Por isso ele voltou a cuidar da porta e constatou que faltava bem pouco para terminá-la. Passou uma hora melhorando os cabelos de uma virgem sábia e outra no sorriso tolo de uma virgem insensata, mas não teve certeza se conseguira melhorar o que já fizera antes. Era difícil tomar decisões com a mente oscilando entre Caris e Griselda.

Mal fora capaz de falar com Caris durante toda a semana. Sentia-se envergonhado. Cada vez que via Caris, pensava na maneira como abraçara Griselda, beijara-a, fizera com ela o maior ato de amor da vida humana... uma jovem de quem ele nem gostava, muito menos amava. Embora tivesse passado antes muitas horas felizes imaginando o momento em que faria aquilo com Caris, agora a perspectiva o enchia de medo. Não havia nada de errado com Griselda. Ou, melhor, havia, mas não era isso que o perturbava. Sentiria a mesma coisa se fosse qualquer outra mulher que não Caris. Tirara o significado do ato ao fazer com Griselda. E agora não podia encarar a mulher que amava.

Enquanto olhava para seu trabalho, tentando parar de pensar em Caris e decidir se a porta já estava pronta ou não, Elizabeth Clerk entrou pelo pórtico norte. Era uma beldade esguia e pálida de 25 anos, com uma nuvem de cachos louros. Seu pai fora bispo de Kingsbridge antes de Richard. Ele residira no palácio do bispo em Shiring, como Richard, mas em suas frequentes visitas a Kingsbridge se apaixonara por uma moça que servia na Bell... a mãe de Elizabeth. Por causa de sua ilegitimidade, Elizabeth era sensível em relação à

posição social, alerta à menor desfeita e rápida em se ofender. Mas Merthin gostava dela, porque era uma mulher inteligente e também porque o beijara quando ele tinha 18 anos; deixara-o acariciar seus seios, que se destacavam no alto do peito e eram pequenos, como se moldados com taças rasas, com mamilos que endureciam ao contato mais leve. O romance acabara por algo que parecera trivial para Merthin e imperdoável para ela – uma piada que ele contara sobre padres devassos –, mas ele ainda gostava de Elizabeth.

Ela tocou no ombro de Merthin e olhou para a porta. Levou a mão à boca e soltou uma exclamação de espanto:

– Elas parecem vivas!

Merthin ficou emocionado. O elogio era sincero. Mesmo assim, ele sentiu um impulso de modéstia.

– Porque eu dei características individuais a cada uma. Todas as virgens eram idênticas na porta antiga.

– É mais do que isso. Elas dão a impressão de que podem sair da porta a qualquer momento para falar com as pessoas.

– Obrigado.

– Mas é tão diferente de todo o resto da catedral. O que os monges dirão?

– O irmão Thomas gosta.

– E o sacristão?

– Godwyn? Não sei o que ele vai pensar. Mas, se criar problemas, recorrerei ao prior Anthony. Ele não vai querer encomendar outra porta e pagar duas vezes.

– A Bíblia não diz que eram todas iguais, é claro... apenas que cinco tiveram o bom senso de se aprontar com antecedência, enquanto as outras cinco deixaram os arranjos para o último momento e acabaram perdendo a festa. Mas o que me diz de Elfric?

– A porta não é para ele.

– Elfric é o seu mestre.

– Ele só está interessado em receber o dinheiro.

Elizabeth não estava convencida.

– O problema é que você é melhor do que ele. Isso já é evidente há dois ou três anos, e todo mundo sabe disso. Elfric nunca admitiria, mas é o motivo para que ele odeie você. Pode fazê-lo se arrepender de ter esculpido a porta assim.

– Você sempre vê o lado pior das coisas.

– Acha mesmo? – Ela se mostrou ofendida. – Veremos se estou certa. Espero que não.

Ela virou-se para ir embora.

– Elizabeth...

– O que é?

– Fico muito satisfeito por você ter gostado.

Ela não respondeu, mas parecia um pouco apaziguada. Acenou em despedida e foi embora.

Merthin decidiu que a porta estava pronta. Envolveu-a com pano de saco. Teria de mostrá-la a Elfric, e agora era uma ocasião tão boa quanto outra qualquer: a chuva cessara, pelo menos por enquanto.

Ele chamou um dos trabalhadores para ajudá-lo a carregá-la. Os construtores tinham uma técnica para carregar objetos pesados e de difícil manipulação. Estendiam duas estacas fortes no chão, paralelas, e ajeitavam tábuas na transversal, na parte central, para ter uma base firme. Colocavam o objeto sobre as tábuas. Depois, postavam-se entre as estacas, um de cada lado, e levantavam. A disposição era chamada de padiola, sendo usada também para transportar doentes até o hospital.

Mesmo assim, a porta era bastante pesada. Mas Merthin já se acostumara a levantar peso. Elfric nunca permitira que ele se esquivasse desse trabalho por causa de sua baixa estatura. Em consequência, ele se tornara surpreendentemente forte.

Os dois homens chegaram à casa de Elfric e entraram com a porta. Griselda estava sentada na cozinha. A cada dia parecia se tornar mais voluptuosa: os seios grandes ficaram ainda maiores. Merthin não gostava de desagradar e tentou ser cordial, indagando ao passarem:

– Não quer ver minha porta?

– Por que eu haveria de querer ver uma porta?

– É esculpida. A história das virgens sábias e das insensatas.

Ela soltou uma risada sem qualquer humor.

– Não me fale de virgens.

Levaram a porta para o pátio. Merthin não compreendia as mulheres.

Griselda o tratava com frieza desde que haviam feito sexo. Se era assim que ela se sentia, por que insistira naquilo? Griselda vinha deixando claro que não queria repetir a experiência. Ele poderia tê-la tranquilizado com a informação de que se sentia da mesma maneira – na verdade, detestava a perspectiva –, mas achava que seria insultuoso. Por isso, nada dizia.

Baixaram a padiola no pátio e o ajudante de Merthin foi embora. Elfric estava ali, o corpo musculoso inclinado sobre uma pilha de tábuas, contando-as. Batia em cada uma com um pedaço de madeira de um palmo de comprimento, a língua estufando a bochecha, como sempre fazia quando deparava com um desafio mental. Lançou um olhar furioso para Merthin e continuou. Merthin não disse nada. Retirou o pano que cobria a porta e encostou-se numa pilha de blocos de pedra. Sentia um orgulho extraordinário do trabalho que fizera. Seguira o padrão tradicional, mas ao mesmo tempo fizera uma coisa original, que deixava as pessoas impressionadas. Mal podia esperar para ver a porta instalada na catedral.

– Quarenta e sete – disse Elfric, virando-se para Merthin.

– Acabei a porta – anunciou Merthin, orgulhoso. – O que você acha?

Elfric olhou para a porta por um momento. Tinha o nariz grande e as narinas tremeram de surpresa. Depois, inesperadamente, ele bateu no rosto de Merthin com o bastão que vinha usando para ajudá-lo a contar. Era sólido e a pancada doeu. Merthin gritou em súbita agonia, cambaleou para trás e caiu.

– Seu monte de merda! – berrou Elfric. – Você profanou minha filha! – Merthin ainda tentou balbuciar um protesto, mas tinha a boca cheia de sangue. – Como se atreveu?

Como se fosse uma deixa, Alice veio do interior da casa.

– Sua cobra! – gritou. – Entrou sorrateiro na casa e deflorou nossa menina! – Os dois fingiam ser espontâneos, mas haviam planejado a cena, pensou Merthin. Ele cuspiu sangue e disse:

– Deflorei? Ela não era mais virgem!

Elfric o golpeou de novo, com o porrete improvisado. Merthin rolou para se esquivar, mas ainda assim foi atingido no ombro, que ficou dolorido.

– Como pôde fazer isso com Caris? – indagou Alice. – Minha pobre irmã... Quando ela descobrir, ficará com o coração partido.

Merthin foi espicaçado para dar uma resposta.

– E você, com certeza, vai contar para ela, não é mesmo, sua vaca?

– Ela acabará sabendo, porque seu casamento com Griselda não será um segredo para ninguém – declarou Alice.

Merthin ficou atônito.

– Casamento? Não vou me casar com Griselda. Ela me odeia.

Griselda apareceu nesse instante.

– Claro que não quero me casar com você, mas não há outro jeito. Estou grávida.

Merthin fitou-a, espantado.

– Não é possível... Só fizemos uma vez.

Elfric soltou uma risada áspera.

– Só é preciso uma vez, seu idiota.

– Mesmo assim, não me casarei com ela.

– Se não se casar, será despedido.

– Não pode fazer isso.

– Por que não?

– Tanto faz. Não me casarei com ela.

Elfric largou o pedaço de pau e pegou um machado.

– Jesus Cristo! – exclamou Merthin.

Alice deu um passo à frente.

– Não cometa um assassinato, Elfric.

– Saia da frente, mulher – esbravejou Elfric, erguendo o machado.

Merthin, ainda no chão, recuou apressado, temendo por sua vida. Elfric baixou o machado não em cima de Merthin, mas em sua porta.

– Não! – berrou Merthin.

A lâmina afiada afundou no rosto da virgem de cabelos compridos e rachou a madeira ao longo da granulação.

– Pare! – gritou Merthin.

Elfric levantou o machado outra vez. O novo golpe foi dado com mais força e rachou a porta em duas. Merthin se levantou. Para seu horror, sentia os olhos cheios de lágrimas.

– Você não tem esse direito! – Ele tentou gritar, mas a voz saiu num sussurro.

Elfric ergueu o machado e se virou para ele.

– Fique longe, rapaz... Não me provoque.

Merthin percebeu o brilho da loucura nos olhos de Elfric e recuou. Ele tornou a golpear a porta com o machado.

Merthin ficou olhando, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

11

Os dois cachorros, Skip e Scrap, cumprimentaram-se com um entusiasmo esfuziante. Eram da mesma ninhada, embora não fossem parecidos: Skip era um macho marrom e Scrap, uma fêmea pequena e preta. Skip era um típico cachorro de aldeia, magro e desconfiado, enquanto Scrap, moradora da cidade, era gorda e alegre.

Fazia dez anos desde que Gwenda escolhera Skip numa ninhada de filhotes mestiços, no chão do quarto de Caris, na casa enorme do mercador de lã. Acontecera no dia em que a mãe dela morrera. Desde então, as duas haviam se tornado grandes amigas. Só se encontravam duas ou três vezes por ano, mas partilhavam seus segredos. Gwenda sentia que podia contar tudo a Caris e que as informações nunca chegariam ao conhecimento de seus pais ou de qualquer outra pessoa em Wigleigh. Presumia que Caris sentia a mesma coisa: como Gwenda não falava com nenhuma outra garota de Kingsbridge, não podia haver risco de deixar escapulir alguma coisa num momento de descuido.

Gwenda chegou a Kingsbridge na sexta-feira da semana da Feira do Velocino. Seu pai, Joby, foi para o terreno da feira, no adro da catedral, a fim de vender as peles dos esquilos que apanhara em armadilhas na floresta perto de Wigleigh. Gwenda seguiu direto para a casa da amiga e os dois cachorros se reencontraram.

Como sempre, Gwenda e Caris puseram-se a conversar sobre os rapazes.

– Merthin anda muito estranho – comentou Caris. – No domingo estava normal, beijando-me na igreja... mas segunda-feira mal foi capaz de me olhar nos olhos.

– Ele se sente culpado – disse Gwenda no mesmo instante.

– Tavez tenha a ver com Elizabeth Clerk. Ela sempre andou de olho em

Merthin embora seja uma vaca fria e velha demais para ele.

– Você e Merthin já fizeram?

– Fizemos o quê?

– Você sabe... Quando eu era pequena, costumava chamar de grunhido, porque era esse o ruído que os adultos soltavam quando faziam.

– Ah, isso? Não... ainda não.

– Por que não?

– Não sei...

– Não tem vontade?

– Tenho, mas... Não se preocupa em passar sua vida inteira fazendo o que um homem manda?

Gwenda deu de ombros.

– Não gosto da ideia, mas também não me preocupo com isso.

– E você? Já fez?

– Não exatamente. Disse sim para um garoto da aldeia próxima, há alguns anos, só para ver como era. Dá um calor por dentro, é como beber vinho. Essa foi a única vez. Mas deixaria Wulfric fazer a qualquer momento que ele quisesse.

– Wulfric? Isso é novidade!

– Sei disso. E falo sério. Eu o conheço desde que éramos pequenos, quando ele costumava puxar meus cabelos e correr. Até que um dia, logo depois do Natal, ele entrou na igreja e descobri que se tornara um homem. E não apenas um homem... um homem deslumbrante. Tinha neve nos cabelos, um lenço cor de mostarda em torno do pescoço... e parecia radiante.

– Você o ama?

Gwenda suspirou. Não sabia descrever o que sentia. Não era apenas amor. Pensava em Wulfric o tempo todo e não sabia como poderia viver sem ele. Sonhava em sequestrá-lo e mantê-lo trancado numa cabana nos confins da floresta para que nunca mais pudesse escapar dela.

– A expressão em seu rosto responde à pergunta – comentou Caris. – Ele a ama?

Gwenda balançou a cabeça.

– Wulfric nem fala comigo. Gostaria que ele demonstrasse que sabe que eu

existo, mesmo que apenas puxasse os meus cabelos. Mas ele é apaixonado por Annet, a filha de Perkin. Ela é uma vaca egoísta, mas Wulfric a adora. O pai dela e o dele são os dois homens mais ricos da aldeia. O pai de Annet cria e vende galinhas poedeiras e o pai de Wulfric tem 50 acres.

– Fala como se não houvesse esperanças.

– Sempre há uma esperança. Tudo pode acontecer, não é mesmo? Annet pode morrer. Wulfric pode compreender de repente que sempre me amou. Meu pai pode ser feito conde e ordenar que ele se case comigo.

– Tem razão – concordou Caris, abrindo um largo sorriso. – No amor, sempre há uma esperança. Gostaria de conhecer esse rapaz.

Gwenda levantou-se.

– Estava esperando que você dissesse isso. Vamos sair e procurá-lo.

As duas deixaram a casa, seguidas pelos cachorros. As tempestades que castigaram a cidade no início da semana deram lugar a chuvas ocasionais, mas a rua principal ainda era um rio de lama. Por causa da feira, a lama se misturava com esterco, legumes podres e toda a sujeira e imundície que mil visitantes podem causar.

Enquanto passavam pelas poças repugnantes, Caris perguntou sobre a família de Gwenda.

– A vaca morreu. O pai precisa comprar outra, mas não sei como ele vai conseguir. Só tem algumas peles de esquilo para vender.

– Uma vaca custa 12 xelins este ano – informou Caris, preocupada. – O que dá 144 *pence* de prata.

Caris sempre fazia de cabeça os cálculos aritméticos. Aprendera os algarismos árabes com Buonaventura Caroli e dizia que ela tornava tudo mais fácil.

– Aquela vaca nos manteve vivos durante os últimos invernos... especialmente os pequenos.

A dor da fome extrema era familiar para Gwenda. Mesmo com a vaca para dar leite, quatro dos bebês da mãe haviam morrido. Não era de admirar que Philemon ansiasse por ser monge, pensou ela: valia quase qualquer sacrifício para ter refeições fartas todos os dias, sem falta.

– O que seu pai vai fazer? – perguntou Caris.

– Alguma coisa furtiva. É difícil roubar uma vaca. Não se pode escondê-la na bolsa. Mas ele vai encontrar algum plano astucioso.

Gwenda falava com mais confiança do que sentia. O pai era desonesto, mas não muito inteligente. Faria qualquer coisa que pudesse, legal ou não, para conseguir outra vaca, mas poderia fracassar nessa missão.

Elas passaram pelos portões do priorado e entraram no extenso pátio em que se realizava a feira. Os mercadores estavam molhados e desolados, no sexto dia de mau tempo. Haviam exposto suas mercadorias à chuva e ganharam pouco em retorno.

Gwenda se sentia pouco à vontade. Ela e Caris quase nunca falavam sobre a disparidade social entre as duas famílias. Cada vez que Gwenda a visitava, Caris encontrava um jeito discreto de dar um presente que a amiga poderia levar para casa: um queijo, um peixe defumado, uma peça de pano, um pote de mel. Gwenda lhe agradecia profundamente, mas não comentava mais nada a respeito. Quando o pai propunha que ela aproveitasse a confiança de Caris para roubar algo da casa dela, Gwenda argumentava que nesse caso nunca mais poderia visitá-la novamente, enquanto assim sempre levava alguma coisa para casa duas ou três vezes por ano. Até mesmo o pai podia perceber que havia sentido nisso.

Gwenda procurou pelo estande em que Perkin estaria vendendo suas galinhas. Provavelmente encontraria Annet ali... e, onde estava Annet, Wulfric pairava por perto. Gwenda tinha razão. Lá estava Perkin, gordo e insinuante, sempre educado com os fregueses, mas grosseiro com todos os outros. Annet segurava uma bandeja com ovos, sorrindo coquete. A bandeja comprimia o vestido contra os seios e fios dos cabelos louros se soltavam do chapéu para esvoaçar em torno das faces rosadas e do pescoço comprido. E lá estava também Wulfric, como um arcanjo que errara o caminho e vagueava entre os humanos por engano.

– Ali está ele – murmurou Gwenda. – O alto com...

– Já sei quem é – disse Caris. – Ele é bonito mesmo.

– Entende agora o que eu quis dizer.

– Mas ele não é um pouco jovem?

– Tem 16 anos. Eu estou com 18. Annet também tem 18.

– Tudo bem.

– Sei o que pensa, Caris. Ele é bonito demais para mim.

– Não...

– Os homens bonitos nunca se apaixonam pelas mulheres feias, não é mesmo?

– Você não é feia...

– Já me vi num espelho. – A lembrança era tão dolorosa que Gwenda fez uma careta. – Chorei quando descobri como eu me parecia. Tenho um nariz grande e os olhos muito juntos. Como meu pai.

– Você tem lindos olhos castanhos e cabelos maravilhosos – protestou Caris.

– Mas não estou à altura de Wulfric.

Wulfric estava de lado. Gwenda e Caris tinham uma boa visão de seu perfil. Ficaram admirando o rapaz por um momento... até que ele se virou. Gwenda gritou espantada. O outro lado do rosto de Wulfric era completamente diferente: inchado, cheio de equimoses, com o olho fechado. Ela correu na direção dele.

– O que aconteceu com você? – Ele teve um sobressalto.

– Olá, Gwenda. Tive uma briga.

Wulfric virou-se um pouco, obviamente sem graça.

– Com quem?

– Um escudeiro do conde.

– Você ficou ferido!

– Não se preocupe – reagiu ele, impaciente. – Estou bem.

Wulfric, é claro, não entendia por que ela se mostrava tão preocupada. Talvez até pensasse que Gwenda exultava com seu infortúnio. Caris perguntou:

– Que escudeiro?

Wulfric fitou-a com interesse, percebendo pela roupa que era uma mulher rica.

– O nome dele é Ralph Fitzgerald.

– Oh... o irmão de Merthin! – exclamou Caris. – Ele também ficou ferido?

– Quebrei o nariz dele – respondeu Wulfric, orgulhoso.

– E não foi punido?

– Uma noite no tronco.

Gwenda soltou um grito de angústia:

– Pobre coitado!

– Não foi tão ruim assim. Meu irmão providenciou para que ninguém jogasse nada em mim.

– Mesmo assim...

Gwenda estava horrorizada. A ideia de ser aprisionada para ela já parecia o pior tipo de tortura. Annet terminou de atender um freguês e entrou na conversa:

– Oh, é você, Gwenda...

Ela falou com frieza. Wulfric podia ignorar os sentimentos de Gwenda, mas Annet os percebia. Por isso, tratava Gwenda com uma mistura de hostilidade e desdém.

– Wulfric brigou com um escudeiro que me insultou – acrescentou ela, incapaz de esconder sua satisfação. – Foi como um cavaleiro numa balada.

– Eu não ia gostar que ele ficasse com o rosto todo machucado por minha causa – comentou Gwenda, áspera.

– Felizmente não é provável que isso aconteça, não é mesmo? – Annet sorriu, triunfante. Caris interveio:

– Nunca se sabe o que o futuro nos reserva.

Annet fitou-a, surpresa com a interrupção. E ficou ainda mais surpresa ao descobrir que a companheira de Gwenda usava um vestido tão caro. Caris pegou o braço da amiga.

– Foi um prazer conhecer vocês de Wigleigh – disse ela, em tom cortês. – Adeus.

Elas se afastaram. Gwenda soltou uma risada.

– Você foi um bocado condescendente com Annet.

– Ela me irritou. Seu tipo dá uma péssima reputação às mulheres.

– Annet ficou satisfeita por Wulfric ter sido espancando por causa dela. Tive vontade de arrancar seus olhos.

– Além de bonito, como ele é? – perguntou Caris, pensativa.

– Forte, orgulhoso, leal... o tipo de homem capaz de se meter numa briga em defesa de outra pessoa. Mas também é o tipo de homem que proverá sua família, ano após ano, incansável, até cair morto.

Caris não disse nada. Gwenda acrescentou:

– Não se sentiu atraída, não é?

– Parece um homem sem graça do jeito que você fala.

– Se tivesse sido criada pelo meu pai, não acharia um bom provedor sem graça.

– Eu sei. – Caris apertou o braço de Gwenda. – Acho que ele é maravilhoso para você... e, para provar, vou ajudá-la a conquistá-lo.

Gwenda não esperava por isso.

– Como?

– Venha comigo.

Deixaram a feira e seguiram para o extremo norte da cidade. Caris levou Gwenda para uma pequena casa numa rua transversal, perto da igreja paroquial de Saint Mark.

– Uma curandeira vive aqui – murmurou Caris. – Ela sabe tudo.

As duas deixaram os cachorros do lado de fora e passaram pela porta baixa. O único cômodo do primeiro andar era estreito, dividido por uma cortina. Na metade da frente, havia um banco e uma cadeira. A lareira devia ficar no outro lado, pensou Gwenda, sem entender por que alguém haveria de querer esconder o que acontecia na cozinha. O lugar era limpo, com um cheiro forte, parecendo de ervas, um pouco ácido, mas não desagradável.

– Mattie, sou eu! – chamou Caris.

Depois de um momento, uma mulher em torno dos 40 anos puxou a cortina para o lado e se adiantou. Tinha os cabelos grisalhos e a pele pálida de quem não costumava sair de casa. Sorriu quando viu Caris. Lançou um olhar para Gwenda e disse:

– Vejo que sua amiga está apaixonada... mas o rapaz mal fala com ela.

Gwenda ficou aturdida.

– Como soube?

Mattie arriou na cadeira. Era corpulenta e tinha dificuldade para respirar.

– As pessoas me procuram por três razões: doença, vingança e amor. Você parece saudável e é muito jovem para vingança. Portanto, deve estar apaixonada. E o rapaz deve se mostrar indiferente, caso contrário não precisaria de minha ajuda.

Gwenda olhou para Caris, que parecia satisfeita e comentou:

– Eu disse que ela sabia tudo.

As duas se sentaram no banco e fitaram a mulher, com expectativa.

– Ele mora perto de você, provavelmente na mesma aldeia, mas tem uma família mais rica – continuou Mattie.

– Tudo isso é verdade.

Gwenda estava impressionada. Não havia a menor dúvida de que Mattie adivinhava, mas era tão precisa que parecia dotada de uma segunda visão.

– Ele é bonito?

– Muito.

– Mas é apaixonado pela garota mais bonita da aldeia.

– Para quem gosta do tipo.

– E a família dela também é mais rica do que a sua.

– É, sim.

Mattie acenou com a cabeça.

– Uma história familiar. Posso ajudá-la. Você deve compreender uma coisa: não tenho nada a ver com o mundo dos espíritos. Só Deus pode fazer milagres.

Gwenda ficou perplexa. Todos sabiam que os espíritos dos mortos controlavam todos os acasos da vida. Se ficavam satisfeitos com você, faziam os coelhos correrem direto para suas armadilhas, davam bebês saudáveis e providenciavam para que o sol brilhasse no trigo amadurecendo. Mas, se você fazia alguma coisa para enfurecê-los, podiam pôr bichos em suas maçãs, fazer sua vaca parir um bezerro deformado e deixar seu marido impotente. Até mesmo os médicos no priorado admitiam que as orações para os santos eram mais eficazes que seus tratamentos.

– Não se desespere – acrescentou Mattie. – Posso vender uma poção do amor.

– Sinto muito, mas não tenho dinheiro.

– Sei disso. Mas sua amiga Caris gosta muito de você e quer que seja feliz. Veio aqui disposta a pagar pela poção. Porém você deve administrá-la corretamente. Pode ficar a sós com o rapaz por uma hora?

– Darei um jeito.

– Ponha a poção na bebida dele. Não vai demorar muito para que ele se torne amoroso. É quando deve ficar a sós com ele... Se houver outra mulher presente, o rapaz pode se apaixonar por ela. Por isso, mantenha-o longe das outras e seja doce. Ele vai achar que você é a mulher mais desejável do mundo. Beije-o, diga

que ele é maravilhoso e, se quiser, faça amor. Depois de algum tempo, ele dormirá. Quando acordar, vai se lembrar que passou a hora mais feliz de sua vida em seus braços... e vai querer fazer de novo, o mais depressa que puder.

– Mas não precisarei de outra dose?

– Não. Na segunda vez, seu amor, seu desejo e sua feminilidade serão suficientes. Uma mulher pode fazer qualquer homem muito feliz se ele lhe der oportunidade.

O simples pensamento deixou Gwenda cheia de desejo.

– Mal posso esperar.

– Então vamos preparar a mistura. – Mattie levantou-se. – Podem vir comigo.

Gwenda e Caris passaram para o outro lado da cortina.

– Só mantenho a cortina para as pessoas ignorantes – explicou Mattie.

A cozinha tinha um chão de pedra limpo e uma enorme lareira, com suportes e ganchos para os caldeirões, muito mais do que uma mulher precisaria para sua própria alimentação. Havia uma mesa velha e pesada, toda manchada e queimada, mas muito limpa, uma prateleira com uma fileira de potes de cerâmica, um armário trancado, que devia conter os ingredientes mais preciosos das poções de Mattie, e uma grande lousa pendurada na parede, com números e letras rabiscados, presumivelmente as receitas.

– Por que precisa esconder tudo isso por trás de uma cortina? – indagou Gwenda.

– Um homem que faz unguentos e medicamentos é chamado de boticário, mas uma que faz a mesma coisa corre o risco de ser chamada de bruxa. Há uma na cidade que é chamada de Nell, a Louca. Ela anda por toda parte gritando sobre o demônio. Frei Murdo a acusou de heresia. Nell é louca, sem dúvida, mas não faz mal a ninguém. Mesmo assim, Murdo insiste num julgamento. Os homens gostam de matar uma mulher de vez em quando, e Murdo oferece uma desculpa para isso. Depois, coleta suas moedas. É por isso que eu digo às pessoas que só Deus faz milagres. Não conjuro espíritos. Apenas uso as ervas da floresta e meus poderes de observação.

Enquanto Mattie falava, Caris movimentava-se pela cozinha, tão à vontade quanto se estivesse em casa. Pôs na mesa uma tigela para mistura e um frasco.

Mattie lhe entregou uma chave e ela abriu o armário.

– Ponha três gotas de essência de papoula numa colher de vinho destilado – disse Mattie. – Devemos ter cuidado para não fazer a mistura forte demais ou ele dormirá antes de chegar o momento.

Gwenda estava espantada.

– Você vai fazer a poção, Caris?

– Às vezes ajudo Mattie. Mas não diga nada a Petranilla, ela desaprovaria.

– Eu não diria nada a ela mesmo que seus cabelos estivessem pegando fogo.

A tia de Caris detestava Gwenda, provavelmente pela mesma razão por que desaprovaria Mattie: elas pertenciam às classes inferiores, e essas coisas eram importantes para Petranilla.

Mas por que Caris, a filha de um homem rico, trabalhava como aprendiz na cozinha de uma curandeira numa rua transversal? Enquanto ela preparava a mistura, Gwenda recordou que a amiga sempre se sentira atraída por doenças e curas. Quando pequena, Caris queria ser médica, sem entender que apenas os padres tinham permissão para estudar medicina. Gwenda ainda lembrava a pergunta de Caris quando a mãe morrera:

– Mas por que as pessoas têm de ficar doentes?

Madre Cecilia dissera que era por causa do pecado. Edmund dissera que ninguém realmente sabia. Nenhuma das respostas satisfizera Caris. Talvez ela ainda procurasse a resposta ali, na cozinha de Mattie.

Caris despejou o líquido num pequeno frasco, tapou-o e prendeu a tampa com um barbante, atando as extremidades com um nó. Entregou o frasco a Gwenda.

Gwenda guardou-o na bolsa de couro em sua cintura. Imaginou como faria para ficar a sós com Wulfric durante uma hora. Dissera num súbito impulso que daria um jeito, mas, agora que tinha a poção do amor, compreendia que a tarefa era quase impossível. Wulfric se mostrava irrequieto apenas se ela falava com ele. Queria passar todos os seus momentos de folga com Annet. Que razão Gwenda poderia apresentar para ficar a sós com ele? Quero lhe mostrar um lugar em que podemos conseguir ovos de patas selvagens? Mas por que ela mostraria a Wulfric, e não a seu pai? Wulfric podia ser um pouco ingênuo, mas não era estúpido: saberia que ela estava tramando alguma coisa.

Caris deu 12 *pence* de prata a Mattie... duas semanas de salário para o pai.

– Obrigada, Caris. Espero que você compareça ao meu casamento – disse Gwenda.

Caris riu.

– É isso que eu gosto de ver... confiança!

As duas deixaram a casa de Mattie. Voltaram para a feira. Gwenda decidira começar descobrindo onde Wulfric se hospedava. Sua família tinha uma boa situação e não podia alegar pobreza. Portanto, não devia estar de graça no priorado. Era bem provável que estivessem em alguma estalagem. Gwenda poderia perguntar a ele, ou a seu irmão, e seguir com uma indagação sobre o nível das acomodações, como se estivesse interessada em descobrir qual das muitas estalagens da cidade era melhor.

Um monge passou e Gwenda se lembrou, com um sobressalto de culpa, de que nem mesmo pensara em procurar o irmão, Philemon. O pai não o visitaria, pois se odiavam havia anos, mas Gwenda gostava dele. Sabia que o irmão era furtivo, insincero e maldoso, mas mesmo assim o amava. Haviam passado juntos muitos invernos de fome. Trataria de procurá-lo mais tarde, decidiu, depois que tornasse a se encontrar com Wulfric.

Mas, antes que alcançassem o pátio da feira, encontraram o pai de Gwenda. Joby estava quase nos portões do priorado, fora da Bell. Acompanhava-o um homem de aparência rude, numa túnica amarela, com uma mochila nas costas... e uma vaca marrom. Ele acenou para que Gwenda se aproximasse.

– Encontrei uma vaca.

Gwenda examinou a vaca. Devia ter uns 2 anos, era magra, com um jeito impaciente, mas parecia saudável.

– Parece boa – murmurou ela.

– Este é Sim Chapman.

O pai acenou com o polegar para o homem de túnica amarela. O sobrenome Chapman indicava tratar-se de um mascate, que viajava de aldeia em aldeia vendendo pequenos artigos como agulhas, fivelas de cinto, espelhos de mão, escovas. O homem talvez tivesse roubado a vaca, mas isso não incomodaria o pai, se o preço fosse certo.

– Onde arrumou o dinheiro? – perguntou Gwenda.

– Não vou exatamente pagar – respondeu o pai, evasivo.

Gwenda já imaginava que ele tinha algum plano.

– Então o que pretende fazer?

– É mais uma troca.

– O que dará em troca da vaca?

– Você.

– Não diga bobagem.

Foi então que um laço de corda foi enfiado por sua cabeça e apertou seu corpo, imobilizando seus braços. Ficou atordoada. Aquilo não podia estar acontecendo. Debateu-se para se desvencilhar da corda, mas Sim apertou o laço ainda mais.

– Não crie problemas – resmungou o pai.

Gwenda não podia acreditar que ele estivesse falando sério.

– O que você pensa que está fazendo? – indagou ela, incrédula. – Não pode me vender, seu idiota!

– Sim precisa de uma mulher e eu preciso de uma vaca – explicou o pai. – É muito simples.

– Ela é muito feia, sua filha – falou Sim pela primeira vez.

– Isso é um absurdo! – exclamou Gwenda.

– Não se preocupe, Gwenda – falou Sim, sorrindo. Serei bom para você, desde que se comporte e faça tudo o que eu mandar.

Eles falavam sério, compreendeu Gwenda. Pensavam mesmo que podiam fazer aquele tipo de troca. Uma sensação fria de medo penetrou em seu coração ao constatar que isso podia mesmo acontecer. Caris interveio, a voz alta e firme:

– Essa brincadeira já foi longe demais. Solte Gwenda agora mesmo.

Sim não se intimidou com seu ar de autoridade:

– E quem é você, para dar ordens?

– Meu pai é regedor da guilda da paróquia.

– Mas você não – declarou Sim. – E, mesmo que fosse, não teria autoridade sobre mim ou meu amigo Joby.

– Não podem trocar uma garota por uma vaca!

– Por que não? – indagou Sim. – A vaca é minha e a garota é filha dele.

As vozes elevadas atraíram a atenção das pessoas que passavam por ali.

Algumas pararam e ficaram olhando para a jovem amarrada.

– O que está acontecendo? – perguntou alguém.

– Ele vendeu a filha por uma vaca – explicou outra pessoa.

Gwenda viu uma expressão de pânico surgir no rosto do pai. Ele gostaria que tudo fosse discreto... e não fora esperto o bastante para prever a reação pública. Gwenda compreendeu que os espectadores poderiam ser sua única esperança. Caris acenou para um monge que passava pelos portões do priorado.

– Irmão Godwyn! Venha acertar uma disputa, por favor! – Ela olhou para Sim, triunfante. – O priorado tem jurisdição sobre todos os negócios realizados na Feira do Velocino. O irmão Godwyn é o sacristão. Acho que terá de aceitar sua autoridade.

– Olá, prima Caris – disse Godwyn. – Qual é o problema?

Sim soltou um grunhido de repulsa:

– Ele é seu primo?

Godwyn lhe lançou um olhar frio.

– Qualquer que seja a disputa aqui, tentarei dar um julgamento justo, como um homem de Deus... Pode contar com isso.

– Fico muito contente por ouvir isso, senhor – disse Sim em tom subserviente.

Joby também se mostrou meloso:

– Eu o conheço, irmão. Meu filho Philemon é devotado à sua pessoa. Sempre foi a alma da bondade com ele.

– Já chega de conversa – disse Godwyn. – O que está acontecendo?

– Joby quer vender Gwenda por uma vaca – explicou Caris. – Diga a ele que não pode fazer isso.

– Ela é minha filha, senhor, tem 18 anos e é uma donzela – protestou Joby. – Portanto, posso fazer o que quiser com ela.

– Mesmo assim, acho vergonhoso vender os próprios filhos – comentou Godwyn.

Joby reagiu de forma patética:

– Eu não faria isso, senhor, se não tivesse mais três em casa, e sou um trabalhador sem terra que não tem meios de alimentar as crianças durante o inverno, a menos que tenha uma vaca, e nossa velha vaca morreu.

Houve murmúrios de simpatia na crescente multidão. Todos conheciam as dificuldades do inverno e os extremos a que um homem tinha de chegar para alimentar a família. Gwenda começou a se desesperar.

– Pode achar vergonhoso, irmão Godwyn, mas é pecado? – indagou Sim.

Ele falava como se já soubesse a resposta. Gwenda imaginou que ele já tivera aquela discussão antes, num lugar diferente.

– A Bíblia parece sancionar a venda de uma filha para a escravidão. Livro do Êxodo, capítulo 21 – disse Godwyn, relutante.

– Pois aí está! – disse Joby. – É um ato cristão!

– O livro do Êxodo! – exclamou Caris, indignada.

Uma das espectadoras entrou na discussão:

– Não somos filhas de Israel!

Era uma mulher baixa e atarracada, dentuça, o que proporcionava a seu queixo um ar determinado. Embora vestida pobremente, era decidida. Gwenda a reconheceu como Madge, a esposa de Mark Webber.

– Não há mais escravidão hoje – acrescentou Madge.

– E os aprendizes, que não recebem pagamento e podem ser espancados por seus mestres? – indagou Sim. – Ou os noviços, monges e freiras? Ou as criadas por casa e comida nos palácios da nobreza?

– A vida pode ser difícil, mas eles não podem ser comprados e vendidos... Não é mesmo, irmão Godwyn? – insistiu Madge.

– Não digo que o negócio seja legal – respondeu Godwyn. – Estudei medicina em Oxford, não direito. Mas não posso encontrar nenhuma razão, nas Sagradas Escrituras ou nos ensinamentos da Igreja, para dizer que é pecado o que esses homens estão fazendo.

Ele olhou para Caris, deu de ombros e acrescentou:

– Sinto muito, prima.

Madge Webber cruzou os braços.

– E então, mascate, como vai tirar essa moça da cidade?

– Na ponta de uma corda – disse ele. – Assim como entrei com a vaca.

– Mas não teve de passar com a vaca por mim e por essas pessoas.

O coração de Gwenda disparou com esperança. Não sabia quantos espectadores a apoiavam, mas se houvesse uma luta, era mais provável que

ficassem do lado de Madge, uma moradora da cidade, do que de Sim, um forasteiro.

– Já lidei com mulheres obstinadas antes – disse Sim, os lábios se contraindo em desdém. – Nunca me deram problema.

Madge pôs a mão na corda.

– Talvez você tenha tido sorte.

– Tire as mãos da minha propriedade e não vai se machucar. – Ele deu um puxão na corda.

Deliberadamente, Madge pôs a mão no ombro de Gwenda.

Sim a empurrou e ela cambaleou para trás. Houve um murmúrio de protesto da multidão.

– Você não faria isso se visse o marido dela – comentou alguém.

Houve uma onda de risadas. Gwenda recordou Mark, o marido de Madge, um gigante gentil. Se ao menos ele aparecesse!

Mas foi John Constable, o faro bem desenvolvido para encrencas levando-o a qualquer multidão, quem chegou quase que no mesmo momento em que essa surgia.

– Não queremos empurrões aqui – disse ele. – Está causando problemas, mascate?

Gwenda tornou a ficar esperançosa. Os mascates tinham uma péssima reputação, e Constable presumia que Sim era o causador do problema.

Sim tornou-se subserviente, uma atitude que obviamente podia assumir mais depressa do que levaria para trocar de chapéu.

– Peço perdão, mestre. Mas, quando um homem paga o preço acertado por sua compra, deve ter permissão para deixar Kingsbridge com a mercadoria intacta.

– Claro. – John não podia deixar de concordar. Uma cidade com mercado dependia de sua reputação de negócios justos. – Mas o que você comprou?

– Esta moça.

– Hum... – John ficou pensativo. – Quem a vendeu?

– Eu – declarou Joby. – Sou o pai dela.

– E essa mulher de queixo grande ameaçou tirar a moça de mim – acrescentou Sim.

– É isso mesmo – disse Madge –, pois nunca ouvi falar de uma mulher sendo comprada e vendida no mercado de Kingsbridge. Ninguém por aqui ouviu.

– Um homem pode fazer o que quiser com sua filha – insistiu Joby, correndo os olhos pela multidão, suplicante. – Há alguém aqui que discorde disso?

Gwenda sabia que ninguém discordaria. Algumas pessoas tratavam as crianças com bondade, outras com rigor, mas todas concordavam que o pai devia ter poder absoluto sobre os filhos. Ela explodiu, furiosa:

– Vocês não ficariam parados aí, surdos e mudos, se tivessem um pai como ele. Quantos de vocês foram vendidos por seus pais? Quantos de vocês foram obrigados a roubar desde crianças quando tinham mãos pequenas para entrarem nas bolsas das pessoas?

Joby começou a se mostrar preocupado.

– Ela está delirando agora, mestre – disse ele. – Nenhuma criança minha jamais roubou.

– Isso não importa – declarou John. – Quero que todos prestem atenção. Tomarei uma decisão sobre o caso. Os que discordarem da minha decisão podem se queixar ao prior. Se houver algum empurrão ou outra atitude agressiva de qualquer pessoa, prenderei todos os envolvidos. Espero ter sido bem claro. – Olhou ao redor, beligerante. Ninguém falou. Todos estavam ansiosos por ouvi-lo.

– Não conheço nenhuma razão para que esse comércio seja ilegal. Portanto, Sim Chapman tem permissão para ir embora com a garota.

– Eu não disse...

– Feche esta maldita boca, Joby, seu idiota – interrompeu-o John. – Sim, trate de ir embora, e depressa. Madge Webber, se erguer a mão, eu a porei no tronco, e seu marido não vai me impedir. E não quero ouvir nenhuma palavra sua, Caris Wooler, por favor... Pode se queixar de mim a seu pai, se quiser.

Antes mesmo que John acabasse de falar, Sim deu um puxão na corda. Gwenda se inclinou para a frente, e estendeu um pé para não cair e depois, de alguma forma, estava andando pela rua, cambaleando, meio correndo. Pelo canto do olho, percebeu que Caris a acompanhava. Até que John Constable agarrou-a pelo braço. Ela se virou para protestar e, um momento depois, Gwenda não pôde mais vê-la.

Sim foi andando depressa pela lamacenta rua principal, puxando a corda, sempre mantendo Gwenda meio desequilibrada. Ao se aproximarem da ponte, ela começou a ficar desesperada. Tentou puxar a corda também, mas Sim reagiu com um puxão ainda mais forte, que a jogou na lama. Como ainda tinha os braços imobilizados, ela não podia usar as mãos para se proteger. Caiu de frente, machucando o peito, o rosto afundando na lama. Levantou-se com a maior dificuldade e desistiu de qualquer resistência. Estava amarrada como um animal, machucada, assustada, imunda. Cambaleou atrás de seu novo dono, atravessou a ponte e o seguiu pela estrada que levava à floresta.



Sim Chapman arrastou Gwenda através do subúrbio de Newtown até a encruzilhada conhecida como Gallows Cross, onde os criminosos costumavam ser enforcados. Ali, ele pegou a estrada para o sul, na direção de Wigleigh. Amarrou a corda em seu pulso para que Gwenda não pudesse escapar nem mesmo quando sua atenção vagueasse. O cachorro, Skip, os seguiu. Mas Sim jogou algumas pedras, até que uma acertou seu focinho, Skip recuou, com o rabo entre as pernas.

Depois de vários quilômetros, quando o sol começou a se pôr, Sim entrou na floresta. Gwenda não vira nada diferente na beira da estrada para marcar o lugar, mas Sim parecia ter escolhido com todo o cuidado, porque encontraram uma trilha depois de umas poucas centenas de passos entre as árvores. Ao baixar os olhos, Gwenda viu as impressões de dezenas de pequenos cascos na terra e compreendeu que era uma trilha de veados. Levaria até a água, pensou ela. E não demorou muito para alcançarem um pequeno córrego, a vegetação pisoteada até ficar enlameada dos dois lados.

Sim ajoelhou-se ao lado do córrego, encheu de água as mãos em concha e bebeu. Levantou a corda para que ficasse em torno do pescoço de Gwenda, deixando suas mãos livres. Ele gesticulou para a água.

Ela limpou as mãos e depois bebeu, sedenta.

– Lave o rosto – ordenou Sim. – Você já é feia por natureza. – Gwenda obedeceu, especulando cansada por que ele se importava com sua aparência.

A trilha continuava pelo outro lado do córrego. Retomaram a caminhada. Gwenda era forte, capaz de andar o dia inteiro, mas estava derrotada, desesperada e apavorada, o que fazia com que se sentisse exausta. Qualquer que fosse o destino que a aguardava, provavelmente era pior do que aquilo. Mesmo assim, ela ansiava por chegar, só para poder se sentar.

O crepúsculo caía. A trilha dos veados serpenteou entre as árvores por mais 1,5 quilômetro, até desaparecer na base de uma colina. Sim parou ao lado de um enorme carvalho e soltou um assovio baixo. Pouco depois, um vulto surgiu do meio das moitas.

– Tudo bem, Sim?

– Tudo bem, Jed.

– O que você tem aí... uma rameira?

– Terá direito de comer também, Jed, junto com os outros, se tiver 6 *pence*.

Gwenda compreendeu o que Sim planejara. Ia prostituí-la. A descoberta atingiu-a como um golpe violento. Ela cambaleou e caiu de joelhos.

– Seis *pence*, hein? – A voz de Jed parecia vir de muito longe, mas ainda assim ela pôde perceber a excitação. – Que idade ela tem?

– O pai afirmou que ela tem 18 anos. – Sim deu um puxão na corda. – Levante, sua vaca preguiçosa. Ainda não chegamos.

Gwenda se levantou. Era por isso que ele queria que eu lavasse o rosto, pensou ela, e, por alguma razão, a compreensão a fez chorar.

E continuou chorando, desesperada, na esteira de Sim, até que alcançaram uma clareira com uma fogueira no meio. Através das lágrimas, ela percebeu quinze ou vinte pessoas deitadas em torno da margem da clareira, a maior parte envolta por cobertores ou mantos. Quase todos que a observaram, à luz da fogueira, eram homens, mas ela também avistou um rosto branco de mulher, a expressão dura. A mulher fitou-a apenas por um instante, antes de desaparecer nas cobertas esfarrapadas. Um barril de vinho virado e uma porção de canecas de madeira espalhadas ao redor indicavam que acontecera ali uma festa de bêbados.

Gwenda compreendeu que Sim a trouxera para um covil de bandidos. Ela soltou um gemido. A quantos seria obrigada a se submeter? E, no mesmo instante em que formulou a pergunta, ela teve certeza: a todos eles.

Sim a arrastou pela clareira até um homem que estava sentado no chão,

encostado numa árvore.

– Tudo bem, Tam? – disse Sim.

Gwenda compreendeu no mesmo instante quem devia ser o homem: o mais famoso bandido do condado, Tam Hiding. Tinha um rosto bonito embora avermelhado pela bebida. As pessoas diziam que ele nascera nobre, mas era o que sempre comentavam sobre os bandidos famosos. Ao observá-lo, Gwenda ficou surpresa com sua juventude: devia ter 20 e poucos anos. Mas, como matar um fora da lei não era crime, era provável que poucos vivessem para ser velhos.

– Tudo bem, Sim.

– Troquei a vaca de Alwyn por uma garota.

– Bom trabalho. – A voz de Tam estava apenas um pouco engrolada.

– Vamos cobrar 6 *pence* do pessoal, mas é claro que você pode ter de graça. Achei que gostaria de ser o primeiro.

Tam a examinou, com os olhos injetados. Talvez fosse apenas sua ansiedade, mas Gwenda imaginou ter visto uma ponta de compaixão nos olhos dele.

– Não, obrigado, Sim. Pode ir em frente e deixar os outros se divertirem. Talvez você queira deixar para amanhã. Tiramos um barril de bom vinho de dois monges a caminho de Kingsbridge, e quase todos estão mortos de tão bêbados agora.

O coração de Gwenda disparou com esperança. Talvez sua tortura fosse adiada.

– Terei de consultar Alwyn – retorquiu Sim, hesitante. – Obrigado, Tam.

Ele se afastou, puxando Gwenda. A poucos passos de distância, um homem de ombros largos fez um tremendo esforço para se levantar. Sim disse:

– Tudo bem, Alwyn?

A expressão parecia servir aos bandidos como um cumprimento e um código de reconhecimento. Alwyn estava na fase mal-humorada da embriaguez.

– O que você tem aí?

– Uma garota nova.

Alwyn levantou o queixo de Gwenda, apertando-o com uma força desnecessária, e virou seu rosto para o clarão da fogueira. Ela foi obrigada a fitá-lo nos olhos. O homem era jovem, como Tam Hiding, mas com a mesma aparência doentia de uma vida desregrada. Sua respiração fedia a bebida.

– Por Cristo, você pegou uma feia.

Pela primeira vez, Gwenda se sentiu feliz por ser considerada feia; talvez Alwyn não quisesse fazer nada com ela.

– Peguei o que encontrei – resmungou Sim, irritado. – Se o homem tivesse uma filha bonita, não a venderia por uma vaca, não é mesmo? Em vez disso, ele a casaria com o filho de um rico mercador de lã.

A lembrança do pai deixou Gwenda furiosa. Ela deveria saber, ou pelo menos desconfiar, que aquilo aconteceria. Como fora capaz de fazer isso?

– Não importa – declarou Alwyn. – Com apenas duas mulheres no grupo, muitos estão desesperados.

– Tam disse que devemos esperar até amanhã, porque todos estão bêbados demais esta noite... mas depende de você.

– Tam está certo. A metade já dormiu.

O medo de Gwenda diminuiu um pouco. Qualquer coisa poderia acontecer durante a noite.

– Combinado. Também estou exausto. – Sim se virou para Gwenda. – Deite-se.

Ele nunca a chamava pelo nome. Ela se deitou, e Sim usou a corda para amarrar seus pés e as mãos nas costas. Ele e Alwyn se deitaram ao seu lado. Em poucos momentos, os dois estavam dormindo.

Gwenda estava exausta, mas não pensava em dormir. Com os braços nas costas, todas as posições eram dolorosas. Tentou mexer os pulsos dentro da corda, mas Sim apertara com força e dera um nó firme. Só conseguiu ficar esfolada, de tanto que a corda roçou em sua carne. O desespero se transformou em raiva impotente. Imaginou a vingança contra seus captores, açoitando-os com um chicote, enquanto se encolhiam apavorados à sua frente. Era uma fantasia inútil. Ela fez um esforço para se concentrar em meios práticos de fuga.

Primeiro, teria de fazer com que a desamarrassem. Depois, trataria de escapar. Em termos ideais, cuidaria para que não pudessem segui-la e recapturá-la.

Parecia impossível.

12

Gwenda sentia frio quando acordou. Era o meio do verão, mas esfriava durante a noite e ela não tinha nada para se proteger, exceto o vestido leve. O céu começava a passar de preto para cinzento. Ela correu os olhos pela clareira na semiescuridão: ninguém se mexia.

Precisava urinar. Pensou em fazer ali mesmo, deixar o vestido encharcado. Quanto mais repulsiva ficasse, melhor. Mas ela descartou a ideia quase no mesmo instante em que lhe ocorreu. Seria desistir. E ela não tinha a menor intenção de desistir.

Mas o que podia fazer?

Alwyn dormia ao seu lado, com uma adaga comprida na bainha ainda presa a sua cintura. Isso lhe deu o vislumbre de uma ideia. Não tinha certeza se teria coragem de executar o plano que começava a se delinear em sua mente. Mas se recusou a pensar no quanto se sentia apavorada. Teria de fazer de qualquer maneira.

Embora os tornozelos estivessem amarrados juntos, ela podia mover as pernas. Chutou Alwyn. A princípio, ele pareceu não sentir. Gwenda chutou-o de novo. Ele se mexeu. Na terceira vez, ele se sentou e perguntou, com voz sonolenta:

– Foi você que me chutou?

– Tenho de urinar.

– Não na clareira. É uma das regras de Tam. É preciso dar vinte passos para uma mijada, cinquenta para uma cagada.

– Portanto, até os bandidos vivem de acordo com regras.

Ele a fitou sem entender. Não percebeu a ironia. Não era um homem esperto, concluiu Gwenda. Isso era útil. Mas ele era forte e mau. Ela teria de ser bastante

cautelosa.

– Não posso ir a lugar nenhum com as pernas amarradas.

Resmungando, Alwyn soltou a corda que prendia os tornozelos de Gwenda. A primeira parte do plano dera certo. Agora, ela se sentia ainda mais assustada. Fez um enorme esforço para se levantar. Todos os músculos das pernas doíam, após uma noite de aperto. Ela deu um passo, cambaleou e caiu de novo.

– É muito difícil com as mãos amarradas. – Alwyn ignorou a sugestão.

A segunda parte do plano não dera certo. Teria de continuar a tentar.

Gwenda levantou-se de novo e foi andando entre as árvores. Ele a seguiu, contando os passos nos dedos. Na primeira vez em que chegou a dez, ele começou de novo. Na segunda vez, declarou:

– Já é suficiente.

Ela o fitou, com uma cara de desamparada.

– Não posso levantar o vestido. – Alwyn cairia nessa?

Ele ficou olhando para Gwenda, com uma expressão aturdida. Ela quase podia ouvir as engrenagens do cérebro dele em funcionamento. Alwyn poderia levantar seu vestido enquanto ela urinava, mas era o tipo de coisa que uma mãe fazia com uma criança pequena; ele acharia humilhante. Como alternativa, ele poderia desamarrar suas mãos e, com as mãos e os pés livres, ela poderia tentar correr. Mas era pequena, estava cansada e com cãibras: não haveria a menor possibilidade de correr mais do que um homem com pernas compridas e musculosas. Ele devia estar pensando que o risco não era sério. Então desamarrou as mãos dela.

Gwenda virou o rosto, para que ele não visse sua expressão de triunfo.

Ela esfregou os antebraços, para restabelecer a circulação. Tinha vontade de arrancar os olhos do homem com os polegares; em vez disso, porém, sorriu tão docemente quanto podia e murmurou:

– Obrigada.

Era como se Alwyn tivesse acabado de efetuar um ato de bondade. Ele não disse nada. Continuou parado onde estava, observando a garota.

Gwenda esperava que ele desviasse os olhos quando ela levantasse a saia e se agachasse, mas Alwyn continuou a observá-la com uma atenção ainda maior. Ela sustentou seu olhar, relutante em se sentir envergonhada ao fazer o que era

natural. O homem entreabriu a boca e a respiração se tornou mais pesada.

Agora, vinha a parte mais difícil. Ela se levantou devagar, deixando-o dar uma boa olhada, antes de baixar a saia. Alwyn passou a língua pelos lábios e ela compreendeu que conseguira o que queria. Adiantou-se.

– Você será meu protetor? – perguntou, usando uma voz de menina nada natural.

Ele não deixou transparecer o menor sinal de desconfiança. Não disse nada. Estendeu a mão rude para seu seio e apertou-o com toda a força. Gwenda soltou um grito de dor.

– Não com tanta força. – Ela pegou a mão de Alwyn entre as suas. – Seja mais gentil.

Ela ajeitou a mão dele no seio, esfregando lentamente, até que o mamilo ficou duro.

– É mais gostoso quando você é mais gentil.

Ele grunhiu, mas continuou a esfregar devagar. Depois, puxou a gola do vestido com a mão esquerda e sacou a adaga. Tinha pelo menos 30 centímetros de comprimento, com uma ponta fina, a lâmina brilhando por ter sido afiada havia pouco tempo. Era evidente que tencionava cortar o vestido. O que não seria nada bom, porque a deixaria nua.

Gwenda pegou o pulso de Alwyn, apertando de leve, para contê-lo por um momento.

– Não precisa da faca. Olhe...

Ela recuou, abriu o cinto e, com um rápido movimento, tirou o vestido pela cabeça. Era seu único traje.

Gwenda o estendeu no chão e deitou-se por cima. Tentou sorrir para o homem. Teve certeza de que só conseguiu exibir uma careta horrível. Abriu as pernas.

Alwyn hesitou apenas por um momento.

Com a faca na mão direita, abaixou o calção e ajoelhou-se entre as pernas de Gwenda. Apontou a adaga para o rosto dela e murmurou:

– Qualquer problema e cortarei seu rosto.

– Não precisará fazer isso. – Ela tentava desesperadamente adivinhar as palavras que um homem gostaria de ouvir de uma mulher naquela situação. –

Meu grande e forte protetor...

Ele não demonstrou qualquer reação. Estendeu-se sobre ela, arremetendo às cegas.

– Não tão depressa – disse Gwenda, rangendo os dentes contra a dor das arremetidas desajeitadas.

Ela estendeu as mãos e guiou-o para a entrada, levantando as pernas para facilitar a penetração.

Alwyn ergueu-se por cima, apoiando o peso do corpo nos braços. Largou a adaga na relva, ao lado da cabeça de Gwenda, cobrindo o cabo com a mão direita. Gemeu quando a penetrou. Ela acompanhou seus movimentos, mantendo a farsa de sua disposição. Olhava para o rosto de Alwyn, contendo-se para não virar a cabeça na direção da adaga, aguardando o momento certo. Sentia-se ao mesmo tempo apavorada e repugnada, mas uma pequena parte de sua mente permanecia calma e calculista.

Alwyn fechou os olhos e ergueu a cabeça, como um animal farejando a brisa. Tinha os braços esticados, sustentando o corpo. Gwenda arriscou um olhar para a faca. Ele afastara um pouco a mão, de tal forma que só cobria o cabo parcialmente. Ela poderia pegá-la agora, mas qual seria a rapidez da reação do homem?

Olhou de novo para o rosto dele, que tinha a boca contraída num ricto de concentração. O homem arremeteu com mais força, e Gwenda acompanhou seus movimentos.

Para sua consternação, sentiu um calor espalhar-se pelo ventre. Ficou apavorada consigo mesma. O homem era um bandido, assassino, pouco mais que uma besta da floresta, e planejava prostituí-la por 6 *pence* de cada vez. Ela fazia aquilo para salvar sua vida, não por diversão! Mas experimentou um fluxo de umidade dentro dela enquanto o homem acelerava os movimentos.

Gwenda sentiu que o momento do orgasmo dele era iminente. Tinha de ser agora ou nunca. Ele soltou um gemido, que parecia ser de rendição, e ela entrou em ação.

Tirou a faca de baixo da mão do homem. Não houve mudança na expressão de êxtase que ele exibia: não notara seu movimento. Apavorada, com medo de que ele percebesse o que fazia e a detivesse no último momento, Gwenda não

hesitou: desferiu um golpe com a adaga para cima, ao mesmo tempo que erguia os ombros. O homem sentiu seu movimento e abriu os olhos. Choque e medo estamparam-se em seu rosto. Golpeando desvairada, ela enfiou a adaga em sua garganta, logo abaixo do queixo. Grunhiu, desesperada, sabendo que errara as partes mais vulneráveis do pescoço, o tubo da respiração e a veia jugular. Ele rugiu de dor e raiva, mas ainda não estava incapacitado. Gwenda compreendeu que se encontrava mais próxima da morte do que em qualquer outra ocasião de sua vida.

Agiu por instinto, sem pensar. Com o braço esquerdo, bateu na parte interna do cotovelo do homem. Ele dobrou o braço e involuntariamente arriou sobre ela. Gwenda tornou a erguer a adaga e o peso do corpo fez com que penetrasse mais fundo em Alwyn. O sangue jorrou de sua boca aberta, caindo no rosto de Gwenda. Ela sacudiu a cabeça para o lado, num reflexo, mas continuou a enfiar a adaga. A lâmina encontrou resistência por um instante, depois deslizou, até que o globo ocular pareceu explodir. A ponta da adaga saiu pela cavidade, num jato de sangue e cérebro. O homem arriou em cima dela, morto, ou quase. O peso deixou-a sem fôlego. Era como estar por baixo de um tronco caído. Por um momento, ela se sentiu impotente demais para fazer qualquer movimento.

E, para seu horror, sentiu que o homem ejaculava dentro dela.

Foi dominada por um terror supersticioso. Ele parecia mais assustador assim do que no momento em que a ameaçara com a adaga. Em pânico, Gwenda contorceu-se para sair de baixo.

Levantou-se, trêmula, respirando com dificuldade. Tinha o sangue do homem nos seios e o esperma nas coxas. Olhou apavorada na direção do acampamento dos bandidos. Alguém estaria acordado para ouvir o grito de Alwyn? E, se todos ainda dormiam, o barulho teria acordado alguns?

Sem parar de tremer, enfiou o vestido pela cabeça e prendeu o cinto. Tinha sua bolsa e uma faca pequena, que costumava usar para comer. Mal ousava desviar os olhos de Alwyn: tinha um sentimento angustiante de que talvez ele ainda estivesse vivo. Sabia que deveria liquidá-lo de vez, mas não era capaz. Um som vindo da clareira a surpreendeu. Precisava sair dali o mais depressa possível. Olhou ao redor, para se orientar, depois seguiu na direção da estrada.

Havia uma sentinela perto do enorme carvalho, ela lembrou, com um súbito

sobressalto de medo. Continuou a andar pela floresta, tomando cuidado para não fazer barulho ao se aproximar do carvalho. Avistou a sentinela – o nome era Jed – dormindo no chão. Passou por ele na ponta dos pés. Teve de recorrer a toda a sua força de vontade para não desatar a correr. Mas o homem não se mexeu.

Gwenda encontrou a trilha dos veados e a seguiu até o córrego. Parecia que ainda não havia ninguém em sua perseguição. Lavou o sangue do rosto e do peito, depois jogou a água fria nas partes íntimas. Bebeu bastante água, sabendo que tinha uma longa caminhada pela frente.

Já se sentindo um pouco menos tensa, continuou pela trilha dos veados. Escutava com toda a atenção enquanto andava. Os bandidos levariam quanto tempo para encontrar Alwyn? Ela nem tentara esconder o corpo. Quando descobrissem o que acontecera, certamente partiriam em seu encalço, pois haviam dado uma vaca para comprá-la, e o valor era de 12 xelins, o que correspondia a meio ano de salário para um trabalhador como seu pai.

Alcançou a estrada. Para uma mulher viajando sozinha, a estrada aberta era quase tão perigosa quanto uma trilha. O grupo de Tam Hiding não era o único, pois havia muitos bandidos refugiados na floresta. Além disso, havia outros homens – escudeiros, camponeses, homens de armas – que poderiam se aproveitar de uma mulher indefesa. Mas sua prioridade era escapar de Sim Chapman e seus companheiros. Para isso, a rapidez era de suma importância.

Que direção deveria seguir? Se voltasse para Wigleigh, Sim poderia segui-la e reivindicá-la de novo... e não havia como prever a reação do pai. Precisava de amigos em quem pudesse confiar. Caris a ajudaria.

Seguiu para Kingsbridge.

Era um dia de sol, mas a estrada continuava lamacenta por causa dos muitos dias de chuva. Com isso, andar era muito mais difícil. Depois de algum tempo, alcançou o topo de uma colina. Ao olhar para trás, pôde avistar a estrada por cerca de um quilômetro e meio. No limite extremo de seu campo de visão, avistou um vulto solitário. Ele usava uma túnica amarela.

Sim Chapman.

Gwenda desatou a correr.

O caso contra Nell, a Louca, foi ouvido no transepto norte da catedral, no sábado, ao meio-dia. O bispo Richard presidia o tribunal eclesiástico, com o prior Anthony à sua direita. À esquerda sentava-se o assistente pessoal do bispo, o arquidiácono Lloyd, um padre solene, de cabelos pretos, que fazia todo o trabalho do bispado, pelo que se dizia.

Havia uma enorme multidão de espectadores. Um julgamento de heresia era uma boa diversão, e Kingsbridge não testemunhava nenhum havia alguns anos. Muitos artesãos e trabalhadores encerravam suas atividades ao meio-dia de sábado. Lá fora, a Feira do Velocino chegava ao fim. Os mercadores desmontavam seus estandes e empacotavam as mercadorias que sobraram, enquanto os compradores preparavam a volta para casa alugando as balsas que desceriam o rio com suas aquisições até o porto marítimo de Melcombe.

À espera do início do julgamento, Caris pensou desolada em Gwenda. O que ela estaria fazendo naquele momento? Sim Chapman a obrigaria a fazer sexo com ele, com toda a certeza... mas isso poderia não ser a pior coisa. O que mais ela teria de fazer como sua escrava? Caris não tinha a menor dúvida de que Gwenda tentaria fugir... mas conseguiria? E, se fracassasse, como Sim a puniria? Caris compreendeu que talvez nunca descobrisse.

Fora uma semana estranha. Buonaventura Caroli não mudara de ideia: os compradores florentinos não voltariam a Kingsbridge, pelo menos até que o priorado melhorasse as condições da Feira do Velocino. O pai de Caris e outros importantes mercadores de lã haviam passado metade da semana ocupados em conversas com o conde Roland. Merthin continuava num ânimo estranho, retraído e sombrio. E a chuva recomeçara.

Nell foi arrastada para a catedral por John Constable e frei Murdo. Seu único traje era uma túnica sem mangas presa na frente, deixando à mostra os ombros ossudos. Não usava chapéu nem sapatos. Debatia-se sem muita força nas mãos dos dois homens enquanto gritava imprecações.

Depois que conseguiram acalmá-la, vários moradores da cidade se adiantaram para testemunhar que a haviam ouvido invocar o demônio. Diziam a verdade. Nell ameaçava as pessoas com o demônio o tempo todo... pela recusa em lhe dar uma esmola, por ficar na sua frente na rua, por usar um bom casaco ou por outro motivo qualquer.

Cada testemunha relatou um infortúnio que se seguira à blasfêmia. A esposa de um ourives perdera um broche precioso; todas as galinhas de um estalajadeiro morreram; uma viúva teve um furúnculo doloroso no traseiro... Uma queixa que provocou risos, mas também acarretou condenação, pois as feiticeiras eram conhecidas por seu senso de humor malicioso. Enquanto isso acontecia, Merthin veio se postar ao lado de Caris.

– Isso tudo é uma estupidez – comentou ela com Merthin, indignada. – Dez vezes mais testemunhas poderiam se apresentar para dizer que Nell as amaldiçoou e nada aconteceu.

Merthin deu de ombros.

– As pessoas acreditam no que querem.

– Talvez as pessoas comuns. Mas o bispo e o prior deveriam saber melhor... São homens instruídos.

– Tenho uma coisa para lhe dizer – anunciou Merthin.

Caris empertigou-se. Talvez estivesse prestes a descobrir a razão da mudança de ânimo de Merthin. Olhava-o de lado até agora, mas se virou para fitá-lo. Ele tinha uma enorme equimose no lado esquerdo do rosto.

– O que aconteceu com você?

A multidão caiu na gargalhada com alguma declaração de Nell. O arquidiácono Lloyd teve de pedir silêncio várias vezes.

– Não aqui – disse Merthin, quando pôde ser ouvido de novo. – Podemos ir para algum lugar sossegado?

Caris quase se virou para sair com ele, mas alguma coisa a deteve. Durante toda a semana, Merthin a deixara atônita e magoada com sua frieza. Agora, finalmente, ele decidira que chegara o momento de dizer qual era o problema... e esperava que ela se apressasse em atender à sua ordem. Por que Merthin deveria determinar a hora? Ela ficara esperando por cinco dias... Por que não podia fazê-lo esperar por uma hora?

– Não – murmurou Caris. – Não agora.

– Por que não? – Ele ficou surpreso.

– Porque não estou interessada. E, agora, preste atenção.

Ao se virar de novo para a frente, Caris percebeu a expressão magoada dele. No mesmo instante, desejou não ter sido tão fria, mas já era tarde demais e não

pretendia se desculpar.

Uma testemunha encerrou seu depoimento.

– Mulher, você diz que o demônio domina a Terra? – perguntou o bispo Richard.

Caris ficou indignada. Os hereges cultuavam Satã porque acreditavam que ele tinha jurisdição sobre a Terra enquanto Deus só reinava no Céu. Nell, a Louca, não podia sequer compreender esse credo tão sofisticado. Era vergonhoso que Richard aceitasse a acusação ridícula de frei Murdo.

– Pode meter o seu cacete no rabo! – gritou Nell, em resposta.

A multidão caiu na gargalhada, exultante com o insulto grosseiro ao bispo.

– Se é essa a sua defesa... – disse Richard.

– Alguém deve falar em sua defesa – interveio o arquidiácono Lloyd.

O tom era respeitoso, mas ele parecia satisfeito por corrigir seu superior. Não podia haver a menor dúvida de que o preguiçoso Richard contava com Lloyd para lembrá-lo das regras. Richard olhou pelo transepto e bradou:

– Quem falará a favor de Nell?

Ninguém se apresentou. Caris não poderia permitir que aquilo prosseguisse. Alguém precisaria mostrar como esse julgamento era absurdo. Como ninguém se manifestou, Caris se levantou e declarou:

– Nell é louca.

Todos se viraram para descobrir quem era a pessoa insensata que ficara do lado de Nell. Houve um murmúrio de reconhecimento – a maioria conhecia Caris –, mas nenhuma reação de surpresa, pois a garota tinha a reputação de fazer o inesperado.

O prior Anthony inclinou-se e murmurou alguma coisa no ouvido de Richard, que disse:

– Caris, a filha de Edmund Wooler, nos diz que a acusada é louca. Já havíamos chegado a essa conclusão sem a sua ajuda.

Caris se irritou com o sarcasmo.

– Nell não tem a menor ideia do que diz! Invoca o demônio, os santos, a lua e as estrelas. Não faz mais sentido do que os latidos de um cachorro. Seria como enforcar um cavalo por relinchar para o rei.

Ela não pôde evitar o desdém em sua voz embora soubesse que era uma

insensatez permitir que seu desprezo transparecesse quando se dirigia à nobreza.

Algumas pessoas na multidão murmuraram em concordância. Todos gostavam de uma discussão acalorada.

– Mas ouviu as pessoas testemunharem sobre os danos causados por suas pragas – disse Richard.

– Perdi 1 *penny* ontem – replicou Caris. – Cozinhei um ovo e descobri que estava estragado. Meu pai passa a noite inteira acordado de tanto tossir. Mas ninguém nos rogou uma praga. As coisas ruins simplesmente acontecem.

Muitas pessoas balançaram a cabeça. A maioria acreditava que havia uma influência maligna por trás de cada infortúnio, grande ou pequeno. Caris perdera o apoio da multidão.

O prior Anthony, seu tio, conhecia suas opiniões, e já discutira com ela antes. Agora, inclinou-se para a frente e disse:

– Certamente não acredita que Deus é responsável por todas as doenças, infortúnios e perdas, não é mesmo?

– Não...

– Quem é então?

Caris imitou o tom afetado de Anthony.

– Certamente não acredita que todo infortúnio na vida é responsabilidade de Deus ou de Nell, a Louca, não é?

O arquidiácono Lloyd interveio, ríspido:

– Demonstre respeito com o prior.

Ele não sabia que Anthony era tio de Caris. Os espectadores riram: todos conheciam o prior afetado e sua sobrinha de mentalidade independente.

– Acho que Nell é inofensiva – concluiu Caris. – Louca, mas inofensiva.

Foi então que frei Murdo se levantou e começou a falar, com sua voz sonora:

– Meu senhor bispo, homens de Kingsbridge, amigos. O Maligno está por toda parte, nos tentando ao pecado... à mentira, gula, embriaguez com o vinho, ao orgulho desmedido, ao desejo da carne.

A multidão gostava disso: as descrições que Murdo fazia do pecado atiçavam a imaginação e evocavam deliciosas cenas de indulgência, que eram santificadas por sua veemente desaprovação.

– Mas ele não pode passar sem ser observado – continuou Murdo, elevando a

voz em excitção. – Assim como o cavalo deixa as marcas de seus cascos na lama, assim como o camundongo da cozinha deixa suas pegadas na manteiga, assim como o devasso deixa seu sêmen infame para crescer no ventre da donzela enganada, assim o Demônio deve deixar... sua marca!

As pessoas gritaram em aprovação. Sabiam o que ele queria dizer, inclusive Caris.

– Os servidores do Maligno podem ser conhecidos pela marca que ele deixa. Pois ele lhes suga o sangue quente, assim como uma criança suga o leite doce dos seios intumescidos de sua mãe. E, como a criança, ele precisa de uma teta para sugar... um terceiro mamilo!

Ele mantinha a audiência extasiada, observou Caris. Começava cada frase em voz baixa e contida, então ia aumentando o volume, recorrendo a uma frase emotiva para alcançar o clímax, e a multidão reagia com ansiedade, escutava em silêncio e gritava em aprovação ao final.

– Essa chaga é escura, saliente como um mamilo, projetando-se da pele clara ao redor. Pode estar em qualquer parte do corpo. Às vezes fica no vale macio entre os seios de uma mulher, a manifestação anormal imitando cruelmente a natural. Mas o Demônio gosta mais de localizá-la nas partes secretas do corpo, na virilha, em lugares íntimos, especialmente...

O bispo Richard interrompeu-o, em voz alta:

– Obrigado, frei Murdo. Não precisa continuar. Está pedindo que o corpo da mulher seja examinado à procura da marca do Demônio.

– Isso mesmo, meu senhor bispo, pois...

– Não precisa argumentar mais nada. Já disse o suficiente. – Richard olhou ao redor. – Madre Cecilia está por perto?

A prioresa se achava sentada num banco ao lado do tribunal, junto com irmã Juliana e algumas freiras mais antigas. O corpo nu de Nell, a Louca, não podia ser examinado por homens; mulheres teriam de fazê-lo em particular, para depois relatarem o que haviam encontrado. As freiras eram a escolha óbvia.

Caris não invejava a tarefa. A maioria dos moradores da cidade lavava as mãos e o rosto todos os dias, e as partes que mais cheiravam mal uma vez por semana. O banho em todo o corpo era, na melhor das hipóteses, um ritual efetuado duas vezes por ano, necessário, embora perigoso para a saúde. Nell, a

Louca, no entanto, dava a impressão de que nunca se lavava. O rosto era sujo, as mãos eram imundas e tinha o cheiro de um monte de estrume.

Cecilia se levantou.

– Por favor, leve essa mulher, tire suas roupas, examine seu corpo com todo o cuidado e volte para relatar fielmente o que encontrou – pediu Richard.

As outras freiras também se levantaram e se encaminharam para Nell. Cecilia falou suavemente com a louca. Pegou-a pelo braço com gentileza. Mas Nell não se deixou enganar. Desvencilhou-se e ergueu os braços. Nesse momento, frei Murdo gritou:

– Estou vendo! Estou vendo!

Quatro freiras conseguiram conter Nell. O frade acrescentou:

– Não é preciso tirar suas roupas. Basta olhar para o braço direito.

Enquanto Nell voltava a se debater, ele se adiantou, ergueu o braço dela, apontou para a axila, e disse:

– Aqui!

A multidão aproximou-se, ansiosa.

– Estou vendo! – gritou alguém.

Outros repetiram. Caris não podia ver nada além dos pelos e relutava em cometer a indignidade de espiar mais de perto. Não tinha a menor dúvida de que Nell devia ter alguma mancha ou excrescência ali. Muitas pessoas tinham marcas na pele, principalmente as mais velhas.

O arquidiácono Lloyd pediu ordem e silêncio. John Constable obrigou a multidão a recuar, batendo com uma vara. Assim que o silêncio foi restabelecido, Richard se levantou e declarou:

– Nell, a Louca, de Kingsbridge, eu a considero culpada de heresia. Será agora amarrada na traseira de uma carroça e açoitada por toda a cidade, depois levada até o lugar conhecido como Gallows Cross para ser enforcada até a morte.

A multidão aclamou a decisão. Caris virou-se, revoltada. Com uma justiça assim, nenhuma mulher estava segura. Seus olhos se iluminaram ao deparar com Merthin, ainda esperando, paciente.

– Muito bem – disse ela, irritada. – Qual é o problema?

– Parou de chover. Vamos até o rio.

O priorado tinha uma série de pôneis para os monges e freiras mais idosos usarem quando viajavam, mais alguns cavalos de tiro para transportar as mercadorias. Esses animais, além das montarias dos visitantes prósperos, eram guardados em estábulos de pedra, junto da extremidade meridional da catedral. A horta próxima era fertilizada com a palha suja das baias.

Ralph estava no pátio do estábulo, com o resto da comitiva do conde Roland. Os cavalos haviam sido selados, prontos para iniciar a viagem de dois dias de volta à residência de Roland, o Earlscastle, perto de Shiring. Esperavam apenas pelo conde. Ralph segurava seu cavalo, um baio com o nome de Griff, e conversava com os pais:

– Não sei por que Stephen foi feito senhor de Wigleigh e eu não – disse ele. – Temos a mesma idade e ele não é melhor do que eu num cavalo, numa justa ou com a espada.

Cada vez que se encontravam, sir Gerald fazia as mesmas perguntas esperançosas, e Ralph tinha de dar as mesmas respostas inadequadas. Ralph poderia suportar o desapontamento com mais facilidade se não fosse a patética ansiedade do pai para vê-lo promovido a cavaleiro.

Griff era um cavalo novo. Um animal de caça, já que um simples escudeiro não merecia um custoso cavalo de guerra. Reagia muito bem quando Ralph o exigia numa caçada. Agora, mostrava-se excitado com toda a atividade no pátio, ansioso por partir. Ralph murmurou em seu ouvido:

– Quieto, meu bom rapaz. Terá a oportunidade de esticar as pernas mais tarde.

O cavalo se acalmou ao som de sua voz.

– Mantenha-se sempre alerta a todas as oportunidades de agradar ao conde – recomendou sir Gerald. – Assim ele se lembrará de você quando tiver um posto para preencher.

Era uma boa ideia em teoria, pensou Ralph, mas as verdadeiras oportunidades só surgiam em batalha. E a guerra podia estar um pouco mais próxima hoje do que há uma semana. Ralph não participara das reuniões entre o conde e os mercadores de lã, mas calculava que estes estavam dispostos a

emprestar dinheiro ao rei Eduardo. Queriam que o rei tomasse alguma ação decisiva contra a França, em retaliação aos ataques franceses nos portos da costa sul.

Enquanto isso, Ralph procurava por alguma maneira de se distinguir e começar a recuperar a honra que a família perdera dez anos antes... Não apenas pelo pai, mas também por seu próprio orgulho.

Griff bateu com as patas no chão e balançou a cabeça. Para acalmá-lo, Ralph o levou para andar de um lado para outro, acompanhado pelo pai. A mãe continuou parada, transtornada pelo nariz quebrado do filho.

Junto com o pai, Ralph passou por lady Philippa, que segurava com mão firme a rédea de um cavalo veloz e arisco enquanto conversava com o marido, lorde William. Ela usava roupas justas, apropriadas para viagem, mas que também realçavam o busto cheio e as pernas compridas. Ralph mantinha-se sempre atento a pretextos para conversar com ela, mas de nada adiantava: ele não passava de mais um servidor de seu sogro e Philippa só lhe dirigia a palavra quando era necessário.

Enquanto Ralph observava, ela sorriu para o marido e bateu de leve em seu peito com o dorso da mão, num gesto zombeteiro de repreensão. Ralph se encheu de ressentimento. Por que não podia ser com ele que Philippa partilhava aquele momento de divertimento particular? Não havia a menor dúvida de que ela faria isso se ele fosse o senhor de quarenta aldeias, como era o caso de William.

Ralph sentiu que sua vida era toda aspiração. Quando conseguiria realizar alguma coisa? Ele e o pai percorreram toda a extensão do pátio, viraram-se e voltaram.

Ele viu um monge de um braço só sair da cozinha e atravessar o pátio. Ficou impressionado ao constatar como o rosto do homem lhe parecia familiar. Um momento depois, lembrou-se de onde o conhecia. Era Thomas Langley, o cavaleiro que matara dois homens de armas na floresta dez anos atrás. Ralph não o vira desde aquele dia, mas seu irmão Merthin tornara a encontrá-lo várias vezes, pois o cavaleiro se tornara monge e era agora o responsável pela supervisão dos reparos nos prédios do priorado. Thomas tinha os cabelos cortados na tonsura de um monge e usava o hábito castanho em vez das belas

roupas de um cavaleiro. Estava mais corpulento na cintura, mas ainda tinha o porte de um guerreiro. Enquanto Thomas passava, Ralph comentou com lorde William, em tom descontraído:

– Lá vai ele... o monge misterioso.

– Como assim? – perguntou William, ríspido.

– O irmão Thomas. Ele era um cavaleiro, e ninguém entende por que entrou no mosteiro.

– O que sabe sobre ele?

O tom de William era de raiva embora Ralph não tivesse dito nada ofensivo. Talvez estivesse de mau humor, apesar do sorriso afetuoso de sua linda esposa. Ralph desejou não ter puxado o assunto.

– Eu estava aqui no dia em que ele chegou a Kingsbridge.

Hesitou, recordando o juramento que as crianças haviam feito naquela tarde. Por causa disso e da inexplicável irritação de William, Ralph não contou toda a história. Limitou-se a acrescentar:

– Ele entrou na cidade trôpego, sangrando de um ferimento de espada. Um menino se lembra dessas coisas.

– Muito curioso... – comentou Philippa e olhou para o marido. – Sabe qual é a história do irmão Thomas?

– Claro que não! – respondeu William, incisivo. – Como eu poderia saber de uma coisa assim?

Ela deu de ombros e se afastou. Ralph também se afastou, contente por escapar da conversa.

– Lorde William estava mentindo – disse ele para o pai, em voz baixa. – Gostaria de saber por quê.

– Não faça mais perguntas sobre aquele monge – disse o pai, ansioso. – É obviamente um assunto delicado.

O conde Roland finalmente apareceu, acompanhado pelo prior Anthony. Os cavaleiros e escudeiros montaram. Ralph beijou os pais e subiu na sela. Griff deu alguns passos para o lado, ansioso por partir. O movimento fez o nariz de Ralph doer como se estivesse pegando fogo. Ele rangeu os dentes: não havia nada que pudesse fazer, a não ser suportar.

Roland foi até seu cavalo, Victory, um garanhão preto com uma mancha

branca num olho. Não montou, mas pegou a rédea e começou a andar, ainda conversando com o prior. William gritou:

– Sir Stephen Wigleigh e Ralph Fitzgerald, sigam na frente e esvaziem a ponte.

Ralph e Stephen atravessaram o adro gramado da catedral. A relva tinha sido pisoteada e o terreno estava lamacento na área antes ocupada pela Feira do Velocino. Uns poucos estandes ainda faziam negócios, mas a maioria já fora desmontada. Muitos negociantes já haviam partido. Passaram pelos portões do priorado.

Na rua principal, Ralph avistou o rapaz que o deixara de nariz quebrado. Wulfric era seu nome, e vinha da aldeia de Wigleigh, que pertencia a Stephen. O lado esquerdo do rosto, que Ralph esmurrara várias vezes, estava bastante inchado. Wulfric havia parado na frente da Bell Inn, com o pai, a mãe e o irmão. Pareciam prestes a ir embora.

É melhor você torcer para nunca mais me encontrar, pensou Ralph. Ele tentou pensar em algum insulto para gritar, mas foi distraído pelo som da multidão.

Enquanto ele e Stephen desciam pela rua principal, os cavalos avançando resolutos pela lama, avistaram à frente uma multidão compacta. No meio da ladeira, foram obrigados a parar.

A rua se achava entupida por centenas de homens, mulheres e crianças gritando, rindo, empurrando uns aos outros à procura de espaço. Todos estavam de costas para Ralph. Ele olhou por cima de suas cabeças.

À frente daquela procissão indisciplinada seguia uma carroça, puxada por um boi. Uma mulher seminua fora amarrada atrás do veículo. Ralph já vira aquilo acontecer: uma pessoa ser açoitada através da cidade era uma punição comum. A mulher usava apenas uma saia de lã ordinária, presa na cintura por uma corda. O rosto, quando ele pôde vê-lo, estava todo manchado, os cabelos imundos, de tal forma que, a princípio, ele pensou ser uma velha. Até que viu os seios e compreendeu que tinha apenas 20 e poucos anos.

Tinha as mãos amarradas e presas pela mesma corda na carroça. Cambaleava em sua esteira e às vezes caía e era arrastada, contorcendo-se na lama, até que conseguia se levantar de novo. O chefe da guarda da cidade ia atrás, usando um

chicote simples, uma tira de couro presa numa vara, para açoitar as costas nuas da mulher.

A multidão, liderada por um bando de jovens, escarnecia da mulher, gritando insultos, rindo, jogando lama e outras sujeiras. Ela reagia com a maior satisfação, berrando imprecações e cuspindo em quem chegava perto. Ralph e Stephen avançaram seus cavalos contra a multidão. Ralph elevou a voz:

– Abram caminho! Deem passagem para o conde!

Stephen fez a mesma coisa. Mas ninguém deu a menor atenção.



Ao sul do priorado, o terreno descia íngreme até o rio. A margem naquele lado era rochosa, imprópria para a atracação de barcaças e balsas. Por isso todos os cais ficavam no lado sul, mais acessível, em Newtown. O lado norte era mais quieto e, naquela época do ano, colorido pelas flores silvestres. Merthin e Caris se sentaram num penhasco baixo à beira da água.

O rio aumentara com as chuvas. Deslocava-se mais rápido que o habitual, Merthin notou e podia compreender o motivo: o canal se tornara mais estreito. Isso acontecia por causa do desenvolvimento na margem do rio. Quando ele era pequeno, a maior parte da margem sul era uma praia larga e lamacenta, com uma região pantanosa além. O rio corria então num ritmo lento e imponente, de tal forma que podia flutuar de costas de um lado para outro. Mas os novos cais, protegidos das enchentes por muros de pedras, espremiam a mesma quantidade de água num funil menor, através do qual o rio passava apressado, como se estivesse ansioso por deixar a ponte para trás. Depois dela, o rio se alargava de novo e diminuía de velocidade, contornando a ilha dos Leprosos, onde ficava o lazareto.

– Fiz uma coisa horrível – anunciou Merthin.

Infelizmente, Caris parecia ainda mais adorável naquele dia. Usava um vestido de linho vermelho-escuro e a pele parecia luzir de vitalidade. Mostrara-se furiosa no julgamento de Nell, a Louca, mas agora parecia apenas preocupada, e isso lhe proporcionava uma aparência vulnerável, que provocava um aperto no coração de Merthin. Caris devia ter percebido que ele fora incapaz

de fitá-la nos olhos durante toda a semana. Mas o que ele tinha de lhe contar era provavelmente pior do que qualquer coisa que ela imaginara.

Merthin não falara com ninguém a respeito desde a briga com Griselda, Elfric e Alice. Ninguém sabia que sua porta fora destruída. Ele se sentira ansioso para descarregar, mas se contivera. Não queria conversar sobre aquilo com os pais: a mãe faria um julgamento moral e o pai lhe diria que tinha de ser um homem. Poderia ter conversado com Ralph, mas uma frieza se instalara entre os dois desde a briga com Wulfric; Merthin achava que o irmão se comportara como um algoz, e Ralph sabia disso.

Ele receava contar a verdade a Caris. Por um momento, perguntou-se por quê. Não era por medo. Ela podia ser desdenhosa – e era boa nisso –, mas não poderia dizer nada pior do que tudo o que ele vinha dizendo a si mesmo o tempo todo.

O que ele de fato receava, compreendeu Merthin, era magoá-la. Podia suportar sua raiva, mas não tinha condições de encarar a angústia de Caris.

– Você ainda me ama, Merthin?

Ele não esperava pela pergunta, mas respondeu sem hesitação:

– Amo.

– E eu amo você. Qualquer outra coisa é apenas um problema que podemos resolver juntos.

Merthin desejou que ela estivesse certa. E desejou tanto que as lágrimas afloraram aos seus olhos. Ele virou o rosto para que Caris não pudesse ver. Uma turba entrava na ponte seguindo uma lenta carroça. Merthin compreendeu que devia ser Nell, a Louca, açoitada através da cidade, a caminho de Gallows Cross, em Newtown. A ponte já estava lotada de negociantes e suas carroças, de partida. O movimento era tão intenso que quase não se conseguia avançar.

– Qual é o problema? – indagou Caris. – Você está chorando.

– Deitei-me com Griselda – revelou Merthin abruptamente. Caris ficou boquiaberta.

– Griselda? – murmurou ela, incrédula.

– E me sinto envergonhado.

– Pensei que devia ser Elizabeth Clerk.

– Ela é orgulhosa demais para se oferecer. – A reação de Caris o

surpreendeu.

– Quer dizer que faria com Elizabeth também se ela se oferecesse?

– Não foi isso que eu quis dizer!

– Griselda! Santa Maria! Pensei que eu valia mais do que isso.

– E vale.

– Uma lupa – disse ela, usando a palavra latina para prostituta.

– Nem gosto dela. E detestei.

– Diz isso para fazer com que eu me sinta melhor? Não se arrependeria se tivesse gostado?

– Não!

Merthin estava consternado. Caris parecia determinada a interpretar da maneira errada tudo que ele dizia.

– O que deu em você?

– Ela estava chorando.

– Pelo amor de Deus! Faz isso com toda mulher que começa a chorar?

– Claro que não! Apenas tento explicar como aconteceu, embora eu não quisesse.

O desdém se tornava pior a cada coisa que ele dizia.

– Não diga bobagem. Se você não quisesse, não teria acontecido.

– Escute, por favor! – suplicou Merthin, frustrado. – Ela me chamou, e eu disse que não. Ela começou a chorar. Passei o braço por seus ombros, para confortá-la, e depois...

– Poupe-me dos detalhes. Eu não quero saber.

Merthin começou a ficar ressentido. Sabia que errara e esperava que Caris ficasse furiosa, mas seu desprezo doía.

– Está bem – murmurou ele, e se calou em seguida.

Mas não era o silêncio que Caris queria. Fitou-o com insatisfação.

– O que mais? – indagou.

Ele deu de ombros.

– De que adianta continuar falando? Você desdenha tudo que eu digo.

– Não quero escutar desculpas patéticas. Mas há uma coisa que você não me contou... Posso sentir.

Merthin suspirou.

– Ela está grávida.

A reação de Caris o surpreendeu. Toda a raiva desapareceu. O rosto, até esse momento tenso de indignação, pareceu murchar. Só restou a tristeza.

– Um bebê... Griselda terá um bebê seu.

– Pode não acontecer. Às vezes...

Caris balançou a cabeça.

– Griselda é saudável, bem alimentada. Não há razão por que abortar.

– Nem eu gostaria – murmurou Merthin embora não soubesse se isso era mesmo verdade.

– Mas o que vai fazer? Será sua criança. E a amará, mesmo que odeie a mãe.

– Tenho de me casar com ela.

Caris soltou um grito de espanto.

– Casar? Mas isso seria para sempre!

– Gerei uma criança e tenho de cuidar dela.

– Mas passaria toda a sua vida com Griselda!

– Sei disso.

– Não precisa – declarou Caris, decidida. – Pense um pouco. O pai de Elizabeth Clerk não se casou com a mãe dela.

– Ele era um bispo.

– Tem também o caso de Maud Roberts, em Slaughterhouse Ditch... Ela tem três filhos, e todos sabem que o pai é Edward Butcher.

– Ele já é casado e tem outros quatro filhos com a esposa.

– Estou querendo dizer que nem sempre as pessoas são obrigadas a se casar. Você pode continuar como está.

– Impossível. Elfric me mandaria embora.

Caris ficou pensativa.

– Quer dizer que já conversou com Elfric?

– Conversei? – Merthin tocou de leve no rosto machucado. – Pensei que ele ia me matar.

– E a esposa dele... minha irmã?

– Ela gritou comigo.

– Então ela sabe.

– Sabe. Disse que eu tinha de me casar com Griselda. Alice jamais quis que

eu ficasse com você, não sei por quê.

– Alice queria ficar com você – murmurou Caris.

Isso era novidade para Merthin. Parecia improvável que a altiva Alice se sentisse atraída por um mero aprendiz.

– Nunca vi sinal disso.

– Porque você nunca olhou para ela. O que a deixava furiosa. Ela se casou com Elfric por frustração. Você partiu o coração de minha irmã... e agora está partindo o meu.

Merthin desviou os olhos. Não reconhecia aquele retrato de si mesmo como um homem que partia o coração das mulheres. Como as coisas podiam ter saído tão errado? Caris ficou calada. Merthin olhou para o rio, na direção da ponte.

Notou que a multidão parecia não estar mais andando. Uma pesada carroça, carregada com sacos de lã, havia parado na extremidade meridional, provavelmente com uma roda quebrada. A carroça que arrastava Nell havia parado também, impossibilitada de continuar. A multidão enxameava em torno das duas carroças. Algumas pessoas subiram nos sacos de lã para ver melhor. O conde Roland também tentava partir. Estava no lado da ponte que dava para a cidade, a cavalo, com sua comitiva, mas mesmo eles tinham dificuldade para passar pela ponte. Merthin avistou o irmão, Ralph, em seu cavalo castanho de crina e rabo pretos. O prior Anthony, que obviamente fora se despedir do conde, retorcia as mãos com ansiedade, enquanto os homens de Roland forçavam seus cavalos contra a multidão, tentando em vão abrir passagem.

A intuição de Merthin fez soar um alarme. Havia alguma coisa errada, ele tinha certeza, embora a princípio não soubesse o quê. Observou mais atentamente a ponte. Já notara, na segunda-feira, que as vigas maciças de carvalho que se estendiam de uma pilastra a outra apresentavam sinais de rachaduras, no lado a montante do rio, e que as vigas haviam sido reforçadas com braçadeiras de ferro pregadas por cima das rachaduras. Merthin não participara desse trabalho, e fora por isso que não o examinara direito antes. Mas, na segunda-feira, especulara por que as vigas estavam rachando. A fraqueza não se dava entre as partes verticais, como se poderia esperar se a madeira tivesse se deteriorado ao longo do tempo. Em vez disso, as rachaduras eram próximas das pilastras centrais, onde a tensão deveria ser menor.

Ele não pensara a respeito desde segunda-feira – havia muitas outras coisas em sua mente –, mas agora uma explicação lhe ocorreu. Era quase como se a plataforma central não estivesse suportando as vigas, mas, sim, puxando-as para baixo. Isso significaria que alguma coisa solapara as fundações por baixo dos pilares... e, assim que o pensamento lhe ocorreu, ele compreendeu como poderia ter acontecido. Devia ser o fluxo mais rápido do rio, removendo a areia do fundo em torno das pilastras.

Ele se recordou de andar descalço por uma praia arenosa quando era pequeno. Parado à beira-mar, notara que as ondas no refluxo puxavam a areia de baixo de seus pés. Esse tipo de fenômeno sempre o fascinara.

Se estava certo, a plataforma central, sem nada por baixo para sustentá-la, estava agora pendurada da ponte... o que explicaria as rachaduras. E as braçadeiras de ferro de Elfric não haviam ajudado; na verdade, poderiam ter agravado o problema, ao tornar impossível à ponte assentar-se lentamente numa posição nova e estável.

Merthin calculou que a outra pilastra do par – no lado da ponte a jusante – ainda estava firme. A correnteza consumia a maior parte de sua força na pilastra a montante e atacava a segunda com violência reduzida. Só uma pilastra fora afetada e parecia que o resto da estrutura era bastante firme para que a ponte permanecesse de pé... desde que não fosse submetida a uma pressão extraordinária.

Mas as rachaduras pareciam mais largas hoje do que na segunda-feira. E não era difícil adivinhar por quê. Havia centenas de pessoas na ponte, uma carga muito maior do que em circunstâncias normais, e havia uma carroça carregada de lã, com vinte ou trinta pessoas sentadas em cima dos sacos para aumentar o peso.

O medo apertou o coração de Merthin. Achou que a ponte não seria capaz de suportar aquele nível de tensão por muito tempo.

Ele teve a vaga noção de que Caris falava, mas as palavras não penetraram em sua mente até que ela gritou:

– Você não está escutando!

– Vai haver um terrível acidente.

– Como assim?

– Temos de tirar todo mundo da ponte.

– Ficou louco? Estão todos atormentando Nell. Nem mesmo o conde Roland consegue afastar as pessoas. Não vão escutá-lo.

– Acho que a ponte vai desabar.

– Ei, olhe ali! – exclamou Caris, apontando. – Está vendo uma pessoa correndo pela estrada da floresta, aproximando-se do lado sul da ponte?

Merthin não podia imaginar o que isso tinha a ver com o resto, mas olhou para a direção indicada. E avistou uma mulher correndo, os cabelos esvoaçando.

– Parece Gwenda – murmurou Caris.

Por trás dela, numa perseguição implacável, vinha um homem de túnica amarela.



Gwenda sentia-se mais cansada do que em qualquer outro momento de sua vida.

Sabia que a maneira mais rápida de percorrer uma longa distância era correr vinte passos, depois andar vinte passos. Começara a fazer isso meio dia antes, quando avistara Sim Chapman 1,5 quilômetro atrás. Perdera-o de vista durante algum tempo, mas, quando a estrada tornara a oferecer uma extensa vista para trás, percebera que ele fazia a mesma coisa, corria e andava alternadamente.

À medida que um quilômetro sucedia outro, que uma hora sucedia outra, ele fora diminuindo a distância que os separava. Na metade da manhã, Gwenda compreendera que Sim a alcançaria antes que ela conseguisse chegar a Kingsbridge.

Em desespero, ela se embrenhara pela floresta. Mas não podia se afastar da estrada por muito tempo, com medo de se perder. Depois de algum tempo, ouvira os sons de alguém correndo e uma respiração ofegante e, espiando, através das moitas, vira Sim passar pela estrada. Concluíra que ele perceberia o que acontecera depois de percorrer alguma distância sem avistá-la. E ele logo voltaria pela estrada.

Gwenda continuara pela floresta, parando a intervalos de poucos minutos para ficar em silêncio e escutar. Conseguira se esquivar durante algum tempo. Sabia que ele continuaria a procurar na floresta nos dois lados da estrada, a fim

de ter certeza de que ela não se escondera. Mas o progresso de Gwenda também era lento, retardado pelo mato mais alto do verão e pela necessidade de verificar o curso a todo instante, para não se desviar demais da estrada.

Ao ouvir o som de uma multidão distante, ela compreendeu que não podia estar longe da cidade. E pensou que conseguiria escapar, no final das contas. Foi até a beira da estrada e espiou cautelosa, de trás de uma moita. O caminho estava livre nas duas direções... e, meio quilômetro ao norte, avistou a torre da catedral.

Estava quase chegando.

Ouviu um latido familiar. Seu cachorro, Skip, saiu das moitas ao lado da estrada. Gwenda inclinou-se para afagá-lo e o cachorro abanou o rabo, na maior alegria. Ela ficou com os olhos cheios de lágrimas.

Sim não estava à vista e por isso ela se arriscou a sair para a estrada aberta. Cansada, retomou o ritmo de vinte passos correndo, vinte passos andando, agora com Skip trotando a seu lado, pensando que era uma nova brincadeira. A cada vez que trocava de ritmo, Gwenda olhava para trás. Na terceira, avistou Sim.

Ele vinha apenas 200 metros atrás.

O desespero a envolveu como um maremoto. Teve vontade de se jogar no chão e morrer. Mas já alcançara a área suburbana e faltava agora menos de meio quilômetro para chegar à ponte. Por isso, forçou-se a continuar.

Tentou correr, mas as pernas se recusaram a obedecer. Passos mais rápidos, cambaleantes; foi o máximo que conseguiu. Os pés doíam. Olhou para baixo: o sangue escorria pelos buracos nos sapatos arrebentados. Ao virar na encruzilhada de Gallows Cross, ela divisou uma enorme multidão na ponte à sua frente. Todos observavam alguma coisa. Ninguém a notou correndo por sua vida, perseguida de perto por Sim Chapman.

Não tinha armas além da faca que usava para comer, que mal dava para cortar uma lebre assada e não seria de proveito nenhum diante de um homem. Ela desejou com todo o seu coração ter tido a coragem de arrancar a adaga comprida da cabeça de Alwyn e tê-la trazido. Agora, estava praticamente indefesa.

Havia uma fileira de casas num lado – as casas suburbanas de pessoas pobres demais para viverem na cidade – e, no outro, o pasto conhecido como Lovers' Field, que pertencia ao priorado. Sim estava tão próximo que ela podia ouvir sua

respiração, também pesada e entrecortada. O terror lhe proporcionou um novo fluxo de energia. Skip latiu, mas havia mais medo do que desafio no som... Ele não esquecera a pedra que o atingira no focinho.

O acesso à ponte era uma área de lama pegajosa, revolvida por botas, cascos e rodas de carroças. Gwenda avançou, com a esperança desesperada de que Sim, mais pesado, fosse estorvado ainda mais do que ela.

Finalmente alcançou a ponte. Avançou pela multidão, que era menos densa naquela extremidade. Todos olhavam para o outro lado, onde uma pesada carroça, carregada de lã, bloqueava a passagem de um carro de boi. Tinha de chegar à casa de Caris, quase à vista, na rua principal.

– Deixem-me passar! – gritou, lutando para se adiantar.

Apenas uma pessoa pareceu ouvi-la. Uma cabeça virou-se para olhar, e ela reconheceu o irmão, Philemon. Ele abriu a boca, alarmado, e tentou se aproximar, mas a multidão resistiu ao avanço dele tanto quanto resistia a ela.

Gwenda tentou passar pela parelha de bois que puxava a carroça, mas um boi virou a cabeça maciça e a empurrou para o lado. Ela perdeu o equilíbrio... e nesse momento uma mão enorme agarrou-a pelo braço e deu-lhe um puxão poderoso. Ela compreendeu que fora recapturada.

– Peguei você, sua vaca – balbuciou Sim.

Ele deu um tapa na cara de Gwenda, com toda a força. Ela não tinha mais energia para resistir. Skip tentava morder, em vão, os calcanhares de Sim.

– Não vai me escapar de novo – resmungou ele.

O desespero a dominou. Fora tudo por nada: seduzir Alwyn, assassiná-lo, correr por quilômetros. Estava de volta ao ponto em que começara, como a escrava de Sim.

E, de repente, a ponte começou a balançar.

13

Merthin viu a ponte vergar.

Sobre o vão central, no lado próximo, toda a superfície vergou, como um cavalo com o dorso quebrado. As pessoas que atormentavam Nell descobriram de repente que as tábuas sob seus pés já não eram mais firmes. Cambalearam, agarrando as pessoas próximas em busca de apoio. Uma caiu para trás, passou por cima do parapeito e despencou no rio, logo seguida por outra. Os gritos e vaias dirigidos contra Nell foram logo substituídos por berros de alerta e medo.

– Oh, não! – exclamou Merthin.

– O que está acontecendo?! – gritou Caris.

Todas essas pessoas, ele teve vontade de dizer... pessoas com quem fomos criados, mulheres que foram bondosas conosco, crianças que nos admiram; mães e filhos, tios e sobrinhas; mestres cruéis, inimigos jurados, amantes ansiosos... todos vão morrer. Mas ele não foi capaz de emitir qualquer palavra.

Por um momento – menos que uma respiração – Merthin torceu para que a estrutura pudesse estabilizar-se na nova posição, mas ficou desapontado. A ponte vergou de novo. E dessa vez as tábuas engatadas começaram a se soltar das articulações. As pranchas longitudinais sobre as quais as pessoas pisavam saíram das cavilhas de madeira; as juntas transversais, que sustentavam o leito da ponte, viraram e saíram dos encaixes; e as cintas de ferro que Elfric pregara sobre as rachaduras foram arrancadas da madeira.

A parte central da ponte pareceu dar uma guinada para baixo, no lado mais próximo de Merthin, a montante. A carroça carregada de lã inclinou-se e os espectadores de pé e sentados nas pilhas de sacos foram lançados no rio. Vigas enormes se partiram e voaram pelo ar, matando todas as pessoas que atingiam. O parapeito insubstancial cedeu e a carroça deslizou lentamente pela borda, a

parelha de bois, impotente, mugindo de terror. Caiu com uma lentidão de pesadelo e bateu na água com um estrondo. E, de repente, havia dezenas de pessoas se jogando ou caindo no rio, logo seguidas por outras dezenas. As que já estavam na água eram atingidas pelas outras que caíam, pelas madeiras que se desintegravam, alguns fragmentos pequenos, outros imensos. Cavalos também caíam, com e sem cavaleiros, e carroças despencavam por cima.

O primeiro pensamento de Merthin foi sobre os pais. Nenhum dos dois fora ao julgamento de Nell, a Louca, e não teriam a menor disposição para acompanhar sua punição: a mãe achava que esses espetáculos públicos eram abaixo de sua dignidade e o pai não tinha o menor interesse quando a única coisa em jogo era a vida de uma louca. Em vez disso, haviam ido ao priorado para se despedir de Ralph.

Mas Ralph agora estava na ponte.

Merthin podia ver o irmão fazendo o maior esforço para controlar o cavalo, Griff, que empinou, batendo no ar com os cascos dianteiros.

– Ralph! – gritou ele, em vão.

As tábuas por baixo do cavalo cederam. Griff caiu na água.

– Não! – berrou Merthin quando cavalo e cavaleiro desapareceram de sua vista.

O olhar de Merthin deslocou-se para o outro lado, onde Caris avistara Gwenda. Viu-a lutando contra um homem de túnica amarela. No instante seguinte, essa parte também despencou. As duas extremidades da ponte foram puxadas para a água pelo centro que desabava.

O rio era agora uma massa de pessoas se debatendo, cavalos em pânico, tábuas quebradas, corpos ensanguentados. Merthin compreendeu que Caris não se encontrava mais ao seu lado quando a viu correndo pela margem na direção da ponte. Ela pulava pedras, afundava na lama, mas seguia em frente. Olhou para trás e gritou:

– Depressa! O que está esperando? Vamos ajudar!



Um campo de batalha deve ser assim, pensou Ralph: os gritos, a violência

fortuita, as pessoas caindo, os cavalos enlouquecidos pelo medo. Foi o último pensamento que ele teve antes que o trecho da ponte em que se encontrava despencasse.

Sofreu um momento de terror absoluto. Não podia entender o que havia acontecido. A ponte estava ali, debaixo dos cascos de seu cavalo, mas agora não estava mais, e ele e Griff davam cambalhotas pelo ar. Um momento depois, não pôde mais sentir a massa familiar do cavalo entre suas coxas e compreendeu que não mais se encontravam juntos. E bateu na água fria.

Afundou e prendeu a respiração. O pânico o deixou. Agora, sentia-se assustado, mas calmo. Brincara no mar quando era criança – uma aldeia à beira-mar era um dos domínios do pai – e sabia que voltaria à superfície, embora pudesse demorar um pouco. Era arrastado para o fundo pelo peso das grossas roupas de viagem, agora molhadas, e da espada. Se estivesse de armadura, afundaria até o leito do rio e lá permaneceria para sempre. Mas finalmente a cabeça tornou a aflorar à superfície e aspirou o ar, sôfrego.

Nadara muito quando era menino, mas isso fora há muitos anos. Mesmo assim, a técnica voltou, mais ou menos, e conseguiu manter a cabeça acima da água. Começou a bater braços e pernas na direção da margem norte. Reconheceu a seu lado a pelagem castanha e a crina preta de Griff, fazendo a mesma coisa que ele: nadando para a praia mais próxima.

A postura do cavalo mudou de repente e Ralph compreendeu que seus cascos agora se apoiavam no leito do rio. Estendeu as pernas para o fundo e descobriu que dava pé também para ele. Avançou com alguma dificuldade. A lama pegajosa parecia querer sugá-lo para o meio da correnteza. Griff subiu para a faixa estreita de praia por baixo da muralha do priorado. Ralph fez a mesma coisa.

Virou-se e olhou para trás. Havia várias centenas de pessoas na água, muitas sangrando, muitas gritando, muitas mortas. Quase na beira, ele avistou alguém com a libré vermelha e preta do conde de Shiring, flutuando, o rosto virado para baixo. Tornou a entrar na água, agarrou o homem pelo cinto e o arrastou para a margem.

Virou o corpo e seu coração teve um sobressalto ao reconhecê-lo. Era seu amigo Stephen. Tinha o rosto ileso, mas o peito parecia ter afundado. Os olhos

estavam arregalados, mas sem qualquer sinal de vida. Não havia respiração. O corpo ficara lesionado demais para que Ralph pudesse ao menos sentir as batidas do coração. Há poucos minutos, pensou Ralph, eu o invejava. Agora, sou o afortunado.

Com um sentimento de culpa irracional, fechou os olhos de Stephen. Pensou nos pais. Deixara-os no pátio do estábulo apenas alguns minutos antes. Mesmo que o tivessem seguido, ainda não teriam alcançado a ponte. Deviam estar seguros.

Onde estava lady Philippa? Ralph projetou a mente de volta à cena na ponte, pouco antes do desabamento. Lorde William e Philippa se encontravam na retaguarda do séquito do conde e ainda não haviam entrado na ponte.

Mas o conde sim.

Ralph conseguiu projetar a cena com toda a nitidez. O conde Roland estava perto dele, impaciente, instigando seu cavalo, Victory, a avançar pelo espaço aberto na multidão por Ralph, montado em Griff. Portanto, Roland devia ter caído perto de Ralph.

Ele ouviu as palavras do pai. Mantenha-se sempre alerta a todas as oportunidades de agradar ao conde. Talvez fosse aquela a grande oportunidade que esperava, pensou Ralph, excitado. Talvez não precisasse esperar por uma guerra. Podia se distinguir hoje. Salvaria o conde... ou mesmo apenas Victory.

O pensamento incutiu-lhe uma nova energia. Esquadrinhou o rio. O conde vestia uma túnica púrpura distintiva e um manto de veludo preto. Mas era difícil distinguir uma pessoa na massa fervilhante de corpos, vivos e mortos. Até que avistou um garanhão preto com uma mancha branca sobre um olho. Seu coração disparou: era o cavalo de Roland. Victory debatia-se na água, parecendo incapaz de nadar em linha reta, provavelmente com uma ou mais pernas quebradas.

Ao lado do cavalo, flutuava um corpo alto, de túnica púrpura.

Aquele era o momento de Ralph.

Ele tirou os trajes externos, pois tornariam o nado difícil. Apenas com o calção de baixo, tornou a entrar no rio e nadou na direção do conde. Teve de forçar a passagem por homens, mulheres e crianças. Muitos dos vivos o agarravam, desesperados, retardando seu progresso. Ralph tratou de repeli-los, implacável, com socos furiosos.

Finalmente alcançou Victory. Os movimentos do animal eram mais fracos agora. Ficou imóvel por um instante, para depois começar a afundar, mas, quando a cabeça mergulhou toda na água, o cavalo voltou a se debater.

– Calma, rapaz, calma... – murmurou Ralph em seu ouvido embora tivesse certeza de que o animal morreria afogado.

Roland flutuava de costas, os olhos fechados, inconsciente ou morto. Tinha um pé ainda preso no estribo e parecia ser isso que impedia o corpo de afundar. Perdera o chapéu e o alto da cabeça era uma massa ensanguentada. Ralph não podia imaginar que o homem fosse capaz de sobreviver a um ferimento assim. De qualquer forma, trataria de salvá-lo. Haveria com certeza alguma recompensa apenas pelo cadáver, quando era de um conde.

Ele tentou arrancar o pé de Roland do estribo, mas descobriu que a tira de couro se enrolara no tornozelo. Estendeu a mão para sua faca, mas se lembrou de que ela estava presa no cinto, que deixara na praia, junto com o resto dos trajes externos. Mas o conde tinha armas. Ralph tateou para tirar da bainha a adaga de Roland.

As convulsões de Victory tornavam difícil cortar a tira. Cada vez que Ralph segurava o estribo, o cavalo agonizante estrebuchava e se afastava de seu alcance antes que ele pudesse encostar a faca no couro. Cortou o dorso da própria mão no esforço. Ao final, apoiou-se no flanco do cavalo, em busca de estabilidade, e nessa posição foi capaz de cortar a tira do estribo.

Agora, tinha de arrastar o conde inconsciente até a margem. Ralph não era um bom nadador e já se encontrava ofegante de exaustão. Para agravar a situação, não podia respirar direito pelo lado do nariz quebrado, por isso sua boca se enchia a todo instante com a água do rio. Ele ficou quieto por um momento, apoiando o peso do corpo no condenado Victory enquanto tentava recuperar o fôlego, mas o corpo do conde, agora sem nada para segurá-lo na superfície, começou a afundar, e Ralph compreendeu que não podia descansar.

Pegou o tornozelo de Roland com a mão direita e começou a nadar para a margem. Descobriu que era mais difícil manter a cabeça acima da superfície quando só tinha um braço para nadar. Não olhava para Roland: se a cabeça do conde ficasse coberta pela água, não haveria nada que Ralph pudesse fazer para evitar. Depois de alguns segundos, ofegava para respirar e sentia dor nos braços

e nas pernas.

Não estava acostumado a uma coisa assim. Era jovem e forte, passara toda a sua vida cavalgando, participando de justas, lutando com a espada. Podia passar o dia inteiro na sela e, na mesma noite, ganhar uma disputa de luta livre. Mas agora parecia depender de músculos pouco usados. O pescoço doía do esforço de manter a cabeça erguida. Não conseguia deixar de engolir água quando respirava, e isso o fazia tossir e sufocar. Agitava o braço esquerdo de modo frenético, mas só conseguia se manter à tona. Puxava o volumoso corpo do conde, ainda mais pesado por causa das roupas molhadas. Foi se aproximando da praia com uma lentidão angustiante.

Até que chegou perto o bastante para apoiar os pés no leito do rio. Resfolegante, passou a andar, sempre puxando o corpo de Roland. Quando a água ficou na altura das coxas, Ralph virou-se, pegou o corpo do conde nos braços e o carregou pelos últimos passos até a praia.

Pôs o corpo no chão e arriou ao lado, exausto. Com o que lhe restava de força, sentiu o peito do conde. O coração batia forte.

O conde Roland estava vivo.



O desabamento da ponte deixou Gwenda paralisada pelo medo. Um instante depois, o súbito mergulho na água fria provocou um choque que a levou de volta ao normal.

Quando sua cabeça aflorou à superfície, descobriu-se cercada por pessoas se debatendo e gritando. Alguns haviam encontrado pedaços de madeira para mantê-los à tona, mas todos os outros tentavam permanecer na superfície se apoiando em alguém. As pessoas empurradas para baixo tentavam se desvencilhar, reagindo com socos. Muitos golpes erravam o alvo e os homens que se apoiavam nelas tratavam de voltar. Era como estar na frente de uma taverna de Kingsbridge à meia-noite. Seria cômico se as pessoas não estivessem morrendo.

Gwenda ofegou para respirar e afundou. Não sabia nadar.

Logo retornou à superfície. Para seu horror, deparou com Sim Chapman bem

à sua frente, cuspindo água, como uma fonte. Ele começou a afundar, obviamente porque não sabia nadar, como Gwenda. Desesperado, Sim segurou-a pelo ombro e tentou usá-la para se apoiar. Gwenda afundou no mesmo instante. Ao constatar que ela não poderia mantê-lo na superfície, Sim a largou.

Abaixo da superfície, prendendo a respiração, com um esforço para conter o pânico, ela pensou: Não posso me afogar agora, depois de tudo por que passei.

Quando voltou à tona, sentiu que era empurrada para o lado por um corpo pesado. Pelo canto do olho, viu que era o boi que esbarrara nela um momento antes de a ponte desabar. Parecia ileso e nadava com vigor. Gwenda o alcançou, batendo os pés, e conseguiu segurar um dos chifres. Puxou a cabeça do animal para o lado, por um momento, mas logo o pescoço poderoso do boi tornou a erguê-la.

Gwenda não o largou.

Seu cachorro, Skip, apareceu ao seu lado, nadando sem esforço. Latiu de alegria ao vê-la.

O boi seguia para a praia além da cidade. Gwenda continuou segurando o chifre, embora tivesse a sensação de que o braço estava prestes a se soltar da articulação.

Alguém a pegou, e, quando ela olhou para trás, viu que era Sim de novo. No esforço de usá-la para se manter à tona, ele a puxou para baixo. Sem largar o boi, ela se desvencilhou de Sim com a mão livre. Ele recuou, a cabeça próxima dos pés de Gwenda. Ela mirou com todo o cuidado e acertou um chute no rosto dele, com toda a força que foi capaz de reunir. Ele soltou um grito de dor, logo abafado quando sua cabeça afundou.

O boi alcançou um ponto em que podia pisar no fundo e saiu do rio, espanando água e bufando. Gwenda o largou assim que descobriu que já dava pé para ela.

Skip soltou um latido assustado e Gwenda olhou ao redor, cautelosa. Sim não estava na margem. Ela esquadrinhou o rio à procura do brilho de uma túnica amarela entre os corpos e as madeiras flutuantes.

Avistou-o segurando um pedaço de tábua que o mantinha à tona. Batia as pernas e avançava direto para onde ela se encontrava.

Gwenda não podia correr. Não lhe restava qualquer força e o vestido estava

ensopado. Não havia onde se esconder naquele lado do rio. E, agora que a ponte desabara, não havia jeito de atravessá-lo para Kingsbridge.

Mas não deixaria que Sim a levasse.

Viu que ele se debatia, o que lhe proporcionou alguma esperança. A tábua o manteria à tona se ficasse quieto, mas Sim batia as pernas para alcançar a margem, e os movimentos o desestabilizavam. Puxava a tábua para se erguer, depois batia as pernas para se aproximar da margem, e a cabeça tornava a afundar. Talvez não conseguisse sair do rio.

Mas Gwenda compreendeu que não podia ter certeza disso.

Ela olhou ao redor. Havia muita madeira na água, de pequenos fragmentos a pranchas enormes. Seus olhos se iluminaram quando viu uma tábua grossa, talvez com 1 metro de comprimento. Ela entrou na água e a pegou. Depois, seguiu pela água na direção do homem que a comprara.

Teve a satisfação de perceber o brilho do medo nos olhos de Sim.

Ele parou de bater as pernas. À sua frente, via a mulher que tentara escravizar... furiosa, determinada, brandindo um porrete formidável. Por trás, a morte por afogamento o espreitava.

Ele se adiantou.

Gwenda estava de pé, com água até a cintura, à espera do momento certo.

Viu Sim parar de novo e percebeu por seus movimentos que ele estendia os pés à procura do leito do rio.

Era agora ou nunca.

Gwenda ergueu a madeira por cima da cabeça e adiantou-se. Sim compreendeu o que ela pretendia fazer e tentou se esquivar, desesperado. Mas estava meio desequilibrado, nem nadando nem vadeando, e não tinha como escapulir. Gwenda bateu com a tábua em sua cabeça com toda a sua força.

Sim revirou os olhos e arriou, inconsciente.

Ela inclinou-se para a frente e agarrou-o pela túnica amarela. Não deixaria que Sim flutuasse para longe... pois ele poderia sobreviver. Puxou-o, pôs as duas mãos em sua cabeça e a empurrou para baixo da água.

Era mais difícil do que imaginara manter um corpo abaixo da superfície, mesmo seu dono estando inconsciente. Os cabelos ensebados eram escorregadios. Ela teve de prender a cabeça sob seu braço e depois tirar os pés

do fundo, para que seu peso levasse ambos para baixo.

E começou a sentir que poderia subjugá-lo. Quanto tempo era preciso para afogar um homem? Não tinha a menor ideia. Os pulmões de Sim já deviam estar se enchendo de água. Como ela saberia quando poderia largá-lo?

Subitamente, ele se contorceu. Gwenda apertou sua cabeça com mais força. Por um momento, teve de fazer um tremendo esforço para contê-lo. Não sabia se ele recuperara os sentidos ou se era uma convulsão inconsciente. Os espasmos de Sim eram fortes, mas pareciam aleatórios. Os pés de Gwenda tornaram a tocar no fundo; ela se firmou e continuou a apertá-lo.

Olhou ao redor. Ninguém a observava: todos estavam concentrados em se salvar.

Depois de alguns instantes, os movimentos de Sim foram se tornando mais fracos. E logo ele ficou imóvel. Pouco a pouco, ela o soltou. Sim afundou.

E não tornou a subir.

Ofegante, ela voltou à margem do rio e se sentou no chão lamacento. Procurou a bolsa de couro no cinto; continuava ali. Os bandidos não haviam se preocupado em roubá-la e ela conseguira preservá-la apesar de todas as suas atribulações. Continha a preciosa poção do amor feita por Mattie Wise, a curandeira. Gwenda abriu a bolsa para verificar... e encontrou apenas fragmentos de cerâmica. O pequeno frasco se quebrara.

Ela começou a chorar.

A primeira pessoa que Caris viu fazer alguma coisa sensata foi Ralph, o irmão de Merthin. Ele vestia apenas um calção de baixo, encharcado. Não tinha nenhum ferimento além do nariz vermelho e inchado, que já tinha antes. Ralph tirou o conde de Shiring do rio e o deitou na margem, ao lado de um corpo que já se encontrava ali, de um homem com a libré do conde. Roland tinha um horrível ferimento na cabeça que podia ser fatal. Ralph parecia exausto do esforço e sem saber o que fazer em seguida. Caris pensou no que deveria lhe dizer.

Olhou ao redor. Naquele lado, a margem do rio consistia de pequenas praias lamacentas, separadas por rochas. Não havia muito espaço para acomodar os

mortos e feridos ali; teriam de ser levados para outro lugar.

A poucos metros de distância, alguns degraus de pedra subiam do rio para um portão no muro do priorado. Caris tomou uma decisão. Apontou e disse para Ralph:

– Leve o conde para o priorado por ali. Deite-o com todo o cuidado na catedral e corra até o hospital. Diga à primeira freira que encontrar para chamar madre Cecilia imediatamente.

Ralph pareceu contente por contar com uma pessoa decidida a quem obedecer. Não hesitou em fazer o que lhe fora ordenado.

Merthin começou a entrar na água, mas Caris o deteve.

– Olhe para aquele bando de idiotas. – Ela apontou para o lado da cidade da ponte desabada. Havia dezenas de pessoas paradas ali, olhando aturdidas para a cena trágica no rio. – Convoque os homens mais fortes que estiverem ali. Eles podem começar a tirar as pessoas do rio e carregá-las para a catedral.

Ele hesitou.

– Os homens não têm como descer até aqui.

Caris compreendeu o argumento. Eles teriam de descer pelos destroços da ponte, o que provavelmente causaria mais feridos. Mas as casas naquele lado da rua principal tinham hortas nos fundos que subiam até o muro do priorado. A casa na esquina, pertencente a Ben Wheeler, tinha uma pequena porta no muro, que permitia o acesso ao rio. Merthin pensou a mesma coisa.

– Eu os trarei através da casa e da horta de Ben Wheeler.

– Boa ideia.

Ele subiu pelas rochas, abriu a porta e desapareceu. Caris olhou para a água. Um homem alto vadeava a beira do rio para alcançar a margem. Ela reconheceu Philemon. Ofegante, ele perguntou:

– Viu Gwenda?

– Vi, sim... pouco antes de a ponte desabar – respondeu Caris. – Ela fugia de Sim Chapman.

– Eu sei... mas onde ela está agora?

– Não sei. A melhor coisa que você pode fazer agora é começar a tirar as pessoas da água.

– Quero encontrar minha irmã.

– Se ela estiver viva, será uma das pessoas que precisam de ajuda para sair da água.

– Tem razão – disse ele e se lançou de novo na água.

Caris também estava desesperada para saber onde sua própria família se encontrava... mas havia muita coisa para fazer ali. Ela prometeu a si mesma que procuraria o pai assim que fosse possível.

Ben Wheeler passou por seu portão. Homem atarracado, de ombros largos e pescoço grosso, era um carroceiro; ganhava a vida mais pelo uso dos músculos do que do cérebro. Desceu para a praia e olhou ao redor, sem saber o que fazer.

Estendido no chão, perto de Caris, estava um dos homens do conde Roland, usando a libré vermelha e preta, aparentemente morto.

– Ben, leve este homem para a catedral – disse ela.

A mulher de Ben, Lib, também passou pelo portão, com uma criança no colo. Era um pouco mais inteligente do que o marido.

– Não deveríamos cuidar dos vivos primeiro? – perguntou.

– Temos de tirar as pessoas da água antes de sabermos se estão vivas ou mortas... e não podemos deixar os corpos aqui na margem porque isso atrapalharia as equipes de resgate. Devemos levá-los para a catedral.

Lib percebeu que a explicação fazia sentido.

– É melhor fazer logo o que Caris está pedindo, Ben – disse ela.

Ben levantou o corpo sem o menor esforço e se afastou.

Caris compreendeu que poderiam transportar os corpos mais depressa se os carregassem nas padiolas que os construtores costumavam usar. Os monges poderiam organizar esse transporte. Mas onde estavam os monges? Dissera a Ralph para avisar madre Cecilia, mas até agora ninguém aparecera. Os feridos precisariam de ataduras, unguentos e fluidos de limpeza. Todas as freiras e os monges teriam de ajudar. Matthew Barber deveria ser chamado: haveria muitos ossos quebrados para consertar. E Mattie Wise também, dando poções aos feridos para aliviar a dor. Caris precisava dar o alarme, mas relutava em deixar a beira do rio antes que a operação de resgate estivesse organizada. Onde estava Merthin?

Uma mulher engatinhou para a praia. Caris entrou na água e a ajudou a se levantar. Era Griselda. O vestido molhado grudava no corpo e Caris podia ver os

contornos dos seios cheios e das coxas grossas. Sabendo que ela estava grávida, Caris perguntou, na maior ansiedade:

– Você está bem?

– Acho que sim.

– Está sangrando?

– Não.

– Graças a Deus!

Caris olhou ao redor e sentiu-se grata ao ver Merthin passar pelo portão de Ben Wheeler, à frente de uma fileira de homens, alguns dos quais com a libré do conde.

– Pegue o braço de Griselda e a ajude a subir os degraus até o priorado – gritou para ele. – Ela deve se sentar e descansar um pouco. – Uma pausa e Caris acrescentou, tranquilizadora: – Ela está bem.

Merthin e Griselda fitaram-na de maneira estranha e ela compreendeu de repente que a situação era mesmo esquisita. Os três ficaram imóveis por um momento, num triângulo paralisado: a futura mãe, o pai de sua criança e a mulher que o amava.

Mas logo Caris virou-se, rompendo o encantamento, e passou a dar ordens aos homens.

Gwenda chorou por uns poucos momentos, mas logo parou. Não era tanto o frasco quebrado que a deixava triste. Afinal, Mattie podia fazer outra poção do amor e Caris pagaria, se as duas ainda estivessem vivas. As lágrimas saíam por tudo o que passara nas últimas 24 horas, da traição do pai aos pés sangrando.

Não sentia qualquer arrependimento pelos dois homens que matara. Sim e Alwyn queriam escravizá-la e prostituí-la. Mereciam morrer. Matá-los nem mesmo fora assassinato, pois não era crime eliminar um fora da lei. Ainda assim, ela não conseguia fazer com que as mãos parassem de tremer. Exultava por ter vencido seus inimigos e conquistado a liberdade, mas ao mesmo tempo sentia-se angustiada pelo que fizera. Jamais esqueceria a maneira como o corpo agonizante de Sim estrebuchara até o fim. E temia que a visão de Alwyn com a

ponta da adaga saindo pelo olho pudesse atormentá-la em seus sonhos. Não podia deixar de tremer, dominada por sentimentos contraditórios tão fortes.

Tentou apagar as duas mortes de sua mente. Quem mais teria morrido? Seus pais planejavam deixar Kingsbridge no dia anterior. Mas o que teria acontecido com seu irmão Philemon? Com Caris, sua melhor amiga? E Wulfric, o homem que tanto amava?

Ela olhou através do rio e se sentiu tranquilizada em relação a Caris. Ela estava na outra margem, com Merthin, e os dois pareciam organizar um grupo de homens para tirar as pessoas da água. Gwenda se sentiu um pouco grata: pelo menos não ficara completamente sozinha no mundo.

Mas onde estava Philemon? Fora a última pessoa que ela vira antes do desabamento. Era de imaginar que caíra perto dela, mas não podia avistá-lo agora.

E onde estava Wulfric? Duvidava que ele pudesse apreciar o espetáculo de uma bruxa sendo açoitada pela cidade. Mas ele planejava voltar para Wigleigh hoje com a família, e era possível – oh, Deus, não! – que eles estivessem atravessando a ponte quando ocorrera o desabamento. Ela correu os olhos pela superfície, frenética, procurando pelos cabelos fulvos distintivos. Rezou para vê-lo nadar vigorosamente para a praia em vez de flutuando com o rosto virado para baixo. Mas não o viu em parte alguma.

Decidiu atravessar o rio. Não sabia nadar, mas pensou que seria possível se tivesse uma tábua grande para mantê-la na superfície enquanto batia os pés. Encontrou uma tábua apropriada, tirou-a da água e caminhou pela margem por 50 metros, rio acima, a fim de ficar longe da massa de corpos. Entrou na água. Skip a seguiu, assustado. Foi mais difícil do que imaginara, com o vestido molhado retardando o progresso, mas finalmente alcançou a outra margem.

Correu para Caris. As duas se abraçaram. Caris perguntou:

– O que aconteceu?

– Fugi.

– E Sim?

– Ele era um bandido.

– Era?

– Ele morreu.

Caris demonstrou surpresa, e Gwenda apressou-se em acrescentar:

– Morreu quando a ponte desabou. – Ela não queria que ninguém soubesse das circunstâncias exatas, nem mesmo sua melhor amiga. – Viu alguém da minha família?

– Seus pais deixaram a cidade ontem. Vi Philemon há poucos momentos... Ele estava procurando por você.

– Graças a Deus! Sabe de Wulfric?

– Não. Ele não foi tirado do rio. A noiva deixou a cidade ontem, mas seus pais e seu irmão estiveram na catedral esta manhã, durante o julgamento de Nell, a Louca.

– Tenho de procurá-lo.

– Boa sorte.

Gwenda subiu apressada os degraus e atravessou o pátio gramado. Uns poucos negociantes ainda arrumavam seus pertences, no final da feira. Ela achou incrível que fossem capazes de continuar em suas atividades normais quando centenas de pessoas acabavam de morrer num acidente... até compreender que era provável que as pessoas ali ainda não soubessem; a tragédia acontecera apenas poucos minutos antes, embora a sensação fosse de que horas haviam se passado.

Cruzou os portões do priorado para a rua principal. Wulfric e sua família haviam se hospedado na Bell Inn. Ela entrou correndo.

Havia um adolescente parado ao lado do barril, com uma expressão assustada.

– Estou procurando Wulfric Wigleigh – disse Gwenda.

– Não há mais ninguém aqui. Sou o aprendiz. Estou tomando conta da cerveja.

Alguém convocara todo mundo para ajudar na beira do rio, pensou Gwenda. Ela tornou a sair, correndo. Deparou com Wulfric no momento em que passou pela porta. Gwenda se sentiu tão aliviada que o abraçou.

– Você está vivo... Graças a Deus!

– Alguém disse que a ponte desabou. Quer dizer que é verdade?

– É, sim... Uma coisa horrível. Onde está a sua família?

– Todos partiram há algum tempo. Fiquei para cobrar uma dívida. – Ele

levantou uma pequena bolsa de couro com dinheiro. – Espero que não estejam entre as vítimas do desabamento da ponte.

– Sei como podemos descobrir. Venha comigo.

Gwenda o pegou pela mão. Wulfric deixou que ela o levasse para o priorado de mãos dadas. Ela não o tocava havia muito tempo. Ele tinha a mão enorme, os dedos grossos do trabalho, a palma macia. O contato deixou-a emocionada, apesar de tudo o que acontecera. Atravessaram o pátio gramado e entraram na catedral.

– Estão tirando as pessoas do rio e trazendo para cá – explicou ela.

Já havia vinte ou trinta corpos no chão de pedra da nave, e mais chegavam a todo instante. Algumas freiras cuidavam dos feridos, e pareciam muito pequenas se comparadas aos poderosos pilares ao redor. O monge cego que conduzia o coro parecia ter assumido o comando.

– Ponham os mortos no lado norte – dizia ele quando Wulfric e Gwenda entraram na nave. – Os feridos vão para o sul.

Subitamente, Wulfric soltou um grito de choque e consternação. Gwenda seguiu seu olhar e avistou David, o irmão de Wulfric, estendido entre os feridos. Ajoelharam-se no chão, ao seu lado. David era dois anos mais velho do que Wulfric e tinha o mesmo corpo enorme. Respirava e estava com os olhos abertos, mas parecia não vê-los.

– Dave... – chamou o irmão, em voz baixa e urgente. – Sou eu, Wulfric.

Gwenda sentiu alguma coisa pegajosa e descobriu que David estava estendido no meio de uma poça de sangue.

– Dave... Onde estão mamãe e papai?

Não houve resposta. Gwenda olhou ao redor e avistou a mãe de Wulfric. Ela estava no lado norte da nave, onde Carlus Cego mandara deixarem os mortos.

– Wulfric...

– O que é?

– Sua mãe.

Ele se levantou e olhou.

– Oh, não!

Atravessaram a catedral. A mãe de Wulfric estava estendida ao lado de sir Stephen, o senhor de Wigleigh... iguais agora. Era uma mulher pequena... e todos

se espantavam por ter tido dois filhos tão grandes. Em vida, era vigorosa e cheia de energia, mas agora parecia uma boneca frágil e magra. Wulfric pôs a mão em seu peito, à procura de batidas do coração. Quando apertou, um filete de água escorreu da boca de sua mãe.

– Ela se afogou – sussurrou ele.

Gwenda estendeu o braço pelos ombros largos de Wulfric, tentando confortá-lo com o contato. Não dava para saber se ele notara.

Um homem de armas, usando a libré vermelha e preta do conde Roland, aproximou-se nesse instante, carregando o corpo sem vida de um homem enorme. Wulfric soltou um grito angustiado. Era seu pai.

– Pode deixá-lo aqui, ao lado da esposa – disse Gwenda.

Wulfric estava atordoado. Não disse nada. Parecia incapaz de absorver o que acontecera. Gwenda foi tomada pela aflição. O que poderia dizer ao homem que amava naquelas circunstâncias? Todas as frases que afloravam à sua mente pareciam estúpidas. Queria desesperadamente lhe proporcionar algum conforto, mas não sabia como.

Enquanto Wulfric contemplava os corpos da mãe e do pai, Gwenda olhou para seu irmão. David parecia imóvel demais. Ela se encaminhou apressada para o seu lado. Os olhos abertos se fixavam no teto e ele parara de respirar. Gwenda encostou a mão em seu peito. Não havia batimentos.

Como Wulfric poderia suportar?

Ela removeu as lágrimas de seus olhos e voltou para junto dele. Não havia sentido em esconder a verdade.

– David também morreu – murmurou.

Wulfric permaneceu com os olhos vazios, como se não compreendesse. Ocorreu a Gwenda o pensamento terrível de que o choque o fizera perder o juízo. Mas ele finalmente falou, num sussurro:

– Todos eles... todos os três... todos mortos.

Fitou Gwenda, que viu as lágrimas aflorarem a seus olhos. Ela o abraçou, sentindo seu corpo enorme se sacudir em soluços desamparados. Apertou-o com força e murmurou:

– Pobre Wulfric... Pobre e amado Wulfric...

– Graças a Deus que ainda tenho Annet – sussurrou ele.

Uma hora depois, mortos e feridos cobriam a maior parte do chão da nave. Carlus Cego, o subprior, estava parado no meio de tudo, com o tesoureiro Simeon de rosto fino ao lado, servindo como seus olhos. Carlus assumira o comando porque o prior Anthony havia desaparecido.

– Irmão Theodoric, é você? – indagou ele, aparentemente reconhecendo os passos do monge de pele clara e olhos azuis, que acabara de entrar. – Procure o coveiro. Diga a ele para providenciar seis homens fortes para ajudá-lo. Vamos precisar de pelo menos cem novas covas, e não é bom demorar com os sepultamentos nesta época do ano.

– Imediatamente, irmão – disse Theodoric.

Caris ficou impressionada com a eficiência com que Carlus era capaz de organizar tudo, apesar da cegueira.

Ela deixara Merthin cuidar com toda a competência do resgate dos corpos ainda no rio. Providenciara para que todos os monges e freiras fossem avisados do desastre, depois chamara Matthew Barber e Mattie Wise. E, finalmente, procurara sua família.

Só tio Anthony e Griselda estavam na ponte no momento do desabamento. Ela encontrara o pai no salão da guilda, em companhia de Buonaventura Caroli.

– Agora eles terão de construir uma nova ponte de qualquer maneira! – comentara Edmund.

E ele descera mancando até a beira do rio para ajudar a tirar as pessoas da água. Os outros também estavam sãos e salvos: tia Petranilla se encontrava em casa na ocasião, cozinhando; a irmã de Caris, Alice, fora com o marido, Elfric, à Bell Inn; o primo Godwyn ficara na catedral, inspecionando os reparos no lado sul do coro.

Griselda fora descansar em casa. Anthony continuava desaparecido. Caris não gostava do tio, mas também não desejava sua morte. Corria ansiosa sempre que um novo corpo entrava na catedral.

Madre Cecilia e as freiras lavavam ferimentos, aplicavam mel como antisséptico, prendiam ataduras e serviam canecas restauradoras de cerveja quente bem temperada. Matthew Barber, o competente e incisivo cirurgião com

experiência em campo de batalha, trabalhava em cooperação com a gorda e ofegante Mattie Wise. Era ela quem administrava uma poção calmante poucos minutos antes de Matthew consertar pernas e braços quebrados.

Caris foi até o transepto sul. Ali, longe do barulho, da confusão e do sangue, os monges médicos seniores agrupavam-se em torno do corpo ainda inconsciente do conde de Shiring. Suas roupas molhadas haviam sido removidas e o corpo estava coberto por uma manta grossa.

– Ele está vivo – disse o irmão Godwyn. – Mas seu ferimento é muito grave. – Apontou para a parte posterior da cabeça e acrescentou: – Parte do crânio foi esmigalhada.

Caris espiou por cima do ombro de Godwyn. Podia ver o crânio, como uma crosta de pastelão arrebentada, todo ensanguentado. Através das aberturas, dava para ver a massa cinzenta por baixo. Será que nada poderia ser feito com um ferimento tão terrível?

O irmão Joseph, o mais velho dos médicos, achava que não. Esfregou o nariz grande e disse, através dos dentes estragados:

– Devemos trazer as relíquias do santo. – Como sempre, a voz saiu engrolada e sibilante, como a de um bêbado. – São a sua melhor esperança de recuperação.

Caris tinha pouca fé no poder dos ossos de um homem morto havia tempos para curar a cabeça quebrada de um homem vivo. Não disse nada, é claro; sabia que era diferente sob esse aspecto, e na maior parte do tempo guardava suas opiniões para si mesma.

Os filhos do conde, lorde William e bispo Richard, acompanhavam tudo. William, alto, cabelos pretos, porte militar, era uma versão mais jovem do homem inconsciente. Richard tinha os cabelos mais claros e era mais arredondado. O irmão de Merthin, Ralph, estava com eles.

– Tirei o conde da água – declarou ele.

Era a segunda vez que Caris o ouvia dizer isso.

– Sim; muito bem – disse William.

A esposa de William, Philippa, pareceu tão insatisfeita quanto Caris com a declaração do irmão Joseph.

– Não há nada que vocês possam fazer para ajudar o conde? – indagou ela.

– A oração é a cura mais eficaz – respondeu Godwyn.

As relíquias eram guardadas num compartimento trancado por baixo do altar-mor. Enquanto Godwyn e Joseph se afastavam para buscá-las, Matthew Barber inclinou-se sobre o conde e examinou o ferimento na cabeça.

– Nunca vai se curar desse jeito – murmurou. – Nem mesmo com a ajuda do santo.

– Como assim? – perguntou William com rispidez. Caris pensou que ele falava como o pai.

– O crânio é um osso como qualquer outro – respondeu Matthew. – Pode se emendar por si mesmo, mas os pedaços precisam ser ajustados da maneira correta. Se não se fizer isso, crescerá torto.

– Acha que sabe mais do que os monges?

– Milorde, os monges sabem como invocar a ajuda do mundo espiritual. Eu apenas conserto ossos quebrados.

– E onde obteve esse conhecimento?

– Fui cirurgião nos exércitos do rei por muitos anos. Marchei com seu pai, o conde, nas guerras escocesas. Já vi cabeças quebradas antes.

– E o que faria por ele agora?

Matthew estava nervoso com o interrogatório agressivo de William, Caris sentiu, mas parecia seguro no que dizia.

– Separaria os pedaços de ossos quebrados do cérebro, limparia com todo o cuidado e tentaria ajustá-los direito.

Caris respirou fundo, aturdida. Mal podia imaginar uma operação tão ousada. Como Matthew tinha a coragem de propô-la? E se desse errado?

– E ele vai se recuperar? – perguntou William.

– Não sei – respondeu Matthew. – Às vezes, um ferimento na cabeça tem estranhos efeitos; pode prejudicar a capacidade de um homem de andar ou falar. Tudo o que posso fazer é remendar o crânio. Se querem milagres, peçam ao santo.

– Então não pode prometer sucesso.

– Só Deus é todo-poderoso. Os homens fazem o que podem e torcem pelo melhor. Mas creio que seu pai morrerá se o ferimento não for tratado.

– Mas Joseph e Godwyn leram os livros escritos pelos antigos filósofos médicos.

– E eu vi homens feridos no campo de batalha morrerem ou se recuperarem. É sua decisão sobre em quem confiar.

William olhou para Philippa, que disse:

– Deixe o barbeiro fazer o que pode e peça a Santo Adolfo que o ajude.

William assentiu.

– Está bem. – Ele olhou para Matthew. – Pode começar.

– Quero o conde estendido numa mesa perto da janela, onde a claridade poderá iluminar o ferimento – disse Matthew, decidido.

William estalou os dedos para dois monges noviços.

– Façam tudo o que esse homem mandar – ordenou.

– Preciso também de uma tigela com vinho quente – acrescentou Matthew.

Os monges trouxeram uma mesa de cavaletes do hospital e a armaram por baixo da janela grande no transepto sul. Dois escudeiros puseram o conde Roland sobre a mesa.

– O rosto virado para baixo, por favor – pediu Matthew. Eles o viraram.

Matthew tinha uma bolsa de couro em que guardava todos os seus instrumentos afiados. Pegou primeiro uma tesoura pequena. Inclinou-se sobre o conde e começou a cortar os cabelos em torno do ferimento. O conde tinha cabelos pretos abundantes, que eram naturalmente oleosos. Matthew cortava as mechas e as jogava para o lado, a fim de que caíssem no chão. Depois que abriu um círculo em torno do ferimento, a lesão se tornou mais visível.

O irmão Godwyn voltou, carregando o relicário, a caixa esculpida com marfim e ouro contendo o crânio de Santo Adolfo e os ossos de um braço e uma das mãos. Quando viu Matthew cuidando do conde Roland, perguntou, indignado:

– O que está acontecendo aqui?

Matthew ergueu os olhos.

– Se puser as relíquias sagradas nas costas do conde, tão perto da cabeça quanto possível, acho que o santo firmará minhas mãos.

Godwyn hesitou, obviamente furioso por um mero barbeiro ter assumido o comando. Lorde William interveio:

– Faça o que ele diz, irmão, ou a morte de meu pai pode lhe ser atribuída.

Ainda assim, Godwyn não obedeceu. Em vez disso, dirigiu-se a Carlus Cego,

parado a poucos passos de distância:

– Irmão Carlus, lorde William ordenou...

– Ouvi o que lorde William disse – interrompeu-o Carlus. – É melhor fazer o que ele deseja.

Não era a resposta que Godwyn esperava. Seu rosto exibiu uma frustração furiosa. Com evidente desagrado, pôs o relicário sagrado nas costas largas do conde Roland.

Matthew segurou um fórceps. Com extremo cuidado, pegou a parte visível de um pedaço de osso e o levantou, sem tocar na massa cinzenta por baixo. Caris observava, fascinada. O osso se desprendeu da cabeça, com pele e cabelos ainda grudados. Matthew pôs o fragmento de osso na tigela com vinho quente.

Fez a mesma coisa com mais dois fragmentos. O barulho na nave – os gemidos dos feridos e os soluços dos parentes desconsolados – pareceu retroceder para segundo plano. As pessoas observavam Matthew em silêncio, ainda num círculo ao redor dele e do conde inconsciente.

Em seguida, ele trabalhou nos fragmentos que continuavam presos no resto do crânio. Em cada caso, ele cortava os cabelos e limpava a área com um pedaço de linho embebido em vinho. Depois, usava o fórceps para ajeitar o osso no que julgava ser a posição original.

Caris mal respirava tão grande era a tensão. Nunca admirara tanto alguém quanto Matthew Barber naquele momento. Ele tinha muita coragem, habilidade e confiança. E efetuava aquela operação de delicadeza inconcebível num conde! Se desse errado, provavelmente seria enforcado. Apesar disso, suas mãos eram tão firmes quanto as mãos dos anjos esculpidos em pedra por cima do pórtico da catedral.

Finalmente ele ajeitou os três pedaços de osso que deixara na tigela com vinho, ajustando-os como se estivesse consertando um vaso quebrado.

Puxou a pele do couro cabeludo por cima do ferimento e a costurou com pontos rápidos e precisos.

O crânio de Roland estava agora completo.

– O conde deve dormir por um dia e uma noite – disse Matthew. – Se acordar, deem a ele uma dose forte da poção para dormir de Mattie Wise. Depois, ele deve permanecer imóvel por quarenta dias e quarenta noites. Se for

preciso, devem amarrá-lo.

Para encerrar, pediu a madre Cecilia que enfaixasse a cabeça do conde.



Godwyn deixou a catedral e correu para a margem do rio, sentindo-se frustrado e furioso. Não havia mais uma autoridade firme: Carlus estava deixando que todos fizessem o que desejassem. O prior Anthony era fraco, mas era melhor do que Carlus. Era preciso encontrá-lo.

A maioria dos corpos já fora retirada do rio. Os que estavam apenas um pouco machucados e chocados haviam ido embora. Quase todos os mortos e feridos já se encontravam na catedral. Restavam apenas os que continuavam presos nos destroços.

Godwyn sentia-se ao mesmo tempo excitado e assustado com o pensamento de que Anthony podia ter morrido. Ansiava por um novo regime, com uma interpretação mais rigorosa da regra de São Bento, junto com uma administração meticulosa das finanças. Ao mesmo tempo, porém, sabia que Anthony era seu protetor e que poderia não receber mais promoções com outro prior.

Merthin requisitara um barco. Ele e dois outros homens se encontravam no meio do rio, onde agora flutuava a maior parte da ponte desabada. Vestidos apenas com as roupas de baixo, os três tentavam levantar uma pesada viga a fim de soltar alguém por baixo. Merthin era de baixa estatura, mas os outros dois pareciam fortes e bem alimentados. Godwyn calculou que deviam ser escudeiros do conde. Apesar do vigor evidente, eles tinham dificuldade para levantar a viga, no meio da correnteza, de pé num pequeno barco a remo.

Godwyn observava, no meio de um grupo de moradores da cidade, dividido entre o medo e a esperança, enquanto os dois escudeiros levantavam a viga e Merthin tirava um corpo de baixo. Depois de um breve exame, ele gritou:

– Marguerite Jones... morta!

Marguerite era uma mulher idosa, que não tinha parentesco com ninguém. Impaciente, Godwyn perguntou:

– Não pode encontrar o prior Anthony?

Os homens no barco trocaram um olhar e Godwyn compreendeu que fora

peremptório demais. Mas Merthin gritou em resposta:

– Posso ver o hábito de um monge.

– Então é o prior! – Anthony era o único monge ainda desaparecido. – Pode dizer como ele está?

Merthin se inclinou pelo lado do barco. Aparentemente incapaz de chegar perto o bastante dessa maneira, entrou na água. E gritou, depois de algum tempo:

– Ainda está respirando!

Godwyn sentiu-se ao mesmo tempo exultante e desapontado.

– Então tirem-no da água depressa! – Após uma pausa, acrescentou: – Por favor!

Não houve resposta, mas ele viu Merthin enfiar a cabeça por baixo de uma tábua parcialmente submersa e depois dar instruções aos outros dois homens. Eles estenderam para o lado a viga que seguravam e largaram-na na água com todo o cuidado. Depois, inclinaram-se pela proa do barco para pegar a prancha sob a qual Merthin se metera. Merthin parecia enfrentar dificuldades para soltar as roupas de Anthony de um emaranhado de tábuas e lascas.

Godwyn observava, frustrado por não ser capaz de fazer nada para acelerar o processo.

– Corram até o priorado e peçam a dois monges para trazerem uma padiola – ordenou ele a dois espectadores. – Digam que foi Godwyn quem mandou.

Os dois subiram os degraus e entraram no terreno do priorado. Merthin conseguiu finalmente tirar o homem inconsciente do meio dos destroços. Puxou o corpo e os outros dois homens o levaram para o barco. Merthin também subiu, e eles empurraram a embarcação com varas até a margem.

Voluntários ansiosos tiraram Anthony do barco e estenderam-no na padiola trazida pelos monges. Godwyn examinou o prior rapidamente. Ainda respirava, mas a pulsação era fraca. Tinha os olhos fechados, o rosto exibia uma palidez assustadora. A cabeça e o peito tinham apenas escoriações, mas a pélvis parecia esmagada e ele sangrava bastante.

Os monges o levantaram. Godwyn seguiu na frente, atravessando o terreno do priorado até a catedral.

– Abram caminho! – gritava a todo instante.

Ele conduziu o prior pela nave e entrou no coro, a parte mais sagrada da

catedral. Orientou os monges a colocarem o corpo na frente do altar-mor. O hábito encharcado delineava com nitidez os quadris e as pernas de Anthony, torcidos de tal maneira que apenas a parte superior do corpo parecia humana.

Em poucos momentos, todos os monges se reuniram em torno do corpo inconsciente do prior. Godwyn foi buscar o relicário que deixara junto do conde Roland e ajeitou-o aos pés de Anthony. Joseph pôs um crucifixo com pedras preciosas no peito do prior e estendeu as mãos dele por cima.

Madre Cecilia se ajoelhou ao lado de Anthony. Limpou seu rosto com um pano embebido em algum líquido tranquilizante.

– Ele parece ter quebrado muitos ossos. Quer que Matthew Barber o examine? – perguntou ela a Joseph.

Joseph balançou a cabeça, sem dizer nada.

Godwyn ficou satisfeito. O barbeiro teria profanado o santuário sagrado. Era melhor deixar que Deus cuidasse de tudo.

O irmão Carlus deu a extrema-unção e depois conduziu os monges num hino. Godwyn não sabia por que torcer. Havia alguns anos aguardava ansioso pelo fim do regime do prior Anthony. Mas na última hora tivera um vislumbre de quem poderia substituí-lo: um regime conjunto de Carlus e Simeon. Eram companheiros de Anthony, e não seriam melhores do que ele.

Subitamente, ele avistou Matthew Barber à beira da multidão, olhando por cima dos ombros dos monges para estudar a metade inferior do corpo de Anthony. Godwyn já ia ordenar, indignado, que ele deixasse o coro, quando Matthew balançou a cabeça, de forma quase imperceptível, e se afastou.

Anthony abriu os olhos.

– Louvado seja Deus! – exclamou o irmão Joseph.

O prior deu a impressão de que queria falar. Madre Cecilia, que ainda estava ajoelhada ao seu lado, inclinou-se para ouvir suas palavras. Godwyn viu a boca de Anthony se movimentar e desejou poder ouvir. Depois de um momento, o prior se calou.

Cecilia parecia chocada.

– Isso é verdade? – murmurou ela.

Todos a fitaram, aturdidos.

– O que ele disse, madre Cecilia? – perguntou Godwyn.

Ela não respondeu.

Os olhos de Anthony se fecharam. Uma mudança sutil ocorreu. Ele ficou absolutamente imóvel.

Godwyn inclinou-se sobre o corpo. Não havia mais respiração. Ele pôs a mão sobre o coração de Anthony e não sentiu qualquer batimento. Segurou o pulso, à procura de pulsação: nada. Afinal levantou-se e disse:

– O prior Anthony deixou este mundo. Que Deus abençoe sua alma e o receba em Sua sagrada presença.

Todos os monges disseram:

– Amém.

Agora terá de haver uma eleição, Godwyn pensou.

PARTE III

JUNHO A DEZEMBRO DE 1337

14

A catedral de Kingsbridge era um lugar de horror. Feridos gemiam de dor e gritavam pela ajuda de Deus, dos santos ou de suas mães. A intervalos de poucos minutos, alguém à procura de uma pessoa amada a encontrava morta e desatava a gritar, com o choque da dor súbita. Os vivos e os mortos estavam contorcidos de maneira grotesca, os ossos quebrados, cobertos de sangue, as roupas encharcadas e rasgadas. O chão de pedra da catedral se tornara escorregadio de água, sangue e lama da beira do rio.

Em meio ao horror, uma pequena zona de calma e eficiência concentrava-se na figura de madre Cecilia. Como um passarinho ágil, ela passava de um corpo estendido para outro. Era acompanhada por um pequeno bando de freiras encapuzadas, entre as quais sua assistente havia muito tempo, irmã Juliana, agora respeitosamente conhecida como Velha Julie. Enquanto examinava cada paciente, ela dava ordens: para lavar, para unguentos, para ataduras, para medicamentos de ervas. Nos casos mais graves, chamava Mattie Wise, Matthew Barber ou o irmão Joseph. Sempre transmitia em voz baixa mas incisiva suas instruções simples e decididas. Deixava quase todos os pacientes mais calmos e seus parentes esperançosos.

Caris se lembrou, com terrível nitidez, do dia em que sua mãe morrera. Havia terror e confusão na ocasião, embora apenas em seu coração. Da mesma forma, madre Cecilia parecia saber o que fazer. A mãe morrera apesar da ajuda de Cecilia, assim como muitos dos feridos hoje, mas havia uma certa ordem na morte, a percepção de que fora feito tudo o que era possível.

Algumas pessoas apelavam para a Virgem e os santos quando alguém ficava doente, mas isso deixava Caris ainda mais incerta e assustada, pois não havia como saber se os espíritos ajudariam ou mesmo a ouviriam. Madre Cecilia não

era tão poderosa quanto os santos, a Caris de 10 anos sabia; mesmo assim, sua presença tranquilizadora e pragmática proporcionara à garota esperança e resignação, numa combinação que levara paz à sua alma.

Agora, Caris tornava-se parte do círculo de Cecilia, sem tomar uma decisão ou sequer pensar a respeito. Seguia as ordens do responsável ali, assim como as pessoas haviam seguido suas orientações na beira do rio logo depois do desabamento, quando ninguém mais parecia saber o que fazer. O pragmatismo decidido de Cecilia era contagiante e todos ao redor adquiriam um pouco da mesma competência controlada. Caris descobriu-se segurando uma pequena tigela com vinagre enquanto uma linda noviça chamada Mair mergulhava um pano e lavava o sangue do rosto de Susanna Chepstow, a esposa do mercador de madeira.

Depois disso, ela trabalhou sem cessar até depois do escurecer. Graças à longa noite de verão, todos os corpos que flutuavam foram retirados do rio antes que a noite caísse... embora talvez ninguém jamais soubesse quantos afogados teriam afundado para o leito do rio ou sido arrastados pela correnteza. Não havia sinal de Nell, a Louca, que devia ter sido arrastada para o fundo com a carroça a que estava amarrada. Por outro lado, frei Murdo sobrevivera: sofrera apenas uma torção no tornozelo e claudicara até a Bell para se recuperar com presunto quente e cerveja forte.

Mas o tratamento dos feridos continuou mesmo depois de escurecer, à luz de velas. Algumas freiras ficaram exaustas e tiveram de parar; outras se acabrunharam tanto com a escala da tragédia que perderam o controle, confundindo as ordens e fazendo tanta besteira que tiveram de ser dispensadas. Mas Caris e um pequeno grupo persistiram até que não houvesse mais o que fazer. Já devia ser meia-noite quando o último nó foi dado na última atadura, e Caris atravessou o pátio cambaleando de cansaço, de volta à casa de seu pai.

O pai e Petranilla estavam sentados na sala de jantar, de mãos dadas, lamentando a morte do irmão, Anthony. Edmund tinha os olhos marejados de lágrimas e Petranilla chorava desconsolada. Caris os beijou, mas não foi capaz de pensar em algo para dizer. Caso se sentasse, dormiria na cadeira, por isso preferiu subir a escada. Deitou-se na cama ao lado de Gwenda, que fora para seu quarto, como sempre fazia quando vinha à cidade. Gwenda tinha mergulhado

num sono profundo, exausta, e não se mexeu.

Caris fechou os olhos, o corpo cansado e o coração apertado de tristeza.

O pai lamentava uma pessoa entre as muitas; ela, contudo, sentia o peso de todas. Pensou em seus amigos, vizinhos e conhecidos, estendidos mortos no frio chão de pedra da catedral, e imaginou a desolação dos pais, filhos, irmãos e irmãs de todas aquelas pessoas, e a imensidão de tanta dor a sufocou. Soluçou no travesseiro. Sem dizer nada, Gwenda estendeu o braço e a abraçou. Passado um momento, a exaustão venceu e Caris adormeceu.

Levantou-se de novo ao amanhecer. Deixou Gwenda ainda adormecida, voltou à catedral e recomeçou a trabalhar. Muitos feridos haviam sido enviados para casa. Os que ainda precisavam de cuidados – como o conde Roland, ainda inconsciente – foram transferidos para o hospital. Os mortos foram dispostos em fileiras no coro, no lado leste da catedral, aguardando o sepultamento.

O tempo voou, quase sem qualquer momento para descanso. Ao final da tarde de domingo, madre Cecilia ordenou que Caris tirasse uma folga. Ela olhou ao redor e compreendeu que a maior parte do trabalho já fora feita. Foi nesse momento que começou a pensar no futuro.

Até aquele momento, sentira – de forma inconsciente – que a vida normal acabara e que ela passara a viver num novo mundo de horror e tragédia. Agora ela compreendeu que isso, como todo o resto, também passaria. Os mortos seriam enterrados, os feridos ficariam curados e, de alguma forma, a cidade se esforçaria para voltar ao normal. E ela recordou que outra tragédia ocorrera pouco antes de a ponte desabar, violenta e devastadora à sua maneira.

Foi encontrar Merthin à beira do rio, com Elfric e Thomas Langley, organizando a limpeza, com a ajuda de cinquenta ou mais voluntários. A desavença entre Merthin e Elfric fora obviamente posta de lado naquela emergência. A maior parte da madeira solta fora retirada da água e empilhada na beira do rio. Mas muito da ponte ainda continuava junto e uma massa de pranchas e vigas interligadas flutuava na superfície, movendo-se de leve no balanço da água que subia e descia, com a inocente tranquilidade de uma besta depois de matar e devorar.

Os homens tentavam separar os destroços em proporções controláveis. Era um trabalho perigoso, com o risco constante de a ponte desabar ainda mais e

ferir os voluntários. Haviam amarrado uma corda em torno da parte central da estrutura, agora meio submersa. Uma equipe de homens se mantinha na margem, puxando a corda. Num barco, no meio da correnteza, estavam Merthin, o gigante Mark Webber e um remador. Quando os homens na margem pararam de puxar, o barco foi remado para junto dos destroços e Mark, orientado por Merthin, atacou as vigas com um enorme machado de lenhador. Depois, o barco se afastou para uma distância segura, Elfric deu uma ordem e os homens na margem tornaram a puxar a corda.

Enquanto Caris observava, uma enorme seção da ponte se soltou. Todos aclamaram e os homens puxaram a madeira emaranhada até a praia.

As esposas de alguns voluntários chegaram com pães e canecas de cerveja. Thomas Langley determinou uma pausa no trabalho. Enquanto os homens descansavam, Caris levou Merthin para um lado.

– Você não pode se casar com Griselda – declarou ela, sem qualquer preâmbulo.

A súbita declaração não o surpreendeu.

– Não sei o que fazer. Continuo pensando a respeito.

– Quer dar uma volta comigo?

– Está bem.

Os dois deixaram a multidão na beira do rio e subiram pela rua principal. Depois do intenso movimento da Feira do Velocino, a cidade tinha agora a quietude de um cemitério. Todos permaneciam em suas casas, cuidando dos feridos ou lamentando os mortos.

– Não pode haver muitas famílias na cidade que não tenham algum morto ou ferido – comentou Caris. – Devia haver mil pessoas na ponte, tentando deixar a cidade ou atormentando Nell, a Louca. Há mais de cem mortos na igreja e já tratamos de quatrocentos feridos.

– E quinhentas pessoas foram afortunadas – murmurou Merthin.

– Nós dois poderíamos estar na ponte ou em algum lugar próximo. E neste momento poderíamos estar estendidos no chão do coro, frios e imóveis. Mas recebemos uma dádiva... o resto de nossas vidas. Não podemos desperdiçá-la por causa de um erro.

– Não é um erro – protestou Merthin, brusco. – É um bebê... uma pessoa,

com uma alma.

– Você também é uma pessoa com uma alma... e uma pessoa excepcional. Pense no que está fazendo. Há três pessoas no comando na beira do rio neste momento. Uma delas é o construtor mais próspero da cidade. Outra é o matriculário do priorado. E a terceira é... um mero aprendiz, que ainda nem completou 21 anos. Mas os moradores da cidade obedecem a você com a mesma disposição com que obedecem a Elfric e Thomas.

– Isso não significa que eu possa me esquivar de minhas responsabilidades.

Os dois entraram no terreno do priorado. O pátio gramado na frente da catedral estava todo esburacado devido à feira. Havia trechos enlameados e enormes poças. Nas três janelas grandes a oeste da catedral, Caris podia ver os reflexos do sol claro e de nuvens brancas esparsas, uma cena dividida, como um retábulo de três partes. O sino começou a tocar para as vésperas.

– Pense em todas as vezes que você falou que queria conhecer os prédios de Paris e Florença – disse Caris. – Vai renunciar a tudo isso?

– Acho que sim. Um homem não pode abandonar sua esposa e sua criança.

– Então já está pensando nela como sua esposa.

Merthin virou-se para ela.

– Nunca pensarei nela como minha esposa – murmurou, amargurado. – Você sabe quem eu amo.

Pela primeira vez, Caris não foi capaz de pensar numa resposta hábil. Abriu a boca para falar, mas as palavras não lhe ocorreram. Em vez disso, sentiu um aperto na garganta. Piscou para conter as lágrimas e baixou os olhos para esconder as emoções. Merthin a segurou pelos braços e a puxou para si.

– Você sabe, não é?

Ela se forçou a fitá-lo nos olhos.

– Sei? – Sua visão estava turva.

Merthin a beijou. Era um novo tipo de beijo, diferente de qualquer outra coisa que ela já experimentara antes. Ele comprimiu os lábios contra os dela, num movimento gentil mas insistente, como se estivesse determinado a nunca mais esquecer o momento, e ela compreendeu, apavorada, que Merthin pensava que aquele seria o último beijo.

Abraçou-o e o apertou, desejando que aquele instante durasse para sempre,

mas ele logo se afastou.

– Eu amo você, Caris, mas vou me casar com Griselda.



Vida e morte continuaram. Crianças nasceram e velhos morreram. No domingo, Emma Butcher atacou o marido adúltero, Edward, com o maior cutelo que ele tinha, num acesso de raiva e ciúme. Na segunda-feira, uma das galinhas de Bess Hampton desapareceu, e foi encontrada na água que fervia na panela na cozinha de Glynnie Thompson. Por isso, Glynnie foi despida e açoitada por John Constable. Na terça-feira, Howell Tyler trabalhava no telhado da igreja de Saint Mark quando uma viga podre cedeu. Ele caiu no chão da igreja. Morreu na hora.

Na quarta-feira, os destroços da ponte já haviam sido removidos, faltando apenas os tocos das duas pilastras centrais. A madeira fora empilhada na margem. O canal principal do rio estava aberto e as barcaças e balsas puderam deixar Kingsbridge, a caminho de Melcombe, levando a lã e outras mercadorias da Feira do Velocino, que seguiram para Flandres e Itália.

Quando Caris e Edmund foram até o rio, para verificar o andamento do transporte, Merthin usava as madeiras salvas da ponte desabada para construir uma balsa, que levaria as pessoas de uma margem a outra.

– É melhor do que um barco – explicou ele. – O gado pode entrar e sair, e as carroças também.

Edmund acenou com a cabeça, a expressão sombria.

– Deverá servir para a feira semanal. Felizmente, devemos ter uma nova ponte antes da próxima Feira do Velocino.

– Acho que não – disse Merthin.

– Mas você garantiu que levaria um ano para construir uma nova ponte!

– Uma ponte de madeira. Mas, se construirmos outra ponte de madeira, ela também vai desabar.

– Por quê?

– Deixe-me mostrar. – Merthin os levou até uma pilha de madeiras. Apontou para um grupo de postes enormes. – Eram as pilastras... provavelmente os melhores 24 carvalhos da terra, dados ao priorado pelo rei. Observem as

extremidades.

Caris pôde perceber que os enormes postes eram originalmente pontiagudos, mas seus contornos haviam sido suavizados por anos debaixo d'água.

– Uma ponte de madeira não tem fundações – explicou Merthin. – Os postes são simplesmente fincados no leito do rio. Isso não é suficiente.

– Mas essa ponte resistiu por centenas de anos! – protestou Edmund, indignado.

Ele sempre se mostrava belicoso quando argumentava. Merthin já estava acostumado a isso e não deu importância a seu tom de voz.

– E agora desabou – disse ele, paciente. – Alguma coisa mudou. As pilastras de madeira eram firmes antes, mas não são mais.

– O que pode ter mudado? O rio é o rio.

– Por um lado, você construiu um armazém e um cais na margem do rio. E protegeu a propriedade com um muro. Vários outros mercadores fizeram a mesma coisa. A velha praia lamacenta em que eu costumava brincar, na margem sul, desapareceu quase por completo. O rio não pode mais se espalhar pelos campos. Em consequência, a água corre mais depressa do que antes... Ainda mais depois de chuvas fortes como as que caíram este ano.

– Quer dizer que terá de ser uma ponte de pedra?

– Isso mesmo.

Edmund levantou os olhos e avistou Elfric parado ali perto, escutando.

– Merthin diz que uma ponte de pedra levará três anos para ser construída.

Elfric confirmou com um aceno de cabeça.

– Três temporadas de construção – disse ele.

A maior parte da construção era realizada nos meses mais quentes, Caris sabia. Merthin já lhe explicara que as muralhas de pedra não podiam ser erguidas quando havia o risco de a argamassa congelar antes de começar a secar.

– Uma temporada para as fundações, outra para as arcadas, a terceira para o leito da ponte – acrescentou Elfric. – Depois de cada estágio, a argamassa deve permanecer intocada por três ou quatro meses para endurecer, antes que se possa acrescentar o novo estágio por cima.

– Três anos sem ponte – murmurou Edmund, sombrio.

– Quatro anos, a menos que comece imediatamente.

– É melhor preparar uma estimativa de custo para o priorado.

– Já comecei a fazer isso. Mas é um trabalho longo. Precisarei de mais dois ou três dias.

– Aja o mais rápido que puder.

Edmund e Caris deixaram a beira do rio e subiram pela rua principal. Ele caminhava com seu andar trôpego, mas vigoroso. Nunca se apoiava no braço de ninguém, apesar da perna aleijada. Para manter o equilíbrio, sacudia os braços, como se estivesse correndo. Os habitantes da cidade sabiam que deviam lhe oferecer espaço suficiente, ainda mais quando ele tinha pressa.

– Três anos! – exclamou ele enquanto andavam. – Será um prejuízo terrível para a Feira do Velocino. Não sei quanto tempo levaremos para voltar ao normal. Três anos!

Ao chegar em casa, encontraram Alice, a irmã de Caris. Ela prendera os cabelos dentro do chapéu, numa nova moda, copiada de lady Philippa. Sentava-se à mesa, em companhia de tia Petranilla. Caris compreendeu no mesmo instante, pelas expressões em seus rostos, que conversavam sobre ela.

Petranilla foi até a cozinha e voltou com cerveja, pão e manteiga fresca. Encheu uma caneca para Edmund.

Ela chorara no domingo, mas desde então não demonstrava qualquer sinal de pesar pelo irmão morto, Anthony. Surpreendentemente, Edmund, que jamais se dera bem com ele, parecia lamentá-lo mais: lágrimas afloravam a seus olhos em momentos inesperados durante o dia, embora pudessem desaparecer um instante depois.

Agora, ele estava cheio de notícias sobre a ponte. Alice parecia disposta a questionar o julgamento de Merthin, mas Edmund descartou essa noção com impaciência.

– O garoto é um gênio. Sabe mais do que muitos mestres construtores embora ainda não tenha concluído o aprendizado – completou ele.

– O que torna ainda mais lamentável que ele tenha de passar o resto de sua vida com Griselda – comentou Caris, amargurada.

Alice interveio em defesa da enteada:

– Não há nada de errado com Griselda.

– Há, sim – insistiu Caris. – Ela não o ama. Seduziu-o porque seu namorado

deixou a cidade... Só por isso.

– É essa a história que Merthin lhe contou? – Alice riu, sarcástica. – Se um homem não quer fazer, não faz... Aceite minha palavra.

Edmund soltou um grunhido.

– Um homem pode ser tentado.

– Quer dizer que está do lado de Caris, papai? – indagou Alice. – Não me surpreende. É o que sempre acontece.

– Não é uma questão de ficar de um lado ou de outro – retorquiu Edmund. – Um homem pode não querer fazer uma coisa antes, e se arrepender depois, mas por um breve momento seu desejo pode mudar... Ainda mais quando uma mulher usa de sua astúcia.

– Astúcia? Por que presume que ela se jogou em cima de Merthin?

– Eu não disse isso. Mas soube que começou quando Griselda chorou e ele a confortou.

A própria Caris lhe dissera isso. Alice soltou um resmungo desgostoso.

– Você sempre teve uma fraqueza por esse aprendiz insubordinado.

Caris comeu um pouco de pão com manteiga, mas não sentia o menor apetite.

– Acho que eles terão meia dúzia de crianças gordas, Merthin herdará o negócio de Elfric e se tornará apenas mais um negociante da cidade. Construirá casas para os mercadores e vai adular os clérigos para obter contratos, como seu sogro faz – comentou.

– E poderá se considerar um homem afortunado por isso – interveio Petranilla. – Será um dos homens mais importantes da cidade.

– Ele é digno de um destino melhor.

– Acha mesmo? – O tom de Petranilla era de espanto zombeteiro. – O filho de um cavaleiro que caiu em desgraça e não tem 1 xelim para comprar sapatos para a esposa! A que exatamente acredita que ele estava destinado?

Caris irritou-se com o escárnio. Era verdade que os pais de Merthin eram pensionários pobres, dependentes do priorado para ter o que comer e beber. Para ele, herdar um bem-sucedido negócio de construção significaria uma ascensão na escada social. Mas ainda assim ela sentia que Merthin merecia coisa melhor. Não podia dizer que futuro exatamente tinha em mente para ele. Apenas sabia

que Merthin era diferente de todos os outros na cidade, e não suportava o pensamento de que ele pudesse se tornar igual a eles.



Na sexta-feira, Caris levou Gwenda para ver Mattie Wise.

Gwenda ainda estava na cidade porque Wulfric continuava ali, providenciando o enterro dos pais. Elaine, a criada de Edmund, secara o vestido de Gwenda na frente do fogo. Caris fizera curativos em seus pés e lhe dera um par de sapatos velhos.

Caris achava que Gwenda não lhe contara toda a verdade sobre sua aventura na floresta. Ela dissera que Sim a levara ao encontro dos bandidos, mas que conseguira escapar. Então Sim a perseguira e morrera no desabamento da ponte. John Constable ficara satisfeito com essa história: os bandidos eram fora da lei, por isso Sim não podia legar sua propriedade. Gwenda era livre. Mas algo mais acontecera na floresta, Caris tinha certeza; alguma coisa sobre a qual Gwenda não queria falar. Caris não pressionava a amiga. Era sempre melhor deixar determinadas coisas enterradas.

Os funerais eram o negócio mais importante da cidade naquela semana. A maneira extraordinária como as mortes haviam ocorrido não fazia muita diferença para os rituais de sepultamento. Os corpos tinham de ser lavados; as mortalhas, costuradas para os pobres; os caixões, pregados para os ricos; as sepulturas, escavadas; e os padres, pagos. Nem todos os monges eram padres, mas vários eram e trabalhavam em turnos, durante o dia inteiro, todos os dias, conduzindo as exéquias no cemitério, no lado norte da catedral. Havia meia dúzia de pequenas igrejas paroquiais em Kingsbridge, e seus padres também ficaram ocupados.

Gwenda estava ajudando Wulfric com os arranjos, desempenhando as tarefas tradicionais das mulheres, como lavar os corpos e costurar as mortalhas, além de fazer tudo o que podia para confortá-lo. Wulfric continuava atordoado. Cuidava dos detalhes dos enterros, mas passava horas com o olhar perdido no espaço, o rosto franzido em perplexidade, como se tentasse encontrar algum sentido naquele terrível enigma.

Na sexta-feira, os funerais já haviam terminado, mas o prior em exercício, Carlus, anunciara uma missa especial pelas almas dos mortos. Por isso, Wulfric ficaria até segunda-feira. Gwenda relatara a Caris que ele parecia grato pela companhia de alguém de sua aldeia, mas só demonstrava alguma animação quando falava sobre Annet. Caris se oferecera para pagar outra poção do amor.

Encontraram Mattie Wise em sua cozinha, preparando medicamentos. A pequena casa recendia a ervas, óleo e vinho.

– Usei quase tudo o que tinha sábado e domingo – comentou ela. – Preciso me reabastecer.

– Mas deve ter ganhado algum dinheiro – disse Gwenda.

– É verdade... se conseguir receber.

Caris ficou chocada.

– As pessoas não pagaram?

– Algumas. Sempre tento receber adiantado, enquanto elas ainda sentem dor. Mas se não tiverem dinheiro no momento, é difícil recusar o tratamento. A maioria paga depois, mas nem todas.

Caris se sentiu indignada por conta da amiga.

– O que elas dizem?

– Uma porção de coisas. Alegam que não têm dinheiro, que a poção não serviu, que tomaram contra a vontade, qualquer coisa. Mas não se preocupe. Há muitas pessoas honestas para que eu possa continuar. Por que veio me procurar?

– Gwenda perdeu sua poção do amor no acidente.

– É um problema fácil de remediar. Por que não prepara a poção para ela?

Enquanto fazia a mistura, Caris perguntou a Mattie:

– Quantas gravidezes terminam em aborto espontâneo?

Gwenda sabia por que ela perguntara. Caris lhe falara sobre o dilema de Merthin. Na maior parte do tempo que passavam juntas, as duas conversavam sobre a indiferença de Wulfric ou sobre os princípios de Merthin. Caris até se sentira tentada a comprar uma poção do amor e usá-la com Merthin, mas alguma coisa a contivera.

Mattie lhe lançou um olhar incisivo, mas respondeu num tom neutro:

– Não dá para saber. Muitas vezes uma mulher perde a regra num mês, mas ela volta no mês seguinte. Ela engravidou e perdeu o bebê ou havia outra razão?

É impossível determinar.

– Hum...

– No entanto, nenhuma das duas está grávida se é isso que a preocupa.

Gwenda se apressou em perguntar:

– Como sabe?

– Basta olhar para vocês. Uma mulher muda quase que imediatamente. Não é apenas na barriga e nos seios, mas também na pele, na maneira de se movimentar, na disposição. Reparo nessas coisas mais do que a maioria das pessoas... É por isso que acham que sei de tudo. Então quem está grávida?

– Griselda, a filha de Elfric.

– Ah, sim. Eu a tenho visto. Ela já está com três meses.

– Quanto tempo? – perguntou Caris, atônita.

– Três meses ou quase isso. Dê uma olhada nela. Nunca foi uma garota magra, mas está ainda mais cheia agora. Por que ficou tão chocada? O bebê é de Merthin, não é?

Mattie sempre adivinhava essas coisas.

– Pensei que tivesse acontecido há pouco tempo – comentou Gwenda.

– Merthin não me contou quando foi exatamente, mas deu a impressão de que não tem muito tempo, e garantiu que só aconteceu uma vez. Agora, parece que vem fazendo isso com ela há meses!

Mattie franziu o rosto.

– Por que ele mentiria?

– Para não ficar tão mal? – sugeriu Gwenda.

– Como poderia ser pior?

– Os homens são estranhos... Não entendo a maneira como eles pensam.

– Perguntarei a Merthin – declarou Caris. – Agora mesmo.

Ela largou o frasco e a colher de medição.

– E minha poção do amor? – indagou Gwenda.

– Pode deixar que eu acabo – disse Mattie. – Caris está com muita pressa.

– Obrigada.

Caris saiu. Desceu até a beira do rio, mas não encontrou Merthin ali. Também não o encontrou na casa de Elfric. Concluiu que ele deveria estar no sótão do pedreiro.

Na fachada oeste da catedral, numa das torres, havia uma oficina para o mestre pedreiro. Caris subiu por uma escada em espiral por dentro do botaréu da torre. A oficina era grande, bem iluminada por janelas altas e estreitas. Ao longo de uma parede estavam os moldes de madeira originais usados pelos pedreiros que haviam preparado as pedras para a catedral. Eram preservados com todo o cuidado e usados agora para reparos.

O chão era todo marcado. As tábuas do assoalho haviam sido cobertas por uma camada de argamassa. O mestre pedreiro original, Jack Builder, riscara suas plantas na argamassa, com instrumentos de ferro. As marcas eram brancas a princípio, mas esmaeceram com o passar do tempo. Novos desenhos foram riscados por cima dos antigos. Quando havia tantos desenhos que era impossível distinguir os novos dos antigos, uma nova camada de argamassa era aplicada por cima de tudo e o processo recomeçava.

Pergaminhos, peças de couro fino em que os monges copiavam os livros da Bíblia, eram caros demais para serem usados em desenhos. No decorrer da vida de Caris, um novo material de escrita aparecera, o papel, mas vinha dos árabes, por isso os monges o rejeitavam como uma invenção pagã muçulmana. De qualquer maneira, tinha de ser importado da Itália e não era mais barato do que o pergaminho. E traçar tudo no chão tinha outra vantagem: um carpinteiro podia pôr um pedaço de madeira sobre ele e esculpir seu molde exatamente de acordo com os desenhos deixados pelo mestre pedreiro.

Merthin estava ajoelhado no chão, esculpindo um pedaço de carvalho de acordo com um desenho, mas não fazia um molde. Era uma roda dentada, com dezesseis dentes. Ali perto, no chão, havia outra roda, menor, e Merthin parou de esculpir por um momento para colocar as duas juntas e verificar se elas se encaixavam. Caris já tinha visto essas engrenagens conectando as pás de um moinho à mó.

Ele devia ter ouvido seus passos na escada de pedra, mas estava absorto demais no trabalho para dar uma olhada. Caris o contemplou em silêncio por um momento, a raiva competindo com o amor em seu coração. Merthin tinha aquela expressão de concentração total que ela conhecia tão bem: o corpo franzino inclinado sobre o trabalho, as mãos fortes e os dedos hábeis fazendo pequenos ajustes, o rosto imóvel, o olhar firme. Exibia a graça perfeita de um jovem cervo

baixando a cabeça para beber a água de um regato. Era assim que um homem parecia, pensou Caris, quando fazia aquilo que nascera para fazer. Ele se encontrava num estado que parecia de felicidade, mas era mais profundo. Realizava seu destino.

– Por que mentiu para mim? – perguntou Caris abruptamente.

A talhadeira escapuliu da mão de Merthin, que soltou um grito de dor e olhou para o dedo ferido.

– Cristo! – exclamou, pondo o dedo na boca.

– Desculpe – murmurou Caris. – Machucou?

– Não muito. Quando foi que menti para você?

– Deu a impressão de que Griselda só o seduziu uma vez. A verdade é que vocês dois estão fazendo isso há meses.

– Claro que não – disse ele, e sugou o sangue do dedo.

– Ela está grávida de três meses.

– Não é possível. Aconteceu há duas semanas.

– Mas ela já tem três meses de gravidez. Pode-se dizer por seu corpo.

– Você consegue perceber?

– Mattie Wise me disse. Por que você mentiu?

Merthin a fitou nos olhos.

– Mas eu não menti. Aconteceu no domingo da semana da Feira do Velocino. Foi a primeira e única vez.

– Então como ela pode ter certeza de que está grávida após apenas duas semanas?

– Não sei. Como as mulheres costumam saber essas coisas?

– Você não sabe?

– Nunca perguntei. De qualquer modo, há três meses Griselda ainda estava com...

– Oh, Deus! – Uma centelha de esperança surgiu no coração de Caris. – Ela ainda estava com o antigo namorado... Thurstan.

A centelha transformou-se numa chama intensa, e ela acrescentou:

– A criança deve ser de Thurstan... não sua. Você não é o pai!

– É possível? – Merthin não ousava ter essa esperança.

– Claro que é... e isso explica tudo. Se ela tivesse se apaixonado por você de

repente, trataria de procurá-lo em todas as oportunidades possíveis. Mas você mesmo disse que ela mal lhe dirige a palavra.

– Pensei que era porque eu relutava em me casar com ela.

– Griselda jamais gostou de você. Apenas precisava de um pai para seu bebê. Thurstan fugiu... provavelmente quando ela lhe disse que engravidara... e você estava disponível, na casa, bastante estúpido para cair em sua armadilha. Oh, graças a Deus!

– Graças a Mattie Wise – murmurou Merthin.

Caris olhou para a mão esquerda dele. O sangue escorria do dedo.

– Fiz você se cortar! – Ela pegou a mão de Merthin e examinou o talho. Era pequeno, mas profundo. – Desculpe.

– Não é tão ruim assim.

– É, sim – murmurou Caris, sem saber se falava sobre o talho ou outra coisa.

Ela beijou a mão de Merthin, sentindo o sangue em seus lábios. Pôs o dedo em sua boca, chupando para limpar o ferimento. Era um gesto tão íntimo que parecia um ato sexual. Caris fechou os olhos, extasiada. Engoliu o sangue, sentindo seu gosto, e estremeceu de prazer.

Merthin terminou de construir a balsa uma semana depois do desabamento da ponte.

Ficou pronta na manhã de sábado, a tempo do mercado semanal de Kingsbridge. Trabalhara na balsa durante toda a noite de sexta-feira, à luz de lampiões, e Caris calculava que ele não tivera tempo de dizer a Griselda que sabia que o bebê era de Thurstan. Caris e o pai foram até a beira do rio para ver a nova sensação no momento em que os primeiros negociantes chegavam: mulheres das aldeias vizinhas com cestos de ovos, camponeses com manteiga e queijo, pastores com rebanhos de ovelhas.

Caris admirou o trabalho de Merthin. A balsa era bem grande para transportar um cavalo e uma carroça sem que fosse preciso tirar o animal do varal. Tinha grades de madeira para impedir que as ovelhas caíssem no rio. Novas plataformas de madeira, no nível da água, nas duas margens, facilitavam a

entrada e saída das carroças. Os passageiros pagavam 1 *penny*, coletado por um monge, já que a balsa, assim como a ponte, pertencia ao priorado.

O mais engenhoso era o sistema que Merthin projetara para impulsionar a balsa de uma margem a outra. Uma corda comprida estendia-se da extremidade sul da balsa através do rio, passava por um poste, voltava pelo rio, dava uma volta por um tambor e seguia de novo até a balsa, para ficar presa na extremidade norte. O tambor era ligado por engrenagens de madeira a uma roda, impulsionada por um boi. Caris vira Merthin desenhando as engrenagens no dia anterior. Uma alavanca alterava as engrenagens para que o tambor girasse numa direção ou noutra, dependendo se a balsa ia ou voltava... e não havia necessidade de desatrelar o boi e fazê-lo andar na direção oposta.

– É muito simples – comentara Merthin quando ela manifestara sua admiração.

E era mesmo, admitiu Caris, quando olhou mais atentamente o esquema em uso. A alavanca levantava uma roda dentada grande, afastando-a da corrente, e duas rodas menores entravam em seu lugar. O efeito era fazer com que o tambor girasse na direção inversa. Mesmo assim, ninguém em Kingsbridge jamais vira qualquer coisa parecida.

Durante a manhã, metade da cidade foi olhar a espantosa máquina de Merthin. Caris transbordava de orgulho. Elfric ficou parado ao lado, explicando o mecanismo para qualquer pessoa que perguntava, assumindo o crédito pelo trabalho do aprendiz.

Caris não entendia como Elfric podia ter tanta desfaçatez. Ele destruíra a porta de Merthin, um ato de violência que escandalizaria a cidade se não fosse ofuscado pela tragédia maior do desabamento da ponte. Batera com um pedaço de pau em Merthin, que ainda tinha a equimose no rosto. E tramara uma fraude para fazer com que Merthin se casasse com Griselda e cuidasse da criança de outro homem. Ele continuara a trabalhar com Elfric, achando que a emergência era mais importante do que a desavença entre os dois. Mas Caris não entendia como Elfric ainda era capaz de manter a cabeça erguida.

A balsa e seu conceito eram brilhantes... mas insuficientes.

Foi o que Edmund ressaltou. No outro lado do rio, carroças e mercadores faziam fila na estrada, até onde a vista podia alcançar.

– Seria mais rápido com dois bois – comentou Merthin.

– Duas vezes mais rápido?

– Nem tanto. Mas eu poderia construir outra balsa.

– Já há uma segunda embarcação – disse Edmund apontando.

Ele tinha razão: Ian Boatman, o barqueiro, remava um barco com quatro passageiros. Ian não podia levar carroças, recusava animais e cobrava 2 *pence* por passageiro. Em circunstâncias normais, tinha dificuldade para ganhar a vida: levava um monge até a ilha dos Leprosos duas vezes por dia e pouquíssimos outros de vez em quando. Mas hoje havia uma fila de pessoas esperando para usar seu barco.

– Tem razão – disse Merthin. – Afinal, uma balsa não é uma ponte.

– Isso é uma catástrofe – murmurou Edmund. – A notícia de Buonaventura já foi terrível, mas isso pode acabar com a cidade.

– Então precisamos de outra ponte.

– Não depende de mim, mas do priorado. O prior morreu, e não há como saber quanto tempo vão levar para eleger outro. Teremos de pressionar o prior em exercício para tomar uma decisão. Falarei com Carlus agora mesmo. Venha comigo, Caris.

Eles subiram pela rua e entraram no priorado. A maioria dos visitantes tinha de ir ao hospital e avisar a um dos servidores que queria falar com um monge, mas Edmund era importante demais e muito orgulhoso para suplicar por uma audiência dessa maneira. O prior era o senhor de Kingsbridge, mas Edmund era o regedor da guilda, líder dos mercadores que tornavam a cidade o que era, por isso tratava o prior como um parceiro na administração municipal. Além do mais, durante os últimos treze anos, o prior fora seu irmão mais novo. Assim, ele foi direto para a casa do prior, no lado norte da catedral.

Era uma casa de madeira, como a de Edmund, com um vestíbulo e uma sala no primeiro andar e dois quartos no segundo. Não havia cozinha, pois as refeições do prior eram preparadas no mosteiro. Muitos bispos e priores viviam em palácios – o bispo de Kingsbridge tinha um lindo palácio em Shiring –, mas o prior de Kingsbridge levava uma vida modesta. Porém as cadeiras eram confortáveis, havia nas paredes tapeçarias com cenas da Bíblia e uma enorme lareira mantinha a casa aconchegante no inverno.

Caris e Edmund chegaram no meio da manhã, quando os monges mais jovens deveriam estar ocupados no trabalho e os mais velhos, absortos na leitura. Encontraram Carlus Cego na entrada da casa do prior, entretido numa conversa com Simeon, o tesoureiro.

– Precisamos conversar sobre a nova ponte – declarou Edmund de chofre.

– Está bem, Edmund – disse Carlus, reconhecendo-o pela voz.

Caris percebeu que a recepção não fora calorosa e especulou se teriam chegado num momento inoportuno. Edmund era tão sensível ao humor e ao estado de espírito das pessoas quanto ela, mas sempre assumia os riscos. Tratou de se sentar e perguntou:

– Quando acha que será a eleição para o novo prior?

– Pode se sentar também, Caris.

Ela não entendia como Carlus tomara conhecimento de sua presença.

– Ainda não foi marcada a data para a eleição. O conde Roland tem o direito de indicar um candidato, mas ainda não recuperou a consciência.

– Não podemos esperar – disse Edmund.

Caris achou que o pai estava sendo brusco demais, mas era o seu jeito, por isso ela não disse nada.

– Temos de iniciar a construção da nova ponte imediatamente – continuou Edmund. – Uma ponte de madeira não serve mais. Temos de fazer uma ponte de pedra. Levará três anos... quatro, se a decisão demorar a ser tomada.

– Uma ponte de pedra?

– É essencial. Conversei com Elfric e Merthin. Outra ponte de madeira desabaria como a antiga.

– Mas o custo seria alto demais!

– Cerca de 250 libras, dependendo do projeto. Pelos cálculos de Elfric.

– Uma nova ponte de madeira custaria 50 libras – interveio o irmão Simeon –, e o prior Anthony a rejeitou na semana passada por causa do preço.

– E olhe só o resultado! Cem pessoas mortas, muitas outras feridas, animais e carroças perdidos, o prior morto, o conde à beira da morte!

– Espero que não pretenda lançar a culpa por tudo isso no falecido prior Anthony – reagiu Carlus, incisivo.

– Não podemos achar que a decisão dele foi acertada.

– Deus nos puniu por nossos pecados.

Edmund suspirou. Caris ficou frustrada. Sempre que estavam errados, os monges metiam Deus na discussão.

– É difícil para nós, meros homens, conhecer as intenções de Deus. Mas de uma coisa temos certeza: sem a ponte, esta cidade morrerá – comentou Edmund. – Já começamos a perder muitas coisas para Shiring. A menos que construamos uma nova ponte de pedra o mais depressa possível, Kingsbridge logo será uma pequena aldeia.

– Pode ser esse o plano de Deus para nós.

– É possível que Deus esteja insatisfeito com vocês, monges? – contestou Edmund, exasperado. – Pois podem ter certeza de uma coisa: se a Feira do Velocino e o mercado semanal acabarem, não haverá mais um priorado aqui, com 25 monges, 40 freiras e 50 servidores, um hospital, um coro e uma escola. E também não haverá mais uma catedral. O bispo de Kingsbridge sempre residiu em Shiring... E se os prósperos mercadores de lá se oferecerem para construir uma nova e esplêndida catedral em sua cidade, com os lucros de seu mercado cada vez maior? Nada de mercado em Kingsbridge, nada de cidade, nada de catedral, nada de priorado... É isso que vocês querem?

Carlus parecia consternado. Era evidente que não pensara que as consequências do desabamento da ponte poderiam afetar a posição do priorado.

– Se o priorado não tem condições de construir uma ponte de madeira, não há a menor possibilidade de construir uma de pedra – rebateu Simeon.

– Mas vocês devem construir a ponte!

– Os pedreiros trabalhariam de graça?

– Claro que não. Precisam alimentar suas famílias. Mas já explicamos como os habitantes da cidade podem levantar o dinheiro e emprestá-lo ao priorado, tendo como garantia os pedágios da ponte.

– E ficaríamos sem a receita da ponte! – protestou Simeon, indignado. – Está de volta a essa fraude, hem?

– Não estão recebendo os pedágios da ponte agora – observou Caris.

– Mas recebemos as passagens na balsa.

– Precisaram arrumar o dinheiro para pagar a Elfric por isso.

– Muito menos do que gastaríamos com uma ponte... e mesmo assim tivemos

de esvaziar os cofres.

– As passagens nunca darão tanto dinheiro... A balsa é muito lenta.

– Pode chegar o momento, no futuro, em que o priorado terá condições de construir uma nova ponte. Deus proverá os recursos... se assim o desejar. E depois ainda teremos os pedágios.

– Deus já proveu os recursos – disse Edmund. – Inspirou minha filha a imaginar uma forma de levantar o dinheiro como nunca se pensou antes.

– Por favor, deixe-nos decidir o que Deus faz – pediu Carlus, irritado.

– Está bem. – Edmund e Caris se levantaram. – Lamento muito que esteja assumindo essa atitude. É uma catástrofe para Kingsbridge e para todos os que vivem aqui, inclusive os monges.

– Devo ser orientado por Deus, não por você.

Edmund e Caris viraram-se para sair.

– Só mais uma coisa, se me permite – disse Carlus. Edmund parou.

– Claro.

– Não é aceitável que os leigos entrem no prédio do priorado à vontade. Na próxima vez em que desejar falar comigo, vá até o hospital, por favor, e mande um noviço ou um servidor do priorado me avisar, à maneira normal.

– Sou o regedor da guilda da paróquia! – protestou Edmund. – Sempre tive acesso direto ao prior!

– Sem dúvida o fato de o prior Anthony ser seu irmão o deixava relutante em impor as normas usuais. Mas esses dias passaram.

Caris olhou para o pai. Ele fazia esforço para reprimir a fúria.

– Muito bem... – murmurou Edmund, tenso.

– Deus o abençoe.

Edmund saiu, acompanhado por Caris.

Atravessaram o pátio enlameado, passando por alguns poucos estandes armados para o mercado. Caris podia sentir o peso das obrigações do pai. A maioria das pessoas se preocupava apenas em alimentar a própria família. Edmund se preocupava com toda a cidade. Agora tinha o rosto contraído de ansiedade. Ao contrário de Carlus, não levantaria as mãos para o céu e diria que a vontade de Deus seria feita. Vasculhava o cérebro à procura de uma solução para o problema. Caris sentiu um ímpeto de compaixão por ele, que tanto se

esforçava para fazer a coisa certa, sem a ajuda do poderoso priorado. Nunca se queixava da responsabilidade, apenas a assumia. Isso a deixou com vontade de chorar.

Os dois saíram do terreno do priorado e seguiram pela rua principal. Ao se aproximarem da porta de sua casa, Caris perguntou:

– O que vamos fazer?

– Não é óbvio? – murmurou o pai. – Temos de providenciar para que Carlus não seja eleito prior.

15

Godwyn queria ser o prior de Kingsbridge. Ansiava por isso com toda a força de seu coração. Queria reformar as finanças do priorado, controlar a administração das terras e do restante do patrimônio, para que os monges não precisassem mais pedir dinheiro à madre Cecilia. Desejava uma separação mais rigorosa entre monges e freiras, mas também dos habitantes da cidade, para que pudesse respirar o ar mais puro da santidade. Mas, além desses motivos irrepreensíveis, havia mais alguma coisa. Sonhava com a autoridade e a distinção do título. À noite, em sua imaginação, já era o novo prior.

"Limpe essa sujeira no claustro!", diria a um monge.

"Pois não, padre prior. Imediatamente." Godwyn adorava o som de "padre prior".

"Bom dia, bispo Richard", diria, não submisso, mas com uma cortesia amistosa. E o bispo Richard responderia, um eminente clérigo se dirigindo a outro: "Bom dia para você também, prior Godwyn."

"Posso crer que está satisfeito com tudo, arcebispo?" poderia dizer, mais deferente dessa vez, mas ainda assim como um colega de hierarquia mais baixa em relação ao grande homem, não como um subalterno.

"Claro que sim, Godwyn. Tem realizado um trabalho extraordinário aqui."

"Vossa Reverência é muito generoso."

E talvez, um dia, caminhando pelo claustro ao lado de um homem bem-vestido e muito poderoso:

"Vossa Majestade nos concede grande honra ao visitar nosso humilde priorado."

"Obrigado, padre Godwyn, mas vim até aqui para pedir seu conselho."

Ele queria o cargo... mas não sabia como alcançá-lo. Refletiu sobre a questão

durante toda a semana, enquanto supervisionava cem enterros e planejava a missa do domingo, que seria ao mesmo tempo o funeral de Anthony e em memória de todos os mortos de Kingsbridge.

Enquanto isso, não falou com ninguém sobre suas esperanças. Aprendera havia apenas dez dias o preço de ser inocente. Fora para o capítulo com o *Livro de Timothy* e um forte argumento para a reforma... e a velha guarda o rejeitara com uma perfeita coordenação, como se todos tivessem ensaiado, esmagando-o como uma rã sob a roda de uma carroça. Não deixaria que isso acontecesse de novo.

Na manhã de domingo, enquanto os monges entravam no refeitório para a primeira refeição, um noviço sussurrou a Godwyn que sua mãe gostaria de vê-lo no pórtico norte da catedral. Ele tratou de se afastar discretamente.

Sentia-se apreensivo ao atravessar o claustro e a catedral. Não podia imaginar o que acontecera. No dia anterior ocorrera alguma coisa que perturbara Petranilla. Ela passara metade da noite acordada, pensando a respeito. Despertara ao amanhecer com um plano de ação... e o filho era parte dele. Ela se mostraria impaciente e autoritária. O plano provavelmente era bom. Mesmo que não fosse, insistiria para que Godwyn o executasse.

Esperava por ele na escuridão do pórtico, o manto molhado, pois voltara a chover.

– Meu irmão Edmund foi falar com Carlus Cego ontem – disse ela. – E me contou que Carlus age como se já fosse o prior e a eleição não passasse de mera formalidade.

Havia um tom acusador em sua voz, como se a culpa fosse de Godwyn. Ele respondeu, na defensiva:

– A velha guarda se posicionou a favor de Carlus antes mesmo que o corpo de tio Anthony esfriasse. Não querem ouvir falar de qualquer outro candidato.

– Hum... E os mais jovens?

– Querem que eu concorra, é claro. Gostaram da maneira como enfrentei Anthony no caso do *Livro de Timothy*... embora eu tenha sido derrotado. Mas eu não disse nada.

– Há outro candidato?

– Thomas Langley é o intruso. Alguns o desaprovam porque já foi um

cavaleiro e matou pessoas, como ele mesmo admitiu. Mas ele é competente. Faz o seu trabalho com uma eficiência discreta, nunca pressiona os noviços...

A mãe exibia uma expressão pensativa.

– Qual é a história dele? Por que se tornou monge?

A apreensão de Godwyn começou a se dissipar. Parecia que a mãe não ia censurá-lo por sua inação.

– Thomas diz apenas que sempre ansiou pela vida religiosa. Veio até aqui para cuidar de um ferimento de espada e decidiu que nunca mais iria embora.

– Eu me lembro disso. Foi há dez anos. Mas nunca soube em que circunstâncias ele sofreu o ferimento.

– Nem eu. Ele não gosta de falar sobre seu passado de violência.

– Quem pagou por sua admissão no priorado?

– Por mais estranho que possa parecer, não sei.

Godwyn costumava se espantar com a capacidade da mãe de formular tantas perguntas reveladoras. Ela podia ser tirânica, mas tinha de admirá-la.

– Pode ter sido o bispo Richard – acrescentou ele. – Lembro-me de ele prometer o donativo. Mas não teria os recursos pessoalmente; não era um bispo na ocasião, apenas um padre. Talvez estivesse falando pelo conde Roland.

– Descubra.

Godwyn hesitou. Teria de procurar nos documentos do priorado. O bibliotecário, irmão Augustine, não teria a pretensão de questionar o sacristão, mas outro poderia fazê-lo. Nesse caso, Godwyn passaria pelo constrangimento de inventar uma história plausível para explicar o que fazia. Se o donativo tivesse sido em dinheiro em vez de terras ou outras propriedades – o que era excepcional, mas sempre possível –, ele teria de verificar as contas do priorado.

– Qual é o problema? – perguntou a mãe, ríspida.

– Nada. Você tem razão. – Godwyn lembrou a si mesmo que a atitude autoritária era um sinal do amor da mãe, talvez a única maneira que ela conhecia para expressá-lo. – Deve haver um registro. Pensando bem...

– O que é?

– Um donativo assim costuma ser alardeado. O prior o anuncia na catedral e invoca bênçãos para o doador. E faz um sermão para explicar como as pessoas que doam terras ao priorado são recompensadas no paraíso. Mas não me lembro

de qualquer coisa parecida na ocasião em que Thomas se tornou um de nós.

– Mais uma razão para procurar o documento de doação. Thomas é um homem com um segredo. E um segredo é sempre uma fraqueza.

– Pode deixar que vou procurar. O que acha que devo dizer aos que quiserem me apoiar na eleição?

Petranilla sorriu, insinuante.

– Acho que você deve dizer que não será candidato.



A primeira refeição já acabara quando Godwyn deixou a mãe. Os retardatários não tinham permissão para comer, por uma regra antiga. Mas o responsável pela cozinha, irmão Reynard, sempre podia oferecer alguma coisa para quem gostava. Godwyn foi até a cozinha e conseguiu um pedaço de queijo e um bico de pão. Comeu de pé, enquanto os servidores do priorado traziam as tigelas do refeitório e limpavam o caldeirão de ferro em que o mingau fora feito.

Enquanto comia, ele refletiu sobre o conselho da mãe. E quanto mais pensava a respeito, mais sagaz lhe parecia. Depois que anunciasse que não seria candidato, tudo que dissesse teria a autoridade de um observador desinteressado. Poderia manipular a eleição sem ser suspeito de motivos egoístas. E depois tomaria a iniciativa no último momento. Ele sentiu um fluxo de gratidão pela astúcia do cérebro irrequieto da mãe e a indômita lealdade do coração dela.

O irmão Theodoric o encontrou ali. Sua pele clara estava vermelha de indignação.

– O irmão Simeon falou conosco no refeitório sobre a escolha de Carlus para prior. Afirmou que seria a continuação das sábias tradições de Anthony. Ele não vai mudar nada!

Fora uma manobra astuciosa, pensou Godwyn. Simeon aproveitara sua ausência para dizer, com autoridade, coisas que Godwyn teria contestado se estivesse presente. Ele disse, compreensivo:

– É vergonhoso.

– Perguntei se os outros candidatos teriam direito de falar aos monges no refeitório da mesma maneira.

Godwyn sorriu.

– Boa pergunta.

– Simeon disse que não havia necessidade de outros candidatos. “Não estamos disputando uma competição de arco e flecha”, foram suas palavras. Na opinião dele, a decisão já estava tomada: o prior Anthony escolheu Carlus para seu sucessor ao fazê-lo subprior.

– Isso é um absurdo total.

– Concordo plenamente. Os monges estão furiosos.

O que era ótimo, pensou Godwyn. Carlus ofendera até mesmo seus partidários ao tentar lhes tirar o direito de votar. Estava minando sua própria candidatura.

– Acho que devemos pressionar Carlus a se retirar da disputa. – acrescentou Theodoric.

Godwyn teve vontade de perguntar se ele tinha perdido a cabeça. Mas mordeu a língua e tentou dar a impressão de que refletia a respeito.

– Seria a melhor maneira de lidar com a situação? – indagou, como se realmente estivesse em dúvida.

– Como assim? – reagiu Theodoric, surpreso com a pergunta.

– Você diz que os irmãos estão todos furiosos com Carlus e Simeon. Mas, se Carlus se retirar, a velha guarda encontrará outro candidato. E pode fazer uma escolha melhor na segunda vez. Pode ser alguém popular... como o irmão Joseph, por exemplo.

Theodoric ficou aturdido.

– Eu nunca pensei nisso.

– Talvez devamos torcer para que Carlus continue a ser a escolha da velha guarda. Todos sabem que ele é contra qualquer tipo de mudança. A razão de ele ser monge é o fato de saber que todos os dias serão iguais: percorrerá os mesmos caminhos, se sentará nos mesmos assentos, vai comer, rezar e dormir nos mesmos lugares. Talvez seja por causa da cegueira, embora eu desconfie que ele sempre foi assim. A causa não importa. Ele acredita que nada aqui precisa mudar. Não são muitos os monges que se sentem tão satisfeitos assim e isso faz com que Carlus seja um adversário relativamente fácil de derrotar. Um candidato que representasse a velha guarda mas defendesse algumas pequenas reformas

teria muito mais probabilidade de vencer.

Godwyn compreendeu que deixara de se mostrar hesitante e passara a ser categórico. Apressou-se em voltar atrás, murmurando:

– Não sei... O que você acha?

– Acho que você é um gênio – respondeu Theodoric.

Não sou um gênio, pensou Godwyn, mas aprendo depressa.

Ele foi para o hospital. Encontrou Philemon varrendo os quartos de hóspedes no segundo andar. Lorde William continuava ali, velando o pai, à espera de que ele vivesse ou morresse. Lady Philippa estava com ele. O bispo Richard voltara para seu palácio em Shiring, mas era esperado hoje para a grande missa fúnebre.

Godwyn levou Philemon à biblioteca. Philemon mal sabia ler, mas seria útil para pegar os documentos, chamados de cartulários.

O priorado tinha mais de uma centena de documentos desse tipo. A maior parte era de registro de propriedades, quase todas nas proximidades de Kingsbridge, mas algumas espalhadas por outras partes da Inglaterra e de Gales. Outros documentos concediam aos monges o direito de estabelecer seu priorado, construir uma igreja, retirar pedras de uma pedreira em terras do conde de Shiring sem pagamento, dividir e arrendar a terra em torno do priorado para a construção de casas, realizar julgamentos, promover um mercado semanal, cobrar pedágio pela travessia da ponte, ter uma Feira do Velocino anual e despachar mercadorias de navio pelo rio até Melcombe sem o pagamento de tributo aos senhores das terras pelas quais o rio passava.

Os documentos eram escritos com pena e tinta em pergaminhos, um couro fino limpo e raspado com todo o cuidado, embranquecido e estendido para formar uma superfície em que se podia escrever. Os mais compridos eram enrolados e amarrados com uma tira fina de couro. Eram guardados numa arca revestida de ferro. A arca estava sempre trancada, mas a chave ficava na biblioteca, numa pequena caixa esculpida.

Godwyn franziu o cenho em desaprovação quando abriu a arca. Os documentos não estavam alinhados em pilhas meticulosas, mas largados de qualquer maneira, sem ordem aparente. Alguns tinham pequenos rasgos e pontas esfareladas, e todos estavam cobertos de poeira. Deveriam ser mantidos na sequência das datas, pensou ele, e numerados, com uma relação deles grudada na

parte interna da tampa da arca, para que qualquer documento específico pudesse ser encontrado mais depressa. Se eu fosse o prior...

Philemon tirou os documentos da arca um a um, soprando a poeira, para depois ajeitá-los numa mesa, ao lado de Godwyn. A maioria das pessoas detestava Philemon. Um ou outro monge mais velho desconfiava dele, mas não era assim que Godwyn se sentia: era difícil desconfiar de alguém que o tratava como a um deus. Os monges se acostumaram a ele, pois estava ali havia muito tempo. Godwyn se recordava dele ainda menino, alto e desajeitado, sempre rondando o priorado, perguntando aos monges para que santo era melhor orar e se já haviam testemunhado um milagre.

A maior parte dos documentos fora originalmente escrita duas vezes na mesma folha. A palavra “quirógrafo” era escrita em letras grandes entre as duas cópias, para depois se cortar o pergaminho ao meio, numa linha em zigue-zague através da palavra. Cada uma das partes ficava com uma metade e a combinação dos zigue-zagues era a prova de que se tratava de um documento genuíno.

Alguns cartulários tinham buracos, provavelmente onde a ovelha viva da qual mais tarde o couro seria retirado fora mordida por um inseto. Outros pareciam ter sido roídos em algum momento, presumivelmente por ratos.

Estavam escritos em latim, é claro. Os mais recentes eram mais fáceis de ler. Às vezes Godwyn tinha dificuldade para decifrar o estilo de escrita mais antigo. Ele examinava cada documento até encontrar uma data. Procurava por algo escrito logo depois do Dia de Todos os Santos, dez anos atrás. Examinou cada folha e nada encontrou.

O mais próximo era um documento datado de algumas semanas depois, pelo qual o conde Roland concedia permissão a sir Gerald para transferir suas terras para a propriedade do priorado. Em troca, o priorado perdoaria as dívidas de Gerald e o sustentaria e à esposa pelo resto de suas vidas.

Godwyn não chegou a ficar realmente desapontado. Muito pelo contrário. Ou Thomas fora admitido sem o donativo usual – o que por si só já seria curioso – ou o documento era guardado em outro lugar, longe de olhos bisbilhoteiros. De qualquer forma, parecia cada vez mais provável que a suposição de Petranilla estivesse certa: Thomas tinha mesmo um segredo.

Não havia muitos lugares privados num mosteiro. Os monges não deveriam

ter bens pessoais nem segredos. Embora em alguns mosteiros mais ricos houvesse celas particulares para os monges seniores, em Kingsbridge todos dormiam num enorme dormitório, com exceção do prior. Era quase certo que o documento que garantira a admissão de Thomas estivesse na casa do prior.

Que era agora ocupada por Carlus.

Isso tornava a situação bastante difícil. Carlus não permitiria que Godwyn revistasse a casa. Mas talvez não houvesse necessidade de uma revista meticulosa. Era provável que houvesse uma caixa ou uma bolsa bem à vista contendo os documentos pessoais do falecido prior Anthony: um breviário do tempo de noviço, uma carta cordial do arcebispo, alguns sermões. Era também provável que Carlus já tivesse examinado o conteúdo depois da morte de Anthony. Mas não tinha qualquer razão para permitir que Godwyn fizesse a mesma coisa.

Godwyn franziu o cenho, pensativo. Outra pessoa poderia procurar? Edmund ou Petranilla poderia pedir para ver os bens do irmão, e seria difícil para Carlus negar o pedido. Mas ele poderia retirar antes os documentos do priorado. Portanto, a busca teria de ser clandestina.

O sino tocou para a terça, o ofício da manhã. Godwyn compreendeu que o único momento em que podia ter certeza de que Carlus não estaria na casa do prior seria quando estivesse num serviço na catedral.

Precisaria faltar à terça. Teria de pensar em alguma desculpa plausível. Não seria fácil. Afinal, era o sacristão, o único monge que nunca deveria faltar aos serviços. Mas não havia alternativa.

– Quero que vá me procurar na catedral – disse a Philemon.

– Está bem – respondeu ele, demonstrando preocupação: os empregados do priorado não deveriam entrar no coro durante o culto.

– Apareça logo depois do primeiro versículo. Sussurre em meu ouvido. Pode dizer qualquer coisa. Não dê atenção às reações, apenas faça isso.

Philemon contraiu o rosto, em ansiedade, mas acenou com a cabeça em concordância. Faria qualquer coisa por Godwyn.

Godwyn deixou a biblioteca e se juntou à procissão a caminho da catedral. Havia apenas algumas poucas pessoas na nave: a maior parte dos habitantes viria mais tarde, para a missa pelas vítimas do desabamento da ponte. Os monges

ocuparam seus lugares no coro e o ritual começou.

– Ó Deus, venha em minha ajuda – entoou Godwyn junto com os outros.

O versículo acabou e eles começaram o primeiro hino. Philemon apareceu. Todos os monges olharam para ele, como as pessoas sempre olham quando qualquer coisa fora do normal ocorre durante um ritual familiar. O irmão Simeon franziu o cenho em desaprovação. Carlus, conduzindo o canto, sentiu a perturbação e assumiu uma expressão de perplexidade. Philemon seguiu até Godwyn e inclinou-se para sussurrar em seu ouvido:

– Bem-aventurado é o homem que não anda no conselho dos ímpios.

Godwyn simulou surpresa e continuou a escutar enquanto Philemon recitava o Salmo 1. Depois de um tempo, balançou a cabeça com força, como se negasse um pedido. Escutou mais um pouco. Teria de inventar uma história elaborada para explicar aquela pantomima. Talvez alegasse que a mãe insistia em falar com ele com urgência sobre o funeral do tio, o prior Anthony, e que ameaçara entrar no coro em pessoa se Philemon não transmitisse um recado a Godwyn. A personalidade autoritária de Petranilla e a dor da família dariam credibilidade à história. Enquanto Philemon terminava de recitar o salmo, Godwyn assumiu uma expressão resignada, levantou-se e deixou o coro atrás dele.

Contornaram apressados a catedral, até a casa do prior. Um jovem servidor varria a casa. Não ousaria questionar um monge. Poderia informar a Carlus que Godwyn e Philemon haviam passado pela casa, mas àquela altura já seria tarde demais.

Godwyn achava que a casa do prior era uma vergonha. Era menor do que a de seu tio Edmund, na rua principal. Um prior deveria ter um palácio de acordo com sua posição, como era o caso do bispo. Mas não havia nada de glorioso ali. Umas poucas tapeçarias cobriam as paredes, mostrando cenas bíblicas e impedindo a passagem das correntes de ar, mas no geral a decoração era insípida e sem imaginação. Como fora o falecido Anthony.

Os dois revistaram a casa rapidamente e logo encontraram o que procuravam. Lá em cima, no quarto, numa arca ao lado do genuflexório, havia uma bolsa grande. Era feita de pele de cabra cor de gengibre costurada com linha escarlate.Godwyn teve certeza de que fora um presente de uma das pessoas que trabalhavam com couro na cidade.

Ele abriu a bolsa, observado atentamente por Philemon.

Lá dentro havia trinta folhas de pergaminho, separadas por pedaços de linho protetores. Godwyn examinou-as depressa.

Várias tinham anotações sobre os Salmos: Anthony devia ter cogitado, em algum momento, escrever um livro de comentários, mas o trabalho parecia ter sido abandonado. O documento mais surpreendente era um poema de amor, em latim. Tinha o título de “Virent oculi” e era endereçado a um homem de olhos verdes. Tio Anthony tinha olhos verdes com machas douradas, como o resto da família.

Godwyn especulou sobre quem o teria escrito. Não eram muitas as mulheres que sabiam escrever bem em latim para compor um poema. Uma freira amara Anthony? Ou o poema era de um homem? O pergaminho era antigo e amarelado: o caso de amor, se é que houvera algum, ocorrera quando o tio era jovem. Mas ele guardara o poema. O que talvez significava que não fora um homem tão insosso quando Godwyn imaginara.

– O que é isso? – perguntou Philemon.

Godwyn sentiu-se culpado. Bisbilhotara um canto muito particular da vida do tio e desejou agora não ter feito isso.

– Nada, apenas um poema.

Ele pegou a folha seguinte e descobriu o que procurava.

Era um documento datado do Natal de dez anos antes. Tratava de uma propriedade de 500 acres perto de Lynn, em Norfolk. O senhor local morrera pouco antes. O documento transferia a senhoria vaga para o priorado de Kingsbridge e especificava as contribuições anuais – em cereais, velocinos, bezerros e galinhas – para o priorado a serem feitas pelos servos e rendeiros que cultivavam a terra. Também determinava que pagamentos em dinheiro podiam ser efetuados no lugar dos produtos, uma prática que era agora predominante, ainda mais quando a terra se situava a muitos quilômetros de distância da residência do senhor.

Era um documento típico. Todos os anos, depois da colheita, representantes de dezenas de comunidades similares faziam a peregrinação ao priorado para entregar o que deviam. Os emissários das propriedades próximas apareciam no início do outono; outros vinham a intervalos ao longo do inverno. Uns poucos,

de lugares distantes, só chegavam depois do Natal.

A escritura também especificava que o donativo fora feito em consideração à aceitação de sir Thomas Langley no mosteiro. Isso também era rotina. Mas uma característica do documento não era comum.

Fora assinado pela rainha Isabella. O que era muito interessante. Isabella era a esposa infiel do rei Eduardo II. Rebelara-se contra o marido real e instalara em seu lugar o filho de 14 anos. Pouco depois, o rei deposto morrera. O prior Anthony comparecera a seu funeral, em Gloucester. Thomas chegara a Kingsbridge nessa ocasião.

Durante uns poucos anos, a rainha e seu amante, Roger Mortimer, haviam controlado a Inglaterra, mas não demorara muito para que Eduardo III proclamasse sua autoridade, apesar de muito jovem. O novo rei tinha agora 24 anos e mantinha tudo sob controle. Mortimer morrera e Isabella, agora com 42 anos, vivia num retiro opulento em Castle Rising, Norfolk, não muito longe de Lynn.

– Então é isso! – exclamou Godwyn para Philemon. – Foi a rainha Isabella quem providenciou para que Thomas se tornasse um monge!

Philemon franziu o cenho.

– Mas por quê?

Embora não tivesse instrução, Philemon era esperto.

– Boa pergunta: por quê?

– Podemos presumir que queria recompensá-lo ou silenciá-lo, talvez as duas coisas. E isso aconteceu no ano em que ela deu o golpe – respondeu Godwyn.

– Ele deve ter prestado algum serviço à rainha.

Godwyn assentiu.

– Ele levou uma mensagem ou abriu os portões de um castelo ou revelou os planos do rei para ela ou garantiu o apoio de algum barão importante. Mas por que é um segredo?

– Não é – disse Philemon. – O tesoureiro deve saber. E todas as pessoas em Lynn. O emissário de lá deve conversar com algumas pessoas quando vem a Kingsbridge.

– Mas ninguém sabe que tudo foi feito em benefício de Thomas. A menos que tenham visto este cartulário.

– Então é esse o segredo: foi a rainha Isabella que fez o donativo por Thomas.

– Exatamente.

Godwyn arrumou os documentos com todo o cuidado, entremeando os pergaminhos com os pedaços de linho, e tornou a guardar a bolsa na arca.

– Mas por que é um segredo? – perguntou Philemon, – Não há nada de desonesto ou vergonhoso nessa disposição. Acontece o tempo todo.

– Não sei por que é um segredo, e talvez não precisemos saber. O fato de as pessoas se empenharem em esconder pode ser suficiente para o nosso propósito. Vamos sair desta casa.

Godwyn estava satisfeito. Thomas tinha um segredo e Godwyn sabia disso, o que lhe proporcionava algum poder. Agora, sentia-se muito confiante para assumir o risco de lançar Thomas como candidato a prior. Mas também estava apreensivo: ele não era nenhum tolo.

Os dois voltaram à catedral. O ofício da terça terminou poucos momentos depois e Godwyn começou a preparar o lugar para o grande serviço fúnebre. Seguindo suas instruções, seis monges levantaram o caixão de Anthony e o puseram num suporte na frente do altar para depois cercá-lo com velas acesas. Os habitantes da cidade começaram a se reunir na nave. Godwyn acenou com a cabeça para a prima Caris, que cobrira sua touca habitual com seda preta. Depois, avistou Thomas, carregando uma cadeira grande e ornamentada com a ajuda de um noviço. Era o trono do bispo, ou cátedra, que conferia à igreja sua posição especial de catedral. Godwyn tocou no braço de Thomas.

– Deixe Philemon fazer isso.

Thomas se irritou, pensando que Godwyn oferecia ajuda por causa de seu braço perdido.

– Posso dar um jeito.

– Sei que pode. Mas queria lhe falar.

Thomas era mais velho – tinha 34 anos, enquanto Godwyn tinha 31 –, mas Godwyn era seu superior na hierarquia monástica. Mesmo assim, o sacristão sempre sentira um pouco de medo de Thomas. O matriculário em geral demonstrava a deferência devida ao sacristão, mas ainda assim ele tinha a impressão de que recebia apenas o respeito que Thomas achava que ele merecia,

nem mais um pouco. Embora Thomas acatasse sob todos os aspectos a disciplina da regra de São Bento, mesmo assim parecia ter levado para o priorado uma qualidade de independência e autossuficiência que nunca perdera.

Não seria fácil enganar Thomas, mas era exatamente isso que Godwyn planejava fazer.

Thomas permitiu que Philemon tomasse seu lugar no transporte do trono. Godwyn o levou para a lateral da catedral.

– Estão falando sobre você como possível novo prior – comentou Godwyn.

– Dizem a mesma coisa a seu respeito.

– Eu me recuso a ser candidato.

Thomas ergueu as sobrancelhas.

– Você me surpreende, irmão.

– Tenho dois motivos – declarou Godwyn. – Primeiro, acho que você faria um trabalho melhor.

Thomas se mostrou ainda mais surpreso. Não desconfiara que Godwyn fosse capaz de tanta modéstia. Estava certo: o sacristão mentia.

– Segundo, você tem mais chances de vencer. – Godwyn agora dizia a verdade. – Os jovens gostam de mim, mas você é popular entre os monges de todas as idades.

O rosto bonito de Thomas exibia uma expressão irônica. Esperava pelo ardil.

– Quero ajudar – acrescentou Godwyn. – Creio que a única coisa importante é ter um prior que introduza reformas no mosteiro e melhore as finanças.

– Acho que eu poderia fazer isso. Mas o que você quer em troca do apoio?

Godwyn sabia que não podia deixar de pedir alguma coisa. Thomas não acreditaria nele. Inventou uma mentira plausível.

– Eu gostaria de ser o subprior.

Thomas assentiu, mas não deu um consentimento imediato.

– Como me ajudaria?

– Primeiro, obtendo o apoio dos habitantes da cidade.

– Só porque Edmund Wooler é seu tio?

– Não é tão simples assim. Os habitantes estão preocupados com a ponte. Carlus não diz quando começará a construi-la, nem mesmo se vai fazer isso. As pessoas torcem para que ele não seja o novo prior. Se eu disser a Edmund que

você começará a cuidar da nova ponte assim que for eleito, contará com o apoio de toda a cidade.

– Mas isso não me valerá os votos de muitos monges.

– Não tenha tanta certeza. Lembre-se de que a escolha dos monges tem de ser ratificada pelo bispo. A maioria dos bispos sempre tem a prudência de consultar a opinião local... e Richard é tão ansioso quanto qualquer outro para evitar problemas. Se os habitantes o apoiarem, isso pode fazer diferença.

Godwyn podia perceber que Thomas não confiava nele. O matriculário o estudava, e o sacristão sentiu uma gota de suor lhe escorrer pelas costas, mas fez um esforço para permanecer impassível sob o olhar atento. Porém Thomas aceitara seus argumentos.

– Não resta a menor dúvida de que precisamos de uma nova ponte – disse ele. – Carlus age com insensatez ao protelar a decisão.

– Portanto, você pode prometer uma coisa que tenciona fazer.

– Você é muito persuasivo.

Godwyn ergueu as mãos num gesto defensivo.

– Não tenho essa intenção. Você deve fazer o que achar que é a vontade de Deus.

Thomas fitava-o com evidente ceticismo. Não acreditava que Godwyn fosse tão imparcial.

– Está bem. – Após uma pausa, acrescentou: – Rezarei por uma orientação.

Godwyn sentiu que não arrancaria de Thomas um compromisso mais forte naquele momento e que poderia ser contraproducente se tentasse pressioná-lo mais um pouco.

– Eu também – disse ele, antes de se virar.

Thomas faria exatamente o que prometera: rezaria em busca de orientação. Não tinha muitos desejos pessoais. Se achasse que essa era a vontade de Deus, seria candidato a prior; senão não seria. Godwyn não poderia fazer mais nada com ele, pelo menos por enquanto.

Havia um brilho de velas em torno do caixão de Anthony. A nave se enchia de habitantes da cidade e camponeses das aldeias próximas. Godwyn esquadrinhou a multidão à procura do rosto de Caris, que avistara poucos minutos antes. Localizou-a no transepto sul, olhando para o andaime de Merthin.

Tinha lembranças afetuosas de Caris quando criança, no tempo em que ele era o primo mais velho que sabia tudo.

Caris se mostrava desolada desde o desabamento da ponte, mas Godwyn notou que ela parecia mais animada hoje. O que o deixou satisfeito, porque gostava da prima. Tocou em seu cotovelo.

– Você parece feliz.

– E estou. – Caris sorriu. – Um nó romântico acaba de ser desatado. Mas você não compreenderia.

– Claro que não.

Você não faz ideia de quantos nós românticos existem entre os monges, pensou ele. Mas não disse nada: era melhor deixar os leigos na ignorância dos pecados que ocorriam no priorado.

– Seu pai deveria conversar com o bispo Richard sobre a reconstrução da ponte.

– É mesmo? – indagou ela, cética. Quando criança, ela o admirava como a um herói, mas agora não sentia tanto respeito. – Mas por quê? A ponte não é dele.

– O prior escolhido pelos monges tem de ser aprovado pelo bispo. Richard pode avisar que não aprovaria alguém que se recuse a construir a ponte. Alguns monges podem assumir uma posição de desafio, mas outros dirão que não há sentido em votar em alguém que não será ratificado.

– Entendo. Mas acha mesmo que meu pai pode ajudar?

– Tenho certeza.

– Então farei a sugestão.

– Obrigado.

O sino tocou. Godwyn deixou a catedral e foi se juntar outra vez à procissão que se formava no claustro. Era meio-dia.

Fizera um bom trabalho naquela manhã.

16

Wulfric e Gwenda deixaram Kingsbridge no início da manhã de segunda-feira, seguindo a pé pela longa estrada que os levaria de volta à aldeia de Wigleigh.

Caris e Merthin observaram os dois atravessarem o rio na balsa nova. Merthin se sentia satisfeito por constatar que ela continuava a funcionar muito bem. As engrenagens de madeira ficariam desgastadas bem depressa, ele sabia. Usar ferro seria melhor, mas...

Caris tinha outros pensamentos.

– Gwenda está muito apaixonada – murmurou ela, suspirando.

– Ela não tem a menor chance com Wulfric – comentou Merthin.

– Nunca se sabe. Gwenda é muito determinada. Veja como ela escapou de Sim Chapman.

– Mas Wulfric está noivo de Annet... que é muito mais bonita.

– A boa aparência não é tudo num romance.

– Pelo que agradeço a Deus todos os dias.

– Adoro sua cara engraçada – disse Caris, rindo.

– Mas Wulfric brigou com meu irmão por causa de Annet. Portanto, deve amá-la.

– Gwenda tem uma poção do amor.

Merthin lançou-lhe um olhar de desaprovação.

– Então acha certo que a mulher manipule um homem para se casar com ela mesmo quando ele ama outra?

Caris permaneceu calada por um momento. A pele macia de seu pescoço ficou rosada.

– Nunca pensei nisso dessa forma. É realmente a mesma coisa?

– É parecido.

– Mas ela não o está coagindo... Só quer fazer com que Wulfric a ame.

– Deveria tentar isso sem uma poção.

– Agora me sinto envergonhada por tê-la ajudado.

– Tarde demais.

Wulfric e Gwenda desembarcaram da balsa no outro lado do rio. Viraram-se para acenar e depois se afastaram pela estrada, com o cachorro Skip em sua esteira.

Merthin e Caris tornaram a subir pela rua principal.

– Você ainda não falou com Griselda – comentou Caris.

– Farei isso agora. Não sei se aguardava ansioso pelo momento ou se o receava.

– Não tem nada a temer. Foi ela quem mentiu.

– É verdade. – Merthin levou a mão ao rosto. A equimose quase desaparecera. – Só espero que o pai dela não fique violento outra vez.

– Quer que eu vá com você?

Merthin gostaria muito de contar com o apoio de Caris, mas balançou a cabeça.

– Eu criei essa confusão e agora preciso resolver tudo sozinho.

Pararam na frente da casa de Elfric.

– Boa sorte – sussurrou ela.

– Obrigado.

Merthin deu um beijo de leve nos lábios dela, resistiu à tentação de beijá-la de novo e entrou na casa.

Elfric estava sentado à mesa, comendo pão e queijo. Tinha uma caneca de cerveja à sua frente. Além dele, Merthin viu Alice e a criada na cozinha. Não havia sinal de Griselda.

– Onde você estava? – perguntou Elfric.

Merthin decidiu que, se não tinha nada a temer, era melhor agir sem medo. Ignorou a pergunta de Elfric.

– Onde está Griselda?

– Ainda na cama.

– Griselda! – gritou Merthin pela escada. – Quero falar com você!

– Não há tempo para isso – disse Elfric. – Temos muito trabalho a fazer.

Merthin tornou a ignorá-lo.

– Griselda! – gritou Merthin pela escada. – É melhor você se levantar agora!

– Ei, quem você pensa que é para dar ordens aqui? – protestou Elfric.

– Quer que eu me case com ela, não é?

– E daí?

– Então é melhor ela se acostumar a fazer o que seu marido manda. – Ele tornou a elevar a voz: – Desça agora mesmo ou terá de ouvir o que vou dizer de outra pessoa!

Griselda apareceu no alto da escada.

– Já estou descendo! – exclamou, irritada. – Por que toda essa confusão?

Merthin esperou que ela descesse e só então declarou:

– Descobri quem é o pai da criança.

O medo aflorou aos olhos de Griselda.

– Não seja estúpido. É você.

– Não, não sou eu. É Thurstan.

– Nunca me deitei com Thurstan! – Ela olhou para o pai. – Juro que não!

– Ela não mente – disse Elfric.

– É isso mesmo – declarou Alice, chegando da cozinha.

– Deitei-me com Griselda no domingo da semana da Feira do Velocino. Ou seja, há quinze dias. Griselda está grávida de três meses.

– Não estou, não!

Merthin olhou duro para Alice.

– Você sabia, não é? – Alice desviou os olhos. Merthin acrescentou: – E mentiu até mesmo para Caris, sua irmã!

– Você não sabe há quanto tempo ela está grávida – resmungou Elfric.

– Olhe para ela – respondeu Merthin. – Dá para ver sua barriga crescida. Não é muita coisa, mas se pode perceber.

– O que você sabe sobre essas coisas? É apenas um garoto.

– Você contava com a minha ignorância, não é? E quase deu certo.

Elfric acenou com um dedo.

– Você se deitou com Griselda e agora terá de se casar com ela.

– Não, não terei. Ela não me ama. Deitou-se comigo para arrumar um pai

para seu bebê, depois que Thurstan fugiu. Sei que fiz uma coisa errada, mas vou me punir pelo resto da minha vida se me casar com ela.

Elfric se levantou.

– Vai se casar, e sabe disso.

– Não.

– Tem de se casar.

– Não.

O rosto de Elfric ficou vermelho.

– Vai se casar com ela! – gritou ele.

– Quantas vezes quer que eu continue a dizer não?

Elfric compreendeu que não o faria mudar de ideia.

– Neste caso, você está dispensado. Saia da minha casa e nunca mais volte.

Merthin já esperava por isso. Era um alívio. Significava que a discussão terminara.

– Está bem.

Ele tentou passar por Elfric, que bloqueou sua passagem.

– Aonde você pensa que vai?

– Até a cozinha, para pegar minhas coisas.

– Está se referindo às suas ferramentas, não é?

– Isso mesmo.

– Não são suas. Paguei por elas.

– Um aprendiz sempre tem direito às suas ferramentas no final do... – Merthin não concluiu a frase.

– Ainda não terminou o aprendizado. Portanto, não tem direito às ferramentas.

Merthin não esperava por isso.

– Já tenho seis anos e meio!

– Precisa completar sete anos.

Sem ferramentas, Merthin não poderia ganhar a vida.

– Isso é injusto. Apelarei para a guilda dos carpinteiros.

– Aguardo ansioso por isso – disse Elfric, presunçoso. – Será interessante ouvir você argumentar que um aprendiz que foi despedido por se deitar com a filha do mestre deve ser recompensado com um jogo de ferramentas de graça.

Todos os carpinteiros na guilda têm aprendizes e muitos têm filhas. Vão expulsá-lo com pontapés no traseiro.

Merthin compreendeu que ele tinha razão.

– Está metido na maior encrenca, não é mesmo? – intrometeu-se Alice.

– Estou, sim – respondeu Merthin. – Mas, o que quer que aconteça, não será tão terrível quanto a vida com Griselda e sua família.



Ao final daquela manhã, Merthin foi à igreja de Saint Mark para o funeral de Howell Tyler. E foi porque esperava que alguém ali lhe arrumasse trabalho.

Ao olhar para o teto de madeira – a igreja não tinha uma abóbada de pedra –, Merthin divisou o buraco no teto pintado, no formato de um homem, um sombrio testemunho da maneira como Howell morrera. Tudo lá em cima estava apodrecido, comentavam os construtores presentes ao funeral, com conhecimento de causa, mas só diziam isso depois do acidente, a sagacidade chegando tarde demais para salvar a vida do homem. Era evidente agora que o telhado estava fraco demais para ser reparado; devia ser demolido por completo e reconstruído do nada. Isso significava fechar a igreja.

Saint Mark era uma igreja pobre. Tinha apenas uma pequena dotação, uma única fazenda a 15 quilômetros de distância, cuidada pelo irmão do padre, que mal dava para sustentar sua família. Os rendimentos do padre Joffroi vinham de oitocentos ou novecentos cidadãos de sua paróquia, na parte norte da cidade, a mais pobre. Os que não eram de fato indigentes em geral fingiam ser, assim, seus dízimos rendiam apenas uma modesta quantia. Ele ganhava a vida com batizados, casamentos e enterros, cobrando muito menos que os monges na catedral. Seus paroquianos se casavam cedo, tinham muitos filhos e morriam jovens, o que significava que havia bastante trabalho. No final das contas, ele ganhava o suficiente. Mas, se precisasse fechar a igreja, ficaria sem seus rendimentos... e não poderia pagar os construtores.

Em consequência, o trabalho no telhado estava paralisado.

Todos os construtores da cidade compareceram ao funeral, inclusive Elfric. Merthin tentou se manter impassível, mas era difícil: quase todos sabiam que ele

fora dispensado. Recebera um tratamento injusto, mas, infelizmente, não era de todo inocente.

Howell tinha uma jovem esposa que era amiga de Caris, e foi junto com a viúva e a família desconsolada que Caris entrou na igreja. Merthin se postou ao seu lado e relatou o que acontecera com Elfric.

O padre Joffroi celebrou a missa numa velha batina. Merthin pensou no telhado. Achava que tinha de haver um jeito de desmontá-lo sem fechar a igreja. O processo habitual, quando os reparos haviam sido adiados por muito tempo e as madeiras estavam muito apodrecidas para suportar o peso de trabalhadores, era construir andaimes em torno da igreja e derrubar as tábuas dentro da nave. O prédio ficava então exposto aos elementos até que o novo madeirame do telhado fosse colocado e coberto de telhas. Mas deveria ser possível fazer um guincho móvel, sustentado pela grossa parede lateral da igreja, que levantaria as madeiras do telhado, uma a uma, em vez de derrubá-las dentro da igreja, passando por cima da parede para depositá-las no cemitério. Dessa maneira, o teto de madeira poderia ficar intacto e só seria substituído depois que o telhado fosse refeito.

À beira da sepultura, ele olhou para os homens, especulando qual deles teria mais probabilidade de empregá-lo. Decidiu falar com Bill Watkin, o segundo maior construtor da cidade, que nunca fora um admirador de Elfric. Bill era calvo no alto da cabeça e tinha uma franja de cabelos pretos ao redor, uma versão natural da tonsura monacal. A maior parte de suas construções ficava em Kingsbridge. Como Elfric, empregava um pedreiro e um carpinteiro, um punhado de trabalhadores e um ou dois aprendizes.

Howell não fora um homem próspero, e seu corpo foi baixado para a cova numa mortalha, sem caixão. Depois que o padre Joffroi se retirou, Merthin procurou Bill Watkin.

– Bom dia, mestre Watkin – disse ele, formal. A reação de Bill não foi calorosa.

– O que houve, jovem Merthin?

– Acabo de me separar de Elfric.

– Sei disso. E também sei por quê.

– Ouviu apenas a versão de Elfric.

– Ouvi tudo que precisava ouvir.

Merthin compreendeu que Elfric conversara com as pessoas antes e durante a missa. Tinha certeza de que omitira de seu relato o fato de que Griselda tentara fazer com que Merthin se tornasse o pai substituto do bebê de Thurstan. Mas sentiu que de nada lhe serviria apresentar desculpas. Era melhor admitir sua culpa.

– Sei que agi errado e lamento muito, mas ainda sou um bom carpinteiro.

Bill assentiu com a cabeça.

– A nova balsa confirma isso.

Merthin ficou mais animado.

– Não quer me contratar?

– Como o quê?

– Como um carpinteiro. Disse que sou bom.

– Mas onde estão suas ferramentas?

– Elfric não quis me dar.

– E tinha razão... porque você não concluiu seu aprendizado.

– Então me aceite como aprendiz por seis meses.

– Para lhe dar as ferramentas no final? Não sou assim tão generoso.

As ferramentas eram caras porque o ferro e o aço tinham preços elevados.

– Serei um trabalhador e pouparei para comprar minhas próprias ferramentas. – Levaria um tempo enorme, mas ele estava desesperado.

– Não.

– Por que não?

– Porque também tenho uma filha.

Aquilo era um absurdo, pensou Merthin.

– Não sou uma ameaça para as donzelas, e sabe disso.

– É um exemplo para os aprendizes. Se escapar impune do que fez, o que impedirá os outros de tentarem a sorte?

– Mas isso é muito injusto!

Bill deu de ombros.

– Você pode achar isso. Mas pergunte a qualquer outro mestre carpinteiro da cidade. Vai descobrir que eles pensam da mesma maneira que eu.

– Mas o que eu vou fazer?

– Não sei. Deveria ter pensado nisso antes de fazer o que fez com Griselda.

– Não se importa de perder um bom carpinteiro?

Bill tornou a dar de ombros.

– Sobra mais trabalho para nós.

Merthin afastou-se. Esse era o problema com as guildas, pensou, amargurado: excluía as pessoas, por bons ou maus motivos. A escassez de carpinteiros permitia que eles cobrassem mais caro. Não tinham por que ser justos.

A viúva de Howell foi embora, acompanhada da mãe dela. Caris, liberada do dever de comiseração, aproximou-se de Merthin.

– Por que está com essa expressão infeliz? – indagou ela. – Mal conhecia Howell.

– Talvez eu tenha de deixar Kingsbridge.

Ela empalideceu.

– Por que faria isso?

Merthin relatou o que Bill Watkin dissera.

– Ou seja, ninguém em Kingsbridge vai me contratar, e não posso trabalhar por conta própria porque não tenho ferramentas. Poderia morar com meus pais, mas não tiraria a comida de suas bocas. Por isso, terei de procurar trabalho em outro lugar, onde ninguém saiba de Griselda. Com o tempo, talvez eu possa economizar o suficiente para comprar um martelo e uma talhadeira, então irei para outra cidade e tentarei ser admitido na guilda dos carpinteiros de lá.

Enquanto dava as explicações para Caris, ele começou a avaliar a profunda miséria de sua situação. Admirou as feições da namorada como se fosse pela primeira vez e novamente ficou encantado pelos olhos verdes cintilantes, o nariz pequeno e perfeito e o contorno do queixo indicando determinação. Compreendeu que a boca não se ajustava direito ao resto de seu rosto: era muito larga, os lábios muito cheios. Desequilibrava a regularidade da fisionomia, da mesma forma que sua natureza sensual subvertia a mente lógica. Era uma boca feita para o sexo, e o pensamento de que poderia ir embora e nunca mais beijá-la o levou ao desespero.

– Mas isso é uma iniquidade! Eles não têm esse direito! – exclamou Caris, furiosa.

– É o que também penso. Mas não há nada a fazer. Tenho de aceitar.

– Espere um instante. Deixe-me pensar um pouco. Você pode viver com seus pais e comer na minha casa.

– Não quero depender de ninguém como meu pai.

– Nem deve. Pode comprar as ferramentas de Howell Tyler. A viúva acaba de me dizer que está querendo uma libra por elas.

– Não tenho dinheiro.

– Peça um empréstimo a meu pai. Ele sempre gostou de você. Tenho certeza de que não lhe negará.

– Mas é contra as regras que alguém empregue um carpinteiro que não pertence à guilda.

– Regras podem ser quebradas. Deve haver alguém na cidade bastante desesperado para desafiar a guilda.

Merthin compreendeu que deixara que os velhos reprimissem seu espírito, e sentiu-se grato a Caris por se recusar a aceitar a derrota. Ela tinha razão, claro: ele deveria permanecer em Kingsbridge e lutar contra a injustiça. E conhecia alguém que se encontrava desesperado para recorrer ao seu talento.

– Padre Joffroi – murmurou.

– Ele está desesperado? Por quê?

Merthin explicou o problema do telhado.

– Vamos falar com ele – decidiu Caris.

O padre vivia numa pequena casa ao lado da igreja. Encontraram-no preparando uma refeição de peixe salgado com ensopado de verduras. Seu comportamento era brusco, mas tinha a reputação de se manter do lado dos pobres.

– Posso consertar seu telhado sem fechar a igreja – disse Merthin.

Joffroi se mostrou cauteloso.

– Você é a resposta para as minhas orações se for mesmo capaz.

– Construirei um guincho que tirará as tábuas do telhado e as largará no cemitério.

– Elfric o despediu.

O padre lançou um olhar embaraçado para Caris.

– Sei o que aconteceu, padre.

– Ele me despediu porque eu não quis me casar com a filha dele. A criança

que ela espera não é minha.

Joffroi assentiu.

– Alguns dizem que você foi tratado injustamente. Posso acreditar. Não tenho grande amor pelas guildas: suas decisões quase nunca são desinteressadas. Mesmo assim, você ainda não completou seu aprendizado.

– Algum membro da guilda dos carpinteiros é capaz de consertar o telhado sem fechar a igreja?

– Ouvi dizer que você nem mesmo tem ferramentas.

– Deixe esse problema comigo. Darei um jeito.

Joffroi ficou pensativo.

– Quanto você quer receber?

Merthin respirou fundo.

– Quatro *pence* por dia, mais o custo do material.

– É o salário de um carpinteiro da guilda.

– Se eu não tiver a competência de um carpinteiro qualificado, não deve me contratar.

– Você é muito presunçoso.

– Só estou dizendo o que sou capaz de fazer.

– A arrogância não é o pior pecado do mundo. E posso pagar 4 *pence* por dia se mantiver a igreja aberta. Quanto tempo levará para construir seu guincho?

– Duas semanas no máximo.

– Não pagarei até ter certeza de que pode dar certo.

Merthin tornou a respirar fundo. Ficaria sem dinheiro, mas poderia enfrentar essa situação. Moraria com os pais e comeria na mesa de Edmund Wooler. Haveria de sobreviver.

– Pague os materiais e guarde meu salário até que a primeira viga do telhado seja retirada e levada em segurança para o solo.

Joffroi ainda hesitou por um instante.

– Vou desagradar a muitos, mas não tenho alternativa.

Estendeu a mão. Merthin a apertou.

17

Durante todo o percurso de Kingsbridge a Wigleigh – uma distância de mais de 30 quilômetros, um dia inteiro de caminhada –, Gwenda esperou por uma oportunidade de usar a poção do amor. Mas ficou desapontada.

Não porque Wulfric se mostrasse cauteloso. Ao contrário, ele foi franco e cordial. Falou de sua família e contou como chorava todas as manhãs quando acordava e compreendia que nada fazia parte de um pesadelo. Era atencioso, perguntando a todo instante se ela não se sentia exausta e se queria descansar. Disse que achava que a terra era uma coisa que lhe fora entregue em confiança, algo de que um homem deveria cuidar durante toda a sua vida, depois passar para os filhos. E que, quando melhorava a terra – arrancava o mato, fazia cercas para os redis, retirava as pedras do pasto –, estava cumprindo seu destino.

Até afagou Skip.

Ao final do dia, Gwenda estava mais apaixonada do que nunca. Infelizmente, Wulfric não dava sinal de sentir por ela nada além de uma espécie de camaradagem carinhosa mas não apaixonada. Na floresta, com Sim Chapman, ela desejara com toda a força de seu coração que os homens não fossem tão parecidos com bestas selvagens, mas agora ela queria que Wulfric fosse um pouco assim. Durante o dia inteiro ela fez pequenas coisas para despertar o interesse dele. Como se por acaso, deixou-o ver suas pernas, que eram firmes e bem torneadas. Quando subiam por uma encosta, ela sempre respirava fundo e estufava o peito. Não perdia uma oportunidade de roçar nele, tocar em seu braço, colocar a mão em seu ombro. Nada disso causou o menor efeito. Sabia que não era bonita, mas havia algo nela que levava muitos homens a fitarem-na atentamente e ofegarem... só que isso não acontecia com Wulfric.

Pararam para um descanso ao meio-dia e comeram o pão que traziam.

Beberam água de um regato próximo, usando as mãos em concha para levá-la à boca. Gwenda não teve chance de usar a poção do amor.

Mesmo assim, ela se sentia feliz. Tivera Wulfric só para si durante um dia inteiro. Podia contemplá-lo, falar com ele, fazê-lo rir, condoer-se, tocá-lo de vez em quando. Fingiu para si mesma que poderia beijá-lo a qualquer momento que quisesse, mas agora não se sentia disposta. Era quase como ser casada. E terminaria em breve.

Chegaram a Wigleigh no início da noite. A aldeia ficava numa elevação, os campos descendo por todos os lados. Depois de duas semanas na agitação de Kingsbridge, o lugar familiar parecia muito pequeno e sossegado, apenas um punhado de casas toscas ao longo da estrada que levava ao solar senhorial e à igreja. O solar era tão grande quanto uma casa de mercador em Kingsbridge, com os quartos no andar superior. A do padre também era boa, e umas poucas casas de camponeses eram maiores. Mas a maioria das residências eram choupanas de dois cômodos – um deles para abrigar os animais, o outro servindo como cozinha e quarto para toda a família. Só a igreja era de pedra.

A primeira das casas maiores pertencia à família de Wulfric. As portas e as janelas estavam fechadas, o que lhe dava uma aparência desoladora. Ele se encaminhou para a segunda casa maior, onde Annet vivia com os pais. Ofereceu um aceno de despedida casual para Gwenda e entrou, sorrindo com expectativa.

Gwenda experimentou uma terrível sensação de perda, como se tivesse acabado de despertar de um sonho maravilhoso. Engoliu em seco o descontentamento e partiu pelos campos. A chuva do início de junho fora boa para as colheitas. O trigo e a cevada estavam verdes, mas agora precisavam do sol para amadurecer. As mulheres da aldeia circulavam pelas fileiras das plantações, inclinadas, arrancando as ervas daninhas. Algumas acenaram para ela.

Ao se aproximar de sua casa, Gwenda sentia uma mistura de apreensão e raiva. Não via os pais desde o dia em que Joby a vendera a Sim Chapman por uma vaca. Tinha quase certeza de que o pai pensava que ela continuava com o mascate. Sua chegada causaria um choque. O que ele diria quando a visse? E o que ela diria ao homem que traíra sua confiança?

Tinha certeza de que a mãe nada sabia sobre a venda. O pai provavelmente

inventara uma história de que Gwenda fugira com um rapaz. A mãe ficaria furiosa.

Sentia-se feliz com a perspectiva de ver as crianças pequenas, Cath, Joanie e Eric. Compreendia agora quanta saudade sentira.

Sua casa ficava no lado mais distante do terreno de 100 acres, meio escondida entre as árvores, à beira da floresta. Era ainda menor do que as choupanas dos camponeses, com apenas um cômodo, partilhado com a vaca à noite. Era de pau a pique, feita de varas trançadas e massa: galhos de árvores fincados no chão, com gravetos trançados como num cesto, as aberturas cobertas por uma mistura de barro, palha e estrume de vaca. Havia um buraco no teto de colmo para deixar passar a fumaça do fogo no centro do chão de terra. As casas assim duravam apenas uns poucos anos e tinham de ser reconstruídas. Agora ela parecia a Gwenda ainda pior do que antes. Estava determinada a não passar o resto de sua vida num lugar assim, tendo filhos a cada um ou dois anos, a maioria morrendo de fome. Não viveria como a mãe. Preferia morrer.

Quando ainda se encontrava a 100 metros da casa, ela viu o pai caminhando em sua direção. Ele carregava um pote; provavelmente compraria cerveja de Peg Perkins, a mãe de Annet, que era a cervejeira da aldeia. O pai sempre tinha dinheiro naquela época do ano, pois havia muito trabalho a fazer nos campos.

A princípio, ele não a viu.

Gwenda estudou o corpo franzino enquanto ele avançava pela estreita faixa de terra entre duas plantações. Vestia uma bata comprida que chegava até os joelhos, uma touca velha e sandálias de fabricação caseira, amarradas com palha. Seu jeito era ao mesmo tempo furtivo e arrogante: sempre parecia um forasteiro nervoso, assumindo uma atitude de desafio, como se se sentisse em casa. Os olhos eram quase juntos, dos dois lados do nariz grande; tinha o maxilar largo e o queixo pontudo, de tal forma que parecia um triângulo encaroçado. Gwenda sabia que se parecia com ele sob esse aspecto. Ele olhava de esguelha para as mulheres nos campos, como se não quisesse que soubessem que as observava.

Quando se aproximou da filha, lançou um de seus olhares furtivos por baixo das pálpebras quase fechadas. Mas levantou os olhos no instante seguinte. Gwenda ergueu a cabeça e o fitou com expressão altiva. O espanto estampou-se no rosto do pai.

– Você! – exclamou ele. – O que aconteceu?

– Sim Chapman não era um mascate, mas um bandido.

– E onde ele está agora?

– No inferno, pai. Você vai encontrá-lo lá.

– Você o matou?

– Não. – Gwenda já decidira mentir a respeito. – Deus o matou. A ponte de Kingsbridge desabou enquanto Sim passava. Deus o puniu por seu pecado. Já puniu você também?

– Deus perdoa os bons cristãos.

– Isso é tudo que tem a me dizer? Que Deus perdoa os bons cristãos?

– Como escapou?

– Usei minha esperteza.

Uma expressão de astúcia surgiu nos olhos do pai.

– Você é uma boa menina.

Gwenda assumiu uma expressão desconfiada.

– Qual é a maldade que está planejando agora?

– Você é uma boa menina – repetiu o pai. – Vá falar com sua mãe agora. Terá uma caneca de cerveja com a comida.

O pai se afastou. Gwenda franziu o cenho. Ele parecia não ter medo da reação da mãe ao saber a verdade. Talvez achasse que Gwenda não contaria por vergonha. Pois estava enganado.

Cath e Joanie estavam na frente da casa, brincando na terra. Quando viram Gwenda, correram em sua direção. Skip latiu, histérico. Gwenda abraçou as irmãs, recordando como pensara que nunca mais as veria, e naquele momento experimentou uma intensa satisfação por ter enfiado a adaga na cabeça de Alwyn.

Ela entrou. A mãe estava sentada num banco, dando leite ao pequeno Eric, ajudando-o a segurar a caneca para que não derramasse a bebida. Soltou um grito de alegria ao ver Gwenda. Largou a caneca, levantou-se e abraçou a filha. Gwenda começou a chorar.

E, depois que começou a chorar, foi difícil parar. Chorou porque Sim Chapman a arrastara da cidade numa corda, porque deixara que Alwyn fizesse sexo com ela, por todas as pessoas que haviam morrido quando a ponte desabara

e porque Wulfric amava Annet. Quando os soluços cessaram, disse:

– O pai me vendeu, mamãe. Por uma vaca! Tive de ir para o esconderijo dos bandidos.

– Foi uma coisa errada.

– Foi pior do que errada. Ele é mau... um demônio!

A mãe se afastou do abraço.

– Não diga isso.

– Mas é verdade!

– Ele é seu pai.

– Um pai não vende uma filha como se fosse um animal. Não tenho pai.

– Ele alimentou você durante dezoito anos.

Gwenda fitou a mãe, aturdida, sem entender.

– Como pode ser tão insensível? Ele me vendeu para os bandidos!

– E conseguiu uma vaca. Há leite para Eric agora, embora o meu tenha secado. E você está aqui, não é mesmo?

Gwenda estava chocada.

– Você está defendendo o pai!

– Ele é tudo o que tenho, Gwenda. Não é um príncipe. Não é nem mesmo um camponês. É um trabalhador sem terra. Mas tem feito tudo o que pode por esta família há quase 25 anos. Trabalhou quando podia e roubou quando precisava. Manteve você e seu irmão vivos e, se os ventos ajudarem, fará a mesma coisa por Cath, Joanie e Eric. Com todos os seus defeitos, estaríamos pior sem ele. Por isso, não o chame de demônio.

Gwenda estava mais atordoada do que nunca. Mal se acostumara à ideia de que o pai a traíra. Agora, tinha de enfrentar o fato de que a mãe também era má. Estava desorientada. Era como no momento em que a ponte balançara sob seus pés: não conseguia entender o que estava acontecendo.

O pai entrou na casa com o pote cheio de cerveja. Pareceu não notar o clima. Pegou três canecas de madeira na prateleira por cima da lareira e disse, jovial:

– Agora vamos beber à volta da nossa menina.

Gwenda sentia muita fome e sede, depois de andar o dia inteiro. Pegou a caneca e bebeu. Mas sabia que o pai tramava algo por trás daquela disposição.

– O que está planejando?

– Teremos a Feira de Shiring na próxima semana, não é?

– E daí?

– Podemos fazer tudo de novo.

Gwenda não podia acreditar no que ouvia.

– Fazer o que de novo?

– Eu vendo você, você vai embora com o comprador, foge e volta para casa. Não foi tão ruim assim.

– Não foi?

– E conseguimos uma vaca que vale 12 xelins! Tenho de trabalhar durante quase meio ano para ganhar 12 xelins!

– E depois disso?

– Há outras feiras... Winchester, Gloucester, não sei quantas. – Ele tornou a encher a caneca com cerveja. – Pode ser melhor do que o ano em que você roubou a bolsa de sir Gerald!

Gwenda não bebeu mais. Sentia um gosto amargo na boca, como se tivesse comido algo podre. Pensou em discutir com o pai. Palavras ásperas afloraram aos seus lábios, acusações furiosas, imprecações... mas não as disse. A maneira como se sentia já se projetava além da raiva. Qual o sentido de ter uma discussão agora? Nunca mais poderia confiar no pai. E, como a mãe se recusara a ser desleal a ele, Gwenda também não podia confiar nela.

– O que vou fazer? – indagou ela em voz alta.

Mas não queria uma resposta de ninguém ali: a pergunta era para si mesma. Naquela família, tornara-se um objeto, um produto a ser vendido nas feiras das cidades. E, se não estivesse disposta a aceitar isso, o que faria?

Podia ir embora.

Ela compreendeu com um choque que aquela casa não era mais o seu lar. E o golpe abalou as próprias fundações de sua existência. Vivera ali desde que se lembrava. Agora, não se sentia mais segura naquela casa. Tinha de ir embora.

Não na próxima semana, ela compreendeu, nem mesmo na manhã seguinte.

Tinha de ir embora agora.

Não sabia para onde ir, mas isso não fazia diferença. Permanecer ali e comer o pão que o pai punha na mesa seria se submeter à sua autoridade. Estaria aceitando a avaliação que ele fizera dela, como uma mercadoria a ser vendida. Já

se arrependia de ter tomado a caneca de cerveja. Sua única chance era rejeitá-lo imediatamente e ir embora de seu teto. Gwenda olhou para a mãe.

– Você está enganada. Ele é um demônio. E as histórias antigas estão certas: quando você faz um pacto com o demônio, acaba pagando mais do que pensava.

A mãe desviou os olhos.

Gwenda levantou-se. Ainda segurava a caneca com cerveja. Inclinou-a, despejando o líquido no chão. Skip começou a lamber.

– Paguei um quarto de *penny* por essa cerveja! – disse o pai, furioso.

– Adeus – disse Gwenda.

E foi embora.

18

No domingo seguinte, Gwenda compareceu à audiência no tribunal que decidiria o destino do homem que ela amava.

As audiências eram realizadas na igreja, depois da missa. Era o fórum em que a aldeia decidia a ação coletiva. Algumas questões envolviam disputas – divergências sobre limites de campos, acusações de roubo ou estupro, brigas sobre dívidas –, mas com mais frequência eram decisões pragmáticas, como o momento de começar a arar com os oito bois que pertenciam à comunidade.

Em teoria, o senhor do solar presidia os julgamentos de seus servos. Mas a lei normanda – levada para a Inglaterra pelos invasores que vieram da França quase três séculos antes – obrigava os senhores a seguirem os costumes de seus antecessores, e, para descobrir quais eram esses costumes, eles tinham de fazer consultas formais a doze homens que ocupavam posições de destaque na aldeia: um júri. Portanto, na prática, as audiências muitas vezes se tornavam negociações entre o senhor e os aldeões.

Naquele domingo em particular, Wigleigh não tinha senhor. Sir Stephen morrera no desabamento da ponte. Gwenda trouxera essa notícia para a aldeia. E também avisara que o conde Roland, que tinha a incumbência de designar o substituto de Stephen, estava gravemente ferido. No dia anterior à sua partida de Kingsbridge, o conde recuperara a consciência pela primeira vez, mas despertara com uma febre tão alta que não foi capaz de dizer nada coerente. Portanto, ainda não havia perspectiva de um novo senhor em Wigleigh.

O que não era uma circunstância excepcional. Os senhores se mantinham ausentes com frequência: na guerra, no Parlamento, disputando em ações judiciais ou apenas acompanhando o conde ou o rei. O conde Roland sempre designava um representante, em geral um de seus filhos, mas naquele caso não

pudera fazê-lo. Na ausência de um suserano, o bailio tinha de cuidar dos problemas do feudo da melhor forma que pudesse.

A função de um bailio era, em teoria, a de executar as decisões do senhor, mas isso inevitavelmente lhe proporcionava um certo poder sobre seus companheiros. O grau exato desse poder dependia da preferência pessoal do senhor: alguns mantinham um controle rigoroso, enquanto outros eram indulgentes. Sir Stephen mantinha a rédea frouxa, mas o conde Roland era notório por seu rigor.

Nate Reeve fora bailio de sir Stephen e sir Henry, antes dele, e provavelmente continuaria a ser o bailio do próximo senhor. Era um corcunda baixo, magro e vigoroso. Era astuto e ganancioso, e cuidava de tirar o máximo de proveito de seu poder limitado exigindo subornos dos aldeões sempre que surgia uma oportunidade.

Gwenda detestava Nate. Não era sua ganância que condenava, pois todos os bailios tinham esse vício. Mas Nate era um homem distorcido pelo ressentimento tanto quanto pelo defeito físico. O pai fora bailio do conde de Shiring, mas Nate não herdara esse importante cargo. Atribuía à corcunda o fato de ter acabado na pequena aldeia de Wigleigh. Parecia odiar todas as pessoas jovens, fortes e bonitas. Em suas horas de lazer, gostava de tomar vinho com Perkin, o pai de Annet, que sempre pagava a bebida.

A questão que o tribunal tinha de decidir naquele dia era o que fazer com as terras da família de Wulfric.

Era uma propriedade extensa. Nem todos os camponeses eram iguais, então não tinham terras iguais. O padrão era um *virgate*, que correspondia a cerca de 30 acres naquela parte da Inglaterra. Em teoria, um *virgate* era a área de terra que um homem podia cultivar, capaz de produzir, em condições normais, o suficiente para sustentar a família. A maioria dos camponeses de Wigleigh, no entanto, tinha meio *virgate*, o equivalente a 15 acres, mais ou menos. Eram obrigados a encontrar outros meios de sustento da família: armadilhas para aves na floresta, para os peixes no rio que passava por Brookfield, a fabricação de cintos e sandálias com sobras de couro ordinário, a produção de tecidos com fio de lã para os mercadores de Kingsbridge ou a caça ilegal dos veados do rei na floresta. Uns poucos tinham mais de um *virgate*. Perkin tinha 100 acres e o pai

de Wulfric, Samuel, tinha 90. Esses camponeses ricos precisavam de ajuda para cultivar sua terra, ou dos filhos e outros parentes ou de trabalhadores contratados, como o pai de Gwenda.

Quando um servo morria, sua terra podia ser herdada pela viúva, pelos filhos ou por uma filha casada. De qualquer forma, a transferência tinha de ser autorizada pelo senhor, com o pagamento de um tributo pesado, chamado de *heriot*. Em circunstâncias normais, a terra de Samuel seria automaticamente herdada pelos dois filhos, sem necessidade de uma audiência do tribunal. Os dois pagariam o *heriot* e dividiriam a terra ou a explorariam juntos, criando disposições para o sustento da mãe. Mas um dos filhos de Samuel também morrera, o que complicava a situação.

Todos os adultos da aldeia, de modo geral, compareciam às audiências. Gwenda tinha um interesse particular pelo que aconteceria hoje. O futuro de Wulfric seria decidido, e o fato de que ele pretendia passar esse futuro com outra mulher não arrefecia a preocupação de Gwenda. Talvez ela devesse lhe desejar uma vida miserável com Annet, pensava às vezes, mas não era capaz de fazê-lo. Queria que ele fosse feliz.

Quando o serviço religioso terminou, uma cadeira grande de madeira e dois bancos foram trazidos do solar. Nate se instalou nela e os jurados se sentaram nos bancos. Todos os outros permaneceram de pé. Wulfric falou, com simplicidade:

– Meu pai tinha 90 acres do senhor de Wigleigh. Cinquenta eram de seu pai antes e 40 do tio dele, que morreu há dez anos. Como minha mãe e meu irmão morreram também, e não tenho irmãs, sou o único herdeiro.

– Quantos anos você tem? – perguntou Nate.

– Tenho 16 anos.

– Ainda não pode nem ser chamado de homem.

Tudo indicava que Nate pretendia criar dificuldades. Gwenda sabia por quê. Ele queria um suborno. Mas Wulfric não tinha dinheiro.

– A idade não é tudo – protestou Wulfric. – Sou mais alto e mais forte do que a maioria dos homens adultos.

Aaron Appletree, um dos jurados, disse:

– David Johns herdou de seu pai quando tinha 18 anos.

– Dezoito anos não é a mesma coisa que 16 – declarou Nate. – Não me recordo de um único caso em que um jovem de 16 anos tenha recebido permissão para herdar.

David Johns não era um jurado. Estava de pé ao lado de Gwenda.

– Eu também não tinha 90 acres – comentou.

Houve uma sucessão de risos. David tinha meio *virgate*, como a maioria dos camponeses. Outro jurado interveio:

– Noventa acres é demais para um único homem, ainda mais para um garoto. Não vamos esquecer que essa terra era cultivada por três homens até agora.

Era Billy Howard, um homem de 20 e poucos anos que cortejara Annet, sem êxito. Tavez por isso quisesse ficar do lado de Nate, erguendo obstáculos para Wulfric.

– Tenho 40 acres e preciso contratar trabalhadores na época da colheita – acrescentou ele.

Vários homens assentiram. Gwenda começou a ficar pessimista. A situação não era favorável a Wulfric.

– Posso obter ajuda – disse ele.

– Tem dinheiro para pagar os trabalhadores? – perguntou Nate.

– A bolsa de meu pai se perdeu quando a ponte desabou. Gastei o dinheiro que levava comigo no funeral. Mas posso oferecer a meus trabalhadores uma participação na colheita. – Wulfric parecia um pouco desesperado, e o coração de Gwenda se confrangeu por ele.

Nate balançou a cabeça.

– Todos na aldeia já estão trabalhando o tempo todo em suas próprias terras e aqueles que não têm já estão empregados. E não é provável que alguém renuncie a um emprego que paga em dinheiro em troca de outro que oferece apenas uma participação numa colheita incerta.

– Farei a colheita – insistiu Wulfric, determinado e veemente. – Posso trabalhar dia e noite, se for necessário. Provarei a todos que posso cuidar da terra.

Havia tanta ansiedade em seu rosto bonito que Gwenda teve vontade de se adiantar num pulo e clamar por apoio para ele. Mas os homens apenas balançavam a cabeça. Todos sabiam que um único homem não podia fazer

sozinho a colheita em 90 acres. Nate se virou para Perkin.

– Ele está noivo de sua filha. Não pode fazer nada para ajudá-lo?

Perkin ficou pensativo.

– Talvez a terra devesse ser transferida para mim, por enquanto. Eu poderia pagar o *heriot*. Depois, quando se casasse com Annet, ele assumiria sua terra.

– Não! – protestou Wulfric no mesmo instante.

Gwenda sabia por que ele era contra a ideia. Perkin era astucioso. Passaria todos os minutos de vigília, dali até o casamento, tentando encontrar meios de se apropriar da terra de Wulfric.

– Se não tem dinheiro, como pagará o *heriot*? – perguntou Nate.

– Terei dinheiro com a colheita.

– Se conseguir fazer a colheita. E pode não ser suficiente. Seu pai pagou 3 libras pela terra do pai dele e 2 libras pela terra do tio.

Gwenda respirou fundo. Cinco libras eram uma fortuna. Parecia impossível que Wulfric conseguisse levantar tanta verba. Provavelmente gastaria todas as economias de sua família.

– Além do mais, o *heriot* é normalmente pago antes de o herdeiro tomar posse, e não depois da colheita – acrescentou Nate.

– Considerando as circunstâncias, Nate, você poderia ser indulgente nesse ponto – comentou Aaron Appletree.

– Posso? Um senhor pode se mostrar indulgente, pois tem o direito de fazer o que quiser com suas próprias terras. Mas, se um bailio demonstra indulgência, está dando o ouro de outra pessoa.

– Mas só estaremos fazendo uma recomendação, de qualquer forma. Nada será definitivo até a aprovação do novo senhor de Wigleigh, quem quer que venha a ser.

Era verdade, em termos estritos, pensou Gwenda. Na prática, porém, era improvável que um novo senhor revogasse uma herança de pai para filho.

– Senhor, o *heriot* de meu pai não chegou a 5 libras – declarou Wulfric.

– Devemos verificar os registros.

A resposta de Nate foi tão rápida que Gwenda calculou que ele já esperava pela contestação da quantia por Wulfric. Nate costumava planejar uma pausa no meio de uma audiência, refletiu ela. Presumia que era para dar às partes uma

oportunidade de oferecer um suborno. Talvez ele pensasse que Wulfric estava escondendo algum dinheiro.

Dois jurados foram buscar na sacristia a arca contendo os registros das decisões do tribunal, escritos em longas tiras de pergaminho enroladas em cilindros. Nate sabia ler e escrever, pois um bailio tinha de ser alfabetizado para preparar as contas apresentadas ao senhor. Ele procurou o pergaminho certo na arca.

Gwenda sentiu que a situação de Wulfric ia de mal a pior. Sua maneira simples e objetiva de falar e sua honestidade evidente não eram suficientes. Nate queria acima de tudo coletar o *heriot* do senhor. Perkin manobrava para se apropriar da terra. Billy Howard queria deixar Wulfric na miséria por pura maldade. E Wulfric não tinha dinheiro para pagar um suborno.

E também era ingênuo. Acreditava que, se apresentasse seu caso com clareza, teria justiça. Não tinha o bom senso necessário para controlar a situação.

Mas talvez ela pudesse ajudá-lo. Uma filha de Joby não poderia crescer sem aprender alguma coisa sobre astúcia.

Wulfric não apelara para os interesses pessoais dos aldeões em seus argumentos. Gwenda faria isso por ele. Virou-se para David Johns, parado ao seu lado.

– Estou surpresa que os homens desta aldeia não estejam mais preocupados com esta situação. – comentou ela.

Ele a fitou, inquisitivo.

– O que está querendo dizer com isso, garota?

– Apesar das mortes súbitas, é um caso de herança de pai para filho. Se deixarem Nate usar subterfúgios agora, ele vai questionar todos os casos. Sempre pode encontrar algum argumento para contestar um legado. Não tem medo de que ele possa um dia interferir nos direitos de seus próprios filhos?

David mostrou-se preocupado.

– Acho que tem razão nesse ponto, garota.

Ele se virou para conversar com o homem do outro lado.

Gwenda também achava que era um erro de Wulfric exigir uma decisão final hoje. Seria melhor pedir um julgamento temporário, que os jurados poderiam conceder com mais facilidade. Ela foi falar com Wulfric, que naquele momento

discutia com Perkin e Annet. Quando Gwenda se aproximou, Perkin assumiu uma expressão desconfiada, enquanto Annet erguia o rosto, desdenhosa. Mas Wulfric mostrou-se cortês, como sempre.

– Olá, minha companheira de viagem. Ouvi dizer que deixou a casa de seu pai.

– Ele ameaçou me vender.

– Pela segunda vez?

– Tantas vezes quanto eu pudesse escapar. Acha que encontrou uma bolsa sem fundo.

– Onde está morando?

– A viúva Huberts me aceitou. E estou trabalhando para o bailio, nas terras do senhor. Um *penny* por dia, do amanhecer ao anoitecer. Nate gosta que seus trabalhadores cheguem em casa exaustos. Acha que ele vai dar o que você quer?

Wulfric fez uma careta.

– Nate parece relutante.

– Uma mulher cuidaria da situação de maneira diferente.

Wulfric ficou surpreso.

– Como assim?

Annet lançou um olhar furioso para ela, mas Gwenda a ignorou.

– Uma mulher não exigiria que o assunto fosse resolvido hoje, ainda mais quando todos sabem que a decisão não seria final. Ela não arriscaria um não pela chance de um talvez.

Wulfric pensou por um momento.

– O que ela faria?

– Pediria apenas para ter permissão de continuar a trabalhar a terra por enquanto. Deixaria a decisão obrigatória em aberto até que o novo senhor seja designado. Nesse período, todos se acostumariam com sua posse. Assim, quando o novo senhor fosse designado, sua aprovação pareceria apenas uma formalidade. Ela alcançaria seu objetivo sem dar muita chance às pessoas de questionarem.

Wulfric não tinha tanta certeza.

– Bem...

– Não é o que você quer, mas é o máximo que pode conseguir hoje. E como

Nate poderia recusar quando não tem ninguém mais para fazer sua colheita?

Wulfric balançou a cabeça. Estava avaliando as possibilidades.

– As pessoas me veriam fazendo a colheita e se acostumariam com a ideia. Depois disso, pareceria injusto me negar a herança. E eu poderia pagar o *heriot* ou pelo menos uma parte dele.

– Estaria mais próximo de seu objetivo do que agora.

– Obrigado. Você é muito esperta.

Wulfric tocou em seu braço e depois tornou a se virar para Annet. Ela disse alguma coisa em voz baixa. Seu pai parecia irritado.

Gwenda se afastou. Não me diga que sou esperta, pensou ela. Diga que sou... o quê? Linda? Nunca. O amor de sua vida? É Annet. Uma amiga de verdade? Ao inferno com isso. Então o que eu quero? Por que estou tão desesperada para ajudá-lo?

Ela não sabia.

Notou que David Johns falava de modo enfático com um dos jurados, Aaron Appletree. Nate levantou o pergaminho com os registros do feudo.

– O pai de Wulfric, Samuel, pagou 30 xelins para herdar de seu pai e 1 libra para herdar de seu tio.

Um xelim correspondia a 12 *pence*. Não havia moeda de xelim, mas todos falavam em xelins mesmo assim. Vinte xelins davam 1 libra. A quantia enunciada por Nate agora era exatamente a metade do que ele dissera antes. David Johns então falou:

– As terras de um homem devem ir para seu filho. Não queremos dar a impressão ao nosso novo senhor, quem quer que possa ser, de que ele pode escolher e determinar quem vai herdar.

Houve murmúrios de concordância. Wulfric adiantou-se.

– Bailio, sei que não pode tomar uma decisão final hoje e me contentarei em esperar até que o novo senhor seja designado. Só peço permissão para continuar a trabalhar a terra. Juro que farei a colheita. Mas nada se perderá se eu falhar. E nada me será prometido se eu conseguir. Quando o novo senhor chegar, eu me submeterei à sua mercê.

Nate parecia acuado. Gwenda teve certeza de que ele esperava arrancar algum dinheiro daquela situação. Talvez contasse com um suborno de Perkin, o

futuro sogro de Wulfric. Ela observou o rosto de Nate enquanto ele tentava pensar numa forma de recusar o pedido mais modesto de Wulfric. Enquanto hesitava, alguns aldeões começaram a resmungar. Nate compreendeu que não ficaria numa posição favorável se continuasse relutante.

– Muito bem – disse ele, com uma demonstração de boa vontade que não era muito convincente. – O que o júri tem a dizer?

Aaron Appletree, após conferenciar por um momento com os outros jurados, declarou:

– O pedido de Wulfric é modesto e razoável. Ele deve ocupar a terra de seu pai até que o novo senhor de Wigleigh seja designado.

Gwenda deixou escapar um suspiro de alívio.

– Obrigado, jurados – disse Nate.

A audiência foi encerrada e as pessoas começaram a voltar para suas casas. A maioria dos aldeões só tinha condições de comer carne uma vez por semana, e o domingo era o dia escolhido. Até mesmo Joby e Ethna podiam comer um ensopado de esquilo ou porco-espinho, e naquela época do ano havia muitos coelhos novos que poderiam ser apanhados com relativa facilidade. A viúva Huberts tinha um caldeirão com um pescoço de carneiro no fogo. Os olhares de Gwenda e Wulfric se encontraram enquanto deixavam a igreja.

– Falou muito bem – comentou ela enquanto caminhavam juntos. – Ele não podia recusar, embora desse a impressão de que queria.

– A ideia foi sua – murmurou Wulfric, com evidente admiração. – Sabia exatamente o que eu precisava dizer. Não sei como agradecer.

Gwenda resistiu à tentação de lhe dizer como. Atravessaram o cemitério.

– Como fará a colheita? – perguntou ela.

– Não sei.

– Por que não me deixa trabalhar com você?

– Não tenho dinheiro.

– Não me importo. Trabalharei pela comida.

Wulfric parou no portão, virou-se e fitou-a com uma expressão de franqueza.

– Não, Gwenda. Acho que não seria uma boa ideia. Annet não ia gostar, e devo reconhecer que ela teria toda a razão.

Gwenda sentiu enrubescer. Não podia haver a menor dúvida sobre o que ele

estava querendo dizer. Se quisesse rejeitá-la por achar que ela era fraca ou qualquer coisa parecida, não haveria necessidade do olhar franco nem da menção do nome da noiva. Wulfric sabia, compreendeu Gwenda, mortificada, que ela era apaixonada por ele e recusava sua oferta de ajuda porque não queria encorajar sua paixão sem esperança.

– Está bem – sussurrou ela, baixando os olhos. – Como quiser.

Ele sorriu, afetuoso.

– Mas obrigado pela oferta.

Gwenda não respondeu. Depois de um momento, Wulfric virou-se e se afastou.

19

Gwenda acordou quando ainda estava escuro.

Ela dormia na palha, no chão da casa da viúva Huberts. De alguma forma, sua mente adormecida sabia qual era a hora e a despertava pouco antes do amanhecer. A viúva, deitada ao seu lado, não se mexeu quando Gwenda empurrou a manta para o lado e levantou-se. Tateou o caminho no escuro, abriu a porta dos fundos e saiu para o quintal. Skip seguiu-a e sacudiu-se todo.

Ela ficou imóvel por um momento. Soprava uma brisa fresca, como sempre acontecia em Wigleigh. A noite era de uma escuridão total e ela podia apenas divisar vagos contornos: o abrigo dos patos, a privada, a pereira. Não podia avistar a casa vizinha, de Wulfric, mas ouviu um rosnado baixo do cachorro dele, amarrado ao lado do pequeno aprisco, e murmurou uma frase qualquer para que o animal reconhecesse sua voz e se acalmasse.

Era um momento de paz, mas agora parecia haver muitos momentos assim ao longo de seu dia. Durante toda a sua vida morara numa casa pequena, sempre com um bebê e várias crianças. Quase a todo instante havia alguma clamando por comida, chorando por causa de um pequeno machucado, fazendo um protesto ou gritando com uma raiva infantil impotente. Nunca poderia imaginar que sentiria falta disso. Mas era o que acontecia agora, na companhia da viúva tranquila que gostava de conversar amavelmente, mas também se sentia à vontade com o silêncio. Às vezes Gwenda ansiava por ouvir o choro de uma criança, para que pudesse pegá-la no colo e confortá-la.

Ela encontrou o velho balde de madeira. Lavou o rosto e as mãos e entrou na casa novamente. Localizou a mesa no escuro, abriu a caixa de pão e cortou uma fatia grossa do pão de uma semana. Tornou a sair e foi comendo enquanto andava.

A aldeia permanecia silenciosa: ela era a primeira a se levantar. Os camponeses trabalhavam do nascer ao pôr do sol e naquela época do ano era um dia longo e cansativo. Prezavam cada momento de descanso. Só Gwenda também trabalhava entre a aurora e o nascer do sol e na hora do crepúsculo, ao final do dia.

Alvorecia quando ela deixou as casas para trás e começou a atravessar os campos. Wigleigh tinha três grandes campos cultivados: Hundredacre, Brookfield e Longfield. Diferentes colheitas eram plantadas em cada um, em ciclos de três anos. Trigo e centeio, os cereais mais valiosos, eram semeados no primeiro ano; depois, colheitas de menor importância, como aveia, cevada, ervilhas e vagens, no segundo ano; e no terceiro ano o campo ficava alqueivado, em repouso. Naquele ano, Hundredacre tinha trigo e centeio, Brookfield tinha várias colheitas secundárias e Longfield estava alqueivado. Cada campo era dividido em faixas com cerca de 1 acre e a terra de cada camponês consistia de uma quantidade determinada de faixas, espalhadas pelos três campos.

Gwenda foi para Hundredacre e começou a arrancar as ervas daninhas de uma das faixas de Wulfric, as persistentes tagetes, tiriricas e camomilas, que afloravam entre as hastes de trigo. Sentia-se feliz por trabalhar na terra de Wulfric, ajudando-o, quer ele soubesse ou não. Cada vez que se abaixava, poupava as costas de Wulfric do mesmo esforço; cada vez que arrancava uma erva daninha, contribuía para que a colheita dele fosse maior. Era como lhe dar presentes. Enquanto trabalhava, ela pensava nele, imaginava seu rosto quando ria, ouvia sua voz, a voz profunda de um homem que ainda tinha a ansiedade de um menino. Tocava nos rebentos verdes do trigo e imaginava que acariciava seus cabelos.

Ela arrancou ervas daninhas ali até o nascer do sol, quando foi para o manso senhorial – as faixas de terra cultivadas para o senhor feudal por seus trabalhadores – e passou a trabalhar por uma remuneração. Embora sir Stephen tivesse morrido, ainda era preciso cuidar de suas colheitas. Seu sucessor exigiria um relatório meticuloso do que fora feito com os rendimentos. Ao pôr do sol, depois de ganhar o pão de cada dia, Gwenda passaria para outra parte da terra de Wulfric e trabalharia ali até escurecer. Por mais tempo até, se houvesse lua.

Nada dissera a ele. Mas, numa aldeia de apenas duzentos habitantes, poucas

coisas permaneciam em segredo por muito tempo. A viúva Huberts perguntara, com uma curiosidade gentil, o que ela esperava conseguir com isso.

– Ele vai se casar com a menina de Perkin, e você sabe disso. Não tem como evitar.

– Só quero que ele tenha sucesso – respondera Gwenda. – Ele merece. É um homem honesto, de bom coração, e está disposto a trabalhar até cair de cansaço. Quero que ele seja feliz, mesmo se casando com aquela desgraçada.

Hoje, os trabalhadores do domínio estavam em Brookfield, colhendo as primeiras ervilhas e vagens nas terras do senhor. Wulfric trabalhava ali perto, cavando uma vala de drenagem: a terra estava encharcada depois das chuvas fortes do início de junho. Gwenda o observou: a calça e as botas, as costas largas se curvando sobre a pá. Ele se movimentava, incansável, como uma roda de moinho. Apenas o suor faiscando em sua pele revelava o esforço que fazia. Ao meio-dia, Annet apareceu, muito atraente, com uma fita verde no cabelo, trazendo um jarro com cerveja e pão e queijo embrulhados num pano.

Nate Reeve tocou uma sineta e todos pararam de trabalhar. Recuaram para as árvores, ao norte do campo. Nate distribuiu sidra, pão e cebolas para seus trabalhadores: a refeição estava incluída na remuneração. Gwenda se sentou no chão, encostada no tronco de um choupo-branco. Ficou observando Wulfric e Annet com o fascínio de um condenado à forca que vê o carpinteiro construir o patíbulo.

A princípio, Annet se mostrou coquete como de hábito, inclinando a cabeça, pestanejando, repreendendo Wulfric de brincadeira, numa punição zombeteira por algo que ele dissera. Depois, ela ficou séria, falando de forma insistente, enquanto ele parecia protestar inocência. Ambos olharam para Gwenda, que adivinhou que conversavam a seu respeito. Presumiu que Annet descobrira sobre seu trabalho nas faixas de terra de Wulfric, ao amanhecer e ao anoitecer. Afinal Annet foi embora, com uma expressão petulante, enquanto ele terminava de comer, sozinho e pensativo.

Depois da refeição, todos descansaram pelo restante da hora do almoço. Os mais velhos se deitaram no chão e cochilaram, enquanto os mais jovens conversaram. Wulfric foi até Gwenda. Agachou-se ao seu lado.

– Você tem tirado as ervas daninhas das minhas faixas de terra.

Gwenda não tinha a menor intenção de se desculpar.

– Imagino que Annet o censurou por isso.

– Ela não quer que você trabalhe para mim.

– O que ela gostaria que eu fizesse agora? Que pusesse as ervas daninhas de volta na terra?

Wulfric olhou ao redor e baixou a voz, pois não queria que os outros ouvissem embora todos pudessem adivinhar o que ele e Gwenda diziam um para o outro.

– Sei que você teve as melhores intenções, e estou agradecido, mas está causando problemas.

Gwenda gostou de ficar tão perto dele. Wulfric recendia a terra e suor.

– Você precisa de ajuda – disse ela. – E Annet não serve para muita coisa.

– Por favor, não a critique. Melhor ainda, nem fale dela.

– Está bem. Mas você não pode cuidar da colheita sozinho.

Ele suspirou.

– Se ao menos o sol aparecesse...

Num impulso automático, Wulfric olhou para o céu, um reflexo de camponês. Havia uma densa camada de nuvens de horizonte a horizonte. As colheitas de cereais tinham problemas com o tempo úmido e frio.

– Deixe-me trabalhar para você – suplicou Gwenda. – Diga a Annet que precisa de mim. Um homem deve ser o senhor de sua esposa, não o contrário.

– Pensarei a respeito.

Mas no dia seguinte ele contratou um trabalhador.

Era um viajante que aparecera no final da tarde. Os aldeões se reuniram em torno dele, ao crepúsculo, para ouvir sua história. Seu nome era Gram e vinha de Salisbury. Disse que a mulher e os filhos haviam morrido quando a casa pegara fogo. Estava a caminho de Kingsbridge, onde esperava arrumar emprego, talvez no priorado. Seu irmão era monge ali.

– É bem provável que eu o conheça – disse Gwenda. – Meu irmão, Philemon, trabalha há anos no priorado. Qual é o nome dele?

– John.

Havia dois monges chamados John. Mas, antes que ela pudesse perguntar qual dos dois, Gram acrescentou:

– Quando parti, tinha algum dinheiro para comprar comida pelo caminho. Mas fui assaltado por malfeitores e agora não tenho mais nada.

Houve muita simpatia pelo homem. Wulfric o convidou para dormir em sua casa. No dia seguinte, sábado, ele começou a trabalhar, aceitando casa, comida e uma parte da colheita como remuneração.

Gram trabalhou com afinco durante todo o sábado. Wulfric passava o arado bem raso por sua terra alqueivada, em Longfield, para destruir os cardos. Era um trabalho de dois homens: Gram levava o cavalo, chicoteando-o quando refugava, enquanto Wulfric conduzia o arado. Descansaram no dia seguinte.

Na igreja, no domingo, Gwenda desatou a chorar quando viu Cath, Joanie e Eric. Não compreendera como sentia saudade dos irmãos. Ficou com Eric no colo durante o serviço. Depois, a mãe lhe falou em termos ásperos:

– Está partindo seu coração por aquele Wulfric. Tirar as ervas daninhas de sua terra não fará com que ele a ame. Ele está enrabichado pela imprestável da Annet.

– Sei disso – respondeu Gwenda. – Mas quero ajudá-lo mesmo assim.

– Você deve deixar a aldeia. Não há nada para você aqui.

Ela sabia que a mãe tinha razão.

– Irei embora. No dia seguinte ao casamento.

– Se tem de ficar, tome cuidado com seu pai – disse a mãe em voz baixa. – Ele não perdeu a esperança de ganhar mais 12 xelins.

– O que está querendo dizer?

A mãe limitou-se a balançar a cabeça.

– Ele não pode me vender agora. Deixei a casa dele. O pai não mais me alimenta e abriga. Trabalho para o senhor de Wigleigh. Ele não pode mais fazer o que quiser comigo.

– Mas tome cuidado mesmo assim.

A mãe não disse mais nada. Na frente da igreja, Gram, o itinerante, conversou com Gwenda. Fez perguntas sobre ela e sugeriu que dessem uma volta depois do almoço. Ela adivinhou o que a “volta” acarretaria e recusou. Mais tarde, viu-o com Joanna de cabelos amarelos, a filha de David Johns, que tinha apenas 15 anos e era bastante estúpida para se deixar envolver pelas adulações de um desconhecido.

Na segunda-feira, Gwenda arrancava as ervas daninhas da plantação de trigo de Wulfric em Hundredacre, na semiescuridão antes do nascer do sol, quando o viu atravessar o campo em sua direção. Tinha uma carranca de fúria.

Ela continuara a desafiar a decisão de Wulfric, trabalhando em suas terras ao amanhecer e ao anoitecer. Parecia agora que fora longe demais. O que Wulfric faria? Daria uma surra nela? Depois da maneira como Gwenda o provocara, ele bem que poderia ser violento com ela impunemente. As pessoas diriam que ela fizera por merecer e, agora que deixara a casa dos pais, Gwenda não tinha ninguém para defendê-la. Ficou apavorada. Vira como Wulfric quebrara o nariz de Ralph Fitzgerald.

Mas logo disse a si mesma para não bancar a tola. Embora Wulfric já tivesse se metido em muitas brigas, ela nunca ouvira dizer que ele agredira uma mulher ou uma criança. Mesmo assim, aquela raiva intensa a deixou temerosa.

Mas não tinha nada a ver com ela. Assim que se aproximou o suficiente para que pudesse ouvi-lo, Wulfric gritou:

– Você viu Gram?

– Não. Por quê?

Ele se aproximou e parou, a respiração pesada.

– Há quanto tempo está aqui?

– Levantei-me antes do amanhecer.

Os ombros de Wulfric arriaram.

– Então, se ele veio por aqui, já está fora de alcance.

– O que aconteceu?

– Ele desapareceu... e meu cavalo também.

Isso explicava a raiva de Wulfric. Um cavalo era um patrimônio valioso. Apenas os camponeses ricos como o pai dele possuíam um. Gwenda recordou a rapidez com que Gram mudara de assunto quando comentara que talvez conhecesse seu irmão. Ele não tinha um irmão no priorado, é claro, nem perdera a mulher e os filhos num incêndio. Era um mentiroso e se insinuara na confiança dos aldeões com a intenção de roubar.

– Fomos tolos ao acreditar em sua história – murmurou ela.

– E eu fui o maior de todos ao aceitá-lo em minha casa – comentou Wulfric, amargurado. – Ele ficou apenas o tempo suficiente para que os animais o

conhecessem. Assim, o cavalo não hesitou em acompanhá-lo e o cachorro não latiu quando ele foi embora.

Gwenda sentiu um aperto no coração por Wulfric, que perdia o cavalo logo no momento em que mais precisava.

– Não creio que ele tenha vindo por aqui – disse ela, pensativa. – Não pode ter saído antes de mim. A noite estava muito escura. E, se viesse mais tarde, eu o veria.

Havia uma única estrada para a aldeia, que terminava no solar. Mas havia vários caminhos através dos campos.

– É bem provável que ele tenha seguido o caminho entre Brookfield e Longfield, a maneira mais rápida de alcançar a floresta.

– O cavalo não pode avançar muito depressa pela floresta. Talvez eu ainda consiga alcançá-lo.

Wulfric virou-se e correu de volta pelo caminho por onde viera.

– Boa sorte! – gritou Gwenda.

Ele acenou em agradecimento, sem olhar para trás.

Mas Wulfric não teve sorte.

Ao final daquela tarde, quando Gwenda carregava um saco com ervilhas de Brookfield para o celeiro do senhor, passou por Longfield e tornou a vê-lo. Ele cavava com uma pá em sua terra alqueivada. Era evidente que não alcançara Gram nem recuperara seu cavalo. Ela largou o saco e atravessou o campo para falar com ele.

– Você não pode fazer isso. Tem 30 acres aqui. Já arou... quanto? Dez? Nenhum homem pode cavar mais de 20 acres.

Wulfric não a fitou nos olhos. Continuou a cavar, o rosto contraído.

– Não posso usar o arado, pois não tenho um cavalo.

– Ponha os arreios em você mesmo. É forte e o arado é leve... e está apenas matando os cardos.

– Não tenho ninguém para guiar o arado.

– Tem, sim.

Ele a fitou nos olhos agora.

– Eu farei isso – acrescentou Gwenda.

Wulfric balançou a cabeça.

– Você perdeu sua família e agora perdeu também o cavalo. Não pode fazer tudo sozinho. Não tem opção. Terá de me deixar ajudá-lo – insistiu ela.

Ele olhou na direção da aldeia. Gwenda sabia que ele pensava em Annet.

– Estarei à espera amanhã, ao amanhecer – acrescentou ela.

Wulfric tornou a fitá-la, o rosto carregado de emoção. Sentia-se dividido entre o amor pela terra e o desejo de agradar a Annet.

– Baterei em sua porta – sugeriu Gwenda. – Podemos arar o resto juntos.

Ela se virou e se afastou e, em seguida, parou e olhou para trás.

Ele não disse sim. Mas também não disse não.



Araram por dois dias, depois colheram o feno e os legumes da primavera.

Agora que não estava mais ganhando dinheiro para pagar à viúva Huberts por cama e comida, Gwenda precisava de outro lugar para dormir. Mudou-se para o estábulo de Wulfric. Explicou a razão e ele não fez qualquer objeção.

Depois do primeiro dia, Annet parou de levar a refeição de Wulfric ao meio-dia. Assim, Gwenda passou a preparar a comida para ambos, com as coisas que encontrava no armário dele: pão, cerveja, ovos cozidos ou toucinho frio, cebolas ou beterrabas. Mais uma vez, ele aceitou a mudança sem comentários.

Ainda tinha a poção do amor. O pequeno frasco de barro estava guardado numa bolsa de couro pendurada em seu pescoço por uma tira, aninhado entre os seios, oculto da vista das pessoas. Gwenda poderia despejar a poção na cerveja de Wulfric na hora do almoço, mas não teria como tirar proveito dos efeitos nos campos, durante a outra metade do dia.

Todas as noites ele ia para a casa de Perkin e jantava com Annet e sua família. Gwenda se sentava sozinha na cozinha. Quando voltava, Wulfric tinha com frequência uma expressão sombria, mas nunca dizia nada. Gwenda presumia que ele ficava assim porque rejeitara as objeções de Annet. Como ele ia para a cama sem comer ou beber mais nada, ela não tinha como usar a poção.

No sábado seguinte à partida de Gram com o cavalo, Gwenda preparou para si mesma um jantar de verduras e carne de porco salgada. A casa de Wulfric estava abastecida com alimentos para quatro adultos, por isso havia o suficiente

para comer. As noites eram frias, embora estivessem em julho. Depois, ela pôs mais lenha na fogueira. Ficou sentada a observar as chamas, pensando como tinha uma vida simples e previsível até poucas semanas antes. Era impressionante como sua vida desmoronara por completo, como a ponte de Kingsbridge.

No momento em que a porta foi aberta, ela pensou que era Wulfric, voltando para casa. Gwenda sempre se retirava para o estábulo quando ele retornava, mas gostava das poucas palavras cordiais que trocavam antes de irem dormir. Ergueu os olhos, ansiosa, esperando contemplar seu rosto bonito, mas sofreu um baque desagradável.

Não era Wulfric, mas seu pai. Acompanhado por um estranho de aparência rude. Ela se levantou de um pulo, cheia de medo.

– O que você quer?

Skip soltou um latido hostil, mas recuou, apavorado, diante de Joby.

– Ora, minha menina, não precisa ter medo. Sou seu pai.

Ela recordou, consternada, a advertência vaga da mãe na igreja.

– Quem é ele? – indagou Gwenda, apontando para o estranho.

– Este aqui é Jonah, de Abingdon, um negociante de peles.

Jonah podia outrora ter sido um mercador, pensou Gwenda, desesperada, talvez até fosse mesmo de Abingdon, mas calçava botas velhas, as roupas eram imundas, os cabelos emaranhados e a barba malcuidada. Não devia visitar um barbeiro havia alguns anos.

Demonstrando mais coragem do que sentia, Gwenda exclamou:

– Fique longe de mim!

– Eu disse que ela era belicosa – comentou Joby com Jonah. – Mas é uma boa menina e muito forte.

– Não se preocupe – falou o homem pela primeira vez. Ele passou a língua pelos lábios enquanto estudava Gwenda, que desejou estar usando mais do que seu vestido leve de lã. – Já domei algumas potrancas em minha vida.

Gwenda não tinha a menor dúvida de que o pai cumprira a ameaça e a vendera de novo. Pensara que ficaria mais segura ao deixar a casa da família. Os aldeões não permitiriam o rapto de uma trabalhadora, não é mesmo? Mas estava escuro agora, e talvez já a tivessem levado para longe antes que alguém

descobrisse seu desaparecimento.

Não havia ninguém para ajudá-la. Mesmo assim, ela não iria sem lutar.

Olhou ao redor, desesperada, à procura de uma arma. A acha que acabara de pôr no fogo ardia na extremidade. Tinha quase meio metro de comprimento e a ponta projetava-se em sua direção, convidativa. Ela se abaixou rapidamente e pegou-a.

– Ora, não vai precisar disso – murmurou Joby. – Não vai querer machucar seu velho pai, não é?

Ele chegou mais perto. Um ímpeto de raiva dominou Gwenda. Como ele ousava se referir a si mesmo como seu velho pai quando estava tentando vendê-la? Subitamente, teve vontade de machucá-lo. Avançou para ele com um grito de raiva, estendendo a acha em chamas para seu rosto.

Joby pulou para trás, mas ela continuou a avançar, louca de fúria. Skip latia, frenético. Ele ergueu os braços para se proteger e tentou derrubar o tição. Mas Gwenda também era forte. Os braços em movimento de Joby não conseguiram detê-la. Gwenda encostou o tição em seu rosto. Ele gritou de dor, com a pele queimada. A barba suja pegou fogo. Espalhou-se um cheiro nauseante de carne chamuscada.

Foi nesse instante que Gwenda foi agarrada por trás. Jonah a abraçou, imobilizando seus braços nos lados do corpo. Ela largou o pedaço de lenha pegando fogo. As chamas se elevaram no mesmo instante da palha no chão. Skip, com pavor do fogo, saiu correndo da casa. Gwenda se debateu, tentando se livrar do aperto de Jonah. Balançava o corpo de um lado para outro, mas descobriu que ele era surpreendentemente forte. E a levantou.

Um vulto alto apareceu na porta. Gwenda divisou apenas os contornos, pois o vulto desapareceu no instante seguinte. Foi jogada no chão. Por um momento, ficou atordoada. Quando se recuperou, Jonah estava ajoelhado em cima dela, amarrando suas mãos com uma corda.

O vulto alto reapareceu e Gwenda reconheceu Wulfric. Dessa vez ele carregava um enorme balde de carvalho. Rapidamente, esvaziou o balde na palha em chamas, apagando o fogo. Depois, mudou a posição das mãos no balde e usou-o para desferir um golpe violento no alto da cabeça de Jonah, que ainda estava ajoelhado.

Ele largou Gwenda, que levantou os pulsos e sentiu a corda afrouxar. Wulfric acertou o balde em Jonah pela segunda vez, com mais força. Os olhos de Jonah se fecharam e ele desabou no chão.

Joby apagou as chamas da barba comprimindo a manga da túnica, depois arriou de joelhos, gemendo em agonia.

Wulfric levantou o inconsciente Jonah pela frente da roupa dele.

– Quem é este?

– Seu nome é Jonah. Meu pai queria me vender para ele.

Wulfric arrastou o homem pelo cinto, passou pela porta da frente e o jogou na estrada.

– Ajude-me, por favor. Meu rosto está queimado – balbuciou Joby.

– Ajudá-lo? – disse Wulfric. – Você ateou fogo à minha casa, atacou minha trabalhadora e ainda quer minha ajuda? Saia daqui!

Joby se levantou, gemendo desesperado. Saiu pela porta da frente, cambaleando. Gwenda tentou sentir compaixão por ele, mas não conseguiu. O pouco amor que ainda restava pelo pai fora destruído naquela noite. E, enquanto Joby se afastava, torceu para que ele nunca mais falasse com ela.

Um momento depois, Perkin apareceu, segurando uma vela feita de junco embebido em sebo.

– O que aconteceu? – indagou ele. – Pensei ter ouvido um grito.

Gwenda avistou Annet parada atrás do pai. Foi Wulfric quem respondeu:

– Joby veio até aqui com outro malfeitor. Tentaram levar Gwenda.

Perkin soltou um grunhido.

– Você parece ter resolvido o problema.

– Sem a menor dificuldade.

Wulfric percebeu que ainda segurava o balde e largou-o no chão.

– Está machucado? – perguntou Annet.

– Nem um pouco.

– Precisa de alguma coisa?

– Só quero dormir.

Perkin e Annet perceberam a insinuação e foram embora. Ninguém mais parecia ter ouvido a confusão. Wulfric fechou as portas e olhou para Gwenda, à luz do fogo.

– Como se sente?

– Assustada.

Ela se sentou no banco e apoiou os cotovelos na mesa da cozinha. Wulfric foi até o armário.

– Beba um pouco de vinho para se controlar.

Ele pegou um pequeno barril, pôs na mesa e trouxe dois copos da prateleira. Gwenda ficou subitamente alerta. Poderia ser sua oportunidade? Ela fez um esforço para se controlar. Teria de agir depressa.

Wulfric serviu o vinho nos copos e tornou a guardar o barril no armário. Gwenda tinha apenas um ou dois segundos. Enquanto ele estava de costas, levantou a mão e pegou a pequena bolsa pendurada no pescoço por uma tira de couro. Tirou o frasco da bolsa. Com a mão trêmula, abriu-o e despejou o conteúdo no copo de Wulfric.

Ele se virou no momento em que ela tornava a empurrar a bolsa para dentro do vestido. Gwenda se apalpou, como se estivesse apenas ajeitando a roupa. Um homem típico, ele não percebeu nada. Sentou-se à mesa, na sua frente. Ela pegou seu copo e o ergueu para um brinde.

– Você me salvou, Wulfric. Obrigada.

– Sua mão está tremendo – disse ele. – Foi um choque terrível. – Ambos beberam.

Gwenda especulou quanto tempo levaria para a poção fazer efeito.

– Você me salvou nos campos. Obrigado – disse Wulfric.

Beberam de novo.

– Não sei o que é pior – comentou Gwenda. – Ter um pai como o meu ou não ter pai nenhum como você.

– Lamento por você. Pelo menos eu tenho boas recordações de meus pais.

Pensativo, Wulfric esvaziou seu copo.

– Não costumo beber vinho. Não gosto da sensação de ficar tonto, mas este aqui está delicioso.

Ela o observava atentamente. Mattie Wise dissera que ele se tornaria amoroso. Gwenda procurou pelos sinais. E depois de algum tempo ele passou a fitá-la como se a visse pela primeira vez. E não demorou muito.

– Você tem um rosto bonito. Tem muita bondade nele – murmurou.

Agora ela deveria usar sua astúcia feminina para seduzi-lo. Mas compreendeu, com um sentimento de pânico, que não tinha nenhuma prática naquelas coisas. Mulheres como Annet faziam isso o tempo todo. Mas, quando pensou nas coisas que ela fazia – os sorrisos tímidos, passar a mão pelos cabelos, pestanejar –, descobriu que não podia sequer tentar. Tinha certeza de que se sentiria estúpida.

– Você é gentil – murmurou ela, para ganhar tempo. – Mas seu rosto deixa transparecer algo mais.

– O quê?

– Força. Do tipo que vem não dos grandes músculos, mas da determinação.

– Eu me sinto forte esta noite. – Ele sorriu. – Você disse que nenhum homem seria capaz de cavar mais de 20 acres, mas neste momento sinto que eu poderia.

Gwenda pôs a mão sobre a dele na mesa.

– Aproveite seu descanso agora. Há bastante tempo para cavar.

Wulfric contemplou a mão pequena de Gwenda sobre a sua.

– Nossas peles têm cores diferentes – disse ele, como se descobrisse um fato espantoso. – A sua é marrom, a minha é rosada.

– Peles diferentes, cabelos diferentes, olhos diferentes. Como seriam nossos bebês?

Wulfric sorriu ao pensamento. Depois, sua expressão mudou, ao compreender que havia alguma coisa errada com o que ela dissera. Seu rosto foi abruptamente tomado por uma expressão solene. A mudança poderia ser cômica se Gwenda não estivesse tão preocupada com os sentimentos de Wulfric por ela.

– Não teremos bebês – disse ele, peremptório.

Wulfric retirou a mão.

– Não vamos pensar nisso – murmurou Gwenda, desesperada.

– Você às vezes não deseja... – A voz definhou.

– O quê?

– Não deseja às vezes que o mundo pudesse ser diferente do que é?

Gwenda se levantou, contornou a mesa e se sentou perto dele.

– Não deseje. Estamos a sós e é noite. Você pode fazer tudo o que quiser. – Fitou-o nos olhos. – Tudo.

Wulfric sustentou seu olhar. Ela viu o anseio em seu rosto e compreendeu,

com um sentimento de triunfo, que ele a desejava. Fora necessária uma poção do amor para que o desejo aflorasse, mas era genuíno, com toda a certeza. Naquele momento, Wulfric não queria outra coisa no mundo senão fazer amor com ela. Mesmo assim, ele não tomou a iniciativa.

Gwenda pegou sua mão. Ele não resistiu quando ela a levou aos seus lábios. Acariciou os dedos grandes e ásperos, comprimiu a palma contra sua boca. Beijou-os, para depois lambê-los com a ponta da língua. Comprimiu a mão de Wulfric contra um seio.

A mão se fechou sobre o seio, fazendo com que parecesse muito pequeno. Wulfric entreabriu a boca, e ela percebeu que sua respiração era pesada. Inclinou a cabeça para trás, pronta para ser beijada, mas ele não fez nada.

Gwenda se levantou, tirou o vestido pela cabeça e o jogou no chão. Parou nua na frente de Wulfric, à luz do fogo. Ele a fitava, os olhos arregalados, a boca entreaberta, como se estivesse testemunhando um milagre.

Ela pegou sua mão de novo. Dessa vez, levou-a para a parte macia entre suas coxas. Cobriu o triângulo de cabelos que havia ali. Ela estava tão molhada que o dedo de Wulfric a penetrou sem dificuldade. Soltou um gemido involuntário de prazer.

Mas Wulfric não fazia nada por vontade própria. Gwenda compreendeu que ele estava paralisado pela indecisão. Desejava-a, mas não esquecera Annet. Gwenda poderia usá-lo como um fantoche a noite inteira, talvez até fazer sexo com seu corpo inerte, mas isso não mudaria nada. Precisava que ele tomasse a iniciativa. Ela se inclinou para a frente, ainda com a mão de Wulfric entre suas pernas.

– Beije-me... – murmurou, aproximando o rosto. – Por favor.

A distância entre as bocas era de 2 ou 3 centímetros. Ela não chegaria mais perto; Wulfric teria de fazer o resto.

Subitamente, ele se mexeu. Retirou a mão, virou o rosto e se levantou.

– Isso está errado.

E Gwenda compreendeu que havia perdido.

Lágrimas afloraram aos seus olhos. Ela pegou o vestido no chão e o suspendeu na sua frente, escondendo a nudez.

– Desculpe – balbuciou Wulfric. – Eu não deveria ter feito essas coisas. Não

queria enganá-la. Fui cruel.

Não, não foi, pensou Gwenda. Eu é que fui cruel. Eu é que o enganei. Mas você foi forte demais. É um homem leal, um homem fiel. Bom demais para mim.

Mas ela não disse nada.

Wulfric ainda se recusava a fitá-la quando disse:

– Você deve ir para o estábulo agora. Trate de dormir. Vamos nos sentir diferentes pela manhã. Tudo vai estar certo amanhã.

Gwenda saiu correndo pela porta dos fundos, sem se dar o trabalho de se vestir. O luar iluminava tudo, mas não havia ninguém para vê-la, e, de qualquer maneira, ela não se importava. Alcançou o estábulo em segundos.

Na extremidade do prédio de madeira havia um jirau, com palha sempre limpa. Era ali que ela arrumava sua cama todas as noites. Subiu a escada e jogou-se na palha, desesperada demais para se incomodar com as espetadelas em seu corpo nu. E desatou a chorar de desapontamento e vergonha.

Quando finalmente se acalmou, levantou-se e pôs o vestido, depois se envolveu com uma manta. Ao fazê-lo, teve a impressão de ouvir passos lá fora. Olhou por uma fresta na parede de taipa.

A lua estava quase cheia e ela podia ver com clareza. Wulfric estava lá fora. Encaminhou-se para a porta do estábulo. O coração de Gwenda disparou. Talvez ainda não tivesse acabado. Mas ele hesitou na entrada, depois se afastou. Voltou até a porta da cozinha, parou, retornou ao estábulo, voltou de novo para a casa.

Gwenda observou-o andar de um lado para outro, o coração batendo forte, mas não fez nada. Já fizera tudo o que podia para encorajá-lo. Ele teria de dar o último passo por sua própria iniciativa.

Wulfric ficou parado na porta da cozinha, seu corpo delineado pelo luar, uma linha prateada descendo dos cabelos às botas. Ela viu claramente quando ele enfiou a mão por dentro da calça. Sabia o que estava acontecendo: já vira seu irmão mais velho fazer a mesma coisa. Ouviu Wulfric gemer enquanto realizava o movimento que imitava o ato de amor. E continuou a admirá-lo, lindo ao luar, desperdiçando seu desejo... e sentiu que seu coração se partia.

20

Godwyn entrou em ação contra Carlus Cego no sábado anterior ao aniversário de nascimento de Santo Adolfo.

Naquele domingo, como em todos os anos, era celebrada uma missa especial na catedral de Kingsbridge. Os ossos do santo eram levados pela catedral enquanto todos os monges seguiam a procissão. Rezavam por bom tempo para a colheita.

Como sempre, era função de Godwyn preparar a catedral para o serviço – pôr as velas em seus lugares, aprontar o incenso, mudar as posições dos móveis – com a ajuda de noviços e empregados, como Philemon. A festa de Santo Adolfo exigia um altar secundário: uma mesa de madeira toda lavrada, sobre uma plataforma, que podia ser transferida de um lado para outro conforme necessário. Godwyn instalou esse altar no lado leste da interseção. Instalou em cima um par de castiçais de ouro e prata. Ao fazê-lo, refletiu sobre a situação, ansioso.

Agora que persuadira Thomas a ser candidato na eleição para prior, seu próximo passo era eliminar a oposição. Carlus devia ser um alvo fácil, mas, de certa forma, isso era uma desvantagem, pois Godwyn não queria parecer insensível.

Ele ajeitou no centro do altar uma cruz de relicário: um crucifixo incrustado de ouro e pedras preciosas com um núcleo de madeira da Verdadeira Cruz. Era mesmo a madeira sobre a qual Cristo fora morto, milagrosamente encontrada havia mil anos por Helena, a mãe de Constantino, o Grande. Alguns fragmentos tinham achado o caminho de várias igrejas por toda a Europa.

Enquanto arrumava os ornamentos no altar, Godwyn avistou madre Cecilia ali perto e interrompeu o trabalho para falar com ela.

– Soube que o conde Roland já recuperou a razão – disse. – Louvado seja Deus.

– Amém. A febre persistiu por tanto tempo que receamos por sua vida. Algum humor nocivo deve ter entrado em seu cérebro depois da fratura do crânio. Nada do que ele dizia fazia sentido. Até que esta manhã, quando acordou, ele passou a falar normalmente.

– Você o curou.

– Deus o curou.

– Ainda assim, ele deve ser grato a você.

Madre Cecilia sorriu.

– Você é jovem. Aprenderá que os homens de poder nunca demonstram gratidão. Qualquer coisa que lhes dermos aceitam como se fosse seu direito.

A condescendência deixou Godwyn contrariado, mas ele escondeu sua irritação.

– Seja como for, podemos agora, finalmente, realizar a eleição para prior.

– Quem vai ganhar?

– Dez monges prometeram votar em Carlus e apenas sete em Thomas. Com os votos dos próprios candidatos, teríamos onze contra oito. Seis ainda não se comprometeram.

– Portanto, qualquer um pode ganhar.

– Mas Carlus está em vantagem. Thomas poderia ganhar se contasse com seu apoio, madre Cecilia.

– Não tenho direito a voto.

– Mas tem influência. Se dissesse que o mosteiro precisa de um controle mais rigoroso e de alguma reforma, e que acha que Thomas teria mais probabilidade de fazer isso, influenciaria alguns dos indecisos.

– Não devo tomar partido.

– Talvez não. Mas poderia dizer que não continuará a subsidiar os monges se não cuidarem melhor de seu dinheiro. O que poderia haver de errado nisso?

Os olhos de madre Cecilia faiscavam de divertimento; não se deixava persuadir com tanta facilidade.

– Seria uma mensagem cifrada de apoio a Thomas.

– É verdade.

– Sou absolutamente neutra. Terei o maior prazer em trabalhar com quem os monges escolherem. E esta é minha última palavra, irmão.

Ele baixou a cabeça, deferente.

– Respeito sua decisão, é claro.

Cecilia assentiu e se afastou.

Godwyn estava satisfeito. Nunca esperara que madre Cecilia apoiasse Thomas. Ela era conservadora. Todos presumiam que era favorável a Carlus. Mas Godwyn poderia agora espalhar a notícia de que ela ficaria contente com qualquer um dos dois candidatos. Para todos os efeitos, minara o apoio implícito a Carlus. Madre Cecilia poderia até se irritar ao saber como ele usava suas palavras, mas nunca retiraria sua declaração de neutralidade.

Sou muito esperto, pensou ele, mereço realmente ser o prior.

Neutralizar Cecilia era útil, mas não seria o suficiente para esmagar Carlus. Godwyn precisava dar aos monges uma demonstração inequívoca de como Carlus era incompetente para dirigi-los. E aguardava ansioso por uma oportunidade.

Carlus e Simeon se encontravam na catedral agora, ensaiando o serviço. Carlus era o prior em exercício, por isso tinha de liderar a procissão, carregando o relicário de marfim e ouro que continha os ossos do santo. Simeon, o tesoureiro e companheiro de Carlus, mantinha-se ao lado dele. Godwyn observou que Carlus contava os passos para poder fazer tudo sem ajuda. A congregação ficava impressionada quando ele circulava sozinho e confiante, apesar da deficiência: parecia um pequeno milagre.

A procissão sempre começava na extremidade leste da catedral, onde as relíquias eram guardadas, sob o altar-mor. O prior abriria o armário e tiraria o relicário. Seguiria pela passagem ao norte do coro, viraria no transepto norte, desceria pela passagem norte, atravessaria a extremidade oeste e avançaria pelo centro da nave até a interseção. Ali, subiria dois degraus para pôr o relicário no segundo altar, que Godwyn já instalara na posição. As relíquias sagradas permaneceriam nesse altar ao longo do serviço para que a congregação pudesse olhá-las.

Ao correr os olhos pela igreja, Godwyn fixou-se nos reparos na passagem sul do coro. Adiantou-se para verificar o andamento das obras. Merthin não estava

mais envolvido, pois fora despedido por Elfric, mas seu método de surpreendente simplicidade ainda era usado. Em vez das dispendiosas formas de madeira para sustentar as pedras enquanto a argamassa se consolidava, cada pedra era mantida no lugar por uma simples corda, que passava pela beirada comprida da pedra assentada e era pressionada para baixo pelo peso de outra pedra, amarrada na extremidade. O sistema não podia ser usado para construir as armações da abóbada, que eram formadas por pedras longas e estreitas, fixadas nas extremidades, o que exigia o uso de formas. Apesar disso, no entanto, Merthin poupara ao priorado uma pequena fortuna em carpintaria.

Godwyn reconhecia a genialidade de Merthin, mas ainda se sentia apreensivo com ele e preferia trabalhar com Elfric. Sempre poderia contar com o mestre como um instrumento dócil, que jamais criaria problemas. Merthin, por sua vez, preferia seguir o próprio caminho.

Carlus e Simeon se retiraram. A catedral estava pronta para o serviço. Godwyn despachou os homens que o ajudaram, exceto Philemon, que varria o chão da interseção.

Por um momento, eles eram as únicas pessoas na catedral.

Era a oportunidade que Godwyn aguardava. O plano, apenas meio formulado, aflorou então completo em sua mente. Ele ainda hesitou, pois era um risco terrível. Mas decidiu entrar no jogo. Chamou Philemon e disse:

– Depressa! Ponha a plataforma um metro à frente.



Durante a maior parte do tempo, a catedral era apenas um local de trabalho para Godwyn. Era um espaço a ser usado, um prédio a ser consertado, uma fonte de receita e ao mesmo tempo um fardo financeiro. Mas, numa ocasião como aquela, sua majestade era renovada. As chamas das velas dançavam, seus reflexos faiscando no ouro dos castiçais; os monges e as freiras em seus hábitos pareciam flutuar entre os antigos pilares de pedra; e as vozes do coral se elevavam para a alta abóbada. Não era de admirar que a multidão de centenas de pessoas mantivesse um silêncio respeitoso.

Carlus liderava a procissão. Enquanto os monges e as freiras cantavam, ele

abriu o compartimento sob o altar-mor – trabalhando pelo tato – e tirou o relicário incrustado com marfim e ouro. Ergueu-o e começou a marchar pela catedral. Era a própria imagem de um santo inocente, com sua barba branca e os olhos que nada viam.

Será que cairia na armadilha de Godwyn? Era tão simples que parecia fácil demais. Godwyn, seguindo poucos passos atrás de Carlus, mordeu o lábio e tentou se manter calmo.

A congregação olhava tudo estarrecida. Godwyn nunca deixava de se espantar com a facilidade com que as pessoas podiam ser manipuladas. Não podiam ver os ossos e, se vissem, não poderiam distingui-los de quaisquer outros ossos humanos. Por causa da extravagância dispendiosa da caixa, no entanto, da beleza excepcional do canto, do uniforme dos monges e das freiras e da imponência da arquitetura, que a todos ofuscava, sentiam a presença de alguma coisa sagrada.

Godwyn observava Carlus com toda a atenção. Ao alcançar o ponto médio exato da passagem norte, virou abruptamente para a esquerda. Simeon estava pronto para corrigi-lo se ele desse um passo errado, mas não foi necessário. Melhor assim: quanto mais confiante Carlus se sentisse, maior seria a probabilidade de errar no momento crucial.

Sempre contando os passos, Carlus marchou para o centro exato da nave. Tornou a se virar, seguindo direto para o altar. Essa foi a deixa para que o canto cessasse, e a procissão continuou num silêncio reverente. Carlus fizera aquele percurso várias vezes por ano durante a maior parte de sua vida. Fazia agora como o líder da procissão, o que deveria deixá-lo um pouco tenso, mas aparentava calma, e o movimento quase imperceptível dos lábios era o único sinal de que contava. Mas Godwyn providenciara para que sua contagem saísse errada. Carlus bancaria o tolo? Ou encontraria alguma forma de se recuperar?

A congregação recuava, apavorada, à passagem dos ossos sagrados. Tocar no relicário poderia produzir milagres, todos sabiam, mas também acreditavam que qualquer desrespeito demonstrado às relíquias acarretaria consequências desastrosas. Os espíritos dos mortos estavam sempre presentes, velando por seus restos mortais enquanto esperavam pelo Dia do Juízo Final, e aqueles que haviam levado uma santa vida possuíam poderes quase ilimitados de

recompensar ou punir os vivos.

O pensamento passou pela mente de Godwyn: Santo Adolfo poderia ficar insatisfeito com ele pelo que estava prestes a acontecer na catedral de Kingsbridge. Ele estremeceu com um terror momentâneo. Mas logo se tranquilizou com o argumento de que agia pelo bem do priorado que abrigava os ossos sagrados e que o sábio santo, capaz de ver nos corações dos homens, compreenderia que era melhor assim.

Carlus Cego passou a andar mais devagar ao se aproximar do altar, mas seus passos mantiveram a mesma distância. Godwyn prendeu a respiração. Carlus pareceu hesitar ao subir o degrau que deveria, pelos seus cálculos, levá-lo quase à plataforma em que estava o altar. Godwyn o observou, impotente agora, temendo alguma mudança de último minuto na rotina.

Depois, confiante, Carlus estendeu a perna.

O pé esbarrou na beira da plataforma um metro antes do que ele esperava. No silêncio, o som da sandália na madeira oca ressoou alto. Ele deixou escapar um grito de choque e medo. O impulso o projetou para a frente.

O coração de Godwyn exultou num ímpeto de triunfo, mas durou apenas um instante antes que o desastre ocorresse.

Simeon se adiantou para segurar o braço de Carlus, mas já era tarde demais. O relicário voou das mãos dele. A multidão soltou uma exclamação coletiva de horror. O precioso relicário bateu no chão de pedra e se abriu, os ossos do santo se espalhando. Carlus caiu em cima do altar de madeira lavrada, empurrando-o para trás da plataforma. Os castiçais e outros ornamentos caíram no chão.

Godwyn ficou horrorizado. Aquilo era muito pior do que tencionava. O crânio do santo rolou pelo chão e foi parar aos pés de Godwyn.

Seu plano dera certo, mas de uma forma exagerada. Queria que Carlus caísse e parecesse impotente, mas não que os restos mortais do santo fossem profanados. Horrorizado, ele fitava o crânio à sua frente, com a sensação de que os olhos vazios o observavam em acusação. Que terrível punição se abateria sobre ele?

Poderia algum dia se redimir daquele crime?

Como já esperava por um incidente, ele ficou um pouco menos chocado do que todos os outros e foi o primeiro a recuperar o controle. Parado diante dos

ossos, levantou os braços para o alto e gritou, acima da algazarra:

– Todos ajoelhados! Devemos rezar!

As pessoas na frente da multidão se ajoelharam e as outras seguiram o exemplo. Godwyn iniciou uma oração familiar e os religiosos o acompanharam. Enquanto o canto preenchia a catedral, ele endireitou o relicário, que parecia intacto. Depois, com uma lentidão teatral, pegou o crânio com as duas mãos. Tremia da cabeça aos pés, num medo supersticioso, mas conseguiu segurá-lo com firmeza. E, enunciando as palavras latinas da oração, levou o crânio até o relicário e o depositou com todo o cuidado ali.

Ele viu que Carlus fazia esforço para se levantar. Apontou para duas freiras.

– Ajudem o subprior a ir para o hospital. Irmão Simeon, madre Cecilia, podem acompanhá-lo?

Godwyn pegou outro osso. Estava assustado, sabendo que era mais culpado do que Carlus pelo que acontecera, mas suas intenções haviam sido puras e ainda esperava abrandar o santo. Ao mesmo tempo, sabia que suas ações deviam parecer boas aos olhos de todos os presentes, pois assumira o comando num momento de crise, como um autêntico líder.

Mas não podia permitir que aquele momento de reverência e horror durasse tempo demais. Tinha de recolher os ossos mais depressa.

– Irmão Thomas, irmão Theodoric, venham me ajudar.

Philemon adiantou-se, mas Godwyn acenou para que ele recuasse: não era um monge, e só os homens de Deus podiam tocar nos ossos sagrados.

Carlus deixou a catedral, ajudado por Simeon e Cecilia. Assim, Godwyn tornou-se o líder incontestável da situação.

Chamou Philemon e outro servidor, Otho, e ordenou que endireitassem o altar. Ajeitaram-no na plataforma. Otho pegou os castiçais e Philemon, o crucifixo com pedras preciosas. Puseram tudo no altar, reverentes, depois recolheram as velas espalhadas pelo chão.

Com todos os ossos em mãos, Godwyn tentou fechar a tampa do relicário. Mas ela entortara e não se ajustava direito. Então fez o melhor que podia nas circunstâncias e pôs o relicário assim mesmo no altar, cerimonioso.

Godwyn lembrou, bem a tempo, que sua intenção era destacar Thomas, não ele próprio, como o possível líder do priorado... por enquanto. Pegou o livro que

Simeon carregava e entregou-o a Thomas. Não era preciso dizer a Thomas o que fazer. Ele abriu o livro, encontrou a página correta e leu o versículo. Os monges e as freiras formaram filas nos lados do altar e Thomas os conduziu no canto do salmo.

E, de alguma forma, levaram o serviço até o final.



Godwyn começou a tremer de novo assim que deixou a catedral. Fora quase um desastre, mas ele parecia ter conseguido escapar impune.

Os monges desataram a conversar, muito excitados, assim que a procissão alcançou o claustro e se dispersou. Godwyn se encostou num pilar, fazendo um esforço para recuperar o controle. Ficou escutando os comentários dos monges. Alguns achavam que a profanação das relíquias era um sinal de que Deus não queria que Carlus Cego se tornasse o prior – a reação que Godwyn esperava. Para sua consternação, no entanto, a maioria expressava compaixão. Não era isso que Godwyn queria. Ele compreendeu que poderia ter proporcionado a Carlus o benefício de uma reação favorável.

Respirou fundo e seguiu apressado para o hospital. Precisava encontrar Carlus enquanto o homem ainda se sentia desmoralizado, antes que tomasse conhecimento da reação dos monges.

Encontrou o subprior sentado numa cama, com um braço numa tipoia e uma bandagem em torno da cabeça. Estava pálido e parecia abalado, o rosto se alterando em contrações nervosas a todo instante. Simeon estava sentado ao seu lado. E foi este quem lançou um olhar indignado para Godwyn.

– Suponho que você esteja satisfeito – comentou.

Godwyn o ignorou.

– Irmão Carlus, ficará contente em saber que as relíquias do santo foram colocadas no lugar apropriado, com hinos e orações. O santo com certeza perdoará a todos nós por esse trágico acidente.

Carlus balançou a cabeça.

– Não há acidentes. Tudo é determinado por Deus.

As esperanças de Godwyn aumentaram. Aquela declaração era promissora.

Os pensamentos de Simeon seguiram pela mesma linha e ele tentou conter Carlus.

– Não diga nada precipitado, irmão.

– É um sinal – insistiu Carlus. – Deus nos disse que não quer que eu seja o prior.

Era isso que Godwyn esperava.

– Isso é um absurdo – reagiu Simeon.

Ele pegou uma taça na mesa ao lado da cama. Godwyn adivinhou que continha vinho quente e mel, a receita de madre Cecilia para a maioria das doenças. Simeon pôs a taça na mão de Carlus.

– Beba.

Carlus bebeu, mas não se desviou de seu tema.

– Seria um pecado ignorar esse presságio.

– Os presságios não são facilmente interpretados – protestou Simeon.

– Talvez não. Mas, mesmo que você esteja certo, os irmãos votarão em quem não é capaz de carregar as relíquias do santo sem deixá-las cair?

– Alguns podem ser levados a apoiá-lo por compaixão – interveio Godwyn – em vez de se sentirem compelidos a rejeitá-lo.

Simeon lhe lançou um olhar perplexo, sem entender aonde ele queria chegar. E tinha razão em se sentir desconfiado. Godwyn bancava o advogado do diabo porque queria de Carlus mais do que vagas expressões de dúvida. Conseguiria arrancar-lhe a retirada definitiva de sua candidatura?

– Um homem deve ser eleito prior porque os irmãos o respeitam e acreditam que ele pode liderá-los com sabedoria, não por compaixão – argumentou Carlus.

Falou com a convicção amarga de uma vida inteira de deficiência física.

– Suponho que tenha razão nesse ponto – disse Godwyn, com uma relutância simulada, como se a admissão lhe fosse arrancada contra a vontade. Ele decidiu assumir um risco e acrescentou: – Mas talvez Simeon esteja certo e você deva adiar qualquer decisão final até se recuperar.

– Sinto-me tão bem quanto sempre estarei. – Carlus recusava-se a admitir qualquer fraqueza na presença do jovem Godwyn. – Nada vai mudar. Eu me sentirei amanhã como me sinto hoje. Não serei candidato na eleição para prior.

Eram essas as palavras que Godwyn aguardava. Levantou-se abruptamente e

inclinou a cabeça, como que em reconhecimento. Depois virou o rosto, com medo de deixar transparecer seu sentimento de triunfo.

– Foi muito claro, como sempre, irmão Carlus. Comunicarei seu desejo aos outros monges.

Simeon abriu a boca para protestar, mas foi impedido pelo súbito aparecimento de madre Cecilia, que veio da escada e entrou no aposento.

– O conde Roland exige a presença do subprior – anunciou ela. – Ameaça sair da cama para vir lhe falar, mas não deve se mexer, pois seu crânio ainda não sarou por completo. Mas o irmão Carlus também não pode se mexer.

Godwyn olhou para Simeon.

– Nós iremos – disse.

Os dois subiram a escada juntos.

Godwyn se sentia bem. Carlus nem mesmo desconfiava de que caíra numa armadilha. Retirara-se da competição por iniciativa própria, deixando Thomas como o único candidato. E Godwyn poderia eliminar Thomas quando quisesse.

O plano tivera um sucesso espantoso... até agora.

O conde Roland estava deitado de costas, a cabeça toda enfaixada, mas mesmo assim ainda conseguia parecer um homem de poder. O barbeiro devia tê-lo visitado, pois tinha a barba feita e os cabelos pretos – a parte que não se encontrava coberta pela bandagem – haviam sido aparados com todo o cuidado. Usava uma túnica púrpura curta e o novo calção que entrara na moda: uma perna pintada de amarelo, a outra, de vermelho. Apesar de estendido na cama, usava um cinto com uma adaga e botas de couro de cano curto. O filho mais velho, William, e a nora, Philippa, estavam de pé ao lado da cama. Seu jovem secretário, padre Jerome, em traje sacerdotal, se sentava a uma escrivaninha próxima, com penas, pergaminhos e cera de lacre à espera.

A mensagem era evidente: o conde retomara o comando.

– O subprior não veio? – perguntou ele, a voz clara e firme.

Godwyn tinha a mente mais ágil que Simeon e apressou-se em responder:

– O subprior Carlus sofreu uma queda e está acamado aqui no hospital, milorde. Sou o sacristão, Godwyn, e este é o tesoureiro, Simeon. Agradecemos a Deus por sua milagrosa recuperação, pois Ele guiou as mãos dos monges médicos que o assistiram.

– Foi o barbeiro quem consertou minha cabeça quebrada – declarou Roland. – Agradeçam a ele.

Como o conde estava deitado, olhando para o teto, Godwyn não podia ver seu rosto direito, mas teve a impressão de que a expressão do conde era curiosamente vazia e especulou se o ferimento causara alguma lesão permanente.

– Tem tudo de que precisa aqui para se sentir confortável? – indagou.

– Se eu não tiver, você saberá em breve. Agora, preste atenção. Minha sobrinha Margery vai se casar com o filho mais novo de Monmouth, Roger. Presumo que já sabe disso.

– Sei.

Godwyn teve uma súbita lembrança: Margery deitada naquele mesmo quarto, as pernas brancas no ar, fornicando com o primo Richard, o bispo de Kingsbridge.

– O casamento foi indevidamente adiado por causa dos meus ferimentos.

Isso não era verdade, refletiu Godwyn. O desabamento da ponte ocorrera havia apenas um mês. A verdade provável era a que o conde precisava provar que o ferimento não o afetara e que ainda era poderoso, digno de uma aliança com o conde de Monmouth. Roland continuou:

– O casamento será realizado na catedral de Kingsbridge daqui a três semanas.

A rigor, o conde deveria fazer um pedido, não dar uma ordem. O prior eleito poderia se irritar com sua arrogância, mas não havia prior, é claro. De qualquer forma, Godwyn não pôde achar qualquer razão para que Roland não tivesse seu desejo atendido.

– Está certo, milorde. Tomarei todas as providências necessárias.

– Quero que o novo prior assuma a tempo para o serviço – declarou o conde. Simeon soltou um grunhido de surpresa.

Godwyn concluiu no mesmo instante que a precipitação convinha muito bem a seus planos.

– Não há problema. Havia dois candidatos, mas hoje o subprior Carlus retirou seu nome da disputa. Com isso, restou apenas o irmão Thomas, o matriculário. Podemos realizar a eleição assim que milorde desejar.

Ele mal podia crer em sua sorte. Simeon compreendeu que a derrota era iminente.

– Espere um pouco – disse ele.

Mas Roland não estava escutando.

– Não quero Thomas.

Godwyn não esperava por isso.

Simeon sorriu, satisfeito pela comutação da pena no último minuto. Chocado, Godwyn murmurou:

– Mas, milorde...

Roland não permitiu que ele o interrompesse:

– Chame meu sobrinho, Saul Whitehead, de St.-John-in-the-Forest.

O coração de Godwyn foi dominado por um mau presságio. Saul era seu contemporâneo. Quando noviços, haviam sido amigos. Foram juntos para Oxford... mas ali haviam se afastado. Saul se tornara mais devoto e Godwyn, mais secular. Saul era agora o competente prior da remota célula de Saint John. Levava muito a sério a virtude monástica da humildade e nunca apresentaria a própria candidatura. No entanto, era inteligente, devoto e apreciado por todos.

– Mande-o vir para cá o mais depressa possível – acrescentou Roland. – Vou indicá-lo para próximo prior de Kingsbridge.

21

Merthin estava sentado no telhado da igreja de Saint Mark, na parte norte de Kingsbridge. Dali podia ver toda a cidade. A sudeste, uma curva do rio aninhava o priorado. Um quarto da cidade era ocupado pelos prédios do priorado e pelos terrenos ao redor, como o cemitério, o pátio do mercado, o pomar, a horta... com a catedral erguendo-se no meio de tudo, como um carvalho em meio a urtigas. Ele podia ver os empregados do priorado colhendo legumes na horta, cuidando dos animais no estábulo, descarregando barris de uma carroça.

O centro da cidade era o distrito dos ricos, em particular a rua principal, que subia pela encosta desde o rio, como os primeiros monges também deviam ter subido, havia centenas de anos. Vários mercadores ricos, identificáveis pelas cores vibrantes de seus casacos de lã, caminhavam determinados pela rua: os mercadores pareciam estar sempre muito ocupados. Outra via larga, a rua alta, corria de oeste para leste através do centro da cidade, cruzando a rua principal em ângulo reto perto do canto noroeste do priorado. Podia ver naquela esquina o telhado extenso da casa da guilda, o maior prédio da cidade fora do priorado.

Na rua principal, ao lado da Bell, Merthin podia ver os portões do priorado. A casa de Caris, mais alta do que a maioria, ficava no outro lado. Na frente da Bell havia uma multidão reunida em torno do frei Murdo. O frade, que não parecia ligado a qualquer ordem religiosa, permanecera em Kingsbridge depois do desabamento da ponte. As pessoas chocadas e desconsoladas eram bastante suscetíveis a seus sermões emocionais de beira de estrada e ele ganhava muitas moedas de um quarto e de meio *penny*. Merthin achava que Murdo não passava de uma fraude, que sua ira santa era simulada e as lágrimas eram uma cobertura para o cinismo e a ganância... mas Merthin pertencia à minoria nesse ponto.

No fundo da rua principal, os tocos das colunas da ponte ainda se projetavam

da água. Ao lado, a barcaça de Merthin atravessava o rio com uma carroça cheia de troncos de árvores. A sudoeste ficava o setor industrial, onde prédios grandes, em terrenos enormes, abrigavam abatedouros, curtumes, cervejarias, padarias, oficinas de todos os tipos... um lugar malcheiroso e sujo, na opinião dos cidadãos mais eminentes da cidade, mas mesmo assim um distrito em que circulava muito dinheiro. O rio se alargava ali, dividido em dois canais, nos lados da ilha dos Leprosos. Merthin avistou Ian Boatman remando sua pequena embarcação para a ilha. Seu passageiro era um monge, provavelmente levando comida para o único leproso que ainda vivia na ilha. A margem sul do rio era ocupada por cais e armazéns, com balsas e barcaças sendo carregadas e descarregadas em vários deles. Mais além ficava o subúrbio de Newtown, com fileiras de casas pobres estendendo-se entre pomares, pastos e hortas, onde empregados do priorado produziam alimentos para monges e freiras.

A parte norte da cidade, onde ficava Saint Mark, era o distrito dos pobres. A igreja era cercada por casas amontoadas de trabalhadores braçais, viúvas, fracassados e velhos. Era uma igreja pobre... o que era uma sorte para Merthin.

Quatro semanas antes, um desesperado padre Joffroi contratara Merthin para construir um guincho e consertar o telhado. Caris persuadira Edmund a emprestar o dinheiro para Merthin comprar as ferramentas. Merthin contratara um rapaz de 14 anos, Jimmie, para trabalhar em troca de meio *penny* por dia. E hoje o guincho ficara pronto.

De alguma forma, espalhara-se a notícia de que Merthin ia experimentar um novo engenho. Todos haviam se impressionado com o sistema de sua barcaça e agora sentiam-se fascinados em ver o que ele inventara dessa vez. Uma pequena multidão se reunira no cemitério, a maioria ociosos que não tinham mais nada para fazer, mas lá estavam também o padre Joffroi, Caris e Edmund, além de alguns construtores da cidade, inclusive Elfric. Se Merthin fracassasse hoje, seria na presença de amigos e inimigos.

E isso não era o pior. Aquele serviço evitara a necessidade de Merthin deixar a cidade em busca de trabalho. Mas esse destino ainda o ameaçava. Se o guincho não funcionasse direito, as pessoas concluiriam que contratar Merthin dava azar. Diriam que os espíritos não o queriam na cidade. Aumentaria a pressão para que ele fosse embora. Teria de se despedir de Kingsbridge... e de Caris.

Ao longo das últimas quatro semanas, enquanto preparava a madeira e montava as peças do guincho, pensara a sério, pela primeira vez, na possibilidade de perdê-la, e isso o deixara consternado. Compreendera que Caris era toda a alegria em seu mundo. Se o tempo estava bom, Merthin gostava de passear ao sol com ela; se via alguma coisa bonita, queria lhe mostrar; se ouvia alguma coisa engraçada, seu primeiro pensamento era contar-lhe, para vê-la sorrir. O trabalho lhe proporcionava prazer, ainda mais quando encontrava soluções criativas para problemas difíceis, mas era uma satisfação fria e cerebral, e ele sabia que sua vida seria um longo inverno sem Caris.

Ele se levantou. Chegara o momento de testar sua habilidade.

Havia construído um guincho normal, com uma característica inovadora. Como todos os guinchos, tinha uma corda que passava por uma série de roldanas. Em cima da parede da igreja, na beira do telhado, Merthin erguera uma estrutura de madeira como uma forca, com um braço que se projetava através do telhado. A corda estendia-se até a extremidade desse braço. Na outra ponta da corda, no cemitério, havia uma roda dentada que enrolava a corda, operada pelo garoto Jimmie. Tudo isso era o padrão. A inovação era o fato de a forca incluir um suporte giratório, para que o braço pudesse ser deslocado.

Para se salvar do destino de Howell Tyler, Merthin tinha uma cinta por baixo dos braços, presa a um resistente pináculo de pedra: se caísse, não cairia muito. Assim protegido, ele removera as telhas de ardósia de uma seção do telhado e depois amarrara a corda do guincho numa viga.

– Vire a roda! – gritou para Jimmie. E prendeu a respiração. Tinha certeza de que daria certo, não podia ser de outra forma. Mas mesmo assim aquele era um momento de enorme ansiedade.

Jimmie, dentro do engenho da roda no cemitério, começou a andar. A roda só podia virar numa direção. Havia um freio pressionando os dentes assimétricos: um lado de cada dente tinha uma inclinação suave, de tal forma que o freio subia gradativamente. Mas o outro lado era vertical. Assim, qualquer movimento de reversão era contido no mesmo instante.

Enquanto a roda virava, a viga foi sendo levantada.

Quando a viga ficou a certa distância da estrutura do telhado, Merthin gritou:

– Pare!

Jimmie parou, o freio se encaixando de forma automática. A viga pairou no ar, balançando gentilmente. Até ali, tudo bem. Era na próxima parte que as coisas podiam dar errado.

Merthin virou o guincho para deslocar o braço. Observou o movimento, prendendo a respiração. Havia novas tensões na estrutura à medida que o peso da carga mudava de posição. A madeira do guincho rangeu. O braço deslocou-se por meio círculo, de sua posição original sobre o telhado para um novo ponto, por cima do cemitério. Houve um murmúrio coletivo de admiração na multidão; ninguém jamais vira um guincho que fosse capaz de virar daquela maneira.

– Pode baixar! – gritou Merthin.

Jimmie acionou o freio, permitindo que a carga descesse, aos solavancos, um ou dois palmos de cada vez, enquanto a roda virava e a corda se desenrolava.

Todos observavam em silêncio. Quando a viga chegou ao chão, houve uma onda de aplausos.

Jimmie soltou a corda que segurava a viga.

Merthin se permitiu um momento de triunfo. Dera certo. Ele desceu a escada. Foi cumprimentado por muitos. Caris o beijou. O padre Joffroi apertou sua mão.

– É uma maravilha – comentou o padre. – Nunca vi nada parecido.

– Ninguém jamais viu – declarou Merthin, orgulhoso. – Eu inventei.

Outros homens se adiantaram para lhe dar os parabéns. Todos se mostravam satisfeitos por estarem entre os primeiros a testemunhar aquele fenômeno... com exceção de Elfric, que observava irritado do fundo da multidão. Merthin o ignorou. Virou-se para o padre Joffroi.

– Nosso acordo foi de que me pagaria se desse certo.

– Com o maior prazer – disse Joffroi. – Devo 8 xelins até agora. E quanto mais cedo eu tiver de pagar pela remoção das outras vigas e a reconstrução do telhado, mais feliz ficarei.

Ele abriu a bolsa presa em sua cintura e tirou algumas moedas de um saquinho de pano.

– Espere um momento! – interveio Elfric. Todos olharam para ele.

– Não pode pagar a esse rapaz, padre Joffroi. Ele não é um carpinteiro qualificado.

Aquilo não podia acontecer, pensou Merthin. Fizera o trabalho – agora era tarde demais para negar o salário. Mas Elfric não se interessava por justiça.

– Não diga bobagem – respondeu Joffroi. – Ele fez o que nenhum outro carpinteiro da cidade podia fazer.

– Mesmo assim, ele não é da guilda.

– Eu queria entrar – disse Merthin. – Não quiseram me admitir.

– Era uma prerrogativa da guilda.

– Eu digo que é injusto – insistiu Joffroi – e tenho certeza de que muitas pessoas na cidade concordam comigo. Ele fez seis anos e meio de aprendizado sem ganhar nada, a não ser comida e um lugar para dormir. Todos sabem que ele vem fazendo há anos o trabalho de um carpinteiro qualificado. Você não deveria tê-lo mandado embora sem as ferramentas a que ele tinha direito.

Houve um murmúrio de concordância dos homens ao redor de Elfric. De modo geral, achavam que o homem tinha ido longe demais.

– Com o devido respeito, essa é uma decisão que cabe à guilda – protestou Elfric.

– Está bem. – Joffroi cruzou os braços. – Diz que não devo pagar a Merthin embora ele seja o único homem na cidade capaz de consertar o telhado de minha igreja sem fechá-la. Pois eu o desafio. – Ele entregou as moedas a Merthin e acrescentou: – Agora pode levar o caso ao tribunal.

– O tribunal do priorado. – O rosto de Elfric contraiu-se de rancor. – Quando um homem tem uma queixa contra um padre, é provável que tenha uma audiência justa num tribunal dirigido pelos monges?

Houve alguns comentários de concordância na multidão. Todos conheciam casos em que o tribunal do priorado favorecera injustamente o clero. Mas Joffroi indagou:

– E um aprendiz teria uma audiência justa numa guilda dirigida pelos mestres?

A multidão riu ao ouvir isso: as pessoas apreciavam os argumentos hábeis. Elfric parecia arrasado. Qualquer que fosse o tribunal, ele poderia ganhar uma disputa com Merthin, mas não poderia prevalecer com a mesma facilidade contra um padre.

– É um péssimo dia para a cidade quando os aprendizes podem desafiar seus

mestres e contar com o apoio dos padres – declarou Elfric, ressentido.

Mas ele compreendeu que perdera. Virou as costas e foi embora. Merthin podia sentir o peso das moedas em sua mão: 8 xelins, 96 *pence* de prata, dois quintos de uma libra. Sabia que deveria contá-las, mas estava feliz demais para se dar esse trabalho. Ganhara seu primeiro salário. Virou-se para Edmund.

– Este dinheiro é seu.

– Pague 5 xelins agora e o resto mais tarde – respondeu Edmund, generoso. – Fique com algum dinheiro. Você merece.

Merthin sorriu. Isso o deixaria com 3 xelins para gastar – mais dinheiro do que já tivera em toda a sua vida. Não sabia o que fazer com ele. Talvez comprasse uma galinha para a mãe.

Era meio-dia e a multidão começou a se dispersar, voltando para almoçar em casa. Merthin foi com Caris e Edmund. Sentia que seu futuro estava seguro. Provara que era um bom carpinteiro e poucas pessoas hesitariam em contratá-lo agora, depois que o padre Joffroi abrira o precedente. Poderia ganhar a vida. Poderia ter sua própria casa.

Poderia se casar.

Petranilla os esperava. Enquanto Merthin contava os 5 xelins para Edmund, ela pôs na mesa um prato de aroma delicioso, peixe assado com ervas. Em comemoração pelo triunfo de Merthin, Edmund serviu um vinho doce do Reno para todos. Mas Edmund não era homem de se ater por muito tempo no passado.

– Precisamos construir a nova ponte – disse, impaciente. – Cinco semanas se passaram sem que nada fosse feito.

– Ouvi dizer que a saúde do conde está voltando rapidamente ao normal – comentou Petranilla. – Assim, talvez os monges realizem a eleição em breve. Devo perguntar a Godwyn, mas não o vejo desde ontem, quando Carlus Cego caiu durante o serviço.

– Eu gostaria de ter um projeto da ponte pronto – disse Edmund. – Nesse caso, o trabalho poderia começar assim que o novo prior fosse eleito.

Merthin ficou alerta no mesmo instante.

– Em que está pensando?

– Sabemos que tem de ser uma ponte de pedra. Quero que seja bastante larga para que duas carroças passem ao mesmo tempo.

Merthin assentiu.

– E deve ter rampas nos dois lados para que as pessoas deixem a ponte em terreno seco, não numa praia lamacenta – prosseguiu ele.

– Excelente ideia.

– Mas como se constroem paredes de pedra no meio de um rio? – perguntou Caris.

– Não tenho a menor ideia, mas deve ser possível – disse Edmund. – Há muitas pontes de pedra.

– Já ouvi homens falarem sobre isso – comentou Merthin. – Você tem de construir uma estrutura especial chamada ensecadeira, a fim de manter a água fora da área em que está construindo. É muito simples, mas dizem que é preciso ter todo o cuidado para garantir que seja mesmo à prova d'água.

Godwyn entrou nesse instante, com uma expressão ansiosa. Não deveria fazer visitas sociais na cidade; em tese, só podia deixar o priorado numa missão específica. Merthin se perguntou o que teria acontecido.

– Carlus retirou sua candidatura da eleição para prior – anunciou Godwyn.

– Boa notícia! – exclamou Edmund. – Tome um vinho conosco.

– Não comemore ainda – murmurou Godwyn.

– Por que não? Isso deixa Thomas como único candidato... e Thomas quer construir a nova ponte. Nosso problema está resolvido.

– Thomas não é mais o único candidato. O conde decidiu indicar Saul Whitehead.

– Hum... – Edmund ficou pensativo. – E isso é ruim?

– É, sim. Muitos gostam de Saul, que tem sido um competente prior em St. John-in-the-Forest. Se ele aceitar a indicação, é provável que receba os votos dos antigos partidários de Carlus e pode vencer. Depois, como indicado do conde, além de primo, Saul pode seguir a orientação de seu patrocinador, e o conde pode se opor à construção da nova ponte, sob a alegação de que talvez desvie negócios do mercado de Shiring.

Edmund mostrou-se preocupado.

– Há alguma coisa que possamos fazer?

– Espero que sim. Alguém tem de ir a Saint John para dar a notícia a Saul e trazê-lo para Kingsbridge. Eu me ofereci para esse serviço. E espero encontrar

alguma maneira de persuadi-lo a recusar.

– Isso pode não resolver o problema – interveio Petranilla.

Merthin passou a ouvi-la com toda a atenção; não gostava de Petranilla, mas sabia que era uma mulher esperta.

– O conde pode indicar outro candidato – acrescentou ela. – E qualquer indicado seu pode se opor à construção da ponte.

Godwyn acenou a cabeça em concordância.

– Por isso, presumindo que conseguirei evitar a candidatura de Saul, devemos providenciar para que a segunda opção do conde seja alguém que não tenha condições de ser eleito.

– Em quem está pensando? – perguntou a mãe.

– Frei Murdo.

– Excelente!

– Mas ele é horrível! – protestou Caris.

– Exatamente por isso – disse Godwyn. – Ele é ganancioso, bêbado, um agitador hipócrita metido a santo. Os monges nunca votariam nele. É por isso que devemos querer que seja o candidato do conde.

Godwyn era como a mãe, compreendeu Merthin, com um enorme talento para aquele tipo de conspiração.

– O que podemos fazer? – indagou Petranilla.

– Primeiro, temos de persuadir Murdo a apresentar sua candidatura.

– Não será difícil. Basta dizer a ele que tem chance. Ele adoraria ser o prior.

– Concordo. Mas eu não poderia fazer isso. Murdo desconfiaria no mesmo instante de meus motivos. Afinal, todo mundo sabe que estou apoiando Thomas.

– Falarei com ele – prometeu Petranilla. – Direi que você e eu temos opiniões diferentes e que não quero Thomas como prior. Direi que o conde procura alguém para indicar e que Murdo pode ser o homem certo. Ele é popular na cidade, especialmente entre os pobres e ignorantes, que acalentam a ilusão de que Murdo é um deles. Tudo o que ele precisa para conseguir a indicação é deixar claro que está disposto a ser o peão do conde.

– Ótimo! – Godwyn se levantou. – Tentarei estar presente quando Murdo conversar com o conde Roland.

Ele beijou o rosto da mãe e saiu. O peixe acabara. Merthin comeu o pão

saboroso. Edmund ofereceu-lhe mais vinho, mas ele recusou: tinha medo de cair do telhado de Saint Mark naquela tarde se bebesse demais. Petranilla foi para a cozinha e Edmund se retirou para dormir um pouco. Merthin e Caris ficaram a sós.

Ele se sentou ao lado de Caris e a beijou.

– Estou muito orgulhosa de você – disse ela.

Ele ficou exultante. Também se orgulhava de si mesmo. Beijou-a de novo, dessa vez um beijo longo e molhado, que o deixou com uma ereção. Acariciou-lhe o seio por cima da roupa, espremendo o mamilo gentilmente com a ponta dos dedos. Caris tocou em sua ereção e riu.

– Quer que eu o acaricie até o fim? – sussurrou ela.

Caris fazia isso às vezes, tarde da noite, depois que Edmund e Petranilla já estavam dormindo e os dois ficavam a sós no andar térreo da casa. Mas agora estavam em plena luz do dia e alguém poderia entrar a qualquer momento.

– Não!

– Posso fazer bem depressa. – Ela o apertou ainda mais.

– Eu fico sem graça.

Merthin se levantou e foi para o outro lado da mesa.

– Desculpe.

– Talvez não tenhamos de fazer isso por muito mais tempo.

– Fazer o quê?

– Ficar nos escondendo, preocupados com a possibilidade de alguém aparecer de repente.

Ela assumiu uma expressão magoada.

– Você não gosta?

– Claro que gosto! Mas seria muito melhor se estivéssemos a sós. Posso ter uma casa, agora que estou ganhando dinheiro.

– Só recebeu pagamento uma vez.

– É verdade, mas você parece pessimista de repente. Eu disse alguma coisa errada?

– Não, mas... por que você quer mudar a maneira como as coisas são agora?

Merthin ficou aturdido com a pergunta.

– Só quero ter mais da mesma coisa... em particular.

Ela o fitou com uma expressão de desafio.

– Estou feliz assim.

– Eu também, mas nada dura para sempre.

– Por que não?

Era como se ele estivesse explicando algo a uma criança.

– Porque nós podemos passar o resto de nossas vidas vivendo com nossos pais e nos beijando furtivamente quando ninguém está olhando. Precisamos de um lar só nosso, viver como marido e mulher, dormir juntos todas as noites e ter sexo de verdade em vez de passar sufoco. Precisamos formar uma família.

– Por quê?

– Não sei por quê – murmurou ele, exasperado. – É isso que acontece, e não tentarei explicar mais nada, porque acho que você está determinada a não compreender... ou pelo menos a fingir que não compreende.

– Está bem.

– E, além do mais, tenho de voltar ao trabalho.

– Então vá.

Era incompreensível. Merthin sentira-se frustrado, durante o último meio ano, por não poder se casar com Caris. Presumira que ela sentia a mesma coisa. Agora, parecia que não era bem assim. Mais do que isso, Caris parecia ressentida com a suposição dele. Mas acreditava mesmo que poderiam continuar naquele relacionamento de adolescentes indefinidamente?

Ele a fitou, tentando ler seu rosto. Viu apenas uma sombria obstinação. Virou-se e cruzou a porta.

Hesitou ao sair para a rua. Talvez devesse voltar e pedir a Caris que explicasse o que estava pensando. Mas, ao recordar a expressão em seu rosto, concluiu que aquele não era o momento de tentar persuadi-la a fazer qualquer coisa. Por isso ele se afastou, seguindo para Saint Mark, pensativo. Como um dia tão maravilhoso podia ter se tornado tão ruim?

22

Godwyn preparava a catedral de Kingsbridge para o grande casamento. Era preciso enfeitá-la o máximo possível. Além do conde de Monmouth e do conde de Shiring, também estariam presentes inúmeros barões e centenas de cavaleiros. Os blocos de pedra quebrados da pavimentação tinham de ser trocados, a alvenaria lascada devia ser reparada, as molduras deviam ser esculpidas de novo, as paredes caiadas, os pilares pintados, tudo limpo e impecável.

– E quero que os reparos no lado sul do coro sejam concluídos – disse Godwyn a Elfric enquanto atravessavam a catedral.

– Não sei se será possível.

– Tem de ser. Não podemos ter andaimes num lado do coro durante um casamento tão importante. – Ele viu Philemon acenar com urgência da porta do transepto sul. – Com licença.

– Não tenho os homens necessários! – gritou Elfric enquanto ele se afastava.

– Nesse caso, não deveria despedi-los com tanta pressa – comentou Godwyn, olhando para trás.

Philemon estava excitado.

– Frei Murdo pediu para falar com o conde!

– Isso é ótimo!

Petranilla falara com Murdo na noite passada, e naquela manhã Godwyn instruíra Philemon a ficar à espreita nas cercanias do hospital, pois esperava uma visita logo cedo.

Ele seguiu apressado para o hospital, com Philemon em sua esteira. Ficou aliviado ao descobrir que Murdo ainda esperava na sala grande do térreo. O gordo frade tentara melhorar sua aparência: lavara o rosto e as mãos, penteara os cabelos em torno da tonsura e removera com uma esponja as manchas piores em

seu hábito. Não parecia um padre, mas quase parecia um monge.

Godwyn o ignorou e subiu a escada. Encontrou o irmão de Merthin, Ralph, montando guarda do lado de fora do quarto do conde, com um de seus escudeiros. Ralph era bonito, exceto pelo nariz quebrado, uma lesão recente. Os escudeiros estavam sempre fraturando ossos.

– Olá, Ralph – disse Godwyn, cordial. – O que aconteceu com seu nariz?

– Tive uma briga com um camponês desgraçado.

– Deveria ter consertado direito. Aquele frade já subiu?

– Já, sim. Pediram que ele esperasse.

– Quem está com o conde?

– Lady Philippa e o secretário, padre Jerome.

– Pergunte se podem me receber.

– Lady Philippa disse que o conde não vai receber ninguém.

Godwyn ofereceu um sorriso de homem para homem.

– Mas ela é apenas uma mulher.

Ralph também sorriu. Abriu a porta e estendeu a cabeça para dentro do quarto.

– Irmão Godwyn, o sacristão.

Houve uma pausa. Depois, lady Philippa saiu do quarto e fechou a porta.

– Eu disse que ele não receberia nenhum visitante! – declarou, irritada. – O conde Roland não vem tendo o descanso de que precisa.

– Eu sei, milady, mas o irmão Godwyn não incomodaria o conde desnecessariamente – retrucou Ralph.

Alguma coisa no tom de voz de Ralph levou Godwyn a fitá-lo. Embora as palavras fossem corriqueiras, sua expressão era de adoração. Godwyn notou nesse momento como Philippa era sensual. Usava um vestido vermelho escuro, apertado na cintura. A lã fina aderia aos seios e quadris. Parecia uma estátua representando a Tentação, pensou Godwyn, e desejou, mais uma vez, que pudesse haver algum meio de banir as mulheres do priorado. Já era terrível que um escudeiro se apaixonasse por uma mulher casada, mas seria uma catástrofe se a mesma coisa acontecesse com um monge.

– Lamento a necessidade de incomodar o conde – disse Godwyn. – Mas há um frade lá embaixo esperando para vê-lo.

– Sei disso. Murdo. O assunto dele é urgente?

– Ao contrário. Mas preciso alertar o conde sobre o que esperar.

– Então já sabe o que o frade vai dizer?

– Creio que sim.

– Nesse caso, acho que seria melhor se os dois falassem com o conde juntos.

– Mas...

Godwyn fingiu que reprimia um protesto. Philippa virou-se para Ralph.

– Diga ao frade para subir, por favor.

Ralph foi chamar Murdo. Philippa conduziu os dois religiosos ao quarto. O conde Roland estava na cama, todo vestido como antes, mas, dessa vez, sentado. Tinha a cabeça enfaixada apoiada em travesseiros de plumas.

– Mas o que é isso? – resmungou ele com seu mau humor habitual. – Uma reunião do capítulo? O que vocês monges querem?

Ao fitá-lo diretamente pela primeira vez desde o desabamento da ponte, Godwyn ficou chocado ao constatar que todo o lado direito do rosto estava paralisado: a pálpebra pendente, a face que mal se mexia, a boca frouxa. O que tornava o fato ainda mais surpreendente era a animação do lado esquerdo. Quando Roland falava, o lado da testa se franzia, o olho esquerdo se arregalava e parecia arder de autoridade. A voz lhe saía veemente pelo canto da boca. O médico em Godwyn ficou fascinado. Sabia que lesões na cabeça podiam ter efeitos imprevisíveis, mas nunca ouvira falar daquela manifestação específica.

– Não fiquem me olhando com essa cara de espanto – disse o conde, impaciente. – Parecem um par de vacas olhando por cima de uma sebe. Expliquem logo o que querem.

Godwyn fez um esforço para se controlar. Tinha de ser muito cuidadoso nos próximos minutos. Sabia que Roland rejeitaria o pedido de Murdo de indicação para ser o novo prior. Mesmo assim, queria incutir na mente de Roland a ideia de Murdo como uma possível alternativa para Saul Whitehead. Portanto, o trabalho de Godwyn era fortalecer a candidatura de Murdo. Faria isso, paradoxalmente, ao levantar objeções ao monge. Dessa maneira, demonstraria ao conde que Murdo não deveria lealdade, pois Roland queria um prior que servisse somente a ele. Mas, por outro lado, Godwyn não poderia protestar com muita veemência, já que não queria que o conde pensasse que Murdo seria um candidato sem

qualquer possibilidade de ser eleito. Era, sem dúvida, um caminho difícil e tortuoso.

Murdo foi o primeiro a falar, com sua sonora voz de púlpito:

– Milorde, vim solicitar que me considere para o cargo de prior de Kingsbridge. Creio...

– Não tão alto, pelo amor de todos os santos! – protestou Roland.

Murdo baixou a voz:

– Milorde, creio que...

– Por que você quer ser prior? – interrompeu-o Roland de novo. – Sempre pensei que, por definição, um frade era um monge sem uma igreja.

Era um ponto de vista antiquado. Originalmente, os frades eram viajantes que não tinham propriedades. Mas agora algumas das ordens fraternais eram tão ricas quanto os monges tradicionais. Roland sabia disso e apenas queria provocá-lo. Murdo deu a resposta-padrão:

– Creio que Deus aceita ambas as formas de sacrifício.

– E agora está disposto a mudar de posição.

– Passei a pensar que os talentos que me foram concedidos poderiam ter melhor utilidade no priorado. Por isso, terei o maior prazer em adotar a regra de São Bento.

– Mas por que eu deveria considerá-lo?

– Também sou um padre ordenado.

– Não há escassez da espécie.

– E tenho adeptos em Kingsbridge e nos campos ao redor. Se permite que eu me gabe, devo ser o mais influente homem de Deus nesta área.

O padre Jerome falou pela primeira vez. Era um jovem confiante. Parecia inteligente, e Godwyn sentiu que devia ser ambicioso.

– É verdade. O frade é bastante popular.

Ele não era popular entre os monges, é claro, mas nem Roland nem Jerome sabiam disso, e Godwyn não tinha o menor interesse em esclarecê-los.

Nem Murdo. Ele inclinou a cabeça e disse, lisonjeiro:

– Agradeço do fundo de meu coração, padre Jerome.

– Ele é popular com a multidão ignorante – interveio Godwyn.

– Como nosso Salvador – respondeu Murdo.

– Os monges devem levar uma vida de pobreza e abnegação – declarou Godwyn.

– As roupas do frade parecem bem pobres – comentou Roland. – Quanto à abnegação, tenho a impressão de que os monges de Kingsbridge comem melhor do que muitos camponeses.

– Frei Murdo tem sido visto bêbado nas tavernas! – protestou Godwyn.

– A regra de São Bento permite que os monges bebam vinho – ressaltou Murdo.

– Só se estão doentes ou trabalhando nos campos.

– Prego nos campos.

Murdo era um oponente formidável numa discussão, notou Godwyn. E ficou contente porque não tinha de ganhar daquela vez. Virou-se para Roland.

– Tudo o que posso dizer é que, como sacristão, eu o aconselho a não indicar Murdo para prior de Kingsbridge.

– Anotei sua posição – disse o conde com frieza.

Philippa lançou um olhar de ligeira surpresa para Godwyn. Ele compreendeu que cedera com muita facilidade. Só que Roland não percebera: não se preocupava com nuances. Mas Murdo ainda não acabara:

– O prior de Kingsbridge deve servir a Deus, é claro, mas em todas as coisas temporais deve ser orientado pelo rei e pelos condes e barões do reino.

Foi tão evidente e direto quanto possível. Murdo poderia muito bem ter dito: “Serei seu homem.” Era uma declaração afrontosa. Os monges ficariam horrorizados. Eliminaria qualquer apoio à candidatura de Murdo que pudesse surgir entre eles. Godwyn não fez qualquer comentário, mas Roland fitou-o com uma expressão inquisitiva.

– Tem alguma coisa a dizer sobre isso, sacristão?

– Tenho certeza de que o frade não quis dizer que o priorado de Kingsbridge deve se sujeitar ao conde de Shiring em qualquer coisa, temporal ou não. Não é mesmo, Murdo?

– Eu disse o que disse – respondeu Murdo com sua voz de púlpito.

– Já chega – resmungou Roland, entediado agora com o jogo. – Estão desperdiçando seu tempo, vocês dois. Minha indicação é Saul Whitehead. Podem se retirar.



St.-John-in-the-Forest era uma versão em miniatura do priorado de Kingsbridge. A igreja era pequena, assim como o claustro e o dormitório construídos de pedras. Os outros prédios eram estruturas simples de madeira. Havia oito monges e nenhuma freira ali. Além das orações e meditações, eles cultivavam a maior parte de seus próprios alimentos e fabricavam um queijo de leite de cabra que era famoso em todo o Sudoeste da Inglaterra.

Godwyn e Philemon viajavam há dois dias. Era final da tarde quando a estrada surgiu da floresta e eles avistaram uma vasta área desmatada, com a igreja no meio. Godwyn compreendeu no mesmo instante que suas apreensões eram procedentes, que não eram exageradas as informações de que Saul Whitehead vinha fazendo um bom trabalho ali. Havia uma aparência de ordem e cuidado em tudo: as sebes aparadas, as valas estreitas, as árvores plantadas a intervalos regulares no pomar, os cereais amadurecendo nos campos sem ervas daninhas. Ele teve certeza de que os serviços eram realizados nas horas certas, com a reverência apropriada. Só lhe restava torcer para que a evidente aptidão de Saul para a liderança não o tivesse deixado ambicioso. Enquanto avançavam pelo caminho entre os campos, Philemon perguntou:

– Por que o conde está tão ansioso em fazer de seu sobrinho o novo prior de Kingsbridge?

– Pela mesma razão pela qual fez com que seu filho mais jovem se tornasse bispo de Kingsbridge – respondeu Godwyn. – Bispos e priores são poderosos. O conde quer ter certeza de que todo homem influente nesta região seja um aliado, não um inimigo.

– Sobre o que eles poderiam brigar?

Godwyn se interessou ao constatar que o jovem Philemon começava a ficar intrigado pelo jogo de xadrez que era a política do poder.

– Terras, tributos, direitos, privilégios... Por exemplo, o prior pode querer construir uma nova ponte em Kingsbridge, a fim de atrair mais negócios para a Feira do Velocino, e o conde pode se opor a esse plano, porque desviaria negócios de sua feira em Shiring.

– Mas não entendo como o prior poderia lutar contra o conde. Um prior não

tem soldados...

– Um sacerdote pode influenciar a massa do povo. Se fizer um sermão contra o conde, ou invocar todos os santos para lhe trazer infortúnio, o povo começará a acreditar que o conde está amaldiçoado. Nesse caso, as pessoas duvidarão de seu poder, desconfiarão de suas intenções e pensarão que todos os seus projetos vão fracassar. Pode ser muito difícil para um nobre se opor a um clérigo realmente determinado. Lembre-se do que aconteceu com o rei Henrique II depois do assassinato de Thomas Becket.

Os dois entraram no pátio da fazenda e desmontaram. Os cavalos foram beber no cocho. A única pessoa por ali era um monge com o hábito levantado removendo a lama de um chiqueiro atrás do estábulo. Godwyn teve certeza de que era um jovem, porque só um jovem poderia fazer um trabalho como aquele.

– Ei, rapaz, venha nos ajudar com os cavalos!

– Já vou!

O monge terminou de limpar o chiqueiro com mais algumas passagens do ancinho. Largou a ferramenta encostada na parede do estábulo e se encaminhou para os visitantes. Godwyn já ia lhe dizer para se apressar quando reconheceu a franja loura de Saul.

Godwyn não podia deixar de desaprovar. Um prior não deveria limpar um chiqueiro. A humildade ostensiva era uma ostentação. Naquele caso, porém, a humildade de Saul poderia ser conveniente a seus propósitos. Ele ofereceu um sorriso cordial a Saul.

– Olá, irmão. Não tinha intenção de dar ordens ao prior para desencilhar meu cavalo.

– Por que não? – indagou Saul. – Alguém tem de fazer isso, e você viajou durante o dia inteiro.

Saul levou os cavalos para o estábulo, avisando enquanto se afastava:

– Os irmãos estão nos campos, mas voltarão para as vésperas. – Ele saiu do estábulo pouco depois. – Vamos para a cozinha.

Os dois nunca haviam sido muito ligados. Godwyn não podia deixar de se sentir censurado pela devoção de Saul. Por sua vez, Saul nunca fora hostil, mas simplesmente fazia as coisas de maneira diferente, com uma suave determinação. Godwyn sempre tinha de tomar cuidado para não se irritar. Agora,

já se sentia estressado.

Godwyn e Philemon seguiram Saul através do pátio e entraram num prédio de um só andar, com um teto alto. Embora fosse de madeira, tinha uma lareira de pedra e uma chaminé. Sentaram num banco tosco, a uma mesa esfregada. Saul encheu duas canecas com a cerveja de um barril grande.

Sentou-se na frente dos dois. Philemon bebeu com sofreguidão, mas Godwyn tomou apenas um gole. Saul não ofereceu comida, e Godwyn calculou que não seria servida antes das vésperas. De qualquer forma, sentia-se tenso demais para comer.

Aquele era outro momento delicado, refletiu ele, ansioso. Tivera de protestar contra a indicação de Murdo de uma maneira que não dissuadisse o conde. Agora, precisava convidar Saul de um jeito que ele não pudesse aceitar. Sabia o que ia dizer, mas tinha de ser do modo certo. Se desse um passo em falso, Saul ficaria desconfiado e depois qualquer coisa poderia acontecer.

Saul não lhe deu tempo para mais preocupações.

– O que o trouxe até aqui, irmão?

– O conde Roland se recuperou.

– Agradeço a Deus.

– Isso significa que podemos realizar a eleição para prior.

– Melhor assim. Não devemos passar mais tempo sem um prior.

– Mas quem deveria ser o novo?

Saul evitou uma resposta direta.

– Já foram apresentados nomes?

– Irmão Thomas, o matriculário.

– Ele seria um bom administrador. Mais ninguém?

Godwyn respondeu com uma meia verdade:

– Não formalmente.

– O que me diz de Carlus Cego? Quando estive em Kingsbridge para o funeral do prior Anthony, o subprior era o principal candidato.

– Ele acha que não é capaz de exercer o cargo.

– Por causa da cegueira?

– Talvez.

Saul não sabia da queda de Carlus durante o serviço do aniversário de Santo

Adolfo. Godwyn decidira não lhe contar.

– Em todo caso, o irmão Carlus pensou e orou muito antes de tomar sua decisão.

– O conde não fez uma indicação?

– Ele tem pensado a respeito. – Godwyn hesitou. – É por isso que estamos aqui. O conde está... considerando a possibilidade de indicá-lo.

Não era de fato uma mentira, pensou Godwyn, apenas uma ênfase enganadora.

– Sinto-me honrado – disse Saul.

Godwyn o estudou e atirou:

– Mas não de todo surpreso, talvez?

Saul corou.

– Perdoe-me. O grande Philip estava no comando aqui em Saint John antes de se tornar o prior em Kingsbridge. Outros seguiram o mesmo caminho. Isso não significa que eu seja tão digno quanto eles, é claro. Mas confesso que o pensamento me passou pela cabeça.

– Não é motivo para se envergonhar. Como se sentiria se fosse indicado?

– Como eu me sentiria? – Saul parecia aturdido. – Por que pergunta isso? Se assim desejar, o conde me indicará, e, se meus irmãos me quiserem, votarão em mim. Considerarei que fui chamado por Deus. Não faz diferença como me sinto.

Não era essa a resposta que Godwyn queria. Precisava que Saul tomasse uma decisão pessoal. Falar na vontade de Deus era contraproducente.

– Não é tão simples assim. Você não precisa aceitar a indicação. Foi por isso que o conde me mandou até aqui.

– Não é típico de Roland perguntar quando pode simplesmente ordenar.

Godwyn quase estremeceu. E disse a si mesmo que não podia esquecer como Saul era astuto. Ele se apressou em recuar:

– Tem toda a razão. Mas, se você acha que pode recusar, ele precisa saber o mais depressa possível para poder indicar outro.

O que devia ser verdade embora Roland não tivesse dito expressamente.

– Não sabia que era assim que se fazia.

E não era mesmo, pensou Godwyn.

– Na última vez, quando o prior Anthony foi eleito, nós dois éramos noviços.

Não sabíamos o que acontecia – explicou ele.

– É verdade.

– Acha que tem capacidade para cumprir as funções de prior de Kingsbridge?

– Claro que não.

– Ahn... – Godwyn simulou desapontamento, embora estivesse contando com a humildade de Saul para que ele desse aquela resposta.

– Mas...

– O quê?

– Com a ajuda de Deus, quem sabe o que se pode fazer?

– É a mais pura verdade.

Godwyn disfarçou sua contrariedade. A resposta humilde fora apenas uma formalidade. A verdade era que Saul achava que estaria à altura do cargo.

– Claro que deve refletir e orar a respeito esta noite.

– Tenho certeza de que não pensarei em outra coisa. – Eles ouviram vozes distantes. Saul acrescentou: – Os irmãos estão voltando do trabalho.

– Podemos conversar de novo pela manhã – sugeriu Godwyn. – Se decidir ser candidato, deve voltar para Kingsbridge conosco.

– Está bem.

Havia um sério risco de Saul aceitar, receou Godwyn. Mas tinha mais uma flecha para disparar.

– Há mais uma coisa em que deve pensar nas suas orações. Um nobre nunca oferece um presente de graça.

Saul mostrou-se preocupado.

– Como assim?

– Condes e barões distribuem títulos, terras, cargos, monopólios... Mas essas coisas sempre têm um preço.

– E neste caso?

– Se você for eleito, Roland esperará recompensas. É primo dele, de qualquer forma, e deverá sua posição a ele. Roland vai esperar que seja sua voz no capítulo, providenciando para que as ações do priorado não interfiram em seus interesses.

– Ele fará com que isso seja uma condição expressa para a indicação?

– Expressa? Não. Mas, quando você voltar comigo para Kingsbridge, ele vai interrogá-lo e as perguntas servirão para que revele suas intenções. Se insistir em ser um prior independente, sem demonstrar qualquer favor especial ao primo e patrocinador, ele indicará outro.

– Eu não tinha pensado nisso.

– Claro que você sempre pode dar as respostas que ele quer ouvir e mudar de ideia depois da eleição.

– Mas isso seria desonesto.

– Alguns pensariam que sim.

– Deus pensaria que sim.

– É mais uma coisa sobre a qual você pode rezar esta noite.

Um bando de jovens monges entrou na cozinha, enlameados dos campos, falando em voz alta. Saul se levantou para servir cerveja a todos, mas a expressão preocupada permaneceu em seu rosto. E ali continuava quando foram todos para a pequena igreja com a cena do Juízo Final pintada na parede por trás do altar. E ainda persistia quando foi servida a última refeição do dia e a fome de Godwyn foi aliviada pelo queijo delicioso que os monges faziam.

Godwyn permaneceu acordado até tarde naquela noite embora sentisse o corpo todo dolorido após dois dias a cavalo. Confrontara Saul com um dilema ético. A maioria dos monges se mostraria disposta a encobrir sua posição durante a conversa com Roland e diria palavras que prometeriam um grau de subserviência muito maior do que era tencionado. Mas não era o caso de Saul. Ele era impulsionado por imperativos morais. Encontraria uma saída para o dilema e aceitaria a indicação? Godwyn não imaginava como.

Saul ainda exibia a expressão preocupada quando os monges se levantaram, à primeira claridade do amanhecer, para o serviço de Laudes.

Depois da primeira refeição do dia, ele disse a Godwyn que não poderia aceitar a indicação.



Godwyn não conseguia se acostumar ao rosto do conde Roland. Era a coisa mais estranha de se ver. O conde usava agora um chapéu para esconder as bandagens

na cabeça, mas o chapéu, ao mesmo tempo que tornava sua aparência mais normal, também enfatizava a paralisia do lado direito do rosto. Ainda por cima, Roland parecia mais irritado do que o habitual, e Godwyn calculou que ele sofria de intensas dores de cabeça.

– Onde está meu primo Saul? – perguntou, assim que Godwyn entrou no quarto.

– Ainda em Saint John, milorde. Transmiti sua mensagem...

– Mensagem? Era uma ordem!

Lady Philippa, de pé ao lado da cama, falou com suavidade:

– Não fique nervoso, milorde... Sabe como passa mal com isso.

– O irmão Saul disse apenas que não pode aceitar a indicação – explicou Godwyn.

– Por que não?

– Ele pensou e rezou...

– Claro que rezou! É isso que os monges fazem! Que razão deu para me desacatar?

– Ele não se sente capaz de assumir um cargo tão desafiador.

– Que besteira! Onde está o desafio? Ele não foi chamado para comandar mil cavaleiros em batalha, apenas para fazer alguns monges cantarem seus hinos nas horas certas.

Isso era um absurdo, mas Godwyn limitou-se a baixar a cabeça sem dizer nada. O tom do conde mudou de repente:

– Acabo de lembrar quem você é. O filho de Petranilla, não é mesmo?

– Isso mesmo, milorde.

Aquela Petranilla que você rejeitou, pensou Godwyn.

– Ela era astuta, e aposto que você também é. Como posso saber que não persuadiu Saul a recusar? Quer que Thomas Langley seja o prior, não é mesmo?

Meu plano é muito mais insidioso, seu idiota, pensou Godwyn.

– Saul me perguntou o que milorde poderia querer em troca de sua indicação.

– Ah, agora chegamos ao que interessa. O que você disse a ele?

– Que milorde esperaria que ele escutasse seu primo, seu patrocinador e seu conde.

– E ele é teimoso demais para aceitar isso, suponho. Muito bem. Indicarei

aquele frade gordo. Agora, suma da minha vista!

Godwyn fez um esforço para ocultar sua exultação ao sair do quarto. O penúltimo estágio de seu plano funcionara à perfeição. O conde Roland nem desconfiara de que fora envolvido para indicar o candidato de menor possibilidade que Godwyn podia imaginar.

Agora, a etapa final.

Ele deixou o hospital e foi para o claustro. Era a hora do estudo, antes do serviço de meio-dia, a sexta. Quase todos os monges estavam lendo ou meditando. Godwyn avistou Theodoric, seu jovem aliado, e o chamou com um movimento brusco da cabeça. Em voz baixa, informou:

– O conde Roland indicou frei Murdo como seu candidato a prior.

Theodoric, aturdido, reagiu em voz alta:

– O quê?

– Fale baixo.

– É inadmissível!

– Claro que é.

– Ninguém votará nele.

– É por isso que estou satisfeito.

A compreensão aflorou no rosto de Theodoric.

– Ahn... já entendi. Isso é ótimo para nós.

Godwyn especulou por que tinha sempre de explicar aquelas coisas até mesmo para homens inteligentes. Ninguém conseguia ler nas entrelinhas, exceto ele e sua mãe.

– Conte a todo mundo discretamente. Não há necessidade de demonstrar sua indignação. Todos ficarão furiosos, sem necessidade de qualquer estímulo.

– Devo dizer que isso é bom para Thomas?

– Claro que não.

– Está bem – murmurou Theodoric. – Eu compreendo.

Era evidente que ele não entendia, mas Godwyn sentiu que podia confiar no cumprimento de suas instruções. Saiu dali para procurar Philemon. Encontrou-o varrendo o refeitório.

– Sabe onde está Murdo?

– Provavelmente na cozinha.

– Encontre-o e peça-lhe que se encontre com você na casa do prior quando todos os monges estiverem na catedral para a sexta. Não quero que ninguém o veja com ele ali.

– Certo. O que digo?

– Em primeiro lugar, diga o seguinte: “Irmão Murdo, ninguém deve saber que eu lhe disse isso.” Entendido?

– “Ninguém deve saber que eu lhe disse isso.” Certo.

– Depois, mostre o cartulário que encontramos. Lembra onde está? No quarto, ao lado do genuflexório, há uma arca com uma bolsa de couro castanho-avermelhado dentro.

– Isso é tudo?

– Diga que as terras que Thomas deu ao priorado pertenciam originalmente à rainha Isabella e que esse fato foi mantido em segredo por dez anos.

Philemon parecia perplexo.

– Mas não sabemos o que Thomas está tentando esconder.

– Não, não sabemos. Mas há sempre uma razão para manter algo em segredo.

– Acha que Murdo tentará usar essa informação contra Thomas?

– Claro.

– O que Murdo fará?

– Não sei. Mas tenho certeza de que será ruim para Thomas.

Philemon franziu o cenho.

– Pensei que deveríamos ajudar Thomas.

Godwyn sorriu.

– É o que todo mundo pensa.

O sino repicou nesse instante para a sexta.

Philemon partiu à procura de Murdo e Godwyn juntou-se ao resto dos monges na catedral. Em uníssono com os outros, ele entoou:

– Ó Deus, venha em meu socorro!

Nessa ocasião, ele rezou com um fervor excepcional. Apesar da confiança que demonstrara a Philemon, sabia que estava jogando. Apostara tudo no segredo de Thomas, mas não sabia qual seria a carta quando a virasse.

Contudo, era evidente que conseguira atiçar os monges. Estavam irrequietos

e faladores. Carlus Cego teve de pedir silêncio duas vezes durante os salmos. Todos detestavam os frades em geral por assumirem uma atitude de superioridade moral na questão dos bens terrenos ao mesmo tempo que viviam à custa daqueles que condenavam. E detestavam Murdo em especial por ser pomposo, ganancioso e bêbado. Prefeririam qualquer um a ele.

Ao deixarem a catedral depois do serviço, Simeon disse para Godwyn:

– Não podemos aceitar o frade.

– Concordo.

– Carlus e eu não apresentaremos outro nome. Se os monges estiverem divididos, o conde poderá apresentar seu candidato como um meio-termo. Devemos esquecer nossas divergências e nos concentrar em torno de Thomas. Se mostrarmos ao mundo uma frente unida, será difícil que o conde se oponha.

Godwyn parou e virou-se para fitá-lo.

– Obrigado, irmão – murmurou, com um esforço para parecer humilde e ocultar a exultação que sentia.

– Estamos fazendo isso pelo bem do priorado.

– Eu sei. Mas agradeço sua generosidade de espírito.

Simeon acenou com a cabeça e se afastou. Godwyn já podia farejar a vitória.

Os monges entraram no refeitório para o almoço. Murdo apareceu. Podia perder os serviços, mas não a comida. Todos os mosteiros tinham uma regra geral, a de que qualquer monge ou frade era bem recebido à mesa embora poucas pessoas explorassem a prática com tanta assiduidade quanto Murdo. Godwyn estudou o rosto dele. O frade parecia excitado, como se tivesse uma notícia que estava ansioso por partilhar. Mas ele se conteve enquanto a refeição era servida. Permaneceu em silêncio enquanto comia, escutando a leitura de um noviço.

O trecho escolhido era a história de Susana e os Anciãos. Godwyn desaprovava: a história era sensual demais para ser lida em voz alta numa comunidade celibatária. Mas hoje nem mesmo as tentativas dos dois velhos lascivos de chantagear uma mulher para fazer sexo com eles conseguiram atrair a atenção dos monges. Sussurravam sem parar, lançando rápidos olhares para Murdo.

Quando acabaram de comer, após o profeta Daniel salvar Susana da

execução ao interrogar os anciãos em separado e demonstrar que suas histórias eram contraditórias, os monges se prepararam para deixar o refeitório. Foi então que Murdo se dirigiu a Thomas:

– Quando veio para cá, irmão Thomas, tinha um ferimento de espada, se não me engano. – Ele falou bem alto para que todos ouvissem.

Os monges pararam e prestaram atenção. Thomas fitou-o, impassível.

– Isso mesmo.

– O ferimento acabou causando a perda de seu braço esquerdo. Sofreu esse ferimento a serviço da rainha Isabella?

Thomas empalideceu.

– Sou um monge em Kingsbridge há dez anos. Minha vida anterior está esquecida.

– Perguntei por causa da propriedade que trouxe para o priorado quando ingressou – continuou Murdo, imperturbável. – Uma pequena aldeia muito produtiva em Norfolk. Quinhentos acres. Perto de Lynn... onde a rainha vive.

Godwyn interveio, simulando indignação:

– O que um forasteiro sabe de nossas propriedades?

– Eu li o capitulário – respondeu Murdo. – Essas coisas não são secretas.

Godwyn olhou para Carlus e Simeon, sentados lado a lado. Os dois pareciam surpresos. Como subprior e tesoureiro, eles já sabiam. Deviam estar especulando como Murdo tomara conhecimento do documento. Simeon abriu a boca para falar, mas Murdo acrescentou, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa:

– Ou pelo menos não deveriam ser secretas.

Simeon fechou a boca. Se quisesse saber como Murdo descobrira, ouviria perguntas sobre o motivo pelo qual mantivera a questão em segredo.

– E a fazenda em Lynn foi doada – continuou Murdo. Ele fez uma pausa para aumentar o efeito dramático. – Pela rainha Isabella!

Godwyn olhou ao redor. Havia consternação entre os monges, com exceção de Carlus e Simeon, que se mantinham impassíveis. Frei Murdo inclinou-se por cima da mesa. Fragmentos verdes do ensopado ainda aderiam a seus dentes.

– Pergunto de novo – disse, agressivo. – Sofreu o ferimento a serviço da rainha Isabella?

– Todos sabem o que eu fazia antes de me tornar monge – respondeu

Thomas. – Era um cavaleiro. Participei de batalhas, matei homens. Confessei e recebi a absolvição.

– Um monge pode deixar seu passado para trás, mas o prior de Kingsbridge carrega um fardo mais pesado. Podem lhe perguntar quem ele matou e por quê. E, ainda mais importante, que recompensa recebeu.

Thomas ficou olhando para Murdo, sem dizer nada. Godwyn tentou ler o rosto de Thomas. Estava contraído e fixo, expressando alguma forte emoção... mas qual? Não havia sinal de culpa, nem mesmo de embaraço: qualquer que fosse o segredo, Thomas não tinha vergonha. A expressão também não era de raiva. O tom desdenhoso de Murdo poderia incitar muitos homens à violência, mas Thomas não dava a impressão de que reagiria com veemência. Parecia estar sentindo algo diferente, mais frio do que embaraço, mais controle do que raiva. Era medo, Godwyn finalmente compreendeu. Thomas tinha medo. De Murdo? Não era provável. Ele temia o que poderia acontecer por causa de Murdo, a consequência da descoberta do segredo. E, como um cachorro que não quer largar o osso, Murdo continuou:

– Se não responder à pergunta aqui, nesta sala, outra pessoa tornará a fazê-la, em outro lugar.

Os cálculos de Godwyn previam que Thomas desistiria a essa altura. Mas não havia certeza. Thomas era duro. Durante dez anos demonstrara ser discreto, paciente e flexível. Quando abordado por Godwyn para ser candidato, ele devia ter chegado à conclusão de que o passado poderia ser enterrado. Mas compreendia agora que se enganara. Como reagiria a essa constatação? Perceberia o erro e recuaria? Ou rangeria os dentes e seguiria em frente? Godwyn mordeu o lábio e esperou. Depois de um longo momento, Thomas finalmente falou:

– Creio que você pode estar certo sobre o fato de outras pessoas fazerem a pergunta. Ou pelo menos creio que você fará tudo o que estiver ao seu alcance, por menos fraternal e mais perigoso que possa ser, para que sua previsão seja confirmada.

– Não sei se está insinuando...

– Não diga mais nada!

Thomas se levantou abruptamente. Murdo encolheu-se. A altura e o porte

militar de Thomas, combinados ao aumento na estridência de sua voz, alcançaram o resultado raro de silenciar o frade.

– Nunca respondi a perguntas sobre meu passado. – A voz de Thomas era baixa e contida de novo, e todos os monges ficaram imóveis e silenciosos, esforçando-se para ouvirem. – E jamais responderei.

Ele fez uma pausa. Apontou para Murdo.

– Mas esse... verme... me fez compreender que as perguntas nunca cessarão se eu me tornar o prior. Um monge pode guardar seu passado para si mesmo, mas um prior é diferente. Compreendo isso agora. Um prior pode ter inimigos, e qualquer mistério é uma fraqueza. A instituição fica ameaçada pela vulnerabilidade do líder. Meu cérebro deveria ter me levado ao ponto a que a maldade de frei Murdo o conduziu, à conclusão de que um homem que não quer responder a perguntas sobre seu passado não pode ser um prior. Portanto...

– Não! – protestou o jovem Theodoric.

– Portanto, retiro agora minha candidatura à próxima eleição.

Godwyn deixou escapar um longo suspiro de satisfação. Alcançara seu objetivo.

Thomas se sentou. Murdo assumiu uma expressão presunçosa. E todos os outros tentavam falar ao mesmo tempo.

Carlus Cego bateu com a mão na mesa. Um a um, todos se calaram.

– Frei Murdo – disse ele –, como não tem direito a voto na eleição, devo pedir que se retire agora.

Murdo deixou o refeitório sem qualquer pressa, triunfante. Assim que saiu, Carlus declarou:

– Isso é uma catástrofe! Murdo como único candidato!

– Não podemos permitir que Thomas retire sua candidatura – disse Theodoric.

– Mas ele já retirou!

– Deve haver outro candidato – interveio Simeon.

– Isso mesmo – disse Carlus. – E proponho Simeon.

– Não! – exclamou Theodoric.

– Deixem-me falar – pediu Simeon. – Devemos escolher o único entre nós que unirá todos os irmãos, quase com certeza, contra Murdo. E não sou eu. Não

tenho o apoio necessário entre os jovens. Creio que todos sabemos quem receberia mais apoio de todos os setores.

Ele se virou e olhou para Godwyn.

– Isso mesmo! – gritou Theodoric. – Godwyn!

Os monges mais jovens aclamaram, enquanto os mais velhos se mostravam resignados. Godwyn balançou a cabeça, como se relutasse até mesmo em responder. Os monges começaram a bater nas mesas e a entoar seu nome:

– God-wyn! God-wyn!

Finalmente ele se levantou. O coração transbordava de exultação, mas conseguiu manter o rosto impassível. Ergueu os braços, pedindo silêncio. E, quando todos se calaram, Godwyn disse, em voz baixa e modesta:

– Obedecerei à vontade de meus irmãos.

A sala explodiu em aclamações.

23

Godwyn adiou a eleição. O conde Roland ficaria furioso com o resultado e o sacristão queria lhe deixar tão pouco tempo quanto possível para combater a decisão antes do casamento.

A verdade é que Godwyn estava assustado, prestes a enfrentar um dos homens mais poderosos do reino. Havia apenas treze condes. Junto com cerca de quarenta barões, numa posição um pouco abaixo, 21 bispos e alguns outros, controlavam a Inglaterra. Quando o rei convocava o Parlamento, eles eram os lordes, o grupo aristocrático, em contraste com a Câmara dos Comuns, que era formada por cavaleiros, membros da pequena nobreza e mercadores. O conde de Shiring era um dos homens mais proeminentes e poderosos de sua classe. E, no entanto, o irmão Godwyn, filho da viúva Petranilla, que não se elevara além da posição de sacristão do priorado de Kingsbridge, estava em conflito com o conde... e, o que era ainda mais perigoso, vinha ganhando a disputa.

Por isso ele hesitava. Mas, a seis dias do casamento, Roland bateu o pé e decidiu:

– Amanhã!

Os convidados para as núpcias já haviam começado a chegar. O conde de Monmouth se instalara no hospital, usando o quarto particular ao lado do de Roland. Lorde William e lady Philippa tiveram de se mudar para a Bell Inn. O bispo Richard partilhava a casa do prior com Carlus. Os barões e cavaleiros lotavam as tavernas, junto com suas esposas e filhos, escudeiros, serviçais e cavalos. A cidade desfrutava de um enorme fluxo de gastos, o que era muito necessário depois dos lucros escassos da Feira do Velocino, prejudicada pelas chuvas.

Na manhã da eleição, Godwyn e Simeon foram à tesouraria, uma pequena

sala sem janelas, com uma pesada porta de carvalho, junto da biblioteca. Os ornamentos preciosos usados para os serviços especiais estavam ali, trancados numa arca reforçada com ferro. Simeon, como tesoureiro, guardava as chaves.

O resultado da eleição era inevitável, ou pelo menos todos pensavam assim, com exceção do conde Roland. Ninguém desconfiava da atuação secreta de Godwyn. Ele sofrera um momento de tensão quando Thomas especulara em voz alta como frei Murdo tomara conhecimento do capitulário da rainha Isabella.

– Ele não pode ter descoberto por acaso. Nunca foi visto lendo qualquer coisa na biblioteca, e, de qualquer forma, esse documento não estava guardado junto com os outros – comentara Thomas com Godwyn. – Alguém deve tê-lo avisado. Mas quem? Só Carlus e Simeon sabiam disso. E por que eles revelariam o segredo? Não queriam ajudar Murdo.

Godwyn não dissera nada e Thomas permanecera aturdido.

Godwyn e Simeon arrastaram a arca do tesouro para a claridade da biblioteca. As joias da catedral estavam envoltas em um pano azul e em camadas protetoras de couro. Enquanto verificavam as peças, Simeon desembrulhou algumas, admirando-as e se certificando de que estavam intactas. Havia uma placa de marfim com alguns centímetros de largura, esculpida com uma delicadeza excepcional. Mostrava a crucificação de Santo Adolfo, quando ele pedira a Deus que concedesse boa saúde e vida longa a todos aqueles que venerassem sua memória. Havia numerosos castiçais e crucifixos de ouro ou prata, muitos cravejados com pedras preciosas. À luz forte que entrava pelas janelas da biblioteca, as pedras preciosas e o ouro faiscavam. Aqueles objetos haviam sido doados ao priorado, ao longo dos séculos, por fiéis devotados. O valor combinado era impressionante: havia mais riqueza ali do que a maioria das pessoas já vira no mesmo lugar.

Godwyn fora pegar um báculo cerimonial, ou cajado de pastor, feito de madeira revestida de ouro, com um cabo coberto de pedras preciosas. O ritual determinava que fosse entregue ao novo prior ao final do processo eletivo. O cajado estava no fundo da arca, pois não era usado havia treze anos. No momento em que Godwyn o pegou, Simeon deixou escapar uma exclamação de espanto.

Godwyn ergueu os olhos abruptamente. Simeon segurava um enorme

crucifixo, com um suporte, para ser posto no altar.

– Qual é o problema? – perguntou Godwyn.

Simeon virou o crucifixo, mostrando uma depressão logo abaixo do cruzamento. Godwyn percebeu no mesmo instante que faltava um rubi ali.

– Deve ter caído – sugeriu. Correu os olhos pela biblioteca: os dois estavam a sós. Ficaram preocupados. Como tesoureiro e sacristão, partilhavam a responsabilidade. Seriam culpados por qualquer perda.

Juntos, examinaram todas as peças na arca. Desembrulharam uma a uma, sacudiram os panos azuis, verificaram nos invólucros de couro. Frenéticos, procuraram na arca vazia e no chão ao redor. Não encontraram o rubi.

– Quando o crucifixo foi usado pela última vez? – indagou Simeon.

– Na festa de Santo Adolfo. Quando Carlus caiu, ele o derrubou da mesa.

– Talvez o rubi tenha caído nessa ocasião. Mas como ninguém notou?

– A pedra estava atrás da cruz. Mas alguém deve ter visto no chão, não é mesmo?

– Quem pegou o crucifixo?

– Não lembro – respondeu Godwyn. – A situação era muito confusa.

Na verdade, ele se lembrava muito bem. Fora Philemon. Godwyn podia imaginar a cena. Philemon e Otho, juntos, endireitavam o altar, ajeitando-o em cima da plataforma. Depois, Otho pegara os castiçais, enquanto Philemon apanhava o crucifixo.

Com um crescente sentimento de consternação, Godwyn recordou o desaparecimento da pulseira de lady Philippa. Philemon roubara de novo? Todos sabiam que Philemon era um acólito informal de Godwyn. Um pecado tão terrível – roubar uma pedra preciosa de um ornamento sagrado – traria vergonha para todas as pessoas associadas ao culpado. E poderia afetar a eleição.

Era evidente que Simeon não se lembrava direito da cena e aceitava sem questionar a simulada incapacidade de Godwyn de recordar quem pegara o crucifixo. Mas outros monges, com toda a certeza, lembrariam de ter visto o crucifixo nas mãos de Philemon. Godwyn precisava dar um jeito o mais depressa possível, antes que as suspeitas recaíssem no empregado. Mas primeiro tinha de tirar Simeon do caminho.

– Devemos procurar o rubi na catedral – declarou Simeon.

– Mas o serviço foi há duas semanas – protestou Godwyn. – Um rubi não poderia ficar despercebido no chão durante todo esse tempo.

– É improvável, mas mesmo assim devemos verificar.

Godwyn compreendeu que teria de acompanhar Simeon e aguardar uma oportunidade de se afastar para procurar Philemon.

– Está certo.

Tornaram a guardar os ornamentos na arca, que foi trancada na sala da tesouraria. Ao deixarem a biblioteca, Godwyn disse:

– Sugiro não contar a ninguém o que aconteceu até termos certeza de que o rubi desapareceu mesmo. Não há sentido em atrair a culpa para nossas cabeças prematuramente.

– Concordo.

Os dois atravessaram o claustro apressados e entraram na catedral. Pararam no centro do transepto e esquadrinharam o chão ao redor. Um mês antes, a ideia de que um rubi poderia estar escondido em algum lugar do chão da catedral seria plausível, mas recentemente as lajes de pedra tinham sido consertadas e não havia mais frestas e rachaduras. Um rubi sobressairia.

– Estou me lembrando agora... Não foi Philemon quem pegou o crucifixo? – indagou Simeon.

Godwyn estudou o rosto do tesoureiro. Havia uma acusação em sua expressão? Ele não teve certeza.

– Pode ter sido. – Godwyn percebeu a chance de se esquivar naquele momento. – Vou chamá-lo. Talvez ele se lembre de onde exatamente estava na ocasião.

– Boa ideia. Esperarei aqui.

Simeon ajoelhou-se e começou a roçar as mãos pelo chão, como se fosse mais fácil encontrar o rubi pelo tato do que pela visão.

Godwyn retirou-se apressado. Foi primeiro até o dormitório. O armário com as roupas de cama continuava no mesmo lugar. Ele o afastou da parede, encontrou a pedra solta e a removeu. Enfiou a mão no buraco onde Philemon escondera a pulseira de lady Philippa.

Não encontrou nada.

Praguejou. Não seria tão fácil quanto esperava. Terei de afastar Philemon

daqui, pensou, enquanto circulava pelos prédios do priorado à sua procura. Se Philemon roubara aquele rubi, não poderia mais encobri-lo. Ele teria de ir embora.

Mas depois compreendeu, com um choque de consternação, que não poderia dispensar Philemon. Não agora, talvez nunca mais. Fora Philemon quem falara com frei Murdo sobre o capitulário da rainha Isabella. Se o dispensasse, ele poderia confessar o que fizera e revelar que agira por instrução de Godwyn. E muitos acreditariam nele. Godwyn recordou a perplexidade de Thomas sobre quem contara o segredo a Murdo e por quê. A revelação de Philemon teria credibilidade por responder a essa pergunta.

Haveria um clamor devido à manobra escusa. Mesmo que a revelação só ocorresse depois da eleição, afetaria a autoridade de Godwyn e reduziria sua capacidade de liderar os monges. E ocorreu-lhe a verdade sinistra: agora teria de proteger Philemon para proteger a si mesmo.

Encontrou Philemon varrendo o hospital. Fez sinal para que ele saísse e o levou para os fundos, onde era improvável que alguém pudesse vê-los.

– Há um rubi desaparecido – disse Godwyn, fitando-o.

Philemon desviou os olhos.

– Que coisa terrível!

– É do crucifixo do altar que foi jogado no chão quando Carlus caiu.

Philemon simulou inocência.

– Como pode ter desaparecido?

– O rubi pode ter se soltado quando o crucifixo bateu no chão. Mas não está lá agora, acabei de procurar. Alguém o encontrou... e guardou.

– Não é possível.

Godwyn ficou irritado com a falsa inocência de Philemon.

– Seu idiota! Todos viram quando você pegou o crucifixo!

A voz de Philemon elevou-se para um tom estridente:

– Não sei de nada sobre isso!

– Não perca seu tempo mentindo para mim! Temos de dar um jeito na situação. Posso perder a eleição por sua causa. – Godwyn empurrou Philemon contra a parede da padaria. – Onde está?

Para seu espanto, Philemon começou a chorar.

– Pelo amor de todos os santos! – exclamou Godwyn, enojado. – Pare com esse absurdo... Você é um adulto!

Philemon continuou a soluçar.

– Desculpe... desculpe...

– Se não parar com isso... – Godwyn se conteve. Não ganharia nada repreendendo Philemon. O homem era mesmo patético. Em tom mais gentil, acrescentou: – Tente se controlar. Onde está o rubi?

– Escondi.

– Sei disso.

– Na chaminé do refeitório.

Godwyn virou-se no mesmo instante e se encaminhou para o refeitório.

– Que a Santa Mãe nos salve! Pode ter caído no fogo!

Philemon o seguiu, as lágrimas começando a secar.

– Não há fogo em agosto. Eu o teria tirado de lá antes de o frio começar.

Entraram no refeitório. Havia uma lareira na extremidade da sala comprida.

Philemon enfiou um braço pela chaminé, tateou por um tempo e tirou um rubi do tamanho de um ovo de pardaloca, coberto de fuligem. Limpou-o na manga. Godwyn pegou a pedra.

– Venha comigo – disse ele.

– O que vamos fazer?

– Simeon vai encontrar o rubi.

Foram para a catedral. Simeon ainda procurava, de quatro no chão, tateando.

– Agora, tente se lembrar da posição exata em que estava quando pegou o crucifixo – disse Godwyn para Philemon.

Simeon olhou para Philemon. Ao ver os sinais de profunda emoção em seu rosto, disse gentilmente:

– Não tenha medo, rapaz. Você não fez nada de errado.

Philemon postou-se no lado leste do transepto, perto dos degraus que subiam para o coro.

– Acho que foi aqui.

Godwyn subiu os dois degraus e olhou por baixo dos compartimentos do coro, fingindo procurar. Furtivamente, pôs o rubi sob uma das fileiras de assentos, perto da extremidade, onde não seria visível a um olhar casual. Depois,

como se mudasse de ideia sobre o lugar mais provável em que deveria procurar, deslocou-se para o lado sul do coro.

– Venha procurar aqui embaixo, Philemon – disse.

Como esperado, Simeon foi para o lado norte, ficou de joelhos e começou a olhar por baixo dos assentos enquanto murmurava uma oração.

Godwyn torcia para que Simeon encontrasse logo o rubi. Fingiu procurar na nave sul enquanto esperava pela descoberta de Simeon. Já começava a pensar que devia haver alguma coisa errada com a vista dele. Não queria ter de ir até lá para "descobrir" o rubi. Mas, finalmente, Simeon gritou:

– Está aqui!

Godwyn simulou a maior excitação:

– Encontrou?

– Encontrei! Aleluia!

– Onde estava?

– Aqui mesmo... debaixo de um dos compartimentos do coro.

– Louvado seja Deus! – exclamou Godwyn.



Godwyn disse a si mesmo para não temer o conde Roland. Enquanto subia a escada de pedra do hospital, a caminho dos quartos particulares, perguntou-se o que o conde poderia fazer com ele. Mesmo que Roland fosse capaz de se levantar e sacar uma espada, não seria bastante insensato para atacar um monge dentro de um prédio do mosteiro... até mesmo um rei dificilmente escaparia impune de um ato assim.

Ralph Fitzgerald o anunciou e ele entrou no quarto.

Os filhos do conde estavam de pé nos lados da cama: o alto William, num calção marrom militar e de botas enlameadas, os cabelos já recuando na testa, e Richard, no hábito púrpura de bispo, o corpo cada vez mais roliço, como evidência de uma natureza sibarítica e dos meios para satisfazê-la. William tinha 30 anos, um a menos que Godwyn; possuía a força de vontade do pai, mas era às vezes abrandado pela influência da esposa, Philippa. Richard estava com 28 anos e presumivelmente saíra à falecida mãe, pois tinha pouco do porte imponente e

da determinação do pai.

– E então, monge? – indagou o conde, falando pelo lado esquerdo da boca. – Já realizou sua eleiçãozinha?

Godwyn teve um instante de ressentimento pela forma descortês do tratamento. Um dia, jurou silenciosamente, Roland o chamaria de padre prior. A indignação lhe incutiu a coragem de que precisava para dar a notícia ao conde:

– Fizemos a eleição, milorde. E tenho a honra de informar que os monges de Kingsbridge me escolheram para ser o prior.

– O quê?! – bradou o conde. – Você?

Godwyn inclinou a cabeça, simulando humildade.

– Ninguém pode ter ficado mais surpreso do que eu.

– Mas você não passa de um menino!

O insulto levou Godwyn a dar uma resposta um tanto brusca:

– Sou mais velho do que seu filho, o bispo de Kingsbridge.

– Quantos votos recebeu?

– Vinte e cinco.

– E quantos frei Murdo teve?

– Nenhum. Os monges foram unânimes.

– Nenhum?! – gritou Roland. – Deve ter havido uma conspiração. Isso é traição!

– A eleição foi realizada com o cumprimento estrito das normas.

– Estou pouco ligando para suas normas. Não serei ignorado por um bando de monges efeminados.

– Sou a escolha de meus irmãos, milorde. A cerimônia de posse no cargo será realizada no próximo domingo, antes do casamento.

– A escolha dos monges deve ser ratificada pelo bispo de Kingsbridge. E posso lhe garantir que ele não vai ratificá-la. Faça outra eleição, e desta vez providencie o resultado que eu quero.

– Está bem, conde Roland.

Godwyn seguiu até a porta. Tinha vários outros trunfos na mão, mas não pretendia jogar todos ao mesmo tempo. Virou-se e disse para Richard:

– Milorde bispo, quando quiser conversar comigo a respeito, poderá me encontrar na casa do prior.

– Você não é o prior! – berrou Roland enquanto ele saía e fechava a porta.

Godwyn tremia da cabeça aos pés. Roland era formidável, ainda mais quando furioso, o que acontecia com frequência. Mas Godwyn se mantivera firme. Petranilla se orgulharia dele.

Desceu a escada, as pernas trêmulas, e seguiu para a casa do prior. Carlus já a desocupara. Pela primeira vez em quinze anos, Godwyn teria um quarto só para si. Seu prazer só era um pouco menor por ter de partilhar a casa com o bispo, que tradicionalmente se hospedava ali em suas visitas. Tecnicamente, o bispo era o abade de Kingsbridge *ex officio*; embora seu poder fosse limitado, sua posição era superior à do prior. Richard quase nunca ficava na casa durante o dia, mas voltava todas as noites para dormir no melhor quarto.

Godwyn se sentou na grande cadeira de madeira, na sala do primeiro andar, para esperar. Não demoraria muito para que o bispo Richard aparecesse, os ouvidos ardendo das instruções veementes do pai. Richard era um homem rico e poderoso, mas não tão assustador quanto o conde. Mesmo assim, era um monge ousado aquele que desafiava seu bispo. Godwyn, no entanto, tinha uma vantagem naquela confrontação, pois sabia um segredo vergonhoso sobre Richard que era tão bom quanto uma faca afiada.

Richard entrou apressado poucos minutos depois, demonstrando uma confiança que Godwyn sabia ser simulada.

– Tenho um acordo a fazer com você – anunciou ele, sem qualquer preâmbulo. – Pode ser subprior, abaixo de Murdo. Ficará no comando da administração do dia a dia do priorado. De qualquer forma, Murdo não está interessado em ser um administrador, deseja apenas o prestígio. Você terá todo o poder, mas meu pai ficará satisfeito.

– Deixe-me ver se entendi direito – disse Godwyn. – Murdo concorda em me fazer seu subprior. Depois, diremos aos monges que ele é o único que você está disposto a ratificar. E acha que aceitarão isso.

– Eles não têm alternativa!

– Tenho uma sugestão. Diga ao conde que os monges não aceitarão qualquer outro a não ser eu... e que devo ser ratificado antes do casamento, caso contrário os monges não participarão das núpcias. E as freiras também.

Godwyn não sabia se os monges concordariam com essa posição – muito

menos madre Cecilia e as freiras –, mas já fora longe demais.

– Eles não ousariam!

– Receio que seja bem possível.

– Meu pai não será intimidado. – Richard parecia em pânico.

Godwyn riu.

– Não há a menor possibilidade de que isso aconteça. Mas espero que pelo menos ele possa ser persuadido a ver a luz da razão.

– Ele dirá que o casamento deve ser realizado de qualquer maneira. Sou o bispo e posso celebrar o casamento. Não preciso de monges para me ajudarem.

– Tem toda a razão. Mas não haverá canto, nem velas, nem salmos, nem incenso. Apenas você e o arquidiácono Lloyd.

– Mesmo assim eles se casarão.

– O que o conde de Monmouth pensará de um casamento tão humilde para seu filho?

– Ele ficará furioso, mas aceitará. A aliança é o mais importante.

O que provavelmente era certo, pensou Godwyn, sentindo uma lufada de fracasso iminente.

Chegara o momento de sacar a faca escondida.

– Você me deve uma gentileza.

A princípio, Richard fingiu não entender a que ele se referia.

– Devo?

– Escondi um pecado que você cometeu. Não finja ter esquecido, pois aconteceu há apenas dois meses.

– Ah, sim... Você foi mesmo generoso.

– Vi com estes olhos você e Margery na cama, no quarto de hóspedes.

– Fale baixo, por piedade!

– Agora é a sua oportunidade de retribuir essa gentileza. Interfira junto a seu pai. Peça a ele que ceda. Argumente que o casamento é mais importante. Insista em me ratificar.

O rosto de Richard exibiu desespero. Parecia sufocado por forças em oposição.

– Não posso! – Havia pânico em sua voz. – Meu pai não admite ser desafiado. Você sabe como ele é.

– Tente.

– Já tentei. E consegui fazer com que ele aceitasse que você fosse o subprior.

Godwyn duvidava que Roland tivesse concedido qualquer coisa. Era quase certo que Richard inventara isso, sabendo que essa promessa poderia ser rompida com a maior facilidade. Mesmo assim, Godwyn disse:

– Agradeço por isso. – Após uma pausa, acrescentou: – Mas não é suficiente.

– Apenas pense a respeito – suplicou Richard. – Isso é tudo o que peço.

– Pensarei. E sugiro que você peça a seu pai para fazer a mesma coisa.

– Oh, Deus! – gemeu Richard. – Isso vai ser uma catástrofe!



O casamento estava marcado para o domingo. No sábado, no lugar do serviço da sexta, Godwyn ordenou um ensaio, começando com a cerimônia de posse do novo prior e continuando com o casamento. Lá fora era outro dia sem sol, o céu dominado por nuvens baixas e cinzentas, a chuva caindo. O interior da catedral estava escuro. Depois do ensaio, enquanto os monges e as freiras iam almoçar e os noviços começavam a arrumar a catedral, Godwyn foi abordado por Carlus e Simeon, ambos com expressões solenes.

– Tudo correu bem, não é mesmo? – indagou Godwyn, jovial.

– Você vai mesmo tomar posse? – perguntou Simeon.

– Claro que sim.

– Soubemos que o conde ordenou que fosse realizada uma nova eleição.

– Acha que ele tem o direito de fazer isso?

– Não, não tem – respondeu Simeon. – Ele tem o poder de fazer uma indicação e mais nada. Mas diz que o bispo Richard não vai ratificá-lo como prior.

– Richard disse isso?

– Não pessoalmente.

– Foi o que eu pensei. Confie em mim. O bispo vai me ratificar.

Godwyn ouviu um tom sincero e confiante na própria voz e desejou que seus sentimentos fossem iguais. Carlus perguntou, ansioso:

– Você disse a Richard que os monges se recusariam a participar do

casamento?

– Disse.

– Isso é muito perigoso. Não estamos aqui para nos opor à vontade dos nobres.

Godwyn poderia ter previsto que Carlus enfraqueceria ao primeiro sinal de oposição séria. Felizmente, ele não planejava testar a determinação dos monges.

– Não se preocupe, que não teremos de fazer isso. É apenas uma ameaça vazia. Mas não conte ao bispo que eu disse isso.

– Não planeja pedir aos monges que boicotem o casamento?

– Não.

– Está fazendo um jogo perigoso – comentou Simeon.

– É possível... mas creio que sou o único que corre algum perigo.

– Você nem mesmo queria ser prior. Não admitiu que seu nome fosse apresentado como candidato. Só aceitou quando todo o resto deu errado.

– Não quero ser prior – mentiu Godwyn. – Mas o conde de Shiring não deve ter permissão para escolher por nós, e isso é mais importante que meus sentimentos pessoais.

Simeon fitou-o com um novo respeito.

– Você está sendo extremamente honrado.

– Como você, irmão. Apenas tento cumprir a vontade de Deus.

– Que Ele abençoe seus esforços.

Os dois velhos monges se afastaram. Godwyn sentiu uma pontada de culpa por fazer com que acreditassem que suas ações eram altruístas. Viam-no agora como uma espécie de mártir. Mas era verdade, pensou: só estava tentando fazer a vontade de Deus.

Olhou ao redor: a catedral voltara ao normal. Já ia se encaminhar para o almoço, na casa do prior, quando sua prima Caris apareceu, seu vestido azul uma surpreendente mancha de cor no cinzento da catedral.

– Você vai tomar posse amanhã? – perguntou ela. Godwyn sorriu.

– Todos estão fazendo a mesma pergunta. A resposta é sim.

– Soubemos que o conde se opõe.

– Ele vai perder.

Os olhos verdes perspicazes de Caris fitaram-no com uma expressão

penetrante.

– Eu o conheço desde que era um menino e posso dizer quando está mentindo.

– Não estou mentindo.

– Finge ter mais certeza do que sente de fato.

– Isso não é um pecado.

– Meu pai está preocupado com a ponte. Frei Murdo tem mais probabilidade de obedecer à vontade do conde do que Saul Whitehead tinha.

– Murdo não será o prior de Kingsbridge.

– Lá vem você de novo.

Godwyn se irritou com a percepção da prima.

– Não sei o que lhe dizer. Fui eleito e pretendo assumir o posto. O conde Roland gostaria de me impedir, mas não tem esse direito. Estou lutando contra ele com todos os meios à minha disposição. Quer saber se me sinto assustado? Claro que sim. Mas, ainda assim, pretendo derrotá-lo.

Caris sorriu.

– Era isso que eu queria ouvir. – Ela apertou o ombro de Godwyn. – Vá conversar com sua mãe. Ela está em sua casa, esperando. Foi isso que vim lhe dizer.

A prima se afastou. Godwyn passou pelo transepto norte. Caris era inteligente, pensou ele, com uma mistura de admiração e irritação. Persuadira-o a dar uma avaliação da situação mais franca do que já oferecera a qualquer outra pessoa.

Mas sentia-se contente pela oportunidade de conversar com a mãe. Todos os outros duvidavam de sua capacidade de vencer aquela luta. A mãe demonstraria sua confiança... e talvez desse algumas ideias estratégicas.

Ele encontrou Petranilla na sala, sentada à mesa, posta para duas pessoas, com pão, cerveja e uma travessa de peixe. Beijou-a na testa, murmurou a oração de agradecimento e se sentou para comer. Permitiu-se um momento de prazer triunfante.

– Pelo menos sou o prior eleito, e aqui estamos nós, jantando na casa do prior.

– Mas Roland ainda luta contra você.

– A situação é mais difícil do que eu esperava. Afinal, ele tem o direito de indicação, não de seleção. É inerente à posição dele o fato de que nem sempre seu escolhido será eleito.

– A maioria dos condes aceitaria isso, mas não ele. Roland sempre se sentiu superior a todas as pessoas que já conheceu.

Havia amargura na voz de Petranilla, refletiu Godwyn, talvez derivada das lembranças do noivado rompido havia mais de trinta anos. Ela sorriu, vingativa.

– Muito em breve ele vai compreender que não deveria nos subestimar.

– Ele sabe que sou seu filho.

– Então isso será um fator determinante. Provavelmente você faz com que ele se lembre da maneira desonrosa com que se comportou comigo. O que é suficiente para fazê-lo odiar você.

– É uma pena. – Godwyn baixou a voz, pois sempre podia haver um criado escutando do outro lado da porta. – Até agora, seu plano funcionou à perfeição. Retirar-me da disputa e depois desacreditar os outros foi uma ideia brilhante.

– É possível. Mas podemos estar prestes a perder tudo. Disse algo mais ao bispo?

– Não. Lembrei-lhe que sabemos sobre Margery. Ele ficou assustado, mas não o suficiente para desafiar o pai, ao que parece.

– Deveria ter ficado. Se a informação vazar, ele não será perdoado. Pode acabar como um cavaleiro de baixa posição, no nível de sir Gerald, desperdiçando seus dias como um pensionista. Será que ele não compreende isso?

– Talvez pense que não terei coragem de revelar o que sei.

– Nesse caso, você terá de procurar o conde para informá-lo.

– Ele vai explodir!

– Não perca a coragem.

Petranilla sempre dizia coisas assim. Era por isso que ele se sentia apreensivo quando ia se encontrar com a mãe. Ela sempre queria que o filho fosse mais ousado, que assumisse riscos maiores. Mas Godwyn nunca podia recusar.

– Se souberem que Margery não é mais virgem, o casamento será cancelado – acrescentou Petranilla. – Roland não vai querer que isso aconteça. Aceitará o

mal menor: ter você como prior.

– Mas ele será meu inimigo pelo resto da vida.

– Ele será seu inimigo aconteça o que acontecer.

Não era um grande consolo, pensou Godwyn, mas não discutiu, pois compreendeu que a mãe tinha razão.

Ouviram uma batida à porta. Lady Philippa entrou. Godwyn e Petranilla se levantaram.

– Preciso conversar com você – disse Philippa para Godwyn.

– Posso apresentar minha mãe Petranilla?

Petranilla fez uma reverência e disse em seguida:

– É melhor eu me retirar. É óbvio que está aqui para propor um acordo, milady.

Philippa lançou-lhe um olhar divertido.

– Se sabe disso, deve saber de tudo o que é importante. Talvez seja melhor ficar.

Enquanto elas se encaravam, Godwyn notou que as duas eram parecidas: a mesma altura, o mesmo corpo escultural e o mesmo ar autoritário. Philippa era mais jovem, é claro, cerca de vinte anos, e tinha uma autoridade descontraída e um toque de humor que contrastavam com a determinação tensa de Petranilla – talvez porque Philippa tivesse um marido e Petranilla perdera o seu. Mas Philippa era uma mulher de vontade forte que exercia seu poder por meio de um homem – lorde William –, e Petranilla, Godwyn compreendeu agora, também exercia seu poder por meio de um homem... o próprio filho.

– Vamos nos sentar – sugeriu Philippa.

– O conde aprovou o que você está prestes a propor? – perguntou Petranilla.

– Não. – Philippa fez um gesto de impotência com as mãos. – Roland é orgulhoso demais para concordar com antecedência com alguma coisa que pode ser rejeitada pela outra parte. Se eu obtiver a concordância de Godwyn para o que vou sugerir, então terei uma possibilidade de persuadir Roland a fazer uma concessão.

– Foi o que pensei.

– Gostaria de comer alguma coisa, milady? – interveio Godwyn.

Philippa descartou o oferecimento com um aceno impaciente.

– No impasse atual, todos acabarão perdendo. O casamento será realizado, mas sem a pompa e a cerimônia adequadas. Ou seja, a aliança de Roland com Monmouth estará prejudicada desde o início. O bispo se recusará a ratificá-lo como prior, Godwyn. O arcebispo será chamado para resolver a disputa e afastará os dois, você e Murdo. Indicará alguém, provavelmente um membro de sua equipe de quem queira se livrar. Ninguém conseguirá o que quer. Estou certa?

Ela dirigiu a pergunta a Petranilla, que emitiu um murmúrio neutro.

– Então por que não antecipar a decisão do bispo? – continuou Philippa. – Apresente o terceiro candidato agora. Só que esse candidato será escolhido por você... e terá de prometer que o indicará para subprior.

Godwyn considerou a proposta. Isso o aliviaria da necessidade de confrontar o conde olho no olho e de ameaçá-lo com a revelação do comportamento de seu filho. Mas o compromisso o condenaria a ser subprior por tempo indefinido e depois, quando o novo prior morresse, ele teria de travar aquela batalha outra vez. Sentiu-se propenso a recusar, apesar de sua apreensão.

Lançou um olhar para a mãe. Petranilla acenou com a cabeça em negativa, de forma quase imperceptível. Também não gostava da ideia.

– Sinto muito – disse Godwyn a Philippa. – Os monges realizaram uma eleição. O resultado deve ser mantido.

Philippa se levantou.

– Nesse caso, devo transmitir a mensagem que é minha razão oficial para vir até aqui. O conde vai se levantar de sua cama de doente amanhã de manhã. Deseja inspecionar a catedral e verificar se tudo está pronto com antecedência para o casamento. Você deve encontrá-lo na catedral às oito horas. Todos os monges e freiras devem estar presentes, a catedral com os ornamentos habituais.

Godwyn inclinou a cabeça, em obediência. Lady Philippa saiu.

Na hora marcada, Godwyn esperava na catedral vazia e silenciosa.

Estava sozinho: não havia monges nem freiras em sua companhia. Não havia móveis e ornamentos, exceto os compartimentos fixos do coro. Não havia velas,

nem crucifixos, nem cálices, nem flores. O sol, que só aparecera algumas vezes durante aquele verão de muita chuva, agora projetava uma claridade tênue e fria na nave. Godwyn apertava as mãos com força nas costas para impedir que tremessem.

O conde entrou na catedral pontualmente às oito horas.

Estava acompanhado de lorde William, lady Philippa, o bispo Richard, o assistente de Richard, arquidiácono Lloyd, e seu secretário, padre Jerome. Godwyn gostaria de estar cercado por seu grupo, mas nenhum dos monges sabia como seu plano era arriscado, e, se soubessem, talvez não tivesse coragem de apoiá-lo. Por isso ele decidira enfrentar o conde sozinho.

As bandagens haviam sido removidas da cabeça de Roland. Ele andava devagar, mas com passos firmes. Devia se sentir trôpego, depois de tantas semanas na cama, pensou Godwyn, mas parecia determinado a não deixar transparecer. A aparência era normal, a não ser pela paralisia de metade do rosto. Sua mensagem para o mundo hoje seria a de que se recuperara por completo e retomara o comando. E Godwyn ameaçava arruinar esse projeto.

Os outros olharam com incredulidade para a igreja vazia, mas o conde não demonstrou qualquer surpresa.

– Você é um monge arrogante – disse ele para Godwyn, falando pelo lado esquerdo da boca, como sempre.

Godwyn arriscava tudo e não tinha mais nada a perder por assumir uma atitude de desafio. Por isso, resolveu dizer:

– Milorde é um conde obstinado.

Roland pôs a mão no cabo da espada.

– Eu deveria golpeá-lo com a espada por isso.

– Vá em frente. – Godwyn estendeu os braços para os lados, pronto para ser crucificado. – Assassine o prior de Kingsbridge, aqui na catedral, assim como os cavaleiros do rei Henrique assassinaram o arcebispo Thomas Becket em Canterbury. Mande-me para o céu e a si mesmo para a danação eterna.

Philippa soltou uma exclamação, chocada pelo desrespeito de Godwyn. William adiantou-se como se fosse silenciar Godwyn. Roland o conteve com um gesto.

– Seu bispo ordena que apronte a igreja para o casamento – disse ele. – Os

monges não fazem um voto de obediência?

– Lady Margery não pode se casar aqui.

– Por que não? Porque você quer ser o prior?

– Porque ela não é virgem.

Philippa levou a mão à boca. Richard soltou um gemido. William desembainhou a espada.

– Isso é traição! – exclamou Roland.

– Guarde a espada, lorde William – bradou Godwyn. – Não pode restaurar a virgindade dela com isso.

– O que sabe sobre essas coisas, monge? – indagou Roland.

– Dois homens deste priorado testemunharam o ato que ocorreu num quarto particular do hospital. O próprio quarto em que milorde está agora.

– Não acredito em você.

– O conde de Monmouth vai acreditar.

– Você não ousaria contar a ele.

– Devo explicar por que o filho dele não pode se casar com Margery na catedral de Kingsbridge... pelo menos até ela confessar seu pecado e receber a absolvição.

– Você não tem provas dessa calúnia.

– Tenho duas testemunhas. Mas pergunte à jovem. Creio que ela confessará. Imagino que prefira o amante que tirou sua virgindade ao casamento político escolhido pelo tio.

Mais uma vez Godwyn se punha numa situação crítica. Mas vira o rosto de Margery quando Richard a beijava e naquele momento tivera certeza de que ela estava apaixonada. Ter de casar com o filho do conde de Monmouth devia partir seu coração. Seria muito difícil para alguém tão jovem mentir de maneira convincente se suas emoções fossem tão turbulentas quanto Godwyn calculava.

A metade animada do rosto de Roland se contraía em fúria.

– E quem é o homem que você alega ter cometido esse crime? Pois, se puder provar, juro que o vilão será enforcado. E se não puder provar, o enforcado será você. Diga quem foi para que ele seja chamado. Veremos o que tem a nos dizer.

– Ele já está aqui.

Roland olhou incrédulo para os quatro homens que o acompanhavam: os

dois filhos, William e Richard, mais os dois sacerdotes, Lloyd e Jerome.

Godwyn fitou Richard.

Roland seguiu a direção do olhar de Godwyn. No instante seguinte, todos olhavam para Richard.

Godwyn prendeu a respiração. O que Richard diria? Tentaria se esquivar? Acusaria Godwyn de mentir? Teria um acesso de raiva e atacaria seu acusador?

Mas o rosto de Richard transmitia derrota, não raiva. Depois de um momento, ele baixou a cabeça e murmurou:

– Não adianta mentir. O maldito monge está certo, ela não resistirá a um interrogatório.

O conde Roland empalideceu.

– Você fez isso? – Naquele momento, ele não gritou, mas isso o tornava ainda mais assustador. – A garota que prometi ao filho do conde, você fez sexo com ela?

Richard não respondeu, apenas olhou para o chão.

– Seu idiota – disse o conde. – Seu traidor. Seu...

Philippa o interrompeu:

– Quem mais sabe?

Isso interrompeu a invectiva. Todos se viraram para ela.

– Talvez o casamento ainda possa ocorrer – acrescentou Philippa. – Graças a Deus, o conde de Monmouth não está aqui. – Ela olhou para Godwyn e repetiu a pergunta:

– Quem mais sabe sobre isso, além dos presentes e dos dois homens do priorado que testemunharam o ato?

Godwyn tentou acalmar seu coração disparado. Estava tão próximo do sucesso que já podia saboreá-lo.

– Mais ninguém, milady.

– Todos nós, do lado do conde, poderemos manter o segredo. O que me diz de seus homens?

– Eles obedecerão a seu prior eleito – respondeu Godwyn, com uma ligeira ênfase na palavra “eleito”.

Philippa olhou para Roland.

– Então o casamento pode ser realizado.

– Desde que a cerimônia de posse do novo prior – observou Godwyn – seja realizada primeiro.

Todos olharam para o conde.

Ele deu um passo à frente e, subitamente, deu um tapa no rosto de Richard. Foi um golpe poderoso, desferido por um soldado que sabia como projetar todo o seu peso na agressão. Embora ele batesse com a mão aberta, Richard cambaleou e caiu no chão.

Richard ficou imóvel, com uma expressão aterrorizada, o sangue escorrendo da boca.

O rosto do conde Roland estava branco e suado: o golpe consumira todas as suas reservas de energia e ele agora tremia. Muitos segundos de silêncio transcorreram. Afinal pareceu recuperar a força. Lançou um olhar desdenhoso para o homem de hábito púrpura encolhido no chão, depois se virou e saiu da catedral, a passos lentos mas firmes.

24

Caris estava parada no pátio gramado na frente da catedral de Kingsbridge, junto com pelo menos metade da população da cidade, esperando que os noivos saíssem pela enorme porta oeste.

Ela não sabia por que estava ali. Vinha tendo dúvidas sobre o casamento desde o dia em que Merthin terminara seu guincho e eles tiveram uma conversa desagradável sobre o futuro. Ficara furiosa, muito embora fizesse completo sentido tudo o que ele dissera. Era natural que Merthin quisesse ter sua própria casa e viver com ela ali; era natural que quisesse dormir com ela todas as noites e ter filhos. Era o que todos queriam. Todos, ao que parecia, exceto Caris.

E, na verdade, ela também queria, de certa forma, todas essas coisas. Gostaria de dormir com Merthin todas as noites, enlaçar seu corpo esguio a qualquer momento que quisesse, sentir aquelas mãos ágeis em sua pele quando acordasse pela manhã, dar à luz uma versão em miniatura do homem que amava, uma criança de quem cuidariam com todo o carinho. Mas não queria as coisas que acompanhavam o casamento. Queria um amante, não um amo; queria viver com ele, não dedicar sua vida a ele. E estava irritada porque Merthin a obrigava a enfrentar o dilema. Por que não podiam continuar como estavam?

Havia três semanas que quase não falava com ele. Fingia estar com um resfriado de verão e até desenvolvera uma ferida dolorosa no lábio, que lhe dava uma desculpa para não o beijar. Merthin ainda fazia as refeições em sua casa e mantinha conversas cordiais com seu pai, mas não se demorava depois que Edmund e Petranilla iam se deitar.

Agora, a ferida já havia sarado e a raiva esfriara. Caris ainda não queria se tornar propriedade de Merthin, mas gostaria que ele recomeçasse a beijá-la. No entanto, Merthin não estava com ela naquele momento. Também se encontrava

no meio da multidão, mas a certa distância, conversando com Bessie Bell, a filha do dono da Bell Inn. Era uma garota pequena, com um corpo cheio de curvas e o tipo de sorriso que os homens chamavam de sensual e as mulheres achavam injurioso. Merthin a fez rir. Caris desviou os olhos.

A grande porta de madeira da catedral foi aberta. Uma aclamação se elevou da multidão quando a noiva saiu. Margery era uma linda jovem de 16 anos, vestida de branco, com flores nos cabelos. O noivo a seguiu, um homem alto e sério, cerca de dez anos mais velho.

Os dois pareciam infelizes.

Mal se conheciam. Até aquela semana, só haviam se encontrado uma única vez, seis meses antes, quando os dois condes combinaram o casamento. Corria o rumor de que Margery amava outro, mas é claro que nem pensava em desobedecer ao conde Roland. E seu marido tinha um ar de estudioso, como se preferisse estar numa biblioteca, lendo um livro sobre geometria. Como seria a vida conjugal? Era difícil imaginar que desenvolvessem um pelo outro o tipo de paixão de que Caris e Merthin desfrutavam.

Ela viu Merthin se aproximar através da multidão. E, de repente, ficou aturdida ao pensar como era ingrata. Como tinha sorte por não ser a sobrinha de um conde! Ninguém a obrigaria a aceitar um casamento por conveniência política. Era livre para se casar com o homem que amava... e tudo com que se preocupava era encontrar razões para não fazê-lo.

Caris o recebeu com um abraço e um beijo nos lábios. Ele ficou surpreso, mas não fez qualquer comentário. Alguns homens poderiam se sentir enervados por suas oscilações de humor, mas Merthin tinha uma serenidade fundamental que era difícil abalar.

Ficaram juntos e observaram o conde Roland sair da catedral, seguido pelo conde e pela condessa de Monmouth, depois o bispo Richard e o prior Godwyn. Caris notou que o primo Godwyn parecia ao mesmo tempo satisfeito e apreensivo... quase como se fosse o noivo. O motivo para isso, sem dúvida, era o fato de ter tomado posse como prior.

Uma escolta de cavaleiros se formou: os homens de Shiring na libré vermelha e preta de Roland; os homens de Monmouth, em amarelo e verde. O séquito se encaminhou para a casa da guilda. Roland ofereceria ali um banquete

para os convidados. Edmund compareceria, mas Caris conseguira se esquivar e, por isso, Petranilla o acompanharia.

Enquanto o cortejo nupcial deixava a catedral, uma chuva leve começou a cair. Caris e Merthin foram se abrigar no pórtico.

– Venha comigo até o coro – pediu Merthin. – Quero ver os reparos de Elfric.

Os convidados do casamento ainda estavam saindo da catedral. Merthin e Caris entraram, passando pelo meio da multidão. Foram para o lado sul do coro. Aquela parte era reservada ao clero, e a presença de Caris ali seria desaprovada. Mas os monges e as freiras já haviam se retirado. Caris olhou ao redor, mas não havia ninguém para vê-la além de uma mulher desconhecida, uma ruiva bem-vestida, em torno dos 30 anos, presumivelmente uma convidada do casamento, que parecia à espera de alguém.

Merthin inclinou a cabeça para examinar o teto abobadado. Os reparos ainda não haviam terminado: uma pequena parte da abóbada continuava aberta, protegida por uma lona pintada de branco esticada pela abertura. Assim, o teto parecia completo a um olhar casual.

– Ele está fazendo um bom trabalho – comentou Merthin. – Mas me pergunto por quanto tempo vai durar.

– Por que não duraria indefinidamente? – perguntou Caris.

– Porque não sabemos o motivo do desabamento. Essas coisas não acontecem sem razão, não são atos de Deus, independentemente do que possam dizer os monges. Qualquer que tenha sido a causa do desabamento, podemos presumir que ocorrerá de novo.

– É possível descobrir a causa?

– Não é fácil. Elfric com certeza não pode descobrir. Eu poderia.

– Mas você foi despedido.

– Exatamente. – Ele ficou calado por um momento, a cabeça inclinada para trás. – Quero ver lá de cima. Vou subir até o sótão.

– Irei com você.

Os dois olharam ao redor. A única pessoa nas proximidades era a mulher de cabelos vermelhos, ainda esperando no transepto sul. Merthin levou Caris até uma pequena porta, que dava para uma estreita escada em espiral. Ela o seguiu, especulando sobre o que os monges pensariam se soubessem que havia uma

mulher explorando suas passagens secretas. Ficou fascinada ao ver o outro lado da abóbada.

– Você está olhando para o que chamam de extradorso – informou Merthin.

Caris gostava da maneira casual como ele dava as informações sobre arquitetura, presumindo que ela ficaria interessada e compreenderia. Merthin nunca dizia gracejos estúpidos sobre a incapacidade das mulheres de entender detalhes técnicos.

Ele avançou pelo passadiço estreito. Deitou-se para examinar o trabalho mais atentamente. Maliciosa, Caris arriou-se ao seu lado e estendeu o braço para envolvê-lo, como se estivessem na cama. Merthin tocou na argamassa entre as pedras novas e depois levou o dedo à língua.

– Está secando muito depressa – comentou.

– Tenho certeza de que é perigoso quando há umidade na fenda.

Ele a fitou.

– Eu a deixarei com umidade na fenda.

– Já deixou.

Merthin a beijou. Ela fechou os olhos para desfrutar ao máximo. E, depois de um longo momento, murmurou:

– Vamos para a minha casa. Ficaremos a sós lá. Meu pai e minha tia foram ao banquete do casamento.

Já iam se levantar quando ouviram vozes. Um homem e uma mulher haviam entrado na nave lateral sul e se achavam agora diretamente por baixo do trabalho de reparo. Suas palavras eram apenas um pouco abafadas pela lona que tapava a abertura no teto.

– Seu filho está com 13 anos agora – disse a mulher. – Quer ser um cavaleiro.

– É o que todos os meninos querem.

– Não se mexa – sussurrou Merthin. – Eles nos ouvirão.

Caris presumiu que a voz de mulher era da convidada ruiva do casamento. A voz masculina era familiar, e ela teve a impressão de que era um monge... Mas um monge não podia ter um filho.

– E sua filha tem 12 anos. Será uma linda mulher.

– Como a mãe.

– Um pouco. – Houve uma pausa, então a mulher acrescentou: – Não posso ficar muito tempo. A condessa pode me procurar.

Portanto, ela era da comitiva da condessa de Monmouth. Talvez fosse uma dama de companhia, pensou Caris. Parecia estar dando notícias das crianças a um pai que não as via há anos. Quem poderia ser?

– Por que quis se encontrar comigo, Loreen?

– Só para ver você. Lamento que tenha perdido o braço.

Caris deixou escapar um murmúrio de espanto. Levou a mão à boca no mesmo instante, torcendo para não ter sido ouvida. Havia apenas um monge sem braço: Thomas. Agora que o nome aflorara à sua mente, tinha certeza de que a voz era dele. Ele tinha mesmo uma esposa? E dois filhos? Caris olhou para Merthin e viu que o rosto do namorado era uma máscara de incredulidade.

– O que diz às crianças a meu respeito? – perguntou Thomas.

– Digo que o pai morreu – respondeu Loreen, áspera, para depois começar a chorar. – Por que fez isso?

– Não tinha alternativa. Se não viesse para cá, teriam me matado. Mesmo agora, quase nunca deixo o priorado.

– Por que alguém iria querer matá-lo?

– Para proteger um segredo.

– Seria melhor se tivesse morrido. Como viúva, eu poderia encontrar outro marido, alguém para ser pai das crianças. Mas dessa maneira tenho os ônus de uma esposa e mãe, sem ninguém para me ajudar. Ninguém para me abraçar à noite.

– Lamento ainda estar vivo.

– Não falei sério. Não gostaria que estivesse morto. Já o amei muito.

– E eu a amei tanto quanto um homem da minha espécie pode amar uma mulher.

Caris franziu o rosto. O que ele queria dizer com “um homem da minha espécie”? Era um daqueles que amavam outros homens? Acontecia com frequência entre os monges.

Qualquer que fosse o significado, Loreen pareceu compreender, pois disse, em tom gentil:

– Sei disso.

Houve um longo momento de silêncio. Caris sabia que ela e Merthin não deveriam escutar uma conversa tão íntima... Mas agora era tarde demais para revelarem sua presença.

– Você se sente feliz? – indagou Loreen.

– Claro. Não fui feito para ser um marido ou um cavaleiro. Rezo pelas crianças todos os dias... e por você. Peço a Deus que lave de minhas mãos o sangue de todos os homens que matei. Esta é a vida que sempre desejei.

– Neste caso, desejo o melhor para você.

– Você é muito generosa.

– É bem provável que nunca mais me torne a ver.

– Sei disso.

– Então me dê um beijo e diga adeus.

Houve um longo silêncio e depois passos leves se afastaram. Caris mal ousava respirar. Após outra pausa, ela ouviu Thomas chorando. Os soluços eram abafados, mas pareciam vir lá do fundo. Lágrimas afloraram aos olhos de Caris.

Depois de algum tempo, Thomas se controlou. Fungou, tossiu e murmurou alguma coisa que podia ter sido uma oração; em seguida, ela o ouviu se afastar.

Os dois podiam finalmente sair dali. Levantaram-se, atravessaram o sótão, desceram pela escada em espiral. Nenhum dos dois falou enquanto cruzavam a nave da vasta catedral. Caris tinha a sensação de que contemplara o quadro de uma terrível tragédia, as figuras paralisadas em suas atitudes dramáticas do momento, só sendo possível tentar adivinhar o passado e o futuro.

Como um quadro, a cena despertava reações diferentes em pessoas diferentes. A reação de Merthin não foi a mesma de Caris. Ao saírem para a tarde úmida de verão, ele disse:

– Que história triste...

– Fiquei furiosa. A vida daquela mulher foi arruinada por Thomas.

– Não se pode culpá-lo. Ele tinha de salvar sua vida.

– E agora a vida dela acabou. Não tem marido, mas não pode se casar de novo. É obrigada a criar dois filhos sozinha. Pelo menos Thomas tem o mosteiro.

– E ela tem a corte da condessa.

– Como pode comparar as duas coisas? – indagou Caris, irritada. – Ela é provavelmente uma parente distante, mantida por caridade, obrigada a fazer

serviços subalternos, ajudar a condessa a arrumar os cabelos e a se vestir. Não tem alternativa, está acuada.

– E ele também. Ouviu-o dizer que não pode deixar o priorado.

– Mas Thomas tem uma função, é o matriculário, toma decisões, faz alguma coisa.

– Loreen tem os filhos.

– Exatamente! O homem cuida dos prédios mais importantes por quilômetros ao redor enquanto a mulher fica ocupada com as crianças.

– A rainha Isabella teve quatro filhos e durante algum tempo foi uma das pessoas mais poderosas da Europa.

– Mas teve de se livrar do marido primeiro.

Os dois continuaram a caminhar em silêncio, passando do terreno do priorado para a rua principal. Pararam diante da casa de Caris. Ela percebeu que a conversa se transformara em outra briga, pelo mesmo motivo que a anterior: o casamento.

– Vou almoçar na Bell – disse Merthin.

Era a estalagem do pai de Bessie.

– Está bem – murmurou Caris, desolada.

Quando Merthin começou a se afastar, ela acrescentou:

– Loreen estaria melhor se nunca tivesse casado.

Ele olhou para trás.

– O que mais ela poderia fazer?

Era esse o problema, pensou Caris, ressentida, enquanto entrava em casa. O que mais uma mulher poderia fazer?

A casa estava vazia. Edmund e Petranilla tinham ido ao banquete e os criados tiraram a tarde de folga. Só Scrap, a cadela, estava ali, e a recebeu com o rabo abanando. Caris afagou a cabeça preta do animal, distraída. Sentou-se à mesa da sala, pensando.

Todas as outras moças da cristandade não queriam nada mais do que se casar com o homem que amavam. Por que Caris se sentia tão horrorizada com a perspectiva? De onde tirara sentimentos tão anticonvencionais? Não fora da mãe, com certeza. Rose queria apenas ser uma boa esposa para Edmund. Acreditava no que os homens diziam sobre a inferioridade das mulheres. Sua

subordinação deixava Caris embaraçada. Embora Edmund nunca se queixasse, a filha desconfiava de que ele se sentia entediado com tal comportamento. Caris tinha mais respeito pela poderosa e desagradável tia Petranilla do que por sua dócil mãe.

Mas até mesmo Petranilla permitira que sua vida fosse moldada pelos homens. Durante anos, manobrara para que o pai subisse na escada social até se tornar o regedor de Kingsbridge. Sua emoção mais forte era o ressentimento: contra o conde Roland, porque rompera o noivado, e contra o marido, porque morrera. Viúva, dedicara-se à carreira de Godwyn.

A rainha Isabella tivera uma vida parecida. Depusera o marido, o rei Eduardo II, mas o amante, Roger Mortimer, dominara a Inglaterra até o filho de Isabella ter idade e confiança suficientes para derrubá-lo.

O que Caris deveria fazer? Viver sua vida através dos homens? O pai queria que ela trabalhasse em seu negócio de lã. Ou poderia administrar a carreira de Merthin, ajudando-o a obter contratos para construir igrejas e pontes, a expandir suas atividades até se tornar o construtor mais rico e importante da Inglaterra.

Ela foi despertada de seu devaneio por uma batida à porta. Madre Cecilia entrou, animada e borbulhante como sempre.

– Boa tarde! – exclamou Caris, surpresa. – Eu me perguntava se todas as mulheres são obrigadas a viver suas vidas através dos homens. E você é um exemplo contrário, óbvio!

– Não é bem assim – protestou Cecilia, com um sorriso cordial. – Vivo através de Jesus Cristo, que foi um homem, embora seja Deus também.

Caris não tinha certeza se isso contava. Abriu o armário e pegou um barril pequeno do melhor vinho.

– Gostaria de tomar o vinho do Reno de meu pai?

– Só um pouco, misturado com água.

Caris encheu duas taças pela metade, depois acrescentou água de um jarro.

– Já deve saber que meu pai e minha tia estão no banquete.

– Claro que sei. Mas vim falar com você.

Caris já adivinhara isso. A prioresa não vagueava pela cidade em visitas sociais sem um propósito. Cecilia tomou um gole do vinho e acrescentou:

– Tenho pensado muito em você e na maneira como agiu no dia em que a

ponte desabou.

– Fiz alguma coisa errada?

– Ao contrário. Fez tudo perfeitamente. Foi gentil mas firme com os feridos. Obedeceu às minhas ordens, mas ao mesmo tempo demonstrou iniciativa. Fiquei impressionada.

– Obrigada.

– E você parecia... não exatamente gostar, mas pelo menos encontrar satisfação no trabalho.

– Havia pessoas sofrendo e tentamos lhes proporcionar alívio... O que poderia ser mais satisfatório?

– É assim que me sinto, e é por isso que sou freira.

Caris compreendeu para onde a conversa levava.

– Eu não poderia passar a vida no priorado.

– A aptidão natural para cuidar dos doentes é apenas parte do que notei. Quando as pessoas começaram a entrar na catedral, carregando feridos e mortos, perguntei quem lhes dissera para fazer aquilo. A resposta foi: Caris Wooler.

– Era óbvio o que deveria ser feito.

– Podia ser... para você. – Cecilia se inclinou para a frente, muito séria. – O talento para a organização é concedido a poucas pessoas. Sei disso. Eu o tenho e sou capaz de reconhecê-lo nos outros. Enquanto todo mundo que nos rodeava estava perplexo, em pânico ou aterrorizado, você e eu assumimos o comando.

Caris sentiu que isso era verdade.

– Acho que sim – disse, relutante.

– Eu a observei por dez anos... desde o dia em que sua mãe morreu.

– Você lhe trouxe alívio em sua aflição.

– Já então eu sabia, apenas por falar com você, que iria crescer e se tornar uma mulher excepcional. Meu sentimento foi confirmado quando frequentou a escola das freiras. Você tem 20 anos agora. Deve estar pensando no que fazer com sua vida. Creio que Deus tem um trabalho para você.

– Como sabe o que Deus pensa?

Cecilia ficou irritada.

– Se qualquer outra pessoa na cidade me fizesse essa pergunta, eu ordenaria que se ajoelhasse e pedisse perdão. Mas você é sincera, por isso responderei. Sei

o que Deus pensa porque aceito os ensinamentos de sua Igreja. E estou convencida de que Ele quer que você seja uma freira.

– Gosto demais dos homens.

– Isso sempre foi um problema para mim quando era jovem, mas posso lhe assegurar que o problema diminui a cada ano que passa.

– Não gosto que me digam como devo viver.

– Não seja uma beguina.

– O que é isso?

– As beguinas são freiras que não aceitam as regras e consideram que seus votos são temporários. Vivem juntas, cultivam suas terras, cuidam de seu gado e se recusam a ser dirigidas por homens.

Caris sempre ficava fascinada ao ouvir falar de mulheres que desafiavam as regras.

– Onde elas podem ser encontradas?

– A maioria vive na Holanda. Tinham uma líder, Marguerite Porete, que escreveu um livro chamado *O espelho de almas simples*.

– Eu gostaria de ler.

– Isso está fora de questão. As beguinas foram condenadas pela Igreja por causa da heresia do Livre Espírito, a convicção de que podem alcançar a perfeição espiritual aqui na Terra.

– Perfeição espiritual? O que isso significa? É apenas uma expressão.

– Se está determinada a fechar sua mente a Deus, nunca será capaz de compreender.

– Desculpe, madre Cecilia, mas, cada vez que um simples mortal me diz alguma coisa sobre Deus, não posso deixar de pensar que nós, mortais, somos falíveis, por isso a verdade pode ser diferente.

– Como a Igreja pode estar errada?

– Os muçulmanos têm convicções diferentes.

– Eles são pagãos!

– E nos chamam de infiéis. É a mesma coisa. Buonaventura Caroli diz que há mais muçulmanos do que cristãos no mundo. Portanto, a Igreja de alguém está errada.

– Tome cuidado – disse madre Cecilia, severa. – Não permita que sua paixão

pelo debate a leve à blasfêmia.

– Desculpe, madre.

Caris sabia que Cecilia gostava de discutir com ela. Mas havia sempre um momento em que a prioresa parava de argumentar e começava a pregar. Caris, então, tinha de recuar. Ficava com a sensação de ter sido enganada. Cecilia se levantou.

– Sei que não posso persuadi-la contra sua vontade, mas queria que soubesse da tendência dos meus pensamentos. Você não poderia fazer nada melhor do que entrar em nosso convento e dedicar sua vida ao sacramento da cura. Obrigada pelo vinho.

Quando Cecilia se preparava para sair, Caris perguntou:

– O que aconteceu com Marguerite Porete? Ela ainda está viva?

– Não – respondeu a prioresa. – Foi morta na fogueira. – Depois saiu para a rua e fechou a porta atrás de si.

Caris ficou olhando para a porta. A vida de uma mulher era uma casa de portas fechadas: não podia ser uma aprendiz, não podia estudar na universidade, não podia ser padre ou médica, não podia disparar uma flecha nem lutar com uma espada e não podia se casar sem se submeter à tirania do marido.

Ela imaginou o que Merthin estaria fazendo naquele momento. Bessie teria se sentado à sua mesa na Bell Inn, observava-o beber a melhor cerveja de seu pai, oferecia aquele sorriso sedutor, puxara a frente do vestido para que ele pudesse perceber como seus seios eram atraentes? E Merthin, estaria se mostrando encantador e divertido, fazendo-a rir? Bessie entreabria os lábios para que ele pudesse admirar os dentes regulares, inclinava a cabeça para trás e exibia a pele macia do pescoço muito branca? Ou ele conversava com o pai de Bessie, Paul Bell, com perguntas respeitosas e interessadas sobre seu negócio, para que Paul pudesse mais tarde dizer à filha que Merthin era um ótimo rapaz? Ou Merthin teria se embriagado e passara o braço em torno da cintura de Bessie, a mão parando no quadril por um instante, para depois avançar pouco a pouco na direção do ponto entre as coxas que já ansiava pelo contato... assim como ele fizera uma vez com Caris?

Lágrimas afloraram aos seus olhos. Sentia-se uma insensata. Tinha o melhor homem da cidade, mas preferia entregá-lo à garota que trabalhava num bar. Por

que ela fazia essas coisas consigo?

Foi nesse instante que Merthin entrou.

Ela o fitou através das lágrimas. A visão estava tão prejudicada que não pôde decifrar sua expressão. Ele viera para restabelecer a harmonia entre os dois... ou para censurá-la, descarregar sua raiva com a coragem ganha após várias canecas de cerveja?

Caris se levantou. Por um momento, permaneceu em suspense, enquanto ele fechava a porta e se adiantava lentamente.

– Não importa o que você faça ou diga, eu ainda a amo – declarou Merthin.

Ela o abraçou e desatou a chorar.

Merthin acariciou seus cabelos sem dizer nada, o que era a coisa certa. Depois de algum tempo, começaram a se beijar. Caris sentia a ânsia familiar, mais forte do que nunca: queria as mãos de Merthin acariciando todo o seu corpo, a língua em sua boca, os dedos dentro dela. Sentia-se diferente e queria que o amor entre os dois encontrasse uma nova expressão.

– Vamos tirar as roupas – sussurrou ela.

Nunca haviam feito isso antes. Ele sorriu de prazer.

– Está bem... Mas o que faremos se alguém entrar?

– Eles passarão horas no banquete. Além disso, podemos subir.

Foram para o quarto dela. Caris tirou os sapatos. Subitamente, sentiu-se inibida. O que Merthin pensaria ao vê-la nua? Sabia que ele amava cada parte de seu corpo: os seios, as pernas, o pescoço, a vulva... Sempre dizia que ela era linda quando a acariciava e a beijava nesses lugares. Mas notaria agora que seus quadris eram muito largos, as pernas um pouco curtas, os seios pequenos?

Merthin parecia não ter essas inibições. Tirou a camisa, baixou o calção e postou-se desinibido na sua frente. O corpo era pequeno mas forte, e ele parecia cheio de energia acumulada, como um cervo jovem. Caris notou pela primeira vez que os cabelos em sua virilha eram da cor das folhas do outono. O pênis estava erguido, ansioso. O desejo superou a timidez e ela se apressou a puxar o vestido pela cabeça.

Ele contemplou seu corpo nu, mas Caris não se sentia mais envergonhada. A expressão de Merthin a incendiava como uma carícia íntima.

– Você é linda – murmurou ele.

– Você também.

Deitaram-se lado a lado no colchão de palha. Enquanto se beijavam e acariciavam, Caris compreendeu que naquele dia não ficaria satisfeita apenas com os jogos habituais.

– Quero fazer direito.

– Ir até o fim?

A ideia de gravidez aflorou na mente de Caris, mas ela tratou de reprimi-la. Sentia desejo demais para pensar nas consequências.

– Isso mesmo – sussurrou ela.

– Também quero.

Merthin se deitou por cima dela. Durante metade de sua vida, Caris imaginara como seria aquele momento. Olhou o rosto dele. Exibia a expressão concentrada que ela tanto amava, a expressão que Merthin assumia quando trabalhava, as mãos pequenas moldando a madeira com ternura e habilidade. As pontas dos dedos abriram com extrema gentileza as pétalas de seu sexo. Caris estava molhada e escorregadia, esperando por ele.

– Tem certeza? – murmurou Merthin.

Mais uma vez, ela reprimiu a ideia de gravidez.

– Tenho.

Caris por um momento sentiu medo quando ele a penetrou. Contraiu-se, numa reação involuntária. Merthin hesitou, ao sentir a resistência do corpo.

– Está tudo bem – sussurrou ela. – Pode ir com mais força. Não vai me machucar.

Caris estava enganada nesse ponto, pois sentiu uma pontada de dor quando ele arremeteu. E não pôde evitar um grito.

– Desculpe...

– Só espere um instante.

Ficaram imóveis. Merthin beijou suas pálpebras, a testa, a ponta do nariz. Acariciou seu rosto e fitou os olhos verdes com machas douradas. Logo a dor passou e o desejo voltou. Caris começou a se mexer, exultante por ter o homem que amava dentro de seu corpo pela primeira vez. E ficou emocionada com a intensidade do prazer dele. Merthin a fitou nos olhos, um tênue sorriso nos lábios, uma ânsia profunda no olhar enquanto se mexiam mais e mais depressa.

– Não posso parar... – balbuciou ele, ofegante.

– Não pare! Não pare!

Caris o observava atentamente. Logo ele foi dominado pelo prazer, os olhos fechados, a boca aberta, o corpo esticado como a corda de um arco. Caris sentiu os espasmos dentro dela, os jatos da ejaculação. Pensou que nada na vida a preparara para tanta felicidade. Um momento depois, todo o seu corpo se convulsionou em êxtase. Já experimentara aquela sensação antes, mas não com tanta intensidade. Fechou os olhos e se entregou, o corpo se comprimindo com toda a força contra Merthin enquanto tremia como uma árvore ao vento.

Quando acabou, os dois permaneceram imóveis por um longo tempo. Merthin encostou o rosto no pescoço de Caris, que sentiu a respiração ofegante em sua pele. Acariciou as costas dele, a pele úmida de suor. Pouco a pouco, as batidas de seu coração foram se tornando mais lentas. Um profundo contentamento a envolveu, como o crepúsculo ao final de uma tarde de verão.

– Então é disso que tanto falam... – sussurrou ela, depois de algum tempo.

25

No dia seguinte à confirmação de Godwyn como prior de Kingsbridge, Edmund Wooler foi à casa dos pais de Merthin no início da manhã.

Merthin tendia a esquecer como Edmund era uma pessoa importante, pois ele o tratava como alguém da família, mas Gerald e Maud reagiram como se estivessem recebendo uma inesperada visita real. Sentiram-se embaraçados por Edmund constatar como sua casa era pobre. Só tinha um cômodo. Merthin e os pais dormiam em colchões de palha no chão. Havia uma lareira, uma mesa e um pequeno quintal nos fundos.

Felizmente, a família se levantara ao amanhecer. Todos se lavaram, se vestiram e arrumaram a casa. Mesmo assim, quando Edmund entrou, com seus passos irregulares, a mãe de Merthin limpou a poeira de um banco, passou as mãos pelos cabelos, fechou e abriu a porta dos fundos, pôs lenha no fogo. O pai fez várias mesuras, pôs um manto, ofereceu uma caneca de cerveja.

– Não, obrigado, sir Gerald – disse Edmund, sabendo que a família não tinha o suficiente. – Mas aceitarei uma tigela de sua potagem, lady Maud, se for possível.

Toda família mantinha sempre no fogo um caldeirão com água e aveia, a que acrescentava ossos, caroços de maçã, vagens, ervilhas e outros restos. Os ingredientes eram cozidos em fogo baixo por dias. Temperada com sal e ervas, a sopa nunca tinha o mesmo gosto duas vezes, e era o alimento mais barato.

Satisfeita, Maud despejou algumas conchas de potagem numa tigela e pôs na mesa, com uma colher e um prato com pão.

Merthin ainda sentia a euforia da tarde anterior. Era como estar ligeiramente embriagado. Fora dormir pensando no corpo nu de Caris e acordara sorrindo. Mas foi lembrado de repente de sua confrontação com Elfric por causa de

Griselda. Um falso instinto advertiu-o de que Edmund gritaria “Você profanou minha filha!” e depois bateria em seu rosto com uma vara.

Foi apenas uma visão momentânea e se desvaneceu no instante em que Edmund se sentou à mesa. Ele pegou a colher, mas disse para Merthin, antes de começar a tomar a sopa:

– Agora que temos um prior, quero começar a trabalhar na ponte o mais depressa possível.

– Isso é ótimo.

Edmund tomou uma colher da sopa e estalou os lábios.

– É a melhor potagem que já provei, lady Maud.

A mãe de Merthin ficou feliz. Ele se sentiu agradecido por Edmund ser tão gentil com seus pais. Os dois sentiam a humilhação de sua situação de penúria, e era um bálsamo ter o regedor da cidade comendo à sua mesa e tratando-os como sir Gerald e lady Maud. Então seu pai comentou:

– Quase não me casei com ela, Edmund... Sabia disso?

Merthin tinha certeza de que Edmund já ouvira a história antes, mas mesmo assim ele respondeu:

– Não, não sabia... Como aconteceu?

– Eu a vi na missa no domingo de Páscoa e me apaixonei no mesmo instante. Devia haver mil pessoas na catedral de Kingsbridge, mas ela era a mulher mais bonita.

– Ora, Gerald, não precisa exagerar – interveio Maud, incisiva.

– Mas ela desapareceu na multidão e não consegui encontrá-la! Não sabia seu nome. Perguntei às pessoas quem era a moça bonita de cabelos louros e responderam que todas as moças eram bonitas e louras.

– Saí apressada depois da missa – explicou Maud. – Estávamos na Holly Bush Inn e mamãe não passava bem. Voltei para cuidar dela.

– Procurei por toda a cidade, mas não consegui encontrá-la – continuou Gerald. – Depois da Páscoa, todos voltavam para casa. Eu morava em Shiring, e ela, em Casterham, mas eu não sabia disso na ocasião. Pensava que nunca mais tornaria a vê-la. Imaginei que ela podia ser um anjo, que viera à Terra para verificar se todos compareciam à missa.

– Gerald, por favor...

– Mas meu coração estava perdido. Não sentia mais qualquer interesse por outras mulheres. Esperava passar o resto de minha vida ansiando pelo Anjo de Kingsbridge. Isso se prolongou por dois anos, até que tornei a vê-la num torneio em Winchester.

– Aquele completo estranho me abordou e disse: “É você... Depois de tanto tempo! Deve se casar comigo antes de desaparecer outra vez!” – acrescentou Maud. – Pensei que ele era louco.

– Espantoso... – disse Edmund.

Merthin achou que a boa vontade de Edmund já fora longe demais e interveio:

– Já fiz alguns desenhos no chão do sótão dos pedreiros na catedral.

Edmund acenou com a cabeça.

– Uma ponte de pedra bastante larga para que duas carroças passem ao mesmo tempo?

– Como especificou... e com rampas nas laterais. Também encontrei uma maneira de reduzir o preço em cerca de um terço.

– Incrível! Como conseguiu?

– Eu lhe mostrarei assim que acabar de comer.

Edmund tomou o restante da potagem e levantou-se.

– Já acabei. Podemos ir. – Virou-se para Gerald e inclinou a cabeça numa ligeira reverência. – Obrigado por sua hospitalidade.

– É um prazer recebê-lo em nossa casa, Edmund.

Merthin e Edmund saíram sob uma chuva fina. Em vez de seguirem para a catedral, Merthin levou Edmund na direção do rio. O passo torto de Edmund era facilmente reconhecível e quase todos na rua o cumprimentavam com uma palavra cordial ou uma reverência respeitosa.

Merthin se sentiu subitamente nervoso. Havia meses pensava no projeto da ponte. Enquanto trabalhava em Saint Mark, supervisionando os carpinteiros que erguiam o novo telhado e removiam o antigo, ele pensava no desafio maior da construção da ponte. Agora, pela primeira vez, suas ideias seriam avaliadas por outra pessoa.

Até então, Edmund não fazia ideia de como o projeto de Merthin era radical.

A rua enlameada descia a encosta passando por casas e oficinas. Os baluartes

da cidade haviam se deteriorado em dois séculos de paz civil e em alguns lugares restavam apenas pequenas elevações, que eram muros de pátios e hortas. À beira do rio ficavam as indústrias que consumiam grandes quantidades de água, especialmente as que tingiam lã e curtiam o couro.

Merthin e Edmund alcançaram a margem depois de passarem entre um matadouro que exalava um forte odor de sangue e uma ferraria em que ressoava o barulho de malhos batendo em ferro. À frente deles, além de uma estreita faixa de água, ficava a ilha dos Leprosos. Edmund perguntou:

– Por que estamos aqui? A ponte fica a meio quilômetro de distância rio acima.

– Ficava. – Merthin respirou fundo. – Acho que devemos construir a nova ponte aqui.

– Uma ponte até a ilha?

– E uma segunda ponte da ilha até a outra margem. Duas pontes pequenas, em vez de uma grande. Sai muito mais barato.

– Mas as pessoas terão de atravessar a ilha para ir de uma ponte a outra.

– Por que não?

– Porque é uma colônia de leprosos!

– Só resta um leproso ali. Pode ser transferido para outro lugar. A doença parece estar desaparecendo.

Edmund ficou pensativo.

– Todas as pessoas que viessem para Kingsbridge teriam de passar pelo ponto em que estamos neste momento.

– Será preciso abrir uma nova rua, derrubar alguns desses prédios... mas o custo será mínimo em comparação com o dinheiro poupado na ponte.

– E no outro lado...

– Há um pasto que pertence ao priorado. Avistei tudo quando trabalhava no telhado de Saint Mark. Foi assim que tive a ideia.

Edmund estava impressionado.

– Excelente ideia. Não entendo por que a primeira ponte não passou por aqui.

– A primeira ponte foi construída há centenas de anos. O rio devia ter uma forma diferente naquele tempo. As margens mudaram de posição ao longo dos

séculos. O canal entre a ilha e o pasto talvez fosse mais largo. E no passado não havia nenhuma vantagem em construir aqui.

Edmund olhou por sobre a água. Merthin acompanhou seu olhar. A colônia de leprosos era um amontoado de prédios de madeira em ruínas, espalhados por três ou quatro acres. A ilha era rochosa demais para a agricultura, mas havia algumas árvores e moitas baixas. Era infestada de coelhos, que os habitantes da cidade não comiam por causa da superstição de que eram as almas dos leprosos mortos. Os habitantes exilados haviam criado galinhas e porcos na ilha. Agora, porém, era muito mais fácil para o priorado fornecer alimentos para o último morador restante.

– Faz pelo menos dez anos que não surge nenhum novo caso de lepra na cidade.

– Nunca vi um leproso – disse Merthin. – Quando menino, pensava que as pessoas se referiam a "leopardos". Imaginava que a ilha estava cheia de leões pintados.

Edmund riu. Virou as costas para o rio e olhou para os prédios ao redor.

– Teremos de realizar um trabalho político. Será preciso convencer as pessoas cujas casas serão demolidas de que são afortunadas, pois se mudarão para casas novas e melhores, enquanto seus vizinhos continuarão nas antigas. E teremos de purificar a ilha com água benta para convencer as pessoas de que é segura. Mas podemos resolver tudo isso.

– Projetei as duas pontes com arcadas pontudas, como a catedral – disse Merthin. – Ficarão lindas.

– Mostre-me os desenhos.

Deixaram a beira do rio. Subiram a encosta e atravessaram a cidade até o priorado. A chuva escorria da catedral, sob uma camada de nuvens baixas, como fumaça numa fogueira úmida. Merthin se sentia ansioso por ver de novo seus desenhos – não subia até o sótão havia quase uma semana – e explicá-los a Edmund. Pensara muito sobre a maneira como a correnteza abalara as fundações da antiga ponte e como podia proteger a nova do mesmo destino.

Levou Edmund para o pórtico norte. Subiram a escada em espiral. Seus sapatos escorregavam nos degraus de pedra gastos pelo tempo de uso. Edmund o seguia com um vigor extraordinário, arrastando a perna murcha em sua esteira.

Havia lampiões acesos no sótão dos pedreiros. A princípio, Merthin ficou satisfeito, pois isso significava que poderiam ver os desenhos com mais nitidez. E depois ele viu Elfric trabalhando ali.

Sentiu-se momentaneamente frustrado. A hostilidade entre os dois continuava tão intensa quanto antes. Elfric não conseguira evitar que os habitantes da cidade contratassem Merthin, mas continuava a impedir seu ingresso na guilda dos carpinteiros. Com isso, Merthin se encontrava numa posição anômala, ilegítimo, embora aceito. A atitude de Elfric era infrutífera, mas rancorosa.

A presença de Elfric prejudicaria sua conversa com Edmund. Mas Merthin disse a si mesmo para não ser tão sensível. Por que não deveria ser Elfric a ficar constrangido?

Ele segurou a porta para Edmund. Juntos, atravessaram o sótão até a área em que estavam os desenhos. E foi nesse instante que Merthin sofreu um choque.

Elfric estava abaixado, desenhando com um compasso... sobre uma nova camada de argamassa. Ele cobrira todo o chão, apagando por completo os desenhos de Merthin. Incrédulo, Merthin perguntou:

– O que você fez?

Elfric fitou-o com uma expressão desdenhosa e continuou a desenhar, sem dizer nada.

– Ele apagou meus desenhos! – exclamou Merthin.

– Qual é a sua explicação, homem? – perguntou Edmund.

Elfric não podia ignorar o sogro.

– Não há necessidade de explicação – disse ele. – O chão em que fazemos os desenhos tem de ser renovado a intervalos.

– Mas você cobriu projetos importantes!

– É mesmo? O prior não encomendou nenhum projeto a esse garoto. E, de qualquer forma, ele não pediu permissão para usar o chão de desenhos.

Edmund nunca era lento em suas explosões de raiva, e a insolência fria de Elfric só serviu para enfurecê-lo.

– Não banque o idiota. Pedi a Merthin para preparar desenhos para a nova ponte.

– Sinto muito, mas só o prior tem autoridade para fazer isso.

– Raios, é a guilda que está entrando com o dinheiro.

– Um empréstimo, que será pago.

– Mesmo assim, temos o direito de nos manifestarmos sobre o projeto.

– É mesmo? Terá de conversar com o prior sobre isso. Aliás, não creio que ele ficará impressionado com sua decisão de escolher um aprendiz inexperiente para fazer o projeto.

Merthin examinava os desenhos que Elfric fizera na argamassa.

– Suponho que esse seja o seu projeto para a ponte.

– O prior Godwyn me contratou para construí-la – declarou Elfric.

Edmund ficou chocado.

– Sem nos consultar?

Elfric reagiu, ressentido:

– Qual é o problema? Não quer que o trabalho fique com o marido de sua filha?

– Arcadas redondas – murmurou Merthin, ainda estudando os desenhos de Elfric. – E aberturas estreitas. Quantas pilastras terá?

Elfric hesitou em responder, mas Edmund fitava-o em evidente expectativa.

– Sete.

– A ponte de madeira só tinha cinco! – exclamou Merthin. – Por que são tão grossas, e as aberturas, tão estreitas?

– Para suportar o peso de um pavimento de pedra.

– Não precisa de pilastras tão grossas para isso. Olhe para esta catedral... As colunas suportam todo o peso do telhado, mas são delgadas e bastante espaçadas.

Elfric soltou uma risada desdenhosa.

– Ninguém vai passar com uma carroça pelo telhado da catedral.

– Isso é verdade, mas...

Merthin parou de falar. A chuva acumulada no vasto telhado da catedral provavelmente pesava mais do que um carro de boi carregado de pedras, mas por que explicar isso a Elfric? Não era sua função instruir um construtor incompetente. O projeto de Elfric era ruim, mas Merthin não queria melhorá-lo. Em vez disso, queria substituí-lo pelo próprio projeto; o que o levou a se calar. Edmund também compreendeu que estava desperdiçando seu fôlego.

– Esta decisão não será tomada por vocês dois – declarou, saindo em

seguida.



A filha recém-nascida de John Constable foi batizada na catedral pelo prior Godwyn. Essa honra lhe foi concedida porque ele era um importante empregado do priorado. Todos os cidadãos eminentes compareceram. Embora John não fosse rico nem bem relacionado – seu pai trabalhara no estábulo do priorado –, Petranilla dizia que as pessoas respeitáveis deveriam apoiá-lo e demonstrar amizade. Caris achava que eram condescendentes com John porque precisavam dele para proteger suas propriedades.

Chovia de novo e as pessoas que se agruparam em torno da pia batismal estavam mais molhadas do que a criança em quem jogaram água benta. Estranhos sentimentos agitaram-se em Caris ao contemplar aquela criança tão pequena e desamparada. Desde que se deitara com Merthin se recusava a pensar em gravidez, mas ao mesmo tempo sentiu um ímpeto de emoção ao ver a menina.

Ela se chamava Jesca, em homenagem à sobrinha de Abraão.

O primo de Caris, Godwyn, nunca se sentira à vontade com bebês. Assim que o breve ritual terminou, ele se virou para ir embora. Mas Petranilla o segurou pela manga do hábito beneditino.

– O que pode dizer sobre a ponte?

Ela falou em voz baixa, mas Caris ouviu e decidiu escutar o resto. Godwyn respondeu:

– Pedi a Elfric para preparar os desenhos e estimativas.

– Ótimo. Devemos manter na família.

– Elfric é o construtor do priorado.

– Outras pessoas podem querer se intrometer.

– Eu decidirei quem constrói a ponte.

Caris ficou irritada o suficiente para interferir:

– Como ousa fazer isso? – perguntou a Petranilla.

– Não estou falando com você – respondeu a tia.

Caris ignorou o desdém:

– Por que o projeto de Merthin não pode ser considerado?

– Porque ele não é da família.

– Merthin praticamente vive conosco!

– Mas você não é casada com ele. Se fosse, poderia ser diferente.

Caris sabia que estava em desvantagem nesse ponto, por isso tratou de mudar de assunto:

– Você sempre teve preconceito com Merthin. Mas todos sabem que ele é melhor construtor do que Elfric.

A irmã, Alice, ouviu o comentário e interveio:

– Elfric ensinou tudo a Merthin, e agora Merthin finge que sabe mais!

Isso era desonesto, Caris sabia, e ficou furiosa.

– Quem construiu a barcaça? – indagou, elevando a voz. – Quem consertou o telhado de Saint Mark?

– Merthin trabalhava com Elfric quando fez a barcaça. E ninguém pediu a Elfric que consertasse o telhado de Saint Mark.

– Porque sabiam que ele não seria capaz de resolver o problema!

Godwyn interrompeu a discussão.

– Por favor! – Ergueu as mãos à sua frente, num gesto defensivo. – Sei que vocês são da minha família, mas sou o prior e estamos na catedral. Não posso ficar arengando com mulheres em público.

Edmund juntou-se ao círculo.

– Era o que eu ia dizer. Falem baixo.

– Você deveria estar apoiando seu genro – declarou Alice, em tom acusador.

Ocorreu a Caris que Alice se parecia mais e mais com Petranilla. Embora tivesse apenas 21 anos e Petranilla, mais do que o dobro, Alice exibia a mesma expressão de desaprovação, com os lábios contraídos. Também estava se tornando mais corpulenta, o busto estufando a frente do vestido, como o vento fazia com a vela de um barco. Edmund lançou um olhar firme para Alice.

– Esta decisão não será tomada com base em relações de família – declarou. – O fato de Elfric ser casado com minha filha não ajudará sua ponte a se manter de pé.

Ele tinha opiniões firmes a respeito, Caris sabia. Achava que se deveria sempre fazer negócios com o fornecedor mais confiável, sempre contratar o

melhor homem para o trabalho, independentemente de amizade ou laços de família.

– Qualquer homem que precisa se cercar de acólitos leais não acredita para valer em si mesmo – disse Edmund. – E se o próprio não acredita em si mesmo, por que eu deveria?

– Então como será tomada a decisão? – perguntou Petranilla e lançou um olhar astuto para o irmão. – É evidente que você já tem um plano.

– O priorado e a guilda vão avaliar os projetos de Elfric e de Merthin... e todos os outros que forem apresentados – respondeu Edmund, decidido. – Todos os projetos devem estar desenhados e orçados. Esse orçamento deve ser confirmado num exame independente por outros construtores.

– Nunca ouvi falar de tantos detalhes – murmurou Alice. – Parece até um concurso de arco e flecha. Elfric é o construtor do priorado; ele deve fazer a ponte.

O pai a ignorou.

– Finalmente, os construtores serão interrogados pelos principais cidadãos, numa reunião na guilda da paróquia. E depois... – Edmund olhou para Godwyn, que parecia não estar surpreso com a maneira pela qual o processo de decisão era tirado de suas mãos – ... o prior Godwyn tomará sua decisão.



A reunião foi realizada na casa da guilda, na rua principal. Tinha um subsolo de pedra, uma estrutura de madeira por cima, telhado de ardósia, duas chaminés de pedra. No subsolo ficavam a cozinha, onde se preparava a comida para os grandes banquetes, a cadeia e a sala de John Constable. O andar térreo era tão espaçoso quanto uma igreja, com 30 metros de comprimento e 10 de largura. Num dos lados havia uma capela. Como era largo e as tábuas compridas para cobrir a distância de 10 metros eram raras e caras, a sala principal era dividida por uma fileira de colunas de madeira, sustentando as vigas.

Parecia um prédio despretensioso, feito com os mesmos materiais usados nas habitações mais humildes, sem glorificar ninguém. Mas, como dizia Edmund com frequência, o dinheiro ganho pelas pessoas que se reuniam ali pagava a

imponência do calcário e dos vitrais da catedral. E o salão da guilda era confortável, à sua maneira despretensiosa. Havia tapeçarias nas paredes e vidros nas janelas, com duas enormes lareiras para mantê-lo aquecido no inverno. Quando os negócios prosperavam, a comida servida ali estava à altura da realeza.

A guilda da paróquia fora criada centenas de anos antes quando Kingsbridge era uma pequena cidade. Uns poucos mercadores se juntaram para levantar o dinheiro necessário à aquisição de ornamentos para a catedral. Mas, quando homens ricos comiam e bebiam juntos, era inevitável que conversassem sobre os problemas comuns. A arrecadação de dinheiro logo se tornou secundária frente às questões políticas. Desde o início, a guilda fora dominada pelos mercadores de lã. Era por isso que havia uma balança e um peso padrão para um saco de lã – 165 quilos – na extremidade do salão. À medida que Kingsbridge crescia, outras guildas se formaram, representando diversos ofícios – carpinteiros, pedreiros, cervejeiros, ourives –, mas seus principais membros também pertenciam à guilda da paróquia, que mantinha a primazia. Era uma versão menos poderosa da guilda dos mercadores que governava a maioria das cidades inglesas, mas era proibida ali pelo senhor da cidade, o priorado de Kingsbridge.

Merthin nunca comparecera a uma reunião ou a um banquete ali, mas já entrara várias vezes para tratar de problemas corriqueiros. Gostava de inclinar a cabeça para trás e estudar a geometria complexa das vigas do teto, uma lição sobre a maneira como o peso de um enorme telhado podia ser distribuído sobre umas poucas colunas de madeira delgadas. A maioria dos elementos fazia sentido, mas uma peça ou outra lhe pareciam supérfluas, ou mesmo prejudiciais, transferindo o peso para áreas mais fracas. Isso acontecia porque ninguém sabia realmente o que fazia os prédios ficarem de pé. Os construtores seguiam o instinto e a experiência, mas às vezes alguma coisa saía errada.

Naquela noite, Merthin se encontrava num estado de alta ansiedade, nervoso demais para apreciar o trabalho ali. A guilda estava prestes a julgar seu projeto para a ponte. Era muito melhor do que o projeto de Elfric... Mas será que as pessoas ali compreenderiam isso?

Elfric tivera o benefício do chão de traçados. Merthin poderia ter pedido a Godwyn permissão para usá-lo, mas ficara com receio de novas sabotagens do

ex-mestre. Por isso, criara uma alternativa. Esticara um enorme pedaço de pergaminho numa armação de madeira e desenhara seu projeto na pele, com pena e tinta. Isso poderia ajudá-lo naquela noite, pois trouxera o desenho de seu projeto para o salão da guilda. Assim, os membros poderiam vê-lo ali, enquanto os desenhos de Elfric estariam apenas em suas memórias.

Ele ajeitou o projeto na armação de madeira em cima de um suporte de três pernas que criara para esse propósito específico. Todos foram olhar ao chegar embora já tivessem visto os desenhos pelo menos uma vez durante os últimos dias. Também haviam subido a escada em espiral para o sótão, a fim de examinar os desenhos de Elfric. Merthin tinha a impressão de que a maioria preferia seu projeto, mas alguns se mantinham cautelosos, hesitando em apoiar um jovem contra um homem experiente. Muitos ainda guardavam suas opiniões para si mesmos.

O nível de barulho foi aumentando à medida que o salão ficava cheio de homens e umas poucas mulheres. Todos se vestiam para a reunião na guilda como faziam para ir à catedral: os homens em dispendiosos casacos de lã, apesar do calor ameno do verão; as mulheres de cabeça coberta. Embora todos admitissem da boca para fora a inconfiabilidade e a inferioridade geral das mulheres, na prática algumas delas figuravam entre os cidadãos mais ricos e mais importantes da cidade. Havia madre Cecilia, agora sentada na primeira fila, ao lado de sua assistente pessoal, uma freira idosa conhecida como Velha Julie. Caris também estava presente. Todos a reconheciam como o braço direito de Edmund. Merthin experimentou um sobressalto de desejo quando ela se sentou no banco ao seu lado, a coxa quente encostada na sua.

Qualquer pessoa que exercesse um ofício na cidade tinha de pertencer a uma guilda. Os forasteiros só podiam fazer negócios em Kingsbridge nos dias de mercado. Até mesmo os monges e padres eram obrigados a ingressar numa guilda se quisessem fazer negócios, o que acontecia com frequência. Quando um homem morria, era comum que a viúva assumisse seu empreendimento. Betty Baxter era a mais próspera padeira da cidade; Sarah Taverner cuidava do Holly Bush Inn. Seria difícil e cruel impedir que essas mulheres ganhassem a vida. Era muito mais fácil admiti-las na guilda.

Edmund costumava presidir aquelas reuniões, sentado num enorme trono de

madeira numa plataforma na frente. Hoje, no entanto, havia duas cadeiras ali. Edmund se sentava em uma e, quando o prior Godwyn chegou, foi convidado para ocupar a outra. Godwyn estava acompanhado por todos os monges mais velhos e Merthin ficou satisfeito ao ver Thomas. Philemon também viera no grupo, magro e desajeitado. Merthin especulou por um instante sobre o motivo pelo qual Godwyn o trouxera.

Godwyn parecia aflito. Ao abrir a sessão, Edmund teve o cuidado de reconhecer que o prior tinha o controle da nova ponte e que a escolha do projeto, em última análise, seria sua. Mas todos sabiam que, de fato, Edmund tirara a decisão de Godwyn ao convocar aquela reunião. Se houvesse um consenso claro naquela noite, Godwyn teria a maior dificuldade para ficar contra a vontade expressa dos mercadores, numa questão de comércio em vez de religião. Edmund pediu ao prior que começasse com uma oração. Godwyn o atendeu, mas sabia que fora envolvido por uma manobra hábil, e era por isso que exibia uma carranca. Depois Edmund se levantou.

– Os dois projetos foram orçados por Elfric e Merthin, que usaram os mesmos métodos de cálculo – disse ele.

– Claro que usamos – interveio Elfric. – Ele aprendeu tudo comigo.

Houve uma onda de risos entre os homens mais velhos. Era verdade. Havia fórmulas para calcular custo por metro quadrado de muro, metro cúbico de aterro, metro de extensão de telhado e para obras mais complexas, como arcadas e abóbadas. Todos os construtores usavam os mesmos métodos embora com variações individuais. Os cálculos da ponte haviam sido complexos, mas também mais fáceis do que as contas que seriam necessárias para a construção de uma igreja.

– Cada homem verificou os cálculos do outro, por isso não há margem para discussões nesse ponto – acrescentou Edmund.

– Sei disso. Todos os construtores acrescentam o mesmo sobrepreço em seus orçamentos! – gritou Edward Butcher

O comentário provocou muitas risadas. Edward era popular entre os homens por sua ironia... e entre as mulheres por sua boa aparência e seus olhos castanhos sensuais. Não era tão popular com a esposa, que tinha conhecimento de suas infidelidades e recentemente o atacara com um de seus facões; ele ainda usava

uma bandagem no braço esquerdo.

– A ponte de Elfric custará 285 libras – disse Edmund assim que os risos cessaram. – A de Merthin custará 307 libras. A diferença é de 22 libras, como a maioria de vocês já calculou, mais depressa do que eu.

Houve algum riso por esse comentário: zombavam muitas vezes de Edmund por deixar que a filha fizesse as contas por ele. Edmund ainda usava os antigos numerais romanos, porque não conseguira se acostumar com os novos algarismos arábicos, que tornavam os cálculos muito mais fáceis.

– Vinte e duas libras de diferença... é muito dinheiro.

O comentário foi de Bill Watkin, o construtor que se recusara a contratar Merthin, um homem que tinha o alto da cabeça calvo, parecendo um monge.

– Pode ser, mas a ponte de Merthin é duas vezes mais larga – acrescentou Dick Brewer. – Deveria custar o dobro, mas não custa porque é um projeto mais inteligente.

Dick era um grande apreciador da cerveja que produzia e, em consequência, tinha uma barriga redonda protuberante, como uma mulher grávida.

– Quantos dias por ano precisamos de uma ponte larga o bastante para a passagem de duas carroças ao mesmo tempo? – perguntou Bill.

– Nos dias de mercado e durante toda a semana da Feira do Velocino.

– Nem tanto – insistiu Bill. – Isso só acontece durante uma hora pela manhã e outra hora à tarde.

– Já esperei duas horas com uma carroça cheia de cevada na antiga ponte.

– Deveria ter o bom senso de trazer a cevada nos dias de menor movimento.

– Trago cevada todos os dias.

Dick era o maior cervejeiro da cidade. Possuía um enorme caldeirão de cobre com capacidade para 500 galões; por isso sua taverna era chamada de Copper. Edmund interrompeu essa discussão:

– Há outros problemas causados pelos atrasos na ponte. Alguns mercadores vão para Shiring, onde não há ponte e não há fila. Outros fazem seus negócios enquanto esperam. Depois, voltam para casa, sem entrar na cidade. Com isso, poupam o pedágio e as taxas do mercado. É uma sonegação ilegal, mas nunca conseguiremos impedi-la. E há também o que as outras pessoas pensam sobre Kingsbridge. Neste momento, somos a cidade cuja ponte desabou. Se queremos

atrair de volta todos os negócios que estamos perdendo, precisamos reverter essa situação. Gostaria que Kingsbridge fosse conhecida como a cidade com a melhor ponte da Inglaterra.

Edmund era muito influente, e Merthin começou a farejar a vitória.

Betty Baxter, uma mulher muito gorda na casa dos 40 anos, se levantou e apontou para alguma coisa no projeto de Merthin.

– O que é isto aqui, no meio do parapeito da ponte, por cima da pilastra? Há uma pequena área acima da água, como se fosse uma plataforma de observação. Para que serve? Para pescar?

Os outros riram.

– É um refúgio de pedestres – explicou Merthin. – Se você está passando a pé pela ponte e o conde de Shiring aparece de repente, acompanhado por vinte cavaleiros montados, poderá sair da frente.

– Espero que seja grande o suficiente para comportar Betty – disse Edward Butcher.

Todos riram, mas Betty persistiu em seu interrogatório:

– Por que a pilastra por baixo é pontiaguda até a água? As pilastras de Elfric não são assim.

– Para desviar os detritos. Olhe para qualquer ponte em um rio... Poderá verificar que as pilastras são lascadas e rachadas. O que você acha que causa esses danos? Só podem ser os enormes pedaços de madeira, como troncos de árvores ou vigas de prédios demolidos, que flutuam na correnteza e esbarram nas pilastras.

– Ou Ian Boatman quando está embriagado – sugeriu Edward.

– Barcos ou detritos causarão menos danos em pilastras pontiagudas. As pilastras de Elfric sofrerão um impacto maior.

– Minhas paredes são muito fortes para serem derrubadas por pedaços de madeira – protestou Elfric.

– Ao contrário – declarou Merthin. – Suas arcadas são mais estreitas do que as minhas. Por isso, a água passará mais depressa e os detritos baterão nas pilastras com mais força, causando danos maiores.

Pela expressão de Elfric, ele percebeu que o rival nem mesmo pensara nisso. Mas ali não havia só construtores. Como as pessoas poderiam julgar o que era

certo?

Em torno da base de cada pilastra, Merthin desenhara uma pilha de pedras irregulares, que os construtores chamavam de enrocamento. Isso evitaria que a correnteza solapasse as pilastras, como acontecera com a antiga ponte de madeira. Mas ninguém perguntou sobre o enrocamento, e por isso ele não explicou. Betty tinha outras perguntas.

– Por que sua ponte é tão comprida? A de Elfric começa na beira da água. A sua começa vários metros além da margem. Isso não é uma despesa desnecessária?

– Minha ponte tem rampas nos dois lados – explicou Merthin. – Assim, você sai da ponte em terra seca, não em terreno pantanoso. Não haverá mais carros de boi atolados na praia e bloqueando a ponte por uma hora.

– Seria mais barato fazer uma estrada pavimentada – disse Elfric.

Ele começava a parecer desesperado. Bill Watkin levantou-se nesse momento.

– Estou com dificuldade para decidir quem está certo e quem está errado. Quando esses dois argumentam, não é fácil chegar a uma conclusão. E sou um construtor. Deve ser pior para quem não é.

Houve murmúrios de concordância. Bill acrescentou:

– Por isso, acho que devemos avaliar os homens, não os projetos.

Merthin receara essa possibilidade. Ficou escutando, com crescente ansiedade.

– Qual dos dois vocês conhecem melhor? – indagou Bill. – Em qual dos dois vocês podem confiar? Elfric é construtor nesta cidade há vinte anos. Podemos olhar para as casas que ele fez e constatar que ainda estão de pé. Podemos ver os reparos que ele fez na catedral. Do outro lado, temos Merthin, um rapaz inteligente, reconhecemos todos, mas um pouco afoito. E nunca concluiu seu aprendizado. Não há muita coisa para indicar que ele seja capaz de assumir o comando do maior projeto de construção de Kingsbridge desde que foi erguida a catedral. Sei em qual dos dois confio.

Bill se sentou. Alguns homens manifestaram sua aprovação. Não julgariam os projetos... decidiriam pelas personalidades. O que era uma tremenda injustiça. Foi nesse momento que o irmão Thomas falou pela primeira vez:

– Alguém em Kingsbridge já participou alguma vez de um projeto que envolvesse a construção abaixo da superfície da água?

Merthin sabia que a resposta era não. Sentiu um fluxo de esperança. Podia ser a sua salvação. Thomas continuou:

– Eu gostaria de saber como os dois construtores cuidariam desse problema.

Merthin tinha uma resposta pronta, mas receava que Elfric pudesse simplesmente copiá-lo se falasse primeiro. Comprimiu os lábios, torcendo para que Thomas – que costumava ajudá-lo – entendesse a mensagem. Os olhos dos dois se encontraram e Thomas acrescentou:

– Elfric, o que você faria?

– A resposta é mais simples do que imagina – declarou Elfric. – Basta jogar pedras soltas no rio, no ponto em que ficará a pilastra. As pedras se juntarão no fundo. Jogam-se mais e mais, até a pilha ficar visível acima da superfície. Depois, você constrói a pilastra sobre essa fundação.

Como Merthin imaginava, Elfric apresentara a solução mais tosca para o problema. Então ele disse:

– Há dois problemas com o método de Elfric. O primeiro é que a pilha de pedras não será mais estável debaixo d’água do que em terra. Com o passar do tempo, as pedras vão se deslocar de posição até caírem. E, quando isso acontecer, a ponte desabará. Se querem uma ponte que dure apenas alguns anos, tudo bem. Mas acho que devemos construir pensando a longo prazo.

Ele ouviu murmúrios baixos de concordância.

– O segundo problema é o formato do pilar. Haverá uma inclinação natural abaixo da superfície, o que dificultará a passagem de barcos, em particular quando o rio estiver baixo. E não podemos esquecer que as arcadas de Elfric já são estreitas.

Elfric perguntou, irritado:

– O que você faria, em vez disso?

Merthin reprimiu um sorriso. Era exatamente o que queria ouvir: Elfric admitindo que não conhecia uma solução melhor.

– Vou lhe explicar. – E mostrarei a todos que sei mais do que o idiota que destruiu minha porta com um machado, pensou Merthin. Olhou ao redor. Todos prestavam atenção. A decisão dependeria do que ele dissesse em seguida.

Respirou fundo.

– Primeiro, eu pegaria uma estaca profunda e cravaria no leito do rio. Depois, fincaria outra ao lado, encostada, e mais outra. Dessa maneira, faria um círculo de estacas em torno do ponto do rio em que quero pôr a pilastra.

– Um círculo de estacas? – escarneceu Elfric. – Isso nunca impedirá a passagem da água.

O irmão Thomas, que fizera a pergunta, interveio:

– Escute o que ele tem a dizer, por favor. Merthin ouviu sua explicação.

– Depois – continuou Merthin –, eu faria um segundo círculo, dentro do primeiro, com o espaço entre os dois de meio palmo.

Ele podia sentir que tinha agora a atenção total da audiência.

– Ainda assim não será à prova d'água – resmungou Elfric.

– Em seguida, eu despejaria argila com argamassa no espaço entre os dois círculos – continuou Merthin. – A mistura deslocaria a água por ser mais pesada. E taparia as frestas entre as estacas, tornando o círculo à prova d'água. É o que se chama de ensecadeira.

O salão permaneceu em silêncio.

– Finalmente, eu removeria a água do interior do círculo com baldes, deixando à mostra o leito do rio para construir uma fundação de pedra e argamassa.

Elfric estava aturdido. Edmund e Godwyn olhavam impressionados para Merthin.

– Agradeço aos dois – disse Thomas. – Falando por mim, creio que a decisão agora é fácil.

– Isso mesmo – declarou Edmund. – Concordo.



Caris estava surpresa por Godwyn preferir que Elfric projetasse a ponte. Compreendia que Elfric parecia uma opção mais segura... mas Godwyn era um reformador, não um conservador. Por isso, ela esperava que ele demonstrasse entusiasmo pelo projeto inovador e radical do garoto. Em vez disso, ele favorecera timidamente a opção cautelosa.

Por sorte, Edmund fora capaz de manobrar e envolver Godwyn. Agora, Kingsbridge teria uma ponte bem construída e bonita, que permitiria a passagem de duas carroças ao mesmo tempo. Mas a ansiedade de Godwyn por designar o interesseiro sem imaginação, em vez do homem de talento ousado, era um mau presságio para o futuro.

E Godwyn nunca fora um bom perdedor. Quando era menino, Petranilla lhe ensinara a jogar xadrez e deixava-o ganhar, para estimulá-lo. Godwyn desafiara o tio Edmund. Depois de perder duas vezes, ficara de mau humor e se recusara a jogar de novo. Ela podia perceber que o primo tinha a mesma disposição agora, depois da reunião na casa da guilda. Não porque se sentisse atraído pelo projeto de Elfric, mas pelo fato de a decisão ter sido tirada de suas mãos. No dia seguinte, quando foi à casa do prior com o pai, Caris esperava problemas.

Godwyn os recebeu com frieza e não lhes ofereceu nada. Como sempre, Edmund fingiu não notar a descortesia.

– Quero que Merthin comece a trabalhar na ponte imediatamente – disse ele ao se sentar à mesa na sala. – Já tenho promessas de dinheiro no valor total do orçamento de Merthin...

– De quem? – interrompeu Godwyn.

– Dos mercadores mais ricos da cidade.

Godwyn fitou Edmund em silêncio, inquisitivo. Edmund deu de ombros e informou:

– Cinquenta libras de Betty Baxter, 80 de Dick Brewer, 70 libras minhas e 10 de cada um dos outros onze.

– Não sabia que nossos cidadãos possuíam tanta riqueza. – Godwyn se mostrava ao mesmo tempo impressionado e invejoso. – Deus tem sido generoso.

– Generoso o suficiente para recompensar pessoas por uma vida inteira de trabalho duro – acrescentou Edmund.

– Sem dúvida.

– E é por isso que preciso lhes dar agora garantias sobre o retorno do dinheiro. Quando a ponte estiver pronta, os pedágios irão para a guilda da paróquia, que pagará os empréstimos, mas quem vai cobrar os *pence* dos passageiros que passarem pela ponte? Acho que deve ser um servidor da guilda.

– Nunca concordei com esse ponto.

– Sei disso. É o motivo pelo qual estou levantando a questão agora.

– Quero dizer, nunca concordei em entregar os pedágios à guilda da paróquia.

– O quê?

Caris olhou aturdida para o primo. Claro que ele concordara. Aonde estava querendo chegar agora? Conversara com ela e com Edmund e assegurara que o irmão Thomas...

– Ahn... – murmurou Caris. – Você prometeu que Thomas construiria a ponte se fosse eleito prior. Depois, quando Thomas desistiu e você se tornou candidato, presumimos...

– Vocês presumiram – declarou Godwyn, os lábios contraídos num sorriso triunfal.

Edmund mal podia se controlar.

– Isso não é justo, Godwyn! – exclamou. – Você sabia qual era o acordo!

– Eu não sabia de nada, e você deve me chamar de padre prior.

A voz de Edmund se elevou:

– Então estamos de volta ao ponto em que nos encontrávamos com o prior Anthony há três meses! Só que agora, em vez de uma ponte inadequada, não temos ponte nenhuma. Não pense que poderá ser construída sem qualquer custo para você. Os cidadãos podem emprestar as economias da vida inteira ao priorado, com a garantia de devolução com os pedágios da ponte, mas não darão seu dinheiro a troco de nada... padre prior.

– Nesse caso, devem ficar sem uma ponte. Acabei de me tornar prior, como posso começar pela alienação de um direito que pertence ao meu priorado há centenas de anos?

– Mas é apenas temporário! – explodiu Edmund. – E se não fizer isso, ninguém ganhará dinheiro dos pedágios da ponte, porque não haverá nenhuma maldita ponte!

Caris estava furiosa, mas mordeu a língua para se conter, tentando imaginar qual seria a manobra de Godwyn. Era uma vingança pela noite passada, mas seria mesmo para valer?

– O que você quer? – perguntou ela.

Edmund pareceu surpreso com a pergunta, mas não disse nada: levava Caris

às reuniões porque ela percebia coisas que muitas vezes ele não notava, fazia perguntas que não haviam passado por sua mente.

– Não entendo o que está querendo dizer com isso – respondeu Godwyn.

– Você nos pegou de surpresa – disse Caris. – Muito bem. Admitimos que fizemos uma suposição que pode ter sido injustificada. Mas qual é o seu propósito? Apenas fazer com que nos sintamos estúpidos?

– Foram vocês que pediram a reunião, não eu.

– Que maneira é essa de falar com seu tio e sua prima? – protestou Edmund.

– Espere um pouco, papai.

Godwyn tinha um plano secreto, pensou Caris, mas não queria admiti-lo. Muito bem, decidiu ela, terei de adivinhar.

– Dê-me um minuto para pensar – pediu ela.

Godwyn ainda queria a ponte, tinha de querer, pois nada mais fazia sentido. A alegação sobre a alienação dos direitos antigos do priorado era retórica, o tipo de argumento pomposo que os estudantes aprendiam em Oxford. Ele queria que Edmund cedesse e aceitasse o projeto de Elfric? Caris achava que não. Era evidente que Godwyn se ressentia da maneira como Edmund passara por cima de sua cabeça e apelara para os cidadãos, mas não podia deixar de perceber que Merthin oferecia o dobro de ponte quase pela metade do preço. O que mais poderia ser?

Talvez ele quisesse apenas um acordo melhor.

Godwyn devia ter examinado as finanças do priorado, pensou Caris. E, depois de criticar por muitos anos a ineficiência de Anthony, ele deparava agora com a obrigação de fazer um serviço melhor. O que talvez não fosse tão fácil quanto ele imaginara. Talvez Godwyn não fosse tão hábil em questões de dinheiro e administração quanto pensara. Em desespero, ele queria a ponte e também o dinheiro do pedágio. Mas como pensava que isso poderia acontecer?

– O que poderíamos oferecer que o faria mudar de ideia? – perguntou ela.

– Construam a ponte sem ficar com os pedágios – respondeu Godwyn sem hesitação.

Então era esse o seu plano. Você sempre foi um tanto furtivo, Godwyn, pensou ela. E teve uma súbita inspiração.

– De quanto dinheiro estamos falando?

Godwyn ficou desconfiado.

– Por que quer saber?

– Podemos calcular – interveio Edmund. – Sem contar os cidadãos, que não pagam o pedágio, cerca de cem pessoas cruzam a ponte no dia do mercado, além das carroças, que pagam 2 *pence*. É muito menos agora, com a barcaça, é claro.

– Ou seja, cerca de 120 *pence* por semana, ou 10 xelins, o que dá 26 libras por ano – disse Caris.

Edmund acrescentou:

– Durante a semana da Feira do Velocino – aduziu Edmund –, cerca de mil pessoas no primeiro dia, e mais duzentas em cada dia subsequente.

– O que dá 2.200 pessoas, mais as carroças, num total aproximado de 2.400 *pence*, ou seja, 10 libras. Então, um total de 36 libras por ano. – Caris olhou para Godwyn. – Não é isso?

– É, sim – admitiu ele, relutante.

– Em última análise, o que você quer de nós é a quantia de 36 libras por ano.

– Exatamente.

– Impossível! – exclamou Edmund.

– Não necessariamente – disse Caris. – Vamos supor que o priorado desse à guilda da paróquia um arrendamento sobre a ponte... – Ela parou para pensar e acrescentou: – Mais um acre de terreno em cada lado e a ilha no meio, pelo pagamento de 36 libras por ano, em caráter perpétuo. – Caris sabia que as terras teriam um valor inestimável depois que a ponte ficasse pronta. – Isso lhe daria o que deseja, padre prior?

– Claro.

Era evidente que Godwyn pensava que receberia 36 libras por ano em troca de alguma coisa sem valor. Não tinha a menor ideia do aluguel que poderia ser cobrado de um terreno na extremidade de uma ponte. O pior negociador do mundo é o homem que acredita que é esperto, pensou Caris.

– Mas como a guilda recuperaria o custo da construção? – indagou Edmund.

– Com o projeto de Merthin, deve aumentar o número de pessoas e carroças cruzando o rio. Teoricamente, pode dobrar. E tudo acima de 36 libras é da guilda. Também podemos construir prédios nos dois lados para atender aos viajantes... tavernas, estábulos, casas de pasto. Devem ser lucrativos, poderíamos

cobrar aluguéis altos.

– Não sei... – disse Edmund. – Parece muito arriscado.

Por um momento, Caris ficou furiosa com o pai. Tivera uma ideia brilhante e ele se empenhava em procurar falhas desnecessárias. Mas logo ela percebeu que era simulação. Podia ver o entusiasmo que Edmund não conseguia esconder em seus olhos. Ele adorara a ideia, mas não queria que Godwyn soubesse como estava satisfeito. Ocultava seus sentimentos com receio de que o prior tentasse negociar um acordo melhor. Era um estratagema que pai e filha haviam usado antes, ao negociar a lã.

Ao perceber o que o pai tentava fazer, Caris entrou no jogo, fingindo partilhar suas apreensões.

– Sei que é arriscado – disse ela, em tom sombrio. – Podemos perder tudo. Mas que alternativa temos? Estamos acuados. Se não construirmos a ponte, podemos fechar nossos negócios.

Edmund balançou a cabeça, com uma expressão de dúvida.

– Mesmo assim, não posso concordar em nome da guilda. Terei de conversar com as pessoas que estão adiantando o dinheiro. Não posso dizer qual será a resposta. – Ele fitou Godwyn nos olhos. – Mas farei o possível para persuadi-las se essa é sua melhor oferta.

Godwyn não chegara a fazer uma oferta, refletiu Caris, mas ele esquecera isso.

– É, sim – declarou o prior, decidido.

Pegamos você, pensou Caris, triunfante.



– Você foi muito esperta – comentou Merthin.

Ele estava deitado entre as pernas de Caris, a cabeça em sua coxa, mexendo em seus pelos púbicos. Haviam acabado de fazer amor pela segunda vez e ele achara ainda mais inebriante do que na primeira. Enquanto relaxavam, no agradável devaneio de amantes satisfeitos, ela relatara a negociação com Godwyn. Merthin ficou impressionado.

– O melhor de tudo é que ele pensa que fez um grande negócio – comentou

Caris. – Na verdade, o arrendamento perpétuo da ponte e da terra tem um valor inestimável.

– Ao mesmo tempo, é desanimador, se serve como indicação de que ele não vai administrar o dinheiro do priorado melhor do que seu tio Anthony.

Estavam na floresta, numa clareira oculta por amoreiras silvestres, à sombra de faias altas, onde um córrego passava sobre pedras para formar um laguinho. Provavelmente era usada por amantes havia centenas de anos. Haviam se despido e mergulhado no laguinho, antes de fazerem amor na margem relvada. Qualquer pessoa que passasse clandestinamente por aquele trecho da floresta contornaria o matagal, portanto, não era provável que fossem descobertos, a não ser por crianças colhendo amoras... e fora assim que Caris descobrira a clareira quando era pequena, como contara a Merthin.

– Por que pediu aquela ilha? – perguntou Merthin.

– Não sei. É evidente que não é tão valiosa quanto a terra nos lados da ponte, e também não pode ser cultivada. Mas deve haver algum meio de aproveitá-la. A verdade é que adivinhei que ele faria objeções e resolvi incluir a ilha no acordo.

– Vai assumir o negócio de lã de seu pai um dia?

– Não.

– Está tão decidida? Por quê?

– É muito fácil para o rei taxar o comércio de lã. Ele acaba de impor um tributo extra de uma libra por saco de lã... além do tributo já existente de dois terços de libra. O preço agora é tão alto que os italianos começam a procurar lã de outros países, como a Espanha. O negócio fica à mercê do monarca.

– Ainda assim, é um meio de ganhar a vida. O que mais você poderia fazer? Merthin queria levar a conversa para o casamento, assunto que ela nunca abordava.

– Não sei. – Caris sorriu. – Quando eu tinha 10 anos, queria ser médica. Achava que, se soubesse medicina, poderia salvar a vida de minha mãe. Todos riram de mim. Não compreendia que só os homens podem ser médicos.

– Você poderia ser uma curandeira, como Mattie.

– Isso chocaria a família. Pense no que Petranilla diria. Madre Cecilia acha que meu destino é ser uma freira.

Merthin riu.

– Se ela pudesse vê-la agora! – Ele beijou a parte interna da coxa de Caris.

– Provavelmente ela gostaria de fazer o que você está fazendo agora – comentou Caris. – Você sabe o que as pessoas dizem sobre as freiras.

– Por que ela acha que você deveria ingressar no convento?

– Pelo que fizemos depois que a ponte desabou. Ajudei-a a cuidar dos feridos. Ela disse que eu tinha um dom natural para isso.

– E tem mesmo. Até eu pude perceber.

– Só fiz o que Cecilia mandava.

– Mas as pessoas pareciam se sentir melhor depois que você falava com elas. E você sempre escutava o que elas tinham a dizer, antes de dizer o que deviam fazer.

Ela acariciou o rosto de Merthin.

– Não posso ser freira. Gosto demais de você.

O triângulo de pelos pubianos era castanho-avermelhado, com tons dourados.

– Você tem uma pequena verruga – disse ele. – Bem aqui, à esquerda, ao lado da fenda.

– Sei disso. Tenho desde que era menina. Achava horrível. Fiquei bastante satisfeita quando os cabelos cresceram, porque pensei que assim meu marido não veria. Nunca imaginei que alguém pudesse olhar com tanta atenção.

– Frei Murdo diria que você é uma feiticeira... É melhor nunca deixá-lo ver isso.

– Nem que ele fosse o último homem no mundo.

– Esse é o defeito que salva você da blasfêmia.

– Como assim?

– No mundo árabe, cada obra de arte tem um pequeno defeito, para não competir com a perfeição de Deus, o que seria um sacrilégio.

– Como sabe disso?

– Um dos florentinos me contou. Acha que a guilda da paróquia vai querer ficar com a ilha?

– Por que está perguntando?

– Porque eu gostaria de ficar com ela.

– Quatro acres de rocha e coelhos. Por quê?

– Eu faria ali um cais e um pátio de construção. Pedra e madeira chegando pelo rio seriam descarregadas direto no cais. E, depois que a ponte estivesse pronta, eu faria uma casa na ilha.

– Bela ideia. Mas não lhe dariam de graça.

– Não poderia ser como parte do pagamento pela construção da ponte? Eu poderia pagar, por exemplo, metade dos meus salários durante dois anos.

– Você cobra 4 *pence* por dia, ou seja, o preço da ilha seria de pouco mais de 5 libras. Eu diria que a guilda ficaria satisfeita em receber tanto dinheiro por uma terra árida.

– Acha que é uma boa ideia?

– Poderia construir e alugar casas ali, assim que a ponte for finalizada e as pessoas puderem viajar com facilidade entre as margens e a ilha.

– Tem razão – murmurou Merthin, pensativo. – É melhor eu conversar sobre isso com seu pai.

26

De volta ao Earlscastle, ao final de um dia de caçada, com todos os homens do círculo do conde Roland de bom humor, Ralph Fitzgerald sentia-se feliz.

Passaram pela ponte levadiça como um exército invasor de cavaleiros, escudeiros e cachorros. Caía um chuvisco, bem recebido por homens e animais, que se sentiam quentes, cansados e contentes. Haviam abatido várias corças gordas do verão, que dariam uma comida saborosa, além de um macho velho, a carne dura demais só servindo para os cachorros, liquidado apenas por causa dos chifres magníficos.

Desmontaram junto da muralha externa do castelo, dentro do círculo inferior do fosso em formato de oito. Ralph desencilhou Griff, murmurou algumas palavras de agradecimento em seu ouvido, alimentou-o com uma cenoura e o entregou a um cavalariço para ser escovado.

Os meninos da cozinha levaram as carcaças sangrentas dos animais abatidos. Os homens recordavam ruidosos os acontecimentos do dia, gabando-se, escarnecendo e rindo enquanto lembravam os saltos admiráveis e as quedas perigosas e as escapadas por um triz. As narinas de Ralph captaram um aroma que ele amava, uma mistura de cavalos suados, cachorros molhados, couro e sangue.

Ralph viu-se ao lado de lorde William de Caster, o filho mais velho do conde.

– Um grande dia de caçada – comentou ele.

– Espetacular – concordou William, que tirou o gorro e coçou a cabeça calva.

– Mas lamento ter perdido o velho Bruno.

Bruno, o líder da matilha de cães, partira para o ataque final cedo demais. Quando o velho macho ficara exausto demais para continuar a fugir, virara-se

para enfrentar os cachorros, as espáduas arfantes cobertas de sangue. Bruno saltara em sua garganta, mas o veado, num derradeiro ímpeto de desafio, baixara a cabeça e depois erguera o pescoço musculoso, os chifres empalando a barriga macia do cachorro. O esforço acabou com o animal. No instante seguinte, os outros cachorros atacaram, dilacerando-o por completo. Mas enquanto ele se debatia, nos estertores da morte, as tripas de Bruno se espalharam pelos chifres, como uma corda emaranhada. William tivera de acabar com o sofrimento do cachorro cortando sua garganta com uma adaga comprida.

– Era um bravo cachorro – murmurou Ralph, pondo a mão no ombro de William em comiseração.

– Como um leão – concordou William.

Num súbito impulso, Ralph decidiu falar sobre suas perspectivas. Nunca haveria um momento melhor. Era um homem de Roland havia sete anos, era bravo e forte e salvara a vida de seu senhor quando a ponte desabara. Mesmo assim, não recebera uma promoção e ainda era escudeiro. O que mais poderiam lhe pedir?

Ontem ele se encontrara com o irmão, por acaso, numa taverna na estrada de Kingsbridge para Shiring. Merthin, a caminho da pedreira do priorado, tinha muitas novidades para contar. Ia construir a mais bela ponte da Inglaterra. Seria rico e famoso. Os pais estavam emocionados. E isso fizera com que Ralph se sentisse ainda mais frustrado.

Agora, ao falar com lorde William, ele não pôde pensar numa maneira melhor de introduzir o problema que tanto o angustiava do que ir direto ao assunto:

– Já se passaram três meses desde que salvei a vida de seu pai em Kingsbridge.

– Várias pessoas reivindicam essa honra.

A expressão dura que surgiu no rosto de William fez Ralph se lembrar de Roland.

– Eu o tirei do rio.

– E Matthew Barber consertou sua cabeça, as freiras trocaram as bandagens e os monges rezaram por ele. Mas foi Deus quem salvou sua vida.

– Amém – disse Ralph. – Mesmo assim, eu esperava por algum favor.

– Meu pai é um homem difícil de agradar.

O irmão de William, Richard, estava parado ali, o rosto vermelho e suado.

– Isso é tão verdadeiro quanto a Bíblia – acrescentou.

– Não se queixe – declarou William. – A dureza de nosso pai nos tornou fortes.

– E também, pelo que me recordo, infelizes.

William virou-se, provavelmente porque não queria discutir a respeito na presença de um subalterno.

Depois que os cavalos foram levados para os estábulos, os homens se afastaram. Passaram pela cozinha, pelos alojamentos e pela capela, e atravessaram uma segunda ponte levadiça, para a área no círculo superior da figura de oito. Era ali que o conde vivia, numa torre de menagem tradicional, com depósitos no andar térreo, um vasto salão por cima e os aposentos pessoais no último andar. Um bando de gralhas habitava as árvores altas em torno da torre; desfilavam pelas ameias como sargentos gritando sua insatisfação. Roland estava no salão. Trocara as roupas de caçada sujas por uma túnica púrpura. Ralph foi se postar nas proximidades do conde, determinado a levantar a questão de sua promoção na primeira oportunidade.

Roland discutia, jovial, com a esposa de William, lady Philippa, uma das poucas pessoas que podia contestá-lo e escapar impune. Conversavam sobre o castelo.

– Não creio que nada tenha mudado aqui nos últimos cem anos – comentou Philippa.

– Porque é um bom projeto – disse Roland, falando pelo lado esquerdo da boca. – O inimigo consome a maior parte de suas forças para entrar na parte inferior da fortaleza e depois tem de travar uma nova batalha para alcançar a torre.

– Exatamente! – exclamou lady Philippa. – O castelo foi construído para a defesa, não para o conforto. Mas quando foi a última vez em que um castelo nesta parte da Inglaterra foi atacado? Não durante toda a minha vida.

– Nem na minha. – O conde sorriu com a metade móvel do rosto. – Provavelmente porque nossas defesas são tão fortes.

– Houve um bispo que espalhava bolotas de carvalho pela estrada sempre

que viajava, a fim de se proteger dos leões. Quando lhe disseram que não havia leões em toda a Inglaterra, ele comentou: “É mais eficaz do que eu pensava.”

Roland riu.

– A maioria das famílias nobres vive hoje em residências mais confortáveis – acrescentou Philippa.

Ralph não se importava com o luxo, mas se sentia atraído por Philippa. Contemplou seu corpo sensual enquanto ela falava, alheia à presença dele. Imaginou-a deitada por baixo dele, contorcendo o corpo nu, gritando de prazer ou dor, talvez as duas coisas. Se ele fosse um cavaleiro, poderia ter uma mulher assim.

– Você deveria derrubar esta velha torre e construir uma casa moderna – declarou Philippa para o sogro. – Com janelas grandes e muitas lareiras. Poderia ter o salão no andar térreo, com os aposentos da família numa extremidade para que todos pudéssemos ter um descanso em particular quando viéssemos visitá-lo. As cozinhas ficariam na outra extremidade, para que a comida ainda estivesse quente quando chegasse à mesa.

Ralph percebeu de repente que poderia dar uma contribuição àquela conversa:

– Sei quem poderia projetar uma casa assim.

Todos se viraram para ele, surpresos. O que um escudeiro poderia saber de projetos de casas?

– Quem? – indagou Philippa.

– Meu irmão Merthin.

Ela ficou pensativa.

– O garoto de rosto engraçado que me disse para comprar seda verde porque combinava com meus olhos?

– Ele não teve a intenção de ser desrespeitoso.

– Não posso saber qual era sua intenção. Ele é construtor?

– O melhor de todos – garantiu Ralph, orgulhoso. – Ele projetou o sistema da nova barcaça em Kingsbridge e depois inventou a maneira de consertar o telhado da igreja de Saint Mark quando mais ninguém podia fazê-lo. Agora, foi incumbido de construir a mais bela ponte da Inglaterra.

– De certa forma, isso não me surpreende – murmurou Philippa.

– Que ponte? – perguntou Roland.

– A nova ponte em Kingsbridge. Terá arcadas pontiagudas, como uma igreja, e será larga o bastante para que passem duas carroças ao mesmo tempo.

– Eu não soube de nada disso – resmungou Roland.

Ralph compreendeu que o conde ficara insatisfeito. O que o teria irritado?

– A ponte deve ser reconstruída, não é?

– Não tenho certeza – respondeu Roland. – Hoje em dia não há negócios suficientes para dois mercados tão próximos quanto Kingsbridge e Shiring. Mas se temos de aceitar o mercado de Kingsbridge, isso não significa que tenhamos de admitir uma tentativa clamorosa do priorado de roubar fregueses de Shiring.

O bispo Richard entrou nesse momento. Roland virou-se para ele.

– Você não me falou sobre a nova ponte em Kingsbridge.

– Porque não sei nada a respeito.

– Mas deveria saber, já que é o bispo.

Richard ficou vermelho com a censura.

– O bispo de Kingsbridge vive em Shiring ou nas proximidades desde a guerra civil entre o rei Estêvão e a imperatriz Matilde, há dois séculos. Os monges preferem assim, e a maioria dos bispos também.

– Isso não impede que você se mantenha atento aos acontecimentos. Deve ter uma noção do que ocorre lá.

– Como não é o caso, talvez queira fazer a gentileza de me relatar o que descobriu.

Esse tipo de insolência fria passou despercebida por Roland.

– A ponte será larga para que duas carroças passem. E vai tirar negócios do meu mercado em Shiring.

– Não há nada que eu possa fazer.

– Por que não? Você é o abade *ex officio*. Os monges devem fazer o que manda.

– Mas não fazem.

– Talvez façam se você tirar o construtor do priorado. Ralph, pode persuadir seu irmão a desistir do projeto?

– Posso tentar.

– Ofereça uma perspectiva melhor. Diga a ele que quero construir um novo

palácio para mim, aqui em Earlscastle.

Ralph ficou excitado demais por receber uma incumbência especial do conde, mas também um pouco preocupado. Nunca fora capaz de persuadir Merthin a fazer qualquer coisa. Era sempre o contrário que acontecia.

– Está bem – disse ele.

– Poderiam construir a ponte mesmo sem a participação de seu irmão?

– Merthin foi encarregado do trabalho porque ninguém mais em Kingsbridge sabia como construir debaixo d'água.

– É óbvio que ele não é o único homem na Inglaterra que pode projetar uma ponte – declarou Roland.

– Ainda assim, a saída dele adiaria a construção – ressaltou William. – É bem provável que não possam começar por mais um ano.

– Então vale a pena – disse Roland, decidido. Uma expressão de ódio se estampou na metade animada de seu rosto e ele acrescentou: – Aquele prior arrogante tem de ser posto em seu lugar.



As coisas haviam mudado na vida de Gerald e Maud, descobriu Ralph. A mãe tinha um vestido verde novo para ir à missa e o pai usava sapatos de couro. Havia um ganso recheado com maçãs assando no fogo, impregnando a pequena casa com um aroma de dar água na boca. Um pão de trigo, do tipo mais caro, o esperava na mesa. Ralph logo descobriu que o dinheiro vinha de Merthin.

– Ele vem recebendo 4 *pence* por cada dia de trabalho em Saint Mark – anunciou Maud, orgulhosa. – E está construindo uma nova casa para Dick Brewer. É o melhor que poderia acontecer enquanto se prepara para construir a nova ponte.

Merthin receberia um salário menor pelo trabalho na ponte, explicou a mãe enquanto o pai trinchava o ganso, porque ganharia a ilha dos Leprosos como parte do pagamento. O último leproso restante ali, velho e acamado, fora transferido para uma pequena casa no pomar dos monges, do outro lado do rio.

Ralph descobriu que a evidente felicidade da mãe deixava um gosto amargo em sua boca. Sempre acreditara, desde menino, que o destino da família estava

em suas mãos. Fora enviado para longe, aos 14 anos, para ingressar no serviço do conde de Shiring. Já sabia desde então que cabia a ele compensar a humilhação do pai ao se tornar um cavaleiro, talvez um barão, até mesmo um conde. Merthin, em contraste, tornara-se aprendiz de um carpinteiro, enveredando por um caminho que só poderia levá-lo a descer na escada social. Construtores nunca poderiam se tornar cavaleiros.

Sentiu algum conforto ao ver que o pai não se mostrava impressionado com o sucesso de Merthin, pois deu sinais de impaciência quando Maud se pôs a falar sobre os projetos de construção.

– Meu filho mais velho parece ter herdado o sangue de Jack Builder, meu único ancestral de origem humilde. – O tom de Gerald era mais de espanto do que de orgulho. – Mas conte, Ralph, como vem se saindo na corte do conde Roland.

Era lamentável que Ralph, misteriosamente, não tivesse conseguido até agora ingressar na nobreza enquanto Merthin comprava roupas novas e alimentos caros para os pais. Ele sabia que deveria ser grato pelo fato de um dos dois ter alcançado o sucesso; mesmo que os pais continuassem humildes, poderiam pelo menos ter algum conforto. Mas, embora a mente insistisse que ele deveria se regozijar, o coração fervilhava de ressentimento.

E agora tinha de persuadir o irmão a desistir da ponte. O problema com Merthin era nunca ver as coisas de uma maneira simples. Não era como os cavaleiros e escudeiros com os quais Ralph convivera durante os últimos sete anos. Eles eram guerreiros. Em seu mundo, a lealdade era clara, a bravura era a virtude e tudo era uma questão de vida ou morte. Nunca havia muita necessidade de qualquer pensamento profundo. Mas Merthin pensava em tudo. Não podia entrar numa partida de damas sem sugerir uma mudança nas regras.

Agora explicava aos pais por que aceitara 4 acres de rocha árida como parte do pagamento por seu trabalho na ponte:

– Todos acham que a terra não vale nada porque é uma ilha. Não compreendem que a ilha será parte da cidade quando a ponte ficar pronta. Os habitantes atravessarão a ponte como passam pela rua principal. E 4 acres de terra na cidade valem muito. Se eu construir casas ali, os aluguéis renderão uma fortuna.

– Terá de esperar alguns anos por isso – comentou Gerald.

– Já comecei a ter rendimentos com a ilha. Jake Chepstow alugou meio acre para usar como depósito de madeira. Está trazendo troncos de Gales.

– Por que de Gales? – indagou Gerald. – A New Forest é mais próxima... e sua madeira deveria ser mais barata.

– Deveria ser, mas o conde de Shaftesbury cobra um tributo em cada vau de rio e ponte de seu território.

Era uma queixa familiar. Muitos lordes encontravam maneiras de tributar as mercadorias que passavam por seus territórios.

– Eu lhe trago notícia de outra oportunidade – disse Ralph ao irmão, quando começavam a comer. – O conde quer construir um palácio em Earlscastle.

Merthin ficou desconfiado.

– Ele o mandou para que me pedisse um projeto?

– Sugeri seu nome. Lady Philippa o censurava, alegando que a torre era muito antiquada, e eu disse que conhecia a pessoa certa para o trabalho.

– Não é maravilhoso?! – exclamou Maud, emocionada.

Merthin permaneceu cético.

– E o conde disse que me queria?

– Isso mesmo.

– É espantoso. Há poucos meses eu não conseguia arrumar um emprego. Agora, tenho coisas demais para fazer. E Earlscastle fica a dois dias de viagem. Não sei como eu poderia construir um palácio lá e uma ponte aqui ao mesmo tempo.

– Terá de desistir da ponte – disse Ralph.

– Como?

– Trabalhar para o conde deve ter precedência sobre todo o resto, é claro.

– Não sei se isso é certo.

– Claro que é.

– Ele disse isso?

– Para ser franco, disse, sim.

O pai interveio na conversa:

– É uma oportunidade maravilhosa, Merthin. Construir um palácio para um conde!

– Tem razão. Mas construir uma ponte para esta cidade também.

– Não seja estúpido! – disse o pai.

– Faço o melhor que posso para não ser – respondeu Merthin, sarcástico.

– O conde de Shiring é um dos homens mais importantes da Inglaterra. O prior de Kingsbridge não é ninguém se comparado a ele.

Ralph cortou um pedaço da coxa do ganso e pôs na boca, mas mal conseguiu engolir. Temera aquilo. Merthin seria difícil. E também não aceitaria ordens do pai. Nunca fora obediente, nem mesmo quando criança. Ralph começou a ficar desesperado.

– Escute – disse –, o conde não quer que a nova ponte seja construída. Acha que vai desviar negócios de Shiring.

– E você não vai querer ficar contra o conde, Merthin – acrescentou Gerald.

– É o que está por trás disso, Ralph? – indagou Merthin. – Roland me oferece o trabalho apenas para impedir que a ponte seja construída?

– Não apenas por isso.

– Mas é uma condição. Se eu quiser construir o palácio, devo abandonar a ponte.

Gerald tornou a interferir, com evidente irritação:

– Você não tem opção, Merthin! O conde não pede, ordena!

Ralph poderia ter informado ao pai que um argumento baseado na autoridade não era a maneira de persuadir Merthin.

– Não creio que ele possa dar ordens ao prior de Kingsbridge, que me encomendou a ponte – protestou Merthin.

– Mas ele pode dar ordens a você.

– Pode mesmo? Ele não é meu senhor.

– Não diga bobagem, filho. Você não pode ganhar a briga contra um conde.

– Não creio que a briga de Roland seja contra mim, pai. O problema é entre o conde e o prior. Roland quer me usar como um caçador usa um cachorro. Mas acho melhor não me envolver nisso.

– Acho que deve fazer o que o conde diz. Não esqueça que ele também é seu parente.

Merthin tentou um argumento diferente.

– Já lhe ocorreu o que uma traição assim significaria para o prior Godwyn?

Gerald deixou escapar um grunhido irritado.

– Que lealdade você deve ao priorado? Foram os monges que nos deixaram na penúria.

– E seus vizinhos, os habitantes de Kingsbridge entre os quais você vive há dez anos? Eles precisam da ponte... é sua corda salva-vidas.

– Somos da nobreza – declarou o pai. – Não somos obrigados a levar em consideração as necessidades de meros mercadores.

Merthin balançou a cabeça.

– Você pode se sentir assim, mas, como um mero carpinteiro, não posso partilhar sua opinião.

– O problema não é apenas seu! – Ralph compreendeu que tinha de encontrar uma solução. – O conde me deu uma missão. Se eu tiver êxito, posso ser promovido a cavaleiro. Se falhar, posso continuar como um escudeiro.

– É muito importante que tentemos agradar ao conde – murmurou Maud.

Merthin parecia perturbado. Mostrava-se sempre disposto a ter uma confrontação com o pai, mas não gostava de discutir com a mãe.

– Aceitei construir a ponte. A cidade conta comigo. Não posso desistir agora.

– Claro que pode – disse Maud.

– Não quero ter a reputação de alguém que não merece confiança.

– Todos compreenderão se você der precedência ao conde.

– Podem compreender, mas não me respeitariam por isso.

– Deve pôr sua família em primeiro lugar.

– Lutei pela ponte, mãe – declarou Merthin, obstinado. – Fiz um bom projeto e persuadi toda a cidade a ter fé em mim. Ninguém mais pode construir... não da maneira como deve ser construída.

– Se desafiar o conde, isso afetará toda a vida de Ralph! Não percebe isso?

– Toda a sua vida não deve depender de uma coisa assim.

– Mas depende. Está disposto a sacrificar seu irmão por causa de uma ponte?

– Acho que é um pouco como pedir a Ralph que salve a vida de homens não indo para a guerra – rebateu Merthin.

– Ora, não se pode comparar um carpinteiro com um soldado – interveio Gerald.

O pai agiu com absoluta falta de tato, pensou Ralph. Demonstrou sua

preferência pelo filho mais moço. E Ralph compreendeu que Merthin sentiu o desdém do pai. O rosto do irmão ficou vermelho e ele mordeu o lábio, como se fizesse um esforço para não dar uma resposta belicosa. Depois de uma pausa, Merthin falou na voz contida que Ralph sabia ser a indicação de que ele tomara uma decisão irrevogável:

– Não pedi para ser carpinteiro. Como Ralph, eu queria ser um cavaleiro. Uma aspiração tola para mim, sei disso agora. Mesmo assim, foi sua a decisão de que eu seria o que sou agora. E acabei descobrindo que tenho talento. Terei sucesso no ofício que você me obrigou a seguir. Um dia eu gostaria de construir o prédio mais alto da Inglaterra. Foi isso que você me fez. Portanto, é melhor aprender a aceitar.



Antes de voltar a Earlscastle, Ralph vasculhou o cérebro à procura de uma maneira de transformar a derrota em vitória. Se não podia persuadir o irmão a abandonar a ponte, haveria algum outro meio de fazer com que o projeto fosse cancelado ou adiado?

Tinha certeza de que de nada adiantaria conversar com o prior Godwyn ou com Edmund Wooler. Deviam estar ainda mais empenhados na construção da ponte do que Merthin e, de qualquer forma, não se deixariam persuadir por um simples escudeiro. O que o conde poderia fazer? Talvez enviar uma tropa de cavaleiros para matar os operários trabalhando na ponte, mas isso poderia causar mais problemas do que resolver o seu.

Foi Merthin quem lhe deu a ideia. Ele dissera que Jake Chepstow, o mercador de madeira que usava a ilha dos Leprosos como depósito, comprava as árvores em Gales a fim de evitar as taxas cobradas pelo conde de Shaftesbury. E Ralph foi conversar com Roland assim que voltou.

– Meu irmão acha que deve aceitar a autoridade do prior de Kingsbridge. – Antes que o conde pudesse ficar furioso, ele se apressou em acrescentar: – Mas pode haver uma maneira melhor de protelar a construção da ponte. A pedreira do priorado fica no coração de seu condado, entre Shiring e Earlscastle.

– Mas pertence aos monges – resmungou Roland. – O rei a concedeu há

alguns séculos. Não podemos impedir que tirem as pedras de lá.

– Mas pode cobrar um tributo. – Ralph se sentiu culpado. Sabotava um projeto que tanto interessava ao irmão. Mas tinha de ser feito, e ele reprimiu a consciência. – As pedras serão transportadas por seu condado. As carroças pesadas abrirão buracos nas estradas e agitarão os vaus nos rios. Eles devem pagar por isso.

– Eles vão berrar como porcos. Recorrerão ao rei.

– Deixe-os fazer o que quiserem – declarou Ralph, parecendo mais confiante do que se sentia. – Levará tempo. E restam apenas dois meses na temporada de construção deste ano... Terão de suspender o trabalho antes da primeira geada. Com sorte, podemos adiar o início da construção da ponte até o próximo ano.

Roland fitou-o atentamente.

– É possível que eu o tenha subestimado. Talvez você sirva para algo mais do que tirar condes afogados de rios.

Ralph disfarçou um sorriso triunfante.

– Obrigado, milorde.

– Mas como cobraremos esse tributo? Em geral, há uma encruzilhada, um vau num rio, um ponto pelo qual todas as carroças devem passar.

– Como estamos interessados apenas em blocos de pedra, poderíamos estacionar uma tropa nos arredores da pedreira.

– Boa ideia. E você será o comandante.

Dois dias depois, Ralph seguiu para a pedreira, com quatro homens de armas, a cavalo. Dois ajudantes conduziam uma fileira de cavalos de carga, levando barracas e alimentos para uma semana. Ralph sentia-se satisfeito consigo mesmo até agora. Recebera uma missão impossível e conseguira encontrar uma solução. O conde achava que ele servia para mais do que o trabalho de resgate no rio. A situação começava a melhorar.

Sentia-se constrangido pelo que estava fazendo com Merthin. Passou boa parte da noite acordado, recordando a infância. Sempre reverenciara o irmão mais velho, tão esperto. Haviam brigado com frequência, e Ralph se sentira pior ao ganhar do que ao perder. Sempre faziam as pazes depois, naquele tempo. Mas as brigas de adultos eram mais difíceis de esquecer.

Ralph não estava preocupado com um eventual confronto com os pedreiros

dos monges. Não deveriam ser adversários à altura para um grupo de militares. Não havia cavaleiros no destacamento – era uma missão abaixo da dignidade destes –, mas contava com Joseph Woodstock, que era um soldado duro, e mais três homens experientes. Mesmo assim, ficaria contente quando tudo acabasse e seu objetivo fosse alcançado.

Passava um pouco do amanhecer. Haviam acampado na noite anterior na floresta, a poucos quilômetros da pedreira. Ralph planejava chegar lá a tempo de impedir a passagem da primeira carroça que tentasse partir naquela manhã.

Os cavalos avançaram cautelosos por uma estrada enlameada pelos cascos dos bois e com sulcos profundos deixados pelas rodas das pesadas carroças. O sol ergueu-se num céu de nuvens de chuva, com manchas azuis aparecendo aqui e ali. O grupo de Ralph estava de bom humor, ansioso para exercer seu poder sobre homens desarmados, sem se expor a qualquer risco.

Ralph sentiu o cheiro de lenha queimando e avistou a fumaça de várias fogueiras se elevando acima das árvores. Poucos momentos depois a estrada se alargou para uma clareira lamacenta, diante do maior buraco que Ralph já vira. Tinha 100 metros de largura e se estendia por quase meio quilômetro. Uma rampa lamacenta descia para as barracas e cabanas de madeira dos homens encarregados de cortar as pedras para a construção. Eles estavam agrupados em torno de fogueiras, preparando a primeira refeição do dia. Uns poucos já haviam começado a trabalhar. Ralph podia ouvir o barulho de malhos batendo em cunhas cravadas em aberturas na rocha, separando enormes blocos da massa de pedra.

A pedreira ficava a um dia de viagem de Kingsbridge; por isso a maioria dos carroceiros chegava à noite e partia na manhã seguinte. Ralph divisou várias carroças na pedreira, algumas já carregadas com pedras. Uma delas seguia lentamente pela trilha no meio do buraco, a caminho da rampa de saída.

Os homens na pedreira ergueram os olhos, alertados pelos sons dos cavalos, mas nenhum se aproximou. Ralph esperou, paciente. Parecia haver apenas uma saída da pedreira, a rampa lamacenta que levava ao lugar em que ele se encontrava.

A primeira carroça subia lentamente a rampa. O carroceiro fustigava o boi com um chicote comprido. O animal estendia uma pata para a frente da outra,

num ressentimento silencioso. Na carroça havia quatro pedras enormes, com a marca do homem que as cortara. A produção de cada homem era contada ao sair da pedreira e outra vez no local da construção: eles recebiam por pedra cortada.

Quando a carroça se aproximou, Ralph constatou que o carroceiro era um homem de Kingsbridge, Ben Wheeler. Parecia um pouco com seu boi, o pescoço grosso, os ombros maciços. O rosto exibia uma expressão de hostilidade. Ele poderia tentar criar problemas, pensou Ralph, mas seriam capazes de subjugá-lo.

Ben conduziu seu boi para a linha de cavalos que bloqueava a estrada. Em vez de parar a alguma distância, deixou que o animal se aproximasse mais e mais. Os cavalos não eram treinados para o combate, mas sim para tarefas cotidianas. Relincharam e recuaram. O boi parou por sua própria iniciativa. A atitude de Ben irritou Ralph, que gritou:

– Você é um idiota arrogante!

– Por que estão no meu caminho? – perguntou Ben.

– Estamos aqui para cobrar o tributo.

– Não há tributo nenhum.

– O tributo para transportar pedras pelo território do conde de Shiring. Deve pagar 1 *penny* por carroça cheia.

– Não tenho dinheiro.

– Então deve arrumar.

– Vai impedir minha passagem?

O idiota não se mostrava assustado como deveria, o que enfureceu Ralph.

– Não tenha a presunção de me fazer perguntas. As pedras ficam aqui até que alguém pague o tributo.

Ben fitou-o furioso por um longo momento. Ralph teve o pressentimento de que o homem especulava se deveria ou não derrubá-lo do cavalo.

– Mas não tenho dinheiro – repetiu Ben.

Ralph teve vontade de atingi-lo com a espada, mas conteve sua raiva.

– Não finja ser mais estúpido do que já é – disse ele, desdenhoso. – Procure o mestre da pedreira e avise a ele que os homens do conde não o deixarão partir.

Ben fitou-o em silêncio por mais um momento, pensativo. Depois, sem dizer mais nada, virou-se e desceu pela rampa, deixando a carroça onde estava.

Ralph esperou, na maior irritação, olhando para o boi.

Ben entrou numa cabana de madeira no meio da pedreira. Saiu poucos minutos depois, acompanhado por um homem franzino, de túnica marrom. A princípio, Ralph presumiu que o segundo homem era o mestre da pedreira. Quando ele se aproximou, descobriu que era seu irmão.

– Essa não! – exclamou.

Não estava preparado para aquilo. Sentiu-se torturado pela vergonha enquanto observava Merthin subir pela rampa comprida. Sabia que estava ali para trair o irmão, mas não esperava que Merthin fosse testemunha.

– Olá, Ralph – disse Merthin ao chegar perto. – Ben diz que você não quer deixá-lo passar.

Merthin sempre fora capaz de superá-lo numa discussão, recordou Ralph, desolado. Decidiu ser formal. Esconderia suas emoções. Não teria problemas se se limitasse a repetir as instruções.

– O conde decidiu exercer seu direito de cobrar tributos das cargas de pedras que usam suas estradas.

Merthin ignorou a declaração.

– Não vai descer do cavalo para conversar com seu irmão?

Ralph preferia continuar montado, mas não queria recusar o que parecia ser uma espécie de desafio, por isso saltou. E sentiu que o irmão já prevalecera.

– Não há tributo para a pedra que sai daqui – disse Merthin.

– Há agora.

– Os monges exploram esta pedreira há centenas de anos. A catedral de Kingsbridge foi construída com pedras tiradas daqui. Nunca houve nenhum tributo.

– Talvez o conde perdoasse o tributo para ajudar a catedral – declarou Ralph, improvisando. – Mas não fará a mesma coisa por uma ponte.

– Ele apenas não quer que a cidade tenha uma nova ponte. É o verdadeiro motivo. Primeiro, ele manda você para me subornar. Quando isso falha, inventa um novo tributo. – Merthin assumiu uma expressão pensativa. – A ideia foi sua, não foi?

Ralph ficou mortificado. Como ele adivinhara?

– Não! – gritou, mas sentiu que enrubescera.

– Vejo pelo seu rosto que foi. E fui eu quem lhe deu a noção, tenho certeza,

quando falei de Jake Chepstow importando troncos de Gales para evitar o tributo do conde de Shaftesbury.

Ralph se sentia cada vez mais tolo e furioso.

– Não há ligação – resmungou ele, obstinado.

– Você me censurou por considerar a ponte mais importante do que meu irmão, mas fica feliz em destruir minhas esperanças em favor de seu conde.

– Não importa de quem foi a ideia. O conde decidiu tributar a pedra.

– Mas ele não tem esse direito.

Ben Wheeler ouvia a conversa atentamente, parado atrás de Merthin, as pernas abertas, as mãos nos quadris. Então ele perguntou a Merthin:

– Está dizendo que esses homens não têm o direito de barrar minha passagem?

– É exatamente o que estou dizendo.

Ralph poderia ter dito a Merthin que era um erro tratar um homem assim como se fosse inteligente. Ben considerou as palavras de Merthin como uma permissão para seguir em frente. Deu uma chicotada no boi. O animal se inclinou na canga de madeira e fez esforço para avançar.

– Pare! – berrou Ralph, furioso.

Ben tornou a chicotear o boi.

– Eia!

O boi puxou com mais força e a carroça avançou com um solavanco que assustou os cavalos. O cavalo de Joseph Woodstock relinchou e empinou, revirando os olhos. Joseph puxou as rédeas e controlou o animal. Depois, tirou do alforje um porrete comprido.

– Fique onde está quando receber uma ordem – disse ele a Ben.

Impulsionando o cavalo para a frente, desferiu um golpe com o porrete. Ben se esquivou do golpe, segurou o porrete e deu um puxão. Joseph já estava inclinado na sela. O puxão brusco o desequilibrou e ele caiu do cavalo.

– Oh, não! – exclamou Merthin.

Ralph sabia por que Merthin ficara consternado. Um homem de armas não podia esquecer aquela humilhação. Não havia como evitar a violência agora. Mas o próprio Ralph não lamentava. Seu irmão deixara de tratar os homens do conde com a deferência que mereciam e agora sofreria as consequências.

Ben segurava o porrete de Joseph com as duas mãos. O homem de armas se levantou de um pulo. Ao ver Ben brandindo o porrete, ele estendeu a mão para a adaga. Mas Ben foi mais rápido. O carroceiro devia ter lutado em alguma batalha, concluiu Ralph. Ben virou o porrete e acertou com toda a força o alto da cabeça de Joseph, que tornou a cair no chão e ficou imóvel. Ralph soltou um berro de fúria. Sacou a espada e correu para o carroceiro.

– Não! – gritou Merthin.

Ralph atingiu Ben no peito, enfiando a espada entre as costelas com toda a sua força. Ela atravessou o corpo volumoso de Ben e saiu pelo outro lado. Ben caiu para trás e Ralph puxou a espada. O sangue esguichou. Ralph sentiu um fluxo de satisfação triunfante. Não haveria mais insolências da parte de Ben Wheeler.

Ralph se ajoelhou ao lado de Joseph. Seus olhos fitavam sem ver. O coração parara de bater. Ele estava morto. De certa forma, isso era bom. Simplificava as explicações. Ben Wheeler assassinara um dos homens do conde e morrera por isso. Ninguém veria qualquer injustiça no fato, muito menos o conde Roland, que não tinha misericórdia com aqueles que desafiavam sua autoridade.

Merthin não pensava da mesma maneira. Seu rosto se contraíra, como se sentisse muita dor.

– O que você fez? – indagou ele, incrédulo. – Ben Wheeler tem um filho de 2 anos! Eles o chamam de Bennie!

– Neste caso, é melhor a viúva procurar outro marido – disse Ralph. – E desta vez ela deve escolher um homem que conheça seu lugar.

27

Foi uma péssima colheita. Houve tão pouco sol em agosto que os grãos mal haviam amadurecido em setembro. Na aldeia de Wigleigh, o desânimo era geral. Não havia a euforia habitual da época: as danças, a bebida, os romances repentinos. As colheitas úmidas eram propensas a apodrecer. Muitos aldeões passariam fome antes da primavera.

Wulfric colheu a cevada debaixo de chuva, ceifando os talos úmidos enquanto Gwenda ia atrás, amarrando os feixes. No primeiro dia de sol de setembro, eles começaram a colher o trigo, o cereal mais valioso, na esperança de que o bom tempo duraria o bastante para secá-lo.

Em dado momento, Gwenda percebeu que Wulfric era impulsionado pela fúria. A súbita perda de toda a família o enfurecia. Culparia alguém por seu sofrimento, se pudesse, mas o desabamento da ponte parecia um acontecimento fortuito, um ato dos maus espíritos ou uma punição de Deus. Assim, ele não tinha onde descarregar sua raiva, a não ser no trabalho. Ela própria era impulsionada pelo amor, um sentimento igualmente poderoso.

Iam para os campos antes do amanhecer e não paravam até que ficasse escuro demais para verem qualquer coisa. Gwenda se deitava todas as noites com dor nas costas e acordava quando ouvia Wulfric bater a porta da cozinha, antes do amanhecer. Ainda assim, estavam atrás de todos os outros.

Pouco a pouco, Gwenda sentiu uma mudança na atitude da aldeia em relação a Wulfric e ela. Durante toda a sua vida, fora menosprezada como a filha do infame Joby, e as mulheres a desaprovaram ainda mais quando perceberam que ela queria tirar Wulfric de Annet. Era difícil não gostar de Wulfric, mas alguns achavam que seu desejo de herdar uma propriedade tão grande era ganancioso e inviável. As pessoas, no entanto, não podiam deixar de ficar impressionadas com

os dois pelo esforço. Um garoto e uma garota tentavam realizar o trabalho de três homens e vinham se saindo melhor do que todos esperavam. Os homens passaram a ter admiração por Wulfric enquanto as mulheres olhavam para Gwenda com simpatia.

No final, os aldeões se reuniram para ajudá-los. O pároco da aldeia, padre Gaspard, fingiu não se importar com o fato de trabalharem aos domingos. Quando a família de Annet concluiu sua colheita, o pai, Perkin, e o irmão, Rob, se juntaram a Gwenda nas terras de Wulfric. Até mesmo a mãe de Gwenda, Ethna, foi ajudar. Ao levarem os últimos feixes para o celeiro de Wulfric, houve uma insinuação do espírito tradicional da colheita, com todos entoando as antigas canções enquanto caminhavam atrás da carroça.

Annet ali estava, em violação ao ditado antigo de que a pessoa deve primeiro seguir o arado se quer dançar a jiga da colheita. Ela foi caminhando ao lado de Wulfric, seu direito como a noiva reconhecida. Gwenda a observava de trás, amargurada, notando como ela requebrava os quadris, balançava a cabeça e ria alegremente de tudo o que Wulfric dizia. Como ele podia ser tão estúpido para se apaixonar por isso? Não percebera que Annet não trabalhara nem um pouco em sua terra?

Ainda não havia sido marcado o dia do casamento. Perkin era astuto acima de tudo e não deixaria a filha se comprometer até que a questão da herança estivesse resolvida.

Wulfric demonstrara sua capacidade de cultivar a terra. Ninguém questionaria isso agora. Sua idade se tornara irrelevante. O único obstáculo restante era o *heriot*. Ele conseguiria levantar o dinheiro para pagar o tributo de herança? Dependeria do lucro que conseguisse pela colheita. Mesmo sendo ruim, se o mau tempo prevalecesse por toda parte, o preço do trigo provavelmente subiria. Em circunstâncias normais, uma próspera família de camponeses teria guardado o dinheiro para o *heriot*, mas as economias da família de Wulfric estavam no fundo do rio, em Kingsbridge. Portanto, nada estava resolvido. E Gwenda poderia continuar a sonhar que Wulfric herdaria a terra e de alguma forma transferiria sua afeição para ela. Qualquer coisa era possível.

Nathan Reeve apareceu no momento em que descarregavam a carroça no celeiro. O bailio corcunda exibia uma intensa excitação.

– Venham depressa para a igreja! – gritou. – Todos! Parem o que estão fazendo!

– Não vou deixar minha colheita aqui fora, pois pode estragar – protestou Wulfric.

– Vamos pôr a carroça no celeiro – propôs Gwenda. – Qual é a emergência, Nate?

O bailio já se afastava apressado, a caminho da próxima casa.

– O novo senhor está chegando!

– Espere! – Wulfric correu atrás dele. – Vai recomendar que eu herde a propriedade?

Todos ficaram imóveis, observando, à espera da resposta.

Nathan virou-se, relutante, e fitou Wulfric. Teve de inclinar a cabeça para trás, pois Wulfric era mais de um palmo mais alto.

– Não sei... – disse bem pausadamente.

– Provei que posso cultivar a terra... e você sabe disso. Basta dar uma olhada no celeiro.

– Não resta a menor dúvida de que trabalhou bem. Mas é capaz de pagar o *heriot*?

– Depende do preço do trigo.

– Pai... – interveio Annet.

Gwenda se perguntou o que poderia acontecer. Perkin parecia hesitante. Annet insistiu:

– Lembra o que me prometeu?

– Claro que lembro.

– Pois então diga a Nate.

Perkin virou-se para o bailio.

– Eu garanto o *heriot* se o senhor deixar Wulfric herdar.

Gwenda levou a mão à boca.

– Pagará por ele? – indagou Nathan. – São 2 libras e 10 xelins.

– Se ele estiver com pouco dinheiro, emprestarei o que precisar. Claro que eles terão de se casar primeiro.

Nathan baixou a voz:

– E além disso...?

Perkin disse alguma coisa, tão baixo que Gwenda não entendeu, mas podia adivinhar o que era. Perkin oferecia um suborno a Nathan, provavelmente um décimo do tributo, o que daria 5 xelins.

– Está bem – concordou Nathan. – Farei a recomendação. Agora, sigam depressa para a igreja!

E afastou-se correndo. Wulfric deu um sorriso largo e beijou Annet. Todos apertaram sua mão.

Gwenda ficou angustiada. Sua esperança fora destruída. Annet fora muito esperta. Persuadira o pai a emprestar a Wulfric o dinheiro de que precisasse. Ele herdaria a terra... e se casaria com Annet.

Gwenda se forçou a ajudar a empurrar a carroça para o celeiro. Depois, seguiu o feliz casal a caminho da igreja da aldeia. Tudo acabara. Um novo senhor, sem conhecer a aldeia ou seus habitantes, dificilmente ficaria contra o conselho do bailio numa questão como aquela. O fato de Nathan ter se dado o trabalho de negociar um suborno indicava sua confiança.

Era em parte culpa sua, é claro. Trabalhara demais para que Wulfric pudesse fazer sua colheita na vã esperança de que ele percebesse que ela daria uma esposa muito melhor do que Annet. Durante todo o verão cavara a própria sepultura, pensou ela, enquanto atravessava o cemitério e se aproximava da porta da igreja. Mas faria a mesma coisa de novo. Não suportaria ver Wulfric se esforçando sozinho. O que quer que aconteça, refletiu Gwenda, ele sempre saberá que fui eu quem ficou ao seu lado. O que era um parco consolo.

A maioria dos aldeões já estava na igreja. Não precisavam das exortações de Nathan. Todos estavam ansiosos por ser os primeiros a prestar suas homenagens ao novo senhor e curiosos em ver como ele era: jovem ou velho, feio ou bonito, alegre ou carrancudo, inteligente ou estúpido, e o mais importante de tudo... cruel ou gentil. Tudo nele afetaria suas vidas enquanto fosse o senhor, o que poderia durar anos ou décadas. Se fosse razoável, poderia contribuir e muito para que Wigleigh fosse uma aldeia feliz e próspera. Se fosse um tolo, tomaria decisões insensatas e faria julgamentos injustos, aplicaria tributos opressivos e punições rigorosas. E uma de suas primeiras decisões seria a de permitir que Wulfric herdasse.

O rumor das conversas cessou quando escutaram o retinir de arreios de

cavalo. Gwenda ouviu a voz baixa e subserviente de Nathan, depois o tom autoritário de um senhor... um homem enorme, pensou ela, confiante, mas jovem. Todos olharam para a porta da igreja, que foi aberta um momento depois.

Gwenda não pôde conter uma exclamação chocada.

O homem que entrou na igreja não tinha mais que 20 anos. Vestia-se bem, com uma sobrecasaca de lã, estava armado com espada e adaga. Era alto e exibia uma expressão de orgulho. Parecia satisfeito em ser o senhor de Wigleigh embora houvesse alguma insegurança na aparência altiva. Tinha cabelos escuros ondulados e um rosto bonito desfigurado pelo nariz quebrado.

Era Ralph Fitzgerald.



O primeiro tribunal senhorial de Ralph foi realizado no domingo seguinte.

Até lá, Wulfric passou o tempo todo deprimido. Gwenda tinha vontade de chorar cada vez que olhava para ele. Wulfric andava de cabeça baixa, os ombros largos vergados. Durante todo o verão ele se mostrara incansável, trabalhando nos campos sem se queixar, como um cavalo de arado, mas agora parecia muito cansado. Fizera tudo o que um homem podia fazer, mas seu destino fora parar nas mãos de alguém que o odiava.

Gwenda gostaria de dizer alguma coisa esperançosa, numa tentativa de animá-lo, mas a verdade era que partilhava seu pessimismo. Os senhores eram com frequência mesquinhos e vingativos, e nada em Ralph a encorajava a pensar que ele seria magnânimo. Quando menino, era estúpido e brutal. Gwenda jamais esqueceria o dia em que ele matara seu cachorro com o arco e flecha de Merthin.

Não havia sinal de que melhorara desde então. Instalou-se na casa senhorial com seu ajudante, um jovem escudeiro corpulento chamado Alan Fernhill. Os dois bebiam o melhor vinho, comiam as galinhas e apertavam os seios das servas com a indiferença típica de sua classe.

A atitude de Nathan Reeve confirmava as apreensões de Gwenda. O bailio não se tentou negociar um aumento do suborno... um sinal seguro de que esperava o fracasso.

Annet também parecia ter a pior opinião sobre as perspectivas de Wulfric.

Gwenda percebeu sua mudança inegável. Annet já não sacudia os cabelos com tanta alegria nem andava com o balanço dos quadris, e não mais se ouvia com frequência o som de cascata de sua risada. Gwenda torcia para que Wulfric não notasse a diferença em Annet, pois ele já tinha o suficiente com que se angustiar. Mas tinha a impressão de que ele já não passava tanto tempo na casa de Perkin à noite e voltava para casa taciturno.

Ela ficou surpresa ao descobrir, na manhã de domingo, que Wulfric ainda acalentava um fio de esperança. Quando a missa terminou e o padre Gaspard deu lugar a lorde Ralph, ela viu que Wulfric mantinha os olhos fechados e mexia os lábios, no que devia ser uma oração para sua santa predileta, a Virgem Maria.

Todos os aldeões estavam na igreja, é claro, inclusive Joby e Ethna. Gwenda não ficou junto dos pais. Ainda conversava às vezes com a mãe, mas apenas quando o pai não se encontrava por perto. Joby tinha uma marca vermelha no rosto, no lugar em que ela o queimara com o tição. Nunca a fitava nos olhos. Gwenda ainda tinha medo do pai, mas percebia que agora ele também sentia medo dela.

Ralph se sentou na grande cadeira de madeira, olhando para seus servos com a expressão avaliadora de um comprador num mercado de gado. Os procedimentos do tribunal naquele dia consistiam de uma série de comunicados. Nathan anunciou as disposições para terminar a colheita nas terras do senhor, determinando os dias da semana seguinte em que diferentes aldeões teriam de cumprir seus deveres ali. Não houve qualquer convite para sugestões. Era evidente que Ralph não pretendia governar por consenso.

Foram enunciados outros detalhes, do tipo com que Nathan lidava todas as semanas: a respiga deveria ser concluída em Hundredacre até a noite de segunda-feira, para que o gado pudesse pastar o restolho a partir da manhã de terça, e a aradura de outono em Longfield começaria na quarta. Em circunstâncias normais, haveria pequenas discussões sobre esses planos, os aldeões encontrando razões para propor disposições diferentes. Hoje, no entanto, todos se mantiveram calados, esperando para avaliar o novo senhor.

Quando a decisão foi anunciada, parecia estranhamente corriqueira e insignificante. Como se apenas enunciasse outra norma de trabalho, Nathan disse:

– Wulfric não terá permissão de herdar as terras do pai porque tem apenas 16 anos.

Gwenda olhou para Ralph. Ele tentava disfarçar um sorriso triunfante. Levou a mão ao rosto – um gesto inconsciente, pensou ela – e tocou no nariz quebrado.

– Lorde Ralph vai considerar o que fazer com as terras e anunciará sua decisão mais tarde – acrescentou Nathan.

Wulfric gemeu alto para todos ouvirem. Era a decisão que esperava, mas a confirmação era amarga. Gwenda o observou virar as costas à multidão, esconder o rosto e encostar-se na parede, como se precisasse desse apoio para não cair.

– Isso é tudo por hoje – arrematou Nathan.

Ralph se levantou. Desceu pela nave lentamente, os olhos se desviando a todo instante para o transtornado Wulfric. Que tipo de senhor ele seria, pensou Gwenda, se seu primeiro impulso era usar o poder para a vingança? Nathan seguiu Ralph, olhando para o chão: sabia que uma injustiça fora cometida. Assim que deixaram a igreja, elevou-se um burburinho de comentários. Gwenda não falou com ninguém; só ficou observando Wulfric.

Ele se afastou da parede, seu rosto a imagem do sofrimento. Os olhos vasculharam a igreja e encontraram Annet. Ela parecia furiosa. Gwenda esperou que os olhos dela se encontrassem com os de Wulfric, mas Annet parecia determinada a não fitá-lo. E Gwenda especulou sobre o que Annet estaria pensando.

Annet se encaminhou para a porta, acompanhada pelo pai e o resto da família. Ela nem sequer falaria com Wulfric?

A mesma ideia deve ter ocorrido a ele, pois foi atrás dela e chamou:

– Annet, espere!

As pessoas ao redor se calaram. Annet virou-se. Wulfric parou na sua frente.

– Ainda vamos nos casar, não é?

Gwenda estremeceu ao ouvir o tom pouco digno de súplica na voz. Annet o fitou, dando a impressão de que ia falar, mas não disse nada por um longo momento.

– Os senhores precisam de bons servos para trabalhar a terra – acrescentou Wulfric. – Talvez Ralph me dê uma propriedade menor...

– Você quebrou o nariz dele! – disse Annet, ríspida. – Ralph nunca lhe dará nada.

Gwenda recordou como Annet ficara satisfeita, naquela ocasião, vendo dois homens lutarem por ela.

– Nesse caso, serei um simples trabalhador – declarou Wulfric. – Sou forte. Nunca me faltará trabalho.

– Mas será pobre pelo resto de sua vida. É isso que está me oferecendo?

– Ficaremos juntos... Como sonhamos naquele dia na floresta em que você disse que me amava. Lembra?

– E como seria a minha vida, casada com um camponês sem terras? – indagou Annet, furiosa. – Eu lhe direi. – Ergueu o braço e apontou para a mãe de Gwenda, Ethna, parada ao lado de Joby e das três crianças pequenas. – Eu seria como ela: o rosto sombrio de preocupação e tão magra quanto um cabo de vassoura.

Joby ficou irritado ao ouvir isso. Apontou para Annet com o braço sem a mão.

– Tome cuidado com o que diz, sua sirigaita atrevida.

Perkin se postou na frente da filha, fazendo um gesto apaziguador com as mãos.

– Desculpe-a, Joby. Ela está muito nervosa. Não quis ofendê-lo.

– Também sem qualquer desrespeito a Joby, devo dizer que não sou como ele, Annet – ressaltou Wulfric.

– É, sim! Vocês não têm terras. É por isso que ele é pobre, e é por isso que você também será pobre. Seus filhos passarão fome e sua mulher será uma desgraçada.

Era verdade. Em tempos difíceis, os camponeses sem terras eram os primeiros a sofrer. Dispensar os empregados era o meio mais rápido de poupar dinheiro. Mesmo assim, Gwenda achava difícil acreditar que uma mulher rejeitasse a chance de passar a vida com Wulfric.

Mas tudo indicava que era isso que Annet fazia naquele momento. Wulfric também pensou assim. Desesperado, ele perguntou:

– Você não me ama mais?

Ele perdera toda e qualquer dignidade, e parecia patético. Mesmo assim,

Gwenda ficou ainda mais apaixonada por ele.

– Não posso viver de amor – disse Annet, para depois sair da igreja.



Duas semanas depois, ela se casou com Billy Howard.

Gwenda foi à celebração, como todos os outros na aldeia, à exceção de Wulfric. Apesar da colheita ruim, houve um grande banquete. Pelo casamento, duas grandes propriedades se juntavam, os 100 acres de Perkin com os 40 de Billy. Além disso, Perkin pedira que Ralph lhe desse as terras da família de Wulfric. Se Ralph concordasse, os filhos de Annet poderiam ser herdeiros de quase metade da aldeia. Mas Ralph fora para Kingsbridge, prometendo que decidiria assim que voltasse.

Perkin abriu um barril da cerveja mais forte de sua esposa e abateu uma vaca. Gwenda comeu e bebeu à vontade. Seu futuro era incerto demais para recusar boa comida.

Brincou com as irmãs pequenas, Cathie e Joanie, jogando e pegando uma bola de madeira. Pôs o bebê Eric nos joelhos e cantou para ele. A mãe se sentou ao seu lado e perguntou:

– O que vai fazer agora?

No fundo de seu coração, Gwenda ainda não se reconciliara por completo com Ethna. Conversavam e a mãe lhe fazia perguntas, preocupada. Gwenda lhes respondia ainda, que se ressentisse por ela ter perdoado Joby.

– Ficarei no celeiro de Wulfric enquanto puder. Talvez possa continuar ali indefinidamente.

– E se Wulfric for embora... deixar a aldeia?

– Não sei o que farei nesse caso.

Por enquanto, Wulfric ainda trabalhava nos campos, arrancando o restolho e passando o arado nas terras alqueivadas que haviam pertencido à sua família. Gwenda o ajudava. Nathan lhes pagava o salário de trabalhador diário, já que não teriam participação na próxima colheita. Nathan insistia que eles continuassem, caso contrário a terra se deterioraria muito depressa. Ficariam até que Ralph anunciasse quem seria o novo ocupante. Quando isso acontecesse,

teriam de se oferecer para serem contratados.

– Onde está Wulfric agora? – perguntou Ethna.

– Não sei. Presumo que ele não esteja disposto a comemorar este casamento.

– Como ele se sente em relação a você?

Gwenda lançou um olhar franco para a mãe.

– Ele diz que sou a melhor amiga que já teve.

– O que isso significa?

– Não sei. Mas não significa “Eu amo você”, não é?

– Não, não significa.

Gwenda ouviu música. Aaron Appletree estava tocando uma gaita de foles, passando pela escala de cima a baixo, em preparação para uma melodia. Ela viu Perkin sair de sua casa com dois pequenos tambores presos no cinto. A dança estava prestes a começar.

Ela não sentia a menor vontade para dançar. Poderia conversar com as mulheres mais velhas, mas elas fariam as mesmas perguntas que a mãe, e ela não queria passar o resto do dia explicando sua situação. Recordou o último casamento na aldeia, Wulfric um pouco embriagado, dançando em grandes saltos, abraçando todas as mulheres, embora ainda desse preferência a Annet. Sem ele, não havia espírito de festa para Gwenda. Ela devolveu Eric à mãe e afastou-se. Seu cachorro, Skip, não a seguiu, pois sabia que festas assim proporcionavam um banquete de restos de comida.

Foi para a casa de Wulfric, meio que esperando encontrá-lo ali. Mas a casa estava vazia. Era uma sólida construção de madeira, com postes e vigas, mas sem chaminé... um luxo que era exclusivo dos ricos. Ela procurou nos dois cômodos do primeiro andar e no quarto por cima. A casa continuava arrumada e limpa como no tempo em que sua mãe era viva, mas isso acontecia porque ele só usava um cômodo. Comia e dormia na cozinha. O lugar era frio e inóspito. Era uma casa de família sem uma família.

Gwenda foi para o celeiro. Estava cheio de fardos de feno, a forragem para o verão, feixes de cevada e trigo esperando para serem debulhados. Subiu a escada para o palheiro, deitou-se no feno e logo pegou no sono.

Já estava escuro quando acordou. Não tinha a menor ideia da hora. Saiu para ver o céu. Havia uma lua baixa por trás de nuvens delgadas e ela calculou que se

passara apenas uma ou duas horas depois do anoitecer. E, parada ali, na porta do celeiro, Gwenda ouviu um som de choro.

Soube no mesmo instante que era Wulfric. Já o ouvira chorar antes, quando vira os corpos dos pais e do irmão estendidos no chão da catedral de Kingsbridge. Ele chorava com enormes soluços, que pareciam vir das profundezas de seu peito. Lágrimas afloraram aos olhos de Gwenda por tanta dor.

Depois de algum tempo, ela foi para a casa.

Podia vê-lo ao luar. Ele estava deitado na palha, o rosto virado para baixo, as costas subindo e descendo enquanto soluçava. Devia ter ouvido quando ela puxou o trinco, mas estava transtornado demais para se importar e não olhou.

Gwenda ajoelhou-se ao seu lado. Hesitante, tocou em seus cabelos. Ele não reagiu. Ela quase nunca o tocava, e afagar seus cabelos era um prazer desconhecido. Suas carícias pareceram acalmá-lo, pois o choro cessou.

Não demorou muito para que ela ousasse se deitar ao seu lado. Esperava que Wulfric a afastasse, mas não foi o que aconteceu. Ele virou o rosto, os olhos fechados. Gwenda enxugou seus olhos com a manga, removendo as lágrimas. Estava emocionada pela proximidade e pela permissão para aquelas pequenas intimidades. Ansiava por beijar os olhos fechados, mas teve medo de ser um passo longe demais e se conteve.

Logo percebeu que Wulfric havia adormecido.

Ficou satisfeita. Era um sinal de que ele se sentia confortável em sua companhia, e isso significava que podia continuar ali, pelo menos até Wulfric acordar.

Era outono, a noite estava fria. À medida que a respiração dele foi se tornando mais lenta e mais firme, ela se levantou devagar e pegou a manta pendurada num gancho na parede. Estendeu-a por cima do rapaz, que continuou dormindo.

Apesar do frio no ar, ela tirou o vestido pela cabeça e se deitou nua ao seu lado, ajeitando a manta para cobrir os dois.

Ficou bem perto dele e encostou o rosto em seu peito. Podia ouvir as batidas do coração de Wulfric e sentir a respiração no alto de sua cabeça. O calor daquele corpo enorme servia para aquecê-la. Mais tarde, a lua sumiu e a

escuridão se tornou total. Gwenda sentiu que poderia ficar assim para sempre.

Não dormiu. Não tinha intenção de desperdiçar nem um pouco daquele tempo precioso. Saboreava cada momento, sabendo que poderia nunca mais acontecer. Tocou-o, cautelosa, tomando cuidado para não o acordar. Através da lã fina da roupa que ele vestia, seus dedos exploraram os músculos do peito e das costas, os ossos das costelas e quadris, os contornos do ombro e do cotovelo.

Ele se mexeu várias vezes durante o sono. Virou-se e ficou deitado de costas. Gwenda encostou a cabeça em seu ombro e estendeu o braço pela barriga lisa. Mais tarde, Wulfric se virou e ela chegou ainda mais perto, ajustando-se ao formato em S de seu corpo, comprimindo os seios contra as costas largas, quadris contra quadris, joelhos em joelhos. Depois ele se virou em sua direção, estendendo um braço por seus ombros, uma perna por cima de suas coxas. A perna era tão pesada que doía, mas Gwenda refletiu que a dor era prova de que não estava sonhando.

Mas ele sonhou. No meio da noite, beijou-a subitamente, enfiando a língua em sua boca, agarrando um seio com a mão enorme. Gwenda sentiu a ereção quando ele se esfregou, desajeitado. Por um momento, ficou aturdida. Wulfric podia tê-la da maneira que quisesse, mas não era capaz de ser outra coisa senão gentil. Ela estendeu a mão para a virilha e segurou o pênis, que se projetava pela abertura no calção. E de repente ele ficou de costas, a respiração ritmada. Gwenda compreendeu que ele não acordara em momento nenhum, que a tocara em sonho. E sonhava com Annet, sem dúvida, compreendeu ela, pesarosa.

Gwenda não dormiu, mas se lançou a devaneios. Imaginou Wulfric a apresentando a um estranho:

– Esta é minha esposa, Gwenda.

Viu-se grávida, mas ainda trabalhando nos campos, até que desmaiava no meio do dia. Em sua fantasia, Wulfric a carregava para casa, lavava seu rosto com água fria. Viu-o como um velho, brincando com os netos, fazendo as vontades das crianças, dando-lhes maçãs e favos de mel.

Netos?, pensou ela, amargurada. Era um prédio grande demais para construir com base apenas na permissão para que ela o enlaçasse enquanto chorava até dormir.

Quando ela já pensava que o amanhecer era iminente e sua presença no

paraíso poderia terminar em breve, Wulfric começou a se mexer. Sua respiração mudou. Ele virou para ficar de costas. O braço de Gwenda caiu sobre o peito dele e ela o deixou ali. Depois de um momento, sentiu que Wulfric estava acordado, pensando. Ficou imóvel, com medo de romper o encantamento se falasse ou fizesse qualquer movimento.

Afinal Wulfric tornou a se virar para ela. Estendeu o braço para envolvê-la e ela sentiu a mão na pele nua de suas costas. Ele a acariciou, mas Gwenda não sabia o que aquela carícia significava. Wulfric parecia explorar, surpreso ao descobri-la nua. A mão subiu até o pescoço, desceu para a curva do quadril.

Até que finalmente ele falou. Como se tivesse medo de que mais alguém pudesse ouvir, a voz saiu num sussurro:

– Ela se casou com ele.

– Casou – sussurrou Gwenda em resposta.

– O amor dela é fraco.

– O verdadeiro amor nunca é fraco.

A mão de Wulfric permaneceu em seu quadril, próxima demais dos lugares em que ela queria ser tocada.

– Algum dia deixarei de amá-la?

Gwenda pegou sua mão e a deslocou, sussurrando:

– Ela tem dois seios como estes.

Ela não sabia por que fizera isso: a intuição a orientava e resolveu segui-la, para o bem ou para o mal. Wulfric gemeu. Ela sentiu que sua mão se fechava gentilmente sobre um seio, depois sobre o outro.

– E ela tem pelos aqui embaixo como estes – disse ela, conduzindo a mão de Wulfric novamente.

A respiração dele era cada vez mais acelerada. Gwenda deixou a mão ali. Passou a explorar o corpo de Wulfric. Descobriu que ele tinha uma ereção. Ela ofegou e murmurou:

– As mãos dela causam essa sensação.

Ele começou a movimentar os quadris de modo ritmado. Gwenda teve medo de que o ato terminasse antes de ser consumado. Não queria isso. Era tudo ou nada agora. Ela o empurrou gentilmente para deitá-lo de costas. Ergueu seu corpo e montou nele, murmurando:

– Lá dentro, ela está quente e molhada.

Baixou sobre ele. Embora já tivesse feito aquilo antes, não foi nem de longe parecido. Sentiu que ficava repleta, mas mesmo assim queria mais. Desceu contra a arremetida para cima dos quadris de Wulfric e subiu quando ele recuou. Inclinou o rosto para beijá-lo na boca escondida na barba.

Ele segurou a cabeça de Gwenda entre as mãos e a beijou em resposta.

– Ela o ama – sussurrou Gwenda. – Ela o ama demais.

Wulfric soltou um grito de paixão, e ela balançou para cima e para baixo, montando em seus quadris como se fosse um pônei selvagem, até que finalmente o sentiu gozar. Ele soltou um último grito de prazer para depois balbuciar:

– Eu também amo você! E amo muito, Annet!

28

Wulfric voltou a dormir, mas Gwenda permaneceu acordada. Estava excitada demais para dormir. Conquistara o amor de Wulfric, sabia disso. Não importava que tivesse mais ou menos de fingir que era Annet. Ele fizera amor com paixão e a beijara depois com tanta ternura e gratidão que Gwenda sentia que ele seria seu para sempre.

Quando o coração voltou a seu ritmo normal e a mente se acalmou, ela pensou na herança de Wulfric. Não estava disposta a desistir, ainda mais agora. Enquanto amanhecia, ela vasculhava o cérebro à procura de uma maneira de salvá-la. E, quando Wulfric acordou, ela anunciou:

– Vou para Kingsbridge.

Ele ficou surpreso.

– Por quê?

– Para descobrir se há alguma maneira de você ainda poder herdar.

– Como?

– Não sei. Mas Ralph ainda não deu as terras a ninguém e talvez haja uma possibilidade. Você merece... Trabalhou muito e sofreu demais.

– O que pretende fazer?

– Conversarei com meu irmão Philemon. Ele compreende essas coisas melhor do que nós... e saberá o que devemos fazer.

Wulfric fitou-a com uma expressão estranha.

– O que foi? – indagou Gwenda.

– Você me ama mesmo, não é?

Ela sorriu, na maior felicidade:

– Vamos fazer de novo?

Na manhã seguinte, Gwenda estava no priorado de Kingsbridge, sentada no

banco de pedra junto da horta, esperando por Philemon. Durante a longa caminhada desde Wigleigh, repassara em sua mente cada segundo da noite de domingo, saboreando os prazeres físicos, perplexa com as palavras enunciadas. Wulfric ainda não admitira que a amava, mas dissera: “Você realmente me ama.” E se mostrara satisfeito porque ela o amava, embora um pouco aturdido com a força de sua paixão.

Gwenda ansiava por lhe restaurar o direito de herança. Quase tanto quanto ansiara por ele. Queria isso para os dois. Mesmo que Wulfric fosse um trabalhador sem terra como seu pai, casaria com ele se tivesse a oportunidade; mas queria mais para ambos e estava determinada a conseguir.

Quando Philemon saiu do priorado para a horta, ela percebeu no mesmo instante que ele usava o hábito de noviço.

– Holger! – exclamou ela, usando o nome verdadeiro do irmão, aturdida. – Você é um noviço... o que sempre quis!

Philemon sorriu, orgulhoso. Generoso, ignorou o uso de seu antigo nome.

– Foi um dos primeiros atos de Godwyn como prior. Ele é um homem maravilhoso. É uma honra servi-lo.

Sentou no banco, ao lado da irmã. Era um dia ameno de outono, nublado mas seco.

– E como vai com as aulas?

– Devagar. É difícil aprender a ler e escrever quando já se é crescido. – Philemon fez uma careta. – Os meninos progridem mais depressa do que eu. Mas posso copiar a Oração do Senhor em latim.

Gwenda o invejou. Não era capaz de escrever nem o próprio nome.

– Isso é maravilhoso!

O irmão estava a caminho de realizar o sonho de sua vida, que era o de se tornar um monge. Talvez o fato de ser um noviço pudesse apaziguar o sentimento de inferioridade, refletiu Gwenda, que explicava o fato de ele ser às vezes astucioso e mentiroso.

– Mas como você tem passado? – perguntou Philemon. – O que veio fazer em Kingsbridge?

– Já sabia que Ralph Fitzgerald se tornou o senhor de Wigleigh?

– Já, sim. Ele está na cidade, hospedado na Bell, se exibindo para todo

mundo.

– Ralph se recusou a permitir que Wulfric herdasse as terras de seu pai. – Ela relatou o que acontecera. – Quero saber se a decisão pode ser contestada.

Philemon balançou a cabeça.

– A resposta é não. Wulfric pode apelar para o conde de Shiring, é claro, pedindo para reverter a decisão de Ralph. Mas o conde não vai interferir se não tiver um interesse pessoal. Mesmo que ele ache que a decisão foi injusta, e é óbvio que foi, não deve abalar a autoridade de alguém que acabou de designar. Mas qual é o seu interesse? Pensei que Wulfric ia se casar com Annet.

– Quando Ralph anunciou sua decisão, Annet rompeu com Wulfric e se casou com Billy Howard.

– E agora você tem uma chance com Wulfric.

– Acho que sim. – Gwenda sentiu que corava.

– Como pode saber? – perguntou o irmão, astuto.

– Eu me aproveitei dele – confessou Gwenda. – Quando Wulfric estava desesperado por causa do casamento, fui para sua cama.

– Não se preocupe. Nós que nascemos pobres temos de usar a astúcia para conseguir o que queremos. Os escrúpulos são para os privilegiados.

Ela não gostava de ouvi-lo falar assim. Às vezes parecia que Philemon pensava que qualquer comportamento podia ser justificado pela infância difícil. Mas ela estava desapontada demais para se preocupar com isso agora.

– Não há mesmo nada que eu possa fazer?

– Eu não disse isso. Falei apenas que a decisão não pode ser contestada. Mas Ralph pode ser convencido a mudar de ideia.

– Não por mim, tenho certeza.

– Não sei como. Mas por que não procura Caris, a prima de Godwyn? Vocês são amigas desde pequenas. Ela a ajudará, se puder. E é muito ligada a Merthin, o irmão de Ralph. Talvez ele possa pensar em alguma solução.

Qualquer esperança era melhor que nenhuma. Gwenda se levantou para ir embora.

– Vou procurá-la agora mesmo. – Inclinou-se para dar um beijo de despedida no irmão, mas depois se lembrou que esse contato era agora proibido. Em vez disso, apertou a mão de Philemon, o que pareceu estranho.

– Rezarei por você – disse ele.

A casa de Caris ficava em frente aos portões do priorado. Quando Gwenda entrou, não havia ninguém na sala de jantar, mas ela ouviu vozes na sala de visitas, onde Edmund costumava tratar de negócios. A cozinheira, Tutty, informou que Caris estava com o pai. Gwenda sentou para esperar, batendo com o pé, impaciente. Depois de alguns minutos, a porta da outra sala foi aberta.

Edmund saiu, acompanhado por um homem que ela não conhecia. Era alto e tinha as narinas dilatadas, o que lhe conferia uma aparência desdenhosa. Usava o hábito preto de um padre, mas não ostentava uma cruz nem qualquer outro símbolo sagrado. Edmund acenou com a cabeça para Gwenda, muito amável, e disse para o estranho:

– Vou levá-lo de volta ao priorado.

Caris também saiu da sala. Foi abraçar Gwenda.

– Quem era aquele homem? – perguntou Gwenda.

– Seu nome é Gregory Longfellow. É o advogado contratado pelo prior Godwyn.

– Contratado para quê?

– O conde Roland impediu o priorado de retirar pedra de sua pedreira. Quer cobrar 1 *penny* por carroça carregada. Godwyn vai apelar ao rei.

– Você está envolvida?

– Gregory acha que devemos argumentar que a cidade será incapaz de pagar seus tributos sem uma ponte. É a melhor maneira de persuadir o rei, diz ele. Por isso meu pai irá com Godwyn prestar depoimento no tribunal real.

– Você também vai?

– Vou. Mas agora me conte por que está aqui.

– Dormi com Wulfric.

– É mesmo? – falou Caris, sorrindo. – Finalmente! E como foi?

– Foi maravilhoso. Passei a noite deitada a seu lado enquanto ele dormia. De manhã, quando acordou... consegui persuadi-lo.

– Conte mais. Quero saber de todos os detalhes.

Gwenda relatou toda a história. Ao terminar, embora estivesse ansiosa por chegar ao verdadeiro propósito da visita, acrescentou:

– Mas alguma coisa me diz que você tem uma notícia da mesma espécie.

Caris acenou com a cabeça em confirmação.

– Também me deitei com Merthin. Eu disse a ele que não queria me casar. Ele saiu e foi conversar com aquela porca gorda da Bessie Bell. Fiquei furiosa ao pensar em Bessie mostrando aquelas tetas enormes... e, quando ele voltou, fiquei tão satisfeita que decidi fazer tudo.

– E gostou?

– Adorei. É a melhor coisa que já fiz. E melhora a cada vez. Fazemos sempre que temos uma oportunidade.

– E se engravidar?

– Não estou nem pensando nisso. Não me importo se morrer. Uma vez... – Caris baixou a voz –... tomamos banho nus num laguinho na floresta, depois ele me lambeu... lá embaixo.

– Que nojo! Como foi?

– Uma delícia. Ele também gostou.

– Você fez a mesma coisa com ele?

– Fiz.

– Mas ele não...?

Caris tornou a assentir.

– Na minha boca.

– Não foi nojento?

Caris deu de ombros.

– O gosto é esquisito... mas é muito excitante sentir o que acontece. E ele adorou.

Gwenda estava chocada, mas também intrigada. Talvez devesse fazer aquilo com Wulfric. Conhecia um lugar em que poderiam se banhar nus, um córrego na floresta, longe de qualquer estrada.

– Mas você não veio até aqui só para me falar sobre Wulfric – acrescentou Caris.

– Não. Vim falar sobre a herança dele. – Gwenda explicou a decisão de Ralph. – Philemon achou que talvez Merthin pudesse persuadir o irmão a mudar de ideia.

Caris balançou a cabeça, com uma expressão pessimista.

– Duvido muito. Os dois brigaram.

– Oh, não!

– Foi Ralph quem barrou as carroças que saíam da pedreira. Infelizmente, Merthin estava lá na ocasião. Houve uma luta. Ben Wheeler matou um dos homens do conde e Ralph matou Ben.

Gwenda deixou escapar uma exclamação consternada.

– Mas Lib Wheeler tem uma criança de 2 anos!

– E agora o pequeno Bennie não tem pai.

Gwenda se sentiu tão desolada por Lib quanto por si mesma.

– Portanto, a interferência do irmão não vai ajudar.

– Mesmo assim, vamos conversar com Merthin. Ele está trabalhando hoje na ilha dos Leprosos.

As duas deixaram a casa. Desceram pela rua principal até a beira do rio. Gwenda estava desanimada. Todos achavam que suas chances eram mínimas. Era injusto demais.

Ian Boatman as levou até a ilha. Caris explicou que a velha ponte seria substituída por duas novas, que usariam a ilha como conexão.

Encontraram Merthin com seu ajudante, Jimmie, de 14 anos, definindo os suportes da nova ponte. Sua vara de medição era uma barra de ferro com mais do dobro da altura de um homem. Ele martelava estacas pontudas no terreno rochoso, para marcar onde as fundações deveriam ser escavadas.

Gwenda observou a maneira como Caris e Merthin se beijaram. Era diferente. Havia uma satisfação íntima nos corpos dos dois que parecia nova. Combinava com a maneira como Gwenda se sentia em relação a Wulfric. O corpo dele não era apenas desejável, mas também era seu para desfrutar. Parecia lhe pertencer, tanto quanto seu próprio corpo.

Ela e Caris ficaram observando enquanto Merthin concluía o que estava fazendo, amarrando um pedaço de cordão entre duas estacas. Depois ele pediu que Jimmie guardasse as ferramentas.

– Imagino que não haja muita coisa que vocês possam fazer sem as pedras – comentou Gwenda.

– Há alguns preparativos que devem ser feitos. Mas mandei todos os pedreiros para a pedreira. Eles estão moldando as pedras ali em vez de realizarem esse trabalho no local da construção. Teremos uma boa reserva à

espera de transporte.

– Portanto, se ganhar o caso no tribunal real, poderá iniciar a construção imediatamente.

– Espero que sim. Mas depende da duração do julgamento... e do tempo. Não podemos construir no meio do inverno, pois o frio congela a argamassa. Já estamos em outubro. Normalmente interrompemos o trabalho em meados de novembro. – Merthin ergueu os olhos para o céu. – Talvez tenhamos um prazo maior este ano: as nuvens de chuva mantêm a terra aquecida.

Gwenda lhe explicou o que ela queria.

– Eu gostaria de poder ajudá-la – disse Merthin. – Wulfric é um homem decente, e a culpa pela briga foi toda de Ralph. Mas briguei com meu irmão. Antes de pedir um favor, tenho de fazer as pazes. E não posso perdoá-lo por matar Ben Wheeler.

Era a terceira resposta negativa consecutiva, pensou Gwenda, desesperada. Talvez fosse uma busca sem esperança.

– Você pode ter que fazer isso por conta própria – sugeriu Caris.

– É o que pretendo. – Gwenda estava mesmo decidida. Era tempo de parar de pedir a ajuda de outras pessoas e passar a depender apenas de si mesma... como fizera durante toda a sua vida. – Ralph está na cidade, não é?

– Está, sim – confirmou Merthin. – Ele veio comunicar a nossos pais a boa notícia de sua promoção. São as únicas pessoas no condado que estão comemorando.

– Mas ele não está na casa de seus pais.

– Ralph se acha importante demais agora para ficar lá. Hospedou-se na Bell.

– Qual seria a melhor maneira de persuadi-lo?

Merthin pensou por um momento.

– Ralph guarda ressentimento pela humilhação de nosso pai, um cavaleiro reduzido à situação de dependente do priorado. Fará qualquer coisa que pareça realçar sua posição social.

Gwenda pensou a respeito enquanto Ian Boatman os levava de volta à cidade em seu barco. Como podia apresentar seu pedido de maneira a elevar a posição de Ralph? Era meio-dia quando ela subiu pela rua principal com os outros. Merthin almoçaria na casa de Caris, que também convidou Gwenda. Mas ela

estava impaciente para conversar logo com Ralph e seguiu direto para a Bell.

Um ajudante de cozinha informou que Ralph estava lá em cima, no melhor quarto. A maioria dos hóspedes ocupava um quarto comunitário, mas Ralph fez questão de enfatizar sua nova posição ao reservar um quarto inteiro só para ele... pago, pensou Gwenda, amargurada, com as minguadas colheitas dos camponeses de Wigleigh.

Ela bateu à porta do quarto e entrou.

Ralph estava ali com seu escudeiro, Alan Fernhill, um garoto de 18 anos, ombros largos e cabeça pequena. Na mesa entre os dois havia um jarro de cerveja, um pão e um pedaço de carne quente, com um filete de vapor ainda se elevando. Estavam acabando de almoçar e pareciam muito contentes com sua sorte na vida, pensou Gwenda. Torceu para que não estivessem embriagados: os homens nesse estado não conseguiam conversar com mulheres; eram capazes apenas de fazer comentários obscenos e rir sem parar dos ditos que achavam muito engraçados. Ralph fitou-a: o quarto não era muito bem iluminado.

– Você não é uma das minhas servas?

– Não, milorde, mas gostaria de ser. Sou Gwenda e meu pai é Joby, um camponês sem terra.

– E o que está fazendo aqui, tão longe da aldeia? Hoje não é dia de mercado.

Gwenda se adiantou, para que ele pudesse ver seu rosto com mais nitidez.

– Senhor, vim suplicar por Wulfric, filho do falecido Samuel. Sei que ele se comportou de maneira desrespeitosa uma vez, mas desde então tem sofrido os tormentos de Jó. Seus pais e o irmão morreram quando a ponte desabou, todo o dinheiro da família se perdeu e agora sua noiva se casou com outro. Espero que possa sentir que Deus já o puniu com rigor pelo erro que cometeu e chegar à conclusão de que é tempo de demonstrar misericórdia. – Ela recordou o conselho de Merthin e se apressou em acrescentar: – A misericórdia é uma característica do verdadeiro nobre.

Ele soltou um arroto fedorento e suspirou.

– Que importância tem para você se Wulfric herda ou não?

– Eu o amo, milorde. Agora que ele foi rejeitado por Annet espero que possa se casar comigo... com sua generosa permissão, é claro.

– Chegue mais perto.

Gwenda foi para o meio do quarto e parou na frente dele.

– Você não é bonita – disse Ralph. – Mas há alguma coisa em você. É virgem?

– Senhor... eu... eu...

– Obviamente não é mais. – Ele riu. – Já se deitou com Wulfric?

– Não!

– Mentirosa. – Ralph sorriu, satisfeito com sua atuação. – O que aconteceria se eu deixasse Wulfric ficar com as terras de seu pai, no final das contas? Talvez eu devesse. O que aconteceria?

– Seria considerado um autêntico nobre por Wigleigh e o mundo inteiro.

– O mundo não se importa. Mas você ficaria agradecida?

Gwenda teve um horrível pressentimento sobre o rumo daquela conversa.

– Claro que ficaria agradecida.

– E como demonstraria?

Ela recuou para a porta.

– De qualquer forma que pudesse sem perder a vergonha.

– Tiraria o vestido?

Gwenda sentiu um aperto no coração.

– Não.

– Nesse caso, não tão agradecida.

Ela estendeu a mão para a porta e segurou a maçaneta, mas não saiu.

– O que... o que deseja, milorde?

– Quero ver você nua. Decidirei depois.

– Aqui?

– Isso mesmo.

Gwenda olhou para Alan.

– Na frente dele?

– Claro.

Não parecia grande coisa se mostrar para aqueles dois homens, não em comparação com a recompensa, a recuperação da herança de Wulfric.

Depressa ela abriu o cinto e tirou o vestido pela cabeça. Segurou o vestido com uma das mãos, a outra na maçaneta, enquanto fitava Ralph em desafio. Ele contemplou seu corpo, ansioso, depois olhou para seu companheiro com um

sorriso de triunfo e Gwenda compreendeu que o comportamento era mais uma demonstração de poder do que qualquer outra coisa.

– Uma vaca feia, mas tem belos peitos... Não concorda, Alan?

– Eu não a descartaria se fosse você.

Ralph riu.

– Agora vai atender ao meu pedido? – indagou Gwenda.

Ralph pôs a mão na virilha e começou a se acariciar.

– Deite-se comigo. Naquela cama.

– Não.

– Vamos... Já fez isso com Wulfric. Não é mais virgem.

– Não.

– Pense nas terras: 90 acres, tudo o que o pai dele tinha.

Gwenda pensou um pouco. Se concordasse, Wulfric teria satisfeito o desejo de seu coração... e os dois poderiam levar uma vida de abundância. Se continuasse a recusar, Wulfric seria um camponês sem terras como Joby, lutando durante toda a sua vida para ganhar o suficiente para alimentar os filhos e muitas vezes não conseguindo.

Ainda assim, a perspectiva a repugnava. Ralph era um homem desagradável, mesquinho e vingativo, um algoz... muito diferente do irmão. O fato de ser alto e bonito não fazia diferença. Seria horrível se deitar com alguém que ela tanto detestava.

E o fato de já ter se deitado com Wulfric, na noite anterior, tornava a perspectiva de sexo com Ralph ainda mais repulsiva. Depois de sua noite de intimidade feliz com Wulfric, seria uma terrível traição fazer a mesma coisa com outro homem.

Não seja tola, ela disse a si mesma. Por cinco minutos de repugnância, vai se condenar a uma vida de dificuldades? Pensou na mãe e nos bebês que haviam morrido. Lembrou como ela e Philemon eram obrigados a roubar. Não era melhor se prostituir para Ralph uma vez, por apenas alguns momentos, do que condenar seus futuros filhos a uma vida de pobreza?

Ralph permaneceu em silêncio enquanto ela vacilava. Era esperto: qualquer palavra sua poderia aumentar a repulsa de Gwenda. Ficar calado era a melhor coisa que podia fazer.

– Por favor... – murmurou Gwenda, depois de um longo momento. – Não me obrigue a fazer isso.

– O que me diz que você está disposta.

– É pecado – insistiu Gwenda, desesperada. Ela não falava com frequência sobre pecado, mas achava que assim poderia comovê-lo. – Um pecado de milorde ao pedir e um pecado meu se eu concordar.

– Os pecados podem ser perdoados.

– O que seu irmão pensaria de você?

Por um momento, Ralph hesitou.

– Por favor... – acrescentou Gwenda. – Apenas deixe Wulfric herdar.

O rosto de Ralph tornou a se endurecer.

– Tomei minha decisão. Não vou mudá-la... a menos que você possa me persuadir. E só pedir por favor não vai adiantar.

Seus olhos faiscavam de desejo, a respiração estava um pouco mais acelerada, a boca entreaberta, os lábios úmidos por trás da barba.

Gwenda largou o vestido no chão e se encaminhou para a cama.

– Fique de joelhos no colchão – ordenou Ralph. – Assim não... de costas para mim.

Ela obedeceu.

– A vista é melhor deste lado – disse ele.

Alan caiu na gargalhada. Gwenda especulou se Alan ficaria assistindo, mas Ralph logo acrescentou:

– Deixe-nos a sós.

A porta foi batida logo depois. Ralph se ajoelhou na cama, por trás de Gwenda. Ela fechou os olhos e rezou por perdão. Sentiu os dedos grossos a explorá-la. Ouviu-o cuspir, antes de esfregar nela a mão molhada. Um momento depois, Ralph a penetrou. Ela gemeu de vergonha. Ralph interpretou sua reação de maneira errada:

– Está gostando, hein?

Gwenda se perguntou quanto tempo levaria. Ele começou a se mexer. Para atenuar o desconforto, ela acompanhou o movimento. Ralph riu, triunfante, pensando que a excitara. O maior medo de Gwenda era o de que aquilo afetasse toda a sua experiência do ato de amor. No futuro, quando se deitasse com

Wulfric, pensaria naquele momento?

E depois, para seu horror, um fluxo quente de prazer começou a se espalhar por seu corpo. Sentiu que ficava com o rosto vermelho de vergonha. Apesar de sua profunda repugnância, o corpo a traía e a deixava toda molhada, facilitando as arremetidas de Ralph. Ele sentiu a mudança e passou a se movimentar ainda mais depressa. Furiosa consigo mesma, Gwenda deixou de acompanhar seu ritmo, mas ele a agarrou pelos quadris, puxando e empurrando alternadamente. Gwenda se viu impotente para resistir. Lembrou, consternada, que seu corpo a traíra da mesma maneira com Alwyn na floresta. Naquela ocasião, como agora, desejara que seu corpo fosse uma estátua de madeira, insensível e impassível. Nas duas vezes, a reação acontecera contra a sua vontade.

Matara Alwyn com a própria adaga dele.

Não podia fazer a mesma coisa com Ralph, mesmo que quisesse, porque ele se encontrava por trás. Não podia vê-lo e tinha pouco controle sobre seu corpo. Estava em suas mãos. Ficou contente quando sentiu que ele se aproximava do orgasmo. Acabaria em breve. Mas sentia uma pressão em resposta dentro dela. Tentou fazer com que o corpo ficasse inerte e a mente vazia: seria humilhante demais se ela também alcançasse o orgasmo. Sentiu a ejaculação de Ralph e estremeceu, não de prazer, mas de aversão.

Ele suspirou de satisfação, saiu dela e se deitou na cama. Gwenda se levantou e pôs o vestido.

– Foi muito melhor do que eu esperava – murmurou Ralph, como se estivesse fazendo um elogio.

Ela saiu e bateu a porta.



No domingo seguinte, antes da igreja, Nathan Reeve foi à casa de Wulfric.

Gwenda e Wulfric estavam sentados na cozinha. Haviam terminado a primeira refeição e limpado tudo. Agora, Wulfric costurava um calção de couro. Gwenda fazia um cinto de fibras. Sentavam-se perto da janela, onde havia mais claridade. Voltara a chover.

Gwenda fingia que ainda morava no celeiro para que o padre Gaspard não

ficasse ofendido, mas passava todas as noites com Wulfric. Ele não falara em casamento, o que a desapontava. Mas viviam mais ou menos como marido e mulher, da maneira como as pessoas faziam com frequência quando tencionavam se casar assim que pudessem cuidar das formalidades. A nobreza não se permitia essa indulgência, mas era comum entre os camponeses.

Como ela receara, sentia-se estranha ao fazer amor com Wulfric. Quanto mais tentava tirar Ralph de sua mente, mais ele se intrometia. Felizmente, Wulfric nunca notava seu ânimo. Fazia amor com ela com tanto entusiasmo e alegria que quase abafava sua consciência culpada... mas não de todo.

E tinha o conforto de saber que ele herdaria as terras de sua família, no final das contas. Isso compensava tudo. Não podia lhe contar, é claro, pois nesse caso teria de explicar o que fizera para Ralph mudar de ideia. Relatara suas conversas com Philemon, Caris e Merthin e dera uma versão parcial de seu encontro com Ralph, dizendo apenas que ele prometera reconsiderar. Por isso Wulfric permanecia esperançoso em vez de triunfante.

– Os dois devem ir imediatamente para a casa senhorial – comunicou Nathan, esticando a cabeça molhada pela porta.

– O que lorde Ralph quer? – perguntou Gwenda.

– Vai recusar se o assunto proposto para a conversa não for do seu interesse? – indagou Nathan, sarcástico. – Não faça perguntas estúpidas. Venham logo.

Ela cobriu a cabeça com uma manta para caminhar sob a chuva até a casa grande. Ainda não tinha uma capa. Wulfric ganhara dinheiro com a venda das colheitas, mas não lhe comprara uma capa. Estava guardando para pagar o *heriot*.

Seguiram apressados para a casa senhorial. Era uma versão pequena do castelo de um nobre. Tinha um enorme salão, com uma mesa comprida, mais um pequeno andar superior, chamado solar, onde ficavam os aposentos privados do senhor. Agora, exibia todos os sinais de uma casa ocupada por homens sem esposas: não havia tapeçarias nas paredes, a palha no chão exalava um cheiro desagradável, os cachorros rosnavam para os visitantes e um camundongo roía os restos de comida no aparador.

Ralph estava sentado à cabeceira da mesa. À sua direita estava Alan, que ofereceu um sorriso para Gwenda, que fez o melhor possível para ignorá-lo.

Nathan entrou um momento depois, acompanhado pelo gordo e insidioso Perkin, esfregando as mãos e fazendo uma reverência subserviente. Os cabelos eram tão oleosos que pareciam um barrete de couro. Com Perkin vinha seu novo genro, Billy Howard, que lançou um olhar triunfante para Wulfric: tirei sua noiva, devia estar pensando, e agora vou tirar suas terras. Ele teria um choque e tanto.

Nathan sentou à esquerda de Ralph. Os outros permaneceram de pé. Gwenda vinha aguardando ansiosa por aquele momento. Era a recompensa por seu sacrifício. Antecipava na maior expectativa a expressão de Wulfric quando soubesse que acabara herdando tudo. Ele ficaria na maior alegria... e ela também. O futuro dos dois estaria garantido, ou pelo menos tanto quanto era possível num mundo de clima imprevisível e preços de cereais sempre oscilando.

– Há três semanas, eu disse que Wulfric, filho de Samuel, não poderia herdar as terras de seu pai porque é jovem demais – disse Ralph devagar e em tom solene.

Ele adora isso, pensou Gwenda: sentar à cabeceira de uma mesa, proferindo sua decisão sobre uma questão, todos atentos às suas palavras.

– Wulfric vem trabalhando nas terras desde então enquanto eu tenho considerado quem deve suceder Samuel. – Ele fez uma pausa. – Mas comecei a ter dúvidas sobre a rejeição de Wulfric.

Perkin teve um sobressalto visível. Sentia-se confiante no sucesso e aquela declaração o deixou atordoado. Billy Howard interveio:

– Mas o que é isso? Pensei que Nate...

Perkin o cutucou e ele se calou. Gwenda não pôde evitar um sorriso de triunfo.

– Apesar de sua juventude, Wulfric tem demonstrado que é bastante capaz – acrescentou Ralph.

Perkin lançou um olhar furioso para Nathan. Gwenda calculou que Nathan prometera as terras a Perkin. Talvez o suborno já tivesse sido pago.

Nathan se mostrava tão chocado quanto Perkin. Boquiaberto, fitou Ralph por um momento, virou-se para Perkin com um ar aturdido e depois olhou desconfiado para Gwenda. Ralph continuou:

– Ele contou com o apoio de Gwenda, cuja força e lealdade me impressionaram.

Nathan a fitou, especulando. Gwenda podia perceber o que ele pensava: ela interferira de alguma forma, e Nathan se perguntava como conseguira fazer Ralph mudar de ideia. Podia até adivinhar a verdade. Ela não se importaria se isso acontecesse desde que Wulfric permanecesse na ignorância.

De súbito, Nathan pareceu tomar uma decisão. Levantou-se e inclinou-se pela mesa. Falou com Ralph em voz baixa. Gwenda não conseguiu ouvir o que ele disse.

– É mesmo? – disse Ralph, sem alterar o tom. – Quanto?

Nathan se virou para Perkin e murmurou alguma coisa para ele. Gwenda resolveu se intrometer:

– Esperem um pouco! Por que tantos sussurros?

Perkin parecia furioso, mas disse, embora relutante:

– Está bem.

– Está bem o quê? – indagou Gwenda, assustada.

– O dobro? – perguntou Nathan.

Perkin assentiu. Gwenda sentiu o medo dominá-la.

– Perkin oferece pagar o dobro do *heriot* normal – anunciou Nathan em voz alta. – Dá 5 libras.

– Isso faz diferença – disse Ralph.

– Não! – exclamou Gwenda.

Wulfric se pronunciou pela primeira vez:

– O *heriot* é determinado pelo costume, registrado nos capitulários – disse, em sua voz lenta de rapaz quase homem. – Não está aberto a negociações.

– Mas os *heriots* podem mudar – apressou-se em protestar Nathan. – Não constam do Livro de Domesday, o antigo registro de todas as terras da Inglaterra.

– Vocês dois são advogados? – indagou Ralph. – Se não forem, fiquem calados. O *heriot* é de 2 libras e 10 xelins. Qualquer outro valor que trocar de mãos não é da conta de vocês.

Gwenda compreendeu, horrorizada, que Ralph estava prestes a repudiar o acordo que haviam feito. Falou em voz baixa e acusadora, lenta mas clara:

– Milorde me fez uma promessa.

– Por que eu faria isso? – indagou Ralph.

Era uma pergunta que ela não podia responder.

– Porque eu supliquei – balbuciou ela.

– E eu disse que pensaria de novo. Mas não fiz nenhuma promessa.

Gwenda se sentiu impotente. Não podia obrigá-lo a cumprir a promessa. Tinha vontade de matá-lo.

– Prometeu, sim!

– Senhores não negociam com camponeses.

Ela se limitou a fitá-lo, sem saber o que dizer. Fora tudo por nada: a longa caminhada até Kingsbridge, a humilhação de ficar nua na frente de Ralph e Alan, o ato vergonhoso a que se submetera na cama do senhor. Traíra Wulfric e mesmo assim ele não herdaria. Ela apontou um dedo para Ralph e disse, amargurada:

– Deus o mande para o inferno, Ralph Fitzgerald!

Ele empalideceu. Todos sabiam que a maldição de uma mulher enganada era poderosa.

– Tome cuidado com o que diz – respondeu ele. – Temos uma punição para uma bruxa que lança encantamentos.

Gwenda recuou. Nenhuma mulher podia considerar aquela ameaça de maneira leviana. A acusação de bruxaria era fácil de fazer e difícil de refutar. Mesmo assim, ela não pôde resistir à tentação de acrescentar:

– Aqueles que escapam à justiça nesta vida a encontrarão na próxima.

Ralph ignorou o comentário e virou-se para Perkin.

– Onde está o dinheiro?

Perkin não enriquecera revelando às pessoas onde guardava seu dinheiro.

– Vou buscá-lo imediatamente, milorde.

– Vamos embora, Gwenda – disse Wulfric. – Não há misericórdia para nós aqui.

Gwenda fez um esforço para reprimir as lágrimas. A raiva fora substituída pelo desespero. Haviam perdido a batalha, depois de tanto esforço. Ela se virou, de cabeça baixa, para esconder suas emoções.

– Espere um instante, Wulfric – disse Perkin. – Você precisa de emprego... e eu preciso de ajuda. Trabalhe para mim. Pagarei 1 *penny* por dia.

Wulfric ficou vermelho de vergonha por receber uma oferta de emprego como um mero trabalhador nas terras que haviam pertencido à sua família.

– Gwenda também. Os dois são jovens e trabalhadores – acrescentou Perkin.

Ele não tinha a intenção de ser maldoso, compreendeu Gwenda. Estava concentrado apenas em cuidar de seus interesses, ansioso em contratar dois trabalhadores jovens e fortes para ajudá-lo em sua agora vasta propriedade. Não se importava, ou talvez nem sequer soubesse, que para Wulfric aquilo era a humilhação final.

– Será 1 xelim entre os dois a cada semana – insistiu Perkin. – Terão bastante.

Wulfric o fitou com ar amargurado.

– Trabalhar por um salário nas terras que minha família possuiu por décadas? Nunca!

Virou-se e deixou a casa senhorial. Gwenda o seguiu, pensando: o que vamos fazer agora?

29

O Westminster Hall era imenso, maior do que o interior de algumas catedrais: assustadoramente comprido e largo, o teto distante sustentado por uma fileira dupla de colunas altas. Era o salão mais importante no Palácio de Westminster.

O conde Roland se sentia muito à vontade ali, pensou Godwyn, ressentido. O conde e seu filho William se pavoneavam em suas roupas elegantes, com uma perna da calça vermelha, a outra, preta. Cada conde conhecia todos os outros e a maioria dos barões também. Davam tapinhas nos ombros e zombavam uns dos outros, caíam na gargalhada das próprias tiradas. Godwyn teve vontade de lembrá-los de que os tribunais ali reunidos tinham o poder de condenar qualquer um deles à morte, mesmo que fossem da nobreza.

Ele e seus companheiros mantinham-se separados, falando apenas entre si, e mesmo assim em vozes abafadas. Não era por reverência, ele tinha de admitir, mas por nervosismo. Godwyn, Edmund e Caris se sentiam contrafeitos ali. Nenhum deles jamais estivera em Londres antes. A única pessoa que conheciam na cidade era Buonaventura Caroli, e ele estava viajando. Não sabiam como chegar aos lugares, suas roupas pareciam antiquadas e o dinheiro que haviam trazido – pensavam que seria mais do que o necessário – estava acabando.

Edmund não se mostrava intimidado por qualquer coisa e Caris parecia distraída... como se tivesse algo mais importante em mente embora isso não fosse possível. Mas Godwyn se sentia atormentado pela ansiedade. Era um prior recém-eleito, desafiando um dos maiores nobres da Inglaterra. O problema era o futuro da cidade. Sem a ponte, Kingsbridge morreria. O priorado, atualmente o coração de uma das grandes cidades da Inglaterra, minguaria para um solitário posto avançado numa pequena aldeia, onde uns poucos monges fariam suas devoções no vazio retumbante de uma catedral em ruínas. Godwyn não lutara

tanto para ser o prior apenas para ver seu prêmio se desfazer em pó.

Com tanto em jogo, ele queria ter o controle dos acontecimentos, confiante de que era mais esperto do que quase todos os outros, como demonstrara em Kingsbridge. Mas ali sentia o oposto, e a insegurança o levava ao desespero.

Seu consolo era Gregory Longfellow. Um amigo de Godwyn dos dias de universidade, Gregory tinha uma mente insidiosa, bem apropriada ao direito. Já conhecia o tribunal real. Agressivo e presunçoso, orientara Godwyn quanto ao labirinto legal. Apresentara a petição do priorado ao Parlamento, como já apresentara muitas outras antes. O problema não fora debatido, é claro, mas transferido para o conselho do rei, que era presidido pelo chanceler. A equipe de advogados do chanceler – todos eles amigos ou conhecidos de Gregory – podia encaminhar o processo ao King's Bench, o tribunal do rei, a corte de justiça que cuidava dos casos em que o rei tinha algum interesse. Mas, como Gregory também previra, fora decidido que o caso era insignificante demais para importunar o rei. Em vez disso, o processo fora encaminhado ao tribunal comum.

Tudo isso levara seis semanas. Já era o final de novembro e o tempo se tornava cada vez mais frio. A temporada de construção estava quase terminando.

Hoje, finalmente, apresentavam-se a sir Wilbert Wheatfield, um experiente juiz que diziam ser amigo do rei. Sir Wilbert era o filho mais novo de um barão do Norte. O irmão mais velho herdara o título e a propriedade. Wilbert fora preparado para ser padre, estudara direito e se mudara para Londres, onde caíra nas boas graças da corte real. Sua inclinação era ficar do lado de um conde contra um monge, advertira Gregory, mas ele poria os interesses do rei acima de todo o resto.

O juiz se sentou numa plataforma, na parede leste do palácio, entre janelas que davam para o Green Yard e o rio Tâmisa. À sua frente, dois escrivãos se sentavam a uma mesa comprida. Não havia cadeiras disponíveis para os litigantes. Sir Wilbert olhou para Gregory, que disse no mesmo instante:

– Senhor, o conde de Shiring enviou homens armados para bloquear a pedreira que pertence ao priorado de Kingsbridge. – A voz tremia com uma indignação simulada. – A pedreira, que fica no condado, foi concedida ao priorado pelo rei Henrique I há cerca de duzentos anos. Uma cópia do cartulário

foi apresentada ao tribunal.

Sir Wilbert tinha um rosto rosado e cabelos brancos. Parecia bonito até falar, quando exibia dentes podres.

– Tenho essa cópia na minha frente – disse ele.

O conde Roland falou sem esperar por um convite, a voz arrastada, como se estivesse entediado:

– Os monges receberam a pedreira para que pudessem construir sua catedral.

– Mas a concessão não restringe o uso da pedreira a qualquer propósito determinado – reagiu Gregory de imediato.

– Agora eles querem construir uma ponte – acrescentou Roland.

– Para substituir a que desabou em Pentecostes... uma ponte construída há centenas de anos, um presente do rei! – contestou Gregory, como se estivesse indignado com cada palavra do conde.

– Eles não precisam de permissão para reconstruir uma ponte que já existia – declarou sir Wilbert, incisivo. – E o cartulário diz que o rei desejava estimular a construção da catedral, mas não que eles deveriam renunciar a seus direitos quando o prédio ficasse pronto, nem que estão proibidos de usar a pedra para qualquer outro propósito.

Godwyn se animou. O juiz parecia compreender o argumento do priorado.

Gregory abriu os braços, as palmas viradas para cima, como se o juiz tivesse dito uma coisa que era mais do que óbvia.

– E, na verdade, senhor, essa tem sido a compreensão dos priores de Kingsbridge e dos condes de Shiring há três séculos.

Não era bem assim, Godwyn sabia. Houvera disputas em relação ao cartulário no tempo do prior Philip. Mas sir Wilbert não sabia disso nem o conde Roland.

A atitude de Roland era altiva, como se estivesse abaixo de sua dignidade discutir com advogados. Mas isso era enganador: ele mantinha firme controle da argumentação.

– O cartulário não diz que o priorado pode escapar ao tributo.

– Por que então o conde nunca exigiu esse tributo até agora? – perguntou Gregory.

Roland tinha a resposta preparada:

– Os condes anteriores perdoaram o tributo, como sua contribuição para a catedral. Era um ato de devoção. Mas a devoção não me obriga a subsidiar uma ponte. Os monges, no entanto, se recusam a pagar.

Subitamente a discussão mudara. E com uma rapidez surpreendente, pensou Godwyn; não era como as discussões nos capítulos dos monges, que podiam se prolongar por horas.

– E os homens do conde impedem a saída de pedras da pedreira e até mataram um pobre carroceiro – disse Gregory.

– Nesse caso, é melhor resolver a disputa o mais depressa possível – declarou sir Wilbert. – O que o priorado tem a dizer sobre o argumento de que o conde tem o direito de tributar cargas passando por suas terras, usando estradas, pontes e vaus que lhe pertencem, independentemente da imposição ou não desse direito no passado?

– Como as pedras não só passam por suas terras, mas são retiradas de lá, o tributo é equivalente a cobrar dos monges pelas pedras, contrariando o cartulário de Henrique I.

Godwyn percebeu, consternado, que o juiz não pareceu impressionado com esse argumento. Mas Gregory ainda não acabara:

– Os reis que deram a Kingsbridge uma ponte e uma pedreira tinham uma boa razão para isso: queriam que o priorado e a cidade prosperassem. E o regedor da cidade está aqui para testemunhar que Kingsbridge não pode prosperar sem uma ponte.

Edmund adiantou-se. Com os cabelos despenteados e as roupas provincianas, parecia um homem rústico, em contraste com os nobres muito bem-vestidos ao redor. Ao contrário de Godwyn, porém, ele não parecia intimidado:

– Sou um mercador de lã, senhor. Sem a ponte, não há comércio. E, sem comércio, Kingsbridge não pagará tributos ao rei.

Sir Wilbert se inclinou para a frente.

– Quanto a cidade rendeu no último décimo?

Ele se referia ao tributo, cobrado periodicamente pelo Parlamento, de um décimo ou um quinze avos de cada rendimento individual. Ninguém jamais pagava um décimo, é claro – todos avaliavam seus rendimentos por baixo –, e o tributo pago por cada cidade ou condado acabara se tornando fixo; o fardo era

partilhado de maneira mais ou menos justa e os camponeses mais pobres não pagavam nada. Edmund já esperava por essa pergunta e respondeu sem hesitar:

– Foram 1.011 libras, senhor.

– E o efeito da perda da ponte?

– Hoje eu calculo que um décimo levantaria menos de 300 libras. Mas nossos cidadãos continuam a trabalhar na esperança de que a ponte seja reconstruída. Se essa esperança for perdida hoje neste tribunal, a Feira do Velocino anual e o mercado semanal desaparecerão quase por completo. A arrecadação do décimo cairia para menos de 50 libras.

– Quase nada, na escala das necessidades do rei – comentou o juiz.

Ele não disse o que todos sabiam: que o rei tinha a maior necessidade de dinheiro porque nas últimas semanas declarara guerra à França. Roland ficou contrariado.

– Esta audiência discute as finanças do rei? – perguntou, desdenhoso.

Sir Wilbert não admitia que o intimidassem, mesmo sendo um conde.

– Este é o tribunal do rei – disse ele suavemente. – O que você esperava?

– Justiça.

– E é o que terá. – O juiz insinuou, mas não disse “Quer você goste ou não”. – Edmund Wooler, onde fica o mercado alternativo mais próximo?

– Shiring.

– Ahn... Portanto, os negócios que vocês perderem irão para a cidade do conde.

– Não, senhor. Alguns serão transferidos, mas outros acabarão. Muitos mercadores de Kingsbridge não poderão se mudar para Shiring.

O juiz olhou para Roland.

– Quanto dá o décimo de Shiring?

Roland conferenciou por um instante com seu secretário, padre Jerome, antes de responder:

– São 620 libras.

– E, com o aumento das transações no mercado de Shiring, poderia pagar 1.620 libras?

– Claro que não! – respondeu o conde, furioso.

O juiz manteve o tom suave:

– Portanto, sua oposição a essa ponte custará caro ao rei.

– Tenho meus direitos – insistiu Roland, irritado.

– E o rei também. Há alguma maneira pela qual possa compensar o tesouro real pela perda de mil libras ou mais por ano?

– Lutando a seu lado na França... o que mercadores de lã e monges nunca farão!

– Tem razão – concordou sir Wilbert. – Mas seus cavaleiros exigirão pagamento.

– Isso é uma afronta! – Roland estava perdendo a discussão e sabia disso.

Godwyn fez um esforço para não parecer triunfante.

O juiz não gostava que uma audiência sua fosse considerada uma afronta. Fulminou Roland com um olhar indignado.

– Quando mandou seus homens de armas bloquearem a pedreira do priorado, tenho certeza de que não tencionava prejudicar os interesses do rei. – Sir Wilbert fez uma pausa, aguardando a resposta.

Roland percebeu a armadilha, mas deu a única resposta possível:

– Claro que não.

– Já que ficou claro para este tribunal, assim como para todos os presentes, que a construção da nova ponte serve aos propósitos do rei, além de atender aos interesses do priorado e da cidade de Kingsbridge, imagino que concordará com a reabertura da pedreira.

Godwyn compreendeu que sir Wilbert estava sendo hábil. Pressionava Roland a consentir em sua decisão, tornando difícil um apelo pessoal ao rei mais tarde.

Após uma longa pausa, Roland disse:

– Concordo.

– E com o transporte das pedras por seu território sem o pagamento de um tributo.

Roland sabia que perdera. Havia fúria em sua voz quando repetiu:

– Concordo.

– Assim está decidido – declarou o juiz. – Próximo caso!

Foi uma grande vitória, mas provavelmente viera tarde demais.

Novembro se transformara em dezembro. Em circunstâncias normais, os trabalhos de construção já estariam parados a essa altura. Mas, devido à estação chuvosa, as geadas só viriam mais tarde naquele ano. Mesmo assim, restavam apenas duas ou três semanas. Merthin tinha centenas de pedras estocadas na pedreira, cortadas e prontas para serem fixadas. Só que levaria meses para levar todas de carroça até Kingsbridge. Embora o conde Roland tivesse perdido no julgamento, quase com certeza conseguira protelar a construção da ponte por um ano.

Caris voltou para Kingsbridge com Edmund e Godwyn, desolada. Ao parar o cavalo no lado suburbano do rio, constatou que Merthin já construíra as ensecadeiras. Em cada um dos canais que passavam pelos lados da ilha dos Leprosos, as pontas das estacas de madeira projetavam-se quase meio metro acima da superfície, formando um círculo. Ela recordou a explicação de Merthin, no salão da guilda, sobre como planejava fincar estacas no leito do rio, em círculos duplos, para depois encher o espaço entre eles com argamassa de barro, para formar uma vedação à prova d'água. A água dentro do círculo seria tirada depois com baldes, para que os construtores pudessem fixar as fundações no leito do rio.

Um dos trabalhadores de Merthin, Harold Mason, estava na barcaça quando cruzaram o rio. Caris lhe perguntou se as ensecadeiras já haviam sido drenadas.

– Ainda não – respondeu o homem. – O mestre quer esperar até que estejamos prontos para começar a construir.

Caris notou com a maior satisfação que Merthin era agora tratado como mestre, apesar de sua juventude.

– Mas por quê? – indagou. – Pensei que queríamos tudo pronto para começar logo.

– Ele diz que a força do rio faz mais pressão na barragem quando não há água dentro.

Caris especulou como Merthin sabia dessas coisas. Ele aprendera o básico com seu primeiro mestre, Joachim, o pai de Elfric. Sempre conversava muito com estranhos que visitavam a cidade, em particular os que conheciam os prédios altos em Florença e Roma. E também lera sobre a construção da catedral

no *Livro de Timothy*. Mas também parecia ter uma extraordinária intuição desses assuntos. Caris nunca poderia imaginar que uma barragem vazia seria mais fraca do que uma cheia.

Embora estivessem exaustos ao entrarem na cidade, queriam dar a boa notícia a Merthin imediatamente e descobrir o que ele poderia fazer, se é que alguma coisa, antes do final da temporada de construção. Só pararam para entregar os cavalos aos cavalariços e depois saíram à sua procura. Encontraram-no no sótão do pedreiro, na torre noroeste da catedral, trabalhando à luz de vários lampiões de óleo, desenhando no chão a planta de um parapeito. Merthin levantou os olhos do desenho, viu as expressões e deu um largo sorriso.

– Ganhamos?

– Ganhamos – confirmou Edmund.

– Graças a Gregory Longfellow – acrescentou Godwyn. – Ele custou muito dinheiro, mas valeu tudo que pagamos.

Merthin abraçou os dois; sua desavença com Godwyn estava esquecida, pelo menos por enquanto. Beijou Caris com ternura.

– Senti saudade – disse. – Foram oito semanas. Parecia que você nunca mais voltaria.

Caris não respondeu. Tinha uma coisa muito importante para lhe dizer, mas só poderia falar em particular. O pai não notou sua reticência.

– Bem, Merthin, já pode começar a construir.

– Isso é ótimo.

– Pode trazer as primeiras pedras amanhã... mas suponho que já seja tarde demais para iniciar a construção antes das geadas do inverno – comentou Godwyn.

– Estive pensando a respeito. – Merthin olhou pelas janelas. O dia de dezembro já escurecia no meio da tarde. – Pode haver um meio.

Edmund imediatamente demonstrou entusiasmo:

– Grande, meu rapaz! Qual é sua ideia?

Merthin virou-se para o prior.

– Concederia uma indulgência aos voluntários que trouxessem pedras da pedreira?

Uma indulgência era um ato especial de perdão dos pecados. Como uma

doação de dinheiro, podia pagar dívidas passadas ou ficar como um crédito para dívidas futuras.

– Claro que sim – respondeu Godwyn. – Em que está pensando?

Merthin virou-se para Edmund.

– Quantas pessoas em Kingsbridge possuem uma carroça?

– Deixe-me pensar... – Edmund franziu o rosto. – Todo mercador com mais recursos tem uma carroça. Portanto, deve haver pelo menos duzentas.

– Poderíamos circular pela cidade esta noite e pedir a todos que levem suas carroças até a pedreira amanhã e tragam as pedras.

Edmund fitou Merthin em silêncio por um momento enquanto um lento sorriso se espalhava por seu rosto.

– Grande ideia! – exclamou ele, exultante.

– Diremos a todos que os outros também vão – continuou Merthin. – Será como um dia de festa. As famílias podem ir também, levando comida e cerveja. Se cada um trouxer uma carroça com pedras ou cascalho, em dois dias teremos o suficiente para construir as pilastras da ponte.

Era mesmo uma ideia brilhante, refletiu Caris, impressionada. Era típico de Merthin pensar uma coisa que ninguém mais seria capaz de imaginar. Mas daria certo?

– O tempo não vai nos prejudicar? – indagou Godwyn.

– A chuva tem sido uma desgraça para os camponeses, mas impediu a chegada do frio mais intenso. Creio que ainda temos uma ou duas semanas.

Edmund demonstrava a maior animação, andando, com sua postura torta, de um lado a outro do sótão.

– Mas se puder construir as pilastras nos próximos dias...

– Conseguiremos terminar a maior parte da obra no final do próximo ano.

– E poderíamos usar a ponte no ano seguinte?

– Não. Espere um pouco. Poderemos instalar um leito de madeira provisório a tempo para a Feira do Velocino.

– Portanto, teríamos uma ponte completa no ano depois do seguinte... e perderíamos apenas uma Feira do Velocino!

– Precisaríamos fazer o leito de pedra da estrada depois da Feira do Velocino. Ficaria pronto para ser usado normalmente no terceiro ano.

– Vamos conseguir! – exclamou Edmund, excitado.

– Ainda tem de tirar a água das ensecadeiras – interveio Godwin, cauteloso.

Merthin assentiu.

– É um trabalho difícil. Em meu plano original, previ duas semanas para isso. Mas também tenho uma ideia para resolver o problema. Primeiro, no entanto, vamos organizar as carroças para o transporte das pedras.

Todos se encaminharam para a porta, na maior animação. Quando Godwyn e Edmund começaram a descer pela escada em espiral, Caris pegou Merthin pela manga e o reteve. Ele pensou que Caris queria beijá-lo e a abraçou. Mas ela se desvencilhou.

– Tenho uma notícia para você – disse ela.

– Outra?

– Estou grávida.

Ela observou a reação de Merthin. Ele ficou aturdido a princípio e elevou as sobrancelhas castanho-avermelhadas. Piscou em seguida, inclinou a cabeça para um lado e deu de ombros, como se dissesse: “Não há nada de surpreendente.” Sorriu, um pouco desolado, mas logo com uma felicidade inconfundível. Ao final, estava radiante.

– Isso é maravilhoso!

Caris o odiou por um instante pela estupidez.

– Não é, não!

– Por que não?

– Porque não quero passar minha vida como uma escrava de ninguém, mesmo que seja de meu filho.

– Escrava? Toda mãe é escrava?

– É, sim! Como você pode ignorar que me sinto assim?

Merthin ficou atordoado e magoado. Uma parte de Caris quis recuar, mas ela vinha acalentando aquela raiva havia tempo demais.

– Acho que eu sabia. Mas depois você se deitou comigo e pensei... – Ele hesitou. – Você devia saber que poderia acontecer... que acabaria acontecendo, mais cedo ou mais tarde.

– Claro que eu sabia... Mas agi como se não soubesse.

– Posso compreender isso.

– Pare de ser tão compreensivo! Você é um fraco!

O rosto de Merthin ficou paralisado.

– Muito bem, deixarei de ser tão compreensivo – disse ele, depois de uma longa pausa. – Apenas me diga: qual é o seu plano?

– Não tenho nenhum plano, seu tolo. Sei apenas que não quero ter um bebê.

– Portanto, você não tem nenhum plano, e eu sou um tolo e um fraco. Quer alguma coisa de mim?

– Não!

– Então o que está fazendo aqui?

– Não seja tão lógico!

Merthin suspirou.

– Tentarei deixar de ser o que você me diz para ser porque suas palavras não fazem sentido. – Ele deu uma volta pelo sótão, apagando os lampiões. – Fico contente porque vamos ter um bebê. Gostaria que nos casássemos e cuidássemos juntos da criança... supondo que essa sua vontade seja apenas temporária.

Ele pôs os utensílios de desenho numa bolsa, que pendurou no ombro.

– Mas por enquanto você está tão rabugenta que prefiro nem conversar. Além do mais, tenho muito trabalho a fazer. – Merthin seguiu até a porta e parou. – Por outro lado, poderíamos nos beijar e fazer as pazes.

– Vá embora! – berrou ela.

Ele se abaixou para passar pela porta e desapareceu na escada. Caris começou a chorar.

Merthin não sabia se os habitantes de Kingsbridge se uniriam pela causa. Todos tinham seus próprios trabalhos e preocupações. Perceberiam que o esforço comum para a construção da ponte era mais importante? Ele não tinha certeza. Sabia, pela leitura do *Livro de Timothy*, que o prior Philip conseguira, em momentos de crise, persuadir as pessoas comuns a realizarem um esforço coletivo. Mas Merthin não era Philip. Não tinha o direito de conduzir as pessoas. Era apenas um carpinteiro.

Fizeram uma lista de proprietários de carroças e dividiram por ruas. Edmund

convocou dez eminentes cidadãos e Godwyn escolheu dez monges seniores. Partiram em duplas. Merthin seguiu com o irmão Thomas.

A primeira porta em que bateram foi a de Lib Wheeler. Ela continuava a cuidar do trabalho de Ben, com trabalhadores contratados.

– Podem usar minhas duas carroças – garantiu. – E os homens para conduzi-las. Qualquer coisa que for necessária para contrariar aquele conde desgraçado.

Mas ouviram uma recusa na segunda visita.

– Não estou passando bem – disse Peter Dyer, que tinha uma carroça para entregar os fardos de tecido de lã que tingia de amarelo, verde e rosa. – Não posso viajar.

Ele parecia estar muito bem, pensou Merthin. Era bem provável que estivesse com medo de um confronto com os homens do conde. Não haveria nenhuma luta, Merthin tinha certeza, mas podia compreender a apreensão. E se todos os cidadãos pensassem assim?

A terceira visita foi para Harold Mason, que esperava havia muito tempo pelo trabalho de construção da ponte. Ele concordou sem hesitar.

– Jake Chepstow também irá. – afirmou. Os dois eram grandes amigos. – Podem deixar que falarei com ele.

Depois disso, quase todos aceitaram. Não precisavam de explicação sobre a importância da ponte, pois todos os donos de carroças eram obviamente mercadores. Além disso, havia o incentivo adicional de perdão dos pecados. Mas o fator mais importante parecia ser a promessa de um dia de festa inesperado. A maioria das pessoas indagava:

– É verdade que fulano e beltrano vão?

E, quando eram informadas de que seus amigos e vizinhos já haviam se oferecido como voluntários, concordavam de imediato, pois não queriam ficar de fora.

Depois de fazer todas as suas visitas, Merthin deixou Thomas e desceu até a barcaça. Tinham de levar as carroças para o outro lado durante a noite, a fim de que estivessem prontas para a partida ao nascer do sol. A barcaça só podia levar uma carroça de cada vez... e o transporte de duzentas carroças exigiria várias horas. Era por isso, claro, que precisavam de uma ponte.

Um boi girava a enorme roda e as carroças já começavam a cruzar o rio. No

outro lado, os donos soltavam seus animais no pasto, voltavam para a carroça e iam dormir. Edmund mobilizara John Constable e meia dúzia de ajudantes para passarem a noite em Newtown, guardando os animais e as carroças.

A barcaça ainda operava quando Merthin foi se deitar, cerca de uma hora da manhã. Ficou pensando em Caris durante algum tempo. Suas oscilações de ânimo e sua imprevisibilidade eram parte do que ele amava nela, mas às vezes a namorada era insuportável. Era a pessoa mais esperta em Kingsbridge, mas havia ocasiões em que demonstrava uma irracionalidade absurda.

Acima de tudo, porém, ele detestava ser chamado de fraco. Não sabia se algum dia perdoaria Caris por esse escárnio. O conde Roland o humilhara, dez anos antes, ao dizer que ele não podia ser um escudeiro, pois nunca teria condições de se tornar um cavaleiro, e que servia apenas para aprendiz de carpinteiro. Mas não era um fraco. Desafiara a tirania de Elfric, vencera o prior Godwyn na disputa pelo projeto da ponte e estava prestes a salvar toda a cidade. Posso ser pequeno, refletiu, mas sei que sou forte.

Ainda assim, não sabia o que fazer com Caris e adormeceu pensando a respeito.

Edmund o acordou à primeira claridade do alvorecer. A essa altura, quase todas as carroças de Kingsbridge já se encontravam do outro lado do rio, numa linha irregular que se estendia por todo o subúrbio de Newtown e avançava por quase 1 quilômetro pela estrada. A barcaça levou mais de duas horas para trazer as pessoas. A excitação para organizar o que era como uma peregrinação desviou a mente de Merthin do problema de Caris e sua gravidez. Não demorou muito para que o pasto do outro lado do rio se transformasse num cenário de caos bem-humorado, à medida que dezenas de pessoas pegavam seus cavalos e bois para atrelar nas carroças. Dick Brewer levou um enorme barril de cerveja, a fim de “encorajar a expedição”, em suas palavras. Os resultados foram variados: algumas pessoas ficaram tão “encorajadas” que precisaram se deitar e dormir.

Uma multidão de curiosos se reuniu para observar, à beira do rio, no lado da cidade. Quando a fileira de carroças começou finalmente a avançar, todos aplaudiram.

Mas as pedras eram apenas a metade do problema.

Merthin concentrou sua atenção no desafio seguinte. Se quisesse começar a

assentar as pedras assim que chegassem, teria de esvaziar as ensecadeiras em dois dias em vez de duas semanas. Assim que as aclamações cessaram, ele elevou a voz para se dirigir à multidão. Aquele era o momento para despertar o interesse de todos, quando a excitação começava a diminuir e as pessoas imaginavam o que fariam em seguida.

– Preciso dos homens mais fortes que ficaram na cidade! – Todos se calaram, intrigados, enquanto Merthin indagava: – Há algum homem forte em Kingsbridge?

Era em parte uma isca: o trabalho seria pesado, mas pedir apenas homens fortes também servia como um desafio a que os jovens dificilmente resistiriam.

– Antes de as carroças voltarem da pedreira, amanhã de noite, temos de retirar a água das ensecadeiras. Será o trabalho mais duro que já fizeram, por isso não quero fracos, por favor.

Enquanto falava, Merthin procurava Caris na multidão. Seus olhos se encontraram e ele a viu estremecer ao lembrar que usara essa palavra e perceber que o ofendera.

– Qualquer mulher que achar que é tão forte quanto os homens pode participar – continuou Merthin. – Preciso que peguem um balde e se encontrem comigo na praia em frente à ilha dos Leprosos o mais depressa possível. E não se esqueçam... só os mais fortes!

Ele não sabia se conseguira persuadi-los ou não. Ao terminar, avistou a figura alta de Mark Webber. Abriu caminho pela multidão ao seu encontro.

– Mark, você pode convencê-los a ajudar? – indagou Merthin, ansioso. Mark era um gigante gentil, muito apreciado na cidade. Embora fosse pobre, tinha muita influência, especialmente entre os adolescentes.

– Pode deixar que levarei os rapazes – prometeu.

– Obrigado.

Merthin foi conversar com Ian Boatman.

– Precisarei de você o dia inteiro para transportar pessoas até as ensecadeiras e trazê-las de volta. Pode trabalhar pelo pagamento ou por uma indulgência, a escolha é sua.

Ian gostava muito da irmã mais moça da esposa e provavelmente preferiria a indulgência por um pecado passado ou pelo que esperava cometer em futuro

próximo.

Merthin desceu até o ponto da praia em que concentrara os preparativos para a construção da ponte. Poderia esvaziar as ensecadeiras em dois dias? Não tinha a menor ideia. Imaginou quantos galões de água haveria em cada uma. Milhares? Centenas de milhares? Devia haver um meio de calcular. Era bem provável que os filósofos gregos tivessem desenvolvido um método para isso, mas, se havia mesmo, não fora ensinado na escola do priorado. Para descobrir, teria de ir a Oxford, onde havia matemáticos famosos no mundo inteiro, segundo Godwyn.

Ficou esperando na beira do rio, pensando se alguém viria.

A primeira pessoa a chegar foi Meg Robbins, a robusta filha de um negociante de cereais, os músculos fortalecidos por anos de carregar sacos de grãos.

– Posso superar a maioria dos homens desta cidade – garantiu ela.

Merthin não duvidava. Um grupo de jovens apareceu em seguida, logo acompanhado por três noviços. Assim que reuniu dez pessoas com baldes, Merthin mandou que Ian os levasse à ensecadeira mais próxima.

Dentro do círculo de estacas, ele construíra uma plataforma logo acima da superfície da água, bastante forte para que homens pudessem ficar de pé. Dali, quatro escadas desciam até o leito do rio. No centro da ensecadeira, flutuando na água, havia uma balsa. Entre a balsa e a plataforma, o espaço era de menos de 1 metro. A balsa era mantida numa posição central por aros de madeira que se projetavam quase até a parede, impedindo o movimento por mais que uns poucos centímetros em qualquer direção.

– Vocês devem trabalhar em duplas – instruiu Merthin. – Um fica na balsa, o outro, na plataforma. O que está na balsa enche o balde e passa para o companheiro na plataforma, que joga a água no rio, por cima da borda. Quando o balde vazio for devolvido, já deve haver outro cheio pronto para ser esvaziado.

– O que acontece quando o nível de água dentro baixar e não pudermos mais alcançar o outro? – perguntou Meg Robbins.

– Bem lembrado, Meg. Você será minha capataz no comando aqui. Quando não puderem mais alcançar o outro, passarão a trabalhar em grupos de três, o terceiro na escada.

Ela compreendeu no mesmo instante.

– E depois em grupos de quatro, com dois numa escada.

– Isso mesmo. A essa altura, porém, vocês já devem ter se cansado e traremos outros para substituí-los.

– Certo.

– Podem começar. Vou buscar mais dez... há bastante espaço aqui.

Meg virou-se e gritou:

– Escolham seus parceiros!

Os voluntários começaram a encher e esvaziar os baldes. Merthin ouviu Meg acrescentar:

– Vamos criar um ritmo. Mergulhar, levantar, passar, esvaziar. Um, dois, três, quatro. Que tal uma canção para ajudar? – Ela ergueu a voz para um contralto forte: – "Oh, era uma vez um atraente cavaleiro."

Todos conheciam a canção e a acompanharam no verso seguinte:

– "Oh, sua espada era firme e verdadeira!"

Merthin observou. Todos ficaram encharcados em poucos minutos. Não dava para ver qualquer redução aparente no nível da água. Seria um longo trabalho.

Ele subiu e entrou no barco de Ian.

Quando chegaram à margem, havia mais trinta voluntários à espera com baldes.

Merthin começou a esvaziar a segunda ensecadeira, com Mark Webber como capataz. Depois dobrou o número de trabalhadores nos dois locais, e logo passou a substituir os voluntários cansados por outros. Ian Boatman ficou exausto e passou os remos para o filho. A água dentro das ensecadeiras começou a baixar lentamente, centímetro por centímetro. À medida que a água baixava, o trabalho se tornava mais moroso, pois os baldes tinham de ser levantados por uma distância maior até a borda.

Meg foi a primeira a descobrir que uma pessoa não podia segurar um balde cheio com uma das mãos e um vazio com a outra e ainda assim manter o equilíbrio na escada. Ela projetou uma corrente com baldes cheios subindo pela escada e outra com baldes vazios descendo. Mark instituiu o mesmo sistema em sua ensecadeira.

Os voluntários trabalhavam uma hora e descansavam outra, mas Merthin não parava. Organizava as equipes, supervisionava o transporte dos voluntários de

um lado para outro, trocava os baldes que quebravam. A maioria dos homens tomava cerveja durante os intervalos e, em consequência, houve vários acidentes durante a tarde, com pessoas largando baldes e caindo das escadas. Madre Cecilia veio cuidar dos feridos, com a ajuda de Mattie Wise e Caris.

Não demorou para que a claridade do dia começasse a se desvanecer e eles tiveram de parar de trabalhar. Merthin pediu que todos voltassem pela manhã. Foi para casa. Depois de tomar algumas colheres da sopa da mãe, adormeceu à mesa. Acordou apenas pelo tempo suficiente para envolver o corpo com uma manta e deitar-se na palha. Quando despertou, na manhã seguinte, seu primeiro pensamento foi especular se algum dos voluntários apareceria para o segundo dia.

Desceu apressado para a beira do rio à primeira claridade, com o coração ansioso. Mark Webber e Meg Robbins já estavam ali. Mark comia um pão e Meg calçava um par de botas de cano alto, na esperança de manter os pés secos. Ninguém mais apareceu na meia hora seguinte. Merthin começou a se perguntar o que poderia fazer sem voluntários. Foi então que alguns jovens apareceram, trazendo sua primeira refeição para comer ali. Foram seguidos pelos noviços e, depois, por uma multidão.

Ian Boatman veio em seguida. Merthin ordenou que ele levasse Meg e alguns voluntários para a primeira ensecadeira. O trabalho recomeçou.

Foi mais difícil naquele dia. Todos estavam doloridos dos esforços do dia anterior. Cada balde tinha de ser levantado por 3 metros ou mais. Mas o final já estava à vista. Os níveis continuavam a baixar e os voluntários já podiam vislumbrar o leito do rio.

No meio da tarde, a primeira carroça voltou da pedreira. Merthin orientou o dono a descarregar as pedras no pasto e atravessar o rio com a carroça na barcaça, de volta à cidade. Pouco depois, na ensecadeira em que Meg trabalhava, a balsa tocou no leito do rio.

Havia mais a ser feito. Depois que o resto de água foi esgotado, era preciso desmontar a balsa e retirá-la da represa, tábua por tábua. Dezenas de peixes apareceram, debatendo-se no fundo lamacento. Foram recolhidos com redes e divididos entre os voluntários. Tudo concluído, Merthin parou na plataforma, exausto mas exultante, olhando por um buraco de 6 ou 7 metros para o

lamacento leito do rio.

No dia seguinte, despejaria várias toneladas de cascalho em cada buraco e acrescentaria argamassa, para formar uma fundação maciça e inamovível.

E depois começaria a construir a ponte.



Wulfric caíra em depressão.

Não comia quase nada e esquecia de se lavar. Levantava-se automaticamente ao amanhecer e tornava a se deitar quando escurecia, mas não trabalhava e não fazia amor com Gwenda à noite. Quando ela perguntava qual era o problema, Wulfric respondia:

– Não sei.

Ele sempre dava respostas vagas a todas as perguntas ou se limitava a grunhidos.

De qualquer forma, havia pouco trabalho a fazer nos campos. Era a época em que os aldeões sentavam ao lado do fogo em suas casas, costurando sapatos de couro e fazendo pás de carvalho, comendo porco salgado, maçãs macias e repolho conservado no vinagre. Gwenda não estava preocupada com a comida: Wulfric ainda tinha o dinheiro da venda das colheitas. Mas estava muito preocupada com ele.

Wulfric sempre vivera para o trabalho. Alguns aldeões se queixavam a todo instante e ficavam felizes com os dias de descanso, mas ele não era desse tipo. Aos domingos, sempre ficava irrequieto, até encontrar alguma ocupação que não fosse proibida; e nos dias santificados fazia tudo o que pudesse para contornar as regras.

Gwenda sabia que tinha de levá-lo de volta a seu estado de espírito normal caso contrário poderia contrair alguma doença física. E seu dinheiro não duraria para sempre. Mais cedo ou mais tarde, ambos teriam de trabalhar.

Mesmo assim, ela não deu a notícia até que passaram duas luas cheias e teve certeza. Numa manhã de dezembro, ela anunciou:

– Tenho uma coisa para lhe contar.

Ele soltou um grunhido. Estava sentado à mesa da cozinha, afiando uma

vareta. Não ergueu os olhos. Gwenda inclinou-se sobre a mesa e segurou suas mãos, para fazê-lo parar.

– Wulfric, quer fazer o favor de olhar para mim?

Ele olhou, com uma expressão mal-humorada, ressentido por receber uma ordem, mas apático demais para desafiá-la.

– É importante – acrescentou ela.

Ele não disse nada.

– Vou ter um bebê.

A expressão não se alterou, mas ele largou a faca e a vareta. Ela fitou-o por um longo momento.

– Compreende o que estou dizendo?

Ele acenou com a cabeça.

– Um bebê...

– Isso mesmo. Vamos ter um filho.

– Quando?

Gwenda sorriu. Era a primeira pergunta que ele fazia em dois meses.

– No próximo verão, antes da colheita.

– É preciso cuidar da criança. E de você também.

– É, sim.

– Devo trabalhar.

Wulfric parecia deprimido outra vez. Ela prendeu a respiração. O que aconteceria agora? Ele suspirou e ergueu o queixo.

– Falarei com Perkin. Ele precisará de ajuda com a aradura de inverno.

– E com a adubação também – disse Gwenda, feliz. – Ele ofereceu trabalho para os dois.

– Está bem. – Wulfric ainda a fitava. Passado um tempo, acrescentou, como se fosse uma coisa espantosa: – Uma criança... Gostaria de saber se será menino ou menina.

Ela se levantou e contornou a mesa, para sentar no banco ao seu lado.

– O que você prefere?

– Uma menina. Só tinha homem na minha família.

– Quero um menino, uma versão sua em miniatura.

– Podemos ter gêmeos.

– Um menino e uma menina.

Wulfric estendeu o braço para enlaçá-la.

– Devemos procurar o padre Gaspard para nos casar direito.

Gwenda suspirou, contente. Encostou a cabeça no ombro dele.

– Tem razão.



Merthin saiu da casa dos pais pouco antes do Natal. Construíra uma casa com um único cômodo na ilha dos Leprosos, que agora era sua. Alegou que precisava vigiar as crescentes e valiosas pilhas de material de construção guardadas ali: madeira, pedras, cal, cordas e ferramentas de ferro.

Ao mesmo tempo, parou de fazer as refeições na casa de Caris.

No penúltimo dia de dezembro, ela foi procurar Mattie Wise.

– Não precisa me explicar por que está aqui – disse Mattie. – Já tem três meses?

Caris assentiu, evitando os olhos de Mattie. Correu os olhos pela pequena cozinha, com seus vidros e potes. Mattie esquentava alguma coisa num pequeno caldeirão de ferro. Exalava um cheiro acre, que deixou Caris com vontade de espirrar.

– Não quero ter um bebê – declarou.

– Eu gostaria de ganhar uma galinha cada vez que ouvisse essas palavras.

– Sou má?

Mattie deu de ombros.

– Faço poções, não julgamentos. As pessoas sabem a diferença entre certo e errado... E, se não sabem, é para isso que os padres servem.

Caris ficou desapontada. Esperava compaixão de Mattie. Com frieza, perguntou:

– Tem uma poção para me livrar desta gravidez?

– Tenho – confirmou Mattie, apreensiva.

– Há algum problema?

– A maneira de ficar livre da gravidez é se envenenar. Algumas mulheres tomam um galão de vinho forte. Eu preparo uma dose com várias ervas tóxicas.

Às vezes dá certo, às vezes não. Mas sempre deixa a mulher se sentindo muito mal.

– É perigoso? Eu poderia morrer?

– Poderia... embora não seja tão perigoso quanto o parto.

– Eu tomarei.

Mattie tirou o caldeirão do fogo e o pôs sobre um bloco de pedra para esfriar. Virou-se para sua velha bancada de trabalho, toda escalavrada. Pegou uma tigela de barro no armário e despejou pequenas quantidades de pós diferentes.

– Qual é o problema? Você diz que não faz julgamentos, mas parece desaprovar – indagou Caris.

Mattie assentiu.

– É verdade. Claro que faço julgamentos; todo mundo faz.

– E está me julgando.

– Estou pensando que Merthin é um bom homem e você o ama, mas parece não ser capaz de encontrar a felicidade com ele. Isso me deixa triste.

– Acha que devo ser como as outras mulheres, me jogando aos pés de um homem?

– Isso parece deixá-las felizes. Mas eu escolhi uma vida diferente. E você também, eu suponho.

– Você é feliz?

– Não nasci para ser feliz. Mas ajudo as pessoas, ganho a vida e sou livre. – Despejou a mistura num copo, acrescentou um pouco de vinho e mexeu, dissolvendo os pós. – Comeu alguma coisa esta manhã?

– Só tomei um pouco de leite.

Mattie pingou mel no copo.

– Beba isto. Não perca tempo em almoçar. Vomitaria tudo.

Caris pegou o copo, hesitou por um instante e depois tomou a poção.

– Obrigada.

Tinha um gosto amargo e horrível, que só foi disfarçado em parte pelo mel.

– Tudo deve estar acabado amanhã de manhã. De um jeito ou de outro.

Caris pagou e foi embora. Ao voltar para casa, sentia uma estranha mistura de exultação e tristeza. Seu espírito estava animado por ter tomado uma decisão, depois de todas as semanas de preocupação; mas também sentia uma angústia de

perda, como se estivesse se despedindo de alguém... talvez de Merthin. Especulou se a separação seria permanente. Podia pensar na perspectiva calmamente, porque ainda sentia raiva dele, mas sabia que a saudade seria terrível. Ele acabaria encontrando outra paixão – talvez Bessie Bell –, mas Caris tinha certeza de que isso não aconteceria com ela. Nunca mais amaria nenhum homem como amara Merthin.

Ao chegar em casa, o cheiro de carne de porco assada a deixou nauseada e ela tornou a sair. Não queria conversar com outras mulheres na rua principal, nem falar de negócios com os homens na casa da guilda. Por isso, foi para o terreno do priorado, envolvendo-se com o manto de lã para se esquentar. Sentou numa lápide do cemitério, olhando para a parede norte da catedral, admirando a perfeição das molduras esculpidas e a graça dos arcobotantes.

Não demorou muito para que começasse a passar mal.

Vomitou sobre uma sepultura, mas tinha o estômago vazio e nada saiu, apenas uma gosma amarga. A cabeça começou a latejar. Queria se deitar, mas relutava em ir para casa por causa do cheiro que saía da cozinha. Decidiu ir para o hospital do priorado. As freiras a deixariam deitar-se ali. Deixou o cemitério, atravessou o pátio gramado na frente da catedral e entrou no hospital. E, de repente, começou a sentir uma sede terrível. Foi recebida pelo rosto gentil e rechonchudo de Velha Julie.

– Poderia me dar um copo d’água, irmã Juliana? – murmurou Caris.

O priorado recebia água encanada de um ponto do rio acima, fresca, clara e segura para beber.

– Sente-se mal, criança? – indagou Velha Julie, ansiosa.

– Um pouco enjoada. Se puder, eu gostaria de me deitar um pouco.

– Claro. Vou chamar madre Cecilia.

Caris se deitou num dos colchões de palha alinhados com precisão no chão. Por uns poucos momentos, sentiu-se melhor. Mas logo a dor de cabeça piorou. Velha Julie voltou com um jarro cheio de água e um copo, acompanhada por madre Cecilia. Caris tomou um pouco, vomitou, tomou mais. Cecilia fez algumas perguntas e depois disse:

– Você comeu alguma coisa estragada. Precisa fazer uma purgação.

Caris sentia tanta dor que não pôde responder. Cecilia se retirou. Voltou

momentos depois com um vidro e uma colher. Deu a Caris uma colherada de um medicamento muito doce, com gosto de cravo.

Caris ficou deitada de costas, os olhos fechados. Torceu para que a dor desaparecesse. Depois de algum tempo, começou a sentir cólicas acompanhadas por uma diarreia incontrolável. Presumiu vagamente que fora provocada pelo medicamento adocicado. Passaram depois de uma hora. Velha Julie a despiu, lavou-a, deu um hábito de freira para ela vestir, em vez de seu vestido imundo, e a levou para um colchão limpo. Caris se deitou e fechou os olhos, exausta.

O prior Godwyn foi vê-la e disse que ela devia fazer uma sangria. Outro monge veio fazer o serviço. Fez com que ela sentasse e estendesse o braço, com o cotovelo por cima de uma bacia. Depois pegou uma faca afiada e cortou a veia na dobra do braço. Caris mal notou a dor do corte, nem a lenta pulsação da hemorragia. Passado algum tempo, o monge aplicou um curativo no braço, mandou que ela o segurasse com firmeza e foi embora, levando a bacia com sangue.

Caris teve uma vaga noção de pessoas aparecendo para vê-la: seu pai, Petranilla, Merthin. Velha Julie levava um copo a seus lábios de vez em quando; ela sempre bebia, pois a sede era persistente. Acabou mergulhando num sono perturbado e teve pesadelos horríveis com sangue. Cada vez que despertava, a freira lhe dava água.

Finalmente acordou para o dia claro. A dor diminuíra, deixando apenas a cabeça um pouco dolorida. Sentiu que alguém lavava suas coxas. Ergueu-se, apoiada num cotovelo.

Uma noviça, com o rosto de um anjo, estava ajoelhada ao lado do colchão. O vestido de Caris estava levantado até a cintura. A noviça a lavava com um pano embebido em água quente. Depois de um momento, ela se lembrou do nome da jovem.

– Mair...

– Isso mesmo – murmurou a noviça, sorrindo.

Ela torceu o pano numa tigela e Caris ficou assustada ao ver que estava vermelho.

– Sangue... – balbuciou ela, apavorada.

– Não se preocupe – disse Mair. – É apenas seu ciclo mensal. Intenso, mas

normal.

Caris constatou que o vestido e o colchão estavam encharcados de sangue. Tornou a se deitar, olhando para o teto. Lágrimas afloraram a seus olhos, mas não sabia se chorava de alívio ou de tristeza.

Não estava mais grávida.

PARTE IV

Junho de 1338 a Maio de 1339

30

O mês de junho de 1338 foi seco e ensolarado, mas a Feira do Velocino foi uma catástrofe... para Kingsbridge em geral e para Edmund Wooler em particular. No meio da semana, Caris já sabia que o pai estava falido.

Os habitantes da cidade já esperavam que fosse um período difícil e haviam feito o que era possível para se preparar. Encarregaram Merthin de construir três balsas grandes, para serem impulsionadas com varas através do rio, a fim de complementar a barcaça movimentada pelo boi e o barco de Ian. Ele poderia ter construído mais, mas não haveria espaço suficiente nas margens. O terreno do priorado foi aberto um dia antes e as embarcações trabalharam durante a noite inteira, à luz de tochas. Persuadiram Godwyn a permitir que os mercadores de Kingsbridge atravessassem o rio para vender seus produtos na fila, na esperança de que a cerveja de Dick Brewer e os pães de Betty Baxter apaziguassem as pessoas à espera.

Não foi suficiente.

Menos pessoas do que o habitual compareceram à feira, mas as filas foram piores do que nunca. As balsas extras foram insuficientes, mas mesmo assim as praias nos dois lados ficaram tão lamacentas que carroças atolavam a todo instante e tinham de ser rebocadas por parelhas de bois. Pior ainda, era difícil manobrar as balsas e em duas ocasiões ocorreram colisões, com os passageiros caindo na água, embora felizmente sem que ninguém se afogasse.

Alguns mercadores previram esses problemas e se mantiveram a distância. Outros nem tentaram ao verem a extensão da fila. Dos que se dispuseram a esperar meio dia para entrar na cidade, alguns só conseguiram efetuar negócios tão insignificantes que partiram depois de um ou dois dias. Na quarta-feira, a barcaça levava mais pessoas embora do que trazia.

Naquela manhã, Caris e Edmund fizeram uma excursão pelas obras da ponte com Guillaume de Londres. Guillaume não era um cliente tão bom quanto Buonaventura Caroli, mas era o melhor que tinham naquele ano. Por isso, faziam questão de agradá-lo. Era um homem alto e corpulento, usando um manto vermelho brilhoso do mais caro tecido italiano.

Tomaram emprestada a balsa de Merthin, que tinha um deque levantado e um guincho embutido, para o transporte de materiais de construção. O jovem ajudante de Merthin, Jimmie, conduzia a balsa.

As pilastras no meio do rio, que Merthin construíra com tanta rapidez em dezembro do ano anterior, ainda estavam cercadas pelas ensecadeiras. Ele explicara a Edmund e Caris que as manteria ali até que a ponte estivesse quase pronta, a fim de proteger as colunas de pedra de danos acidentais causados pelos próprios trabalhadores. Quando removesse as ensecadeiras, poria em seu lugar uma pilha de pedras soltas, o que se chamava de enrocamento, que segundo ele impediria que a correnteza minasse as pilastras.

As maciças colunas de pedra haviam crescido como árvores, estendendo suas arcadas para os lados, na direção de pilastras menores, perto das margens. Essas também projetavam arcadas para os lados, na direção das pilastras centrais e de outros suportes nas margens. Uma dúzia ou mais de pedreiros trabalhavam em andaimes elaborados, que aderiam às colunas de pedras como ninhos de águia num penhasco.

Desembarcaram na ilha dos Leprosos e encontraram Merthin com o irmão Thomas, supervisionando os pedreiros que construíam o suporte do qual a ponte saltaria pelo canal ao norte da iha. O priorado ainda possuía e controlava a ponte, muito embora a terra estivesse arrendada à guilda da paróquia e a construção fosse financiada por empréstimos de habitantes da cidade. Thomas ia com frequência aos locais da obra. O prior Godwyn demonstrava um interesse de proprietário pela construção, em particular pela aparência da ponte, evidentemente sentindo que seria uma espécie de monumento a ele.

Merthin fitou os visitantes com seus olhos castanho-dourados e o coração de Caris pareceu bater mais depressa. Quase não se viam agora e quando conversavam era sempre sobre trabalho, mas ela ainda se sentia estranha em sua presença. Tinha de fazer um esforço para respirar normalmente, para fitá-lo nos

olhos com uma indiferença simulada e para controlar a fala em um tom moderado.

Nunca haviam superado a briga. Ela nada lhe falara sobre o aborto, por isso Merthin não sabia se fora espontâneo ou provocado. Nenhum dos dois se referia a isso. Em duas ocasiões desde então, ele a procurara, solene, e suplicara para reatarem. Nas duas vezes, Caris respondera que nunca amaria outro homem, mas não tinha a menor intenção de passar o resto de sua vida como esposa de alguém e mãe de seus filhos.

– Como então quer passar sua vida? – indagara Merthin.

Ela respondera simplesmente que não sabia. Merthin já não se mostrava tão irrequieto e ansioso como antes. Mantinha os cabelos e a barba sempre bem aparados, pois era agora um cliente regular de Matthew Barber. Vestia uma túnica castanho-avermelhada, como os pedreiros, mas usava uma capa amarela com orla de pelo, um sinal de sua condição de mestre, e um gorro com uma pena, que o fazia parecer um pouco mais alto.

Elfric, cuja hostilidade persistia, protestara por Merthin se vestir como um mestre sob a alegação de que ele não era membro de nenhuma guilda. Merthin respondera que era de fato um mestre e a solução para o problema seria sua admissão em alguma guilda. E a situação continuava sem ser resolvida.

Merthin ainda tinha apenas 21 anos. Guillaume fitou-o e comentou:

– Ele é muito jovem.

Caris disse, na defensiva:

– É o melhor construtor da cidade desde que tinha 17 anos.

Merthin conversou mais um pouco com Thomas antes de se aproximar.

– Os suportes de uma ponte em terra precisam ser pesados, com fundações profundas – informou, explicando a coluna maciça que estava construindo.

– Por quê, meu jovem? – indagou Guillaume.

Merthin já estava acostumado a ser tratado com condescendência e não se incomodou. Com um sorrisinho, respondeu:

– Deixe-me mostrar. Fique com os pés tão separados quanto puder... assim. – Merthin demonstrou e Guillaume o imitou, depois de um momento de hesitação.

– Seus pés dão a impressão de que podem escorregar e se afastar ainda mais, não é?

– É, sim.

– E as extremidades de uma ponte tendem a se abrir, como seus pés. Isso exerce uma pressão como a tensão na virilha que está sentindo neste momento.

Merthin reassumiu a postura normal e encostou a bota que calçava no sapato de couro macio de Guillaume, com uma pressão firme.

– Agora seu pé não pode mais se deslocar e a pressão na virilha diminuiu, não é mesmo?

– É, sim.

– O suporte tem o mesmo efeito para aliviar a tensão e manter o equilíbrio.

– Muito interessante... – disse Guillaume, pensativo, enquanto retomava a posição normal. Caris compreendeu que ele estava dizendo a si mesmo para não subestimar Merthin.

– Deixe-me mostrar tudo – sugeriu Merthin.

A ilha mudara completamente nos últimos seis meses. Todos os sinais da antiga colônia de leprosos haviam desaparecido. Boa parte da terra rochosa servia agora como depósito: pilhas de pedras, barris de cal, madeiras, rolos de corda. A ilha ainda era infestada de coelhos, que agora competiam pelo espaço com os construtores. Havia uma oficina em que um ferreiro consertava ferramentas velhas e forjava novas, vários telheiros de pedreiros e a casa nova de Merthin, pequena mas construída com o maior cuidado, de proporções perfeitas. Carpinteiros, pedreiros e preparadores de argamassa trabalhavam sem cessar para abastecer os homens nos andaimes.

– Parece haver mais homens trabalhando do que o habitual – murmurou Caris no ouvido de Merthin.

Ele sorriu.

– Pus tantos homens quanto era possível nas posições mais visíveis. Quero que todos os visitantes reparem como estamos trabalhando depressa para construir a nova ponte. Precisam acreditar que a feira voltará ao normal no próximo ano.

Na extremidade oeste da ilha, longe das pontes gêmeas, havia depósitos e armazéns em terrenos que Merthin alugara para os mercadores de Kingsbridge. Embora os aluguéis fossem mais baratos do que os que os locatários teriam de pagar dentro das muralhas da cidade, Merthin já estava ganhando muito mais do

que a quantia simbólica que devia pagar todos os anos pelo arrendamento.

Ele também se encontrava muito com Elizabeth Clerk. Caris achava que ela não prestava, mas era a única outra mulher na cidade com inteligência suficiente para desafiar Merthin. Elizabeth tinha uma pequena caixa com livros que herdara do pai, o bispo, e Merthin passava as noites em sua casa, lendo. Se acontecia mais alguma coisa entre os dois, Caris não sabia.

Quando a excursão terminou, Edmund levou Guillaume através do rio. Caris ficou na ilha para conversar com Merthin.

– Bom cliente? – indagou ele, enquanto observava a balsa se afastar.

– Acabamos de lhe vender dois sacos de lã barata por menos do que pagamos.

Um saco equivalia a 165 quilos de lã, lavada e seca. Naquele ano, a lã barata estava sendo vendida a 36 xelins por saco, enquanto a lã de qualidade valia o dobro.

– Por quê?

– Quando os preços estão caindo, é melhor ter dinheiro na mão do que lã.

– Mas deviam prever uma feira mais fraca.

– Não esperávamos que fosse tão ruim assim.

– Estou surpreso. No passado, seu pai sempre teve uma capacidade excepcional para prever as tendências.

Caris hesitou.

– O problema é a combinação de redução da demanda e falta de uma ponte.

Na verdade, ela também ficara surpresa. Observara o pai comprar lã na mesma quantidade de sempre, apesar das perspectivas desfavoráveis e especulara por que ele não assumira uma posição cautelosa, fazendo menos aquisições.

– Imagino que tentarão vender o que sobrar na Feira de Shiring – disse Merthin.

– É o que o conde Roland quer que todos façam. Só que não somos mercadores regulares ali. Os locais ficam com os melhores negócios. É o que acontece em Kingsbridge. Meu pai e dois ou três outros fecham os grandes negócios com os maiores compradores, deixando os menores e os forasteiros disputarem as sobras. Tenho certeza de que os mercadores de Shiring fazem a

mesma coisa. Podemos vender alguns sacos ali, mas não há a menor possibilidade de nos livrarmos de tudo o que compramos.

– O que vão fazer?

– Foi por isso que fiquei para conversar com você. Talvez tenhamos de suspender o trabalho na ponte.

Merthin ficou aturdido.

– Não é possível – disse.

– Lamento muito, mas meu pai não tem dinheiro. Investiu tudo em lã que não consegue vender.

Merthin dava a impressão de que fora esbofeteado. Após um momento, ele falou:

– Temos de encontrar outro meio.

Caris sentiu um aperto no coração por ele, mas não podia encontrar nada de esperançoso para dizer.

– Meu pai se comprometeu a investir 70 libras na ponte. Já deu a metade. O resto, infelizmente, está em sacos de lã no nosso depósito.

– Ele não pode estar completamente sem dinheiro.

– Quase isso. E o mesmo acontece com vários outros cidadãos que prometeram dinheiro para a ponte.

– Posso diminuir o ritmo do trabalho – sugeriu Merthin, desesperado. – Dispensarei alguns operários e esgotarei o estoque de materiais antes de comprar mais.

– Nesse caso, a ponte não ficaria pronta para a feira do próximo ano, o que só agravaria o problema.

– É melhor do que interromper o trabalho completamente.

– Tem toda a razão, Merthin. Mas não faça nada por enquanto. Pensaremos de novo quando a feira acabar. Eu só queria que você soubesse qual é a situação.

Merthin ainda estava pálido.

– Obrigado.

A balsa já voltara e Jimmie esperava para levá-la de volta. Enquanto se encaminhava para a balsa, Caris perguntou, em tom de indiferença:

– E como vai Elizabeth Clerk?

Merthin fingiu surpresa com a pergunta.

– Muito bem, eu acho.

– Parece que a tem visitado com frequência.

– Nem tanto. E sempre fomos amigos.

– É verdade – concordou Caris.

Não era bem assim. Merthin ignorara Elizabeth durante quase todo o último ano, quando passava a maior parte do tempo em companhia de Caris. Mas seria indigno contestá-lo, por isso ela não disse mais nada.

Entrou na balsa e acenou em despedida. Jimmie partiu. Merthin tentava dar a impressão de que seu relacionamento com Elizabeth não era um romance. Talvez fosse verdade. Ou talvez ele se sentisse embaraçado em admitir para Caris que estava apaixonado por outra. De uma coisa Caris tinha certeza: era um romance para Elizabeth. Dava para perceber apenas pela maneira como Elizabeth olhava para ele. Ela podia ser uma donzela de gelo, mas se derretia para Merthin.

A balsa alcançou a margem oposta. Caris desembarcou e subiu a encosta rumo ao centro da cidade.

Merthin ficara profundamente abalado com a notícia. Caris teve vontade de chorar ao recordar o choque e a consternação no rosto dele. Foi assim que ele ficou quando ela se recusara a reatar o relacionamento dos dois.

Caris ainda não sabia como passaria o resto de sua vida. Sempre presumira que viveria numa casa confortável, paga pelo dinheiro de um negócio lucrativo, independentemente do que fizesse. Agora, até mesmo esse terreno parecia balançar sob seus pés. Ela vasculhou o cérebro à procura de uma saída para a situação crítica. O pai se mostrava estranhamente sereno, como se ainda não tivesse percebido a escala dos prejuízos; mas ela sabia que era preciso fazer alguma coisa.

Ao subir pela rua principal, ela passou pela filha de Elfric, Griselda, levando no colo seu bebê de 6 meses. Era um menino e ela lhe dera o nome de Merthin, uma censura permanente ao Merthin original por rejeitar o casamento. Griselda ainda mantinha uma farsa de inocência injuriada. Todos os outros aceitavam agora que Merthin não era o pai, embora uns poucos ainda pensassem que ele deveria ter se casado com Griselda mesmo assim, já que se deitara com ela.

O pai saía quando Caris chegou em casa. Ela ficou atônita. Edmund usava apenas o calção de baixo e uma camiseta.

– Onde estão suas roupas, papai?

Ele olhou para baixo e soltou um grunhido contrariado.

– Estou ficando distraído – murmurou Edmund, tornando a entrar em casa. Ele devia ter tirado as roupas para ir à privada, pensou Caris, e depois se esquecera de vesti-las. Seria apenas a idade? O pai só tinha 48 anos. Além do mais, aquilo parecia pior do que mero esquecimento. Ela ficou nervosa.

O pai voltou, vestido normalmente. Atravessaram a rua principal juntos e entraram no terreno do priorado.

– Falou com Merthin sobre o dinheiro? – perguntou Edmund.

– Falei. Ele ficou bastante chocado.

– E o que ele disse?

– Que poderíamos gastar menos se diminuíssemos o ritmo da construção.

– Nesse caso não teríamos a ponte pronta a tempo para a feira do próximo ano.

– Mas, como Merthin disse, seria melhor do que abandonar a obra pela metade.

Os dois chegaram à barraca de Perkin Wigleigh, que vendia galinhas poedeiras. Sua filha que gostava de flertar, Annet, carregava uma bandeja com ovos, presa numa tira em torno do pescoço. Por trás do balcão, Caris viu sua amiga Gwenda, que agora trabalhava para Perkin. Grávida de oito meses, com os seios estufados e a barriga imensa, Gwenda mantinha uma das mãos no quadril, na pose clássica da gestante que sente dor nas costas.

Caris lembrou que também estaria agora com oito meses de gravidez se não tivesse tomado a poção de Mattie. Depois do aborto, seus seios haviam vazado leite e ela não podia deixar de sentir que era a censura do corpo pelo que fizera. Sofria pontadas de arrependimento, mas, sempre que pensava a respeito de uma maneira lógica, sabia que faria a mesma coisa se voltasse no tempo.

Gwenda reparou no olhar de Caris e sorriu. Apesar de parecer quase impossível, a amiga conseguira o que queria: Wulfric era seu marido. Ele estava ali agora, forte como um cavalo e duas vezes mais bonito do que antes, levantando uma pilha de engradados de madeira para pôr numa carroça. Caris ficou emocionada por Gwenda.

– Como se sente hoje? – perguntou ela.

– Passei a manhã inteira com dor nas costas.

– Não deve faltar muito para o parto.

– Acho que duas semanas.

– Quem é ela, minha querida? – perguntou Edmund.

– Não se lembra de Gwenda, papai? Ela foi hóspede em sua casa pelo menos uma vez por ano durante os últimos dez anos.

Edmund sorriu.

– Não a reconheci, Gwenda... Deve ter sido por causa da gravidez. Mas você parece estar muito bem.

Os dois seguiram adiante. Wulfric não recebera sua herança, Caris sabia: Gwenda fracassara em seu empenho. Caris não sabia exatamente o que acontecera em setembro último, quando ela fora suplicar a Ralph por Wulfric. Ao que parecia, Ralph fizera uma promessa que depois repudiara. O fato é que agora Gwenda o odiava com uma intensidade quase assustadora.

Ali perto havia uma fileira de barracas em que mercadores de tecidos locais vendiam burel marrom, o tecido de trançado largo que todos compravam – com exceção dos ricos – para fazer as roupas que usavam em casa. Pareciam estar fazendo bons negócios, ao contrário dos mercadores de lã. A lã bruta era um negócio de atacado e a ausência de uns poucos grandes compradores podia arruinar o mercado. Mas o tecido era vendido a varejo. Todos precisavam, todos compravam. Talvez um pouco menos quando os tempos eram difíceis, mas ainda assim as pessoas precisavam de roupas.

Um pensamento vago começou a se delinear no fundo da mente de Caris. Quando os mercadores não conseguiam vender a lã, às vezes a trançavam e tentavam vender como tecido. Mas exigia muito trabalho e não havia grandes lucros no burel. Todos compravam o mais barato e os vendedores tinham de manter o preço baixo. Ela passou a observar as barracas de tecidos com novos olhos.

– Fico me perguntando o que dá mais dinheiro – disse.

O burel custava 12 *pence* por metro. Era preciso pagar a metade dessa quantia para que o tecido fosse engrossado por batidas na água, e ainda mais por outras cores que não o marrom opaco natural. A barraca de Peter Dyer oferecia tecido em verde, amarelo e rosa, a 2 xelins – 24 *pence* – por metro, embora as

cores não fossem muito brilhantes.

Ela se virou para o pai a fim de relatar a ideia que começava a se formar em sua mente, mas, antes que pudesse falar, uma coisa acabou desviando sua atenção.



A presença na Feira do Velocino fazia Ralph lembrar-se, de forma desagradável, do mesmo evento no ano anterior. Ele tocou no nariz deformado. Como aquilo acontecera? Começara com seu flerte inofensivo com a jovem camponesa, Annet, para depois dar uma lição de respeito a seu rude namorado, mas, de alguma forma, terminara em humilhação para Ralph.

Ao se aproximar da barraca de Perkin, ele se consolou ao pensar no que ocorrera desde então. Salvara a vida do conde Roland depois do desabamento da ponte, agradara ao conde por seu comportamento decidido na pedreira e, finalmente, fora promovido a cavaleiro, embora tivesse recebido apenas a pequena aldeia de Wigleigh. Matara um homem, Ben Wheeler, um carroceiro, o que significava que não havia honra nisso, mas mesmo assim provara para si mesmo que era capaz de fazê-lo.

Até fizera as pazes com o irmão. A mãe obrigara, convidando os dois para o almoço no dia de Natal e insistindo para que trocassem um aperto de mão. Era um infortúnio, dissera o pai, que servissem a superiores rivais, mas cada um tinha o dever de fazer o melhor que pudesse, como soldados em lados opostos numa guerra civil. Ralph ficara satisfeito e achava que Merthin sentira a mesma coisa.

Conseguira se vingar de maneira satisfatória de Wulfric, negando sua herança e ao mesmo tempo tirando sua namorada. A atraente Annet estava agora casada com Billy Howard, enquanto Wulfric tinha de se contentar com a feia embora ardente Gwenda.

Era uma pena que Wulfric não parecesse mais abalado. Circulava pela aldeia empertigado e orgulhoso, como se fosse ele e não Ralph quem possuía Wigleigh. Todos os vizinhos gostavam dele e a esposa grávida o idolatrava. Apesar das derrotas que Ralph lhe infligira, Wulfric emergira de certa forma como o herói.

Talvez fosse porque sua esposa era tão sensual.

Ralph bem que gostaria de contar a Wulfric sobre a visita que Gwenda lhe fizera na Bell. “Deitei-me com sua esposa”, ele tinha vontade de dizer. “E ela gostou.” Isso acabaria com a expressão orgulhosa de Wulfric. Mas, nesse caso, ele também saberia que Ralph fizera uma promessa e vergonhosamente deixara de cumprir, o que faria o camponês se sentir superior de novo. Ralph estremeceu ao pensar no desprezo que Wulfric e os outros sentiriam por ele se descobrissem sobre essa traição. Seu irmão, em particular, o desprezaria por isso. Sua aventura com Gwenda tinha de permanecer em segredo.

Estavam todos na barraca. Perkin foi o primeiro a ver Ralph se aproximar. Cumprimentou seu senhor, subserviente como sempre.

– Bom dia, lorde Ralph – disse ele, fazendo uma reverência.

A esposa, Peg, atrás dele, também fez uma reverência. Gwenda estava ali, esfregando as costas, como se sentisse dor. E depois Ralph avistou Annet, com sua bandeja com ovos. Recordou a ocasião em que tocara em seu seio pequeno, redondo e firme como os ovos na bandeja. Ela percebeu que Ralph a observava e baixou os olhos, recatada. Ele tinha vontade de tocar naquele seio de novo. Por que não? Afinal, era seu senhor, pensou ele. Avistou Wulfric no fundo da barraca. O rapaz estava levantando engradados para uma carroça, mas agora permanecia imóvel, olhando fixamente para Ralph. Mantinha o rosto inexpressivo, mas o olhar era firme e direto. Não podia ser chamado de insolente, mas para Ralph não havia qualquer equívoco na ameaça. Não poderia ser mais clara se Wulfric dissesse: “Toque nela e eu o matarei.”

Talvez eu devesse fazer isso, pensou Ralph. Deixá-lo me atacar. E liquidá-lo com a espada. Estaria no meu direito, um senhor se defendendo de um camponês enfurecido pelo ódio. Sem desviar os olhos de Wulfric, ele ergueu a mão para acariciar o seio de Annet... e foi nesse instante que Gwenda soltou um grito estridente de dor. Todos os olhos se voltaram em sua direção.

31

Caris, ao ouvir o grito de dor, reconheceu a voz de Gwenda. Sentiu uma pontada de medo. Havia alguma coisa errada. Em poucos passos apressados, ela voltou à barraca de Perkin.

Gwenda estava sentada num banco, muito pálida, o rosto contorcido numa expressão de dor, a mão outra vez no quadril. E tinha o vestido molhado. A esposa de Perkin disse, incisiva:

– A bolsa arrebentou. O trabalho de parto está começando.

– Ainda é cedo – disse Caris, nervosa.

– O bebê virá mesmo assim.

– O que é perigoso. – Caris tomou uma decisão. – Vamos levá-la para o hospital.

As mulheres normalmente não davam à luz no hospital, mas aceitariam Gwenda se Caris insistisse. Um bebê antes do tempo podia ser vulnerável, todos sabiam disso.

Wulfric se adiantou. Caris ficou mais uma vez impressionada com sua juventude. Ele tinha 17 anos e estava prestes a se tornar pai.

– Estou me sentindo um pouco tonta – murmurou Gwenda. – Mas já vou melhorar.

– Eu a carregarei – declarou Wulfric, levantando-a sem qualquer esforço.

– Venha comigo. – Caris seguiu à frente por entre as barracas, gritando para as pessoas: – Afastem-se! Deem passagem, por favor!

Logo chegaram ao hospital. A porta estava aberta. Os visitantes da noite haviam saído horas antes e os colchões de palha estavam empilhados contra uma parede. Vários empregados e noviços lavavam o chão, com esfregões e baldes. Caris dirigiu-se à mulher mais próxima, de meia-idade, descalça.

– Depressa, chame Velha Julie! Diga a ela que Caris a mandou.

Caris pegou um colchão relativamente limpo e estendeu-o no chão, perto do altar. Não tinha certeza sobre a eficiência dos altares na ajuda aos pacientes, mas seguia as convenções. Wulfric pôs Gwenda no colchão com todo o cuidado, como se ela fosse de vidro. Ela ergueu os joelhos e abriu as pernas.

Velha Julie chegou poucos momentos depois. Caris pensou que muitas vezes sua vida fora confortada por aquela freira, que provavelmente não tinha muito mais que 40 anos, mas parecia mais velha.

– Esta é Gwenda de Wigleigh – disse Caris. – Ela pode estar bem, mas o bebê vai nascer com várias semanas de antecedência e achei que trazê-la para cá era uma precaução sensata. De qualquer maneira, estávamos aqui perto, na feira.

– Era mesmo o melhor a fazer. – Gentilmente, Julie afastou Caris e ajoelhou-se ao lado do colchão. – Como se sente, minha cara?

Enquanto Julie conversava com Gwenda, em voz baixa, Caris olhou para Wulfric. O rosto jovem e bonito se contraía em ansiedade. Caris sabia que ele nunca pretendera se casar com Gwenda, pois sempre quisera Annet. Agora, porém, ele parecia tão preocupado como se a amasse havia anos. A amiga soltou outro grito de dor.

– Calma, calma... – murmurou Julie.

Ela se ajoelhou entre os pés de Gwenda, levantou o vestido e afirmou em seguida:

– O bebê nascerá em breve.

Outra freira apareceu. Caris reconheceu Mair, a noviça com cara de anjo.

– Devo chamar madre Cecilia? – perguntou.

– Não precisa incomodá-la – respondeu Velha Julie. – Vá até o depósito e traga a caixa de madeira com a palavra “nascimento” escrita na tampa.

Mair afastou-se apressada.

– Oh, Deus, como dói – balbuciou Gwenda.

– Continue a fazer força – recomendou Velha Julie.

– Pelo amor de Deus, qual é o problema? – indagou Wulfric.

– Não há nenhum problema – garantiu a freira. – Tudo isso é normal. É assim que as mulheres dão à luz. Você deve ser o mais jovem de sua família, caso contrário já teria visto sua mãe assim.

Caris também era a filha mais nova. Sabia que o parto era doloroso, mas nunca assistira a nenhum. Ficou chocada ao descobrir como era terrível.

Mair voltou e pôs uma caixa de madeira no chão, ao lado de Velha Julie.

Gwenda parou de gemer. Fechou os olhos. Quase parecia estar dormindo. Mas tornou a gritar poucos minutos depois.

– Sente ao lado dela e segure sua mão – disse Julie para Wulfric.

Ele obedeceu no mesmo instante. A freira ainda olhava por baixo do vestido de Gwenda.

– Pare de fazer força agora – disse ela, depois de algum tempo. – Respire como se estivesse ofegante, uma porção de vezes.

Ela ofegou para mostrar o que queria. Gwenda obedeceu e isso pareceu aliviar seu sofrimento por alguns minutos. Mas logo ela gritou outra vez.

Caris mal conseguia se manter de pé. Se aquilo era normal, como seria o parto quando havia dificuldades? Ela perdeu a noção do tempo: tudo estava acontecendo muito depressa, mas o tormento de Gwenda parecia interminável. Caris experimentou o sentimento de impotência que tanto detestava, o mesmo que a dominara quando a mãe morrera. Tinha vontade de gritar, mas não sabia o que fazer. Isso a deixou tão ansiosa que mordeu o lábio até sentir o gosto de sangue.

– Aí vem o bebê – anunciou Julie.

Ela se inclinou entre as pernas de Gwenda. O vestido desceu pelas coxas e Caris pôde ver a cabeça do bebê, o rosto virado para baixo, coberta de cabelos úmidos, saindo por uma abertura que parecia dilatada a um ponto impossível.

– Deus nos ajude! – exclamou ela, horrorizada. – Não é de admirar que doa tanto!

Julie sustentou a cabeça com a mão esquerda. O bebê virou de lado, lentamente, e os ombros saíram. A pele estava escorregadia, com sangue e outro fluido.

– Relaxe agora – disse Julie. – Já está quase acabando. O bebê é lindo.

Lindo?, pensou Caris. Para ela, parecia horrível.

O tronco do bebê saiu, com um cordão grosso, azulado, pulsando, ligado ao umbigo. Depois, as pernas e os pés também saíram, num súbito ímpeto. Velha Julie pegou o bebê com as duas mãos. Era pequeno, a cabeça não muito maior

do que a palma da mão da freira.

Havia alguma coisa errada. Caris compreendeu que o bebê não estava respirando.

Julie aproximou o rosto do bebê do seu e soprou pelas narinas em miniatura.

O bebê abriu subitamente a boca, ofegou para respirar e gritou.

– Louvado seja Deus! – murmurou Velha Julie.

Ela limpou o rosto do bebê com a manga de seu hábito. Com extrema ternura, limpou também em torno dos ouvidos, olhos, nariz, boca. Depois, aconchegou o recém-nascido contra o peito e fechou os olhos. Nesse instante, Caris percebeu uma vida inteira de abnegação. O momento logo passou e Julie ajeitou o bebê no peito de Gwenda.

– É menino ou menina? – perguntou Gwenda, baixando os olhos.

Caris compreendeu que nenhuma delas verificara. Julie se inclinou e afagou os joelhos do bebê.

– Um menino.

O cordão azulado parou de pulsar, murchou e embranqueceu. Julie tirou da caixa dois pedaços curtos de barbante e amarrou no cordão umbilical. Pegou uma faca pequena e afiada e cortou o cordão entre os dois nós.

Mair pegou a faca e estendeu uma pequena manta. Julie pegou o bebê, envolveu-o com a manta, e devolveu-o à mãe. Gwenda empurrou para baixo a gola do vestido e pôs para fora o seio intumescido. Ofereceu o mamilo ao bebê, que logo começou a sugar. Depois de um minuto, ele parecia ter adormecido.

A outra metade do cordão umbilical ainda pendia do corpo de Gwenda. Mexeu-se alguns minutos mais tarde e uma massa informe e avermelhada saiu: era a placenta. O sangue encharcou o colchão. Julie pegou aquela massa, entregou a Mair e determinou:

– Queime isso.

Julie examinou a área pélvica de Gwenda e franziu o rosto. Caris seguiu seu olhar e constatou que o sangue ainda saía. Julie limpou as manchas do corpo de Gwenda, mas as listras vermelhas reapareceram no instante seguinte. Quando Mair voltou, Velha Julie disse:

– Chame madre Cecilia, por favor. Peça a ela para vir o mais depressa que puder.

– Algum problema? – indagou Wulfric.

– A hemorragia já deveria ter cessado – explicou Velha Julie.

Houve uma súbita tensão no ar. Wulfric ficou assustado. O bebê chorou e Gwenda tornou a lhe dar o mamilo. Ele sugou por um instante e dormiu de novo. Julie olhava para a porta a todo instante. Madre Cecilia finalmente apareceu. Examinou Gwenda e perguntou:

– A placenta já saiu?

– Há poucos minutos.

– Pôs o bebê no seio?

– Assim que cortamos o cordão umbilical.

– Vou chamar um médico.

Cecilia se afastou apressada. Voltou pouco depois. Trazia um pequeno frasco de vidro contendo um líquido amarelo.

– O prior Godwyn receitou isto.

Caris ficou indignada.

– Ele não quer examinar Gwenda?

– Claro que não – respondeu Cecilia em tom brusco. – Ele é um padre, além de monge. Homens assim não examinam as partes íntimas de uma mulher.

– *Podex*... – murmurou Caris, desdenhosa.

Era a palavra latina para “idiota”. Cecilia fingiu não ouvir. Ajoelhou-se ao lado de Gwenda.

– Beba isto, minha querida.

Gwenda tomou a poção, mas continuou a sangrar. Estava pálida e parecia ainda mais fraca do que logo depois do nascimento. O bebê dormia contente em seu seio, mas todas as outras pessoas estavam apavoradas. Wulfric se levantava e se sentava a todo instante. Julie limpava o sangue das coxas de Gwenda e dava a impressão de que começaria a chorar a qualquer momento. Gwenda pediu alguma coisa para beber e Mair trouxe um copo de cerveja. Caris levou Julie para o lado e disse, num sussurro:

– Ela vai sangrar até a morte!

– Já fizemos tudo o que podíamos.

– Já viu casos assim antes?

– Três vezes.

– Como acabaram?

– As mulheres morreram.

Caris soltou um gemido baixo de desespero.

– Deve haver alguma coisa que possamos fazer!

– Ela está nas mãos de Deus agora. Você pode rezar.

– Não é o que pensei quando falei em fazer alguma coisa.

– Tome cuidado com o que diz.

Caris se sentiu culpada no mesmo instante. Não queria brigar com uma pessoa tão gentil quanto Velha Julie.

– Desculpe, irmã. Não tive a intenção de negar o poder da oração.

– Espero que não.

– Mas ainda não estou disposta a deixar Gwenda nas mãos de Deus.

– O que mais se pode fazer?

– Vamos descobrir.

Caris saiu correndo do hospital. Empurrou impaciente as pessoas à sua frente na feira. Parecia espantoso que ainda houvesse pessoas comprando e vendendo quando um drama de vida e morte se desenrolava a poucos metros de distância. Entretanto, podia se lembrar das muitas ocasiões em que soubera que uma mulher entrara em trabalho de parto mas não interrompera o que fazia. Limitara-se a desejar que tudo corresse bem e continuara em sua atividade.

Ela deixou o terreno do priorado e correu pelas ruas da cidade até a casa de Mattie Wise. Bateu à porta e abriu-a. Para seu alívio, descobriu que Mattie se encontrava ali.

– O bebê de Gwenda acaba de nascer – disse Caris.

– E qual é o problema?

– O bebê está bem, mas Gwenda continua a sangrar.

– A placenta já saiu?

– Já.

– A hemorragia deveria ter cessado.

– Pode ajudá-la?

– Talvez. Tentarei.

– Depressa, por favor!

Mattie tirou um caldeirão do fogo e calçou os sapatos. As duas saíram.

Mattie trancou a porta. Caris declarou, veemente:

– Juro que nunca terei um bebê!

Correram para o priorado e entraram no hospital. Caris notou o cheiro forte de sangue. Mattie teve o cuidado de cumprimentar Velha Julie.

– Boa tarde, irmã Juliana.

– Olá, Mattie. – A expressão de Julie era de desaprovação. – Acha mesmo que pode ajudar esta mulher, quando o remédio receitado pelo santo prior não foi abençoado com o sucesso?

– Se orar por mim e pela paciente, irmã, quem sabe o que pode acontecer?

Era uma resposta diplomática, e Velha Julie se acalmou.

Mattie ajoelhou-se ao lado da mãe e da criança. Gwenda ficava cada vez mais pálida. Mantinha os olhos fechados. O bebê procurou pelo mamilo, mas Gwenda parecia exausta demais para ajudá-lo.

– Ela tem de continuar a beber – disse Mattie. – Mas não pode ser uma bebida forte. Por favor, traga um jarro de água morna com uma dose de vinho. Depois, pergunte ao cozinheiro se tem uma sopa rala. Não pode ser muito quente.

Mair olhou inquisitiva para Velha Julie, que hesitou por um instante e depois assentiu.

– Pode ir... mas não conte a ninguém que está atendendo a um pedido de Mattie.

A noviça saiu apressada. Mattie levantou o vestido de Gwenda o máximo possível, expondo todo o abdômen. A pele esticada poucas horas antes estava agora flácida e cheia de dobras. Mattie examinou a área, comprimindo os dedos na barriga, gentil mas firme. Gwenda soltou um gemido, mas era um som de desconforto, não de dor.

– O útero está mole – disse Mattie. – Não foi capaz de se contrair. É por isso que ela continua a sangrar.

Wulfric, que parecia à beira das lágrimas, indagou:

– Pode fazer alguma coisa para ajudá-la?

– Não sei. – Mattie começou a fazer uma massagem, os dedos aparentemente pressionando o útero de Gwenda pela pele e pela carne da barriga. – Às vezes isso faz o útero encolher.

Todos ficaram observando, em silêncio. Caris tinha quase medo de respirar. Mair voltou com a mistura de água e vinho.

– Dê um pouco para ela, por favor – pediu Mattie, sem interromper a massagem.

Mair estendeu o copo para os lábios de Gwenda, que bebeu sofregamente.

– Não demais – advertiu Mattie.

Mair afastou o copo. Mattie continuou a massagear, olhando de vez em quando para a pélvis de Gwenda. Os lábios de Julie se moviam numa prece silenciosa. O sangue fluía sem parar. Denotando preocupação, Mattie alterou a posição. Pôs a mão esquerda logo abaixo do umbigo de Gwenda, depois a mão direita por cima da esquerda. Empurrou para baixo, aumentando a pressão pouco a pouco. Caris teve medo de que isso pudesse machucar a paciente, mas Gwenda parecia apenas semi-inconsciente. Mattie inclinou-se ainda mais sobre ela, até parecer estar aplicando todo o seu peso nas mãos.

– Ela parou de sangrar! – exclamou Julie. Mattie não alterou sua posição.

– Alguém pode contar até quinhentos?

– Eu conto – murmurou Caris.

– Devagar, por favor.

Caris começou a contar em voz alta. Julie tornou a limpar o sangue do corpo de Gwenda. Dessa vez, as listras não reapareceram. Ela começou a rezar em voz alta:

– Santa Maria, Mãe do Senhor Jesus Cristo...

Todos permaneciam imóveis, como um grupo de estátuas: a mãe e o bebê no colchão, a curandeira pressionando a barriga da mãe, o marido e a freira rezando e Caris contando:

– Cento e onze, 112...

Além de sua própria voz e da de Julie, Caris podia ouvir os sons da feira lá fora, a confusão de centenas de pessoas falando ao mesmo tempo. O esforço de pressionar começou a transparecer no rosto de Mattie, mas ela não parou. Wulfric chorava silenciosamente, as lágrimas escorrendo no rosto queimado pelo sol.

Caris chegou a quinhentos e Mattie começou a diminuir a pressão no abdômen de Gwenda. Todos olhavam para sua vagina, com medo de que o

sangue voltasse a sair. O que não aconteceu.

Mattie deixou escapar um longo suspiro de alívio. Wulfric sorriu.

– Louvado seja Deus! – exclamou Julie.

– Dê mais água com vinho para ela, por favor – pediu Mattie.

Mair tornou a encostar o copo nos lábios de Gwenda, que abriu os olhos e bebeu tudo.

– Você vai ficar boa logo – disse Mattie.

– Obrigada – sussurrou Gwenda e tornou a fechar os olhos.

– Talvez seja melhor você ir buscar aquela sopa – sugeriu Mattie a Mair. – A mulher precisa recuperar as forças, senão o leite secará.

Mair acenou com a cabeça e se afastou.

O bebê chorou. Gwenda pareceu ressuscitar. Transferiu o filho para o outro seio e o ajudou a encontrar o mamilo. Depois, olhou para Wulfric e sorriu.

– É um menino bonito – disse Velha Julie.

Caris tornou a olhar para o bebê. Pela primeira vez, viu-o como um indivíduo. Como ele seria? Forte e correto como Wulfric ou fraco e desonesto como o avô Joby? Não se parecia com nenhum dos dois, pensou ela.

– Com quem ele se parece?

– Tem a aparência da mãe – comentou Julie.

Era verdade, pensou Caris. O bebê tinha cabelos escuros e pele morena enquanto Wulfric tinha a pele clara e cabelos louros. O rosto do bebê lhe lembrava alguém e depois de um momento ela compreendeu que era Merthin. Um pensamento absurdo aflorou a sua mente e ela o descartou no mesmo instante. Mesmo assim, a semelhança era inegável.

– Sabem quem ele me lembra?

Subitamente, ela percebeu a reação de Gwenda. Seus olhos se arregalaram, uma expressão de pânico se estampou no rosto e ela balançou a cabeça de forma quase imperceptível. Controlou-se no instante seguinte, mas a mensagem era inconfundível: “Cale-se!” Caris tratou de cerrar os dentes.

– Quem? – indagou Julie, inocente.

Caris hesitou, pensando desesperada em algo para dizer. E teve uma inspiração.

– Philemon, o irmão de Gwenda.

– É isso mesmo – concordou Julie. – Alguém deve avisá-lo para que venha conhecer o sobrinho.

Caris sentia-se aturdida. Então o bebê não era de Wulfric? Nesse caso, de quem seria? Não podia ser de Merthin. Ele poderia ter se deitado com Gwenda – não restava a menor dúvida de que era vulnerável à tentação –, mas nunca seria capaz de esconder de Caris depois. Se não era de Merthin...

Um pensamento terrível ocorreu a Caris. O que acontecera naquele dia em que Gwenda fora suplicar a Ralph pela herança de Wulfric? O bebê poderia ser dele? Era uma possibilidade sinistra demais para admitir.

Ela olhou para Gwenda, depois para o bebê e Wulfric. E Wulfric sorria de alegria, o rosto molhado de lágrimas. Não desconfiava de nada.

– Já pensaram no nome? – perguntou Julie.

– Já, sim – respondeu Wulfric. – Quero que ele se chame Samuel.

Gwenda acenou com a cabeça, olhando para o rosto do bebê.

– Samuel... – murmurou ela. – Sammy, Sam...

– Em homenagem a meu pai – arrematou Wulfric, feliz.

32

Um ano depois da morte de Anthony, o priorado de Kingsbridge era um lugar diferente, pensou Godwyn com satisfação, parado na catedral no domingo seguinte à Feira do Velocino.

A principal diferença era a separação entre monges e freiras. Eles não se misturavam mais nos claustros, na biblioteca ou na sala dos manuscritos. Até mesmo na igreja, uma nova tela de carvalho esculpido pendendo no centro do coro os impedia de olharem uns para os outros durante o culto. Apenas no hospital eram forçados a se encontrar algumas vezes.

Em seu sermão, o prior Godwyn disse que a queda da ponte no ano anterior fora a punição de Deus para a displicência dos monges e das freiras e para o pecado entre os moradores da cidade. Um novo espírito de rigor e pureza no priorado, e de piedade e submissão na cidade, levaria a uma vida melhor para todos, neste mundo e no que viria. Ele sentiu que se saíra muito bem.

Depois jantou com o irmão Simeon, o tesoureiro, na casa do prior. Philemon lhes serviu enguia cozida e sidra.

– Quero construir uma nova casa para o prior – disse Godwyn.

O rosto longo e magro de Simeon pareceu ficar maior.

– Alguma razão em particular?

– Tenho certeza de que sou o único prior da cristandade que mora numa casa como a de um curtidor de couro. Pense nas pessoas que se hospedaram aqui nos últimos doze meses... o conde de Shiring, o bispo de Kingsbridge, o conde de Monmouth... Esta construção não é apropriada para gente como eles. Dá a impressão de que somos pobres, assim como nossa ordem. Precisamos de uma construção magnífica, que reflita o prestígio do priorado de Kingsbridge.

– Você quer um palácio – retrucou Simeon.

Godwyn percebeu um tom de desaprovação na voz de Simeon, como se no fundo o prior quisesse louvar a si mesmo, em detrimento do priorado.

– Chame de palácio, se assim desejar – disse ele com rispidez. – Bispos e priores vivem em palácios. Não para seu conforto, mas para o dos convidados, e pela reputação da instituição que representam.

– É claro – disse Simeon, desistindo daquela discussão –, mas você não tem condições financeiras para isso.

Godwyn franziu a testa. Em tese, os monges seniores eram encorajados a debater com ele, mas a verdade é que detestava ser confrontado.

– Isso é ridículo – reagiu. – Kingsbridge é um dos mosteiros mais ricos do mundo.

– É o que se diz até hoje. E realmente possuímos vastos recursos. Mas o preço da lã caiu este ano, pelo quinto ano seguido. Nossos rendimentos estão diminuindo.

De repente, Philemon interveio:

– Dizem que os mercadores italianos estão comprando lã na Espanha.

Philemon estava mudando. Desde que realizara sua ambição de se tornar noviço, perdera a aparência de garoto desajeitado e ganhara autoconfiança, a ponto de tomar parte numa conversa entre o prior e o tesoureiro... e dar uma contribuição interessante.

– Pode ser – disse Simeon. – Além do mais, a Feira do Velocino tornou-se menor, porque não há ponte, então recebemos muito menos em pedágios e tributos do que antigamente.

– Mas controlamos milhares de acres de terras produtivas – disse Godwyn.

– Nesta parte do país, onde a maioria de nossas terras está, a colheita foi fraca no ano passado, depois de tanta chuva. Muitos de nossos servos lutaram para sobreviver. É difícil forçá-los a pagar o arrendamento quando estão com fome.

– Eles devem pagar, do mesmo modo – rebateu Godwyn. – Monges também sentem fome.

– Se o bailio de uma aldeia diz que um servo deixou de pagar o arrendamento ou que parte da terra não está alugada, portanto nenhum arrendamento é devido, você não tem como averiguar se a história é verdadeira.

Bailios podem ser subornados por servos – falou Philemon.

Godwyn ficou frustrado. Ele tivera no último ano inúmeras conversas como essa. Estava determinado a endurecer o controle sobre as finanças do priorado, mas, toda vez que tentava mudar as coisas, encontrava resistência.

– Você tem alguma sugestão? – perguntou, irritado, a Philemon.

– Mande um inspetor visitar as aldeias. Deixe-o falar com os bailios, examinar a terra, entrar nas casas dos servos que afirmam passar fome.

– Se um bailio pode ser subornado, o inspetor também pode.

– Não se for um monge. Para que serve o dinheiro?

Godwyn se lembrou da velha inclinação de Philemon para os roubos. Era verdade que os monges não se apegavam ao dinheiro, ao menos em teoria, mas isso não significava que eram incorruptíveis. Entretanto, uma visita do inspetor do prior certamente deixaria os bailios em estado de alerta.

– É uma boa ideia – afirmou Godwyn. – Você gostaria de ser o inspetor?

– Seria uma honra.

– Então está decidido. – Godwyn virou-se para Simeon. – Apesar de tudo, ainda temos uma renda expressiva.

– E custos enormes – replicou Simeon. – Pagamos subvenção ao nosso bispo. Alimentamos, vestimos e abrigamos 25 monges, sete noviços e dezenove pensionistas do priorado. Empregamos trinta pessoas como faxineiros, cozinheiros, cavalariços e assim por diante. Gastamos uma fortuna com velas, mantos...

– Tudo bem, compreendi seu argumento – disse Godwyn, impaciente. – Mas ainda quero construir um palácio.

– Onde você vai arrumar o dinheiro, então?

Godwyn suspirou.

– No lugar de sempre, afinal. Pedirei a madre Cecilia.

Ele a viu pouco depois. Normalmente teria pedido que viesse até ele, como sinal da superioridade do homem dentro da Igreja. Nessa ocasião, porém, achou melhor adulá-la.

A casa da prioresa era a cópia exata da do prior, mas tinha um estilo diferente. Nela havia almofadas e tapetes, flores num vaso na mesa, quadros bordados na parede ilustrando passagens da Bíblia e um gato adormecido em

frente à lareira. Cecilia terminava de jantar carneiro assado e vinho tinto. Colocou um véu quando Godwyn chegou, seguindo a regra que ele introduzira para as ocasiões em que monges tinham de falar com freiras.

Ele achava difícil desvendar Cecilia, com ou sem véu. Ela tinha apoiado formalmente sua eleição como prior e tinha concordado com suas regras severas em relação à separação de monges e freiras, fazendo apenas esporádicas observações práticas sobre o funcionamento eficiente do hospital. Nunca se opusera a ele, contudo, Godwyn sentia que ela não estava realmente a seu lado. Parecia que não era mais capaz de cativá-la. Quando mais jovem, tinha conseguido fazê-la rir como uma garota. Agora ela não era suscetível... ou talvez ele tivesse perdido o jeito.

Era difícil conversar com uma mulher de véu, portanto ele foi direto ao assunto:

– Acho que devíamos construir duas casas novas para entreter convidados nobres e de alta posição – disse ele. – Uma para homens, outra para mulheres. Poderiam chamar-se casa do prior e casa da prioresa, mas seu propósito principal seria o de acomodar visitantes no estilo a que estão acostumados.

– É uma ideia interessante – disse Cecilia. Como sempre, ela foi condescendente, sem se entusiasmar.

– Devemos ter construções de pedra impressionantes – prosseguiu Godwyn. – Afinal, você é prioresa aqui há mais de uma década, uma das freiras mais antigas do reino.

– Queremos que os convidados se impressionem não com a nossa riqueza, mas com a santidade do priorado e a devoção dos monges e freiras, é claro – disse ela.

– De fato, mas as construções devem simbolizar a grandeza, assim como a catedral simboliza a majestade de Deus.

– Onde você acha que as novas construções devem se situar?

Isso era bom, pensou Godwyn. Ela já começava a entrar nos detalhes.

– Próximas ao local em que estão as velhas casas – respondeu ele.

– Então a sua ficaria perto da porta leste da igreja, próxima à sede, e a minha, aqui embaixo, ao lado dos lagos de peixes.

Godwyn teve a impressão de que ela zombava dele. Não conseguia ver sua

expressão. Impor véu às mulheres tinha suas desvantagens, refletiu.

– Talvez você prefira uma nova localização – disse.

– Sim, talvez.

Fez-se um breve silêncio. Godwyn encontrava dificuldade para abordar o problema do dinheiro. Ele teria de mudar a regra do véu... abrir uma exceção para a prioresa, talvez. Era realmente muito difícil negociar dessa forma.

Ele se viu forçado a mergulhar de novo no assunto.

– Infelizmente, eu não poderia dar nenhuma contribuição para os custos da construção. O mosteiro é muito pobre.

– Para o custo da casa da prioresa, você quer dizer? Não esperaria tal coisa – retrucou ela.

– Não, na verdade eu me referia ao custo da casa do prior.

– Ah. Então você quer que as freiras paguem por sua nova casa, assim como pela minha.

– Lamento ter de pedir isso, mas sim. Espero que não se importe.

– Bem, se for para o prestígio do priorado de Kingsbridge...

– Eu sabia que você compreenderia.

– Deixe-me ver... Neste momento estou construindo novos claustros para as freiras, já que não nos misturamos mais com os monges.

Godwyn não fez nenhum comentário. Ele estava irritado por Cecilia ter contratado Merthin para construir os claustros, em detrimento de Elfric, cuja mão de obra era mais barata. Era uma extravagância, mas aquele não era o momento mais apropriado para dizer isso.

– E quando essa obra estiver concluída – prosseguiu Cecilia –, precisarei construir uma biblioteca para as freiras e comprar alguns livros para abastecê-la, pois não podemos mais usar a biblioteca de vocês.

Godwyn bateu os pés, com impaciência. Aquilo parecia irrelevante.

– E então precisaremos de um corredor coberto para a igreja, já que agora seguimos por um caminho diferente do dos monges e não temos proteção alguma em caso de mau tempo.

– Muito razoável – comentou Godwyn embora quisesse na verdade dizer “Pare de perturbar!”.

– Então – disse ela com ar de decisão – acho que podemos considerar essa

proposta dentro de três anos.

– Três anos? Eu quero começar agora!

– Oh, não acho que possamos deliberar sobre isso agora.

– Por que não?

– Temos um orçamento para as construções, como sabe.

– Mas isso não é mais importante?

– Temos de nos ater ao orçamento.

– Por quê?

– Para que permaneçamos financeiramente fortes e independentes – disse ela, para completar enfaticamente: – Não gostaria de ficar mendigando.

Godwyn não sabia o que dizer. Pior, ele tinha a horrível sensação de que ela estava rindo dele atrás do véu. Ele não podia suportar que rissem dele. Levantou-se abruptamente e disse, com frieza:

– Obrigado, madre Cecilia. Conversaremos sobre isso de novo.

– Sim. Daqui a três anos. Aguardarei ansiosamente.

Agora Godwyn tinha certeza de que ela zombava dele. Ele se virou e saiu o mais rápido que pôde.

De volta a sua casa, jogou-se numa cadeira, esbravejando.

– Eu odeio aquela mulher – disse a Philemon, que ainda estava lá.

– Ela negou?

– Ela disse que consideraria a proposta dentro de três anos.

– É pior do que um não – emendou Philemon. – É um não a longo prazo, por três anos.

– Nós sempre estaremos sob seu poder, porque ela tem dinheiro.

– Eu escuto as conversas dos homens mais velhos – acrescentou Philemon, de forma aparentemente irrelevante. – É surpreendente como você aprende.

– Aonde você quer chegar?

– Quando o priorado construiu pela primeira vez moinhos e lagos de peixes e cercou as coelheiras, os priores fizeram uma lei que obrigava os moradores da cidade usar sua infraestrutura pagando por ela. Eles não podiam moer seus grãos em casa ou engrossar o tecido no processo de pisoamento por conta própria, tampouco podiam ter seus próprios lagos e coelheiras. Eles tinham de comprar de nós. A lei garantia que o priorado recebesse de volta o dinheiro investido.

– Mas a lei caiu em desuso?

– Ela mudou. Em vez da proibição, as pessoas foram autorizadas a usar seus próprios mecanismos se pagassem um tributo. Então a lei caiu em desuso no tempo do prior Anthony.

– E agora existe um moinho manual em cada casa.

– E todos os peixeiros têm lagos, há meia dúzia de coelheiras e os tintureiros fazem o pisoamento com a ajuda de suas mulheres e filhos em vez de trazerem o tecido para o moinho de pisoar do priorado.

– Se todas essas pessoas pagassem um tributo pelo privilégio de possuir as próprias instalações! – exclamou Godwyn, vibrando.

– Daria um bom dinheiro.

– Eles guinchariam feito porcos. – Godwyn franziu a testa. – Podemos provar o que dizemos?

– Há muitas pessoas que se lembram dos tributos. Mas isto deve estar escrito nos arquivos do priorado, em algum lugar... provavelmente no *Livro de Timothy*.

– É melhor você descobrir qual era o exato valor dos tributos. Se tivermos um precedente, deveremos fazer a coisa direito.

– Se me permite uma sugestão...

– É claro.

– Você poderia anunciar o novo regime no domingo de manhã, do púlpito da catedral. Isto serviria para frisar que se trata da vontade de Deus.

– Boa ideia – concordou Godwyn. – Farei exatamente isso.

33

– Encontrei a solução – anunciou Caris ao pai.

Ele se recostou na enorme cadeira de madeira à cabeceira da mesa com um sorriso descontraído. Caris conhecia aquela expressão. Era cética, embora ele se dispusesse a ouvir.

– Pode falar.

Ela estava um pouco nervosa. Tinha certeza de que sua ideia daria certo – salvaria a fortuna do pai e a ponte de Merthin –, mas conseguiria convencer Edmund?

– Pegamos a lã que nos sobra, fiamos para fazer tecido e tingimos.

Caris prendeu a respiração, à espera da reação do pai.

– Os comerciantes de lã costumam tentar esse tipo de coisa quando estão em dificuldades – comentou ele. – Mas me diga por que você acha que isso daria certo. Quanto custaria?

– Para limpar, fiar e tecer, 4 xelins por saca.

– E que quantidade de pano isso renderia?

– Uma saca com lã de baixa qualidade, pela qual se pagam 36 xelins, e mais a tecelagem, por mais 4 xelins, renderiam 44 metros de pano.

– Que venderíamos por...?

– Sem tingimento, o burel marrom é vendido a 1 xelim por metro, o que dá um total de 48 xelins, 8 a mais do que ganharíamos.

– Não é muita coisa, considerando o trabalho que teríamos.

– Mas isso não é o melhor de tudo.

– Continue.

– Os tecelões vendem o burel porque têm pressa de receber o dinheiro. Mas se você gastar outros 20 xelins para engrossar o tecido no processo conhecido

como pisoamento, tingi-lo e rematá-lo, pode obter o dobro do preço: 2 xelins por metro, 96 xelins pelo lote inteiro. São 36 xelins a mais do que pagou!

Edmund ainda parecia em dúvida.

– Se é tão fácil, por que não há mais pessoas fazendo isso?

– Porque não têm dinheiro para investir.

– Também não tenho.

– Você tem as 3 libras que recebeu de Guillaume de Londres.

– E fico sem nada para comprar lã no ano que vem?

– A esses preços, é melhor sair do negócio – comentou Caris.

– Você tem razão. – Edmund riu. – Muito bem, vamos experimentar com uma coisa barata. Tenho cinco sacos da lã de Devon que os italianos nunca querem comprar. Eu lhe darei um saco e vamos descobrir se consegue fazer o que diz.



Duas semanas depois, Caris encontrou Mark Webber quebrando seu moinho manual. Ficou chocada ao deparar com um homem pobre destruindo um equipamento valioso. Por um momento, esqueceu seus próprios problemas.

O moinho manual consistia de dois discos de pedra, cada disco um pouco áspero num dos lados. O disco menor assentava sobre o maior, numa depressão rasa, lado áspero em contato com lado áspero. Uma alça de madeira saliente permitia que a pedra de cima fosse girada, enquanto a inferior permanecia imóvel. Espigas de trigo colocadas entre as duas pedras seriam rapidamente moídas e transformadas em farinha.

A maioria das pessoas de classe mais baixa de Kingsbridge possuía um moinho manual. Os muito pobres não tinham condições de ter e os mais prósperos não precisavam, podiam comprar a farinha de trigo já moída de um moleiro. Mas para famílias como a de Webber, que precisavam de cada moeda que ganhavam para alimentar as crianças, o moinho manual era uma dádiva divina para poupar dinheiro.

Mark pôs seu moinho no chão, na frente da casa pequena. Tomara emprestado de alguém um malho de ferro com o cabo de madeira comprido.

Dois de seus filhos assistiam: uma menina magricela, com um vestido esfarrapado, e um garoto nu de 2 ou 3 anos. Ele levantou o malho acima da cabeça e desferiu o golpe num arco comprido. Era uma visão e tanto: Mark era o maior homem de Kingsbridge, com ombros da largura de um cavalo de carga. A pedra se partiu como uma casca de ovo, os pedacinhos se espalhando pelo chão.

– O que está fazendo? – perguntou Caris.

– Devemos moer o trigo nos moinhos de água do prior e entregar um saco em cada 24 como tributo – respondeu Mark.

Ele parecia fleumático, mas ela ficou horrorizada.

– Pensei que as novas regras só se aplicavam a moinhos de vento e moinhos de água não licenciados.

– Amanhã tenho de sair com John Constable para revistar as casas das pessoas e quebrar os moinhos manuais ilícitos. Não posso deixar que digam que também tenho um. É por isso que estou destruindo o meu na rua, onde todos poderão ver.

– Não sabia que Godwyn tencionava tirar o pão da boca dos pobres – disse Caris, sombria.

– Sorte nossa que ainda temos a tecelagem. Graças a você.

Caris tratou de se concentrar em seu próprio negócio.

– Como está o trabalho?

– Já acabei.

– Foi bem rápido!

– Demora mais no inverno. Mas durante o verão, com dezesseis horas diárias de claridade, posso tecer 6 metros num dia, com a ajuda de Madge.

– Maravilhoso!

– Entre que lhe mostrarei.

Sua esposa, Madge, estava parada ao lado da lareira, nos fundos da casa de um único cômodo, com um bebê num braço e um menino tímido a seu lado. Madge era mais baixa do que o marido em mais de um palmo, mas seu corpo era largo. Tinha um busto grande e um traseiro saliente e fazia Caris pensar num pombo gorducho. O queixo pontudo lhe proporcionava uma aparência de agressividade, que não era de todo enganadora. Embora combativa, tinha bom coração. Caris gostava dela. Madge ofereceu um copo de sidra, que Caris

recusou, sabendo que a família não tinha condições de dispensar nada.

O tear de Mark era uma estrutura de madeira com mais de um metro quadrado sobre uma plataforma. Ocupava boa parte do espaço. Por trás, perto da porta dos fundos, havia uma mesa e dois bancos. Era evidente que todos dormiam no chão, em torno do tear.

– Faço o dúzia estreito – explicou Mark. – É um tecido com 1 metro de largura e 12 metros de comprimento. Não posso fazer o tecido largo porque não tenho espaço suficiente para um tear maior.

Havia quatro rolos do burel marrom encostados na parede.

– Um saco de lã dá quatro rolos do dúzia estreito – acrescentou Mark.

Caris trouxera os velos num saco de lã comum. Madge cuidara para que a lã fosse limpa, cardada e fiada. A fiação era feita pelas mulheres pobres da cidade, e a lavagem e cardagem, pelas crianças.

Caris apalpou o tecido. Ficou bastante animada. Completara o primeiro estágio de seu plano.

– Por que este tecido está tão frouxo? – perguntou ela.

Mark ficou irritado.

– Frouxo? Meu burel é a trama mais apertada de Kingsbridge!

– Sei disso, não tive a intenção de criticá-lo. Mas o tecido italiano parece muito diferente e, no entanto, eles usam a nossa lã.

– Em parte depende da força do tecelão, como ele pressiona para compactar a lã.

– Não creio que todos os tecelões italianos sejam mais fortes do que você.

– Então é por causa das máquinas. Quanto melhor o tear, mais firme a tecedura.

– Era o que eu receava.

A consequência disso era que Caris não podia competir com a lã italiana de alta qualidade a menos que comprasse teares italianos, o que parecia impossível.

Um problema de cada vez, disse a si mesma. Pagou a Mark os 4 xelins combinados, dos quais ele teria de dar a metade às mulheres que haviam feito a fiação. Teoricamente, Caris tivera um lucro de 8 xelins. O que não pagaria muita coisa do trabalho na ponte. E naquele ritmo levaria anos para tecer todo o excesso de lã que o pai acumulara.

– Há alguma maneira de produzirmos o tecido mais depressa? – perguntou a Mark.

Foi Madge quem respondeu:

– Há outros tecelões em Kingsbridge, mas quase todos já estão comprometidos a trabalhar para os mercadores de tecidos atuais. Posso arrumar outros fora da cidade. As aldeias maiores costumam ter um tecelão com um tear. De modo geral, ele faz o tecido para os aldeões usando seu próprio fio. Esses homens poderiam trocar de trabalho, se o dinheiro compensasse.

Caris fez um esforço para ocultar sua ansiedade.

– Pensarei a respeito e avisarei quando decidir. Enquanto isso, pode entregar esses rolos a Peter Dyer?

– Claro. Levarei agora mesmo.

Caris foi para casa almoçar, absorta em seus pensamentos. Para fazer uma diferença real, teria de gastar a maior parte do dinheiro que restava a seu pai. Se alguma coisa saísse errada, ficariam numa situação ainda pior. Mas qual era a alternativa? Seu plano era arriscado, sem dúvida, mas ninguém mais tinha qualquer plano.

Ao chegar em casa, encontrou Petranilla servindo um ensopado de cordeiro. Edmund se sentava à cabeceira da mesa. O revés financeiro da Feira do Velocino o afetara mais profundamente do que Caris poderia esperar. A exuberância normal do pai desaparecera e muitas vezes ele se mantinha pensativo, para não dizer distraído. Caris estava cada vez mais preocupada com ele.

– Vi Mark Webber quebrando seu moinho manual – comentou ela ao se sentar. – Que sentido há nisso?

Petranilla assumiu uma expressão altiva.

– Godwyn está absolutamente dentro de seus direitos.

– Esses direitos estão ultrapassados, não vigoram há anos. Onde mais um priorado faz essas coisas?

– Em Saint Albans – respondeu Petranilla, triunfante.

– Já ouvi falar da situação em Saint Albans – disse Edmund. – Os habitantes se rebelam periodicamente contra o mosteiro.

– O priorado de Kingsbridge tem o direito de recuperar o dinheiro que gastou na construção dos moinhos – argumentou Petranilla. – Assim como você,

Edmund, quer recuperar o dinheiro que investiu na ponte. Como reagiria se alguém construísse uma segunda ponte?

Edmund não respondeu. Foi Caris quem tomou a iniciativa:

– Dependeria do prazo em que isso acontecesse. Os moinhos do priorado foram construídos há centenas de anos, assim como as coelheiras e os lagos para os peixes. Ninguém tem o direito de reprimir o crescimento da cidade para sempre.

– O prior tem o direito de cobrar o que lhe é devido – insistiu Petranilla, obstinada.

– Pois, se ele continuar assim, daqui a pouco não terá mais de quem cobrar. As pessoas se mudarão para Shiring. Os moinhos manuais são permitidos lá.

– Será que você não compreende que as necessidades do priorado são sagradas? – indagou Petranilla, furiosa. – Os monges servem a Deus! Em comparação com isso, as vidas das pessoas são insignificantes.

– É nisso que seu filho Godwyn acredita?

– Claro.

– Era o que eu receava.

– Não acredita que o trabalho do prior é sagrado?

Caris não tinha resposta para isso e se limitou a dar de ombros. Petranilla se mostrou outra vez triunfante.

O almoço estava bom, mas Caris estava tensa demais para comer muito. Assim que os outros acabaram, ela disse:

– Tenho de sair para falar com Peter Dyer.

– Vai gastar ainda mais? – protestou Petranilla. – Já deu a Mark Webber 4 xelins do dinheiro de seu pai.

– Isso mesmo. E o tecido vale 12 xelins a mais do que a lã. Portanto, ganhei 8 xelins.

– Não ganhou, não – contestou Petranilla. – Você ainda não vendeu o pano.

A tia expressava dúvidas que Caris partilhava em seus momentos mais pessimistas, mas mesmo assim foi espicaçada a negar.

– Mas venderei. Ainda mais se estiver tingido de vermelho.

– E quanto Peter cobrará para tingir quatro rolos de dúzia estreito?

– Vinte xelins, mas o tecido vermelho valerá o dobro do burel marrom. Com

isso, ganharemos mais 28 xelins.

– Se vender. E se não conseguir?

– Tenho certeza de que venderei.

– Deixe-a em paz, Petranilla. Eu disse a ela que podia tentar – interveio o pai.



O castelo de Shiring ficava no alto de uma colina. Era a casa do representante do rei. Na base da colina ficava a forca. Sempre que havia uma execução, o prisioneiro descia do castelo numa carroça para ser enforcado na frente da igreja.

A praça em que ficava a forca era também o local do mercado. A Feira de Shiring era realizada ali, entre a casa da guilda e um prédio de madeira conhecido como Bolsa da Lã. O palácio do bispo e numerosas tavernas também se situavam em torno da praça.

Naquele ano, por causa dos problemas em Kingsbridge, havia mais barracas do que nunca. A feira transbordava para as ruas que partiam da praça. Edmund trouxera quarenta sacos de lã em dez carroças e poderia mandar vir mais de Kingsbridge, antes do final da semana, se fosse necessário.

Para consternação de Caris, não foi necessário. Ele vendeu dez sacos no primeiro dia e mais nenhum até o final da feira, quando vendeu mais dez, baixando o preço além do que pagara. Caris não podia se lembrar de ter visto o pai tão deprimido.

Ela pôs as quatro peças de tecido vermelho-amarronzado na barraca do pai e vendeu três das quatro, metro por metro, ao longo da semana.

– Pense da seguinte maneira – disse ela ao pai no último dia da feira. – Antes, você tinha um saco de lã invendável e 4 xelins. Agora, você tem 36 xelins e uma peça de tecido.

Mas sua animação era apenas em benefício do pai. Também sentia uma profunda depressão. Gabara-se bravamente de que poderia vender todo o tecido. O resultado não era um completo fracasso, mas também não era um triunfo. Se não era capaz de vender o tecido por mais do que o custo, então não tinha a solução para o problema. O que faria agora? Ela deixou a barraca e foi pesquisar

entre os outros vendedores de tecidos.

O melhor tecido vinha da Itália, como sempre. Caris parou na barraca de Loro Fiorentino. Mercadores de tecido como Loro não eram compradores de lã, embora pudessem trabalhar em estreita ligação com os compradores. Caris sabia que Loro entregava seus lucros ingleses a Buonaventura, que usava o dinheiro para pagar os mercadores ingleses pela lã crua. Quando a lã chegava a Florença, a família de Buonaventura a vendia e com os rendimentos pagava à família de Loro. Dessa maneira, todos eles evitavam os riscos de transportar barris com ouro e moedas de prata pela Europa.

Loro só tinha dois rolos de tecido em sua barraca. As cores eram muito mais brilhantes do que qualquer coisa que os locais podiam produzir.

– Isso é tudo o que trouxe? – perguntou Caris.

– Claro que não. Já vendi o resto.

Ela ficou surpresa.

– Todos dizem que a feira está péssima.

Loro deu de ombros.

– O melhor tecido sempre vende.

Uma ideia começou a se delinear na mente de Caris.

– Quanto custa o escarlate?

– Apenas 7 xelins por metro, senhorita.

Ou seja, sete vezes mais do que o preço do burel.

– Mas quem tem condições de comprar?

– O bispo levou muito tecido vermelho, lady Philippa comprou azul e verde. Também vendi para algumas filhas de cervejeiros e padeiros da cidade, alguns senhores das aldeias ao redor. Mesmo quando os tempos são difíceis, há alguém prosperando. Este vermelhão ficará muito bem em você.

Com um movimento rápido, ele desenrolou uma parte do rolo e estendeu o tecido no ombro de Caris.

– Maravilhoso! Repare como todos já estão olhando para você.

Ela sorriu.

– Posso entender agora por que vende tanto.

Caris passou a mão pelo tecido. A trama era apertada. Já tinha um manto escarlate italiano que herdara da mãe. Era o seu traje predileto.

– Que tintura usam para obter essa tonalidade de vermelho?

– Garancina, a mesma que todo mundo.

– Mas como conseguem fazer com que fique tão brilhante?

– Não é segredo. Usam alume. Realça a cor e também serve para fixá-la a fim de que não desbote. Uma manta desta cor para seu uso ficaria maravilhosa, uma alegria para sempre.

– Alume... – repetiu Caris. – Por que os tintureiros ingleses não usam?

– Porque é muito caro. Vem da Turquia. É um luxo exclusivo para mulheres especiais.

– E o azul?

– Como seus olhos.

Os olhos de Caris eram verdes, mas ela não o corrigiu.

– É uma cor profunda.

– Os tintureiros ingleses usam ísatis, também chamado de pastel-dos-tintureiros, mas nós temos o índigo de Bengala. Os mercadores mouros levam o índigo da Índia para o Egito e os mercadores italianos compram em Alexandria. – Loro sorriu. – Pense em toda a distância que teve de viajar... só para complementar sua extraordinária beleza.

– Vou pensar – disse Caris.



A oficina à beira do rio de Peter Dyer era uma casa tão grande quanto a de Edmund, mas era feita de pedra e não tinha piso nem paredes internas – era apenas a casca. Dois caldeirões de ferro estavam suspensos sobre enormes fogueiras. Ao lado de cada caldeirão havia um guincho, como os que Merthin fazia para os trabalhos de construção. Eram usados para levantar os enormes sacos de lã ou tecido e baixá-los para os caldeirões. O chão era permanentemente úmido e o ar, denso de tanto vapor. Os aprendizes trabalhavam descalços, em roupas de baixo, por causa do calor. O suor escorria pelos rostos, os cabelos brilhavam com a umidade. Havia um cheiro acre que ardeu no fundo da garganta de Caris. Ela mostrou a Peter a peça de pano que não vendera.

– Quero o escarlate brilhante dos tecidos italianos – disse. – É o que vende

melhor.

Peter era um homem lúgubre que parecia sempre injuriado, não importava o que você lhe dissesse. Meneou a cabeça, sombrio, como se reconhecesse uma crítica justificada.

– Tingiremos de novo com garancina.

– E com alume, para fixar a cor e torná-la mais brilhante.

– Não usamos alume. Nunca usamos. E não conheço ninguém que use.

Caris se censurou silenciosamente. Não pensara em verificar isso. Presumira que um tintureiro saberia tudo sobre tinturas.

– Não pode experimentar?

– Não tenho nenhum.

Caris suspirou. Peter parecia ser um daqueles artesãos para os quais tudo era impossível, a menos que já tivessem feito antes.

– E se eu trouxesse algum?

– De onde?

– Winchester, eu acho. Ou Londres. Talvez até de Melcombe.

Era o grande porto mais próximo. Navios de toda a Europa chegavam a Melcombe.

– Se eu tivesse algum, não saberia como usar.

– Não pode descobrir?

– Com quem?

– Nesse caso, eu mesma tentarei descobrir.

– Não sei – falou ele, balançando a cabeça, pessimista.

Caris não queria discutir com ele: era o único tintureiro de grande porte na cidade.

– Cruzaremos essa ponte quando a alcançarmos – disse ela em tom conciliador. – Não tomarei seu tempo discutindo sobre esse assunto agora. Primeiro, preciso saber se posso obter o alume.

Ela o deixou. Quem na cidade poderia saber alguma coisa sobre alume? Caris desejou agora ter feito mais perguntas a Loro Fiorentino. Os monges deviam saber de coisas como essa, mas não podiam mais conversar com mulheres. Caris decidiu procurar Mattie Wise. Afinal, Mattie estava sempre misturando ingredientes estranhos... talvez o alume fosse um deles. Mais

importante ainda, se ela não soubesse, admitiria sua ignorância, ao contrário de um monge ou boticário, que podia inventar alguma coisa por medo de parecer ignorante. As primeiras palavras de Mattie foram:

– Como vai seu pai?

– Ficou um pouco abalado pelo fracasso da Feira do Velocino. – Era típico de Mattie saber o que a preocupava, pensou Caris. – Está ficando esquecido. E parece mais velho.

– Cuide bem dele, Caris. Seu pai é um bom homem.

– Sei disso.

Ela não tinha certeza sobre o que Mattie queria dizer.

– Petranilla é uma vaca egocêntrica.

– Também sei disso.

Mattie moía alguma coisa com um pilão. Empurrou a tigela na direção de Caris.

– Se fizer isso por mim, eu lhe servirei um copo de vinho.

– Obrigada.

Caris começou a moer.

Mattie despejou o vinho amarelo de um jarro em dois copos de madeira.

– Por que veio aqui? Você não está doente.

– Sabe o que é alume?

– Sei. Usamos em pequenas quantidades como adstringente, para fechar feridas. Também pode deter a diarreia. Mas é venenoso em grandes quantidades. Como a maioria dos venenos, faz a pessoa vomitar. Havia alume na poção que lhe dei no ano passado.

– O que é? Uma erva?

– Não. É uma terra. Os mouros extraem na Turquia e na África. Os curtidores utilizam às vezes na preparação do couro. Imagino que queira usá-lo na tintura de tecido.

– Isso mesmo.

Como sempre, a capacidade de adivinhação de Mattie era fantástica.

– Age como um mordente, ligando o corante à fibra.

– E onde você consegue?

– Compro em Melcombe.



Caris fez a viagem de dois dias a Melcombe, onde já estivera várias vezes antes. Foi acompanhada por um dos empregados do pai, como guarda-costas. Encontrou no porto um mercador que negociava com especiarias, aves, instrumentos musicais e todos os tipos de produtos exóticos das mais remotas partes do mundo. Ele lhe vendeu tanto a tintura vermelha feita com a raiz da planta chamada garança, cultivada na França, quanto um tipo de alume conhecido como Spiralum, que disse ser procedente da Etiópia. Cobrou 7 xelins por um pequeno barril de garancina e 1 libra por um saco de alume. Caris não tinha a menor ideia se pagava preços justos ou não. O mercador vendeu todo o seu estoque e prometeu que obteria mais no próximo navio italiano que chegasse ao porto. Ela perguntou que quantidades de tintura e alume deveria usar, mas o homem não sabia.

Quando chegou em casa, começou a tingir pedaços do tecido que não vendera em um caldeirão da cozinha. Petranilla protestou contra o cheiro e Caris decidiu acender uma fogueira no quintal dos fundos. Sabia que tinha de pôr o tecido numa solução de tintura e deixar ferver. Peter Dyer informara a proporção correta da solução de tintura. Mas ninguém sabia quanto de alume seria necessário nem como se deveria usá-lo.

Ela iniciou um processo frustrante de tentativa e erro. Experimentou encharcar o tecido em alume antes de tingi-lo; pôs o alume junto com a tintura; e ferveu o tecido tingido numa solução de alume depois. Experimentou usar a mesma quantidade de alume e tintura, depois mais, depois menos. Por sugestão de Mattie, experimentou com outros ingredientes: galhas de carvalho, giz, água de cal, vinagre, urina.

Ela não tinha muito tempo. Em todas as cidades, só os membros das guildas podiam vender tecidos, exceto durante uma feira, quando as regras normais eram suspensas. E todas as feiras eram realizadas no verão. A última era a Feira de Saint Giles, realizada nas dunas a leste de Winchester no Dia de Saint Giles, 12 de setembro. Como estavam em meados de julho, ela só dispunha de oito semanas.

Começava cedo pela manhã e trabalhava até muito depois do escurecer.

Mexer o tecido no caldeirão sem parar, levantá-lo e tirá-lo deixavam suas costas doloridas. As mãos ficaram vermelhas e feridas de manipular as substâncias químicas. Os cabelos começaram a feder. Apesar da frustração, no entanto, sentia-se ocasionalmente feliz. Às vezes, enquanto trabalhava, cantarolava melodias antigas, dos tempos de infância, de cujas letras mal podia se lembrar. Os vizinhos, em seus próprios quintais dos fundos, a observavam curiosos por cima das cercas.

De vez em quando um pensamento aflorava à mente de Caris: "É esse o meu destino?" Mais de uma vez, dissera que não sabia o que fazer com sua vida. Mas podia não ter a liberdade para decidir. Não tinha permissão para ser médica; tornar-se uma mercadora de lã parecia uma péssima ideia: não queria se escravizar a um marido e a filhos, mas nunca sonhara que pudesse acabar como uma tintureira. Quando pensava a respeito, sabia que não era aquilo que queria fazer. Já que começara, estava determinada a ir até o fim, mas esse não seria seu destino.

A princípio, só conseguiu fazer com que o tecido se tornasse de um vermelho-acastanhado ou de um rosa-claro. Quando começou a se aproximar da tonalidade certa de escarlate, descobriu angustiada que ela desbotava quando secava ao sol, ou saía quando lavava. Tentou a tintura dupla, mas o efeito foi apenas temporário. Peter lhe disse, de forma um tanto tardia, que o material absorveria melhor a tintura se trabalhasse com o fio antes de ser tecido, ou mesmo com a lã bruta. Isso melhorou a tonalidade, mas não a rapidez.

– Só há uma maneira de aprender a tingir: tendo aulas com um mestre – dissera Peter várias vezes.

Todos pensavam assim, compreendeu Caris. O prior Godwyn aprendera medicina através da leitura de livros que tinham centenas de anos e receitava medicamentos sem sequer examinar um paciente. Elfric punira Merthin por esculpir a parábola das virgens de uma nova maneira. Peter nunca tentara tingir tecidos de escarlate. Só Mattie baseava suas decisões no que podia ver pessoalmente, não em alguma autoridade venerada.

A irmã de Caris, Alice, a observou num final de tarde, com os braços cruzados, os lábios comprimidos. Enquanto a escuridão se estendia pelos cantos do quintal, a luz da fogueira de Caris avermelhava o rosto desaprovador de

Alice.

– Quanto do dinheiro de nosso pai você já gastou nessa insensatez? – perguntou ela.

Caris fez os cálculos.

– Sete xelins para a garancina, 1 libra para o alume, 12 xelins para o tecido, ou seja, 39 xelins.

– Deus nos ajude!

Alice estava horrorizada. A própria Caris estava preocupada. Era mais que os salários em um ano da maioria das pessoas em Kingsbridge.

– É bastante dinheiro, mas ganharei muito mais.

Alice estava furiosa.

– Você não tem o direito de gastar o dinheiro de nosso pai dessa maneira!

– Não tenho o direito? Ora, ele me deu permissão! Do que mais preciso?

– Ele apresenta sinais de velhice. Seu juízo já não é mais como antes.

Caris fingiu que não sabia disso.

– O juízo dele continua bom... e muito melhor do que o seu.

– Está gastando a nossa herança!

– É isso que a incomoda? Não se preocupe. Estou ganhando dinheiro para você.

– Não quero correr esse risco.

– Não é você quem corre risco, mas papai.

– Ele não deveria desperdiçar o dinheiro que ficará para nós.

– Diga isso a ele.

Alice foi embora, derrotada. Mas Caris não se sentia tão confiante quanto aparentava. Talvez nunca descobrisse a proporção correta. E, nesse caso, o que ela e o pai fariam?

Quando finalmente encontrou a fórmula certa, descobriu que era de uma incrível simplicidade: 30 gramas de garancina e 60 de alume para cada 90 gramas de lã. Fervia a lã no alume primeiro, depois acrescentava a garancina no caldeirão, sem tornar a ferver a mistura. O ingrediente extra era água de cal. Ela mal pôde acreditar no resultado. O sucesso era maior do que imaginara. O vermelho era brilhante, quase como o vermelho italiano. Tinha certeza de que desbotaria e traria outro desapontamento, mas a cor persistiu após a secagem, a

segunda lavagem e o pisoamento.

Ela forneceu a fórmula a Peter. Sob sua supervisão, ele usou todo o alume que restava para tingir 12 metros de tecido de lã da melhor qualidade em um de seus enormes caldeirões. Quando ficou pronto, Caris pagou um acabador para prender os fios soltos com uma carda e reparar pequenos defeitos.

Foi para a Feira de Saint Giles com um fardo de perfeito tecido vermelho brilhante.

Ao desenrolá-lo numa barraca, foi abordada por um homem com sotaque londrino.

– Quanto custa?

Caris o fitou. Suas roupas eram caras, sem serem ostentosas. Ela concluiu que o homem era rico, mas não um nobre. Esforçando-se para controlar o tremor na voz, respondeu:

– Sete xelins o metro. É o melhor...

– Quero saber o custo de todo o tecido.

– São 12 metros, o que daria 84 xelins.

Ele esfregou o tecido entre o indicador e o polegar.

– Não é tão bem trançado quanto o tecido italiano, mas não é nada mau. Eu lhe darei 27 florins de ouro.

A moeda de ouro de Florença era de uso corrente, porque a Inglaterra não tinha moedas de ouro. Valia cerca de 3 xelins, 36 *pence* de prata ingleses. O londrino propunha comprar todo o tecido por apenas 3 xelins a menos do que ela conseguiria se vendesse metro a metro. Mas Caris sentiu que o homem não era de barganhar, caso contrário teria começado por oferecer um preço menor.

– Não – respondeu ela, surpresa com a própria temeridade. – Quero o preço total.

– Está bem – concordou o homem, confirmando a intuição dela.

Caris observou, emocionada, enquanto ele pegava a bolsa. Um momento depois, tinha em sua mão 28 florins de ouro. Examinou uma das moedas com todo o cuidado. Era um pouco maior que 1 *penny* de prata. Tinha num lado a efígie de São João Batista, o padroeiro de Florença, e no outro, a flor de Florença. Ela pôs numa balança para comparar o peso com o florim recém-cunhado que o pai guardava para esse fim. A moeda era boa.

– Obrigada – disse ela, mal ousando acreditar em seu sucesso.

– Sou Harry Mercer, de Cheapside, Londres. Meu pai é o maior mercador de tecidos da Inglaterra. Quando tiver mais desse escarlate, pode nos procurar. Compraremos tudo o que puder nos levar.



– Vamos tecer tudo! – disse ela ao pai quando voltou para casa. – Ainda lhe restam quarenta sacos de lã. Vamos transformar tudo em tecido vermelho.

– É um empreendimento e tanto – disse o pai, pensativo.

Caris tinha certeza de que seu plano daria certo.

– Há muitos tecelões aqui, e todos são pobres. Peter não é o único tintureiro em Kingsbridge. Podemos ensinar outros a usarem o alume.

– Outros copiarão, depois que o segredo for revelado.

Caris sabia que o pai tinha o direito de pensar em empecilhos, mas mesmo assim estava impaciente.

– Deixe que copiem. Os outros também podem ganhar dinheiro.

Edmund não se deixaria pressionar a fazer qualquer coisa.

– O preço baixará se houver muito tecido assim à venda.

– Terá de cair muito antes que o negócio deixe de ser lucrativo.

O pai assentiu.

– É verdade. Mas seria possível vender tanto em Kingsbridge e Shiring? Não há tantas pessoas ricas por aqui.

– Nesse caso, levarei para Londres.

– Está bem. – Edmund sorriu. – Sua determinação me impressiona. É um bom plano, mas, mesmo que não fosse, você encontraria um jeito de fazer com que desse certo.

Caris foi até a casa de Mark Webber e o contratou para começar a trabalhar em outro saco de lã. Também contratou Madge para levar uma das carroças puxadas por boi de Edmund, transportando quatro sacos de lã, para procurar tecelões nas aldeias vizinhas.

Mas o restante da família de Caris não estava nem um pouco satisfeito. Alice foi almoçar na casa do pai no dia seguinte. Ao se sentarem, Petranilla declarou a

Edmund:

– Alice e eu achamos que você deve reconsiderar seu projeto de fazer tecido.

Caris queria que o pai dissesse que a decisão já estava tomada e que era tarde demais para voltar atrás. Em vez disso, no entanto, ele respondeu, em tom suave:

– É mesmo? Por quê?

– Arriscará todo o dinheiro que possui! Eis o porquê.

– A maior parte já está em risco agora – disse Edmund. – Tenho um armazém cheio de lã que não posso vender.

– Mas poderia piorar ainda mais uma situação que já é ruim.

– Decidi correr esse risco.

– Não é justo comigo! – interveio Alice.

– Por que não?

– Caris está gastando minha herança!

O rosto de Edmund assumiu uma expressão sombria.

– Ainda não morri.

Petranilla tratou de se calar, percebendo o tom ameaçador na voz do irmão. Mas Alice não notou que o pai estava furioso e decidiu continuar:

– Temos de pensar no futuro. Por que Caris pode ter permissão para gastar o que é meu por direito hereditário?

– Porque ainda não é seu e talvez nunca seja.

– Você não pode desperdiçar o dinheiro que vou herdar.

– Ninguém vai me dizer o que fazer com meu dinheiro. Muito menos minhas filhas.

A voz era tão tensa de raiva que até Alice notou. Mais contida, ela disse:

– Não tive a intenção de deixá-lo nervoso.

Edmund soltou um grunhido. Não chegava a ser um pedido de desculpas, mas ele nunca podia permanecer irritado por muito tempo.

– Vamos almoçar sem tocar mais nesse assunto.

Caris compreendeu que seu projeto sobrevivera por mais um dia. Depois do almoço, ela procurou Peter Dyer para avisá-lo sobre a grande quantidade de trabalho que estava prestes a receber.

– Não será possível – disse ele.

A resposta pegou Caris de surpresa. Ele sempre se mostrava sombrio, mas

costumava fazer o que ela queria.

– Não se preocupe, não terá de tingir tudo. Darei uma parte do trabalho a outros.

– O problema não é a tintura, mas o processo de pisoamento.

– Por quê?

– Não temos mais permissão para fazer isso diretamente. O prior Godwyn lançou um novo édito. Temos de usar o moinho de pisoar do priorado.

– Pois então vamos usá-lo.

– É lento demais. As máquinas são velhas e quebram a todo instante. Já foram consertadas tantas vezes que a madeira é uma mistura de nova e antiga, o que nunca resulta num bom trabalho. Não é mais rápido do que um homem andando na água e pisando no tecido. E só há um sistema em funcionamento. Mal dá para absorver o trabalho normal dos tecelões e tintureiros de Kingsbridge.

Era uma situação irritante. Seu plano não podia fracassar por causa de uma decisão estúpida do primo Godwyn, não é mesmo?

– Mas se o moinho de pisoar do priorado não dá conta de todo o trabalho, o prior deve permitir que outros façam isso! – declarou ela, indignada.

Peter deu de ombros.

– Diga isso a ele.

– É o que farei!

Ela seguiu para o priorado. Mas, antes de chegar lá, pensou duas vezes. A sala da casa do prior era usada para suas reuniões com os habitantes da cidade, mas mesmo assim não seria apropriado uma mulher ir até lá sozinha, sem hora marcada, ainda mais porque Godwyn se mostrava cada vez mais suscetível nessas questões. Além disso, talvez um confronto direto não fosse a melhor maneira de fazê-lo mudar de ideia. Caris compreendeu que seria melhor pensar com todo o cuidado. Voltou para casa e sentou na sala para conversar com o pai.

– O jovem Godwyn está pisando num terreno perigoso neste caso – comentou Edmund, sem hesitar. – Nunca houve cobrança pelo uso do moinho de pisoar. Segundo a história que nos chegou, o moinho foi construído por um habitante da cidade, Jack Builder, para o grande prior Philip, e, quando Jack morreu, Philip concedeu à cidade o direito de usar o moinho em perpetuidade.

– Por que as pessoas pararam de usar?

– O sistema não está funcionando e acho que houve uma discussão sobre quem deveria pagar o custo da manutenção. Não se chegou a uma conclusão e as pessoas voltaram a preparar seus próprios tecidos em casa.

– Ora, nesse caso, ele não tem o direito de cobrar uma taxa nem de obrigar as pessoas a usar seu moinho.

– Não, não tem.

Edmund enviou uma mensagem ao priorado indagando qual o momento mais conveniente para Godwyn recebê-lo. A resposta foi imediata: o prior estava livre naquele momento. Edmund e Caris atravessaram a rua e foram até a casa do prior.

Godwyn mudara muito em um ano, pensou Caris. Perdera a ansiedade infantil que demonstrava antes. Parecia cauteloso, como se esperasse que eles fossem agressivos. Caris já começava a especular se ele tinha a força de caráter necessária para ser prior.

Philemon também estava presente, numa ansiedade patética, como sempre, a puxar cadeiras e servir bebidas, mas com um novo toque de segurança em seu comportamento, a aparência de alguém que sabia que pertencia àquele lugar.

– Então agora você é tio, Philemon – comentou Caris. – O que acha de seu sobrinho Sam?

– Sou um noviço – declarou ele, afetado. – Temos de renunciar a todas as relações deste mundo.

Caris deu de ombros. Sabia que Philemon gostava da irmã Gwenda, mas não ia discutir se ele preferia fingir que não se importava. Edmund expôs o problema de maneira objetiva:

– O trabalho na ponte terá de ser interrompido se os mercadores de lã de Kingsbridge não puderem melhorar sua situação. Felizmente, encontramos uma nova fonte de receita. Caris descobriu como produzir tecido escarlate de alta qualidade. Só uma coisa atrapalha o sucesso desse novo empreendimento: o moinho de pisoar.

– Por quê? – indagou Godwyn. – Vocês podem usar o moinho do priorado para o pisoamento do tecido.

– Parece que não. É velho e ineficiente. Mal consegue cuidar da produção de

tecido existente. Não tem capacidade para extras. Ou você constrói um novo moinho...

– Não há a menor possibilidade – interrompeu Godwyn. – Não tenho dinheiro de sobra para esse tipo de coisa.

– Nesse caso, terá de permitir que as pessoas preparem o tecido à maneira antiga, pondo na água e pisando com os pés descalços – declarou Edmund.

Caris conhecia a expressão que se estampou no rosto de Godwyn. Era composta de ressentimento, orgulho injuriado e obstinação irredutível. Na infância, ele ficava assim sempre que alguém se opunha ao que queria fazer. Indicava que tentaria forçar as outras crianças à submissão e, se não conseguisse, batia o pé e voltava para casa. Querer impor sua vontade era apenas parte do jogo. Ele parecia se sentir humilhado com a divergência, pensou Caris, como se a ideia de que alguém pudesse considerá-lo errado fosse angustiante demais para suportar. Qualquer que fosse a explicação, ela compreendeu, ao ver essa expressão, que o primo não seria razoável.

– Eu sabia que você se oporia a mim – disse ele a Edmund, petulante. – Parece pensar que o priorado existe em benefício de Kingsbridge. Terá de compreender que é exatamente o contrário.

Edmund ficou exasperado.

– Não percebe que dependemos um do outro? Pensamos que compreendia esse inter-relacionamento. Foi por isso que o ajudamos a ser eleito.

– Fui eleito pelos monges, não pelos mercadores. A cidade pode depender do priorado, mas já havia um priorado aqui antes que surgisse uma cidade. Podemos continuar a existir sem vocês.

– Talvez possam mesmo, mas como um lugar isolado, não como o coração pulsante de uma cidade dinâmica.

Caris interveio:

– Você deve querer que Kingsbridge prospere, Godwyn. Por que outro motivo teria ido a Londres para se opor ao conde Roland?

– Fui ao tribunal real para defender os direitos antigos do priorado... como estou tentando fazer aqui e agora.

– Isso é traição! – protestou Edmund, indignado. – Nós o apoiamos para prior porque nos levou a acreditar que construiria uma ponte!

– Não lhe devo nada. Minha mãe vendeu sua casa para me enviar à universidade. Onde estava meu tio rico na ocasião?

Caris ficou espantada ao constatar que Godwyn ainda se mostrava ressentido pelo que acontecera dez anos antes. A expressão de Edmund se tornou hostil e fria.

– Acho que você não tem o direito de obrigar as pessoas a usarem seu moinho de pisoar.

Caris compreendeu, pelo olhar que Godwyn e Philemon trocaram, que eles sabiam disso.

– Pode ter havido ocasiões em que o prior generosamente permitiu que os habitantes da cidade usassem o moinho de pisoar sem cobrar – disse Godwyn.

– Foi um presente do prior Philip à cidade.

– Nunca soube disso.

– Deve haver um documento no priorado.

Godwyn ficou irritado.

– Os habitantes da cidade permitiram que o moinho caísse em péssimo estado. O priorado teve de pagar para endireitar tudo. Isso é suficiente para anular qualquer presente.

Edmund tinha razão, pensou Caris: Godwyn pisava em terreno instável. Sabia que o prior Philip dera o moinho de pisoar de presente aos habitantes da cidade, mas tencionava ignorar o fato. Edmund tentou de novo:

– Tem certeza de que não podemos chegar a um acordo?

– Não revogarei meu édito – declarou Godwyn. – Faria que eu parecesse fraco.

Era isso o que realmente o incomodava, refletiu Caris. Ele receava que as pessoas de Kingsbridge o desrespeitassem se mudasse de ideia. Sua obstinação, paradoxalmente, derivava de algum tipo de medo ou covardia.

– Nenhum de nós dois gostaria de incorrer de novo no trabalho e na despesa de um recurso ao tribunal real – comentou Edmund.

– Está me ameaçando? – reagiu Godwyn, enfurecido.

– Gostaria de evitar, mas...

Caris fechou os olhos, rezando para que os dois homens não levassem a discussão a um ponto sem volta. Sua prece não foi atendida.

– Mas o quê? – indagou Godwyn, em tom de desafio.

Edmund suspirou.

– Mas farei isso se você obrigar as pessoas de Kingsbridge a fazerem o pisoamento em seu moinho e não em casa, ao estilo tradicional. Apelarei ao rei.

– Pode apelar.

34

A corça era jovem, 1 ou 2 anos apenas, esguia, musculosa sob a pele macia. Estava no outro lado da clareira, esticando o pescoço comprido através dos galhos de um arbusto para alcançar uma área de relva clara. Ralph Fitzgerald e Alan Fernhill estavam a cavalo, o barulho dos cascos de suas montarias abafado pelo tapete das folhas úmidas do outono, os cães treinados a se manterem em silêncio. Por causa disso – e talvez porque estivesse concentrada demais em alcançar a forragem –, a corça não ouviu a aproximação até que já era tarde demais.

Ralph a avistou primeiro e apontou através da clareira. Alan levava seu arco na mão esquerda, a mesma que segurava as rédeas. Com a rapidez da longa prática, prendeu uma flecha na corda e atirou. Os cachorros foram mais lentos. Só reagiram quando ouviram a vibração da corda e o zunido da flecha voando pelo ar. Barley, a cadela, ficou imóvel, a cabeça erguida, as orelhas levantadas, e Blade, seu filhote, agora crescido, maior do que a mãe, emitiu um rosnado baixo de surpresa.

A flecha tinha 1 metro de comprimento, com penas de cisne. A ponta era de 5 centímetros de ferro sólido, com uma depressão em que se encaixava a haste. Era uma flecha de caça, com a ponta afiada; uma flecha de batalha teria uma ponta quadrada para poder penetrar numa armadura sem ser desviada.

O disparo de Alan foi bom, mas não perfeito. Atingiu a corça na base do pescoço. Ela saltou, as quatro patas deixando o solo, presumivelmente chocada pela pontada de dor súbita e agonizante. A cabeça se elevou acima da moita. Por um instante, Ralph pensou que a corça cairia morta. No momento seguinte, porém, ela começou a se afastar. A flecha ainda estava cravada em seu pescoço, mas o sangue escorria em vez de esguichar do ferimento. O que significava que

devia ter acertado nos músculos, sem romper qualquer vaso sanguíneo importante.

Os cachorros saltaram para a frente, como se também tivessem sido disparados de arcos. Ralph montava Griff, seu cavalo de caça predileto. Sentiu o fluxo de excitação pelo qual tanto ansiava. Era uma comichão nos nervos, uma pressão na garganta, um impulso irresistível de gritar o mais alto possível, uma sensação tão parecida com a excitação sexual que ele mal podia dizer qual era a diferença.

Homens como Ralph existiam para lutar. O rei e seus barões os promoviam a lordes e cavaleiros, davam-lhes aldeias e terras para controlarem por uma única razão: para que fossem capazes de ter cavalos, escudeiros, armas e armaduras sempre que o rei precisasse de um exército. Mas não havia uma guerra todos os anos. Às vezes, dois ou três anos se passavam sem que houvesse sequer uma pequena ação repressiva nas fronteiras do rebelde País de Gales ou contra os bárbaros da Escócia. Os cavaleiros precisavam de alguma coisa para fazer nos intervalos. Tinham de se manter em boa forma física, os cavalos preparados e a sede de sangue sempre atiçada, o que talvez fosse o mais importante. Os soldados precisavam matar, e seu desempenho era melhor quando ansiavam por isso.

Caçar era a solução. Todos os nobres, do rei aos pequenos senhores, como Ralph, caçavam sempre que tinham a oportunidade, até várias vezes por semana. Adoravam o exercício, que garantia que estivessem prontos para a batalha sempre que eram chamados. Ralph caçava com o conde Roland em suas frequentes visitas a Earlscastle e também participava das caçadas de lorde William em Casterham. Quando estava em sua aldeia, Wigleigh, saía com seu escudeiro, Alan, para caçar nas florestas ao redor. Em geral matavam um javali; não havia muita carne nos javalis, mas as caçadas eram sempre emocionantes, porque o animal oferecia a maior resistência. Ralph também caçava raposas e de vez em quando – era raro – um lobo. Mas o cervo era o melhor alvo: ágil, veloz, 50 quilos de boa carne para levar para casa.

Agora Ralph ficou emocionado ao sentir Griff por baixo, o peso e a força do cavalo, a ação poderosa de seus músculos, as batidas firmes dos cascos no solo. A corça desapareceu na vegetação, mas Barley sabia para onde ela fora. Os

cavalos seguiram os cachorros. Ralph segurava uma lança na mão direita, uma haste comprida de freixo, a ponta endurecida no fogo. Enquanto Griff desviava-se e pulava os obstáculos, Ralph abaixava-se para evitar os galhos mais baixos. Balançava aos movimentos do cavalo, as botas firmes nos estribos, mantendo-se na sela sem esforço, pela pressão dos joelhos.

No mato baixo, os cavalos não eram tão ligeiros quanto a corça e logo ficaram para trás; os cachorros, no entanto, tinham alguma vantagem, e logo Ralph ouviu latidos frenéticos quando os animais se aproximaram da presa. Até que houve um hiato. Um momento depois, ele descobriu o motivo: a corça saíra da vegetação densa e encontrara uma trilha, por onde seguia agora, deixando os cachorros para trás. Ali, no entanto, os cavalos levavam vantagem e num instante ultrapassaram os cachorros e começaram a se aproximar da corça.

Ralph percebeu que a corça enfraquecia. Viu sangue em sua anca e deduziu que fora mordida por um dos cachorros. Sua postura foi se tornando mais e mais irregular à medida que se esforçava para escapar. Era um animal feito para disparadas súbitas e curtas, mas incapaz de manter um ritmo vertiginoso por muito tempo.

O sangue passou a correr mais depressa nas veias de Ralph à medida que se aproximava da presa. Apertou a lança ainda mais. Era preciso muita força para enfiar uma ponta de madeira no corpo duro de um animal grande: a pele era resistente, os músculos eram compactos, os ossos, firmes. O pescoço era o alvo mais macio se o caçador conseguisse evitar as vértebras e atingir a jugular. Era preciso escolher o momento certo e arremessar a lança com toda a força.

Ao perceber os cavalos quase em cima, a corça se desviou entre as moitas, desesperada. Isso lhe proporcionou uma folga de alguns segundos. Os cavalos diminuíram a velocidade ao pisar nas moitas, sobre as quais a corça saltava sem alterar o ritmo. Mas os cachorros tornaram a se aproximar e Ralph compreendeu que a corça não poderia aguentar por muito mais tempo.

Em geral, os cachorros infligiam mais e mais ferimentos, retardando a presa, até que os cavalos chegassem perto e o caçador pudesse desfechar o golpe fatal. Naquela ocasião, porém, houve um acidente.

Quando os cachorros e os cavalos estavam quase em cima, a corça se desviou para o lado. Blade, o cão mais novo, foi atrás, com mais entusiasmo do

que bom senso, e passou pela frente de Griff. O cavalo galopava depressa demais para conseguir parar ou mesmo se desviar e atingiu Blade com uma pata dianteira. O cachorro era um mastim, pesando quase 40 quilos. O impacto fez o cavalo tropeçar.

Ralph foi projetado da sela. Largou a lança enquanto voava. Seu maior medo, naquele instante, foi o de cair por baixo do cavalo. Mas viu, um momento antes de bater no chão, que Griff conseguira recuperar o equilíbrio.

Ralph caiu numa moita de espinhos. Ficou com as mãos e o rosto bastante arranhados, mas a moita amorteceu a queda. Mesmo assim, ficou furioso.

Alan puxou as rédeas de seu cavalo. Barley continuou atrás da corça, mas não demorou a voltar; era evidente que a presa escapara. Ralph fez um esforço para se levantar, praguejando. Alan alcançou Griff. Desmontou em seguida, segurando os dois cavalos pelas rédeas.

Blade estava imóvel sobre as folhas mortas, o sangue gotejando da boca. Fora atingido na cabeça pela ferradura de ferro de Griff. Barley foi até lá, farejou, cutucou-o com o focinho, lambeu o sangue e depois virou-se, atordoada. Alan empurrou o cachorro com a ponta da bota. Não houve reação. Blade não respirava.

– Morreu – disse Alan.

– O desgraçado do cachorro merecia mesmo morrer – resmungou Ralph.

Eles foram andando pela floresta, puxando os cavalos, à procura de um lugar para descansar. Ralph ouviu um barulho de água correndo. Seguiu o som e encontrou um córrego de correnteza rápida. Reconheceu o lugar: estavam um pouco além dos campos cultivados de Wigleigh.

– Vamos descansar um pouco – disse ele.

Alan amarrou os cavalos. Tirou de seu alforje um jarro tampado, dois copos de madeira e um saco de lona com comida.

Barley foi até o córrego e, sedenta, bebeu a água fria com sofreguidão. Ralph sentou na margem, encostado numa árvore. Alan arriou ao seu lado e lhe entregou um copo com cerveja e uma fatia de queijo. Ralph aceitou a bebida, mas recusou a comida.

Alan sabia que seu senhor estava de mau humor. Por isso não disse nada enquanto Ralph bebia. Sempre que o copo de Ralph ficava vazio, ele tornava a

enchê-lo, em silêncio. Logo ouviram uma voz de mulher. Alan fitou Ralph com as sobrancelhas erguidas. Barley rosnou. Ralph se levantou, fazendo a cadela se calar, e seguiu na direção do som. Alan foi atrás.

Ralph parou alguns metros adiante, olhando através da vegetação. Algumas mulheres da aldeia lavavam roupa na margem próxima do córrego, onde a água corria mais depressa, sobre rochas. Era um dia úmido de outubro, fresco, mas não frio. Elas tinham as mangas enroladas e as saias levantadas até as coxas para não molhar as vestes.

Ralph as observou uma a uma. Lá estava Gwenda, antebraços e pernas musculosos, com seu bebê – agora com 4 meses de idade – pendurado nas costas. Ele identificou Peg, a mulher de Perkin, esfregando as ceroulas do marido com uma pedra. Sua própria criada, Vira, também estava ali, uma mulher de rosto duro, em torno dos 30 anos, que o fitara com tanta indiferença quando acariciara sua bunda que ele nunca mais a tocara. A voz que ouvira antes pertencia à viúva Huberts, uma grande faladeira, sem dúvida porque morava sozinha. A viúva estava parada no meio do córrego, gritando para as outras, numa conversa a distância.

E lá estava Annet.

Em cima de uma rocha, Annet lavava um traje pequeno. Inclinava-se para molhá-lo no córrego e se erguia para esfregar. Tinha pernas compridas e brancas, que desapareciam de uma maneira encantadora no vestido levantado. Cada vez que se inclinava, o decote se abria, revelando os frutos claros dos seios pequenos, pendendo como tentações de uma árvore. Os cabelos louros estavam molhados nas pontas e havia uma expressão petulante em seu rosto bonito, como se pensasse que não havia nascido para aquele tipo de trabalho.

Ralph calculou que as mulheres já se encontravam ali havia algum tempo e sua presença poderia passar despercebida se a viúva Huberts não tivesse elevado a voz. Abaixou-se por trás de um arbusto e espiou através dos galhos sem folhas. Alan se agachou ao seu lado. Ralph gostava de espionar mulheres. Fazia isso com frequência quando era adolescente. As mulheres se coçavam, deitavam-se no chão com as pernas abertas e falavam sobre coisas que nunca abordariam se soubessem que havia um homem escutando. Na verdade, comportavam-se como homens.

Ele arregalou os olhos com a visão das mulheres de sua aldeia, que não desconfiavam de sua presença. Fez um esforço para ouvir o que diziam. Observou Gwenda, o corpo pequeno e forte, recordou-a nua, ajoelhada na cama, reviveu a sensação de segurá-la pelos quadris e puxá-la ao encontro de seu pênis. E recordou também como a atitude dela mudara. A princípio, Gwenda se mantivera passiva e fria, fazendo esforço para esconder o ressentimento e o desagrado pelo que estava fazendo, mas depois ocorrera uma lenta alteração. A pele no pescoço ficara avermelhada, o peito traíra a respiração excitada e ela baixara a cabeça, no que lhe parecera uma mistura de vergonha e prazer. A lembrança fez com que Ralph respirasse mais depressa e uma camada de suor surgiu na sua testa, apesar do ar fresco do outono. Não pôde deixar de imaginar se teria outra chance de repetir o ato com Gwenda.

Pouco depois, as mulheres se prepararam para ir embora. Dobraram as roupas molhadas e as ajeitaram em cestos ou as envolveram em trouxas para equilibrar na cabeça. Começaram a se afastar pela trilha à beira do córrego. Houve uma discussão acalorada entre Annet e a mãe. Annet lavara apenas a metade das roupas que trouxera. Propunha levar de volta para casa a metade suja da roupa. Ao que tudo indicava, Peg insistia que a filha ficasse e lavasse o resto da roupa. Afinal Peg partiu, furiosa, e Annet ficou, num evidente mau humor.

Ralph mal podia acreditar em sua sorte. Disse em voz baixa a Alan:

– Vamos nos divertir um pouco com ela. Dê a volta e corte o caminho de fuga.

Alan desapareceu.

Ralph observou Annet mergulhar o resto da roupa suja na água, sem qualquer cuidado. Em seguida, ela sentou na margem, olhando irritada para o córrego. Quando calculou que as outras mulheres não poderiam ouvir mais nada e Alan já alcançara a posição combinada, Ralph se levantou e se adiantou.

Annet o ouviu se aproximar entre as moitas e virou-se para olhar, surpresa. Ralph gostou de ver a expressão dela passar da surpresa e curiosidade para o medo ao compreender que se encontrava sozinha com ele na floresta. Ela se levantou de um pulo. A essa altura, porém, Ralph já se encontrava a seu lado. Segurou-a pelo braço, num aperto gentil, mas firme.

– Olá, Annet. O que está fazendo aqui... sozinha?

Ela olhou por cima de seu ombro com esperança, Ralph adivinhou, de que pudesse haver outros homens ali, o que o levaria a se conter. Seu rosto registrou consternação quando só avistou Barley.

– Tenho de ir para casa – disse ela. – Minha mãe acaba de sair daqui.

– Não precisa ter pressa. Você fica muito atraente assim, com os cabelos molhados e os joelhos à mostra.

Ela tentou baixar a saia. Com a mão livre, Ralph segurou seu queixo e o levantou, para que o fitasse.

– Que tal um sorriso? Não precisa ficar tão preocupada. Eu não lhe faria mal. Sou seu senhor.

Annet esboçou um sorriso.

– Estou apenas um pouco confusa. Levei um susto com sua chegada inesperada. – Ela recuperara um pouco do coquetismo habitual e acrescentou, com um sorriso afetado: – Talvez devesse me acompanhar até em casa. Uma jovem precisa de proteção na floresta.

– E pode ter certeza de que a protegerei. Cuidarei de você muito melhor do que aquele idiota do Wulfric ou do que seu marido.

Ralph tirou a mão do queixo de Annet e pegou o seio. Era como recordava, pequeno e firme. Soltou o braço dela para poder usar as duas mãos, uma em cada seio.

Mas Annet fugiu assim que ele a largou. Ralph riu, enquanto ela corria pela trilha e se embrenhava entre as árvores. Um momento depois, ouviu-a soltar um grito de choque. Permaneceu onde estava enquanto Alan trazia Annet de volta, o braço torcido para as costas, de tal forma que os seios se projetavam para a frente, convidativos. Ralph pegou a adaga afiada, com uma lâmina de mais de um palmo.

– Tire o vestido.

Alan soltou a mulher, mas ela não obedeceu de imediato.

– Por favor, milorde. Sempre demonstrei todo o respeito e...

– Tire o vestido ou cortarei seu rosto e deixarei uma cicatriz para sempre.

Era uma ameaça bem escolhida para uma mulher vaidosa, e Annet cedeu. Começou a chorar enquanto tirava pela cabeça o vestido marrom de lã. A princípio, manteve o vestido amarrotado na sua frente, cobrindo a nudez, mas

Alan o arrancou e o jogou para o lado.

Ralph ficou olhando para o corpo nu. Annet mantinha os olhos abaixados, as lágrimas escorrendo pelas faces. Tinha quadris estreitos e uma moita proeminente de cabelos louros.

– Wulfric nunca a viu assim, não é mesmo? – indagou Ralph.

Annet balançou a cabeça em negativa, sem erguer os olhos. Ralph enfiou a mão entre suas pernas.

– Alguma vez ele a tocou aqui?

– Por favor, milorde. Sou uma mulher casada...

– Melhor assim. Não tem virgindade para perder, nada com que se preocupar. Deite-se.

Annet tentou recuar, mas esbarrou em Alan, que a empurrou, fazendo-a cair de costas. Ralph a segurou pelos tornozelos, para que ela não pudesse se levantar. Annet se contorceu, desesperada.

– Segure-a – ordenou Ralph a Alan.

Alan forçou a cabeça de Annet para baixo, depois colocou os joelhos sobre seus braços e prendeu os ombros.

Ralph puxou o pênis e o esfregou para que ficasse mais duro. Depois, ajoelhou-se entre as coxas de Annet.

Ela começou a gritar, mas ninguém ouviu.

35

Por sorte, Gwenda foi uma das primeiras pessoas a ver Annet depois do incidente.

Gwenda e Peg tinham levado a roupa limpa para casa e a penduraram para secar em torno do fogo na cozinha. Gwenda ainda trabalhava para Perkin, mas agora, no outono, quando havia menos coisas a fazer nos campos, ela ajudava Peg nas tarefas domésticas. Após pendurar toda a roupa, elas começaram a preparar a refeição do meio-dia para Perkin, Rob, Billy Howard e Wulfric. Passada uma hora, Peg indagou:

– O que pode ter acontecido com Annet?

– Vou procurá-la.

Antes de sair, Gwenda verificou o bebê. Sammy estava deitado num berço de vime, envolto por uma velha manta marrom, os olhos escuros alertas observando a fumaça que se elevava do fogo e se enroscava sob o teto. Ela o beijou na testa e foi procurar Annet.

Voltou pelos campos em que o vento soprava. Lorde Ralph e Alan Fernhill passaram a galope, a caminho da aldeia, a caçada do dia aparentemente interrompida antes do tempo normal. Gwenda entrou na floresta e seguiu pela trilha até o ponto em que as mulheres da aldeia costumavam lavar roupa. Antes de chegar lá, deparou com Annet voltando.

– Você está bem? – perguntou Gwenda. – Sua mãe ficou preocupada.

– Estou ótima.

Mas Gwenda percebeu que havia alguma coisa errada.

– O que aconteceu?

– Nada... – Mas Annet não era capaz de fitá-la nos olhos. – Não aconteceu nada. Deixe-me em paz.

Gwenda se postou na frente de Annet e a estudou de alto a baixo. O rosto de Annet revelava de maneira inconfundível que ocorrera alguma calamidade. À primeira vista, ela não parecia estar fisicamente machucada – embora a maior parte do corpo estivesse coberta pelo vestido comprido –, mas depois Gwenda percebeu manchas que pareciam ser de sangue no vestido. E se lembrou que Ralph e Alan haviam passado a galope.

– Lorde Ralph fez alguma coisa com você?

– Quero ir para casa.

Annet tentou passar por Gwenda, que a segurou pelo braço. Não apertou com força. Mesmo assim Annet soltou um grito de dor, levando a mão à parte superior do braço.

– Você está machucada! – exclamou Gwenda.

Annet desatou a chorar. A outra passou o braço por seus ombros.

– Vamos para casa. Conte tudo à sua mãe.

Annet balançou a cabeça.

– Não contarei a ninguém.

Tarde demais para isso, pensou Gwenda.

Enquanto levava Annet para a casa de Perkin, Gwenda projetou em sua mente todas as possibilidades. Era evidente que Annet sofrera alguma espécie de agressão. Podia ter sido atacada por um ou mais viajantes embora não houvesse nenhuma estrada nas proximidades. Os fora da lei sempre eram uma possibilidade, mas nenhum deles vinha sendo visto nas proximidades de Wigleigh. Portanto, os suspeitos mais prováveis eram Ralph e Alan.

Peg foi quem tomou atitude. Sentou Annet num banco e baixou o vestido dela pelos ombros. Os braços exibiam equimoses vermelhas e inchadas.

– Alguém a segurou – disse Peg, furiosa.

Annet permaneceu quieta.

– Estou certa? – insistiu Peg. – Responda, criança, ou terá de enfrentar um problema ainda maior. Alguém a segurou?

Annet acenou com a cabeça.

– Quantos homens? Ande logo, diga o que aconteceu.

Annet não falou, mas levantou dois dedos.

Peg ficou vermelha de raiva.

– Eles se deitaram com você?

Annet acenou novamente com a cabeça.

– Quem eram eles?

Annet balançou a cabeça.

Gwenda sabia por que ela não queria contar. Era perigoso para qualquer servo acusar o senhor de um crime.

– Vi Ralph e Alan afastando-se a galope – informou ela a Peg.

Peg se virou para Annet.

– Quer dizer que foram eles, Ralph e Alan?

Annet tornou a assentir. A voz de Peg baixou para quase um sussurro:

– Imagino que Alan a segurou enquanto Ralph fazia.

Annet mais uma vez assentiu com a cabeça.

Peg abrandou, agora que conhecia a verdade. Passou os braços em torno da filha e a aconchegou.

– Pobre criança, minha pobre filha...

Annet começou a chorar. Gwenda se retirou.

Os homens voltariam em breve para a refeição do meio-dia e descobririam que Ralph estuprara Annet. O pai, o irmão, o marido e o ex-namorado ficariam loucos de raiva. Perkin era velho demais para cometer qualquer insensatez, Rob faria o que Perkin mandasse e Billy Howard provavelmente não teria coragem suficiente para criar problemas. Mas Wulfric ficaria descontrolado. E mataria Ralph.

E depois seria enforcado.

Gwenda tinha de alterar o curso dos acontecimentos; se não fizesse isso, perderia o marido. Ela atravessou a aldeia apressada, sem falar com ninguém, seguindo direto para a casa senhorial. Esperava ser informada, ao chegar ali, de que Ralph e Alan haviam terminado de almoçar e saído de novo, mas era um pouco cedo e ela percebeu, consternada, que os dois ainda se encontravam em casa.

Localizou-os no estábulo por trás da casa, examinando o casco infeccionado de um cavalo. Em circunstâncias normais, ela se sentiria embaraçada na presença de Ralph ou Alan, pois tinha certeza de que os dois recordavam, sempre que a viam, da cena em que se ajoelhara nua na cama da Bell em

Kingsbridge. Hoje, porém, esse pensamento mal passou por sua cabeça. Precisava encontrar alguma maneira de persuadi-los a sair da aldeia... agora, antes que Wulfric soubesse o que haviam feito. O que poderia dizer?

Por um momento, ficou atordoada. Depois, em desespero, declarou:

– Senhor, um mensageiro do conde Roland esteve à sua procura.

Ralph ficou surpreso.

– Quando foi isso?

– Há cerca de uma hora.

Ralph olhou para o cavalariço que segurava a pata do cavalo para sua inspeção.

– Ninguém esteve aqui – informou o homem.

Era natural que um mensageiro fosse até a casa e falasse com os criados do senhor. Ralph perguntou a Gwenda:

– Por que ele transmitiu a mensagem a você?

– Encontrei-o na estrada, nos arredores da aldeia – improvisou ela, desesperada. – Ele perguntou por lorde Ralph e informei que milorde havia saído para caçar e só voltaria na hora do almoço. O mensageiro não quis esperar.

O que era um comportamento insólito para um mensageiro, que costumava parar para comer, beber e descansar o cavalo.

– Por que ele estava com tanta pressa? – perguntou Ralph.

Gwenda respondeu, inventando mais uma desculpa de improviso:

– Queria chegar a Cowford antes do pôr do sol. Não ousei perguntar por quê.

Ralph soltou um grunhido. A última parte era plausível. Não era provável que um mensageiro do conde Roland se sujeitasse a ser interrogado por uma camponesa.

– Por que não me avisou antes?

– Percorri os campos à sua procura, mas milorde passou direto a galope.

– Acho que a vi... mas não importa. Qual era a mensagem?

– O conde Roland pede que vá a Earlscastle o mais depressa possível. – Gwenda respirou fundo e acrescentou outra camada de implausibilidade: – O mensageiro disse que não deveria esperar para terminar de almoçar, mas sim pegar cavalos descansados e partir imediatamente.

Era pouco verossímil, mas tinha de afastá-lo antes que Wulfric aparecesse.

– É mesmo? Ele disse por que precisa de mim com tanta pressa?

– Não.

– Hum... – Ralph ficou pensativo e calado por alguns momentos.

– Vai partir agora? – perguntou Gwenda, ansiosa.

Ele a encarou.

– Isso não é da sua conta – respondeu Ralph, irritado.

– Não quero que digam depois que não deixei bem claro que era urgente.

– Você não quer? Ora, não me importa o que você possa querer ou deixar de querer. Saia agora.

Gwenda tinha de ir embora.

Voltou para a casa de Perkin. Chegou no momento em que os homens retornavam dos campos. Sam continuava quieto e feliz em seu berço. Annet se sentava no mesmo lugar, o vestido abaixado para mostrar as equimoses nos braços. Peg indagou, em tom de acusação:

– Onde você estava?

Gwenda não respondeu. A atenção de Peg foi desviada pela chegada de Perkin, que perguntou assim que entrou em casa:

– Mas o que é isso? O que aconteceu com Annet?

– Ela teve o infortúnio de se encontrar com Ralph e Alan quando estava sozinha na floresta – respondeu Peg.

O rosto de Perkin se contraiu em fúria.

– Por que ela estava sozinha?

– A culpa é minha – murmurou Peg, começando a chorar. – Ela estava preguiçosa demais na lavagem da roupa, como sempre, e mandei que ficasse e terminasse o serviço quando as outras voltaram para casa. Foi quando aqueles animais apareceram.

– Vimos quando eles passaram a cavalo há pouco, por Brookfield – disse Perkin. – Deviam ter acabado de partir. – Ele fez uma pausa. Parecia assustado. – Isso é muito perigoso. O tipo de coisa que pode arruinar uma família.

– Mas nós não fizemos nada de errado! – protestou Peg.

– A culpa de Ralph fará com que ele nos odeie por nossa inocência.

O que provavelmente era verdade, compreendeu Gwenda. Perkin era astuto por trás de seu comportamento subserviente.

O marido de Annet, Billy Howard, entrou na casa, limpando as mãos enlameadas na camisa. O irmão, Rob, veio logo atrás. Billy olhou para os braços da esposa.

– O que aconteceu com você? – perguntou.

– Foram Ralph e Alan – respondeu Peg por ela.

Billy tornou a olhar para Annet, aturdido.

– O que eles fizeram com você?

Annet baixou os olhos e não disse nada.

– Matarei os dois – disse Billy, furioso.

Mas era evidente que não passava de uma ameaça vã: ele era um homem delicado, franzino e nunca se envolvera em brigas, nem mesmo embriagado.

Wulfric foi o último a entrar. Tarde demais, Gwenda compreendeu como Annet parecia atraente naquele momento. Tinha pescoço comprido e ombros lindos, com o alto dos seios à mostra. Wulfric contemplou-a com uma admiração indisfarçada. Nunca fora capaz de esconder seus sentimentos. Depois de um momento, ele notou os machucados e franziu o rosto.

– Eles a estupraram? – perguntou Billy.

Gwenda observava Wulfric. Ao absorver o significado da cena, sua expressão registrou choque e consternação e a pele clara ficou vermelha.

– Eles a estupraram, mulher? – insistiu Billy.

Gwenda sentiu um ímpeto de compaixão pela desagradável Annet. Por que todos achavam que tinham o direito de fazer perguntas angustiantes?

Annet finalmente respondeu à pergunta de Billy com um aceno de cabeça silencioso. O rosto de Wulfric estava dominado por uma raiva sinistra.

– Quem? – rosnou ele.

– Isso não é da sua conta, Wulfric – declarou Billy. – Vá para sua casa.

– Não quero problemas – disse Perkin, trêmulo. – Não devemos deixar que isso nos destrua.

Billy olhou furioso para o sogro.

– O que está querendo dizer? Que não devemos fazer nada?

– Se fizermos de lorde Ralph um inimigo, poderemos sofrer pelo resto de nossas vidas.

– Mas ele estuprou Annet!

– Ralph fez isso? – indagou Wulfric, incrédulo.

– Deus o punirá – declarou Perkin.

– E eu também, por Cristo! – exclamou Wulfric.

– Por favor, Wulfric, não! – suplicou Gwenda.

Ele se encaminhou para a porta.

Gwenda foi atrás, frenética de medo. Segurou-o pelo braço. Só uns poucos minutos haviam se passado desde que ela transmitira a falsa mensagem a Ralph. Mesmo que ele acreditasse, Gwenda não sabia até que ponto levaria a sério a recomendação de urgência. Havia uma boa possibilidade de que Ralph ainda não tivesse deixado a aldeia.

– Não vá até o solar – suplicou ela. – Por favor.

Wulfric desvencilhou-se bruscamente.

– Fique longe de mim!

– Olhe para seu filho! – gritou ela, apontando para Sammy no berço. – Vai deixá-lo sem um pai?

Wulfric saiu. Gwenda o seguiu e os outros homens foram atrás. Wulfric atravessou a aldeia como o anjo da morte, os punhos cerrados nos lados do corpo, o olhar fixo à frente, o rosto contraído num ricto de fúria. Outros aldeões, a caminho de casa para o almoço, falaram com ele, mas não obtiveram resposta. Alguns decidiram acompanhá-lo. Nos poucos minutos necessários para chegar ao solar, Wulfric atraiu uma pequena multidão. Nathan Reeve saiu de sua casa e perguntou a Gwenda o que estava acontecendo.

– Alguém precisa detê-lo, por favor! – foi o que conseguiu dizer.

Era inútil: ninguém ali seria capaz de deter Wulfric mesmo que ousasse tentar. Ele abriu a porta do solar e entrou. Gwenda estava logo atrás, seguida pela multidão. A criada, Vira, protestou, indignada:

– Você deveria bater!

– Onde está seu senhor? – perguntou Wulfric.

Vira ficou assustada com a expressão de Wulfric.

– Ele foi ao estábulo. Está prestes a partir para Earlscastle.

Wulfric passou por ela e atravessou a cozinha. Quando ele e Gwenda saíram pela porta dos fundos, avistaram Ralph e Alan montando. Gwenda poderia ter gritado. Os dois estavam perto o bastante para ouvi-la!

Wulfric saltou para a frente. Com uma inspiração desesperada, Gwenda estendeu o pé e o prendeu no tornozelo de Wulfric. Ele caiu de cara na lama.

Ralph não os viu. Bateu com os calcanhares no cavalo, que saiu trotando do pátio. Alan percebeu a situação no mesmo instante, decidiu evitar problemas e seguiu Ralph. Ao deixarem o pátio, Alan fez seu cavalo galopar. O cavalo de Ralph, ansioso, resolveu acompanhar o galope.

Wulfric se levantou de um pulo, praguejando, e saiu em perseguição. Gwenda também correu. Ele não poderia alcançar os cavalos, mas ela ficou com medo de que Ralph olhasse para trás e parasse o cavalo para descobrir o que estava acontecendo.

Mas os dois homens desfrutavam do vigor de cavalos descansados e dispararam pela estrada que deixava a aldeia sem olharem para trás. Desapareceram em segundos.

Wulfric arriou de joelhos na lama.

Gwenda o alcançou. Passou o braço em torno dele para ajudá-lo a se levantar. Wulfric a empurrou para o lado com tanta força que ela cambaleou e quase caiu. Ficou chocada: nunca fora tão rude com ela.

– Você me fez tropeçar – disse ele enquanto se levantava sem qualquer ajuda.

– Salvei sua vida.

Wulfric a fitou com ódio nos olhos.

– Nunca a perdoarei por isso.



Quando chegou a Earlscastle, Ralph foi informado de que Roland não mandara chamá-lo, muito menos com urgência. As gralhas nas ameias riram dele, desdenhosas. Alan aventou uma explicação:

– Deve ter a ver com Annet. No momento em que partíamos, vi Wulfric saindo pela porta dos fundos do solar. Não me importei com isso na ocasião, mas talvez ele quisesse confrontá-lo.

– Aposto que era isso mesmo. – Ralph levou a mão para a adaga no cinto. – Você deveria ter me avisado, seria uma boa desculpa para enfiar a faca na barriga dele.

– E não resta a menor dúvida de que Gwenda sabia o que ia acontecer. Por isso inventou aquela desculpa para afastá-lo de seu marido assassino.

– É isso mesmo – concordou Ralph. – Explicaria por que ninguém mais viu o tal mensageiro. Ele nunca existiu. Uma vaca astuciosa.

Ela deveria ser punida, mas isso poderia ser difícil. Gwenda provavelmente diria que fizera o que achava melhor e Ralph não poderia alegar que ela errara ao impedir que o marido atacasse o senhor de Wigleigh. Pior ainda: se o seu protesto fosse aberto, chamaria a atenção para o fato de que ela o enganara. Portanto, não poderia haver nenhuma punição formal, mas ele poderia encontrar uma maneira extraoficial de castigá-la.

Já que estava em Earlscastle, resolveu aproveitar a oportunidade para caçar com o conde e os homens de sua corte. Esqueceu Annet até o final do segundo dia, quando Roland o chamou para um encontro em sua sala particular. Somente o secretário do conde, padre Jerome, estava em sua companhia. Roland não convidou Ralph a sentar.

– O padre de Wigleigh está aqui – anunciou ele.

– O padre Gaspard? Em Earlscastle? – Ralph ficou surpreso.

Roland não se deu o trabalho de responder a essas perguntas retóricas.

– Ele se queixa de que você estuprou uma mulher chamada Annet, esposa de Billy Howard, um de seus servos.

O coração de Ralph quase parou. Não imaginara que os camponeses tivessem coragem de se queixar ao conde. Era muito difícil para um servo acusar um senhor num tribunal. Mas eles podiam ser astuciosos, e alguém em Wigleigh fora bastante hábil para persuadir o padre a apresentar a queixa. Ralph assumiu uma expressão de indiferença.

– Isso é bobagem. Eu me deitei com a mulher, é verdade, mas porque ela estava disposta. – Lançou a Roland o chamado olhar de homem para homem. – Mais do que disposta.

Uma expressão de aversão se estampou no rosto de Roland, que se virou para o padre Jerome com um olhar inquisitivo.

Jerome era instruído e ambicioso, um tipo que Ralph detestava. Exibia uma expressão presunçosa.

– A garota está aqui – disse ele. – Mulher, eu deveria dizer, embora tenha

apenas 19 anos. Tem os braços bastante machucados e o vestido manchado de sangue. Diz que o encontrou na floresta e que seu escudeiro se ajoelhou sobre os braços dela para imobilizá-la. E um homem chamado Wulfric também veio para informar que você foi visto se afastando a galope do local.

Ralph calculou que fora Wulfric quem persuadira o padre Gaspard a vir a Earlscastle.

– Não é verdade – declarou, tentando imprimir um tom de indignação à voz.

Jerome se mostrou cético.

– Por que ela mentiria?

– Talvez alguém nos tenha visto e contado ao marido. Imagino que foi ele quem a deixou machucada. A mulher gritou que fora estuprada para que ele não continuasse a espancá-la. E depois manchou o vestido com sangue de galinha.

Roland suspirou.

– É um tanto exagerado, não é, Ralph?

Ralph não tinha certeza do que isso significava. O conde esperava que seus homens se comportassem como os malditos monges?

– Fui advertido de que você poderia se comportar dessa maneira – acrescentou Roland. – Minha nora sempre disse que você me traria problemas.

– Philippa?

– Lady Philippa para você.

Ralph compreendeu tudo de repente e disse, incrédulo:

– Foi por isso que não me promoveu logo depois que salvei sua vida? Porque uma mulher era contra mim? Que tipo de exército terá se deixar que as mulheres escolham seus homens?

– Você tem razão, é claro, por isso fui contra a opinião dela no final. O que as mulheres jamais compreendem é que um homem sem um pouco de fúria só serve para arar a terra. Não podemos levar os fracos para a batalha. Mas Philippa tinha razão quando disse que você me causaria problemas. Não queremos ser incomodados, em tempos de paz, por padres se queixando de que esposas de servos foram estupradas. Não faça isso de novo. Não me importo se você se deita com as camponesas. Por falar nisso, também não me importo caso se deite com homens. Mas, se quiser se deitar com a esposa de um homem, disposta ou não, deve estar preparado para compensar o marido de alguma maneira. A

maioria dos camponeses pode ser comprada. Apenas não deixe que isso vire um problema para mim.

– Certo, milorde.

– O que devo fazer com Gaspard? – perguntou Jerome.

– Deixe-me ver... – Roland pensou por um momento. – Wigleigh fica no extremo do meu território, não muito longe das terras do meu filho William, não é mesmo?

– É, sim – respondeu Ralph.

– A que distância você estava da fronteira quando encontrou a tal garota?

– Cerca de um quilômetro e meio. Foi nos arredores de Wigleigh.

– Não importa. – O conde se virou para Jerome. – Todos saberão que é apenas uma desculpa, mas diga ao padre Gaspard que o incidente ocorreu no território de lorde William, por isso não posso julgá-lo.

– Está bem, milorde.

– E se eles forem falar com William? – perguntou Ralph.

– Duvido muito que isso aconteça. Mas se eles insistirem, você deve chegar a um acordo com ele. Os camponeses acabarão se cansando de protestar.

Ralph acenou com a cabeça, aliviado. Por um momento, sentira o medo de ter cometido um terrível erro de julgamento e de que, no final das contas, poderia ter de pagar o preço por estuprar Annet. Mas acabara escapando impune como esperava.

– Obrigado, milorde.

Ele se perguntou o que seu irmão diria. O pensamento o encheu de vergonha. Mas talvez Merthin nunca descobrisse.



– Devemos nos queixar a lorde William – disse Wulfric quando voltaram a Wigleigh.

Toda a aldeia estava reunida na igreja para discutir o problema. O padre Gaspard e Nathan Reeve estavam ali, mas Wulfric parecia ser o líder, apesar de sua juventude. Fora para a frente da igreja, deixando Gwenda e o bebê Sammy no meio da multidão.

Gwenda rezava para que decidissem abandonar o caso. Não era porque quisesse que Ralph permanecesse impune. Ao contrário, gostaria de vê-lo fervido vivo. Ela própria matara dois homens por apenas ameaçá-la de estupro, algo de que se lembrou algumas vezes durante a discussão, sempre com um sobressalto. Mas não queria que Wulfric assumisse um papel de destaque. Em parte porque ele era impulsionado pela chama que não se extinguira de seu sentimento por Annet, o que magoava e entristecia Gwenda. Ainda mais importante, porém, era o fato de que temia por ele. A hostilidade entre o marido e Ralph já custara a herança de Wulfric. Que outra vingança Ralph poderia executar?

– Sou o pai da vítima e não quero mais criar problemas por isso – declarou Perkin. – É muito perigoso se queixar das ações de um senhor. Ele sempre encontra uma maneira de punir os queixosos, quer estejam certos ou errados. Vamos abandonar o caso.

– É tarde demais para isso – argumentou Wulfric. – Já nos queixamos, ou pelo menos nosso padre se queixou. Não temos nada a ganhar se recuarmos agora.

– Fomos muito longe – insistiu Perkin. – Ralph ficou embaraçado na presença do conde. Sabe agora que não pode fazer o que bem quiser aqui.

– Ao contrário – disse Wulfric. – Ele acha que escapou impune. Receio que fará de novo. Nenhuma mulher da aldeia estará segura.

A própria Gwenda já apresentara a Wulfric todos os argumentos que Perkin agora expunha. Wulfric não respondera. Mal falava com ela desde que o fizera tropeçar junto da porta dos fundos do solar. A princípio, Gwenda dissera a si mesma que ele apenas estava de mau humor porque se sentia um tolo. Esperava que ele tivesse esquecido o ressentimento ao voltar de Earlscastle. Mas se enganara. Wulfric não a tocava mais, na cama ou fora dela, havia uma semana. Quase nunca a fitava nos olhos e lhe falava apenas em monossílabos e grunhidos, o que começava a deixá-la deprimida.

– Você nunca vencerá Ralph – interveio Nathan Reeve. – Os servos sempre perdem para os senhores.

– Não tenho tanta certeza assim – respondeu Wulfric. – Todos têm inimigos. Talvez não sejamos as únicas pessoas que gostariam de ver Ralph contido.

Talvez não seja possível obter sua condenação num tribunal, mas devemos lhe infligir o máximo de problemas e embaraços se quisermos que ele hesite antes de agir de novo.

Alguns aldeões acenaram com a cabeça em concordância, mas nenhum se manifestou em apoio a Wulfric. Gwenda começou a acalentar a esperança de que ele perderia a discussão. Seu marido, no entanto, era acima de tudo determinado. Virou-se então para o padre.

– O que acha, padre Gaspard?

Gaspard era jovem, pobre e muito sério. Não tinha medo da nobreza. Não era ambicioso – não queria se tornar um bispo e se juntar à classe dominante –, por isso não sentia necessidade de agradar à aristocracia.

– Annet foi violada com toda a crueldade, a paz de nossa aldeia foi criminosamente destruída e lorde Ralph cometeu um pecado infame, que deve confessar e do qual deve se arrepender. Pelo bem da vítima e também por nosso orgulho e para salvar lorde Ralph das chamas do inferno, devemos procurar lorde William.

Soaram murmúrios de concordância.

Wulfric olhou para Billy Howard e Annet, sentados lado a lado. Em última análise, pensou Gwenda, as pessoas provavelmente fariam o que Annet e Billy quisessem.

– Não quero problemas – disse Billy. – Mas devemos terminar o que começamos, pelo bem de todas as mulheres da aldeia.

Annet não ergueu os olhos do chão, mas balançou a cabeça em assentimento. Gwenda compreendeu, consternada, que Wulfric prevalecera.

– Você conseguiu o que queria – comentou ela ao deixarem a igreja.

Wulfric se limitou a resmungar.

– Suponho que agora continuará a arriscar sua vida pela esposa de Billy Howard enquanto se recusa a falar com a própria esposa – insistiu ela.

Ele não disse nada. Sammy sentiu a hostilidade e começou a chorar.

Gwenda estava desesperada. Movera céus e terras para conquistar o homem que amava, se casara com ele e tivera um filho e agora era tratada como uma inimiga. O pai nunca se comportara daquela maneira com sua mãe – não que o comportamento de Joby fosse um exemplo. Mas ela não tinha a menor ideia de

como lidar com Wulfric. Tentara usar Sammy, segurando-o em um dos braços enquanto tocava o marido com a outra mão, numa tentativa de recuperar sua afeição por associá-la ao menino que ele tanto amava, mas Wulfric apenas se afastara, rejeitando ambos. Até tentara o sexo, pressionando os seios contra suas costas à noite, passando a mão por sua barriga, segurando o pênis, mas de nada adiantara... como ela poderia adivinhar, ao recordar a resistência dele no verão passado, antes do casamento de Annet com Billy. Então, frustrada, Gwenda gritou:

– O que há de errado com você? Tentei salvar sua vida!

– Não deveria ter feito aquilo.

– Se eu deixasse você matar Ralph, seria enforcado!

– Não tinha o direito.

– Que importa se eu tinha o direito ou não?

– Essa é a filosofia de seu pai, não é mesmo?

Gwenda ficou surpresa.

– Como assim?

– Seu pai acredita que não importa se tem ou não o direito de fazer alguma coisa. Se é para melhor, ele faz. Como vendê-la para alimentar a família.

– Eles me venderam para ser estuprada. Eu fiz você tropeçar para salvá-lo da forca. É completamente diferente.

– Enquanto continuar a dizer isso a si mesma, nunca poderá compreendê-lo, e nem a mim.

Gwenda concluiu que não conseguiria recuperar sua afeição ao tentar provar que ele estava errado.

– Eu... não compreendo.

– Você me tirou o poder de tomar minhas decisões. Tratou-me como seu pai a tratava, como uma coisa a ser controlada, não como uma pessoa. Não importa se estou certo ou errado. O que importa é que cabe a mim decidir, não a você. Mas não pode perceber isso, assim como seu pai também não percebeu o que tirou de você quando a vendeu.

Gwenda ainda achava que as duas coisas eram completamente diferentes, mas não insistiu na discussão porque começava a entender o que o deixara tão furioso. Wulfric era zeloso de sua independência – algo que ela podia entender,

porque sentia a mesma coisa. E o privara disso. Ela disse, hesitante:

– Eu... acho que entendo.

– Entende mesmo?

– De qualquer forma, tentarei nunca mais fazer isso.

– Ótimo.

Ela só em parte acreditava que errara, mas estava tão ansiosa por encerrar a guerra entre os dois que disse:

– Desculpe.

– Está bem.

Wulfric não falara muita coisa, mas ela sentiu que ele podia estar abrandando.

– Sabe que não quero que se queixe a lorde William sobre Ralph. Mas, se está mesmo determinado, não tentarei impedi-lo.

– Fico contente.

– Na verdade, posso até ajudá-lo.

– É mesmo? Como?

36

A residência de lorde William e lady Philippa, em Casterham, fora outrora um castelo. Ainda havia uma torre redonda de pedra com ameias, embora estivesse em ruínas e fosse usada agora como um estábulo. A muralha em torno do pátio estava intacta, mas o poço secara e o terreno na encosta remanescente era usado para o cultivo de legumes e árvores frutíferas. Onde antes havia uma ponte levadiça, uma simples rampa levava agora à casa da guarda.

Gwenda, com Sammy no colo, passou sob a arcada da casa da guarda junto com o padre Gaspard, Billy Howard, Annet e Wulfric. Um jovem homem de armas estava sentado descontraído num banco, mas viu o hábito do padre e não os deteve. O clima relaxado encorajou Gwenda. Esperava ter uma audiência particular com lady Philippa.

Entraram na casa pela porta principal e se descobriram num grande salão tradicional, com janelas como as de uma igreja. Parecia ocupar a metade do espaço total da casa. O resto, podia-se presumir, seria de aposentos pessoais, à maneira moderna, que enfatizava a privacidade da família nobre em detrimento das defesas militares.

Um homem de meia-idade usando um gibão de couro sentava a uma mesa, contando entalhes num bastão de registros. Ergueu os olhos para fitá-los, concluiu a contagem e escreveu uma anotação numa lousa antes de dizer:

– Bom dia, estranhos.

– Bom dia, mestre bailio – disse Gaspard, deduzindo a ocupação do homem.

– Viemos falar com lorde William.

– Ele deve voltar até a hora do almoço – informou o bailio, polido. – Posso perguntar sobre o que desejam falar com ele?

Enquanto Gaspard começava a explicar, Gwenda se esgueirou para os fundos

da casa. Deu a volta para a entrada dos criados. Havia ali um anexo de madeira que ela calculou ser a cozinha. Uma criada estava sentada num banco ao lado da porta, com um saco de repolhos, tirando a lama deles numa enorme bacia com água. Era jovem e olhou com uma expressão afetuosa para o bebê.

– Que idade ele tem?

– Quatro meses, quase 5. Seu nome é Samuel. Sempre o chamamos de Sammy ou Sam.

O bebê sorriu e a jovem exclamou:

– Que lindo!

– Sou uma mulher comum como você – disse Gwenda –, mas preciso falar com lady Philippa.

A jovem franziu o rosto, aflita.

– Sou apenas a criada da cozinha.

– Mas deve vê-la de vez em quando. Poderia interceder por mim.

A criada olhou para trás, como se estivesse preocupada com a possibilidade de ser ouvida.

– Não gostaria de fazer isso.

Gwenda compreendeu que poderia ser mais difícil do que previra.

– Não poderia apenas transmitir uma mensagem minha?

A criada balançou a cabeça em negativa. E foi nesse instante que uma voz indagou do interior da casa:

– Quem quer me enviar uma mensagem?

Gwenda ficou tensa, pensando que poderia ter se metido em alguma encrenca. Olhou para a porta da cozinha. Um momento depois, lady Philippa apareceu.

Não chegava a ser uma linda mulher, mas era atraente. Tinha nariz reto, queixo saliente, olhos verdes grandes e claros. Não estava sorrindo, até franzia um pouco as sobrancelhas, mas ainda assim havia algo de cordial e compreensivo em seu rosto.

– Sou Gwenda de Wigleigh, milady.

– Wigleigh... – O rosto de Philippa se franziu ainda mais. – E o que tem para me dizer?

– É sobre lorde Ralph.

– Era o que eu receava. Vamos entrar e aquecer o bebê junto ao fogo da cozinha.

Muitas damas da nobreza teriam se recusado a falar com alguém tão insignificante quanto Gwenda, mas ela calculara que Philippa tinha um enorme coração por trás do exterior um tanto intimidativo. Entrou na cozinha seguindo Philippa. Sammy começou a fazer caretas e ela lhe deu o seio.

– Pode se sentar – disse Philippa.

E isso era ainda mais inesperado. Uma serva costumava ficar de pé ao falar com uma dama. Philippa estava sendo gentil por causa do bebê, concluiu Gwenda.

– Muito bem, pode começar a falar – disse Philippa. – O que Ralph fez?

– Talvez se lembre, milady, de uma briga na Feira do Velocino de Kingsbridge no ano passado.

– Claro que lembro. Ralph acariciou uma camponesa, e seu belo e jovem noivo quebrou o nariz dele. O garoto não deveria ter feito isso, é verdade, mas Ralph é um bruto grosseiro.

– E é mesmo. Na semana passada ele encontrou na floresta a mesma garota, Annet. O escudeiro a imobilizou no chão enquanto Ralph a estuprava.

– Deus nos guarde! – Philippa parecia consternada. – Ralph é um animal, um porco selvagem. Eu sabia que ele nunca deveria ter sido promovido a lorde. Bem que disse a meu sogro para não fazer isso.

– É uma pena que o conde não tenha seguido seu conselho.

– E suponho que o noivo agora queira justiça.

Gwenda hesitou. Não tinha certeza de quanto deveria contar da complicada história. Mas sentiu que seria um erro omitir qualquer coisa.

– Annet se casou, milady, mas com outro homem.

– E quem foi a moça afortunada que se casou com um rapaz tão bonito?

– Wulfric acabou se casando comigo.

– Meus parabéns.

– Embora Wulfric esteja aqui, junto com o marido de Annet, para testemunhar.

Philippa fitou Gwenda atentamente. Parecia prestes a fazer um comentário, mas mudou de ideia.

– Por que vieram até aqui? Wigleigh não fica no território de meu marido.

– O incidente foi na floresta e o conde diz que foi nas terras de lorde William. Por isso ele não pode julgar.

– É apenas uma desculpa. Roland julga qualquer coisa que quiser. Só não quer punir um homem que foi promovido há pouco tempo.

– Seja como for, o padre de nossa aldeia está aqui para relatar a lorde William o que aconteceu.

– E o que quer que eu faça?

– É mulher e pode compreender. Sabe como os homens inventam desculpas para o estupro. Dizem que a mulher devia estar flertando ou fazendo algo provocante.

– Tem razão.

– Se Ralph escapar impune, pode fazer de novo... talvez comigo.

– Ou comigo – disse Philippa. – Devia ver a maneira como olha para mim. Parece um cachorro olhando para um ganso no lago.

Isso era animador.

– Talvez possa fazer com que lorde William compreenda como é importante que Ralph não escape impune.

Philippa assentiu.

– Acho que posso.

Sammy parara de mamar e adormecera. Gwenda se levantou.

– Obrigada, milady.

– Fico contente por você ter me procurado.

Lorde William os convocou para a manhã seguinte. O encontro foi no grande salão. Gwenda ficou contente ao ver lady Philippa sentada ao lado do marido. Ela ofereceu um olhar cordial a Gwenda, que torceu para que isso significasse que já conversara com o marido.

William era alto e tinha cabelos pretos como seu pai, o conde, mas estava começando a ficar careca. O domo por cima da barba e das sobrancelhas escuras sugeria um tipo mais ponderado de autoridade, o que combinava com sua

reputação. Examinou o vestido manchado de sangue e as equimoses de Annet, roxas agora, em vez do vermelho intenso original. Mesmo assim, provocaram uma expressão de fúria no rosto de lady Philippa. Gwenda adivinhou que não era tanto pela severidade das lesões, mas pela imagem sinistra que projetavam, de um escudeiro musculoso ajoelhado sobre os braços de uma jovem a fim de imobilizá-la enquanto outro homem a estuprava.

– Você fez tudo corretamente até agora – declarou lorde William a Annet. – Seguiu imediatamente para a aldeia mais próxima, mostrou os ferimentos aos homens de reputação aqui presentes e deu o nome do atacante. Agora tem de apresentar uma denúncia a um juiz de paz no tribunal do condado de Shiring.

Ela se mostrou ansiosa.

– O que isso significa?

– É uma acusação, escrita em latim.

– Não sei escrever em inglês, milorde, muito menos em latim.

– O padre Gaspard pode fazer isso por você. O juiz submeterá a denúncia a um júri de indiciamento. Você terá de contar aos jurados o que aconteceu. Pode fazer isso? Eles talvez perguntem sobre alguns detalhes embaraçosos.

Annet anuiu com a cabeça, determinada.

– Se acreditarem em você, os jurados mandarão o representante do rei convocar lorde Ralph ao tribunal, um mês depois, para ser julgado. Nesse caso, você vai precisar de dois fiadores, pessoas que depositem uma quantia em dinheiro para garantir sua presença no tribunal.

– Mas quem seriam meus fiadores?

– Padre Gaspard pode ser um deles e eu serei o outro. Entrarei com o dinheiro.

– Obrigada, milorde.

– Agradeça à minha esposa, que me persuadiu a não permitir que a paz do rei seja violada em meu território por um ato de estupro.

Annet lançou um olhar agradecido para Philippa.

Gwenda olhou para Wulfric. Relatara ao marido sua conversa com a esposa de lorde William. Agora, ele a fitou nos olhos e fez um aceno de cabeça quase imperceptível, em agradecimento. Sabia que fora ela quem conseguira aquilo.

– No julgamento – continuou lorde William –, terá de contar a história de

novo. Seus amigos terão de se apresentar como testemunhas. Gwenda dirá que a viu sair da floresta com o vestido ensanguentado. Padre Gaspard dirá que você lhe contou o que acontecera. Wulfric dirá que viu Ralph e Alan se afastando a galope do local.

Todos acenaram com a cabeça, solenes.

– Só mais uma coisa. Depois que se começa algo assim, não se pode mais parar. Retirar uma denúncia é um crime e você seria punida com a maior severidade. Para não falar da vingança de Ralph.

– Não mudarei de ideia – garantiu Annet. – Mas o que vai acontecer com Ralph? Como ele será punido?

– Só há uma penalidade para o estupro – respondeu William. – Ele será enforcado.



Todos dormiram no grande salão do castelo, com os servos, escudeiros e cavalos de William, envoltos por seus mantos e estendidos em esteiras de juncos no chão. À medida que diminuía a claridade das brasas na imensa lareira, Gwenda procurou hesitante pelo marido. Pôs a mão em seu braço, esfregou a lã de seu manto. Não faziam amor desde o estupro e ela estava insegura, sem saber se Wulfric a queria ou não. Enfurecera-o demais ao estender o pé para fazê-lo tropeçar. Será que agora ele achava que sua intervenção junto a lady Phlippa compensara isso?

Wulfric reagiu de imediato à sua iniciativa, puxando-a e beijando-a nos lábios. Ela relaxou agradecida em seus braços. Acariciaram um ao outro durante algum tempo. Gwenda ficou tão feliz que teve vontade de chorar.

Esperou que Wulfric rolasse para cima dela, mas isso não aconteceu. Podia dizer que ele queria, pois estava sendo muito afetuoso e tinha o pênis duro em sua mão, mas talvez hesitasse porque havia muita gente ao redor. As pessoas faziam sexo em salões como aquele, é claro. Era normal e ninguém se importava. Mas talvez Wulfric se sentisse inibido.

Gwenda, no entanto, estava determinada a sacramentar o restabelecimento do amor. Passado algum tempo, montou nele, puxando o manto para cobri-los.

Ao começarem a se mexer juntos, ela percebeu que um adolescente os observava, de olhos arregalados, a poucos metros de distância. Os adultos olhavam polidamente para outro lado, é claro, mas aquele garoto alcançara uma idade em que o sexo é um mistério cativante, e era óbvio que não conseguiria desviar os olhos. Gwenda estava tão feliz que não se importou. Olhou para o garoto e sorriu, sem parar de se mexer. Ele ficou boquiaberto, em choque, dominado por um embaraço angustiante. Mortificado, deitou-se de costas e cobriu os olhos com o braço.

Gwenda puxou o manto por cima de sua cabeça e da de Wulfric, comprimiu o rosto contra o pescoço dele e se entregou ao prazer.

37

Caris se sentia confiante na segunda vez em que compareceu ao tribunal real. O vasto interior de Westminster Hall não mais a intimidava, nem a massa de pessoas ricas e poderosas que se agrupava em torno dos juízes. Já passara por aquilo antes, conhecia os trâmites. Tudo o que parecera estranho um ano atrás era agora familiar. Até usava um vestido à moda de Londres, verde no lado direito e azul no esquerdo. Gostava de estudar as pessoas ao seu redor, de interpretar suas expressões: presunçosas ou desesperadas, atordoadas ou insidiosas. Podia reconhecer as que eram novas na capital por seus olhos arregalados e suas atitudes de incerteza, o que lhe proporcionava um sentimento agradável de percepção e superioridade.

Se ela sentia quaisquer apreensões, era por causa de seu advogado, Francis Bookman. Ele era jovem e bem informado, além de parecer muito seguro... o que acontecia com a maioria dos advogados, pensou Caris. Um homem pequeno, com cabelos louro-avermelhados, de movimentos rápidos e sempre preparado para uma discussão, ele a fazia pensar num passarinho insolente no peitoril de uma janela, bicando as migalhas e afugentando agressivamente os rivais. Garantira que o caso deles era incontestável.

Godwyn contratara Gregory Longfellow, como era de esperar. Gregory vencera o processo contra o conde Roland, e Godwyn não podia deixar de lhe pedir que representasse o priorado de novo. Ele já demonstrara sua competência, enquanto Bookman era uma incógnita. Mas Caris contava com um trunfo especial, algo que seria um choque para Godwyn quando fosse apresentado.

Godwyn não tinha a menor noção de que traíra Caris, seu pai e toda a cidade de Kingsbridge. Sempre se apresentara como um reformador, impaciente com as posições reacionárias do prior Anthony, interessado nas necessidades da cidade,

ansioso pela prosperidade tanto dos monges quanto dos mercadores. Mas, um ano depois de se tornar prior, ele se mudara para o lado oposto e se tornara um tradicionalista ainda maior do que Anthony. E parecia não ter a menor vergonha. Caris sentia uma raiva intensa cada vez que pensava a respeito.

Ele não tinha o direito de obrigar os habitantes da cidade a usarem o moinho de pisoar. Suas outras imposições – a proibição de moinhos manuais para os grãos, as multas por viveiros de peixes e coelhos particulares – eram corretas em termos técnicos, embora de um rigor absurdo. Mas o moinho de pisoar devia ser gratuito, e Godwyn sabia disso. Caris especulava se ele acreditava mesmo que qualquer fraude era perdoável, desde que fosse realizada em nome da obra de Deus. Os homens de Deus não deveriam ser mais escrupulosos em questões de honestidade do que os leigos, então?

Ela apresentou a questão ao pai enquanto esperavam no tribunal pelo início do julgamento. Edmund retorquiu:

– Nunca confio em ninguém que proclama sua moralidade do púlpito. O homem que apregoa seus elevados princípios sempre pode encontrar um pretexto para violar as próprias regras. Prefiro fazer negócios com um pecador comum, que provavelmente acha que é uma vantagem sua, a longo prazo, dizer a verdade e cumprir suas promessas. Não é provável que ele mude de ideia a respeito.

Em momentos como aquele, quando o pai se mostrava como era antigamente, é que Caris mais compreendia quanto ele mudara. Edmund já não era mais tão sagaz, não tinha a mente tão ágil. Era mais comum que estivesse distraído e esquecido. Caris desconfiava que o declínio começara meses antes de ela ter notado e provavelmente explicava seu fracasso desastroso em prever o colapso do mercado de lã.

Depois de vários dias de espera, foram chamados a comparecer à presença de sir Wilbert Wheatfield, o juiz de rosto rosado e dentes podres que decidira a favor do priorado, contra o conde Roland, um ano antes. A confiança de Caris começou a se desvanecer no momento em que o juiz se sentou à sua bancada, junto da parede leste. Era assustador que um mero mortal tivesse tanto poder. Se ele tomasse a decisão errada, o novo empreendimento de fabricação de tecidos de Caris seria sufocado, o pai ficaria arruinado e ninguém teria condições de pagar a nova ponte.

Mas depois, quando seu advogado começou a falar, ela passou a se sentir melhor. Francis iniciou por um relato sobre o moinho de pisoar, dizendo como fora inventado pelo lendário Jack Builder, que construíra o primeiro, e como o prior Philip o dera aos habitantes da cidade para que pudessem usá-lo sem pagar nada.

Em seguida, o advogado de Caris tratou dos argumentos contrários de Godwyn, refutando o prior antes mesmo de seu ataque.

– É verdade que o moinho está em péssimas condições, é lento e propenso a quebrar com frequência – afirmou. – Mas como o prior pode argumentar que as pessoas perderam o direito de usá-lo? O moinho é propriedade do priorado, e cabe ao priorado cuidar de sua manutenção. O fato de não ter cumprido seu dever não faz diferença. O povo não tem o direito de reparar o moinho e também não tem a obrigação de fazê-lo. A doação do prior Philip não foi condicional.

Foi então que Francis apresentou sua arma secreta:

– Caso o prior tente alegar que a doação foi condicional, convido o tribunal a ler esta cópia do testamento do prior Philip.

Godwyn ficou atônito. Insistira que o testamento se perdera. Mas Thomas Langley concordara em procurá-lo como um favor para Merthin e o tirara às escondidas da biblioteca por um dia, o tempo suficiente para Edmund copiá-lo.

Caris não pôde deixar de exultar com a expressão de choque e a indignação no rosto de Godwyn ao descobrir que sua fraude fora frustrada. Ele se adiantou e indagou, furioso:

– Como isso foi obtido?

A pergunta era reveladora. Ele não disse “Onde foi encontrado?”, o que seria a indagação lógica se o documento estivesse realmente perdido.

Gregory Longfellow pareceu se irritar e acenou para que ele se calasse. Godwyn fechou a boca e recuou, compreendendo que revelara sua manobra, mas já era tarde demais, pensou Caris. O juiz deve ter percebido que a única razão para Godwyn estar furioso era o fato de saber que o documento favorecia os habitantes da cidade, razão pela qual tentara suprimi-lo.

Francis concluiu rapidamente depois disso. Uma boa decisão, pensou Caris, pois assim a duplicidade de Godwyn estaria recente na mente do juiz enquanto seu advogado apresentasse a argumentação da defesa.

Mas a alegação de Gregory pegou a todos de surpresa. Ele se adiantou e disse:

– Senhor, Kingsbridge não é um burgo com carta régia.

Ele parou por aí, como se isso fosse tudo o que precisava dizer. Era verdade, de um ponto de vista técnico. A maioria das cidades tinha uma carta régia que concedia o direito de comerciar e realizar mercados sem obrigações com o conde ou barão local. Seus cidadãos eram homens livres, só devendo fidelidade ao rei. Mas umas poucas cidades, como Kingsbridge, permaneciam como propriedade de um suserano, em geral um bispo ou um prior, como Saint Albans e Bury Saint Edmunds. A posição dessas cidades era menos clara.

– Isso faz diferença – declarou o juiz. – Somente homens livres podem recorrer ao tribunal real. O que tem a dizer sobre isso, Francis Bookman? Seus clientes são servos?

Francis se virou para Edmund. Em voz baixa e urgente, perguntou:

– Os habitantes da cidade já apelaram ao tribunal real antes?

– Não. O prior apelou...

– Mas não a guilda da paróquia? Mesmo antes de seu tempo?

– Não há registro.

– Portanto, não podemos alegar um precedente. Droga!

Francis tornou a se virar para o juiz, a expressão passando de preocupada a confiante num relance, e falou como se fosse condescendente com algo trivial:

– Senhor, os habitantes da cidade são livres. Desfrutam a condição de um burgo.

Gregory se apressou em dizer:

– Não há um padrão universal das condições de burgo. Significa coisas diferentes em lugares diferentes.

– Há uma declaração de costumes escrita? – perguntou o juiz.

Francis olhou para Edmund, que balançou a cabeça em negativa.

– Nenhum prior jamais concordaria que essas coisas fossem escritas – disse.

Francis tornou a se virar para o juiz.

– Não há declaração escrita, senhor, mas é evidente...

– Então este tribunal deve decidir se são ou não homens livres – declarou o juiz.

Edmund falou diretamente ao juiz:

– Senhor, os cidadãos têm o direito de comprar e vender suas casas.

Era um direito importante não concedido aos servos, que precisavam da permissão de seus senhores.

– Mas continuam a ter obrigações feudais – insistiu Gregory. – Devem usar os moinhos e viveiros de peixes do prior.

– Esqueça os viveiros de peixes – interveio sir Wilbert. – O fator básico é o relacionamento dos cidadãos com a justiça real. A cidade admite livremente o representante do rei?

Foi Gregory quem respondeu:

– Não. Ele deve pedir permissão para entrar na cidade.

– É uma decisão do prior, não nossa! – protestou Edmund, indignado.

– Vamos continuar – disse sir Wilbert. – Os cidadãos servem em júris reais ou alegam isenção?

Edmund hesitou. Godwyn exultou. Servir em júris reais era uma tarefa que exigia muito tempo e que todos evitavam se pudessem. Após uma pausa, Edmund respondeu:

– Alegamos isenção.

– Nesse caso, o problema está resolvido – declarou o juiz. – Se vocês recusam esse dever sob a alegação de que são servos, não podem passar por cima de seu senhor e apelar para a justiça real.

Gregory pediu, triunfante:

– À luz do que foi dito aqui, solicito que seja indeferido o pleito dos habitantes da cidade.

– Assim está decidido – declarou o juiz.

Francis ficou revoltado.

– Senhor, posso falar?

– Claro que não.

– Mas, senhor...

– Mais uma palavra e mandarei prendê-lo por desacato.

Francis fechou a boca e franziu a testa.

– Próximo caso – disse sir Wilbert.

Outro advogado começou a falar. Caris estava atordoada.

– Deveriam ter me informado que eram servos! – disse Francis a Edmund em tom de protesto.

– Não somos.

– O juiz decidiu que são. Não posso ganhar um processo se as informações que recebo são apenas parciais.

Caris decidiu não discutir. Era o tipo de jovem que não admitiria um erro.

Godwyn estava tão satisfeito consigo mesmo que dava a impressão de que poderia estourar de tanto orgulho. Ao se retirar, não pôde resistir a uma farpa. Acenou um dedo para Edmund e Caris e declarou, solene:

– Espero que, no futuro, entendam a sabedoria de se submeter à vontade de Deus.

– Não amole! – exclamou Caris, virando-lhe as costas. Depois disse para o pai: – Isso nos deixa completamente impotentes. Provamos que tínhamos o direito de usar o moinho de pisoar de graça, mas ainda assim Godwyn pode nos negar esse direito.

– É o que parece – murmurou Edmund.

Caris se virou para Francis, ainda furiosa.

– Deve haver alguma coisa que possamos fazer.

– Podem converter Kingsbridge num burgo, com uma carta régia fixando seus direitos e liberdades. Nesse caso, teriam acesso ao tribunal real.

Caris percebeu um vislumbre de esperança.

– O que temos de fazer para conseguir isso?

– Devem solicitar ao rei.

– E ele aceitaria?

– Se argumentarem que precisam disso para pagar seus impostos, tenho certeza de que o rei escutaria.

– Então devemos tentar.

– Godwyn ficará furioso – advertiu Edmund.

– Pois que fique – reagiu Caris, sombria.

– Não subestime o desafio – insistiu o pai. – Sabe como ele é implacável, até mesmo nas pequenas disputas. Uma coisa assim pode levar a uma guerra total.

– Pois que assim seja. Teremos uma guerra total.



– Oh, Ralph, como você foi capaz de fazer isso? – indagou a mãe.

Merthin estudava o rosto do irmão à luz fraca na casa dos pais. Ralph parecia dividido entre a negativa pura e simples e a tentativa de se justificar. Afinal disse:

– Ela me levou a isso.

Maud estava mais angustiada do que zangada.

– Mas ela é esposa de outro homem, Ralph!

– Esposa de um camponês.

– Mesmo assim.

– Não se preocupe, mãe. Nunca condenarão um senhor pela palavra de uma serva.

Merthin não tinha tanta certeza. Ralph era um lorde de menor importância, e parecia ter atraído a hostilidade de William de Caster. Não havia como prever qual seria o resultado do julgamento. O pai interveio, rigoroso:

– Mesmo que não o condenem... e rezo por isso... pense um pouco na vergonha. Você é filho de um cavaleiro! Como pôde se esquecer disso?

Merthin ficou horrorizado e perturbado, mas não surpreso. Aquela veia de violência sempre fora parte da natureza de Ralph. Na infância, ele sempre se mostrava ansioso por uma briga, e Merthin muitas vezes tivera de interferir para evitar um confronto físico, com uma palavra conciliadora ou uma piada. Se qualquer outro que não seu irmão tivesse cometido aquele horrível estupro, Merthin torceria para que fosse enforcado.

Ralph olhava a todo instante para Merthin. Estava preocupado com a reprovação do irmão, talvez mais do que com a reação da mãe. Ralph sempre se importara com a opinião do irmão mais velho a seu respeito. Merthin gostaria que houvesse alguma maneira de manter Ralph acorrentado para impedi-lo de atacar as pessoas, agora que não estava mais por perto para livrá-lo dos problemas.

A discussão com os pais transtornados continuaria por mais algum tempo se não houvesse uma batida à porta da casa modesta. Caris entrou. Sorriu para Gerald e Maud. Seu rosto mudou quando viu Ralph. Merthin calculou que ela

viera à sua procura. Levantou-se.

– Não sabia que já havia voltado de Londres.

– Acabei de chegar. Podemos conversar?

Merthin pôs um manto e saiu com ela para a claridade cinzenta de um dia frio de dezembro. Um ano se havia passado desde que terminara o caso de amor entre os dois. Merthin sabia que a gravidez acabara no hospital e supunha que ela provocara o aborto deliberadamente. Duas vezes, nas semanas subsequentes, pedira-lhe que voltasse para ele, mas Caris recusara. Era desconcertante: Merthin sabia que Caris ainda o amava, mas mesmo assim ela se mantinha intransigente. Perdera toda e qualquer esperança e presumira que sua dor passaria com o tempo. Até agora isso não acontecera. Seu coração ainda batia mais depressa quando a via, e se sentia mais feliz ao conversar com ela do que a fazer qualquer outra coisa no mundo.

Seguiram para a rua principal e entraram na Bell. Ao final da tarde, a taverna estava sossegada. Pediram vinho quente temperado.

– Perdemos o caso – informou Caris.

Merthin ficou chocado.

– Como é possível? Vocês tinham o testamento do prior Philip...

– Não fez a menor diferença.

O desapontamento de Caris era profundo e amargo, Merthin percebeu.

– O esperto advogado de Godwyn – explicou ela – argumentou que os habitantes de Kingsbridge são servos do prior, e os servos não têm o direito de apelar ao tribunal real. O juiz encerrou o processo.

Merthin ficou furioso.

– Mas isso é uma estupidez! Significa que o prior pode fazer o que quiser, independentemente de leis e cartulários...

– Sei disso.

Merthin compreendeu que Caris estava impaciente porque ele dizia coisas que ela já repetira muitas vezes para si mesma. Por isso conteve sua indignação e tentou ser prático.

– O que pretende fazer?

– Solicitar uma carta régia de burgo. Isso livraria a cidade do controle do prior. Nosso advogado acha que temos boas possibilidades. Mas também não

vamos esquecer que ele estava convencido de que venceríamos no caso do moinho de pisoar. Seja como for, o rei está desesperado por dinheiro, por causa da guerra com a França. Precisa de cidades prósperas para pagar seus impostos.

– Quanto tempo seria preciso para obter a carta régia?

– Essa é a má notícia: pelo menos um ano, talvez mais.

– E durante esse tempo você não pode fabricar os tecidos escarlates.

– Não com o velho moinho de pisoar.

– Portanto, temos de parar o trabalho na ponte.

– Não vejo outra saída.

– Droga!

Parecia um absurdo. Tinham ao seu alcance os meios para restaurar a prosperidade da cidade, mas a teimosia de um homem os impedia.

– Como todos nós julgamos Godwyn da maneira errada – comentou Merthin.

– Nem me lembre.

– Temos de escapar de seu controle.

– Sei disso.

– Mas tem de ser mais cedo do que um ano.

– Eu bem que gostaria que houvesse um meio.

Merthin vasculhou o cérebro. Ao mesmo tempo, estudava Caris. Ela usava um vestido novo de Londres, em cores diferentes, o que lhe proporcionava uma aparência alegre, embora estivesse séria e ansiosa. As cores, verde profundo e azul intermediário, pareciam fazer seus olhos cintilarem e tornar a pele mais brilhante. Isso acontecia com frequência. Absorto em conversa com ela sobre algum problema relacionado à ponte – quase nunca falavam de outra coisa –, Merthin constatou de repente como ela era adorável.

Mesmo enquanto pensava sobre isso, a parte de sua mente que solucionava problemas aventou uma proposta.

– Devemos construir nosso próprio moinho de pisoar.

Caris balançou a cabeça.

– Seria ilegal. Godwyn ordenaria que John Constable o destruísse.

– E se construíssemos fora da cidade?

– Na floresta? Também seria ilegal. Os couteiros do rei não permitiriam.

Os couteiros tomavam conta das florestas reais.

– Nesse caso, não na floresta. Em outro lugar.

– Em qualquer lugar, precisaríamos da permissão de algum lorde.

– Meu irmão é um lorde.

Uma expressão de aversão estampou-se no rosto de Caris à menção de Ralph, mas logo mudou quando ela pensou na sugestão.

– Construir um moinho de pisoar em Wigleigh?

– Por que não?

– Há ali algum rio de correnteza rápida para girar a roda do moinho?

– Acho que sim. Mas, se não houver, poderemos usar um boi, como fizemos com a balsa no rio.

– Ralph concordaria?

– Claro. Ele é meu irmão. Se eu pedir, Ralph dirá sim.

– Godwyn ficará louco de raiva.

– Ralph não se importa com Godwyn.

Merthin podia perceber que Caris ficara satisfeita e excitada, mas quais eram os sentimentos dela em relação a ele? Caris estava contente por ter uma solução para o problema que enfrentavam e ansiosa para ser mais esperta do que Godwyn; além disso, porém, ele não podia sequer imaginar o que passava pela cabeça dela.

– Vamos pensar em tudo antes de nos regozijarmos – disse ela. – Godwyn criará uma norma proibindo que o tecido saia de Kingsbridge para o processo de pisoamento. Há muitas cidades que possuem leis similares.

– Seria muito difícil para ele impor o cumprimento dessa lei sem a cooperação de uma guilda. E, mesmo que ele consiga isso, você pode dar um jeito de se esquivar. A maior parte do tecido está sendo produzida nas aldeias, não é?

– É, sim.

– Basta não trazer para a cidade. Mande os tecelões levarem direto para Wigleigh. Tinja ali, faça o pisoamento no novo moinho e envie para Londres. Godwyn não terá qualquer jurisdição.

– Quanto tempo levaria para construir um moinho?

Merthin pensou um pouco.

– O prédio de madeira pode ser erguido em dois dias. As engrenagens

também serão de madeira, mas exigirão mais tempo, já que devem ser medidas com absoluta precisão. Eu poderia ter tudo pronto uma semana depois do Natal.

– Isso é maravilhoso. Vamos começar a agir.



Elizabeth rolou os dados e deslocou o último disco para a casa final do tabuleiro.

– Ganhei! – exclamou. – São três em três. Você tem de pagar.

Merthin lhe entregou 1 *penny* de prata. Só duas pessoas conseguiam vencê-lo no jogo de gamão: Elizabeth e Caris. Ele não se importava de perder. Sentia-se grato por ter uma adversária valiosa.

Ele se recostou e tomou um gole do vinho de pera. Era uma tarde fria de sábado, em janeiro, e já estava escuro. A mãe de Elizabeth dormia numa cadeira perto do fogo, roncando baixinho, a boca entreaberta. Ela trabalhava na Bell, mas sempre ficava em casa quando Merthin visitava a filha. Ele preferia assim. Desse modo nunca tinha de decidir se devia ou não beijar Elizabeth. Era uma questão que não queria enfrentar. Gostaria de beijá-la, é claro. Podia lembrar o contato de seus lábios frescos e a firmeza dos seios. Mas beijá-la seria admitir que seu romance com Caris acabara para sempre, e ele ainda não estava preparado para isso.

– Como está o novo moinho em Wigleigh? – perguntou Elizabeth.

– Pronto e funcionando – respondeu Merthin, orgulhoso. – Caris vem fazendo o pisoamento de seu tecido ali há uma semana.

Elizabeth elevou as sobrancelhas.

– Pessoalmente?

– Não. Foi apenas uma maneira de falar. Na verdade, Mark Webber está operando o moinho, mas prepara alguns homens da aldeia para assumirem o comando.

– Será bom para Mark se ele se tornar o segundo em comando de Caris. Ele tem sido pobre durante toda a sua vida. Essa é uma grande oportunidade.

– O novo empreendimento de Caris será bom para todos nós. Vai me permitir terminar a ponte.

– Ela é muito inteligente – disse Elizabeth, a voz calma. – E o que Godwyn

disse?

– Nada. Não tenho certeza se ele já sabe.

– Mas vai descobrir.

– Não creio que ele possa fazer qualquer coisa.

– Godwyn é um homem orgulhoso. Nunca o perdoará por ter sido mais esperto do que ele.

– Posso conviver com isso.

– E como está a ponte?

– Apesar de todos os problemas, o atraso no cronograma é de apenas duas semanas. Tive de gastar mais dinheiro para acelerar o trabalho, mas poderemos usar a ponte com um leito de madeira provisório na próxima Feira do Velocino.

– Você e Caris salvaram a cidade.

– Ainda não... mas vamos salvar.

Houve uma batida à porta. A mãe de Elizabeth despertou com um sobressalto.

– Quem poderia ser? – indagou ela. – Está escuro lá fora.

Era um dos aprendizes de Edmund.

– Mestre Merthin está sendo chamado para a reunião da guilda da paróquia.

– Para quê? – indagou Merthin.

– Mestre Edmund pediu para dizer que está sendo chamado para a reunião da guilda da paróquia.

Era evidente que ele decorara a mensagem e não sabia de mais nada.

– Alguma coisa sobre a ponte, espero – comentou Merthin com Elizabeth. – Estão preocupados com o custo.

Ele pegou o manto enquanto acrescentava:

– Obrigado pelo vinho... e pelo jogo.

– Jogarei com você sempre que quiser.

Merthin foi andando ao lado do aprendiz para a casa da guilda, na rua principal. Era uma reunião de trabalho, não um banquete. Cerca de vinte das pessoas mais importantes de Kingsbridge se sentavam a uma mesa de cavalete comprida, algumas tomando cerveja ou vinho, falando em voz baixa. Merthin sentiu tensão e raiva e ficou apreensivo.

Edmund estava à cabeceira da mesa. O prior Godwyn se sentara ao seu lado.

O prior não era um membro da guilda; sua presença sugeria que a suposição de Merthin era certa e a reunião seria sobre a ponte. Mas Thomas, o matriculário, não estava presente embora Philemon ali se encontrasse. O que era estranho.

Merthin tivera há pouco tempo uma pequena disputa com Godwyn. Seu contrato fora de um ano a 2 *pence* por dia mais o arrendamento da ilha dos Leprosos. A renovação teria de ser feita agora e Godwyn propusera continuar a pagar 2 *pence* por dia. Merthin insistira em 4 *pence*. Por fim, Godwyn cedera. Teria se queixado disso à guilda?

– Chamamos você aqui porque o prior Godwyn quer dispensá-lo da função de mestre construtor da ponte – falou Edmund em seu tom rude característico.

Merthin teve a sensação de que levara um soco na cara. Não esperava por isso.

– Mas como? – indagou. – Foi Godwyn quem me designou!

– E, portanto, também tenho o direito de dispensá-lo – declarou Godwyn.

– Mas por quê?

– O trabalho está atrasado e acima do orçamento.

– Está atrasado porque o conde fechou a pedreira. E acima do orçamento porque tive de gastar mais dinheiro para recuperar o tempo perdido.

– Desculpas.

– Estou inventando a morte de um carroceiro?

– Morto por seu irmão! – retrucou Godwyn.

– O que isso tem a ver?

Godwyn ignorou a indagação.

– Um homem que foi acusado de estupro!

– Não pode dispensar um mestre construtor por causa do comportamento de seu irmão.

– Quem é você para dizer o que posso fazer?

– Sou o construtor de sua ponte!

Foi nesse momento que ocorreu a Merthin que a maior parte de seu trabalho como mestre construtor já fora concluída. Projetara todas as partes mais complicadas e fizera moldes de madeira para orientar os pedreiros. Construíra as ensecadeiras, que ninguém mais sabia como fazer. E também fizera os guindastes e guinchos flutuantes de que precisava para levar as pesadas pedras

para o meio da correnteza. Qualquer outro construtor poderia agora concluir a ponte, compreendeu ele, consternado.

– Não há garantia de renovação de seu contrato – disse Godwyn.

Era verdade. Merthin correu os olhos pela sala, em busca de apoio. Ninguém o fitou nos olhos. Ele concluiu que já haviam discutido o assunto com Godwyn. O desespero o dominou. Por que aquilo estava acontecendo? Não era porque a construção da ponte atrasara e tinha o custo acima do orçamento. O atraso não era culpa de Merthin e, de qualquer forma, ele vinha recuperando o tempo perdido. Qual era a verdadeira razão? Assim que formulou a pergunta, a resposta aflorou em sua mente.

– Tudo isso é por causa do moinho de pisoar em Wigleigh!

Godwyn retorquiu, em tom afetado:

– As duas coisas não estão necessariamente interligadas.

Edmund esbravejou, em voz baixa mas audível:

– Monge mentiroso!

Philemon falou pela primeira vez:

– Tome cuidado, regedor!

Edmund não lhe deu a menor atenção.

– Merthin e Caris foram mais espertos do que você, não é mesmo, Godwyn? O moinho em Wigleigh é absolutamente legítimo. Você atraiu a derrota por sua ganância e teimosia. E essa é a sua vingança.

Edmund tinha razão. Não havia construtor tão competente quanto Merthin. Godwyn devia saber disso, mas era evidente que não se importava.

– Quem vai contratar para o meu lugar? – Após uma pausa, Merthin respondeu à própria pergunta: – Elfric, é claro.

– Isso ainda será decidido.

– Outra mentira – resmungou Edmund.

Philemon falou de novo, a voz ainda mais estridente:

– Você pode ser levado a um tribunal eclesiástico por falar assim!

Merthin especulou se aquilo não poderia ser mais um movimento no jogo, uma manobra para Godwyn renegociar seu contrato, e perguntou a Edmund.

– A guilda da paróquia está de acordo com o prior nessa questão?

– Não cabe à guilda concordar ou discordar! – protestou Godwyn.

Merthin o ignorou e continuou a encarar Edmund, em expectativa. Edmund se mostrou envergonhado:

– Não se pode negar que o prior tem o direito. Os homens da guilda estão financiando a ponte com empréstimos. Mas o prior é o senhor da cidade. Isso foi reconhecido desde o início.

Merthin virou-se para Godwyn.

– Tem alguma coisa a me dizer, lorde prior?

Ele aguardou, com a esperança, no fundo do coração, de que Godwyn apresentasse suas verdadeiras exigências. Mas o prior disse apenas:

– Não.

– Então boa noite.

Merthin esperou mais um instante. Ninguém disse nada. O silêncio indicava que tudo acabara. E ele se retirou.

Fora da casa da guilda, inspirou profundamente o ar frio da noite. Mal podia acreditar no que acontecera. Não era mais o mestre da ponte.

Foi andando pelas ruas escuras. Era uma noite clara e dava para divisar o caminho à luz das estrelas. Passou pela casa de Elizabeth: não queria conversar com ela. Hesitou diante da casa de Caris, mas também seguiu adiante. Desceu até a beira do rio. Seu pequeno barco estava amarrado bem diante da ilha dos Leprosos. Ele embarcou e foi remando até lá.

Ao alcançar sua casa, parou e contemplou as estrelas, fazendo esforço para reprimir as lágrimas. A verdade era que, afinal, não fora mais esperto do que Godwyn... o inverso acontecera. Subestimara o que o prior era capaz de fazer para punir aqueles que se opunham a ele. Merthin se julgara esperto, mas Godwyn fora mais esperto do que ele, ou, pelo menos, mais implacável. Estava disposto a prejudicar a cidade e o priorado, se fosse necessário, para se vingar de uma afronta a seu orgulho. E essa era sua vitória.

Merthin entrou em casa e se deitou, sozinho e derrotado.

38

Ralph ficou acordado durante toda a noite anterior ao seu julgamento.

Já vira muitas pessoas morrerem na forca. Todos os anos, vinte ou trinta homens e umas poucas mulheres saíam na carroça da prisão no castelo de Shiring e desciam a colina até a praça do mercado, onde a forca os esperava. Era uma ocorrência comum, mas os homens permaneceram na memória de Ralph e naquela noite voltaram para atormentá-lo.

Alguns haviam morrido depressa, o pescoço estalando na queda, mas não muitos. A maioria era estrangulada lentamente. Esperneavam, se debatiam, escancaravam a boca em gritos silenciosos e ofegantes. Mijavam e cagavam. Recordou-se de uma velha condenada por bruxaria: ao cair, mordera a língua e a cuspira. A multidão em torno da forca recuara apavorada, enquanto o pedaço de carne voava pelo ar e caía no chão poeirento.

Todos diziam que Ralph não seria enforcado, mas ele não conseguia se livrar do pensamento. Alegavam que o conde Roland não permitiria que um de seus cavaleiros fosse enforcado pela palavra de uma serva. Mas até agora o conde não fizera nada para interferir.

O júri preliminar apresentara o indiciamento de Ralph ao juiz de paz de Shiring. Como todos os júris, era formado na maioria por cavaleiros do condado, que deviam fidelidade ao conde Roland. Apesar disso, no entanto, aceitaram os depoimentos dos camponeses de Wigleigh. Os homens – nunca havia mulheres no júri, é claro – não evitaram o indiciamento de um dos seus. Na verdade, os jurados haviam demonstrado, por suas perguntas, uma certa aversão pelo que Ralph fizera. E vários se recusaram a apertar sua mão depois.

Ralph planejara impedir que Annet testemunhasse no julgamento propriamente dito, deixando-a prisioneira em Wigleigh antes de partir para

Shiring. Mas quando fora à sua casa para detê-la, descobrira que Annet já havia partido. Ela devia ter previsto sua manobra e viajara mais cedo, a fim de frustrá-lo.

Hoje, um novo júri decidiria o caso. Para consternação de Ralph, no entanto, quatro homens haviam participado também do júri preliminar. Como as evidências dos dois lados deviam ser exatamente as mesmas, ele não podia imaginar que esse grupo apresentaria um veredicto diferente, a menos que houvesse alguma pressão sobre os jurados – e era cada vez mais tarde para isso.

Ele se levantou à primeira luz do dia e desceu para o andar térreo da Courthouse Inn, na praça do mercado de Shiring. Encontrou um menino tiritando de frio a quebrar gelo no poço do quintal e mandou que buscasse pão e cerveja. Depois, foi para o dormitório coletivo e acordou o irmão, Merthin.

Sentaram-se juntos na sala fria, impregnada pelo ranço da cerveja e do vinho servidos na noite anterior.

– Estou com medo de que me enforquem – disse Ralph.

– Eu também – murmurou Merthin.

– Não sei o que fazer.

O menino trouxe duas canecas e metade de um pão. Ralph pegou sua caneca com a mão trêmula e tomou um gole que parecia interminável.

Merthin comeu um pouco de pão automaticamente, o cenho franzido, olhando para cima pelo canto dos olhos, como sempre fazia quando vasculhava o cérebro à procura de uma ideia.

– A única ideia que me ocorre é tentar persuadir Annet a retirar a acusação e fazer um acordo. Você terá de oferecer alguma compensação.

Ralph balançou a cabeça.

– Ela não pode mais recuar. Não é permitido. Será punida se desistir agora.

– Sei disso. Mas ela pode deliberadamente prestar um testemunho fraco, dando margem a dúvidas. Creio que é assim que costumam fazer.

A esperança fez o coração de Ralph palpitar.

– Eu me pergunto se ela consentiria.

O menino trouxe um punhado de lenha e se ajoelhou diante da lareira para acender o fogo. Merthin indagou, pensativo:

– Quanto você pode oferecer a Annet?

– Tenho 20 florins.

Isso equivalia a 3 libras em xelins de prata. Merthin passou a mão pelos cabelos ruivos desgrenhados.

– Não é muita coisa.

– É muito para uma jovem camponesa. Por outro lado, a família dela é rica, para camponeses.

– Wigleigh não lhe proporciona muito dinheiro?

– Precisei comprar uma armadura. Quando você é um cavaleiro, precisa estar preparado para a guerra.

– Eu poderia lhe emprestar dinheiro.

– Quanto você tem?

– Treze libras.

Ralph ficou tão espantado que por um momento esqueceu seus problemas.

– Onde conseguiu tanto dinheiro?

Merthin ficou um pouco ressentido.

– Trabalho muito e sou bem remunerado.

– Mas foi despedido da função de mestre construtor da ponte.

– Tenho muitos outros trabalhos. E alugo terrenos na ilha dos Leprosos.

Ralph estava indignado.

– Então um carpinteiro é mais rico do que um lorde!

– Sorte sua, no final das contas. Quanto você acha que Annet vai querer?

Ralph pensou de novo em seu problema e voltou a ficar desanimado.

– A decisão não será dela, mas de Wulfric. Ele é o cabeça de tudo isso.

– Eu sei. – Merthin passara bastante tempo em Wigleigh enquanto construía o moinho de pisoar e sabia que Wulfric só se casara com Gwenda depois que fora rejeitado por Annet. – Vamos conversar com ele.

Ralph achava que seria em vão, mas também nada tinha a perder.

Saíram para um dia cinza e desolado, encolhendo-se dentro dos mantos contra o vento gelado de fevereiro. Atravessaram o mercado e entraram na Bell, onde as pessoas de Wigleigh estavam hospedadas. As despesas eram pagas, Ralph presumia, por lorde William, sem cuja ajuda o processo não teria sido iniciado. Mas Ralph não tinha a menor dúvida de que Philippa, a esposa sensual e insidiosa de William, era sua verdadeira inimiga. Ela parecia odiá-lo, muito

embora – ou talvez por causa disso – Ralph a achasse atraente, fascinante.

Wulfric já acordara e o encontraram comendo mingau com bacon. Quando viu Ralph, sua expressão se tornou sombria e ele se levantou.

Ralph estendeu a mão para o cabo da espada, pronto para lutar. Mas Merthin se adiantou, estendendo as mãos abertas à sua frente, num gesto conciliador.

– Vim como amigo, Wulfric. Não perca o controle ou acabará sendo julgado no lugar de meu irmão.

Wulfric permaneceu de pé, as mãos nos lados do corpo. Ralph ficou desapontado: a agonia do suspense seria atenuada por uma luta. Wulfric cuspiu no chão um pedaço de casca de bacon e engoliu o resto.

– O que vocês querem se não vieram provocar encrenca? – perguntou.

– Queremos fazer um acordo. Ralph está disposto a pagar a Annet 10 libras como compensação pelo que fez.

Ralph se surpreendeu com a quantia. Merthin teria de pagar a maior parte, mas não demonstrara a menor hesitação.

– Annet não pode retirar a acusação. Não é permitido – disse Wulfric.

– Mas ela pode alterar seu depoimento. Se dissesse que a princípio consentiu, depois mudou de ideia, quando já era tarde demais, o júri não condenaria Ralph.

Ralph observava o rosto de Wulfric na maior ansiedade, à procura de um sinal de boa vontade. Mas a expressão permaneceu impassível e ele falou:

– Quer dizer que estão oferecendo um suborno para Annet cometer perjúrio?

Ralph começou a se desesperar. Podia perceber que Wulfric não queria que Annet recebesse dinheiro. Seu objetivo era a vingança, não a compensação. Ele desejava um enforcamento. Merthin insistiu em tom ponderado:

– Estou lhe oferecendo um tipo diferente de justiça.

– Está tentando livrar seu irmão de uma situação crítica.

– Você não faria a mesma coisa? Já teve um irmão.

Ralph recordou que o irmão de Wulfric morrera junto com os pais quando a ponte desabara. Merthin acrescentou:

– Não tentaria salvar sua vida mesmo que ele tivesse feito alguma coisa errada?

Wulfric se mostrou surpreso por esse apelo ao sentimento de família. Era evidente que nunca lhe ocorrera pensar em Ralph como alguém que tinha uma

família que o amava. Mas ele se recuperou passado um momento e argumentou:

– Meu irmão David nunca teria feito o que Ralph fez.

– Certamente – concordou Merthin, apaziguador. – Mesmo assim, você não pode me culpar por querer encontrar uma maneira de salvar Ralph, ainda mais se puder fazer isso sem cometer uma injustiça com Annet.

Ralph admirava a maneira suave com que o irmão falava. Merthin era capaz de persuadir um passarinho a sair de uma árvore, pensou. Só que Wulfric não se deixava levar com facilidade.

– Os aldeões querem ver Ralph pelas costas. Têm medo de que ele possa fazer a mesma coisa de novo.

Merthin tratou de se esquivar desse aspecto.

– Talvez você deva transmitir a oferta a Annet. A decisão deve ser dela, é claro.

Wulfric pensou por um momento.

– Como poderíamos ter certeza de que você pagaria?

O coração de Ralph bateu mais depressa. Wulfric começava a ceder.

– Entregaremos o dinheiro a Caris Wooler antes do julgamento. Ela pagará a Annet depois que Ralph for declarado inocente – respondeu Merthin. – Você confia em Caris, e nós também.

Wulfric acenou com a cabeça.

– Como você disse, a decisão não é minha. Falarei com Annet.

Ele subiu para o segundo andar. Merthin deixou escapar um longo suspiro.

– Pelos céus, aí está um homem furioso.

– Mas você conseguiu convencê-lo – disse Ralph, com evidente admiração.

– Ele só concordou em transmitir uma mensagem.

Os dois se sentaram à mesa que Wulfric desocupara. Um ajudante de cozinha perguntou se queriam comer alguma coisa, mas ambos recusaram. Havia muitos hóspedes ali pedindo presunto, queijo e cerveja. As estalagens estavam apinhadas de pessoas que vinham para as audiências do tribunal. A menos que tivessem uma boa desculpa, todos os cavaleiros do condado eram obrigados a comparecer, assim como a maioria dos outros homens proeminentes: os clérigos mais importantes, mercadores ricos e qualquer um com uma renda superior a 40 libras por ano. Lorde William, o prior Godwyn e Edmund Wooler sempre

vinham. O pai de Ralph e Merthin, sir Gerald, era um frequentador regular antes de cair em desgraça. Tinham de se oferecer como jurados e tratar de outros assuntos, como o pagamento de tributos e a eleição dos membros do Parlamento. Além disso, havia vários acusados, vítimas, testemunhas e fiadores. As audiências de um tribunal sempre traziam muitos negócios às estalagens de uma cidade.

A espera foi se prolongando.

– O que você acha que estão discutindo lá em cima? – perguntou Ralph.

– Annet pode estar propensa a aceitar o dinheiro. O pai a apoiaria nesse ponto, e talvez também o marido, Billy Howard. Mas Wulfric é do tipo que acha que dizer a verdade é mais importante do que o dinheiro. Sua esposa, Gwenda, o apoiará por lealdade; e o padre Gaspard fará a mesma coisa por princípio. Mais importante ainda, eles terão de consultar lorde William, que fará o que lady Philippa quiser. Ela odeia você, por alguma razão. Por outro lado, é mais provável que uma mulher opte pela conciliação em vez da confrontação.

– Então o resultado pode ser qualquer um.

– Isso mesmo.

Os fregueses da estalagem terminaram de comer e começaram a sair, atravessando a praça a caminho da Courthouse Inn, onde a sessão seria realizada. Muito em breve seria tarde demais. Wulfric finalmente voltou.

– Ela disse não – anunciou ele sem qualquer preâmbulo, virando-se em seguida.

– Ei, espere um pouco!

Wulfric não deu atenção ao apelo de Merthin; tornou a subir a escada e desapareceu num instante. Ralph praguejou. Por um momento, acalentara a esperança de uma salvação. Agora estava outra vez nas mãos do júri.

Ele ouviu o som de uma sineta sendo vigorosamente sacudida lá fora. Um assistente do representante do rei convocava todos os envolvidos a comparecerem ao tribunal. Merthin levantou-se. Relutante, Ralph seguiu o exemplo.

Voltaram ao prédio que servia como tribunal e foram para a sala grande nos fundos. Do outro lado ficava a “bancada” do juiz, em cima de uma plataforma. Embora sempre chamada de bancada, era na verdade uma cadeira de madeira,

feita como um trono. O juiz ainda não se sentara, mas seu escrivão já se instalara a uma mesa na frente da plataforma e lia um manuscrito. Havia dois bancos compridos para os jurados num lado. Não havia nenhum outro lugar para sentar na sala: todos os outros ficariam de pé, onde quisessem. A ordem era mantida porque um juiz poderia condenar de imediato qualquer um que se comportasse de maneira indevida: não havia necessidade de julgamento para um crime que o próprio juiz testemunhara. Ralph avistou Alan Fernhill, com uma expressão apavorada, e foi se postar a seu lado, sem dizer nada.

Ralph começou a pensar que nunca deveria ter vindo. Poderia ter inventado uma desculpa: doença, um mal-entendido sobre datas, um cavalo estropiado na estrada. Mas isso só acarretaria um adiamento. Mais cedo ou mais tarde, o representante do rei partiria à sua procura, com assistentes armados, e o prenderia. E se tentasse escapar, seria declarado fora da lei.

Mas mesmo isso era melhor do que ser enforcado. Ele especulou se deveria fugir agora. Era bem provável que pudesse lutar e sair da taverna. Mas não chegaria muito longe a pé. Seria perseguido por metade da cidade e, se não o alcançassem, os assistentes armados o seguiriam a cavalo. Sua fuga seria considerada uma admissão de culpa. Na situação atual, ele ainda tinha uma possibilidade de absolvição. Annet podia se sentir intimidada demais para prestar um depoimento objetivo. Talvez as testemunhas principais não comparecessem. E poderia haver uma intervenção do conde Roland no último minuto.

O tribunal foi se enchendo: Annet, os aldeões, lorde William e lady Philippa, Edmund Wooler e Caris, o prior Godwyn e seu infame assistente Philemon. O escrivão bateu na mesa para impor silêncio e o juiz entrou por uma porta lateral. Era sir Guy de Bois, um grande proprietário de terras. Calvo e com uma enorme barriga, era um antigo companheiro de armas do conde, o que poderia ser um fator favorável a Ralph. Mas, no outro lado da balança, era tio de lady Philippa, que poderia muito bem ter soprado palavras maldosas em seu ouvido. Ele exibia o rosto corado de um homem que acabara de fazer uma refeição de carne salgada e cerveja forte. Sentou, soltou um peido sonoro, suspirou de satisfação e declarou:

– Muito bem, vamos começar.

O conde Roland não estava presente.

O caso de Ralph foi o primeiro: era o que mais interessava aos presentes, inclusive ao juiz. O indiciamento foi lido e Annet, chamada para prestar depoimento.

Ralph descobriu que era estranhamente difícil se concentrar. Já ouvira tudo antes, é claro, mas deveria prestar atenção para encontrar qualquer discrepância na história que Annet contaria hoje, perceber qualquer sinal de incerteza, qualquer hesitação ou deslize. Mas sentia-se fatalista. Seus inimigos atacavam com toda a força. Seu único amigo poderoso, o conde Roland, não comparecera. Só o irmão se mantinha a seu lado, e Merthin já tentara o máximo que podia para ajudar, mas fracassara. Ralph estava condenado.

As testemunhas falaram em seguida: Wulfric, Peg, Gaspard. Ralph pensara que tinha poder absoluto sobre aquelas pessoas, mas de certa forma o haviam vencido. O primeiro jurado, sir Herbert Montain, fora um dos que haviam se recusado a apertar a mão de Ralph. Ele fez perguntas que pareciam ter a intenção de enfatizar o horror do crime: a dor foi intensa? Houve muito sangue? Ela gritara?

Quando chegou sua vez de falar, Ralph contou a história que fora rejeitada pelo júri de indiciamento. Falou em voz baixa, tropeçando nas palavras. Alan Fernhill se saiu melhor, dizendo com firmeza que Annet se mostrava ansiosa por se deitar com Ralph e que os dois amantes haviam lhe pedido para sumir enquanto desfrutavam os favores um do outro, ao lado do córrego. Mas o júri não acreditou nele: Ralph pôde perceber por suas expressões. Começou a se sentir quase entediado com o julgamento, desejando que acabassem logo com aquilo e que seu destino fosse selado.

Enquanto Alan recuava, Ralph percebeu que um novo vulto surgia junto de seu ombro. Uma voz baixa lhe disse:

– Preste atenção.

Ralph olhou para trás e deparou com o padre Jerome, o secretário do conde. Passou-lhe pela cabeça que um tribunal como aquele não tinha poder sobre os padres mesmo que eles cometessem crimes.

O juiz se virou para o júri e pediu o veredicto. O padre Jerome murmurou:

– Seus cavalos estão lá fora, selados e prontos para partir.

Ralph ficou paralisado. Teria ouvido direito? Virou-se e indagou:

– Como?

– Corra para pegá-los.

Ralph olhou para trás. Uma centena de homens barrava o caminho para a porta, muitos armados.

– Não é possível.

– Use a porta lateral.

Com uma ligeira inclinação da cabeça, Jerome indicou a porta pela qual o juiz entrara na sala. Ralph constatou que apenas as pessoas de Wigleigh se punham entre ele e aquela porta.

O primeiro jurado, sir Herbert, levantou-se, pomposo. Ralph olhou para Alan Fernhill, parado a seu lado. Alan ouvira tudo e se mantinha em expectativa.

– Vá agora! – sussurrou Jerome.

Ralph pôs a mão na espada.

– Consideramos lorde Ralph de Wigleigh culpado de estupro – declarou o primeiro jurado.

Ralph desembainhou a espada. Brandiu-a no ar e correu para a porta. Houve um segundo de silêncio atordoado e depois todos gritaram ao mesmo tempo. Mas Ralph era o único homem na sala com uma arma na mão e sabia que os outros levariam algum tempo para desembainhar suas espadas.

Só Wulfric tentou detê-lo, avançando ao seu encontro, temerário, sem sequer parecer assustado, apenas determinado. Ralph ergueu a espada e a baixou com toda a força, querendo acertar no meio do crânio de Wulfric, com a intenção de parti-lo em dois. Mas Wulfric se esquivou com extrema agilidade, para trás e para o lado. Mesmo assim, a ponta da espada cortou sua face esquerda, abrindo-a da têmpora ao queixo. O camponês gritou em súbita agonia, levando as mãos ao rosto e, no instante seguinte, Ralph passou por ele.

Ralph abriu a porta, saiu e se virou. Alan Fernhill passou por ele. O primeiro jurado vinha logo atrás de Alan, a espada erguida. Ralph experimentou um momento de pura exultação. Era assim que os problemas deveriam ser resolvidos: com uma luta, não uma discussão. Para ganhar ou perder, ele preferia assim.

Com um grito inebriado, atacou sir Herbert. A ponta da espada tocou no

peito do primeiro jurado, passando pela túnica de couro, mas o homem estava distante demais para que o golpe penetrasse entre as costelas, e a espada apenas cortou a pele, antes de resvalar no osso. Mesmo assim, Herbert gritou – mais de medo do que de dor – e cambaleou para trás, colidindo com as pessoas que o seguiam. Ralph bateu a porta na cara delas.

Descobriu-se num corredor que se estendia ao longo de todo o prédio, com uma porta que dava para a praça do mercado numa extremidade e a porta no outro lado levando ao estábulo. Onde estariam os cavalos? Jerome dissera apenas que esperavam lá fora. Alan já corria para a porta dos fundos e Ralph o seguiu. Ao saírem no pátio, o alarido lá atrás indicou que a porta da sala fora aberta e a multidão vinha em seu encalço.

Não havia sinal de seus cavalos no pátio.

Ralph parou sob a arcada que levava à frente do prédio.

E deparou com a cena mais acolhedora do mundo: seu cavalo de caça, Griff, selado e escarvando o solo, impaciente, ao lado de Fletch, o cavalo de 2 anos de Alan. Um cavalariço descalço com a boca cheia de pão os segurava.

Ralph pegou as rédeas e montou. Alan fez o mesmo. Bateram nos flancos dos animais para partir no momento em que a multidão do tribunal passava pela arcada. O cavalariço saiu correndo, apavorado. Os cavalos dispararam.

Alguém na multidão arremessou uma faca. Ela entrou no flanco de Griff por 1 centímetro e depois caiu, servindo apenas para estimulá-lo a correr ainda mais.

Galoparam pelas ruas, afugentando as pessoas à frente, indiferentes a homens, mulheres, crianças e animais. Cruzaram um portão na velha muralha e passaram pelas casas suburbanas, entre hortas e pomares. Ralph olhou para trás. Não havia nenhum perseguidor à vista.

Os homens viriam atrás a mando do representante do rei, é claro, mas primeiro tinham de pegar e selar seus cavalos. Ralph e Alan já se encontravam a um quilômetro e meio da praça do mercado e seus cavalos não demonstravam o menor sinal de cansaço. Ralph foi dominado por uma profunda euforia. Cinco minutos antes aceitara a perspectiva de ser enforcado. Agora, era outra vez um homem livre!

A estrada se bifurcava. Escolhendo ao acaso, Ralph seguiu para a esquerda. Mais um quilômetro e meio através dos campos e ele pôde avistar a floresta.

Assim que a alcançasse, poderia deixar a trilha e desaparecer.

Mas o que faria depois?

39

– O conde Roland foi esperto – comentou Merthin com Elizabeth Clerk. – Permitiu que a justiça seguisse seu curso quase até o fim. Não subornou o juiz, nem influenciou o júri, nem intimidou as testemunhas. Também evitou uma briga com o filho, lorde William. Mas escapou da humilhação de ter um de seus homens enforcado.

– Onde está seu irmão agora?

– Não tenho ideia. Não falo com ele nem mesmo o vejo desde aquele dia.

Era tarde de domingo e os dois estavam na cozinha de Elizabeth. Ela fizera o jantar: presunto cozido com maçãs assadas e ervilhas e uma pequena jarra de vinho que sua mãe comprara – ou talvez roubara – na estalagem em que trabalhava.

– O que vai acontecer agora? – perguntou Elizabeth.

– A sentença de morte ainda paira sobre ele. Não pode voltar a Wigleigh nem aparecer em Kingsbridge sem ser preso. Para todos os efeitos, virou um fora da lei.

– E não há nada que ele possa fazer?

– Pode obter o perdão do rei. Mas isso custa uma fortuna, muito mais dinheiro do que ele ou eu podemos levantar.

– E como você se sente em relação a ele?

Merthin estremeceu.

– Ralph merece punição pelo que fez, é claro. Mesmo assim, não posso querer que ele seja enforcado. E torço para que esteja bem, onde quer que se encontre.

Ele relatara a história do julgamento de Ralph muitas vezes nos últimos dias, mas Elizabeth fizera as perguntas mais perceptivas. Era inteligente e

compreensiva. E passou pela cabeça de Merthin que não seria muito difícil passar todas as tardes de domingo daquela maneira.

A mãe dela, Sairy, cochilava junto ao fogo, como sempre. Mas abriu os olhos de repente e exclamou:

– Por minha alma! Esqueci o pastelão! – Levantou-se, alisando os cabelos grisalhos desgrenhados. – Prometi que pediria a Betty Baxter que fizesse um pastelão de presunto e ovos para a guilda dos curtidores de couro. Vão realizar seu jantar de antes da Quaresma na Bell amanhã.

Ajeitou um manto em torno dos ombros e saiu. Os dois quase nunca permaneciam a sós e Merthin ficou um pouco embaraçado. Mas Elizabeth parecia relaxada.

– O que você pretende fazer agora que não trabalha mais na ponte? – indagou.

– Estou construindo uma casa para Dick Brewer, entre outras coisas. Dick está prestes a se aposentar e entregar o negócio ao filho. Mas diz que nunca vai conseguir parar de trabalhar se continuar a morar na Copper. Por isso quer uma casa com um jardim fora dos muros da cidade velha.

– É aquele prédio em construção depois de Lovers' Field?

– Isso mesmo. Será a maior casa de Kingsbridge.

– Nunca falta dinheiro a um cervejeiro.

– Gostaria de ver?

– O local?

– A casa. Ainda não está pronta, mas já tem quatro paredes e um teto.

– Agora?

– Ainda resta uma hora de luz do dia.

Elizabeth hesitou, como se pudesse ter outros planos, mas acabou aceitando:

– Eu adoraria.

Os dois vestiram mantos grossos com capuz e saíram. Era o primeiro dia de março. Flocos de neve perseguiram-nos ao longo da rua principal. Pegaram a barcaça para os subúrbios do outro lado do rio.

Apesar dos altos e baixos do negócio de lã, a cidade parecia crescer um pouco a cada ano. O priorado convertia mais e mais de seus pastos e pomares em terrenos para locação. Merthin calculava que devia haver pelo menos cinquenta

habitações que não existiam quando ele chegara a Kingsbridge, aos 12 anos.

A nova casa de Dick Brewer era uma estrutura de dois andares afastada da estrada. Como ainda não tinha janelas e portas, as aberturas nas paredes estavam cobertas temporariamente por armações de madeira com juncos trançados. A entrada da frente estava bloqueada dessa maneira, mas Merthin levou Elizabeth para os fundos, onde havia uma porta de madeira provisória com uma tranca.

Jimmie, o assistente de Merthin agora com 16 anos, estava na cozinha, protegendo a casa em construção contra ladrões. Era um garoto supersticioso, sempre fazendo o sinal da cruz e jogando sal para trás, por cima do ombro. Estava sentado num banco, na frente de um fogo alto, com uma expressão ansiosa.

– Olá, mestre. Agora que está aqui, posso sair para buscar meu almoço? Lol Turner deveria trazer, mas ainda não apareceu.

– Trate de voltar antes de escurecer.

– Obrigado.

Jimmie saiu apressado. Merthin entrou na casa.

– Há quatro cômodos aqui embaixo.

Elizabeth mal conseguiu acreditar.

– Para que eles precisam de tudo isso?

– Cozinha, sala de visitas, sala de jantar e vestíbulo.

Ainda não havia uma escada, mas Merthin subiu para o segundo andar por uma escada de mão. Elizabeth o seguiu.

– Quatro quartos – informou Merthin ao chegarem lá em cima.

– Quem vai morar aqui?

– Dick e a esposa, e o filho Danny e sua esposa, com a filha deles, que provavelmente não vai permanecer solteira para sempre.

A maioria das famílias de Kingsbridge vivia em um único quarto, todos dormindo no chão, lado a lado: pais, crianças, avós, parentes afins.

– Esta casa tem mais quartos do que um palácio! – comentou Elizabeth.

Era verdade. Um nobre com um grande séquito ainda vivia em dois cômodos: um quarto para ele e a esposa, um salão enorme para todos os outros. Mas Merthin já projetara várias casas para ricos mercadores de Kingsbridge, e o luxo pelo qual todos ansiavam era a privacidade. Uma nova tendência, pensou.

– Imagino que terá vidro nas janelas – disse Elizabeth.

– Claro.

Era outra tendência. Merthin podia se lembrar do tempo em que não havia vidraceiro em Kingsbridge, apenas um itinerante, que aparecia uma ou duas vezes por ano. Agora a cidade tinha um vidraceiro residente.

Desceram para o térreo. Elizabeth sentou no banco que Jimmie havia ocupado, diante do fogo, e esquentou as mãos. Merthin sentou ao seu lado.

– Um dia ainda construirei uma casa assim para mim – comentou. – Com um jardim grande e árvores frutíferas.

Para sua surpresa, Elizabeth encostou a cabeça em seu ombro e disse:

– Um lindo sonho...

Os dois ficaram contemplando o fogo. Os cabelos de Elizabeth faziam cócegas no rosto de Merthin. Passado um momento, ela pôs a mão em seu joelho. Em meio ao silêncio, ele podia ouvir a respiração de Elizabeth e a sua, o crepitar do fogo.

– Em seu sonho, quem está na casa? – indagou ela.

– Não sei.

– Típico de um homem. Não posso ver minha casa, mas sei quem está lá dentro: um marido, algumas crianças, minha mãe, um parente idoso de meu marido e três criadas.

– Homens e mulheres têm sonhos diferentes.

Elizabeth ergueu a cabeça, fitou-o e tocou em seu rosto.

– E, quando os junta, você tem uma vida.

Ela o beijou na boca. Merthin fechou os olhos. Lembrava o suave contato daqueles lábios, anos atrás. A boca de Elizabeth prolongou o beijo por um tempo antes de se retirar.

Merthin se sentia estranhamente desligado, como se estivesse observando a si mesmo de um canto da cozinha. Não sabia como se sentia. Fitou-a e constatou mais uma vez como ela era adorável. Perguntou-se o que havia de tão admirável em Elizabeth e compreendeu no mesmo instante que era a harmonia de tudo, como as partes de uma bela igreja. A boca, o queixo, as faces e a testa exatamente como ele desenharia se fosse Deus criando uma mulher.

Ela também o fitou, com seus serenos olhos azuis. Abriu o manto e

murmurou:

– Quero que me acaricie.

Merthin passou a mão pelos seios dela, gentilmente. Lembrava-se de ter feito isso também. Os seios eram firmes e cheios contra sua palma. Os mamilos endureceram ao contato, contradizendo o comportamento sereno.

– Quero estar na casa dos seus sonhos – disse ela, tornando a beijá-lo.

Ela não agira por impulso. Elizabeth nunca fazia isso. Vinha pensando sobre aquilo havia bastante tempo. Enquanto Merthin a visitava pelo prazer de sua companhia, sem pensar mais adiante, ela já imaginava a vida conjugal. Talvez tivesse até planejado aquela cena. Isso explicaria por que, antes, na casa dela, a mãe se retirara de repente, com a desculpa de um pastelão. Merthin quase estragara o plano ao propor a visita à casa de Dick Brewer, mas ela improvisara.

Não havia nada de errado com aquele apelo emocional. Ela era uma pessoa racional, uma das coisas que Merthin apreciava. Sabia que, apesar disso, as paixões ardiam por baixo da superfície.

O que parecia errado era a falta de sentimento dele. Não costumava ser frio e racional em relação às mulheres. Muito pelo contrário. Quando se apaixonara, o amor o dominara, fazendo-o sentir raiva e ressentimento, além de desejo e ternura. Agora, sentia-se interessado, lisonjeado e excitado, mas não fora de controle.

Elizabeth sentiu que o beijo dele era morno e recuou. Ele viu naquele rosto o fantasma de uma emoção, reprimida com vigor, e compreendeu que havia medo por trás da máscara. Ela era tão contida por natureza que devia ter lhe custado muito ser ousada àquele ponto, e agora temia a rejeição.

Ela se afastou dele, levantou-se e ergueu a saia. Tinha pernas compridas e bem torneadas, cobertas por pelos louros quase invisíveis. Embora fosse alta e esguia, o corpo se alargava nos quadris, em fascinantes contornos femininos. O olhar de Merthin perdurou desamparado no delta de seu sexo. Os cabelos ali eram tão claros que dava para ver a suave saliência dos lábios e a delicada linha a separá-los.

Merthin ergueu o rosto para fitá-la nos olhos e percebeu o desespero ali. Ela tentara tudo e descobria agora que não funcionara.

– Sinto muito – balbuciou Merthin.

Ela baixou a saia.

– Escute. Eu acho...

– Não fale – interrompeu-o. – O desejo dela começava a se transformar em raiva. – Qualquer coisa que você disser agora será mentira.

Elizabeth tinha razão. Merthin pensara em dizer alguma meia verdade tranquilizadora: não estava se sentindo bem ou Jimmie poderia voltar a qualquer momento. Mas ela não queria ser apaziguada. Fora rejeitada e desculpas ineficazes só fariam com que sentisse que era tratada com condescendência.

Fitou-o atentamente, a dor lutando contra a raiva no campo de batalha de seu lindo rosto. Lágrimas de frustração surgiram em seus olhos.

– Por que não? – gritou ela.

Mas, quando Merthin abriu a boca para responder, ela acrescentou:

– Não responda! Não seria verdade!

E outra vez Elizabeth tinha razão. Foi até a porta, mas se virou antes de sair.

– É Caris. – O rosto exibia toda a sua emoção. – Aquela bruxa lançou um encantamento em você. Não quer casar com você, mas também não permite que outra case. Ela é má!

Elizabeth abriu a porta e saiu. Ele ouviu um soluço. Depois ela foi embora. Ele olhou para o fogo e disse:

– Que inferno...



– Há uma coisa que preciso lhe explicar – disse Merthin a Edmund uma semana depois, quando deixavam a catedral.

O rosto de Edmund assumiu uma expressão um pouco divertida. Merthin já a conhecia e sabia que dizia: “Sou trinta anos mais velho. Você é que deveria me escutar, não me dar lições, mas gosto de seu entusiasmo juvenil. Além disso, não estou tão velho que não possa aprender alguma coisa.”

– Está bem – disse ele. – Mas explique tudo na Bell. Quero tomar um vinho.

Entraram na taverna e foram sentar perto do fogo. A mãe de Elizabeth trouxe o vinho, mas empinou o nariz e não disse nada.

– Sairy está zangada com você ou comigo? – perguntou Edmund.

– Isso não importa. Já esteve alguma vez na beira do oceano, os pés descalços na areia, e sentiu as ondas passarem por cima dos dedos?

– Claro. Todas as crianças brincam na água. Até eu já fui menino um dia.

– Lembra como a ação das ondas, indo e vindo, parece remover a areia de baixo dos pés, formando um pequeno canal?

– Lembro, sim. Já se passou muito tempo, mas creio que compreendo o que diz.

– Foi o que aconteceu com a velha ponte de madeira. A correnteza do rio levou a terra por baixo da pilastra central.

– Como sabe?

– Pelo padrão das rachaduras na madeira pouco antes do desabamento.

– Aonde está querendo chegar?

– O rio não mudou. Vai solapar a nova ponte como fez com a antiga... a menos que possamos prevenir.

– Como?

– Em meu projeto, indiquei uma pilha de pedras grandes e soltas em torno de cada pilastra da nova ponte. Vai bloquear a correnteza e reduzir seu efeito. É a diferença entre sentir cócegas de uma linha solta e ser açoitado por uma corda.

– Como sabe?

– Conversei com Buonaventura a respeito logo depois que a ponte desabou, antes de sua volta para Londres. Ele disse que já havia visto essas pilhas de pedras em torno de pilastras de pontes na Itália e muitas vezes imaginara para que serviam.

– Fascinante. Está me dizendo isso como um esclarecimento geral ou com um propósito mais específico?

– Pessoas como Godwyn e Elfric não compreendem isso e não me dariam atenção se eu lhes dissesse. É apenas uma precaução para o caso de Elfric não querer seguir exatamente meu projeto. Quero ter certeza de que pelo menos uma pessoa na cidade saberá para que serve a pilha de pedras.

– Mas uma pessoa já sabe... Você.

– Estou deixando Kingsbridge.

A revelação foi um choque para Edmund.

– Você vai embora?

Caris apareceu nesse momento.

– Não demore muito, papai. Tia Petranilla está aprontando o jantar. Quer jantar conosco, Merthin?

– Merthin está deixando Kingsbridge – anunciou Edmund.

Caris empalideceu.

Ao ver sua reação, Merthin sentiu um ímpeto de satisfação. Ela o rejeitara, mas ficou consternada ao saber que ele ia embora. No instante seguinte, Merthin se envergonhou da emoção indigna. Gostava demais de Caris para querer que ela sofresse. De qualquer forma, sabia que se sentiria pior se ela recebesse a notícia com a maior serenidade.

– Por quê?

– Não há nada para mim aqui. O que vou construir? Não posso trabalhar na ponte... e a cidade já tem uma catedral. Não quero fazer apenas casas de mercadores pelo resto de minha vida.

– Para onde vai? – perguntou Caris, a voz contida.

– Florença. Sempre desejei conhecer os prédios da Itália. Pedirei cartas de apresentação a Buonaventura Caroli. Posso até viajar com uma de suas cargas.

– Mas você tem uma propriedade aqui em Kingsbridge.

– Eu queria mesmo conversar com você sobre isso. Poderia administrá-la para mim? Cobraria os aluguéis, tiraria sua comissão e entregaria o saldo a Buonaventura. Ele pode transferir o dinheiro para Florença por carta.

– Não quero comissão nenhuma – disse Caris, a voz rouca.

Merthin deu de ombros.

– É trabalho, e você deve receber um pagamento por isso.

– Como pode ser tão frio? – A voz de Caris se tornara estridente. As pessoas olharam naquela direção. Ela não deu atenção. – Vai deixar todos os seus amigos!

– Não estou sendo frio. Os amigos são maravilhosos. Mas eu gostaria de casar.

– Muitas garotas em Kingsbridge casariam com você – interveio Edmund. – Não é bonito, mas é próspero, e isso vale mais do que a boa aparência.

Merthin sorriu, irônico. Edmund podia ser franco de uma maneira desconcertante. Caris herdara essa característica.

– Por algum tempo, pensei que poderia me casar com Elizabeth Clerk – disse ele.

– Também pensei que esse casamento sairia – acrescentou Edmund.

– Ela é fria e antipática – protestou Caris.

– Não é, não. Mas, quando ela me pediu, recuei.

– Por isso ela anda tão mal-humorada – comentou Caris.

– E por isso sua mãe não olha para Merthin – lembrou Edmund.

– Por que você a recusou? – perguntou Caris.

– Só há uma mulher em Kingsbridge com quem eu poderia me casar... e ela não quer ser esposa de ninguém.

– Mas ela não quer perdê-lo.

Merthin ficou furioso.

– O que devo fazer? – Sua voz se elevou e as pessoas ao redor interromperam suas conversas para ouvir. – Godwyn me dispensou, você me rejeitou e meu irmão é um fora da lei. Em nome de Deus, por que eu deveria continuar aqui?

– Não quero que você vá embora – disse Caris.

– Isso não é suficiente! – gritou Merthin.

Fez-se silêncio na sala. Todos ali – o dono da taverna, Paul Bell, e sua filha cheia de curvas, Bessie; a empregada Sairy, de cabelos grisalhos, mãe de Elizabeth; Bill Watkin, que se recusara a empregar Merthin; Edward Butcher, o notório adúltero; Jake Chepstow, o locatário de Merthin; frei Murdo; Matthew Barber; e Mark Webber – conheciam a história de Merthin e Caris e estavam fascinados pela discussão.

Merthin não se importava. Que escutassem. Disse, ainda mais furioso:

– Não passarei a vida atrás de você, como seu cachorro Scrap, suplicando por atenção. Serei seu marido, mas não seu bicho de estimação.

– Está bem – murmurou ela, num fio de voz.

A súbita mudança de tom o surpreendeu, e ele não tinha certeza do que a resposta significava.

– Está bem o quê?

– Eu me casarei com você.

Por um momento, Merthin ficou atordoado demais para responder.

– Fala sério? – indagou, desconfiado.

Então Caris o fitou nos olhos, com um sorriso tímido.

– Claro que falo. Basta me pedir.

– Está bem. – Merthin respirou fundo. – Quer se casar comigo?

– Quero.

– Urra! – gritou Edmund.

Todos na taverna aplaudiram. Merthin e Caris começaram a rir.

– Quer mesmo? – insistiu ele.

– Quero.

Eles se beijaram. Merthin a abraçou e a apertou com toda a força de que era capaz. Quando a largou, viu que ela chorava.

– Um vinho para a minha noiva! – gritou. – Mais do que isso... um barril, para que todos possam beber à nossa saúde.

– É para já! – disse Paul Bell. E todos aplaudiram de novo.



Uma semana depois, Elizabeth Clerk se tornou noviça.

40

Ralph e Alan estavam desesperados. Viviam de carne de veado e água fresca, e Ralph descobriu-se a sonhar com alimentos que normalmente desprezaria: cebolas, maçãs, ovos, leite. Dormiam em lugares diferentes todas as noites, sempre acendendo uma fogueira. Tinham bons mantos para aquecê-los, mas isso não era suficiente ao ar livre e todas as manhãs acordavam tremendo de frio. Assaltavam qualquer pessoa vulnerável que encontravam na estrada, mas a maior parte do que roubavam era insignificante ou inútil: roupas esfarrapadas, forragem para animais e dinheiro, que não serviria para comprar nada na floresta.

Houve uma ocasião em que roubaram um enorme barril de vinho. Rolaram-no pela floresta por uns 100 metros, beberam tanto quanto conseguiram e pegaram no sono. Quando acordaram, de ressaca e mal-humorados, compreenderam que não poderiam levar o barril, ainda com três quartos do vinho, por isso o deixaram ali.

Ralph pensava, nostálgico, em sua vida anterior: o solar, o fogo aceso na lareira, os servos, as refeições. Ao voltar à realidade, no entanto, sabia que também não queria essa vida. Era monótona demais. Provavelmente fora por isso que estuprara a jovem. Precisava de excitação.

Depois de um mês na floresta, Ralph decidiu que tinham de se organizar. Precisavam de uma base em que pudessem construir alguma forma de abrigo e guardar comida. E tinham de planejar os assaltos para que as coisas roubadas fossem realmente valiosas para eles, como roupas quentes e alimentos frescos.

Mais ou menos na ocasião em que chegou a essas conclusões, suas andanças levaram-nos a uma série de colinas a alguns quilômetros de Kingsbridge. Ralph recordou que as encostas das colinas, desoladas e vazias no inverno, eram usadas

como pastagem de verão pelos pastores, que haviam construído abrigos de pedra na área. Quando adolescentes, ele e Merthin haviam descoberto essas toscas construções enquanto caçavam. Acendiam fogueiras ali para cozinhar os coelhos e perdizes que abatiam com suas flechas. Já naquele tempo, recordou Ralph, ele ansiava pela emoção da caçada: perseguir e abater uma criatura aterrorizada, liquidá-la com uma faca ou um porrete – o sentimento extasiado de poder que experimentava ao tirar uma vida.

Ninguém apareceria na região até que a relva da nova estação estivesse crescida e densa. O dia tradicional era o Domingo de Pentecostes, quando também ocorria a abertura da Feira do Velocino. Ainda faltavam dois meses para isso. Ralph escolheu um abrigo que parecia mais resistente e se instalaram ali. Não havia portas ou janelas, apenas uma entrada baixa, com um buraco no teto para que a fumaça saísse. Acenderam uma fogueira e dormiram aquecidos, pela primeira vez em um mês.

A proximidade de Kingsbridge proporcionou a Ralph outra ideia brilhante. O melhor momento para assaltar as pessoas, refletiu, era quando estivessem a caminho do mercado. Levavam queijos, garrafas com sidra, mel, bolos de aveia: todas as coisas que eram produzidas pelos aldeões e necessárias para os habitantes da cidade... e para os homens que viviam à margem da lei.

O mercado de Kingsbridge funcionava aos domingos. Ralph perdera a noção dos dias da semana, mas descobriu ao perguntar a um frade itinerante antes de lhe roubar 3 xelins e um ganso. No sábado seguinte, ele e Alan armaram acampamento não muito longe da estrada de Kingsbridge. Passaram a noite acordados, ao lado da fogueira. Ao amanhecer, foram até a beira da estrada e ficaram esperando.

O primeiro grupo a aparecer trazia uma carga de forragem. Kingsbridge tinha centenas de cavalos e bem pouco capim, por isso a cidade precisava constantemente de cargas de feno. Só que isso não tinha qualquer utilidade para Ralph: Griff e Fletch tinham pastagem de sobra na floresta.

Ralph não se sentia entediado por esperar. Preparar uma emboscada era como espiar uma mulher se despindo. Quanto maior a expectativa, mais intensa a emoção.

Pouco depois ouviram um canto. Os cabelos na nuca de Ralph se arrepiaram:

parecia um coro de anjos. A manhã estava enevoada e, quando ele os avistou, os cantores pareciam ter halos. Alan, obviamente pensando como Ralph, até deixou escapar um soluço de medo. Mas era apenas o sol fraco do inverno iluminando a neblina por trás dos viajantes. Eram camponesas, cada uma carregando um cesto com ovos. Não valia a pena. Ralph as deixou passar sem revelar sua presença.

O sol começou a subir. Ralph ficou preocupado, pensando que dali a pouco a estrada estaria tão movimentada que seria difícil roubar alguém. Apareceu uma família: um homem e uma mulher na casa dos 30 anos, com dois filhos adolescentes, um rapaz e uma moça. Eram vagamente familiares: sem dúvida ele os vira no mercado de Kingsbridge durante os anos em que vivera ali. O marido carregava nas costas um enorme cesto com legumes; a esposa equilibrava no ombro uma vara comprida, com várias galinhas vivas penduradas, todas amarradas; o rapaz levava no ombro um presunto imenso; e a moça carregava um pote que devia conter manteiga salgada. Ralph ficou com água na boca ao pensar em comer o presunto.

Sua excitação aumentou e ele acenou com a cabeça para Alan.

Quando a família chegou perto, Ralph e Alan saíram correndo de trás das moitas.

A mulher soltou um berro estridente e o rapaz gritou de medo. O homem tentou se desvencilhar do cesto, mas, antes que este caísse de seus ombros, Ralph o atacou, a espada penetrando no abdômen, por baixo das costelas, e subindo em seguida. O grito de agonia foi interrompido abruptamente quando a ponta da espada alcançou o coração.

Alan foi até a mulher e cortou quase todo o pescoço dela, e então o sangue jorrou de sua garganta num súbito jato vermelho.

Exultante, Ralph se virou para o filho. O rapaz reagiu depressa: já largara o presunto e empunhava uma faca. Enquanto a espada de Ralph ainda subia, o rapaz avançou e o golpeou. Foi um golpe amador, desferido ao acaso, sem possibilidade de causar maiores danos. A faca errou por completo o peito de Ralph, mas a ponta atingiu a parte superior do braço direito. A dor súbita e intensa o obrigou a largar a espada. O rapaz se virou e correu na direção de Kingsbridge.

Ralph olhou para Alan. Antes de se virar para a moça, Alan liquidou a mãe.

O atraso quase lhe custou a vida. Ralph viu a moça jogar o pote de manteiga no escudeiro. Por precisão ou sorte, o pote o acertou em cheio atrás da cabeça. Alan caiu como se tivesse sido atingido por uma maça.

No instante seguinte, ela saiu correndo atrás do irmão. Ralph se inclinou, pegou sua espada com a mão esquerda e partiu em perseguição.

Eles eram jovens e velozes, mas ele tinha pernas compridas. Não demorou a alcançá-los. O rapaz olhou para trás e viu Ralph se aproximando. Para espanto de Ralph, o rapaz parou, virou-se e veio correndo em sua direção, gritando, com a faca erguida.

Ralph parou de correr e levantou a espada. O rapaz avançou... até que parou também, fora do alcance da espada. Ralph se adiantou e desferiu um golpe, mas era uma finta. O rapaz se esquivou e depois, pensando que Ralph tinha se desequilibrado, avançou para apunhalá-lo de perto. Mas era exatamente isso o que Ralph esperava. Recuou com a maior agilidade, ergueu-se na ponta dos pés e enfiou a espada na garganta do rapaz, empurrando-a até que ela saiu por trás do pescoço.

O rapaz caiu morto. Ralph retirou a espada, satisfeito com a precisão e a eficiência do golpe fatal. Ergueu os olhos e viu a moça desaparecendo na distância. Compreendeu no mesmo instante que não teria a menor possibilidade de alcançá-la a pé e, até que voltasse para pegar seu cavalo, ela já teria chegado a Kingsbridge.

Virou-se e olhou para trás. Surpreso, descobriu que Alan se levantava, com alguma dificuldade.

– Pensei que ela o tinha matado – disse Ralph.

Ele limpou a espada na túnica do rapaz morto, meteu-a na bainha e comprimiu com a mão esquerda o ferimento no braço direito, na tentativa de estancar o sangramento.

– Minha cabeça dói como Satã – resmungou Alan. – Matou todo mundo?

– A garota escapou.

– Acha que ela nos conheceu?

– Pode me conhecer. Eu já tinha visto sua família antes.

– Nesse caso, agora estamos marcados como assassinos.

Ralph deu de ombros.

– É melhor ser enforcado do que morrer de fome. – Olhou para os três corpos. – Mesmo assim, vamos tirá-los da estrada antes que mais alguém apareça.

Com a mão esquerda, arrastou o homem para a beira da estrada. Alan levantou o corpo e o jogou para trás das moitas. Fizeram a mesma coisa com a mulher e o rapaz. Ralph não tinha certeza se os cadáveres estariam ou não visíveis para quem passasse. O sangue na estrada já começara a escurecer para a cor da lama que encharcara.

Ralph cortou uma tira do vestido da mulher e amarrou-a em torno do ferimento no braço. Ainda doía, mas o fluxo de sangue era menor. Sentia a ligeira depressão que sempre se seguia a uma luta, como a tristeza depois do sexo. Alan começou a recolher os despojos.

– Um belo butim. Presunto, galinhas, manteiga... – Deu uma olhada no cesto que o homem carregava. – E cebolas! Do ano passado, é claro, mas ainda boas.

– Cebolas velhas têm gosto melhor que nenhuma, minha mãe sempre dizia.

Ao se abaixar para pegar o pote de manteiga que derrubara Alan, Ralph sentiu uma ponta de ferro afiada ser comprimida contra seu traseiro. O escudeiro estava na sua frente, lidando com as galinhas amarradas.

– Mas quem...? – começou a dizer Ralph.

– Não se mexa – interrompeu-o uma voz áspera.

Ralph nunca obedecia a instruções desse tipo. Saltou para a frente, longe da voz, e virou-se. Seis ou sete homens haviam surgido do nada. Ele ficou aturdido, mas conseguiu desembainhar a espada com a mão esquerda. O homem mais próximo – provavelmente aquele que o cutucara – ergueu sua espada para lutar, mas os outros preferiram disputar o butim, agarrando as galinhas e brigando pelo presunto. A espada de Alan subiu em defesa das galinhas, enquanto Ralph se preparava para o combate com seu antagonista. Compreendeu que outro bando fora da lei tentava roubá-los. Foi dominado pela indignação: matara pessoas por aquelas coisas e agora queriam lhe tirar tudo! Não sentia medo, apenas raiva. Atacou o oponente com a força da indignação, apesar de ser obrigado a lutar com a mão esquerda. Foi nesse instante que uma voz autoritária interveio:

– Baixem as espadas, seus idiotas!

Todos os desconhecidos ficaram imóveis. Ralph manteve a espada de

prontidão, desconfiado de um truque, e olhou na direção da voz. Viu um homem bonito, na casa dos 20 anos, com certo ar de nobre. Usava roupas que pareciam dispendiosas, mas muito sujas: um manto de tecido escarlate italiano coberto de folhas e gravetos, um rico colete de brocado com manchas que deviam ser de comida, um calção de couro marrom, todo arranhado e enlameado.

– Sempre me diverte roubar de ladrões porque não é um crime – comentou ele.

Ralph sabia que se achava em situação crítica, mas mesmo assim ficou intrigado.

– Você é o homem que chamam de Tam Hiding?

– Já havia histórias sobre Tam Hiding quando eu era pequeno – respondeu o homem. – Mas de vez em quando alguém aparece para assumir o papel, como um monge personificando Lúcifer numa peça de mistério.

– Você não é o tipo comum de fora da lei.

– Nem você. Imagino que seja Ralph Fitzgerald.

Ralph confirmou com um aceno da cabeça.

– Ouvi falar de sua fuga e me perguntava quando o encontraria. – Tam olhou para um lado e outro da estrada. – Por acaso testemunhamos sua ação. O que o fez escolher este lugar?

– Primeiro, escolhi o dia e a hora. É domingo, e a esta hora os camponeses estão levando seus produtos para o mercado em Kingsbridge, que fica no fim desta estrada.

– Boa ideia. Há dez anos que vivo à margem da lei e nunca pensei em fazer isso. Talvez devêssemos nos aliar. Vai guardar sua arma ou não?

Ralph hesitou, mas Tam estava desarmado. Por isso ele não podia ver nenhuma desvantagem. De qualquer forma, ele e Alan estavam em menor número, a tal ponto que era melhor evitar uma luta. Lentamente, guardou a espada.

– Assim é melhor.

Tam passou o braço pelos ombros de Ralph, que percebeu que os dois eram da mesma altura. Não eram muitos os homens tão altos quanto ele. Tam o levou pela floresta, dizendo:

– Os outros trarão os despojos. Venha comigo. Temos muito o que conversar,

você e eu.



Edmund bateu na mesa.

– Convoquei esta reunião de emergência da guilda da paróquia para discutir o problema dos bandidos. Mas, como estou ficando velho e preguiçoso, pedi à minha filha para resumir a situação.

Caris pertencia à guilda agora, em virtude de seu sucesso como fabricante de tecido escarlate. O novo negócio salvara a fortuna de seu pai. Numerosas outras pessoas de Kingsbridge também prosperavam por causa disso, em particular a família Webber. O pai fora capaz de cumprir o compromisso de emprestar dinheiro para a construção da ponte e, com a melhoria geral das circunstâncias, outros mercadores fizeram o mesmo. A construção da ponte continuava em ritmo firme, mas agora sob a supervisão de Elfric, não de Merthin, infelizmente.

O pai tinha pouca iniciativa agora. Os momentos em que manifestava sua personalidade antiga, de perspicácia e agilidade mental, se tornavam cada vez mais raros. Caris se preocupava com ele, mas não havia nada que pudesse fazer. Ela sentia a mesma raiva que a dominara durante a doença da mãe. Por que não havia como ajudá-lo? Ninguém compreendia o que estava errado; ninguém era capaz de sequer atribuir um nome à doença. Diziam que era velhice, mas ele ainda não tinha 50 anos!

Caris rezava para que o pai vivesse para testemunhar seu matrimônio. Ela se casaria com Merthin na catedral de Kingsbridge, no domingo depois da Feira do Velocino, dentro de um mês apenas. O casamento da filha do regedor da cidade seria um grande acontecimento. Haveria um banquete na casa da guilda para os cidadãos mais eminentes, e um piquenique em Lovers’ Field para centenas de outros convidados. Havia dias que o pai passava horas planejando os cardápios e a diversão, só para esquecer tudo o que dissera e recomeçar do zero no dia seguinte.

Ela tratou de tirar isso da mente para se concentrar no problema que esperava ser mais fácil de resolver.

– Durante o último mês houve um aumento dos ataques dos bandidos.

Ocorreram quase sempre aos domingos e as vítimas são invariavelmente as pessoas que trazem seus produtos para Kingsbridge.

– É o irmão de seu noivo quem está fazendo isso. Fale com Merthin, não conosco – interrompeu Elfric.

Caris reprimiu um ímpeto de exasperação. O marido de sua irmã nunca perdia uma oportunidade de criticá-la. Ela tinha uma noção angustiada do provável envolvimento de Ralph. Isso provocava agonia em Merthin. E Elfric adorava a situação.

– Acho que é Tam Hiding – sugeriu Dick Brewer.

– Talvez sejam os dois – disse Caris. – Creio que Ralph Fitzgerald, que tem algum treinamento militar, tenha se aliado a um bando que já existia e deu um jeito para que eles se tornassem mais organizados e eficientes.

– Quem quer que sejam acabarão arruinando a cidade. Ninguém mais vem para o mercado – interveio a gorda Betty Baxter, a padeira mais bem-sucedida de Kingsbridge.

Era um exagero, embora o comparecimento ao mercado semanal estivesse mesmo caindo de forma drástica. Os efeitos já eram sentidos por quase todos os estabelecimentos comerciais da cidade, de padarias a bordéis.

– Mas essa não é a pior parte – continuou Caris. – Dentro de quatro semanas teremos a Feira do Velocino. Várias pessoas aqui investiram enormes quantias na nova ponte, que deve estar pronta para ser usada, com um leito de madeira provisório. A maioria depende dessa feira anual para prosperar. Pessoalmente, tenho um depósito cheio de caríssimo tecido escarlate para vender. Se por acaso se espalhar a notícia de que as pessoas que vierem para Kingsbridge podem ser assaltadas por bandidos, não teremos compradores.

Caris estava ainda mais preocupada do que deixava transparecer. Nem ela nem o pai tinham dinheiro sobrando. Tudo fora investido na ponte ou em lã crua e tecido escarlate. A Feira do Velocino era a oportunidade de recuperar as finanças. Se o comparecimento fosse mínimo, enfrentariam as maiores dificuldades. Entre outras coisas, quem pagaria o casamento?

Ela não era a única pessoa preocupada. Rick Silvers, o chefe da guilda dos joalheiros, um homem afetado e meticuloso, sempre vestido de forma impecável, disse:

– Seria o terceiro ano ruim consecutivo. E acarretaria o fim para alguns dos nossos. Realizamos metade dos negócios na Feira do Velocino.

– Acabaria com esta cidade – declarou Edmund. – Não podemos permitir que isso aconteça.

Vários outros se manifestaram. Caris, que presidia a reunião extraoficialmente, deixou que formulassem seus protestos. Um sentimento acentuado de urgência deixaria todos predispostos a aceitarem a solução radical que ela ia propor.

– O representante do rei em Shiring deve tomar uma providência – disse Elfric. – Afinal, ele não é pago para manter a paz?

– Ele não pode vasculhar toda a floresta – explicou Caris. – Não tem homens suficientes para isso.

– O conde Roland tem – disse Elfric.

Era uma pretensão inviável, mas Caris deixou a discussão prosseguir. Assim, quando propusesse sua solução, todos estariam conscientes de que não havia alternativas.

– O conde não vai nos ajudar. Já pedi a ele – redarguiu Edmund.

Caris, que escrevera uma carta de Edmund para Roland, acrescentou:

– Ralph era um homem do conde... e ainda é. Já devem ter notado que os bandidos não atacam as pessoas que vão para o mercado de Shiring.

Elfric declarou, indignado:

– Aqueles camponeses de Wigleigh nunca deveriam ter apresentado uma queixa contra um homem do conde... Quem eles pensam que são?

Caris ia responder, mais indignada ainda, porém Betty Baxter se antecipou:

– Então você acha que os lordes devem ter permissão para estuprar quem eles quiserem?

Edmund interveio, incisivo, demonstrando um pouco de sua antiga autoridade:

– Isso é diferente. Já aconteceu, e Ralph agora está se vingando em nós. O que vamos fazer? O representante do rei não pode nos ajudar e o conde não quer.

– E lorde William? – indagou Rick Silvers. – Ele tomou o partido das pessoas de Wigleigh. Foi por causa dele que Ralph se tornou um fora da lei.

– Também pedi sua ajuda – informou Edmund. – Ele respondeu que não

estamos em seu território.

– É esse o problema de ter o priorado como suserano. De que adianta um prior quando você precisa de proteção? – comentou Rick.

– É outra razão para estarmos solicitando uma carta régia de burgo – respondeu Caris. – Passaríamos a contar com a proteção real.

– Temos o nosso chefe da guarda – disse Elfric. – O que ele está fazendo?

Mark Webber, um dos ajudantes de John Constable, declarou:

– Estamos prontos para fazer o que for necessário. Basta pedirem.

– Ninguém duvida de sua coragem – disse Caris. – Mas seu papel é lidar com as pessoas que causam problemas na cidade. John Constable não tem a menor experiência em caçar bandidos.

Mark, muito ligado a Caris porque dirigia seu moinho de pisoar em Wigleigh, protestou com alguma irritação:

– Quem tem, então?

Caris vinha esperando que a discussão chegasse a essa pergunta.

– Já que estamos falando nisso, há um soldado experiente que está disposto a nos ajudar. Tomei a liberdade de convidá-lo para vir aqui esta noite. Ele espera na capela. – Ela alteou a voz: – Thomas, pode se juntar a nós?

Thomas Langley saiu da pequena capela no fundo do salão.

– Um monge? – inquiriu Rick Silvers, cético.

– Antes de ser monge, ele era um soldado – explicou Caris. – Foi assim que perdeu o braço.

– Os membros da guilda deveriam ter sido consultados antes que ele fosse convidado – resmungou Elfric, irritado.

Ninguém deu a menor atenção a seu protesto. Caris ficou satisfeita ao constatar que estavam interessados demais em saber o que Thomas tinha a dizer.

– Vocês precisam formar uma milícia – começou Thomas. – Pelas informações que temos, há vinte ou trinta fora da lei no bando. Não são tantos assim. A maioria dos homens da cidade é capaz de usar um arco com eficiência, graças aos treinamentos nas manhãs de domingo. Cem homens, bem preparados e com um comando competente, poderiam derrotar os bandidos com a maior facilidade.

– Isso parece ótimo – disse Rick Silvers. – Mas teríamos de descobrir onde

estão.

– Tem toda a razão – respondeu Thomas. – Mas tenho certeza de que há alguém na cidade que sabe onde os bandidos podem ser encontrados.



Merthin pedira ao mercador de madeira, Jake Chepstow, que lhe trouxesse um bloco de ardósia de Gales – o maior que pudesse encontrar. Jake voltara de sua expedição a Gales para buscar madeira com um bloco fino de ardósia cinzenta de cerca de 3 metros quadrados. Merthin o encaixara numa armação de madeira e o usava para desenhar seus projetos.

Naquela noite, enquanto Caris participava da reunião da guilda, Merthin estava em sua casa, na ilha dos Leprosos, trabalhando num mapa da propriedade. Alugar terrenos na ilha para cais e depósitos era a menor de suas ambições. Previa uma rua inteira de estalagens e lojas cruzando a ilha de uma ponte a outra. Ele próprio construiria os prédios e os alugaria para mercadores empreendedores de Kingsbridge. Ficava animado ao pensar no futuro da cidade e imaginar os prédios e ruas de que precisaria. Era o tipo de coisa que o priorado deveria fazer se tivesse uma liderança mais competente.

O planejamento incluía uma casa nova para ele e Caris. Aquela pequena seria aconchegante quando se casassem, mas logo precisariam de mais espaço, especialmente se tivessem filhos. Já reservara um terreno na praia do sul, onde teriam o ar fresco do rio. A maior parte da ilha era rochosa, mas o lugar escolhido tinha uma pequena área de solo cultivável onde ele poderia plantar algumas árvores frutíferas. Enquanto planejava a casa, exultou com a imagem dos dois morando ali, dia após dia, para sempre.

Seu sonho foi interrompido por uma batida à porta. Ficou surpreso. Ninguém costumava visitar a ilha à noite – com exceção de Caris, que não bateria.

– Quem é? – perguntou, nervoso.

Thomas Langley entrou.

– Os monges deveriam estar dormindo a esta hora – comentou Merthin.

– Godwyn não sabe que estou aqui.

Thomas olhou para a placa de ardósia.

– Você desenha com a mão esquerda?

– Esquerda ou direita, não faz diferença. Gostaria de tomar um vinho?

– Não, obrigado. Terei de me levantar para as Matinas dentro de poucas horas e não quero ficar sonolento.

Merthin gostava de Thomas. Havia um vínculo entre os dois desde aquele dia, doze anos antes, em que prometera que, se Thomas morresse, levaria um padre ao lugar em que a carta fora enterrada. Mais tarde, quando trabalharam juntos nos reparos da catedral, Thomas sempre fora claro e objetivo em suas instruções e gentil com os aprendizes. Conseguia ser sincero em sua vocação religiosa sem ser orgulhoso. Todos os homens de Deus deveriam ser assim, pensava Merthin.

Ele indicou a Thomas uma cadeira ao lado do fogo.

– O que posso fazer por você?

– Vim falar sobre seu irmão. Ele deve ser detido.

Merthin estremeceu, como se sentisse uma súbita pontada de dor.

– Se eu pudesse fazer qualquer coisa, pode ter certeza de que não hesitaria. Mas não o tenho visto e, se encontrá-lo, não sei se ele me ouvirá. Houve um tempo em que ele me procurava em busca de orientação, mas esses dias já passaram.

– Acabo de sair de uma reunião da guilda da paróquia. Pediram-me para organizar uma milícia.

– Não espere que eu participe.

– Não vim com esse propósito. – Thomas deu um sorriso irônico. – Para ser franco, seus muitos talentos espantosos não incluem as habilidades militares.

Merthin acenou com a cabeça, pesaroso.

– Obrigado.

– Mas há uma coisa em que poderia me ajudar, se quisesse.

Merthin ficou apreensivo.

– O que é?

– Os bandidos devem ter um esconderijo em algum lugar não muito distante de Kingsbridge. Quero que você pense sobre o lugar em que seu irmão possa estar. Provavelmente é um lugar que ambos conhecem, uma caverna, talvez, ou uma cabana de couteiro abandonada na floresta.

Merthin hesitou. Thomas insistiu:

– Sei que você detestaria traí-lo. Mas pense na primeira família que ele atacou: um camponês decente e trabalhador, sua linda esposa, um rapaz de 14 anos e uma menina. Agora, três estão mortos e a menina ficou órfã. Mesmo que você ame seu irmão, tem de nos ajudar a pegá-lo.

– Sei disso.

– Consegue imaginar onde ele possa estar escondido?

Merthin ainda não se sentia disposto a responder.

– Vai capturá-lo vivo?

– Se eu puder.

Merthin balançou a cabeça.

– Não é suficiente. Preciso de uma garantia.

Thomas permaneceu calado por um bom tempo.

– Está bem. Eu o pegarei vivo. Não sei como, mas encontrarei um jeito. Prometo.

– Obrigado.

Merthin ainda hesitava. Sabia que tinha de fazer aquilo, mas seu coração se rebelava. Passado um momento, forçou-se a falar:

– Quando eu tinha 13 anos, costumávamos sair para caçar, em geral com garotos mais velhos. Passávamos o dia inteiro caçando e cozinhávamos o que abatíamos. Às vezes subíamos até as Chalk Hills e encontrávamos as famílias que passavam o verão ali, as ovelhas pastando. As pastoras costumavam ser alegres e fáceis. Algumas deixavam que as beijássemos. – Sorriu de leve ao recordar. – No inverno, quando os pastores não estavam lá em cima, usávamos suas cabanas como abrigo. Talvez seja o lugar em que Ralph está escondido.

– Obrigado – disse Thomas, levantando-se.

– Lembre-se de sua promessa.

– Não esquecerei.

– Confiou-me um segredo há doze anos.

– Sei disso.

– Nunca o traí.

– É verdade.

– Agora, estou confiando em você.

Merthin sabia que suas palavras podiam ser interpretadas de duas maneiras: ou como uma súplica de reciprocidade ou como uma ameaça velada. Não tinha problema. Que Thomas interpretasse como quisesse. Thomas estendeu a mão e Merthin a apertou.

– Cumprirei minha palavra – disse o monge antes de se retirar.



Ralph e Tam cavalgavam lado a lado, subindo a colina, seguidos por Alan Fernhill em seu cavalo e o restante do bando a pé. Ralph se sentia bem: fora outro trabalho proveitoso na manhã de domingo. A primavera chegara e os camponeses começavam a levar os produtos da nova estação para o mercado. Os membros do bando carregavam meia dúzia de ovelhas, um pote com mel, outro com creme e vários odres de vinho. Como sempre, os bandidos haviam sofrido apenas pequenos ferimentos, uns poucos talhos e equimoses, infligidos por suas vítimas mais temerárias.

A parceria de Ralph com Tam era um sucesso extraordinário. Duas ou três horas de luta fácil proporcionavam tudo de que precisavam para uma semana de vida no luxo. Passavam o resto do tempo caçando durante o dia e bebendo à noite. Não havia servos rústicos para importuná-los com disputas sobre limites de terras ou para roubá-los no arrendamento. Só faltavam mulheres, e hoje haviam resolvido esse problema ao sequestrarem duas irmãs gorduchas, de 13 e 14 anos.

Seu único pesar era o de nunca ter lutado pelo rei. Fora sua ambição desde menino e ainda sonhava com isso. Ser um fora da lei era muito fácil. Ele não podia se orgulhar de matar servos desarmados. O menino nele ainda ansiava pela glória. Nunca provara, para si mesmo e para os outros, que tinha a alma de um verdadeiro cavaleiro.

Mas não permitiria que esse pensamento o deixasse deprimido. Enquanto subia pela encosta que escondia o pasto no alto das colinas, onde ficava o esconderijo, ele aguardava ansioso por um banquete naquela noite. Assariam uma ovelha no espeto e comeriam creme com mel. E as garotas... Ralph decidira que ficariam deitadas lado a lado, para que cada uma visse a irmã sendo violada

por um homem após outro. O pensamento fez seu coração bater mais depressa.

Já podiam avistar os abrigos de pedra. Não seriam capazes de usá-los por muito mais tempo, pensou Ralph. A relva estava crescendo e os pastores subiriam em breve. A Páscoa caíra cedo naquele ano e por isso o Domingo de Pentecostes viria logo depois de 1º de maio. Os bandidos teriam de procurar outra base.

Quando se encontrava a 50 metros da cabana mais próxima, Ralph ficou aturdido ao ver alguém sair de lá.

Ele e Tam pararam os cavalos e os outros bandidos se agruparam ao redor, as mãos em suas armas.

O homem se aproximou e Ralph constatou que era um monge. Tam, a seu lado, disse:

– Mas o quê, em nome dos céus...?

Uma das mangas do monge balançava vazia. Ralph o reconheceu como o irmão Thomas, de Kingsbridge. Thomas os alcançou, como se fosse um encontro casual na rua principal da cidade.

– Olá, Ralph – disse ele. – Lembra-se de mim?

– Você conhece esse homem? – perguntou Tam.

Thomas se adiantou pelo lado direito do cavalo de Ralph. Estendeu o braço direito bom para um aperto de mão. O que ele estava fazendo ali? Por outro lado, que mal podia causar um monge com um braço só? Aturdido, Ralph apertou a mão estendida. Thomas subiu a mão pelo braço de Ralph e pegou seu cotovelo.

Pelo canto dos olhos, Ralph percebeu um movimento nas proximidades das cabanas de pedra. Ao virar o rosto para ver melhor, avistou um homem passar pela porta da cabana mais próxima, logo seguido por outro, por mais três, e reparou também que havia homens saindo de todas as cabanas... e que ajustavam flechas nos arcos que carregavam. Compreendeu que ele e seu bando haviam caído numa emboscada... mas nesse momento a mão em seu cotovelo aumentou a pressão e ele foi arrancado do cavalo com um puxão vigoroso.

Um grito se elevou do grupo de bandidos. Ralph caiu, batendo de costas no chão. Seu cavalo, Griff, pulou para o lado, assustado. Quando Ralph fez menção de se levantar, Thomas se jogou em cima dele, pesado como uma árvore, espremendo-o contra a terra, e permaneceu por cima, como um amante.

– Fique quieto e não morrerá – disse ele no ouvido de Ralph.

No instante seguinte, Ralph ouviu o som de dezenas de flechas sendo disparadas ao mesmo tempo, com zunidos inconfundíveis, como o vento repentino de uma tempestade de raios. O barulho era tremendo... devia haver pelo menos cem arqueiros, pensou. Era evidente que haviam aguardado nos abrigos. O ato de Thomas ao segurar seu braço podia ter sido o sinal para que saíssem e atirassem.

Ralph ainda pensou em empurrar Thomas para o lado, mas depois mudou de ideia. Podia ouvir os gritos dos outros bandidos ao serem atingidos pelas flechas. Do chão, não dava para ver muita coisa, mas ele percebeu que alguns de seus homens desembainhavam as espadas. Só que estavam longe demais dos arqueiros: se corressem ao encontro do inimigo, seriam abatidos pelas flechas antes de conseguirem alcançá-los. Era um massacre, não uma batalha. Cascos ressoaram na terra e Ralph especulou se Tam atacava os arqueiros ou fugia.

A confusão foi terrível, mas não durou muito tempo. Logo ele compreendeu que os bandidos tentavam fugir.

Thomas saiu de cima dele, tirou uma adaga comprida de baixo do hábito beneditino e disse:

– Nem pense em pegar sua espada.

Ralph se levantou. Olhou para os arqueiros e reconheceu muitos: o gordo Dick Brewer, o rude Edward Butcher, o jovial Paul Bell, o mal-humorado Bill Watkin, todos cidadãos tímidos e respeitadores da lei de Kingsbridge. Fora capturado por mercadores. Mas isso não era o mais surpreendente. Olhou para Thomas, curioso.

– Você poupou minha vida, monge.

– Só porque seu irmão me pediu – respondeu Thomas, irritado. – Se dependesse de mim, você estaria morto antes mesmo de bater no chão.

A cadeia de Kingsbridge ficava no porão da casa da guilda. Tinha as paredes de pedra, o chão sujo e nenhuma janela. Não havia fogo, e os prisioneiros de vez em quando morriam de frio no inverno, mas era o mês de maio, e Ralph contava

com um manto de lã para mantê-lo aquecido durante a noite. Também tinha uns poucos móveis – uma cadeira, um banco e uma pequena mesa – alugados de John Constable e pagos por Merthin. Do outro lado da porta de carvalho ficava a sala de John Constable. Nos dias de mercado e durante a feira, ele e seus ajudantes sentavam ali, esperando serem chamados para resolver qualquer problema que surgisse.

Alan Fernhill estava na cela com Ralph. Um arqueiro de Kingsbridge o atingira com uma flecha na coxa. Embora o ferimento não fosse grave, ele não pudera correr. Mas Tam Hiding conseguira escapar.

Aquele era o último dia que passariam ali. O representante do rei deveria chegar ao meio-dia para levá-los para Shiring. Já haviam sido condenados à morte, à revelia, pelo estupro de Annet e pelos crimes cometidos no tribunal, testemunhados pelo juiz: ferir o primeiro jurado, ferir Wulfric e fugir. Seriam enforcados quando chegassem a Shiring.

Uma hora antes do meio-dia, os pais de Ralph trouxeram o almoço: presunto quente, pão fresco e um jarro de cerveja forte. Merthin os acompanhava, e Ralph presumiu que era o momento da despedida. O pai confirmou ao anunciar:

– Não vamos acompanhá-lo até Shiring.

A mãe acrescentou:

– Não queremos vê-lo...

A frase foi interrompida, mas Ralph sabia o que ela queria dizer. Não iriam a Shiring porque não queriam testemunhar seu enforcamento.

Ralph tomou a cerveja, mas teve dificuldade para comer. Ia para a forca, e a comida parecia ser uma inutilidade. De qualquer forma, não sentia o menor apetite. Alan aproveitou: parecia não ter a menor noção da tragédia que o aguardava.

A família se sentou, num silêncio constrangedor. Embora fossem os últimos minutos que passariam juntos, ninguém sabia o que dizer. Maud chorava baixinho, Gerald exibia uma expressão furiosa e Merthin mantinha a cabeça entre as mãos. Alan Fernhill parecia apenas entediado.

Ralph tinha uma pergunta para o irmão. Parte dele não queria fazê-la, mas compreendeu que aquela seria sua última oportunidade.

– Quando o irmão Thomas me arrancou do cavalo, protegendo-me das

flechas, agradeci a ele por salvar minha vida. – Ele fitou o irmão e acrescentou: – Thomas disse que fez isso por você, Merthin.

Merthin se limitou a assentir.

– Você pediu a ele?

– Pedi.

– Então sabia o que ia acontecer.

– Sabia.

– Mas... como Thomas sabia onde me encontrar?

Merthin não respondeu.

– Você contou a ele, não foi? – indagou Ralph.

O pai ficou chocado.

– Merthin! – exclamou. – Como pôde fazer isso?

– Seu porco traiçoeiro! – gritou Alan Fernhill.

– Você estava assassinando pessoas! – disse Merthin a Ralph. – Camponeses inocentes, suas esposas e crianças! Tinha de ser detido!

Ralph não sentiu raiva, o que o deixou um tanto surpreso. Tinha a sensação de que sufocava. Engoliu em seco.

– Mas por que pediu a Thomas para poupar minha vida? Foi porque preferia me ver enforcado?

– Ralph, não... – balbuciou Maud, para depois começar a chorar.

– Não sei – respondeu Merthin. – Talvez eu apenas quisesse que você vivesse mais um pouco.

– Mas você me traiu. – Ralph descobriu que estava à beira de um colapso. As lágrimas pareciam se acumular por trás dos olhos e a pressão na cabeça era cada vez maior. – Você me traiu.

Merthin se levantou e disse, furioso:

– Por Deus, você mereceu!

– Não briguem... – suplicou Maud.

Ralph balançou a cabeça, triste, e afirmou:

– Não vamos brigar. Esses dias passaram.

A porta foi aberta. John Constable entrou para anunciar:

– O representante do rei está lá fora.

Maud abraçou Ralph e o apertou, chorando. Depois de um tempo, Gerald

gentilmente a afastou dali.

John deixou a cela e Ralph foi atrás. Estava surpreso por não ter sido amarrado ou acorrentado. Já fugira uma vez antes. Não tinham medo de que fizesse a mesma coisa de novo? Atravessou a sala de John e saiu do prédio. A família veio atrás.

Devia ter chovido pouco antes, pois agora o sol forte se refletia na rua molhada. Ralph teve de contrair os olhos contra a claridade. Enquanto ajustava a vista, reconheceu seu cavalo, Griff, selado e pronto para partir. A presença alegrou seu coração. Pegou as rédeas e murmurou no ouvido do cavalo:

– Você nunca me traiu, não é mesmo, meu garoto?

O cavalo bufou e bateu os cascos, satisfeito por ter seu dono de volta.

O representante do rei e vários assistentes esperavam, montados e armados até os dentes: deixariam Ralph seguir a cavalo até Shiring, mas não queriam correr qualquer risco. Não haveria fuga dessa vez, compreendeu ele.

Ralph correu os olhos ao redor. O representante do rei estava ali, mas os outros cavaleiros armados não eram seus ajudantes. Eram homens do conde Roland. E lá estava o próprio conde, cabelos pretos, barba preta, montando um cavalo de batalha tordilho. O que ele fazia ali?

Sem saltar, o conde se inclinou e entregou um pergaminho enrolado a John Constable.

– Leia isso, se puder – disse Roland, falando pelo canto da boca, como sempre. – É um mandado do rei. Todos os presos do condado estão perdoados e devem ser libertados sob a condição de me acompanharem para se juntarem ao exército real.

– Urra! – gritou Gerald.

Maud desatou a chorar. Merthin olhou por sobre o ombro de John e leu o documento. Ralph olhou para Alan, que lhe perguntou:

– O que isso significa?

– Significa que estamos livres!

– É verdade, se li direito – declarou John Constable. E olhou para o representante do rei. – Você confirma isso?

– Confirmo – respondeu o representante do rei.

– Então não há mais nada a dizer. Estes homens estão livres e podem

acompanhar o conde.

John enrolou o pergaminho. Ralph olhou para o irmão. Merthin estava chorando. Seriam lágrimas de alegria ou de frustração?

Só que ele não teve mais tempo para especular.

– Vamos embora – disse Roland, impaciente. – Agora que concluímos as formalidades, temos de partir. O rei está na França. Temos uma longa viagem pela frente!

Ele esporeou o cavalo e partiu a galope pela rua principal. Ralph bateu nos flancos de Griff, que seguiu o conde a trote.

41

– Você não pode vencer – disse Gregory Longfellow ao prior Godwyn, sentado na cadeira grande na sala da casa do prior. – O rei vai conceder a carta régia de burgo a Kingsbridge.

Godwyn ficou aturdido. Aquele era o advogado que ganhara dois casos para ele no tribunal real, um contra o conde e outro contra o regedor. Se alguém tão competente se declarava vencido, então a derrota devia ser mesmo inevitável.

O que era inadmissível. Se Kingsbridge se tornasse um burgo real, o priorado ficaria em segundo plano. Há centenas de anos o prior decidia tudo em Kingsbridge. Aos olhos de Godwyn, a cidade existia apenas para servir ao priorado, que servia a Deus. Agora, o priorado seria apenas uma parte da cidade controlada por mercadores, servindo ao deus Dinheiro. E o Livro da Vida mostraria que fora Godwyn o prior que deixara isso acontecer.

– Tem certeza? – perguntou, consternado.

– Sempre tenho certeza.

Godwyn sentiu a maior irritação. A atitude presunçosa de Gregory era ótima quando ele escarnecia de seus oponentes, mas, quando se virava contra você, era angustiante. Furioso, Godwyn indagou:

– Veio até Kingsbridge só para me dizer que não pode fazer o que pedi?

– E para cobrar meus honorários – declarou Gregory com um sorriso de satisfação.

Godwyn desejou poder jogá-lo no viveiro de peixes com suas roupas de Londres.

Era o sábado da semana de Pentecostes, o dia anterior à abertura da Feira do Velocino. Lá fora, no pátio gramado no lado oeste da catedral, centenas de mercadores armavam suas barracas. As conversas e gritos de uns para os outros

se combinavam num estrondo que podia ser ouvido na sala da casa do prior, onde Godwyn e Gregory sentavam às cabeceiras da mesa de refeições. Philemon, sentado no banco ao lado, pediu a Gregory:

– Poderia explicar ao lorde prior como chegou a essa conclusão pessimista?

Ele vinha desenvolvendo um tom de voz que ficava entre o subserviente e o desdenhoso. Godwyn não tinha certeza se gostava. Gregory não reagiu ao tom.

– Claro. O rei está na França.

– Já está na França há quase um ano e não aconteceu muita coisa – disse Godwyn.

– Tomará conhecimento da ação neste inverno.

– Por quê?

– Deve ter ouvido falar dos ataques franceses a nossos portos no Sul.

– Já me contaram – disse Philemon. – E também soube que os marujos franceses estupraram freiras em Canterbury.

– Sempre alegamos que o inimigo estuprou freiras – declarou Gregory, condescendente. – Encoraja as pessoas comuns a apoiarem a guerra. Mas eles incendiaram Portsmouth. E houve sérios prejuízos para a navegação. Talvez tenham notado uma queda no preço da lã inglesa.

– Claro que notamos.

– Isso se deve em parte à dificuldade de embarcá-la para Flandres. E o preço pago pelo vinho de Bordeaux subiu pelo mesmo motivo.

Não podíamos comprar vinho nem pelos preços antigos, pensou Godwyn, mas não disse isso. Gregory continuou:

– Esses ataques parecem ser apenas preliminares. Os franceses estão reunindo uma frota de invasão. Nossos espiões dizem que já há mais de duzentos navios ancorados na foz do rio Zwyn.

Godwyn notou que Gregory falava de “nossos espiões” como se fosse parte do governo. De fato, estava apenas repetindo boatos que ouvira. Só que parecia convincente.

– Mas o que a guerra francesa tem a ver com o fato de Kingsbridge se tornar ou não um burgo?

– Impostos. O rei precisa de dinheiro. A guilda da paróquia argumentou que a cidade será mais próspera e pagará mais impostos se se livrar do controle do

priorado.

– E o rei acredita nisso?

– Já foi provado antes que é verdade. É por isso que o rei cria burgos. Os burgos geram comércio, e o comércio produz receita de impostos.

Dinheiro de novo, pensou Godwyn, repugnado.

– Não há nada que possamos fazer?

– Não em Londres. Aconselho-o a se concentrar em Kingsbridge. Pode persuadir a guilda da paróquia a retirar o pedido? Como é o velho regedor? Ele pode ser subornado?

– Meu tio Edmund? Ele tem uma saúde precária, que se deteriora mais e mais. Mas sua filha, minha prima Caris, é a verdadeira força propulsora por trás dele.

– Lembro-me dela no julgamento. Achei-a um tanto arrogante.

O roto falando do esfarrapado, pensou Godwyn, irônico.

– Ela é uma bruxa – disse ele.

– É mesmo? Isso pode ajudar.

– Não falei literalmente.

– Por falar nisso, lorde prior, tem havido rumores – interveio Philemon.

Gregory ergueu as sobrancelhas.

– Interessante...

– Ela é muito amiga de uma mulher chamada Mattie, que prepara poções para as pessoas crédulas da cidade.

Godwyn já ia manifestar seu desdém por essa ideia de bruxaria, mas decidiu se calar. Qualquer arma que pudesse liquidar a ideia de converter Kingsbridge num burgo com carta régia só poderia ter sido enviada por Deus. E talvez Caris usasse mesmo a bruxaria, pensou ele. Quem poderia saber?

– Vejo que hesita – comentou Gregory. – Claro, se gosta de sua prima...

– Gostava quando éramos mais jovens. – Godwyn sentiu uma pontada de pesar pela simplicidade antiga perdida. – Mas lamento dizer que ela não cresceu para se tornar uma mulher temente a Deus.

– Nesse caso...

– Devo investigar os rumores – disse Godwyn.

– Permite que eu faça uma sugestão? – indagou Gregory.

Godwyn se cansara das sugestões de Gregory, mas não teve coragem de dizer isso.

– Claro – concordou, com uma polidez um tanto exagerada.

– As investigações de heresia podem ser sórdidas. Não deve sujar suas mãos. E as pessoas podem ficar nervosas ao falar com um prior. Delegue a tarefa a alguém que seja menos intimidativo. Este jovem noviço, por exemplo. – Ele indicou Philemon, que exultou de prazer. – A atitude dele me parece sensata.

Godwyn recordou que Philemon descobrira a fraqueza do bispo Richard, sua ligação com Margery. Era sem dúvida o homem certo para qualquer trabalho sujo.

– Está bem – disse. – Veja o que consegue descobrir, Philemon.

– Obrigado, lorde prior. Nada me daria mais prazer.



Na manhã de domingo, as pessoas ainda chegavam a Kingsbridge. Caris as observou passarem pelas duas pontes largas de Merthin, a pé, a cavalo, em carroças de duas ou quatro rodas puxadas por cavalos, em carros de boi, trazendo mercadorias para a feira. A cena animou seu coração. Não houvera uma grande cerimônia de inauguração – a ponte ainda não estava realmente pronta, mas já dava para ser usada graças a um leito de madeira provisório –, mas mesmo assim se espalhara a notícia de que estava aberta e as estradas estavam a salvo dos salteadores. Até mesmo Buonaventura Caroli viera.

Merthin sugerira uma maneira diferente de recolher o pedágio, e a guilda da paróquia adotara a proposta no mesmo instante. Em vez de uma única cabine na extremidade da ponte, criando um gargalo, havia dez postos de cobrança provisórios na ilha dos Leprosos. A maioria das pessoas podia entregar sua moeda sem nem mesmo parar.

– Não há sequer uma fila – murmurou Caris para si mesma.

E o tempo era ensolarado e ameno, sem o menor sinal de chuva. A feira seria um sucesso.

E dali a uma semana ela se casaria com Merthin.

Ainda sentia apreensões. A ideia de perder a independência e se tornar

propriedade de alguém não cessara de apavorá-la mesmo sabendo que Merthin não era o tipo de homem capaz de explorar e controlar a esposa. Nas raras ocasiões em que confessara seus sentimentos – para Gwenda, por exemplo, ou para Mattie Wise –, fora informada de que pensava como um homem. Mas era assim que se sentia.



Só que a perspectiva de perdê-lo parecia ainda mais desoladora. O que lhe restaria, exceto um negócio de fabricar tecidos que não lhe proporcionava nenhuma inspiração? E, quando Merthin afinal anunciara sua intenção de deixar a cidade, o futuro parecera vazio. Ela compreendera que a única coisa pior do que casar com ele podia ser não casar com ele.

Pelo menos era o que dizia a si mesma em seus momentos mais positivos. Mas às vezes, quando ficava acordada de madrugada, se via a recuar no último minuto, talvez no meio da cerimônia de casamento, recusando-se a prestar os votos e saindo em disparada da igreja, para consternação da congregação.

O que era um absurdo, sentia agora, à luz do dia, com tudo correndo tão bem. Casaria com Merthin e seria feliz. Ela deixou a margem do rio e atravessou a cidade até a catedral, já apinhada de fiéis à espera do serviço da manhã. Recordou como Merthin a acariciara por trás de um pilar. Sentiu saudade da paixão insensata do início do relacionamento: as conversas longas e vibrantes, os beijos roubados.

Encontrou-o perto da frente da congregação, estudando a nave sul do coro, a parte da catedral que desabara diante de seus olhos há dois anos. Recordou que subira com Merthin até o espaço abobadado e ouvira a terrível conversa entre o irmão Thomas e sua antiga esposa. Fora essa conversa que cristalizara seus medos e a levara a rejeitar Merthin. Caris tratou de afastar o pensamento da mente.

– Os reparos parecem estar resistindo – comentou, adivinhando o que Merthin pensava.

Ele parecia em dúvida.

– Dois anos é muito pouco tempo na vida de uma catedral.

– Não há sinal de deterioração.

– É o que torna o problema tão difícil. Uma fraqueza invisível pode efetuar seu trabalho de desgaste por anos, sem que ninguém desconfie, até que ocorra um desabamento.

– Talvez não haja nenhuma fraqueza.

– Tem de haver – insistiu Merthin com alguma impaciência. – Houve uma razão para que o desabamento ocorresse há dois anos. Nunca descobrimos qual era. Por isso, não fizemos o reparo direito. E, se não foi bem-feito, a fraqueza ainda persiste.

– Pode ter ocorrido uma correção espontânea.

Caris estava apenas sendo argumentativa, mas ele a levou a sério.

– Os prédios não costumam se reparar por si mesmos. Mas você tem razão, é possível. Pode ter havido um vazamento de água, por exemplo, de alguma gárgula obstruída. E a água encontrou um caminho menos prejudicial para escoar.

Os monges começaram a entrar, em procissão e cantando. A congregação ficou em silêncio. As freiras vieram de sua entrada separada. Uma das noviças ergueu os olhos, um rosto pálido e bonito na fileira de cabeças encapuzadas. Ela viu Merthin e Caris juntos. O súbito brilho de rancor fez Caris estremecer. No instante seguinte, Elizabeth baixou a cabeça e tornou a desaparecer em seu hábito anônimo.

– Ela odeia você – disse Merthin.

– Pensa que o impedi de casar com ela.

– Ela está certa.

– Não, não está... Você poderia casar com quem quisesse!

– Mas só queria você.

– Brincou com os sentimentos de Elizabeth.

– Deve ter parecido assim para ela – comentou Merthin. – Mas eu apenas gostava de conversar com Elizabeth, ainda mais depois que você se transformou em gelo.

Caris ficou contrafeita.

– Sei disso. Mas Elizabeth acha que foi enganada. E a maneira como olha para mim me deixa nervosa.

– Não tenha medo. Ela é uma freira agora. Não pode lhe fazer mal.

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo, de pé, lado a lado, os ombros se tocando em intimidade, enquanto assistiam ao ritual. O bispo Richard sentava no trono no lado leste, presidindo o serviço. Merthin gostava daquele tipo de coisa, Caris sabia. Sempre se sentia melhor depois e dizia que frequentar a igreja deveria fazer isso pelas pessoas. Caris comparecia à igreja porque as pessoas notariam se ela não fosse, mas tinha dúvidas sobre tudo aquilo. Acreditava em Deus, mas não tinha certeza se Ele revelava seus desejos exclusivamente para homens como seu primo Godwyn. Por que um deus haveria de querer louvores, por exemplo? Reis e condes queriam ser venerados e, quanto mais insignificantes fossem, mais deferência exigiam. Parecia-lhe que um Deus Todo-Poderoso não se importaria se as pessoas de Kingsbridge lhe entoassem louvores, assim como ela não se importava se o veado na floresta a temia ou não. Expressava essas ideias de vez em quando, mas ninguém a levava a sério.

Seus pensamentos se desviaram para o futuro. Eram boas as perspectivas de que o rei concedesse uma carta régia de burgo a Kingsbridge. Seu pai provavelmente seria o primeiro prefeito, se recuperasse a saúde. Seu negócio de tecido continuaria a crescer. Mark Webber ficaria rico. Com a crescente prosperidade, a guilda da paróquia poderia construir uma Bolsa de Lã, para que todos pudessem fazer seus negócios com conforto, mesmo com mau tempo. Merthin projetaria o prédio. Até mesmo o priorado ficaria numa situação melhor, embora Godwyn nunca fosse lhe agradecer por isso.

O serviço terminou e os monges e freiras começaram a se retirar. Um noviço se desligou dos outros e entrou na área destinada à congregação. Era Philemon. Para surpresa de Caris, ele a abordou e perguntou:

– Posso conversar com você?

Ela reprimiu um sobressalto. Havia alguma coisa repulsiva no irmão de Gwenda.

– Sobre o quê? – murmurou ela, quase indelicada.

– Quero lhe pedir um conselho. – Philemon tentou dar um sorriso encantador. – Conhece Mattie Wise?

– Conheço.

– O que acha de seus métodos?

Caris o fitou com uma expressão dura. Aonde ele estava querendo chegar? Ela decidiu que era melhor, de qualquer forma, defender Mattie.

– Ela nunca estudou os textos dos antigos, é claro. Apesar disso, seus remédios funcionam, às vezes melhor que os remédios dos monges. Creio que isso acontece porque ela baseia seus tratamentos no que deu certo antes em vez de se ater à teoria dos humores.

As pessoas paradas nas proximidades escutavam com a maior curiosidade. Algumas resolveram participar da conversa mesmo sem serem convidadas.

– Ela deu à nossa Nora uma poção que baixou sua febre – comentou Madge Webber.

– Quando quebrei o braço, seu medicamento tirou a dor enquanto Matthew Barber consertava o osso – acrescentou John Constable.

– E que tipo de encantamentos ela pronuncia quando está fazendo suas misturas? – perguntou Philemon.

– Não há nenhum encantamento! – protestou Caris, indignada. – Ela diz às pessoas para rezarem ao tomarem seus medicamentos, porque só Deus pode curar... É o que ela sempre diz.

– Mattie poderia ser uma bruxa?

– Claro que não! Isso é uma ideia ridícula!

– Mas uma queixa foi apresentada ao tribunal eclesiástico.

Caris sentiu um calafrio.

– Por quem?

– Não posso dizer. Mas fui incumbido de investigar.

Caris ficou atordoada. Quem poderia ser inimigo de Mattie?

– Logo você – disse ela a Philemon –, entre todas as pessoas, deveria conhecer o valor de Mattie... Ela salvou a vida de sua irmã quando Sam nasceu. Gwenda teria sangrado até a morte se não fosse por ela.

– É o que parece.

– Parece? Gwenda está viva, não é?

– Claro. Então você tem certeza de que Mattie não invoca o demônio?

Caris notou que ele elevara um pouco a voz ao fazer a pergunta, como se quisesse ter certeza de que as pessoas ao redor ouviriam. Ficou perplexa, mas não tinha qualquer dúvida sobre sua resposta.

– Claro que tenho! Posso confirmar sob juramento se você quiser.

– Não é necessário. Obrigado por sua orientação.

Philemon inclinou a cabeça, numa espécie de reverência, e se afastou. Caris e Merthin se encaminharam para a saída.

– Mas que absurdo! – exclamou Caris. – Mattie, uma bruxa!

Merthin parecia perturbado.

– Era de esperar que Philemon quisesse provas contra ela, não é?

– Claro.

– Então por que ele a procurou? Poderia ter imaginado que você, entre todas as pessoas, negaria a acusação. Por que ele se mostraria tão ansioso em inocentá-la?

– Não sei.

Os dois passaram pelo enorme portão oeste e saíram para o pátio gramado. O sol brilhava sobre centenas de barracas com mercadorias coloridas.

– Não faz sentido – disse Merthin. – E isso me perturba.

– Por quê?

– É como a causa da fraqueza na nave sul. Se você não pode ver, talvez esteja provocando um desgaste invisível... e você não saberá até que tudo desabe à sua volta.



O tecido escarlate na barraca de Caris no mercado não era tão bom quanto o que era vendido por Loro Fiorentino, embora só quem tivesse olho experiente e atento para lã pudesse perceber a diferença. A trama não era tão justa porque os teares italianos eram de alguma forma superiores. A cor tinha o mesmo brilho, mas não era tão uniforme por toda a peça porque os tintureiros italianos eram mais experientes. Em consequência, ela cobrava um décimo a menos que Loro.

Mesmo assim, era de longe o melhor escarlate inglês que já fora visto em Kingsbridge e os negócios se multiplicaram. Mark e Madge vendiam a varejo, por metro, medindo e cortando para clientes individuais. Caris lidava com os compradores por atacado, negociando reduções para uma peça ou seis com negociantes de tecidos de Winchester e Gloucester, até mesmo de Londres. Por

volta do meio-dia da segunda-feira ela já sabia que venderia tudo antes do final da semana.

Quando o movimento diminuiu, na hora do almoço, ela deu uma volta pela feira. Experimentava um profundo sentimento de satisfação. Triunfara sobre a adversidade e Merthin também fizera a mesma coisa. Ela parou na barraca de Perkin para conversar com as pessoas de Wigleigh. Até mesmo Gwenda triunfara. Ali estava ela, casada com Wulfric – algo que parecia impossível no passado – e cuidando do filho Sammy, um menino de 1 ano, sentado no chão, gordo e feliz. Annet vendia ovos em uma bandeja como sempre. E Ralph fora para a França, a fim de lutar pelo rei; talvez nunca mais voltasse.

Mais adiante, ela avistou Joby, o pai de Gwenda, vendendo suas peles de esquilo. Era um homem infame, sem escrúpulos. Mas parecia ter perdido o poder de fazer mal a ela.

Caris parou na barraca do pai. Persuadira-o a comprar lã em quantidades menores naquele ano. O mercado internacional de lã não podia prosperar quando franceses e ingleses atacavam portos uns dos outros e queimavam navios.

– Como estão os negócios, papai?

– Mais ou menos. Acho que calculei certo.

O pai esquecera que a avaliação não fora dele, mas de Caris, que aconselhara cautela. Mas isso não tinha importância.

A cozinheira, Tutty, apareceu com o almoço de Edmund: ensopado de cordeiro numa panela, pão e um jarro de cerveja. Era importante parecer próspero, mas não demais. Edmund explicara a Caris, muitos anos antes, que os clientes precisavam acreditar que estavam comprando de um negociante bem-sucedido, mas ficariam ressentidos em contribuir para a riqueza de alguém que aparentava nadar em dinheiro.

– Está com fome? – perguntou ele a Caris.

– Muita.

Edmund se levantou para pegar a panela do ensopado. Foi nesse instante que cambaleou, deixou escapar um som estranho, entre um grunhido e um grito, e caiu no chão.

A cozinheira soltou um grito.

– Pai! – chamou Caris.

Mas ela sabia que Edmund não responderia. Dava para perceber que estava inconsciente, pela maneira como batera no chão, inerte, como se fosse um saco de cebolas. Caris resistiu ao impulso de gritar. Ajoelhou-se ao lado do pai. Ele continuava vivo, a respiração rouca. Caris sentiu seu pulso: as batidas eram fortes, mas lentas. O rosto parecia corado. Era sempre avermelhado, mas agora parecia mais do que o normal.

– O que aconteceu? – perguntou Tutty.

– Ele desmaiou – Caris forçou-se a falar calmamente. – Chame Mark Webber. Ele pode carregar papai até o hospital.

A cozinheira saiu correndo. Pessoas das barracas vizinhas se agruparam ao redor. Dick Brewer se aproximou e disse:

– Pobre Edmund... O que posso fazer?

Dick era muito velho e gordo para levantar o pai dela.

– Mark está vindo para carregá-lo até o hospital.

Caris começou a chorar.

– Espero que ele fique bom.

Mark chegou. Levantou Edmund com facilidade, ajeitando-o gentilmente em seus braços fortes. Seguiu para o hospital, abrindo caminho pela multidão:

– Saiam da frente, por favor! Estou levando um homem ferido para o hospital!

Caris o seguiu, transtornada. Mal podia ver através das lágrimas, por isso permaneceu próxima das costas largas de Mark. Chegaram ao prédio do hospital e entraram. Caris se sentiu agradecida ao deparar com o rosto rude de Velha Julie.

– Chame madre Cecilia o mais depressa que puder! – pediu.

A freira idosa saiu apressada. Mark ajeitou Edmund num colchão perto do altar.

Edmund ainda permanecia inconsciente, os olhos fechados, a respiração ofegante. Caris sentiu sua testa: não estava quente nem fria. O que causara aquilo? Fora muito repentino. Num momento ele falava normalmente, no seguinte caía no chão inconsciente. Como uma coisa assim podia acontecer?

Madre Cecilia chegou. Sua eficiência alvoroçada era tranquilizadora. Ajoelhou-se ao lado da enxerga e sentiu o coração de Edmund, depois o pulso.

Prestou atenção à respiração e tocou em seu rosto.

– Vá buscar um travesseiro e um cobertor – disse para Julie. – Depois, chame um dos monges médicos.

Ela se levantou e olhou para Caris.

– Seu pai teve um ataque. Pode se recuperar. Tudo o que podemos fazer agora é deixá-lo confortável. O médico pode recomendar uma sangria, mas, afora isso, o único tratamento é a oração.

Isso não era bom o bastante para Caris.

– Vou chamar Mattie – disse ela.

E saiu correndo do hospital. Esgueirou-se pela feira, lembrando que fizera a mesma coisa um ano antes, correndo para chamar Mattie quando Gwenda sangrava até a morte. Dessa vez era seu pai, e ela sentia um tipo diferente de pânico. Ficara desesperadamente preocupada com Gwenda, mas agora era como se o mundo estivesse desmoronando. O medo de que o pai pudesse morrer fez brotar nela o sentimento horrível que às vezes se insinuava em seus sonhos, quando se descobria no telhado da catedral de Kingsbridge sem ter como descer, a não ser pulando.

O esforço físico de correr pelas ruas a acalmou um pouco. Já readquirira o controle de suas emoções quando chegou à casa de Mattie. Tinha certeza de que ela saberia o que fazer. Mattie diria: “Já vi isso antes. Sei o que acontecerá em seguida, e este é o tratamento que ajuda.”

Caris bateu à porta. Como não ouviu uma resposta imediata, experimentou a porta, e descobriu que não estava trancada. Entrou correndo.

– Mattie, você tem de ir ao hospital agora mesmo! É meu pai!

A sala da frente estava vazia. Caris puxou a cortina que protegia a cozinha. Mattie também não se encontrava ali. Caris disse, em voz alta:

– Por que você tinha de sair de casa neste exato momento?

Olhou ao redor, em busca de alguma indicação sobre o paradeiro de Mattie. Foi então que notou que o lugar estava diferente. Todos os pequenos potes e vidros haviam desaparecido, deixando as prateleiras vazias. Não havia nenhum dos pilões que Mattie costumava usar para moer ingredientes, nenhuma das pequenas panelas para derreter e ferver, nenhuma das facas para cortar ervas. Caris voltou à metade da frente da casa de Mattie e constatou que os pertences

pessoais também haviam desaparecido: a caixa de costura, os copos de madeira envernizados para o vinho, o xale bordado pendurado na parede como decoração, o pente de osso todo lavrado que era tão apreciado.

Mattie recolhera suas coisas e fora embora.

E Caris podia adivinhar o motivo. Mattie devia ter ouvido falar das perguntas de Philemon na catedral na véspera. Tradicionalmente, o tribunal eclesiástico realizava uma sessão no sábado da semana da Feira do Velocino. Dois anos antes, os monges haviam aproveitado a ocasião para julgar Nell, a Louca, sob a acusação absurda de heresia.

Mattie não era herege, é claro, mas era difícil provar isso, como muitas mulheres mais velhas já haviam descoberto. Devia ter avaliado suas chances de sobreviver a um julgamento e chegara à conclusão assustadora. Sem dizer nada a ninguém, reunira seus pertences e deixara a cidade. Provavelmente encontrara um camponês voltando para casa, depois de vender seus produtos na feira, e o persuadira a levá-la em seu carro de boi. Caris imaginou sua partida ao amanhecer, a caixa ao seu lado na carroça, o capuz do manto puxado para a frente, a fim de esconder o rosto. Ninguém poderia nem sequer adivinhar para onde ela fora.

– O que vou fazer? – perguntou Caris à casa vazia.

Mattie sabia melhor do que qualquer outra pessoa em Kingsbridge como ajudar um doente. Era o pior momento possível para seu desaparecimento, quando Edmund se encontrava inconsciente no hospital. Caris ficou desesperada.

Sentou na cadeira de Mattie, ainda ofegante do esforço de correr. Queria voltar ao hospital, mas não havia sentido. Não poderia ajudar o pai. Ninguém poderia.

A cidade precisava de uma curandeira, pensou ela, alguém que não dependa apenas de orações e água benta, nem de sangrias, mas use tratamentos simples, de sucesso comprovado. E sentada ali, na casa vazia, ela compreendeu que havia alguém que podia assumir o papel, alguém que conhecia os métodos de Mattie e acreditava em sua filosofia prática. Essa pessoa era a própria Caris.

O pensamento aflorou com a luz ofuscante de uma revelação. Ela ficou imóvel, aturdida com as implicações. Conhecia as receitas das principais poções de Mattie: uma para atenuar a dor, uma para causar vômito, uma para lavar

ferimentos, uma para baixar a febre. Conhecia os usos de todas as ervas comuns: endro para indigestão, funcho para febre, arruda para flatulência, agrião para infertilidade. Conhecia os tratamentos que Mattie nunca prescrevia: cataplasmas feitos com estrume, medicamentos contendo ouro e prata, versos escritos em pergaminho, que era amarrado na parte doente do corpo.

E possuía um instinto para isso. Fora o que madre Cecilia dissera, quase suplicando para que Caris se tornasse freira. Não ia ingressar no priorado, mas talvez pudesse tomar o lugar de Mattie. Por que não? O negócio de tecido poderia ser dirigido por Mark Webber, que já estava mesmo cuidando da maior parte do trabalho.

Procuraria outras curandeiras – em Shiring, em Winchester, talvez em Londres – e conversaria sobre seus métodos – em que tinham sucesso e em que fracassavam. Os homens eram reservados sobre suas habilidades num ofício – seus "mistérios", assim chamavam, como se houvesse alguma coisa sobrenatural em curtir couro ou fazer ferraduras –, mas as mulheres em geral se mostravam dispostas a partilhar seus conhecimentos.

Poderia até ler alguns dos textos antigos dos monges. Talvez encontrasse alguma verdade neles. Era possível que o instinto que Cecilia lhe atribuíra havia algum tempo pudesse ajudá-la a peneirar as sementes do tratamento prático no refugo confuso dos textos clericais.

Caris se levantou e deixou a casa. Foi andando devagar, com receio do que poderia encontrar no hospital. Estava fatalista agora. Ou o pai estaria bem ou não estaria. Tudo o que podia fazer naquele momento era levar sua resolução para o futuro, a fim de ter certeza, quando as pessoas que amava ficassem doentes, de que estava fazendo tudo o que podia para ajudá-las.

Fez esforço para reprimir as lágrimas ao atravessar a feira e entrar no hospital. Mal teve coragem de olhar para o pai. Aproximou-se da enxerga, cercada por várias pessoas: madre Cecilia, Velha Julie, irmão Joseph, Mark Webber, Petranilla, Alice, Elfric.

O que tem de ser, será, pensou Caris. Tocou no ombro da irmã, Alice, que se afastou para lhe dar espaço. Caris finalmente olhou para o pai.

Ele estava vivo e consciente, embora parecesse pálido e cansado. Tinha os olhos abertos. Fitou-a com um sorriso triste.

– Acho que lhe dei um susto. Desculpe, minha querida.

– Graças a Deus!

E Caris desatou a chorar.



Na manhã de quarta-feira, Merthin foi à barraca de Caris na maior consternação.

– Betty Baxter acaba de me fazer uma pergunta estranha – disse ele. – Queria saber quem será o adversário de Elfric na eleição para regedor.

– Que eleição? Meu pai é o regedor... Essa não!

Ela compreendeu o que devia estar acontecendo. Era evidente que Elfric vinha dizendo às pessoas que Edmund estava muito velho e doente para continuar no cargo e que a cidade precisava de alguém novo. E ele se apresentava como candidato.

– Devemos informar ao papai imediatamente.

Caris e Merthin deixaram a área da feira e atravessaram a rua principal até a casa. Edmund deixara o hospital no dia anterior, dizendo – acertadamente – que não havia nada que os monges pudessem fazer para ajudá-lo além de aplicar sangrias, o que fazia com que se sentisse ainda pior. Fora carregado para casa, onde haviam preparado uma cama na sala no primeiro andar.

Naquela manhã ele estava ali, recostado numa pilha de travesseiros. Parecia tão fraco que Caris hesitou em perturbá-lo com a notícia. Mas Merthin sentou ao lado da cama e contou tudo.

– Elfric tem razão – disse Edmund quando Merthin terminou. – Olhem para mim. Mal consigo me sentar direito. A guilda da paróquia precisa de uma liderança forte. Não é um trabalho para um homem doente.

– Mas você vai melhorar em breve! – protestou Caris.

– Talvez. Mas estou envelhecendo. Já devem ter notado como ando distraído. Esqueço as coisas. E tive uma lentidão fatal para reagir à queda no mercado de lã crua... Perdi muito dinheiro ano passado. Graças a Deus, conseguimos recuperar nossa fortuna com o tecido escarlate, mas foi você quem fez isso, Caris, não eu.

Ela sabia de tudo isso, é claro, mas ainda assim estava indignada.

– Vai simplesmente deixar que Elfric assuma o controle?

– Claro que não. Ele seria um desastre. É dominado por Godwyn. Mesmo após nos tornarmos um burgo, ainda precisaremos de um regedor que possa enfrentar o priorado.

– Quem mais poderia assumir o cargo?

– Conversem com Dick Brewer. É um dos homens mais ricos da cidade, e o regedor tem de ser rico, para merecer o respeito dos outros mercadores. Dick não tem medo de Godwyn nem de monge nenhum. Seria um bom líder.

Caris relutou em fazer o que o pai sugerira. Parecia aceitar a morte muito fácil. Ela não podia se lembrar de uma ocasião em que o pai não fora o regedor. Não queria que seu mundo mudasse. Merthin podia compreender sua relutância.

– Temos de aceitar isso – disse ele. – Se ignorarmos o que está acontecendo, podemos acabar com Elfric no comando. Ele seria um desastre, pode até retirar o pedido de carta régia de burgo.

Foi o fator decisivo para Caris.

– Tem razão. Vamos conversar com Dick.

Dick Brewer tinha várias carroças em diferentes pontos da feira, cada uma com um imenso barril de cerveja. Seus filhos, netos e parentes por afinidade vendiam cerveja tão depressa quanto podiam servir. Caris e Merthin o encontraram dando o exemplo, tomando uma caneca da própria cerveja enquanto observava a família ganhar dinheiro para ele. Levaram-no para um canto e explicaram a situação.

– Quando seu pai morrer, sua fortuna será dividida igualmente entre você e sua irmã? – perguntou Dick a Caris.

– Isso mesmo.

Edmund já informara à filha que era isso que seu testamento determinava.

– Quando a herança de Alice for acrescentada à riqueza de Elfric, ele será um homem muito rico.

Caris compreendeu que metade do dinheiro que vinha ganhando com o tecido escarlate poderia ir para a irmã. Não pensara nisso antes, porque não considerava a possibilidade de o pai morrer. Foi um choque. O dinheiro por si mesmo não era importante para ela, mas não queria ajudar Elfric a se tornar o regedor.

– Não é apenas uma questão de quem é o homem mais rico – declarou ela. –

Precisamos de alguém que possa defender os mercadores.

– Nesse caso, devem apresentar um candidato rival – disse Dick.

– Você não quer se candidatar? – perguntou Caris.

Ele balançou a cabeça.

– Não perca tempo em tentar me persuadir. Ao final desta semana, passarei o comando ao meu filho mais velho. Planejo passar o resto de meus dias consumindo cerveja em vez de fabricá-la.

Tomou um longo gole da caneca e soltou um arroto, satisfeito. Caris compreendeu que teria de aceitar sua posição; ele parecia irredutível.

– Quem você acha que deveríamos procurar?

– Só há uma pessoa com possibilidades reais. Você.

– Eu? Por quê? – indagou Caris, espantada.

– Você é a força propulsora por trás da campanha para a carta régia de burgo. A ponte de seu noivo salvou a Feira do Velocino e seu negócio de tecido recuperou a prosperidade da cidade, depois do declínio no mercado de lã. É a filha do atual regedor. Embora o cargo não seja hereditário, as pessoas acham que líderes geram líderes. E estão certas. Você vem atuando como a regedora de fato há quase um ano, desde que a capacidade de seu pai começou a se deteriorar.

– A cidade já teve uma mulher como regedora?

– Não que eu saiba. Nem alguém tão jovem. Esses dois fatores são negativos. Não estou lhe dizendo que vai vencer, mas apenas que ninguém tem mais chance de derrotar Elfric que você.

Caris teve um momento de vertigem. Seria possível? Poderia exercer o cargo a contento? E sua decisão de se tornar uma curandeira? Não haveria um homem na cidade que poderia se tornar um regedor competente?

– O que me diz de Mark Webber? – indagou ela.

– Ele é bom, ainda mais com aquela esposa esperta ao seu lado. Mas as pessoas na cidade continuarão a pensar em Mark como um tecelão pobre.

– Ele é próspero agora.

– Graças a seu tecido escarlate. Mas as pessoas desconfiam de dinheiro novo. Diriam que Mark não passa de um tecelão presunçoso. Querem alguém de família próspera, alguém cujo pai foi rico e, de preferência, o avô também.

Caris queria derrotar Elfric, mas não tinha certeza se era capaz. Pensou na paciência e na astúcia do pai, sua cordialidade exuberante, a energia inesgotável. Teria essas qualidades? Olhou para Merthin.

– Você seria melhor do que qualquer outro regedor – afirmou ele.

Essa confiança sem hesitação de Merthin a levou a tomar a decisão.

– Está bem. Serei candidata.



Godwyn convidou Elfric para almoçar com ele na sexta-feira da semana da feira. Encomendou uma refeição cara: ganso com gengibre e mel. Philemon os serviu e depois sentou à mesa para comer com eles.

Os cidadãos haviam decidido eleger um novo regedor, e num prazo muito curto dois candidatos se destacaram como os principais concorrentes: Elfric e Caris.

Godwyn não gostava de Elfric, mas ele era útil. Não era o melhor construtor, mas conseguira se insinuar nas boas graças do prior Anthony, e com isso obtivera o contrato para os reparos na catedral. Quando se tornara prior, Godwyn vira em Elfric um interesseiro subserviente e o mantivera. Elfric não era muito apreciado na cidade, mas empregava ou subcontratava a maioria dos profissionais e fornecedores, e por isso era cortejado por quem queria trabalho. Depois de conquistarem sua confiança, todos queriam que ele continuasse numa posição em que poderia dispensar favores, o que lhe proporcionava uma certa base de poder.

– Não gosto de incertezas – declarou Godwyn.

Elfric provou o ganso e soltou um grunhido de satisfação.

– Em que contexto?

– A eleição de um novo regedor.

– Por sua natureza, uma eleição é incerta... a menos que só haja um candidato.

– O que seria minha preferência.

– A minha também, desde que eu fosse esse candidato.

– É o que estou sugerindo.

Elfric ergueu os olhos do prato.

– É mesmo?

– Diga-me uma coisa, Elfric... até onde vai seu desejo de ser o regedor?

Elfric engoliu a comida que estava na boca.

– Quero muito. – A voz saiu um pouco rouca e ele tomou um gole de vinho. Um tom de indignação se insinuou quando acrescentou: – Eu mereço. Sou tão bom quanto qualquer um deles, não é mesmo? Por que não deveria ser o regedor?

– Manteria o pedido de carta régia de burgo?

Elfric fitou-o atentamente, antes de indagar, pensativo:

– Está pedindo que eu o retire?

– Estou, se for eleito regedor.

– Isso significa que me ajudaria a ser eleito?

– Exatamente.

– Mas como?

– Eliminando a candidata rival.

Elfric se mostrou cético.

– Não sei como poderia conseguir isso.

Godwyn acenou com a cabeça para Philemon.

– Creio que Caris é uma herege – disse o noviço.

Elfric largou a faca.

– Vai julgar Caris como bruxa?

– Não deve contar isso a ninguém – advertiu-o Philemon. – Se ela souber antes, pode fugir.

– Como fez Mattie Wise.

– Deixei algumas pessoas na cidade acreditarem que Mattie foi presa e que será ela que vamos julgar no sábado, no tribunal eclesiástico. Mas outra pessoa será acusada no último momento.

Elfric acenou com a cabeça.

– E, como se trata de um tribunal eclesiástico, não há necessidade de indiciamento ou júris, o que é muito conveniente – concluiu. Ele olhou para Godwyn. – E você será o juiz.

– Infelizmente não – respondeu Godwyn. – O bispo Richard presidirá o

julgamento. Por isso, teremos de provar nossas alegações.

– Tem alguma prova? – perguntou Elfric, ainda cético.

– Algumas, mas gostaríamos de ter mais. O que temos neste momento seria suficiente se a acusada fosse alguma velha sem família e sem amigos, como Nell, a Louca. Mas Caris é muito conhecida e pertence a uma família rica e influente, como não preciso lhe dizer.

– É uma grande sorte para nós que o pai esteja tão doente que não pode deixar a cama – comentou Philemon. – Deus assim decidiu para que ele não possa defendê-la. – Godwyn meneou a cabeça. – Mesmo assim, ela tem muitos amigos. Por isso, nossas provas devem ser fortes.

– Em que está pensando? – perguntou Elfric. Foi Philemon quem respondeu:

– Seria útil se uma pessoa da família se apresentasse para dizer que ela invocou o demônio, pôs um crucifixo invertido ou falou com alguma entidade numa sala vazia.

Por um momento, Elfric deu a impressão de que não entendera; depois, a luz raiou.

– Ahn... está se referindo a mim?

– Pense com todo o cuidado antes de responder.

– Está pedindo que eu ajude a mandar minha cunhada para a forca.

– Sua cunhada, minha prima. Isso mesmo – confirmou Godwyn.

– Muito bem. Estou pensando.

Godwyn viu ambição, ganância e vaidade no rosto de Elfric, e mais uma vez ficou impressionado com a maneira pela qual Deus usava até as fraquezas dos homens para realizar seus sagrados desígnios. Podia adivinhar o que Elfric pensava. A posição de regedor era um encargo oneroso para um homem altruísta como Edmund, que exercia seu poder em benefício dos mercadores da cidade; porém, para alguém que só queria se aproveitar, oferecia possibilidades intermináveis de lucro e poder.

Philemon acrescentou, em tom voz suave mas firme:

– Se você nunca testemunhou nada de suspeito, então é claro que o assunto termina aqui. Mas peço que procure em sua memória com todo o cuidado.

Godwyn percebeu de novo quanto Philemon aprendera nos últimos dois anos. O desajeitado servo do priorado desaparecera. Ele falava como um

arquidiácono.

– Pode ter havido incidentes que pareceram na ocasião perfeitamente inofensivos, mas que assumem um aspecto sinistro à luz do que lhe foi dito hoje. Refletindo com sensatez, daria para perceber que esses eventos não foram tão inocentes quanto pareciam.

– Já entendi o que está querendo dizer, irmão – declarou Elfric.

Fez-se um longo silêncio. Nenhum dos três estava comendo. Godwyn esperou, paciente, pela decisão de Elfric.

– E é claro que, se Caris estivesse morta – acrescentou Philemon –, toda a fortuna de Edmund iria para a outra filha, Alice... sua esposa.

– Também pensei nisso – disse Elfric.

– E então? – insistiu Philemon. – Pode pensar em alguma coisa que nos ajude?

– Claro. Posso pensar numa porção de coisas.

42

Caris não conseguiu descobrir a verdade sobre Mattie Wise. Algumas pessoas diziam que ela fora presa e estava trancada numa cela no priorado. Outras achavam que havia sido julgada à revelia. Uma terceira corrente de opinião alegava que outra pessoa seria julgada por heresia. Godwyn se recusou a responder às perguntas de Caris e os outros monges não sabiam de nada.

Caris foi para a catedral na manhã de sábado determinada a defender Mattie, estivesse ela presente ou não, ou qualquer outra pobre mulher que fosse o alvo daquela acusação absurda. Por que os monges e padres odiavam tanto as mulheres? Idolatravam sua Virgem Abençoada, mas tratavam todas as outras como uma encarnação do demônio. O que havia com eles?

Num julgamento secular, haveria um júri de indiciamento e uma audiência preliminar. Caris poderia assim saber com antecedência quais eram as provas contra Mattie. Mas a Igreja tinha suas próprias normas.

Independentemente do que alegassem, Caris diria alto e bom som que Mattie era uma curandeira genuína, uma mulher que usava ervas e drogas e que sempre dizia às pessoas que deveriam rezar a Deus para recuperarem a saúde. Alguns dos que foram ajudados por Mattie com certeza falariam em sua defesa.

Caris ficou ao lado de Merthin no transepto norte. Recordou o sábado, dois anos antes, em que Nell, a Louca, tinha sido julgada. Caris declarara ao tribunal que Nell era louca mas inofensiva. De nada adiantara.

Hoje, como naquela ocasião, havia uma enorme multidão de habitantes da cidade e visitantes na catedral, esperando pelo drama: acusações, contra-acusações, discussões, ataques histéricos, imprecações e o espetáculo de uma mulher sendo açoitada pelas ruas e depois enforcada em Gallows Cross. Frei Murdo estava presente. Sempre aparecia nos julgamentos atribulados. Era uma

oportunidade para fazer o que melhor sabia: incitar uma congregação e levá-la à histeria.

Enquanto aguardavam os monges, a mente de Caris divagou. Amanhã, naquela catedral, casaria com Merthin. Betty Baxter e as quatro filhas já estavam ocupadas preparando os pães e doces para a festa. Amanhã à noite, Caris e Merthin dormiriam juntos na casa dele, na ilha dos Leprosos.

Parara de se preocupar com o casamento. Tomara sua decisão e teria de assumir as consequências. Sentia-se muito feliz. Às vezes se perguntava por que ficara com tanto medo. Merthin não era capaz de transformar qualquer pessoa em escrava... Não estava em sua natureza. Era gentil até mesmo com seu jovem ajudante, Jimmie.

Acima de tudo, ela adorava a intimidade sexual que havia entre os dois. Era a melhor coisa que já lhe acontecera. Agora, ansiava por morarem na mesma casa, dormirem na mesma cama. Poderiam fazer amor sempre que quisessem, antes de dormir ou logo depois de acordar, no meio da noite ou até mesmo no meio do dia.

Monges e freiras enfim entraram, guiados por bispo Richard e seu assistente, o arquidiácono Lloyd. Depois de se acomodarem, o prior Godwyn se levantou e disse:

– Estamos reunidos aqui hoje para julgar a acusação de heresia contra Caris, filha de Edmund Wooler.

A multidão deixou escapar um murmúrio de espanto.

– Não! – gritou Merthin.

Todos se viraram para Caris. Ela ficou nauseada de tanto medo. Era como se tivesse levado um golpe inesperado no escuro. Não desconfiara de que aquilo poderia acontecer.

– Por quê? – indagou, atordoada.

Ninguém respondeu.

Ela recordou a advertência do pai, de que Godwyn teria uma reação extremada à ameaça de uma carta régia de burgo: “Sabe como ele é implacável, até mesmo nas pequenas disputas. Uma coisa assim pode levar a uma guerra total.” Caris estremeceu agora ao recordar sua resposta: “Pois que assim seja. Teremos uma guerra total.”

Mas a chance de sucesso de Godwyn seria mínima se o pai gozasse de boa saúde. Edmund lutaria contra ele até o fim e provavelmente o destruiria. Mas Caris sozinha ficava em situação diferente. Não tinha o poder, a autoridade ou o apoio popular do pai... não ainda. Sem Edmund, ela se tornara vulnerável.

Notou a tia Petranilla na multidão. Era uma das poucas pessoas que não olhavam para Caris. Como ela podia permanecer em silêncio? Claro que apoiava o filho Godwyn... mas tentaria impedi-lo de condenar Caris à morte, não é mesmo? Dissera uma ocasião que queria ser como uma mãe para Caris. Ainda se lembraria disso? Caris teve certeza que não. A devoção de Petranilla ao filho era grande demais. Era por isso que não tinha coragem de fitar Caris nos olhos. Já tomara a decisão de não se opor a Godwyn. Philemon se levantou.

– Milorde bispo... – disse ele, formal, dirigindo-se ao juiz, mas logo depois se virando para a multidão. –... como todos sabem, a mulher chamada Mattie Wise fugiu, assustada demais e culpada, sem julgamento. Caris foi uma visitante frequente da casa de Mattie durante alguns anos. E há poucos dias defendeu a mulher aqui na catedral, na presença de testemunhas.

Então fora por isso que Philemon lhe fizera perguntas sobre Mattie, compreendeu Caris. Ela olhou para Merthin. Ele ficara preocupado por não descobrir qual era a intenção de Philemon. Acertara ao se preocupar. Agora sabiam.

Ao mesmo tempo, parte da mente de Caris se espantou com a transformação de Philemon. O garoto desajeitado e infeliz era agora um homem confiante e arrogante, de pé diante do bispo, do prior e dos habitantes de Kingsbridge, tão cheio de rancor quanto uma cobra prestes a dar o bote.

– Ela se ofereceu para declarar sob juramento que Mattie não é bruxa – continuou Philemon. – Por que faria isso senão para encobrir a própria culpa?

– Porque ela é inocente, seu hipócrita mentiroso, e Mattie também! – gritou Merthin.

Ele poderia ser posto no tronco por causa disso, mas outros gritavam ao mesmo tempo e seu insulto passou sem comentários. Philemon acrescentou:

– Há pouco tempo Caris conseguiu milagrosamente tingir a lã na tonalidade exata do escarlate italiano, uma coisa que os tintureiros de Kingsbridge nunca fizeram. Como ela conseguiu isso? Por um encantamento mágico!

Caris ouviu a voz de Mark Webber.

– Isso é mentira!

– Não podia fazer isso à luz do dia, é claro. Acendia uma fogueira à noite no quintal dos fundos de sua casa como foi testemunhado por seus vizinhos.

Philemon fora meticuloso, refletiu Caris, com um mau presságio. Entrevistara seus vizinhos.

– E entoava estranhas cantigas. Por quê?

Caris cantava para si mesma, por tédio, enquanto fervia as misturas e mergulhava nelas o tecido. Mas Philemon tinha a capacidade de distorcer atos triviais inocentes em evidências diabólicas. Ele baixou a voz para um sussurro teatral.

– Porque ela invocava a ajuda secreta do Príncipe das Trevas! – A voz se elevou para um grito: – Lúcifer!

A multidão soltou um bramido de medo.

– Aquele tecido é o escarlate de Satã!

Caris olhou para Merthin, que estava consternado, e comentou:

– Os idiotas começam a acreditar nele!

A coragem de Caris começou a voltar.

– Não se desespere – disse ela para o noivo. – Ainda não falei.

Merthin pegou sua mão.

– Esse não é o único encantamento que ela usou – continuou Philemon, em tom mais controlado. – Mattie Wise também fazia poções do amor. – Correu os olhos pela multidão, com uma expressão acusadora. – Pode até haver mulheres depravadas nesta catedral que já usaram os poderes de Mattie para enfeitiçar um homem.

Inclusive sua própria irmã, pensou Caris. Philemon sabia disso?

– Aquela noviça poderá testemunhar – acrescentou Philemon.

Elizabeth Clerk se levantou. Falou com voz contida, olhos baixos, a própria imagem do recato de uma freira.

– Digo isso sob juramento, pois espero ser salva. Eu era noiva de Merthin Builder.

– Mentirosa! – protestou Merthin.

– Estávamos apaixonados e éramos muito felizes – continuou Elizabeth. –

Mas de repente ele mudou. Parecia um estranho para mim. Tornou-se frio.

– Notou mais alguma coisa fora do comum, irmã? – perguntou Philemon.

– Notei, sim, irmão. Eu o vi segurar sua faca com a mão esquerda.

Um murmúrio de espanto percorreu a multidão. Era um sinal reconhecido de enfeitiçamento – embora, como Caris sabia, Merthin fosse ambidestro.

– E depois ele anunciou que ia se casar com Caris – arrematou Elizabeth.

Era espantoso, pensou Caris, como a verdade podia ser apenas um pouco distorcida para parecer sinistra. Ela sabia o que havia realmente acontecido. Merthin e Elizabeth eram apenas amigos até que ela deixara bem claro que queria mais do que amizade. A essa altura, Merthin lhe dissera que não partilhava seus sentimentos e haviam se separado. Mas um encantamento satânico dava uma história muito melhor.

Elizabeth podia ter se convencido de que dizia a verdade, mas Philemon sabia que era mentira. E Philemon era um instrumento de Godwyn. Como Godwyn era capaz de conciliar sua consciência com aquele nível de iniquidade? Estaria dizendo a si mesmo que qualquer coisa era justificada a serviço do priorado?

– Eu nunca poderia amar outro homem – concluiu Elizabeth. – Foi por isso que decidi entregar minha vida a Deus.

Ela sentou. Era um depoimento poderoso, refletiu Caris, sua consternação cada vez mais sombria, como um céu de inverno. O fato de Elizabeth ter se tornado freira proporcionava credibilidade a suas palavras. Ela fazia uma espécie de chantagem emocional: “Como podem não acreditar em mim depois que fiz tamanho sacrifício?”

Os habitantes da cidade estavam mais quietos agora. Aquele não era o espetáculo de uma velha louca sendo julgada e condenada. Assistiam à batalha pela vida de uma eminente concidadã.

– O mais condenatório de tudo, milorde bispo – disse Philemon –, é o depoimento final de uma pessoa da própria família da acusada: seu cunhado, Elfric Builder!

Caris soltou um grito de espanto. Fora acusada por seu primo, Godwyn; pelo irmão de sua melhor amiga, Philemon; e por Elizabeth... mas aquilo era ainda pior. O marido de sua irmã falar contra ela era uma traição inominável. Ninguém

mais respeitaria Elfric. Ele se levantou. A expressão de desafio em seu rosto dizia a Caris que ele se envergonhava de si mesmo.

– Digo isso sob juramento, pois espero ser salvo.

Caris olhou ao redor, à procura de Alice, mas não a encontrou. Se estivesse presente, teria detido Elfric. Com toda a certeza, Elfric lhe ordenara que ficasse em casa sob algum pretexto. Era bem provável que Alice nem tivesse conhecimento do que estava acontecendo.

– Caris fala com presenças invisíveis em cômodos vazios – declarou Elfric.

– Espíritos? – incitou Philemon.

– Temo que sim.

Um murmúrio de horror se espalhou pela multidão.

Caris sabia que muitas vezes falava sozinha. Sempre pensara que era um hábito inofensivo, embora um pouco constrangedor. O pai lhe dissera que todas as pessoas imaginativas faziam isso. Agora o fato era usado para condená-la. Reprimiu um protesto. Era melhor deixar a acusação seguir até o fim para depois refutar as alegações uma a uma.

– Quando ela costuma fazer isso? – perguntou Philemon.

– Quando pensa que está sozinha.

– E o que ela diz?

– É difícil entender as palavras. Pode estar falando uma língua estrangeira.

A multidão reagiu a isso também; diziam que bruxas e suas entidades usavam uma linguagem própria que ninguém mais podia entender.

– O que ela parece dizer?

– A julgar por seu tom de voz, está pedindo ajuda, suplicando por boa sorte, praguejando contra as pessoas que lhe causam infortúnio, esse tipo de coisas.

– Isso não é prova! – protestou Merthin. Todos olharam para ele. – Elfric admitiu que não entendia as palavras... está apenas inventando!

Os cidadãos mais sensatos murmuraram algumas palavras de apoio, mas não tão altas ou indignadas quanto Caris gostaria.

O bispo Richard falou pela primeira vez:

– Fique quieto. Os homens que interromperem o julgamento serão expulsos pela guarda. Continue, por favor, irmão Philemon, mas não peça a testemunhas que inventem evidências depois de admitirem que não conhecem a verdade.

Pelo menos isso era imparcial, pensou Caris. Richard e sua família não morriam de amor por Godwyn após a confusão pelo casamento de Margery. Por outro lado, era possível que Richard, como clérigo, não quisesse que a cidade saísse do controle do priorado. Talvez pelo menos ele se mantivesse neutro. A esperança de Caris cresceu um pouco.

– Acha que as entidades com quem ela fala a ajudaram de alguma maneira? – perguntou Philemon a Elfric.

– Claro que sim – respondeu Elfric. – Os amigos de Caris, aqueles que ela favorece, são afortunados. Merthin se tornou um construtor bem-sucedido, embora nunca tivesse concluído seu aprendizado como carpinteiro. Mark Webber era um homem pobre, mas agora ficou rico. A amiga de Caris, Gwenda, casou com Wulfric, embora ele estivesse noivo de outra. Como essas coisas puderam acontecer, senão por meio de ajuda antinatural?

– Obrigado – disse Philemon.

Elfric sentou-se.

Enquanto Philemon fazia uma lista das evidências, Caris lutou contra um crescente sentimento de terror. Tentou apagar de sua mente a imagem de Nell, a Louca, sendo açoitada atrás de uma carroça. Fez esforço para se concentrar no que deveria dizer em sua defesa. Podia ridicularizar todos os depoimentos contra ela, mas talvez isso não fosse suficiente. Precisava explicar por que as pessoas haviam mentido a seu respeito e quais eram seus motivos.

Quando Philemon acabou, Godwyn perguntou se ela tinha algo a declarar. Num tom de voz que soava mais confiante do que se sentia, Caris respondeu:

– Claro que tenho!

Ela se postou diante da multidão. Não deixaria que seus acusadores monopolizassem a posição de autoridade. Não se apressou, deixando todos à espera. Aproximou-se do trono e fitou Richard nos olhos.

– Milorde bispo, digo isso sob juramento, pois espero ser salva. – Então virou-se para a multidão e acrescentou: – E notei que Philemon não disse isso.

Godwyn a interrompeu:

– Como monge, ele não precisa fazer o juramento.

– O que é bom para ele – rebateu Caris, elevando a voz. – Caso contrário arderia no inferno pelas mentiras que disse hoje!

Um ponto para mim, pensou Caris, sua esperança aumentando mais um pouco. Ela se dirigia à multidão. A decisão seria tomada pelo bispo, mas ele se deixaria influenciar pela reação dos habitantes. Não era um homem de muitos princípios.

– Mattie Wise curou muitas pessoas nesta cidade – começou ela. – Neste mesmo dia de sábado, há dois anos, quando a ponte desabou, foi incansável no tratamento dos feridos, trabalhando junto com madre Cecilia e as outras freiras. Hoje, correndo os olhos ao redor, vejo muitas pessoas que se beneficiaram de seus cuidados naquele momento terrível. Alguém a ouviu invocar o demônio? Se ouviu, que fale agora!

Fez uma pausa para deixar que o silêncio impressionasse a multidão. Depois, apontou para Madge Webber.

– Mattie lhe deu uma poção que baixou a febre de seu filho. O que ela lhe disse?

Madge pareceu assustada. Ninguém se sentia à vontade ao ser chamado para testemunha de defesa num julgamento de bruxaria. Mas a mulher devia muito a Caris. Ergueu os ombros, assumiu uma expressão de desafio e respondeu:

– Mattie me disse: “Reze a Deus, pois só Ele pode curar.”

Caris apontou para o chefe da guarda.

– John, ela atenuou sua dor enquanto Matthew Barber consertava seus ossos quebrados. O que ela lhe disse?

John estava acostumado a ser testemunha de acusação e também se mostrou apreensivo, mas declarou em voz firme:

– Ela disse: “Reze a Deus, pois só Ele pode curar.”

Caris virou-se para a multidão.

– Todos sabem que Mattie não era uma bruxa. Nesse caso, indaga o irmão Philemon, por que ela fugiu? Uma pergunta fácil. Ela tinha medo de que dissessem mentiras a seu respeito, assim como disseram sobre mim. Qual de vocês mulheres, caso fosse falsamente acusada de heresia, se sentiria confiante em provar sua inocência num tribunal de padres e monges?

Ela tornou a correr os olhos ao redor, fixando-se nas mulheres mais proeminentes da cidade: Lib Wheeler, Sarah Taverner, Susanna Chepstow.

– Por que eu misturava as tinturas à noite? – prosseguiu. – Porque os dias

eram curtos! Como aconteceu também com muitos de vocês, meu pai não conseguiu vender toda a lã que comprou no ano passado. Eu queria transformar a lã crua em alguma coisa que pudesse oferecer no mercado. Era muito difícil descobrir a fórmula, mas consegui, com trabalho árduo, ao longo de muitas horas, dia e noite... mas sem a ajuda de Satã.

Fez uma pausa para respirar. Quando recomeçou, usava um tom de voz diferente, mais jovial:

– Sou acusada de enfeitiçar Merthin. Tenho de admitir que o argumento contra mim é forte. Olhem para a irmã Elizabeth. Levante-se, por favor, irmã.

Relutante, Elizabeth se levantou.

– Ela não é linda? – disse Caris. – É também inteligente. E filha de um bispo. Oh, perdoe, milorde bispo. Não tive a intenção de ser desrespeitosa.

A multidão riu da farpa imprudente. Godwyn parecia indignado, mas o bispo Richard reprimiu um sorriso.

– A irmã Elizabeth não pode entender por que um homem poderia me preferir a ela. Também não entendo. Por mais estranho que possa parecer, Merthin me ama, feia como sou. Não consigo explicar.

Houve mais risos.

– Lamento que Elizabeth esteja tão zangada. Se vivêssemos nos tempos do Antigo Testamento, Merthin poderia ter duas esposas e todos seriam felizes.

As pessoas deram gargalhadas ao ouvirem isso. Caris esperou que o som se desvanecesse antes de acrescentar:

– Mas o que mais lamento é que o ciúme normal de uma mulher despeitada tenha se tornado o pretexto, na boca de um noviço indigno de confiança, para uma acusação tão grave quanto a de heresia.

Philemon se levantou para protestar contra a acusação, mas o bispo Richard acenou-lhe com a mão.

– Deixe-a falar.

Caris achou que já argumentara o bastante em relação a Elizabeth e seguiu adiante:

– Confesso que às vezes uso palavras vulgares quando estou sozinha... especialmente quando dou uma topada. Mas podem se perguntar por que meu próprio cunhado testemunha contra mim dizendo que meus murmúrios são

invocações dos espíritos do mal? Creio que posso responder a isso. – Fez nova pausa antes de acrescentar, solene: – Meu pai está doente. Se ele morrer, sua fortuna será dividida entre mim e minha irmã. Mas se eu morrer primeiro, minha irmã ficará com tudo. E minha irmã é a esposa de Elfric.

Fez outra pausa, correndo os olhos pela multidão com uma expressão irônica.

– Estão chocados? Eu também. Mas homens matam por menos do que isso.

Então recuou, como se tivesse acabado. Philemon se levantou do banco. Caris virou-se e disse, em latim:

– *Caput tuum in ano est*.

Os monges riram alto. Philemon ficou vermelho. Caris olhou para Elfric.

– Você não compreendeu, não é mesmo, Elfric?

– Não – respondeu ele, irritado.

– Talvez seja por isso que pensou que eu usava alguma língua sinistra de bruxaria. – Caris olhou para Philemon. – Irmão, sabe que língua usei, não é mesmo?

– Latim – respondeu Philemon.

– Talvez possa nos explicar o que acabei de dizer.

Philemon fitou o bispo, num apelo silencioso. Mas Richard estava se divertindo.

– Responda à pergunta – ordenou.

Furioso, Philemon obedeceu:

– Ela disse: “Você tem a cabeça no ânus.”

Os espectadores caíram na gargalhada, enquanto Caris voltava ao seu lugar. Quando o barulho cessou, Philemon começou a falar, mas Richard o interrompeu:

– Não preciso ouvir mais nada de você. Fez uma forte acusação e ela apresentou uma vigorosa defesa. Alguém mais tem algo a dizer?

– Eu tenho, milorde bispo.

Frei Murdo se adiantou. Algumas pessoas aplaudiram, outras protestaram: Murdo despertava reações opostas.

– A heresia é um mal – disse ele, modulando a voz para um tom de pregação. – Corrompe as almas das mulheres e dos homens...

– Obrigado, irmão, mas sei o que é heresia – disse Richard. – Tem mais alguma coisa a dizer? Se não...

– Apenas isso. Concordo e reitero...

– Se já foi dito antes...

– ... seu comentário de que a acusação é forte e a defesa também.

– Nesse caso...

– Tenho uma solução a propor.

– E que solução é essa, irmão Murdo? Em poucas palavras.

– Ela deve ser examinada para se verificar se tem a Marca do Demônio.

O coração de Caris quase parou.

– Claro – concordou o bispo. – Pelo que me lembro, fez a mesma sugestão num julgamento anterior.

– É verdade, milorde, porque o demônio suga o sangue quente de seus acólitos por um mamilo especial, assim como um bebê recém-nascido suga os seios intumescidos da mãe.

– Obrigado, frei. Não preciso de detalhes. Madre Cecilia, pode levar a acusada, junto com outras duas freiras, para um lugar reservado e examiná-la?

Caris olhou para Merthin. Ele estava pálido. Ambos pensavam o mesmo: Caris tinha uma verruga.

Era pequena, mas as freiras a encontrariam no lugar em que pensavam que o demônio estava mais interessado: o lado esquerdo da vulva, próximo da fenda. Era marrom-escura e os pelos louro-avermelhados não a escondiam. Merthin gracejara na primeira vez em que a vira: “Frei Murdo diria que você é uma feiticeira... É melhor nunca deixá-lo ver isso.” E Caris rira e respondera: “Nem que ele fosse o último homem no mundo.”

Como poderiam ter falado a respeito de maneira tão despreocupada? Agora ela seria condenada à morte por isso.

Caris olhou ao redor, desesperada. Teve vontade de fugir, mas estava cercada por centenas de pessoas, algumas das quais não hesitariam em detê-la. Viu a mão de Merthin na faca em seu cinto, mas, mesmo que a faca fosse uma espada e ele, um grande espadachim – o que não era –, não conseguiria abrir caminho através daquela enorme multidão.

Madre Cecilia se adiantou e pegou sua mão.

Caris decidiu que fugiria assim que deixasse a catedral. Poderia se desvencilhar com facilidade ao atravessar o claustro. Mas Godwyn se adiantou:

– John Constable, leve um de seus homens e escolte a mulher até o lugar de exame. Fique de guarda na porta.

Cecilia não poderia conter Caris, mas os dois homens, sim.

John olhou para Mark Webber, normalmente sua primeira escolha entre os ajudantes. Caris sentiu uma tênue esperança: Mark era um amigo leal. Mas John aparentemente teve o mesmo pensamento, pois desviou os olhos de Mark e apontou para Christopher Blacksmith.

Cecilia deu um puxão gentil na mão de Caris.

Como se fosse uma sonâmbula, Caris permitiu que madre Cecilia a tirasse da catedral. Saíram pelo portão norte, acompanhadas por irmã Mair e Velha Julie, com John Constable e Christopher Blacksmith logo atrás. Atravessaram o claustro, entraram nos alojamentos das freiras e foram para o dormitório. Os dois homens permaneceram do lado de fora. Cecilia fechou a porta.

– Não precisam me examinar – murmurou Caris, atordoada. – Tenho uma marca.

– Sabemos disso – declarou Cecilia.

Caris franziu o cenho.

– Como descobriram?

– Nós a lavamos. – Ela indicou Mair e Julie. – Todas as três. Quando esteve no hospital, há dois Natais. Tinha comido alguma coisa estragada.

Cecilia não sabia ou fingia não ter adivinhado que Caris tomara uma poção para acabar com a gravidez.

– Estava vomitando e defecando, com uma hemorragia lá embaixo – continuou ela. – Teve de ser lavada várias vezes. E todas nós vimos a verruga.

Um desespero irremediável envolveu Caris. Ela fechou os olhos.

– E agora serei condenada à morte – balbuciou.

– Não necessariamente – disse Cecilia. – Pode haver outra solução.

Merthin estava transtornado. Caris estava acuada. Seria condenada à morte e não

havia nada que ele pudesse fazer. Não seria capaz de salvá-la, mesmo que fosse Ralph, com seus ombros largos, sua habilidade na espada e seu gosto pela violência. Ficou olhando, horrorizado, para a porta por onde Caris saíra. Sabia onde ficava a verruga dela e tinha certeza de que as freiras a encontrariam. Era o lugar que examinariam com mais atenção.

Ao redor, o som de conversas excitadas se elevavam da multidão. As pessoas argumentavam a favor ou contra Caris, discutindo detalhes do julgamento. Mas ele parecia estar dentro de uma bolha e mal ouvia o que os outros diziam. Em seus ouvidos, as conversas soavam como batidas irregulares de uma centena de tambores.

Percebeu-se olhando para Godwyn, especulando o que ele estaria pensando. Merthin podia compreender os outros – Elizabeth era corroída pelo ciúme; Elfric, dominado pela ganância; e Philemon era pura maldade –, mas o prior o deixava aturdido. Godwyn fora criado com a prima Caris e sabia que ela não era uma bruxa. Mesmo assim, mostrava-se disposto a vê-la morrer. Como podia cometer tamanha iniquidade? Que desculpa apresentava para si mesmo? Achava que era tudo pela glória de Deus? Houvera uma época em que Godwyn parecera ser um homem esclarecido e decente, o antídoto para o conservadorismo estreito do prior Anthony. Mas agora se revelava pior do que o tio: mais implacável na busca dos mesmos objetivos obsoletos.

Se Caris morrer, pensou Merthin, terei de matar Godwyn.

Seus pais se aproximaram. Estavam na catedral desde o início do julgamento. O pai disse alguma coisa, mas Merthin não entendeu.

– O quê? – indagou.

Nesse instante o portão norte se abriu. A multidão se calou. Madre Cecilia entrou sozinha na catedral e fechou o portão. Houve um murmúrio de curiosidade. O que aconteceria agora?

Cecilia foi até o trono do bispo.

– E então, madre prioresa? – indagou Richard. – O que tem a dizer ao tribunal?

– Caris confessou... – começou Cecilia, devagar.

Levantou-se um clamor de choque da multidão. Cecilia elevou a voz:

– ... confessou seus pecados.

Todos se calaram de novo. O que isso significava?

– Recebeu a absolvição.

– De quem? – interrompeu Godwyn. – Uma freira não pode conceder absolvição!

– Do padre Joffroi.

Merthin conhecia Joffroi. Era o padre de Saint Mark, a igreja cujo telhado ele consertara. Joffroi não gostava de Godwyn.

Mas o que estava acontecendo? Todos ficaram esperando que Cecilia explicasse. E ela acrescentou:

– Caris solicitou seu ingresso como noviça aqui no priorado. – Foi interrompida de novo por gritos da multidão, mas concluiu ainda mais alto: – E eu aceitei!

O tumulto foi enorme. Merthin pôde ver que Godwyn berrava a plenos pulmões, mas suas palavras se perdiam na confusão. Elizabeth estava furiosa, Philemon olhava para Cecilia com um ódio venenoso, Elfric se mostrava atordoado e Richard parecia se divertir. A mente de Merthin era um turbilhão de conjeturas sobre os desdobramentos. O bispo aceitaria aquilo? O julgamento terminara? Caris fora salva da execução?

O tumulto não demorou a cessar. Assim que pôde ser ouvido, Godwyn perguntou, o rosto branco de fúria:

– Ela confessou ou não a heresia?

– O confessionário é sagrado – respondeu Cecilia, imperturbável. – Não sei o que ela disse ao padre. E, se soubesse, não poderia contar a você nem a qualquer outra pessoa.

– Ela tem a marca de Satã?

– Não a examinamos.

Uma resposta evasiva, Merthin notou, mas Cecilia se apressou em acrescentar:

– Não era necessário depois que ela recebeu a absolvição.

– Isso é inaceitável! – berrou Godwyn, abandonando a farsa de que Philemon era o acusador. – A prioresa não pode frustrar os procedimentos do tribunal dessa maneira!

– Obrigado, padre prior – cortou-o o bispo Richard.

– A ordem do tribunal deve ser cumprida!

Richard alteou a voz:

– Já chega!

Godwyn abriu a boca para continuar a protestar, mas mudou de ideia.

– Não preciso ouvir mais nenhum argumento – continuou Richard. – Tomei uma decisão e agora anunciarei o veredito.

Todos ficaram em silêncio.

– A proposta de que Caris tenha permissão para ingressar no convento é muito interessante. Se ela for uma bruxa, não poderá causar qualquer mal vivendo na santidade do priorado. O demônio não pode entrar aqui. Por outro lado, se ela não for uma bruxa, nós seremos salvos do erro de condenar uma mulher inocente. Talvez o convento não fosse a escolha de Caris como modo de vida, mas seu consolo será uma existência dedicada a servir a Deus. Em suma, creio que é uma solução satisfatória.

– O que acontece se ela deixar o convento? – perguntou Godwyn.

– Bem lembrado – disse o bispo. – É por isso que vou condená-la à morte formalmente, mas suspender a sentença por todo o tempo que ela permanecer freira. Se ela algum dia renunciar a seus votos, a sentença será cumprida.

Então é isso, pensou Merthin, desesperado, uma sentença perpétua. Sentiu lágrimas de raiva e frustração brotarem em seus olhos. Richard se levantou. Em seguida Godwyn declarou:

– O julgamento está encerrado!

O bispo se retirou, acompanhado pelos monges e freiras em procissão. Merthin foi andando, atordoado. A mãe falou, em tom de conforto, mas ele a ignorou. Deixou que a multidão o levasse para o portão oeste da catedral. Saiu para o pátio gramado. Os mercadores guardavam as mercadorias que haviam sobrado e desmontavam as barracas: a Feira do Velocino terminava para retornar dali a um ano. Godwyn conseguira o que queria, refletiu ele. Com Edmund agonizante e Caris fora do caminho, Elfric se tornaria o novo regedor e o pedido de carta régia de burgo seria retirado.

Merthin olhou as paredes cinzentas de pedra dos prédios do priorado: Caris se achava em algum lugar ali. Ele se virou contra o fluxo da multidão e seguiu para o hospital.

Estava vazio. Fora varrido e os colchões de palha para os visitantes noturnos haviam sido empilhados contra as paredes. Uma vela ardia no altar, no lado leste. Merthin percorreu devagar toda a extensão da vasta sala, sem saber o que faria em seguida.

Recordou, do *Livro de Timothy*, que seu ancestral Jack Builder fora noviço por um breve período. O autor insinuara que ele fora um neófito relutante e não aceitara facilmente a disciplina monástica. De qualquer forma, o noviciado terminara de forma abrupta, em circunstâncias sobre as quais Timothy estendera um véu de discrição.

Mas o bispo Richard declarara que a sentença de morte seria aplicada se Caris algum dia deixasse o convento. Uma jovem freira entrou no hospital. Ficou assustada ao reconhecer Merthin.

– O que você quer aqui?

– Preciso falar com Caris.

– Perguntarei se é possível.

A freira se retirou, apressada. Merthin olhou para o altar, o crucifixo, o tríptico na parede mostrando Elizabeth da Hungria, a padroeira dos hospitais. Um painel mostrava a santa, que fora uma princesa, usando uma coroa e alimentando os pobres; o segundo a mostrava construindo seu hospital; e o terceiro ilustrava o milagre em que a comida que ela carregava por baixo do manto se transformara em rosas.

O que Caris faria naquele lugar? Ela era uma cética, duvidava de quase tudo que a Igreja ensinava. Não acreditava que uma princesa fosse capaz de transformar pão em rosas.

– Como eles sabem disso?

Era o que ela sempre dizia sobre as histórias que todos os outros aceitavam sem qualquer questionamento, como Adão e Eva, a Arca de Noé, Davi e Golias, até mesmo a Natividade. Caris se sentiria como uma gata selvagem enjaulada.

Ele precisava conversar com a noiva para descobrir o que ela estava pensando. Caris devia ter algum plano, que ele não era capaz de adivinhar. Esperou, impaciente, pela volta da freira. Mas isso não aconteceu. Em vez disso, foi Velha Julie quem apareceu.

– Graças aos céus! – exclamou Merthin. – Preciso falar com Caris, irmã

Juliana, o mais depressa possível.

– Lamento muito, jovem Merthin, mas Caris não quer falar com você.

– Não diga bobagem. Vamos nos casar amanhã. Ela tem de falar comigo!

– Agora ela é uma noviça. Não vai mais se casar.

Merthin elevou a voz:

– Se isso é verdade, não acha que ela deve me dizer pessoalmente?

– Não posso falar por ela. Mas Caris sabe que você está aqui e não quer vê-lo.

– Não acredito em você!

Merthin se adiantou e passou pela porta através da qual a velha freira entrara no hospital. Descobriu-se numa pequena sala. Nunca estivera ali antes; poucos homens ingressavam nas áreas do priorado reservadas às freiras. Passou por outra porta e entrou no claustro. Havia várias ali, algumas lendo, outras caminhando de um lado para outro, em meditação, algumas conversando em voz baixa.

Ele correu ao longo da arcada. Uma freira o avistou e gritou. Merthin a ignorou. Viu uma escada, subiu correndo e entrou no primeiro cômodo. Era um dormitório. Havia duas fileiras de colchões com cobertores, dobrados com todo o cuidado, em cima. Não havia ninguém ali. Deu mais alguns passos pelo corredor e tentou abrir outra porta. Estava trancada.

– Caris! – gritou. – Você está aí dentro? Fale comigo!

Merthin bateu com o punho na porta. A pele das articulações ficou esfolada e começou a sangrar, mas ele não sentiu dor.

– Deixe-me entrar! – berrou.

– Eu o deixarei entrar – disse uma voz por trás dele.

Ele se virou e deparou com madre Cecilia. Ela tirou uma chave do cinto e calmamente destrancou a porta. Merthin a empurrou. Era um cômodo pequeno, com uma única janela. Havia prateleiras ao longo das paredes, cheias de roupas dobradas.

– Guardamos nossas roupas de inverno aqui – explicou Cecilia. – É um depósito.

– Onde ela está?

– Num quarto com a porta trancada, a seu pedido. Não encontrará o quarto...

e, se encontrar, não poderá entrar. Ela não quer vê-lo.

– Como posso saber que ela não está morta?

Merthin percebeu que sua voz tremia de emoção, mas não se importava.

– Você me conhece. Ela não está morta. – Cecilia olhou condoída para a mão dele. – Está machucado. Venha comigo e passarei unguento nos cortes.

Ele olhou para a mão e depois para Cecilia.

– Você é um demônio!

Depois saiu correndo, de volta pelo caminho por onde viera. Atravessou o hospital, passando pela assustada irmã Juliana, e saiu para o ar livre. Percorreu o caos de fim de feira na frente da catedral e chegou à rua principal. Pensou em conversar com Edmund, mas decidiu pelo contrário: era melhor deixar que outra pessoa revelasse a terrível verdade ao pai doente de Caris. Em quem podia confiar? Pensou em Mark Webber.

Mark e a família haviam se mudado para uma casa grande na rua principal, com um enorme depósito em pedra para os tecidos no térreo. Não havia tear na cozinha agora: toda a tecelagem era feita por outros, que eles organizavam. Mark e Madge estavam sentados num banco, com expressões solenes. Quando Merthin entrou, Mark se levantou de um pulo.

– Falou com ela? – perguntou Mark.

– Não me deixaram.

– Isso é um absurdo! – exclamou Mark. – Não têm o direito de impedi-la de falar com o homem com quem ela deveria se casar!

– As freiras dizem que ela não quer falar comigo.

– Não acredito nelas.

– Nem eu. Entrei e procurei Caris, mas não consegui encontrá-la. Há muitas portas trancadas.

– Ela deve estar em algum lugar por lá.

– Sei disso. Pode me acompanhar e levar um malho para arrombar todas as portas até encontrá-la?

Mark ficou embaraçado. Por mais forte que fosse, detestava violência. Merthin insistiu:

– Tenho de encontrá-la! Ela pode estar morta!

Antes que Mark pudesse responder, Madge interveio:

– Tenho uma ideia melhor.

Os dois a encararam.

– Irei até o convento. As freiras não ficarão tão nervosas com a presença de uma mulher. Talvez possam persuadir Caris a conversar comigo.

Mark acenou com a cabeça em concordância.

– Pelo menos assim saberemos se ela continua viva.

– Mas... preciso saber mais do que isso – disse Merthin. – O que ela está pensando? Vai esperar até que a confusão seja esquecida para depois fugir? Devo tentar tirá-la à força de lá? Ou devo apenas aguardar? E, nesse caso, por quanto tempo? Um mês? Um ano? Sete anos?

– Perguntarei a ela se me deixarem entrar. – Madge se levantou. – Espere aqui.

– Não – disse Merthin. – Irei com você. E esperarei lá fora.

– Nesse caso, Mark, por que não vem também, para fazer companhia a Merthin?

Para impedir que Merthin se meta em alguma encrenca, ela queria dizer. Mas ele não fez objeção. Pedira ajuda. E sentia-se grato por ter a seu lado duas pessoas em quem confiava.

Seguiram apressados para o priorado. Mark e Merthin esperaram fora do hospital, enquanto Madge entrava. Merthin viu que o velho cachorro de Caris, Scrap, estava sentado na porta, esperando a volta da dona. Meia hora depois da entrada de Madge, Merthin disse:

– Acho que a deixaram entrar; do contrário ela já teria voltado.

– Saberemos em breve.

Observaram os últimos mercadores empacotarem suas coisas e partirem, deixando o pátio da catedral como um mar de lama revolvida. Merthin andava de um lado para outro enquanto Mark permanecia sentado, como uma estátua. As horas passaram. Apesar de sua impaciência, Merthin ficou contente pela demora, pois significava que Madge devia estar conversando com Caris.

O sol já mergulhava a oeste da cidade quando Madge finalmente voltou. Tinha uma expressão solene, o rosto manchado de lágrimas.

– Caris está viva – anunciou. – E não há nada de errado com ela tanto na parte física quanto na emocional. Mantém juízo perfeito.

– O que ela disse? – perguntou Merthin, ansioso.

– Eu lhe direi cada palavra. Vamos nos sentar na horta.

Os três foram para a horta. Sentaram no banco de pedra que havia ali, de frente para o pôr do sol. A serenidade de Madge deixava Merthin com um mau presságio. Preferiria se ela estivesse fervendo de raiva. Sua atitude indicava que a notícia era ruim. Ele perdeu toda e qualquer esperança.

– É verdade que Caris não quer falar comigo?

Madge suspirou.

– É, sim.

– Mas por quê?

– Perguntei isso. Ela disse que partiria seu coração.

Merthin começou a chorar. Madge continuou, a voz baixa e clara:

– Madre Cecilia nos deixou a sós para que pudéssemos conversar com franqueza, sem que mais ninguém ouvisse. Caris acha que Godwyn e Philemon estão determinados a se livrar dela por causa do pedido da carta régia de burgo. Ela está segura no convento, mas será caçada e morta se algum dia sair.

– Ela poderia fugir e eu a levaria para Londres! – exclamou Merthin. – Godwyn nunca nos encontraria lá!

Madge assentiu com a cabeça.

– Eu disse isso a ela. Conversamos a respeito por algum tempo. Caris acha que vocês dois seriam fugitivos pelo resto de suas vidas. E não quer condená-lo a isso. Seu destino é ser o maior construtor de sua geração. Será famoso. Mas se ela estiver com você, sempre terá de mentir sobre sua identidade e se esconder da luz do dia.

– Não me importo!

– Caris previu que você diria isso. Mas acha que você se importaria... que deve se importar. Seja como for, ela se preocupa. Não quer privá-lo de seu destino, mesmo que você peça.

– Ela poderia me dizer isso pessoalmente!

– Tem medo de que você possa persuadi-la.

Merthin sabia que Madge dizia a verdade. Cecilia também dissera. Caris não queria falar com ele. Ele sentiu que sufocava de angústia. Engoliu em seco, limpou as lágrimas do rosto com a manga e fez esforço para falar:

– Mas o que ela vai fazer?

– Tirar o melhor proveito da situação. Tentará ser uma boa freira.

– Ela odeia a Igreja!

– Sei que ela nunca foi muito respeitosa com os clérigos. Nesta cidade, isso não chega a surpreender. Mas acha que pode encontrar algum conforto numa vida dedicada a curar mulheres e homens.

Merthin pensou a respeito. Mark e Madge o observavam em silêncio. Ele podia imaginar Caris trabalhando no hospital, cuidando dos doentes. Como se sentiria por ter de passar metade da noite cantando e rezando?

– Ela pode se matar – disse ele após uma longa pausa.

– Não creio – disse Madge, com absoluta convicção. – Ela está muito triste, mas não a vejo optando por essa saída.

– Ela pode matar alguém.

– Isso é mais provável.

– E ela pode até encontrar certa felicidade – acrescentou Merthin, falando devagar e relutante.

Madge não disse nada. Merthin fitou-a nos olhos. Ela anuiu com a cabeça.

Era a terrível verdade, refletiu Merthin. Caris poderia ser feliz. Estava perdendo sua casa, a liberdade e o quase marido, mas no final ainda poderia ser feliz.

Não havia mais nada a dizer. Merthin se levantou.

– Obrigado por serem meus amigos.

Começou a se afastar.

– Para onde você vai? – perguntou Mark.

Merthin parou e se virou. Havia um pensamento se agitando em sua cabeça e ele esperou que se tornasse nítido. Ficou espantado quando isso aconteceu. Mas compreendeu no mesmo instante que era a ideia certa. E não apenas certa – perfeita.

Limpou as lágrimas do rosto e fitou Mark e Madge à claridade avermelhada do sol poente.

– Vou para Florença. Adeus.

PARTE V

MARÇO DE 1346 A DEZEMBRO DE 1348

43

A irmã Caris deixou o claustro das freiras e entrou apressada no hospital. Havia três pacientes deitados ali. A Velha Julie estava agora muito enferma para comparecer aos serviços ou subir a escada para o dormitório. Bella Brewer, a esposa de Danny, filho de Dick Brewer, recuperava-se de um parto complicado. E Rickie Silvers, de 13 anos, tinha um braço quebrado, que Matthew Barber consertara. Duas outras pessoas se sentavam num banco na lateral, conversando: uma noviça chamada Nellie e um servo do priorado, Bob.

O olhar experiente de Caris esquadrinhou a sala. Havia um prato sujo ao lado de cada cama ocupada. A hora do almoço havia muito se passara.

– Bob! – Ele se levantou de um pulo e Caris ordenou: – Retire esses pratos. Aqui é um mosteiro e a higiene é uma virtude. Depressa!

– Desculpe, irmã.

– Nellie, você já levou Velha Julie à latrina?

– Ainda não, irmã.

– Ela sempre precisa ir depois do almoço. A mesma coisa acontecia com minha mãe. Leve-a depressa antes que ocorra um acidente.

Nellie começou a levantar a velha freira.

Caris vinha tentando desenvolver a qualidade da paciência, mas, depois de sete anos no priorado, ainda não conseguira. Ficava frustrada por ter de repetir as instruções muitas e muitas vezes. Bob sabia que deveria levar os pratos sujos assim que os pacientes acabavam de comer. Caris lhe dissera isso inúmeras vezes. Nellie conhecia as necessidades da Velha Julie. Apesar disso, ficavam sentados num banco, conversando, até que Caris os surpreendia em uma inspeção inesperada.

Ela pegou a tigela com a água que fora usada para lavar as mãos e percorreu

toda a extensão da sala para jogar fora. Um desconhecido urinava na parede externa do prédio. Caris calculou que era um viajante na expectativa de um lugar para dormir.

– Na próxima vez, use a latrina atrás do estábulo – disse, ríspida.

Ele lhe lançou um olhar desdenhoso, com o pênis na mão, e indagou, insolente:

– E quem é você?

– Sou a encarregada deste hospital e você terá de melhorar suas maneiras se quiser passar a noite aqui.

– Do tipo mandona, hem? – Ele não se apressou, sacudindo as últimas gotas.

– Guarde o seu patético membro ou não terá permissão para passar a noite nesta cidade, muito menos no priorado.

Caris jogou a água da tigela em cima dele. O homem pulou para trás, aturdido, o calção encharcado.

Ela tornou a entrar e encheu a tigela na fonte. Havia um cano subterrâneo que passava por baixo do priorado trazendo água limpa do rio, captada de um ponto acima da cidade. Alimentava as fontes nos claustros, nas cozinhas e no hospital. Uma ramificação separada da corrente subterrânea lavava as latrinas. Caris queria construir um dia uma nova latrina, ao lado do hospital, para que pacientes senis, como Julie, não precisassem ir tão longe. O estranho entrou no hospital.

– Lave as mãos – disse-lhe Caris, estendendo a tigela com água.

Ele hesitou, mas pegou a tigela. Caris examinou o estranho. Ele devia ter mais ou menos a sua idade, 29 anos.

– Quem é você? – perguntou ela.

– Gilbert de Hereford, um peregrino. Vim venerar as relíquias de Santo Adolfo.

– Nesse caso, será bem-vindo para passar a noite aqui no hospital desde que me fale com o devido respeito... e com qualquer outra pessoa aqui, diga-se de passagem.

– Está bem, irmã.

Caris voltou ao claustro. Era um dia ameno de primavera. O sol brilhava nas velhas pedras lisas do pátio. No lado oeste, a irmã Mair ensinava um novo hino

às meninas da escola. Caris parou para observar. As pessoas diziam que Mair parecia um anjo: ela tinha pele alva, olhos brilhantes e uma boca que parecia um arco. A escola, pelas normas, era uma das responsabilidades de Caris, que tinha a seu cargo todas as pessoas que vinham do mundo exterior para o convento. Ela própria cursara aquela escola há quase vinte anos.

Havia dez alunas, dos 9 aos 15 anos de idade. Algumas eram filhas de mercadores de Kingsbridge, outras, de nobres. O hino com o tema de que Deus é bom chegou ao fim. Uma das meninas perguntou:

– Irmã Mair, se Deus é bom, por que ele deixou que meus pais morressem?

Era a versão pessoal de uma indagação clássica, formulada por todas as crianças inteligentes, mais cedo ou mais tarde. Como as coisas ruins podiam acontecer? Caris também perguntara isso. Ela olhou com interesse para a menina que fizera a pergunta. Era Tilly Shiring, sobrinha de 12 anos do conde Roland, uma menina com uma expressão travessa que Caris apreciava. A mãe de Tilly sangrara até a morte quando a filha nascera e o pai quebrara o pescoço num acidente de caça, não muito tempo depois. Por isso ela fora criada na casa do conde.

Mair deu uma resposta insossa sobre os misteriosos caminhos de Deus. Tilly não ficou satisfeita, mas, incapaz de articular suas dúvidas, resolveu se calar. A questão ressurgiria, Caris tinha certeza. Mair mandou que as meninas recomeçassem a cantar o hino antes de se afastar para falar com Caris.

– Uma menina inteligente – comentou Caris.

– A melhor da turma. Dentro de um ou dois anos ela estará debatendo comigo com o maior ardor.

– Ela me lembra alguém – murmurou Caris, franzindo o rosto. – Estou tentando recordar sua mãe...

Mair tocou de leve no braço de Caris. Os gestos de afeição eram proibidos entre as freiras, mas Caris não era rigorosa nessas coisas.

– Ela lhe lembra você mesma.

Caris riu.

– Nunca fui tão bonita.

Mas Mair tinha razão: mesmo quando criança, Caris já fazia perguntas céticas. Mais tarde, quando se tornara noviça, iniciava uma discussão em cada

aula de teologia. Após uma semana, madre Cecilia fora obrigada a ordenar que ela permanecesse calada durante as aulas. Depois, Caris começara a violar as regras do convento e reagia ao cumprimento das normas com o questionamento da razão por trás da disciplina. Mais uma vez, o silêncio lhe fora imposto.

Não demorara muito para que madre Cecilia propusesse um acordo. Caris poderia passar a maior parte de seu tempo no hospital – nessa parte do trabalho de freira ela acreditava – e se abster dos serviços sempre que achasse necessário. Em troca, tinha de parar de escarnecer da disciplina e guardar para si mesma suas ideias teológicas. Caris concordara, relutante e contrariada, mas Cecilia era esperta e o arranjo dera certo. Ainda dava, pois Caris agora passava a maior parte do tempo supervisionando o hospital. Faltava a mais da metade dos serviços e quase nunca dizia ou fazia qualquer coisa que fosse abertamente subversiva.

Mair sorriu.

– Você é linda agora. Ainda mais quando ri.

Caris sentiu-se momentaneamente fascinada pelos olhos azuis de Mair. E foi nesse instante que ouviu o grito de uma criança. Virou-se. O grito não partira do grupo no claustro, mas sim do hospital. Seguiu apressada até lá. Christopher Blacksmith entrava no hospital com uma garota de 8 anos no colo. A criança, que Caris reconheceu como a filha dele, Minnie, gritava de dor.

– Deite-a num colchão – instruiu Caris.

Christopher obedeceu.

– O que aconteceu?

Christopher era um homem forte, mas estava em pânico. Falou num tom de voz estranhamente estridente:

– Ela tropeçou em minha oficina e caiu com o braço numa barra de ferro em brasa. Faça alguma coisa por ela depressa, irmã. Ela está sofrendo muito.

Caris tocou no rosto da criança.

– Calma, Minnie, calma... Já vamos aliviar a dor.

Extrato de semente de papoula era muito forte, pensou ela: poderia matar uma criança tão pequena. Ela precisava de uma poção mais leve.

– Nellie, vá até minha farmácia e pegue o pote que tem a indicação “Essência de cânhamo”. Ande depressa, mas não corra; se tropeçar e quebrar o

pote, levará horas para preparar uma nova poção.

Nellie afastou-se apressada. Caris estudou o braço de Minnie. A queimadura era horrível, mas se limitava ao braço. Não era tão perigosa quanto as queimaduras no corpo todo que as pessoas sofriam nos incêndios de suas casas. Havia enormes bolhas avermelhadas sobre a maior parte do antebraço e no meio a pele fora queimada até revelar a carne chamuscada por baixo. Caris procurou por ajuda e avistou Mair.

– Vá até a cozinha e me traga um quartilho de vinho e a mesma quantidade de azeite, em dois jarros separados. Ambos devem estar mornos, mas não quentes.

Mair se retirou.

– Minnie, você precisa parar de gritar – disse Caris. – Sei que dói, mas tem de me escutar. Já vou lhe dar um remédio para aliviar a dor.

Os gritos diminuíram de intensidade e começaram a se transformar em soluços. Nellie voltou com a essência de cânhamo. Caris despejou um pouco numa colher, enfiou na boca de Minnie e tapou-lhe o nariz. A criança engoliu. Gritou de novo, mas depois de um minuto começou a se acalmar.

– Dê-me uma toalha limpa, Nellie.

Elas usavam muitas toalhas no hospital. O armário por trás do altar estava sempre cheio de toalhas, por determinação de Caris.

Mair chegou com o azeite e o vinho. Caris pôs a toalha no chão, ao lado do colchão de Minnie. Ajeitou o braço queimado em cima da toalha.

– Como se sente? – perguntou ela.

– Dói muito – choramingou Minnie.

Caris assentiu com a cabeça, satisfeita. Eram as primeiras palavras coerentes que a paciente pronunciava. O pior já passara. Minnie começou a ficar sonolenta à medida que o cânhamo fazia efeito.

– Vou pôr uma coisa em seu braço para fazê-lo melhorar. Tente mantê-lo imóvel, está bem? – pediu Caris.

Minnie anuiu com a cabeça.

Caris despejou um pouco do vinho morno no pulso da menina, onde a queimadura não era tão grave. Minnie se encolheu toda, mas não tentou tirar o braço. Encorajada, Caris lentamente subiu o jarro pelo braço, despejando o vinho

sobre o pior da queimadura, para limpar. Depois, fez a mesma coisa com o azeite, que também aliviaria a dor no local e protegeria a carne das influências ruins no ar. Finalmente, pegou outra toalha para envolver o braço, sem apertar, a fim de manter as moscas a distância.

Minnie estava gemendo, mas meio adormecida. Caris olhou ansiosa para sua pele. A menina tinha o rosto rosado, corado da tensão. O que era ótimo: se ela estivesse pálida, seria um sinal de que a dose fora muito forte.

Caris sempre ficava nervosa com as drogas. A força variava de uma poção para outra e ela não tinha uma maneira precisa de medir. Quando fraco, o medicamento era ineficaz; quando forte, perigoso. Ficava especialmente preocupada em exagerar com crianças embora os pais sempre a pressionassem a dar uma dose forte, porque ficavam transtornados com a dor dos filhos.

O irmão Joseph entrou no hospital. Estava velho agora – próximo dos 60 anos – e todos os dentes haviam caído, mas ainda era o melhor monge médico do priorado. Christopher Blacksmith se levantou de um pulo.

– Oh, irmão Joseph, graças a Deus está aqui! Minha menina sofreu uma terrível queimadura!

– Vamos dar uma olhada – disse Joseph.

Caris recuou, escondendo sua irritação. Todos achavam que os monges eram médicos competentes, capazes de realizar quase milagres, enquanto as freiras apenas alimentavam e limpavam os pacientes. Caris havia muito deixara de lutar contra essa atitude, mas ainda ficava transtornada.

Joseph tirou a toalha e examinou o braço da paciente. Tocou na carne queimada com as pontas dos dedos. Minnie choramingou em meio ao sono drogado.

– Uma queimadura grave, mas não fatal. – O monge virou-se para Caris. – Faça um cataplasma de três partes de gordura de galinha, três partes de esterco de cabra e uma parte de chumbo branco. Cubra a queimadura com isso. Vai tirar o pus.

– Está bem, irmão.

Caris tinha dúvidas sobre o valor de cataplasmas. Já observara que muitos ferimentos saravam sem que o pus saísse embora os monges considerassem que o pus era um sinal saudável. Em sua experiência, os ferimentos ficavam

infeccionados por baixo desses cataplasmas. Mas os monges discordavam – exceto o irmão Thomas, que estava convencido de que perdera o braço por causa do cataplasma prescrito pelo prior Anthony, quase vinte anos antes. Mas essa era outra batalha que Caris desistira de travar. As técnicas dos monges tinham a autoridade de Hipócrates e Galeno, os autores antigos da medicina, e todos concordavam que eles deviam estar certos.

Joseph saiu. Caris providenciou para que Minnie ficasse confortável e tranquilizou o pai.

– Ela terá muita sede ao acordar. Cuide para que tenha o bastante para beber: cerveja fraca ou vinho aguado.

Caris não tinha pressa de fazer o cataplasma. Daria a Deus umas poucas horas para trabalhar sem ajuda, antes de iniciar o tratamento de Joseph. A probabilidade de o monge médico voltar mais tarde para verificar a paciente era mínima. Ela ordenou que Nellie buscasse esterco de cabra na horta a oeste da catedral e depois foi para sua farmácia.

Ficava ao lado da biblioteca dos monges. Infelizmente, ela não tinha janelas grandes, como havia na biblioteca. A sala era pequena e escura. Mas tinha uma bancada de trabalho, prateleiras para os potes e frascos e uma pequena lareira para aquecer os ingredientes.

Caris guardava um pequeno livro de anotações no armário. O pergaminho era caro e um bloco de folhas idênticas só era usado para as Sagradas Escrituras. Mas ela recolhera sobras de tamanhos irregulares e as juntara com uma costura. Mantinha registros de cada paciente com um problema sério. Anotava a data, o nome do paciente, os sintomas e o tratamento dispensado; mais tarde, acrescentava os resultados, sempre registrando com precisão quantas horas ou dias haviam se passado antes que o paciente melhorasse ou piorasse. Verificava os casos passados com frequência a fim de refrescar a memória sobre a eficiência de diferentes tratamentos.

Quando anotou a idade de Minnie, ocorreu-lhe que sua própria criança teria 8 anos agora se não fosse pela poção de Mattie Wise. Sem qualquer bom motivo, ela achava que seria uma menina. Especulou como reagiria se sua própria filha sofresse um acidente. Seria capaz de lidar com a emergência com tanta calma? Ou ficaria quase histérica de medo, como Christopher Blacksmith?

Acabara de registrar o caso quando soou o sino para as vésperas. Foi para o serviço. Depois, as freiras jantaram. E foram para a cama, pois tinham de se levantar às três horas da madrugada para as Matinas. Em vez de se deitar, porém, Caris foi para a farmácia a fim de preparar o cataplasma. Não se importava com o esterco de cabra. Qualquer pessoa que trabalhasse num hospital via coisas piores. Mas não entendia como Joseph podia imaginar que era algo para pôr em carne queimada.

Agora, não poderia fazer a aplicação até o dia seguinte. Minnie era uma criança saudável: sua recuperação já estaria bem adiantada até lá.

Enquanto trabalhava, Mair entrou na sala. Caris fitou-a, surpresa.

– O que está fazendo fora da cama?

Mair parou ao lado da bancada de trabalho.

– Vim ajudá-la.

– Não há necessidade de duas pessoas para preparar um cataplasma. O que a irmã Natalie disse?

Natalie era a subprioresa, responsável pela disciplina, Ninguém podia deixar o dormitório à noite sem sua permissão.

– Ela está mergulhada em sono profundo. Você acha mesmo que não é bonita?

– Saiu da cama para me perguntar isso?

– Merthin devia achar que era.

Caris sorriu.

– É verdade, ele achava.

– Sente saudade dele?

Caris terminou de misturar o cataplasma e se virou para lavar as mãos numa tigela.

– Penso em Merthin todos os dias. Ele é agora o arquiteto mais rico de Florença.

– Como sabe?

– Tenho notícias dele quase todos os anos, na Feira do Velocino, por meio de Buonaventura Caroli.

– Merthin recebe notícias suas?

– Que notícias? Não há nada para contar. Sou uma freira.

– Ainda sente desejo por ele?

Caris se virou para fitar Mair nos olhos.

– As freiras são proibidas de desejar os homens.

– Mas não as mulheres – murmurou Mair, inclinando-se para beijá-la na boca.

Caris ficou tão surpresa que permaneceu paralisada por instantes. Mair insistiu no beijo. O contato dos lábios de uma mulher era suave, diferente do beijo de Merthin. Caris estava chocada, mas não horrorizada. Havia sete anos ninguém a beijava e compreendeu de repente quanto sentia falta.

No silêncio, ouviram um ruído alto na biblioteca ao lado. Mair se afastou com um movimento brusco, tremendo de culpa.

– Que foi isso?

– Pareceu uma caixa caindo no chão.

– Quem poderia ser?

Caris franziu o rosto.

– Não deve haver ninguém na biblioteca a esta hora da noite. Monges e freiras já estão na cama.

Mair parecia assustada.

– O que devemos fazer?

– É melhor darmos uma olhada.

Deixaram a farmácia. Embora a biblioteca ficasse ao lado, elas tinham de atravessar o claustro das freiras e passar pelo claustro dos monges para alcançar a porta. Era uma noite escura, mas as duas viviam ali há muitos anos e podiam encontrar o caminho de olhos vendados. Quando chegaram a seu destino, viram uma luz brilhando pelas janelas altas. A porta, normalmente trancada à noite, estava entreaberta.

Caris a empurrou.

Por um momento, não pôde entender o que estava olhando. Via uma porta de armário aberta, uma caixa em cima da mesa, uma vela acesa ao lado e um vulto escuro. Passado um momento, compreendeu que era o armário do tesouro, onde cartulários e outros documentos valiosos eram guardados. A caixa era a arca que continha os ornamentos de ouro e prata com pedras preciosas usados na catedral para os serviços especiais. Um homem tirava objetos da caixa e os metia numa

espécie de saco.

Ele ergueu os olhos e Caris o reconheceu. Era Gilbert de Hereford, o peregrino que chegara naquele dia. Só que ele não era um peregrino e provavelmente nem era de Hereford. Era um ladrão.

Os dois se encararam por um momento, sem se mover. Até que Mair gritou.

Gilbert apagou a vela. Caris fechou a porta, para retardá-lo por mais algum tempo. Depois correu pelo claustro e entrou num recesso, puxando Mair.

Estavam ao pé da escada que levava ao dormitório dos monges. O grito de Mair deveria tê-los acordado, mas talvez eles fossem lentos para reagir.

– Conte aos monges o que está acontecendo! – gritou Caris para Mair. – Corra!

Mair subiu a escada. Caris ouviu um rangido e entendeu que a porta da biblioteca fora aberta. Ficou atenta ao som de passos nas pedras do claustro. Mas Gilbert devia ser um ladrão experiente, pois caminhava em silêncio. Ela prendeu a respiração e tentou ouvir a dele. E foi então que irrompeu um barulho lá em cima.

O ladrão deve ter compreendido que só tinha uns poucos segundos para escapar, pois desatou a correr. Caris podia agora ouvir seus passos.

Não se importava muito com os preciosos ornamentos da catedral, pois achava que ouro e pedras preciosas provavelmente agradavam ao bispo e ao prior mais do que a Deus, mas sentira aversão a Gilbert e detestava a perspectiva de o homem enriquecer com os objetos roubados do priorado. Por isso saiu do recesso.

Mal podia ver, mas não havia como se equivocar sobre os passos em disparada vindo em sua direção. Estendeu os braços para se proteger e, no instante seguinte, houve a colisão. Caris se desequilibrou, mas agarrou as roupas do ladrão. Os dois caíram no chão. Houve o maior estardalhaço quando o saco escapuliu da mão de Gilbert, crucifixos e cálices batendo nas pedras do piso.

A dor da queda enfureceu Caris, que largou as roupas do homem e estendeu as mãos na direção em que julgava estar seu rosto. Encontrou pele e cravou as unhas, rasgando fundo. O ladrão berrou de dor, e ela sentiu o sangue escorrer por seus dedos.

Mas ele era mais forte. Agarrou-a e montou nela. Uma luz apareceu no alto

da escada dos monges. Subitamente, ela pôde ver Gilbert... e ele também a viu. Ajoelhado por cima, acertou vários socos no rosto de Caris, primeiro com o punho direito, depois com o esquerdo e outra vez com o direito. Ela gritou, aflita.

Havia mais luz agora. Os monges desciam a escada. Caris ouviu Mair gritar:

– Deixe-a em paz, seu demônio!

Gilbert se levantou de um pulo e estendeu a mão para o saco. Mas já era tarde demais: subitamente, Mair voou para cima dele com algum objeto rombudo na mão. Ele recebeu um golpe na cabeça, virou-se para revidar e caiu sob uma avalanche de monges.

Caris ficou de pé. Mair foi ao seu encontro e as duas se abraçaram.

– O que você fez? – quis saber Mair.

– Fiquei na frente para fazê-lo tropeçar e depois arranhei seu rosto. Com o que você bateu nele?

– Com a cruz de madeira do dormitório.

– Nem pensar em oferecer a outra face... – disse Caris.

44

Gilbert de Hereford foi julgado pelo tribunal eclesiástico, considerado culpado e condenado, pelo prior Godwyn, a uma punição apropriada para quem roubava igrejas: seria esfolado vivo. A pele seria removida enquanto ele estivesse consciente e depois o deixariam sangrar até a morte.

No dia do esfolamento, Godwyn teve sua reunião semanal com madre Cecilia. Seus assistentes também estariam presentes: o subprior Philemon e a subprioresa Natalie. Na sala de sua casa, à espera da chegada das freiras, Godwyn disse a Philemon:

– Temos de persuadi-las a construir um novo tesouro. Não podemos continuar mantendo nossos objetos mais valiosos numa caixa na biblioteca.

Philemon pensou por um momento.

– Seria um prédio partilhado?

– Tem de ser. Não temos condições de pagar a construção de um prédio só nosso.

Godwyn pensou, pesaroso, nas ambições que outrora acalentara, quando jovem, de reformar as finanças do mosteiro e torná-lo rico de novo. Isso não acontecera e ele ainda não entendia o motivo. Fora rigoroso, obrigando os moradores da cidade a usar e pagar os moinhos do priorado e seus viveiros de peixes e coelhos. Mas parecia que eles sempre encontravam uma maneira de se esquivar de suas regras, como aconteceu com a construção de moinhos nas aldeias vizinhas. Impusera sentenças rigorosas aos homens e mulheres que eram apanhados a caçar ilegalmente ou a derrubar árvores nas florestas do priorado. E resistira às bajulações daqueles que queriam tentá-lo a gastar o dinheiro com a construção de moinhos ou a desperdiçar a madeira com a licença para funcionamento de carvoarias e fundições de ferro. Tinha certeza de que seus

métodos eram corretos, mas ainda não conseguira a receita que achava que merecia.

– Portanto, vai pedir o dinheiro a Cecilia – comentou Philemon, pensativo. – Pode haver vantagens em manter nossas riquezas e as das freiras no mesmo lugar.

Godwyn percebeu aonde a mente insidiosa de Philemon queria chegar.

– Mas não diríamos isso a Cecilia.

– Claro que não.

– Muito bem. Farei a proposta.

– Enquanto esperamos...

– O que é?

– Há um problema na aldeia de Long Ham de que você precisa tomar ciência.

Godwyn assentiu com a cabeça. Long Ham era uma das dezenas de aldeias que prestavam vassalagem – e pagavam direitos feudais – ao priorado.

– Tem a ver com as terras de uma viúva, Mary-Lynn – explicou Philemon. – Quando o marido morreu, ela concordou que um vizinho, John Nott, cultivasse a terra. Agora, a viúva se casou outra vez e quer a terra de volta para que seu novo marido possa cultivá-la.

Godwyn ficou perplexo. Era uma típica disputa de camponeses, trivial demais para exigir sua intervenção.

– O que o bailio diz?

– Que a terra deveria reverter para a viúva, já que o acordo proposto sempre foi provisório.

– Então é isso que deve acontecer.

– Há uma complicação. A irmã Elizabeth tem um meio-irmão e duas meias-irmãs em Long Ham.

– Ahn...

Godwyn devia ter adivinhado que havia uma razão para o interesse de Philemon. A irmã Elizabeth, que antes era Elizabeth Clerk, era a matriculária das freiras, encarregada de seus prédios. Era jovem e inteligente e com certeza subiria na hierarquia. Poderia ser uma aliada valiosa.

– São seus únicos parentes, sua família –, além da mãe, que trabalha na Bell

– continuou Philemon. – Elizabeth gosta deles, que por sua vez a reverenciam como a única santa na família. Quando vêm a Kingsbridge, trazem presentes para o convento... frutas, mel, ovos, essas coisas.

– E...?

– John Nott é meio-irmão de Elizabeth.

– Elizabeth pediu que você interferisse?

– Pediu. E também pediu que eu não contasse nada a madre Cecilia.

Godwyn sabia que isso era o tipo de coisa que Philemon apreciava. Adorava ser considerado uma pessoa poderosa, que podia usar sua influência para favorecer um lado ou outro numa disputa. Essas coisas alimentavam seu ego, que nunca se sentia satisfeito. E ele também era atraído por qualquer coisa clandestina. O fato de Elizabeth não querer que sua superiora soubesse do pedido deixava Philemon exultante. Significava que conhecia um segredo vergonhoso dela. Guardaria a informação como o ouro do avarento.

– O que você quer fazer? – perguntou Godwyn.

– A decisão é sua, mas sugiro que deixe John Nott ficar com a terra. Elizabeth seria nossa devedora, e é inevitável que isso nos será útil em algum momento no futuro.

– É duro para a viúva – comentou Godwyn, ainda em dúvida.

– Concordo. Mas isso deve ser decidido à luz dos interesses do priorado.

– E a obra de Deus é mais importante. Muito bem. Pode falar com o bailio.

– A viúva receberá sua recompensa no outro mundo.

– É verdade.

Houvera uma época em que Godwyn hesitava em autorizar os esquemas escusos de Philemon, mas isso acontecera há muito tempo. Philemon provara ser útil como a mãe de Godwyn, Petranilla, previra há tantos anos.

Houve uma batida à porta. Petranilla entrou na sala.

Ela vivia agora numa casa pequena e confortável em Candle Court, perto da rua principal. Edmund lhe deixara um legado generoso, o suficiente para durar pelo resto de sua vida. Tinha 58 anos, o corpo alto agora encurvado e frágil, e andava com uma bengala. Mas ainda possuía uma mente afiada como uma armadilha de urso. Como sempre, Godwyn ficou satisfeito ao vê-la, mas também apreensivo, com receio de ter feito alguma coisa que pudesse tê-la desagradado.

Petranilla era a chefe da família agora. Anthony morrera no desabamento da ponte e Edmund falecera há sete anos. Assim, era a única sobrevivente de sua geração. Nunca hesitava em dizer o que Godwyn deveria fazer. E fazia a mesma coisa com a sobrinha Alice. O marido dela, Elfric, era o regedor da paróquia, mas ela também lhe dava ordens. Sua autoridade se estendia até a neta indireta, Griselda. Aterrorizava o filho dela, o pequeno Merthin, agora com 8 anos. Seu julgamento continuava tão firme quanto antes e as pessoas quase sempre lhe obedeciam. Se por alguma razão ela não assumia o comando, mesmo assim elas pediam sua orientação. Godwyn não sabia como poderia passar sem a mãe. E, nas raras ocasiões em que não seguira seus conselhos, fizera de tudo para esconder o fato. Caris era a única que a enfrentava. "Não ouse me dizer o que fazer", declarara ela a Petranilla mais de uma vez. "Você teria deixado que me matassem."

Petranilla se sentou e olhou ao redor.

– Isto não é bom – comentou.

A mãe era brusca com frequência, mas Godwyn ainda ficava nervoso quando ela falava dessa maneira.

– Como assim?

– Você deve ter uma casa melhor.

– Sei disso.

Oito anos antes, Godwyn tentara persuadir madre Cecilia a pagar um palácio novo. Ela prometera que daria o dinheiro três anos depois, mas mudara de ideia quando o momento chegara. Godwyn tinha certeza de que a causa da recusa fora o que ele fizera com Caris. Depois do julgamento de heresia, seu charme deixara de funcionar com Cecilia. Ficara difícil arrancar dinheiro dela. Petranilla acrescentou:

– Você precisa de um palácio para receber bispos e arcebispos, barões e condes.

– Quase não temos esses visitantes hoje em dia. O conde Roland e o bispo Richard permaneceram na França durante a maior parte dos últimos anos.

O rei Eduardo invadira o Nordeste da França em 1339 e passara todo o ano seguinte ali; depois, em 1342, levara seu exército para o Noroeste da França e lutara na Bretanha. Em 1345, tropas inglesas haviam travado uma batalha na

região vinícola do Sudoeste, na Gasconha. Agora, Eduardo retornara à Inglaterra, mas já começara a recrutar outro exército.

– Roland e Richard não são os únicos nobres – insistiu Petranilla, impaciente.

– Os outros nunca vêm aqui.

A voz da mãe endureceu:

– Talvez seja porque você não pode acomodá-los no estilo que eles esperam. Precisa de um salão de banquetes, uma capela particular e quartos espaçosos.

Ela passara a noite inteira acordada pensando nisso, percebeu Godwyn. Era o seu jeito: remoía as coisas e depois disparava suas ideias como flechas. Ele especulou sobre o que a levara àquele protesto em particular.

– Parece muito extravagante – murmurou ele, tentando ganhar tempo.

– Não consegue compreender? – indagou Petranilla, ríspida. – O priorado não é tão influente quanto poderia simplesmente porque você nunca recebe os homens poderosos da Inglaterra. Quando tiver um palácio, com lindos quartos, eles virão.

Provavelmente a mãe tinha razão. Os mosteiros ricos, como Durham e Saint Albans, jamais se queixavam do número de visitantes nobres e reais que eram obrigados a receber.

– Ontem foi o aniversário da morte de meu pai.

Então era isso o que provocara aquela conversa, pensou Godwyn: a mãe estivera recordando a carreira gloriosa do avô.

– Você é prior há quase nove anos – continuou Petranilla. – Não quero que fique empacado aqui. Os arcebispos e o rei deviam estar considerando você para um bispado, uma grande abadia como Durham ou uma missão junto ao papa.

Godwyn sempre presumira que Kingsbridge seria seu trampolim para planos maiores, mas compreendia agora que deixara sua ambição definhar. Parecia que fora há pouco tempo que ganhara a eleição para prior. Sentira na ocasião que chegara ao topo. Mas a mãe tinha razão: já haviam se passado mais de oito anos e ele continuava no mesmo lugar.

– Por que não estão pensando em você para postos mais importantes? – indagou a mãe, retórica. – Porque não sabem que você existe! É o prior de um grande mosteiro, mas não contou a ninguém. Demonstre sua pompa! Construa

um palácio. Convide o arcebispo de Canterbury para ser seu primeiro hóspede. Dedique a capela ao santo predileto dele. Avise ao rei que construiu aposentos reais na esperança de que ele o visite.

– Espere um instante – protestou Godwyn. – Uma coisa de cada vez. Eu adoraria construir um palácio, mas não tenho dinheiro.

– Então trate de arrumar.

Ele queria perguntar como, mas nesse momento as duas líderes do convento entraram na sala. Petranilla e Cecilia se cumprimentaram com uma cortesia fria e depois a mãe se retirou.

Madre Cecilia e irmã Natalie se sentaram. Cecilia tinha 51 anos agora, cabelos grisalhos e vista deficiente. Ainda circulava apressada por toda parte, como um passarinho irrequieto, dando instruções a freiras, noviças e criadas, mas abrandara ao longo dos anos e agora procurava evitar conflitos. Cecilia trazia um pergaminho.

– O convento recebeu um legado – anunciou ela depois que se sentou. – De uma devota de Thornbury.

– Quanto? – perguntou Godwyn.

– 150 libras em moedas de ouro.

Godwyn ficou estupefato. Era uma quantia fabulosa, o suficiente para construir um palácio modesto.

– Foi o convento que recebeu... ou o priorado?

– O convento – disse Cecilia, firme. – Este pergaminho é nossa cópia do testamento dela.

– Por que ela deixou tanto dinheiro para o convento?

– Ao que parece, cuidamos dela quando caiu doente ao voltar para casa, depois de uma visita a Londres.

Natalie, uns poucos anos mais velha do que Cecilia, rosto redondo, sempre afável, interveio nesse instante:

– Nosso problema é o seguinte: onde vamos guardar o dinheiro?

Godwyn olhou para Philemon. Natalie lhes dera uma abertura para o assunto que tencionavam levantar.

– O que vocês fazem atualmente com o dinheiro?

– Fica no quarto da prioresa, que só pode ser alcançado através do

dormitório.

Como se pensasse nisso pela primeira vez, Godwyn sugeriu:

– Talvez devêssemos gastar um pouco desse legado na construção de uma nova tesouraria.

– Acho que é mesmo necessário – concordou Cecilia. – Um prédio de pedra simples, sem janelas, com uma resistente porta de carvalho.

– Não levaria muito tempo para construir – comentou Godwyn. – E não deve custar mais do que 5 ou 10 libras.

– Por uma questão de segurança, achamos que deve ser parte da catedral.

Então era por isso que as freiras queriam tratar do assunto com Godwyn.

Não precisariam consultá-lo sobre uma nova construção dentro de sua área do priorado, mas a igreja era comum a monges e freiras.

– Poderia ser junto da parede da catedral, no canto formado pelo transepto norte e o coro. O acesso seria apenas pelo interior da catedral.

– Isso mesmo. Foi o que pensei.

– Falarei com Elfric hoje se você quiser. Pedirei a ele que nos dê um orçamento.

– Faça isso, por favor.

Godwyn ficou feliz por arrancar de Cecilia uma fração do legado, mas ainda não se sentia satisfeito. Depois da conversa com a mãe, ele ansiava por conseguir mais. Gostaria de ficar com tudo. Mas como seria possível?

O sino da catedral repicou. Os quatro se levantaram e saíram.

O condenado esperava lá fora, na extremidade oeste da igreja. Estava nu, amarrado pelos pés e pelas mãos a um retângulo de madeira vertical como uma porta. Cerca de uma centena de pessoas se encontrava ali para testemunhar a execução. Os monges e as freiras comuns não haviam sido convidados: era considerado impróprio que vissem derramamento de sangue.

O carrasco era Will Tanner, um homem em torno dos 50 anos, curtidor de couro, como seu nome e a pele marrom de seu ofício indicavam. Usava um avental de lona limpo. Mantinha-se ao lado de uma pequena mesa, onde ajeitara suas facas. Afiava uma delas numa pedra e o rangido do aço no granito fez Godwyn estremecer.

Godwyn fez várias orações, terminando com uma súplica extemporânea, em

inglês, para que a morte do ladrão servisse a Deus, evitando que outros cometessem o mesmo pecado. Depois, acenou com a cabeça para Will Tanner.

Will se postou atrás do ladrão amarrado. Pegou uma faca pequena, com ponta afiada, e a inseriu no centro do pescoço de Gilbert, para depois descer numa linha reta e comprida até a base da espinha. Gilbert berrou de dor. O sangue começou a sair do talho. Will fez outro corte ao longo dos ombros do ladrão, formando a letra T.

Então mudou de faca, selecionando uma de lâmina comprida e fina. Inseriu-a com todo o cuidado no ponto em que os dois cortes se encontravam e levantou um canto da pele. Gilbert gritou de novo. Com o pedaço nos dedos da mão esquerda, Will começou a remover a pele com o maior cuidado.

Gilbert desatou a berrar sem parar.

A irmã Natalie soltou um grito estrangulado, virou-se e correu de volta para o priorado. Cecilia fechou os olhos e começou a rezar. Godwyn sentiu-se nauseado. Alguém na multidão caiu no chão, desmaiado, com um baque surdo. Somente Philemon permaneceu inabalado.

Will trabalhou depressa, a faca afiada cortando pela gordura subcutânea para revelar os músculos trançados por baixo. O sangue fluía em abundância e ele parava a intervalos de poucos segundos para limpar as mãos no avental. Gilbert gritava numa agonia indescritível a cada corte. Não demorou muito para que a pele das costas pendesse em duas abas largas. Will se ajoelhou, os joelhos numa funda poça de sangue, e começou a trabalhar nas pernas.

Os gritos cessaram de repente: Gilbert parecia ter desmaiado. Godwyn ficou aliviado. Queria que o homem sofresse uma lenta agonia por tentar roubar a catedral – e queria que outros testemunhassem o tormento de um ladrão –, mas mesmo assim descobrira que era difícil escutar aquilo.

Will continuou a trabalhar, impassível, aparentemente sem se preocupar se a vítima estava consciente ou não, até que toda a pele de trás – costas, braços e pernas – foi arrancada. Depois foi para a frente do homem. Cortou em torno dos pulsos e tornozelos e separou a pele, para que pendesse dos ombros e quadris. Trabalhou de baixo para cima, através da pélvis, e Godwyn compreendeu que ele tentaria arrancar a pele inteira num único pedaço. E logo não havia mais pele presa ao corpo, exceto na cabeça.

Gilbert ainda respirava.

Will fez uma série de cortes cuidadosos em torno do crânio. Largou as facas e tornou a limpar as mãos no avental. Pegou a pele de Gilbert nos ombros e deu um puxão para cima. A pele do rosto e do couro cabeludo se soltou da cabeça, mas continuou ligada ao resto. Will levantou a pele ensanguentada de Gilbert como se fosse um troféu de caça e a multidão aplaudiu.



Caris estava apreensiva com a perspectiva de guardar o novo tesouro junto com o dos monges. Tanto importunou a irmã Beth com perguntas sobre a segurança do dinheiro que ela a levou para inspecionar o lugar.

Godwyn e Philemon estavam na catedral na ocasião, como que por acaso; viram as freiras e as seguiram. Elas passaram por uma nova arcada na parede sul do coro, entraram num pequeno saguão e pararam diante de uma formidável porta tachonada. A irmã Beth tirou do bolso uma enorme chave de ferro. Era uma mulher humilde e despretensiosa, como a maioria das freiras.

– Esta chave é nossa – disse ela a Caris. – Podemos entrar na tesouraria a qualquer momento que quisermos.

– Não poderia ser de outra forma, já que fomos nós que pagamos – comentou Caris, incisiva.

Entraram numa pequena sala quadrada. Continha uma mesa com uma pilha de pergaminhos em cima, alguns bancos e uma enorme arca reforçada com ferro.

– A arca é grande demais para ser levada pela porta – ressaltou Beth.

– Então como a puseram aqui dentro? – indagou Caris.

– Em pedaços – respondeu Godwyn. – O carpinteiro a montou aqui dentro.

Caris lançou um olhar frio para Godwyn. Aquele homem tentara matá-la.

Desde o julgamento por bruxaria, ela só o fitava com evidente aversão e evitava falar com ele, sempre que possível. Então Caris disse, decidida:

– As freiras vão precisar de uma chave da arca.

– Não há necessidade – declarou Godwyn. – Ela contém os ornamentos com pedras preciosas da catedral, aos cuidados do sacristão, que é sempre um monge.

– Mostre-me – disse Caris.

Ela percebeu que Godwyn ficou ofendido com seu tom e pensou em recusar, mas queria parecer acessível e inocente e por isso concordou. Ele tirou uma chave da bolsa no cinto e abriu a arca. Além dos ornamentos da catedral, continha dezenas de pergaminhos, que eram os cartulários do priorado.

– Portanto, a arca não contém apenas os ornamentos – disse Caris, vendo suas suspeitas confirmadas.

– Os registros também estão aqui.

– Inclusive os cartulários das freiras.

– Isso mesmo.

– Nesse caso, devemos ter uma chave.

– Minha ideia é copiar todos os cartulários e guardar as cópias na biblioteca. Sempre que precisarmos examinar um cartulário, poderemos ler a cópia na biblioteca, para que os preciosos originais possam permanecer trancados.

Beth detestava conflitos e interveio, nervosa:

– Parece-me uma ideia bastante sensata, irmã Caris.

Caris admitiu, relutante:

– Desde que as freiras sempre tenham acesso a seus documentos de alguma forma.

Os cartulários eram uma questão secundária. Ela se dirigiu a Beth, mais do que a Godwyn, ao acrescentar:

– Mais importante ainda, onde guardamos o dinheiro?

– Em cofres escondidos no chão – respondeu Beth. – São quatro, dois para os monges, dois para as freiras. Se olhar com atenção, poderá perceber as pedras soltas.

Caris estudou o chão, antes de comentar:

– Eu não teria percebido se não tivesse me dito. Mas posso perceber agora. É possível trancar esses cofres?

– Creio que sim – respondeu Godwyn. – Mas dessa forma se tornaria óbvio onde estão, o que anularia nosso propósito ao escondê-los por baixo das lajes.

– Mas nesse caso os monges e as freiras têm acesso ao dinheiro uns dos outros.

Philemon interveio, fitando Caris com um olhar acusador:

– Por que você está aqui? É a responsável pelos visitantes... não tem nada a

ver com o tesouro.

A atitude de Caris em relação a Philemon era de total aversão. Achava que ele não era completamente humano. Parecia não ter noção de certo ou errado, não ter princípios nem escrúpulos. Enquanto desprezava Godwyn como um homem iníquo, que sabia quando se entregava ao mal, sentia que Philemon era mais como um animal desvairado, como um cão raivoso ou um porco selvagem.

– Tenho um olho para os detalhes – declarou ela.

– Você é muito desconfiada – resmungou ele, ressentido.

Caris soltou uma risada sem humor.

– Partindo de você, Philemon, isso é irônico.

Ele fingiu que ficou magoado.

– Não sei o que está querendo insinuar com isso.

Beth tornou a interferir, num esforço para manter a paz:

– Eu só queria que Caris viesse dar uma olhada porque ela fez perguntas que eu não sabia responder.

– Por exemplo, como podemos ter certeza de que os monges não tiram o dinheiro das freiras? – indagou Caris.

– Vou mostrar – respondeu Beth.

Ela pegou uma vara de carvalho resistente que estava pendurada num gancho na parede. Usou-a como uma alavanca para levantar uma laje. Por baixo havia um espaço vazio, contendo uma arca reforçada com ferro.

– Mandamos fazer arcas do tamanho certo para caber nos espaços.

Beth se abaixou e removeu a arca. A tampa era presa por dobradiças, com um cadeado de ferro. Caris examinou a arca. Parecia bem-feita. A tampa estava encaixada e presa por um cadeado de ferro.

– Onde compramos esses cadeados? – perguntou Caris.

– Foram feitos por Christopher Blacksmith.

Ainda bem, pensou Caris. Christopher era um cidadão respeitável de Kingsbridge e não arriscaria sua reputação com a venda de cópias das chaves para ladrões.

Caris não conseguiu encontrar nenhuma falha no que fora feito. Talvez sua preocupação fosse desnecessária. Virou-se para ir embora. Foi nesse instante que Elfric apareceu, acompanhado por um aprendiz com um saco na mão.

– Posso pendurar o aviso agora? – perguntou Elfric.

– Pode, sim, por favor – respondeu Philemon.

O aprendiz de Elfric tirou do saco o que parecia ser um couro enorme.

– O que é isso? – indagou Beth.

– Espere um instante que já vai descobrir – disse Philemon.

O aprendiz levantou o couro contra a porta.

– Eu só estava esperando secar – explicou Philemon. – É a pele de Gilbert de Hereford.

Beth soltou um grito de horror.

– É repulsivo – disse Caris.

A pele estava ficando amarelada e os cabelos caíam, mas dava para distinguir o rosto: as orelhas, os dois buracos dos olhos, a abertura da boca, que dava a impressão de estar contraída num sorriso.

– Isso deve afugentar os ladrões – comentou Philemon com evidente satisfação.

Elfric pegou um martelo e começou a pregar a pele na porta da tesouraria.



As duas freiras se retiraram. Godwyn e Philemon esperaram que Elfric concluísse a tarefa macabra, depois tornaram a entrar na tesouraria.

– Creio que estamos seguros agora – comentou Godwyn.

Philemon assentiu.

– Caris é uma mulher desconfiada, mas todas as suas perguntas foram respondidas de maneira satisfatória.

– Nesse caso...

Philemon fechou e trancou a porta por dentro. Depois, levantou o bloco de pedra de um dos dois cofres das freiras e tirou a arca.

– A irmã Beth guarda uma pequena quantidade de dinheiro para as necessidades do dia a dia em algum lugar dos aposentos das freiras – explicou. – Ela só entra aqui para retirar ou depositar quantias maiores. E sempre abre o outro cofre, que contém principalmente as moedas de prata. Ela quase nunca abre esta arca, onde guarda o legado.

Ele virou a arca e verificou as dobradiças. Estavam presas na madeira por quatro pregos. Philemon tirou do bolso uma talhadeira fina de aço e um alicate. Godwyn especulou onde ele arrumara aquelas ferramentas, mas não perguntou. Às vezes era melhor não saber de muitos detalhes.

Philemon encaixou a ponta da talhadeira sob a dobradiça de ferro e empurrou. Foi forçando, com o maior cuidado e paciência, para que as marcas na madeira não ficassem visíveis. Pouco a pouco, a placa da dobradiça foi se desprendendo, os pregos saindo. Quando havia espaço suficiente, ele usou o alicate para puxar os pregos. Depois levantou a tampa.

– Aqui está o dinheiro da devota de Thornbury – disse ele.

Godwyn olhou para a arca. Eram ducados venezianos. As moedas de ouro mostravam o doge de Veneza ajoelhado diante de São Marcos; no outro lado, a Virgem Maria estava cercada por estrelas, para indicar que se encontrava no céu. Os ducados eram equivalentes aos florins de Florença e tinham o mesmo tamanho, peso e pureza do metal. Valiam 3 xelins, ou 36 *pence* de prata ingleses. A Inglaterra tinha agora suas próprias moedas de ouro, uma inovação do rei Eduardo – nobre, meio nobre e quarto de nobre –, mas elas circulavam há apenas dois anos e ainda não haviam suplantado as moedas de ouro estrangeiras.

Godwyn tirou 50 ducados, que valiam 7 libras e 10 xelins. Philemon tornou a fechar a arca. Envolveu cada prego com um pedaço fino de couro para que ficassem bem justos e prendeu a dobradiça. Pôs a arca de volta no cofre e baixou o bloco de pedra.

– Claro que elas vão notar a falta, mais cedo ou mais tarde – comentou.

– Talvez não percebam nada durante anos – retorquiu Godwyn. – E vamos deixar para cruzar essa ponte quando a alcançarmos.

Os dois saíram. Godwyn trancou a porta.

– Procure Elfric e se encontrem comigo no cemitério – disse ele.

Philemon se afastou. Godwyn foi para a extremidade leste do cemitério, logo depois da casa do prior. Era um dia de maio com muito vento, que fazia o hábito esvoaçar em torno de suas pernas. Uma cabra solta pastava entre os túmulos. Godwyn ficou a observá-la, pensativo.

Sabia que estava se arriscando a uma briga terrível com as freiras. Calculava que elas nada descobririam por um ano pelo menos, mas não podia ter certeza.

Quando descobrissem, seria um inferno. Mas o que exatamente elas poderiam fazer? Ele não era como Gilbert de Hereford, que roubava dinheiro para si. Apropriara-se do legado de uma devota para propósitos sagrados.

Pôs as preocupações de lado. Sua mãe tinha razão: precisava glorificar seu papel como prior de Kingsbridge se quisesse continuar progredindo. Quando Philemon apareceu com Elfric, Godwyn disse:

– Quero construir o palácio do prior aqui, a leste da residência atual.

Elfric acenou com a cabeça em concordância.

– Uma excelente localização, lorde prior, se me permite dizer... perto do capítulo e na extremidade leste da catedral, mas separada do mercado pelo cemitério. Assim terá privacidade e sossego.

– Quero um grande salão para banquetes – continuou Godwyn. – Com cerca de 30 metros de comprimento. Deve ser um salão imponente, apropriado para receber a nobreza, talvez até a realeza.

– Excelente.

– E uma capela na ala leste do andar térreo.

– Mas estará a poucos passos da catedral.

– Os hóspedes nobres nem sempre querem se expor ao povo. Devem ter a possibilidade de fazer o culto em particular se assim desejarem.

– E no segundo andar?

– Os aposentos do prior, incluindo uma sala com um altar e uma escrivaninha, e três quartos grandes para hóspedes.

– Esplêndido!

– Quanto custará?

– Mais de 100 libras... talvez 200. Farei um projeto e apresentarei uma estimativa mais precisa.

– Não deixe passar de 150. Isso é tudo o que posso gastar.

Elfric pode ter tentado imaginar onde Godwyn conseguira de repente 150 libras, mas não perguntou.

– É melhor começar a estocar as pedras o mais depressa possível. Pode me adiantar algum dinheiro para que eu já iniciei a obra?

– Quanto precisaria?... Cinco libras?

– Dez seria melhor.

– Eu lhe darei 7 libras e 10 xelins em ducados – disse Godwyn, entregando as 50 moedas de ouro que tirara das reservas das freiras.

Três dias depois, quando monges e freiras saíam da catedral depois do serviço da Nona, a irmã Elizabeth falou com Godwyn.

Freiras e monges não deviam conversar uns com os outros, por isso ela teve de arrumar um pretexto. Um cachorro aparecera na nave e latira durante o serviço. Havia sempre cachorros entrando na catedral, mas em geral eram ignorados. Elizabeth, no entanto, decidiu se desligar da procissão para afugentar o cachorro. Era obrigada a atravessar pela fileira de monges e calculou o momento para passar diante de Godwyn. Ofereceu-lhe um sorriso contrafeito.

– Peço perdão, padre prior. – Baixou a voz para acrescentar: – Encontre-se comigo na biblioteca como se fosse por acaso. – E saiu pela porta oeste.

Intrigado, Godwyn seguiu para a biblioteca. Sentou-se para ler a Regra de São Bento. Elizabeth apareceu pouco depois e pegou o Evangelho de São Mateus. As freiras haviam construído sua própria biblioteca depois que Godwyn assumira o papel de prior e decidira aumentar a separação entre homens e mulheres. Mas, depois que retiraram todos os seus livros da biblioteca dos monges, o lugar ficara tão vazio que Godwyn revogara sua decisão. O prédio da biblioteca das freiras era agora usado como sala de aula quando fazia frio.

Elizabeth se sentou de costas para Godwyn, a fim de que ninguém desconfiasse, ao entrar ali, de que estavam conspirando. Mas ficou bem perto para que ele pudesse ouvir com clareza.

– Há uma coisa que percebi que devo lhe contar – sussurrou Elizabeth. – A irmã Caris não gosta da ideia de guardar o dinheiro das freiras na nova tesouraria.

– Eu já sabia disso.

– Ela persuadiu a irmã Beth a contar o dinheiro para ter certeza de que tudo continua ali. Achei que deveria saber... para o caso... de ter tomado algum dinheiro emprestado delas.

O coração de Godwyn quase parou. Uma verificação revelaria que faltavam 50 ducados. E ele ainda precisaria do resto para construir seu palácio. Não esperava que a descoberta pudesse ocorrer tão cedo. Amaldiçoou Caris. Como ela fora capaz de adivinhar o que ele fizera em tamanho sigilo?

– Quando? – indagou ele, com a voz um pouco trêmula.

– Hoje. Não sei a que horas... Pode ser a qualquer momento. Mas Caris foi bastante enfática ao dizer que você não deveria ser avisado com antecedência.

Godwyn teria de pôr os ducados de volta na arca o mais depressa possível.

– Muito obrigado pela informação – disse ele. – Gostei de poder contar com você.

– Fiz isso porque você favoreceu minha família em Long Ham.

Elizabeth se levantou e saiu. Godwyn também saiu passado um momento. Que sorte Elizabeth se sentir em dívida com ele! O instinto de Philemon para a intriga era mesmo valioso. Enquanto pensava nisso, avistou o subprior no claustro.

– Pegue aquelas ferramentas e se encontre comigo na tesouraria! – sussurrou.

Depois Godwyn saiu do priorado. Atravessou apressado o pátio gramado e seguiu pela rua principal. A esposa de Elfric, Alice, herdara a casa de Edmund Wooler, uma das maiores da cidade, junto com todo o dinheiro que Caris ganhara com seus tecidos tingidos. Elfric vivia agora no maior luxo.

Godwyn bateu à porta e entrou. Alice estava sentada à mesa, diante do resto do almoço. Ali encontravam-se a enteada, Griselda, e o filho dela, o pequeno Merthin. Ninguém acreditava agora que Merthin Fitzgerald fosse o pai do menino: ele era a cara do antigo namorado fugido de Griselda, Thurstan. Griselda se casara com um dos empregados do pai, Harold Mason. As pessoas educadas chamavam o menino de 8 anos de Merthin Haroldson; outras se referiam a ele como Merthin Bastardo.

Alice se levantou de um pulo quando viu Godwyn.

– É um prazer tê-lo em nossa casa, primo prior. Aceita um copo de vinho?

Godwyn ignorou a hospitalidade polida.

– Onde está Elfric?

– Lá em cima tirando um cochilo antes de voltar ao trabalho. Sente-se na sala de visitas enquanto vou chamá-lo.

– O mais depressa possível, por favor.

Godwyn foi para a outra sala. Havia cadeiras confortáveis ali, mas ele ficou andando de um lado para outro. Elfric apareceu pouco depois, esfregando os olhos.

– Desculpe a demora, mas eu estava...

– Os 50 ducados que lhe dei há três dias – interrompeu-o Godwyn. – Preciso que me devolva.

Elfric ficou surpreso.

– Mas o dinheiro era para as pedras!

– Sei disso. Mas preciso do dinheiro de volta imediatamente.

– Já gastei uma parte com carroceiros que trarão as pedras da pedreira.

– Quanto?

– Cerca da metade.

– Pode cobrir essa parte com seus próprios recursos, não é?

– Não quer mais o palácio?

– Claro que quero. Mas preciso desse dinheiro agora. Não me pergunte por quê, apenas devolva-o.

– O que farei com as pedras que encomendei?

– Guarde-as. Terá o dinheiro de volta. Só preciso dele por uns dias. Depressa!

– Está bem. Espere aqui, por favor.

– Não irei a lugar nenhum enquanto não me entregar o dinheiro.

Elfric saiu. Godwyn especulou sobre onde ele guardaria as moedas. Sob as pedras da lareira era o lugar mais comum. Mas Elfric, por ser um construtor, podia ter um esconderijo mais astucioso. Onde quer que fosse, ele não demorou a voltar.

Contou 50 moedas de ouro.

– Eu lhe dei ducados... e algumas destas moedas são florins – disse Godwyn.

O florim era do mesmo tamanho, mas tinha imagens diferentes: João Batista de um lado, uma flor do outro.

– Não tenho mais as mesmas moedas. Já expliquei que gastei algumas. Mas valem a mesma coisa, não é?

Era verdade. As freiras notariam a diferença?

Godwyn guardou as moedas na bolsa e saiu sem dizer mais nada.

Retornou apressado à catedral. Encontrou Philemon na tesouraria e explicou, ofegante:

– As freiras vão fazer uma verificação. Preciso devolver o dinheiro que dei a

Elfric. Abra aquela arca.

Philemon levantou o bloco de pedra, tirou a arca, removeu os pregos e ergueu a tampa. Godwyn examinou as moedas. Todas eram ducados. Mas não havia mais nada que ele pudesse fazer agora. Largou as moedas na arca, empurrando os florins para o fundo.

– Pode fechar e guardar de volta no lugar.

Philemon assim o fez. Godwyn experimentou um momento de alívio. Seu crime fora em parte encoberto. Pelo menos agora não seria tão clamorosamente evidente.

– Quero estar presente quando for feita a contagem – disse a Philemon. – Estou preocupado com a possibilidade de notarem que há agora alguns florins no lugar de ducados.

– Sabe quando elas tencionam vir?

– Não.

– Porei um noviço para varrer o coro. Ele nos avisará assim que Beth aparecer.

Philemon contava com um pequeno círculo de noviços admiradores que fariam qualquer coisa para agradá-lo. Mas não houve necessidade. Irmã Beth e irmã Caris apareceram quando eles deixavam a tesouraria. Godwyn fingiu estar no meio de uma conversa sobre contas.

– Teremos de procurar num rolo de contas anterior, irmão – disse a Philemon. – Ah, bom dia, irmãs.

Caris abriu os cofres das freiras e tirou as duas arcas.

– Posso ajudá-las com alguma coisa? – perguntou Godwyn.

Caris ignorou-o.

– Estamos apenas querendo verificar uma coisa, mas obrigada, padre prior. Não vamos demorar – respondeu Beth.

– Podem continuar, podem continuar... – disse ele, benevolente, embora o coração batesse forte dentro do peito.

– Não há necessidade de se desculpar por nossa presença aqui, irmã Beth – disse Caris, irritada. – É nossa tesouraria e nosso dinheiro.

Godwyn abriu um rolo de contas ao acaso. Fingiu estudá-lo, junto com Philemon. Beth e Caris contaram as peças de prata na primeira arca: quartos de

penny, moedas de meio *penny*, alguns *pence* e uns poucos Luxembourgs, *pence* falsos, feitos com prata adulterada, além de umas poucas moedas de ouro, florins, ducados, além de *genovinos* de Gênova e *reales* de Nápoles, assim como *moutons* franceses e os novos nobres ingleses. Beth confrontou os totais com seus registros. Quando terminaram, ela disse:

– Absolutamente certo.

Elas guardaram todas as moedas na arca, trancaram e a puseram de volta no cofre no chão. Começaram a contar as moedas de ouro na outra arca, fazendo pilhas de dez. Quando se aproximavam do fundo da arca, Beth franziu o rosto e soltou um murmúrio de perplexidade.

– O que foi? – perguntou Caris.

Godwyn sentiu uma pontada de medo e culpa.

– Esta arca contém apenas o legado da devota de Thornbury. Eu o deixei separado – explicou Beth.

– E daí?

– O marido dela tinha negócios em Veneza. Eu tinha certeza de que toda a quantia era em ducados, mas também há alguns florins aqui.

Godwyn e Philemon ficaram imóveis, escutando.

– Isso é estranho – comentou Caris.

– Talvez eu tenha me enganado.

– Mas é um pouco suspeito.

– Nem tanto – declarou Beth. – Os ladrões não põem dinheiro em sua arca, não é?

– Tem razão – admitiu Caris, relutante.

Terminaram de contar. Tinham cem pilhas de dez moedas, no valor de 150 libras.

– É a quantia exata em meus registros – anunciou Beth.

– Então todos os *pence* e libras estão corretos – disse Caris.

– Como eu disse.

45

Caris passou muitas horas pensando na irmã Mair.

Ficara surpresa com o beijo, mas ainda mais com sua própria reação. Fora excitante. Até agora, não se sentira atraída por Mair ou qualquer outra mulher. Na verdade, havia apenas uma pessoa que já a fizera ansiar por ser acariciada, beijada e penetrada, e ela era Merthin. No convento, aprendera a viver sem contato físico. A única mão que a tocava sexualmente era a sua, na escuridão do dormitório, quando se lembrava dos dias de namoro e comprimia seu rosto contra o travesseiro para que as outras freiras não ouvissem sua respiração ofegante.

Não sentia por Mair o mesmo desejo feliz que Merthin lhe inspirava. Mas Merthin se encontrava a 1.500 quilômetros de distância e há sete anos no passado. E ela gostava de Mair. Era alguma coisa relacionada com seu rosto angelical, os olhos azuis, uma reação a seu comportamento gentil no hospital e na escola.

Mair sempre falava doce com Caris e, quando ninguém olhava, tocava em seu braço, em seu ombro, até em seu rosto. Caris não a repelia, mas evitava corresponder. Não era porque pensasse que seria um pecado. Tinha certeza de que Deus era sensato demais para fazer uma regra contra as mulheres proporcionarem um prazer inofensivo umas às outras. Mas é que sentia medo de desapontar Mair. O instinto lhe dizia que os sentimentos de Mair eram fortes e definidos enquanto os seus eram incertos. Ela é apaixonada por mim, pensava Caris, mas eu não retribuo o sentimento. Se beijá-la de novo, ela pode acalentar a esperança de que nós seremos almas irmãs pelo resto da vida, e não posso prometer isso.

Por isso ela não fez nada até a semana da Feira do Velocino.

A feira de Kingsbridge se recuperara do desastre de 1338. O comércio de lã crua ainda sofria a interferência do rei e os italianos só apareciam de dois em dois anos, mas isso era compensado pelo novo negócio de tecido tingido. A cidade ainda não era tão próspera quanto poderia, pois a proibição do prior Godwyn do funcionamento de moinhos particulares afastara a indústria da cidade e a levara para as aldeias ao redor. Mas a maior parte do tecido ainda era vendida no mercado e ele ficara conhecido como Escarlate de Kingsbridge. A ponte de Merthin fora concluída por Elfric e as pessoas atravessavam sua larga extensão com cavalos de carga e carroças.

Por isso, na noite de sábado, antes da abertura oficial da feira, o hospital se encontrava lotado de visitantes. E um deles estava doente.

Seu nome era Maldwyn Cook e seu negócio era fazer pequenas iguarias salgadas, com farinha de trigo e pedaços de carne ou peixe. Eram fritas na manteiga numa fogueira e vendidas por um quarto de *penny* a meia dúzia. Pouco depois de chegar, ele sentiu uma súbita e violenta dor de barriga, seguida por vômito e diarreia. Não havia nada que Caris pudesse fazer para ajudá-lo a não ser providenciar uma cama perto da porta.

Há muito ela desejava dotar o hospital da própria latrina a fim de poder supervisionar sua higiene. Mas essa era apenas uma das melhorias que pretendia fazer. Precisava de uma nova farmácia ao lado do hospital, uma sala espaçosa e bem iluminada onde poderia preparar os medicamentos e escrever suas anotações. E também queria encontrar uma maneira de proporcionar mais privacidade aos pacientes. No momento, todos ali podiam ver uma mulher dando à luz, um homem tendo um ataque, uma criança vomitando. As pessoas doentes deveriam ter espaços reservados, em sua opinião, como as capelas laterais numa catedral. Mas não sabia como poderia conseguir isso: o hospital não era bastante grande. Conversara muito com Jeremiah Builder – que fora o aprendiz de Merthin a quem chamavam de Jimmie –, mas não haviam encontrado uma solução satisfatória.

Na manhã seguinte, mais três pessoas apresentavam os mesmos sintomas de Maldwyn Cook. Caris serviu a primeira refeição aos visitantes e mandou que fossem para o mercado. Só os doentes podiam permanecer no hospital. O chão do hospital estava mais sujo do que o habitual e ela ordenou que fosse varrido e

limpo com esfregão. Depois foi para o serviço na catedral.

O bispo Richard não estava presente. Fazia companhia ao rei, que preparava uma nova invasão à França. Richard sempre considerara que o bispado era apenas um meio de sustentar seu estilo de vida aristocrático. Em sua ausência, a diocese era comandada pelo arquidiácono Lloyd, que coletava os dízimos e os pagamentos dos arrendamentos do bispo, batizava crianças e conduzia serviços com uma eficiência determinada, mas nem um pouco imaginativa – uma característica que ele demonstrou naquela manhã com um tedioso sermão sobre o motivo pelo qual Deus era mais importante do que o dinheiro, um estranho tema na abertura de uma das maiores feiras comerciais da Inglaterra.

Apesar disso, todos se mostravam animados, como sempre, no primeiro dia. A Feira do Velocino era o ponto alto do ano para os habitantes e os camponeses das aldeias ao redor. As pessoas ganhavam dinheiro na feira e o perdiam jogando nas estalagens. Jovens robustas das aldeias se deixavam seduzir por insinuantes rapazes da cidade. Prósperos camponeses pagavam às prostitutas por serviços que não ousavam pedir às esposas. Com bastante frequência, ocorria um assassinato; às vezes, vários.

Caris distinguiu o vulto corpulento e bem-vestido de Buonaventura Caroli entre a congregação e seu coração disparou. Ele podia ter notícias de Merthin. Ela passou todo o serviço distraída, recitando os salmos. Na saída, conseguiu atrair a atenção de Buonaventura, que lhe sorriu. Ela tentou indicar, com um aceno de cabeça, que queria conversar com ele mais tarde. Não teve certeza se a mensagem foi entendida.

Foi para o hospital – o único lugar do priorado em que uma freira podia se encontrar com um homem do mundo exterior – e Buonaventura entrou ali pouco depois. Usava um casaco azul luxuoso e sapatos pontudos.

– Na última vez em que a vi – comentou ele –, você tinha acabado de ser ordenada freira pelo bispo Richard.

– Agora sou a responsável pelos visitantes.

– Parabéns! Nunca pensei que pudesse se dar tão bem no convento.

Buonaventura a conhecia desde que ela era uma criança.

– Nem eu – respondeu Caris, rindo.

– O priorado parece estar indo bem.

– Por que diz isso?

– Soube que Godwyn está construindo um novo palácio.

– É verdade.

– Ele deve estar prosperando.

– Creio que sim. Mas como você está? E os negócios?

– Temos alguns problemas. A guerra com a França afetou o transporte e os impostos de seu rei Eduardo fazem com que a lã inglesa seja mais cara do que a espanhola. Mas é também de melhor qualidade.

Os mercadores sempre se queixavam dos tributos. Caris foi direto ao assunto que realmente lhe interessava:

– Alguma notícia de Merthin?

– Tenho, sim. – Embora o comportamento de Buonaventura permanecesse afável, Caris notou alguma hesitação enquanto ele acrescentava: – Merthin se casou.

Caris teve a sensação de ter sido atingida por um golpe violento. Nunca esperara por isso, nem sequer pensara na possibilidade. Como Merthin podia fazer aquilo? Ele era... Eles eram...

Não havia motivo para que ele não se casasse, é claro. Caris o rejeitara mais de uma vez e na última tornara a rejeição definitiva ao ingressar no convento. Apenas era extraordinário que ele esperasse tanto tempo. Ela não tinha o direito de se sentir magoada. Forçou um sorriso.

– Mas isso é maravilhoso! Por favor, transmita a ele minhas congratulações. Quem é a moça?

Buonaventura fingiu não notar a consternação de Caris.

– Seu nome é Silvia – disse ele, como se estivesse contando uma fofoca inofensiva. – É a filha mais nova de um dos cidadãos mais proeminentes da cidade, Alessandro Christi, um mercador de especiarias orientais que possui vários navios.

– Que idade tem?

Ele sorriu.

– Alessandro? Deve ter mais ou menos a minha idade...

– Não zombe de mim! – Ela sentiu-se grata a Buonaventura por ter abrandado o tom. – Qual é a idade de Silvia?

– Vinte e três anos.

– Seis anos mais moça do que eu.

– Uma linda jovem...

Caris sentiu a ressalva implícita.

– Mas...?

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– Ela é conhecida por ter uma língua afiada. As pessoas dizem todos os tipos de coisas, é claro, mas talvez seja por isso que ela permaneceu solteira durante tanto tempo. As moças em Florença costumam se casar antes dos 18 anos.

– Tenho certeza de que os comentários sobre a língua afiada são verdadeiros. As duas únicas jovens que Merthin apreciava aqui em Kingsbridge eram Elizabeth Clerk e eu... e sempre fomos de falar muito, verdadeiras megeras.

Buonaventura riu.

– Nem tanto, nem tanto...

– Quando foi o casamento?

– Há dois anos. Pouco depois de ter visto você pela última vez.

Caris compreendeu que Merthin permanecera solteiro até que ela fosse ordenada freira. Devia ter tomado conhecimento por Buonaventura que ela dera o passo final. Ela pensou em Merthin esperando e acalentando uma esperança, por mais de quatro anos, em outra terra... e sua fachada de animação começou a se desfazer.

– E eles têm uma criança, uma menina chamada Lolla – informou Buonaventura.

Era demais. Toda a dor que Caris experimentara sete anos antes – a angústia que pensara ter desaparecido para sempre – voltou de repente. Não o perdera em 1339, refletiu. Merthin permanecera fiel à sua memória por anos. Mas o perdera, afinal, para sempre. Ficou abalada e compreendeu que não conseguiria se controlar por muito mais tempo. Trêmula, disse:

– Foi um prazer revê-lo e saber das novidades, mas tenho de voltar ao trabalho.

O rosto de Buonaventura demonstrou preocupação.

– Espero não tê-la deixado muito transtornada. Pensei que você gostaria de saber.

– Não seja gentil comigo... Não posso suportar.

Caris se virou e saiu, quase correndo. Baixou a cabeça para esconder o rosto enquanto deixava o hospital e entrava no claustro. À procura de um lugar para ficar sozinha, subiu a escada até o dormitório. Não havia ninguém ali durante o dia. Começou a soluçar enquanto percorria o dormitório vazio. O quarto de madre Cecilia ficava na outra extremidade. Ninguém tinha permissão de entrar ali sem convite, mas Caris desobedeceu à ordem e bateu a porta. Jogou-se na cama, sem se importar quando a touca de freira caiu. Comprimiu o rosto contra o colchão de palha e chorou.

Passado algum tempo, sentiu uma mão em sua cabeça, afagando os cabelos curtos. Não ouvira a pessoa entrar no quarto. E não se importava com quem era. Mesmo assim, aos poucos foi se acalmando. Os soluços já não eram tão desesperados, as lágrimas secaram, a tempestade de emoções começou a amainar. Rolou na cama e olhou para a pessoa que a confortava. Era Mair.

– Merthin se casou... e tem uma filhinha – relatou, recomeçando a chorar.

Mair se deitou a seu lado e aninhou a cabeça de Caris em seus braços. Esta comprimiu o rosto contra os seios macios de Mair, deixando que o hábito de lã absorvesse as lágrimas.

– Calma, calma... – sussurrou Mair.

Por fim, Caris se acalmou. Estava esgotada demais para sentir mais pesar. Pensou em Merthin segurando no colo uma criança italiana de cabelos escuros e imaginou como ele seria feliz. Ficou contente por isso e, exausta, mergulhou no sono.

A doença que começara com Maldwyn Cook se espalhou como fogo de verão pela multidão na Feira do Velocino. Na segunda-feira, passou do hospital para as tavernas e, na terça, dos visitantes para os habitantes. Caris registrou as características em seu livro: começava com dores no estômago, logo levava a vômito e diarreia e durava entre 24 e 48 horas. Os adultos se recuperavam, mas a doença matava os velhos e os bebês.

Na quarta-feira, atingiu as freiras e as crianças na escola. Mair e Tilly foram

afetadas. Caris saiu para falar com Buonaventura, na Bell, e lhe perguntou, preocupada, se os médicos italianos tinham tratamento para aquele tipo de doença.

– Não há cura – disse ele. – Ou, pelo menos, nenhuma que funcione embora os médicos quase sempre receitem algo, só para arrancar mais dinheiro das pessoas. Mas alguns médicos árabes acham que é possível retardar a disseminação.

– É mesmo? – Caris se interessou. Os mercadores diziam que os médicos muçulmanos eram superiores aos cristãos, mas os monges refutassem isso com veemência. – Como?

– Eles acham que a doença é adquirida quando uma pessoa doente olha para você. A vista funciona como raios que saem dos olhos e tocam nas coisas que você vê. É como estender um dedo para sentir se alguma coisa é quente, dura ou seca. Mas os raios podem também projetar doenças. Assim, você pode evitá-las se nunca ficar na mesma sala que um doente.

Caris não achou que a doença pudesse ser transmitida pelo olhar. Se isso fosse verdade, depois de um serviço importante, todos na congregação contrairiam qualquer doença que o bispo tivesse. Sempre que o rei estivesse doente, contagiaria as centenas de pessoas que o viam. E, com certeza, alguém já teria notado isso.

Mas a noção de que não se devia partilhar um cômodo com alguém que estava doente parecia convincente. No hospital, a doença de Maldwyn parecia se espalhar de um sofredor para as pessoas nas camas próximas.

Ela também já observara que certos tipos de doenças – problemas de estômago, tosses e resfriados, pústulas de todos os tipos – pareciam aumentar durante feiras e mercados; portanto, parecia óbvio que eram transmitidas de uma pessoa para outra da mesma maneira.

Na noite de quarta-feira, por volta do jantar, metade das pessoas no hospital já contraíra a doença; na manhã de quinta-feira, todas estavam infectadas. Vários empregados do priorado também caíram doentes e Caris não dispunha de pessoal suficiente para a limpeza.

Ao observar o caos na hora da primeira refeição, madre Cecilia sugeriu o fechamento do hospital. Caris estava disposta a considerar qualquer coisa.

Sentia-se consternada por sua impotência para combater a doença e arrasada pela imundície do lugar.

– Mas onde as pessoas dormiriam? – indagou.

– Mande-as para as tavernas.

– As tavernas estão com o mesmo problema. Podemos deixá-las na catedral.

Cecilia balançou a cabeça.

– Godwyn não admitiria camponeses vomitando na nave enquanto os serviços prosseguem no coro.

– Onde quer que as pessoas durmam, devemos separar as que estão doentes. É a maneira de retardar a disseminação da doença, segundo Buonaventura.

– Faz sentido.

Uma ideia nova aflorou de repente à mente de Caris. Parecia uma providência óbvia embora nunca tivesse pensado a respeito.

– Talvez não devêssemos apenas melhorar o hospital. Poderíamos construir um novo apenas para os doentes e manter o prédio antigo para os peregrinos e outros visitantes saudáveis.

Cecilia assumiu uma expressão pensativa.

– Seria muito caro.

– Temos 150 libras. – A imaginação de Caris começou a funcionar. – Podemos ter uma nova farmácia. E quartos particulares para os doentes crônicos.

– Descubra quanto custaria. Pode perguntar a Elfric.

Caris odiava Elfric. Já o detestava antes mesmo de ele prestar depoimento contra ela. Não queria que ele construísse seu novo hospital.

– Elfric anda muito ocupado com a construção do novo palácio de Godwyn. Prefiro consultar Jeremiah.

– Faça como quiser.

Caris sentiu um impulso de simpatia por Cecilia. Embora fosse rigorosa na disciplina, ela dava autonomia para que as ajudantes tomassem as próprias decisões. Sempre compreendera as paixões conflitantes que impulsionavam Caris. Em vez de tentar reprimir essas paixões, Cecilia encontrara meios de aproveitá-las. Dera à freira um trabalho que lhe interessava e fornecera meios para que extravasasse sua energia rebelde. Aqui estou eu, pensou Caris, incapaz de lidar com a crise atual, mas minha superiora me diz calmamente para começar

a cuidar de um projeto a longo prazo.

– Obrigada, madre Cecilia.

Mais tarde, ainda naquele dia, ela circulou pelo terreno do priorado com Jeremiah e explicou suas intenções. Ele continuava supersticioso como antes, vendo a ação de anjos e demônios nos mais triviais incidentes cotidianos. Apesar disso, era um construtor imaginativo, aberto a novas ideias: aprendera com Merthin. Não demoraram a definir o melhor local para o novo hospital, ao sul do bloco da cozinha. Seria afastado dos outros prédios, para que os doentes tivessem menos contato com os saudáveis, mas a comida não teria de percorrer grande distância. Além disso, teria a conveniência do fácil acesso através do claustro das freiras. Com a farmácia, as novas latrinas e um andar superior com aposentos particulares, Jeremiah calculou que a obra custaria 100 libras – a maior parte do legado.

Caris conversou sobre a localização com madre Cecilia. Era um terreno que não pertencia aos monges nem às freiras, por isso elas foram falar com Godwyn.

Encontraram-no no local de seu próprio projeto de construção, o novo palácio. A parte externa estava pronta e o telhado, instalado. Caris não visitava o local havia algumas semanas, e ficou surpresa com o tamanho, pois seria tão grande quanto seu novo hospital. Compreendeu por que Buonaventura o considerara impressionante: o salão de jantar seria maior do que o refeitório das freiras. O local enxameava de trabalhadores, como se Godwyn tivesse pressa de acabar. Os pedreiros ajustavam um piso de ladrilhos coloridos num padrão geométrico, vários carpinteiros faziam portas e um vidraceiro usava uma fornalha para produzir os vidros. Godwyn estava gastando muito dinheiro.

Ele e Philemon mostravam o prédio ao arquidiácono Lloyd, o secretário do bispo. Godwyn se afastou deles quando viu as freiras chegando.

– Não precisa interromper sua conversa. Mas, quando acabar, poderá se encontrar conosco junto do hospital? Temos uma coisa para lhe mostrar – pediu Cecilia.

– Claro – respondeu Godwyn.

Caris e Cecilia voltaram, passando pela área do mercado na frente da catedral. Sexta-feira era o dia de pechincha na Feira do Velocino, quando os mercadores vendiam os estoques restantes a preços reduzidos para não terem de

levar o que não fora vendido. Caris avistou Mark Webber, de rosto redondo e agora barrigudo, usando um casaco escarlate. Os quatro filhos o ajudavam na barraca. Caris gostava muito de Doris, agora com 15 anos, uma jovem que tinha a confiança esfuziante da mãe, mas num corpo mais esguio.

– Você parece próspero – comentou Caris com Mark, sorrindo.

– A riqueza deveria ser sua. Foi você quem inventou a tintura. Eu apenas fiz o que mandou. Quase sinto que a enganei.

– Você foi recompensado por seu trabalho árduo.

Caris não se importava que Mark e Madge tivessem se saído tão bem com a sua invenção. Embora sempre apreciasse o desafio de fazer negócios, nunca dera muita importância ao dinheiro – talvez porque nunca tivera de se preocupar com isso, criada na casa de um pai rico. Qualquer que fosse o motivo, não sentia o menor pesar pelo fato de os Webbers estarem ganhando uma fortuna que poderia ser sua. Não se importava com a vida sem dinheiro no priorado. E ficou emocionada por ver as crianças saudáveis e bem-vestidas. Ainda lembrava a época em que todos disputavam espaço para dormir no chão de um único cômodo, a maior parte do qual era ocupada por um tear.

Ela e Cecilia seguiram para a extremidade sul do terreno do priorado. A terra em torno dos estábulos parecia um pátio de fazenda. Havia uns poucos prédios: um pombal, um galinheiro e um barracão para guardar ferramentas. Galinhas ciscavam na terra e porcos fuçavam o lixo da cozinha. Caris ansiava por cuidar logo de tudo.

Godwyn e Philemon apareceram pouco depois, acompanhados por Lloyd. Cecilia indicou o terreno ao lado da cozinha.

– Vou construir um novo hospital, e deve ser aqui – disse. – O que acham?

– Um novo hospital? – repetiu Godwyn. – Por quê?

Caris achou que ele parecia nervoso, o que a deixou intrigada.

– Queremos um hospital para os doentes e uma casa de hóspedes separada para as pessoas saudáveis – explicou Cecilia.

– Uma ideia extraordinária.

– Foi por causa da doença de estômago que começou com Maldwyn Cook. É um caso bastante virulento, mas as doenças muitas vezes surgem nos mercados e se espalham depressa, em parte porque doentes e saudáveis comem juntos,

dormem juntos e vão à latrina juntos.

Godwyn pareceu ofendido.

– Então as freiras se tornaram médicas agora?

Caris franziu o rosto. Esse tipo de atitude desdenhosa não era o estilo de Godwyn. Ele usava o charme para conseguir o que queria, ainda mais com pessoas poderosas como Cecilia. Aquela demonstração de ressentimento visava esconder alguma coisa.

– Claro que não – respondeu Cecilia. – Mas todo mundo sabe que algumas doenças se espalham de uma pessoa afetada para outra... Isso é óbvio.

– Os médicos muçulmanos acham que a doença é transmitida ao se olhar para uma pessoa doente – comentou Caris.

– É mesmo? Muito interessante! – O sarcasmo de Godwyn era agora profundo. – Aqueles que passaram sete anos estudando medicina na universidade ficam contentes em ouvir preleções sobre doença de jovens freiras que mal saíram do noviciado.

Caris não se intimidou. Não tinha a menor disposição para demonstrar respeito por um mentiroso hipócrita que tentara assassiná-la.

– Se não acredita na transmissão da doença, por que não prova sua sinceridade passando a noite no hospital, dormindo no meio de uma centena de pessoas que sofrem de náusea e diarreia?

– Irmã Caris! – exclamou Cecilia. – Já chega!

Ela se virou para Godwyn.

– Perdoe-a, padre prior. Não era minha intenção levá-lo a uma discussão com uma simples freira. Só quero ter certeza de que não faz nenhuma objeção à escolha do lugar.

– De qualquer forma, não podem construir agora – declarou Godwyn. – Elfric está muito ocupado com o palácio.

– Não queremos Elfric – interveio Caris de novo. – Vamos usar Jeremiah.

Cecilia fitou-a com um olhar severo.

– Fique calada, Caris. Lembre-se de seu lugar. Não interrompa outra vez minha conversa com o lorde prior.

Caris compreendeu que não estava ajudando Cecilia. Contra a vontade, baixou a cabeça e disse:

– Desculpe, madre prioresa.

– A questão não é quando vamos construir, mas onde – disse Cecilia a Godwyn.

– Lamento, mas não posso aprovar – declarou Godwyn em tom cortante.

– Onde prefere que o novo hospital seja construído?

– Acho que vocês não precisam de um novo hospital.

– Perdoe-me, mas estou no comando do convento – declarou Cecilia, ríspida. – Não pode me dizer como devo gastar nosso dinheiro. Mas costumamos consultar um ao outro antes de erguer novos prédios... embora tenha esquecido de cumprir essa pequena cortesia quando planejou seu palácio. Mesmo assim, decidi consultá-lo, mas apenas sobre a questão do local.

Ela olhou para Lloyd e acrescentou:

– Tenho certeza de que o arquidiácono concorda comigo nesse ponto.

– Devem chegar a um acordo – sugeriu Lloyd, sem se comprometer.

Caris franziu o rosto, aturdida. Por que Godwyn se importava? Ele estava construindo seu palácio no lado norte da catedral. Não faria diferença para ele se as freiras erguessem um novo prédio ali no lado sul, aonde os monges quase não iam. Por que ele se mostrava tão preocupado?

– Estou dizendo que não aprovo a localização nem o prédio – declarou Godwyn. – A conversa está encerrada.

Caris compreendeu subitamente, num lampejo de inspiração, a razão do comportamento de Godwyn. Ficou tão chocada que não pôde se conter:

– Você roubou nosso dinheiro!

– Caris! – protestou Cecilia. – Já lhe disse...

– Ele roubou o legado da devota de Thornbury! – gritou Caris, sobrepondo-se à indignação de Cecilia. – Foi de lá que ele tirou o dinheiro para o palácio! E agora tenta nos impedir de construir porque sabe que encontraremos nosso tesouro vazio.

Ela estava tão indignada que sentia que poderia explodir a qualquer instante.

– Não seja ridícula! – gritou Godwyn.

Como resposta, aquilo era tão irrelevante que Caris teve certeza de que acertara em cheio. A confirmação a deixou ainda mais furiosa.

– Pois então prove! – Ela se forçou a falar mais calmamente: – Vamos até a

tesouraria agora para verificar os cofres. Não tem objeções, não é, padre prior?

– Seria uma atitude de absoluta indignidade e o prior não vai se submeter a isso – interveio Philemon.

Caris ignorou-o.

– Deveria haver 150 libras nas reservas das freiras.

– Isso está fora de questão – afirmou Godwyn.

– É claro que as freiras vão verificar de qualquer maneira, agora que a acusação foi feita – rebateu Caris, olhando para Cecilia, que assentiu. – Portanto, se o prior prefere não estar presente, tenho certeza de que o arquidiácono ficará feliz em comparecer como testemunha.

Lloyd dava a impressão de que preferia não se envolver naquela disputa, mas era difícil recusar o papel de árbitro.

– Se puder ajudar os dois lados, é claro...

A mente de Caris estava acelerada.

– Como abriu a arca? Christopher Blacksmith fez o cadeado, e ele é honesto demais para fornecer uma duplicata da chave e ajudar a roubar o dinheiro. Vocês devem tê-la arrombado de alguma maneira e depois consertado para que ninguém percebesse. O que fizeram? Tiraram uma dobradiça?

Ela viu Godwyn lançar um olhar rápido para o subprior e acrescentou, triunfante:

– Então foi Philemon quem tirou a dobradiça. Mas o prior pegou o dinheiro e entregou a Elfric.

– Chega de especulação – disse Cecilia. – Vamos resolver esse assunto. Iremos todos à tesouraria, abriremos a arca e daremos um fim a isso.

– Não foi roubo – declarou Godwyn.

Todos olharam para ele. Houve um silêncio chocado.

– Você está admitindo! – exclamou Cecilia.

– Não foi roubo – repetiu ele. – O dinheiro está sendo usado em benefício do priorado e pela glória de Deus.

– Não faz diferença – protestou Caris. – O dinheiro não era seu.

– É dinheiro de Deus – insistiu Godwyn, obstinado.

– Foi deixado para o convento – disse Cecilia. – Você sabia. Viu o testamento.

– Não sei de nenhum testamento.

– Claro que sabe. Eu lhe dei para fazer uma cópia e... – Cecilia parou de falar de repente.

– Não sei de nenhum testamento – reiterou Godwyn.

– Ele destruiu o testamento – declarou Caris. – Disse que faria uma cópia e guardou o documento numa arca na tesouraria... e depois o destruiu.

Cecilia olhava boquiaberta para Godwyn.

– Eu deveria saber. Depois do que tentou fazer com Caris... eu nunca mais deveria ter confiado em você. Mas pensei que sua alma ainda poderia ser salva. Estava enganada.

– Ainda bem que fizemos uma cópia do testamento antes de entregá-lo – disse Caris, lançando mão de uma invenção desesperada.

– Uma falsificação, é claro – disse Godwyn.

– Se o dinheiro era mesmo seu, não precisaria arrombar a arca para pegá-lo – comentou Caris. – Vamos examiná-la. Isso resolverá o problema de um jeito ou de outro.

– O fato de alguém ter mexido na dobradiça não prova nada – interveio Philemon.

– Portanto, eu estava certa! – gritou Caris. – Como sabe da dobradiça? A irmã Beth não abriu o cofre desde a última verificação, e a arca estava intacta na ocasião. Você mesmo deve tê-la tirado do cofre se sabe o que foi mexido.

Philemon pareceu atordoado. Não disse mais nada. Cecilia se dirigiu a Lloyd:

– Arquidiácono, é o representante do bispo. Acho que é seu dever ordenar que o prior devolva o dinheiro às freiras.

Lloyd estava preocupado.

– Sobrou algum tostão? – perguntou a Godwyn.

– Quando se pega um ladrão, não se pergunta a ele se pode abrir mão de uma parte dos ganhos desonestos! – declarou Caris, furiosa.

– Mais da metade já foi gasta no palácio – respondeu Godwyn.

– A construção tem de ser interrompida imediatamente – disse Caris. – Os homens devem ser dispensados hoje mesmo, o prédio demolido e os materiais de construção vendidos. Tem de devolver até a última moeda. Se não puder pagar

em dinheiro depois que o palácio for demolido, compense em terras ou outros bens.

– Eu me recuso a fazer isso – disse Godwyn.

Cecilia tornou a se dirigir a Lloyd:

– Arquidiácono, cumpra o seu dever, por favor. Não pode permitir que um subordinado do bispo roube de outro, não importa se ambos realizam a obra de Deus.

– Não posso julgar esta disputa pessoalmente – disse Lloyd. – É grave demais.

Caris não conseguia falar de tanta fúria e consternação pela fraqueza de Lloyd.

– Mas deve! – protestou Cecilia.

Ele parecia acuado, mas ainda assim balançou a cabeça em negativa, obstinado.

– Acusações de roubo, destruição de um testamento, acusação de falsificação... Cabe ao bispo decidir pessoalmente.

– Mas o bispo Richard está a caminho da França... e ninguém sabe quando ele voltará! – alegou Cecilia. – Enquanto isso Godwyn continuará a gastar o dinheiro roubado!

– Lamento muito, mas não posso fazer nada – disse Lloyd. – Devem apelar a Richard.

– Tudo bem.

Caris falou com tanta determinação que todos olharam para ela.

– Nesse caso, só nos resta uma coisa a fazer: vamos procurar nosso bispo.

46

Em julho de 1346, o rei Eduardo III reuniu em Portsmouth a maior esquadra de invasão que a Inglaterra já vira, formada por quase mil navios. Ventos desfavoráveis atrasaram a armada, mas afinal partiram, a 11 de julho, o destino mantido em segredo.

Caris e Mair chegaram a Portsmouth dois dias depois, perdendo por pouco o bispo Richard, que zarpara junto com o rei. Decidiram, então, seguir o exército até a França.

Não fora fácil obter aprovação até mesmo para a viagem até Portsmouth. Madre Cecilia convocara um capítulo das freiras para discutirem a proposta. Algumas acharam que Caris correria perigo físico e moral. Mas as freiras deixavam seus conventos não apenas em peregrinações, mas também para tratar de negócios em Londres, Canterbury e Roma. E as irmãs de Kingsbridge queriam de volta seu dinheiro roubado.

Caris, no entanto, não tinha certeza se receberia aprovação para cruzar o canal da Mancha. Por sorte, já tendo chegado até ali, não tinha como perguntar.

Ela e Mair não podiam seguir o exército imediatamente, mesmo que soubessem o destino do rei, porque todas as embarcações em condições de navegar na costa sul da Inglaterra haviam sido requisitadas para a invasão. Por isso elas esperaram por notícias, impacientes, num convento nos arredores de Portsmouth.

Caris soube mais tarde que o rei Eduardo e seu exército haviam desembarcado numa praia larga em St.-Vaast-la-Hogue, na costa norte da França, perto de Barfleur. Mas a esquadra não voltara em seguida. Em vez disso, os navios seguiram para leste, ao longo da costa, por duas semanas, acompanhando o exército invasor até Caen. Ali carregaram os porões com despojos: joias,

tecidos caros, ouro e prata, tudo o que fora saqueado pelos soldados de Eduardo dos prósperos burgueses da Normandia. Só depois os navios retornaram à Inglaterra.

Um dos primeiros a chegar foi o *Grace*, um navio de carga com a proa e a popa arredondadas. Seu comandante, um marujo de rosto curtido pelo sol chamado Rollo, teceu os maiores elogios ao rei. Recebera um valor ínfimo pelo uso do navio e da tripulação, mas fora premiado com uma boa parcela do butim.

– O maior exército que já vi – garantiu, exultante.

Seu palpite era o de que havia pelo menos 15 mil homens, cerca de metade dos quais arqueiros, e provavelmente 5 mil cavalos.

– Vocês terão muito trabalho para alcançá-los – advertiu. – Eu as levarei até Caen, o último lugar em que sei que estiveram. Dali por diante, terão de seguir a trilha. Qualquer que seja o rumo que tenham seguido, estarão uma semana à frente de vocês.

Caris e Mair negociaram o preço da passagem com Rollo e depois embarcaram no *Grace*, levando dois pôneis resistentes, Blackie e Stamp. Não seriam capazes de correr mais do que os cavalos militares, mas o exército precisava parar e lutar a intervalos, o que lhes permitiria alcançá-lo.

Quando chegaram à costa francesa e entraram pelo estuário do Orne, no início de uma manhã ensolarada de agosto, Caris inspirou a brisa e sentiu o cheiro desagradável de cinzas antigas. Ao estudar a paisagem, nos dois lados do rio, constatou que os campos cultiváveis estavam pretos. Parecia que as colheitas haviam sido incendiadas ainda no solo.

– É a prática normal – explicou Rollo. – O que o exército não pode levar deve ser destruído para não beneficiar o inimigo.

Ao se aproximarem do porto de Caen, passaram pelos cascos de vários navios incendiados, presumivelmente pelo mesmo motivo.

– Ninguém conhece os planos do rei – informou Rollo. – Ele pode seguir para o sul e avançar contra Paris ou virar para nordeste, até Calais, na esperança de se encontrar com os aliados flamengos. Mas vocês poderão seguir a trilha da marcha. Basta se manterem atentas aos campos queimados nos dois lados.

Antes de desembarcarem, Rollo lhes ofereceu um presunto.

– Obrigada, mas levamos peixe defumado e queijo duro em nossos alforjes –

respondeu Caris. – E temos dinheiro. Podemos comprar qualquer coisa de que precisarmos.

– O dinheiro pode não ser de muito proveito aqui. Talvez não haja nada para comprar. Um exército é como uma praga de gafanhotos, devasta toda a terra. Levem o presunto.

– É muito gentil. Adeus.

– Reze por mim se puder, irmã. Cometi alguns pecados terríveis ao longo da minha vida.

Caen tinha milhares de casas. Como Kingsbridge, suas duas partes, Cidade Velha e Cidade Nova, eram divididas por um rio, o Odon, atravessado pela ponte de São Pedro. Na margem, perto da ponte, alguns pescadores vendiam seus peixes. Caris perguntou o preço de uma enguia. Teve dificuldade para entender a resposta: o pescador falava um dialeto do francês que ela nunca ouvira. Quando finalmente compreendeu, o preço a deixou atordoada. A comida se tornara tão escassa que era agora mais cara do que pedras preciosas. E sentiu-se grata pela generosidade de Rollo.

As duas haviam decidido que diriam que eram freiras irlandesas a caminho de Roma se fossem detidas e interrogadas. Agora, porém, ao se afastarem do rio, Caris pensou, muito nervosa, se os habitantes locais perceberiam pelo sotaque que ela era inglesa.

Mas não havia muitos habitantes à vista. Portas arrombadas e janelas quebradas revelavam casas vazias. Reinava um silêncio espectral: não havia vendedores apregoando suas mercadorias, crianças brincando, sinos de igreja repicando. A batalha ocorrera havia mais de uma semana, mas pequenos grupos de homens sombrios ainda tiravam cadáveres de prédios e os empilhavam em carroças. Parecia que o exército inglês massacrara homens, mulheres e crianças. Elas passaram por uma igreja. Um enorme buraco fora escavado no cemitério e corpos eram jogados numa sepultura coletiva, sem caixões e até mesmo sem mortalhas, enquanto um padre entoava um rito fúnebre incessante. O mau cheiro era insuportável.

Um homem bem-vestido fez uma reverência para as duas e perguntou se precisavam de ajuda. Seu comportamento decidido sugeria que era um cidadão eminente, sem a menor intenção de fazer mal às religiosas. Caris recusou a

oferta, notando que o francês normando do homem não era muito diferente do usado por um nobre na Inglaterra. Talvez, pensou ela, todas as classes inferiores tenham diferentes dialetos locais enquanto a classe dominante fala com um sotaque internacional.

As freiras saíram da cidade e seguiram pela estrada para leste, contentes por deixarem para trás as ruas mal-assombradas. Os campos também estavam desertos. Caris sentia na ponta da língua, o tempo todo, o gosto amargo de cinza. Muitos pomares e plantações nos dois lados da estrada haviam sido incendiados. A intervalos de poucos quilômetros, elas passavam por ruínas calcinadas do que fora outrora uma aldeia. Os camponeses haviam fugido à aproximação do exército ou morrido nos incêndios, pois havia pouca vida ao redor: apenas passarinhos, uns poucos porcos e galinhas, esquecidos pelos saqueadores do exército. Às vezes avistavam também um cachorro, farejando atordoado pelos escombros, tentando encontrar o cheiro de seu dono numa pilha de brasas frias.

O destino imediato das duas era um convento a meio dia de viagem de Caen. Sempre que possível, passavam a noite numa casa religiosa – convento, mosteiro ou hospital –, como haviam feito no percurso de Kingsbridge a Portsmouth. Conheciam os nomes e os locais de 51 instituições desse tipo, entre Caen e Paris. Se pudessem encontrá-las enquanto seguiam a trilha de devastação deixada pelo rei Eduardo, teriam acomodações e comida de graça. Além disso, ficariam a salvo de ladrões... e, madre Cecilia acrescentaria, das tentações: uma bebida forte e a companhia masculina.

Os instintos de Cecilia eram aguçados, mas ela não percebera que havia um tipo diferente de tentação entre Caris e Mair. Por causa disso, Caris recusara a princípio o pedido de Mair para acompanhá-la. Estava empenhada em avançar o mais depressa possível e não queria complicar sua missão com o início de um envolvimento apaixonado... ou com a recusa em fazê-lo. Por outro lado, precisava de uma pessoa corajosa e engenhosa como sua companheira de viagem. Agora, sentia-se contente pela escolha: entre todas as freiras, Mair era a única com coragem para seguir o exército inglês através da França.

Caris planejara ter uma conversa franca antes da partida, dizendo que não deveria haver afeição física entre as duas durante a viagem. Além de todo o resto, poderiam se meter numa terrível encrenca se fossem vistas. Mas, por

algum motivo, ela nunca chegara a falar nada disso. Por isso, estavam na França com a questão ainda em suspenso, sem ser mencionada, como um terceiro viajante num cavalo silencioso.

Pararam ao meio-dia num córrego à beira de um bosque, onde havia uma campina que não fora queimada para que os pôneis pudessem pastar. Caris cortou fatias do presunto dado por Rollo enquanto Mair tirava do alforje um pão velho trazido de Portsmouth. Beberam a água do córrego embora tivesse gosto de cinzas.

Caris reprimiu sua ansiedade para continuar e se forçou a deixar que os animais descansassem durante a hora mais quente do dia. Depois, quando se preparavam para partir, ficou surpresa ao descobrir que alguém a observava. Permaneceu imóvel, com o presunto numa das mãos e a faca na outra.

– O que foi? – perguntou Mair.

Ela acompanhou o olhar de Caris e também viu. Havia dois homens a poucos metros de distância, à sombra das árvores. Pareciam jovens, mas era difícil ter certeza, pois tinham os rostos cobertos de fuligem e as roupas imundas. Passado um momento, Caris decidiu falar, em francês normando:

– Deus os abençoe, meus filhos.

Eles não responderam. Caris calculou que não sabiam o que fazer. Mas que possibilidades estariam considerando? Roubo? Estupro? A aparência era de predadores.

Estava apavorada, mas se obrigou a pensar com calma. Independentemente do que queriam, refletiu, os dois deviam estar famintos. Então disse a Mair:

– Dê-me depressa duas fatias desse pão.

Mair cortou duas fatias grossas. Caris cortou fatias do presunto, pôs as fatias no pão e disse a Mair:

– Entregue um pão a cada um.

Mesmo apavorada, Mair atravessou a área relvada a passos firmes e ofereceu a comida aos homens.

Ambos agarraram os pães com avidez e os devoraram. Caris agradeceu à sua estrela da sorte por ter entendido corretamente.

Guardou o presunto no alforje e a faca no cinto para depois montar em Blackie. Mair seguiu seu exemplo, guardando o pão e montando em Stamp.

Caris sentiu-se mais segura em cima do cavalo.

O mais alto dos dois homens se adiantou a passos rápidos. Caris ficou tentada a bater no pônei e partir, mas não houve tempo, pois no instante seguinte o homem segurava as rédeas. Falou, a boca cheia de comida, no forte sotaque local:

– Obrigado.

– Agradeça a Deus, não a mim – disse Caris. – Ele me enviou para ajudá-lo. E observa você neste momento. Ele vê tudo.

– Tem mais carne na sua bolsa.

– Deus me dirá a quem devo dar.

Houve uma pausa enquanto o homem pensava a respeito.

– Dê-me sua bênção – disse.

Caris relutou em estender a mão direita no gesto tradicional de bênção, pois assim afastaria a mão da faca no cinto. Era apenas uma faca de cozinha, de lâmina curta, do tipo que todos os homens e mulheres levavam, mas era suficiente para cortar o dorso da mão que segurava as rédeas e obrigar o homem a largá-las. Mas, de repente, teve uma inspiração.

– Está bem. Ajoelhe-se.

O homem hesitou.

– Deve se ajoelhar para receber minha bênção – insistiu ela, elevando a voz.

Lentamente, o homem se ajoelhou, ainda segurando o pão com presunto. Caris olhou para o outro homem. Depois de um instante, ele fez a mesma coisa.

Caris os abençoou, depois bateu com os calcanhares em Blackie e partiu a trote. Olhou para trás. Mair a acompanhava de perto. Os dois homens famintos olhavam aturdidos para elas.

Caris refletiu sobre o incidente, na maior ansiedade, enquanto cavalgavam ao longo da tarde. O sol brilhava alegremente, como num belo dia no inferno. Em alguns lugares, a fumaça se elevava de um trecho de bosque ou de algum celeiro incendiado. Mas os campos não estavam totalmente desertos, como foi percebendo pouco a pouco. Avistou uma mulher grávida colhendo vagens de uma plantação que escapara das tochas inglesas; os rostos assustados de duas crianças espiando das pedras enegrecidas de um solar; e vários grupos pequenos de homens, em geral à beira dos bosques, movendo-se com a determinação alerta

de animais que se alimentam de carniça. Os homens a deixaram preocupada. Pareciam famintos, e homens famintos eram sempre perigosos. Pensou se não deveria parar de se afligir com a rapidez e passar a cuidar da segurança.

Encontrar o caminho para as casas religiosas em que planejavam parar também seria mais difícil do que Caris imaginara. Não previra que o exército inglês deixaria tamanha devastação em sua esteira. Presumira que por toda parte encontraria camponeses para orientá-la. Já podia ser bastante difícil em tempos normais extrair informações de pessoas que nunca viajavam além da cidade-mercado mais próxima. Agora, seus interlocutores seriam também esquivos, apavorados e predadores.

Caris sabia pelo sol que seguia para leste. Calculou, pelos sulcos profundos das rodas de carroças na lama ressequida, que se encontrava na estrada principal. O destino daquela noite era uma aldeia chamada Hôpital-des-Soeurs por causa do convento que havia ali. À medida que a sombra à sua frente se alongava, ela olhava ao redor com crescente urgência à procura de alguém que pudesse orientá-la.

As crianças fugiam à sua aproximação, com medo. Caris ainda não se sentia desesperada o suficiente para correr o risco de chegar perto dos homens, que pareciam famintos. Não havia mulheres jovens em parte alguma e Caris teve uma terrível suspeita do destino que podiam ter encontrado nas mãos dos invasores ingleses. De vez em quando avistava a distância uns poucos vultos solitários, cuidando de alguma colheita que não fora queimada, mas relutava em se afastar demais da estrada.

Até que finalmente encontraram uma velha encarquilhada, sentada sob uma macieira, ao lado de uma casa de pedra de tamanho considerável. Comia pequenas maçãs, colhidas da árvore antes de ficarem maduras. Parecia aterrorizada. Caris desmontou, para não se mostrar tão intimidadora. A velha tentou esconder a miserável refeição nas dobras do vestido, sem forças para fugir. Caris disse, polida:

– Boa tarde, mãe. Posso perguntar se esta estrada leva para Hôpital-des-Soeurs?

A mulher conseguiu se controlar. Apontou na direção para onde elas seguiam e disse, de forma inteligível:

– Atravessando o bosque, do outro lado do morro.

Caris reparou que ela não tinha dentes. Devia ser quase impossível comer aquelas maçãs ainda verdes com as gengivas, pensou, compadecida.

– A que distância?

– Muito longe.

Todas as distâncias eram longas na idade da mulher.

– Podemos chegar lá antes do anoitecer?

– A cavalo podem.

– Obrigada, mãe.

– Eu tinha uma filha – disse a velha. – E dois netos, de 14 e 16 anos. Bons rapazes.

– Lamento saber disso.

– Os ingleses... Que todos eles ardam no inferno.

Era evidente que não lhe ocorria que Caris e Mair pudessem ser inglesas. Isso esclarecia a dúvida dela: os habitantes locais não podiam identificar a nacionalidade de estrangeiros.

– Quais eram os nomes dos rapazes, mãe?

– Giles e Jean.

– Rezarei pelas almas de Giles e Jean.

– Tem pão?

Caris olhou ao redor para ter certeza de que não havia ninguém espreitando nas proximidades, prestes a atacar. Mas estavam sozinhas. Acenou com a cabeça para Mair, que tirou o resto do pão do alforje e o ofereceu à velha.

A mulher agarrou o pão, ansiosa, e começou a roê-lo com as gengivas. Caris e Mair se afastaram.

– Se continuarmos a dar nossa comida, vamos passar fome – comentou Mair.

– Sei disso – respondeu Caris. – Mas como podemos recusar?

– Não poderemos cumprir nossa missão se morrermos.

– Mas somos freiras – declarou Caris com alguma rispidez. – Devemos ajudar os necessitados e deixar que Deus decida o momento de nossa morte.

Mair ficou surpresa.

– Nunca ouvi você falar assim antes.

– Meu pai detestava as pessoas que pregavam moralidade. Somos todos bons

quando nos convém, ele dizia: isso não conta. É quando você quer demais fazer alguma coisa errada, quando está prestes a ganhar uma fortuna com um negócio desonesto, quando beija os lábios adoráveis da mulher de seu vizinho, quando conta uma mentira para se livrar de uma terrível encrenca... É nesse momento que você precisa das regras. Sua integridade é como uma espada, ele dizia: você não deve brandi-la até se submeter ao teste. Não que ele soubesse qualquer coisa sobre espadas...

Mair ficou calada por algum tempo. Podia estar remoendo o que Caris dissera ou apenas desistira da discussão. Não dava para saber.

Os comentários sobre Edmund sempre faziam Caris compreender quanto sentia saudade do pai. Depois da morte da mãe, Edmund se tornara a pedra fundamental de sua vida. Sempre estivera presente, ao seu lado, à disposição quando ela precisava de solidariedade ou compreensão, de um conselho esperto ou apenas de informação: ele conhecia muita coisa do mundo. Agora, quando ela se virava nessa direção, deparava apenas com um grande vazio.

Elas passaram por um trecho de bosque e depois subiram um morro, como a velha dissera. Lá de cima viram um vale raso, com outra aldeia queimada, exceto por um agrupamento de prédios de pedra que parecia um pequeno convento.

– Deve ser o Hôpital-des-Soeurs – comentou Caris. – Graças a Deus.

Ela pensou, ao se aproximarem, em como se acostumara à vida no convento. Ao descerem a encosta, descobriu-se a aguardar ansiosa pelo ritual de lavar as mãos, uma refeição feita em silêncio, a hora de se deitar ao anoitecer, até mesmo o sossego sonolento das Matinas, às três da madrugada. Depois do que vira naquele dia, a segurança daquelas paredes cinzentas de pedra era atraente. Ela incitou Blackie a um trote.

Não havia movimento ali, mas isso não chegava a surpreender: era um convento pequeno numa aldeia e não se podia contar com a atividade incessante de um priorado como Kingsbridge. Ainda assim, deveria haver, àquela hora do dia, uma coluna de fumaça se elevando do fogo na cozinha enquanto o jantar era preparado. Ao se aproximar, divisou outros sinais sinistros e foi dominada por um sentimento de consternação. O prédio mais próximo, que parecia uma igreja, não tinha telhado. As janelas eram buracos vazios, sem venezianas e vidros. Algumas paredes de pedra estavam enegrecidas, talvez por fumaça.

O lugar estava silencioso: não havia sinos tocando, gritos de cavalariços ou empregadas da cozinha. Um convento deserto, compreendeu Caris, desolada, ao parar o cavalo. E fora incendiado, como todos os outros prédios da aldeia. A maioria das paredes de pedra continuava de pé, mas os telhados de madeira haviam desabado, portas e janelas tinham sido destruídas pelo fogo e os vidros, estilhaçados pelo calor.

– Eles incendiaram um convento? – disse Mair, incrédula.

Caris também estava chocada. Acreditava que os exércitos invasores invariavelmente deixavam intactos os prédios eclesiásticos. Era uma regra inviolável, diziam as pessoas. Um comandante não hesitaria em condenar à morte um soldado que violasse um lugar sagrado. Ela sempre aceitara isso sem questionar.

– O cavalheirismo não existe mais.

Desmontaram e foram andando, cautelosas onde pisavam, por meio das vigas queimadas e dos escombros calcinados. Ao se aproximarem da porta da cozinha, Mair soltou um grito estridente.

– Oh, Deus, o que é aquilo?

Caris sabia a resposta.

– É uma freira morta.

O cadáver estava nu, mas tinha os cabelos curtos de uma freira. O corpo sobrevivera de alguma forma ao incêndio. A mulher devia estar morta há uma semana. Aves de carniça já haviam devorado os olhos e partes do rosto tinham sido roídas por outros animais. E os seios tinham sido cortados com uma faca.

– Os ingleses fizeram isso? – indagou Mair, atônita.

– Não foram os franceses.

– Nossos soldados têm estrangeiros como aliados, não é? Galeses, alemães e assim por diante. Talvez tenham sido eles.

– Estão todos sob as ordens de nosso rei – comentou Caris com sombria reprovação. – Foi ele quem os trouxe para cá. E tudo que seus homens fazem é responsabilidade dele.

Ficaram olhando em silêncio para a cena macabra. Um camundongo saiu da boca do cadáver. Mair soltou um grito e se virou. Caris a abraçou.

– Calma – disse ela, firme, afagando as costas de Mair para confortá-la.

Passado um momento, Caris disse: – Vamos sair daqui.

Voltaram aos cavalos. Caris resistiu ao impulso de sepultar a freira morta: se demorassem, ainda estariam ali quando a noite caísse. Mas para onde iriam? Haviam planejado passar a noite naquele convento.

– Vamos voltar até a velha na macieira – decidiu Caris. – Sua casa é o único prédio intacto que encontramos desde que deixamos Caen.

Olhou ansiosa para o sol poente antes de acrescentar:

– Se pressionarmos os cavalos, podemos chegar lá antes de escurecer.

Voltaram pela estrada. Bem à frente, o sol mergulhava depressa demais na linha do horizonte. A última claridade do dia se desvanecia quando alcançaram a casa ao lado da macieira.

A velha se mostrou feliz ao vê-las, na esperança de que partilhassem sua comida, o que foi feito. Comeram no escuro. Seu nome era Jeanne. Não acenderam um fogo, mas o tempo era ameno e as três se deitaram lado a lado, enroladas em seus cobertores. Sem confiar plenamente na anfitriã, Caris e Mair dormiram com os alforjes em que guardavam a comida.

Caris permaneceu acordada por algum tempo. Sentia-se satisfeita por estar em movimento, depois da longa espera em Portsmouth. Haviam feito um bom progresso nos últimos dois dias. Se conseguisse encontrar o bispo Richard, tinha certeza de que ele obrigaria Godwyn a devolver o dinheiro das freiras. O bispo não era um paradigma de integridade, mas tinha a mente aberta e, à sua maneira, dispensava justiça com imparcialidade. Godwyn não conseguira todas as coisas que queria, nem mesmo no julgamento de bruxaria. Caris sabia que poderia persuadir Richard a lhe dar uma carta ordenando que Godwyn vendesse os bens do priorado para devolver o dinheiro roubado.

Mas também se preocupava com sua segurança e a de Mair. A suposição de que os soldados não fariam nada contra freiras fora errada: o que haviam visto em Hôpital-des-Soeurs deixara isso bem claro. Ela e Mair precisavam de um disfarce.

Quando acordou, à primeira claridade da manhã, Caris perguntou a Jeanne:

– Seus netos... A senhora ainda guarda as roupas deles?

A velha abriu uma arca de madeira.

– Pode levar o que quiser. Não tenho a quem dar essas roupas.

Ela pegou um balde e saiu para buscar água. Caris começou a examinar as roupas. Jeanne não pedira pagamento. Roupas tinham pouco valor monetário depois da morte de tantas pessoas, refletiu Caris.

– O que está querendo fazer? – perguntou Mair.

– Freiras não estão seguras. Vamos nos tornar escudeiros a serviço de um pequeno senhor... Pierre, *sieur* de Longchamp, na Bretanha. Pierre é um nome bastante comum e deve haver muitos lugares chamados Longchamp. Nosso senhor foi capturado pelos ingleses e nossa senhora nos mandou procurá-lo, para negociar o resgate.

– Tudo bem – concordou Mair, ansiosa.

– Giles e Jean tinham 14 e 16 anos. Com um pouco de sorte, suas roupas caberão em nós.

Caris pegou uma túnica, um calção e uma capa com capuz, tudo em lã marrom sem tingimento. Mair encontrou um traje similar em verde, com mangas curtas e uma camisa de baixo. As mulheres não usavam roupas de baixo, ao contrário dos homens. Por sorte, Jeanne lavara todas as roupas de sua falecida família. Caris e Mair poderiam continuar com seus sapatos, pois os calçados práticos das freiras não eram muito diferentes dos que os homens usavam.

– Vamos trocar de roupa agora mesmo – propôs Mair.

Elas tiraram os hábitos de freiras. Caris nunca vira Mair despida e não pôde resistir a uma espiada. O corpo nu da companheira a deixou sem fôlego. A pele de Mair parecia luzir como uma pérola rosada. Os seios eram generosos, com mamilos claros de menina, os pelos púbicos exuberantes. Caris teve uma súbita noção de que seu corpo não era tão bonito. Desviou os olhos e se apressou em vestir as roupas que havia escolhido.

Enfiou a túnica pela cabeça. Era como um vestido de mulher, só que terminava nos joelhos em vez de descer até os tornozelos. Vestiu as roupas de baixo e o calção comprido. Calçou os sapatos e ajeitou o cinto.

– Como estou? – perguntou Mair.

Caris a estudou. Mair tinha um gorro de menino por cima dos cabelos louros curtos, um pouco inclinado. Exibia um sorriso de satisfação.

– Você parece tão feliz! – exclamou Caris, surpresa.

– Sempre gostei de roupas de meninos. – Mair desfilou de um lado para

outro. – É assim que eles andam. Sempre ocupando mais espaço do que precisam.

Era uma imitação tão precisa que Caris desatou a rir. Um pensamento lhe ocorreu.

– Teremos de urinar de pé?

– Posso fazer isso, mas não com a roupa de baixo... Ficaria toda molhada.

Caris riu.

– Não podemos tirar a roupa de baixo, porque uma súbita rajada de vento poderia expor... nossa farsa.

Mair também riu. Depois, passou a olhar para Caris de maneira estranha, que não chegava a ser totalmente desconhecida, de alto a baixo, fitando-a nos olhos.

– O que está fazendo? – perguntou Caris.

– É assim que os homens olham para as mulheres, como se nos possuíssem. Mas tome cuidado: se fizer isso com um homem, ele se torna agressivo.

– Pode ser mais difícil do que eu imaginava.

– Você é bonita demais, Caris. Precisa de um rosto sujo.

Mair foi até a lareira e enegreceu a mão com fuligem. Passou no rosto de Caris. O contato foi como uma carícia. Meu rosto não é bonito, pensou Caris, ninguém jamais o julgou assim. Exceto Merthin, é claro.

– Tem demais – comentou Mair logo depois, limpando um pouco com a outra mão. – Assim está melhor. – Passou fuligem na mão de Caris e disse: – Agora é minha vez.

Caris espalhou um pouco de fuligem nas faces e na garganta de Mair, como se fosse uma barba incipiente. Era uma sensação de intimidade olhar atentamente para aquele rosto, tocar de leve na pele. Ela também sujou a testa de Mair. Agora, Mair parecia um menino bonito, mas não uma mulher.

Estudaram uma à outra. Um sorriso se insinuou no arco vermelho que eram os lábios de Mair. Caris experimentou um sentimento de expectativa, como se alguma coisa da maior importância estivesse prestes a acontecer. E foi nesse instante que uma voz indagou:

– Onde estão as freiras?

As duas se viraram, culpadas. Jeanne estava parada na porta, segurando um pesado balde com água, com uma expressão assustada.

– O que vocês fizeram com elas?

Caris e Mair desataram a rir. Jeanne as reconheceu.

– Como vocês mudaram! – exclamou.

Elas beberam a água fresca. Caris partilhou o resto do peixe defumado no desjejum. Era um bom sinal, pensou, enquanto comiam, que Jeanne não as tivesse reconhecido. Se tomassem cuidado, talvez tudo desse certo.

As duas se despediram de Jeanne e partiram. Ao subirem o morro antes de Hôpital-des-Soeurs, o sol brilhava bem à frente, projetando uma claridade avermelhada sobre o convento. A impressão era a de que as ruínas ainda ardiam. Caris e Mair passaram a trote pela aldeia, tentando não pensar no cadáver mutilado da freira no meio dos escombros, e seguiram em direção ao sol nascente.

47

Na terça-feira, 22 de agosto, o exército inglês batia em retirada.

Ralph Fitzgerald não sabia como isso acontecera. Haviam avançado pela Normandia, de oeste para leste, saqueando e incendiando, sem que ninguém resistisse. Ralph estava em seu elemento. Na guerra, um soldado podia se apropriar de qualquer coisa que quisesse – comida, joias, mulheres – e matar qualquer homem que tentasse se opor. Era assim que a vida deveria ser vivida.

O rei era um homem que fazia gosto ao coração de Ralph. Eduardo III adorava combater. Quando não estava em guerra, passava a maior parte do tempo organizando justas, elaboradas e dispendiosas encenações de batalhas, com exércitos de cavaleiros em uniformes especialmente desenhados. Em campanha, sempre se mostrava disposto a comandar uma incursão ou uma expedição de ataque, arriscando a própria vida, sem se dar o trabalho de comparar os riscos com os benefícios, como fazia um mercador de Kingsbridge. Os cavaleiros mais velhos e os condes comentavam sua brutalidade. Haviam protestado contra os incidentes e o estupro sistemático das mulheres de Caen. Mas Eduardo não se importara. Ao saber que cidadãos de Caen haviam atirado pedras em soldados que saqueavam suas casas, ordenou que todos os habitantes fossem mortos. Só suspendeu a ordem depois de fortes protestos de sir Godfrey de Harcourt e outros.

As coisas haviam começado a dar errado quando alcançaram o rio Sena. Em Rouen, encontraram a ponte destruída e a cidade fortemente guardada no outro lado da água. O rei Filipe VI da França estava ali em pessoa com um poderoso exército.

Os ingleses marcharam rio acima à procura de um lugar para efetuar a travessia. Mas descobriram que Filipe se antecipara e uma ponte após outra

estava fortemente defendida ou em ruínas. Chegaram até Poissy, a pouco mais de 30 quilômetros de Paris. Ralph pensou que atacariam a capital, mas os mais velhos balançaram a cabeça, sensatos, alegando que isso era impossível. Paris era uma cidade de 50 mil homens e, a essa altura, eles já deviam ter recebido notícias de Caen. Por isso se mostrariam dispostos a lutar até a morte, sabendo que não poderiam esperar por misericórdia.

Se o rei não tencionava atacar Paris, especulou Ralph, qual seria seu plano? Ninguém sabia, e Ralph desconfiou que Eduardo não tinha plano nenhum, exceto a destruição de tudo que encontrasse pela frente.

Poissy fora evacuada. Os engenheiros ingleses conseguiram reconstruir sua ponte – ao mesmo tempo que repeliam um ataque francês – e o exército finalmente cruzou o rio.

A essa altura, era evidente que Filipe reunira um exército muito maior do que o inglês. Eduardo decidiu se desviar para o norte, com o objetivo de se encontrar com uma força anglo-flamenga que desfechara uma invasão por nordeste.

Filipe saiu no seu encalço.

Os ingleses acamparam ao sul de outro grande rio, o Somme. Os franceses efetuavam as mesmas manobras que haviam usado no Sena. Patrulhas de reconhecimento informavam que todas as pontes haviam sido destruídas e as cidades à margem do rio, fortificadas. Ainda mais sinistro, um destacamento inglês avistou, na outra margem, a bandeira do mais famoso e assustador aliado de Filipe, João I, o Cego, rei da Boêmia.

Eduardo começara a invasão com 15 mil homens. Em seis semanas de campanha, milhares haviam tombado e outros desertaram, voltando para casa com alforjes cheios de ouro. Restavam cerca de 10 mil homens agora, pelos cálculos de Ralph. Informações de espiões sugeriam que em Amiens, poucos quilômetros rio acima, Filipe tinha agora 60 mil soldados de infantaria e 12 mil cavaleiros, uma vantagem esmagadora em números. Ralph ficou mais preocupado do que em qualquer outra ocasião desde que chegara à Normandia. A situação estava crítica para os ingleses.

No dia seguinte, desceram pelo rio até Abbeville, o local da última ponte antes de o Somme se alargar num estuário. Mas os burgueses da cidade haviam gastado muito dinheiro, ao longo dos anos, fortalecendo as muralhas. Os ingleses

compreenderam que a cidade era inexpugnável. Os cidadãos estavam tão seguros e arrogantes que enviaram uma grande força de cavaleiros para atacar a vanguarda do exército inglês. Houve um violento combate, até que as tropas locais se retiraram de volta para sua cidade murada.

Quando os soldados de Filipe deixaram Amiens e começaram a avançar do sul, Eduardo se viu acuado na ponta de um triângulo: o estuário à direita, o mar à esquerda e, por trás, o exército francês, clamando pelo sangue dos invasores bárbaros.

Naquela tarde, o conde Roland foi falar com Ralph.

Havia sete anos Ralph lutava com Roland. O conde não mais o considerava um garoto inexperiente. Roland ainda dava a impressão de que não gostava muito de Ralph, mas sem dúvida o respeitava. Sempre o usava para reforçar um ponto fraco em sua linha ou comandar uma incursão. Ralph perdera três dedos da mão esquerda e claudicava quando cansado, desde que o chuço de um francês entrara em sua canela nos arredores de Nantes, em 1342. Mesmo assim, o rei ainda não elevara Ralph a cavaleiro, uma omissão que lhe causava um amargo ressentimento. Apesar de todo o saque que acumulara – a maior parte aos cuidados de um ourives de Londres –, Ralph ainda não se sentia realizado. Sabia que o pai também se mostraria insatisfeito. Como Gerald, Ralph lutava pela honra, não por dinheiro, mas durante todo esse tempo não subira nem um só degrau na escada da nobreza.

Quando Roland apareceu, Ralph estava sentado numa plantação de trigo amadurecendo, pisoteada pelo exército. Tinha a companhia de Alan Fernhill e meia dúzia de outros, comendo uma refeição sofrível de sopa de ervilha e cebola: a comida era escassa e não restava qualquer carne. Ralph sentia a mesma coisa que os outros homens: cansaço das marchas constantes, desânimo pelas pontes destruídas e cidades bem defendidas. E medo pelo que aconteceria quando o exército francês os alcançasse.

Roland era agora um velho, os cabelos e a barba grisalhos, mas ainda andava empertigado e falava com autoridade. Aprendera a manter uma expressão impassível, de tal maneira que as pessoas mal notavam que o lado direito do rosto era paralisado.

– O estuário do Somme é invadido pelo mar – disse ele. – Na maré baixa, a

água fica rasa em vários pontos. Mas o fundo é tão lamacento que se torna intransponível.

– Então não podemos cruzá-lo – arrematou Ralph. Mas ele sabia que o conde não viera apenas para lhe dar a má notícia, e ficou otimista.

– Pode haver um vau... um ponto em que o fundo é mais firme – continuou Roland. – Se há mesmo, os franceses devem saber.

– E quer que eu descubra.

– Tão rápido quanto puder. Há alguns prisioneiros no campo ao lado.

Ralph meneou a cabeça.

– Os soldados podem ter vindo de qualquer lugar da França ou mesmo de outros países. Só os habitantes locais terão a informação.

– Não quero saber quem você vai interrogar. Só quero que leve a resposta à tenda do rei até o anoitecer.

Roland afastou-se. Ralph esvaziou sua tigela de sopa e se levantou de um pulo, contente por ter alguma coisa agressiva para fazer.

– Selem os cavalos, rapazes.

Ele ainda montava Griff. Milagrosamente, seu cavalo predileto sobrevivera a sete anos de combates. Griff era um pouco menor que um cavalo de guerra, mas tinha mais vigor que os animais enormes a que a maioria dos cavaleiros preferia. Era agora experiente em batalha e suas ferraduras proporcionavam uma vantagem extra a Ralph nos combates. Ralph gostava mais de seu cavalo do que da maioria de seus companheiros humanos. Na verdade, a única criatura viva a que ele se sentia mais ligado era o irmão, Merthin, a quem não via havia sete anos... e poderia nunca mais ver, pois ele fora para Florença.

Seguiram para nordeste, na direção do estuário. Todos os camponeses que moravam a meio dia de caminhada deviam saber onde ficava o vau, se é que havia algum, calculou Ralph. Deviam usá-lo com frequência, atravessando o rio para comprar e vender animais, comparecer a casamentos e funerais de parentes, ir a mercados, feiras e festas religiosas. Relutariam em fornecer a informação aos invasores ingleses, é claro, mas ele sabia como resolver esse problema.

Afastaram-se do exército, embrenhando-se por um território que ainda não sofrera com a passagem de milhares de homens, onde havia ovelhas nos pastos e colheitas amadurecendo nos campos. Chegaram a uma aldeia de onde se podia

avistar o estuário a distância. Avançaram a galope pela trilha relvada que levava à aldeia. As choupanas de um ou dois cômodos dos servos fizeram Ralph se lembrar de Wigleigh. Como esperava, os camponeses fugiram em todas as direções, as mulheres carregando bebês e crianças, a maioria dos homens segurando um machado ou uma foice.

Ralph e seus companheiros já haviam passado por aquele drama vinte ou trinta vezes nas últimas semanas. Eram especialistas em coletar informações. Em geral, os líderes do exército queriam saber onde os habitantes guardavam seus estoques de alimentos. Quando descobriam que os ingleses se aproximavam, os astuciosos camponeses levavam vacas e ovelhas para as florestas, enterravam sacos de farinha de trigo e escondiam fardos de feno no campanário da igreja. Sabiam que provavelmente passariam fome depois se revelassem tudo, mas sempre acabavam contando, mais cedo ou mais tarde. Em outras ocasiões, o exército precisara de uma orientação, talvez para uma cidade importante, uma ponte estratégica ou uma abadia fortificada. Os camponeses em geral responderam a indagações desse tipo sem qualquer hesitação. Mas era preciso ter certeza de que não mentiam. Os mais astutos podiam tentar enganar o exército invasor, sabendo que os soldados não poderiam voltar para puni-los.

Ralph e seus homens, ao perseguirem os camponeses em fuga, ignoraram os homens e se concentraram em mulheres e crianças. Ralph sabia que, se as capturasse, maridos e pais voltariam.

Alcançou uma garota que deveria ter uns 13 anos. Galopou a seu lado por alguns segundos, observando sua expressão aterrorizada. Tinha os cabelos escuros, a pele também escura, rosto feio, jovem, mas com o corpo arredondado de uma mulher – o tipo que ele apreciava. Lembrava-lhe Gwenda. Em circunstâncias um pouco diferentes, teria se aproveitado dela sexualmente, como fizera com várias outras ao longo das últimas semanas.

Mas hoje tinha outras prioridades. Virou Griff para bloqueá-la. Ela tentou desviar, tropeçou nos próprios pés e caiu num canteiro de hortaliças. Ralph saltou do cavalo e agarrou-a antes que ela tivesse tempo de se levantar. A garota gritou e arranhou o rosto dele, o que obrigou Ralph a dar um soco em sua barriga para aquietá-la. Segurou-a pelos cabelos compridos. Voltou para o cavalo e começou a levá-la para a aldeia. A garota cambaleou e caiu, mas Ralph

prosseguiu, arrastando-a pelos cabelos. Ela fez esforço para se levantar, chorando de dor. Depois disso, não caiu de novo.

Eles se reuniram na pequena igreja de madeira. Os oito soldados ingleses haviam capturado quatro mulheres, quatro crianças e dois bebês de colo. Obrigaram todas a se sentar no chão, na frente do altar. Pouco depois, um homem entrou correndo na igreja, balbuciando no francês local, suplicante. Quatro outros apareceram em seguida.

Ralph ficou satisfeito. Foi se postar junto ao altar, que era apenas uma mesa de madeira pintada de branco.

– Quietos! – gritou. Todos silenciaram quando ele brandiu a espada. Apontou para um jovem. – O que você é?

– Um homem que trabalha com couro, senhor. Por favor, não faça mal à minha esposa e ao meu filho, que nada fizeram de errado.

Ralph apontou para outro homem.

– E você?

A garota capturada reprimiu um grito, levando Ralph a concluir que eram parentes, talvez pai e filha.

– Sou apenas um pobre vaqueiro.

– Um vaqueiro? – Isso era ótimo. – E com que frequência atravessa o rio com o gado?

– Uma ou duas vezes por ano, senhor, quando vou ao mercado.

– E onde fica o vau?

O homem hesitou.

– Vau? Não há nenhum vau. Temos de atravessar a ponte em Abbeville.

– Tem certeza?

– Tenho, senhor.

Ralph olhou ao redor.

– Pergunto a todos vocês... isso é verdade?

Todos acenaram em confirmação. Ralph pensou um pouco. Estavam assustados – apavorados –, mas ainda assim talvez estivessem mentindo.

– Se eu trouxer o padre com uma Bíblia, todos poderão jurar por suas almas imortais que não há vau para cruzar o estuário?

– Sim, senhor.

Mas isso levaria muito tempo. Ralph olhou para a garota que capturara.

– Venha até aqui.

Ela deu um passo para trás. O vaqueiro caiu de joelhos.

– Por favor, senhor, não faça mal a uma criança inocente. Ela tem apenas 13 anos...

Alan Fernhill pegou a garota como se fosse um saco de cebolas e a levou até Ralph, que a segurou.

– Estão mentindo para mim, todos vocês. Há um vau, tenho certeza. Só preciso saber onde fica exatamente.

– Tudo bem – concordou o vaqueiro. – Eu lhe direi. Mas deixe a criança em paz.

– Onde fica o vau?

– A um quilômetro e meio de Abbeville, rio abaixo.

– Qual é o nome da aldeia?

O vaqueiro ficou confuso por um instante, mas logo respondeu:

– Não há nenhuma aldeia, mas se pode ver uma estalagem do outro lado.

O homem mentia. Nunca viajara, por isso não sabia que havia sempre uma aldeia perto de um vau.

Ralph levantou a mão da garota e colocou-a no altar. Tirou a faca da bainha. Com um movimento rápido, decepou um dedo da garota. A pesada lâmina cortou com facilidade os ossos pequenos. Ela gritou de dor e o sangue esguichou vermelho sobre a mesa pintada de branco. Todos os camponeses gritaram de horror. O vaqueiro deu um passo à frente, furioso, mas foi detido pela ponta da espada de Alan Fernhill. Ralph continuou a segurar a garota com uma das mãos. Ergueu o dedo decepado na ponta da faca.

– Você é o demônio em pessoa – balbuciou o vaqueiro, tremendo de choque.

– Não sou, não. – Ralph já ouvira essa acusação antes, mas ela ainda o incomodava. – Estou salvando as vidas de milhares de homens. E se for necessário, cortarei os outros dedos, um a um.

– Não! Não!

– Então me diga onde exatamente fica o vau.

Ralph tornou a erguer a faca.

– Blanchetaque! É chamado de Blanchetaque! Por favor, deixe-a em paz! –

gritou o vaqueiro.

– Blanchetaque?

Ralph simulou ceticismo, mas a perspectiva parecia promissora. Era uma palavra desconhecida, mas dava a impressão de que podia significar uma plataforma branca. Não era o tipo de coisa que um homem apavorado poderia inventar num súbito impulso.

– Sim, senhor. Chamam assim por causa das pedras brancas no fundo do rio, que permitem a passagem por cima do lodo.

Ele estava em pânico, as lágrimas escorrendo pelas faces; portanto, era quase certo que dizia a verdade, pensou Ralph, satisfeito.

– As pessoas dizem que as pedras foram postas ali pelos romanos, nos tempos antigos – acrescentou o homem. – Por favor, deixe minha filha ir embora.

– Onde fica?

– A 15 quilômetros de Abbeville, rio abaixo.

– Não a um quilômetro e meio?

– Estou dizendo a verdade desta vez, senhor, pois espero ser salvo.

– E o nome da aldeia?

– Saigneville.

– O vau é sempre transponível ou apenas na maré baixa?

– Só na maré baixa, senhor, ainda mais com gado ou uma carroça.

– Mas você conhece as marés.

– Conheço.

– Agora só tenho mais uma pergunta, mas é muito importante. Se eu desconfiar que está mentindo, cortarei a mão de sua filha. – A garota gritou, enquanto Ralph acrescentava: – Sabe que falo sério, não é mesmo?

– Sei, sim, senhor. Eu lhe direi qualquer coisa.

– Quando é a maré baixa, amanhã?

Uma expressão de pânico estampou-se no rosto do vaqueiro.

– Ahn... ahn... Deixe-me calcular!

O vaqueiro estava tão apavorado que não conseguia pensar direito. O homem que trabalhava com couro interveio:

– Posso dizer. Meu irmão passou pelo vau ontem, por isso eu sei. A maré

baixa amanhã será na metade da manhã, duas horas antes do meio-dia.

– Isso mesmo! – exclamou o vaqueiro. – Eu só tentava calcular. Na metade da manhã, ou pouco depois. E outra vez ao final da tarde.

Ralph continuava segurando a mão da garota, que sangrava.

– Até que ponto tem certeza?

– Oh, senhor, tanta certeza quanto tenho do meu próprio nome, eu juro!

Era bem provável que o vaqueiro nem fosse capaz de dizer seu nome naquele momento, de tão transtornado pelo terror. Ralph olhou para o homem que trabalhava com couro. Não havia sinal de impostura em seu rosto, nada de desafio ou ansiedade em seu rosto por agradar. Só parecia envergonhado, como se tivesse sido forçado, contra sua vontade, a fazer uma coisa errada. É a verdade, pensou Ralph, exultante. Consegui.

– Blanchetaque. A 15 quilômetros de Abbeville, rio abaixo, na aldeia de Saigneville. Pedras brancas no fundo do rio. Maré baixa no meio da manhã.

– Isso mesmo, senhor.

Ralph largou o pulso da garota. Ela correu chorando para o pai, que a abraçou. Ralph olhou para a poça de sangue na mesa branca do altar. Era muito sangue para uma garota tão franzina.

– Muito bem, homens – disse. – Já acabamos aqui.



As trombetas acordaram Ralph à primeira claridade da manhã. Não havia tempo para acender uma fogueira ou comer alguma coisa. O exército precisava levantar acampamento imediatamente. Dez mil homens, a maior parte a pé, tinham de percorrer 10 quilômetros até a metade da manhã.

A divisão do príncipe de Gales seguiu na frente, acompanhada pela do rei, depois o trem de bagagem e a retaguarda. Batedores foram enviados para verificar a que distância se encontrava o exército francês. Ralph ia na vanguarda, com o príncipe de 16 anos, que tinha o mesmo nome do pai, Eduardo.

Esperavam surpreender os franceses com a travessia do Somme no vau. O rei dissera na noite passada:

– Bom trabalho, Ralph Fitzgerald.

Ralph havia muito aprendera que essas palavras nada significavam. Cumprira numerosas missões úteis e de extrema bravura para o rei, o conde Roland e outros nobres, mas até agora não fora feito cavaleiro. Hoje, no entanto, não acalentava qualquer ressentimento. Sua vida corria perigo e sentia-se tão contente por ter encontrado um caminho de fuga para si mesmo que mal se importava se alguém lhe dava crédito ou não por salvar todo o exército.

Enquanto marchavam, dezenas de oficiais reais patrulhavam toda a área, orientando o exército na direção certa, mantendo a formação correta, providenciando para que as divisões continuassem separadas e trazendo de volta os extraviados. Eram todos nobres, pois precisavam de autoridade para dar ordens. O rei Eduardo era obcecado pela ordem durante as marchas.

Seguiram para o norte. O terreno se elevava numa encosta suave até uma crista, de onde se podia avistar o brilho distante do estuário. Desceram através dos trigais. Ao passarem por aldeias, os oficiais reais impediram os saques, porque não queriam bagagem extra na travessia do rio. Também se abstiveram de incendiar as plantações, com receio de que a fumaça pudesse denunciar sua posição exata para o inimigo.

O sol já estava prestes a nascer quando os líderes chegaram a Saigneville. A aldeia ficava num penhasco, cerca de 10 metros acima do rio. Da margem, Ralph observou um formidável obstáculo: mais de 2 quilômetros de água e terreno pantanoso. Podia ver as pedras esbranquiçadas no fundo, indicando o vau. No outro lado do estuário havia uma colina verde. Enquanto o sol surgia, à sua direita, ele avistou na encosta distante um brilho de metal e um relance de cor. Seu coração se encheu de desalento.

A claridade aumentou e confirmou sua suspeita: o inimigo esperava por eles. Os franceses sabiam onde ficava o vau, é claro, e um comandante sensato previra a possibilidade de os ingleses acharem o local. Portanto, a manobra não seria uma surpresa.

Ralph olhou para a água. Corria para oeste, demonstrando que a maré estava baixando, mas ainda era funda demais para um homem vadear. Teriam de esperar.

O exército inglês continuava a se concentrar na margem, centenas de homens chegando a cada minuto. Se o rei tentasse fazer o exército voltar agora, a

confusão se tornaria um pesadelo.

Um batedor retornou e Ralph ouviu a notícia quando era relatada ao príncipe de Gales. O exército do rei Filipe deixara Abbeville e se aproximava daquela margem do rio. O batedor foi despachado para informar a rapidez com que o exército francês se deslocava.

Não havia como voltar atrás, compreendeu Ralph, com medo no coração; os ingleses tinham de cruzar o estuário de qualquer maneira.

Ele estudou o outro lado, tentando calcular quantos franceses havia na margem norte. Mais de mil, pensou. Mas o perigo maior era o exército de dezenas de milhares de homens que vinha de Abbeville. Ralph aprendera, em muitos combates com os franceses, que eles tinham uma bravura extraordinária – às vezes até temerária –, mas também eram indisciplinados. Marchavam em desordem, desobedeciam ordens e podiam até atacar, para provar seu valor, quando seria mais sensato esperarem. Mas, se fossem capazes de superar seus hábitos desordenados e chegassem ali nas próximas horas, pegariam o exército do rei Eduardo no meio do estuário. Com o inimigo nas duas margens, os ingleses podiam ser exterminados. E, depois da devastação que haviam promovido nas últimas seis semanas, não poderiam esperar por misericórdia.

Ralph pensou numa armadura. Tinha uma que tirara de um cadáver francês em Cambrai sete anos antes, mas estava numa carroça no trem de bagagem. Além disso, não sabia se conseguiria vadear 2,5 quilômetros de água e lama sob o peso de uma armadura. Usava um capacete de aço e uma cota de malha curta, que era tudo o que podia levar numa marcha. Teria de se contentar com isso. Os outros tinham uma proteção leve similar. A maioria dos soldados de infantaria carregava o capacete pendurado no cinto, só o pondo na cabeça quando se aproximava do inimigo. Mas ninguém marchava com uma armadura completa.

O sol foi subindo a leste. O nível da água baixou, até ficar na altura dos joelhos. Os nobres do círculo do rei deram as ordens para o início da travessia. O filho do conde Roland, William de Caster, trouxe instruções para o grupo do pai.

– Os arqueiros seguem na frente e começam a atirar assim que chegarem perto da outra margem.

Ralph o fitou impassível. Não esquecera que William tentara enforcá-lo por ter feito o que metade do exército inglês fizera durante as últimas seis semanas.

– Depois, quando chegarem à praia, os arqueiros se dispersam para a esquerda e a direita, a fim de permitir a passagem de cavaleiros e homens de armas – acrescentou William.

Parecia bastante simples, pensou Ralph. Era o que sempre acontecia com as ordens. Mas seria uma batalha sangrenta. O inimigo estava bem posicionado, na encosta acima do rio, para liquidar os soldados ingleses que atravessassem o estuário desprotegidos.

Os homens de Hugh Dispenser seguiram na frente, com seu estandarte distintivo em preto e branco. Os arqueiros entraram no vau com seus arcos acima da água, acompanhados pelos cavaleiros e homens de armas. Os soldados de Roland foram atrás. Não demorou muito para que Ralph e Alan estivessem cavalgando na água.

Dois quilômetros e meio não eram uma distância muito grande para percorrer a pé, mas sim para vadear, até mesmo para um cavalo, como Ralph compreendia agora. A profundidade variava: em alguns trechos, caminhavam sobre terreno pantanoso por cima das pedras, enquanto em outros a água alcançava a cintura da infantaria. Homens e animais se cansavam depressa. O sol de agosto batia inclemente em suas cabeças, enquanto os pés molhados ficavam dormentes de frio. E o tempo todo, olhando à frente, podiam ver mais e mais claramente o inimigo à espera na margem norte.

Ralph estudou as forças adversárias com crescente apreensão. A linha da frente, ao longo da praia, era formada por besteiros. Ele sabia que não eram franceses, mas sim mercenários italianos, sempre chamados de genoveses, mas na verdade oriundos de várias partes da Itália. Usavam bestas, que eram um pouco mais lentas que os arcos ingleses, mas os genoveses teriam bastante tempo para recarregar enquanto os alvos avançavam com dificuldade pela água rasa. Atrás dos besteiros, na encosta verde, havia soldados de infantaria e cavaleiros prontos para atacar.

Ao olhar para trás, Ralph avistou milhares de ingleses atravessando o rio. Mais uma vez, voltar não era uma opção; na verdade, os que vinham atrás pressionavam a vanguarda e não deixavam alternativas para os líderes.

Agora ele podia ver com nitidez as fileiras inimigas. Ao longo da praia, havia pesados escudos de madeira, chamados de pavises, usados pelos besteiros.

Assim que os ingleses estivessem ao alcance, os genoveses começariam a atirar.

A 300 metros, a mira era imprecisa: as flechas caíram com força reduzida. Mesmo assim, alguns cavalos e homens foram atingidos. Os feridos caíram e foram arrastados pela correnteza até se afogarem. Os cavalos feridos se debateram na água, deixando-a ensanguentada. O coração de Ralph começou a bater mais depressa.

À medida que os ingleses se aproximavam da margem, a precisão dos genoveses melhorava e as flechas faziam mais estragos. A besta era lenta, mas disparava uma flecha de ponta de aço com uma força terrível. Ao redor de Ralph, homens e cavalos caíam. Alguns morriam instantaneamente. Não havia nada que ele pudesse fazer para se proteger, compreendeu Ralph, com a apreensão de um condenado: ou teria sorte ou morreria. O ar ressoava com os terríveis ruídos da batalha: o zunido das flechas fatais, as imprecações dos feridos, os relinchos dos cavalos agonizando.

Os arqueiros à frente da coluna inglesa também atiraram. Os arcos compridos, com 2 metros, afundavam na água, por isso eles precisavam erguê-los em ângulos insólitos, além de o fundo do rio ser escorregadio. Mas fizeram o melhor que podiam.

As flechas disparadas por bestas podiam penetrar em armaduras quando disparadas de perto, mas nenhum inglês usava uma armadura completa naquele dia. Com exceção do capacete, tinham pouca proteção contra a salva mortífera.

Ralph teria se virado e fugido, se pudesse. Mas por trás dele havia 10 mil homens e pelo menos 5 mil cavalos pressionando para avançar; ele seria pisoteado e morreria afogado se tentasse voltar. Não tinha alternativa senão baixar a cabeça para junto do pescoço de Griff e exortá-lo a continuar.

Os sobreviventes entre os arqueiros ingleses na vanguarda finalmente alcançaram águas rasas e começaram a usar seus arcos com mais eficácia. Atiravam em arco, por cima dos pavises. Depois que começaram, os arqueiros ingleses podiam disparar doze flechas por minuto. As hastes eram de madeira – geralmente de freixo –, mas tinham pontas de aço. Quando caíam como uma chuva, eram aterradoras. De repente, o inimigo já não disparava tantas flechas. Alguns escudos caíram. Os genoveses recuaram... e os ingleses começaram a chegar à praia.

Assim que deixaram o vau, os arqueiros se dispersaram para a esquerda e a direita, ficando o caminho livre para os cavaleiros, que investiram das águas rasas para as linhas inimigas. Ralph, ainda vadeando o rio, já vira batalhas suficientes para saber qual deveria ser a tática francesa naquele momento: precisavam manter sua linha e deixar que os besteiros continuassem a massacrar os ingleses, na praia e na água. Mas o código da cavalaria não permitia que a nobreza francesa se escondesse por trás de arqueiros de origem humilde. Por isso, eles romperam sua linha para atacar os cavaleiros ingleses, perdendo assim grande parte do benefício de sua posição. Ralph sentiu um vislumbre de esperança.

Os genoveses recuaram. A confusão na praia era total. O coração de Ralph vibrava de medo e excitação. Os franceses ainda dispunham da vantagem do ataque encosta abaixo e do uso de armaduras completas e massacraram os soldados de Hugh Dispenser. A vanguarda da investida francesa alcançou águas rasas, abatendo os homens que ainda não haviam concluído a travessia.

Os arqueiros do conde Roland alcançaram a margem do rio um pouco à frente de Ralph e Alan. Os sobreviventes se dividiram. Ralph achava que os ingleses estavam condenados e tinha certeza de que morreria. Mas não havia para onde ir, exceto para a frente, e de repente ele se descobriu atacando, a cabeça inclinada no pescoço de Griff, a espada erguida, direto para a linha francesa. Esquivou-se de um golpe de espada e alcançou terra firme. Golpeou inutilmente um capacete de aço. Griff esbarrou em outro cavalo. O animal francês era maior embora mais jovem; tropeçou e jogou seu cavaleiro na lama. Ralph virou Griff, voltou e se preparou para atacar de novo.

Sua espada tinha uso restrito contra armaduras, mas ele era um homem enorme num cavalo fogoso. Esperava derrubar da sela os cavaleiros inimigos. Atacou de novo. Já não sentia mais medo àquela altura da batalha. Em vez disso, era dominado por uma fúria inebriante, que o levava a matar tantos inimigos quanto podia. Em batalha, o tempo parecia parar e ele vivia cada momento. Mais tarde, quando a ação terminasse, se ainda estivesse vivo, ficaria espantado ao constatar que o sol se punha no horizonte e descobrir que um dia inteiro se passara. Então atacou os franceses, muitas e muitas vezes, esquivando-se das espadas, golpeando sempre que tinha oportunidade; nunca diminuindo o ritmo,

pois isso seria fatal.

Em algum momento – alguns minutos ou algumas horas depois –, percebeu, com a maior incredulidade, que os ingleses não estavam mais sendo massacrados. Na verdade, pareciam conquistar terreno e ganhar esperanças. Ralph se afastou da confusão e parou por um momento, ofegante, para avaliar a situação.

A praia estava coberta de cadáveres, mas havia tantos franceses quanto ingleses. Ele percebeu a loucura da carga francesa. Assim que os cavaleiros dos dois lados se enfrentaram em combate, os besteiros genoveses pararam de atirar, com medo de atingir seus homens. Por isso, o inimigo não tinha mais condições de acertar os ingleses na água, como patos num lago. Desde então, os ingleses vinham saindo do estuário em hordas, todos seguindo as mesmas ordens: os arqueiros se dispersavam para a esquerda e a direita, os cavaleiros e infantes avançavam, de tal forma que os franceses foram sufocados pelo peso dos números. Ao olhar para a água, Ralph verificou que a maré começava a subir. Os ingleses ainda no rio estavam desesperados para sair, qualquer que fosse o destino que pudesse aguardá-los na praia.

Enquanto Ralph recuperava o fôlego, os franceses perderam a disposição. Rechaçados da praia, perseguidos encosta acima, pressionados pelo exército que saía da água, começaram a bater em retirada. Os ingleses continuaram a avançar, mal podendo acreditar em sua sorte, e, como acontecia com frequência, não demorou muito para que a retirada francesa se transformasse numa debandada geral, cada um por si.

Ralph olhou para o estuário. O trem de bagagem estava no meio do rio, cavalos e bois puxando as pesadas carroças pelo vau, chicoteados por condutores frenéticos por alcançar a margem. Havia algum combate na outra margem agora. A vanguarda do exército do rei Filipe devia ter chegado e atacava alguns extraviados. Ralph pensou ter reconhecido, à luz do sol, as cores da cavalaria ligeira da Boêmia. Mas chegara tarde demais.

Ele arriou na sela, subitamente aliviado. A batalha terminara. Por mais incrível que pudesse parecer, contra todas as expectativas, os ingleses haviam escapado da armadilha francesa. Por hoje estavam seguros.

48

Caris e Mair chegaram aos arredores de Abbeville no dia 25 de agosto e ficaram consternadas ao descobrir que o exército francês já se encontrava ali. Dezenas de milhares de infantes e arqueiros haviam acampado nos campos ao redor da cidade. Na estrada, ouviram não apenas sotaques franceses regionais, mas também idiomas de lugares mais distantes como Flandres, Boêmia, Itália, Savoia, Maiorca.

Assim como Caris e Mair, os franceses e seus aliados perseguiam o rei Eduardo da Inglaterra e seu exército. Caris se perguntou como poderia se antecipar na corrida.

Ao passarem pelos portões e entrarem na cidade, no final da tarde, encontraram as ruas apinhadas de nobres franceses. Caris nunca vira tamanha exibição de roupas de luxo, boas armas, cavalos magníficos e sapatos novos, nem mesmo em Londres. A impressão era a de que toda a aristocracia francesa se concentrara ali. Estalajadeiros, padeiros, artistas de rua e prostitutas trabalhavam sem parar a fim de atender às necessidades dos ilustres visitantes. Cada taverna regurgitava de condes e cada casa tinha cavaleiros dormindo no chão.

A abadia de São Pedro figurava na lista de instituições religiosas em que Caris e Mair planejavam se abrigar. Mas, mesmo que ainda estivessem vestidas como freiras, teriam dificuldade para encontrar um lugar nos aposentos para hóspedes: o rei da França estava ali e sua comitiva ocupava todo o espaço disponível. As duas freiras de Kingsbridge, disfarçadas agora como Christophe de Longchamp e Michel de Longchamp, foram orientadas para a enorme igreja da abadia, onde centenas de escudeiros, cavalariços e outros servidores do rei dormiam à noite, no frio chão de pedra da nave. Mas o oficial em comando ali

disse às duas que não havia mais espaço disponível e que elas teriam de dormir nos campos, como todas as outras pessoas de baixa extração.

O transepto norte era um hospital para os feridos. Na saída, Caris parou para observar um cirurgião costurar um talho profundo no rosto de um soldado que não parava de gemer. O cirurgião foi rápido e eficiente. Quando acabou, Caris não pôde deixar de comentar, em tom de admiração:

– Fez um bom trabalho.

– Obrigado. – O médico fitou-a. – Mas como sabe disso, rapazinho?

Caris sabia porque observara Matthew Barber em ação muitas vezes. Mas também sabia que tinha de inventar rapidamente uma história.

– Em Longchamp, meu pai é cirurgião para o *sieur*.

– E você está com o *sieur* agora?

– Ele foi capturado pelos ingleses e minha ama me mandou, junto com meu irmão, para negociar o resgate.

– Talvez seja melhor seguir direto para Londres. Se ele já não está lá, chegará em breve. Mas, já que está aqui, poderia ganhar uma cama para passar a noite se me ajudasse.

– Terei o maior prazer.

– Já viu seu pai lavar ferimentos com vinho morno?

Caris era capaz de lavar ferimentos mesmo dormindo. Pouco depois, ela e Mair estavam fazendo o que melhor sabiam: cuidar de doentes. A maioria dos homens fora ferida no dia anterior, numa batalha no vau do rio Somme. Os nobres feridos haviam sido atendidos primeiro e agora o cirurgião cuidava dos soldados comuns. As duas trabalharam sem parar nas horas seguintes. A longa tarde de verão se tornou crepúsculo e velas foram acesas. Finalmente, todos os ossos quebrados haviam sido encanados, as extremidades esmagadas foram amputadas e os ferimentos, costurados. Martin Chirurgien, o médico, as levou ao refeitório para cearem.

Foram tratadas como parte da comitiva real e comeram ensopado de cordeiro com cebolas. Não comiam carne havia uma semana. Serviram até um bom vinho tinto. Mair bebeu com evidente satisfação. Caris ficou contente pela oportunidade de recuperarem as energias, mas continuava ansiosa por alcançar os ingleses. Um cavaleiro à mesa comentou:

– Sabiam que na sala de jantar do abade, aqui ao lado, há quatro reis e dois arcebispos comendo? – Ele contou nas pontas dos dedos. – Os reis da França, Boêmia, de Roma e Maiorca e os arcebispos de Rouen e Sens.

Caris decidiu que tinha de ver isso. Saiu do refeitório pela porta que levava à cozinha, viu servos carregando travessas para a sala de jantar e espreitou pela porta.

Os homens ao redor da mesa eram sem dúvida ocupantes de altos cargos. A mesa estava repleta de aves assadas, imensos pedaços de carne de vaca e ovelha, pastelões apetitosos, frutas doces. O homem à cabeceira devia ser o rei Filipe, de 53 anos, com um punhado de fios brancos na barba loura. Ao lado, um homem mais jovem, parecido com ele, estava falando, o rosto vermelho de fúria:

– Os ingleses não são nobres. São como ladrões, que roubam à noite e depois fogem.

Martin apareceu ao lado de Caris e sussurrou em seu ouvido:

– Esse é meu senhor. Charles, conde de Alençon, irmão do rei.

– Discordo – disse uma voz diferente.

Caris percebeu no mesmo instante que o homem era cego, e concluiu que devia ser o rei Jean da Boêmia.

– Os ingleses não podem fugir por muito mais tempo. Estão com pouca comida e cansados.

– Eduardo quer juntar forças com o exército anglo-flamengo que invadiu o nordeste da França a partir de Flandres – comentou Charles.

Jean balançou a cabeça.

– Descobrimos hoje que o exército bateu em retirada. Creio que Eduardo terá de parar em algum momento e lutar. E, do ponto de vista dele, quanto mais cedo, melhor, pois seus homens ficarão mais e mais desanimados à medida que os dias passarem.

Charles arrematou, muito excitado:

– Nesse caso, devemos enfrentá-los amanhã. Depois do que fizeram na Normandia, todos devem morrer: cavaleiros, nobres, até mesmo o próprio Eduardo!

O rei Filipe pôs a mão no braço de Charles, silenciando-o.

– A ira de nosso irmão é compreensível. Os crimes dos ingleses são

repulsivos. Mas não esqueçam: quando enfrentarmos o inimigo, o mais importante é pôr de lado as divergências entre nós... as brigas e ressentimentos... e confiar uns nos outros pelo menos durante a batalha. Temos uma enorme superioridade numérica e devemos vencer com facilidade, mas precisamos lutar juntos, como um único exército. Vamos beber à nossa união.

Fora um brinde interessante, concluiu Caris enquanto se retirava discretamente. Era evidente que o rei não podia ter certeza de que seus aliados agiriam como uma equipe coesa. Mas o que a preocupou na conversa foi a probabilidade de ocorrer uma batalha em breve, talvez no dia seguinte. Ela e Mair teriam de tomar cuidado para não se envolverem. Ao voltarem ao refeitório, Martin comentou:

– Como o rei, você tem um irmão turbulento.

Caris viu que Mair estava ficando bêbada. Exagerava em seu papel masculino, sentada com as pernas abertas e os cotovelos em cima da mesa.

– Por todos os santos, o ensopado estava muito gostoso, mas me faz peidar como um demônio – disse a freira de rosto doce em roupas de homem. – Lamento o fedor, pessoal.

Ela tornou a encher o copo com vinho e bebeu. Os homens riram, indulgentes, divertidos com a cena de um garoto se embriagando pela primeira vez, sem dúvida recordando incidentes embaraçosos de seu passado. Caris pegou Mair pelo braço.

– Já está na hora de você ir para a cama, irmãozinho. Vamos embora.

Mair foi sem reclamar.

– Meu irmão se comporta como uma velha – declarou ela antes de se retirar. – Mas ele me ama... não é mesmo, Christophe?

– Claro, Michel. Eu amo você.

Os homens riram de novo. Mair se apoiou em Caris enquanto ela a levava de volta à igreja até o lugar em que haviam deixado os cobertores. Fez Mair se deitar e a cobriu.

– Dê-me um beijo de boa-noite, Christophe – pediu Mair.

Caris a beijou nos lábios.

– Você está de porre. Trate de dormir. Temos de nos levantar cedo amanhã de manhã.

Caris passou mais algum tempo acordada, na maior preocupação. Sentia que estava com muito azar. Quase haviam alcançado o exército inglês e o bispo Richard... mas fora exatamente nesse momento que os franceses também apareceram. Deveria se manter longe do campo de batalha. Por outro lado, se ela e Mair ficassem retidas na retaguarda do exército francês, talvez nunca conseguissem alcançar os ingleses.

Em suma, refletiu, o melhor era partir bem cedo e tentar se antecipar ao exército francês. Afinal, um exército daquele tamanho não poderia se deslocar muito depressa: levaria horas só para as tropas entrarem em formação de marcha. Se ela e Mair fossem rápidas, poderiam se manter à frente. Era arriscado, mas não haviam feito outra coisa que não assumir riscos desde a partida de Portsmouth.

Ela caiu no sono. Despertou quando o sino tocou para as Matinas, pouco depois de três da madrugada. Acordou Mair e não se mostrou nem um pouco compadecida quando ela se queixou de dor de cabeça. Enquanto os monges cantavam salmos na igreja, Caris e Mair foram para os estábulos e encontraram seus pôneis. O céu estava claro e elas puderam se orientar pela luz das estrelas.

Os padeiros da cidade haviam trabalhado a noite inteira, por isso poderiam comprar pão para a viagem. Mas os portões da cidade ainda estavam fechados: tiveram de esperar, impacientes, até o amanhecer, tremendo no ar frio, para comer pão fesco.

Afinal deixaram Abbeville, por volta das quatro e meia da manhã. Seguiram para noroeste, ao longo da margem direita do Somme, a direção que o exército inglês tomara, segundo ouviram.

Haviam se afastado menos de meio quilômetro quando as trombetas soaram o toque de despertar dentro das muralhas da cidade. Como Caris, o rei Filipe decidira iniciar cedo. Nos campos, soldados e homens de armas começaram a se levantar. Os oficiais reais deviam ter recebido ordens na noite anterior, pois pareciam saber o que fazer. Não demorou muito para que uma parte do exército se juntasse a Caris e Mair na estrada.

Caris ainda esperava alcançar os ingleses antes daquelas tropas. Era evidente que os franceses teriam de parar e se reagrupar antes do início da batalha. Isso deveria proporcionar a Caris e Mair tempo suficiente para alcançar seus

conterrâneos e encontrar um lugar seguro. Ela não queria ser apanhada entre os dois lados. Já começava a pensar que fora temerária ao partir naquela missão. Sem saber nada de guerra, não fora capaz de imaginar as dificuldades e os perigos. Mas era tarde demais agora para qualquer arrependimento. E haviam chegado até ali sem sofrer qualquer mal.

Os soldados na estrada não eram franceses, mas italianos. Levavam bestas de aço e feixes de flechas de ferro. Eram cordiais e Caris conversou numa mistura de francês normando, latim e italiano, que aprendera com Buonaventura Caroli. Disseram que em batalha sempre formavam a linha de frente e disparavam de trás de pesados pavises de madeira, um tipo de escudo grande, que no momento vinham nas carroças que os acompanhavam. Protestaram contra a refeição apressada ao acordarem, menosprezaram os cavaleiros franceses como impulsivos e belicosos e falaram com admiração de seu líder, Ottone Doria, que podia ser visto poucos metros à frente.

O sol foi subindo no céu e todos sentiram calor. Como sabiam que podiam entrar em batalha naquele dia, os besteiros usavam grossos casacos, capacetes de ferro e proteções nos joelhos, além das bestas e flechas. Perto do meio-dia, Mair declarou que desmaiaria se não parasse para descansar um pouco. Caris também estava exausta – cavalgavam desde o amanhecer – e sabia que os cavalos precisavam de repouso. Por isso, contra a sua vontade, foi obrigada a parar enquanto milhares de besteiros as ultrapassavam.

Caris e Mair deixaram os animais beber no Somme e comeram um pouco mais do pão. Quando tornaram a partir, descobriram-se no meio de cavaleiros e homens de armas franceses. Caris reconheceu o colérico Charles, irmão de Filipe, à frente do grupo. Estava no meio do exército francês, mas não havia nada que pudesse fazer a não ser seguir em frente e torcer por uma oportunidade para se distanciar.

Uma ordem percorreu a linha pouco depois do meio-dia. Os ingleses não se achavam a oeste, como antes se acreditava, mas sim ao norte, e o rei francês ordenara que seu exército se desviasse nessa direção, não em uma coluna, mas todos ao mesmo tempo. Os homens em torno de Caris e Mair, liderados pelo conde Charles, deixaram a estrada à beira do rio e seguiram por um caminho estreito através dos campos. Caris foi atrás, com um aperto no coração.

Uma voz familiar a chamou. Pouco depois, Martin Chirurgien estava a seu lado.

– Isto é o caos – comentou, sombrio. – A ordem de marcha foi totalmente rompida.

Alguns homens em cavalos rápidos surgiram no outro lado dos campos e saudaram o conde Charles.

– São batedores – explicou Martin e se adiantou para ouvir as informações.

Os pôneis de Caris e Mair foram atrás, com o instinto natural dos cavalos para se manterem agrupados.

– Os ingleses fizeram alto – informou um homem. – Assumiram uma posição defensiva numa crista perto da cidade de Crécy.

– É Henri le Moine – disse Martin –, um velho companheiro do rei da Boêmia.

– Então teremos uma batalha hoje! – exclamou Charles, satisfeito com a notícia, e os cavaleiros ao seu redor gritaram de júbilo. Henri ergueu a mão, num gesto de cautela:

– Estamos sugerindo que todas as unidades parem e se reagrupem.

– Parar agora? – berrou Charles. – Quando os ingleses finalmente se mostram dispostos a lutar? Vamos atacá-los agora!

– Nossos homens e cavalos precisam de descanso. O rei está bem atrás, na retaguarda. Devemos lhe dar a chance de nos alcançar e avaliar o campo de batalha. Ele poderá tomar todas as medidas necessárias hoje para um ataque amanhã, quando os homens estarão descansados.

– Ao inferno com as medidas. São só uns poucos milhares de ingleses. Vamos passar por cima deles.

Henri fez um gesto de impotência.

– Não me cabe comandá-lo, milorde. Mas pedirei a seu irmão, o rei, que me dê suas ordens.

– Isso mesmo, peça a ele! – gritou Charles, seguindo em frente.

Martin comentou com Caris:

– Não sei por que meu senhor é tão impulsivo.

– Acho que ele tem de provar que é bastante bravo para reinar embora por um acaso de nascimento não seja o rei – explicou Caris, pensativa.

Martin fitou-a atentamente.

– Você sabe demais para um rapaz tão simples.

Caris evitou os olhos dele e jurou que não esqueceria mais sua falsa identidade. Não havia hostilidade na voz de Martin, mas ele estava desconfiado. Como cirurgião, conhecia as sutis diferenças nas estruturas ósseas de homens e mulheres. Poderia ter notado que Christophe e Michel de Longchamp fugiam aos padrões. Mas, felizmente, não insistiu no assunto.

O céu começou a ficar nublado, mas o ar ainda era quente e úmido. Havia muitas árvores à esquerda e Martin informou a Caris que aquela era a floresta de Crécy. Não podiam estar longe dos ingleses, mas agora Caris imaginava como poderia se desligar dos franceses e se juntar aos ingleses sem ser morta por nenhum dos dois lados.

A floresta comprimiu o flanco esquerdo do exército em marcha, de tal forma que o caminho ficou atulhado de homens, as divisões se misturando de maneira irremediável.

Mensageiros percorreram a linha com novas ordens do rei: o exército deveria parar e montar acampamento. Caris sentiu sua esperança renovada: teria agora uma oportunidade de seguir à frente do exército francês. Charles discutia com um mensageiro. Martin foi até Charles a fim de descobrir o que estava acontecendo. Voltou com um ar de incredulidade.

– O conde Charles se recusa a obedecer às ordens!

– Por quê? – indagou Caris, consternada.

– Ele acha que o irmão é cauteloso demais. Diz que ele, Charles, não será covarde para se deter diante de um inimigo tão fraco.

– Pensei que todos obedecessem ao rei em batalha.

– E deveriam. Mas nada é mais importante para os nobres franceses do que seu código de cavalaria. Preferem morrer a assumir uma atitude que possa parecer covardia.

O exército continuou a marcha, desafiando as ordens.

– Fico contente que vocês dois estejam aqui – comentou Martin. – Precisarei de ajuda de novo. Ganhando ou perdendo, haverá muitos feridos ao pôr do sol.

Caris compreendeu que não poderia escapar. Mas, por algum motivo, não queria mais se afastar. Na verdade, sentia uma estranha ansiedade. Se aqueles

homens eram bastante loucos para mutilarem uns aos outros com espadas e flechas, ela podia pelo menos ajudar os feridos.

Não demorou muito para que o líder dos besteiros, Ottone Doria, se aproximasse a cavalo – com alguma dificuldade, de tão compacta a multidão – para falar com Charles de Alençon.

– Pare seus homens! – gritou ele para o conde. Charles se mostrou ofendido.

– Como ousa me dar ordens?

– As ordens vieram do rei, mas meus homens não podem parar porque os seus os empurrariam!

– Pois então que eles sigam em frente.

– Estamos à vista do inimigo. Se continuarmos, teremos de entrar em batalha.

– Pois que assim seja.

– Mas meus homens marcharam durante o dia inteiro. Estão exaustos, com fome e sede. E meus besteiros estão sem os pavises.

– São covardes demais para lutarem sem escudos?

– Está chamando meus homens de covardes?

– Se eles não lutarem, estou.

Ottone ficou calado por um momento. Depois, falou em voz tão baixa que Caris mal conseguiu ouvir:

– Você é um tolo, Alençon. E estará no inferno ao cair da noite.

O italiano virou seu cavalo e se afastou. Caris sentiu água pingando no rosto e ergueu os olhos. Começava a chover.

49

O aguaceiro foi forte, mas de curta duração. Quando clareou, Ralph olhou para o vale e viu, com um arrepio de medo, que o inimigo chegara.

Os ingleses ocupavam uma crista que se estendia de sudoeste para nordeste. Por trás, para noroeste, havia uma floresta. À frente e nos lados, a encosta descia íngreme. O flanco direito dava para a cidade de Crécy-en-Ponthieu, aninhada no vale do rio Maye.

Os franceses se aproximavam pelo sul.

Ralph estava no flanco direito, com os homens do conde Roland, comandados pelo jovem príncipe de Gales. Mantinham a formação compacta de forcado, que provara ser tão eficaz diante dos escoceses. À esquerda e à direita se destacavam formações triangulares de arqueiros, como os dois dentes de um forcado. Entre os dentes, bem recuados, havia homens de armas e cavaleiros desmontados. Era uma inovação radical, a que muitos cavaleiros ainda resistiam: gostavam de seus cavalos e sentiam-se vulneráveis a pé. Mas o rei fora implacável: todos a pé. No terreno diante dos cavaleiros, os homens haviam cavado buracos com 30 centímetros de profundidade para que os cavalos franceses tropeçassem e caíssem.

À direita de Ralph, na extremidade da crista, havia uma novidade: três máquinas novas, chamadas de bombardas, ou canhões, que usavam pólvora explosiva para disparar enormes pelotas de pedra. Haviam sido arrastadas por toda a Normandia, mas nunca as usaram antes. Ninguém tinha certeza se funcionariam. Hoje o rei Eduardo precisava usar todos os recursos à sua disposição, pois a superioridade do inimigo se situava em algum ponto entre quatro contra um e sete contra um.

No flanco esquerdo dos ingleses, os homens do conde de Northampton

usavam a mesma formação de forcado. Por trás da linha de frente havia um terceiro batalhão de reserva, comandado pelo rei. Por trás do rei, havia duas posições de recuo. As carroças do trem de bagagem constituíam a primeira, dispostas num círculo, com os não combatentes – cozinheiros, sapadores, cavalariços – ali dentro, com os cavalos. A segunda posição era a própria floresta, para onde os remanescentes do exército inglês poderiam fugir no caso de uma derrota fragorosa. Os cavaleiros franceses teriam dificuldades para segui-los.

Postavam-se ali desde o início da manhã, sem nada para comer além de sopa de ervilha com cebola. Ralph usava sua armadura e suava com o calor, por isso a chuva fora bem-vinda. Também deixara enlameada a encosta pela qual os franceses teriam de atacar, o que tornaria a aproximação traiçoeiramente escorregadia.

Ralph podia imaginar qual seria a tática francesa. Os besteiros genoveses atirariam de trás de seus escudos, a fim de enfraquecer a resistência da linha inglesa. Depois, quando já tivessem causado bastantes estragos, tratariam de se deslocar para o lado, para que os cavaleiros franceses avançassem em seus cavalos de batalha.

Não havia nada tão apavorante quanto essa carga. Chamada de *furor franciscus*, era a suprema arma da nobreza francesa. O código de honra fazia com que ignorassem a própria segurança. Aqueles enormes cavalos, com cavaleiros tão blindados que pareciam feitos de ferro, passavam por cima de arqueiros, escudos, espadas e homens de armas.

Claro que nem sempre dava certo. A carga podia ser rechaçada, em particular quando o terreno favorecia os defensores, como acontecia ali. Mas os franceses não desanimavam com facilidade e atacariam de novo. E tinham tanta superioridade em números que Ralph não podia imaginar como os ingleses conseguiriam detê-los indefinidamente.

Sentia medo, mas mesmo assim não se arrependia de estar com o exército. Há sete anos que levava a vida de ação que sempre desejara, em que os homens fortes eram reis e os fracos não contavam para nada. Tinha 29 anos, e os homens de ação raramente sobreviviam para chegar à velhice. Ele cometera terríveis pecados, mas fora absolvido de todos, o mais recente naquela manhã, pelo bispo

de Shiring, que agora se postava ao lado do pai, o conde, armado com uma maça de aparência assustadora... Sacerdotes não deveriam derramar sangue, uma regra que respeitavam superficialmente pelo uso de armas rombudas no campo de batalha.

Os besteiros, em seus casacos brancos, se estendiam até a base da encosta. Estavam sentados, os arcos fincados na terra à sua frente. Então começaram a se levantar, ajustando as cordas. Ralph calculou que a maioria sentia a mesma coisa que ele, uma mistura de alívio, porque a longa espera terminara, e de medo, ao pensarem em tudo que poderia lhes acontecer.

Ralph imaginou que ainda havia bastante tempo. Podia ver que os genoveses não traziam os pesados escudos de madeira, elemento essencial de sua tática. E tinha certeza de que a batalha não começaria até que os escudos chegassem.

Por trás dos besteiros, milhares de cavaleiros se despejavam pelo vale, procedentes do sul. Espalhavam-se para a esquerda e a direita, próximos dos arqueiros. O sol apareceu de novo, iluminando as cores vibrantes de seus estandartes e as proteções de malha dos cavalos. Ralph reconheceu o brasão de Charles, conde de Alençon, irmão do rei Filipe.

Os besteiros pararam na base da encosta. Havia milhares. Como se a um sinal, todos soltaram um grito terrível. Alguns pularam. Trombetas soaram.

Era seu grito de guerra, visando apavorar o inimigo, e podia dar certo com alguns. Mas o exército inglês era formado por guerreiros experientes, após uma campanha de seis semanas, e seria preciso mais do que gritos para assustá-los. Todos permaneceram impassíveis.

E no instante seguinte, para total espanto de Ralph, os genoveses levantaram suas bestas e começaram a atirar. O que estavam fazendo? Não tinham escudos!

O som foi súbito e aterrador: 5 mil flechas de ferro cruzando o ar. Mas os arqueiros ingleses estavam fora de alcance. Talvez não levassem em consideração o fato de que atiravam encosta acima, e o sol da tarde, por trás das linhas inglesas, devia ofuscar seus olhos. Qualquer que fosse a razão, as flechas caíram muito antes do alvo.

Houve um clarão de uma língua de fogo e um estrondo que parecia uma trovoada, no meio da linha de frente inglesa. Aturdido, Ralph viu a fumaça se elevar do lugar em que estavam as bombardas. O som era impressionante, mas,

quando tornou a olhar para o inimigo, Ralph constatou que os danos haviam sido mínimos. Muitos besteiros genoveses, no entanto, ficaram bastante chocados e interromperam a recarga.

Nesse momento, o príncipe de Gales gritou a ordem para que seus arqueiros começassem a atirar. Dois mil arcos compridos foram erguidos. Como sabiam que se encontravam muito distantes para dispararem em linha reta, paralela ao solo, os arqueiros ingleses apontaram para o céu, intuitivamente procurando uma trajetória em curva para suas flechas. Todos os arcos foram puxados ao mesmo tempo, como hastes de trigo numa plantação se inclinando a uma repentina brisa de verão; depois, as flechas foram lançadas, com um som coletivo que parecia um sino de igreja repicando. Voando mais rápido que a mais veloz das aves, as flechas subiram pelo ar, viraram para baixo e caíram como uma tempestade de granizo sobre os besteiros genoveses.

As fileiras inimigas eram compactas e as cotas dos genoveses não proporcionavam muita proteção. Sem os escudos, ficavam horrivelmente vulneráveis. Centenas caíram mortos ou feridos.

Mas isso fora apenas o começo.

Enquanto os besteiros sobreviventes rearmavam suas bestas, os arqueiros ingleses dispararam outras vezes. Eram necessários apenas quatro ou cinco segundos para pegar uma flecha no chão, ajustá-la, puxar o arco, mirar, atirar e pegar outra flecha. Arqueiros experientes podiam ser ainda mais rápidos. No período de um minuto, 20 mil flechas caíram em cima dos genoveses desprotegidos.

Foi um massacre, e a consequência foi inevitável: eles se viraram e fugiram.

Em poucos momentos, os genoveses estavam fora do alcance. Os ingleses suspenderam os disparos, rindo de seu triunfo inesperado e escarnecendo do inimigo. Mas depois os arqueiros ingleses se defrontaram com outro perigo. Os cavaleiros franceses começaram a avançar. Uma densa multidão de genoveses em fuga esbarrou nos cavaleiros concentrados, ansiosos por uma carga. Por um momento, houve o caos.

Ralph ficou espantado ao perceber que os inimigos começavam a lutar entre si. Os cavaleiros desembainharam suas espadas e passaram a golpear os genoveses, que descarregaram suas flechas neles e passaram a lutar com suas

facas. Os nobres franceses deveriam tentar conter a carnificina, mas aqueles que usavam as armaduras mais caras e montavam os cavalos maiores eram, até onde Ralph podia ver, os que se destacavam na luta, atacando os próprios aliados com uma fúria cada vez maior.

Os cavaleiros empurraram os besteiros de volta à encosta até que ficaram de novo ao alcance dos arqueiros ingleses. Mais uma vez, o príncipe de Gales deu ordem para que seus homens atirassem. Dessa vez a saraivada de flechas caiu em cima de genoveses e cavaleiros. Em sete anos de guerra, Ralph nunca vira algo parecido. Centenas de inimigos estavam estendidos no chão, mortos ou feridos, sem que um único soldado inglês tivesse sido sequer arranhado.

Os cavaleiros franceses finalmente bateram em retirada e os besteiros sobreviventes se dispersaram. Deixaram a encosta por baixo da posição inglesa coberta de cadáveres. Soldados de Gales e da Cornualha, armados com facas, começaram a liquidar os franceses ainda vivos. Também recolhiam as flechas intactas para serem reaproveitadas e com certeza aproveitavam para roubar os cadáveres. Ao mesmo tempo, ajudantes correram para buscar novos estoques de flechas nas carroças, levando-as para a linha de frente.

Houve uma pausa, mas não durou muito tempo.

Os cavaleiros franceses se reagruparam, reforçados por recém-chegados, que apareciam às centenas e aos milhares. Ao correr os olhos pelas fileiras, Ralph constatou que as cores de Alençon eram agora acompanhadas pelas cores de Flandres e da Normandia. O estandarte do conde de Alençon se deslocou para a frente, as trombetas soaram e os cavaleiros começaram a avançar.

Ralph baixou a viseira e desembainhou a espada. Pensou na mãe. Sabia que a mãe rezava por ele cada vez que ia à igreja e por um momento sentiu uma terna gratidão. Depois, voltou a observar o inimigo.

Os imensos cavalos eram lentos para começar, estorvados pelos próprios cavaleiros com armaduras. O sol poente cintilava nas viseiras francesas, as bandeiras estalavam à brisa vespertina. Pouco a pouco, as batidas dos cascos foram se tornando mais altas e o ritmo da carga aumentou. Os cavaleiros gritavam palavras de exortação para suas montarias e uns para os outros, acenando com suas espadas e lanças. Eram como uma onda numa praia, parecendo cada vez maior à medida que se aproximava. A boca de Ralph ficou

seca e o coração batia como um grande tambor.

Chegaram ao alcance dos arqueiros e mais uma vez o príncipe deu ordem para atirar. Novamente as flechas subiram pelo ar e caíram como uma chuva mortífera.

Os cavaleiros atacantes estavam blindados e só por sorte as flechas atingiam os pontos fracos entre as placas. Mas os cavalos tinham apenas viseiras e capas de malha. Por isso, eram vulneráveis. Quando as flechas penetraram em suas espáduas e ancas, alguns pararam, alguns caíram, alguns se viraram e tentaram fugir. Os relinchos de dor dos animais povoaram o ar. Colisões entre cavalos fizeram com que mais cavaleiros caíssem, juntando-se aos corpos dos arqueiros genoveses. Os cavaleiros por trás vinham com muita pressa para tentar uma ação evasiva e passar por cima dos caídos.

Mas havia milhares de cavaleiros, e continuaram a investida.

A distância para os arqueiros diminuiu e a trajetória das flechas mudou. Quando a carga se encontrava a 100 metros de distância, eles passaram a usar um tipo diferente de flecha, com a ponta de aço rombuda em vez de pontiaguda, para provocar um impacto nas armaduras. Agora podiam matar os cavaleiros, embora derrubar os cavalos fosse também eficiente.

O terreno já estava encharcado da chuva e então a carga alcançou os buracos escavados antes pelos ingleses. O ímpeto dos cavalos era tanto que poucos podiam pisar numa depressão de 30 centímetros sem tropeçar. Muitos caíram, derrubando seus cavaleiros na frente dos outros cavalos.

Os cavaleiros atacantes tentaram se desviar dos arqueiros. Como os ingleses haviam planejado, a carga entrou num funil estreito, um verdadeiro matadouro, as flechas disparadas da esquerda e da direita.

Essa foi a chave para a tática inglesa. A essa altura, a sabedoria de obrigar os cavaleiros ingleses a desmontar ficou evidente. Se estivessem a cavalo, não poderiam resistir ao impulso de atacar – e, nesse caso, os arqueiros teriam de parar de atirar por receio de matar os próprios companheiros. Mas, como os cavaleiros e os homens de armas continuavam em suas fileiras, os arqueiros podiam disparar à vontade contra o inimigo sem que houvesse baixas no lado inglês.

Mas não era suficiente. Os franceses eram muito numerosos e bravos.

Continuaram a atacar e finalmente alcançaram a linha dos homens de armas e cavaleiros ingleses desmontados, entre as duas massas de arqueiros. O combate de fato começou.

Os cavalos pisotearam os primeiros ingleses, mas o ímpeto da carga fora reduzido pela encosta enlameada. Os franceses foram detidos pela compacta linha inglesa. Ralph se descobriu no meio da batalha, esquivando-se dos golpes desferidos de cima para baixo, golpeando com a espada as pernas dos cavalos, querendo inutilizar os animais pelo método mais fácil e mais confiável, que era o de cortar os tendões do jarrete. A luta era encarniçada: os ingleses não tinham para onde ir e os franceses sabiam que teriam de passar de novo pela chuva letal de flechas se recuassem.

Homens caíam ao redor de Ralph, retalhados por espadas e machados e pisoteados pelos poderosos cascos com ferraduras de ferro dos cavalos de batalha. Ele viu o conde Roland cair, atingido por uma espada francesa. O filho de Roland, o bispo Richard, golpeou com a maça para proteger o pai, mas um cavalo o empurrou para o lado e pisoteou o conde.

Os ingleses foram forçados a recuar e Ralph compreendeu que os franceses tinham um alvo: o príncipe de Gales. Ralph não sentia qualquer afeição pelo privilegiado herdeiro de 16 anos do trono, mas sabia que seria um golpe devastador para o moral inglês se o príncipe fosse capturado ou morto. Ralph recuou e se deslocou para a esquerda, juntando-se a vários outros que engrossavam o escudo de guerreiros em torno do príncipe. Mas os franceses intensificaram seus esforços, com a vantagem de estarem a cavalo.

Logo Ralph lutava ombro a ombro com o príncipe, que podia reconhecer pelo manto com flores-de-lis sobre fundo azul e os leões heráldicos em vermelho. Um momento depois, um cavaleiro francês acertou o príncipe com um machado, derrubando-o.

Foi um momento terrível.

Ralph pulou para a frente e golpeou o atacante, a espada comprida atingindo a junção entre as placas na axila. Ele teve a satisfação de sentir a ponta penetrar na carne e viu o sangue esguichar do ferimento.

Alguém se postou por cima do príncipe caído e girou uma espada enorme, que segurava com as duas mãos, contra homens e cavalos. Ralph viu que era o

porta-bandeira do príncipe, Richard FitzSimon. Ele largara a bandeira sobre seu senhor, caído de costas. Por alguns momentos, Richard e Ralph lutaram desesperados para proteger o filho do rei, sem saber se ele estava vivo ou morto.

Chegaram reforços. O conde de Arundel apareceu com um enorme contingente de homens de armas, todos descansados. Os recém-chegados entraram na batalha com o maior vigor e inverteram a situação. Os franceses começaram a recuar.

O príncipe de Gales ficou de joelhos. Ralph levantou a viseira e o ajudou a ficar de pé. O garoto parecia ferido, mas sem gravidade. Ralph virou-se e continuou a lutar.

Logo depois os franceses desistiram. Apesar da loucura de sua tática, a coragem quase lhes permitira romper a linha inglesa, mas não conseguiram. Fugiam agora, muitos mais caindo enquanto corriam entre os arqueiros, descendo pela encosta ensanguentada de volta às suas linhas; e gritos de alegria soaram entre os ingleses, exaustos, mas exultantes.

Mais uma vez, os galeses circularam pelo campo de batalha, cortando a garganta dos feridos e recolhendo milhares de flechas. Os arqueiros também pegaram novas flechas, para reabastecer seus estoques. Da retaguarda vieram cozinheiros com jarros de cerveja e vinho. Os cirurgiões começaram a tratar dos nobres feridos.

Ralph viu William de Caster se inclinar sobre o conde Roland. O conde ainda respirava, mas mantinha os olhos fechados e parecia à beira da morte.

Ralph limpou a espada ensanguentada na terra e levantou a viseira para poder tomar uma caneca de cerveja. O príncipe de Gales se aproximou.

– Qual é o seu nome? – perguntou ele.

– Ralph Fitzgerald de Wigleigh, milorde.

– Lutou com extrema bravura. Vai se tornar sir Ralph amanhã se o rei me escutar.

Ralph ficou radiante de prazer.

– Obrigado, milorde.

O príncipe acenou com a cabeça, cordial, e se afastou.

50

Caris observou os primeiros estágios da batalha do outro lado do vale. Viu os besteiros genoveses tentando fugir, apenas para serem retalhados por cavaleiros de seu próprio lado. Depois, assistiu à primeira grande carga, com as cores de Charles de Alençon conduzindo milhares de cavaleiros e homens de armas.

Nunca testemunhara uma batalha e ficou angustiada. Centenas de cavaleiros foram derrubados por flechas inglesas e pisoteados pelos cascos dos enormes cavalos de guerra. Ela estava muito longe para poder acompanhar os combates corpo a corpo, mas viu espadas faiscarem e homens caírem. Teve vontade de chorar. Como freira, já vira ferimentos graves – homens que caíam do alto de um andaime, que se machucavam com ferramentas afiadas, sofriam acidentes em caçadas – e sempre sentia a dor e o desperdício de uma mão perdida, uma perna esmagada, um cérebro lesionado. E ficava revoltada ao constatar que homens infligiam esses ferimentos uns aos outros intencionalmente.

Por um bom tempo, parecia que o combate podia pender para qualquer dos lados. Se estivesse em sua terra, ao ouvir notícias da guerra distante, poderia torcer por uma vitória inglesa, mas, depois do que vira nas duas últimas semanas, sentia uma espécie de neutralidade repugnada. Não podia se identificar com ingleses que assassinavam camponeses e queimavam colheitas. Não fazia diferença para ela que tivessem cometido essas atrocidades na Normandia. Claro que diriam que os franceses mereciam o que recebiam por terem incendiado Portsmouth, mas essa era uma maneira estúpida de pensar – tão estúpida que levava a cenas de horror como aquela.

Os franceses recuaram. Ela presumiu que se reagrupariam e se reorganizariam, esperando pela chegada do rei para desenvolver um novo plano de batalha. Ainda tinham uma superioridade esmagadora em números, Caris

podia perceber: havia dezenas de milhares de soldados franceses no vale e mais continuavam a chegar.

Mas os franceses não se reagruparam. Em vez disso, cada novo batalhão chegado ao vale seguia direto para o ataque, lançando-se em carga suicida contra a posição inglesa no alto da encosta. A segunda carga e as subsequentes sofreram estragos ainda piores do que a primeira. Algumas foram dizimadas pelos arqueiros antes mesmo de alcançarem as linhas inglesas; as outras foram repelidas pelos ingleses a pé. A encosta cintilava com o sangue derramado de centenas de homens e cavalos.

Depois da primeira carga, Caris só olhava de vez em quando para a batalha. Estava ocupada demais cuidando dos franceses feridos que tiveram bastante sorte para escapar do campo de batalha. Martin Chirurgien descobrira que Caris era uma cirurgiã tão competente quanto ele. Concedera-lhe livre acesso a seus instrumentos e a deixara trabalhar por conta própria, junto com Mair. As duas lavaram ferimentos, costuraram e puseram bandagens hora após hora.

Notícias de baixas proeminentes vieram da linha de frente. Charles de Alençon foi a primeira fatalidade importante. Caris não pôde deixar de sentir que ele merecera seu destino. Testemunhara seu entusiasmo insensato e a indisciplina irresponsável. Horas depois, veio a notícia de que o rei Jean da Boêmia também morrera. Ela não pôde deixar de pensar sobre a loucura que levava um cego a se lançar numa batalha.

– Em nome de Deus, por que eles não param? – indagou quando Martin levou-lhe uma caneca de cerveja para restaurar as energias.

– Por medo – respondeu ele. – Estão apavorados com a possibilidade de caírem em desgraça. Deixar o campo de batalha sem ter sofrido qualquer golpe seria vergonhoso. Eles preferem morrer.

– Muitos deles já tiveram esse desejo atendido – comentou Caris, sombria.

Ela esvaziou a caneca de cerveja e voltou ao trabalho. Seu conhecimento e sua compreensão do corpo humano aumentavam aos saltos, refletiu. Via cada parte interna de um homem vivo: o cérebro por baixo de crânios fraturados, o tubo da garganta, os músculos dos braços cortados, o coração e os pulmões dentro de caixas torácicas esmagadas, o emaranhado de intestinos, a articulação dos ossos nos quadris, joelhos e tornozelos. Descobriu mais em uma hora no

campo de batalha do que em um ano inteiro no hospital do priorado. Fora assim que Matthew Barber aprendera tanto, compreendeu. Não era de admirar que ele fosse tão confiante.

A carnificina continuou até que a noite caiu. Os ingleses acenderam tochas, com medo de um ataque furtivo durante a escuridão. Mas Caris poderia tê-los avisado que se encontravam sãos e salvos. Os franceses estavam irremediavelmente derrotados. Dava para ouvir os gritos de soldados franceses à procura de parentes e companheiros no campo de batalha. O rei, que chegara a tempo de participar de uma das últimas cargas desesperadas, deixara o local. Depois disso, a debandada fora geral.

Um nevoeiro se elevou do rio, espalhou-se pelo vale e ocultou as fogueiras distantes. Mais uma vez, Caris e Mair trabalharam à luz do fogo, noite afora, cuidando dos feridos. Todos os que podiam andar, mesmo mancando, trataram de partir, ansiosos por ficarem o mais longe possível dos ingleses, a fim de escaparem da inevitável e sangrenta operação de limpeza que ocorreria no dia seguinte. Quando terminaram de fazer tudo o que podiam pelos feridos, Caris e Mair escapuliram.

Aquela era sua chance.

Encontraram seus pôneis e os levaram adiante à luz de uma tocha. Alcançaram o fundo do vale e se descobriram na terra de ninguém. Ocultas pelo nevoeiro e a escuridão, tiraram as roupas de homem. Por um momento, sentiram-se extremamente vulneráveis, duas mulheres nuas no meio de um campo de batalha. Mas ninguém podia vê-las, e no segundo seguinte vestiram os hábitos de freira pela cabeça. Guardaram os trajes de homem, para o caso de precisarem deles de novo; afinal, seria longa a viagem de volta para casa.

Caris decidiu abandonar a tocha, com receio de que um arqueiro inglês resolvesse atirar para a luz primeiro e só depois fazer perguntas. De mãos dadas, para não se separarem, seguiram em frente, ainda puxando os pôneis. Não podiam ver nada: o nevoeiro obscurecia qualquer claridade que pudesse vir da lua ou das estrelas. Subiram a encosta, na direção das linhas inglesas. O lugar cheirava como um matadouro. Havia tantos corpos de homens e cavalos espalhados pelo chão que não dava para contorná-los. Elas rangiam os dentes e pisavam em cima. Não demorou muito para que os sapatos ficassem cobertos

por uma mistura de sangue e lama.

A quantidade de cadáveres foi diminuindo e logo não havia mais nenhum à frente. Caris começou a experimentar um sentimento de alívio ao se aproximar do exército inglês. Ela e Mair haviam percorrido centenas de quilômetros, enfrentado as maiores dificuldades e arriscado a vida por aquele momento. Quase esquecera o roubo ultrajante do prior Godwyn, que tirara 150 libras do tesouro das freiras – a razão da viagem. De certa forma, parecia menos importante, depois de todo aquele derramamento de sangue. Mesmo assim, apelaria ao bispo Richard e obteria justiça para o convento.

A caminhada parecia mais longa do que Caris calculara ao olhar através do vale à luz do dia. Pensou, nervosa, se teria ficado desorientada. Poderia ter se desviado, seguido uma direção errada e passado além dos ingleses. Talvez o exército estivesse agora por trás dela. Esforçou-se para ouvir alguma coisa – 10 mil homens não podiam se manter em silêncio absoluto, mesmo que a maioria mergulhasse num sono de exaustão –, mas o nevoeiro abafava os sons.

Apegou-se à convicção de que deveria se aproximar se continuasse a subir, já que o rei Eduardo posicionara suas forças no ponto mais alto. Mas a cegueira era enervante. Se houvesse um precipício por ali, poderia cair de repente.

A claridade do amanhecer dava ao nevoeiro uma cor perolada quando ela ouviu uma voz. Parou no mesmo instante. Era um homem sussurrando. Mair apertou sua mão, nervosa. Outro homem falou. Caris não entendeu a língua. Sentiu medo de ter dado uma volta completa e retornado para o lado dos franceses.

Virou-se na direção da voz, ainda segurando a mão de Mair. O clarão vermelho de chamas se tornou visível através do nevoeiro cinzento. Seguiu nessa direção, agradecida. Ao se aproximar, pôde ouvir melhor e compreendeu com imenso alívio que eles falavam em inglês. Logo depois, divisou um grupo de homens em torno de uma fogueira. Vários dormiam, envoltos por cobertores, mas três estavam sentados no chão, de pernas cruzadas, olhando para as chamas enquanto conversavam. Caris logo avistou um homem de pé, esquadrinhando o nevoeiro, presumivelmente no serviço de sentinela. O fato de não ter notado a aproximação dela provava que a missão era impossível.

Para atrair a atenção do grupo, Caris disse, em voz baixa:

– Deus os abençoe, homens da Inglaterra.

Ela os assustou. Um deles soltou um grito de medo. A sentinela indagou, atrasado:

– Quem vem lá?

– Duas freiras do priorado de Kingsbridge – respondeu Caris.

Os homens a fitaram com um medo supersticioso e ela compreendeu que poderiam pensar que eram uma aparição.

– Não se preocupem. Somos de carne e osso, assim como nossos pôneis.

– Você disse Kingsbridge? – indagou um deles, surpreso. O homem se levantou. – Sei quem você é. Já a vi antes.

Caris o reconheceu.

– Lorde William de Caster.

– Sou o conde de Shiring agora. Meu pai morreu há uma hora em decorrência dos ferimentos sofridos.

– Que sua alma descanse em paz. Viemos até aqui para falar com seu irmão, o bispo Richard, que é nosso abade.

– Chegou atrasada. Meu irmão também está morto.



Mais tarde, ainda naquela manhã, quando o nevoeiro se dissipou e o campo de batalha parecia um matadouro iluminado pelo sol, o conde William levou Caris e Mair para falar com o rei Eduardo.

Todos se espantaram com a história das duas freiras que haviam seguido o exército inglês por toda a Normandia. Soldados que haviam enfrentado a morte no dia anterior se mostraram fascinados por suas aventuras. William disse a Caris que o rei queria ouvir o relato diretamente de seus lábios.

Eduardo III era rei havia dezenove anos, mas ainda tinha apenas 33 anos de idade. Alto e com ombros largos, era imponente em vez de bonito, com um rosto que poderia ter sido moldado para o poder: nariz grande, malares salientes, cabelos compridos que começavam a recuar no alto da testa. Caris compreendeu por que as pessoas o chamavam de leão.

Estava sentado num banco diante de sua tenda, vestido com elegância, com

calção de duas cores e uma capa com a borda recortada em concha. Não usava armadura nem portava armas: os franceses haviam desaparecido e uma força de ingleses vingativos fora enviada para caçar e matar os extraviados. Havia alguns barões de pé ao seu redor.

Enquanto relatava como ela e Mair haviam procurado comida e abrigo na paisagem devastada da Normandia, Caris especulou se o rei se sentiria criticado ao ouvir a descrição das dificuldades. Mas o rei não parecia pensar que os sofrimentos das pessoas pudessem se refletir nele. Ficou maravilhado com as façanhas das freiras, como se ouvisse alguém falar de sua bravura durante um naufrágio.

Ela terminou com um comentário sobre seu desapontamento ao descobrir, depois de tantas dificuldades, que o bispo Richard, de quem esperava justiça, havia morrido.

– Suplico a Vossa Majestade que ordene que o prior de Kingsbridge devolva o dinheiro que roubou das freiras.

Eduardo sorriu, pesaroso.

– É uma brava mulher, mas não sabe nada sobre política – disse ele, condescendente. – O rei não pode se envolver numa disputa eclesiástica como essa. Teríamos todos os bispos batendo em nossa porta em protesto.

Era bem possível, refletiu Caris, mas isso não impedia o rei de interferir na Igreja quando era conveniente a seus propósitos. Mas não disse nada.

– E seria prejudicial à sua causa – acrescentou Eduardo. – A Igreja ficaria tão indignada que todos os clérigos do país se oporiam à nossa decisão, independentemente de seus méritos.

Pode haver alguma procedência nisso, concluiu Caris. Mas ele não era tão impotente quanto pretendia se mostrar.

– Sei que vai se lembrar das freiras enganadas de Kingsbridge – disse ela. – Quando designar o novo bispo de Kingsbridge, conte, por favor, nossa história.

– Claro – concordou o rei.

No entanto, Caris teve o pressentimento de que ele esqueceria. A entrevista parecia encerrada, mas William disse:

– Majestade, agora que confirmou tão generosamente minha elevação ao condado de meu pai, resta decidir quem será o novo lorde de Caster.

– Ah, sim. Nosso filho, o príncipe de Gales, sugere sir Ralph Fitzgerald, que foi elevado ao grau de cavaleiro ontem, por salvar sua vida.

– Oh, não! – murmurou Caris.

O rei não a ouviu, mas William sim, e obviamente pensava a mesma coisa. Não foi capaz de esconder sua indignação quando disse:

– Ralph era um fora da lei, culpado de numerosos assaltos, assassinatos e estupros, até que obteve um perdão real para se juntar ao exército de Vossa Majestade.

O rei não ficou tão impressionado quanto Caris esperava.

– Mesmo assim, Ralph luta conosco há sete anos – disse ele. – Merece uma segunda oportunidade.

– Tem razão – admitiu William, diplomático. – Mas, por causa dos problemas que tivemos com ele no passado, eu gostaria de vê-lo se assentar pacificamente, por um ou dois anos, antes de ser elevado à nobreza.

– Como será o suserano de Ralph, terá de lidar com ele – concedeu Eduardo. – Não devemos impô-lo contra a sua vontade. Mas o príncipe está ansioso para que ele tenha alguma recompensa.

O rei pensou por longo tempo, para depois acrescentar:

– Você não tem uma prima em condições de se casar?

– Tenho. Seu nome é Matilda. Nós a chamamos de Tilly.

Caris conhecia Tilly. Ela estudava na escola do convento.

– Essa mesma – confirmou Eduardo. – Ela era pupila de Roland, seu pai. Pelo que me lembro, o pai da jovem tinha três aldeias perto de Shiring.

– Vossa Majestade tem boa memória para detalhes.

– Case lady Matilda com Ralph e dê a ele as aldeias que pertenciam ao pai dela.

Caris ficou estarrecida.

– Mas ela só tem 12 anos! – Não conseguiu se conter.

– Cale-se! – ordenou William.

O rei Eduardo fitou-a com uma expressão fria.

– As crianças da nobreza devem crescer depressa, irmã. A rainha Philippa tinha 14 anos quando me casei com ela.

Caris sabia que devia ficar calada, mas não podia. Tilly era apenas quatro

anos mais velha do que a filha que ela poderia ter tido, se tivesse dado à luz a criança de Merthin.

– Há uma enorme diferença entre 12 e 14 anos – declarou, desesperada.

O jovem rei se tornou ainda mais frio.

– Na presença real, as pessoas só dão sua opinião quando são convidadas. E o rei quase nunca pede a opinião de mulheres.

Caris compreendeu que tomara o rumo errado. Sua objeção ao casamento não se baseava na idade de Tilly, mas sim no caráter de Ralph.

– Conheço Tilly – disse. – Não pode casá-la com aquele bruto do Ralph.

Mair interveio, com um sussurro assustado:

– Caris! Lembre-se de com quem está falando!

Eduardo olhou para William.

– Tire-a daqui, Shiring, antes que ela diga alguma coisa que não poderá ser ignorada.

William pegou Caris pelo braço e a afastou com firmeza da presença real. Mair foi atrás. Caris ainda ouviu o rei comentar:

– Posso entender agora como ela sobreviveu na Normandia: deve ter deixado os habitantes locais apavorados.

Os nobres ao seu redor caíram na gargalhada.

– Você deve estar louca! – exclamou William.

– É mesmo? – Estavam agora longe dos ouvidos do rei e Caris elevou a voz: – Nas últimas seis semanas, o rei causou a morte de milhares de homens, mulheres e crianças, incendiou suas colheitas, queimou suas casas. E eu tentei salvar uma menina de 12 anos do casamento com um assassino. Qual de nós é louco, lorde William?

51

Os camponeses de Wigleigh tiveram uma péssima colheita no ano de 1347. Os aldeões fizeram o que sempre faziam nessas ocasiões: comeram menos, adiaram a compra de chapéus e cintos e passaram a dormir juntos para aproveitar o calor. A velha viúva Huberts morreu mais cedo do que se esperava; Janey Jones sucumbiu a uma tosse a que poderia ter sobrevivido num ano bom; e o bebê de Joanna David, que poderia de outra forma ter uma chance, não chegou a seu primeiro aniversário.

Gwenda vigiava ansiosa os dois filhos. Sam, de 8 anos, era grande para sua idade e bastante forte: tinha o físico de Wulfric, as pessoas diziam, embora Gwenda soubesse que ele era parecido com o verdadeiro pai, Ralph Fitzgerald. Mesmo assim, Sam estava visivelmente mais magro em dezembro. David, que ganhara o nome do irmão de Wulfric, morto no desabamento da ponte, tinha 6 anos. Parecia-se com Gwenda: era pequeno e moreno. A dieta deficiente o enfraquecera e durante todo o outono ele sofrera com pequenos problemas: um resfriado, depois erupções na pele e por último uma tosse persistente.

Mesmo assim, ela levava os meninos quando ia com Wulfric terminar de semear o trigo de inverno na terra de Perkin. Um vento muito frio soprava pelos campos abertos. Ela largava as sementes nos sulcos; Sam e David corriam atrás, afugentando as aves que queriam pegar o trigo antes que Wulfric cobrisse com terra. Enquanto corriam, pulavam e gritavam, Gwenda se admirava por aqueles dois seres humanos em miniatura, em perfeito funcionamento, terem saído de seu corpo. Os meninos transformavam o esforço de afugentar as aves em alguma espécie de jogo competitivo, deixando Gwenda maravilhada com o milagre de suas imaginações. Antes uma parte dela, podiam agora acalentar pensamentos que ela ignorava por completo.

A lama aderia a seus pés enquanto andavam de um lado para outro. Um córrego de correnteza rápida margeava o campo. Na outra margem ficava o moinho de pisoar que Merthin construíra oito anos antes. O rumor distante das batidas de madeira acompanhava o trabalho da família. O moinho era operado por dois irmãos excêntricos, Jack e Eli – ambos solteiros e sem terras –, e um sobrinho, que era o aprendiz. Eram os únicos aldeões que não haviam sofrido por causa da péssima colheita: Mark Webber lhes pagara os mesmos salários durante todo o inverno.

Foi um dia curto de inverno. Gwenda e sua família terminaram de semear quando o céu cinzento começava a escurecer. O crepúsculo trouxe uma neblina dos bosques distantes. Todos estavam exaustos.

Restava meio saco de sementes e eles decidiram levá-lo de volta à casa de Perkin. Ao se aproximarem, avistaram Perkin vindo da direção oposta. Ele andava ao lado de uma carroça em que viajava a filha Annet. Haviam ido a Kingsbridge para vender as últimas maçãs e peras do ano das árvores de Perkin.

Annet ainda conservava o corpo de menina embora estivesse agora com 28 anos e uma criança. Chamava a atenção para sua juventude por um vestido muito curto e os cabelos desarrumados de uma forma encantadora. Parecia ridícula, pensava Gwenda, uma opinião partilhada por todas as mulheres da cidade, mas por nenhum dos homens.

Gwenda ficou chocada ao ver que a carroça de Perkin continuava cheia de frutas.

– O que aconteceu? – perguntou ela. A expressão de Perkin era sombria.

– As pessoas de Kingsbridge enfrentam um inverno tão difícil quanto o nosso. Não têm dinheiro para comprar maçãs. Teremos de fazer sidra com todo este carregamento.

O que era lamentável. Gwenda nunca soubera de Perkin voltar do mercado com tantos produtos por vender.

Annet parecia despreocupada. Estendeu a mão para Wulfric, que a ajudou a descer da carroça. Ao pisar no chão, ela tropeçou e caiu sobre ele, pondo a mão em seu peito.

– Epa! – exclamou Annet. Ela sorriu ao recuperar o equilíbrio. Wulfric corou de satisfação. Seu idiota cego, pensou Gwenda.

Todos entraram. Perkin se sentou à mesa. Sua mulher, Peg, serviu-lhe uma tigela de potagem. Ele cortou uma grossa fatia de pão. Peg serviu a própria família em seguida: Annet, o marido Billy Howard, o irmão de Annet, Rob, e a mulher de Rob. Deu um pouco para a filha de 4 anos de Annet, Amabel, e para os dois filhos pequenos de Rob. Depois convidou Wulfric e sua família a se sentarem.

Gwenda tomou a potagem com a maior voracidade. Era mais espessa do que a potagem que ela fazia. Peg serviu pão dormido, enquanto na casa de Gwenda o pão nunca durava o suficiente para ficar dormido. A família de Perkin tomou cerveja, mas nenhuma foi oferecida a Gwenda e Wulfric: a hospitalidade não ia muito longe em tempos difíceis.

Perkin era jovial com os fregueses, mas, afora isso, era um homem azedo; por esse motivo, o ambiente em sua casa era sempre mais ou menos melancólico. Ele falou em tom desanimado sobre o mercado em Kingsbridge. A maioria dos comerciantes tivera um péssimo dia. Os únicos que ainda faziam negócios eram os que vendiam produtos essenciais, como trigo, carne e sal. Ninguém estava comprando o Escarlate de Kingsbridge, o tecido agora famoso.

Peg acendeu um lampião. Gwenda queria ir para casa, mas ela e Wulfric esperavam pelos salários. Os meninos começaram a se comportar mal, correndo de um lado para outro, esbarrando nos adultos.

– Está na hora de levá-los para a cama – disse Gwenda, embora não fosse o caso.

Wulfric finalmente disse:

– Se pagar nossos salários, Perkin, poderemos ir embora.

– Não tenho dinheiro – anunciou Perkin.

Gwenda ficou estupefata. Perkin nunca dissera isso nos nove anos em que ela e Wulfric trabalhavam em suas terras.

– Temos de receber nossos salários – insistiu Wulfric. – Precisamos comer.

– Vocês têm alguma potagem, não é? – disse Perkin.

– Trabalhamos por dinheiro, não por potagem! – exclamou Gwenda, indignada.

– Mas acontece que não tenho dinheiro – reiterou Perkin. – Fui ao mercado para vender minhas maçãs, mas ninguém comprou. Agora, temos mais maçãs do

que podemos comer, mas nenhum dinheiro.

Gwenda estava tão chocada que não sabia o que dizer. Nunca lhe ocorrera que Perkin pudesse deixar de pagar seus salários. E sentiu uma pontada de medo ao compreender que não havia nada que ela pudesse fazer. Wulfric disse, bem devagar:

– O que podemos fazer? Voltar a Longfield para tirar as sementes da terra?

– Ficarei devendo os salários desta semana – declarou Perkin. – Pagarei assim que as coisas melhorarem.

– E na próxima semana?

– Também não terei dinheiro na próxima semana... de onde você pensa que o dinheiro poderia vir?

– Vamos falar com Mark Webber – interveio Gwenda. – Talvez ele possa nos contratar no moinho de pisoar.

Perkin balançou a cabeça.

– Falei com ele ontem, em Kingsbridge, e perguntei se podia contratá-los. Ele disse que não. Não está vendendo bastante tecido. Continuará a empregar Jack, Eli e o garoto e a estocar o tecido, até o comércio se recuperar. Mas não pode contratar nenhum empregado extra.

Wulfric estava atordoado.

– Como vamos viver? Como você poderá ter a aradura da primavera?

– Podem trabalhar por comida – sugeriu Perkin.

Wulfric olhou para Gwenda. Ela reprimiu uma resposta sarcástica. Sua família se encontrava numa situação crítica e aquele não era o momento de hostilizar ninguém. Pensou depressa. Não tinham muita opção: comer ou passar fome.

– Trabalharemos por comida e você ficará nos devendo o dinheiro – declarou Gwenda.

Perkin balançou a cabeça.

– O que está sugerindo pode ser justo...

– É justo.

– Está bem, é justo, mas mesmo assim não posso concordar. Não sei quando terei dinheiro. Poderia estar devendo 1 libra na semana de Pentecostes. Podem trabalhar por comida ou não trabalhar.

– Terá de alimentar nós quatro.

– Está certo.

– Mas apenas Wulfric vai trabalhar.

– Não sei...

– Uma família quer mais do que comida. Crianças precisam de roupas. Um homem deve ter botas. Se não pode me pagar, terei de encontrar alguma outra maneira de conseguir essas coisas.

– Como?

– Não sei. – Gwenda fez uma pausa. A verdade era que não tinha a menor ideia. Fez um esforço para reprimir o pânico. – Posso perguntar a meu pai como ele consegue.

Peg interveio:

– Eu não faria isso, se fosse você... Joby lhe dirá para roubar.

Gwenda ficou irritada. Que direito Peg tinha de assumir aquela atitude arrogante? Joby nunca empregara pessoas para depois dizer no fim da semana que não tinha dinheiro para pagar. Mas ela mordeu a língua e comentou apenas:

– Ele me alimentou ao longo de dezoito invernos, embora no final tenha me vendido para bandidos.

Peg balançou a cabeça e começou abruptamente a recolher as tigelas da mesa.

– Vamos embora – disse Wulfric.

Gwenda não se mexeu. Qualquer vantagem que pudesse obter tinha de ser conquistada agora. Depois que saíssem daquela casa, Perkin consideraria que fora feito um acordo que não poderia ser renegociado. Ela pensou por um momento. Recordou como Peg servira cerveja apenas para a própria família e declarou:

– Não vão nos enganar com peixe do dia anterior e cerveja aguada. Devemos comer exatamente a mesma coisa que você e sua família... carne, pão, cerveja, qualquer outra coisa que seja servida.

Peg deixou escapar um grunhido de desaprovação. Ao que parecia, planejava fazer o que Gwenda temia.

– Isto é, se quiser que Wulfric faça o mesmo trabalho que você e Rob – acrescentou Gwenda.

Todos sabiam muito bem que Wulfric fazia mais trabalho do que Rob e duas vezes mais do que Perkin.

– Está bem – concordou Perkin.

– E isso é estritamente um acordo de emergência. Assim que você tiver dinheiro, terá de nos pagar de novo, ao preço antigo... 1 *penny* por dia para cada um.

– Certo.

Houve um breve momento de silêncio.

– Isso é tudo? – perguntou Wulfric.

– Acho que sim – respondeu Gwenda. – Você e Perkin devem trocar um aperto de mãos para fechar o acordo.

Foi o que eles fizeram.

Gwenda e Wulfric se retiraram, levando os meninos. A escuridão era completa agora. Nuvens escondiam as estrelas e eles tinham de se orientar apenas pelas réstias de luz que passavam pelas portas e janelas fechadas das casas. Por sorte, já haviam percorrido mil vezes o caminho entre a casa de Perkin e a deles.

Wulfric acendeu o lampião e preparou o fogo na lareira, enquanto Gwenda punha os meninos para dormir. Embora houvesse quartos em cima – ainda viviam na casa grande que fora ocupada pelos pais de Wulfric –, todos dormiam na cozinha por causa do calor.

Gwenda estava deprimida ao envolver os filhos com cobertores e acomodá-los perto do fogo. Crescera com a determinação de não viver como a mãe, em constante preocupação e necessidade. Sonhara com a independência: uma terra para cultivar, um marido trabalhador, um senhor razoável. Wulfric ansiava por voltar à terra que seu pai cultivara. Mas os dois haviam fracassado em todas essas aspirações. Ela era pobre e o marido, um trabalhador sem terra, cujo empregador não podia sequer pagar 1 *penny* por dia. Acabara exatamente como a mãe, pensou Gwenda, amargurada demais para chorar.

Wulfric pegou uma botija de barro numa prateleira e despejou cerveja num copo de madeira.

– Trate de aproveitar – disse Gwenda, amarga. – Não poderá comprar cerveja por algum tempo.

– É espantoso que Perkin não tenha dinheiro – comentou Wulfric. – Ele é o homem mais rico da aldeia, depois de Nathan Reeve.

– Perkin tem dinheiro – garantiu Gwenda. – Há um pote cheio de *pence* de prata por baixo da lareira. Eu já vi.

– Então por que ele não quer nos pagar?

– Não quer tirar dinheiro de suas economias.

Wulfric pareceu confuso.

– Mas ele poderia nos pagar, se quisesse?

– Claro.

– Então por que tenho de trabalhar por comida?

Gwenda deixou escapar um resmungo impaciente. Wulfric era lento para compreender as coisas.

– Porque a alternativa era não ter qualquer trabalho.

Wulfric sentia que haviam sido enganados.

– Devíamos ter insistido no pagamento.

– Por que você não fez isso?

– Não sabia do pote com *pence* debaixo da lareira.

– Pelo amor de Deus! Acha que um homem tão rico quanto Perkin poderia ficar pobre porque não conseguiu vender as maçãs de uma carroça? Ele cultiva mais terras do que qualquer outro em Wigleigh desde que ficou com as terras que eram de seu pai, há dez anos. É claro que ele tem economias!

– Percebo isso agora.

Gwenda ficou olhando para o fogo enquanto o marido terminava de tomar a cerveja. Wulfric a abraçou e ela encostou a cabeça em seu peito. Mas não queria fazer amor. Estava furiosa demais. Disse a si mesma que não deveria descarregar no marido: fora Perkin quem os deixara em situação difícil, não Wulfric. Mas ela também estava com raiva de Wulfric. Enquanto o sentia mergulhar no sono, compreendeu que a irritação não era pelos salários. Era o tipo de infortúnio que afligia a todos de vez em quando, como o mau tempo e o mofo da cevada.

O que era então?

E ela lembrou a maneira como Annet caíra sobre Wulfric ao descer da carroça. Pensou no sorriso coquete de Annet e no rubor de satisfação de Wulfric, e teve vontade de esbofeteá-lo. Estou zangada com você, pensou, porque aquela

idiota imprestável e de cabeça vazia ainda pode fazê-lo bancar o idiota.



No domingo antes do Natal foi realizada uma sessão do tribunal da aldeia na igreja, depois da missa. Fazia frio e os aldeões se agasalhavam com mantas e cobertores. Nathan Reeve a presidia. O senhor do solar, Ralph Fitzgerald, não aparecia em Wigleigh há anos. Melhor assim, pensou Gwenda. Além do mais, ele era sir Ralph agora, com três outras aldeias em seu feudo. Por isso, não tinha muito interesse por parelhas de bois e pastos para as vacas.

Alfred Shorthouse morrera essa semana. Era um viúvo sem filhos, com 10 acres.

– Ele não tem herdeiros naturais – declarou Nate Reeve. – Perkin deseja assumir sua terra.

Gwenda ficou surpresa. Como Perkin podia pensar em assumir mais terra? O espanto foi tão grande que ela demorou a reagir. Aaron Appletree, o tocador de gaita de foles, foi o primeiro a falar:

– Alfred tinha problemas de saúde desde o verão. Não arou o solo no outono e não semeou o trigo do inverno. Todo esse trabalho terá de ser feito agora. Perkin ficará com as mãos cheias.

– Está pedindo a terra? – perguntou Nate, agressivo.

Aaron balançou a cabeça.

– Se fosse daqui a alguns anos, com meus filhos já crescidos para ajudar, eu não perderia essa oportunidade. Mas agora não teria condições de cuidar da terra sozinho.

– Eu posso cuidar – garantiu Perkin.

Gwenda franziu o rosto. Era evidente que Nate queria que Perkin ficasse com a terra. Sem dúvida lhe fora prometido um suborno. Ela sabia o tempo todo que Perkin tinha dinheiro. Mas tinha pouco interesse em denunciar a falsidade dele. Queria apenas encontrar uma maneira de aproveitar aquela situação e tirar sua família da pobreza.

– Você pode contratar outro trabalhador, Perkin – sugeriu Nate.

– Espere um instante – interveio Gwenda. – Perkin não pode pagar os

trabalhadores que tem agora. Como poderia cuidar de mais terra?

Perkin foi pego de surpresa, mas não podia desmentir o que Gwenda dissera. Por isso, preferiu se calar.

– Quem mais poderia cuidar da terra? – indagou Nate.

Gwenda apressou-se em declarar:

– Nós poderíamos.

Nate ficou surpreso. Ela acrescentou:

– Wulfric está trabalhando por comida. Eu não tenho trabalho. Precisamos de terra.

Gwenda notou que várias cabeças acenavam em concordância. Ninguém na aldeia gostara do que Perkin fizera. Todos temiam que um dia pudessem acabar na mesma situação. Nate percebeu o perigo de seu plano ser frustrado.

– Vocês não têm condições de pagar a taxa de transferência.

– Pagaremos um pouco de cada vez.

Nate balançou a cabeça.

– Quero alguém que possa pagar imediatamente.

Correu os olhos pelos aldeões reunidos. Ninguém se apresentou como voluntário.

– David Johns?

David era um homem de meia-idade cujos filhos tinham suas próprias terras.

– Eu diria sim no ano passado. Mas a chuva na época da colheita me derrubou.

A oferta de 10 acres extras teria provocado, em circunstâncias normais, uma acirrada disputa entre os aldeões mais ambiciosos. Mas fora um péssimo ano. A situação de Gwenda e Wulfric era diferente. Por um lado, Wulfric nunca deixara de ansiar por sua própria terra. Os acres de Alfred não eram um direito de herança de Wulfric, mas eram melhores do que nada. De qualquer forma, Gwenda e Wulfric estavam desesperados.

– Dê a terra para Wulfric, Nate – disse Aaron Appletree. – Ele é um bom trabalhador e vai arar tudo num instante. E ele e a esposa merecem um pouco de sorte... já tiveram mais do deviam de seu quinhão de azar.

Nate parecia contrariado, mas se elevou um burburinho de concordância dos camponeses. Wulfric e Gwenda eram muito respeitados, apesar de sua pobreza.

Aquela era uma combinação excepcional de circunstâncias que poderiam levar Gwenda e sua família a enveredarem pela estrada para uma vida melhor. Ela sentia uma crescente excitação, pois isso começava a parecer possível. Nate, no entanto, ainda tinha restrições:

– Sir Ralph odeia Wulfric.

Wulfric levou a mão ao rosto, tocando na cicatriz deixada pela espada de Ralph.

– Sei disso – respondeu Gwenda. – Mas Ralph não está aqui.

52

Quando o conde Roland morreu, um dia depois da batalha de Crécy, várias pessoas subiram um degrau na escada. Seu filho mais velho, William, tornou-se o conde, suserano do condado de Shiring, tendo apenas o rei acima dele. Um primo de William, sir Edward Courthose, tornou-se lorde de Caster e assumiu o controle de quarenta aldeias daquele feudo, como vassalo do conde, mudando-se para a antiga casa de William e Philippa em Casterham. E sir Ralph Fitzgerald se tornou lorde de Tench.

Nos dezoito meses seguintes, nenhum deles foi para casa. Todos estiveram ocupados, a viajar com o rei e matar franceses. Até que em 1347 a guerra chegou a um impasse. Os ingleses capturaram e mantiveram a preciosa cidade portuária de Calais, mas, afora isso, havia pouco a mostrar após dez anos de guerra... exceto, é claro, uma grande quantidade de despojos: o butim de guerra.

Em janeiro de 1349, Ralph tomou posse de sua nova propriedade. Tench era uma aldeia grande, com uma centena de famílias de camponeses. Ele tinha também duas aldeias menores nas proximidades, além de conservar Wigleigh, que ficava a distância de meio dia de viagem.

Ralph experimentou uma intensa emoção de orgulho ao cavalgar cruzando Tench. Aguardara ansioso por aquele momento. Os servos se curvaram em reverência e as crianças ficaram olhando, impressionadas. Era o senhor de todas as pessoas ali, o proprietário de todas as coisas.

A casa ficava num conjunto de construções cercado por uma muralha. Ralph seguiu na frente, acompanhado por uma carroça repleta de despojos franceses. Ele percebeu logo que as muralhas há muito não eram reparadas. Perguntou-se se não deveria restaurá-las. Os burgueses da Normandia haviam negligenciado suas defesas, de modo geral, e isso permitira que Eduardo III os derrotasse com

relativa facilidade. Por outro lado, a probabilidade de uma invasão do Sul da Inglaterra era agora muito pequena. No início da guerra, a maior parte da frota francesa fora destruída no porto de Sluys. Depois disso, os ingleses passaram a controlar o Canal da Mancha, que separava os dois países. A não ser por pequenos ataques de corsários, todas as batalhas desde Sluys haviam sido travadas em solo francês. Em suma, parecia que não valia a pena reconstruir aquelas muralhas.

Vários cavalariços se adiantaram para cuidar dos animais. Ralph deixou Alan Fernhill supervisionando a descarga e se encaminhou para sua nova casa. Claudicava ao andar: a perna ferida sempre doía depois de longas horas a cavalo. Tench Hall era um solar de pedra. Era impressionante, notou Ralph com satisfação, embora precisasse de reparos... o que não era de surpreender, pois permanecera desocupado desde a morte do pai de lady Matilda. Mas tinha um projeto moderno. Nas casas mais antigas, os aposentos privados do senhor eram insignificantes, quase uma extensão do vasto salão, que era a coisa mais importante. Mas Ralph percebeu, pelo lado de fora, que ali os aposentos domésticos ocupavam a metade do prédio.

Entrou no grande salão e ficou irritado ao deparar com o conde William. Na outra extremidade do salão havia uma cadeira grande, feita de madeira escura, toda esculpida, com símbolos de poder: anjos e leões no encosto e nos braços, cobras e monstros nas pernas. Era obviamente a cadeira do senhor do solar. Mas William estava sentado nela.

Grande parte do prazer de Ralph evaporou. Não podia desfrutar o domínio de seu novo solar sob o olhar atento de seu suserano. Seria como ir para a cama com uma mulher enquanto o marido escutava do outro lado da porta.

Mas disfarçou sua insatisfação e cumprimentou formalmente o conde William. O conde apresentou o homem de pé ao seu lado.

– Este é Daniel, que é o bailio aqui há vinte anos e tem feito um bom trabalho, por conta de meu pai, durante a menoridade de Tilly.

Ralph observou o bailio com alguma frieza. A mensagem de William era clara: queria que Ralph deixasse Daniel continuar no cargo. Mas Daniel fora um homem do conde Roland e agora seria um homem do conde William. Ralph não tinha a menor intenção de permitir que seu domínio fosse administrado por um

homem do conde. Seu bailio tinha de ser leal apenas a ele.

William esperou que Ralph dissesse alguma coisa sobre Daniel. Ralph, no entanto, não pretendia entrar nessa discussão. Dez anos antes teria reagido com veemência, mas aprendera muita coisa durante o tempo que passara com o rei. Não era obrigado a pedir a aprovação do seu conde para a escolha do bailio, por isso não a pediria. Não diria nada até William ir embora e depois comunicaria a Daniel que lhe seriam atribuídas outras funções.

Tanto William quanto Ralph permaneceram num silêncio obstinado por algum tempo, até que o impasse foi rompido. A porta no lado doméstico do salão foi aberta e lady Philippa entrou, alta e elegante. Fazia muitos anos que Ralph não a via, mas sua paixão juvenil voltou no mesmo instante, com um choque que parecia um golpe violento, deixando-o sem fôlego. Ela estava mais velha – beirando os 40 anos, calculou Ralph –, mas continuava exuberante. Talvez um pouco mais corpulenta do que ele lembrava, os quadris mais arredondados, os seios mais cheios, mas tudo isso contribuía para aumentar ainda mais sua fascinação. Ainda andava como uma rainha. Como sempre, sua presença fez com que Ralph se perguntasse, ressentido, por que não podia ter uma esposa assim.

No passado, Philippa mal se dignava a reconhecer sua presença, mas hoje ela sorriu, apertou sua mão e disse:

– Já conversou com Daniel?

Ela também queria que Ralph mantivesse o homem de confiança do conde... e era por isso que se mostrava tão cortês. Mais razão ainda para se livrar do homem, pensou Ralph com secreta satisfação.

– Acabei de chegar – informou ele, não querendo se comprometer.

– Queríamos estar presentes quando você conhecesse a jovem Tilly, ela é parte de nossa família – assim Philippa explicou o motivo da presença deles.

Ralph ordenara às freiras do priorado de Kingsbridge que levassem sua noiva para Tench, para encontrá-lo ali hoje. Intrometidas, elas deviam ter comunicado tudo ao conde.

– Lady Matilda estava sob a guarda do conde Roland, que sua alma descanse em paz – ressaltou Ralph, enfatizando que a tutela acabara com a morte de Roland.

– É verdade... e eu esperava que o rei transferisse a tutela para meu marido, como herdeiro de Roland.

Era evidente que Philippa teria preferido isso.

– Mas ele não o fez – lembrou Ralph. – E a entregou a mim em casamento.

Embora a cerimônia ainda não tivesse ocorrido, a jovem passara à responsabilidade de Ralph. Em termos estritos, William e Philippa não tinham por que estar ali hoje, como se desempenhassem o papel de pais de Tilly. Mas William era suserano de Ralph e, assim, podia visitá-lo sempre que quisesse.

Ralph não queria discutir com William. Era muito fácil para William tornar difícil a sua vida. Por outro lado, o conde exorbitava de sua autoridade ali, provavelmente pressionado por Philippa. Mas Ralph não se deixaria intimidar. Os últimos sete anos lhe haviam dado a confiança necessária para defender a independência a que tinha direito.

De qualquer forma, ele estava gostando do duelo verbal com Philippa, pois lhe oferecia a oportunidade de contemplá-la. Ele concentrou sua atenção na linha determinada do queixo e nos lábios cheios. Apesar de sua altivez, Philippa era obrigada a fitá-lo. E aquela seria a conversa mais longa que já tivera com Ralph.

– Tilly é muito jovem – comentou ela.

– Fará 14 anos este ano – respondeu Ralph. – Era a idade que nossa rainha tinha quando se casou com nosso rei... como o próprio rei fez questão de lembrar, a mim e ao conde William, depois da batalha de Crécy.

– O momento seguinte a uma batalha não é necessariamente a melhor ocasião para decidir o destino de uma jovem – murmurou lady Philippa.

Ralph não podia deixar isso passar sem uma resposta:

– A meu ver, tenho a obrigação de cumprir as decisões de Sua Majestade.

– Como todos nós – garantiu ela.

Ralph sentiu que a vencera. Foi uma sensação sexual, quase como se a tivesse levado para a cama. Satisfeito, ele se virou para Daniel.

– Minha futura esposa deve chegar a tempo de jantar. Providencie um banquete.

– Já cuidei disso – anunciou Philippa.

Ralph virou lentamente a cabeça até que seus olhos se encontraram com os dela. Philippa ultrapassara os limites da cortesia ao entrar em sua cozinha e dar

ordens. Ela compreendia isso e ficou vermelha.

– Não sabia a que horas você chegaria.

Ralph não disse nada. Philippa não pediria desculpa, mas ele ficou contente por tê-la forçado a se explicar – um constrangimento para uma mulher tão orgulhosa.

Por um breve momento se ouviu o barulho de cavalos lá fora. Os pais de Ralph entraram no salão. Ele não os via havia alguns anos e se adiantou para abraçá-los.

Os dois estavam na casa dos 50 anos, mas a mãe parecia ter envelhecido mais depressa. Os cabelos estavam brancos e o rosto ficara enrugado. Estava um pouco encurvada, como as mulheres idosas. O pai parecia mais vigoroso. Era em parte pela excitação do momento: tinha o rosto vermelho de orgulho e apertou a mão de Ralph como se estivesse bombeando água de um poço. Mas não havia fios brancos em sua barba ruiva e o corpo esguio ainda era empertigado. Os dois usavam roupas novas, adquiridas com o dinheiro que Ralph mandara. Sir Gerald exibia um pesado casaco de lã, enquanto lady Maud ostentava um manto de pele.

Ralph estalou os dedos para Daniel.

– Traga vinho.

Por um instante, o bailio deu a impressão de que iria protestar por ser tratado como um criado, mas depois engoliu o orgulho e seguiu apressado para a cozinha.

– Conde William, lady Philippa, quero apresentar meu pai, sir Gerald, e minha mãe, lady Maud.

Ele receava que William e Philippa menosprezassem seus pais, mas os dois os cumprimentaram com a devida cortesia.

– Fui companheiro de armas de seu pai – comentou Gerald com o conde –, que sua alma descanse em paz. Para ser franco, conde William, eu o conheci quando era menino, embora não deva se lembrar de mim.

Ralph desejou que o pai não chamasse a atenção para seu passado glorioso. Só servia para enfatizar quanto ele caíra. Mas William pareceu não notar.

– Acho que me lembro. – Era provável que ele estivesse apenas sendo gentil, mas Gerald ficou satisfeito. – Pelo que me recordo, parecia um gigante com mais de 2 metros de altura.

Gerald, que era baixo, riu deliciado. Maud correu os olhos ao redor e comentou:

– É uma boa casa, Ralph.

– Quero decorá-la com todos os tesouros que trouxe da França. Mas ainda não tive tempo, pois acabei de chegar.

Uma garota da cozinha trouxe vinho e taças numa bandeja. Todos beberam. O vinho era um excelente Bordeaux, Ralph notou, claro e doce. Tinha de dar um crédito a Daniel por manter a casa bem abastecida, pensou ele a princípio, mas depois refletiu que durante muitos anos não houvera ninguém ali para tomar vinho... exceto Daniel, é claro.

– Alguma notícia de meu irmão Merthin? – perguntou à mãe.

– Ele está ótimo – respondeu Maud, orgulhosa. – Casado, com uma filha e rico. Está construindo um palácio para a família de Buonaventura Caroli.

– Mas ainda não o fizeram *conte*, não é mesmo?

Ralph fingiu estar gracejando, mas queria ressaltar que Merthin, apesar de todo o seu sucesso, não obtivera um título de nobreza e que era ele, Ralph, quem realizava as esperanças do pai ao levar a família de volta à nobreza.

– Ainda não – disse o pai, jovial.

Era como se ele pensasse que havia uma possibilidade concreta de Merthin se tornar um conde italiano, o que deixou Ralph irritado, mas apenas por um momento.

– Podemos ver nossos aposentos? – perguntou-lhe a mãe.

Ralph hesitou. O que ela estava querendo dizer com “nossos aposentos”? Aflorou à sua mente o pensamento terrível de que os pais podiam estar pensando que morariam ali. Era uma coisa que Ralph não podia admitir: eles seriam um lembrete constante dos anos de vergonha da família. Além do mais, a presença dos pais seria um estorvo para seu estilo de vida. Por outro lado, ele compreendeu então, também seria vergonhoso para um nobre deixar que os pais continuassem a morar numa casa de um único cômodo, como pensionistas de um priorado. Teria de pensar mais a respeito. Por ora, disse apenas:

– Ainda não tive a oportunidade de ver nem mesmo meus aposentos pessoais. Espero que possam ficar confortáveis por algumas noites.

– Algumas noites? – repetiu a mãe. – Vai nos mandar de volta para a

choupana em Kingsbridge?

Ralph ficou mortificado pelo fato de a mãe tratar desse assunto na presença de William e Philippa.

– Acho que não há espaço para vocês morarem aqui.

– Como sabe, se ainda não viu os aposentos?

Daniel interveio:

– Um aldeão de Wigleigh está aqui, sir Ralph... o nome é Perkin. Quer apresentar seus respeitos e discutir um problema urgente.

Em circunstâncias normais, Ralph teria repreendido o homem por se intrometer na conversa, mas naquele momento sentiu-se grato pela mudança de assunto.

– Dê uma olhada nos aposentos enquanto eu converso com esse camponês.

William e Philippa saíram com seus pais para inspecionar os aposentos domésticos. Daniel conduziu Perkin até a mesa. Perkin se mostrou subserviente como sempre.

– É um prazer vê-lo inteiro, são e salvo, depois das guerras francesas, milorde.

Ralph olhou para sua mão esquerda, onde faltavam três dedos.

– Quase inteiro.

– Todos os habitantes de Wigleigh lamentam seus ferimentos, milorde, mas estão felizes com as recompensas! Um título de cavaleiro, mais três aldeias... e lady Matilda em casamento!

– Obrigado pelas felicitações, mas qual é o assunto urgente que o trouxe até aqui?

– Não levarei muito tempo para explicar, milorde. Alfred Shorthouse morreu sem deixar um herdeiro natural para seus 10 acres. Ofereci-me para ficar com a terra, embora os tempos sejam difíceis, depois das tempestades em agosto...

– O tempo não importa.

– Tem toda a razão. Para resumir, Nathan Reeve tomou uma decisão que acho que milorde não aprovaria.

Ralph estava impaciente. Não queria saber que camponês cultivaria os 10 acres de Alfred.

– O que Nathan decidiu...

– Ele entregou a terra a Wulfric.

– Ahn...

– Alguns aldeões disseram que Wulfric merecia, já que ele não tinha terra. Mas Wulfric não pode pagar toda a taxa de transferência, e de qualquer maneira...

– Não precisa me convencer – interrompeu-o Ralph. – Não permitirei que aquele desordeiro ocupe qualquer terra em meu território.

– Obrigado, milorde. Posso dizer a Nathan Reeve que deseja que eu fique com os 10 acres?

– Claro. – Ralph viu o conde e a condessa voltarem dos aposentos particulares, com seus pais a reboque. – Irei até lá para confirmar pessoalmente dentro das próximas duas semanas. – Depois dispensou Perkin com um gesto da mão.

E foi nesse momento que lady Matilda chegou. Ela entrou no salão com uma freira de cada lado. Uma delas era a antiga namorada de Merthin, Caris, que tentara dizer ao rei que Tilly era jovem demais para se casar. Do outro lado estava a freira que viajara com Caris até Crécy, uma mulher com rosto de anjo cujo nome Ralph não sabia. Por trás delas, presumivelmente servindo como guarda-costas, vinha o monge de um braço só que capturara Ralph com tanta astúcia nove anos antes, o irmão Thomas.

E no meio vinha Tilly. Ralph percebeu no mesmo instante por que as freiras queriam protegê-la do casamento. Seu rosto exibia uma expressão de inocência infantil. Tinha sardas no nariz e uma espaço entre os dois dentes da frente. Olhou ao redor, assustada. Caris realçara a aparência infantil ao vesti-la com um hábito branco de freira e uma touca simples. Mas o tecido não era suficiente para ocultar as curvas de mulher por baixo. Era evidente que Caris queria demonstrar que Tilly era jovem demais para a vida conjugal. O efeito sobre Ralph foi o oposto do pretendido.

Uma das coisas que Ralph aprendera a serviço do rei era que, em muitas situações, um homem podia assumir o comando se falasse primeiro. Então disse alto:

– Venha até aqui, Tilly.

A garota se adiantou. Sua escolta hesitou, mas permaneceu onde estava.

– Sou seu marido, Tilly. Meu nome é sir Ralph Fitzgerald, lorde de Tench.

– Prazer em conhecê-lo, senhor. – Ela parecia apavorada.

– Esta é a sua casa agora, como foi no tempo em que era pequena e seu pai era o senhor aqui. É agora a lady de Tench, como sua mãe também foi. Está feliz em voltar para a casa de sua família?

– Estou, milorde.

A garota parecia qualquer coisa, menos feliz.

– Tenho certeza de que as freiras lhe disseram que deve ser uma esposa obediente e fazer tudo o que puder para agradar seu marido, que é seu amo e senhor.

– Claro, milorde.

– E aqui estão meu pai e minha mãe, que agora são seus pais também.

Ela fez uma pequena reverência para Gerald e Maud.

– Chegue mais perto – continuou Ralph.

Ele estendeu as mãos. Num impulso automático, Tilly também estendeu as mãos, mas depois viu a mão esquerda mutilada. Soltou um gemido de repulsa e recuou.

Uma imprecação furiosa aflorou aos lábios de Ralph, mas ele a reprimiu. Com alguma dificuldade, forçou-se a falar em tom descontraído:

– Não precisa ter medo de minha mão ferida. Deveria se orgulhar. Perdi os dedos a serviço do rei.

Manteve os braços estendidos, em expectativa. Com esforço, ela pegou suas mãos.

– Agora pode me beijar, Tilly.

Ralph estava sentado, a garota de pé diante dele. Ela se inclinou, oferecendo o rosto. Ele pôs a mão atrás de sua cabeça e virou seu rosto para beijá-la nos lábios. Sentiu a incerteza e adivinhou que Tilly nunca fora beijada por um homem antes. Deixou que o beijo se prolongasse, em parte porque era muito doce, em parte para enfurecer as pessoas que observavam. Depois, com lenta deliberação, acariciou os seios da garota com a mão boa. Eram cheios e redondos. Não era mais uma criança. Ralph a soltou e deixou escapar um suspiro de satisfação.

– Devemos nos casar logo. – Ele olhou para Caris, que reprimia a raiva com

evidente dificuldade. – Na catedral de Kingsbridge, daqui a quatro semanas a contar do domingo.

Virou-se para Philippa, mas se dirigiu a William:

– Como estamos nos casando por desejo expresso de Sua Majestade, o rei Eduardo, eu me sentiria honrado se comparecesse, conde William.

William assentiu de leve com a cabeça. Caris falou pela primeira vez:

– Sir Ralph, o prior de Kingsbridge envia saudações e manda dizer que se sentirá honrado em celebrar a cerimônia, a menos, é claro, que o novo bispo deseje fazê-lo.

Ralph concordou, generoso, com um aceno de cabeça. Logo Caris acrescentou:

– Mas todas as pessoas que tomaram conta desta criança acham que ela ainda é jovem demais para manter relações conjugais com o marido.

– Eu concordo – declarou Philippa.

– Sabe, filho – comentou Gerald –, esperei anos para me casar com sua mãe.

Ralph não queria ouvir essa história de novo.

– Ao contrário de você, pai, recebi uma ordem do rei para me casar com lady Matilda.

– Talvez devesse esperar, filho – disse a mãe.

– Já esperei mais de um ano! Ela tinha 12 anos quando o rei decidiu o casamento.

– Case-se com a criança com a devida cerimônia – interveio Caris –, mas depois a deixe voltar ao convento por mais um ano. Espere que ela desenvolva toda a sua feminilidade antes de trazê-la para casa.

Ralph soltou uma risada desdenhosa.

– Posso estar morto daqui a um ano, ainda mais se o rei decidir voltar à França. Antes disso, os Fitzgeralds precisam de um herdeiro.

– Ela é uma criança...

Ralph interrompeu Caris, elevando a voz:

– Não, não é uma criança... olhem só para ela! Esse estúpido hábito de freira não pode disfarçar seus seios.

– Uma criança gorda...

– Ela já tem pelos de mulher? – perguntou Ralph.

Tilly soltou um grito de espanto diante da franqueza grosseira, as faces vermelhas de vergonha. Caris hesitou.

– Talvez minha mãe deva examiná-la por mim e depois me informar – sugeriu Ralph.

Caris balançou a cabeça.

– Isto não será necessário. Tilly tem pelos onde uma mulher tem e uma criança não tem.

– Eu sabia disso. Já vi... – Ralph parou de falar, pois não queria que todos ali soubessem em que circunstâncias ele vira os corpos nus de garotas da idade de Tilly. Apressou-se em corrigir, evitando os olhos da mãe: – Adivinhei, por seu corpo.

Um tom suplicante, raramente ouvido, insinuou-se na voz de Caris:

– Mas ela ainda é uma criança em sua mente, Ralph.

Não me importo com sua mente, pensou Ralph. Mas não disse isso.

– Ela tem quatro semanas para aprender o que não sabe. – Ele lançou um olhar sugestivo para Caris. – Tenho certeza de que você pode lhe ensinar tudo.

Caris corou. As freiras nada deviam saber sobre intimidade conjugal, mas ela fora namorada do irmão de Ralph.

– Talvez um acordo... – disse a mãe.

– Você não compreende, não é, mãe? – indagou Ralph, interrompendo-a com rudeza. – Ninguém está preocupado com a idade dela. Se eu fosse me casar com a filha de um açougueiro de Kingsbridge, ninguém se importaria se ela tivesse 9 anos. Não percebe que as objeções são apenas porque Tilly teve um nascimento nobre? Eles acham que são superiores a nós!

Ele sabia que estava gritando, e pôde perceber as expressões espantadas de todos os presentes, mas não se importava.

– Não querem que uma prima do conde de Shiring se case com o filho de um cavaleiro empobrecido. E tentam adiar, na esperança de que Eduardo morra em batalha antes que o casamento seja consumado. – Ralph limpou a boca e prosseguiu: – Mas este filho de um cavaleiro empobrecido lutou na batalha de Crécy e salvou a vida do príncipe de Gales. E é isso que importa para o rei.

Fez uma pausa enquanto os fitava um a um: o altivo William, a desdenhosa Philippa, a furiosa Caris e seus pais atônitos.

– Portanto, é melhor aceitarem os fatos. Ralph Fitzgerald é um cavaleiro e um lorde, um companheiro de armas do rei. E vai se casar com lady Matilda, a prima do conde, quer vocês gostem ou não!

Por um bom tempo reinou no salão um silêncio chocado.

Até que, por fim, Ralph se voltou para Daniel.

– Pode servir o jantar agora.

53

Na primavera de 1348, Merthin despertou de um pesadelo que não conseguia lembrar direito. Estava assustado e fraco. Abriu os olhos para um quarto iluminado por feixes brilhantes de luz do sol que atravessavam as venezianas semiabertas. Avistou um teto alto, paredes brancas, ladrilhos vermelhos. O ar era ameno. A realidade voltou lentamente. Era seu quarto, sua casa, Florença. Estivera doente.

A doença foi a primeira coisa que recordou. Começara com erupções na pele, manchas púrpura escuras no peito, depois nos braços, por toda parte. Surgira um caroço doloroso na axila, um bubo. Tivera febre, suando na cama, emaranhando os lençóis ao se contorcer. Vomitara e tossira sangue. Pensara que iria morrer. O pior de tudo era a sede, terrível, insaciável, que o fazia ter vontade de se jogar no rio Arno com a boca escancarada.

Não era o único a sofrer. Milhares de italianos haviam caído doentes com aquela peste... dezenas de milhares. Metade dos trabalhadores de suas obras havia desaparecido, assim como a metade dos empregados de sua casa. Quase todas as pessoas que contraíam a doença morriam em cinco dias. Era chamada de *la moria grande*, a grande morte.

Mas ele estava vivo.

Teve a sensação persistente de que tomara uma decisão da maior importância enquanto estava doente, mas não conseguia se lembrar qual era. Concentrou-se por um momento. Quanto mais pensava a respeito, no entanto, mais esquiva a memória se tornava, até que desapareceu por completo.

Merthin se sentou na cama. Os braços e pernas estavam fracos, a cabeça girou por um momento. Usava um camisolão de linho limpo e se perguntou quem o teria vestido nele. Depois de um momento, levantou-se.

Tinha uma casa com quatro andares e um pátio. Ele mesmo a projetara e construíra, com uma fachada plana em vez dos tradicionais andares salientes. Havia detalhes arquitetônicos interessantes, como as arcadas de janelas redondas e as colunas clássicas. Os vizinhos a chamavam de *palagetto*, pequeno palácio. Isso acontecera há sete anos. Vários prósperos mercadores florentinos lhe haviam pedido que construísse *palagetti*, e fora assim que sua carreira deslanchara.

Florença era uma república, sem um príncipe ou duque reinante, dominada por uma elite de famílias de mercadores em permanente conflito. A cidade era povoada por milhares de tecelões, mas eram os mercadores que ganhavam fortunas. Gastavam seu dinheiro na construção de casas grandiosas, o que fazia da cidade o lugar perfeito para um jovem e talentoso arquiteto prosperar. Merthin foi até a porta do quarto e chamou a esposa:

– Silvia! Onde você está? – Era com a maior naturalidade que falava agora o dialeto toscano, depois de nove anos na cidade.

Lembrou-se no instante seguinte. Silvia também ficara doente. E o mesmo acontecera com a filha, que tinha apenas 3 anos. Seu nome era Laura, mas haviam adotado a maneira infantil como ela se referia a si mesma, Lolla. O coração de Merthin foi dominado por um medo terrível. Silvia estaria viva? E Lolla?

A casa estava quieta. E a cidade também, ele percebeu subitamente. O ângulo dos raios do sol entrando pelas janelas indicava que era o meio da manhã. Deveria estar ouvindo naquele momento os gritos dos vendedores ambulantes das ruas, o ressoar dos cascos dos cavalos, o ranger das rodas de madeira das carroças, o murmúrio de mil conversas ao fundo... mas não havia nada.

Subiu a escada. Em sua fraqueza, o esforço o deixou ofegante. Abriu a porta do quarto da filha. Parecia vazio. Um suor de medo se espalhou por seu corpo. Lá estavam a cama de Lolla, um pequeno baú para suas roupas, uma caixa com brinquedos, uma mesa em miniatura, com duas cadeiras pequenas. E depois ouviu um barulho. Ali, no canto, viu Lolla, sentada no chão, usando um vestido limpo, brincando com um cavalo de madeira que tinha pernas articuladas. Merthin soltou um grito estrangulado de alívio. A menina ouviu e ergueu os olhos.

– Papai... – disse ela, sem demonstrar qualquer surpresa.

Merthin se adiantou para pegá-la no colo e abraçá-la.

– Você está viva! – exclamou ele, em inglês.

Ouviu um som no quarto ao lado. Logo depois, Maria apareceu. Era a babá de Lolla, uma mulher de cabelos grisalhos na casa dos 50 anos.

– Amo! Levantou-se finalmente... Está melhor?

– Onde está sua ama?

O rosto de Maria murchou.

– Sinto muito, amo. A ama morreu.

– Mamãe foi embora – disse Lolla.

Merthin sentiu o choque como se fosse um golpe poderoso. Entregou Lolla a Maria. Em movimentos lentos e cuidadosos, virou-se e deixou o quarto. Desceu a escada para o *piano nobile*, o andar principal. Olhou para a mesa comprida, as cadeiras vazias, os tapetes no chão, os retratos nas paredes. Parecia a casa de outra pessoa.

Parou diante de um quadro da Virgem Maria com sua mãe. Os pintores italianos eram superiores aos ingleses ou quaisquer outros, e aquele dera a Santa Ana o rosto de Silvia. Era uma beleza orgulhosa, com a pele azeitonada impecável e as feições nobres, mas o pintor percebera a paixão sensual fumegando naqueles olhos castanhos distantes.

Era difícil aceitar que Silvia não mais existia. Ele pensou no corpo esguio, recordou como admirara, muitas e muitas vezes, os seios perfeitos. Aquele corpo, com o qual tivera uma intimidade total, estava agora no fundo da terra, em algum lugar. Quando imaginou isso, as lágrimas finalmente afloraram a seus olhos e ele soluçou em desespero.

Onde seria a sepultura? Merthin lembrou que os funerais haviam cessado em Florença: as pessoas tinham pavor de sair de casa. Limitavam-se a levar os cadáveres para fora, deixando-os nas ruas. Os ladrões, mendigos e bêbados da cidade haviam adquirido uma nova profissão: eram chamados de carregadores de cadáveres, os *becchini*, e cobravam preços exorbitantes para levar os corpos e sepultá-los em covas coletivas. Talvez Merthin nunca descobrisse onde Silvia fora enterrada.

Haviam casado quatro anos antes. Olhando para seu retrato, com o vestido

vermelho tradicional de Santa Ana, Merthin sofreu um acesso de angustiada franqueza. Perguntou-se se realmente a amara. Gostara muito dela, mas não fora uma paixão devastadora. Silvia tinha um espírito independente e uma língua afiada, e ele foi o único homem em Florença com coragem para cortejá-la, apesar da riqueza de seu pai. Em troca, ela lhe dera devoção absoluta. Mas Silvia avaliara com precisão a qualidade do amor do marido.

– Em que você está pensando? – indagava de vez em quando.

Merthin tinha um sobressalto de culpa, porque estivera se lembrando de Kingsbridge. Não demorava muito para que Silvia mudasse a pergunta:

– Em quem você está pensando?

Ele nunca enunciara o nome de Caris, mas Silvia dizia:

– Deve ser em uma mulher. Dá para perceber pela sua expressão.

Pouco depois ela passara a falar sobre “sua jovem inglesa”.

– Está se lembrando de sua jovem inglesa.

E sempre tinha razão. Mas parecia aceitar. Merthin era fiel. E adorava Lolla.

Depois de algum tempo, Maria lhe serviu sopa e pão.

– Que dia é hoje? – perguntou Merthin.

– Terça-feira.

– Quanto tempo fiquei acamado?

– Duas semanas. Ficou muito doente.

Ele se perguntou por que sobrevivera. Algumas pessoas nunca sucumbiam à doença, como se tivessem uma proteção natural; aqueles que pegavam a peste quase sempre morriam. Mas a pequena minoria que se recuperava da peste era duplamente afortunada, pois ninguém jamais contraíra a doença pela segunda vez.

Ao acabar de comer, sentiu-se mais forte. Tinha de reconstruir sua vida, pensou. Desconfiava de que já tomara essa decisão antes, durante a doença, mas foi novamente atormentado pelo fio de memória que escapava do seu alcance.

A primeira tarefa agora era descobrir quanto de sua família restara.

Merthin levou os pratos para a cozinha, onde Maria alimentava Lolla com pão embebido em leite de cabra.

– E os pais de Silvia? – perguntou ele. – Ainda estão vivos?

– Não sei. Só tenho saído de casa para comprar comida.

– É melhor eu descobrir.

Merthin se vestiu e desceu. O andar térreo da casa era uma oficina, com o pátio nos fundos usado para estocar madeira e pedra. Não havia ninguém trabalhando, dentro ou fora da casa.

Saiu. Os prédios ao redor eram quase todos de pedra, alguns espetaculares. Kingsbridge não tinha residências que pudessem se comparar. O homem mais rico de Kingsbridge, Edmund Wooler, residia numa casa de madeira. Ali, em Florença, só os pobres viviam em casas desse tipo.

A rua estava deserta. Merthin nunca a vira assim, nem mesmo durante a noite. O efeito era sinistro. Ele se perguntou quantas pessoas teriam morrido: um terço da população? A metade? Seus fantasmas ainda estariam à espreita nas vielas e cantos escuros, observando, invejosos, os sobreviventes afortunados?

A casa de Christi ficava na rua seguinte. O sogro de Merthin, Alessandro Christi, fora o seu primeiro e melhor amigo em Florença. Um colega de escola de Buonaventura Caroli, Alessandro oferecera a Merthin seu primeiro trabalho na cidade, a construção de um armazém simples. Ele era o avô de Lolla.

A porta do *palagetto* de Alessandro estava trancada, o que era muito estranho. Merthin bateu na madeira e esperou. Depois de algum tempo, a porta foi aberta por Elizabetta, uma mulher pequena e gorducha que era a lavadeira de Alessandro. Ela o encarou em choque.

– Você está vivo!

– Olá, Betta. Fico contente em ver que você também está viva.

Ela se virou e gritou para o interior da casa:

– É o lorde inglês!

Merthin dissera que não era um lorde, mas os criados não acreditavam. Ele entrou.

– Alessandro?

Elizabetta balançou a cabeça e começou a chorar.

– E sua ama?

– Os dois morreram.

A escada levava do vestíbulo ao andar principal. Merthin subiu devagar, surpreso ao descobrir como ainda se sentia fraco. Sentou na sala principal para recuperar o fôlego. Alessandro fora um homem rico, e aquela sala era um

mostruário de tapetes e tapeçarias, quadros, ornamentos com pedras preciosas, livros.

– Quem mais está aqui? – perguntou a Elizabetta.

– Apenas Lena e suas crianças.

Lena era uma escrava asiática, um caso excepcional mas não exclusivo nas prósperas famílias florentinas. Tinha duas crianças pequenas de Alessandro, um menino e uma menina. O pai sempre os tratara como sua prole legítima. Silvia até comentara que ele os mimava mais do que jamais fizera com ela e o irmão. O arranjo era considerado excêntrico em vez de escandaloso pelos sofisticados florentinos. Merthin perguntou:

– O que pode me dizer sobre o Signor Gianni? – Gianni era o irmão de Silvia.

– Ele morreu. E a esposa também. A criança está aqui comigo.

– Santo Deus!

Betta indagou, hesitante:

– E sua família, milorde?

– Minha esposa morreu.

– Sinto muito.

– Mas Lolla está viva.

– Graças a Deus!

– Maria tem cuidado dela.

– Maria é uma boa mulher. Gostaria de beber alguma coisa?

Merthin assentiu com a cabeça e Betta se retirou.

As crianças de Lena entraram na sala para vê-lo: um menino de olhos escuros de 7 anos que parecia com Alessandro e uma linda menina de 4 anos, com os olhos asiáticos da mãe. Um momento depois, apareceu a própria Lena, uma linda mulher na casa dos 20 anos com a pele dourada e os malares salientes. Trazia uma taça de prata com um vinho tinto toscano escuro e uma bandeja com amêndoas e azeitonas.

– Vai morar aqui, milorde?

Merthin ficou surpreso com a indagação.

– Acho que não. Por que pergunta?

– A casa é sua agora. – Ela acenou com a mão para indicar a riqueza da

família Christi. – Tudo é seu.

Merthin percebeu que ela tinha razão. Era o único parente adulto de Alessandro Christi ainda vivo. Isso o tornava o herdeiro... e o guardião de três crianças, além de Lolla.

– Tudo – repetiu Lena, fitando-o nos olhos.

Merthin sustentou seu olhar expressivo e entendeu que ela estava se oferecendo.

Considerou a perspectiva. A casa era linda. Era o lar para as crianças de Lena, um lugar familiar para Lolla e até mesmo para o bebê de Gianni: todas as crianças seriam felizes ali. Ele herdara dinheiro suficiente para viver sem trabalhar pelo resto da vida. Lena era uma mulher de inteligência e experiência, e ele podia imaginar com facilidade os prazeres de desfrutar de sua intimidade.

Ela leu seus pensamentos. Pegou sua mão e a apertou contra os seios. Eram macios e quentes, como ele pôde sentir através do vestido leve de lã.

Mas não era isso que ele queria. Merthin puxou a mão de Lena e a beijou.

– Providenciarei para que você e suas crianças tenham tudo que precisarem – disse ele. – Não se preocupe.

– Obrigada, milorde.

Mas Lena parecia desapontada. Alguma coisa em seus olhos dizia a Merthin que a oferta não fora apenas pelo arranjo prático. Ela esperava sinceramente que Merthin pudesse se tornar mais do que apenas seu novo dono. Mas isso era parte do problema. Ele não podia imaginar fazer sexo com uma mulher que era sua propriedade. A ideia era tão desagradável que lhe causava repulsa.

Tomou um gole do vinho e sentiu-se mais forte. Se não se sentia atraído por uma vida fácil de luxo e pela satisfação sensual, o que ele queria? Sua família quase desaparecera: só restava Lolla. Mas ainda tinha o trabalho. Em diferentes lugares da cidade havia três projetos seus em construção. Não tinha a menor intenção de renunciar ao trabalho que amava. Não sobrevivera à grande morte para se tornar um ocioso. Recordou sua ambição juvenil de construir o prédio mais alto da Inglaterra. Recomeçaria de onde parara. Haveria de se recuperar da perda de Silvia ao se empenhar em seus projetos de construção. Merthin se levantou para ir embora. Lena o abraçou.

– Obrigada – disse ela. – Obrigada por dizer que vai cuidar das minhas

crianças.

Ele afagou as costas dela.

– São filhos de Alessandro. – Em Florença, os filhos de escravas não eram escravos. – Quando crescerem, serão ricos.

Merthin afastou os braços de Lena gentilmente e desceu a escada. Todas as casas estavam trancadas, as janelas fechadas. Ele viu em algumas portas mortalhas envolvendo o que presumiu serem cadáveres. Havia umas poucas pessoas nas ruas, mas quase todas eram pobres. A desolação era angustiante.

Florença era a maior cidade do mundo cristão, uma ruidosa metrópole comercial que produzia milhares de metros do melhor tecido de lã todos os dias, um mercado em que vastas somas de dinheiro eram pagas por não mais que a garantia de uma carta de Antuérpia ou a promessa verbal de um príncipe. Caminhar por aquelas ruas silenciosas e vazias era como ver um cavalo ferido que caíra e não podia se levantar: uma imensa força subitamente virava nada. Ele não encontrou ninguém de seu círculo de conhecidos. Presumiu que os amigos preferiam ficar dentro de casa – os que ainda continuavam vivos.

Seguiu primeiro para uma praça próxima, na antiga cidade romana, em que estava construindo um chafariz para a municipalidade. Projetara um sistema elaborado para reciclar quase toda a água durante os secos e prolongados verões de Florença.

Quando chegou à praça, porém, constatou no mesmo instante que não havia ninguém trabalhando ali. Os canos subterrâneos haviam sido instalados e cobertos antes que ele caísse doente. Além disso, já havia sido assentada a primeira fileira de pedras para o plinto em degraus ao redor do tanque. Mas a aparência empoeirada e negligenciada das pedras indicava que nenhum trabalho era feito ali havia dias. Pior ainda, uma pequena pirâmide de argamassa, numa tábua, endurecera e virara uma massa sólida, de onde se soltou alguma poeira quando ele deu um chute. Havia até algumas ferramentas espalhadas pelo chão. Era um milagre que não tivessem sido roubadas.

O chafariz seria espetacular. Na oficina de Merthin vinha trabalhando o melhor escultor de pedra da cidade, preparando a peça central... ou estivera. Merthin ficou desapontado ao descobrir que o trabalho fora interrompido. Não era possível que todos os construtores da cidade tivessem morrido, não é

mesmo? Talvez estivessem apenas esperando para saber se Merthin se recuperaria.

Aquele era o menor de seus três projetos, embora fosse de grande prestígio. Ele deixou a praça e seguiu para o norte, a fim de inspecionar outro. Mas começou a ficar mais e mais preocupado enquanto andava. Ainda não encontrara ninguém com informações suficientes para lhe dar uma perspectiva mais ampla. O que restara do governo da cidade? A peste estava diminuindo ou piorando? E o que acontecera no resto da Itália?

Uma coisa de cada vez, disse a si mesmo.

Também estava construindo uma casa para Giulielmo Caroli, o irmão mais velho de Buonaventura. Seria um verdadeiro *palazzo*, uma casa com fachada dupla, projetada em torno de uma escada espetacular, mais larga do que algumas ruas da cidade. O andar térreo já estava todo de pé. A fachada se inclinava para trás e para cima, a partir do solo, a ligeira projeção dando uma impressão de fortificação, mas, acima, havia duas janelas elegantes, em arcadas pontudas em forma de trevo. O projeto dizia que as pessoas lá dentro eram ao mesmo tempo poderosas e refinadas, e era isso que a família Caroli queria.

O andaime para o segundo andar fora erguido, mas não havia ninguém trabalhando. Deveria haver pelo menos cinco pedreiros assentando as pedras. Mas a única pessoa no local era um velho que servia como zelador e morava numa cabana de madeira nos fundos do terreno. Merthin o encontrou cozinhando uma galinha sobre uma fogueira. O idiota usara caríssimos blocos de mármore para servir como lareira.

– Onde estão todos? – perguntou Merthin em tom áspero. O zelador se levantou de um pulo.

– O Signor Caroli morreu, e seu filho Agostino não quis pagar os homens. Por isso, todos foram embora... isto é, aqueles que não tinham morrido.

Era um tremendo golpe. A família Caroli era uma das mais ricas de Florença. Se achavam que não podiam mais arcar com os custos da construção, então a crise era mesmo grave.

– Quer dizer que Agostino está vivo?

– Está, sim, amo. Eu o vi esta manhã.

Merthin conhecia o jovem Agostino. Não era tão esperto quanto o pai ou o

tio Buonaventura, por isso compensava com um comportamento prudente e conservador. Não recomeçaria a construção enquanto não tivesse certeza de que as finanças da família haviam se recuperado dos efeitos da peste.

Mas Merthin tinha certeza de que seu terceiro e maior projeto continuaria a ser executado. Estava construindo uma igreja para uma ordem de frades muito favorecida pelos mercadores da cidade. O local ficava ao sul do rio e por isso ele atravessou a ponte nova.

A ponte fora concluída apenas dois anos antes. Merthin até realizara algum trabalho ali, sob a orientação do principal projetista, o pintor Taddeo Gaddi. A ponte tinha de resistir à correnteza rápida do rio, como sempre acontecia quando as neves do inverno derretiam. Merthin ajudara a projetar as pilastras. Agora, ao passar por ela, ficou consternado ao constatar que todas as pequenas lojas de ourives na ponte estavam fechadas... o que era outro mau sinal.

A igreja de Sant'Anna dei Frari era o seu projeto mais ambicioso até agora. Era enorme, mais como uma catedral – os frades eram ricos –, embora nem um pouco parecida com a catedral de Kingsbridge. A Itália tinha catedrais góticas, sendo a de Milão uma das maiores, mas os italianos de mentalidade moderna não gostavam da arquitetura da França e da Inglaterra: consideravam as janelas imensas e as arcadas que se projetavam pelo teto como um fetiche estrangeiro. A obsessão pela claridade, que fazia sentido no sombrio noroeste da Europa, parecia uma distorção na ensolarada Itália, onde as pessoas procuravam sombra e frescor. Os italianos se identificavam com a arquitetura clássica da Roma Antiga, cujas ruínas podiam ser vistas por toda parte ali. Gostavam de empenas e arcadas redondas e rejeitavam as paredes externas muito esculpidas e ornamentadas em favor de padrões decorativos de pedras e mármores de cores diferentes.

Mas Merthin surpreenderia até mesmo os florentinos com aquela igreja. O projeto era uma série de quadrados, cada um encimado por um domo – cinco em linha e dois em cada lado da interseção. Ele já ouvira falar de domos quando ainda vivia na Inglaterra, mas nunca vira nenhum até visitar a catedral de Siena. Não havia nenhum domo em Florença. O clerestório seria formado por uma fileira de janelas redondas ou óculos. Em vez de colunas estreitas que se projetavam ansiosamente para o céu, aquela igreja teria círculos, completos em

si mesmos, com a aparência de autossuficiência ligada a terra, que caracterizava o povo comercial de Florença.

Ficou desapontado, mas não surpreso, ao descobrir que não havia pedreiros nos andaimes, nenhum trabalhador deslocando as enormes pedras, nem as mulheres que preparavam a argamassa com suas imensas pás. O local da obra estava tão quieto e silencioso quanto os outros dois. Naquele caso, porém, ele estava confiante em que logo poderia reiniciar a execução do projeto. Uma ordem religiosa tinha vida própria, independente dos indivíduos. Ele deu a volta pela obra e entrou no mosteiro dos frades.

O lugar também estava silencioso. Os mosteiros deveriam ser sempre assim, é claro, mas havia uma qualidade naquele silêncio que o deixou nervoso. Merthin passou do vestíbulo para a sala de espera. Havia em geral um irmão de serviço ali, estudando as escrituras nos intervalos do atendimento aos visitantes. Hoje, no entanto, aquela sala estava vazia. Com sombria apreensão, Merthin passou por outra porta e se achou no claustro. Não havia ninguém no pátio.

– Olá! – gritou. – Tem alguém aqui?

Sua voz ressoou pelas arcadas de pedra. Ele revistou o mosteiro. Todos os frades haviam desaparecido. Na cozinha, encontrou três homens sentados à mesa, comendo presunto e bebendo vinho. Usavam as roupas caras dos mercadores, mas tinham os cabelos emaranhados, as barbas não aparadas, as mãos sujas: eram pobres que usavam roupas dos mortos. Quando entrou na cozinha, os homens exibiram expressões de culpa, mas também de desafio.

– Onde estão os santos irmãos? – perguntou Merthin.

– Todos morreram – respondeu um dos homens.

– Todos?

– Todos, sem exceção. Eles cuidavam dos doentes e por isso pegaram a doença.

O homem estava bêbado, Merthin percebeu. Mas parecia dizer a verdade. Aqueles três pareciam muito à vontade, sentados no mosteiro, comendo a comida dos frades, bebendo seu vinho. Era evidente que sabiam que não restara ninguém para protestar.

Merthin retornou à obra da nova igreja. As paredes do coro e dos transeptos já haviam sido levantadas; os óculos no clerestório eram visíveis. Sentou no

meio da interseção, entre pilhas de pedras, olhando para sua obra. Por quanto tempo o projeto seria retardado? Se os frades estavam mortos, quem providenciaria o dinheiro? Até onde ele sabia, aqueles frades não faziam parte de uma ordem maior. A herança poderia ser reivindicada pelo bispo, talvez até pelo próprio papa. Havia um emaranhado legal ali que poderia levar anos para ser resolvido.

Naquela manhã, ele decidira mergulhar no trabalho como uma maneira de curar a ferida da morte de Silvia. Agora, era evidente que não teria trabalho, pelo menos por algum tempo. Desde que começara a reparar o telhado da igreja de Saint Mark, em Kingsbridge, dez anos antes, tivera sempre pelo menos um projeto de construção em andamento. Sem isso, ficaria perdido. E o pensamento o deixou em pânico.

Acordara para descobrir toda a sua vida em ruínas. O fato de que se tornara muito rico de repente só servia para aumentar ainda mais a sensação de pesadelo. Lolla era a única parte de sua vida que lhe restava.

Nem sabia para onde ir naquele momento. Voltaria para casa, mais cedo ou mais tarde. Mas não podia passar o dia inteiro brincando com a filha de 3 anos e conversando com Maria. Por isso, permaneceu onde estava, sentado num disco de pedra esculpido que seria usado numa coluna, olhando para o lugar que seria a nave.

Enquanto o sol descrevia sua curva descendo o céu, Merthin começou a recordar sua doença. Tivera certeza de que morreria. Tão poucos sobreviviam que ele não tinha qualquer esperança de estar entre os afortunados. Em seus momentos mais lúcidos, revisara sua vida, como se estivesse se aproximando do fim. Chegara a alguma conclusão da maior importância, ele sabia, mas, desde que se recuperara, não conseguia recordar qual era. Ali, na tranquilidade da igreja inacabada, ele lembrou que cometera um único grande erro em sua vida. Qual teria sido? Brigara com Elfric, fizera sexo com Griselda, rejeitara Elizabeth Clerk... Todas essas decisões haviam causado problemas, mas nenhuma podia ser considerada como o erro de uma vida inteira.

Estendido na cama, suando, tossindo, atormentado pela sede, ele quase desejara morrer, mas não de todo. Alguma coisa o mantivera vivo... e então lhe ocorreu o que fora.

Queria ver Caris novamente.

Era essa a sua razão para viver. Em seu delírio, vira o rosto de Caris. Chorara de desespero ao pensar que poderia morrer ali, a milhares de quilômetros de Caris. O grande erro de sua vida fora deixá-la.

Ao recuperar finalmente a memória esquiva e apreender a verdade ofuscante da revelação, foi dominado por uma estranha espécie de felicidade.

Não fazia sentido, refletiu Merthin. Ela ingressara no convento. Recusara-se a vê-lo, a dar qualquer explicação. Mas a alma dele não era racional e lhe dizia que deveria ficar no mesmo lugar em que Caris se encontrava.

Merthin se perguntou o que Caris estaria fazendo naquele instante, enquanto ele sentava numa igreja inacabada, numa cidade quase destruída pela peste. A última notícia que recebera de Kingsbridge era a de que ela fora ordenada pelo bispo. A decisão era irrevogável... ou pelo menos era o que as pessoas diziam. Mas Caris nunca aceitara o que os outros lhe diziam ser as regras. Por outro lado, depois que tomava uma decisão, era quase impossível fazê-la mudar de ideia. Não podia haver a menor dúvida de que ela se empenhava em sua nova vida com total dedicação.

Não fazia diferença. Ele queria vê-la de novo. Não fazer isso seria o segundo maior erro de sua vida.

E agora ele estava livre. Todos os seus vínculos com Florença haviam sido cortados. Sua esposa morrera, assim como todos os parentes pelo casamento, exceto por três crianças. A única família que ele tinha ali era sua filha, Lolla, e poderia levá-la. Ela era tão pequena, pensou, que dificilmente perceberia que eles haviam partido de Florença.

Seria uma mudança radical, disse a si mesmo. Primeiro, teria de confirmar o testamento de Alessandro e tomar as providências relativas às crianças. Agostino Caroli o ajudaria nisso. Depois, teria de converter sua fortuna em ouro e cuidar para que este fosse transferido para a Inglaterra. A família Caroli também poderia cuidar disso, se sua rede internacional ainda estivesse intacta. E, o mais assustador, teria de realizar a viagem de quase 2 mil quilômetros desde Florença, atravessando a Europa, até chegar a Kingsbridge. E tudo isso sem ter a menor ideia de como Caris o receberia.

Era uma decisão que exigia, é claro, longos e cuidadosos pensamentos.

Mas ele decidiu em poucos momentos. Voltaria para sua terra.

54

Merthin deixou a Itália em companhia de uma dúzia de mercadores de Florença e Lucca. Em Gênova embarcaram num navio para o antigo porto francês de Marselha. De lá, viajaram por terra até Avignon, a sede do papado durante os últimos quarenta anos ou mais, a corte mais suntuosa da Europa... e a cidade mais malcheirosa que Merthin já conhecera. Ali, se juntaram a um grupo grande de clérigos e peregrinos de volta ao norte.

Todos viajavam em grupo; quanto maior, melhor. Os mercadores levavam dinheiro e produtos caros e contratavam homens de armas para defendê-los dos bandidos. Ficavam felizes em ter companhia: hábitos sacerdotais e emblemas de peregrinos podiam dissuadir os assaltantes. Até mesmo os viajantes comuns, como Merthin, podiam ajudar, pelo simples aumento do número.

Merthin confiara a maior parte de sua fortuna à família Caroli, em Florença. Seus parentes na Inglaterra lhe dariam o dinheiro. Os Carolis sempre realizavam esse tipo de transação internacional. Merthin usara seus serviços nove anos antes, ao transferir uma fortuna menor de Kingsbridge para Florença. Mesmo assim, ele sabia que o sistema não era completamente infalível: as famílias podiam ir à falência, ainda mais quando se envolviam em empréstimos para homens que não mereciam qualquer confiança, como reis e príncipes. Por isso levava uma grande quantia em florins de ouro costurados na camisa de baixo.

Lolla gostou da viagem. Como única criança na caravana, era mimada por todos. Durante as longas cavalgadas, ela sentava na sela na frente de Merthin, que a envolvia com seus braços, enquanto as mãos seguravam as rédeas. Ele entoava cantigas infantis, contava histórias e falava sobre as coisas que viam, como árvores, moinhos, pontes, igrejas. Era provável que ela não entendesse a metade do que o pai dizia, mas o som de sua voz a deixava feliz.

Nunca antes Merthin passara tanto tempo com a filha. Ficavam juntos o dia inteiro, todos os dias, semana após semana. Ele torcia para que essa intimidade compensasse em parte a perda da mãe. O inverso também acontecia, com toda a certeza: sem a filha, ele sentiria uma terrível solidão. Não falava mais com Lolla sobre a mãe, mas de vez em quando ela o enlaçava pelo pescoço e apertava com força, em desespero, como se tivesse medo de que ele também partisse.

Ele só sentiu pesar quando parou na frente da grande catedral de Chartres, a 100 quilômetros de Paris. Havia duas torres no lado oeste. A torre norte estava inacabada, mas a torre sul tinha 107 metros de altura. Lembrou-lhe que outrora sonhara em projetar prédios assim. Era improvável que realizasse essa ambição em Kingsbridge.

Merthin passou duas semanas em Paris. A peste não chegara até ali e foi um imenso alívio observar a vida normal de uma vasta cidade, pessoas comprando e vendendo, andando de um lado para outro, em vez de ruas vazias e cadáveres diante das casas. Reanimou-se e só então percebeu como ficara abalado com o horror que deixara para trás, em Florença. Estudou as catedrais e os palácios de Paris, fazendo desenhos dos detalhes que o interessavam. Tinha um pequeno livro de anotações, feito de papel, um novo material para se escrever popular na Itália.

Ao deixar Paris, acompanhou uma família nobre que voltava para Cherbourg. Ao ouvirem Lolla falar, as pessoas presumiam que Merthin era italiano. Ele não desmentia, pois os ingleses eram muito odiados no norte da França. Com a família e seu séquito, Merthin atravessou a Normandia sem pressa, com Lolla na sela à sua frente e seu cavalo de carga puxado pela rédea. Estudou as igrejas e abadias que haviam sobrevivido à devastação da invasão do rei Eduardo, quase dois anos antes.

Poderia viajar mais depressa, mas disse a si mesmo que estava aproveitando ao máximo uma oportunidade que poderia não se repetir, a chance de conhecer uma rica variedade de arquitetura. Mas, nos momentos de franqueza consigo mesmo, tinha de admitir que sentia medo do que poderia descobrir ao chegar a Kingsbridge.

Estava voltando para Caris, mas não seria a mesma Caris que deixara há nove anos. Ela podia ter mudado, em termos físicos e mentais. Algumas freiras

se tornavam muito gordas, a comida sendo seu único prazer na vida. Era mais provável, no entanto, que Caris tivesse assumido uma magreza etérea, passando fome no êxtase da abnegação. A esta altura, ela podia estar obcecada pela religião, rezando o dia inteiro, empenhada em se infligir flagelações por pecados imaginários. Ou podia ter morrido.

Esses eram seus pesadelos mais delirantes. No fundo do coração, porém, sabia que ela não se tornara gorda demais nem uma fanática religiosa. E, se tivesse morrido, ele teria sido informado, da mesma forma como tomara conhecimento da morte de seu pai, Edmund. Encontraria a mesma Caris, pequena e impecável, a mente ágil, organizada, determinada. E como Caris se sentiria em relação a ele depois de nove anos? Pensaria nele com indiferença, como uma parte de seu passado remota demais para se importar, tal como ele pensava, por exemplo, em Griselda? Ou ainda o desejaria, em algum lugar no fundo de sua alma? Merthin não tinha a menor ideia, e essa era a verdadeira causa de sua ansiedade.

Ele e Lolla navegaram para Portsmouth e depois seguiram com um grupo de mercadores. Deixaram o grupo em Mudeford Crossing, os mercadores seguindo para Shiring, enquanto Merthin e Lolla vadeavam o rio raso a cavalo e pegavam a estrada para Kingsbridge. Era uma pena, pensou Merthin, que não houvesse uma placa visível indicando o caminho para Kingsbridge. Ele especulou quantos mercadores continuavam a viagem para Shiring apenas porque não sabiam que Kingsbridge ficava mais perto.

Era um dia quente de verão. O sol brilhava ao se aproximarem de seu destino. A primeira coisa que ele avistou em Kingsbridge foi o topo da torre da catedral, visível acima das árvores. Pelo menos não desabara, pensou Merthin: os reparos de Elfric resistiam há onze anos. Era uma pena que a torre não pudesse ser vista de Mudeford Crossing – faria uma enorme diferença no número de pessoas que visitavam a cidade.

Ao chegarem mais perto, ele começou a sentir uma estranha mistura de excitação e medo que o deixou nauseado. Por algum tempo, teve receio de ser obrigado a saltar para vomitar. Tentou permanecer calmo. O que poderia acontecer? Mesmo que Caris se mostrasse indiferente, ele não morreria.

Viu diversos prédios novos no subúrbio de Newtown. A esplêndida casa que

construíra para Dick Brewer não ficava mais no extremo de Kingsbridge, pois a cidade a ultrapassara.

Esqueceu por um momento a apreensão ao ver sua ponte. Erguia-se numa curva graciosa desde a margem do rio e ia pousar com toda a elegância na ilha no meio da correnteza. No outro lado da ilha, a ponte tornava a subir sobre o segundo canal. As pedras faiscavam ao sol. Pessoas e carroças atravessavam a ponte nas duas direções. A cena fez seu coração se inflar de orgulho. Era tudo o que ele esperava que seria: linda, útil e forte. Eu fiz essa ponte, pensou, e é uma coisa boa.

Mas ele sofreu um choque quando chegou mais perto. O trabalho de alvenaria no arco mais próximo estava avariado em torno da pilastra central. Dava para ver as rachaduras, tudo reparado com cintas de ferro de maneira inepta, a marca típica de Elfric. Ficou consternado. Manchas marrons de ferrugem escorriam dos pregos que fixavam as horrendas cintas na alvenaria. A cena o levou de volta ao passado, onze anos antes, aos reparos de Elfric na velha ponte de madeira. Todos podem cometer erros, pensou Merthin, mas as pessoas que não aprendem com seus erros tornam a cometê-los.

– Idiotas desgraçados! – exclamou em voz alta.

– Idiotas desgraçados – repetiu Lolla, que começava a falar inglês.

Ele cavalgou através da ponte. Ficou feliz ao verificar que o leito da estrada fora feito direito. Também se sentiu satisfeito com o parapeito, uma barreira vigorosa com a pedra angular esculpida, lembrando as molduras na catedral.

A ilha dos Leprosos continuava infestada de coelhos. Merthin ainda mantinha o arrendamento da ilha. Em sua ausência, Mark Webber recebia os aluguéis dos ocupantes e todos os anos pagava o arrendamento ao priorado. Tirava a comissão por seus serviços e mandava o saldo para Merthin em Florença, por intermédio da família Caroli. Depois de todas as deduções, era uma quantia mínima, mas aumentava a cada ano.

A casa de Merthin na ilha tinha aparência de estar ocupada, as janelas abertas, o pátio varrido. Ele providenciara para que Jimmie morasse lá. O garoto devia ser um homem agora, pensou.

Na extremidade mais próxima do segundo vão da ponte havia um velho que Merthin não reconheceu, sentado ao sol, recebendo o pedágio. Merthin lhe deu 1

penny . O velho o fitou atentamente, como se tentasse recordar onde já o vira antes, mas não disse nada.

A cidade era ao mesmo tempo familiar e estranha. Porque era quase a mesma, as mudanças impressionavam Merthin e pareciam milagrosas, como se tivessem ocorrido da noite para o dia: uma fileira de choupanas derrubada e substituída por boas casas; uma movimentada estalagem onde antes havia uma casa grande e sombria ocupada por uma viúva rica; um poço que secara e fora tapado; uma casa cinzenta pintada de branco.

Seguiu para a Bell Inn, na rua principal, junto aos portões do priorado. Permanecia inalterada: uma taverna tão bem localizada provavelmente duraria centenas de anos. Deixou os cavalos e a bagagem com um cavalariço e entrou, segurando a mão de Lolla.

A Bell era como as tavernas em toda parte: uma sala grande na frente, com mesas e bancos toscos, e uma área nos fundos, onde eram guardados os barris de cerveja e vinho e se preparava a comida. Porque era popular e lucrativa, a palha no chão era mudada com frequência, as paredes, pintadas de branco e, no inverno, um fogo imenso ardia na lareira. Agora, no calor do verão, todas as janelas estavam abertas e uma suave brisa soprava pela sala da frente.

Passado um momento, Bessie Bell veio da sala dos fundos. Nove anos antes, era uma jovem cheia de curvas; agora, era uma mulher voluptuosa. Fitou-o sem reconhecê-lo, mas Merthin percebeu que ela avaliou suas roupas e o considerou um freguês próspero.

– Bom dia, viajante. O que posso fazer para que você e sua criança fiquem confortáveis?

Merthin sorriu.

– Eu gostaria de ir para seu quarto particular, por favor, Bessie.

Ela o reconheceu assim que ouviu sua voz.

– Por minha alma! – exclamou Bessie. – É Merthin Bridger!

Ele estendeu a mão para um aperto, mas Bessie se adiantou para envolvê-lo num abraço. Sempre sentira atração por Merthin. Ela o soltou e estudou seu rosto.

– Deixou crescer a barba. Eu o teria reconhecido antes se não fosse por isso. E esta... é sua filha?

– O nome dela é Lolla.

– Mas que linda criança! A mãe deve ser muito bonita.

– Minha esposa morreu.

– Que pena. Mas Lolla é bastante pequena para esquecer. Meu marido também morreu.

– Não sabia que tinha se casado.

– Eu o conheci depois que você foi embora. Richard Brown, de Gloucester. Ele faleceu há um ano.

– Lamento muito.

– Meu pai foi para Canterbury em peregrinação, por isso estou cuidando sozinha da taverna.

– Sempre gostei de seu pai.

– E ele também gostava de você. Ele sempre se afeiçoou a homens com um pouco de espírito. Nunca teve muita simpatia pelo meu Richard.

– Ahn... – Merthin sentiu que a conversa se tornara muito íntima depressa demais. – Tem notícia de meus pais?

– Eles não estão mais em Kingsbridge. Foram para a nova casa de seu irmão, em Tench.

Merthin soubera, por meio de Buonaventura, que Ralph se tornara lorde de Tench.

– Meu pai deve estar muito satisfeito.

– Orgulhoso como um pavão. – Ela sorriu, para depois assumir uma expressão preocupada. – Você deve estar faminto. Mandarei os garotos levarem sua bagagem para o quarto e depois servirei potagem e uma caneca de cerveja.

Bessie se virou para voltar à sala dos fundos.

– É muita gentileza sua, mas... – Bessie parou na porta – ... se quiser dar um pouco de sopa a Lolla, ficarei agradecido. Há uma coisa que tenho de fazer agora.

Bessie acenou com a cabeça.

– Claro. – Ela se abaixou para falar com Lolla: – Quer vir com a tia Bessie? Espero que queira comer um pedaço de pão. Gosta de pão fresco?

Merthin traduziu a pergunta para o italiano. Lolla balançou a cabeça, feliz. Bessie olhou para Merthin.

– Vai procurar a irmã Caris, não é?

Ele se sentiu culpado, o que era um absurdo.

– Isso mesmo. Quer dizer que ela ainda está aqui?

– Claro. É agora a mestra dos hóspedes no convento. Não ficarei surpresa se ela se tornar a prioresa um dia.

Bessie pegou a mão de Lolla e a levou para a sala dos fundos. Olhou para trás antes de desaparecer.

– Boa sorte.

Merthin saiu. Bessie podia ser um pouco sufocante, mas sua afeição era sincera. O coração de Merthin se animou por ser recebido com tanto entusiasmo. Ele entrou no terreno do priorado. Parou para olhar a fachada oeste da catedral. Tinha quase 200 anos agora e ainda continuava impressionante como sempre.

Notou um novo prédio de pedra ao norte da catedral, além do cemitério. Era um palácio de tamanho médio, com uma entrada imponente e um andar superior. Fora construído perto do lugar em que ficava a antiga casa de madeira do prior. Portanto, podia-se presumir que substituíra o prédio modesto como residência de Godwyn. Ele se perguntou de onde Godwyn teria tirado o dinheiro.

Merthin se aproximou. O palácio era imponente, mas ele não gostou do projeto. Nenhum dos níveis se relacionava de qualquer forma com a catedral que assomava por cima. Os detalhes eram descuidados. O alto da porta ostentosa bloqueava uma parte da janela superior. Pior ainda, o palácio fora construído num eixo diferente do da catedral e por isso se destacava num ângulo desfavorável.

Era uma obra de Elfric, sem dúvida.

Um gato gordo estava sentado à porta, ao sol. Era preto, com uma ponta branca no rabo. Lançou um olhar malévolo para Merthin.

Ele se voltou e foi andando devagar para o hospital. O pátio gramado da catedral estava deserto e silencioso: não havia mercado hoje. A excitação e a apreensão tornaram a deixar seu estômago embrulhado. Podia se encontrar com Caris a qualquer momento. Entrou no hospital. A sala comprida parecia mais clara e com um cheiro melhor do que recordava: tudo dava a impressão de ter sido lavado e esfregado. Havia umas poucas pessoas deitadas em colchões no chão, quase todas idosas. Diante do altar, uma jovem noviça rezava em voz alta.

Merthin esperou que ela acabasse. Sua ansiedade era tão grande que tinha certeza de que se sentia mais doente do que os pacientes nos colchões. Percorrera quase 2 mil quilômetros para aquele momento. Teria sido uma viagem perdida?

A noviça finalmente disse “Amém” pela última vez e se virou. Merthin não a conhecia. Ela se aproximou e disse, atenciosa:

– Que Deus o abençoe, estranho.

Merthin respirou fundo.

– Eu gostaria de falar com a irmã Caris.



As reuniões do capítulo das freiras ocorriam agora no refeitório. No passado, elas partilhavam com os monges a elegante casa octogonal do capítulo, no canto nordeste da catedral. Lamentavelmente, a desconfiança entre monges e freiras era agora tão grande que as freiras não queriam correr o risco de que os monges as espionassem enquanto elas tomavam suas decisões. Por isso se reuniam na sala grande e despojada em que faziam as refeições.

As autoridades do convento sentavam por trás de uma mesa, com madre Cecilia no meio. Não havia subprioresa: Natalie morrera poucas semanas antes, aos 57 anos, e Cecilia ainda não a substituíra. À direita de Cecilia sentava a tesoureira, Beth, e sua matriculária, Elizabeth. À esquerda de Cecilia sentavam Margaret, a despenseira, responsável por todos os suprimentos, e sua subordinada Caris, a mestra dos hóspedes. Trinta freiras ocupavam nas fileiras de bancos diante delas.

Depois da oração e das leituras, madre Cecilia apresentou os comunicados.

– Recebemos uma carta do senhor bispo em resposta à queixa de que o prior Godwyn roubou nosso dinheiro.

Houve um murmúrio de expectativa das freiras. A resposta demorara a chegar. O rei Eduardo levara quase um ano para substituir o bispo Richard. O conde William pressionara por Jerome, o competente administrador de seu pai. No final, porém, Eduardo escolhera Henri de Mons, um parente de sua esposa de Hainault, no Norte da França. O bispo Henri viera à Inglaterra para a cerimônia,

depois viajara para Roma, a fim de ser confirmado pelo papa, voltara e se instalara em seu palácio em Shiring, antes de responder à carta formal de queixa de Cecilia.

– O bispo se recusa a tomar qualquer decisão quanto ao roubo – acrescentou ela –, alegando que os fatos ocorreram no tempo do bispo Richard e que o passado é passado.

As freiras soltaram exclamações de espanto. Haviam aceitado a demora com a maior paciência, confiantes de que no final teriam justiça. Aquela rejeição era chocante.

Caris vira a carta antes. Não estava tão espantada quanto as outras freiras. Não era tão extraordinário assim que o novo bispo não quisesse começar a exercer suas funções brigando com o prior de Kingsbridge. A carta indicava que Henri seria um bispo pragmático, não um homem de princípios. Não era diferente, sob esse aspecto, da maioria dos homens bem-sucedidos na política da Igreja.

Mas Caris não se sentia menos desapontada por não ter sido surpreendida. A decisão significava que tinha de abandonar, pelo menos no futuro previsível, seu sonho de construir um novo hospital, onde as pessoas doentes poderiam ficar isoladas dos hóspedes saudáveis. Disse a si mesma que não devia lamentar: o priorado existia há centenas de anos sem esse luxo, portanto podia esperar uma década ou mais. Por outro lado, irritava-a ver a rápida disseminação de problemas como a doença do vômito, que Maldwyn Cook trouxera para a Feira do Velocino há dois anos. Ninguém compreendia direito como essas coisas eram transmitidas – ao se olhar para uma pessoa doente, pelo contato físico ou apenas pela presença no mesmo lugar –, mas não podia haver a menor dúvida de que muitas doenças pulavam de uma vítima para a seguinte e que a proximidade era um fator. No entanto, ela teria de esquecer tudo isso por enquanto.

Um burburinho de murmúrios ressentidos se elevou das freiras nos bancos. A voz de Mair soou mais alta do que as outras:

– Os monges vão cantar de galo, exultantes.

Mair tinha razão, pensou Caris. Godwyn e Philemon haviam escapado impunes de um roubo escancarado. Sempre alegavam que não era roubo os monges usarem o dinheiro das freiras, pois era tudo pela glória de Deus, no final

das contas. Agora considerariam que o bispo os justificara. Era uma derrota amarga, especialmente para Caris e Mair. Mas madre Cecilia não tinha a menor disposição para perder tempo com lamentações:

– Não é culpa de nenhuma de nós, exceto minha, talvez. Fomos confiantes demais.

Você confiou em Godwyn, mas eu não, pensou Caris, optando por permanecer calada. Ela esperou para ouvir o que Cecilia diria em seguida. Sabia que a prioresa pretendia promover mudanças na direção do convento, mas ninguém sabia o que decidira.

– Contudo, devemos ser mais cuidadosas no futuro. Construiremos uma tesouraria nossa, a que os monges não terão acesso. Na verdade, espero que eles nem sequer saibam onde fica. A irmã Beth vai deixar o cargo de tesoureira, com nossos agradecimentos pelos longos e leais serviços. A irmã Elizabeth tomará seu lugar. Tenho fé absoluta em Elizabeth.

Caris tentou controlar a expressão para que sua repulsa não ficasse evidente. Elizabeth testemunhara que Caris era uma bruxa. Acontecera há nove anos e Cecilia perdoara Elizabeth, mas Caris não. Mas essa não era a única razão para a antipatia. Elizabeth era amarga e tinha a mente distorcida, os ressentimentos pessoais interferindo em seu julgamento. Pessoas assim nunca podiam merecer confiança, na opinião de Caris: eram sempre propensas a tomar decisões baseadas em seus preconceitos.

– A irmã Margaret pediu permissão para deixar suas funções – prosseguiu Cecilia –, e a irmã Caris assumirá seu lugar como nova despenseira.

Caris ficou desapontada. Esperava se tornar subprioresa, a substituta de Cecilia. Tentou sorrir como se estivesse satisfeita, mas teve alguma dificuldade. Era evidente que Cecilia não pretendia designar uma subprioresa. Teria duas subordinadas rivais, Caris e Elizabeth, e deixaria que as duas brigassem. Caris se virou para Elizabeth e percebeu um ódio mal reprimido em seus olhos.

– Sob a supervisão de Caris – continuou Cecilia –, a irmã Mair será a nova mestra dos hóspedes. Mair ficou radiante de prazer. Estava contente por ter sido promovida e ainda mais feliz porque trabalharia sob as ordens de Caris, que também gostou da decisão. Mair partilhava sua obsessão por higiene e a desconfiança pelos remédios que os monges receitavam, em particular a sangria.

Caris não conseguira o que queria, mas tentou parecer feliz enquanto Cecilia anunciava diversas designações menores. Terminada a reunião, ela foi agradecer a Cecilia.

– Não imagine que foi uma decisão fácil – declarou a prioresa. – Elizabeth tem inteligência e determinação e se mostra firme onde você é instável. Mas você é imaginativa e consegue tirar o melhor das pessoas. Preciso das duas.

Caris não podia contestar a análise que Cecilia fizera dela. Ela realmente me conhece, pensou Caris com pesar, melhor do que qualquer outra pessoa no mundo, agora que meu pai morreu e Merthin foi embora. Sentiu um impulso de afeição. Cecilia era como uma ave-mãe, sempre em movimento, sempre ocupada, tomando conta de suas crias.

– Farei tudo o que puder para corresponder às suas expectativas – prometeu Caris.

Ela deixou o refeitório. Precisava dar uma olhada na Velha Julie. Não importava o que dissesse às freiras mais jovens, o fato é que ninguém cuidava de Julie como ela. Era como se acreditassem que uma velha desamparada não precisava ser mantida confortável. Somente Caris cuidava para que Julie tivesse um cobertor quando fazia frio, recebesse alguma coisa para beber quando tinha sede e fosse levada às latrinas quando tinha necessidade. Caris decidiu levar para ela uma bebida quente, uma infusão de ervas que parecia animar a velha freira. Foi para a farmácia e pôs para ferver no fogo uma pequena panela com água. Mair entrou e fechou a porta.

– Não é maravilhoso? Continuaremos a trabalhar juntas!

Enlaçou Caris e a beijou nos lábios. Caris retribuiu o abraço, mas depois se desvencilhou.

– Não me beije assim.

– É porque eu amo você.

– Também amo você, mas não da mesma maneira.

Era verdade. Caris gostava muito de Mair. Haviam se tornado muito íntimas na França quando arriscaram a vida juntas. Caris até se descobrira atraída pela beleza de Mair. Uma noite, numa taverna em Calais, quando as duas partilhavam um quarto com uma porta que podia ser trancada, ela finalmente sucumbira aos avanços de Mair, que acariciara e beijara Caris nos lugares mais íntimos e ela

fizera o mesmo com Mair. Depois, Mair dissera que fora o dia mais feliz de sua vida. Infelizmente, Caris não sentira a mesma coisa. A experiência fora agradável para ela, mas não emocionante, e ela não queria repeti-la.

– Está bem – disse Mair. – Desde que você me ame, mesmo que apenas um pouco, já me sinto feliz. Você nunca para, não é?

Caris despejou a água fervendo nas ervas.

– Quando você for tão velha quanto Julie, prometo que lhe servirei uma infusão para mantê-la saudável.

Lágrimas afloraram aos olhos de Mair.

– É a coisa mais linda que alguém já me disse.

Caris não tivera a intenção de fazer uma jura de amor eterno.

– Não seja sentimental – disse gentilmente. Coou a infusão num copo de madeira. – Vamos ver como Julie está.

Atravessaram o claustro e entraram no hospital. Um homem de barba ruiva estava parado perto do altar.

– Deus o abençoe, estranho – disse Caris.

Ele parecia familiar. Não respondeu à saudação, mas fitou-a com olhos castanho-dourados intensos. E, de repente, Caris o reconheceu. Largou o copo.

– Oh, Deus! – gritou ela. – Você!

Os poucos momentos antes que ela o visse ali foram excepcionais, e Merthin compreendeu que os recordaria com carinho pelo resto de sua vida, independentemente de tudo o mais que pudesse acontecer. Contemplou ansioso o rosto que não via há nove anos. Recordou, com um choque que foi como mergulhar num rio gelado num dia quente, como aquele rosto lhe fora querido. Caris quase não mudara: todos os seus receios haviam sido infundados. Nem mesmo parecia mais velha. Estava com 30 anos agora, calculou ele, mas parecia tão esguia e empertigada quanto era aos 20. Avançou a passos largos pelo hospital, com um ar de autoridade firme, carregando um copo de madeira com algum medicamento, até que o fitou, estacou e largou o copo.

Ele sorriu, sentindo-se feliz.

– Você está aqui! – exclamou Caris. – Pensei que estivesse em Florença!

– Estou muito satisfeito por ter voltado.

Ela baixou os olhos para o líquido derramado no chão. A freira a seu lado disse:

– Não se preocupe com isso. Limparei tudo. Vá conversar com ele.

A segunda freira era bonita e tinha lágrimas nos olhos, notou Merthin, mas estava excitado demais para lhe dispensar qualquer atenção.

– Quando voltou? – perguntou Caris.

– Cheguei há uma hora. Você parece bem.

– E você parece... um homem.

Merthin riu.

– O que o levou a tomar a decisão de voltar?

– É uma longa história, mas eu adoraria lhe contar tudo.

– Vamos sair.

Caris tocou de leve em seu braço e os dois deixaram o hospital. As freiras não deveriam tocar nas pessoas, nem ter conversas particulares com homens, mas para Caris essas regras sempre haviam sido opcionais. Merthin estava contente por ela não ter adquirido respeito pela autoridade nos últimos nove anos. Ele apontou para o banco junto da horta.

– Sentei-me aqui com Madge e Mark Webber no dia em que você ingressou no convento. Madge me disse que você se recusara a falar comigo.

Ela assentiu com a cabeça em confirmação.

– Foi o dia mais infeliz de minha vida, mas eu sabia que um encontro com você o tornaria ainda pior.

– Senti a mesma coisa, só que eu queria vê-la de qualquer maneira, por mais que isso me deixasse desesperado depois.

Ela o fitou, os olhos verdes com manchas douradas tão francos quanto sempre.

– Isso parece um pouco com uma censura.

– Talvez seja mesmo. Fiquei furioso com você. Não importava o que decidira fazer, achei que me devia uma explicação.

Merthin não desejava levar a conversa por esse rumo, mas descobriu que não podia evitar. Ela não se desculpou.

– É muito simples. Eu mal suportava deixá-lo. Se fosse obrigada a conversar com você, acho que teria me matado.

Ele ficou atordoado. Durante nove anos pensara que Caris fora egoísta naquele dia da separação. Agora, parecia que o egoísta fora ele ao fazer a reivindicação. Ela sempre tivera essa capacidade de fazê-lo revisar suas atitudes, recordou ele. Era um processo aflitivo, mas frequentemente Caris tinha razão.

Não sentaram no banco. Em vez disso, foram andando pelo pátio gramado da catedral. O céu ficara nublado e o sol desaparecera.

– Há uma peste terrível na Itália – disse Merthin. – É chamada de *la moria grande*.

– Já ouvi falar. Não alcançou também o Sul da França? Parece uma coisa horrorosa.

– Peguei a doença, mas me recuperei, o que quase nunca acontece. Mas Silvia, minha mulher, morreu.

Caris ficou chocada.

– Sinto muito. Você deve estar desesperado.

– Toda a família dela também morreu. O mesmo aconteceu com todos os meus clientes. Achei que era o momento certo de voltar para casa. E você?

– Acabo de ser promovida a despenseira – informou Caris, com evidente orgulho.

Para Merthin, isso parecia trivial, ainda mais depois da mortandade que testemunhara. Mas essas coisas eram importantes na vida no convento. Ele olhou para a catedral.

– Florença tem uma catedral magnífica, com muitos padrões de pedras coloridas. Mas prefiro esta, com as formas esculpidas, tudo na mesma tonalidade.

Enquanto ele estudava a torre, pedra cinzenta contra céu cinzento, começou a chover. Entraram na catedral em busca de abrigo. Havia uma dúzia ou mais de pessoas espalhadas pela nave: visitantes admirando a arquitetura, devotos locais rezando, dois noviços varrendo o chão.

– Lembro-me de acariciá-la atrás daquela coluna – disse Merthin, sorrindo.

– Também me lembro – disse Caris, mas sem fitá-lo.

– Ainda sinto por você o mesmo que sentia naquele dia. E é esse o

verdadeiro motivo da minha volta.

Caris se virou e fitou-o, com raiva nos olhos.

– Mas você se casou.

– E você se tornou uma freira.

– Mas como pôde se casar com ela... Silvia... se me amava?

– Pensei que poderia esquecer você. Mas jamais consegui. E depois, quando pensei que ia morrer, compreendi que nunca poderia esquecê-la.

A raiva de Caris desapareceu tão depressa quanto surgira. Lágrimas afloraram a seus olhos.

– Sei disso – disse ela, desviando os olhos.

– Você sente a mesma coisa.

– Nunca mudei.

– Mas tentou?

Caris fitou-o nos olhos.

– Há uma freira...

– Aquela bonita que estava com você no hospital?

– Como adivinhou?

– Ela chorou quando me viu. Tentei imaginar por quê.

Caris parecia culpada. Merthin concluiu que ela se sentia como ele quando Silvia dizia “Você está pensando em sua jovem inglesa”.

– Gosto muito de Mair. E ela me ama. Mas...

– Mas você não me esqueceu.

– Não, não esqueci.

Merthin se encheu de júbilo, mas se esforçou para não deixar transparecer.

– Nesse caso, você deve renunciar a seus votos, deixar o convento e se casar comigo.

– Deixar o convento?

– Primeiro precisará obter o perdão da condenação por bruxaria, sei disso. Mas tenho certeza de que é possível. Vamos subornar o bispo e o arcebispo, até mesmo o papa, se for necessário. Tenho condições...

Caris não tinha certeza se seria tão fácil quanto ele imaginava. Mas esse não era o seu problema principal.

– Não posso dizer que não me sinto tentada. Mas prometi a Cecilia que

corresponderia à sua fé em mim. Tenho de ajudar Mair a assumir as funções de mestra dos hóspedes, precisamos construir uma nova tesouraria, e sou a única que cuida direito da Velha Julie...

Merthin ficou atônito.

– Tudo isso é tão importante?

– Claro que é! – respondeu ela, irritada.

– Pensei que o convento fosse apenas um lugar para velhas fazerem orações.

– E curar os doentes, alimentar os pobres, administrar milhares de acres de terras. É pelo menos tão importante quanto construir pontes e igrejas.

Merthin não previra isso. Ela sempre fora cética quanto aos deveres religiosos. Caris fora para o convento sob pressão, como a única maneira de salvar a própria vida. Mas agora parecia que ela passara a amar sua punição.

– Você é como uma prisioneira que reluta em deixar a masmorra mesmo quando a porta está escancarada – comentou ele.

– A porta não está escancarada. Eu teria de renunciar a meus votos. Madre Cecilia...

– Teremos de resolver todos esses problemas. E podemos começar agora mesmo.

Caris estava angustiada.

– Não tenho certeza...

Ela parecia dividida. O que o deixou espantado.

– É mesmo você? – indagou Merthin, incrédulo. – Odiava a hipocrisia e a falsidade que via no priorado. Preguiçosos, gananciosos, desonestos, tirânicos...

– Isso ainda é verdade quanto a Godwyn e Philemon.

– Então saia.

– Para fazer o quê?

– Para se casar comigo, é claro.

– Isso é tudo?

Mais uma vez ele ficou atônito.

– É tudo o que eu quero.

– Não é, não. Você também quer projetar palácios e castelos. Quer construir o prédio mais alto da Inglaterra...

– Se você precisa de alguém para cuidar...

– Como?

– Tenho uma filha pequena. Seu nome é Lolla. Ela tem 3 anos.

Isso pareceu levar Caris a se decidir. Ela soltou um suspiro.

– Sou uma das autoridades num convento de 35 freiras, dez noviças e 25 empregados, com uma escola, um hospital e uma farmácia... e você me pede que largue tudo isso para cuidar de uma criança que nem conheço.

Merthin desistiu de argumentar.

– Tudo que sei é que a amo e quero ficar junto de você.

Ela riu, sem qualquer humor.

– Se você dissesse isso e nada mais, poderia ter me convencido.

– Estou confuso, Caris. Está me recusando ou não?

– Não sei...

55

Merthin permaneceu acordado durante boa parte da noite. Já se acostumara a dormir em tavernas e o ressonar de Lolla servia para relaxá-lo; naquela noite, porém, não conseguia parar de pensar em Caris. Estava chocado com a reação dela à sua volta. Compreendia agora que nunca pensara de forma lógica sobre o que Caris sentiria quando o visse de novo. Deixara-se levar por pesadelos irreais sobre como ela poderia ter mudado e no fundo de seu coração acalentara a esperança de uma alegre reconciliação. Claro que ela não o esquecera, mas podia ter imaginado que Caris não passaria nove anos lamentando sua ausência, pois não era desse tipo.

Mesmo assim, nunca pensara que ela poderia ter se dedicado tanto a seu trabalho como freira. Caris sempre fora mais ou menos hostil à Igreja. Considerando como era perigoso criticar a religião de qualquer forma, ela bem que poderia ter escondido a verdadeira profundidade de seu ceticismo até mesmo dele. Por isso, era um terrível choque vê-la relutante em deixar o convento. Merthin previra o medo dela da sentença de morte decretada pelo bispo Richard, ou a ansiedade sobre a permissão para renunciar a seus votos, mas não desconfiara de que ela poderia ter encontrado uma vida tão satisfatória no convento a ponto de agora hesitar em sair para se tornar sua esposa.

Estava irritado com Caris. Gostaria de ter dito: “Viajei quase 2 mil quilômetros para pedir que se case comigo... como pode dizer que não tem certeza?” Pensou em uma porção de comentários mordazes que poderia ter feito. Talvez fosse melhor que não lhe tivessem ocorrido na ocasião. A conversa terminara com Caris lhe pedindo tempo para superar o choque de seu súbito retorno e pensar sobre o que queria fazer. Ele consentira – não tinha alternativa –, mas isso o deixara suspenso em agonia, como um homem crucificado.

Afinal caiu num sono irrequieto.

Lolla o acordou cedo, como sempre. Desceram para comer um mingau. Merthin reprimiu o impulso de seguir direto para o hospital e falar de novo com Caris. Ela pedira tempo e não o ajudaria se começasse a assediá-la. Ocorreu-lhe que poderia haver mais choques à sua espera e que era melhor tentar descobrir tudo o que acontecera em Kingsbridge. Por isso, depois da primeira refeição, saiu à procura de Mark Webber.

A família Webber vivia na rua principal, numa casa grande comprada logo depois que Caris os pusera para trabalhar na fabricação de tecido. Merthin ainda podia se lembrar do tempo em que o casal e os quatro filhos viviam num único cômodo, que não era muito maior do que o tear em que Mark trabalhava. A nova casa tinha um andar térreo de pedra, usado como depósito e oficina. Os aposentos da família eram no andar superior, de madeira. Ele encontrou Madge na oficina, verificando o tecido escarlate que acabara de chegar numa carroça de um de seus teares fora da cidade. Ela estava com quase 40 anos agora e tinha fios brancos nos cabelos escuros. Era baixa e engordara bastante, com um busto proeminente e um vasto traseiro. Fazia Merthin pensar num pombo, mas um agressivo, por causa do queixo saliente e do comportamento decidido.

Com ela estavam dois jovens, uma linda moça em torno dos 17 anos e um rapaz robusto, dois ou três anos mais velho. Merthin se lembrava das duas crianças mais velhas – Dora, uma garota magricela num vestido esfarrapado, e John, um menino tímido – e compreendeu que eram os mesmos, só que crescidos. Agora, John levantava os rolos de tecido sem o menor esforço enquanto Dora os contava, fazendo entalhes numa pequena vara. Aquilo fez com que Merthin se sentisse velho. Estou com apenas 32 anos, pensou, mas parecia um velho quando olhava para John.

Madge soltou um grito de surpresa e prazer quando o viu. Abraçou-o e beijou as faces barbudas e depois fez a maior festa com Lolla.

– Pensei em trazê-la para brincar com suas crianças – disse Merthin, pesaroso. – Mas é claro que as crianças agora estão velhas demais para isso.

– Dennis e Noah estão na escola do priorado – disse Madge. – Eles têm 13 e 11 anos. Mas Dora pode ficar com Lolla, ela adora crianças.

A jovem pegou Lolla no colo.

– A gata na casa ao lado teve filhotes. Quer vê-los?

Lolla respondeu com um fluxo de italiano que Dora tomou como um sim. As duas saíram. Madge deixou John cuidando da descarga da carroça e subiu com Merthin.

– Mark foi a Melcombe. Devemos exportar uma parte do nosso tecido para a Bretanha e a Gasconha. Ele deve voltar ainda hoje ou, o mais tardar, amanhã.

Merthin sentou na sala e aceitou um copo de cerveja.

– Kingsbridge parece estar prosperando – comentou.

– O comércio de lã crua declinou por causa dos impostos para a guerra. Tudo tem de ser vendido por intermédio de um punhado de grandes mercadores, para que o rei possa cobrar sua parte. Ainda há uns poucos grandes vendedores aqui em Kingsbridge... Petranilla cuida dos negócios que Edmund deixou... mas já não é mais como antigamente. Por sorte, o comércio de tecido cresceu para substituir o de lã crua, pelo menos nesta cidade.

– Godwyn ainda é o prior?

– Ainda, infelizmente.

– E ainda cria dificuldades?

– Ele é muito conservador. Protesta contra qualquer mudança e veta todo progresso. Por exemplo, Mark propôs abrir o mercado também no sábado, além do domingo, para fazer uma experiência.

– Que possível objeção Godwyn pode ter a isso?

– Ele alegou que permitiria que as pessoas viessem ao mercado sem irem à igreja, o que seria uma coisa ruim.

– Algumas pessoas poderiam ir à igreja no sábado também.

– O copo de Godwyn está sempre meio vazio, nunca meio cheio.

– Mas a guilda da paróquia não se opõe a ele?

– Não com muita frequência. Elfric é o regedor agora. Ele e Alice ficaram com quase tudo que Edmund deixou.

– O regedor não precisa ser o homem mais rico da cidade.

– Mas geralmente é. Lembre-se que Elfric emprega muitos artesãos... carpinteiros, pedreiros, os que preparam argamassa, constroem andaimes... e compra de todo mundo que negocia com materiais de construção. A cidade tem muitas pessoas que se sentem mais ou menos na obrigação de apoiá-lo.

– E Elfric sempre foi ligado a Godwyn.

– Exatamente. Ele cuida de todas as obras do priorado... o que significa todo projeto público.

– E ele é um construtor tão medíocre!

– Estranho, não é mesmo? – disse Madge, pensativa. – Era de pensar que Godwyn quisesse o melhor homem para o trabalho. Mas não é o que acontece. Para ele, é tudo uma questão de quem será dócil, quem obedecerá a seus desejos sem questionar.

Merthin ficou um pouco deprimido. Nada mudara: seus inimigos ainda permaneciam no poder. Talvez fosse difícil para ele retomar sua antiga vida.

– Essas não são boas notícias para mim. – Ele se levantou. – É melhor eu dar uma olhada em minha ilha.

– Tenho certeza de que Mark vai procurá-lo assim que voltar de Melcombe.

Merthin foi buscar Lolla na casa vizinha, mas ela se divertia tanto que ele decidiu deixá-la com Dora. Cruzou a cidade até a beira do rio. Deu outra olhada nas rachaduras em sua ponte, mas não precisou estudá-las por muito tempo: a causa era óbvia. Depois, deu uma volta pela ilha dos Leprosos. Pouca coisa mudara: havia alguns cais e armazéns de pedra no lado oeste e apenas uma casa, a que emprestara para Jimmie, no lado leste, ao lado da estrada que levava de uma ponte a outra.

Ele tinha planos ambiciosos para desenvolver a ilha quando tomara posse do lugar. Nada fora feito, é claro, durante seu exílio. Agora, pensou Merthin, poderia fazer alguma coisa. Andou de um lado para outro, calculando medidas aproximadas e visualizando prédios e até mesmo ruas, até chegar a hora do almoço.

Foi buscar Lolla e voltou à Bell. Bessie serviu um saboroso ensopado de porco engrossado com cevada. A taverna tinha pouco movimento e Bessie sentou à mesa para comer com eles, trazendo um jarro do seu melhor vinho tinto. Depois de comerem, Bessie lhe serviu outro copo de vinho. Merthin falou de seus planos.

– A estrada através da ilha, de uma ponte a outra, é o lugar ideal para construir lojas – comentou.

– E tavernas – acrescentou Bessie. – A Bell e a Holly Bush são as estalagens

de maior movimento na cidade apenas porque estão mais perto da catedral. Qualquer lugar por onde as pessoas sempre passem é muito bom para uma taverna.

– Se eu construísse uma taverna na ilha dos Leprosos, você poderia administrá-la.

Ela o encarou e sugeriu:

– Poderíamos administrar juntos.

Merthin sorriu. Sentia-se satisfeito com sua boa comida e o vinho e tinha certeza de que qualquer homem ficaria feliz em ir para sua cama e desfrutar daquele corpo macio e cheio de curvas; mas não podia acontecer com ele.

– Eu gostava muito de Silvia, minha esposa. Mas continuei a pensar em Caris durante todo o tempo que estive casado. E Silvia sabia disso.

Bessie desviou os olhos.

– É muito triste.

– Tem toda a razão. E nunca mais farei a mesma coisa com outra mulher. Não pretendo me casar de novo, a menos que seja com Caris. Não sou um bom homem, mas também não sou tão mau assim.

– Caris talvez nunca se case com você.

– Sei disso.

Bessie se levantou e pegou as tigelas.

– Você é um bom homem... bom demais. – Ela voltou para a cozinha.

Merthin pôs Lolla na cama para ela tirar um cochilo. Sentou-se num banco na frente da taverna. Olhava para a ilha dos Leprosos e desenhava numa lousa, aproveitando o sol de setembro. Não conseguiu fazer muita coisa, pois várias pessoas pararam para lhe dar boas-vindas por seu retorno a casa e perguntar o que fizera durante os últimos nove anos.

No final da tarde, ele avistou a figura maciça de Mark Webber subir pela encosta conduzindo uma carroça com um barril. Mark sempre fora um gigante, mas agora, Merthin notou, se tornara um gigante gordo. Merthin apertou sua mão enorme.

– Estive em Melcombe – disse Mark. – Vou até lá a intervalos de poucas semanas.

– O que tem no barril?

– Vinho de Bordeaux, direto do navio, que também trouxe notícias. Sabia que a princesa Joana estava a caminho da Espanha?

– Sabia.

Todas as pessoas bem informadas da Europa sabiam que a filha de 15 anos do rei Eduardo se casaria com o príncipe Pedro, herdeiro do trono de Castela. O casamento forjaria uma aliança entre a Inglaterra e o maior dos reinos ibéricos. Assim, Eduardo poderia se concentrar em sua interminável guerra contra a França sem se preocupar com qualquer intervenção vinda do sul.

– Mas Joana morreu da peste em Bordeaux.

Merthin ficou duplamente chocado: em parte porque a posição de Eduardo na França se tornara subitamente precária, mas também por saber que a peste já se espalhara até tão longe.

– A peste chegou a Bordeaux?

– Há corpos empilhados nas ruas, pelo que disseram os marujos franceses.

Merthin ficou nervoso. Pensara ter deixado *la moria grande* para trás.

Mas não poderia chegar à Inglaterra, não é mesmo? Não tinha medo por ele: ninguém jamais pegava a doença duas vezes, por isso estava seguro. Lolla, por sua vez, era uma das pessoas que por alguma razão não eram afetadas pela peste. Mas ele tinha medo por todos os outros... em especial e por Caris.

No entanto, Mark estava preocupado com outras coisas:

– Você voltou no momento certo. Alguns dos mercadores mais jovens estão cansados de aturar Elfric, o regedor. Na maioria das vezes ele é apenas um lacaio de Godwyn. Planejo desafiá-lo. E você pode ser influente. Há uma reunião da guilda da paróquia esta noite. Compareça e será admitido imediatamente.

– Não faz diferença que eu nunca tenha concluído o período de aprendizado?

– Depois de tudo o que construiu, aqui e no exterior? Claro que não.

– Está bem.

Merthin precisava ser um membro da guilda se quisesse desenvolver a ilha. As pessoas sempre encontravam razões para protestar contra novas construções e ele podia ter de apoiar a si mesmo. Mas não se sentia tão confiante de sua aceitação quanto Mark.

Mark levou o barril para casa e Merthin entrou para dar o jantar a Lolla. Ao pôr do sol, Mark voltou à Bell, e Merthin seguiu com ele pela rua principal

enquanto a tarde quente se transformava numa noite fria.

A casa da guilda parecia um prédio espetacular para Merthin anos antes, quando entrara ali para apresentar seu projeto da ponte à guilda da paróquia. Agora, no entanto, parecia um prédio feio e acanhado, depois que conhecera os imponentes prédios públicos da Itália. Perguntou-se o que homens como Buonaventura Caroli e Loro Fiorentino deviam pensar de sua tosca cripta de pedra, onde ficavam a cozinha e a prisão, e do salão principal, com uma fileira irregular de colunas no centro sustentando o telhado.

Mark o apresentou a vários homens que haviam chegado a Kingsbridge ou se tornado proeminentes durante a ausência de Merthin. Mas a maioria dos rostos era familiar embora estivessem mais velhos. Merthin cumprimentou os poucos que ainda não havia encontrado durante os dois últimos dias. Um deles foi Elfric, usando um casaco de brocado ostentoso com fios de prata. Não demonstrou surpresa – era evidente que alguém já lhe dissera que Merthin voltara –, mas fitou-o com uma expressão irritada, uma indisfarçável hostilidade.

Também estavam presentes o prior Godwyn e o subprior, o irmão Philemon. Godwyn, aos 42 anos, parecia cada vez mais com o tio Anthony, observou Merthin, com sulcos de descontentamento e ressentimento descendo pelos lados da boca. Assumira uma farsa de afabilidade que poderia enganar alguém que não o conhecesse. Philemon também mudara. Já não era magro e desajeitado. Tornara-se corpulento, como um próspero mercador, e exibia um ar arrogante de segurança... embora Merthin imaginasse que ainda podia perceber, por trás da fachada, a ansiedade e o ódio de si mesmo do canalha bajulador. Philemon apertou a mão dele como se estivesse segurando uma cobra. Era deprimente compreender que os ódios antigos persistiam por tanto tempo.

Um rapaz bonito e de cabelos escuros fez o sinal da cruz quando viu Merthin, para depois revelar que era seu antigo protegido, Jimmie, agora conhecido como Jeremiah Builder. Merthin ficou satisfeito ao saber que Jimmie se saíra tão bem que agora pertencia à guilda da paróquia. Mas parecia ser ainda tão supersticioso quanto antes.

Mark deu a notícia sobre a princesa Joana para todas as pessoas com quem falou. Merthin respondeu a umas poucas perguntas ansiosas sobre a peste, mas os mercadores de Kingsbridge estavam mais preocupados com a possibilidade de

que o colapso da aliança com Castela prolongasse a guerra francesa, o que seria péssimo para os negócios.

Elfric sentou na cadeira grande na frente da enorme balança para pesar sacos de lã e abriu a reunião. Mark propôs no mesmo instante que Merthin fosse admitido como membro. Elfric protestou, o que não chegava a ser surpresa.

– Ele nunca foi um membro da guilda porque nunca concluiu seu aprendizado.

– Não concluiu porque não quis se casar com sua filha – disse um dos homens.

Todos riram. Merthin levou um tempo para identificar quem falara: Bill Watkin, o construtor de casas, os cabelos pretos em torno do domo careca agora ficando grisalhos.

– Porque ele não é um artesão com o padrão exigido – insistiu Elfric, obstinado.

– Como pode dizer isso? – protestou Mark. – Ele construiu casas, igrejas, palácios...

– E a nossa ponte, que está rachando depois de apenas oito anos.

– Foi você quem a construiu, Elfric.

– Segui exatamente o projeto de Merthin. É evidente que as arcadas não são bastante fortes para suportarem o peso do leito da estrada e do tráfego em cima. As cintas de ferro que instalei não foram suficientes para evitar que as rachaduras se alargassem. Por isso, proponho reforçar as arcadas, nos dois lados da pilastra central, com uma segunda camada de alvenaria, dobrando sua espessura. Pensei que o assunto poderia ser discutido esta noite e por isso preparei estimativas de custo.

Elfric devia ter planejado aquele ataque no momento em que descobrira que Merthin estava na cidade. Sempre vira Merthin como um inimigo; nada mudara nesse ponto. Mas ele não fora capaz de compreender o problema com a ponte, o que oferecia uma oportunidade a Merthin. Este falou para Jeremiah em voz baixa:

– Poderia me fazer um favor?

– Depois de tudo o que fez por mim? Qualquer coisa!

– Corra até o priorado e peça para falar com a irmã Caris com urgência. Diga

a ela para procurar o desenho original que fiz para a ponte. Deve estar na biblioteca do priorado. Traga para cá o mais depressa possível.

Jeremiah saiu, enquanto Elfric continuava a falar:

– Devo lhes dizer, homens da guilda, que já conversei a respeito com o prior Godwyn, que me disse que o priorado não tem condições de pagar esse reparo. Teremos de financiá-lo, como financiamos o custo original da construção da ponte, sendo reembolsados com os *pence* do pedágio.

Todos se lamentaram. Seguiu-se uma longa e irritada discussão sobre quanto dinheiro caberia a cada membro da guilda. Merthin podia sentir que aumentava a hostilidade contra ele. Fora essa, sem qualquer dúvida, a intenção de Elfric. Merthin olhava para a porta a todo instante, torcendo para que Jeremiah voltasse logo. Bill Watkin disse:

– Talvez Merthin deva pagar os reparos, se a culpa é de seu projeto.

Merthin não podia fugir à discussão por mais tempo. Resolveu abandonar a cautela.

– Eu concordo.

Surpresos, todos silenciaram.

– Se meu projeto causou as rachaduras, farei os reparos na ponte à minha própria custa – acrescentou Merthin de modo temerário.

Pontes eram caras; se ele estivesse enganado sobre o problema, poderia lhe custar metade de sua fortuna.

– Uma decisão honrada – disse Bill.

– Mas antes uma coisa a dizer, se os homens da guilda me permitirem.

Merthin olhou para Elfric, que hesitou, obviamente pensando numa maneira de recusar. Mas Bill declarou:

– Deixem que fale.

Houve um coro de concordância. Elfric acenou com a cabeça, ainda relutante.

– Obrigado – disse Merthin. – Quando uma arcada é fraca, racha num padrão característico. As pedras por cima da arcada são pressionadas para baixo de tal maneira que as bordas inferiores se separam e surge uma rachadura no intradorso... a parte de baixo da arcada.

– É verdade – comentou Bill Watkin. – Já vi esse tipo de rachadura muitas

vezes. Geralmente não provoca o colapso da estrutura.

– Esse não é o tipo de rachadura que estamos vendo na ponte – continuou Merthin. – Ao contrário do que Elfric disse, as arcadas são bastante fortes: a espessura da arcada é de um vigésimo de seu diâmetro na base, que é a proporção padrão em todos os países.

Os construtores na sala acenaram com a cabeça; todos conheciam essa proporção.

– A coroa está intacta. No entanto, há rachaduras horizontais no ponto onde nasce cada arcada, nos dois lados da pilastra central.

– Às vezes se vê isso nas abóbadas quadripartidas – comentou Bill Watkin.

– O que não é o caso da ponte – ressaltou Merthin. – As abóbadas são simples.

– Então o que está causando as rachaduras?

– Elfric não seguiu meu projeto original.

– Segui, sim!

– Especifiquei grandes pilhas de pedras soltas nas duas extremidades das pilastras.

– Uma pilha de pedras? – repetiu Elfric, sarcástico. – E você diz que era isso que mantinha sua ponte de pé?

– Exatamente.

Merthin percebeu que até os outros construtores partilhavam o ceticismo de Elfric. Mas nada sabiam sobre pontes, que eram diferentes de qualquer outro tipo de construção porque ficavam na água.

– As pilhas de pedras eram uma parte essencial do projeto – ressaltou.

– Não apareciam nos desenhos.

– Gostaria de nos mostrar meus desenhos, Elfric, para provar o que afirma?

– Os desenhos no chão há muito desapareceram.

– Fiz um desenho em pergaminho. Deve estar na biblioteca do priorado.

Elfric olhou para Godwyn. Com isso, a cumplicidade entre os dois ficou patente. Merthin torceu para que o resto da guilda também tivesse percebido.

– Pergaminhos são caros – reagiu Godwyn. – O desenho foi raspado e o pergaminho, usado em outra coisa há muito tempo.

Merthin assentiu com a cabeça, como se acreditasse em Godwyn. Ainda não

havia sinal de Jeremiah. Poderia ter de vencer a discussão sem a ajuda do desenho original.

– As pedras teriam evitado o problema que agora causa as rachaduras – disse.

– Insiste em dizer isso, não é? – interveio Philemon. – Mas por que devemos acreditar em você? É apenas a sua palavra contra a de Elfric.

Merthin compreendeu que teria de se expor. Era tudo ou nada, pensou.

– Explicarei qual é o problema e provarei para todos, à luz do dia, se quiserem se encontrar na beira do rio amanhã ao amanhecer.

O rosto de Elfric demonstrava seu desejo de recusar o desafio, mas Bill Watkin declarou:

– Nada mais justo. Estaremos lá.

– Bill, pode levar dois rapazes sensatos, que sejam bons nadadores e mergulhadores?

– Claro.

Elfric perdera o controle da reunião. Godwyn decidiu interferir, demostrando ser o homem que controlava o fantoche.

– Que tipo de farsa está planejando? – indagou, furioso.

Mas era tarde demais. Todos estavam curiosos agora.

– Vamos deixá-lo fazer o que propõe – disse Bill. – Se for mesmo uma farsa, logo saberemos.

Foi nesse instante que Jeremiah voltou. Merthin ficou satisfeito ao observar que ele trazia uma armação de madeira com um pergaminho esticado. Elfric olhou para Jeremiah, aturdido. Godwyn empalideceu e perguntou:

– Quem lhe deu isso?

– Pergunta reveladora – comentou Merthin. – O prior não indaga o que o desenho mostra nem de onde vem... parece já saber. Apenas pergunta quem o entregou.

– Isso não importa – declarou Bill. – Mostre-nos o desenho, Jeremiah.

Jeremiah foi se postar na frente da balança. Virou a armação para que todos pudessem ver o desenho. E ali, nas extremidades das pilastras, estavam as pilhas de pedras a que Merthin se referira.

– Amanhã de manhã explicarei para que servem essas pedras – disse

Merthin, levantando-se.



O verão se transformava em outono e fazia frio na margem do rio ao amanhecer. Espalhara-se a notícia de que alguma coisa muito importante aconteceria ali. Além dos membros da guilda da paróquia, havia duzentas a trezentas pessoas esperando para ver o desenlace do confronto entre Merthin e Elfric. Até mesmo Caris comparecera. Não era mais uma simples discussão sobre um problema de engenharia, compreendeu Merthin. Ele era o novilho desafiando a autoridade do velho touro, e o rebanho percebia isso.

Bill Watkin apresentou dois garotos de 12 ou 13 anos só com o calção de baixo, ambos tremendo de frio. Eram Dennis e Noah, os filhos mais novos de Mark Webber. Dennis, de 13 anos, era baixo e atarracado como a mãe. Tinha cabelos ruivo-castanhos, da cor das folhas no outono. Noah, com dois anos a menos, era mais alto e provavelmente cresceria para ser tão grande quanto Mark. Merthin se identificou com o ruivo baixo. Especulou se Dennis estava constrangido, como acontecia com ele naquela idade, por ter um irmão mais jovem maior e mais forte.

Merthin pensou que Elfric trataria de protestar pelo fato de os mergulhadores serem filhos de Mark, sob a alegação de que poderiam ter sido instruídos antes pelo pai sobre o que dizer. Mas Elfric não disse nada. Mark era de uma honestidade tão evidente que ninguém poderia desconfiar de que fosse capaz de participar de uma farsa. Talvez Elfric compreendesse isso... ou, o mais provável, Godwyn compreendesse. Merthin explicou aos garotos o que deveriam fazer:

– Nadem até a pilastra central e mergulhem quando chegarem lá. Descobrirão que a pilastra é lisa por uma longa extensão. Depois verão a fundação, uma grande massa de pedras mantidas juntas com argamassa. Quando alcançarem o leito do rio, tateiem por baixo da fundação. Provavelmente não poderão ver qualquer coisa... a água estará lamacenta demais. Mas prendam a respiração por tanto tempo quanto puderem e verifiquem com todo o cuidado em torno da base. Depois voltem à superfície e nos contem tudo que encontrarem. – Os dois pularam na água e começaram a nadar.

Merthin então se dirigiu às pessoas ao redor:

– O leito deste rio não é rochoso, mas lamacento. A correnteza turbilhona em torno das colunas de uma ponte e remove o lodo por baixo, deixando uma depressão que fica cheia só de água. Foi o que aconteceu com a velha ponte de madeira. As pilastras de carvalho não estavam mais fincadas no leito do rio, mas suspensas da superestrutura. Foi por isso que a ponte desabou. Para evitar que a mesma coisa acontecesse com a ponte nova, especifiquei pilhas de pedras grandes em torno da base das pilastras. Essas pedras seriam um obstáculo para a correnteza, tornando sua ação fraca e acidental. Mas as pilhas de pedras não foram instaladas, por isso as pilastras foram solapadas. Não estão mais sustentando a ponte, mas penduradas... e é por isso que as rachaduras aparecem nos pontos em que as pilastras se unem às arcadas.

Elfric soltou uma risada cética, mas os outros construtores se mostraram interessados. Os dois garotos alcançaram o meio do rio, tocaram na pilastra, inspiraram fundo e desapareceram. Merthin acrescentou:

– Quando voltarem, eles nos dirão que a pilastra não está fincada no leito do rio, mas suspensa sobre uma depressão cheia de água, grande o suficiente para um homem entrar ali. – Ele torcia para estar certo.

Os garotos permaneceram debaixo d’água por um tempo surpreendentemente longo. Merthin descobriu que começava a ficar sem fôlego, como que sintonizado com eles. Até que finalmente uma cabeça de cabelos ruivos aflorou à superfície, logo acompanhada por outra de cabelos castanhos. Conversaram por um instante, como se verificassem se ambos haviam encontrado a mesma coisa. Depois nadaram para a margem.

Merthin não tinha certeza absoluta de seu diagnóstico, mas não podia pensar em qualquer outra explicação para as rachaduras. E sentira a necessidade de demonstrar total confiança. Se agora fosse comprovado que se enganara, pareceria ainda mais tolo.

Os meninos se aproximaram da praia. Vadearam pelos últimos passos, ofegantes. Madge lhes entregou cobertores, que eles ajeitaram em torno dos ombros trêmulos. Merthin esperou um momento até que recuperassem o fôlego antes de perguntar:

– E então, o que encontraram?

– Nada – respondeu Dennis, o mais velho.

– Nada? Como assim?

– Não há nada lá, na base da pilastra.

Elfric assumiu uma expressão triunfante.

– Apenas o leito do rio, é claro.

– Não! – exclamou Dennis. – Nada de lama, apenas água.

– Há um buraco em que se pode entrar com a maior facilidade! – acrescentou Noah. – Aquela enorme pilastra está suspensa na água, sem nada por baixo.

Merthin fez um esforço para não parecer aliviado.

– Não há qualquer fundamento para garantir que uma pilha de pedras soltas teria resolvido o problema! – gritou Elfric.

Mas já ninguém prestava atenção a ele. Aos olhos da multidão, Merthin provara o que afirmara. Todos se reuniram ao seu redor, comentando, fazendo perguntas. Passado um tempo, Elfric se foi, sozinho.

Merthin sentiu uma momentânea pontada de compaixão. Mas depois recordou como Elfric o agredira, batendo com uma vara em seu rosto, quando ele era aprendiz, e a compaixão se evaporou no ar frio da manhã.

56

Um monge foi procurar Merthin na Bell na manhã seguinte. Quando tirou o capuz, Merthin não o reconheceu de imediato. Mas depois reparou que o braço esquerdo do monge terminava no cotovelo e compreendeu que era o irmão Thomas, agora na casa dos 40 anos, com a barba grisalha e rugas profundas em torno da boca e dos olhos. O segredo dele ainda seria perigoso depois de tantos anos?, especulou Merthin. A vida de Thomas ainda correria perigo, mesmo agora, se a verdade viesse à tona? Mas Thomas não viera falar sobre isso.

– Você tinha razão sobre a ponte – comentou ele.

Merthin anuiu com a cabeça. Havia uma amarga satisfação na questão, mas o prior Godwyn o despedira e, em consequência, sua ponte nunca seria perfeita.

– Eu quis explicar a importância das pedras soltas na ocasião da construção, mas sabia que Elfric e Godwyn nunca me dariam crédito. Por isso falei com Edmund Wooler. Mas ele morreu logo depois.

– Deveria ter me falado.

– Eu bem que gostaria de ter feito isso.

– Venha comigo até a catedral. Já que pode descobrir tantas coisas a partir de umas poucas rachaduras, eu gostaria de lhe mostrar um problema, se puder.

Ele levou Merthin para o transepto sul. Ali e na nave sul do coro, onde Elfric reconstruíra as arcadas depois do desabamento parcial onze anos antes, Merthin percebeu no mesmo instante o que preocupava Thomas: as rachaduras haviam reaparecido.

– Você disse que voltariam – comentou Thomas.

– A menos que se descobrisse antes a verdadeira causa do problema.

– Mas você tinha razão. Elfric errou duas vezes.

Merthin sentiu um lampejo de excitação. Se fosse necessário reconstruir a

torre...

– Você compreende isso... mas será que Godwyn também compreende?

Thomas não respondeu à pergunta.

– A seu ver, qual é a causa básica?

Merthin se concentrou no problema imediato. Pensara a respeito volta e meia, ao longo dos anos.

– Esta não é a torre original, não é mesmo? Segundo o *Livro de Timothy*, foi reconstruída e ficou mais alta.

– Isso mesmo, há cerca de cem anos... quando o negócio de lã crua era mais próspero. Acha que fizeram uma torre alta demais?

– Depende das fundações.

O terreno da catedral tinha uma inclinação suave para o sul, na direção do rio, o que podia ser um fator. Merthin passou pela interseção, por baixo da torre, até o transepto norte. Parou junto do pilar maciço no canto nordeste da interseção. Olhou para a arcada que se estendia por cima de sua cabeça através da nave norte do coro e até a parede.

– É com a nave sul que estou preocupado – disse Thomas, um pouco impaciente. – Não há problemas aqui.

Merthin apontou.

– Há uma rachadura no lado inferior da arcada... – Merthin apontou – ... o intradorso... na coroa. Isso acontece numa ponte, quando as pilastras não têm as fundações apropriadas e começam a se deslocar.

– O que está querendo dizer... é que a torre está se afastando do transepto norte?

Merthin voltou à interseção e olhou para a arcada que se estendia para o lado sul.

– Aqui também há rachaduras, mas no lado superior, o extradorso... pode ver? A parede por cima também está rachada.

– Não são rachaduras muito grandes.

– Mas nos indicam o que está acontecendo. No lado norte, a arcada está esticada, enquanto no lado sul está sendo comprimida. Isso significa que a torre se inclina para o sul.

Thomas ergueu os olhos, cauteloso.

– Parece reta.

– Não dá para ver a olho nu. Mas, se subir na torre e largar um fio de prumo do alto de uma das colunas da interseção, logo abaixo do ponto onde nasce a arcada, vai descobrir que ao chegar ao chão estará vários centímetros afastado, para o sul. E, à medida que a torre se inclina, vai se afastando da parede do coro, o lugar em que os danos se mostram mais graves.

– O que se pode fazer?

Merthin teve vontade de dizer: Você tem de me contratar para construir uma torre nova. Mas isso seria prematuro.

– É preciso investigar mais antes de iniciar qualquer construção – disse, reprimindo a excitação. – Já determinamos que as rachaduras apareceram porque a torre está se inclinando... mas qual o motivo para isso?

– Como podemos descobrir?

– Cavando um buraco.

Por fim, Jeremiah cavou o buraco. Thomas não quis contratar Merthin diretamente. Já fora bastante difícil, explicou, arrancar de Godwyn o dinheiro para a investigação, pois o prior parecia nunca dispor de qualquer quantia sobrando. Mas ele também não podia entregar o trabalho a Elfric, que diria que não havia nada para investigar. Por isso, o meio-termo foi contratar o antigo aprendiz de Merthin.

Jeremiah aprendera com seu mestre e gostava de trabalhar depressa. No primeiro dia, levantou as pedras do piso do transepto sul. No dia seguinte, seus homens começaram a escavar a terra em torno do imenso pilar sudeste da interseção.

Quando o buraco se tornou mais fundo, Jeremiah instalou um guincho de madeira para retirar as cargas de terra. Na segunda semana, ele teve de construir escadas nos lados do buraco para que seus trabalhadores pudessem descer até o fundo.

Enquanto isso, a guilda da paróquia deu a Merthin o contrato para o reparo da ponte. Elfric foi contra, como não podia deixar de ser, mas não estava em condições de alegar que era o melhor homem para o serviço e por isso não se deu o trabalho de discutir.

Merthin começou a trabalhar com rapidez e energia. Construiu ensecadeiras

em torno das duas pilastras problemáticas, esvaziou as represas e começou a encher os buracos por baixo das pilastras com pedras e argamassa. Em seguida, cercaria as pilastras com as pilhas de pedras soltas que projetara desde o início. Ao final, removeria as feias cintas de ferro de Elfric e encheria as rachaduras com argamassa. Se as fundações recuperadas permanecessem firmes, as rachaduras não reabririam.

Mas o trabalho que queria mesmo era a reconstrução da torre.

Não seria fácil. Teria de dar um jeito para que o projeto fosse aprovado pelo priorado e a guilda da paróquia, sob o comando de seus dois piores inimigos, Godwyn e Elfric. E Godwyn ainda teria de arrumar o dinheiro.

Como primeiro passo, Merthin encorajou Mark a se apresentar como candidato a regedor, para substituir Elfric. O regedor era eleito todos os anos, no Dia de Todos os Santos, 1º de novembro. Na prática, a maioria dos regedores era eleita sem oposição e permanecia na função até se aposentar ou morrer. O próprio Elfric apresentara sua candidatura quando Edmund Wooler ainda era vivo.

Mark não precisou de muito estímulo. Estava ansioso por acabar com a gestão de Elfric. Afinal, Elfric era tão ligado a Godwyn que não havia muito sentido em ter uma guilda da paróquia. A cidade era na verdade dirigida pelo priorado... tacanho, conservador, desconfiado de ideias novas, indiferente aos interesses dos habitantes.

Os dois candidatos começaram a buscar apoio. Elfric tinha seus seguidores, quase todos homens que empregava ou de quem comprava materiais de construção. Mas ele perdera muito prestígio na discussão sobre a ponte. Seus seguidores estavam desanimados. Os partidários de Mark, em contraste, estavam na maior animação.

Merthin visitava a catedral todos os dias e examinava as fundações das poderosas colunas à medida que eram expostas pela escavação de Jeremiah. As fundações eram feitas da mesma pedra que o resto da catedral. As pedras eram dispostas em fileiras com argamassa, mas desbastadas com menos cuidado, já que não ficariam visíveis. Cada fileira era um pouco maior que a de cima, num formato de pirâmide. À medida que a escavação se aprofundava, ele examinava cada camada à procura de fraquezas, sem encontrar nenhuma. Mas estava

confiante em que acabaria encontrando.

Merthin não dizia a ninguém o que tinha em mente. Se suas suspeitas se confirmassem e a torre do século XIII fosse pesada demais para as fundações do século XII, a solução seria drástica: a torre teria de ser demolida... e uma nova, construída. E a nova torre poderia ser a mais alta da Inglaterra.

Um dia, em meados de outubro, Caris apareceu na escavação. Era o início da manhã e um sol de inverno brilhava através da grande janela leste. Ela parou na borda do buraco, o capuz envolvendo a cabeça como um halo. O coração de Merthin bateu mais depressa. Talvez Caris tivesse uma resposta para ele. Subiu a escada na maior ansiedade.

Ela estava linda como sempre, embora ao sol forte Merthin pudesse perceber as pequenas diferenças que nove anos haviam criado em seu rosto. A pele já não era tão lisa e havia agora pequenas rugas nos cantos dos lábios. Mas os olhos verdes ainda faiscavam com a inteligência alerta que ele tanto amava.

Foram andando juntos pela nave sul. Pararam perto do pilar que sempre o lembrava da maneira como outrora a acariciara ali.

– Fico contente em vê-la – disse. – Esteve se escondendo.

– Sou uma freira. Não devo me exibir por toda parte.

– Mas está pensando em renunciar a seus votos.

– Ainda não tomei uma decisão.

Merthin ficou desolado.

– De quanto tempo ainda precisa?

– Não sei.

Ele desviou os olhos. Não queria mostrar como se sentia magoado pela hesitação. Não disse nada. Poderia argumentar que ela estava sendo irracional, mas de que adiantaria?

– Imagino que vá visitar seus pais em Tench mais cedo ou mais tarde – disse Caris.

Merthin assentiu com a cabeça.

– Muito em breve. Eles gostarão de conhecer Lolla.

Ele também estava ansioso para rever os pais. Só protelara a visita por estar absorvido demais nos trabalhos na ponte e na torre.

– Nesse caso, eu gostaria que conversasse com seu irmão sobre a situação de

Wulfric em Wigleigh.

Merthin queria falar sobre ele próprio e Caris, não sobre Wulfric e Gwenda. Sua reação foi fria:

– O que você quer que eu diga a Ralph?

– Wulfric está trabalhando sem ganhar qualquer dinheiro, apenas por comida... porque Ralph não lhe concede sequer um acre para cultivar.

Merthin deu de ombros.

– Wulfric quebrou o nariz de Ralph.

Ele pressentiu que a conversa começava a descambar para uma briga e se perguntou por que estava tão irritado. Caris não falava com ele há semanas, mas rompera o silêncio em defesa de Gwenda. No fundo, compreendeu, se ressentia do lugar de Gwenda no coração de Caris. O que era uma emoção indigna, disse a si mesmo, embora não fosse capaz de evitá-la. Caris ficou vermelha de fúria.

– Isso aconteceu há doze anos! Não é tempo de Ralph parar de puni-lo?

Merthin esquecera as discussões furiosas que costumava ter com Caris. Agora, reconheceu aquele atrito como algo familiar. E falou como se quisesse encerrar o assunto:

– Claro que ele deveria parar... na minha opinião. Mas é a opinião de Ralph que conta.

– Pois então tente fazê-lo mudar de ideia.

Merthin também se ressentiu da atitude imperiosa.

– Estou às suas ordens – murmurou ele, espirituoso.

– Por que a ironia?

– Porque não estou às suas ordens, mas você parece pensar o contrário. E me sinto um pouco idiota por concordar sempre.

– Ora, pelo amor de Deus! Sente-se ofendido porque eu lhe fiz um pedido?

Por alguma razão, Merthin teve certeza de que ela já tomara a decisão de rejeitá-lo e continuar no convento. Fez um esforço para controlar suas emoções.

– Se fôssemos um casal, você poderia me pedir qualquer coisa. Mas, enquanto mantém em aberto a opção de me rejeitar, parece um pouco de presunção de sua parte.

Ele sabia que parecia enfático, mas não pôde se conter. Desataria a chorar se revelasse seus verdadeiros sentimentos. Mas Caris estava envolvida demais em

sua indignação para notar a aflição de Merthin.

– Mas não é por mim que estou pedindo! – protestou.

– Sei que é sua generosidade de espírito que a leva a fazer isso, mas ainda sinto que está me usando.

– Então não faça nada!

– Claro que farei.

Subitamente, Merthin não pôde mais se conter. Virou-se e se afastou. Tremia com alguma paixão que não podia identificar. Enquanto caminhava pela nave da vasta catedral, fez um novo esforço para se controlar. Aquilo era uma estupidez. Parou e olhou para trás. Caris havia desaparecido.

Foi até a borda do buraco e ficou olhando para o fundo, à espera de que a tempestade interior se dissipasse.

Após algum tempo, compreendeu que a escavação alcançara um ponto crucial. Dez metros abaixo, os homens haviam passado pela fundação de alvenaria e começavam a revelar o que existia por baixo. Não havia mais nada que ele pudesse fazer em relação a Caris naquele momento. Seria melhor se concentrar no trabalho. Respirou fundo, engoliu em seco e desceu pela escada.

Aquele era o momento da verdade. Sua angústia por Caris começou a se desvanecer enquanto observava os homens escavarem ainda mais. A lama pesada era removida, pazada após pazada. Merthin estudou a camada de terra que surgiu abaixo da fundação. Parecia uma mistura de areia e cascalho. Enquanto os homens removiam a lama, essa mistura caía no buraco.

Merthin ordenou que parassem de escavar. Ajoelhou-se e pegou um punhado do material arenoso. Não era nem um pouco parecido com o solo ao redor. Não era natural dali; portanto, devia ter sido posto pelos construtores. A excitação pela descoberta o dominou, prevalecendo sobre a angústia por Caris.

– Jeremiah! – chamou. – Procure o irmão Thomas e o traga até aqui o mais depressa que puder!

Mandou que os homens continuassem a cavar mas fizessem um buraco mais estreito: àquela altura, a escavação poderia se tornar perigosa para a estrutura. Passado algum tempo, Jeremiah voltou com Thomas. Os três ficaram observando enquanto os homens aprofundavam o buraco. A camada de areia finalmente terminou. A camada seguinte era da terra lamacenta local.

– Não sei o que é essa areia – comentou Thomas.

– Eu acho que sei.

Merthin fez um esforço para não parecer triunfante. Previra anos antes que os reparos de Elfric de nada adiantariam a menos que a causa do problema fosse descoberta. Acertara em cheio, mas nunca era sensato alegar “Eu não disse?”.

Thomas e Jeremiah o encararam em expectativa. Merthin explicou:

– Quando se escava um buraco de fundação, cobre-se o fundo com uma mistura de cascalho e argamassa. Depois, assenta-se o trabalho de alvenaria por cima. É um sistema perfeito, desde que as fundações sejam proporcionais à construção por cima.

– Nós dois sabemos disso – retrucou Thomas, impaciente.

– O que aconteceu aqui foi que ergueram uma torre muito mais alta sobre fundações que não foram projetadas para isso. O peso extra, pressionando por uma centena de anos, esmagou essa camada de cascalho e argamassa, transformando-a em areia. A areia não tem coesão e, devido à pressão, se espalhou para os lados, pelo solo ao redor, permitindo que a alvenaria por cima afundasse. O efeito é pior no lado sul apenas porque o terreno tem uma inclinação natural nesse sentido.

Merthin sentia uma profunda satisfação por ter chegado a essa conclusão. Os outros ficaram pensativos. Após algum tempo, Thomas concluiu:

– Nesse caso, teremos de reforçar as fundações.

Jeremiah meneou a cabeça.

– Antes de acrescentarmos qualquer reforço por baixo do pilar, teríamos de retirar o material arenoso, o que deixaria as fundações sem apoio. A torre cairia.

Thomas ficou perplexo.

– Então o que podemos fazer?

Ambos olharam para Merthin, que respondeu:

– Construir um telhado provisório sobre a interseção, erguer andaimes e desmontar a torre, pedra por pedra, para depois reforçar as fundações.

– Nesse caso, teríamos de construir uma torre nova.

Era o que Merthin queria, mas ele não confirmou. Thomas poderia desconfiar que seu julgamento fora influenciado por seu desejo.

– Receio que sim – foi o que disse, fingindo tristeza.

– O prior Godwyn não vai gostar.

– Sei disso – declarou Merthin. – Mas acho que ele não tem opção.



No dia seguinte, Merthin deixou Kingsbridge com Lolla à sua frente na sela. Enquanto atravessavam a floresta, repassou obsessivamente seu atrito com Caris. Sabia que fora hostil. Uma atitude insensata, quando tentava reconquistar seu amor. O que dera nele? O pedido de Caris fora absolutamente razoável. Por que não podia prestar um pequeno serviço à mulher com quem queria se casar?

Mas Caris não concordara em se casar com ele. Ainda se reservava o direito de rejeitá-lo. Era essa a fonte de sua raiva. Caris exercia o direito de noiva sem assumir o compromisso. Ele podia compreender agora que fora mesquinharia de sua parte protestar sob essa alegação. Uma estupidez, convertendo em briga o que poderia ser um momento de maravilhosa intimidade.

Por outro lado, a causa latente de sua aflição era bastante real. Por quanto tempo Caris imaginava que ele esperaria por uma resposta? E por quanto tempo ele estava disposto a esperar? Não gostava de pensar a respeito.

De qualquer forma, ele se sentiria bem se conseguisse persuadir Ralph a deixar de perseguir o pobre Wulfric.

Tench ficava no outro lado do condado. No caminho, Merthin passou a noite em Wigleigh, onde ventava muito. Encontrou Wulfric e Gwenda muito magros, depois de um verão chuvoso e da segunda colheita ruim consecutiva. A cicatriz de Wulfric parecia sobressair ainda mais no rosto encovado. Os dois filhos pequenos estavam magros, narizes escorrendo, feridas nos lábios.

Merthin lhes deu um pernil de cordeiro, um barril pequeno de vinho e uma moeda de ouro fingindo serem presentes de Caris. Gwenda cozinhou o pernil. Estava dominada pela raiva e discorreu sobre a injustiça de que eram vítimas:

– Perkin explora quase a metade das terras da aldeia! Só consegue cuidar de tudo porque conta com Wulfric, que faz o trabalho de três homens. Mas ele sempre exige mais e nos mantém na pobreza.

– Lamento que Ralph ainda guarde ressentimento – disse Merthin.

– O próprio Ralph provocou aquela briga! – exclamou Gwenda. – Até

mesmo lady Philippa disse isso.

– Brigas antigas... – murmurou Wulfric, filosófico.

– Tentarei fazer com que ele veja a luz da razão – prometeu Merthin. – Na hipótese improvável de que ele me escute, o que vocês querem dele?

– Ahn... – Wulfric exibia uma expressão sonhadora, o que era excepcional. – Rezo todos os domingos para recuperar as terras que meu pai cultivava.

– Isso nunca vai acontecer – garantiu Gwenda. – Perkin tem uma posição firme. E, se por acaso morrer, tem um filho e uma filha casada esperando para herdar, além de dois netos que ficam maiores a cada dia. Mas gostaríamos de ter nossa própria terra. Nos últimos onze anos, Wulfric tem trabalhado para alimentar os filhos de outros homens. É tempo de usufruir um benefício de seu próprio trabalho.

– Direi a meu irmão que já o puniu por tempo demais.

No dia seguinte, Merthin e Lolla seguiram de Wigleigh para Tench. Ele estava mais determinado do que nunca a fazer alguma coisa por Wulfric. Não era apenas porque queria agradar Caris e tomar uma iniciativa para expiar seu comportamento rabugento. Também estava triste e indignado porque duas pessoas honestas e trabalhadoras como Gwenda e Wulfric eram pobres e magras, seus filhos doentes, só por causa da sede de vingança de Ralph.

Seus pais moravam numa casa na aldeia, não em Tench Hall. Merthin ficou chocado ao descobrir quanto a mãe envelhecera, embora ela se mostrasse animada ao ver Lolla. O pai parecia melhor.

– Ralph é muito bom para nós – afirmou Gerald num tom defensivo que fez Merthin pensar que acontecia o oposto.

A casa era bastante aconchegante, mas era evidente que eles prefeririam viver no solar com Ralph. Merthin calculou que o irmão não queria que a mãe testemunhasse tudo o que ele fazia. Depois que lhe mostraram a casa, Gerald perguntou como estavam as coisas em Kingsbridge.

– A cidade continua a prosperar apesar dos efeitos da guerra francesa do rei – respondeu Merthin.

– Mas Eduardo deve lutar por seus direitos. Afinal, ele é o herdeiro legítimo do trono da França.

– Isso não passa de um sonho, pai. Não importa quantas vezes o rei invada a

França, a nobreza francesa nunca aceitará um inglês como seu rei. E um rei não pode governar sem o apoio de seus condes.

– Mas temos de acabar com os ataques franceses aos portos da costa sul.

– Isso deixou de ser problema desde que destruímos a frota francesa na batalha de Sluys... que aconteceu há oito anos. Seja como for, queimar as colheitas dos camponeses não vai deter os piratas... e pode até aumentar seu número.

– Os franceses apoiam os escoceses, que continuam a invadir nossos condados do norte.

– Não acha que o rei poderia lidar melhor com as incursões escocesas se estivesse no Norte da Inglaterra em vez de ir para o Norte da França?

Gerald parecia aturdido. Provavelmente nunca lhe ocorrera questionar a sabedoria da guerra.

– Ralph foi elevado a cavaleiro – disse. – E trouxe para sua mãe um castiçal de prata de Calais.

Isso dizia tudo, pensou Merthin. A verdadeira razão para a guerra era a conquista de glória e de despojos.

Seguiram a pé para o solar. Ralph havia saído para uma caçada, em companhia de Alan Fernhill. Havia no salão uma enorme cadeira toda esculpida, obviamente usada pelo lorde. Merthin viu uma jovem grávida que presumiu ser uma camponesa. Ficou consternado quando ela lhe foi apresentada como a esposa de Ralph, Tilly. Ela foi até a cozinha para buscar vinho.

– Que idade ela tem? – perguntou Merthin à mãe durante sua ausência.

– Quatorze anos.

Não era incomum que jovens engravidassem aos 14 anos, mas mesmo assim Merthin achava que pessoas decentes se comportavam de maneira diferente. Esse tipo de gravidez precoce costumava ocorrer nas famílias reais, em que havia uma pressão intensa para produzir herdeiros, e entre as classes mais baixas e os camponeses ignorantes, que não tinham normas de comportamento. As classes médias mantinham padrões superiores.

– Não acha que ela é um pouco jovem? – indagou ele em voz baixa.

– Todos pedimos a Ralph para esperar, mas ele não quis – respondeu Maud, deixando evidente que também desaprovava.

Tilly voltou com uma serva trazendo um jarro de vinho e uma tigela com maçãs. Ela poderia ser bonita, pensou Merthin, se não parecesse tão esgotada. O pai se dirigiu a ela com uma alegria forçada:

– Ânimo, Tilly! Seu marido deve chegar em casa a qualquer momento e não vai querer recebê-lo com essa cara triste.

– Estou cansada dessa gravidez. Gostaria que o bebê nascesse o mais depressa possível.

– Não deve demorar muito agora – disse Maud. – Três ou quatro semanas, no máximo.

– Parece uma eternidade.

Ouviram o barulho de cavalos lá fora.

– Deve ser Ralph – disse Maud.

À espera do irmão que não via há nove anos, Merthin tinha sentimentos contraditórios, como sempre. Sua afeição pelo irmão era sempre contaminada pelo conhecimento de todo o mal que Ralph fizera. O estupro de Annet fora apenas o começo. Durante seus dias como fora da lei, Ralph assassinara homens, mulheres e crianças inocentes. Merthin ouvira relatos, enquanto viajava pela Normandia, das atrocidades cometidas pelo exército do rei Eduardo. Embora não soubesse expressamente o que Ralph fizera, seria insensatez imaginar que ele permanecera alheio à orgia de estupros, incêndios criminosos, saques e matanças. No entanto, Ralph era seu irmão.

Ralph também tinha sentimentos contraditórios, pensou Merthin. Poderia não ter perdoado Merthin por revelar seu esconderijo quando era um fora da lei. E, embora Merthin tivesse exigido de Thomas a promessa de não matar Ralph, era de esperar que o irmão fosse enforcado ao ser capturado. E ele não podia esquecer as últimas palavras que Ralph lhe dissera, na cadeia no porão da casa da guilda em Kingsbridge: “Você me traiu.”

Ralph entrou acompanhado por Alan, ambos todos enlameados da caçada. Merthin ficou chocado ao descobrir que ele claudicava. Ralph demorou um pouco para reconhecer Merthin, mas depois deu um sorriso alegre e exclamou, efusivo:

– Meu irmão grande!

Era uma piada antiga: Merthin era o mais velho, mas há muito era o menor.

Os dois se abraçaram. Merthin sentiu um ímpeto de afeto, apesar de tudo. Pelo menos os dois continuavam vivos, pensou, apesar da guerra e da peste. Quando se separaram, ele tinha dúvidas de se algum dia tornariam a se encontrar. Ralph se jogou em sua enorme cadeira.

– Traga cerveja – disse a Tilly. – Estamos morrendo de sede.

Não haveria recriminações, concluiu Merthin.

Estudou o irmão. Ralph mudara desde aquele dia em 1339 em que partira para a guerra. Perdera alguns dedos da mão esquerda, presumivelmente em batalha. Tinha uma aparência dissoluta: o rosto com veias saltadas, de beber, a pele seca e flácida.

– Teve uma boa caçada? – perguntou Merthin.

– Trouxemos uma corça tão gorda quanto uma vaca – respondeu Ralph, na maior satisfação. – Comerá seu fígado hoje.

Merthin perguntou sobre os combates no exército do rei e Ralph relatou alguns dos pontos altos da guerra. O pai se mostrou entusiasmado e declarou:

– Um cavaleiro inglês vale dez franceses! A batalha de Crécy provou isso!

A resposta de Ralph, surpreendentemente, foi comedida:

– Um cavaleiro inglês não é muito diferente de um cavaleiro francês, em minha opinião. Mas os franceses ainda não compreenderam nossa formação de combate, com arqueiros nos dois lados de homens de armas e cavaleiros desmontados. Ainda desfecham ataques suicidas, e isso pode continuar por mais algum tempo. Mas um dia vão tirar conclusões sobre o combate nessas circunstâncias e mudar sua tática. Enquanto isso, somos quase invencíveis na defesa. Infelizmente, porém, a formação em forcado é irrelevante para o ataque, por isso acabamos sem ganhar quase nada.

Merthin ficou impressionado ao constatar como o irmão amadurecera. A guerra lhe proporcionara uma profundidade e uma sutileza que não possuía antes.

Por sua vez, Merthin falou sobre Florença: o incrível tamanho da cidade, a riqueza dos mercadores, as igrejas e palácios. Ralph demonstrou um fascínio especial pela existência de escravas.

A escuridão caiu. Os servos trouxeram lampiões e velas, depois o jantar. Ralph bebeu muito. Merthin notou que ele mal falava com Tilly. O que talvez

não fosse surpreendente. Ralph era um soldado de 31 anos que passara a metade da vida adulta no exército, enquanto Tilly era uma garota de 14 anos criada num convento. Sobre o que os dois poderiam conversar?

Mais tarde, depois que Gerald e Maud voltaram para sua casa e Tilly foi se deitar, Merthin decidiu abordar o assunto do pedido de Caris. Estava mais otimista do que antes, porque Ralph apresentava sinais de maturidade. Perdoara Merthin pelo que acontecera em 1339, e sua análise objetiva das táticas dos ingleses e franceses não tinha o ranço do chauvinismo tribal.

– Passei a noite em Wigleigh na vinda para cá.

– Aquele moinho de pisoar continua em atividade.

– O tecido escarlate se transformou num bom negócio para Kingsbridge.

Ralph deu de ombros.

– Mark Webber paga o arrendamento pontualmente.

Estava abaixo da dignidade dos nobres conversar sobre negócios.

– Estive com Gwenda e Wulfric. Você sabe que Gwenda é amiga de Caris desde a infância.

– Ainda me lembro daquele dia em que nos encontramos com sir Thomas Langley na floresta.

Merthin lançou um olhar rápido para Alan Fernhill. Todos haviam mantido o juramento da infância e não haviam falado a ninguém sobre o incidente. Merthin queria que o sigilo persistisse, pois sentia que era importante para Thomas, embora não tivesse a menor ideia do motivo. Mas Alan não teve a menor reação: bebera muito vinho e não tinha ouvidos para insinuações. Mesmo assim, Merthin se apressou em acrescentar:

– Caris me pediu para falar com você sobre Wulfric. Ela acha que você já o puniu o suficiente por aquela briga. E eu concordo.

– Ele quebrou meu nariz!

– Já esqueceu que eu estava presente? Não se pode dizer que você foi inocente na briga. – Merthin tentou tratar do assunto de maneira jovial: – Acariciou sua noiva... Como era mesmo o nome dela?

– Annet.

– Se os peitos dela não valiam um nariz quebrado, você é o único culpado.

Alan riu, mas Ralph não achou a menor graça.

– Wulfric quase conseguiu fazer com que lorde William me enforcasse, depois que Annet alegou que eu a estuprei.

– Mas você não foi enforcado. E cortou o rosto de Wulfric com a espada quando fugiu do tribunal. Foi um ferimento terrível... dava para ver os dentes dele. Ele nunca perderá a cicatriz.

– Ainda bem.

– Há onze anos você pune Wulfric. Sua esposa emagreceu muito e as crianças estão doentes. Não acha que já foi o suficiente, Ralph?

– Não.

– Como assim?

– Não é suficiente.

– Por quê? – indagou Merthin, na maior frustração. – Não consigo compreendê-lo.

– Continuarei a punir Wulfric e impedir que ele melhore de vida. Faço questão de humilhar Wulfric e suas mulheres.

Merthin ficou surpreso com a franqueza de Ralph.

– Pelo amor de Deus, com que finalidade?

– Normalmente eu não responderia a essa pergunta. Aprendi que quase nunca adianta dar explicações. Mas você é meu irmão mais velho e desde a infância sempre precisei de sua aprovação.

No fundo, compreendeu Merthin, Ralph realmente não mudara, mas apenas parecia conhecer e compreender a si mesmo de uma maneira que jamais ocorrera quando era mais jovem.

– A razão é simples – continuou Ralph. – Wulfric não tem medo de mim. Não se assustou naquele dia na Feira do Velocino e ainda não me teme, apesar de tudo o que fiz com ele. É por isso que ele deve continuar a sofrer.

Merthin ficou horrorizado.

– Isso é uma sentença perpétua!

– No dia em que eu perceber o medo em seus olhos quando me fitar, Wulfric terá qualquer coisa que quiser.

– É tão importante assim para você? – indagou Merthin, incrédulo. – Que as pessoas tenham medo de você?

– É a coisa mais importante do mundo.

57

O retorno de Merthin afetou toda a cidade. Caris observou as mudanças com espanto e admiração. Começaram com sua vitória sobre Elfric na guilda da paróquia. As pessoas compreenderam que a cidade poderia ter perdido sua ponte por causa da incompetência de Elfric e isso provocou um choque que as tirou da apatia. Mas todos sabiam que Elfric era um instrumento de Godwyn, por isso o priorado se tornou o alvo supremo do ressentimento.

E a atitude das pessoas em relação ao priorado começou a mudar. Havia um clima de desafio. Caris estava otimista. Mark Webber tinha boas possibilidades de vencer a eleição, marcada para o primeiro dia de novembro, e se tornar o regedor. Se isso acontecesse, o prior Godwyn não poderia mais fazer tudo à sua maneira. Talvez assim a cidade pudesse começar a crescer: mercados nos sábados, novos moinhos, tribunais independentes em que os mercadores poderiam acreditar.

Mas ela passava a maior parte do tempo pensando na própria situação. A volta de Merthin fora um terremoto que sacudira as fundações de sua vida. Sua reação inicial fora de horror pela perspectiva de abandonar tudo aquilo por que trabalhara durante os últimos nove anos: sua posição na hierarquia do convento; a maternal Cecilia, a afetuosa Mair; a enferma Velha Julie; e acima de tudo seu hospital, muito mais limpo, eficiente e acolhedor do que era antes.

Mas, à medida que os dias se tornaram mais frios e mais curtos, enquanto Merthin fazia os reparos na sua ponte e abria a rua em que pretendia construir novos prédios na ilha dos Leprosos, começou a enfraquecer a determinação de Caris de permanecer freira. As restrições da vida monástica, que deixara de notar depois de algum tempo, passaram a afligi-la de novo. A devoção de Mair, que fora uma diversão romântica agradável, agora se tornava irritante. E ela começou

a pensar no tipo de vida que poderia levar como esposa de Merthin.

Pensava muito em Lolla e na criança de Merthin que poderia ter tido. Lolla tinha olhos escuros e cabelos pretos, presumivelmente como a mãe italiana. A filha de Caris poderia ter os olhos verdes da família Wooler. A ideia de renunciar a tudo para cuidar da filha de outra mulher deixara Caris consternada em teoria, mas, assim que conhecera a menina, ela suavizou sua atitude.

Não podia conversar com ninguém no priorado a respeito, é claro. Madre Cecilia lhe diria que devia cumprir seus votos; Mair suplicaria para que ela ficasse. Por isso ela se angustiava sozinha à noite.

Sua discussão com Merthin por causa de Wulfric a levara ao desespero. Depois que ele se afastou, Caris foi para a farmácia e chorou. Por que as coisas eram tão difíceis? Ela queria apenas fazer a coisa certa.

Enquanto Merthin estava em Tench, ela confidenciou tudo a Madge Webber. Dois dias depois da partida de Merthin, Madge entrou no hospital logo depois do amanhecer, quando Caris e Mair faziam a ronda.

– Estou preocupada com meu Mark – disse ela.

Mair informou a Caris:

– Fui vê-lo ontem. Ele foi a Melcombe e voltou com febre e dor na barriga. Não falei nada porque achei que não era grave.

– Agora ele está tossindo muito e cuspindo sangue – explicou Madge.

– Vou vê-lo – decidiu Caris.

Os Webbers eram amigos antigos; ela preferia cuidar de Mark pessoalmente. Pegou uma sacola com alguns medicamentos básicos e acompanhou Madge até sua casa, na rua principal.

A área residencial era no segundo andar, por cima da loja. Os três filhos de Mark esperavam ansiosos na sala de refeições. Madge levou Caris para um quarto que tinha um cheiro horrível. Caris já se acostumara ao odor de um quarto de doente, uma mistura de suor, vômito e dejetos humanos. Mark estava deitado num colchão de palha, suando. A imensa barriga estufada, cheia de ar, dava a impressão de gravidez. A filha, Dora, estava ao pé a seu lado. Caris se ajoelhou junto de Mark e perguntou:

– Como se sente?

– Muito mal – murmurou Mark, a voz rouca. – Pode me dar alguma coisa

para beber?

Dora entregou um copo de vinho a Caris, que o levou aos lábios de Mark. Achou estranho ver um homem tão grande em tamanho desamparo. Ele sempre parecera invulnerável. Era angustiante, como encontrar um carvalho que estivera ali durante toda a sua vida mas fora subitamente derrubado por um raio.

Tocou a testa de Mark. Ele ardia em febre: não era de admirar que sentisse tanta sede.

– Deixem que ele beba tanto quanto quiser – recomendou Caris. – Uma cerveja fraca é melhor do que vinho.

Ela não disse a Madge que estava perplexa e preocupada com a doença de Mark. A febre e a dor na barriga eram sintomas rotineiros, mas a tosse com sangue era um sinal perigoso. Tirou um frasco com água de rosas da bolsa, encharcou um pedaço de tecido de lã e lavou o rosto e o pescoço de Mark. Serviu para acalmá-lo no mesmo instante. A água esfriava o rosto quente e o perfume de rosa disfarçava os cheiros ruins do quarto.

– Eu lhe darei um pouco de água de rosas de minha farmácia – disse a Madge. – Os médicos receitam para cérebro inflamado. A febre é quente e úmida, enquanto as rosas são frias e secas, alegam os monges. Qualquer que seja a razão, servirá para aliviá-lo um pouco.

– Obrigada.

Mas Caris não conhecia nenhum tratamento eficaz para catarro com sangue. Os monges médicos diagnosticariam excesso de sangue e recomendariam uma sangria, mas era o que receitavam para quase tudo, e Caris não acreditava na eficiência disso.

Ao lavar o pescoço de Mark, ela notou um sintoma que Madge não mencionara. Havia erupções púrpura escuras no pescoço e no peito de Mark.

Era uma doença que ela nunca observara antes, o que a deixou aturdida. Mas decidiu não dizer nada a Madge.

– Venha comigo para pegar a água de rosas.

O sol começava a subir no céu quando seguiram para o hospital.

– Você tem sido muito boa com a minha família – comentou Madge. – Éramos as pessoas mais pobres da cidade até que você começou a fabricar o escarlate.

– O sucesso foi uma consequência da energia e dedicação de vocês.

Madge assentiu com a cabeça. Sabia o que fizera.

– Mesmo assim, não teria acontecido sem você.

Num súbito impulso, Caris decidiu levar Madge pelo claustro das freiras até a farmácia, a fim de poderem conversar em particular. Leigos não tinham normalmente permissão para entrar ali, mas havia exceções; e Caris tinha agora a autoridade necessária para saber quando podia ignorar as regras.

Ficaram sozinhas na sala apertada. Caris encheu um jarro com água de rosas e cobrou 6 *pence* de Madge, para depois comentar:

– Estou pensando em renunciar a meus votos.

Madge acenou com a cabeça, sem demonstrar qualquer surpresa.

– Todo mundo quer saber o que você vai fazer.

Caris ficou chocada ao descobrir que as pessoas especulavam a seu respeito.

– Como sabem de meu dilema?

– Não é preciso ser clarividente. Você só entrou no convento para escapar de uma sentença de morte por bruxaria. E, depois do trabalho que realizou aqui, deve merecer perdão. Você e Merthin eram apaixonados e sempre pareceram certos um para o outro. Agora, ele voltou. É natural supor que você pense pelo menos em se casar com Merthin.

– Eu só não sei como seria a minha vida se eu fosse esposa de alguém.

Madge deu de ombros.

– Talvez um pouco parecida com a minha. Mark e eu cuidamos juntos do negócio dos tecidos. Tenho também de cuidar da casa, todos os maridos contam com isso, mas não é tão difícil assim, ainda mais quando se tem dinheiro para pagar empregados. E as crianças sempre serão uma responsabilidade da mãe, não do pai. Mas dou um jeito em tudo... e tenho certeza de que você faria a mesma coisa.

– Da maneira como você fala, não parece muito excitante.

Madge sorriu.

– Presumo que você já sabe das partes boas: sentir que é amada e adorada; saber que há uma pessoa no mundo que estará sempre ao seu lado; ir para a cama todas as noites com alguém forte e terno, que quer fazer sexo com você... isso é felicidade para mim.

As palavras simples de Madge descreviam uma imagem muito nítida e Caris foi dominada de repente por um anseio que era quase insuportável. Sentiu que mal podia esperar pelo momento de deixar a vida fria, dura e sem amor do priorado, em que o maior pecado era ter contato físico com outro ser humano. Se Merthin entrasse na farmácia naquele instante, ela arrancaria suas roupas e o possuiria ali mesmo, no chão.

Percebeu que Madge a observava com um ligeiro sorriso, lendo seus pensamentos. E não pôde deixar de corar.

– Não se preocupe. Eu compreendo. – Madge pôs 6 *pence* de prata na bancada e pegou o jarro. – É melhor eu voltar logo para casa e cuidar do meu homem.

Caris recuperou o controle.

– Tente mantê-lo confortável e venha me chamar imediatamente se houver alguma mudança em seu estado.

– Obrigada, irmã – disse Madge. – Não sei o que faria sem a sua ajuda.

Merthin permaneceu pensativo durante a viagem de volta para Kingsbridge. Nem mesmo a conversa animada e sem nexo de Lolla conseguiu tirá-lo de seu estado de espírito. Ralph aprendera muita coisa, mas no fundo não mudara. Ainda era um homem cruel. Negligenciava a esposa criança, mal tolerava os pais e era vingativo ao ponto da obsessão. Gostava de ser um lorde, mas sentia pouca ou nenhuma obrigação de cuidar dos camponeses sob seu domínio. Via tudo a seu redor, inclusive as pessoas, como existindo apenas para sua gratificação.

Merthin, no entanto, estava otimista em relação a Kingsbridge. Tudo indicava que Mark seria eleito regedor no Dia de Todos os Santos, e isso poderia ser o início de um surto de prosperidade.

Merthin voltou para a cidade no último dia de outubro, a véspera do Dia de Todos os Santos. Era uma sexta-feira naquele ano, por isso não havia o fluxo de multidões que iam para Kingsbridge quando a noite dos espíritos do mal caía num sábado, como acontecera quando Merthin tinha 11 anos e conhecera Caris, com 10. Mesmo assim, as pessoas estavam nervosas. Todo mundo planejava ir se

deitar antes do escurecer. Na rua principal, ele encontrou o filho mais velho de Mark Webber, John.

– Meu pai foi para o hospital – informou o rapaz. – Está com febre.

– É uma péssima ocasião para cair doente – comentou Merthin.

– Um dia fatídico.

– Não falei por causa da data. Mark deve estar presente na reunião da guilda da paróquia amanhã. Um regedor não pode ser eleito se estiver ausente.

– Acho que ele não terá condições de ir a qualquer reunião amanhã.

O que era preocupante. Merthin levou os cavalos para a Bell e deixou Lolla aos cuidados de Bessie.

Ao entrar no terreno do priorado, deparou com Godwyn e sua mãe. Calculou que haviam jantado juntos e agora Godwyn a acompanhava até o portão. Estavam absortos numa conversa ansiosa e Merthin refletiu que deviam estar preocupados com a possibilidade de seu lacaio Elfric perder a eleição para regedor. Pararam abruptamente quando o viram. Petranilla disse, untuosa:

– Lamento saber que Mark não está passando bem.

Com um esforço para se mostrar cortês, Merthin comentou:

– É apenas uma febre.

– Vamos orar para que ele se recupere depressa.

– Obrigado.

Merthin entrou no hospital. Encontrou Madge transtornada.

– Ele não para de tossir sangue. E não consigo saciar sua sede.

Ela levou um copo de cerveja aos lábios do marido. Mark tinha erupções roxas no rosto e nos braços. Suava muito e o nariz sangrava.

– Não se sente muito bem hoje, Mark? – perguntou Merthin.

Mark deu a impressão de que não o ouvira. Apenas balbuciou:

– Tenho muita sede.

Madge tornou a levar o copo a seus lábios enquanto dizia:

– Por mais que ele beba, está sempre com sede.

Ela falou num tom de pânico que Merthin nunca ouvira antes em sua voz. Merthin sentiu um medo súbito e intenso. Mark fazia viagens frequentes a Melcombe, onde tinha contato com marujos procedentes de Bordeaux, uma cidade infestada pela peste.

A reunião da guilda da paróquia no dia seguinte era agora a menor das preocupações de Mark. E a menor das de Merthin também.

O primeiro impulso de Merthin foi o de anunciar para todo mundo que um perigo mortal ameaçava a cidade. Mas tratou de ficar de boca fechada. Ninguém daria atenção a um homem em pânico e, além do mais, ainda não tinha certeza. Assim que estivesse convencido, conversaria a sós com Caris, de forma calma e lógica. Mas teria de ser o mais depressa possível.

Caris banhava o rosto de Mark com um líquido de cheiro agradável. Exibia uma expressão impassível, que Merthin reconheceu: ela ocultava seus sentimentos. Era evidente que tinha noção da gravidade da doença de Mark.

Mark agarrava uma coisa que parecia um pedaço de pergaminho. Merthin calculou que tinha uma oração escrita, ou um versículo da Bíblia, talvez mesmo um encantamento mágico. Devia ser ideia de Madge, pois Caris não tinha a menor fé em textos escritos para ajudar na cura.

O prior Godwyn entrou no hospital nesse momento, acompanhado, como sempre, por Philemon.

– Fiquem longe da cama! – exclamou Philemon no mesmo instante. – Como o homem vai melhorar se não puder ver o altar?

Merthin e as duas mulheres recuaram. Godwyn se inclinou sobre o paciente. Tocou na testa e no pescoço de Mark, depois sentiu seu pulso.

– Mostrem-me a urina – pediu.

Os monges médicos davam a maior importância ao exame da urina do paciente. O hospital tinha recipientes de vidro apropriados para isso, chamados de urinóis. Caris entregou um urinol a Godwyn. Não era preciso ser um especialista para constatar que havia sangue na urina de Mark. Godwyn devolveu o urinol.

– Este homem está sofrendo de sangue superaquecido. Deve sofrer uma sangria e depois ser alimentado com maçãs azedas e tripas.

Merthin sabia, por sua experiência da peste em Florença, que Godwyn dissera uma besteira, mas não fez qualquer comentário. Em sua mente, não havia muito espaço mais para dúvidas sobre a doença de Mark. As erupções na pele, o sangue, a sede: era a doença que ele próprio tivera em Florença, a que matara Silvia e toda a sua família. Era mesmo *la moria grande*.

A peste chegara a Kingsbridge.



Enquanto a escuridão aumentava, na véspera do Dia de Todos os Santos, a respiração de Mark Webber foi se tornando mais e mais difícil. Caris o observava enfraquecer. Sentia a impotência furiosa que a dominava sempre que se descobria incapaz de ajudar um paciente. Mark passou a um estado de inconsciência perturbada. Suava e ofegava muito, os olhos fechados, sem qualquer sinal de percepção. A uma sugestão discreta de Merthin, Caris tateou as axilas de Mark e encontrou enormes caroços, parecidos com furúnculos. Não perguntou a Merthin o significado daquilo; deixaria para interrogá-lo mais tarde. As freiras rezavam e entoavam hinos, enquanto Madge e os quatro filhos permaneciam em volta, desesperados e desamparados.

Por fim, Mark teve convulsões e o sangue esguichou de sua boca num súbito fluxo. Depois, ele caiu para trás, ficou imóvel e parou de respirar.

Dora soltou um gemido alto. Os três filhos estavam atordoados, fazendo esforço para conter as lágrimas, porque chorar não era coisa de homem. Madge chorava com amargura.

– Ele era o melhor homem do mundo – balbuciou para Caris. – Por que Deus tinha de levá-lo?

Caris precisou reprimir sua dor. A perda que experimentava não era nada em comparação com a deles. Não entendia por que Deus, com tanta frequência, levava as melhores pessoas, e deixava as iníquas para continuarem a fazer maldades. Toda a ideia de uma divindade benevolente, velando por todos, parecia inacreditável em momentos como aquele. Os padres diziam que a doença era uma punição pelo pecado. Mark e Madge amavam um ao outro, se dedicavam aos filhos e trabalhavam com afinco; por que deveriam ser punidos?

Não havia respostas para as questões religiosas, mas Caris tinha algumas indagações práticas urgentes a fazer. Sentia enorme preocupação com a doença de Mark e não tinha a menor dúvida de que Merthin sabia algo a respeito. Ela reprimiu as lágrimas.

Primeiro, mandou Madge e os filhos descansar em casa e determinou às

freiras que preparassem o corpo para o sepultamento. Depois, disse para Merthin:

– Quero conversar com você.

– E eu com você.

Ela notou que Merthin parecia assustado. O que era raro. Seu medo cresceu.

– Vamos para a catedral. Lá poderemos conversar em particular.

Um vento de inverno soprava pelo pátio gramado. Era uma noite clara e eles podiam ver o caminho à luz das estrelas. No coro, os monges se preparavam para o serviço da madrugada do Dia de Todos os Santos. Caris e Merthin foram para o canto noroeste, longe dos monges, para que ninguém pudesse ouvi-los. Caris estremeceu e se aconchegou no hábito enquanto perguntava:

– Você sabe o que matou Mark?

Merthin respirou fundo, tremendo.

– Foi a peste. *La moria grande*.

Caris anuiu com a cabeça. Era o que receava. Mesmo assim, tratou de contestá-lo:

– Como sabe?

– Mark ia a Melcombe e conversava com marujos de Bordeaux, onde os corpos são empilhados nas ruas.

– Ele acaba de voltar. – Ela não queria acreditar em Merthin. – Como pode ter certeza de que é a peste?

– Os sintomas são os mesmos: febre, manchas púrpura escuras, hemorragia, bubos nas axilas e, acima de tudo, a sede. Lembro muito bem, por Cristo, porque fui um dos poucos que se recuperaram. Quase todos morrem em cinco dias, às vezes até menos.

Caris sentiu-se como se o Dia do Juízo Final tivesse chegado. Ouvira histórias terríveis sobre a Itália e o Sul da França: famílias inteiras exterminadas, corpos apodrecendo sem enterro em palácios vazios, crianças pequenas órfãs vagando em lágrimas pelas ruas, gado morrendo por falta de cuidados em aldeias fantasmas. Isso aconteceria também em Kingsbridge?

– O que os médicos italianos faziam?

– Rezavam, cantavam hinos, tiravam sangue, prescreviam suas panaceias prediletas e cobravam uma fortuna. Tudo que tentaram foi inútil.

Os dois estavam bem juntos, falando em voz baixa. Caris podia ver o rosto dele à tênue claridade das velas distantes dos monges. Merthin a fitava com estranha intensidade. Ela podia perceber que ele estava profundamente comovido, mas não parecia ser de dor pela perda de Mark. Era por causa dela.

– Como são os médicos italianos em comparação com os ingleses?

– Depois dos muçulmanos, os médicos italianos são considerados os mais competentes do mundo. Até retalham os cadáveres para saberem mais sobre as doenças. Mas nunca conseguiram curar um único paciente com peste.

Caris se recusava a aceitar o desespero total.

– Não podemos ficar absolutamente impotentes.

– Tem razão. Não podemos curar ninguém com peste, mas algumas pessoas acham que podem escapar.

– Como? – indagou Caris, ansiosa.

– Parece que a peste é transmitida de uma pessoa para outra.

Caris acenou com a cabeça em concordância.

– É o que acontece com muitas doenças.

– Em geral, quando uma pessoa pega a peste, toda a sua família também pega. A proximidade é o fator fundamental.

– Faz sentido. Alguns dizem que você cai doente ao olhar para pessoas doentes.

– Em Florença, as freiras nos aconselhavam a permanecer em casa tanto quanto possível, evitar as reuniões sociais, os mercados, as assembleias de guildas e conselhos.

– E as missas?

– Elas não diziam nada a respeito, mas muitas pessoas deixaram de frequentar as igrejas.

Isso combinava com o que Caris vinha pensando havia anos. Talvez seus métodos pudessem prevenir a peste.

– O que me diz das freiras e dos médicos, as pessoas que tinham de ver e tocar nos doentes?

– Os padres se recusavam a ouvir as confissões sussurradas, para não terem de chegar muito perto. As freiras usavam máscaras de linho sobre a boca e o nariz, a fim de não respirarem o mesmo ar. Algumas lavavam as mãos com

vinagre cada vez que tocavam num paciente. Os sacerdotes médicos diziam que nada disso adiantava, mas a maioria preferiu deixar a cidade.

– E essas precauções ajudaram?

– É difícil dizer. Nada disso foi feito até que a peste se espalhasse por toda a cidade. E não era sistemático... todos tentavam coisas diferentes.

– Mesmo assim, devemos fazer um esforço.

Depois de uma pausa, Merthin disse:

– Mas há uma precaução que é segura.

– Qual?

– Fugir da cidade.

Era isso que ele esperava para dizer, compreendeu Caris. Merthin acrescentou:

– O ditado é o seguinte: “Saia cedo, para bem longe, e se mantenha distante por muito tempo.” As pessoas que fizeram isso escaparam da peste.

– Não podemos fazer isso.

– Por que não?

– Pense um pouco. Há 6 mil ou 7 mil pessoas em Kingsbridge, não é possível que todos deixem a cidade. Para onde iriam?

– Não estou falando dos outros... apenas de você. Pode ou não ter pegado a peste de Mark. Madge e os filhos certamente devem ter pegado, mas você passou menos tempo com ele. Se ainda está bem, podemos escapar. Partiríamos hoje mesmo, você, eu e Lolla.

Caris estava atordoada pela maneira como ele presumia que a peste já se espalhara àquela altura. Ela já estaria condenada?

– Mas... para onde iríamos?

– Gales ou Irlanda. Precisamos encontrar uma aldeia remota onde não aparecem estranhos a não ser a intervalos de mais de um ano.

– Você teve a doença. E me disse que as pessoas não pegam duas vezes.

– Nunca. E algumas pessoas não pegam nem a primeira vez. Lolla deve ser assim. Se ela não pegou da mãe, não é provável que pegue de qualquer outra pessoa.

– Então por que você quer ir para Gales?

Merthin a encarou com a mesma intensidade que exibira antes e Caris

compreendeu que o medo que ele sentia era por ela. Merthin estava apavorado com a ideia de que ela pudesse morrer. Caris recordou as palavras de Madge: “Saber que há uma pessoa no mundo que estará sempre ao seu lado.” Merthin tentava cuidar dela, não importava o que ela fizesse. Caris pensou na pobre Madge, atormentada pela dor de ter perdido o homem que sempre estivera ao seu lado. Como ela, Caris, podia pensar em rejeitar Merthin? Mas foi o que fez.

– Não posso deixar Kingsbridge. Em qualquer outro momento seria possível, menos agora. As pessoas contam comigo se caírem doentes. Quando a peste se espalhar, todos vão me procurar em busca de ajuda. Se eu fugisse... ora, não sei explicar.

– Creio que compreendo. Seria como um soldado que foge quando a primeira flecha é disparada. E se sentiria uma covarde.

– Isso mesmo... e também seria uma fraude, depois de tantos anos como freira dizendo que vivo para servir os outros.

– Eu sabia que se sentiria assim, Caris. Mas tinha de tentar. – A tristeza na voz de Merthin quase partiu o coração de Caris enquanto ele acrescentava: – E suponho que isso signifique que não renunciará a seus votos em um futuro previsível.

– Não posso fazer isso. O hospital é o lugar para onde as pessoas vêm em busca de ajuda. Tenho de estar aqui, no priorado, para desempenhar meu papel. Tenho de ser uma freira.

– Está bem.

– Não fique tão desolado.

Com um pesar irônico, ele perguntou:

– E por que eu não deveria ficar?

– Não disse que a peste matou metade da população de Florença?

– Mais ou menos isso.

– Portanto, metade das pessoas não pegou a doença.

– Como Lolla. Ninguém sabe por quê. Talvez tenham alguma força especial. Ou talvez a peste ataque ao acaso, como as flechas disparadas contra as fileiras inimigas, matando alguns, poupando outros.

– De qualquer forma, há uma boa possibilidade de que eu escape da doença.

– Uma chance em duas.

– Como jogar uma moeda para o alto.
– Cara ou coroa – disse Merthin. – Vida ou morte.

58

Centenas de pessoas compareceram ao funeral de Mark Webber. Ele fora um dos cidadãos mais eminentes da cidade, mas era mais do que isso. Tecelões pobres vieram das aldeias das redondezas, alguns tendo de caminhar por horas. Ele foi um homem muito amado, refletiu Merthin. A combinação do corpo de gigante com o temperamento gentil projetava um encantamento especial.

Era um dia chuvoso e as cabeças descobertas de ricos e pobres estavam encharcadas enquanto se postavam em torno da sepultura. A chuva fria se misturava com as lágrimas quentes nos rostos de todos. Madge mantinha os braços estendidos sobre os ombros dos filhos mais novos, Dennis e Noah. Eram flanqueados pelo filho mais velho, John, e pela filha, Dora, ambos muito mais altos que a mãe. Até pareciam os pais das três pessoas mais baixas no meio.

Merthin pensou, sombrio, se a próxima a morrer seria Madge ou uma das crianças.

Seis homens fortes bufaram com o esforço de baixar o caixão muito pesado para a sepultura. Madge chorava, desesperada, enquanto os monges entoavam o último hino. Depois os coveiros começaram a jogar a terra encharcada na sepultura. A multidão se dispersou.

O irmão Thomas se aproximou de Merthin, com o capuz levantado para se proteger da chuva.

– O priorado não tem dinheiro para reconstruir a torre – informou. – Godwyn contratou Elfric para demolir a torre antiga e apenas fazer um telhado sobre a interseção.

Merthin afastou a mente dos pensamentos apocalípticos da peste.

– Como Godwyn pagará a Elfric por isso?

– As freiras darão o dinheiro.

– Pensei que elas odiavam Godwyn.

– A irmã Elizabeth é a tesoureira. Godwyn tem cuidado de ser gentil com a família dela, que trabalha em terras do priorado. Quase todas as outras freiras o odeiam, é verdade... mas precisam da catedral.

Merthin não desistira da esperança de reconstruir a torre, mais alta do que antes.

– Se eu conseguisse levantar o dinheiro, o priorado construiria uma nova torre?

Thomas deu de ombros.

– É difícil dizer.

Naquela tarde, Elfric foi reeleito regedor da guilda da paróquia. Encerrada a sessão, Merthin procurou Bill Watkin, o maior construtor da cidade depois de Elfric.

– Depois que as fundações da torre forem reparadas, seria possível reconstruí-la ainda mais alta do que antes – afirmou.

– Não vejo por que não – concordou Bill. – Mas qual seria o sentido?

– Para que pudesse ser vista de Mudeford Crossing. Muitos viajantes... peregrinos, mercadores e outros... não percebem a entrada para Kingsbridge e seguem direto para Shiring. A cidade perde muitos negócios dessa maneira.

– Godwyn dirá que não tem condições de pagar.

– Pense no seguinte: a nova torre não poderia ser construída da mesma maneira que a ponte? Os mercadores da cidade adiantariam o dinheiro e seriam pagos com o pedágio da ponte.

Bill coçou a franja de cabelos grisalhos igual à de um monge. Era um conceito insólito.

– Mas a torre não tem nada a ver com a ponte.

– Isso importa?

– Acho que não.

– Os pedágios da ponte seriam apenas uma maneira de garantir o pagamento do empréstimo.

Bill considerou seus interesses pessoais.

– Eu seria contratado para fazer parte do trabalho?

– É um projeto grande... todos os construtores da cidade teriam de participar.

– Seria ótimo.

– Se eu projetasse uma torre grande, você me apoiaria na próxima reunião da guilda da paróquia?

Bill pareceu em dúvida.

– Não é provável que os membros da guilda apoiem uma extravagância como essa.

– A torre não precisa ser extravagante, apenas alta. Se fizermos um domo sobre a interseção, posso construir sem precisar de um cimbre.

– Um domo? É uma ideia nova.

– Vi vários domos na Itália.

– Tem razão. Isso economizaria dinheiro.

– E a torre pode ser encimada por uma agulha fina de madeira, o que também pouparia dinheiro, além de ficar maravilhoso.

– Já tinha pensado em tudo, não é?

– Na verdade, não. Mas a ideia se mantém no fundo da minha mente desde que voltei de Florença.

– Parece muito bom... bom para os negócios, bom para a cidade.

– E bom para nossas almas eternas.

– Farei o melhor que puder para ajudá-lo.

– Obrigado.

Merthin refletia muito sobre o projeto da torre enquanto cuidava de outros trabalhos, como o conserto da ponte e a construção das novas casas na ilha dos Leprosos. Isso o ajudava a desviar a mente das visões angustiantes e obsessivas de Caris doente com a peste. Pensava com frequência na torre sul de Chartres. Era uma obra-prima, embora um pouco antiquada, construída há cerca de duzentos anos.

O que Merthin mais apreciara nela, ele podia recordar com nitidez, era a transição da torre quadrada para a octogonal por cima. No topo da torre, em cada um dos quatro cantos, havia pináculos virados em diagonal para fora. No mesmo nível, em pontos intermediários de cada lado do quadrado, havia águas-furtadas similares na forma aos pináculos. Essas oito estruturas se harmonizavam com os oito lados inclinados da torre que se erguiam por trás, de tal forma que o olho mal notava a mudança de forma quadrada para a octogonal.

Chartres, no entanto, era desnecessariamente atarracada para os padrões do século XIV. A torre de Merthin teria colunas mais esguias e enormes aberturas de janelas, para atenuar o peso sobre os pilares por baixo e também para reduzir a tensão, ao permitir a passagem do vento.

Ele fez um chão de traçado de projetos em sua oficina na ilha. Gostava de planejar os detalhes, dobrando e quadruplicando as arcadas pontiagudas da velha catedral, modernizando os conjuntos de colunas e capitéis.

Hesitava quanto à altura. Não tinha como calcular quão alta precisaria ser para se tornar visível de Mudeford Crossing. Isso só poderia ser determinado na prática. Quando acabasse a torre de pedra, teria de erguer uma agulha provisória e depois ir até Mudeford num dia claro, para verificar se poderia avistá-la. A catedral fora construída numa elevação, e em Mudeford a estrada subia por uma encosta, pouco antes de descer para a travessia do rio. O instinto lhe dizia que, se fizesse a torre um pouco mais alta que a de Chartres – acima de 120 metros –, isso seria suficiente.

A torre da Catedral de Salisbury tinha 123 metros.

Merthin planejava erguer a sua até a altura de 124 metros.

Enquanto se inclinava sobre o chão de traçado, desenhando os pináculos da torre, Bill Watkin apareceu.

– O que você acha? – perguntou Merthin. – A torre precisa de uma cruz por cima, apontada para o céu? Ou de um anjo, velando por nós?

– Nenhuma das duas coisas – disse Bill. – A torre não será construída.

Merthin se empertigou, uma régua na mão esquerda e uma agulha de ferro para desenhar na direita.

– O que o faz dizer isso?

– Recebi uma visita do irmão Philemon. Ele queria me dar um conselho, para meu próprio bem. Disse que não seria sensato da minha parte apoiar qualquer plano de uma torre projetada por você.

– Por que não?

– Porque isso irritaria o prior Godwyn, que não vai aprovar seus planos, independentemente de qualquer coisa.

Merthin não se surpreendeu. Se Mark Webber tivesse sido eleito regedor, o equilíbrio de poder na cidade teria mudado e Merthin poderia ter recebido a

incumbência de construir a nova torre. Mas a morte de Mark invertera a situação contra ele. Mesmo assim, se apegara à esperança. Agora, sentia um profundo desapontamento.

– Devo supor que ele vai contratar Elfric?

– Foi essa a insinuação.

– Será que Godwyn nunca vai aprender?

– Quando um homem é orgulhoso, isso conta mais do que o bom senso.

– A guilda da paróquia pagará uma torre baixa e atarracada construída por Elfric?

– Provavelmente. Os mercadores podem não ficar muito satisfeitos, mas arrumarão o dinheiro. Orgulham-se de sua catedral, apesar de tudo.

– A incompetência de Elfric quase lhes custou a ponte! – bradou Merthin, indignado.

– Eles sabem disso.

Merthin permitiu que sua mágoa aflorasse:

– Se eu não tivesse diagnosticado o problema, a torre teria desabado. E talvez derrubasse toda a catedral.

– Eles também sabem disso. Mas não querem brigar com o prior só porque ele é injusto com você.

– É claro...

Merthin falou como se pensasse que isso era perfeitamente razoável, mas estava escondendo sua amargura. Fizera mais por Kingsbridge do que Godwyn e estava magoado porque os moradores da cidade não lutavam por ele. Mas também sabia que a maioria das pessoas, na maior parte do tempo, agia de acordo com seus interesses pessoais imediatos.

– As pessoas são ingratas – comentou Bill. – Sinto muito.

– Não se preocupe.

Merthin encarou Bill, depois desviou os olhos, largou seus instrumentos de desenho e deixou a oficina.



Durante o serviço de Laudes, antes do amanhecer, Caris ficou surpresa ao olhar

pela nave e avistar uma mulher no lado norte, na frente de um quadro na parede com Cristo Ressuscitado. Havia uma vela ao seu lado; à luz da chama, Caris reconheceu o corpo roliço e o queixo projetado de Madge Webber.

Madge permaneceu ali ao longo de todo o serviço, sem prestar qualquer atenção aos salmos, aparentemente absorta em oração. Talvez estivesse pedindo a Deus que perdoasse os pecados de Mark e que o deixasse descansar em paz. Não que Mark tivesse cometido muitos pecados até onde Caris sabia. Era mais provável que Madge estivesse pedindo a Mark para lhe enviar boa sorte do mundo dos espíritos. Madge continuaria a cuidar do negócio de tecido escarlate, com a ajuda dos dois filhos mais velhos. Era o que costumava acontecer quando um mercador morria deixando viúva e um empreendimento próspero. Mesmo assim, não podia haver a menor dúvida de que ela sentia necessidade da bênção do marido morto para seus esforços.

Mas essa explicação não chegava a ser satisfatória para Caris. Havia certa intensidade na postura de Madge, alguma coisa em sua imobilidade que sugeria profundo fervor, como se estivesse suplicando aos céus que lhe concedessem uma dádiva da maior importância.

Quando o serviço terminou e os monges e freiras começaram a sair da catedral, Caris se desligou da procissão e seguiu pela escuridão da nave até o brilho distante da vela.

Madge se levantou ao ouvir o som de passos. Quando reconheceu Caris, disse, em tom de acusação:

– Mark morreu de peste, não é?

Então era isso.

– Acho que sim.

– Você não me disse.

– Não tinha certeza, e não queria assustá-la, para não mencionar toda a cidade com base num palpite.

– Ouvi dizer que a peste chegou a Bristol.

Então as pessoas da cidade já começavam a falar a respeito.

– E a Londres – acrescentou Caris, que recebera essa informação de um peregrino.

– O que acontecerá com todos nós?

A tristeza confrangeu o coração de Caris.

– Não sei – mentiu.

– Ouvi dizer que a peste se espalha de uma pessoa para outra.

– É o que acontece com muitas doenças.

A agressividade desapareceu do rosto de Madge, substituída por uma expressão suplicante que partiu o coração de Caris. Num quase sussurro, ela perguntou:

– Meus filhos morrerão?

– A esposa de Merthin pegou a peste. Ela morreu, assim como toda a sua família. Mas Merthin se recuperou, e Lolla nem a contraiu.

– Quer dizer que meus filhos ficarão bem?

Não fora isso que Caris quisera dizer.

– Podem ficar. Ou alguns podem pegar e outros podem escapar.

Isso não satisfez Madge. Como a maioria dos pacientes, ela queria certezas, não possibilidades.

– O que posso fazer para protegê-los?

Caris olhou para a imagem de Cristo.

– Você está fazendo tudo que pode – disse, e começou a perder o controle. Quando um soluço subiu por sua garganta, virou-se para esconder seus sentimentos e deixou a catedral às pressas.

Sentou-se no claustro das freiras por alguns minutos, recuperando o controle. Depois foi para o hospital, como sempre fazia àquela hora. Mair não estava ali. Devia ter saído para cuidar de algum doente na cidade. Caris assumiu o comando, supervisionando a distribuição da primeira refeição para hóspedes e pacientes, providenciando a limpeza, examinando os doentes. O trabalho atenuou sua aflição por Madge. Leu um salmo para a Velha Julie. Depois de cumpridas todas as tarefas, como Mair ainda não tivesse aparecido, Caris deixou o hospital para procurá-la.

Encontrou-a no dormitório, estendida na cama, de barriga para baixo. O coração de Caris disparou.

– Mair! Você está bem?

Mair rolou na cama. Estava pálida e suava. Tossiu, mas não disse nada. Caris se ajoelhou a seu lado e pôs a mão em sua testa.

– Você está com febre – disse, reprimindo o medo que aflorou em sua barriga, como uma náusea. – Quando começou?

– Eu estava tossindo ontem. Mas dormi bem e me levantei esta manhã sem sentir nada. Depois, quando desci para comer, senti de repente que ia vomitar. Fui até a latrina, voltei para o dormitório e deitei. Acho que dormi... Que horas são?

– O sino para a terça está prestes a tocar. Mas você está dispensada.

Podia ser apenas uma doença comum, disse Caris a si mesma. Tocou no pescoço de Mair e depois baixou o capuz de seu hábito. Mair lhe deu um sorriso desanimado.

– Está tentando ver meu peito?

– Isso mesmo.

– Vocês, freiras, são todas iguais.

Não havia erupções, até onde Caris pôde perceber. Talvez fosse só um resfriado.

– Alguma dor?

– Há um ponto extremamente sensível em minha axila.

Isso não dizia muita coisa a Caris. Os inchaços dolorosos nas axilas e na virilha eram característicos também de outras doenças, não apenas da peste.

– Vamos descer para o hospital.

Quando Mair levantou a cabeça, Caris viu manchas de sangue no travesseiro.

Sentiu o choque como se fosse um golpe físico. Mark Webber tossira sangue. E Mair fora a primeira pessoa a cuidar de Mark, no início de sua doença... fora até a casa dele um dia antes de Caris.

Caris ocultou seu medo e ajudou Mair a se levantar. Lágrimas afloraram a seus olhos, mas ela se controlou. Mair passou o braço pela cintura de Caris e encostou a cabeça em seu ombro, como se precisasse de amparo para andar. Caris passou o braço pelos ombros de Mair. Juntas, desceram a escada e atravessaram o claustro das freiras até o hospital.

Caris levou Mair para um colchão perto do altar. Foi buscar um copo de água fresca da fonte no claustro. Mair bebeu com sofreguidão. Caris lavou o rosto e pescoço dela com água de rosas. Passado algum tempo, Mair pareceu adormecer.

O sino para a terça tocou. Normalmente, Caris era dispensada desse serviço;

mas agora ela sentia necessidade do isolamento. Ingressou na procissão de freiras e entrou na catedral. As velhas pedras cinzentas pareciam frias e inóspitas hoje. Ela entoou os hinos de forma automática enquanto uma tempestade agitava seu coração.

Mair estava com a peste. Não havia erupções, mas ela tinha febre, sentia muita sede e tossira sangue. Provavelmente morreria.

Caris foi dominada por um terrível sentimento de culpa. Mair a amara com devoção. Caris nunca fora capaz de retribuir o amor de Mair, não da maneira que Mair desejava. Agora, Mair estava morrendo. Caris desejou que pudesse ter sido diferente. Devia ter sido capaz de fazer Mair feliz. Deveria ser capaz de salvar sua vida. Ela chorou enquanto entoava o salmo, confiando em que, se alguém reparasse nas lágrimas, pensasse que era um êxtase religioso.

Ao final do serviço, uma noviça a esperava ansiosa fora da porta do transepto sul.

– Há alguém no hospital pedindo para falar com você com urgência.

Caris encontrou Madge Webber ali, o rosto branco de medo.

Caris não precisava perguntar o que Madge queria. Pegou a bolsa de medicamentos e as duas saíram apressadas. Atravessaram o pátio gramado da catedral num instante, sob o vento gelado de novembro, rumo à casa dos Webbers, na rua principal. Lá em cima, os filhos de Madge esperavam na sala. Os dois mais velhos sentavam à mesa, parecendo assustados; os meninos estavam deitados no chão.

Caris os examinou rapidamente. Todos os quatro estavam febris. A garota sangrava pelo nariz. Os três meninos tossiam.

Todos tinham manchas púrpura nos ombros e no pescoço. Madge disse:

– É a mesma coisa, não é? Foi disso que Mark morreu. Eles estão com a peste.

Caris acenou com a cabeça em confirmação.

– Sinto muito.

– Espero morrer também – disse Madge. – Assim poderemos ficar juntos no céu.

59

No hospital, Caris adotou as precauções de que Merthin lhe falara. Cortou tiras de linho para as freiras cobrirem a boca e o nariz enquanto cuidavam de pessoas que tinham a peste. E as obrigou a lavarem as mãos com vinagre e água sempre que tocavam em um paciente. Todas as freiras ficaram com as mãos esfoladas.

Madge levou os quatro filhos para o hospital e depois também caiu doente. A Velha Julie, que estivera deitada perto de Mark Webber enquanto ele morria, também sucumbiu. Havia bem pouco que Caris pudesse fazer por qualquer paciente. Lavava seus rostos para baixar a febre, dava-lhes água fresca da fonte no claustro para beberem, limpava o vômito ensanguentado e esperava enquanto morriam.

Estava ocupada demais para pensar na própria morte. Percebia certa admiração assustada nos olhos dos habitantes da cidade quando a viam afagar os rostos das vítimas infecciosas da peste, mas não se sentia uma mártir altruísta. Considerava-se apenas como o tipo de pessoa que detestava ficar remoendo e preferia agir. Como todos os outros, estava obcecada pela indagação: Quem será o próximo? Mas, com toda a firmeza, afastava o pensamento de sua mente.

O prior Godwyn foi examinar os pacientes. Recusou-se a usar a máscara no rosto alegando que isso não passava de bobagem de mulher. Fez o mesmo diagnóstico de antes, sangue superaquecido, e prescreveu sangria e dieta com maçãs azedas e tripas de carneiro.

Não importava muito o que os pacientes comiam, já que eles vomitavam tudo a seguir, porém Caris tinha certeza de que tirar o sangue fazia com que a doença piorasse. Já sangravam demais: tossiam e cuspiam sangue, vomitavam sangue, urinavam sangue. Mas os monges eram os médicos treinados, por isso tinha de seguir suas instruções. Não tinha tempo para ficar furiosa sempre que

via um monge ou uma freira ajoelhados ao lado de um paciente, mantendo um braço esticado, cortando a veia com uma pequena faca afiada e mantendo o braço erguido enquanto meio litro ou mais de sangue precioso escorria para uma bacia no chão.

Caris se sentou ao lado de Mair no final, segurando sua mão, sem se importar se alguém pudesse desaprovar. Para atenuar seu tormento, deu-lhe uma pequena quantidade da droga eufórica que Mattie lhe ensinara a fazer com papoulas. Mair ainda tossia, mas já não doía tanto. Depois de um acesso, sua respiração se tornou mais fácil por algum tempo e ela conseguiu falar.

– Obrigada por aquela noite em Calais – sussurrou. – Sei que você não gostou muito, mas foi o paraíso para mim.

Caris teve de fazer um esforço para não chorar.

– Lamento muito não ter podido ser o que você queria.

– Mas você me amou à sua maneira. Sei disso.

Ela tossiu de novo. Quando o acesso acabou, Caris limpou o sangue dos lábios de Mair.

– Eu amo você – balbuciou Mair, antes de fechar os olhos.

Caris deixou que as lágrimas escorressem, sem se importar com quem visse nem com o que as pessoas pudessem pensar. Ficou fitando Mair através das lágrimas e a viu se tornar mais e mais pálida, a respiração cada vez mais superficial até cessar por completo.

Caris permaneceu onde estava, no chão, ao lado do colchão, segurando a mão do cadáver. Mair ainda era linda, mesmo branca, imóvel para sempre. Ocorreu a Caris que apenas outra pessoa a amava tanto quanto Mair, e essa pessoa era Merthin. Como era estranho que ela também tivesse rejeitado o amor dele. Havia alguma coisa errada com ela, pensou, alguma deformação da alma que a impedia de ser como as outras mulheres e aceitar o amor com a maior alegria.

Mais tarde, naquela noite, os quatro filhos de Mark Webber morreram e Velha Julie também.

Caris estava perturbada. Não havia nada que ela pudesse fazer? A peste se espalhava depressa e matava todo mundo. Era como viver numa prisão e imaginar qual dos presos seria o próximo a ir para a forca. Kingsbridge estava

condenada a ser como Florença e Bordeaux, com corpos empilhados nas ruas? No domingo seguinte haveria mercado no pátio gramado junto da catedral. Centenas de pessoas das aldeias vizinhas viriam comprar e vender, confraternizar com os moradores da cidade nas igrejas e tavernas. Quantas voltariam para casa com a doença fatal? Ao sentir isso, angustiadamente impotente contra forças terríveis, Caris compreendeu por que as pessoas erguiam as mãos e diziam que tudo era controlado pelo mundo dos espíritos. Mas ela nunca fora assim.

Quando alguém do priorado morria, sempre havia um serviço fúnebre especial, com a participação de todos os monges e freiras e orações extras pela partida do falecido. Tanto Mair quanto Velha Julie eram muito amadas: Julie, por seu coração gentil; Mair, por sua beleza. Muitas freiras choraram. Os filhos de Madge foram incluídos no serviço fúnebre, por isso várias centenas de moradores da cidade compareceram. Madge estava doente demais para deixar o hospital.

Todos se reuniram no cemitério, sob um céu cor de chumbo. Caris teve a impressão de sentir o cheiro de neve no vento frio que soprava do norte. O irmão Joseph disse as orações à beira dos túmulos e seis caixões foram baixados para as sepulturas. Uma voz na multidão fez a pergunta que dominava a mente dos presentes:

– Vamos todos morrer, irmão Joseph?

Joseph era o mais popular dos monges médicos. Agora perto dos 60 anos, era um intelectual, mas tinha um comportamento afetuoso à cabeceira de um doente.

– Vamos todos morrer, meu amigo, mas nenhum de nós sabe quando – respondeu. – É por isso que devemos estar sempre preparados para o encontro com Deus.

Betty Baxter interveio, sempre inquisitiva, querendo chegar à verdade:

– O que podemos fazer contra a peste... porque é a peste, não é mesmo?

– A melhor proteção é a oração – declarou Joseph. – E, caso Deus tenha decidido levá-la, deve ir logo à igreja para confessar seus pecados.

Betty não deixava para trás um assunto com tanta facilidade:

– Merthin disse que em Florença as pessoas permaneciam em casa para evitar o contato com os doentes. Isso é uma boa ideia?

– Não creio. Os florentinos escaparam da peste?

Todos olharam para Merthin, que estava com Lolla no colo.

– Não, não escaparam – respondeu ele. – Mas talvez muitos mais tivessem morrido se houvessem agido de outra forma.

Joseph sacudiu a cabeça.

– Se você ficar em casa, não pode ir à igreja. E a santidade é o melhor remédio.

Caris não pôde mais se manter calada.

– A peste passa de uma pessoa para outra – disse ela, furiosa. – Se você ficar longe das outras pessoas, tem mais chance de escapar da infecção.

O prior Godwyn interveio:

– Então as mulheres são médicas agora?

Caris o ignorou:

– Devemos cancelar o mercado. Pouparia muitas vidas.

– Cancelar o mercado!? – exclamou Godwyn, desdenhoso. – E como faríamos isso? Mandaríamos mensageiros a todas as aldeias?

– Basta fechar os portões da cidade – retrucou Caris. – Bloquear a ponte. Manter todos os estranhos fora da cidade...

– Mas já há pessoas doentes na cidade.

– ... Fechar todas as tavernas. Cancelar as reuniões de todas as guildas. Proibir convidados nos casamentos.

– Em Florença, eles suspenderam até as reuniões do conselho da cidade – informou Merthin.

– Então como as pessoas farão negócios? – indagou Elfric.

– Se fizer negócios, você morre – redarguiu Caris. – E matará também sua esposa e seus filhos. A decisão é sua.

– Não quero fechar minha loja... perderia muito dinheiro – declarou Betty Baxter. – Mas farei isso para salvar minha vida.

Caris sentiu-se mais esperançosa, mas logo Betty acrescentou:

– O que dizem os médicos? Eles sabem mais do que todo mundo.

Caris soltou um sonoro gemido. O prior Godwyn disse:

– A peste foi enviada por Deus para nos punir por nossos pecados. O mundo se tornou iníquo. Heresia, lascívia e desrespeito vicejam por toda parte. Os

homens questionam a autoridade, as mulheres exibem seus corpos, as crianças desobedecem aos pais. Deus está furioso e sua ira é terrível. Não tentem fugir de sua justiça. Ela haverá de encontrá-los, não importa onde se escondam.

– O que devemos fazer?

– Se querem viver, devem ir à igreja, confessar seus pecados, orar e levar uma vida melhor.

Caris sabia que era inútil argumentar, mas mesmo assim ainda tentou:

– Um homem faminto deve ir à igreja, mas deve também comer.

Madre Cecilia interveio:

– Irmã Caris, não precisa dizer mais nada.

– Mas podemos salvar tantas...

– Já chega.

– É uma questão de vida ou morte!

Cecilia baixou a voz:

– Mas ninguém dá atenção ao que você diz. É melhor se calar.

Caris sabia que Cecilia tinha razão. Por mais que argumentasse, as pessoas acreditariam nos monges, não nela. Caris mordeu o lábio e se calou.

Carlus Cego começou a entoar um hino e os monges voltaram em procissão para a catedral. As freiras foram atrás. A multidão se dispersou.

Quando passavam da catedral para o claustro, madre Cecilia espirrou.



Todas as noites, Merthin punha Lolla na cama, em seu quarto na Bell. Cantava para ela, recitava poemas ou contava histórias. Era o momento em que a filha conversava com ele, fazendo perguntas estranhamente inesperadas para uma criança de 3 anos, algumas profundas, algumas hilariantes.

Naquela noite, enquanto ele cantava um acalanto, Lolla desatou a chorar. Merthin perguntou qual era o problema.

– Por que Dora morreu?

Então era isso. A filha de Madge, Dora, adorava Lolla. Passavam bastante tempo juntas, brincando e trançando os cabelos uma da outra.

– Ela pegou a peste – respondeu Merthin.

– Mamãe teve a peste. – Lolla passou para o italiano, que não esquecera por completo: – *La moria grande*.

– Eu também tive, mas fiquei bom.

– Aconteceu o mesmo com a Libia.

Libia era a boneca de madeira que ela trouxera de Florença.

– Libia também?

– Também. Ela espirrou, ficou quente e teve manchas, mas uma freira fez Libia ficar boa.

– Fico contente. Isso quer dizer que ela está segura. Ninguém pega a peste duas vezes.

– Você está seguro, não é?

– Estou. – Parecia um momento propício para encerrar a conversa. – Trate de dormir agora.

– Boa-noite.

Merthin se encaminhou para a porta.

– Bessie está segura? – perguntou a filha.

– Durma agora.

– Eu amo Bessie.

– Isso é ótimo. Boa-noite.

Merthin fechou a porta. Lá embaixo, a taverna estava vazia. As pessoas ficavam apreensivas com aglomerações. Apesar do que Godwyn dissera, a mensagem de Caris surtira efeito. Ele sentiu o cheiro apetitoso de uma sopa. Foi até a cozinha. Bessie mexia uma panela no fogo.

– Sopa de vagem com ervilha – informou ela.

Merthin sentou à mesa com o pai dela, Paul, um homem enorme, na casa dos 50 anos. Cortou uma fatia de pão e encheu sua caneca com cerveja. Bessie serviu a sopa.

Bessie e Lolla gostavam cada vez mais uma da outra, pensou Merthin. Ele contratara uma babá para tomar conta de Lolla durante o dia, mas Bessie muitas vezes ficava com a menina à noite. Lolla preferia Bessie.

Merthin tinha uma casa na ilha dos Leprosos, mas era pequena, ainda mais se comparada com o *palagetto* em Florença a que se acostumara. Estava feliz porque a Bell era aconchegante e limpa e havia sempre muita comida e boa

bebida. Ele pagava a conta todos os sábados, mas, sob outros aspectos, era tratado como uma pessoa da família. Não tinha pressa em se mudar para sua casa.

Por outro lado, também não podia viver ali para sempre. E, quando saísse, Lolla podia estranhar por se afastar de Bessie. Muitas pessoas em sua vida já haviam desaparecido. Ela precisava de estabilidade. Talvez fosse melhor se mudar agora, antes que Lolla ficasse afeiçoada demais a Bessie.

Depois que comeram, Paul foi se deitar. Bessie serviu mais cerveja para Merthin. Sentaram-se ao lado do fogo.

– Quantas pessoas morreram em Florença? – perguntou ela.

– Milhares. Provavelmente dezenas de milhares. Ninguém conseguiu contar.

– Eu me pergunto quem será o próximo em Kingsbridge.

– Penso nisso o tempo todo.

– Talvez seja eu.

– Infelizmente, é possível.

– Eu gostaria de deitar com um homem mais uma vez, antes de morrer.

Merthin sorriu, mas não disse nada.

– Não tenho um homem desde que meu Richard morreu. Já tem mais de um ano.

– Sente saudade dele.

– E você? Há quanto tempo não tem uma mulher?

Merthin não fazia sexo desde que Silvia caíra doente. Ao lembrar dela, sentiu uma pontada de pesar. Não fora grato como deveria pelo amor de Silvia.

– Mais ou menos o mesmo tempo.

– Foi com sua esposa?

– Foi... Que a alma dela descanse em paz.

– É muito tempo para passar sem amar.

– É.

– Mas você não é do tipo que vai para a cama com qualquer mulher. Quer alguém para amar.

– Acho que tem razão.

– Também sou assim. É maravilhoso deitar com um homem, a melhor coisa do mundo, mas apenas se amarem um ao outro de verdade. Só tive um homem,

meu marido. Nunca fui para a cama com nenhum outro.

Merthin imaginou se isso seria mesmo verdade. Não podia ter certeza. Bessie parecia sincera. Mas era o tipo de coisa que uma mulher diria de qualquer maneira.

– E você? Quantas mulheres teve?

– Três.

– Sua esposa, Caris antes e... quem mais? Ah, lembrei agora... Griselda.

– Não falei quem foram.

– Não precisa se preocupar. Todo mundo sabe.

Merthin sorriu, pesaroso. Claro que todos sabiam. Talvez não tivessem certeza, mas adivinhavam, e em geral as pessoas adivinhavam certo.

– Quantos anos tem o pequeno Merthin de Griselda agora, 7... 8?

– Dez.

– Tenho joelhos gordos. – Bessie levantou a saia para mostrar. – Sempre detestei meus joelhos, mas Richard gostava.

Merthin olhou. Os joelhos eram roliços e tinham covinhas. Ele podia ver as coxas brancas.

– Richard sempre beijava meus joelhos. Era um homem doce.

Bessie ajeitou o vestido, como se o esticasse, mas o ergueu e, por um momento, Merthin pôde ver a mancha escura convidativa entre as coxas.

– Às vezes ele me beijava toda, especialmente depois do banho. Eu gostava disso. Gostava de tudo. Um homem pode fazer o que quiser com a mulher que vive com ele. Não concorda?

Aquilo já fora longe demais. Merthin se levantou.

– Acho que provavelmente você tem razão. Mas esse tipo de conversa só leva para um caminho, e prefiro ir para a cama antes de cometer um pecado.

Bessie deu um sorriso triste.

– Durma bem. E, se por acaso se sentir solitário, estarei aqui, ao lado do fogo.

– Não esquecerei.

Puseram madre Cecilia numa cama, não num simples colchão, junto do altar, o lugar mais sagrado do hospital. As freiras entoavam hinos e rezavam em torno da cama durante todo o dia e toda a noite, em turnos. Havia sempre alguém para lavar seu rosto com água de rosas fresca, sempre um copo com água fresca da fonte ao seu lado. Nada disso fez qualquer diferença. Ela declinou tão depressa quanto as outras pessoas, sangrando pelo nariz e a vagina, a respiração mais e mais entrecortada, a sede insaciável.

Na quarta noite, depois de espirrar mais uma vez, ela mandou chamar Caris.

Caris estava mergulhada no sono. Seus dias eram extenuantes, com o hospital superlotado. Sonhava que todas as crianças em Kingsbridge tinham a peste. Enquanto corria pelo hospital tentando cuidar de todas, descobriu de súbito que também pegara a doença. Uma das crianças puxava sua manga, mas ela ignorava, enquanto tentava imaginar, desesperada, como poderia lidar com todos os pacientes se estivesse doente... e foi nesse instante que percebeu que alguém sacudia seu ombro com crescente urgência, dizendo:

– Acorde, irmã, por favor! A madre prioresa precisa de sua ajuda!

Caris despertou. Viu a noviça ajoelhada ao lado da cama com uma vela na mão.

– Como ela está?

– Piorando mais e mais, mas ainda consegue falar, e pediu para chamá-la.

Caris se levantou. Calçou as sandálias. Era uma noite de frio intenso. Ela vestia o hábito de freira e pegou o cobertor para se agasalhar. Desceu correndo a escada de pedra.

O hospital estava repleto de pessoas morrendo. Os colchões no chão haviam sido dispostos como espinhas de peixe, para que os pacientes capazes de se sentar pudessem ver o altar. Famílias se agrupavam em torno dos colchões. Havia um cheiro forte de sangue. Caris pegou uma tira limpa de linho de um cesto ao lado da porta e a prendeu para cobrir a boca e o nariz.

Quatro freiras estavam ajoelhadas ao redor da cama de Cecilia, cantando. Cecilia mantinha os olhos fechados, e Caris receou a princípio ter chegado tarde demais. Mas depois a velha prioresa pareceu sentir sua presença. Virou a cabeça e abriu os olhos.

Caris sentou na beira da cama. Mergulhou um pano numa tigela de água de

rosas e limpou uma mancha de sangue do lábio superior de Cecilia. A respiração de Cecilia era torturada. Num intervalo entre os ofegos, ela balbuciou:

– Alguém sobreviveu a essa terrível doença?

– Só Madge Webber.

– A que não queria viver.

– Todos os seus filhos morreram.

– Também morrerei em breve.

– Não diga isso.

– Você esqueceu que as freiras não têm medo da morte. Durante toda nossa vida ansiamos pela união com Jesus no paraíso. E, quando a morte chega, devemos acolhê-la com satisfação.

O longo discurso a deixou extenuada. Teve uma tosse convulsiva. Caris limpou o sangue de seu queixo.

– É verdade, madre prioresa. Mas as pessoas que ficam aqui podem chorar.

As lágrimas afloraram aos olhos de Caris. Perdera Mair e a Velha Julie e agora estava prestes a perder Cecilia também.

– Não chore. Isso é para as outras. Você tem de ser forte.

– Não sei por quê.

– Acho que Deus tem você em mente para assumir meu lugar como a nova prioresa.

Nesse caso, ele fez uma estranha opção, pensou Caris. Deus em geral escolhe pessoas cujas opiniões a seu respeito são mais ortodoxas. Mas ela aprendera há muito que não fazia sentido em dizer essas coisas.

– Se as irmãs me escolherem, farei o melhor que puder.

– Acho que elas vão escolher você.

– Tenho certeza de que a irmã Elizabeth vai querer ser considerada.

– Elizabeth é inteligente, mas você é afetuosa.

Caris baixou a cabeça. Cecilia provavelmente tinha razão. Elizabeth seria rigorosa demais. Caris era a mais indicada para dirigir o convento, muito embora fosse cética sobre a utilidade de passar a vida em orações e canto de hinos. Mas acreditava na escola e no hospital. Seria terrível se Elizabeth dirigisse o hospital.

– Há mais uma coisa. – Cecilia baixara a voz e Caris teve de se inclinar ainda mais. – Algo que o prior Anthony me contou quando estava morrendo. Ele

guardou o segredo até o final e agora tenho de revelá-lo também.

Caris não tinha certeza se queria arcar com o fardo de um segredo. Mas os últimos momentos de uma pessoa pareceram prevalecer sobre seus escrúpulos.

– O velho rei não morreu de uma queda – murmurou Cecilia.

Caris ficou chocada. Acontecera há mais de vinte anos, mas ela ainda se lembrava dos rumores. Matar um rei era o pior crime que se podia imaginar, uma dupla atrocidade, combinando assassinato com traição, dois crimes capitais. Até mesmo saber de algo assim era um perigo. Não era de admirar que Anthony tivesse mantido isso em segredo.

– A rainha e seu amante, Mortimer, queriam tirar Eduardo II do caminho – continuou Cecilia. – O herdeiro do trono era um menino. Mortimer se tornaria rei para todos os efeitos, menos no nome. Por fim, não demorou tanto tempo quanto ele devia esperar, pois o jovem Eduardo III cresceu muito depressa.

Ela tossiu de novo, ainda mais fraca.

– Mortimer foi executado quando eu era adolescente.

– Mas o próprio Eduardo não queria que ninguém soubesse o que acontecera com seu pai. Por isso o segredo foi guardado.

Caris ficou apavorada. A rainha Isabella ainda vivia, em condições suntuosas, em Norfolk, a mãe reverenciada do rei. Se as pessoas descobrissem que tinha o sangue do marido nas mãos, haveria um terremoto político. Caris sentiu-se culpada só por saber.

– Quer dizer que ele foi assassinado? – perguntou.

Cecilia não respondeu. Caris a fitou atentamente. A prioresa permanecia imóvel, os olhos abertos fixados no teto. Estava morta.

60

No dia seguinte à morte de Cecilia, Godwyn convidou a irmã Elizabeth a almoçar com ele.

Aquele era um momento perigoso. A morte de Cecilia desequilibrara a estrutura de poder. Godwyn precisava do convento, porque o mosteiro sozinho não era viável: ele nunca tivera êxito em suas tentativas de melhorar as finanças. Mas a maioria das freiras estava agora furiosa por causa do dinheiro que ele tirara de seu tesouro, exibindo uma hostilidade amarga. Se caíssem sob o controle de uma prioresa empenhada em vingança – Caris, por exemplo –, isso poderia acarretar o fim do mosteiro.

Ele também se sentia apavorado com a peste. E se a pegasse? E se Philemon morresse? Esses lampejos de pesadelo o deixavam angustiado, mas sempre dava um jeito de relegá-los para o fundo da mente. Estava determinado a não permitir que a peste o desviasse de seu propósito a longo prazo.

A eleição da prioresa era um perigo imediato. Godwyn teve visões do mosteiro fechado, ele próprio deixando Kingsbridge em desgraça, obrigado a se tornar um simples monge em outro lugar, subordinado a um prior que o disciplinaria e humilharia. Se isso acontecesse, pensou, poderia até se matar.

Por outro lado, havia ali uma oportunidade, não apenas uma ameaça. Se manipulasse a situação com todo o cuidado, poderia ter uma prioresa simpática a ele, que ficaria contente em deixá-lo assumir o comando. E Elizabeth era sua melhor aposta.

Ela seria uma líder autoritária, alguém que saberia resguardar sua dignidade. Mas Godwyn poderia trabalhar com ela. Elizabeth era pragmática: demonstrara isso na ocasião em que o alertara de que Caris pretendia fazer uma auditoria no tesouro. E seria sua aliada.

Elizabeth entrou na sala de cabeça erguida. Sabia que se tornara subitamente importante, e gostava dessa circunstância, compreendeu Godwyn. Ele se perguntou, ansioso, se Elizabeth concordaria com o plano que ia propor. Talvez precisasse manipulá-la com todo o cuidado. Ela correu os olhos pelo salão de jantar e comentou:

– Construiu um esplêndido palácio.

Era um lembrete de que o ajudara a conseguir o dinheiro. Elizabeth nunca estivera ali antes, embora o palácio já se encontrasse pronto há mais de um ano. Ele preferia evitar a presença de mulheres na parte do priorado reservada aos monges. Só Petranilla e Cecilia haviam sido admitidas ali até agora.

– Obrigado. Creio que nos faz merecer o respeito dos nobres e poderosos. Já recebemos aqui o arcebispo de Monmouth.

Godwyn usara os últimos florins das freiras para comprar tapeçarias com cenas das vidas dos profetas. Ela estudou uma imagem de Daniel na cova dos leões.

– É muito boa.

– Veio de Arras.

Elizabeth ergueu uma sobrancelha.

– É seu gato que está debaixo do aparador?

Godwyn soltou um som próprio para agradar gatos e mentiu:

– Não consigo me livrar dele.

Ele afugentou o gato para fora da sala. Os monges não deveriam ter animais de estimação, mas ele achava que a presença do gato era tranquilizante.

Sentaram-se à cabeceira de uma longa mesa de jantar. Godwyn detestava ter uma mulher ali para comer, como se fosse tão boa quanto um homem, mas disfarçou seu desconforto.

Encomendara um prato requintado, porco cozido com gengibre e maçãs. Philemon serviu um vinho da Gasconha. Elizabeth provou o porco e comentou:

– Uma delícia.

Godwyn não se interessava por comida, exceto como um meio de impressionar as pessoas, mas Philemon se pôs a comer com voracidade. Godwyn decidiu tratar logo dos negócios:

– Como planeja ganhar a eleição?

– Creio que sou melhor candidata do que a irmã Caris.

Godwyn percebeu a emoção reprimida com que ela pronunciou o nome. Era evidente que ainda se sentia furiosa por Merthin tê-la rejeitado em favor de Caris. Agora, ela estava prestes a entrar em outra competição com sua antiga rival. Seria capaz de matar para ganhar dessa vez, pensou ele.

O que era ótimo.

– Por que acha que é melhor? – perguntou Philemon.

– Sou mais velha do que Caris. Sou freira há mais tempo e ocupo um cargo superior no priorado. Além disso, nasci e fui criada numa família profundamente religiosa.

Philemon balançou a cabeça, desdenhoso.

– Nada disso fará qualquer diferença.

Elizabeth ergueu as sobrancelhas, surpresa com a franqueza brusca. Godwyn torceu para que Philemon não se mostrasse brutal demais. Precisamos que ela se mantenha dócil, teve vontade de sussurrar. Não a faça desistir. Mas Philemon continuou, implacável:

– Você só tem um ano de experiência a mais do que Caris. E seu pai, o bispo, que sua alma descanse em paz, contará contra você. Afinal, os bispos não deveriam ter filhos.

Ela corou.

– Os priores não deveriam ter gatos.

– Não estamos discutindo o prior – disse Philemon, impaciente.

Seu comportamento era insolente, e Godwyn estremeceu. Godwyn era eficiente ao disfarçar sua hostilidade e exibir uma fachada de charme cordial, mas Philemon nunca aprendera essa arte. Elizabeth, no entanto, reagiu com frieza:

– Portanto, me convidaram para almoçar só para me dizer que não posso vencer? – Ela olhou para Godwyn. – Sei que não é de cozinhar com o dispendioso gengibre apenas pelo prazer.

– Tem toda a razão – declarou Godwyn. – Queremos que se torne prioresa e faremos tudo que estiver ao nosso alcance para ajudá-la.

Philemon interveio:

– E vamos começar por uma avaliação realista de suas perspectivas. Caris é

apreciada por todos... freiras, monges, mercadores e nobres. Seu trabalho é uma grande vantagem para ela. A maioria dos monges e freiras, além de centenas de habitantes da cidade, estiveram no hospital, com diversas enfermidades, e receberam sua ajuda. Em contraste, quase ninguém vê você. É a tesoureira, considerada fria e calculista.

– Agradeço sua franqueza – disse Elizabeth. – Talvez eu devesse desistir agora.

Godwyn não pôde precisar se ela estava sendo irônica.

– Você não pode vencer – declarou Philemon. – Mas ela pode perder.

– Não seja enigmático, pois acaba se tornando cansativo – protestou ela, ríspida. – Basta me dizer em palavras simples o que estão planejando.

Dá para entender por que ela não é popular, pensou Godwyn. Philemon fingiu não notar o tom de irritação.

– Sua tarefa nas próximas semanas será destruir Caris. Tem de transformá-la, na mente das freiras, de uma irmã simpática, trabalhadora e compadecida num autêntico monstro.

Um brilho de ansiedade surgiu nos olhos de Elizabeth.

– Isso é possível?

– Com a nossa ajuda, é, sim.

– Continue.

– Ela ainda está ordenando que as freiras usem máscaras de linho no hospital?

– Está.

– E que lavem as mãos?

– Também.

– Não há base para essas práticas em Galeno ou qualquer outra autoridade médica, muito menos na Bíblia. Parece uma mera superstição.

Elizabeth deu de ombros.

– Aparentemente os médicos italianos acreditam que a peste se espalha pelo ar. Pega-se ao olhar para pessoas doentes, tocar nelas ou respirar sua respiração. Não sei como...

– E de onde os italianos tiraram essa ideia?

– Talvez apenas da observação dos pacientes.

– Soube que Merthin comentou que os médicos italianos são os melhores depois dos árabes.

Elizabeth acenou com a cabeça.

– Também ouvi.

– Portanto, todo esse negócio de usar máscaras provavelmente venha dos muçulmanos.

– É possível.

– Em outras palavras, é uma prática pagã.

– Creio que sim.

Philemon se recostou, como se tivesse provado um argumento. Elizabeth ainda não havia entendido.

– Portanto, podemos tramar para eliminar Caris da disputa ao dizer que ela introduziu uma superstição pagã no convento?

– Não exatamente – disse Philemon, com um sorriso astuto. – Vamos dizer que ela está praticando bruxaria.

Elizabeth compreendeu tudo.

– Mas é claro! Eu quase tinha esquecido.

– Você testemunhou contra ela no julgamento!

– Aconteceu há tanto tempo.

– Era de esperar que você jamais esquecesse que sua inimiga fora outrora acusada desse crime – comentou Philemon.

O próprio Philemon certamente nunca esquecia essas coisas, refletiu Godwyn. Sua especialidade era conhecer as fraquezas das pessoas e explorá-las sem o menor escrúpulo. Godwyn às vezes se sentia culpado pela profundeza da maldade de Philemon. Mas essa maldade era tão útil para Godwyn que ele sempre reprimia as apreensões. Quem mais poderia ter imaginado aquela maneira de envenenar as mentes das freiras contra a amada Caris?

Um noviço trouxe maçãs e queijo. Philemon serviu mais vinho. Elizabeth disse:

– Tudo isso faz sentido. Já pensaram em detalhes como devemos abordar a questão?

– É importante preparar o terreno – disse Philemon. – Você nunca deve fazer uma acusação como essa formalmente, até que haja muitas pessoas que

acreditem.

Philemon era muito competente nessas coisas, pensou Godwyn, com admiração.

– E como sugere que consigamos isso? – perguntou Elizabeth.

– Ações são melhores que palavras. Recuse-se pessoalmente a usar a máscara. Quando perguntarem, diga calmamente que ouviu falar que é uma prática muçulmana e que prefere os meios cristãos de proteção. Estimule suas amigas a também recusarem a máscara, como um sinal de apoio a você. E também não lave as mãos com frequência. Quando notar pessoas seguindo as recomendações de Caris, pode franzir o rosto em desaprovação... mas não diga nada.

Godwyn acenou com a cabeça em concordância. A astúcia de Philemon beirava o nível da genialidade.

– Não devemos sequer mencionar heresia?

– Fale tanto quanto quiser, mas não a ligue diretamente a Caris. Diga que ouviu falar de uma herege que foi executada em outra cidade, ou uma adoradora do diabo que depravou um convento inteiro, talvez na França.

– Eu não gostaria de dizer qualquer coisa que não fosse verdade – ressaltou Elizabeth, tensa.

Philemon às vezes esquecia que nem todos eram tão inescrupulosos quanto ele. Godwyn se apressou em interferir:

– Claro que não... Philemon apenas quis dizer que você deve repetir essas histórias se e quando ouvi-las, para lembrar as freiras do perigo permanente.

– Está bem. – O sino para a Nona tocou e Elizabeth se levantou. – Não devo perder o serviço. Não quero que alguém note a minha ausência e descubra que estive aqui.

– Tem toda a razão – concordou Godwyn. – De qualquer forma, já combinamos nosso plano.

Elizabeth assentiu com a cabeça.

– Nada de máscaras.

Godwyn percebeu que ela ainda acalentava uma dúvida.

– Não imagina que sejam eficazes, não é?

– Claro que não. Como poderiam ser?

– É isso mesmo.

– Obrigada pelo jantar.

Ela saiu. Aquele encontro correra bem, refletiu Godwyn, mas ele ainda estava preocupado. Ansioso, comentou com Philemon:

– Elizabeth sozinha pode não conseguir convencer as pessoas de que Caris ainda é uma bruxa.

– Concordo. Mas podemos ajudar no processo.

– Talvez com um sermão?

– Exatamente.

– Falarei sobre a peste do púlpito da catedral.

Philemon ficou pensativo.

– Talvez seja perigoso atacar Caris diretamente. Pode ter um efeito contrário ao desejado.

Godwyn concordou. Se houvesse uma luta aberta entre Caris e ele, era provável que os moradores de Kingsbridge a apoiassem.

– Não mencionarei seu nome.

– Apenas lance as sementes da dúvida e deixe as pessoas tirarem as próprias conclusões.

– Culparei a heresia, a adoração do diabo e as práticas pagãs.

A mãe de Godwyn, Petranilla, entrou nesse instante. Estava bastante encurvada e só andava com a ajuda de duas bengalas, mas a cabeça grande ainda se projetava para a frente, numa postura agressiva, sobre os ombros ossudos.

– Como foi o encontro? – perguntou. Petranilla recomendara a Godwyn que atacasse Caris e aprovou o plano de Philemon.

– Elizabeth fará exatamente o que desejamos.

Godwyn ficou satisfeito, pois gostava de dar boas notícias à mãe.

– Isso é ótimo. Agora quero conversar sobre outra coisa. – Ela olhou para Philemon. – Não precisamos de você.

Por um momento, Philemon mostrou-se magoado, como uma criança que leva uma palmada inesperada. Podia ser de uma agressividade brutal, porém se magoava com facilidade. Mas sempre se recuperava depressa, e fingiu não ficar perturbado, mas um pouco divertido, com a arrogância de Petranilla.

– Claro, madame – disse ele, com uma deferência exagerada.

– Pode dirigir a Nona por mim? – pediu Godwyn.

– Claro.

Depois que ele se retirou, Petranilla sentou à grande mesa e comentou:

– Sei que fui eu quem recomendou que estimulasse os talentos desse rapaz, mas tenho de admitir que hoje em dia ele me deixa toda arrepiada.

– Ele é mais útil do que nunca.

– Nunca se pode confiar por completo num homem implacável. Se ele trai os outros, por que não trairia você também?

– Eu me lembrarei disso. – Godwyn achava que estava tão ligado a Philemon agora que seria difícil operar sem ele. Mas não queria dizer isso à mãe. E decidiu mudar de assunto: – Gostaria de tomar um copo de vinho?

Ela sacudiu a cabeça em negativa.

– Já tenho propensão para cair mesmo sem tomar vinho. Sente e me escute.

– Está bem, mãe.

Godwyn se sentou ao lado dela.

– Quero que você deixe Kingsbridge antes que a peste se torne ainda pior.

– Não posso partir agora. Mas você deveria...

– Não se preocupe comigo. Morrerei em breve, de qualquer maneira.

O pensamento deixou Godwyn em pânico.

– Não diga isso!

– Não seja estúpido. Tenho 60 anos. Olhe para mim, não consigo nem me manter em pé. Chegou o meu tempo. Mas você só tem 42 anos... e tem muita coisa pela frente! Pode se tornar bispo, arcebispo, até mesmo cardeal.

Como sempre, a ambição ilimitada da mãe para ele deixou Godwyn atordoado. Ele seria mesmo capaz de se tornar um cardeal? Ou era apenas cegueira de mãe? Ele não sabia.

– Não quero que você morra de peste antes de alcançar seu destino.

– Mãe, você não vai morrer.

– Esqueça o que pode acontecer comigo! – exclamou ela, furiosa.

– Não posso deixar a cidade. Preciso ter certeza de que as freiras não escolherão Caris para prioresa.

– Pois então dê um jeito para que elas façam a eleição o mais depressa possível. Se não conseguir, saia da cidade de qualquer maneira e deixe a eleição

nas mãos de Deus.

Godwyn tinha pavor da peste, mas também temia o fracasso.

– Eu poderia perder tudo se elas elegerem Caris.

A voz de Petranilla se abrandou:

– Preste atenção, Godwyn. Só tenho um filho, que é você. Não suportaria perdê-lo.

A súbita mudança de tom o chocou e o fez se calar.

– Por favor, eu suplico, saia desta cidade e vá para algum lugar onde a peste não poderá alcançá-lo – acrescentou a mãe.

Ele nunca a ouvira suplicar. Era angustiante. Deixou-o apavorado. Só para detê-la, Godwyn disse:

– Deixe-me pensar a respeito.

– Essa peste é como um lobo na floresta. Quando você o vê, não pensa duas vezes, trata de fugir.

Godwyn fez o sermão no domingo antes do Natal.

Era um dia seco, com nuvens altas e claras cobrindo a abóbada do céu. A torre central da catedral parecia um ninho de ave, com os andaimes e cordas que Elfric usava para demoli-la de cima para baixo. No mercado, no pátio gramado, os mercadores, tremendo, faziam poucos negócios, com uns poucos fregueses preocupados. Além do mercado, a relva congelada do cemitério estava marcada pelos retângulos marrons de mais de uma centena de sepulturas recentes.

Mas a catedral estava lotada. A geada que Godwyn notara nas paredes internas durante a prima já havia sido dissolvida pelo calor de milhares de corpos quando ele entrou na catedral para o serviço de Natal. Todos se mantinham juntos, em seus casacos e mantos cor de terra, parecendo gado num curral. Ali estavam por causa da peste, ele sabia. A congregação de milhares de habitantes da cidade fora aumentada por outras centenas de moradores dos campos ao redor, todos em busca da proteção de Deus contra uma doença que já atacara pelo menos uma família em cada rua da cidade e aldeia rural. Godwyn estava compadecido. E até vinha rezando com mais fervor ultimamente.

Em circunstâncias normais, apenas as pessoas na frente acompanhavam o serviço. Os que ficavam mais atrás conversavam com os amigos e vizinhos, enquanto os jovens se divertiam nos fundos. Mas hoje havia pouco barulho na catedral. Todas as cabeças estavam voltadas para os monges e freiras, com uma atenção excepcional, enquanto executavam os rituais. A multidão murmurava os responsos com o maior cuidado, todos desesperados para adquirir o máximo possível de santidade protetora. Godwyn estudou os rostos, lendo as expressões. E o que viu em todos foi o medo. Como ele, todos especulavam apavorados quem seria o próximo a espirrar, a pôr sangue pelo nariz ou a exibir manchas púrpura.

Bem na frente, ele viu o conde William com a esposa, Philippa, os dois filhos mais velhos, Roland e Richard, e a filha muito mais jovem, Odila, de 14 anos. William comandava o condado no mesmo estilo do pai, Roland, com ordem e justiça e mão firme que podia às vezes se tornar cruel. Parecia preocupado: uma erupção de peste em seu condado era uma coisa que não podia controlar, por mais rigoroso que fosse. Philippa passava o braço em torno da menina, como se a protegesse.

Ao lado deles estava sir Ralph, lorde de Tench. Ralph nunca fora capaz de ocultar seus sentimentos e agora se mostrava apavorado. A esposa criança tinha no colo o filho, ainda bebê. Godwyn batizara o menino, há pouco tempo, com o nome de Gerald, em homenagem ao avô, parado ali próximo com a avó, Maud.

Os olhos de Godwyn se deslocaram para o irmão de Ralph, Merthin. Quando Merthin voltara de Florença, Godwyn torcera para que Caris renunciasse a seus votos e deixasse o convento. Achava que ela poderia ser um estorvo menor como mera esposa de um cidadão. Mas isso não acontecera. Merthin segurava a mão de sua pequena filha italiana. Ao lado, estava Bessie, da Bell Inn. O pai de Bessie, Paul Bell, sucumbira à peste.

Não muito longe estava a família que Merthin rejeitara: Elfric, com a filha, Griselda, o menino que recebera o nome de Merthin – agora com 10 anos – e Harry Mason, o homem com quem Griselda se casara depois de perder as esperanças de ficar com o Merthin original. Ao lado de Elfric estava sua segunda esposa, Alice, prima de Godwyn. Elfric olhava para cima a todo instante. Construíra um teto provisório sobre a interseção enquanto demolia a torre e

admirava sua obra... ou se preocupava a respeito.

Uma ausência notada era a do bispo de Shiring, Henri de Mons. O bispo normalmente fazia o sermão do Dia de Natal. Mas ele não viera. Tantos clérigos haviam morrido da peste que o bispo andava muito ocupado com visitas frenéticas a paróquias, em busca de substitutos. Já se falava em reduzir as exigências para sacerdotes, em ordenar homens com menos de 25 anos, até mesmo em aceitar filhos ilegítimos.

Godwyn se adiantou para falar. Tinha uma tarefa delicada. Precisava atiçar o medo e o ódio contra a pessoa mais popular em Kingsbridge, e tinha de fazer isso sem mencionar seu nome; mais do que isso, sem sequer deixar as pessoas perceberem que era hostil a ela. Deviam voltar sua fúria contra ela, mas, quando isso acontecesse, precisariam acreditar que a ideia era delas, não uma sugestão sua.

Nem todos os serviços tinham um sermão. Só nas grandes solenidades, com a presença de uma enorme multidão, é que ele se dirigia à congregação; e nem sempre era uma pregação. Com bastante frequência, havia apenas comunicados, mensagens do arcebispo ou do rei sobre eventos de importância nacional... vitórias militares, tributos, nascimentos e mortes na família real. Mas hoje era um dia especial.

– O que é a doença? – indagou.

Já havia silêncio na catedral, mas então a congregação ficou imóvel. Ele fizera a indagação que se encontrava na mente de todos.

– Por que Deus manda doenças e pestes para nos atormentar e matar?

Seus olhos se fixaram na mãe, parada atrás de Elfric e Alice, e ele se lembrou subitamente da previsão de Petranilla de que morreria em breve. Por um momento, ficou paralisado pelo medo, incapaz de falar. Os fiéis mudaram de posição, irrequietos, em expectativa. Como viu que perdia a atenção das pessoas, Godwyn entrou em pânico, o que tornou a paralisia ainda pior. Mas o momento logo passou.

– A doença é uma punição para o pecado – continuou.

Ao longo dos anos, Godwyn desenvolvera um estilo de pregação. Não era pomposo, como frei Murdo. Falava mais em tom de conversa, como um homem racional em vez de um demagogo. Não sabia até que ponto isso seria apropriado

para atiçar o tipo de ódio que queria que as pessoas sentissem. Mas Philemon dizia que isso fazia que parecesse mais convincente.

– A peste é uma doença especial, por isso sabemos que Deus está nos infligindo uma punição especial.

Levantou-se um som baixo coletivo da multidão, entre um murmúrio e um gemido. Era isso que eles queriam ouvir. Godwyn ficou entusiasmado.

– Devemos nos perguntar que pecados cometemos para merecer tal punição.

Ao dizer isso, ele notou Madge Webber, sozinha. Na última vez em que viera à catedral, tinha um marido e quatro filhos. Godwyn pensou em dizer que ela enriquecera usando tinturas criadas por bruxaria, mas decidiu que não era uma boa tática. Madge era muito apreciada e respeitada.

– Digo a vocês que Deus está nos punindo pela heresia. Há pessoas no mundo... nesta cidade... até mesmo nesta catedral hoje... que questionam a autoridade da santa Igreja de Deus e de seus ministros. Duvidam que o sacramento transforme o pão no verdadeiro corpo de Cristo, negam a eficácia das missas para os mortos, alegam que é idolatria rezar diante das estátuas de santos.

Essas eram as heresias habituais, debatidas pelos estudantes de teologia em Oxford. Poucas pessoas em Kingsbridge se importavam com essas discussões, e Godwyn percebeu o desapontamento e o tédio nos rostos da multidão. Sentiu que as perdia de novo e seu pânico aumentou. Desesperado, acrescentou:

– Há pessoas nesta cidade que praticam bruxaria.

Isso atraiu outra vez as atenções. Houve um murmúrio coletivo de espanto.

– Devemos estar vigilantes contra a falsa religião. Lembrem-se de que só Deus pode curar a doença. Oração, confissão, comunhão, penitência... esses são os remédios sancionados pelo cristianismo. – Elevou um pouco a voz: – Todo o resto é blasfêmia!

Godwyn decidiu que isso não era bastante claro. Precisava ser mais específico.

– Pois, se Deus nos manda uma punição e tentamos escapar, não estamos desafiando sua vontade? Devemos rezar para que ele nos perdoe. E talvez, em sua sabedoria, ele cure nossa doença. Mas as curas heréticas só servirão para agravar a situação.

A audiência estava fascinada, e Godwyn se entusiasmou:

– Eu advirto! Os encantamentos mágicos, os apelos a duendes e fadas, as exortações não cristãs e, especialmente, as práticas pagãs... tudo isso é bruxaria, tudo isso é proibido pela santa Igreja de Deus.

Sua verdadeira audiência naquele dia era formada pelas 32 freiras atrás dele, no coro da catedral. Até agora, apenas umas poucas haviam manifestado sua oposição a Caris e apoio a Elizabeth, recusando-se a usar a máscara contra a peste. Nas circunstâncias atuais, Caris ganharia facilmente a eleição na próxima semana. Ele precisava transmitir às freiras a mensagem clara de que as ideias médicas de Caris eram heréticas.

– Qualquer pessoa que seja culpada dessas práticas... – fez uma pausa, para aumentar o efeito; inclinou-se para a frente, correndo os olhos pela congregação –... qualquer pessoa nesta cidade... – Godwyn olhou para trás, na direção dos monges e freiras no coro –... ou mesmo no priorado... – tornou a se virar – ... qualquer pessoa culpada dessas práticas deve ser escorraçada.

Outra pausa, para causar efeito.

– E que Deus tenha misericórdia de sua alma.

61

Paul Bell foi enterrado três dias antes do Natal. Todos os que se postaram à beira de sua sepultura, no frio de dezembro, foram convidados a tomar um drinque na Bell em sua memória. A filha, Bessie, era agora a dona da taverna. Não queria lamentar sozinha, por isso serviu generosamente a sua melhor cerveja. Lennie Fiddler tocou melodias tristes em seu instrumento de cinco cordas. Os convidados foram se tornando mais lacrimosos e sentimentais à medida que se embriagavam.

Merthin sentou no canto com Lolla. Comprara no mercado, no dia anterior, passas de Corinto... um luxo dispendioso. Partilhava-as com Lolla ao mesmo tempo que lhe ensinava os números. Contou nove passas para si mesmo, mas, quando contou as passas para Lolla, começou a saltar os números:

– Um, três, cinco, sete, nove.

– Não! – exclamou Lolla. – Isso não está certo! – A menina riu, sabendo que era apenas brincadeira do pai.

– Mas eu contei nove para cada um – protestou Merthin.

– Mas você ficou com mais!

– E como isso aconteceu?

– Não contou direito, seu bobo.

– Nesse caso, você pode contar, para ver se consegue fazer melhor.

Bessie veio sentar com eles. Usava seu melhor vestido, que estava um pouco justo.

– Posso comer algumas passas? – perguntou.

– Pode, sim – respondeu Lolla. – Mas não deixe papai contá-las.

– Não se preocupe – declarou Bessie. – Conheço os truques dele.

– Tome aqui – disse Merthin a Bessie. – Uma, três, nove, treze... mas treze é

demais! Preciso tirar algumas. – Tirou três passas. – Doze, onze, dez. Pronto, agora você tem dez passas.

Lolla estava achando a brincadeira muito engraçada.

– Mas ela só tem uma!

– Contei errado de novo?

– Contou! – A menina olhou para Bessie. – Conhecemos os truques dele.

– Então conte você.

A porta foi aberta, deixando passar uma lufada de ar gelado. Caris entrou, envolta em um grosso manto. Merthin sorriu. Cada vez que a via, ficava contente por ela ainda estar viva. Bessie a fitou com uma expressão cautelosa, mas lhe deu as boas-vindas.

– Olá, irmã. É muito gentil de sua parte ter se lembrado de meu pai.

– Lamento muito que você o tenha perdido. Era um bom homem.

Caris também mantinha uma polidez formal. Merthin compreendeu que as duas se consideravam rivais em sua afeição. Não sabia o que fizera para merecer tanta devoção.

– Obrigada – disse Bessie a Caris. – Quer tomar um copo de cerveja?

– É muita gentileza sua, mas não vou beber. Preciso conversar com Merthin.

Bessie olhou para Lolla.

– Vamos assar algumas castanhas no fogo?

– Claro!

Bessie se afastou com Lolla.

– Elas se dão muito bem – comentou Caris. Merthin anuiu com a cabeça.

– Bessie tem um coração afetuoso e não teve filhos.

Caris fez uma cara de triste.

– Também não tenho filhos... mas talvez eu não tenha um coração afetuoso.

Merthin tocou em sua mão.

– Sei que não é bem assim. Seu coração é tão afetuoso que você cuida não apenas de uma ou duas crianças, mas de dezenas de pessoas.

– É gentileza sua pensar assim.

– É a pura verdade, mais nada. Como estão as coisas no hospital?

– Insuportáveis. O hospital está cheio de pessoas doentes e não posso fazer nada, a não ser enterrá-las.

Merthin sentiu um ímpeto de compaixão. Caris era sempre tão competente, tão confiável, mas a tensão cobrava seu tributo. Agora ela estava disposta a se abrir com ele, embora com ninguém mais.

– Você parece cansada.

– Deus sabe quanto me sinto exausta.

– Suponho que também se preocupe com a eleição.

– Vim pedir sua ajuda nisso.

Merthin hesitou. Estava dividido entre sentimentos contraditórios. Por um lado, queria que Caris realizasse sua ambição e se tornasse prioresa. Mas, nesse caso, ela poderia algum dia vir a ser sua esposa? Por isso, ele acalentava a esperança, vergonhosamente egoísta, de que Caris perdesse a eleição e renunciasse a seus votos. Mesmo assim, queria proporcionar qualquer ajuda que ela pedisse, apenas porque a amava.

– Está bem.

– O sermão de Godwyn ontem me incomodou bastante.

– Será que nunca vai se livrar da velha acusação de bruxaria? É tão absurda!

– As pessoas são estúpidas. O sermão teve grande impacto sobre as freiras.

– Como era o objetivo dele, com toda a certeza.

– Não tenho dúvida quanto a isso. Poucas acreditaram em Elizabeth quando disse que minhas máscaras de linho eram pagãs. As únicas que descartaram as máscaras foram as suas amigas: Cressie, Elaine, Jeannie, Rosie e Simone. Mas a situação mudou quando as outras ouviram a mensagem do púlpito da catedral. As irmãs mais impressionáveis também descartaram as máscaras. Umas poucas evitam demonstrar sua escolha, mas também não vão ao hospital. Só algumas ainda as usam: eu e mais quatro a quem sou muito ligada.

– Eu já receava que isso acontecesse.

– Agora que madre Cecilia, Mair e a Velha Julie morreram, há apenas 32 freiras com direito a voto. – Dezessete votos eram tudo o que se precisava para vencer. – Elizabeth tinha no início apenas cinco partidárias comprometidas. O sermão lhe deu mais onze votos. Com o próprio voto, ela chega a dezessete. Só tenho cinco votos garantidos. E, mesmo que todas as indecisas viessem para o meu lado, ainda assim eu perderia.

Merthin ficou furioso por ela. Devia ser angustiante ser rejeitada daquela

maneira, depois de tudo o que Caris fizera pelo convento.

– O que posso fazer?

– O bispo é minha última esperança. Se ele se manifestar contra Elizabeth e anunciar que não ratificará sua eleição, algumas de suas partidárias podem mudar de ideia. Com isso, eu teria uma chance.

– Como você poderia influenciá-lo?

– Eu não posso, mas você poderia... ou pelo menos a guilda da paróquia.

– É possível.

– Há uma reunião esta noite. Imagino que você vá comparecer.

– Vou.

– Pense a respeito. Godwyn já mantém a cidade estrangulada. É muito ligado a Elizabeth... a família dela é arrendatária de terras do priorado. Godwyn sempre teve o cuidado de favorecer esses parentes. Se ela se tornar prioresa, será tão dócil quanto Elfric. Godwyn não enfrentará oposição, dentro ou fora do priorado. Será a morte de Kingsbridge.

– Tem toda a razão. Mas não sei se os homens da guilda concordarão em interceder junto ao bispo...

Caris pareceu de repente muito desanimada.

– Apenas tente. Se eles o rejeitarem, que seja.

O desespero de Caris o deixou comovido. Desejou poder ser mais otimista.

– Claro que tentarei.

– Obrigada. – Ela se levantou. – Você deve ter sentimentos conflitantes a respeito. Obrigada por ser um amigo de verdade.

Merthin sorriu, amargurado. Queria ser o marido, não um amigo. Mas aproveitaria o que pudesse obter.

Ela saiu para a noite fria. Merthin se juntou a Bessie e Lolla à beira do fogo. Provou as castanhas assadas. Estava preocupado. A influência de Godwyn era maligna, mas mesmo assim seu poder não parava de crescer. Por que isso acontecia? Talvez porque ele fosse um homem ambicioso e sem consciência... uma combinação poderosa.

Enquanto a escuridão se aprofundava, ele levou Lolla para a cama. Pagou à filha de um vizinho para tomar conta da menina. Bessie deixou Sairy, a empregada, tomando conta da taverna. Os dois, usando mantos pesados, subiram

juntos pela rua principal até a casa da guilda. Era a noite da reunião do meio do inverno da guilda da paróquia.

No fundo da sala comprida havia um barril de cerveja para os membros. O clima de festa parecia ser compulsivo naquele Natal, pensou Merthin. Muitos haviam bebido bastante no velório de Paul Bell e alguns dos que entraram junto com Merthin se apressaram em encher suas canecas, como se não tomassem cerveja há uma semana. Talvez bebessem assim para não pensar na peste.

Bessie estava entre os quatro novos membros da guilda. Os outros três eram os filhos mais velhos de eminentes mercadores que haviam morrido. Godwyn, como suserano dos habitantes da cidade, devia estar satisfeito com o aumento de seus rendimentos através do *heriot*, refletiu Merthin. Depois de tratados os assuntos de rotina, Merthin levantou a questão da eleição da nova prioresa.

– Isso não é da nossa conta – declarou Elfric no mesmo instante.

– Acontece justamente o contrário, porque o resultado afetará o comércio em nossa cidade por muitos anos, talvez por décadas – argumentou Merthin. – A prioresa é uma das pessoas mais ricas e poderosas de Kingsbridge e devemos fazer tudo que pudermos para eleger alguém que não fará nada para restringir os negócios.

– Mas não há nada que possamos fazer, não temos direito a voto.

– Temos influência. Podemos fazer uma petição ao bispo.

– Nunca foi feita antes.

– Isso não chega a ser um argumento.

– Quem são as candidatas? – interveio Bill Watkin.

– Desculpem – disse Merthin. – Pensei que soubessem. A irmã Caris e a irmã Elizabeth. Acho que devemos apoiar Caris.

– Claro que você a apoia – declarou Elfric. – E todo mundo sabe por quê!

Houve uma onda de risadas. Todos sabiam da antiga e duradoura paixão entre Merthin e Caris. Merthin sorriu.

– Continuem a rir... não me importo. Mas não esqueçam que Caris foi criada no negócio de lã e ajudava o pai. Por isso ela compreende os problemas e desafios que os mercadores enfrentam... enquanto sua rival é filha de um bispo e provavelmente simpatiza com o prior.

O rosto de Elfric estava vermelho... em parte por causa da cerveja que

tomara, pensou Merthin, mas, acima de tudo, de raiva.

– Por que você me odeia, Merthin? – indagou ele.

Merthin ficou surpreso.

– Pensei que era o contrário.

– Você seduziu minha filha e depois se recusou a casar com ela. Tentou me impedir de construir a ponte. Pensei que havíamos nos livrado de você, mas voltou e me humilhou por causa das rachaduras na ponte. Só estava aqui há poucos dias quando tentou me derrubar do cargo de regedor e pôr seu amigo Mark no meu lugar. Até insinuou que as rachaduras na catedral eram culpa minha, embora ela tenha sido construída antes mesmo do meu nascimento. Repito: por que você me odeia?

Merthin não soube o que dizer. Como Elfric podia deixar de saber o que fizera com ele? Mas Merthin não queria entrar nessa discussão diante da guilda da paróquia. Parecia infantil.

– Não o odeio, Elfric. Foi um mestre cruel quando eu era seu aprendiz e é um construtor desleixado, além de ser um bajulador de Godwyn. Mesmo assim, não o odeio.

Um dos novos membros, Joseph Blacksmith, perguntou:

– É isso que fazemos na guilda da paróquia, temos discussões estúpidas?

Merthin sentiu-se atingido. Não fora ele quem introduzira a questão pessoal. Mas dizer isso seria considerado uma continuação da discussão. Por isso preferiu ficar calado, mas concluiu que Elfric era sempre astucioso.

– Joe tem razão – declarou Bill Watkin. – Não viemos até aqui para escutar uma discussão entre Elfric e Merthin.

Merthin ficou perturbado pela disposição de Bill de situá-lo no mesmo nível de Elfric. De modo geral, os homens da guilda gostavam dele e demonstravam alguma hostilidade a Elfric desde a disputa sobre as rachaduras na ponte. Na verdade, teriam derrubado Elfric se Mark não tivesse morrido. Mas alguma coisa mudara.

– Podemos voltar à questão em discussão – disse Merthin –, que é a petição ao bispo a favor de Caris como prioresa?

– Sou contra – declarou Elfric. – O prior Godwyn quer Elizabeth.

Uma nova voz se manifestou:

– Estou com Elfric. Não podemos brigar com o prior.

Era Marcel Chandler, que tinha o contrato de fornecimento de velas de cera para o priorado. Godwyn era seu maior cliente. Merthin não se surpreendeu. Mas a intervenção do orador seguinte o deixou chocado. Era Jeremiah Builder, que disse:

– Acho que não devemos favorecer uma pessoa que foi acusada de heresia.

Ele cuspiu no chão duas vezes, à esquerda e à direita, para depois fazer o sinal da cruz. Merthin ficou surpreso demais para reagir. Jeremiah sempre fora supersticioso ao extremo, mas Merthin nunca imaginara que isso o levaria a trair seu mentor. Coube a Bessie defender Caris.

– Essa acusação sempre foi absurda – disse ela.

– Mas nunca foi desmentida – insistiu Jeremiah.

Merthin se voltou para ele, mas Jeremiah evitou encará-lo.

– O que deu em você, Jimmie? – indagou Merthin.

– Não quero morrer da peste. Ouviu o sermão. Toda prática de tratamentos pagãos deve ser proibida. Estamos falando em pedir ao bispo para fazê-la prioresa... isso não é escorraçá-la!

Houve murmúrios de concordância e Merthin compreendeu que a maré de opinião mudara. Os outros não eram tão crédulos quanto Jeremiah, mas partilhavam seu medo. A peste assustara a todos, afetando a racionalidade. O sermão de Godwyn fora mais eficaz do que Merthin imaginara. Ele já estava prestes a desistir... até que pensou em Caris, como ela parecia cansada e desmoralizada, e resolveu fazer mais uma tentativa:

– Já passei por tudo isso em Florença. E devo adverti-los: padres e monges não salvarão ninguém da peste. Entregarão a cidade a Godwyn numa bandeja a troco de nada.

– Isso parece horrivelmente próximo da blasfêmia – comentou Jeremiah. Merthin olhou ao redor. Os outros concordavam com Jeremiah. Estavam assustados demais para pensar direito. Não havia mais nada que ele pudesse fazer.

A guilda decidiu que não teria qualquer participação na eleição para prioresa. A reunião foi encerrada pouco depois, num clima de mau humor. Os membros pegaram tições em brasa para iluminar o caminho de volta para casa.

Merthin decidiu que era tarde demais para comunicar o resultado da reunião a Caris: as freiras, como os monges, se deitavam ao anoitecer e se levantavam ainda de madrugada. Mas deparou com um vulto envolto por um enorme manto à sua espera nas proximidades da casa da guilda. Para sua surpresa, a tocha em sua mão iluminou o rosto preocupado de Caris.

– O que aconteceu? – perguntou ela, ansiosa.

– Fracassei. Sinto muito.

À luz da tocha, ela pareceu magoada.

– E o que eles disseram?

– Não querem interferir. Acreditaram no sermão.

– Idiotas!

Juntos, seguiram pela rua principal. Quando alcançaram o portão do priorado, Merthin disse:

– Deixe o convento, Caris. Não por mim, mas por você. Não pode trabalhar sob o comando de Elizabeth. Ela a odeia e vai se opor a tudo que quiser fazer.

– Ela ainda não venceu.

– Mas vai vencer... Você mesma disse isso. Renuncie a seus votos e case comigo.

– O casamento é um voto. Se eu quebrar meu voto a Deus, por que confiaria em mim para manter minha promessa a você?

Merthin sorriu.

– Correrei o risco.

– Deixe-me pensar a respeito.

– Vem pensando a respeito há meses – disse Merthin, ressentido. – Se não sair agora, nunca mais sairá.

– Não posso sair agora. As pessoas precisam de mim mais do que nunca.

Ele começou a se irritar.

– Não continuarei a pedir para sempre.

– Sei disso.

– Para ser franco, não pedirei de novo, depois desta noite.

Caris começou a chorar.

– Sinto muito, mas não posso abandonar o hospital no meio de uma peste.

– O hospital...

– E as pessoas da cidade.

– Mas o que me diz de você?

A chama da tocha fazia as lágrimas de Caris faiscarem.

– As pessoas precisam desesperadamente de mim.

– São ingratas, todas elas... freiras, monges, os moradores da cidade. E, por Deus, sei do que estou falando.

– Não faz diferença.

Merthin assentiu, aceitando a decisão de Caris e reprimindo sua raiva egoísta.

– Se é assim que você se sente, deve cumprir seu dever.

– Obrigada por compreender.

– Eu gostaria que o resultado fosse diferente.

– Eu também.

– É melhor você levar a tocha.

– Obrigada. – Ela pegou a tocha e se afastou.

Merthin a observou, pensando: É assim que termina? Isso é tudo? Caris seguia à sua maneira característica, com passos determinados e confiantes, mas mantinha a cabeça baixa. Passou pelo portão e desapareceu.

As luzes da Bell brilhavam alegremente através das aberturas nas janelas e na porta. Ele entrou. Os últimos clientes se despediam, meio embriagados. Sairy recolhia as canecas e limpava as mesas. Merthin foi ver Lolla, que estava mergulhada no sono. Pagou a garota que ficara tomando conta dela. Pensou em se deitar, mas sabia que não conseguiria dormir. Estava transtornado demais. Por que perdera a paciência logo naquela noite, não em qualquer outra ocasião? Ficara furioso. Mas sua raiva vinha do medo, compreendeu enquanto se acalmava. Por trás disso havia o pavor de que Caris pegasse a peste e morresse.

Sentou num banco da taverna e tirou as botas. Permaneceu ali, olhando para o fogo, especulando por que não podia ter a coisa que mais queria na vida.

Bessie também voltou e pendurou seu manto. Sairy foi embora. Bessie trancou tudo. Foi sentar na frente de Merthin, ocupando a cadeira grande que seu pai sempre usava.

– Lamento muito pelo que aconteceu na guilda – disse ela. – Não tenho certeza de quem está certo, mas sei que você ficou desapontado.

– De qualquer forma, obrigado por me apoiar.

– Sempre o apoiarei.

– Talvez seja tempo de eu parar de lutar as batalhas de Caris.

– Concordo. Mas posso ver que isso o deixa triste.

– Triste e furioso. Tenho a sensação de que desperdicei metade de minha vida esperando por ela.

– O amor nunca é desperdiçado.

Ele ergueu os olhos, surpreso. Após um momento, disse:

– Você é uma pessoa sensata.

– Não há mais ninguém aqui além de Lolla. Todos os hóspedes do Natal já foram embora. – Bessie se levantou e se ajoelhou na frente dele. – Eu gostaria de confortá-lo... de qualquer maneira que puder.

Merthin contemplou seu rosto redondo e cordial. Sentiu que o próprio corpo se agitava em resposta. Havia muito tempo não tinha em seus braços o corpo macio de uma mulher. Mas balançou a cabeça.

– Não quero usá-la.

Ela sorriu.

– Não estou pedindo para casar comigo. Nem mesmo estou pedindo para me amar. Acabei de enterrar meu pai ao passo que você ficou desapontado com Caris. Ambos precisamos de alguém para nos consolar.

– Para atenuar a dor, como um jarro de vinho.

Bessie pegou a mão de Merthin e beijou sua palma.

– Melhor do que vinho...

Ela comprimiu a mão dele contra o seio grande e macio. Merthin suspirou enquanto o acariciava. Bessie ergueu o rosto, ele se inclinou e a beijou nos lábios. Ela soltou um gemido de prazer. Foi um beijo delicioso, como uma bebida gelada num dia quente, e ele não quis mais parar.

Bessie acabou recuando, ofegante. Levantou-se e tirou o vestido de lã pela cabeça. O corpo nu parecia rosado à luz do fogo. Ela era toda feita de curvas: quadris redondos, barriga redonda, seios redondos. Ainda sentado, Merthin pôs as mãos em sua cintura e a puxou. Beijou a pele quente da barriga, depois as pontas rosadas dos seios. Ergueu os olhos para o rosto corado de Bessie.

– Não quer subir? – disse ele.

– Não – respondeu ela, ofegante. – Não posso esperar tanto tempo.

62

A eleição para prioresa foi realizada no dia seguinte ao Natal. Naquela manhã, Caris estava tão deprimida que mal foi capaz de sair da cama. Quando soou o sino para as Matinas, de madrugada, ela sentiu a forte tentação de enfiar a cabeça sob as cobertas e alegar que não se sentia bem. Mas não podia se omitir quando tantas pessoas estavam morrendo. Por fim, fez um esforço para se levantar.

Arrastou-se pelas geladas lajes de pedra do claustro ao lado de Elizabeth, as duas à frente da procissão para a igreja. Esse protocolo fora combinado porque nenhuma das duas estava disposta a dar precedência à outra enquanto estivessem disputando na eleição. Mas Caris não se importava. O resultado era inevitável. Ela bocejou e tremeu de frio no coro, durante os salmos e as leituras. Estava furiosa. Mais tarde, naquele dia, Elizabeth seria eleita prioresa. Caris nutria ressentimento contra as freiras por rejeitá-la, odiava Godwyn por sua hostilidade e desprezava os mercadores da cidade por se recusarem a interferir.

Experimentava a sensação de que sua vida fora um fracasso. Não construíra o novo hospital com que sonhara e agora nunca mais o faria.

Também se ressentia de Merthin, por fazer uma oferta que ela não podia aceitar. Ele não era capaz de compreender. Para Merthin, o casamento seria só um complemento de sua vida de arquiteto e construtor. Para ela, seria substituir por outro o trabalho a que se dedicara. Fora por isso que ela vacilara durante tantos anos. Não porque não o desejasse. Ansiava por ele com uma fome que mal conseguia suportar.

Ela murmurou os últimos responsos e depois deixou a catedral em passos mecânicos, à frente das freiras. Ao contornarem de novo o claustro, alguém por trás dela espirrou. Estava desanimada demais para ao menos olhar e descobrir quem fora.

As freiras subiram a escada para o dormitório. Ao entrar ali, Caris ouviu uma respiração pesada e compreendeu que alguém ficara no dormitório. Sua vela revelou a mestra das noviças, a irmã Simone, uma mulher melancólica de meia-idade normalmente meticulosa que nunca se fingia de doente para se esquivar dos serviços. Caris prendeu uma máscara de linho no rosto e foi se ajoelhar ao lado de Simone, que suava bastante e exibia uma expressão assustada.

– Como se sente? – perguntou Caris.

– Horrível... – balbuciou Simone. – Tive sonhos estranhos.

Caris tocou em sua testa. Ela ardia em febre.

– Posso beber alguma coisa? – perguntou Simone.

– Claro.

– Espero que seja apenas um resfriado.

– Está com febre.

– Mas não peguei a peste, não é? Não me sinto tão mal assim.

– Seja como for, vamos levá-la para o hospital. Pode andar?

Simone fez esforço para se levantar. Caris pegou um cobertor na cama e o ajeitou em torno dos ombros de Simone. Enquanto se encaminhavam para a porta, Caris ouviu um espirro. Dessa vez pôde constatar que era de irmã Rosie, a gorda matriculária. Caris olhou atentamente para Rosie, que parecia assustada. Caris escolheu outra freira ao acaso.

– Irmã Cressie, leve Simone para o hospital enquanto examino Rosie.

Cressie pegou Simone pelo braço e desceu com ela. Caris aproximou sua vela do rosto de Rosie. Ela também suava. Caris puxou para baixo a gola do hábito. Havia uma erupção de pequenas manchas púrpura nos ombros e nos seios.

– Não... – balbuciou Rosie. – Não, por favor!

– Pode não ser nada grave – mentiu Caris.

– Não quero morrer da peste! – exclamou Rosie, a voz trêmula.

– Fique calma e venha comigo – disse Caris em voz baixa.

Caris pegou firme o braço de Rosie, que resistiu.

– Não! Ficarei bem aqui!

– Tente fazer uma oração. Ave Maria...

Rosie começou a rezar. Pouco depois, Caris conseguiu levá-la sem

resistência.

O hospital estava apinhado, com pessoas morrendo e suas famílias, a maioria acordada, apesar da hora. Havia um forte odor de corpos suados, vômito e sangue. A iluminação, de lampiões de sebo e velas no altar, era difusa. Diversas freiras cuidavam dos pacientes, servindo água e limpando tudo. Algumas usavam máscara; outras, não.

Lá estava o irmão Joseph, o mais velho dos monges médicos e o mais respeitado. Estava dando a extrema-unção a Rick Silvers, o chefe da guilda dos joalheiros. Inclinava a cabeça para ouvir a confissão sussurrada, os dois cercados pelos filhos e netos de Rick.

Caris arrumou um lugar para Rosie e a persuadiu a se deitar. Uma das freiras lhe trouxe um copo de água fresca da fonte. Rosie ficou imóvel, mas os olhos se moviam angustiados para um lado e outro. Conhecia seu destino agora e estava com medo.

– O irmão Joseph virá examiná-la daqui a pouco – prometeu Caris.

– Você estava certa, irmã Caris – murmurou Rosie.

– Como assim?

– Simone e eu estávamos entre as amigas originais de irmã Elizabeth que se recusaram a usar máscara... e veja o que aconteceu conosco.

Caris não pensara nisso. A prova de que estava certa seria a morte terrível das pessoas que haviam discordado? Ela preferia estar errada. Foi examinar Simone, que, deitada, segurava a mão de Cressie. Simone era mais velha e mais calma do que Rosie, mas havia medo em seus olhos e ela apertava a mão de Cressie com toda a força.

Caris olhou para Cressie. Havia uma mancha escura por cima do lábio dela. Caris estendeu o braço e a limpou com a manga. Cressie também pertencia ao grupo original que abandonara a máscara. Ela olhou para a marca na manga.

– O que é isso?

– Sangue – respondeu Caris.

A eleição foi realizada no refeitório, uma hora antes do momento de servir o

almoço. Caris e Elizabeth sentaram lado a lado por trás de uma mesa numa extremidade da sala, com as freiras sentadas em fileiras de bancos à frente.

Tudo mudara. Simone, Rosie e Cressie continuavam no hospital, acometidas pela peste. Ali no refeitório, as outras duas que recusaram desde o início a máscara, Elaine e Jeannie, exibiam os primeiros sintomas. Elaine espirrava a todo momento e Jeannie suava muito. O irmão Joseph, que vinha cuidando das vítimas da peste sempre sem máscara, finalmente sucumbira. Todas as outras freiras haviam retomado o uso das máscaras no hospital. Se a máscara ainda era um sinal de apoio a Caris, ela vencera.

Todas estavam tensas e agitadas. A irmã Beth, antiga tesoureira e agora a freira mais velha, leu uma oração para abrir a reunião. Quase antes mesmo que ela acabasse, várias freiras falaram ao mesmo tempo. A voz que prevaleceu, entre todas, foi a da irmã Margaret, a antiga despenseira:

– Caris estava certa e Elizabeth, errada! As que se recusaram a usar máscaras estão agora morrendo!

Houve um murmúrio coletivo de concordância.

– Eu gostaria que fosse diferente – declarou Caris. – Preferia que Rosie, Simone e Cressie estivessem sentadas aqui neste momento, votando contra mim.

Ela falava sério. Cansara de ver pessoas morrendo. Isso a fazia pensar em como todas as outras coisas eram triviais. Elizabeth se levantou.

– Proponho que adiemos a eleição. Três freiras já morreram e mais três se encontram no hospital. Devemos esperar até que a peste termine.

A proposta pegou Caris de surpresa. Pensara que não havia nada que Elizabeth pudesse fazer para evitar a derrota... mas se enganara. Ninguém votaria agora em Elizabeth, mas suas partidárias poderiam optar por não escolher ninguém.

A apatia de Caris desapareceu. Recordou subitamente todas as razões pelas quais queria ser prioresa: melhorar o hospital, ensinar mais meninas a ler e escrever, ajudar a cidade a prosperar. Seria uma catástrofe se Elizabeth fosse eleita em vez dela. Mas Elizabeth recebeu o apoio imediato da velha irmã Beth:

– Não devemos realizar a eleição numa situação de pânico e fazer uma escolha de que poderemos nos arrepender mais tarde, quando as coisas se acalmarem.

Sua declaração parecia ensaiada: era evidente que Elizabeth planejara aquilo. Mas o argumento não era absurdo, pensou Caris com alguma apreensão. Margaret protestou, indignada:

– Beth, você só diz isso porque sabe que Elizabeth vai perder.

Caris se absteve de falar, com medo de ouvir o mesmo argumento contra ela. A irmã Naomi, que não tinha compromisso com qualquer dos lados, interveio nesse instante:

– O problema é que não temos uma líder. Madre Cecilia, que sua alma descanse em paz, nunca designou uma subprioresa depois que Natalie morreu.

– Isso é tão ruim assim? – indagou Elizabeth.

– É, sim! – exclamou Margaret. – Não conseguimos sequer tomar uma decisão sobre quem deve ser a primeira na procissão!

Caris decidiu correr o risco de abordar um problema prático:

– Há uma longa lista de decisões que precisam ser tomadas, especialmente sobre a herança de propriedades do convento cujos ocupantes morreram da peste. Seria difícil continuar por muito mais tempo sem uma prioresa.

A irmã Elaine, uma das cinco amigas originais de Elizabeth, argumentou então contra o adiamento:

– Detesto eleições. – Ela espirrou, mas logo continuou: – Jogam irmã contra irmã e causam hostilidades. Quero acabar logo com isto, para que possamos nos unir diante desta terrível peste.

Isso provocou um coro de apoio.

Elizabeth olhou furiosa para Elaine, que a fitou e acrescentou:

– Como podem ver, não posso sequer fazer um comentário pacífico como esse sem que Elizabeth olhe para mim como se eu a tivesse traído.

Elizabeth baixou os olhos. Margaret disse:

– Vamos votar. Quem é a favor de Elizabeth, diga “Sim”.

Por um momento, ninguém se pronunciou. Então Beth exclamou:

– Sim.

Caris esperou que mais alguém falasse, mas Beth foi a única.

O coração de Caris bateu mais depressa. Estaria prestes a realizar sua ambição?

– Quem é a favor de Caris? – indagou Margaret.

A resposta foi imediata. Houve um grito quase coletivo de “Sim!”. Caris teve a impressão de que todas as freiras votavam a seu favor.

Consegui, pensou. Sou a prioresa. Agora podemos realmente começar.

– Nesse caso... – disse Margaret, mas não pôde continuar, porque uma voz de homem a interrompeu:

– Esperem!

Várias freiras soltaram murmúrios de espanto e uma delas gritou. Todas olharam para a porta. Philemon estava parado ali. Ele devia estar escutando do outro lado da porta, refletiu Caris.

– Antes de continuarem...

Caris não podia permitir aquilo. Levantou-se, furiosa.

– Como ousa entrar no convento? Você não tem permissão e não é bem-vindo aqui! Fora!

– Fui enviado pelo padre prior...

– Ele não tem o direito...

– É o religioso mais graduado em Kingsbridge e tem autoridade sobre as freiras na ausência de uma prioresa ou subprioresa.

– Não estamos mais sem uma prioresa, irmão Philemon. – Caris avançou na direção dele. – Acabo de ser eleita.

As freiras odiavam Philemon e todas aplaudiram.

– O padre Godwyn se recusa a permitir essa eleição – insistiu Philemon.

– Tarde demais. Diga a ele que madre Caris está agora no comando do convento... e que ela o expulsou.

Philemon recuou.

– Você não é a prioresa até que a eleição seja ratificada pelo bispo!

– Fora! – exclamou Caris.

As freiras entoaram em coro:

– Fora! Fora! Fora!

Philemon ficou intimidado. Não estava acostumado a ser desafiado. Caris deu outro passo adiante e ele deu outro passo para trás. Parecia espantado com o que estava acontecendo. O coro se tornava mais e mais alto. Abruptamente, ele se virou e saiu correndo. As freiras riram e aplaudiram. Mas Caris percebeu que o comentário final de Philemon era procedente. A eleição teria de ser ratificada

pelo bispo Henri.

E Godwyn faria tudo para impedir que isso ocorresse.



Uma equipe de voluntários da cidade abrira uma clareira de 1 acre na mata no outro lado do rio e Godwyn iniciou o processo de consagrar a terra do novo cemitério. Todos os cemitérios de igrejas dentro das muralhas da cidade já estavam plenamente ocupados e quase não restava espaço no cemitério da catedral.

Godwyn caminhava pelos limites do terreno, sob um vento gelado, salpicando água benta, que congelava ao bater no chão, enquanto monges e freiras marchavam em sua esteira cantando um salmo. Embora o serviço ainda não tivesse terminado, os coveiros já haviam começado a trabalhar. Havia montes de terra ao lado de buracos com os lados retos, tão próximos uns dos outros quanto possível, para poupar espaço. Mas 1 acre não seria suficiente por muito tempo e já havia homens trabalhando para abrir outro espaço na mata.

Em momentos assim Godwyn tinha de fazer o maior esforço para manter o controle. A peste era como uma vasta onda submergindo a todos em sua passagem, incontrolável. Os monges haviam enterrado uma centena de pessoas na semana antes do Natal e os números continuavam a subir. O irmão Joseph morrera no dia anterior, e mais dois monges estavam doentes. Onde acabaria isso? Todas as pessoas no mundo morreriam? O próprio Godwyn morreria?

Ele estava tão assustado que parou de repente, olhando aturdido para o aspersório de ouro com que salpicava a água benta, sem ter a menor ideia de como fora parar em sua mão. Por um momento, o pânico que sentia o dominou e ele não foi capaz de se mexer. Até que Philemon, à frente da procissão, o empurrou delicadamente por trás. Godwyn cambaleou para a frente e reiniciou a marcha. Tinha de afastar da mente aqueles pensamentos assustadores.

Concentrou o cérebro no problema da eleição das freiras. A reação ao sermão fora tão favorável que pensara que a vitória de Elizabeth estava garantida. A maré virara com uma rapidez chocante, e a irritante recuperação da popularidade de Caris o pegara de surpresa. A intervenção de Philemon no último minuto fora

uma medida desesperada, mas tomada tarde demais. Quando pensava a respeito, Godwyn tinha vontade de gritar.

Mas ainda não acabara. Caris escarnecera de Philemon, mas a verdade é que ela não podia considerar sua posição segura até a aprovação do bispo Henri. Infelizmente, Godwyn ainda não tivera uma oportunidade de se insinuar nas boas graças de Henri. O novo bispo, que não falava inglês, visitara Kingsbridge apenas uma vez. Como ele era novo no cargo, Philemon ainda não descobrira se tinha uma fraqueza fatal. Mas era um homem e um sacerdote, por isso deveria ficar do lado de Godwyn contra Caris.

Godwyn escrevera para Henri dizendo que Caris enfeitiçara as freiras, levando-as a pensar que poderia salvá-las da peste. Detalhara a história de Caris: a acusação de heresia, o julgamento e a condenação há oito anos, o resgate por Cecilia. Esperava que Henri chegasse a Kingsbridge com um forte preconceito contra Caris.

Mas quando Henri viria? Era extraordinário para o bispo perder o serviço de Natal na catedral. Uma carta do eficiente e pouco imaginativo arquidiácono Lloyd explicara que Henri estava ocupado designando clérigos para substituir os que haviam morrido da peste. Lloyd podia ser contra Godwyn: era um homem do conde William, devendo seu cargo ao falecido irmão de William, Richard; e o pai de William e Richard, o conde Roland, odiava Godwyn. Só que a decisão não seria de Lloyd, mas sim de Henri. Era difícil prever o que poderia acontecer. Godwyn sentia que perdera o controle. Sua carreira era ameaçada por Caris e sua vida, pela peste inexorável.

Uma pequena nevasca começou a cair quando a cerimônia de consagração se aproximava do fim. Pouco além do terreno, sete procissões fúnebres esperavam que o cemitério ficasse disponível. A um sinal de Godwyn, todas se adiantaram. O primeiro corpo estava num caixão, mas os outros vinham em mortalhas ou em estrados de madeira. Mesmo nas melhores ocasiões, os caixões eram um luxo para os mais prósperos, mas, agora que a madeira se tornara muito cara e os fabricantes tinham excesso de trabalho, só os muito ricos podiam ser enterrados num caixa de madeira.

À frente da primeira procissão vinha Merthin, com flocos de neve nos cabelos e barba avermelhados. Trazia a filha pequena no colo. A pessoa rica

dentro do caixão devia ser Bessie Bell, deduziu Godwyn. Bessie morrera sem parentes e deixara a taverna para Merthin. O dinheiro gruda nesse homem como folhas úmidas, pensou Godwyn com amargura. Merthin já tinha a ilha dos Leprosos e a fortuna que ganhara em Florença. Agora possuía também a taverna mais movimentada de Kingsbridge.

Godwyn conhecia o testamento de Bessie porque o priorado tinha direito a um *heriot* e recebera uma considerável porcentagem sobre o valor da propriedade. Merthin pagara em florins de ouro, sem a menor hesitação.

A única boa consequência da peste era o fato de a tesouraria do priorado estar agora cheia de dinheiro.

Godwyn conduziu o serviço fúnebre de todos os sete corpos. Essa era a norma agora: um funeral pela manhã e outro à tarde, qualquer que fosse o número de mortos. Não havia padres suficientes em Kingsbridge para enterrar cada pessoa em separado.

Esse pensamento renovou o sentimento de apreensão de Godwyn. Ele se atrapalhou nas últimas palavras do serviço, imaginando-se em uma das sepulturas, mas logo conseguiu se controlar e chegou ao final sem maiores tropeços.

Concluído o serviço, ele levou a procissão de monges e freiras de volta à catedral. Entraram e desfizeram a formação. Os monges retornaram a seus deveres normais. Uma noviça se aproximou de Godwyn bastante nervosa e disse:

– Padre prior, pode fazer o favor de ir até o hospital?

Godwyn não gostava de receber recados autoritários por intermédio de noviças.

– Para quê? – indagou com rispidez.

– Desculpe, padre, mas não sei... só me mandaram vir chamá-lo.

– Irei assim que puder – resmungou Godwyn, irritado.

Ele não tinha nada de urgente para fazer, mas se demorou na catedral falando com o irmão Eli sobre os hábitos dos monges, só para marcar sua posição.

Poucos minutos depois, atravessou o claustro e entrou no hospital.

Havia freiras agrupadas em torno de uma cama que fora instalada diante do altar. Deve ser um paciente importante, pensou Godwyn. E se perguntou quem

seria. Uma das freiras se voltou para ele. Usava uma máscara de linho sobre o nariz e a boca, mas ele reconheceu os olhos verdes com manchas douradas que toda a sua família partilhava: era Caris. Embora pudesse ver bem pouco de seu rosto, percebeu uma estranha expressão em seu olhar. Esperava aversão e desprezo, mas, em vez disso, viu compaixão.

Aproximou-se da cama com um sentimento de apreensão. As outras freiras, ao vê-lo, logo se afastaram, deferentes. No instante seguinte, ele viu a pessoa deitada na cama.

Era sua mãe.

A cabeça grande de Petranilla repousava sobre um travesseiro branco. Ela suava bastante. Um filete de sangue escorria de seu nariz. Uma freira limpou o sangue, mas o fluxo logo voltou. Outra freira ofereceu à paciente um copo com água. Havia uma fileira de manchas roxas na pele enrugada do pescoço de Petranilla.

Godwyn soltou um grito, como se tivesse sido golpeado. Ficou olhando, dominado pelo horror. A mãe o fitou com uma expressão de sofrimento. Não havia a menor dúvida: ela se tornara uma vítima da peste.

– Não! – gritou ele. – Não! Não!

Sentiu uma dor insuportável no peito, como se tivesse sido apunhalado. Ouviu Philemon, ao seu lado, dizer com voz assustada:

– Tente permanecer calmo, padre prior.

Mas Godwyn não podia se conter. Abriu a boca para gritar, mas nenhum som saiu. Sentiu-se de repente desligado do próprio corpo, sem controle sobre seus movimentos. E depois uma névoa preta se elevou do chão e o engolfou, subindo por seu corpo até cobrir o nariz e a boca, a tal ponto que não conseguia respirar, e alcançou os olhos, deixando-o cego. Por fim, ele perdeu os sentidos.



Godwyn passou cinco dias de cama. Não comia nada e só bebia quando Philemon levava um copo a seus lábios. Não conseguia pensar direito. Não podia se mexer, pois parecia que não era capaz de decidir o que fazer. Chorava e dormia, para depois acordar e chorar de novo. Teve uma vaga noção de um

monge pondo a mão em sua testa, recolhendo uma amostra de urina, diagnosticando febre cerebral e fazendo uma sangria.

E depois, no último dia de dezembro, o apavorado Philemon trouxe a notícia de que sua mãe havia morrido.

Godwyn se levantou, fez a barba, vestiu um hábito novo e seguiu para o hospital.

As freiras haviam lavado e vestido o corpo. Os cabelos estavam escovados e Petranilla usava um caro vestido de lã italiana. Ao vê-la daquela maneira, com a palidez da morte no rosto e os olhos fechados para sempre, Godwyn sentiu retornar o pânico que o dominara, mas dessa vez ele conseguiu reprimi-lo.

– Levem o corpo para a catedral – ordenou.

Normalmente, a honra de um velório na catedral era reservada a monges, freiras, clérigos importantes e à aristocracia, mas Godwyn sabia que ninguém ousaria contestá-lo.

Depois que o corpo foi levado para a catedral e posto diante do altar, Godwyn se ajoelhou ao lado e rezou. A oração ajudou a acalmar seu terror. Pouco a pouco, decidiu o que fazer. Quando ficou de pé, ordenou que Philemon convocasse uma reunião imediata na casa do capítulo.

Estava abalado, mas sabia que tinha de se controlar. Sempre fora abençoado com o poder da persuasão. Agora teria de aproveitá-lo ao máximo.

Assim que os monges se reuniram, Godwyn leu para eles o Livro do Gênesis:

– Depois que essas coisas aconteceram, Deus tentou Abraão. Chamou-o: Abraão. E Abraão respondeu: Eis-me aqui, Senhor. E Deus disse: pegue seu filho Isaque, seu único filho, a quem tanto ama, e leve-o para a terra de Moriá. Ali, deve oferecê-lo em holocausto numa montanha que indicarei. E Abraão se levantou bem cedo, selou seu jumento e partiu, levando seu filho Isaque e dois servos. Rachou lenha para o sacrifício e subiu a montanha até o local que Deus lhe indicara.

Godwyn ergueu os olhos da Bíblia. Os monges o observavam atentamente. Todos conheciam a história de Abraão e Isaque. Estavam mais interessados nele, Godwyn. E permaneciam alertas, cautelosos, imaginando o que viria em seguida.

– O que a história de Abraão e Isaque nos ensina? – indagou ele, retórico. –

Deus diz a Abraão para matar seu filho... não apenas o filho mais velho, mas o único filho, nascido quando ele tinha 100 anos. Abraão protestou? Suplicou por misericórdia? Argumentou com Deus? Ressaltou que matar Isaque seria assassinato, infanticídio, um terrível pecado?

Godwyn deixou as perguntas pairarem no ar por um momento antes de baixar os olhos para a Bíblia e ler:

– E Abraão se levantou bem cedo, selou seu jumento...

Ele tornou a erguer os olhos.

– Deus também pode nos tentar. Ele pode nos ordenar que façamos uma coisa que pareça errada. Talvez nos diga para fazer uma coisa que pode parecer um pecado. Quando isso acontece, devemos nos lembrar de Abraão.

Godwyn falava no que sabia ser o seu estilo de pregação mais persuasivo: ritmado, mas coloquial. Dava para perceber que tinha a atenção extasiada de todos, no silêncio da casa octogonal do capítulo; ninguém se mexia, sussurrava ou arrastava os pés.

– Não devemos questionar. Não devemos argumentar. Quando Deus nos leva, devemos segui-lo... por mais insensatos, pecaminosos ou cruéis que seus desejos possam parecer a nossas débeis mentes humanas. Somos fracos e humildes. Nossa compreensão é falha. Não nos é dado tomar decisões ou fazer opções. Nosso dever é simples. É obedecer.

Depois ele disse aos monges o que tinham de fazer.



O bispo chegou noite alta. Era quase meia-noite quando a comitiva entrou no priorado, depois de cavalgar à luz de velas. Quase todos no priorado já estavam deitados havia horas. Mas havia um grupo de freiras trabalhando no hospital e uma delas foi acordar Caris.

– O bispo chegou – anunciou ela.

– Por que ele quer falar comigo? – perguntou Caris, sonolenta.

– Não sei, madre prioresa.

Claro que ela não sabia. Caris se levantou e pôs um manto. Parou por um instante no claustro, bebeu água e respirou fundo o ar frio da noite, limpando a

mente dos resquícios do sono. Queria causar boa impressão ao bispo, para que não houvesse qualquer problema na ratificação de sua eleição para prioresa.

O arquidiácono Lloyd a aguardava no hospital, com ar cansado, a ponta do nariz comprido vermelha do frio.

– Venha cumprimentar seu bispo – disse, irritado, como se ela tivesse a obrigação de ficar acordada para esperar.

Caris o seguiu. Um servo esperava do lado de fora da porta, com uma tocha acesa. Atravessaram o pátio até o local em que o bispo se encontrava, ainda em seu cavalo.

Era um homem pequeno, usava um chapéu enorme e parecia irritado. Caris disse, em francês normando:

– Seja bem-vindo ao priorado de Kingsbridge, milorde bispo.

– Quem é você? – perguntou Henri, impaciente.

Caris já o vira antes, mas nunca falara com ele.

– Sou a irmã Caris, a prioresa eleita.

– A bruxa.

Caris sentiu um aperto no coração. Godwyn já devia ter tentado envenenar a mente de Henri contra ela. O que a deixou indignada.

– Não, milorde bispo. Não há bruxas aqui. – Ela falou com mais amargura do que prudência. – Apenas um grupo de freiras comuns fazendo o melhor que podem por uma cidade que foi atacada pela peste.

Ele ignorou o comentário.

– Onde está o prior Godwyn?

– Em seu palácio.

– Não está, não.

O arquidiácono Lloyd explicou:

– Já estivemos lá. O prédio está vazio.

– É mesmo?

– É, sim – confirmou o arquidiácono, irritado.

Nesse momento, Caris avistou o gato de Godwyn, com a ponta branca do rabo. Os noviços o chamavam de Arcebispo. Atravessou a fachada oeste da catedral e olhou para os espaços entre os pilares, como se procurasse seu dono. Caris ficou consternada.

– Que coisa estranha... Talvez Godwyn tenha decidido passar a noite no dormitório com os outros monges.

– E por que faria isso? Espero que não esteja ocorrendo nenhuma impropriedade.

Caris meneou a cabeça descartando essa possibilidade. O bispo desconfiava de falta de castidade, mas Godwyn não era propenso a esse tipo de pecado.

– Ele reagiu muito mal quando a mãe pegou a peste. Teve alguma espécie de colapso e desmaiou. Ela morreu hoje.

– Se ele se sentia indisposto, ainda mais razão para dormir na própria cama.

Qualquer coisa poderia ter acontecido. Godwyn ficara bastante perturbado com a doença de Petranilla.

– Milorde bispo não gostaria de conversar com um dos seus assistentes? – perguntou Caris.

Henri respondeu com crescente irritação:

– Se puder encontrar algum, claro que sim!

– Eu poderia levar o arquidiácono Lloyd até o dormitório...

– Agora mesmo!

Lloyd pegou a tocha que um servo segurava. Caris o conduziu através da catedral até o claustro dos monges. O lugar estava silencioso, como costumava acontecer com os mosteiros àquela hora da noite. Chegaram ao pé da escada que levava ao dormitório. Caris parou.

– É melhor subir sozinho – disse a Lloyd. – Uma freira não deve ver monges na cama.

– Tem toda a razão.

O arquidiácono subiu com a tocha, deixando-a na escuridão. Ela esperou, curiosa. Ouviu-o gritar:

– Olá?

O estranho silêncio persistiu. Pouco depois, Lloyd a chamou num tom diferente:

– Irmã?

– Pois não?

– Pode subir.

Aturdida, Caris subiu a escada e entrou no dormitório. Parou ao lado de

Lloyd e olhou ao redor, à luz trêmula da tocha. Os colchões de palha dos monges estavam em seus lugares, nos dois lados do dormitório... todos desocupados.

– Não há ninguém aqui – disse Caris.

– Nem uma única alma. O que pode ter acontecido?

– Não sei, mas posso adivinhar.

– Então me esclareça, por favor.

– Não é óbvio? Eles fugiram.

PARTE VI

JANEIRO DE 1349 A JANEIRO DE 1351

63

Quando Godwyn partiu, levou todos os bens valiosos do tesouro dos monges e todos os cartulários, incluindo os das freiras, que elas nunca haviam conseguido retirar de sua arca trancada. Levou também as relíquias sagradas, inclusive os ossos de Santo Adolfo, em seu relicário de valor inestimável.

Caris descobriu isso na manhã seguinte, o primeiro dia de janeiro, a Festa da Circuncisão de Cristo. Foi com o bispo Henri e a irmã Elizabeth até a tesouraria, junto do transepto sul. A atitude de Henri em relação a ela era de total formalidade, o que a preocupava, mas, como se tratava de um homem rabugento, talvez ele fosse assim com todas as pessoas.

A pele esfolada de Gilbert de Hereford continuava pregada na porta, pouco a pouco mais dura e amarelada, ainda exalando um cheiro inconfundível, embora fraco, de podridão. Mas a porta não estava trancada.

Eles entraram. Caris não estivera ali desde que o prior Godwyn roubara as 150 libras das freiras para erguer seu palácio. Depois disso, as freiras haviam construído a própria tesouraria.

Ficou evidente no mesmo instante o que havia acontecido. As pedras que cobriam os cofres no chão haviam sido removidas e deixadas fora do lugar. A tampa da arca reforçada com ferro continuava aberta. Os cofres e a arca estavam vazios.

Caris sentiu nesse instante que todo seu desprezo por Godwyn era justificado. Um médico preparado, sacerdote e líder dos monges, ele fugira no momento em que o povo mais precisava de sua ajuda. Agora, sem a menor sombra de dúvida, todos compreenderiam sua verdadeira natureza. O arquidiácono Lloyd ficou indignado.

– Ele levou tudo!

Caris declarou para Henri:

– E esse é o homem que queria anular minha eleição.

O bispo Henri soltou um resmungo evasivo. Desesperada, Elizabeth tentou encontrar uma desculpa para o comportamento de Godwyn:

– Tenho certeza que o padre prior levou as coisas de valor para guardar em lugar seguro.

O comentário irritou o bispo, que comentou, em tom cortante:

– Isso é bobagem. Se um servo esvazia sua bolsa e desaparece sem avisar, não é para guardar o dinheiro num lugar seguro, mas sim para roubá-lo.

Elizabeth tentou uma abordagem diferente:

– Creio que a ideia foi de Philemon.

– O subprior? – Henri assumiu uma expressão desdenhosa. – É Godwyn quem tem o comando, não Philemon. Godwyn é o responsável.

Elizabeth não disse mais nada.

Godwyn devia ter se recuperado da morte da mãe, pelo menos temporariamente, pensou Caris. Fora um feito e tanto persuadir todos os monges a acompanhá-lo. Tentou imaginar para onde teriam ido. O bispo Henri pensava a mesma coisa, porque indagou:

– Para onde os covardes miseráveis foram?

Caris recordou que Merthin tentara persuadi-la a partir. Para Gales ou Irlanda, dissera ele. Uma aldeia remota onde só apareça um estranho de ano a ano. Ela disse ao bispo:

– Eles foram se esconder em algum lugar isolado ao qual ninguém jamais vai.

– Descubra para onde exatamente.

Caris compreendeu que toda a oposição à sua eleição desaparecera com Godwyn. Estava triunfante e teve de fazer esforço para não parecer muito satisfeita.

– Farei algumas indagações na cidade. Alguém deve tê-los visto quando partiram.

– Faça isso – disse o bispo. – Seja como for, acho que eles não voltarão tão cedo. Portanto, você terá de cuidar de tudo sem a participação dos homens. Continue os serviços com as freiras da maneira mais normal possível. Chame um

padre paroquial para celebrar as missas na catedral, se puder encontrar algum ainda vivo. As freiras não podem celebrar missas, mas podem ouvir confissões... Há uma autorização especial do arcebispo devido à morte de tantos sacerdotes.

Caris não podia deixar passar a oportunidade de tratar de sua eleição:

– Está me confirmando como prioresa?

– Claro – respondeu Henri, irritado.

– Nesse caso, antes que eu aceite a honra...

– Não tem que tomar decisão nenhuma, madre prioresa – declarou ele, indignado. – É seu dever me obedecer.

Ela queria o posto desesperadamente, mas resolveu fingir o contrário. Tinha de fechar um acordo difícil.

– Vivemos em tempos estranhos, não é mesmo? As freiras recebem autorização para ouvir confissões. Abreviaram o período de preparação dos padres, mas já me disseram que isso não foi suficiente para compensar as perdas causadas pela peste.

– Sua intenção é explorar as dificuldades que a Igreja enfrenta para promover algum objetivo pessoal?

– Não. Mas há uma coisa que precisa fazer para que eu possa cumprir suas instruções.

Henri suspirou. Era evidente que não gostava de ser pressionado dessa maneira. Mas, como Caris desconfiara, o bispo precisava dela mais do que o inverso.

– Está bem. O que é?

– Quero que convoque um tribunal eclesiástico especial e reabra meu julgamento por heresia.

– Pelos céus, por quê?

– Para me declarar inocente, é claro. Até que isso aconteça, pode ser difícil para mim exercer a autoridade. Qualquer pessoa que discordar de minhas decisões pode muito bem alegar que eu continuo a ser uma mulher condenada.

A mente meticulosa do arquidiácono Lloyd gostou dessa ideia.

– Seria ótimo se essa questão fosse resolvida de uma vez por todas, milorde bispo.

– Então tudo bem.

– Obrigada. – Caris sentiu um fluxo de prazer e alívio. Baixou a cabeça, com medo de que o triunfo transparecesse em seu rosto. – Farei o melhor que puder para honrar minhas obrigações como prioresa de Kingsbridge.

– Não perca tempo para descobrir o paradeiro de Godwyn. Eu gostaria de ter uma resposta antes de deixar a cidade.

– O regedor da guilda da paróquia é amigo de Godwyn. Se alguém sabe para onde os monges foram, deve ser ele. Vou procurá-lo.

– Imediatamente, por favor.

Caris se retirou. O bispo Henri era sisudo, mas parecia competente. Caris concluiu que poderia trabalhar com ele. Talvez fosse o tipo de líder que tomava decisões com base nos méritos de cada caso em vez de ficar do lado de quem percebesse como aliado. O que seria uma mudança agradável.

Ao passar pela Bell, ela ficou tentada a entrar e dar a boa notícia a Merthin. Mas pensou que era melhor falar com Elfric primeiro.

Na rua, em frente à Holly Bush, ela avistou Duncan Dyer estendido no chão. Sua esposa, Winnie, se achava sentada no banco diante da taverna, chorando. Caris pensou que o homem estivesse ferido, mas Winnie explicou:

– Ele está bêbado.

Caris ficou chocada.

– Ainda nem é hora do almoço!

– O tio dele, Peter Dyer, pegou a peste e morreu. A esposa e os filhos também morreram. Duncan herdou o dinheiro, mas gasta tudo em vinho. Não sei o que fazer.

– Vamos levá-lo para casa – propôs Caris. – Eu a ajudarei.

Cada uma pegou um braço de Duncan e conseguiram levantá-lo. Meio o amparando, meio o arrastando, desceram a rua até sua casa. Elas o deitaram no chão e estenderam um cobertor por cima. Winnie disse:

– Ele fica assim todos os dias. Diz que não vale a pena trabalhar porque vamos todos morrer da peste. O que devo fazer?

Caris pensou por um momento.

– Enterre o dinheiro no jardim agora, enquanto ele dorme. E, quando Duncan acordar, diga que ele perdeu tudo no jogo para um mascate que já deixou a cidade.

– Farei isso – disse Winnie.

Caris atravessou a rua rumo à casa de Elfric e entrou. Encontrou a irmã, Alice, sentada na cozinha costurando meias. Não eram muito ligadas desde que Alice casara com Elfric. O pouco que restava do relacionamento fora destruído pelo testemunho de Elfric contra Caris no julgamento por heresia. Forçada a optar entre a irmã e o marido, Alice fora leal a Elfric. Caris podia compreender, mas com isso a irmã acabara se tornando uma estranha para ela. Quando a viu, Alice largou a costura e se levantou.

– O que veio fazer aqui?

– Todos os monges desapareceram – disse Caris. – Devem ter partido durante a noite.

– Então foi isso! – exclamou Alice.

– Você os viu?

– Não, mas ouvi um bando de homens e cavalos. Não faziam barulho... na verdade, agora que penso a respeito, pareciam se esforçar para manter silêncio. Mas não se pode manter cavalos em silêncio e homens fazem barulho só de andar pela rua. Eu acordei, mas não me levantei para ver... fazia muito frio. Foi por isso que você entrou na minha casa pela primeira vez em dez anos?

– Não sabe para onde eles fugiram?

– Foi isso que eles fizeram... fugiram? Por causa da peste?

– Presumo que sim.

– Não pode ter sido. De que adianta ter médicos que fogem da doença? – Alice se mostrava perturbada pelo comportamento protetor de seu marido. – Não posso entender.

– Fico imaginando se Elfric sabe alguma coisa a respeito.

– Se sabe, não me contou.

– Onde posso encontrá-lo?

– Em Saint Peter. Rick Silvers deixou algum dinheiro para a igreja e o padre decidiu revestir o chão da nave com um piso de pedra.

– Vou perguntar a ele. – Caris se perguntou se deveria tentar ser cortês. Alice não tinha filhos seus, mas tinha uma enteada. – Como está Griselda?

– Muito bem e feliz.

Havia um tom de desafio na voz de Alice, como se ela pensasse que Caris

pudesse preferir o contrário.

– E seu neto?

Caris não foi capaz de usar o nome do menino, que era Merthin.

– Adorável. E há outro neto a caminho.

– Fico satisfeita por ela.

– Ainda bem que ela não casou com seu Merthin, pelo que aconteceu depois.

Caris se recusou a ser atraída para uma discussão.

– Vou falar com Elfric.

A igreja de Saint Peter ficava na parte oeste da cidade. Ao se encaminhar para lá, pelas ruas sinuosas, Caris encontrou dois homens brigando. Gritavam impropérios um contra o outro e se esmurravam com a maior violência. Duas mulheres, que deviam ser as esposas, gritavam insultos, enquanto os vizinhos assistiam. A porta da casa mais próxima fora arrombada. No chão, ali perto, havia uma gaiola feita de gravetos e juncos com três galinhas vivas. Caris se interpôs entre os dois homens.

– Parem com isso agora mesmo. Eu ordeno, em nome de Deus.

Não foi necessária muita persuasão. Era bem provável que os homens já tivessem descarregado sua ira com os primeiros golpes e poderiam até se sentir gratos por um pretexto para interromperem a briga. Recuaram e baixaram os braços.

– O que aconteceu? – perguntou Caris.

Os dois se puseram a falar ao mesmo tempo, junto com as esposas.

– Um de cada vez! – exclamou Caris.

Ela apontou para o maior dos dois, um homem de cabelos escuros cuja boa aparência estava desfigurada pelo olho inchado.

– Você não é Joe Blacksmith? Explique.

– Peguei Toby Peterson roubando as galinhas de Jack Marrow. Ele arrombou a porta.

Toby era menor, mas tinha a arrogância de um galo de briga. Falou através dos lábios sangrando:

– Jack Marrow me devia 5 xelins... tenho direito a essas galinhas!

Joe protestou:

– Jack e toda a sua família morreram da peste há duas semanas. Venho

alimentando suas galinhas desde então. Estariam mortas se não fosse por mim. Se alguém deve ficar com elas, esse alguém sou eu.

– Ambos têm direito às galinhas, não é? Toby por causa da dívida e Joe porque as manteve vivas à própria custa.

Os dois pareceram atordoados perante a ideia de que ambos podiam estar certos.

– Joseph, tire uma galinha da gaiola – ordenou Caris.

– Ei, espere um pouco... – insurgiu-se Toby.

– Confie em mim, Toby – disse Caris. – Sabe que eu não seria injusta com você, não é?

– Não posso negar isso...

Joe abriu a gaiola e pegou pelos pés uma galinha magricela de penas marrons. A galinha olhava para um lado e outro, como se estivesse espantada por ver o mundo de cabeça para baixo.

– Agora entregue a galinha à esposa de Toby.

– O quê?

– Acha que eu o enganaria, Joseph?

Relutante, Joe entregou a galinha à esposa de Toby, uma morena bonita e mal-humorada.

– Aí está, Jane.

Jane pegou a galinha com a maior satisfação. Caris lhe disse:

– Agora agradeça a Joe.

Jane exibiu uma expressão petulante, mas disse:

– Obrigada, Joseph Blacksmith.

– Agora, Toby, entregue uma galinha a Ellie Blacksmith – ordenou Caris.

Toby obedeceu, com um sorriso envergonhado. A esposa de Joe, Ellie, com uma enorme barriga de gravidez, também sorriu e disse:

– Obrigada, Toby Peterson.

Começavam a voltar ao normal, compreendendo a insensatez do que haviam feito.

– E a terceira galinha? – perguntou Jane.

– Já vou chegar nela. – Caris olhou para os espectadores e apontou para uma menina de 11 ou 12 anos que parecia bastante sensata. – Qual é o seu nome?

– Sou Jesca, madre prioresa... a filha de John Constable.

– Leve a outra galinha para a igreja de Saint Peter e entregue ao padre Michael. Diga que Toby e Joe vão procurá-lo para pedir perdão pelo pecado da cobiça.

– Está bem, irmã.

Jesca pegou a terceira galinha e se afastou. A esposa de Joe, Ellie, disse:

– Deve se lembrar, madre Caris, que ajudou a irmã caçula de meu marido, Minnie, quando ela queimou o braço na forja.

– Claro que lembro. – Fora uma queimadura terrível. – Ela está bem?

– Tão bem quanto a chuva, por sua causa e pela graça de Deus.

– Fico contente em saber disso.

– Não gostaria de entrar em minha casa para tomar uma cerveja, madre prioresa?

– Eu adoraria, mas tenho pressa. – Caris se voltou para os homens. – Deus os abençoe, e não briguem mais.

– Obrigado – murmurou Joe.

Caris se afastou.

– Obrigado, madre – gritou Toby.

Ela acenou, sem olhar para trás.

Notou pelo caminho que havia várias outras casas com a porta arrombada. Presumiu que haviam sido saqueadas depois da morte dos ocupantes. Alguém devia tomar providências, pensou. Mas, com Elfric como regedor e um prior desaparecido, não havia ninguém para tomar a iniciativa.

Ela chegou a Saint Peter e encontrou Elfric na nave, com vários calceteiros e seus aprendizes. Havia blocos de pedra empilhados por toda parte. Os homens preparavam a área, espalhando areia e a alisando com galhos. Elfric verificava se o terreno estava plano usando um dispositivo complicado, uma estrutura de madeira com um cordão pendendo, tendo um peso de chumbo pendurado na extremidade. Parecia uma forca em miniatura e lembrou a Caris que Elfric tentara promover seu enforcamento dez anos antes. Ficou surpresa ao descobrir que não sentia qualquer ódio por ele. Era um homem muito mesquinho e tacanho para merecer seu ódio. Ao fitá-lo, ela não sentiu nada além de desprezo. Esperou que ele acabasse sua verificação antes de perguntar de supetão:

– Sabia que Godwyn e todos os monges fugiram?

Ela tencionava surpreendê-lo e teve certeza, por sua cara de espanto, que ele não tinha conhecimento prévio.

– Por que eles...? Quando...? Ahn... na noite passada?

– Você não os viu.

– Ouvi alguma coisa.

– Mas eu os vi – disse um calceteiro. Ele se apoiou na pá. – Eu saía da Holly Bush. Estava escuro, mas eles tinham tochas. O prior ia a cavalo, mas os outros seguiam a pé. Levavam muita bagagem: barris de vinho e rodas de queijo, não sei mais o quê.

Caris já sabia que Godwyn esvaziara as despensas dos monges. Não tentara levar os suprimentos das freiras, que eram guardados em separado.

– A que horas foi isso?

– Não era muito tarde... nove ou dez horas.

– Falou com eles?

– Apenas para dizer boa-noite.

– Alguma ideia do lugar para onde podem ter ido?

O calceteiro sacudiu a cabeça.

– Eles passaram pela ponte, mas não vi para que lado seguiram em Gallows Cross.

Caris se virou para Elfric.

– Tente lembrar dos últimos dias. Godwyn disse algo que possa ter alguma relação com isso, em retrospectiva? Mencionou lugares... Monmouth, York, Antuérpia, Bremen?

– Não tenho a menor ideia. – Elfric parecia furioso por não ter sido avisado com antecedência, o que levou Caris a pensar que ele dizia a verdade.

Se Elfric estava surpreso, era improvável que qualquer outra pessoa tivesse conhecimento do que o prior planejava. Godwyn fugia da peste e era evidente que não queria que ninguém o seguisse, levando a doença. Saia cedo, para bem longe, e fique longe por muito tempo, dissera Merthin. Godwyn poderia estar em qualquer lugar.

– Se tiver notícias dele ou de qualquer dos monges, me avise, por favor – pediu.

Elfric não disse nada. Caris elevou a voz, para que todos ouvissem, ao acrescentar:

– Godwyn roubou todos os ornamentos preciosos da catedral.

Houve murmúrios de indignação. Os homens se sentiam como coproprietários dos ornamentos da catedral; afinal, os artesãos mais ricos haviam ajudado a pagar alguns.

– O bispo quer os ornamentos de volta – continuou. – Qualquer um que ajudar Godwyn, mesmo que seja apenas ocultando informações sobre seu paradeiro, é culpado de sacrilégio.

Elfric estava aturdido. Baseara sua vida em se insinuar nas boas graças de Godwyn. Agora, seu protetor desaparecera.

– Pode haver uma explicação absolutamente inocente...

– Se há, por que Godwyn não contou a ninguém? Nem sequer deixou uma carta?

Elfric não pôde pensar em nada para dizer.

Caris compreendeu que teria de falar com todos os principais mercadores da cidade; e quanto mais cedo, melhor. Ela olhou para Elfric.

– Eu gostaria que você convocasse uma reunião. – Ela pensou numa maneira mais persuasiva de fazer o pedido e acrescentou: – O bispo quer que a guilda da paróquia se reúna hoje, depois do almoço. Por favor, comunique aos membros.

– Está bem.

Todos compareceriam, pensou Caris, levados pela curiosidade.

Ela deixou Saint Peter e voltou ao priorado. Ao passar pela taverna White Horse, viu uma coisa que a fez parar. Uma garota conversava com um homem mais velho e havia algo na interação entre eles que a deixou toda arrepiada. Caris sempre sentia com a maior intensidade a vulnerabilidade das meninas... talvez porque se lembrasse de si mesma quando adolescente, talvez por causa da filha que nunca tivera. Ela recuou para um vão de porta e ficou observando.

O homem estava malvestido, exceto por um dispendioso gorro de pele. Caris não o conhecia, mas calculou que era um trabalhador e que herdara o gorro. Tantas pessoas tinham morrido que havia uma sobra de trajes de luxo. Por isso uma cena estranha como aquela se tornara bastante comum. A garota, com corpo de adolescente, devia ter em torno de 14 anos e era bastante bonita. Ela tentava

ser coquete, notou Caris com desaprovação, embora não se mostrasse muito convincente. O homem tirou algum dinheiro da bolsa e os dois pareceram negociar algo. Pouco depois, ele acariciou o seio pequeno da garota.

Caris já vira o suficiente. Avançou para os dois. O homem lançou um olhar para o hábito de freira e saiu às pressas. A garota parecia ao mesmo tempo culpada e ressentida.

– O que está fazendo, quer vender seu corpo? – indagou Caris.

– Não, madre.

– Diga a verdade! Por que deixou que ele acariciasse seu seio?

– Não sei mais o que fazer. Não tenho nada para comer e agora você o afugentou.

Ela desatou a chorar. Caris podia acreditar que a garota estava faminta, de tão magra e pálida.

– Venha comigo – disse Caris. – Eu lhe darei alguma coisa para comer. – Pegou a garota pelo braço e começou a levá-la para o priorado.

– Qual é o seu nome?

– Ismay.

– E a sua idade?

– Treze anos.

Chegando ao priorado, Caris levou Ismay para a cozinha. O almoço das freiras estava sendo preparado sob a supervisão de uma noviça chamada Oonagh. A cozinheira, Josephine, fora vitimada pela peste.

– Dê um pouco de pão com manteiga a esta criança – disse Caris a Oonagh.

Ela sentou e observou a garota comer. Era evidente que Ismay não se alimentava havia dias. Comeu quase a metade de um pão de 2 quilos antes de se saciar. Caris lhe serviu um copo de sidra.

– Por que estava passando fome?

– Toda a minha família morreu da peste.

– O que seu pai fazia?

– Era alfaiate. Sei costurar muito bem, mas ninguém está comprando roupas... as pessoas podem pegar o que quiserem nas casas dos mortos.

– Então é por isso que você tentava se prostituir.

A garota baixou os olhos.

– Sinto muito, madre prioresa. Eu estava morrendo de fome.

– Foi a primeira vez que você tentou?

Ismay balançou a cabeça e não quis olhar para Caris. Lágrimas de raiva afloraram nos olhos dela. Que tipo de homem seria capaz de ter uma união sexual com uma garota faminta de 13 anos? Que tipo de Deus levaria uma garota a tamanho desespero?

– Você gostaria de ficar aqui, com as freiras, e trabalhar na cozinha? Teria o suficiente para comer.

A garota ergueu os olhos, na maior ansiedade.

– Ah, madre, eu gostaria muito!

– Pois então pode ficar. E comece por ajudar a preparar o almoço das freiras. Oonagh, aqui tem uma nova ajudante para a cozinha.

– Obrigada, madre Caris. Preciso mesmo de toda ajuda que puder obter.

Caris deixou a cozinha e seguiu pensativa para o serviço da Sexta na catedral.

A peste não era apenas uma doença física, ela começava a compreender. Ismay escapara da doença, mas sua alma estivera em perigo.

O bispo Henri conduziu o serviço, deixando Caris livre para pensar. E decidiu que na reunião da guilda da paróquia não se limitaria a falar sobre a fuga dos monges. Era tempo de organizar a cidade para lidar com os efeitos da peste. Mas como?

Ela refletiu sobre todos os problemas durante o almoço. Por todos os tipos de razões, aquele era o momento para tomar grandes decisões. Com o bispo ali para apoiar sua autoridade, poderia impor medidas que de outra forma sofreriam grande oposição.

Aquele era também um bom momento para conseguir o que quisesse do bispo. O que era um pensamento com muitas perspectivas...

Após o almoço ela foi conversar com o bispo na casa do prior, onde ele se instalara. Henri se achava à mesa com o arquidiácono Lloyd. Haviam sido alimentados pela cozinha das freiras. Agora tomavam vinho, enquanto um servo do priorado tirava a mesa.

– Espero que tenha gostado de seu almoço, milorde bispo – disse ela, formal.

Ele pareceu um pouco menos rabugento do que o habitual:

– Estava ótimo, obrigado, madre Caris... um lúcio muito saboroso. Alguma notícia do prior fugitivo?

– Ele parece ter tomado o cuidado de não deixar qualquer pista sobre seu destino.

– O que é desapontador.

– Enquanto percorria a cidade fazendo indagações, testemunhei vários incidentes que me perturbaram: uma menina de 13 anos se prostituindo; dois cidadãos que costumam respeitar as leis brigando por causa da propriedade de um morto; um homem completamente embriagado ao meio-dia.

– São os efeitos da peste. Vêm acontecendo por toda parte.

– Creio que devemos agir para combater esses efeitos.

O bispo ergueu uma sobrancelha. Parecia que não pensara em entrar em ação.

– Como?

– O prior é o suserano de Kingsbridge. Ele é quem deve tomar a iniciativa.

– Mas o prior desapareceu.

– Como bispo, é tecnicamente nosso abade. Acho que deve ficar em Kingsbridge e assumir o comando da cidade.

Na verdade, essa era a última coisa que Caris queria. Por sorte, havia bem pouca possibilidade de o bispo concordar: ele tinha muita coisa para fazer em outros lugares. Ela apenas tentava acuá-lo no canto.

Henri hesitou. Por um instante, Caris se preocupou, achando que poderia ter feito um juízo errado e que ele poderia aceitar sua sugestão. Mas pouco depois o bispo disse:

– Isso é impossível. Todas as cidades da diocese enfrentam os mesmos problemas. A situação em Shiring é ainda pior. Tenho de tentar manter a estrutura do cristianismo por toda parte, enquanto meus padres estão morrendo. Não tenho tempo para me preocupar com bêbados e prostitutas.

– Mas alguém deve agir como prior de Kingsbridge. A cidade precisa de um líder moral.

O arquidiácono Lloyd interveio:

– Milorde bispo, há também a questão de quem vai receber as quantias devidas ao priorado, manter a catedral e outros prédios, administrar as terras e os

servos...

– Terá de fazer tudo isso, madre Caris – declarou Henri.

Ela fingiu considerar a sugestão, como se já não tivesse pensado a respeito.

– Eu poderia cuidar de todas as tarefas menos importantes... administrar o dinheiro dos monges e suas terras... mas não seria capaz de fazer a mesma coisa que o senhor, milorde bispo. Não poderia ministrar os sagrados sacramentos.

– Já conversamos sobre isso – declarou ele, impaciente. – Estou formando novos padres tão depressa quanto posso. Mas você pode fazer todo o resto.

– Quase parece que está me pedindo para agir como prior em exercício de Kingsbridge.

– É exatamente o que eu quero.

Caris teve o cuidado de não demonstrar seu júbilo. Parecia bom demais para ser verdade. Seria como o prior de Kingsbridge para todos os propósitos, exceto por aqueles pelos quais não se importava. Haveria empecilhos ocultos em que ela não pensara?

– É melhor me deixar escrever uma carta para esse efeito, caso ela precise impor sua autoridade – propôs o arquidiácono Lloyd.

– Se quer que a cidade acate seus desejos, talvez seja necessário demonstrar a todos que é sua decisão pessoal – disse Caris. – Uma reunião da guilda da paróquia está prestes a começar. Se estiver disposto, milorde bispo, eu gostaria que comparecesse e fizesse o comunicado.

– Está bem. Vamos embora.

Deixaram o palácio de Godwyn e seguiram pela rua principal até a casa da guilda. Todos os membros esperavam para saber o que acontecera com os monges. Caris começou pelo relato do que sabia. Várias pessoas haviam visto ou ouvido o êxodo no dia anterior, depois do escurecer, embora ninguém percebesse ou nem sequer desconfiasse de que todos os monges estavam partindo.

Ela pediu que todos se mantivessem alertas a informações de viajantes sobre um grupo grande de monges na estrada, levando muita bagagem.

– Mas temos de aceitar a probabilidade de que os monges não voltarão tão cedo. E, em relação a isso, milorde bispo tem um comunicado a fazer.

Ela queria que o aviso viesse direto do bispo. Henri limpou a garganta.

– Confirmei a eleição de Caris como prioresa e também a designei prior em

exercício. Peço que todos, por favor, a tratem como minha representante e suserana de vocês em todas as questões, exceto as reservadas a padres ordenados.

Caris observava os rostos. Elfric ficou furioso. Merthin sorriu, adivinhando que ela manobrara para alcançar aquela situação. Mostrou-se satisfeito, por ela e pela cidade, mas a contração pesarosa dos lábios indicava que também sabia que isso a manteria longe de seus braços. Todos os outros pareciam contentes. Eles a conheciam e confiavam nela, e Caris conquistara ainda mais lealdade ao permanecer em Kingsbridge, enquanto Godwyn fugia. Caris decidiu que devia tirar o máximo proveito da situação.

– Há três problemas que eu quero enfrentar logo no meu primeiro dia como prior em exercício – declarou. – Primeiro, a embriaguez. Hoje vi Duncan Dyer caído na rua, inconsciente, antes da hora do almoço. Creio que isso contribui para o clima de devassidão na cidade, que é a última coisa de que precisamos durante esta crise terrível.

Houve murmúrios altos de aprovação. A guilda da paróquia era dominada pelos mercadores mais velhos e mais conservadores da cidade. Se alguma vez eles bebiam pela manhã, era em casa, onde ninguém podia vê-los. Caris continuou:

– Quero providenciar um ajudante extra para John Constable e instruí-lo a prender qualquer bêbado que encontre à luz do dia. Ele poderá metê-los na cadeia até que voltem a ficar sóbrios.

Até mesmo Elfric acenou com a cabeça em concordância.

– O segundo problema é a questão das pessoas que morrem sem deixar herdeiros. Esta manhã encontrei Joseph Blacksmith e Toby Peterson brigando por causa de três galinhas que pertenciam a Jack Marrow.

Houve risos à ideia de homens adultos brigando por causa de coisas tão insignificantes. Caris já pensara numa solução para o problema.

– Em princípio, essas propriedades revertem para o senhor do solar, que, no caso dos moradores de Kingsbridge, significa o priorado. Mas não quero que os prédios do mosteiro fiquem abarrotados de roupas velhas. Em vez disso, os dois vizinhos mais próximos devem trancar a casa, para se ter a garantia de que nada será tirado; em seguida, o padre da paróquia fará um inventário dos bens e

também ouvirá as reivindicações de possíveis credores. Onde não houver padre, poderão me procurar. Depois que as dívidas forem pagas, os bens pessoais do falecido, roupas, móveis, alimentos, bebidas, serão divididos entre os vizinhos. Qualquer dinheiro será entregue à igreja da paróquia.

Houve também aprovação geral para essa proposta, a maioria das pessoas acenando com a cabeça e murmurando em concordância.

– Finalmente, encontrei uma órfã de 13 anos que tentava vender seu corpo diante da White Horse. Seu nome é Ismay e ela fez isso porque não tinha nada para comer. – Caris correu os olhos pela sala com uma expressão desafiadora. – Alguém pode me dizer como é possível que isso aconteça numa cidade cristã? Toda a família da garota morreu, mas eles não tinham amigos ou vizinhos? Quem permite que uma criança passe fome?

Edward Butcher interveio, em voz baixa:

– Ismay Taylor é uma menina malcomportada.

Caris não aceitaria qualquer desculpa.

– Ela tem 13 anos!

– Só estou querendo dizer que podem ter oferecido ajuda e ela recusou.

– Desde quando permitimos que crianças tomem decisões por si mesmas? Se uma criança é órfã, todos temos o dever de cuidar dela. O que a religião de vocês significa que não isso?

Todos pareciam envergonhados.

– No futuro, sempre que uma criança ficar órfã, quero que os dois vizinhos mais próximos a levem para mim. As que não puderem ir para a casa de uma família amiga ficarão no priorado. As meninas podem viver com as freiras e o dormitório dos monges será o lugar para os meninos. Eles terão aulas de manhã e um trabalho apropriado à tarde.

Houve aprovação geral para isso também. Elfric indagou:

– Já acabou, madre Caris?

– Acho que sim, a menos que alguém queira discutir os detalhes do que acabei de sugerir.

Ninguém disse nada. Os membros da guilda começaram a se remexer em seus assentos, como se a reunião estivesse encerrada. Mas Elfric tornou a se manifestar:

– Alguns dos homens aqui podem se lembrar que foi a mim que elegeram regedor da guilda. – Sua voz transbordava de ressentimento. Todos se remexeram ainda mais, impacientes. Ele continuou: – Temos agora o prior de Kingsbridge acusado de roubo e condenado sem julgamento.

O comentário pegou muito mal. Houve protestos de discordância. Ninguém achava que Godwyn era inocente. Mas Elfric ignorou o clima na sala:

– E sentamos aqui como escravos, deixando que uma mulher determine as leis da cidade. Pela autoridade de quem os bêbados devem ser presos? Dela. Quem será o supremo juiz das heranças aqui? Ela. Quem decidirá o que fazer com os órfãos da cidade? Será ela. O que vocês se tornaram? Não são mais homens?

– Não – disse Betty Baxter. Os homens riram.

Caris decidiu não interferir. Era desnecessário. Ela lançou um olhar para o bispo, especulando se ele falaria contra Elfric. Mas percebeu que ele se recostava, de boca fechada: era evidente que o bispo também compreendera que Elfric travava uma batalha perdida. Elfric elevou a voz:

– Digo que devemos rejeitar uma mulher como prior, mesmo que seja apenas como prior em exercício. E também devemos negar à prioresa o direito de comparecer às reuniões da guilda da paróquia e nos dar ordens!

Vários resmungaram palavras de revolta. Dois ou três se levantaram, como se estivessem prestes a sair, demonstrando repulsa. Alguém gritou:

– Já chega, Elfric!

Mas Elfric insistiu:

– E ainda por cima é uma mulher que foi julgada por bruxaria e condenada à morte!

Com isso, todos os homens se levantaram. Um deles se dirigiu para a porta e saiu.

– Volte! – berrou Elfric. – Ainda não encerrei a reunião!

Ninguém lhe prestou mais qualquer atenção.

Caris se juntou ao grupo na porta. Seguiu o bispo e o arquidiácono. Foi a última a se retirar. Virou-se na saída e olhou para Elfric. Ele permanecia sentado, sozinho, na sala.

Ela se foi.

64

Doze anos haviam se passado desde a visita de Godwyn e Philemon à célula de St.-John-in-the-Forest. Godwyn se lembrava de ter ficado impressionado com os campos bem cuidados, as sebes aparadas, as valas limpas, as macieiras em linhas retas no pomar. Era a mesma coisa agora. Obviamente, Saul Whitehead também não mudara.

Godwyn e sua caravana cruzaram um tabuleiro de campos congelados a caminho do conjunto de prédios do mosteiro. Ao se aproximarem, Godwyn constatou que havia muitas coisas diferentes. Doze anos antes, a pequena igreja de pedra, com seu claustro e o dormitório, era cercada por algumas pequenas estruturas de madeira: cozinha, estábulo, leiteria, padaria. Agora, os frágeis anexos de madeira haviam desaparecido, enquanto o complexo de construções de pedra ligadas à igreja havia crescido de maneira considerável.

– Este lugar está mais seguro do que antes – comentou Godwyn.

– Creio que é por causa do aumento dos bandos de fora da lei, formados por soldados que voltaram das guerras francesas – sugeriu Philemon.

Godwyn franziu o cenho.

– Não recordo de terem pedido minha permissão para o programa de construção.

– Porque ninguém pediu.

– Ahn...

Infelizmente, ele não podia se queixar. Alguém poderia indagar como era possível que Saul tivesse realizado aquele programa sem o conhecimento de Godwyn... a não ser que Godwyn tivesse negligenciado seu dever de supervisão. Além do mais, convinha a seus propósitos agora que o lugar pudesse ser fechado a intrusos.

A viagem de dois dias o acalmara um pouco. A morte da mãe o lançara num frenesi de medo. Tinha certeza de que morreria a cada hora que permanecia em Kingsbridge. Fora por pouco que conseguira controlar suas emoções para falar na reunião na casa do capítulo e organizar o êxodo. Apesar de sua eloquência, uns poucos monges demonstraram apreensão com a fuga. Felizmente, todos haviam feito o juramento de obediência e prevalecera o hábito de fazer o que era mandado. Mesmo assim, Godwyn só começara a se sentir seguro depois que o grupo atravessara a ponte dupla, tochas acesas, afastando-se pela noite.

Ainda estava com os nervos à flor da pele. De vez em quando remoía algum problema e decidia pedir a opinião de Petranilla, só para lembrar em seguida que nunca mais ouviria seus conselhos. Nessas ocasiões, o pânico subia como bílis por sua garganta.

Estava fugindo da peste, mas deveria ter feito isso três meses antes quando Mark Webber morrera. Seria tarde demais agora? Fez esforço para reprimir o terror. Não se sentiria seguro enquanto não estivesse totalmente isolado do mundo.

Forçou os pensamentos a voltarem ao presente. Não havia ninguém nos campos naquela época do ano, mas num pátio de terra batida, na frente do mosteiro, avistou um punhado de monges trabalhando: um ferrava um cavalo, outro consertava um arado e um pequeno grupo virava a alavanca de uma prensa de sidra.

Todos pararam o que faziam e ficaram olhando, atônitos, para a multidão de visitantes que se aproximava: vinte monges, meia dúzia de noviços, quatro carroças e dez cavalos de carga. Godwyn não deixara ninguém para trás, exceto os servos do priorado.

Um dos homens na prensa de sidra se desligou do grupo e se adiantou. Godwyn reconheceu Saul Whitehead. Haviam se encontrado nas visitas anuais de Saul a Kingsbridge, mas Godwyn notou agora, pela primeira vez, os toques de cinza nos cabelos louros quase brancos.

Vinte anos antes haviam estudado juntos em Oxford. Saul era o astro entre os discípulos, rápido para aprender e ágil nos argumentos. Também era o que tinha mais devoção religiosa entre todos. Poderia ter se tornado prior de Kingsbridge se fosse menos espiritual e pensasse em sua carreira em termos estratégicos em

vez de deixar essas questões para Deus. Por esse motivo, quando o prior Anthony morreu e a eleição foi realizada, Godwyn conseguira engambelar Saul com a maior facilidade.

Apesar disso, Saul não era um fraco. Tinha uma veia de integridade obstinada que Godwyn temia. Aceitaria agora, obediente, o plano de Godwyn ou criaria problemas? Mais uma vez, Godwyn fez esforço para reprimir o pânico e manter a calma.

Estudou com todo o cuidado o rosto de Saul. O prior de Saint John estava surpreso ao vê-lo... e visivelmente insatisfeito. Sua expressão controlada era de recepção polida, mas não havia qualquer sorriso.

Durante a campanha da eleição, Godwyn fizera todos acreditarem que ele próprio não queria o cargo, mas eliminara um a um todos os outros candidatos razoáveis, inclusive Saul. Será que Saul desconfiava de que fora enganado?

– Bom dia, padre prior – disse Saul ao chegar perto. – Esta é uma bênção inesperada.

Portanto, sua hostilidade não seria ostensiva. Não podia haver a menor dúvida de que pensaria que esse comportamento conflitava com seu voto de obediência. Godwyn ficou aliviado.

– Deus o abençoe, meu filho. Já faz muito tempo desde que visitei minhas crianças em Saint John.

Saul olhou para os monges, os cavalos, as carroças abarrotadas de suprimentos.

– Parece ser mais do que uma simples visita.

Ele não se ofereceu para ajudar Godwyn a descer do cavalo. Era como se quisesse uma explicação antes de convidá-los a entrar... o que era um absurdo: ele não tinha o direito de rejeitar seu superior. Mesmo assim, Godwyn se descobriu explicando:

– Já ouviu falar sobre a peste?

– Apenas rumores. Há poucos visitantes para nos trazer notícias.

O que era ótimo. Fora a falta de visitantes que atraíra Godwyn a Saint John.

– A doença matou centenas de pessoas em Kingsbridge. Temi que pudesse exterminar todo o priorado. Foi por isso que trouxe os monges para cá. Pode ser a única maneira de garantir nossa sobrevivência.

– É bem-vindo aqui, qualquer que seja a razão para a visita.

– Nem precisava dizer.

Godwyn ficou furioso por ter sido pressionado a oferecer uma justificativa. Saul estava pensativo.

– Não sei onde todos dormirão...

– Eu decidirei – declarou Godwyn, asseverando sua autoridade. – Pode me mostrar tudo enquanto a cozinha prepara nosso jantar.

Ele desmontou sem ajuda e entrou no mosteiro. Saul viu-se obrigado a segui-lo.

Tudo ali era limpo mas despojado, mostrando como Saul levava a sério o voto monacal de pobreza. Mas hoje Godwyn estava mais interessado em verificar como o lugar poderia ser fechado a forasteiros. Por sorte, a fé de Saul na ordem e no controle o levara a projetar prédios com poucas entradas. Havia apenas três acessos ao priorado: através da cozinha, do estábulo ou da igreja. Cada entrada tinha uma porta resistente, que podia ser trancada com barras.

O dormitório era pequeno, com espaço para abrigar apenas oito ou nove monges. Não havia quarto separado para o prior. A única maneira de acomodar mais vinte monges era deixar que dormissem na igreja.

Godwyn pensou em se apropriar do dormitório, mas não havia espaço ali para esconder os tesouros da catedral, e ele queria mantê-los perto. Por sorte, a igreja tinha uma pequena capela lateral que podia ser isolada. Godwyn decidiu que ali seria seu quarto. Os outros monges de Kingsbridge espalhariam palha sobre o chão de terra batida e tratariam de se acomodar da melhor forma possível.

A comida e o vinho foram para a cozinha e a adega, mas Philemon levou os ornamentos para a capela-quarto de Godwyn. Antes, Philemon estivera conversando com os monges de Saint John.

– Saul tem sua maneira típica de dirigir o mosteiro – informou ele. – Exige obediência rigorosa a Deus e à regra de São Bento. Mas dizem que ele não se põe num pedestal. Dorme no dormitório, come a mesma coisa que os outros. De modo geral, não reivindica privilégios. É desnecessário dizer que gostam dele por isso. Mas há um monge que é punido com frequência... o irmão Jonquil.

– Lembro-me dele.

Jonquil sempre tivera problemas quando era noviço em Kingsbridge – por atraso, desleixo, preguiça e ganância. Não tinha o menor autocontrole e provavelmente fora atraído para a vida monástica como forma de arrumar alguém que lhe exigisse o cumprimento do comedimento que era incapaz de impor a si mesmo.

– Duvido que ele vá ser de alguma utilidade para nós – disse Godwyn.

– Ele não hesitará em mudar de lado se tiver meia oportunidade – garantiu Philemon. – Mas não tem qualquer autoridade, portanto ninguém o seguirá.

– E eles não têm queixas contra Saul? Ele não dorme tarde, não se esquiva das tarefas desagradáveis nem fica com o melhor vinho?

– Aparentemente não.

– Hum...

Saul continuava tão íntegro quanto antes. Godwyn ficou desapontado, mas não muito surpreso.

Durante as vésperas, Godwyn notou como os homens de Saint John eram solenes e disciplinados. Ao longo dos anos, ele sempre mandara para Saint John os monges problemáticos: os rebeldes, os que tinham doenças mentais, os que eram propensos a questionar os ensinamentos da Igreja e se interessar por ideias heréticas. Saul nunca se queixara, nunca mandara ninguém de volta. Parecia que era capaz de transformar esses homens em monges exemplares.

Depois do serviço, Godwyn mandou a maior parte dos homens de Kingsbridge jantar no refeitório, ficando apenas com Philemon e dois monges jovens e fortes. Assim que ficaram a sós na igreja, ele disse a Philemon para ficar de guarda na porta de acesso ao claustro e depois ordenou aos jovens que deslocassem para o lado o altar de madeira todo esculpido e cavassem um buraco debaixo de sua posição normal.

Quando o buraco se tornou bastante profundo, Godwyn trouxe os ornamentos da catedral, que guardara na capela, para serem enterrados por baixo do altar. Mas, antes que o trabalho fosse concluído, Saul apareceu na porta da igreja. Godwyn ouviu Philemon dizer:

– O padre prior deseja ficar sozinho.

A voz de Saul soou em seguida:

– Então ele pode me dizer isso pessoalmente.

– O prior me pediu para dizer.

Saul elevou a voz:

– Não serei impedido de entrar em minha igreja... muito menos por você!

– Vai usar de violência contra mim, o subprior de Kingsbridge?

– Eu o jogarei na fonte se continuar a barrar minha passagem.

Godwyn interveio. Teria preferido manter Saul na ignorância, mas isso não era mais possível.

– Deixe-o entrar, Philemon.

Philemon se afastou para o lado e Saul entrou na igreja. Viu a bagagem. Sem pedir permissão, abriu um saco e espiou o que havia dentro.

– Por minha alma! – exclamou, tirando uma galheta de altar feita de ouro e prata. – O que é tudo isso?

Godwyn ficou tentado a lhe dizer para não interrogar seus superiores. Saul poderia até aceitar a repreensão: acreditava na humildade, pelo menos em princípio. Mas Godwyn não queria deixar o fermento da suspeita crescer na mente de Saul.

– Eu trouxe comigo os tesouros da catedral.

Saul fez uma careta de desagrado.

– Sei que essas coisas são consideradas apropriadas numa grande catedral, mas ficarão deslocadas numa humilde célula na floresta.

– Não terá de vê-las, pois tudo ficará escondido. Não há mal em você saber onde, embora eu pretendesse poupá-lo do fardo desse conhecimento.

Saul parecia desconfiado.

– Por que trouxe tudo?

– Para guardar em segurança.

Saul não se deixava persuadir com facilidade.

– Estou surpreso que o bispo estivesse disposto a permitir que você trouxesse tudo.

O bispo não fora consultado, é claro, mas Godwyn não disse isso.

– No momento, a situação é tão crítica em Kingsbridge que não temos certeza se os ornamentos estariam seguros até mesmo no priorado.

– Mas não estariam mais seguros do que aqui? Afinal, estamos cercados por bandidos, como sabe. Graças a Deus não os encontrou na estrada.

– Deus vela por nós.

– E pelas joias que você trouxe, eu espero.

A atitude de Saul equivalia quase a insubordinação, mas Godwyn não o censurou, temendo que uma reação exagerada sugerisse culpa. Porém observou que a humildade de Saul tinha limites. Talvez, no final das contas, Saul soubesse que fora enganado há doze anos. Então Godwyn disse:

– Por favor, peça a todos os monges para permanecerem no refeitório depois do jantar. Falarei com eles assim que terminar aqui.

Saul aceitou ser dispensado e saiu. Godwyn enterrou os ornamentos, os cartulários do priorado, as relíquias do santo e quase todo o dinheiro. Os monges taparam o buraco, calcaram a terra e puseram o altar de volta no lugar. Restava um pouco de terra solta, que eles levaram para fora e espalharam.

Depois foram para o refeitório. A pequena sala estava lotada agora, com o acréscimo dos homens de Kingsbridge. Havia um monge no pódio, lendo uma passagem do Evangelho de São Marcos, mas ele se calou quando Godwyn entrou. Godwyn gesticulou para que o leitor sentasse e tomou seu lugar.

– Este é um refúgio sagrado. Deus nos mandou essa terrível peste para nos punir por nossos pecados. Viemos para cá para expiar esses pecados bem longe da influência corruptora da cidade.

Godwyn não tencionava provocar uma discussão, mas Saul indagou:

– Que pecados em particular, padre Godwyn?

Godwyn tratou de improvisar:

– Os homens têm desafiado a autoridade da santa Igreja de Deus; as mulheres se tornaram lascivas; os monges não conseguiram se afastar por completo da sociedade feminina; as freiras estão recorrendo a heresia e bruxaria.

– E quanto tempo levará para expiar esses pecados?

– Saberemos que triunfamos quando a peste desaparecer.

Outro monge de Saint John se manifestou. Godwyn o reconheceu: Jonquil, um homem grande e sem coordenação motora, com um brilho insano no olhar.

– Como fará para expiar os seus?

Godwyn ficou surpreso ao constatar que os monges ali tinham liberdade para interrogar seus superiores.

– Com oração, meditação e jejum.

– O jejum é uma boa ideia – disse Jonquil. – Não temos muita comida de sobra.

Houve alguns risos devido ao comentário. Godwyn ficou preocupado com a possibilidade de perder o controle da audiência. Bateu no pódio para pedir silêncio.

– Doravante, qualquer pessoa do mundo exterior que vier até aqui será um perigo para nós. Quero que todas as portas permaneçam trancadas por dentro, dia e noite. Nenhum monge poderá sair sem a minha permissão pessoal, que só será concedida em emergências. Todos os visitantes serão repelidos. Vamos ficar isolados até que essa terrível peste acabe.

– Mas o que acontece se...

Godwyn não deixou Jonquil continuar:

– Não pedi comentários, irmão. – Ele correu os olhos pela sala, intimidando todos a se calarem. – Vocês são monges e têm o dever de obedecer. E, agora, vamos rezar.



A crise chegou no dia seguinte.

Godwyn sentiu que suas ordens haviam sido aceitas por Saul e os outros monges em caráter provisório. Todos haviam sido apanhados de surpresa e não foram capazes de pensar em grandes objeções naquela situação inesperada, e assim, na falta de uma razão forte para rebelião, obedeceram instintivamente a seu superior. Mas Godwyn sabia que chegaria o momento em que teriam de tomar uma decisão concreta. Só que não esperava que fosse tão cedo.

Cantavam o ofício da prima. Fazia um frio enregelante na pequena igreja. Godwyn estava com o corpo todo dolorido de uma noite desconfortável. Sentia saudade de seu palácio, com suas lareiras e camas macias. A claridade cinzenta de um amanhecer de inverno despontava nas janelas quando soaram batidas fortes à porta oeste da igreja.

Godwyn ficou tenso. Gostaria de ter mais um dia ou dois para consolidar sua posição. Sinalizou para que os monges ignorassem as batidas e continuassem com o serviço. As batidas passaram a ser acompanhadas por gritos. Saul se

levantou para ir até a porta, mas Godwyn fez sinais com as mãos para que ele sentasse. Após um momento de hesitação, Saul obedeceu. Godwyn estava determinado a fazer com que todos continuassem sentados. Se os monges nada fizessem, era provável que os intrusos fossem embora.

Mas Godwyn começou a compreender que persuadir as pessoas a não fazerem nada era extremamente difícil.

Os monges logo ficaram perturbados demais para se concentrarem no salmo. Passaram a sussurrar uns para os outros e a olhar para a porta oeste. O canto foi se tornando irregular e descoordenado, até que definhou, restando apenas a voz de Godwyn.

Ele ficou irritado. Se acompanhassem sua orientação, poderiam ignorar o distúrbio. Enfurecido pela fraqueza dos outros, Godwyn finalmente saiu de seu lugar e atravessou a curta nave até a porta, que estava trancada com uma barra.

– Quem está aí? – gritou.

– Deixem-nos entrar! – foi a resposta abafada.

– Vocês não podem entrar! – gritou Godwyn em resposta. – Vão embora!

Saul apareceu a seu lado.

– Está mandando embora pessoas que procuram a igreja? – indagou, horrorizado.

– Já disse que não haverá visitantes – declarou Godwyn. As batidas recomeçaram.

– Deixem-nos entrar!

– Quem são vocês? – gritou Saul. Houve uma pausa antes da resposta:

– Somos homens da floresta.

– Bandidos – comentou Philemon.

– Pecadores como nós e também filhos de Deus – protestou Saul.

– Não há razão para deixar que eles nos matem.

– Talvez seja melhor descobrir se eles são mesmo o que alegam.

Saul foi até a janela à direita da porta. A igreja era um prédio baixo, com o peitoril das janelas logo abaixo do nível do olho. Nenhuma tinha vidro. Eram fechadas contra o frio por telas translúcidas de linho. Saul levantou a tela e ficou na ponta dos pés para olhar.

– Por que vieram até aqui?

Godwyn ouviu a resposta:

– Um dos nossos está doente.

– Eu falarei com eles – disse Godwyn a Saul, que o fitou com irritação.

– Afaste-se da janela – acrescentou Godwyn. Relutante, Saul obedeceu. Godwyn gritou: – Não podemos deixá-los entrar! Vão embora!

A expressão de Saul era de total incredulidade.

– Vai mandar embora um homem doente? Somos monges e médicos!

– Se o homem estiver com a peste, não há nada que possamos fazer para ajudá-lo. E, se o deixarmos entrar, estaremos nos matando.

– Isso está nas mãos de Deus.

– Deus não permite que cometamos suicídio.

– Não sabe o que há de errado com o homem. Ele pode ter quebrado um braço.

Godwyn abriu a janela correspondente no lado esquerdo da porta e olhou para fora. Avistou um grupo de seis homens rudes, parados em torno de uma padiola que haviam largado no chão, diante da porta da igreja. As roupas eram caras, mas sujas, como se eles tivessem dormido com os melhores trajes dominicais. Isso era típico dos bandidos, que roubavam boas roupas dos viajantes e logo faziam com que parecessem velhas e ensebadas. Os homens estavam bem armados, alguns com espadas de boa qualidade, adagas e arcos, o que sugeria que podiam ser soldados desmobilizados.

Na padiola havia um homem, suando muito – embora fosse uma manhã gelada de janeiro – e sangrando pelo nariz. Subitamente, sem desejar, Godwyn viu em sua imaginação a cena no hospital: a mãe agonizante, o filete de sangue no lábio superior que sempre voltava, por mais que a freira o enxugasse. O pensamento de que poderia morrer daquele jeito o deixou tão transtornado que teve vontade de se jogar do telhado da catedral de Kingsbridge. Seria muito melhor morrer num breve instante de dor insuportável em vez de sofrer ao longo de três, quatro ou cinco dias de delírio enlouquecido e sede alucinante.

– Esse homem tem a peste! – Godwyn percebeu um tom de histeria na própria voz.

Um dos bandidos se adiantou.

– Conheço você. É o prior de Kingsbridge.

Godwyn fez esforço para se controlar. Olhou com medo e raiva para o homem que era obviamente o líder. Tinha porte arrogante, como um nobre; devia ter sido bonito, mas sua aparência fora desfigurada por anos de vida árdua.

– E quem é você – perguntou Godwyn –, que bate na porta de uma igreja no momento em que os monges cantam os salmos para Deus?

– Alguns me chamam de Tam Hiding.

Soaram murmúrios de espanto dos monges. Tam Hiding era uma lenda viva. O irmão Jonquil gritou:

– Eles vão matar todos nós!

Saul se virou para Jonquil.

– Fique calado. Todos nós morreremos quando Deus quiser, mas não antes.

– Está bem, padre.

Saul tornou a se voltar para a janela e disse:

– Vocês roubaram nossas galinhas no ano passado.

– Sinto muito, padre – respondeu Tam –, mas estávamos famintos.

– E agora vêm pedir minha ajuda.

– Porque sempre prega que Deus perdoa.

– Deixe que eu cuido disso – interveio Godwyn, decidido.

A luta interna de Saul era evidente em seu rosto, alternadamente envergonhado e rebelde. Mas ele acabou baixando a cabeça.

– Deus perdoa aqueles que verdadeiramente se arrependem – disse Godwyn a Tam.

– O nome desse homem é Win Forester e ele se arrepende sinceramente de todos os seus muitos pecados. Gostaria de entrar na igreja para rezar pela cura... ou, se isso não for possível, para morrer num lugar sagrado.

Um dos outros bandidos espirrou.

Saul veio de sua janela e parou encarando Godwyn, mãos nos quadris.

– Não podemos impedi-lo de entrar!

Godwyn se esforçou para manter a calma.

– Ouviu aquele espirro... não compreende o que significa? – Ele se virou para o resto dos monges, pois queria ter certeza de que ouviriam o que diria em seguida: – Todos eles estão com a peste!

Houve um murmúrio coletivo de medo. Godwyn queria mesmo assustá-los,

pois assim o apoiariam, caso Saul decidisse desafiá-lo.

– Mas devemos ajudá-los, mesmo que tenham a peste – insistiu Saul. – Nossas vidas não nos pertencem, para serem protegidas como ouro escondido debaixo da terra. Nós nos entregamos a Deus para que nos usasse como quisesse, e Ele encerrará nossas vidas quando for conveniente para seus sagrados propósitos.

– Deixar esses bandidos entrarem aqui seria suicídio. Eles matarão todos nós!

– Somos homens de Deus. Para nós, a morte é o feliz reencontro com Cristo. O que temos a temer, padre prior?

Godwyn compreendeu que parecia assustado, enquanto Saul falava de maneira racional. Então se forçou a parecer calmo e filosófico:

– É um pecado procurar a própria morte.

– Mas, se a morte vem ao nosso encontro no curso de nosso sagrado dever, nós a aceitamos com alegria.

Godwyn compreendeu que poderia debater o dia inteiro com Saul sem chegar a qualquer lugar. Não era a maneira de impor sua autoridade. Ele fechou a janela.

– Feche a sua janela, irmão Saul, e venha até aqui.

Após um momento de hesitação, Saul obedeceu. Godwyn perguntou:

– Quais são os seus três votos, irmão?

Houve uma pausa. Saul sabia o que estava acontecendo. Godwyn se recusava a tratá-lo como um igual. A princípio, Saul deu a impressão de que poderia se recusar a responder, mas seu treinamento prevaleceu.

– Pobreza, castidade, obediência.

– E a quem deve obedecer?

– A Deus, à regra de São Bento e a meu prior.

– E seu prior se encontra agora na sua frente. Você me reconhece?

– Reconheço.

– Pode dizer “Reconheço, padre prior”.

– Reconheço, padre prior.

– Agora, direi o que deve fazer e você obedecerá.

Godwyn olhou ao redor.

– Todos vocês, voltem a seus lugares.

Houve um momento de silêncio e imobilidade. Ninguém se mexia, ninguém falava. Podiam seguir para qualquer lado, refletiu Godwyn: obediência ou motim, ordem ou anarquia, vitória ou derrota. Ele prendeu a respiração.

Por fim, Saul se mexeu. Baixou a cabeça e se virou. Percorreu a curta nave e retomou sua posição, de frente para o altar.

Todos os outros fizeram o mesmo.

Soaram mais alguns gritos lá fora, mas pareciam gritos de pessoas se afastando. Talvez os bandidos tivessem compreendido que não poderiam obrigar um médico a tratar de seu companheiro doente.

Godwyn também retornou ao altar e se voltou para os monges.

– Vamos terminar o salmo interrompido – disse, recomeçando a cantar.

Glória ao Pai
E ao Filho
E ao Espírito Santo.

O canto ainda era irregular. Os monges estavam excitados demais para adotarem a atitude apropriada. Mesmo assim, haviam retornado a seus lugares e seguiam a rotina. Godwyn prevalecera.

Como foi no princípio,
É agora
E sempre será
Um mundo sem fim.
Amém.

– Amém – repetiu Godwyn.

Um dos monges espirrou.

65

Pouco depois da fuga de Godwyn, Elfric morreu da peste.

Caris lamentou por Alice, sua viúva, mas, afora isso, mal podia deixar de se regozijar. Elfric oprimira os fracos e bajulara os fortes, e as mentiras que dissera em seu julgamento quase a haviam levado à forca. O mundo era um lugar melhor sem ele. Até mesmo seu negócio de construção seria mais bem dirigido pelo genro, Harold Mason.

A guilda da paróquia elegeu Merthin regedor no lugar de Elfric. E Merthin comentou que era como assumir o comando de um navio afundando.

À medida que as mortes continuavam, as pessoas enterrando seus parentes, vizinhos, amigos, clientes e empregados, o constante horror começou a brutalizar muitas pessoas, até que nenhuma violência ou crueldade parecia chocante. Pessoas que pensavam estar prestes a morrer perdiam todo e qualquer comedimento e passavam a seguir seus impulsos, sem se preocupar com as consequências.

Juntos, Merthin e Caris se empenhavam em preservar alguma coisa parecida com a vida normal em Kingsbridge. O orfanato foi a parte mais bem-sucedida do programa de Caris. As crianças sentiam-se gratas pela segurança do convento depois da provação de perderem os pais para a peste. Cuidar delas e ensinar a ler e a cantar os hinos despertaram os instintos maternais há muito reprimidos de algumas freiras. Havia comida de sobra, com menos pessoas disputando as reservas para o inverno. E o priorado de Kingsbridge foi povoado pelos sons das crianças.

Na cidade, as coisas eram mais difíceis. Persistiam as disputas violentas pelos bens dos mortos. As pessoas simplesmente entravam nas casas vazias e pegavam o que queriam. Crianças que herdavam dinheiro ou depósitos

abarrotados com tecidos ou trigo eram às vezes adotadas por vizinhos inescrupulosos, impelidos pela ganância de se apoderarem dos legados. A perspectiva de obter alguma coisa por nada trazia à tona o pior das pessoas, pensava Caris, desesperada.

Caris e Merthin tiveram apenas um êxito parcial na luta contra o declínio do comportamento público. Caris ficou desapontada com os resultados da ação repressiva de John Constable contra a embriaguez. Havia muitos viúvos e viúvas recentes ansiosos por encontrar novos parceiros, por isso não era incomum ver pessoas de meia-idade absorvidas em abraços ou carícias, nas tavernas ou num vão de porta. Caris não tinha grandes objeções a esse tipo de coisa por si mesma, mas descobriu que a embriaguez e a licenciosidade pública levavam a brigas com frequência. Só que Merthin e a guilda da paróquia não conseguiam conter esse comportamento.

E, no momento em que os habitantes da cidade precisavam fortalecer sua determinação, a fuga dos monges causara o efeito oposto. Desmoralizara todo mundo. Os representantes de Deus haviam partido; o Todo-Poderoso abandonara a cidade. Alguns diziam que as relíquias do santo sempre haviam trazido sorte e, agora que os ossos não se encontravam mais ali, ela acabara. A falta de crucifixos e castiçais preciosos nos serviços dominicais era um lembrete de que os monges haviam considerado que Kingsbridge estava condenada. Então por que não se embriagar e fornicar na rua?

De uma população aproximada de 7 mil pessoas, Kingsbridge perdera pelo menos mil até meados de janeiro. Outras cidades sofriam a mesma coisa. Apesar das máscaras propostas por Caris, o número de mortes era mais alto entre as freiras, sem dúvida porque elas mantinham contato constante com as vítimas da peste. Havia antes 35 freiras, que agora estavam reduzidas a vinte. Mas ouviam falar de lugares em que quase todos os monges e freiras haviam morrido, deixando uns poucos ou apenas uma pessoa para continuar o trabalho; por isso elas se consideravam afortunadas. Caris decidiu abreviar o noviciado e intensificar o treinamento, para contar com mais ajuda no hospital.

Merthin contratara o atendente da Holly Bush e lhe entregara o comando da Bell. E também uma jovem de boa índole, de 17 anos, Martina, para cuidar de Lolla.

Até que a peste pareceu definhar. Depois de enterrar cem pessoas numa semana, na altura do Natal, Caris viu o número cair para cinquenta em janeiro e depois vinte em fevereiro. E se permitiu acalentar a esperança de que o pesadelo se aproximava do fim.

Uma das pessoas desafortunadas que caíram doentes durante esse período foi um homem de cabelos escuros, na casa dos 30 anos, que outrora devia ter sido bonito. Era um visitante de Kingsbridge.

– Pensei ontem que tinha um resfriado – disse ele ao passar pela porta. – Mas agora o nariz começou a sangrar e não para mais.

Ele segurava um pano ensanguentado contra as narinas.

– Arrumarei um lugar para você deitar – disse Caris através da máscara de linho.

– É a peste, não é? – Caris ficou surpresa ao ouvir a resignação calma em sua voz em vez do pânico habitual, enquanto ele acrescentava: – Pode fazer algo para me curar?

– Podemos deixá-lo confortável e rezar por você.

– Isso não vai adiantar. Mesmo que não acredite, posso garantir.

Ela ficou chocada com a facilidade com que ele desvendava seu coração.

– Não sabe o que está dizendo – protestou ela, sem muita disposição. – Sou uma freira. Devo acreditar.

– Pode me dizer a verdade. Em quanto tempo morrerei?

Caris o encarou. O homem sorria, um sorriso encantador, que ela imaginou que já devia ter derretido muitos corações femininos.

– Por que não está com medo? – perguntou ela. – Todo mundo fica apavorado.

– Não acredito no que me dizem os padres. – Ele sorriu, astuto. – E desconfio que você também não acredita.

Caris não tinha a menor intenção de entrar nesse tipo de discussão com um estranho, por mais encantador que ele fosse.

– Quase todo mundo que pega a peste morre no prazo de três a cinco dias – disse ela bruscamente. – Umas poucas pessoas sobrevivem, ninguém sabe por quê.

Ele aceitou sem revolta.

– Como eu pensei.

– Pode deitar aqui.

O homem ofereceu de novo seu sorriso de menino levado.

– Deitar-me vai adiantar alguma coisa?

– Se não deitar logo, acabará caindo.

– Está bem.

Ele se deitou no colchão de palha indicado. Caris lhe deu um cobertor.

– Qual é o seu nome?

– Tam.

Ela estudou o rosto. Apesar do charme, podia sentir uma veia de crueldade. Era um homem que podia seduzir as mulheres, pensou Caris, mas também era capaz de estuprá-las se não conseguisse nada com a conversa. A pele era curtida pela vida ao ar livre e tinha o nariz vermelho de um beberrão. As roupas eram caras, mas sujas.

– Sei quem você é – disse ela. – Não tem medo de ser punido por seus pecados?

– Se eu acreditasse nisso, não os teria cometido. E você... tem medo de arder no inferno?

Era uma questão de que ela normalmente se esquivava, mas sentiu que aquele bandido agonizante merecia uma resposta sincera.

– Acredito que tudo aquilo que eu faço se torna parte de mim. Quando sou corajosa e forte, cuido das crianças, dos doentes e pobres e me torno uma pessoa melhor. E quando sou cruel, covarde, digo mentiras ou me embriago, viro uma pessoa menos digna e não posso me respeitar. É essa a retribuição divina em que acredito.

Tam a fitou com uma expressão pensativa.

– Eu gostaria de tê-la conhecido há vinte anos.

Ela soltou um grunhido depreciativo.

– Eu teria 12 anos.

O homem ergueu uma sobrancelha, sugestivo.

Já era demais, decidiu Caris. Ele começava a flertar e ela começava a gostar. Virou-se.

– É uma mulher corajosa para fazer esse trabalho. Provavelmente vai matá-

la.

– Sei disso. – Caris se voltou para fitá-lo de novo. – Mas esse é o meu destino. Não posso fugir das pessoas que precisam de mim.

– Seu prior não parece pensar assim.

– Ele desapareceu.

– As pessoas não podem desaparecer.

– O que estou querendo dizer é que ninguém sabe para onde foram o prior Godwyn e os monges.

– Eu sei.



O tempo ao final de fevereiro era ensolarado e ameno. Caris deixou Kingsbridge num pônei alazão, a caminho de St.-John-in-the-Forest. Merthin a acompanhava, montando um cavalo preto. Em circunstâncias normais, as pessoas estranhariam o fato de uma freira partir em viagem em companhia apenas de um homem. Mas aqueles eram tempos estranhos.

O perigo dos bandidos quase havia cessado. Muitos tinham morrido da peste, informara Tam Hiding antes de falecer. Além disso, a súbita queda na população proporcionara um excesso de alimentos, vinho e roupas... todas as coisas que os bandidos costumavam roubar. Os malfeitores que haviam sobrevivido à peste podiam entrar em cidades fantasmas e aldeias abandonadas para pegar qualquer coisa que quisessem.

Caris a princípio ficara frustrada ao saber que Godwyn não se afastara de Kingsbridge por uma distância maior que dois dias de viagem. Ela o imaginara num lugar tão distante que nunca mais voltaria. Mas também ficara contente pela oportunidade de recuperar o dinheiro e os objetos valiosos do priorado, em particular os cartulários do convento, vitais sempre que havia uma disputa sobre propriedade ou direitos.

Quando e se fosse capaz de confrontar Godwyn, exigiria a devolução do patrimônio do priorado, em nome do bispo. Tinha uma carta de Henri para apoiá-la. Se ainda assim Godwyn recusasse, isso provaria acima e além de qualquer dúvida que ele estava roubando, em vez de guardar tudo aquilo em

lugar seguro. O bispo poderia então iniciar uma ação judicial para recuperar tudo ou simplesmente seguir para Saint John com uma força de homens de armas.

Embora desapontada porque Godwyn ainda não saíra para sempre de sua vida, Caris apreciava a perspectiva de confrontá-lo com sua covardia e desonestidade.

Ao deixar a cidade, ela recordou que sua última longa viagem fora para a França, com Mair – uma aventura de verdade, em todos os sentidos. Sentia-se desconsolada ao pensar em Mair. Entre todas as pessoas que haviam morrido da peste, era de Mair que ela sentia mais saudade: o rosto lindo, o coração gentil, seu amor.

Mas era uma alegria ter Merthin só para ela durante dois dias inteiros. Seguindo pela estrada através da floresta, lado a lado em seus cavalos, conversavam sobre qualquer coisa que aflorava a suas mentes, como acontecia no tempo em que eram adolescentes.

Merthin, como sempre, continuava a ter muitas ideias brilhantes. Apesar da peste, vinha construindo lojas e tavernas na ilha dos Leprosos. Contou que planejava demolir a taverna que herdara de Bessie Bell e reconstruí-la duas vezes maior.

Caris achava que ele e Bessie haviam sido amantes. Por que outro motivo ela teria lhe deixado sua propriedade? Mas Caris sabia que era a única culpada por isso. Era a única mulher que Merthin realmente queria, com Bessie em segundo lugar. As duas sabiam disso. Mesmo assim, Caris sentia ciúme e raiva quando pensava em Merthin na cama com aquela taverneira roliça.

Pararam ao meio-dia e descansaram à beira de um córrego. Comeram pão, queijo e maçãs, os alimentos que todos os viajantes levavam, exceto os mais ricos. Deram alguns cereais aos cavalos: pastar não era suficiente para uma montaria que tinha de transportar um homem ou uma mulher o dia inteiro. Depois de comerem, deitaram-se ao sol por alguns minutos. Mas o terreno estava muito frio e úmido para o sono e eles logo se levantaram e seguiram viagem.

Retomaram num instante a intimidade afetuosa da juventude. Merthin sempre fora capaz de fazê-la rir, e ela bem que precisava se animar, com pessoas morrendo todos os dias no hospital. Logo ela esqueceu a raiva por causa de Bessie.

Aquele caminho era percorrido pelos monges de Kingsbridge há centenas de anos. Passaram a noite no ponto intermediário do percurso, a taverna Red Cow, na pequena cidade de Lordsborough. Jantaram rosbife, acompanhado de uma cerveja forte.

A essa altura, Caris já ansiava por ele. Os últimos dez anos pareciam ter desaparecido da memória e tinha vontade de abraçá-lo e fazer amor, como acontecia no passado. Mas isso não aconteceria. A Red Cow tinha dois quartos, um para os homens, outro para as mulheres... e sem dúvida era por isso que os monges sempre a escolhiam para passar a noite. Caris e Merthin se separaram no patamar. Caris ficou acordada, escutando os roncos da esposa de um cavaleiro e a respiração chiada de uma vendedora de condimentos, acariciando-se e desejando que a mão entre suas coxas fosse a de Merthin.

Acordou cansada e desanimada. Comeu automaticamente o mingau que era servido pela manhã. Mas Merthin se mostrava tão feliz por sua companhia que ela logo se reanimou. Ao partirem de Lordsborough estavam outra vez conversando e rindo, tão alegres quanto no dia anterior.

A viagem no segundo foi através de uma floresta densa. Não encontraram outros viajantes durante toda a manhã. A conversa foi se tornando mais pessoal. Caris soube mais sobre a vida que ele levara em Florença, como conhecera Silvia, o tipo de pessoa que ela era. Caris queria perguntar: Como era fazer amor com ela? Era diferente de mim? De que maneira? Mas se conteve, sentindo que essas perguntas violariam a privacidade de Silvia, embora ela já tivesse morrido. Mas podia adivinhar muita coisa pelo tom de voz de Merthin. Ele fora feliz na cama com Silvia, dava para perceber, mesmo que o relacionamento não tivesse a intensidade de sua ligação com Caris.

As horas a cavalo a que não estava acostumada a deixavam dolorida, por isso ela ficou aliviada quando desmontou do pônei ao pararem para almoçar. Depois de comerem, sentaram no chão, encostados no tronco largo de uma árvore, para descansar e deixar a comida assentar antes do recomeço da viagem.

Caris pensou em Godwyn e no que encontraria em St.-John-in-the-Forest, e compreendeu subitamente que ela e Merthin estavam prestes a fazer amor. Não podia explicar como sabia – nem sequer se tocavam –, mas não tinha a menor dúvida. Virou-se para fitá-lo e percebeu que ele também sentia a mesma coisa.

Merthin sorriu, triste, e em seus olhos ela viu dez anos de esperanças, pesares, angústias e lágrimas.

Merthin pegou a mão de Caris e beijou a palma, depois levou aos lábios a parte interna e macia do pulso, fechando os olhos.

– Posso sentir sua pulsação – disse ele suavemente.

– Não dá para descobrir muita coisa através da pulsação – balbuciou Caris. – Terá de fazer um exame mais meticuloso.

Ele a beijou na testa, nas pálpebras, no nariz.

– Espero que não se sinta constrangida por eu ver seu corpo nu.

– Não fique zangado... mas não vou tirar as roupas com esse frio.

Os dois riram.

– Talvez queira fazer a gentileza de levantar a saia para que eu possa continuar o exame.

Caris estendeu as mãos e pegou a bainha do hábito. Usava meias que subiam até os joelhos. Levantou o hábito devagar, deixando à mostra os tornozelos, os joelhos, a pele branca das coxas. Sentia-se alegre, mas no fundo de sua mente especulava se ele perceberia as mudanças que haviam ocorrido em seu corpo nos últimos dez anos. Estava mais magra, mas sua bunda se expandira. A pele se tornara um pouco menos lisa e flexível. Os seios já não eram mais tão firmes e empinados. O que Merthin pensaria? Ela reprimiu a preocupação e se absorveu no jogo.

– Isto é suficiente para os propósitos médicos?

– Ainda não.

– Mas não estou usando roupas de baixo... tais luxos são considerados impróprios para freiras.

– Nós, médicos, somos obrigados a ser meticulosos, não importa quantas coisas desagradáveis possamos encontrar.

– Ah, que pena! – Ela sorriu. – Nesse caso...

Sem desviar os olhos do rosto de Merthin, ela levantou o hábito até a cintura. Ele contemplou seu corpo com a respiração pesada, ela pôde perceber.

– Ora, ora... é um caso muito grave. Na verdade... – Ele ergueu os olhos para fitá-la, engoliu em seco e disse: – Não posso mais brincar.

Caris o cingiu com os braços e puxou seu corpo, apertando com toda a força,

como se ele a estivesse salvando de um afogamento.

– Faça amor comigo, Merthin... agora... depressa...



O priorado de St.-John-in-the-Forest parecia tranquilo à luz da tarde... um sinal seguro de que havia alguma coisa errada, pensou Caris. A pequena célula era tradicionalmente autossuficiente em alimentos, cercada por campos úmidos da chuva, precisando ser arados e rastelados. Mas não havia ninguém trabalhando ali.

Ao chegarem mais perto, viram que o pequeno cemitério ao lado da igreja tinha uma fileira de sepulturas recentes.

– Parece que a peste já chegou bem longe – comentou Merthin.

Caris assentiu com a cabeça.

– Portanto, o covarde plano de fuga de Godwyn fracassou – disse ela, não podendo conter um frêmito de satisfação pela vingança.

– E me pergunto se ele próprio se tornou vítima – disse Merthin.

Caris se descobriu a torcer para que isso tivesse acontecido, mas ficou envergonhada demais para admitir.

Ela e Merthin contornaram a cavalo o mosteiro silencioso até o que era obviamente o pátio do estábulo. A porta estava aberta. Os cavalos haviam sido soltos e pastavam numa campina próxima, em torno de um pequeno lago. Mas ninguém apareceu para ajudar os visitantes a desencilharem os cavalos.

Passaram pelas baias vazias, em meio a um estranho silêncio. Caris especulou se todos os monges teriam morrido. Encontraram uma cozinha, que Caris achou que não estava tão limpa quanto deveria. O forno da padaria permanecia frio. Seus passos ecoaram pelas arcadas cinzentas e frias do claustro. Ao se aproximarem da entrada da igreja, depararam com irmão Thomas.

– Vocês nos encontraram! – exclamou ele. – Graças a Deus!

Caris o abraçou. Sabia que os corpos das mulheres não representavam uma tentação para Thomas.

– Fico contente que ainda esteja vivo.

– Caí doente, mas me recuperei.

– Não são muitos os que sobrevivem.

– Sei disso.

– Conte-nos o que aconteceu.

– Godwyn e Philemon planejaram tudo muito bem. Não houve qualquer aviso prévio. Godwyn falou no capítulo e relatou a história de Abraão e Isaque para demonstrar que Deus às vezes nos pede para fazer coisas que parecem erradas. E depois nos disse que partiríamos naquela noite. A maioria dos monges ficou contente por escapar da peste e os que tinham dúvidas foram exortados a se lembrarem de seus votos de obediência.

Caris meneou a cabeça.

– Posso imaginar. Não é difícil obedecer a ordens que parecem nos beneficiar.

– Não me orgulho do que fiz.

Caris tocou no coto do braço esquerdo dele.

– Não foi minha intenção censurá-lo, Thomas.

– Seja como for, estou surpreso porque ninguém revelou o destino – disse Merthin.

– Porque Godwyn não nos disse para onde íamos. A maioria não sabia mesmo depois que chegamos... tivemos de perguntar aos monges locais que lugar era este.

– Mas mesmo assim a peste os alcançou.

– Viram o cemitério? Todos os monges de Saint John estão ali, com exceção do prior Saul, que foi enterrado na igreja. Quase todos os homens de Kingsbridge também morreram. Uns poucos fugiram depois que a doença irrompeu aqui. Só Deus sabe o que aconteceu com eles.

Caris recordou que Thomas sempre fora muito ligado a um monge em particular, um homem de natureza meiga alguns anos mais jovem. Hesitante, ela perguntou:

– E o irmão Matthias?

– Também morreu – falou Thomas em tom brusco. As lágrimas afloraram a seus olhos e ele virou o rosto, constrangido. Caris pôs a mão em seu ombro.

– Sinto muito.

– Muitas pessoas sofreram perdas.

Caris decidiu que seria mais gentil não continuar a falar de Matthias.

– O que aconteceu com Godwyn e Philemon?

– Philemon fugiu. Godwyn está vivo e bem, não pegou a doença.

– Tenho uma mensagem do bispo para Godwyn.

– Posso imaginar.

– É melhor me levar até ele.

– Godwyn está na igreja. Instalou uma cama numa capela lateral. Ficou convencido de que foi por isso que não caiu doente. Venham comigo.

Atravessaram o claustro e entraram na pequena igreja. Cheirava mais como um dormitório. O quadro na parede leste, mostrando o Dia do Juízo Final, parecia sombriamente apropriado agora. Havia colchões de palha e cobertores na nave, como se uma multidão dormisse ali. Mas a única pessoa presente era Godwyn. Estava deitado de barriga para baixo no chão de terra, diante do altar, os braços estendidos para os lados. Por um momento, Caris pensou que ele havia morrido, mas depois compreendeu que era apenas uma posição de extrema penitência.

– Tem visitantes, padre prior – anunciou Thomas.

Godwyn permaneceu na mesma posição. Caris teria presumido que aquilo não passava de exibição, mas alguma coisa em sua imobilidade a levou a pensar que ele procurava sinceramente pelo perdão.

Depois, Godwyn se levantou devagar e se virou. Estava pálido e magro, parecia abatido e ansioso.

– Você...

– Foi descoberto, Godwyn.

Caris não tinha a menor intenção de chamá-lo de padre. Era um homem desonesto e ela o desmascarara. E por isso sentia uma profunda satisfação.

– Suponho que Tam Hiding me denunciou – disse Godwyn.

Ele continua tão perceptivo quanto antes, pensou Caris.

– Você tentou escapar da justiça, mas fracassou.

– Nada tenho a temer da justiça – declarou ele em tom de desafio. – Vim para cá na esperança de salvar as vidas de meus monges. Meu erro foi partir tarde demais.

– Um homem inocente não foge às escondidas na calada da noite.

– Tinha de manter meu destino em segredo. Frustraria meu propósito se permitisse que alguém nos seguisse até aqui.

– Não precisava roubar os ornamentos da catedral.

– Não roubei. Eu os trouxe para que ficassem guardados em segurança aqui. Vou devolvê-los ao lugar a que pertencem assim que for seguro.

– Então por que não avisou a ninguém que ia levá-los?

– Mas avisei. Escrevi para o bispo Henri. Ele não recebeu minha carta?

Caris começou a experimentar um crescente senso de desânimo. Godwyn não podia escapar impune, não é?

– Claro que não. Nenhuma carta foi recebida e não creio que tenha sido enviada.

– Talvez o mensageiro tenha morrido da peste antes de entregá-la.

– E qual era o nome desse mensageiro desaparecido?

– Eu nunca soube. Foi Philemon quem o contratou.

– E Philemon não está mais aqui, muito conveniente – comentou Caris, sarcástica. – Bom, pode dizer o que quiser, mas o bispo Henri o acusa de roubar o tesouro. Mandou-me até aqui para exigir sua devolução. Tenho uma carta ordenando que me entregue tudo imediatamente.

– Isto não será necessário. Eu mesmo levarei tudo para o bispo.

– Não é isso que seu bispo ordena que faça.

– Serei o juiz do que é melhor.

– Sua recusa é prova do roubo.

– Tenho certeza de que posso persuadir o bispo Henri a ver as coisas de maneira diferente.

O problema, pensou Caris, desesperada, era que Godwyn podia muito bem fazer isso. Conseguia ser bastante plausível, e Henri, como a maioria dos bispos, preferia em geral evitar uma confrontação, sempre que possível. Caris tinha a sensação de que o troféu da vitória escapulia de seus dedos.

Godwyn sentiu que invertera a posição contra ela e se permitiu um pequeno sorriso de satisfação. Isso a enfureceu, mas não tinha mais o que dizer. Tudo o que podia fazer agora era voltar e relatar ao bispo o que acontecera.

Ela mal podia acreditar. Godwyn voltaria mesmo a Kingsbridge para retomar seu posto de prior? Como poderia manter a cabeça erguida na catedral de

Kingsbridge? Depois de todos os danos que causara ao priorado, à cidade e à Igreja? Mesmo que o bispo o aceitasse, os habitantes da cidade se revoltariam, não é mesmo? A perspectiva era horrível, mas coisas mais estranhas já haviam acontecido. Onde estava a justiça?

Ela o encarou. A expressão de triunfo de Godwyn, pensou, devia encontrar uma equivalência em sua expressão de derrota.

E foi nesse instante que ela percebeu uma coisa que outra vez inverteu a situação.

No lábio superior de Godwyn, logo abaixo da narina esquerda, havia um filete de sangue.



Na manhã seguinte, Godwyn não saiu da cama.

Caris pôs a máscara de linho e foi cuidar dele. Lavou seu rosto com água de rosas e deu vinho diluído sempre que ele pedia para beber. E, depois que o tocava, sempre lavava as mãos com vinagre.

Além de Godwyn e Thomas, só restavam dois monges, ambos noviços de Kingsbridge. Também estavam morrendo da peste; por isso ela os trouxe do dormitório para a igreja e cuidou deles também. Circulava pela nave mal iluminada como uma sombra, enquanto ia de um homem agonizante para outro.

Perguntou a Godwyn onde estavam os tesouros da catedral, mas ele se recusou a responder. Merthin e Thomas revistaram o priorado. Procuraram debaixo do altar em primeiro lugar. Alguma coisa fora enterrada ali há pouco tempo, como se podia perceber pelo fato de a terra não estar compacta. Mas, quando abriram um buraco – Thomas cavava surpreendentemente bem com uma só mão –, nada encontraram. Qualquer coisa que tivesse sido enterrada ali já havia sido removida.

Verificaram em todos os cômodos do mosteiro deserto, até mesmo no forno frio da padaria e nos tanques secos da cervejaria, mas não acharam as joias, relíquias e cartulários.

Depois da primeira noite, Thomas se retirou discretamente do dormitório – sem que lhe fosse pedido –, deixando Merthin e Caris a dormirem sozinhos ali.

Não fez qualquer comentário, não cutucou Merthin sugestivamente nem sequer deu uma piscadela. Agradecidos por sua discreta conivência, eles se aconchegaram sob uma pilha de cobertores e fizeram amor. Depois, Caris permaneceu acordada. Uma coruja vivia em algum lugar do telhado e ela ouviu seus pios noturnos; de vez em quando, ouvia também os gritos de um animal pequeno apanhado por suas garras. Caris especulou se ficaria grávida. Não queria renunciar à sua vocação... mas também não podia resistir à tentação de se deitar nos braços de Merthin. Por isso, apenas se recusou a pensar no futuro.

No terceiro dia, enquanto Caris, Merthin e Thomas almoçavam no refeitório, Thomas sugeriu:

– Quando Godwyn pedir para beber, recuse qualquer coisa até que ele conte onde escondeu o tesouro.

Caris pensou a respeito. Nada mais justo. Mas também seria o equivalente a uma tortura.

– Não posso fazer isso. Sei que ele merece, mas mesmo assim não posso fazer. Se um homem doente pede para beber, tenho de dar. Isso é mais importante do que todos os ornamentos cobertos de pedras preciosas da cristandade.

– Você não lhe deve compaixão... ele nunca demonstrou nenhuma por você.

– Transformei a igreja num hospital, mas não deixarei que se torne uma câmara de torturas.

Thomas deu a impressão de que poderia continuar a argumentar, mas Merthin o dissuadiu com um aceno de cabeça.

– Pense um pouco, Thomas – disse ele. – Quando viu as coisas pela última vez?

– Na noite em que chegamos. Estavam em bolsas de couro e caixas, em dois cavalos. O tesouro foi descarregado ao mesmo tempo que as outras coisas e acho que foi levado para a igreja.

– O que aconteceu depois?

– Nunca mais tornei a ver nada. Mas depois das vésperas, quando todos fomos jantar, notei que Godwyn e Philemon ficaram na igreja com dois outros monges, Juley e John.

– Pelos meus cálculos, Juley e John eram jovens e fortes – sugeriu Caris.

– Isso mesmo.

– Portanto, essa deve ter sido a ocasião em que enterraram o tesouro por baixo do altar. Mas quando eles tornaram a abrir o buraco?

– Tinha de ser quando não havia ninguém na igreja, e só podiam ter essa certeza na hora das refeições.

– Eles se ausentaram de outras refeições?

– De várias, provavelmente. Godwyn e Philemon sempre agiam como se as regras não se aplicassem a eles. As ausências em refeições e missas eram tão frequentes que não posso me lembrar de casos específicos.

– Lembra se Juley e John também se ausentaram em outra ocasião? – indagou Caris. – Godwyn e Philemon poderiam precisar de ajuda outra vez.

– Não necessariamente – disse Merthin. – É muito mais fácil reescavar um terreno que já foi afofado. Godwyn tem 43 anos, e Philemon, apenas 34. Poderiam ter feito tudo sem ajuda se quisessem.

Naquela noite, Godwyn começou a delirar. Algumas vezes citava a Bíblia, às vezes fazia uma pregação ou apresentava desculpas. Caris ficou atenta, à espera de pistas.

– A Grande Babilônia caiu e todas as nações beberam da ira de sua fornicação; e do trono saíram fogo e trovoadas; e todos os mercadores do mundo haverão de chorar. Arrependam-se, todos vocês, arrependam-se todos os que cometeram fornicação com a mãe das rameiras! Tudo será feito para um propósito superior, tudo será feito pela glória de Deus, porque o fim justifica os meios. Dê-me alguma coisa para beber, pelo amor de Deus.

O tom apocalíptico do delírio era provavelmente sugerido pelo quadro na parede, com sua descrição vigorosa das torturas no inferno. Caris levou um copo à sua boca.

– Onde estão os ornamentos da catedral, Godwyn?

– Vi sete castiçais de ouro, todos cobertos com pérolas e pedras preciosas, envoltos pelo melhor linho, púrpura e escarlate, numa arca feita de cedro, sândalo e prata. Vi uma mulher montada numa besta escarlate, com sete cabeças e dez chifres, com todos os nomes de blasfêmia.

A nave ressoava com o som de sua voz. Os dois noviços morreram no dia seguinte. Naquela tarde, Thomas e Merthin os enterraram no cemitério ao norte

do priorado. Era um dia frio e úmido, mas os dois ficaram suados do esforço de escavar. Thomas celebrou os serviços fúnebres. Caris se postou ao lado de Merthin. Quando todo o resto desmoronava, os rituais ajudavam a manter um arremedo de normalidade. As sepulturas de todos os outros monges se espalhavam ao redor, exceto as de Godwyn e Saul. O corpo de Saul fora enterrado no pequeno coro da igreja, uma honra reservada apenas aos priores mais respeitados.

Depois, Caris voltou à igreja e ficou olhando para a sepultura de Saul no coro. Aquela parte da igreja estava coberta por lajes de pedra. Era evidente que as lajes haviam sido removidas para que a sepultura pudesse ser escavada. Ao ser posta de volta, junto com as outras pedras, uma delas fora polida e recebera uma inscrição.

Era difícil se concentrar com Godwyn delirando no canto com bestas de sete cabeças. Merthin notou a expressão pensativa e acompanhou seu olhar. Adivinhou no mesmo instante o que ela pensava e disse, horrorizado:

– Não é possível que Godwyn tenha escondido o tesouro no caixão de Saul Whitehead, não é?

– É difícil imaginar monges profanando uma sepultura. Por outro lado, os ornamentos não teriam de deixar a igreja.

– Saul morreu uma semana antes da chegada de vocês – informou Thomas. – Philemon desapareceu dois dias depois.

– Portanto, Philemon pode ter ajudado Godwyn a escavar a sepultura.

– É possível.

Os três trocaram olhares, tentando ignorar os murmúrios alucinados de Godwyn.

– Só há uma maneira de descobrir – declarou Merthin.

Merthin e Thomas pegaram suas pás de madeira. Levantaram a laje memorial e as outras pedras ao redor. Começaram a cavar.

Thomas desenvolvera uma técnica para usar uma só mão. Empurrava a pá na terra com o braço bom, inclinava-a, depois descia a mão pelo cabo até quase a base e levantava. O braço direito se tornara bastante musculoso em decorrência desse tipo de adaptação.

Mesmo assim, levou bastante tempo. Muitas sepulturas eram rasas hoje em

dia, mas para o prior Saul haviam cavado sete palmos completos. A noite caía lá fora e Caris acendeu velas. Os demônios no quadro da parede pareciam se movimentar à luz das chamas oscilantes. Tanto Thomas quanto Merthin estavam dentro do buraco, com apenas as cabeças acima do chão da igreja.

– Espere – disse Merthin. – Tem alguma coisa aqui.

Caris viu um material branco enlameado que parecia com o linho oleado às vezes usado em mortalhas.

– Vocês encontraram o corpo – disse.

– Mas onde está o caixão? – indagou Thomas.

– Ele foi enterrado num caixão?

Os caixões eram apenas para a elite: os pobres eram enterrados em mortalhas.

– Saul foi enterrado num caixão, eu vi – respondeu Thomas. – Há muita madeira aqui, no meio da floresta. Todos os monges foram enterrados em caixões até que o irmão Silas caiu doente. Ele era o carpinteiro.

– Esperem um pouco – disse Merthin.

Ele empurrou a pá além dos pés da mortalha e removeu a terra. Bateu com a ponta da pá na terra. Caris ouviu o baque surdo de madeira em madeira.

– Aqui está o caixão, por baixo da mortalha.

– Como o corpo saiu? – perguntou Thomas.

Caris sentiu um calafrio de medo. No canto, Godwyn elevou a voz:

– E ele será atormentado com fogo e enxofre, à vista dos santos anjos, e a fumaça de seu tormento se elevará para todo o sempre.

Thomas olhou para Caris.

– Não pode fazer com que ele fique calado?

– Não trouxe as drogas necessárias.

– Não há nada de sobrenatural aqui – garantiu Merthin. – Meu palpite é que Godwyn e Philemon tiraram o corpo... e encheram o caixão com os tesouros roubados.

Thomas recuperou o controle.

– Nesse caso, é melhor examinarmos o caixão.

Primeiro, tinham de remover o corpo amortalhado. Merthin e Thomas se abaixaram, agarraram o cadáver pelos ombros e joelhos e o ergueram. Quando o

ergueram até o nível dos ombros, só puderam ir mais longe jogando-o no chão. Caiu com um baque surdo. Os dois ficaram assustados. Até mesmo Caris, que não acreditava muito no que diziam sobre o mundo dos espíritos, ficou apreensiva pelo que eles faziam. Descobriu-se a olhar para trás, muito nervosa, esquadrinhando os cantos escuros da igreja.

Merthin removeu a terra de cima do caixão enquanto Thomas foi buscar uma barra de ferro. Levantaram a tampa do caixão.

Caris estendeu duas velas sobre a sepultura, para que eles pudessem ver melhor.

Havia outro corpo amortalhado dentro do caixão.

– Mas isto é muito estranho! – exclamou Thomas, com voz trêmula.

– Vamos pensar nisso de maneira objetiva. – Merthin parecia calmo e controlado, mas Caris, que o conhecia muito bem, podia perceber que essa compostura exigia enorme esforço. – Quem está no caixão? Vamos descobrir.

Ele se abaixou, pegou a mortalha com as duas mãos e a abriu ao longo da costura na cabeça. A pessoa estava morta havia uma semana. Exalava um cheiro horrível, mas não se deteriorara muito na terra fria sob a igreja sem aquecimento. Mesmo à luz precária das velas que Caris segurava sobre a sepultura, não podia haver a menor dúvida sobre a identidade do morto: a cabeça era orlada pelos cabelos louros quase brancos característicos.

– É Saul Whitehead – disse Thomas.

– Em seu legítimo caixão – murmurou Merthin.

– Então de quem é o outro corpo? – indagou Caris.

Merthin fechou a mortalha em torno da cabeça de Saul e tornou a tapar o caixão.

Caris se ajoelhou ao lado do outro corpo. Já lidara com muitos cadáveres, mas nunca tirara nenhum da sepultura. Suas mãos tremiam. Mesmo assim, abriu a mortalha e expôs o rosto. Para seu horror, os olhos estavam abertos e pareciam fitá-la. Forçou-se a fechar as pálpebras frias.

Era um monge jovem e grande que ela não reconheceu. Thomas se ergueu na ponta dos pés, ainda dentro da sepultura, para dar uma olhada.

– É o irmão Jonquil. Ele morreu um dia depois do prior Saul.

– E foi enterrado...? – murmurou Caris.

– No cemitério, pelo menos foi o que pensamos.

– Num caixão?

– Isso mesmo.

– Só que ele está aqui.

– Seu caixão era bastante pesado. Ajudei a carregá-lo...

– Posso imaginar o que aconteceu – declarou Merthin. – Jonquil ficou aqui na igreja, em seu caixão, antes do enterro. Enquanto os outros monges almoçavam, Godwyn e Philemon abriram o caixão e tiraram o corpo. Cavaram o túmulo de Saul e jogaram o corpo de Jonquil em cima do caixão. Taparam a sepultura. Puseram os tesouros da catedral dentro do caixão e o fecharam.

– Agora, temos de cavar a sepultura de Jonquil.

Caris ergueu os olhos para as janelas da igreja. Estavam escuras. A noite caíra enquanto abriam o túmulo de Saul.

– Podemos deixar para amanhã.

Os dois homens ficaram em silêncio por um bom tempo até que Thomas disse:

– Vamos acabar logo com isso.

Caris foi até a cozinha e pegou duas achas na pilha de lenha. Acendeu-as no fogo e voltou à igreja. Ao saírem, os três ouviram Godwyn dizer:

– E o lagar da ira de Deus foi pisoteado fora da cidade, e das uvas saiu sangue, e a terra foi inundada até a altura das rédeas dos cavalos.

Caris estremeceu. Era uma imagem assustadora da Revelação de São João, o Divino, que a deixou angustiada. Ela tentou removê-la de sua mente.

Seguiram a passos largos para o cemitério, à claridade avermelhada das tochas. Caris sentiu alívio por ficar longe do quadro na parede, sem ouvir os delírios alucinados de Godwyn. Encontraram a lápide de Jonquil e começaram a cavar.

Os dois homens já haviam aberto duas covas para os noviços e tornado a sepultar Saul. Era a quarta vez que escavavam a terra desde a hora do almoço. Merthin parecia cansado e Thomas suava muito. Mas trabalharam com determinação. Pouco a pouco, o buraco foi se tornando mais profundo e a pilha de terra ao lado, mais alta. Até que finalmente uma pá bateu em madeira.

Caris entregou a alavanca de ferro a Merthin e se ajoelhou à beira do buraco,

segurando as duas tochas. Merthin removeu a tampa do caixão e a jogou para fora da cova.

Não havia nenhum cadáver ali.

Em vez disso, havia caixas e sacos de couro. Merthin abriu um saco e tirou um crucifixo cravejado de pedras preciosas.

– Aleluia – disse, exausto.

Thomas abriu uma caixa que revelou rolos de pergaminho, bem apertados como peixes num caixote: os cartulários. Caris sentiu que um enorme peso de preocupação era removido de seus ombros. Recuperara os cartulários do convento.

Thomas enfiou a mão em outro saco. E tirou um crânio. Soltou um grito de medo e o largou.

– Santo Adolfo – disse Merthin, muito calmo. – Peregrinos viajam centenas de quilômetros só para tocar no relicário que guarda seus ossos.

Ele pegou o crânio, tornou a guardá-lo no saco e acrescentou:

– Sorte nossa.

– Posso fazer uma sugestão? – indagou Caris. – Temos de levar essas coisas para Kingsbridge numa carroça. Por que não deixamos no caixão? Já está tudo arrumado, e o caixão pode servir para assustar os assaltantes.

– Boa ideia – concordou Merthin. – Basta tirar o caixão da sepultura.

Thomas foi ao priorado para buscar cordas. Tiraram o caixão da cova. Puseram a tampa de volta e amarraram cordas em torno, a fim de arrastá-lo pelo chão até a igreja.

Já iam partir quando ouviram um berro. Caris soltou um grito de medo.

Todos olharam na direção da igreja. Um vulto corria para eles, o olhar fixo, sangue escorrendo pela boca. Caris sofreu um momento de absoluto terror ao acreditar subitamente nas superstições insensatas que sempre ouvira sobre o mundo dos espíritos. Mas depois compreendeu que olhava para Godwyn. De alguma forma, ele encontrara forças para se levantar de seu leito de moribundo. Deixara a igreja cambaleando, vira as tochas e agora, em sua loucura, corria em direção a eles.

Ficaram a observá-lo, paralisados.

Ele parou, olhou para o caixão, depois para a sepultura vazia. Caris percebeu

um vislumbre de compreensão no rosto todo contraído. Ele pareceu perder as forças e arriou. Caiu sobre o monte de terra ao lado do túmulo vazio de Jonquil e rolou para a cova aberta.

Os três se adiantaram para ver.

Godwyn estava estendido de costas, a fitá-los com olhos abertos que já nada viam.

66

Logo depois que voltou a Kingsbridge, Caris decidiu viajar de novo.

A imagem de St.-John-in-the-Forest que permanecia em sua mente não era a do cemitério nem dos cadáveres que Merthin e Thomas desenterraram, mas a dos campos sem ninguém para cuidá-los. Enquanto voltava a cavalo, com Merthin a seu lado e Thomas conduzindo a carroça, observara muitas terras na mesma situação e previra uma crise.

Os monges e as freiras recebiam a maior parte de seus rendimentos da ocupação das terras. Os servos mantinham plantações e criavam animais nas terras que pertenciam ao priorado; em vez de pagarem a um cavaleiro ou a um conde pelo privilégio, pagavam ao prior ou à prioresa. Tradicionalmente, levavam uma parte de sua colheita para a catedral – uma dúzia de sacos de farinha de trigo, três ovelhas, um bezerro, uma carroça cheia de cebolas –, mas agora a maioria pagava em dinheiro.

Se ninguém cultivasse a terra, ninguém pagaria o arrendamento, é claro. E, nesse caso, o que as freiras comeriam?

Os ornamentos da catedral, o dinheiro e os cartulários recuperados em St.John-in-the-Forest foram guardados em segurança na tesouraria nova e secreta que madre Cecilia incumbira Jeremiah de construir, num lugar que ninguém poderia encontrar com facilidade. Todos os ornamentos haviam sido encontrados, menos um, o castiçal de ouro doado pela guilda dos fabricantes de velas de Kingsbridge. Esse desaparecera.

Caris realizou uma missa dominical triunfal, apresentando os ossos resgatados do santo. Pôs Thomas no comando dos meninos no orfanato; alguns já eram bastante crescidos para exigirem uma forte presença masculina. Mudou-se para o palácio do prior, pensando com prazer que o falecido Godwyn ficaria

transtornado se soubesse que ele seria ocupado por uma mulher. Depois, assim que acertou todos esses detalhes, partiu para Outhenby.

O vale do Outhen era fértil, com um solo argiloso, e ficava a um dia de viagem de Kingsbridge. Fora dado às freiras há cem anos por um velho cavaleiro iníquo que fizera uma última tentativa de conquistar o perdão para uma vida inteira de pecados. Havia cinco aldeias, a intervalos, ao longo das margens do rio Outhen. Nos dois lados, viam-se extensos campos cultivados até as encostas das colinas.

Os campos eram divididos em faixas, aos cuidados de diferentes famílias. Como ela receara, muitos não estavam sendo cultivados. A peste mudara tudo, mas ninguém tivera a sagacidade – ou talvez a coragem – de reorganizar o cultivo à luz das novas circunstâncias. A própria Caris teria de fazer isso. Tinha uma ideia aproximada do que era necessário e definiria os detalhes ao longo do caminho.

Era acompanhada pela irmã Joan, uma freira ainda jovem que saíra há pouco do noviciado. Joan era inteligente e fazia Caris se lembrar de si mesma dez anos antes – não na aparência, pois tinha cabelos pretos e olhos azuis, mas na mente inquisitiva e no permanente ceticismo.

Seguiram direto para a maior das aldeias, Outhenby. O bailio para todo o vale, Will, vivia ali, numa enorme casa de madeira ao lado da igreja. Ele não estava em casa, mas o encontraram no campo mais distante, semeando aveia; era um homem enorme, de movimentos lentos. A faixa seguinte estava alqueivada, com relva e ervas daninhas aflorando da terra e umas poucas ovelhas pastando.

Will Bailio visitava o priorado várias vezes por ano, em geral para levar os rendimentos das aldeias, por isso conhecia Caris. Mas ficou desconcertado ao ser procurado em seu território.

– Irmã Caris! – exclamou ao reconhecê-la. – O que a trouxe até aqui?

– Sou madre Caris agora, Will, e vim verificar se as terras das freiras estão sendo devidamente cuidadas.

– Ahn... – Ele balançou a cabeça. – Fazemos o melhor possível, mas perdemos tantos homens que é muito difícil.

Os bailios sempre diziam que os momentos eram difíceis, mas naquele caso era verdade. Caris saltou.

– Venha andando comigo e me fale a respeito.

A poucas centenas de metros de distância, na suave encosta de uma colina, ela avistou um camponês arando a terra com a ajuda de oito bois. Ele parou para observá-la, curioso. Caris resolveu seguir em sua direção. Will já começava a recuperar o controle. Sempre a acompanhá-la, ele disse:

– Não se pode esperar que uma mulher de Deus saiba muito sobre os cuidados com a terra, e farei tudo o que puder para esclarecer os pontos mais delicados.

– Agradeço a gentileza.

Caris já se acostumara a ser tratada com condescendência por homens do tipo de Will. Descobrira que era melhor não desafiá-los, mas sim atraí-los para um falso sentimento de segurança. Dessa maneira ela podia descobrir mais.

– Quantos homens perdeu para a peste?

– Muitos.

– Quantos?

– Deixe-me pensar... William Jones e seus dois filhos... Richard Carpenter e a esposa...

– Não preciso saber dos nomes – protestou Caris, contendo a irritação. – Quantos, em termos aproximados?

– Eu teria de pensar a respeito.

Alcançaram o arado. Conduzir um grupo de oito bois exigia habilidade, e os homens que faziam isso costumavam se situar entre os aldeões mais inteligentes. Caris se dirigiu ao jovem homem e lhe perguntou:

– Quantas pessoas em Outhenby morreram da peste?

– Cerca de duzentas, eu diria.

Caris o estudou. Era baixo mas musculoso e tinha uma barba loura. E também uma expressão arrogante, como os jovens exibem com frequência.

– Quem é você?

– Meu nome é Harry e meu pai era Richard, santa irmã.

– Sou madre Caris. Como chegou a esse total de duzentas mortes?

– Há 42 mortos aqui em Outhenby, pelos meus cálculos. A situação foi igualmente ruim em Ham e Shortacre, o que dá cerca de 120. Longwater escapou por completo, mas todos em Oldchurch morreram, com exceção do

velho Roger Breton; cerca de 80 pessoas, o que eleva o total para 200 mortes.

Caris se voltou para Will.

– Entre quantas pessoas, em todo o vale?

– Deixe-me pensar...

– Quase mil, antes da peste – disse Harry Ploughman.

– É por isso que me vê semeando em minha faixa de terra, o que deveria ser feito por trabalhadores, mas não tenho mais nenhum – disse Will. – Todos morreram.

– Ou foram trabalhar em outros lugares, por salários mais altos – comentou Harry.

Caris ficou atenta.

– É mesmo? E quem paga os salários mais altos?

– Alguns dos camponeses mais ricos do vale seguinte – informou Will, indignado. – A nobreza paga 1 *penny* por dia, que é quanto os trabalhadores sempre receberam e devem receber. Mas há algumas pessoas que pensam que podem fazer o que quiserem.

– Mas suponho que eles conseguem fazer com que suas colheitas sejam semeadas.

– Mas há o certo e o errado, madre Caris – insistiu Will.

Caris apontou para a faixa de terreno alqueivado em que as ovelhas pastavam.

– E o que me diz daquela terra? Por que não foi arada?

– Pertencia a William Jones – respondeu Will. – Ele e os filhos morreram. A esposa foi morar com a irmã em Shiring.

– Já procurou um novo arrendatário?

– Não consigo encontrar nenhum, madre.

– Pelo menos não nos antigos termos – voltou a interferir Harry.

Will lhe lançou um olhar furioso, mas Caris perguntou:

– Como assim?

– Os preços caíram, embora seja primavera, quando costumam estar altos.

Caris assentiu com a cabeça. Era assim que os mercados funcionavam, todos sabiam: se havia menos compradores, os preços caíam.

– Mas as pessoas devem viver de alguma forma – observou.

– Não querem mais cultivar trigo, cevada e aveia... mas devem cultivar o que mandam, pelo menos neste vale. Por isso um homem à procura de terra prefere ir para outro lugar.

– E o que conseguiria em outro lugar?

Will interrompeu de novo, ainda mais furioso:

– Querem fazer o que lhes agrada.

– Querem ser arrendatários livres – respondeu Harry à pergunta de Caris –, pagando o arrendamento em dinheiro, em vez de servos que trabalham um dia por semana na terra do senhor; e querem ter liberdade para cultivar coisas diferentes.

– Que coisas?

– Cânhamo, linho, maçãs ou peras... coisas que sabem que podem vender no mercado. Talvez uma coisa diferente a cada ano. Mas isso nunca foi permitido em Outhenby. – Harry pareceu se lembrar de quem eram as pessoas com quem falava e se apressou a acrescentar: – Sem ofensa para sua sagrada ordem, madre prioresa, nem para Will Bailio, um homem honesto, como todo mundo sabe.

Caris compreendeu a situação. Os bailios eram sempre conservadores. Nos bons tempos, não tinha muita importância: os velhos costumes bastavam. Mas agora enfrentavam uma crise. Ela assumiu sua atitude de autoridade:

– Muito bem. Quero que me escute com toda a atenção, Will, pois vou lhe dizer o que deve fazer. – Will ficou surpreso: pensava que seria consultado, não que receberia ordens. Caris prosseguiu: – Em primeiro lugar, deve parar de arar as encostas. Não faz sentido, quando temos boa terra plana sem ser cultivada.

– Mas...

– Fique calado e escute. Ofereça a cada arrendatário uma troca, acre por acre, de terra boa no fundo do vale em lugar de terrenos nas encostas.

– E o que faremos com as encostas?

– Converta em pastagens, bois pastando nas partes mais baixas e ovelhas nas mais altas. Não precisa de muitos homens para isso. Bastam alguns meninos para tomar conta dos rebanhos.

– Hum...

Era evidente que Will queria argumentar, mas não pôde pensar de imediato numa objeção válida. Caris continuou:

– Depois, qualquer terra que sobrar no fundo do vale deve ser oferecida como um arrendamento livre, com pagamento só em dinheiro, para quem quiser ocupá-la.

Um arrendamento livre significava que o ocupante não era um servo e não tinha de trabalhar na terra do senhor nem de obter sua permissão para casar ou construir uma casa. E tudo o que tinha a fazer era pagar o arrendamento.

– Está se afastando de todos os costumes antigos.

Caris tornou a apontar para a faixa de terreno abandonada.

– Os antigos costumes estão deixando minhas terras abandonadas. Pode pensar em outra maneira de evitar que isso aconteça?

– Bom...

Após uma longa pausa, Will sacudiu a cabeça, sem dizer mais nada.

– Em terceiro lugar, ofereça salários de 2 *pence* por dia a qualquer um que trabalhe na terra.

– Dois *pence* por dia?

Caris sentiu que não podia confiar em Will para pôr em prática as mudanças com o devido vigor. Ele resistiria e inventaria desculpas. Ela se virou para o arrogante jovem do arado. Faria com que ele se tornasse o defensor de suas reformas.

– Harry, quero que visite todos os mercados do condado durante as próximas semanas. Espalhe a notícia de que qualquer um disposto a mudar pode se dar bem em Outhenby. Se há trabalhadores à procura de bons salários, quero que venham para cá.

Harry sorriu e anuiu com a cabeça. Will ainda parecia um pouco atordoado.

– Quero que providencie para que toda esta boa terra esteja plantada neste verão – ordenou Caris a ele. – Fui clara?

– Foi – respondeu Will. – Obrigado, madre prioresa.



Caris examinou todos os cartulários com a irmã Joan, anotando a data e o assunto de cada um. Decidira mandar copiá-los, um a um... a ideia que Godwyn propusera, embora apenas fingisse fazer as cópias, usando isso como um

pretexto para mantê-los longe das freiras. Mas era uma boa iniciativa. Quanto mais cópias existissem, mais difícil seria o desaparecimento de um documento valioso.

Ela ficou intrigada com um documento de 1327 que concedia aos monges uma grande propriedade perto de Lynn, em Norfolk, denominada Lynn Grange. A doação fora feita com a condição de que o priorado aceitasse, como monge noviço, um cavaleiro chamado sir Thomas Langley.

Caris foi levada de volta à infância, ao dia em que se aventurara pela floresta com Merthin, Ralph e Gwenda, quando viram Thomas sofrer o ferimento que causara a perda de seu braço. Ela mostrou o cartulário a Joan, que deu de ombros e comentou:

– É comum fazer doações quando alguém de uma família rica se torna monge.

– Mas veja quem é a doadora.

Joan deu outra olhada.

– A rainha Isabella! – Isabella era a viúva de Eduardo II e a mãe de Eduardo III.

– Qual o interesse dela em Kingsbridge?

– Ou em Thomas?

Poucos dias depois, Caris teve uma oportunidade de descobrir. O bailio de Lynn Grange, Andrew, foi a Kingsbridge em uma de suas duas visitas anuais. Nascido em Norfolk, com mais de 50 anos, ele cuidava da propriedade desde que esta fora doada ao priorado. Estava agora tinha cabelos brancos, porém estava gordo, o que levou Caris a acreditar que a Grange continuava a prosperar, apesar da peste. Como Norfolk ficava a dias de viagem, a propriedade sempre pagava o que devia ao priorado em dinheiro em vez de conduzir gado e carroças com produtos por um longo percurso. Andrew trouxe o dinheiro em nobres de ouro, a moeda nova, que valia um terço de libra, com a imagem do rei Eduardo no convés de um navio. Depois de contar o dinheiro e entregar a Joan para guardar na nova tesouraria, Caris perguntou a Andrew:

– Sabe por que a rainha Isabella nos entregou essa propriedade há 22 anos?

Para sua surpresa, o rosto rosado de Andrew ficou branco. Ele fez várias tentativas para responder, até que conseguiu balbuciar:

– Não cabe a mim questionar as decisões de Sua Majestade.

– Tem razão – disse Caris, tranquilizadora. – Só estou curiosa sobre o motivo.

– Ela é uma santa mulher que fez muitos atos de caridade.

Como assassinar o marido, pensou Caris; no entanto, ela disse:

– Mas deve haver uma razão para que ela fizesse isso em benefício de Thomas.

– Ele solicitou um favor à rainha, como centenas de outros, e ela generosamente o atendeu, como as grandes damas às vezes fazem.

– Em geral quando têm uma ligação com o solicitante.

– Tenho certeza de que não há nenhuma ligação.

A ansiedade de Andrew deixou Caris com a certeza de que ele mentia e que jamais lhe contaria a verdade. Por isso, abandonou o assunto e mandou Andrew jantar no hospital.

Na manhã seguinte, foi abordada no claustro pelo irmão Thomas, o único monge que restava no mosteiro. Irritado, ele perguntou:

– Por que interrogou Andrew Lynn?

– Porque estava curiosa – respondeu ela, surpresa.

– O que está tentando fazer?

– Não estou tentando fazer nada.

Caris ficou ofendida com a atitude agressiva, mas não queria discutir. Para atenuar a tensão, sentou no muro baixo na beira da galeria. Um sol de primavera brilhava no pátio. Ela perguntou em tom coloquial:

– Afinal, qual é o problema?

– Por que está me investigando?

– Não estou. Trate de se acalmar. Apenas examinava os cartulários, para relacioná-los e copiá-los, e encontrei um que me deixou perplexa.

– Está se envolvendo em problemas que não são da sua conta.

Ela se empertigou.

– Sou a prioresa de Kingsbridge e o prior em exercício... nada aqui pode ser secreto para mim.

– Se começar a remexer em coisas antigas, posso garantir que vai se arrepender.

Parecia uma ameaça, mas Caris decidiu não pressioná-lo. Tentou uma abordagem diferente.

– Sempre pensei que éramos amigos, Thomas. Você não tem o direito de me proibir de fazer qualquer coisa e me sinto desapontada que tenha tentado. Não confia em mim?

– Não sabe em que está se envolvendo.

– Pois então me esclareça. O que a rainha Isabella tem a ver com você, comigo ou com Kingsbridge?

– Nada. Ela é uma velha agora, vivendo em isolamento.

– Ela tem 53 anos. Depôs um rei e talvez possa depor outro, se assim quiser. E tem uma antiga ligação secreta com meu priorado, que você está decidido a esconder de mim.

– Para o seu próprio bem.

Caris ignorou o comentário.

– Alguém tentou matá-lo há 22 anos. Foi a mesma pessoa que, depois de não conseguir eliminá-lo, pagou o seu ingresso no mosteiro?

– Andrew voltará para Lynn e contará a Isabella que você fez todas essas perguntas... compreende isso?

– Por que ela se importaria? Por que as pessoas têm tanto medo de você, Thomas?

– Tudo será esclarecido quando eu morrer. Nada mais vai importar depois.

Ele se virou e se afastou. O sino para o almoço tocou. Caris foi para o palácio, absorta em pensamentos. O gato de Godwyn, Arcebispo, estava sentado na porta. Ela o afugentou, apesar do olhar furioso do gato. Não admitia que ele entrasse no palácio.

Adquirira o hábito de almoçar todos os dias com Merthin. Tradicionalmente, o prior almoçava com o regedor, embora fosse excepcional fazê-lo todos os dias... mas aqueles eram tempos excepcionais. Isso, de qualquer forma, seria uma desculpa, se alguém a questionasse, mas ninguém o fazia. Os dois aguardavam ansiosos por uma desculpa para fazerem outra viagem, a fim de poderem ficar a sós de novo.

Ele chegou enlameado das obras na ilha dos Leprosos. Parara de pedir a Caris que renunciasse a seus votos e deixasse o priorado. Parecia se contentar,

pelo menos por enquanto, em vê-la todos os dias e torcer por oportunidades futuras de mais intimidade.

Um empregado do priorado serviu ensopado de presunto com vagens. Depois que ele se retirou, Caris contou sobre o cartulário e a reação de Thomas.

– Ele conhece um segredo que pode prejudicar a velha rainha se vazar.

– Acho que deve ser isso mesmo – disse Merthin, pensativo.

– No Dia de Todos os Santos, em 1327, depois que fugi, ele pegou você, não é?

– É verdade. Ele me fez ajudá-lo a enterrar uma carta. Tive de jurar que guardaria segredo até sua morte. Depois, deveria desenterrar a carta e entregá-la a um padre.

– Thomas me disse que todas as minhas perguntas seriam respondidas quando ele morresse.

– Creio que a carta é a ameaça que ele mantém contra seus inimigos. Devem saber que o conteúdo será revelado quando ele morrer. Por isso temem matá-lo. Mais do que isso, cuidaram para que ele permanecesse vivo e bem ao ajudá-lo a se tornar um monge em Kingsbridge.

– Ainda é importante?

– Dez anos depois que enterramos a carta, comentei que nunca revelara o segredo a ninguém e ele disse: “Se tivesse contado, estaria morto.” Isso me deixou mais assustado do que o juramento.

– Madre Cecilia me disse que Eduardo II não teve morte natural.

– Como ela poderia saber?

– Meu tio Anthony lhe contou. Presumo que o segredo é o fato de que a rainha Isabella mandou assassinar o marido.

– Metade do país acredita nisso. Mas se houvesse uma prova... Cecilia contou como ele foi morto?

Caris fez esforço para se lembrar.

– Não. E, agora que penso a respeito, lembro que ela disse apenas: “O velho rei não morreu de uma queda.” Perguntei se ele fora assassinado... mas ela morreu sem responder.

– Seja como for, por que inventar uma falsa história sobre a morte dele se não fosse para encobrir um crime?

– E a carta de Thomas deve mesmo provar que houve um crime e a rainha estava envolvida.

Terminaram o almoço num silêncio pensativo. No dia do mosteiro, a hora depois do almoço era para descanso ou leitura. Caris e Merthin costumavam prolongar a conversa por mais algum tempo. Naquele dia, no entanto, Merthin estava preocupado com a instalação do telhado da nova taverna, The Bridge, que estava construindo na ilha dos Leprosos. Beijaram-se, famintos, mas ele se desvencilhou para voltar à obra. Desapontada, Caris abriu um livro intitulado *Ars Medica*, uma tradução para o latim de uma obra do antigo médico grego Galeno. Era a pedra fundamental da medicina ensinada nas universidades, e Caris decidira ler para descobrir o que os sacerdotes aprendiam em Oxford e Paris, embora tivesse encontrado muito pouco que pudesse ajudá-la. O empregado veio tirar a mesa.

– Peça ao irmão Thomas para vir falar comigo, por favor – disse Caris. Ela queria se certificar de que ainda eram amigos, apesar da cáustica conversa que haviam tido.

Antes da chegada de Thomas, houve uma agitação lá fora. Ela ouviu vários cavalos e gritos do tipo que indicavam que um nobre queria atenção. Momentos depois a porta foi aberta e sir Ralph Fitzgerald, senhor de Tench, entrou no palácio. Ele parecia furioso, mas Caris fingiu não notar.

– Olá, Ralph – disse ela, tão jovial quanto podia. – É um prazer inesperado. Seja bem-vindo a Kingsbridge.

– Não perca tempo com isso – resmungou Ralph. Ele se avizinhou do lugar em que Caris estava sentada. Permaneceu de pé, numa proximidade agressiva. – Já pensou que está estragando os camponeses de todo o condado?

Outro homem entrou no palácio, mas parou na porta. Era grande, com a cabeça pequena, e Caris reconheceu o antigo comparsa de Ralph, Alan Fernhill. Os dois estavam armados com espadas e adagas. Caris lembrou que estava sozinha no palácio. Tentou acalmar a situação:

– Não quer um pouco de presunto, Ralph? Acabei de almoçar.

Ralph não se deixaria desviar.

– Está me roubando!

– Roubando ou arroubando?

Alan Fernhill riu do trocadilho.

Ralph ficou vermelho e pareceu ainda mais perigoso. Caris desejou não ter feito a brincadeira.

– Se quer se divertir à minha custa, juro que vai se arrepender – declarou Ralph.

Caris serviu cerveja num copo.

– Não estou rindo de você. Diga exatamente qual é o problema.

Ela ofereceu a cerveja. Sua mão trêmula traía o medo. Mas Ralph ignorou o copo e brandiu um dedo para ela.

– Os trabalhadores estão desaparecendo das minhas aldeias... e, quando pergunto, descubro que foram para aldeias que pertencem a você, onde recebem salários mais altos.

Caris assentiu com a cabeça.

– Se você estivesse vendendo um cavalo e dois homens quisessem comprá-lo, não o venderia a quem oferecesse o melhor preço?

– Não é a mesma coisa.

– Acho que é. Tome a cerveja.

Com um movimento brusco, ele derrubou o copo da mão de Caris e este caiu no chão, a cerveja se derramando pela palha.

– Eles são meus trabalhadores.

Caris sentiu a mão machucada, mas tentou ignorar a dor. Abaixou-se, pegou o copo e o pôs no aparador.

– Não é bem assim. Se eles são trabalhadores, isso significa que você nunca lhes deu qualquer terra. Portanto, os homens têm o direito de ir para outros lugares.

– Mas ainda sou o senhor deles! E tem mais! Ofereci um arrendamento a um homem livre outro dia e ele recusou, alegando que podia conseguir uma oferta muito melhor do priorado de Kingsbridge!

– A mesma coisa, Ralph. Preciso de todas as pessoas que puder obter, por isso estou dando o que querem.

– Você é mulher e não pensa direito. Não percebe que tudo isso acabará com todos pagando mais pelos mesmos camponeses.

– Não necessariamente. Salários maiores podem atrair alguns dos que não

trabalham no momento... como os bandidos, por exemplo, ou os vagabundos que erram por aí vivendo do que encontram nas aldeias esvaziadas pela peste. E alguns que são agora trabalhadores podem se tornar arrendatários e trabalhar mais porque cultivam a própria terra.

Ele bateu na mesa com o punho, e Caris piscou ao súbito estrondo.

– Você não tem o direito de mudar os antigos costumes!

– Acho que tenho.

Ralph a agarrou pela frente do hábito.

– Não vou admitir!

– Tire as mãos de mim, seu idiota!

Foi nesse momento que o irmão Thomas entrou no palácio.

– Mandou me chamar... mas o que está acontecendo aqui?

Ele atravessou a sala a passos largos. Ralph largou o hábito de Caris como se ele tivesse pegado fogo de repente. Thomas não estava armado e só tinha um braço, mas já predominara sobre Ralph uma vez antes e ele tinha medo dele.

Ralph deu um passo para trás e depois compreendeu que revelara seu medo, o que o deixou envergonhado.

– Já acabamos aqui! – gritou, virando-se para a porta.

– O que estou fazendo em Outhenby e em outros lugares é absolutamente legítimo, Ralph – declarou Caris.

– É uma interferência na ordem natural!

– Não há lei contra isso.

Alan abriu a porta para seu amo.

– Espere e verá! – exclamou Ralph antes de sair.

67

Em março daquele ano, 1349, Gwenda e Wulfric foram com Nathan Reeve ao mercado do meio da semana na pequena cidade de Northwood.

Trabalhavam para sir Ralph agora. Gwenda e Wulfric haviam escapado da peste até então, mas vários trabalhadores de Ralph haviam morrido. Por isso ele precisava de ajuda. Nate, o bailio de Wigleigh, propôs contratá-los. Podia pagar os salários normais, enquanto Perkin os punha para trabalhar apenas pela comida.

Assim que eles anunciaram que iam trabalhar para Ralph, Perkin descobriu que agora podia lhes pagar salários normais... mas era tarde demais.

Naquele dia, eles levavam uma carroça de toras da floresta de Ralph para vender em Northwood, uma cidade que tinha um mercado de madeira desde tempos imemoriais. Os meninos, Sam e David, os acompanhavam: não havia mais ninguém para cuidar deles. Gwenda não confiava no pai e a mãe morrera dois anos antes. Os pais de Wulfric há muito estavam mortos.

Havia várias outras pessoas de Wigleigh no mercado. O padre Gaspard fora comprar sementes para sua horta, enquanto Joby, o pai de Gwenda, queria vender os coelhos que matara pouco antes.

Nate, o bailio, um homem pequeno com um problema nas costas, não podia levantar as toras. Negociava com os clientes, enquanto Wulfric e Gwenda se encarregavam de carregar tudo. Ao meio-dia, ele lhes deu 1 *penny* para pagar o almoço na Old Oak, uma das tavernas em torno da praça. Compraram bacon cozido com alho-poró e partilharam com os meninos. David, com 8 anos, ainda tinha o apetite de uma criança, mas Sam, com 10 em fase de crescimento, estava sempre com fome.

Enquanto comiam, ouviram uma conversa que atraiu a atenção de Gwenda.

Havia um grupo de jovens de pé num canto tomando cerveja em enormes canecas. Todos estavam malvestidos, exceto um, com uma barba loura cerrada, que usava as roupas superiores de um camponês próspero ou um artesão de aldeia: calça de couro, botas de boa qualidade, chapéu novo. A frase que atraiu a atenção de Gwenda foi a seguinte:

– Pagamos 2 *pence* por dia para os trabalhadores em Outhenby.

Ela ficou ouvindo, na tentativa de descobrir mais, mas só conseguiu captar algumas palavras esparsas. Ouvira que alguns empregadores estavam oferecendo mais do que o tradicional *penny* diário por causa da escassez de trabalhadores provocada pela peste. Hesitara em acreditar nessas histórias, que pareciam boas demais para serem verdadeiras.

Não disse nada no momento a Wulfric, que não ouvira as palavras mágicas, mas seu coração passou a bater mais depressa. Ela e a família haviam sofrido muitos anos de pobreza. Seria possível que a vida pudesse melhorar para eles? Tinha de descobrir mais.

Depois que comeram, os dois sentaram num banco lá fora, observando os meninos e algumas outras crianças correrem em torno do tronco enorme do carvalho que dava o nome à taverna.

– Wulfric, o que aconteceria se pudéssemos ganhar 2 *pence* por dia... cada um?

– Como?

– Indo para Outhenby.

Gwenda relatou o que ouvira e arrematou:

– Pode ser o começo de uma vida nova para nós.

– Quer dizer que nunca vou recuperar as terras que pertenceram a meu pai?

Ela teve vontade de agredi-lo com um pedaço de pau. Será que Wulfric ainda pensava mesmo que isso seria possível? Como ele podia ser tão tolo? Gwenda tentou tornar a voz tão gentil quanto podia:

– Já se passaram doze anos desde que você foi deserdado. Durante esse tempo, Ralph se tornou mais e mais poderoso. E nunca houve o menor sinal de que ele poderia ter abrandado sua atitude em relação a você. Quais você acha que são suas chances?

Wulfric não respondeu a essa pergunta.

– Onde viveríamos?

– Deve haver casas em Outhenby.

– Mas Ralph nos deixará partir?

– Ele não pode impedir. Somos trabalhadores, não servos. Você sabe disso.

– Mas será que Ralph sabe?

– Não vamos dar a ele a chance de levantar objeções.

– Como poderíamos fazer isso?

– Bom... – Gwenda não havia pensado nisso, mas refletiu agora que deveriam ser rápidos. – Podemos partir hoje, daqui.

Era uma perspectiva assustadora. Ambos haviam passado suas vidas inteiras em Wigleigh. Wulfric nunca sequer mudara de casa. E agora cogitavam viver numa aldeia que nunca tinham visto, sem sequer voltarem para se despedir.

Mas Wulfric se preocupava com outra coisa. Apontou para o bailio corcunda, que atravessava a praça na direção da loja do fabricante de velas.

– O que Nathan diria?

– Não vamos contar a ele o que estamos planejando. Inventaremos alguma história. Por exemplo, queremos passar a noite aqui, por alguma razão, e só voltar para casa amanhã. Assim ninguém saberá onde estamos. E nunca mais voltaremos a Wigleigh.

– Nunca mais voltaremos – repetiu Wulfric, desolado.

Gwenda controlou sua impaciência. Conhecia o marido. Depois que Wulfric assumia um curso determinado, não havia mais como detê-lo, mas ele sempre demorava um pouco para se decidir. Mais cedo ou mais tarde, aceitaria a ideia. Não tinha a mente fechada, apenas era cauteloso e ponderado. Detestava tomar decisões às pressas... enquanto Gwenda achava que essa era a única maneira.

O jovem de barba loura saiu da Old Oak. Gwenda olhou ao redor. Não havia ninguém de Wigleigh à vista. Ela se levantou e abordou o homem.

– Ouvi você dizer alguma coisa sobre 2 *pence* por dia para trabalhadores?

– É isso mesmo, senhora. No vale de Outhenby, a apenas meio dia de viagem para sudoeste. Precisamos de todos que quiserem trabalhar.

– Quem é você?

– Sou o arador da aldeia de Outhenby. Meu nome é Harry.

Outhenby devia ser grande e próspera para ter seu próprio arador, raciocinou

Gwenda. A maioria dos aradores trabalhava para um grupo de várias aldeias.

– E quem é o senhor do solar?

– A prioresa de Kingsbridge.

– Caris!

Era uma notícia maravilhosa. Caris merecia toda a confiança. Gwenda ficou na maior animação.

– Isso mesmo. Ela é a atual prioresa. Uma mulher muito determinada.

– Sei disso.

– Ela quer que os campos sejam cultivados para poder alimentar as irmãs e não aceita desculpas.

– Vocês têm casas em Outhenby para trabalhadores morarem com suas famílias?

– Várias, infelizmente. Perdemos muitas pessoas para a peste.

– Você disse que ficava a sudoeste daqui.

– Pegue a estrada para o sul até Badford, depois siga o rio Outhen correnteza acima.

Gwenda recuperou a cautela.

– Eu não vou.

– Claro.

Era evidente que Harry não acreditava nela.

– Só perguntei pensando num amigo.

– Diga a seu amigo para ir o mais depressa que puder... ainda temos de terminar a aradura e a semeadura da primavera.

– Está bem.

Ela ficou um pouco tonta, como se tivesse bebido um vinho forte. Dois *pence* por dia – trabalhando para Caris – e a quilômetros de distância de Ralph, Perkin e da leviana Annet! Era um sonho. Foi sentar de novo ao lado de Wulfric.

– Ouviu tudo o que ele disse?

– Ouvi. – Wulfric apontou para alguém parado na porta da taverna. – E ele também.

Gwenda olhou. Era seu pai.

– Pode atrelar o cavalo – disse Nathan para Wulfric no meio da tarde. – Está na hora de voltar para casa.

– Vamos precisar de nossos salários da semana até agora – declarou Wulfric.

– Receberão no sábado, como sempre – respondeu Nathan, desdenhoso. – Atrele logo o cavalo.

Wulfric não se mexeu.

– Tem de pagar hoje. Sei que tem o dinheiro, porque vendeu toda aquela madeira.

Nate se virou para encará-lo e perguntou, irritado:

– Por que acha que deve receber antes do tempo?

– Porque não voltarei com você para Wigleigh esta noite.

Nate ficou aturdido.

– Por que não?

– Vamos para Melcombe – explicou Gwenda.

– O quê? – Nate estava indignado. – Pessoas como vocês não têm o que fazer em Melcombe!

– Conhecemos um pescador que precisa de tripulantes a 2 *pence* por dia. – Gwenda inventara essa história para despistar. Wulfric acrescentou:

– Transmita nossos respeitos a sir Ralph e que Deus possa estar com ele no futuro.

– Mas esperamos não vê-lo nunca mais – arrematou Gwenda.

Ela disse isso só para ouvir o doce som das palavras: nunca mais ver Ralph. Nathan protestou, indignado:

– Ele pode não querer que vocês partam!

– Não somos servos, não temos terra. Ralph não pode nos proibir.

– Você é o filho de um servo – insistiu Nate.

– Mas Ralph negou minha herança. Não pode agora exigir minha fidelidade de vassalo.

– É sempre perigoso para um pobre defender seus direitos.

– É verdade – admitiu Wulfric. – Mas farei isso assim mesmo.

Nate se sentiu derrotado.

– A coisa não vai parar aqui.

– Gostaria que eu atrelasse o cavalo à carroça?

Nate amarrou a cara. Não poderia fazê-lo pessoalmente. Por causa das costas, tinha dificuldades com as tarefas físicas mais complicadas; além disso, o cavalo era mais alto do que ele.

– Claro que quero.

– Terei o maior prazer. Mas pode fazer a gentileza de nos pagar primeiro?

Furioso, Nate pegou a bolsa. Contou 6 *pence* de prata.

Gwenda pegou o dinheiro e Wulfric atrelou o cavalo. Nate foi embora sem dizer mais nada.

– Pronto, está feito!

Gwenda olhou para Wulfric. Ele exibia um largo sorriso. Ela perguntou:

– O que foi?

– Não sei. Mas tenho a sensação de que usava uma canga há anos e agora ela foi subitamente tirada.

– Isso é ótimo. – Era assim que Gwenda queria que o marido se sentisse. – E agora vamos procurar um lugar para passar a noite.

A Old Oak ocupava uma posição privilegiada na praça do mercado e cobrava preços altos. Circularam pela cidade à procura de um lugar mais barato. Foram parar na Gate House, onde Gwenda negociou acomodações para os quatro – com jantar, um colchão no chão e a primeira refeição – por 1 *penny* . Os meninos precisariam de uma boa noite de sono para poderem caminhar toda a manhã seguinte.

Gwenda mal conseguiu dormir de tanta excitação. E também porque estava preocupada. O que fizera com sua família? Tinha apenas a palavra de um homem, um estranho, sobre o que encontrariam quando chegassem a Outhenby. Devia ter procurado uma confirmação antes de se comprometer.

Mas ela e Wulfric eram prisioneiros num buraco há dez anos e Harry Ploughman, de Outhenby, fora a primeira pessoa a oferecer uma saída.

A primeira refeição da manhã foi mínima: um mingau ralo e sidra aguada. Gwenda comprou um pão grande para comerem na estrada e Wulfric encheu o cantil de couro com água fresca de um poço. Passaram pelo portão da cidade uma hora depois que o sol nasceu e seguiram a estrada para o sul.

Enquanto andavam, Gwenda pensou em Joby, seu pai. Assim que soubesse que ela não voltara para Wigleigh, ele se lembraria da conversa que ouvira e

adivinharia que a filha fora para Outhenby. Não se deixaria enganar pela história sobre Melcombe: era um mentiroso consumado, experiente demais para se iludir com uma artimanha tão simples. Mas alguém pensaria em perguntar a ele para onde Gwenda fora? Todos sabiam que ela nunca falava com o pai. E, se perguntassem, ele contaria sobre sua desconfiança? Ou algum vestígio de sentimento paternal o levaria a protegê-la?

No entanto, não havia nada que ela pudesse fazer a respeito, por isso tratou de tirar Joby de seus pensamentos.

Fazia um bom tempo para viajar. O solo estava macio, devido à chuva recente, e não havia poeira; mas era um dia seco, com o sol aparecendo a intervalos, nem quente nem frio. Os meninos cansaram depressa, especialmente David, o mais jovem, mas Wulfric era bom em distraí-los com cantigas, perguntas sobre nomes de árvores e plantas, jogos de números, histórias.

Gwenda mal podia acreditar no que haviam feito. Àquela mesma hora, no dia anterior, parecia que a vida deles nunca mudaria: trabalho duro, pobreza e aspirações frustradas: esse seria seu destino para sempre. Agora estavam a caminho de uma nova vida.

Ela pensou na casa em que vivera com Wulfric por dez anos. Não deixara muita coisa para trás: umas poucas panelas, uma pilha de lenha recém-cortada, meio pernil e quatro cobertores. Ela não tinha outras roupas além das que usava e o mesmo acontecia com Wulfric e os meninos. Não tinha joias, fitas, luvas ou pentes. Dez anos antes, Wulfric tinha galinhas e porcos em seu quintal, mas pouco a pouco haviam vendido tudo, ao longo dos anos de penúria. Seus bens escassos poderiam ser repostos com os salários de uma semana prometidos por Outhenby.

De acordo com as instruções de Harry, eles foram pela estrada para o sul até o vau lamacento do Outhen, depois viraram para oeste e seguiram rio acima. À medida que avançavam, o rio foi se estreitando, até que a terra se tornou um funil entre duas serras.

– Solo fértil – comentou Wulfric. – Mas precisará ser bem arado.

Ao meio-dia, alcançaram uma aldeia grande, com uma igreja de pedra. Foram para o solar de madeira ao lado da igreja. Com a maior apreensão, Gwenda bateu à porta. Estava prestes a ser informada de que Harry Ploughman

não sabia o que dizia e que não havia trabalho ali? Obrigara sua família a caminhar durante metade de um dia por nada? Seria humilhante ter de retornar a Wigleigh e suplicar a Nate Reeve que os aceitasse de volta.

Uma mulher de cabelos grisalhos abriu a porta. Fitou Gwenda com o olhar furioso e desconfiado que os aldeões por toda parte dispensavam aos estranhos.

– O que vocês querem?

– Bom dia, senhora – disse Gwenda. – Aqui é Outhenby?

– É, sim.

– Somos trabalhadores à procura de trabalho. Harry Ploughman nos disse para vir até aqui.

– Ele disse isso?

Havia alguma coisa errada, especulou Gwenda, ou aquela mulher era apenas uma velha rabugenta? Ela quase fez a pergunta em voz alta, mas se conteve a tempo.

– Harry mora nesta casa?

– Claro que não. Ele é apenas um arador. Esta é a casa do bailio.

Havia algum conflito entre o bailio e o arador, imaginou Gwenda.

– Nesse caso, seria melhor conversar com o bailio.

– Ele não está em casa.

Paciente, Gwenda pediu:

– Poderia fazer a gentileza de nos dizer onde podemos encontrá-lo?

A mulher apontou para o vale.

– North Field.

Gwenda se voltou para olhar na direção indicada. Quando tornou a se virar, a mulher havia desaparecido dentro da casa. Wulfric comentou:

– Ela não pareceu muito satisfeita em nos ver.

– As mulheres mais velhas detestam mudanças – explicou Gwenda. – Vamos procurar esse bailio.

– Os meninos estão cansados.

– Logo poderão descansar.

Partiram através dos campos. Havia muita atividade nas faixas de terra. Crianças tiravam pedras dos campos arados, mulheres espalhavam sementes e homens levavam estrume em carroças. Gwenda avistou os bois a distância, oito

animais poderosos pacientemente arrastando o arado pelo solo úmido e rico.

Aproximaram-se de um grupo de homens e mulheres que tentavam mover uma grade puxada por cavalo que ficara entalada numa vala. Gwenda e Wulfric foram ajudar. As costas largas de Wulfric fizeram a diferença e logo a grade se soltou.

Todos os aldeões se viraram para Wulfric. Um homem alto, com uma antiga marca de queimadura desfigurando um lado do rosto, declarou, cordial:

– É um homem útil... Quem é você?

– Sou Wulfric e esta é minha esposa, Gwenda. Somos trabalhadores à procura de trabalho.

– Você é justamente a pessoa de quem precisamos, Wulfric. Sou Carl Shaftesbury. – Ele estendeu a mão para um aperto. – Seja bem-vindo a Outhenby.



Ralph apareceu oito dias depois.

Wulfric e Gwenda haviam se instalado numa casa pequena mas bem construída, com uma chaminé de pedra e um quarto em cima, onde podiam dormir separados dos meninos. Tiveram uma recepção cautelosa por parte dos aldeões mais velhos e mais conservadores, em particular de Will Bailiff e sua esposa, Vi, que fora grosseira no dia em que chegaram. Mas Harry Ploughman e os mais jovens se mostravam animados com as mudanças e contentes por mais ajuda nos campos.

Receberiam 2 *pence* por dia, como prometido, e Gwenda aguardava ansiosa o final da primeira semana completa, quando cada um receberia 12 *pence* – 1 xelim! –, o dobro da quantia mais alta que já haviam recebido. O que fariam com tanto dinheiro?

Nem Wulfric nem Gwenda jamais haviam trabalhado em qualquer outro lugar que não Wigleigh e ficaram surpresos ao descobrirem que nem todas as aldeias eram iguais. A suprema autoridade ali era a prioresa de Kingsbridge, e isso fazia diferença. As normas de Ralph eram pessoais e arbitrárias: apelar para ele era sempre um risco. Em contraste, os moradores de Outhenby pareciam

saber o que a prioresa haveria de querer e podiam resolver as disputas ao imaginarem o que ela diria se fosse instada a decidir.

Uma pequena disputa desse tipo estava acontecendo quando Ralph apareceu.

Voltavam dos campos ao pôr do sol, os adultos cansados do trabalho, as crianças correndo na frente e Harry Ploughman na retaguarda com os bois desatrelados. Carl Shaftesbury, o homem do rosto queimado, um recém-chegado como Gwenda e Wulfric, pegara três enguias ao amanhecer para o jantar de sua família, já que era sexta-feira. A discussão se dava para determinar se os trabalhadores tinham os mesmos direitos dos arrendatários de pegar peixes no rio Outhen para o dia do jejum. Harry Ploughman disse que o privilégio se estendia a todos os residentes de Outhenby. Vi Bailio argumentou que os arrendatários deviam pagar taxas ao senhor, o que não acontecia com os trabalhadores, portanto quem tinha deveres extras também deveria ter privilégios extras.

Will Bailio foi chamado a resolver a disputa e decidiu contra a esposa.

– Acho que a madre prioresa diria que, se a Igreja deseja que as pessoas comam peixe, então se deve fornecer peixe para que possam comer.

Todos aceitaram sua decisão. Ao voltar o olhar para a aldeia, Gwenda avistou dois cavaleiros.

Houve uma súbita rajada de vento frio.

Os visitantes estavam a pouco menos de um quilômetro de distância, seguindo para a aldeia em ângulo com o curso dos aldeões. Dava para perceber que eram homens de armas. Montavam cavalos enormes e as roupas eram volumosas, homens acostumados à violência em geral usavam casacos reforçados. Ela cutucou Wulfric.

– Já os vi – murmurou ele, sombrio.

Homens assim não apareciam em aldeias por acaso. Desprezavam as pessoas que cultivavam a terra e cuidavam dos animais. Em circunstâncias normais, só visitavam as aldeias para tirarem dos camponeses as coisas que eram orgulhosos demais para proverem para si mesmos, como pão, carne e bebida. Sua opinião sobre as coisas a que tinham direito, ou quanto deveriam pagar, sempre diferia da dos camponeses, por isso invariavelmente havia problemas.

Nos dois ou três minutos seguintes, todos os trabalhadores os viram, e

pararam de falar. Gwenda notou que Harry mudara um pouco o rumo dos bois e os levava na direção da outra extremidade da aldeia, embora não pudesse atinar de imediato com o motivo.

Gwenda teve certeza de que haviam vindo à procura de trabalhadores fugidos. Descobriu-se a rezar para que fossem os ex-empregadores de Carl Shaftesbury ou de um dos outros recém-chegados. Mas, quando os aldeões chegaram mais perto dos cavaleiros, ela reconheceu Ralph Fitzgerald e Alan Fernhill. Sentiu um frio no coração.

Aquele era o momento que temera. Já sabia que havia uma chance de Ralph descobrir para onde eles haviam ido: o pai podia dar um bom palpite, e era impossível confiar que ele ficaria de boca fechada. E, embora não tivesse o direito de levá-los de volta, Ralph era um cavaleiro e um nobre, e os homens assim costumavam fazer o que bem queriam.

Era tarde demais para fugir. O grupo seguia por uma trilha entre os campos arados; se alguns se afastassem e fugissem, Ralph e Alan os veriam no mesmo instante e partiriam em perseguição e, além disso, Gwenda e sua família perderiam toda e qualquer proteção que pudessem obter da companhia dos outros aldeões. Estavam acuados em campo aberto. Ela chamou os meninos.

– Sam! David! Venham para cá!

Eles não ouviram, ou não quiseram ouvir, e saíram correndo. Gwenda correu atrás, mas eles pensaram que era uma brincadeira e se distanciaram ainda mais. Encontravam-se quase na aldeia agora e ela descobriu que estava cansada demais para alcançá-los. Quase em lágrimas, gritou:

– Voltem!

Wulfric assumiu a perseguição. Passou correndo por ela e alcançou David com alguma facilidade, suspendendo-o nos braços. Mas era tarde demais para alcançar Sam, que corria rindo entre as casas esparsas.

Os cavaleiros haviam parado junto da igreja. Quando Sam se aproximou, Ralph levou seu cavalo para a frente, abaixou-se da sela e pegou o menino pela camisa. Sam soltou um grito de medo. Gwenda também gritou.

Ralph sentou o menino no cavalo, à sua frente. Wulfric, carregando David, parou diante de Ralph.

– Seu filho, eu suponho – disse Ralph.

Gwenda estava consternada. Tinha medo pelo filho. Seria abaixo da dignidade de Ralph agredir uma criança, mas podia haver um acidente. E havia outro perigo.

Ao ver Ralph e Sam juntos, Wulfric podia compreender que eram pai e filho. Sam ainda era um menino, é claro, com o rosto e o corpo de uma criança, mas tinha os cabelos densos e os olhos escuros de Ralph e os ombros ossudos eram largos e quadrados.

Gwenda olhou para o marido. A expressão de Wulfric não oferecia nenhuma indicação do que era óbvio para ela, que observou os rostos dos outros aldeões. Pareciam alheios à verdade evidente... exceto por Vi Bailio, que fitava Gwenda com um olhar fixo. A velha megera podia ter percebido, mas ninguém mais o fizera... ainda. Will adiantou-se e saudou os visitantes:

– Bom dia, senhores. Sou Will, o bailio de Outhenby. Posso perguntar...

– Cale a boca, bailio. – Ralph apontou para Wulfric. – O que ele faz aqui?

Gwenda sentiu que a tensão dos outros aldeões diminuía um pouco ao compreenderem que não eram o alvo da ira do senhor.

– Milorde, ele é um trabalhador contratado pela autoridade da prioresa de Kingsbridge – respondeu Will.

– Ele é um fugitivo e tem de voltar para casa – declarou Ralph.

Will se calou, assustado. Carl Shaftesbury perguntou:

– E com que autoridade faz essa reivindicação?

Ralph o encarou atentamente, como se quisesse memorizar seu rosto.

– Tome cuidado com a língua ou vou desfigurar o outro lado de seu rosto.

Will interveio, nervoso:

– Não queremos ver sangue derramado.

– Muito sensato, bailio – comentou Ralph. – Quem é esse camponês insolente?

– Não importa quem eu sou, cavaleiro – disse Carl, grosseiro. – Sei quem você é, Ralph Fitzgerald. Vi quando foi declarado culpado de estupro e condenado à morte no tribunal de Shiring.

– Mas não estou morto, não é?

– Deveria estar. E não tem direitos feudais sobre os trabalhadores. Se tentar usar a força, aprenderá uma dura lição.

Várias pessoas deixaram escapar exclamações de espanto. Era uma maneira temerária de falar com um cavaleiro armado.

– Fique quieto, Carl – disse Wulfric. – Não quero que seja morto por minha causa.

– Não é por sua causa – respondeu Carl. – Se permitirmos que esse celerado o leve, alguém virá à minha procura. Temos de ficar unidos. Não estamos desamparados.

Carl era grande, mais alto que Wulfric, e quase tão largo. Gwenda compreendeu que ele falava sério. Ficou apavorada. Se começassem a lutar, haveria uma terrível violência... e seu Sam continuava sentado no cavalo com Ralph.

– Iremos com Ralph – disse ela, frenética. – Será melhor.

– Não será, não – protestou Carl. – Vou impedi-lo de levar vocês, quer queira ou não. Farei isso por mim.

Houve murmúrios de concordância. Gwenda olhou ao redor. A maioria dos homens carregava pás ou enxadas e muitos pareciam dispostos a usá-las, embora também estivessem apavorados. Wulfric virou as costas a Ralph e disse, em voz baixa e urgente:

– Vocês, mulheres, levem as crianças para a igreja... depressa!

Várias mulheres pegaram as crianças pequenas no colo e seguraram as mais velhas pelo braço. Gwenda permaneceu onde estava, assim como algumas das mulheres mais jovens. Os aldeões se agruparam num impulso instintivo, ombro a ombro.

Ralph e Alan pareciam desconcertados. Não esperavam enfrentar uma multidão de cinquenta ou mais camponeses beligerantes. Mas, como estavam a cavalo, poderiam escapar a qualquer momento que quisessem.

– Talvez eu leve apenas este garoto para Wigleigh – sugeriu Ralph. Gwenda soltou um grito de horror. Ralph acrescentou: – Assim, se os pais o quiserem de volta, poderão retornar ao lugar a que pertencem.

Gwenda estava fora de si. Ralph segurava Sam e poderia se afastar a qualquer momento. Ela se esforçou para reprimir um grito histérico. Se Ralph virasse o cavalo, decidiu Gwenda, trataria de se jogar em cima dele, para tentar derrubá-lo da sela. Ela deu um passo à frente.

E foi nesse instante que ela viu os bois aparecerem por trás de Ralph e Alan. Harry Ploughman os conduzia através da aldeia, vindo do outro lado. Os oito animais maciços pararam diante da igreja, olhando ao redor, aturdidos, sem saberem para onde seguir. Harry parou por trás. Ralph e Alan se encontravam numa armadilha triangular, acuados entre os aldeões, os bois e a igreja de pedra.

Harry planejara aquela manobra para impedir que Ralph levasse Wulfric e ela, percebeu Gwenda. Mas a tática também servia para aquela situação.

– Ponha a criança no chão e vá embora em paz, sir Ralph – disse Carl.

O problema era o fato de que agora se tornara difícil para Ralph recuar sem perder a autoridade, refletiu Gwenda. Ele teria de fazer alguma coisa para não parecer um tolo, o que era o supremo horror para os orgulhosos cavaleiros. Viviam falando sobre honra, mas isso nada significava... eram absolutamente desonrados quando lhes convinha. O que prezavam de fato era sua dignidade. Preferiam morrer a serem humilhados.

A cena se manteve estática por um bom tempo: o cavaleiro e o menino no cavalo, os aldeões amotinados e os bois atordoados. Depois Ralph baixou Sam para o chão. Lágrimas de alívio afloraram aos olhos de Gwenda. Sam correu para ela, passou os braços em torno de sua cintura e começou a chorar.

Os aldeões relaxaram, os homens baixando as pás e enxadas. Ralph puxou as rédeas do cavalo e gritou:

– Eia! Eia!

O cavalo empinou. Em seguida, Ralph lhe cravou as esporas e galopou direto para a multidão, que se dispersou. Alan seguiu em seu encalço. Os aldeões, desesperados, se jogaram para os lados, acabando em pilhas emaranhadas no solo lamacento. Foram pisoteados uns pelos outros, mas não pelos cavalos, milagrosamente.

Ralph e Alan riam às gargalhadas ao deixarem a aldeia, como se tudo não tivesse passado de uma enorme brincadeira.

Mas, na verdade, Ralph fora envergonhado.

E isso, Gwenda tinha certeza, significava que ele voltaria.

68

Earlcastle não mudara. Doze anos antes, recordou Merthin, ele fora convidado a demolir a antiga fortaleza e erguer um palácio novo e moderno para um conde num país pacífico. Mas recusara, preferindo projetar e construir a nova ponte em Kingsbridge. Desde então, ao que parecia, o projeto fora abandonado, pois ali estavam a mesma muralha octogonal, com duas pontes levadiças, e a torre antiquada em que a família vivia, na parte superior, como coelhos assustados no fundo de uma toca, sem saber que a raposa não oferecia mais nenhum perigo. O lugar devia ser quase igual ao que era no tempo de lady Aliena e Jack Builder.

Merthin acompanhava Caris, convocada até ali pela condessa, lady Philippa. O conde William caíra doente e Philippa achava que o marido contraíra a peste. Caris ficara consternada. Julgara que a peste se fora. Ninguém mais morria disso em Kingsbridge há seis semanas.

Caris e Merthin haviam partido imediatamente. Mas o mensageiro levara dois dias para viajar de Earlscastle a Kingsbridge e eles gastaram o mesmo tempo para chegar ali. Portanto, a probabilidade era a de que o conde agora estivesse morto, ou quase.

– Tudo o que poderei fazer é lhe dar alguma essência de papoula para atenuar a agonia final – comentara Caris durante a viagem.

– Você faz mais do que isso – assegurara Merthin. – Sua presença conforta as pessoas. É calma e sabe das coisas. Fala de um jeito que todos entendem, sobre inchação, confusão e dor, não tenta impressionar com jargão sobre humores, o que só contribui para que as pessoas se sintam ainda mais ignorantes, desamparadas e assustadas. Quando você está presente, elas sentem que tudo o que é possível está sendo feito, e é isso que querem.

– Espero que você tenha razão.

Mesmo que não tivesse razão, Merthin subestimava a situação. Mais de uma vez testemunhara uma mulher ou um homem histérico mudar, depois de uns poucos momentos tranquilizadores com Caris, passando a ser uma pessoa sensata, capaz de aceitar qualquer coisa que tivesse de lhe acontecer.

O talento inato de Caris aumentara, desde o advento da peste, e ela contava com uma reputação quase sobrenatural. Todos por quilômetros ao redor sabiam o que Caris e suas freiras haviam feito ao cuidar dos doentes, apesar dos riscos para si mesmas, até depois da fuga dos monges. Muitos pensavam que ela era uma santa.

O clima no castelo era de desolação. Os que tinham tarefas rotineiras não deixavam de cumpri-las: buscar lenha e água, alimentar os cavalos e cuidar das armas, fazer pão e preparar a carne. Muitos outros – secretários, homens de armas, mensageiros – sentavam sem fazer nada, à espera de notícias do quarto do doente.

As gralhas grasnaram uma recepção sarcástica quando Merthin e Caris atravessaram a ponte interna para a torre. O pai de Merthin, sir Gerald, sempre alegara ser um descendente direto do filho de Jack e Aliena, o conde Thomas. Enquanto contava os passos para o grande salão, pondo os pés com todo o cuidado nas depressões lisas, gastas por milhares de botas, Merthin não pôde deixar de pensar que seus ancestrais deviam ter pisado também aquelas velhas pedras. Para ele, essas noções eram fascinantes, mas triviais. Em contraste, seu irmão, Ralph, era obcecado pela restauração da antiga glória da família.

Caris seguia à sua frente. O modo como ela requebrava os quadris enquanto subia a escada fez seus lábios esboçarem um sorriso. Sentia-se frustrado por não poder dormir com ela todas as noites, mas isso fazia com que as raras ocasiões em que podiam ficar a sós se tornassem ainda mais emocionantes. No dia anterior, haviam passado uma amena tarde de primavera fazendo amor numa clareira na floresta, ao sol, enquanto os cavalos pastavam próximos, indiferentes à paixão dos dois.

Era um relacionamento estranho, mas também ela era uma mulher extraordinária: uma prioresa que duvidava de muito do que a Igreja ensinava; uma curandeira aclamada que rejeitava o tipo de medicina praticada pelos médicos; e uma freira que fazia um amor ardente com seu homem sempre que

podia. Se eu quisesse um relacionamento normal, dizia Merthin a si mesmo, deveria ter escolhido uma mulher normal.

Havia muitas pessoas no saguão. Algumas trabalhavam, espalhando palha limpa, acendendo o fogo, preparando a mesa para o jantar, enquanto outras apenas esperavam. Na extremidade do comprido saguão, sentada perto da escada que subia para os aposentos pessoais do conde, Merthin avistou uma garota bem-vestida, com cerca de 15 anos. Ela se levantou e se adiantou num passo altivo. Merthin compreendeu que devia ser a filha de lady Philippa. Como a mãe, ela era alta, com um corpo de ampulheta.

– Sou lady Odila – disse ela, no tom altivo típico de Philippa. Apesar do controle, a pele em torno dos olhos jovens estava vermelha e vincada pelo choro. – Deve ser madre Caris. Obrigada por ter vindo cuidar de meu pai.

Merthin disse:

– Sou o regedor de Kingsbridge, Merthin Bridger. Como está o conde William?

– Muito doente. Meus dois irmãos também estão de cama.

Merthin recordou que o conde e a condessa tinham dois filhos homens, com idade em torno dos 19 e 20 anos, enquanto a garota acrescentava:

– Minha mãe pede que a prioresa cuide deles imediatamente.

– Claro – respondeu Caris.

Odila subiu a escada. Caris tirou da bolsa uma máscara de linho, prendeu sobre o nariz e a boca e foi atrás da jovem.

Merthin sentou num banco para esperar. Embora aceitasse o sexo pouco frequente, isso não o impedia de procurar oportunidades extras. Inspecionou o prédio, olhos atentos, calculando quais seriam as disposições para a noite. Infelizmente, a casa era tradicional. O vasto saguão era o lugar em que quase todos comiam e dormiam. A escada devia levar ao solar, onde haveria um quarto para o conde e a condessa. Os castelos modernos tinham todo um conjunto de aposentos para a família e os hóspedes, mas ali parecia não haver esse luxo. Merthin e Caris poderiam deitar lado a lado naquela noite, no chão do salão, mas não poderiam fazer mais do que dormir, não sem provocar um escândalo.

Passado um tempo, lady Philippa saiu do solar e desceu a escada. Entrou no salão como uma rainha, consciente de que todos a observavam, como Merthin

sempre pensara. A dignidade da postura só realçava os atraentes contornos dos quadris e o busto orgulhoso. Naquele dia, porém, o rosto normalmente sereno estava inchado, e os olhos, vermelhos. Os cabelos empilhados no alto da cabeça, no estilo em voga, se encontravam um pouco tortos, algumas mechas escapando da touca, o que aumentava ainda mais a impressão de distração glamorosa.

Merthin se levantou e a fitou, em expectativa. Ela disse:

– Meu marido tem a peste, como eu receava, e meus dois filhos também.

As pessoas ao redor murmuraram, desalentadas.

Podia ser apenas o final da epidemia, é claro, mas também podia ser o início de uma nova irrupção... que Deus nos livre, pensou Merthin.

– Como o conde se sente? – perguntou ele.

Philippa sentou no banco, ao seu lado.

– Madre Caris atenuou sua dor, mas diz que ele está próximo do fim.

Os joelhos dos dois quase se encostavam. Merthin podia sentir o magnetismo de sua sensualidade, embora ela estivesse dominada pela dor e ele, cheio de amor por Caris.

– E seus filhos?

Philippa baixou os olhos para o colo, como se estudasse o padrão dos fios de ouro e prata no vestido azul.

– Nas mesmas condições do pai.

– Sei que é muito difícil, milady, muito difícil.

Philippa lhe lançou um olhar cauteloso.

– Você não é como seu irmão, não é?

Merthin sabia que Ralph fora apaixonado por Philippa, à sua maneira obsessiva, por muitos anos. Será que ela compreendia isso? Merthin não sabia. Mas Ralph escolhera bem, pensou ele. Se você quer ter um amor sem esperança, pode muito bem escolher uma mulher excepcional.

– Ralph e eu somos muito diferentes – respondeu ele, em tom neutro.

– Lembro-me de vocês quando jovens. Era você quem tinha mais atrevimento... chegou a me dizer uma ocasião para comprar uma seda verde que combinaria com meus olhos. E depois seu irmão começou uma briga.

– Às vezes penso que o mais jovem de dois irmãos tenta deliberadamente ser o oposto do mais velho, apenas para ser diferente.

– Isso acontece com certeza com meus dois filhos. Rollo é determinado e assertivo, como o pai e o avô, enquanto Rick sempre teve uma natureza doce e cortês. – Ela começou a chorar. – Oh, Deus, acho que vou perder todos!

Merthin pegou a mão da condessa.

– Não pode ter certeza do que vai acontecer – disse ele, gentilmente. – Peguei a peste em Florença e sobrevivi. Minha filha nunca ficou doente.

Ela ergueu os olhos para fitá-lo.

– E sua esposa?

Merthin baixou os olhos para as mãos entrelaçadas. A mão de Philippa era mais enrugada do que a sua, embora a diferença de idade fosse de apenas quatro anos.

– Silvia morreu.

– Peço a Deus para pegar a peste também. Se todos os meus homens morrerem, também quero partir.

– Não pode desejar isso.

– O destino das mulheres da nobreza é casar com homens que não amam, mas tive sorte com William. Ele foi escolhido para mim, mas eu o amei desde o início. – A voz começou a tremer: – Não poderia ter outro homem...

– Está se sentindo assim agora, é natural.

Era estranho ela falar daquela maneira enquanto o marido ainda estava vivo, pensou Merthin. Mas ela estava tão desesperada de dor que não se preocupava com as sutilezas e dizia apenas o que havia em sua mente. Mas Philippa logo recuperou o controle.

– E você? – perguntou ela. – Casou-se de novo?

– Não. – Merthin não podia explicar que tinha um relacionamento amoroso com a prioresa de Kingsbridge. – Mas acho que poderia, se a mulher certa estivesse... disposta. Talvez mais tarde milady venha também se sentir assim.

– Você não compreende. Como viúva de um conde sem herdeiros, teria de me casar com alguém que o rei Eduardo escolhesse para mim. E o rei não daria a menor importância aos meus desejos. Seu interesse seria apenas em quem deve ser o próximo conde de Shiring.

– Entendo.

Merthin não pensara nisso. Podia imaginar que um casamento arranjado

talvez fosse detestável para uma viúva que fora sinceramente apaixonada pelo primeiro marido.

– É terrível de minha parte falar de outro marido enquanto o primeiro ainda está vivo. Não sei o que deu em mim.

Merthin afagou a mão dela, compadecido.

– É compreensível.

A porta no alto da escada se abriu e Caris saiu, enxugando as mãos num pano. Merthin sentiu um súbito constrangimento por estar segurando a mão de Philippa. Teve vontade de afastá-la, mas compreendeu que isso o faria parecer culpado, então resistiu ao impulso. Sorriu para Caris e indagou:

– Como estão seus pacientes?

O olhar de Caris se fixou nas mãos dadas, mas ela não disse nada. Desceu a escada desatando a máscara de linho.

Philippa retirou a mão sem pressa. Caris tirou a máscara.

– Lamento ter de lhe dizer, milady, mas o conde William faleceu.



– Preciso de um novo cavalo – disse Ralph Fitzgerald.

Sua montaria antiga, Griff, estava envelhecendo. Seu fogoso palafrém baio sofrera uma torção na perna traseira esquerda que levara meses para curar e agora estava manco de novo da mesma perna. Ralph estava triste. Griff era o cavalo que o conde Roland lhe dera quando era um jovem escudeiro e o acompanhava desde então, até mesmo durante as guerras francesas. Poderia ainda servi-lo por mais alguns anos, para passeios sem pressa de aldeia em aldeia, dentro de seus domínios. Mas seus dias de caçada haviam terminado.

– Podemos ir ao mercado de Shiring amanhã para comprar outro – propôs Alan Fernhill.

Os dois estavam no estábulo, examinando o boleto de Griff. Ralph gostava de estábulos. Apreciava o cheiro de terra, a força e a beleza dos cavalos e a companhia de homens de mãos calejadas empenhados em tarefas físicas. Aquilo o levava de volta à juventude, quando o mundo parecia um lugar mais simples.

A princípio ele não respondeu à sugestão de Alan. O que Alan não sabia era

que Ralph não tinha dinheiro para comprar um cavalo.

A peste de início o enriquecera por causa do *heriot*: a terra que normalmente passava de pai para filho em uma geração trocara de mãos duas vezes ou mais em poucos meses. A cada vez, ele recebia um pagamento, tradicionalmente o melhor animal, mas com frequência uma quantia fixa em dinheiro. Mas depois a terra começara a ficar em desuso, por falta de pessoas para cultivá-la. Ao mesmo tempo, os preços agrícolas haviam despencado. O resultado era que a renda de Ralph, em dinheiro e produtos, caíra de forma drástica.

A situação era lamentável, pensou ele, quando um cavaleiro não tinha condições de comprar um cavalo. Depois se lembrou de que Nate Reeve deveria aparecer em Tench Hall naquele dia trazendo o tributo trimestral de Wigleigh. Toda primavera, aquela aldeia era obrigada a fornecer ao senhor 24 ovelhas de um ano. Poderiam ser levadas para o mercado de Shiring e vendidas. O dinheiro resultante seria suficiente para comprar um palafrém, se não um cavalo de caça.

– Vamos ver se o bailio de Wigleigh já chegou – disse Ralph a Alan. Entraram no salão. Aquela era uma zona feminina e Ralph logo sentiu desânimo. Tilly sentava ao lado do fogo, amamentando o filho de três meses, Gerry. Mãe e filho gozavam de boa saúde, apesar da juventude de Tilly. O corpo esguio de menina mudara por completo: ela agora tinha os seios intumescidos, com mamilos grandes e ásperos em que o bebê mamava com voracidade. A barriga ficara murcha como a de uma velha. Ralph não deitava com ela há muitos meses e provavelmente nunca mais o faria.

Ali perto estava o avô, em cuja homenagem o bebê fora batizado, sir Gerald, em companhia de lady Maud. Os pais de Ralph eram agora velhos e frágeis, mas todas as manhãs caminhavam de sua casa na aldeia até o solar para ver o neto. Maud dizia que o bebê parecia com Ralph, mas ele não percebia a menor semelhança.

Ralph ficou satisfeito ao constatar que Nate também se encontrava no salão. O bailio corcunda se levantou do banco de um pulo.

– Bom dia, sir Ralph.

Ele exibia uma expressão de derrotado, observou Ralph.

– Qual é o problema, Nate? Trouxe minhas ovelhas?

– Não, meu senhor.

– Por que diabos não?

– Não temos nenhuma, senhor. Não restam mais ovelhas em Wigleigh, exceto por umas poucas mais velhas.

Ralph ficou chocado.

– Alguém as roubou?

– Não. Mas algumas já lhe foram dadas em pagamento do *heriot* quando os donos morreram. Depois, não conseguimos arrumar ninguém para ficar com as terras de Jack Shepherd e muitas ovelhas morreram durante o inverno. Como não havia ninguém para cuidar das crias na primavera, perdemos a maioria, bem como algumas mães.

– Mas isso é inadmissível! – berrou Ralph, furioso. – Como os nobres podem viver se seus servos deixam os animais morrerem?

– Pensamos que a peste havia acabado quando os casos diminuíram em janeiro e fevereiro, mas agora ela parece estar voltando.

Ralph reprimiu um arrepio de terror. Como todo mundo, vinha agradecendo a Deus por ter escapado da peste. Ela não podia voltar, não é?

– Perkin morreu esta semana – continuou Nate. – A esposa Peg, o filho Rob e o genro Billy Howard também morreram. Restou Annet, com todos aqueles acres para cuidar, o que ela não tem condições de fazer.

– Nesse caso, deve haver um *heriot* sobre a propriedade.

– Haverá assim que eu encontrar alguém para assumir a terra.

O Parlamento estava em vias de aprovar uma nova legislação para impedir que os trabalhadores rurais vagassem pelo país à procura de melhores salários. Assim que isso se tornasse lei, Ralph imporia seu cumprimento e traria seus trabalhadores de volta. Apesar disso, como ele compreendeu, teria muita dificuldade para encontrar arrendatários.

– Imagino que já tenha ouvido falar da morte do conde – comentou Nate.

– Não é possível!

Ralph ficou chocado de novo.

– O que aconteceu? – interveio sir Gerald. – O conde William morreu?

– Da peste – explicou Nate.

– Pobre tio William – murmurou Tilly.

O bebê sentiu o ânimo da mãe e choramingou. Ralph indagou, acima do

barulho:

– Quando isso aconteceu?

– Há apenas três dias – respondeu Nate.

Tilly tornou a dar o mamilo ao filho, que se calou no mesmo instante.

– Portanto, o filho mais velho de William é o novo conde – disse Ralph, pensativo. – Ele não deve ter mais do que 20 anos.

Nate balançou a cabeça.

– Rollo também morreu da peste.

– Então o filho mais novo...

– Também morreu.

– Os dois filhos!

O coração de Ralph disparou. Sempre acalentara o sonho de se tornar o conde de Shiring. Agora a peste lhe oferecia a oportunidade. E a peste também melhorara as suas possibilidades ao eliminar os candidatos ao título.

Ele percebeu o olhar do pai. O mesmo pensamento ocorrera a sir Gerald.

– Rollo e Rick mortos; é horrível! – balbuciou Tilly, começando a chorar.

Ralph a ignorou. Tentou pensar nas possibilidades.

– Quantos parentes sobreviventes existem?

– A condessa também morreu? – perguntou Gerald a Nate.

– Não, senhor. Lady Philippa ainda vive. Assim como a filha, Odila.

– Ah! Portanto, aquele que o rei escolher terá de se casar com Philippa para se tornar o conde – ressaltou Gerald.

Ralph ficou atordoado. Desde rapaz sonhava em se casar com lady Philippa. Agora havia uma oportunidade de realizar suas duas ambições ao mesmo tempo.

Mas ele já era casado.

– Isso é tudo – disse Gerald e voltou a se sentar, sua excitação desaparecendo tão depressa quanto surgira.

Ralph olhou para Tilly, amamentando o filho e chorando ao mesmo tempo. Aos 15 anos e apenas um 1,50 metro de altura, ela se erguia como a muralha de um castelo entre Ralph e o futuro pelo qual ele sempre ansiara.

Ele a odiava.

O funeral do conde William foi realizado na catedral de Kingsbridge. Não havia monges, à exceção do irmão Thomas, mas o bispo Henri conduziu o serviço e as freiras cantaram os hinos. Lady Philippa e lady Odila, ambas veladas, seguiram o caixão. Apesar da dramática presença das duas, vestidas de preto, Ralph achou que a ocasião carecia do sentimento momentoso que costumava acompanhar o funeral de um grande homem, a noção do tempo histórico passando como a correnteza de um grande rio. A morte estava por toda parte, todos os dias, e até mesmo a morte de nobres era agora corriqueira.

Ele especulou se alguém na congregação estaria infectado e naquele momento mesmo espalhava a doença através da respiração ou pelos raios invisíveis dos olhos. O pensamento deixou Ralph trêmulo. Enfrentara a morte muitas vezes e aprendera a controlar o medo na batalha, mas contra aquele inimigo não havia como lutar. A peste era uma assassina que cravava o punhal comprido nas pessoas pelas costas, para depois escapulir antes de ser percebida. Ralph estremeceu e tentou não pensar a respeito.

Ao lado de Ralph estava sir Gregory Longfellow, um advogado alto que se envolvera em processos judiciais relacionados a Kingsbridge. Gregory era agora membro do conselho do rei, um grupo de elite de especialistas técnicos que orientava o monarca... não sobre o que ele deveria fazer, pois para isso havia o Parlamento, mas sobre como poderia fazer.

Os comunicados reais eram feitos com frequência nas missas, em particular em cerimônias importantes como aquela. O bispo Henri hoje aproveitaria a oportunidade para explicar o novo Regulamento dos Trabalhadores. Ralph calculou que sir Gregory trouxera a notícia e ficara para observar como seria recebida.

Ralph ouvia com atenção. Nunca fora convocado para o Parlamento, mas conversara sobre a crise do trabalho com o conde William, que tinha assento na Câmara dos Lordes, e com sir Peter Jeffries, que representava Shiring na Câmara dos Comuns, por isso sabia o que fora discutido.

– Cada homem deve trabalhar para o senhor da aldeia em que vive e não pode se mudar para outra aldeia ou trabalhar para outro amo, a menos que seja liberado pelo senhor – disse o bispo.

Ralph se regozijou. Sabia que a decisão já fora tomada, mas ficou exultante

porque finalmente ela se tornava oficial.

Nunca houvera escassez de trabalhadores antes da peste. Ao contrário, muitas aldeias tinham mais do que precisavam. Quando homens sem terra não conseguiam arrumar trabalho remunerado, às vezes se entregavam à caridade do senhor, o que era sempre um constrangimento para ele, quer os ajudasse ou não. Por isso, se queriam se mudar para outra aldeia, o senhor ficava aliviado: é claro que não havia necessidade de legislação para mantê-los onde estavam. Agora, os trabalhadores tinham o controle... uma situação que obviamente não se podia permitir que continuasse.

Houve um murmúrio de aprovação da congregação ao comunicado do bispo. A população de Kingsbridge não era muito afetada, a não ser as pessoas ali que vinham dos campos ao redor. A predominância na congregação era de empregadores em vez de empregados. As novas regras haviam sido idealizadas por eles e para eles. O bispo acrescentou:

– É agora crime exigir, oferecer ou aceitar salários mais altos do que aqueles que se pagavam para trabalho similar em 1347.

Ralph acenou com a cabeça em aprovação. Até mesmo os trabalhadores que permaneciam na mesma aldeia vinham exigindo mais dinheiro. Isso poria um ponto final naquela situação, esperava ele. Sir Gregory o encarou e disse:

– Vejo que acena com a cabeça. Aprova a decisão?

– É o que queríamos. Começarei a impor a determinação nos próximos dias. Há dois fugitivos de meu território que quero muito trazer de volta.

– Irei com você, se não se incomoda. Gostaria de observar o que pode acontecer.

69

O padre de Outhenby havia morrido da peste e não havia serviços na igreja desde então. Por isso Gwenda ficou surpresa quando o sino começou a tocar na manhã de domingo.

Wulfric foi verificar e voltou para informar sobre a chegada de um sacerdote visitante, o padre Derek. Gwenda lavou os rostos dos meninos e todos foram para a igreja.

Era uma bela manhã de primavera. O sol banhava as velhas pedras cinzentas da pequena igreja. Todos os aldeões compareceram, curiosos para ver o padre recém-chegado.

O padre Derek era um clérigo da cidade, bem-falante e muito bem-vestido para uma igreja de aldeia. Gwenda especulou se sua visita tinha algum significado especial. Haveria alguma razão para a hierarquia da Igreja se lembrar de repente da existência daquela paróquia? Ela disse a si mesma que era um péssimo hábito sempre imaginar o pior, mas ainda assim sentiu que havia alguma coisa errada.

Gwenda ficou de pé na nave, com Wulfric e os meninos, observando o padre executar o ritual. O senso de tragédia, porém, foi se tornando mais e mais forte. De modo geral, um padre olhava para a congregação enquanto rezava ou cantava, a fim de enfatizar que tudo aquilo era para seu benefício, não uma comunicação pessoal entre ele próprio e Deus, mas o olhar do padre Derek se projetava por cima de suas cabeças.

Ela logo descobriu por quê. Ao final do serviço, ele anunciou uma nova lei, aprovada pelo rei e o Parlamento.

– Os trabalhadores sem terra devem trabalhar para o senhor de sua aldeia de origem, se assim for exigido.

Gwenda ficou indignada.

– Como isso é possível? – gritou. – O senhor não está obrigado a ajudar o trabalhador em momentos difíceis... sei disso. Meu pai era um trabalhador sem terra e passávamos fome quando não havia trabalho. Então como um trabalhador pode dever lealdade a um senhor que não lhe dá nada?

Houve murmúrios de concordância e o padre teve de elevar a voz:

– Foi isso que o rei decidiu, e o rei foi escolhido por Deus para reinar sobre todos nós. Portanto, devemos fazer tudo o que ele deseja.

– O rei pode mudar o costume de centenas de anos? – insistiu Gwenda.

– Estes são momentos difíceis. Sei que muitos de vocês vieram para Outhenby nas últimas semanas...

– A convite do arador – interrompeu Carl Shaftesbury, o rosto cheio de cicatrizes lívido de raiva.

– Convidados por todos os aldeões – reconheceu o padre. – E eles foram gratos a vocês por terem vindo. Mas o rei, em sua sabedoria, decidiu que isso não pode continuar.

– E os pobres devem permanecer pobres – resmungou Carl.

– Deus assim ordenou. Cada homem em seu lugar.

Harry Ploughman se manifestou:

– E Deus ordenou como vamos cuidar de nossos campos sem ajuda? Se todos os recém-chegados forem embora, nunca conseguiremos realizar todo o trabalho.

– Talvez nem todos tenham de ir embora – ressaltou Derek. – A nova lei diz apenas que eles devem voltar se assim for exigido.

Isso aquietou a congregação. Os imigrantes tentavam calcular se o antigo senhor conseguiria encontrá-los, enquanto os locais especulavam quantos trabalhadores restariam em Outhenby. Mas Gwenda sabia o que o futuro lhe reservava. Mais cedo ou mais tarde, Ralph viria buscá-la e à sua família.

A essa altura, no entanto, decidiu ela, já teriam ido embora.

O padre se retirou e a congregação se encaminhou para a porta.

– Temos de sair daqui – disse Gwenda a Wulfric em voz baixa. – Antes que Ralph volte para nos buscar.

– Para onde iremos?

– Não sei... mas talvez seja melhor assim. Se nós mesmos não soubermos para onde estamos indo, ninguém mais saberá.

– Mas como poderemos sobreviver?

– Encontraremos outra aldeia onde precisem de trabalhadores.

– Será que há muitas outras na mesma situação?

Ele sempre tinha o pensamento mais lento do que Gwenda.

– Deve haver inúmeras – garantiu ela, paciente. – O rei não decretou isso apenas para Outhenby.

– Tem razão.

– Devemos partir hoje – declarou Gwenda, decidida. – É domingo, assim não vamos perder qualquer dia de trabalho.

Ela olhou para as janelas da igreja, calculando a hora do dia.

– Ainda não é meio-dia... podemos cobrir uma boa distância antes de escurecer. Quem sabe não estaremos trabalhando em uma nova aldeia amanhã de manhã?

– Concordo – disse Wulfric. – Não há como prever com que rapidez Ralph poderá entrar em ação.

– Não diga nada a ninguém. Vamos para casa agora, pegamos o que quisermos levar e partimos em seguida.

– Está bem.

Chegaram à porta da igreja e saíram para o sol... e Gwenda descobriu que já era tarde demais.

Seis homens a cavalo esperavam diante da igreja: Ralph, seu comparsa Alan, um homem alto com roupas de Londres e três homens sujos, cheios de cicatrizes, do tipo que podia ser contratado por uns poucos *pence* em qualquer taverna de quinta categoria.

Ralph olhou para Gwenda e deu um sorriso triunfante.

Gwenda olhou ao redor, desesperada. Poucos dias antes, os homens da aldeia haviam se unido contra Ralph e Alan... Mas aquilo era diferente. Enfrentariam seis homens, não dois. Os aldeões estavam desarmados ao saírem da igreja, enquanto antes voltavam dos campos com instrumentos nas mãos. E, ainda mais importante, naquela ocasião acreditavam que tinham o direito do seu lado, enquanto hoje já não havia tanta certeza.

Vários homens fitaram Gwenda e se apressaram em desviar os olhos. Isso confirmou o que ela já suspeitava. Os aldeões não lutariam hoje.

Gwenda ficou tão desapontada que se sentiu fraca. Com medo de cair, se encostou na coluna de pedra do pórtico da igreja. O coração se transformou numa massa pesada, fria e úmida, como um torrão de terra de uma sepultura escavada no inverno. Uma sombria desesperança a dominou por completo.

Haviam sido livres por uns poucos dias. Mas fora apenas um sonho. E agora o sonho acabara.



Ralph atravessou Wigleigh a cavalo lentamente, puxando Wulfric por uma corda no pescoço.

Chegaram no final da tarde. Para não perder tempo, Ralph deixara que os dois meninos pequenos viessem a cavalo, partilhando os animais de dois dos homens contratados. Gwenda vinha atrás, andando. Ralph não se dera o trabalho de amarrá-la. Tinha certeza de que ela acompanharia os filhos.

Porque era domingo, a maioria dos habitantes de Wigleigh se encontrava fora de casa, desfrutando o sol, como Ralph previra. Todos ficaram olhando num silêncio horrorizado para a sinistra procissão. Ralph esperava que a humilhação de Wulfric pudesse dissuadir outros de ir embora à procura de salários mais altos.

Chegaram ao pequeno solar que fora a residência de Ralph antes de sua mudança para Tench Hall. Ele soltou Wulfric e mandou que fosse com a família para sua antiga casa. Pagou os homens contratados e seguiu com Alan e sir Gregory para o solar.

O solar era mantido limpo e preparado para suas visitas. Ele mandou que Vira trouxesse vinho e fizesse o jantar. Era tarde demais agora para continuar até Tench: não conseguiriam chegar lá antes do anoitecer.

Gregory sentou e esticou as pernas compridas. Parecia um homem capaz de ficar à vontade em qualquer lugar. Os cabelos lisos escuros estavam agora grisalhos, mas o nariz comprido, com as narinas dilatadas, ainda lhe proporcionava uma aparência arrogante.

– O que acha que vai acontecer daqui por diante? – perguntou.

Ralph estivera pensando sobre o novo decreto durante toda a viagem e não hesitou ao responder:

– Não dará certo.

Gregory ergueu as sobrancelhas.

– É a sua opinião?

– Concordo com sir Ralph – declarou Alan.

– Razões?

– Em primeiro lugar, é muito difícil descobrir para onde os fugitivos foram – disse Ralph.

– Foi só por sorte que encontramos Wulfric – acrescentou Alan. – Alguém ouviu quando ele e Gwenda planejavam para onde ir.

– Em segundo lugar, recuperá-los cria muitos problemas.

Gregory assentiu com a cabeça.

– Imagino que isso lhes tomou o dia inteiro.

– E ainda tive de contratar esses rufiões e lhes providenciar cavalos. Não posso gastar meu tempo e dinheiro perseguindo esses trabalhadores fugitivos por todo o país.

– Eu entendo.

– Em terceiro lugar, o que os impede de fugir de novo na semana seguinte?

– Se ficarem de boca fechada sobre o lugar para onde vão, talvez nunca os encontremos – acrescentou Alan.

– A medida só daria certo se alguém pudesse ir a uma aldeia, descobrisse quem são os migrantes e os punisse – declarou Ralph.

– Ou seja, está falando sobre uma espécie de Comissão de Trabalhadores – disse Gregory.

– Exatamente. Escolhe-se um grupo de uma dúzia de homens em cada condado para ir de aldeia em aldeia e descobrir os fugitivos.

– Está querendo que outros façam o seu trabalho.

Era uma ironia, mas Ralph teve o cuidado de não se mostrar irritado:

– Não necessariamente... e serei um dos comissários, se desejar. Acontece apenas que é a maneira certa de fazer o trabalho. Não se pode ceifar um capinzal cortando uma haste de cada vez.

– Interessante... – comentou Gregory.

Vira trouxe um jarro e copos. Serviu vinho para os três homens.

– É um homem perceptivo, sir Ralph – comentou Gregory. – Não é um membro do Parlamento?

– Não, não sou.

– Uma pena. Creio que o rei acharia suas opiniões bastante úteis.

Ralph fez esforço para não se mostrar radiante de prazer.

– É muito gentil. – Inclinou-se para a frente. – Agora que o conde William morreu, há uma vaga...

Ele viu a porta se abrir e parou de falar. Nate Reeve entrou.

– Bom trabalho, sir Ralph, se me permite dizer! Wulfric e Gwenda, os dois melhores trabalhadores que temos, voltaram ao rebanho.

Ralph ficou irritado com Nate por interrompê-lo num momento tão crucial.

– Espero que a aldeia possa pagar agora o que é devido – comentou, irritado.

– Claro, senhor... se eles ficarem.

Ralph franziu o rosto. Nate apontara a fraqueza da situação. Como ele poderia manter Wulfric em Wigleigh? Não podia acorrentar um homem ao arado durante todo o dia e toda a noite.

– Tem alguma sugestão a fazer ao seu senhor, bailio? – perguntou Gregory.

– Tenho, sim, senhor.

– Foi o que pensei.

Nate considerou o comentário como um convite. Virou-se para Ralph e disse:

– Há uma coisa que pode fazer para garantir que Wulfric permaneça em Wigleigh até o dia de sua morte.

Ralph pressentiu uma armadilha, mas não podia deixar de dizer:

– Continue.

– Devolva as terras que antes eram do pai dele.

Ralph teve vontade de gritar, mas não queria causar má impressão em Gregory. Controlou sua raiva e disse, com firmeza:

– Não acho uma boa ideia.

– Não consigo arrumar ninguém para ficar com a terra – insistiu Nate. – Annet não pode cuidar e não tem mais parentes vivos do sexo masculino.

– Não me importo. Ele não pode ficar com a terra.

– Por que não? – indagou Gregory.

Ralph não queria admitir que ainda nutria ressentimento contra Wulfric por causa de uma briga que ocorrera doze anos antes. Gregory já formara uma boa opinião a seu respeito e Ralph não queria estragá-la. O que o conselheiro do rei pensaria de um cavaleiro que agia contra seus próprios interesses por causa de uma desavença na adolescência? Ele procurou por uma desculpa plausível. Acabou por dizer:

– Pareceria uma recompensa a Wulfric por ter fugido.

– Não concordo – disse Gregory. – Pelo que Nate diz, você estaria lhe dando uma coisa que ninguém mais quer.

– Mesmo assim, transmitiria o sinal errado para os outros aldeões.

– Acho que está sendo escrupuloso demais. – Gregory não era o tipo de homem que tinha o tato de guardar as opiniões para si mesmo. – Todos devem saber que você está desesperado para obter arrendatários. É o que acontece com a maioria dos proprietários. Os aldeões compreenderão que está agindo apenas de acordo com seu próprio interesse e que Wulfric é o afortunado beneficiário.

– Wulfric e Gwenda trabalharão duas vezes mais se tiverem sua terra – acrescentou Nate.

Ralph sentiu-se acuado. Estava desesperado para causar uma boa impressão em Gregory. Iniciara mas não terminara a conversa sobre o condado. Não podia pôr isso em risco por causa de Wulfric. Tinha de ceder.

– Talvez você tenha razão. – Ralph percebeu que estava quase rangendo os dentes e se esforçou para parecer despreocupado: – Afinal, ele foi trazido de volta e humilhado. Isso pode ser suficiente.

– Tenho certeza que é.

– Está bem, Nate. – Por um momento, as palavras ficaram entaladas em sua garganta, de tanto que detestava satisfazer o sonho de Wulfric. Mas havia coisas mais importantes. – Diga a Wulfric que pode ficar com as terras que eram de seu pai.

– Farei isso antes do anoitecer – disse Nate e se retirou.

– O que você ia dizer sobre o condado? – perguntou Gregory.

Ralph escolheu as palavras com todo o cuidado:

– Depois que o conde Roland morreu na batalha de Crécy, pensei que o rei

poderia me considerar para ser o novo conde de Shiring, ainda mais porque salvei a vida do jovem príncipe de Gales.

– Mas Roland tinha um herdeiro legítimo... que também tinha dois filhos.

– Exatamente. E agora os três estão mortos.

– Hum... – Gregory pegou o copo e tomou um gole. – É um bom vinho.

– Veio da Gasconha.

– Imagino que tenha sido importado por Melcombe.

– Isso mesmo.

– Uma delícia.

Gregory bebeu mais um pouco. Parecia prestes a dizer alguma coisa, por isso Ralph permaneceu calado. Gregory levou um bom tempo para escolher as palavras.

– Em algum lugar nas proximidades de Kingsbridge há uma carta que não deveria existir.

Ralph ficou espantado. O que viria agora?

– Durante muitos anos esse documento esteve em poder de alguém em quem se podia confiar, por várias razões complicadas, que o manteria seguro – continuou Gregory. – Ultimamente, no entanto, foram feitas algumas perguntas, sugerindo que o segredo pode correr o risco de ser revelado.

Tudo aquilo era enigmático.

– Não estou entendendo – disse Ralph. – Quem andou fazendo perguntas embaraçosas?

– A prioresa de Kingsbridge.

– Ahn...

– É possível que ela tenha apenas ouvido alguma insinuação e que suas perguntas sejam inofensivas. Mas os amigos do rei receiam que a carta possa de alguma forma ter caído em suas mãos.

– O que ela diz?

Mais uma vez, Gregory escolheu as palavras com a maior prudência, como se atravessasse um rio na ponta dos pés tomando cuidado de só pisar nas pedras.

– Alguma coisa envolvendo a amada mãe do rei.

– A rainha Isabella.

A velha bruxa ainda estava viva, levando uma vida de esplendor em seu

castelo em Lynn. Comentava-se que passava os dias lendo romances em francês, sua língua nativa.

– Em suma, preciso descobrir se essa carta está ou não em poder da prioresa – acrescentou Gregory. – Mas ninguém deve saber do meu interesse.

– Ou você tem de ir ao priorado e revistar os documentos das freiras ou os documentos devem vir para suas mãos – sugeriu Ralph.

– A segunda das duas opções.

Ralph assentiu. Começava a compreender o que Gregory queria que fizesse.

– Fiz algumas perguntas discretas e descobri que ninguém sabe onde fica exatamente a tesouraria das freiras – acrescentou Gregory.

– As freiras devem saber, ou pelo menos algumas.

– Mas não vão dizer. No entanto, também ouvi dizer que você é um especialista em... persuadir as pessoas a revelarem segredos.

Portanto, Gregory sabia do trabalho que Ralph realizara na França. Não havia nada de espontâneo naquela conversa, compreendeu Ralph. Gregory devia ter planejado tudo. E era bem provável que tivesse sido esse o motivo de sua presença em Kingsbridge.

– Posso ajudar os amigos do rei a resolver esse problema...

– Ótimo.

– ...se me for prometido o condado de Shiring como recompensa.

Gregory franziu o cenho.

– O novo conde terá de casar com a velha condessa.

Ralph decidiu ocultar sua ansiedade. O instinto lhe dizia que Gregory teria menos respeito por um homem impelido pelo desejo por uma mulher, mesmo que apenas em parte.

– Lady Philippa é cinco anos mais velha do que eu, mas não tenho nenhuma objeção a ela.

Gregory assumiu uma expressão inquisitiva.

– Ela é uma linda mulher. O escolhido pelo rei, quem quer que seja, deve se considerar um homem afortunado.

Ralph compreendeu que fora longe demais e se apressou a dizer:

– Não desejo parecer indiferente. Ela é de fato muito bonita.

– Mas pensei que já era casado – disse Gregory. – Estava enganado?

Ralph olhou para Alan e percebeu que ele estava curioso para ouvir sua resposta. Então deu um longo suspiro antes de afirmar:

– Minha esposa está muito doente. Não vai viver por muito mais tempo.



Gwenda acendeu o fogo na velha casa em que Wulfric vivera desde que nascera. Pegou uma panela, encheu com água do poço e jogou algumas cebolas dentro, o primeiro passo para fazer um ensopado. Wulfric trouxe mais lenha. Os meninos saíram felizes para brincar com seus antigos amigos, alheios à profundidade da tragédia que se abatera sobre sua família.

Gwenda se ocupou das tarefas domésticas enquanto a tarde escurecia. Fazia esforço para não pensar. Tudo o que aflorava a sua mente só fazia com que se sentisse pior: o futuro, o passado, o marido, ela própria. Wulfric sentou, o olhar perdido nas chamas. Nenhum dos dois falava.

O vizinho, David Johns, apareceu com um jarro de cerveja. Sua esposa morrera da peste, mas a filha crescida, Joanna, o acompanhava. Gwenda não ficou feliz ao vê-los: queria se sentir miserável em particular. Mas eles tinham as intenções mais gentis e era impossível menosprezá-los. Sombria, Gwenda tirou o pó de alguns copos de madeira. David serviu cerveja para todos.

– Lamentamos tudo o que aconteceu, mas estamos contentes por tê-los de volta – comentou David enquanto bebiam.

Wulfric esvaziou seu copo de um só gole e o estendeu à espera de mais cerveja.

Pouco depois, Aaron Appletree e a esposa Ulla também chegaram para visitá-los. Ela trazia uma cesta com pequenos pães.

– Eu sabia que não teriam pão para comer, por isso resolvi trazer – explicou.

Ela ofereceu os pães. A casa ficou impregnada de seu aroma apetitoso. David Johns lhes serviu cerveja e eles sentaram.

– De onde vocês tiraram coragem para fugir? – indagou Ulla. – Eu morreria de medo!

Gwenda passou a relatar a história de suas aventuras. Jack e Eli Fuller vieram do moinho, trazendo um prato de peras cozidas no mel. Wulfric comeu

bastante e bebeu muito. O clima começou a desanuviar. Gwenda ficou um pouco mais animada. Mais vizinhos vieram, trazendo mais presentes. Quando Gwenda contou como os aldeões de Outhenby enfrentaram Ralph e Alan com suas pás e enxadas, todos deram gargalhadas, exultantes.

Depois vieram os acontecimentos daquele dia e Gwenda tornou a mergulhar no desespero.

– Tudo estava contra nós – disse ela, amargurada. – Não apenas Ralph e seus rufiões, mas também o rei e a Igreja. Não tínhamos a menor chance.

Os vizinhos assentiram com a cabeça, sombrios.

– E depois, quando ele pôs uma corda em torno do pescoço do meu Wulfric...

Gwenda foi dominada por um lúgubre desespero. A voz tremia, e ela não foi capaz de continuar. Tomou um gole de cerveja e tentou de novo:

– Quando ele pôs uma corda em torno do pescoço de Wulfric, o homem mais bravo e mais forte que já conheci, que todos nós já conhecemos, e o arrastou pela aldeia como um animal, aquele brutal e cruel Ralph segurando a corda... eu queria que o céu caísse sobre nossas cabeças e matasse todos nós.

Eram palavras fortes, mas os outros concordaram. Entre todas as coisas que os nobres podiam fazer com os camponeses – deixá-los passar fome, enganá-los, agredi-los, roubá-los –, a pior de todas era a humilhação. Jamais esqueceriam.

De repente, Gwenda desejou que os vizinhos fossem embora. O sol já mergulhara no horizonte e o crepúsculo avançava lá fora. Ela precisava deitar, fechar os olhos, ficar a sós com seus pensamentos. Não queria conversar nem mesmo com Wulfric. Já ia pedir a todos para irem embora quando Nate Reeve entrou.

Fez-se um súbito silêncio.

– O que você quer? – perguntou Gwenda.

– Trago boas notícias – anunciou ele, jovial.

Ela fez uma careta.

– Não pode haver boas notícias para nós hoje.

– Eu discordo. Ainda não ouviu o que tenho a dizer.

– Está bem. O que é?

– Sir Ralph disse que Wulfric pode ficar com as terras que eram de seu pai.

Wulfric se levantou de um pulo.

– Como arrendatário? Não apenas para trabalhar nelas?

– Como arrendatário, nas mesmas condições de seu pai – disse Nate, efusivo, como se ele próprio estivesse fazendo a concessão em vez de apenas transmitir uma mensagem. Wulfric ficou radiante de alegria.

– Mas isso é maravilhoso!

– Você aceita? – indagou Nate, ainda mais jovial, como se isso fosse uma mera formalidade.

– Não aceite, Wulfric! – exclamou Gwenda.

Ele a fitou aturdido. Como sempre, era lento para perceber além do imediato.

– Discuta as condições! – exortou-o Gwenda em voz baixa. – Não seja um servo como seu pai. Exija um arrendamento livre, sem obrigações feudais. Nunca mais terá melhores condições para barganhar. Negocie!

– Negociar? – Wulfric ainda hesitou por um momento, mas depois cedeu à felicidade da ocasião. – Este é o momento pelo qual venho esperando nos últimos doze anos. Não vou negociar.

Ele se virou para Nate, ergueu o copo e declarou:

– Eu aceito.

Todos aplaudiram.

70

O hospital estava outra vez lotado. A peste, que parecera recuar durante os três primeiros meses de 1349, voltou em abril com virulência redobrada. No dia seguinte ao Domingo de Páscoa, Caris olhou cansada para as fileiras de colchões dispostos como espinhas de peixe, tão juntos que as freiras mascaradas tinham de tomar o maior cuidado ao circularem. Andar ao redor, no entanto, era um pouco mais fácil, porque havia muito menos parentes para acompanhar os doentes. Sentar com um parente agonizante era perigoso – a pessoa podia contrair a peste –, por isso as famílias haviam se tornado impiedosas. Quando a epidemia começara, todos ficavam com as pessoas amadas, apesar dos riscos: mães com filhos, maridos com esposas, pessoas de meia-idade com pais idosos, o amor superando o medo. Mas isso mudara. Os mais fortes laços de família haviam sido corroídos de forma implacável pelo ácido da morte. Agora o paciente típico era trazido por mãe ou pai, marido ou esposa, que depois ia embora, ignorando os gritos patéticos que o acompanhavam. Só as freiras, de máscara no rosto e mãos lavadas com vinagre, desafiavam a doença.

Surpreendentemente, Caris não carecia de ajuda. O convento tivera um fluxo de noviças para substituir as freiras que haviam morrido. Isso acontecia em parte por causa da fama de santa de Caris. Mas o mosteiro também experimentava o mesmo tipo de recuperação e Thomas tinha agora uma turma de noviços para treinar. Todos procuravam pela ordem num mundo que enlouquecera.

Dessa vez a peste atacou alguns dos mais eminentes cidadãos que haviam escapado antes. Caris ficou consternada com a morte de John Constable. Jamais gostara muito da maneira rude com que ele fazia justiça – que era a de bater na cabeça dos arruaceiros com uma vara e fazer perguntas depois –, mas sabia que seria difícil manter a ordem sem a sua ajuda. A gorda Betty Baxter, padeira de

bolos especiais para todas as festividades da cidade, inquisidora astuta nas reuniões da guilda da paróquia, também morreu e seu negócio foi partilhado entre quatro filhas que viviam brigando. Dick Brewer fora outro que morrera, o último remanescente da geração de Edmund, um grupo de homens que sabiam como ganhar dinheiro e como aproveitá-lo.

Caris e Merthin conseguiram reduzir a disseminação da doença ao cancelarem as grandes reuniões públicas. Não houve a grande procissão da Páscoa na catedral e não seria realizada a Feira do Velocino na semana de Pentecostes. O mercado semanal passou a ser realizado fora das muralhas de Kingsbridge, no Lover's Field, e cada vez menos moradores compareciam. Caris queria aplicar essas medidas quando a peste atacara pela primeira vez, mas Godwyn e Elfric se opuseram. Segundo Merthin, algumas cidades italianas haviam fechado seus portões por períodos de 30 a 40 dias, chamados de trintena ou quarentena. Agora era tarde demais para impedir a entrada da doença, mas Caris ainda assim achava que as restrições salvariam vidas.

Um problema que ela não tinha era o de dinheiro. Mais e mais pessoas, por não terem parentes sobreviventes, legavam suas riquezas às freiras. Além disso, muitas freiras noviças traziam terras, rebanhos, pomares e ouro. O convento nunca fora tão rico.

Era um pequeno consolo. Pela primeira vez em sua vida, ela se sentia cansada, não apenas pelo trabalho árduo, mas também pelo esgotamento da energia e pela carência de força de vontade, enfraquecida pela adversidade. A peste era pior do que nunca, matando duzentas pessoas por semana, e ela não sabia como poderia continuar. Os músculos doíam, o coração palpitava, a visão parecia turva. Onde acabaria?, especulava ela, desolada. Todos morreriam?

Dois homens passaram cambaleando pela porta, ambos sangrando. Caris avançou apressada. Antes de chegar à distância de tocá-los, sentiu o cheiro desagradável de bebida. Estavam quase caindo de tão embriagados, embora ainda não fosse hora do almoço. Ela gemeu de frustração; aquilo era comum demais.

Conhecia vagamente os homens: Barney e Lou, dois jovens fortes que trabalhavam no matadouro de Edward Slaughterhouse. Barney tinha um braço pendendo inerte, possivelmente quebrado. Lou tinha horríveis ferimentos no

rosto, o nariz quebrado, um olho transformado em massa ensanguentada. Ambos pareciam bêbados demais para sentirem qualquer dor.

– Foi uma briga – balbuciou Barney, a voz engrolada, as palavras quase incompreensíveis. – Eu não tinha intenção de machucá-lo. Ele é meu melhor amigo. Eu o amo.

Caris e a irmã Nellie puseram os dois bêbados em colchões adjacentes. Nellie examinou Barney e disse que seu braço não estava quebrado, mas apenas deslocado. Mandou uma noviça chamar Matthew Barber, o cirurgião, que tentaria repô-lo no lugar. Caris lavou o rosto de Lou. Não havia nada que ela pudesse fazer para salvar seu olho: saltara para fora, como um ovo cozido.

Esse tipo de coisa a deixava furiosa. Os dois não sofriam de qualquer doença nem de ferimentos acidentais: haviam machucado um ao outro devido ao excesso de bebida. Depois da primeira onda da peste, ela conseguira mobilizar os habitantes da cidade para restaurar a lei e a ordem; mas a segunda onda fizera algo terrível com a alma das pessoas. Quando ela clamara de novo pelo retorno a um comportamento civilizado, a reação fora apática. Não sabia o que fazer agora e por isso se sentia cansada.

Enquanto contemplava os dois homens feridos, deitados no chão lado a lado, ela ouviu um estranho ruído lá fora. Por um instante, retornou por três anos ao passado, até a batalha de Crécy, ao som estrondoso e assustador das novas máquinas de guerra do rei Eduardo, que disparavam balas de pedra contra as fileiras inimigas.

Um momento depois, o barulho soou de novo. Ela compreendeu que era um tambor, vários tambores, na verdade, batidos sem qualquer ritmo determinado. Depois ouviu flautas e sinos, cujas notas não conseguiam formar uma melodia. Soaram relinchos de cavalos, gemidos e gritos, que poderiam indicar triunfo ou agonia, se não as duas coisas ao mesmo tempo. Não era muito diferente do barulho de uma batalha, mas sem o zunido das flechas mortíferas e sem os gritos dos cavalos feridos. Com o rosto franzido, ela saiu para descobrir o que era.

Um bando de cerca de quarenta pessoas entrara no pátio gramado da catedral dançando uma jiga antiga e frenética. Alguns tocavam instrumentos musicais, ou melhor, eles os usavam para fazer barulho, sem qualquer melodia ou harmonia. As roupas de cores claras estavam rasgadas e sujas. Havia algumas pessoas

seminuas, expondo as partes íntimas do corpo com a maior indiferença. As pessoas sem instrumentos empunhavam chicotes. Uma multidão de moradores de Kingsbridge acompanhava o bando com curiosidade e espanto.

Os dançarinos eram liderados por frei Murdo, mais gordo do que nunca, mas dançando com o maior vigor, o suor escorrendo pelo rosto imundo e pingando da barba desgrenhada. Ele seguiu até a porta oeste da catedral, onde se virou para o bando.

– Todos nós pecamos! – berrou.

Seus seguidores responderam com gemidos e gritos estridentes e inarticulados.

– Somos imundos! – berrou ele, arrebatado. – Sempre nos espojamos na lascívia, como porcos no chiqueiro. E cedemos, tremendo de luxúria, aos desejos carnais. Merecemos a peste!

– Isso mesmo!

– O que devemos fazer?

– Sofrer! – gritaram as pessoas. – Devemos sofrer!

Um dos seguidores se adiantou apressado, brandindo o chicote com três tiras e pedras presas em nós nas extremidades. Jogou-se aos pés de Murdo e começou a açoitar as próprias costas. O chicote rasgou o tecido fino da túnica e arrancou sangue da pele. Ele gritou de dor e os outros seguidores de Murdo gemeram de compaixão.

Uma mulher se adiantou. Baixou a túnica até a cintura e se voltou, expondo os seios para a multidão, depois açoitou as costas nuas com um chicote similar. Os seguidores gemeram de novo.

À medida que se adiantavam, sozinhos ou aos pares, para se açoitarem, Caris notou que muitos tinham equimoses e talhos mal curados: já haviam feito aquilo antes, alguns várias vezes. Circulavam de cidade em cidade apresentando o espetáculo? Por causa do envolvimento de Murdo, ela tinha certeza de que mais cedo ou mais tarde alguém começaria a pedir dinheiro.

Uma mulher na multidão de espectadores de repente saiu correndo em direção ao grupo, gritando:

– Eu também devo sofrer!

Caris ficou surpresa ao ver que era Mared, a jovem e tímida esposa de

Marcel Chandler. Caris não podia imaginar que ela tivesse cometido muitos pecados, mas talvez finalmente encontrado uma maneira de tornar sua vida dramática. Ela tirou o vestido e se postou nua diante do frade. Sua pele não tinha qualquer marca; em vez disso, era de grande beleza. Murdo a fitou em silêncio por longo tempo antes de ordenar:

– Beije meus pés.

Ela se ajoelhou, expondo o traseiro obscenamente para a multidão, e baixou o rosto para beijar os pés imundos do frade.

Ele tirou o chicote de outro penitente e o estendeu a Mared. Ela se açoitou e gritou de dor. Marcas vermelhas apareceram no mesmo instante na pele branca.

Vários outros espectadores se adiantaram, quase todos homens. Murdo repetiu o ritual com cada um. Não demorou muito para que o frenesi fosse total. Quando não estavam se açoitando, as pessoas batiam nos tambores, tocavam os sinos ou dançavam a jiga alucinada.

As ações tinham um abandono louco, mas o olhar profissional de Caris notou que os açoites, embora dramáticos e sem dúvida dolorosos, não pareciam infligir danos permanentes. Merthin apareceu ao seu lado e perguntou:

– O que você acha disso?

Ela franziu o cenho.

– Por que isso me faz ficar indignada?

– Não sei.

– Se as pessoas querem se açoitar, por que eu deveria fazer alguma objeção? Talvez isso faça com que se sintam melhor.

– Concordo com você. Há em geral algo fraudulento em qualquer coisa em que Murdo esteja envolvido.

– Não é só isso.

O clima ali não era de penitência, decidiu Caris. Os dançarinos não recordavam, contemplativos, suas vidas, sentindo pesar e arrependimento pelos pecados cometidos. As pessoas que se arrependiam sinceramente tendiam a ser quietas, pensativas e discretas. O que Caris sentia no ar ali era muito diferente. Era excitação.

– Isso é devassidão.

– Só que em vez de bebida estão se espojando na autoaversão.

– E há uma espécie de êxtase.

– Mas sem sexo.

– É só lhes dar mais algum tempo.

Murdo liderou a procissão ao saírem do terreno do priorado. Caris notou que alguns flagelantes tinham tigelas na mão e pediam moedas aos espectadores. E calculou que eles passariam daquela maneira pelas principais ruas da cidade. Provavelmente acabariam em uma das tavernas grandes, onde as pessoas lhes pagariam comida e bebida. Merthin tocou em seu braço.

– Está muito pálida. Como se sente?

– Apenas cansada – respondeu ela, concisa.

Tinha de continuar a trabalhar de qualquer maneira, independentemente do que sentisse, e não ajudava ser lembrada de seu cansaço. Mas era gentil Merthin notar, e ela abrandou a voz para acrescentar:

– Venha comigo até a casa do prior. Está quase na hora do almoço.

Os dois atravessaram o pátio enquanto a procissão desaparecia. Entraram no palácio. Assim que ficaram a sós, Caris o abraçou e beijou. Sentia um súbito anseio físico e enfiou a língua na boca de Merthin, como sabia que ele gostava. Em resposta, Merthin subiu as mãos para seus seios e os acariciou. Nunca se beijavam daquela maneira dentro do palácio, e Caris especulou vagamente se alguma coisa na bacanal de frei Murdo enfraquecera suas inibições normais.

– Sua pele está tão quente... – murmurou Merthin em seu ouvido.

Ela queria que Merthin tirasse seu hábito e sugasse os mamilos. Sentiu que começava a perder o controle e que poderia se tornar temerária, fazendo amor ali mesmo, no chão, onde poderiam ser surpreendidos com facilidade. Foi nesse momento que uma voz de menina balbuciou:

– Não tive intenção de espionar.

Caris ficou chocada. Afastou-se de Merthin com um pulo, dominada pelo sentimento de culpa. Virou-se para ver quem falara. No outro lado da sala, sentada num banco, havia uma jovem com um bebê no colo. Era a esposa de Ralph Fitzgerald.

– Tilly! – gritou Caris.

Tilly se levantou. Parecia exausta e assustada.

– Lamento muito ter dado um susto em você.

Caris ficou aliviada. Tilly cursara a escola das freiras e permanecera no convento por muitos anos. Gostava de Caris. Merecia confiança como alguém que não falaria sobre o beijo que testemunhara. Mas o que ela fazia ali?

– Você está bem? – perguntou Caris.

– Estou um pouco cansada.

Ela cambaleou e Caris a segurou pelo braço. O bebê chorou. Merthin o pegou no colo e o embalou.

– Calma, calma, meu pequeno sobrinho...

O choro definhou para um murmúrio de descontentamento.

– Como chegou até aqui? – perguntou Caris a Tilly.

– Vim andando.

– Desde Tench Hall? Com Gerry no colo?

O bebê tinha agora seis meses, e não era nada leve.

– Levei três dias.

– Oh, Deus! Aconteceu alguma coisa?

– Fugi.

– Ralph não veio atrás de você?

– Veio, com Alan. Eu me escondi na floresta quando eles passaram. Gerry foi muito bom e não chorou.

Ao imaginar a cena, Caris sentiu um aperto na garganta.

– Mas... – Ela engoliu em seco. – Mas por que você fugiu?

– Porque meu marido quer me matar.

Tilly desatou a chorar. Caris fez com que ela sentasse e Merthin trouxe um copo de vinho. Eles a deixaram soluçar. Caris ficou a seu lado no banco e passou o braço por seus ombros enquanto Merthin cuidava do bebê. Quando Tilly finalmente parou de chorar, Caris perguntou:

– O que Ralph fez?

Tilly balançou a cabeça.

– Nada. É apenas o modo como ele olha para mim. Sei que ele quer me assassinar.

– Eu gostaria de poder dizer que meu irmão seria incapaz de fazer isso.

– Mas por que ele faria uma coisa tão terrível? – perguntou Caris.

– Não sei – respondeu Tilly, angustiada. – Ralph esteve no funeral de tio

William. E se encontrou ali com um advogado de Londres, sir Gregory Longfellow.

– Eu o conheço – disse Caris. – É um homem inteligente, mas não gosto dele.

– Começou depois disso. Tenho o pressentimento de que é tudo por causa de Gregory.

– Você não teria andado tanto, com um bebê no colo, apenas por causa de uma coisa que imaginou – disse Caris.

– Sei que pode parecer fantasioso, mas ele fica me olhando com raiva, cheio de ódio. Como um homem pode olhar sua esposa dessa maneira?

– Veio para o lugar certo. Estará segura aqui.

– Posso ficar? – suplicou Tilly. – Não vai me mandar de volta, não é?

– Claro que não.

Caris olhou para Merthin. Sabia o que ele estava pensando. Seria precipitado oferecer qualquer garantia a Tilly. Os fugitivos podiam encontrar refúgio em igrejas, como regra geral, mas era muito duvidoso se um convento tinha o direito de abrigar a esposa de um cavaleiro e mantê-la afastada do marido indefinidamente. Além disso, era certo que Ralph teria o direito de obrigá-la a renunciar ao bebê, seu filho e herdeiro. Mesmo assim, Caris imprimiu tanta confiança quanto possível à voz quando disse:

– Pode ficar aqui por tanto tempo quanto quiser.

– Muito obrigada.

Caris rezou silenciosamente para que fosse capaz de cumprir a promessa.

– Arrumarei um dos quartos especiais no segundo andar do hospital para você.

Tilly continuava apavorada.

– E se Ralph quiser me levar à força?

– Ele não ousaria. Mas, se isso a faz se sentir mais segura, pode ficar no antigo quarto de madre Cecilia, no final do dormitório das freiras.

– Seria ótimo.

Uma empregada do priorado entrou para pôr a mesa do almoço.

– Eu a levarei até o refeitório – disse Caris a Tilly. – Pode almoçar com as freiras e depois descansar no dormitório.

Ela se levantou. Sentiu uma súbita vertigem. Pôs a mão na mesa para se firmar. Merthin, com Gerry ainda no colo, perguntou, ansioso:

– O que você tem?

– Ficarei bem num instante. Estou apenas cansada.

E, no instante seguinte, Caris caiu no chão.



Merthin sentiu um maremoto de pânico. Por um momento, ficou atordoado. Caris nunca passara mal antes, nunca se mostrara desamparada. Era ela quem cuidava dos doentes. Ele não podia imaginá-la como uma vítima.

O momento passou num piscar de olhos. Com um esforço para controlar o medo, ele entregou o bebê a Tilly com todo o cuidado.

A empregada parara de pôr a mesa e olhava em choque para o corpo inconsciente de Caris no chão. Merthin, com voz calma e decidida, mas em tom de urgência, disse a ela:

– Corra até o hospital e avise que madre Caris está doente. Traga a irmã Oonagh. Vá logo, o mais depressa que puder!

A empregada saiu apressada. Merthin se ajoelhou ao lado de Caris.

– Pode me ouvir, querida?

Pegou a mão de Caris e a afagou. Tocou em seu rosto. Levantou uma pálpebra. Ela havia desmaiado.

– Ela tem a peste, não é? – murmurou Tilly.

– Oh, Deus!

Merthin a envolveu com os braços. Era um homem pequeno, mas sempre fora capaz de erguer objetos pesados, pedras de construção e vigas de madeira. Levantou-a com facilidade e a deitou na mesa com delicadeza.

– Não morra... – sussurrou. – Por favor, não morra.

Ele a beijou na testa. A pele estava quente. Sentira isso quando haviam se abraçado alguns minutos antes, mas na ocasião estava excitado demais para se importar. Talvez fosse por isso que ela se mostrara tão ardente: a febre podia ter esse efeito.

A irmã Oonagh entrou. Merthin sentiu-se tão grato por vê-la que as lágrimas

afloraram a seus olhos. Era uma freira jovem, que saíra do noviciado há apenas um ou dois anos, mas Caris tinha em alta conta sua habilidade como enfermeira e a preparava para um dia assumir a responsabilidade pelo hospital.

Oonagh prendeu uma máscara de linho sobre a boca e o nariz, dando um nó atrás do pescoço. Encostou a mão na testa e no rosto de Caris.

– Ela espirrou?

Merthin limpou os olhos.

– Não.

Ele tinha certeza de que notaria, pois um espirro era sempre um péssimo sinal.

Oonagh baixou a frente do hábito. Para Merthin, Caris parecia vulnerável demais com os seios pequenos à mostra. Mas ficou contente ao constatar que não havia manchas púrpura em seu peito. Oonagh levantou o hábito. Examinou as narinas de Caris.

– Não há hemorragia.

Ela pegou o pulso de Caris, pensativa. Depois de um tempo, olhou para Merthin.

– Pode não ser a peste, mas parece uma doença grave. Ela está febril; a pulsação, acelerada; a respiração, superficial. Leve-a para cima, deite-a, lave seu rosto com água de rosas. Quem cuidar dela deve usar uma máscara e lavar as mãos como se ela estivesse com a peste. Isso inclui você.

Ela entregou uma tira de linho a Merthin. As lágrimas rolavam pelo rosto dele enquanto prendia a máscara. Levou Caris para o andar de cima, deitou-a em seu quarto, ajeitou suas roupas. As freiras trouxeram água de rosas e vinagre. Merthin transmitiu as instruções de Caris em relação a Tilly. Levaram a jovem mãe e o bebê para o refeitório. Merthin sentou ao lado de Caris, passando por sua testa e suas faces um pano embebido em água de rosas, rezando para que ela recuperasse os sentidos.

O que finalmente aconteceu. Ela abriu os olhos, franziu o rosto com perplexidade, depois assumiu uma expressão ansiosa e perguntou:

– O que aconteceu?

– Você desmaiou.

Ela tentou sentar.

– Fique deitada. Você está doente. Provavelmente não é a peste, mas tem uma doença grave.

Ela devia estar se sentindo bastante fraca, pois se recostou nos travesseiros sem protestar.

– Descansarei apenas por uma hora.

Caris permaneceu de cama por duas semanas.



Depois de três dias, o branco de seus olhos adquiriu a cor de mostarda. A irmã Oonagh disse que ela estava com icterícia. Preparou uma infusão de ervas adoçada com mel, que Caris tomava quente três vezes por dia. A febre diminuiu, mas Caris continuou fraca. Todos os dias perguntava por Tilly, ansiosa. Oonagh respondia às perguntas, mas se recusava a discutir qualquer outro aspecto da vida no convento para não cansar a prioresa. Caris estava fraca demais para protestar.

Merthin não deixou o palácio do prior. Durante o dia, sentava lá embaixo, bastante perto para ouvi-la chamar. Seus empregados vinham lhe pedir instruções sobre os vários prédios que estavam construindo ou demolindo. À noite, ele deitava num colchão ao lado de Caris, o sono leve. Acordava cada vez que a respiração de Caris se alterava ou quando ela se virava na cama. Lolla dormia no quarto ao lado.

Ao final da primeira semana, Ralph apareceu.

– Minha esposa sumiu – disse ao entrar no palácio do prior.

Merthin ergueu os olhos do desenho que fazia numa lousa grande.

– Olá, meu irmão.

Ralph parecia apreensivo, ele notou. Era evidente que tinha sentimentos contraditórios em relação ao desaparecimento de Tilly. Não gostava dela, mas, por outro lado, nenhum homem ficaria satisfeito se sua esposa fugisse.

Talvez eu também tivesse sentimentos contraditórios, pensou Merthin, culpado. Afinal, ajudara a esposa a deixá-lo. Ralph sentou num banco.

– Tem vinho? Estou morrendo de sede.

Merthin foi até o aparador e serviu vinho de um jarro. Passou por sua mente dizer que não tinha a menor ideia do paradeiro de Tilly, mas o instinto se rebelou

contra a ideia de mentir para o próprio irmão, ainda mais em um assunto tão importante. Além disso, a presença de Tilly no priorado não podia ser mantida em segredo: muitas freiras, noviças e empregadas já a haviam visto ali. Era sempre melhor ser honesto, pensou Merthin, exceto numa emergência extrema. Ele entregou o copo a Ralph e disse:

– Tilly está aqui no convento, com o bebê.

– Foi o que pensei.

Ralph levantou o copo com a mão esquerda, mostrando os três cotos dos dedos cortados. Tomou um longo gole do vinho.

– O que ela tem?

– Tilly fugiu de você, Ralph.

– Deveria ter me avisado.

– Eu me sinto mal por isso, mas não poderia traí-la. Ela está com pavor de você.

– Por que tomar o lado de Tilly contra mim? Sou seu irmão!

– Porque eu conheço você. Se ela está apavorada, deve haver uma razão.

– Isso é um absurdo!

Ralph tentava parecer indignado, mas a encenação não era convincente. Merthin especulou o que ele sentia de fato.

– Não podemos expulsá-la – explicou Merthin. – Ela pediu santuário.

– Gerry é meu filho e herdeiro. Não pode mantê-lo longe de mim.

– Não, não indefinidamente. Se você iniciar uma ação judicial, tenho certeza de que vencerá. Mas não tentaria separá-lo da mãe, não é mesmo?

– Se Gerry voltar para casa, ela também voltará.

O que provavelmente era verdade. Merthin procurava outro argumento para persuadir Ralph quando o irmão Thomas entrou trazendo Alan Fernhill. Com a única mão, Thomas segurava o braço de Alan, como se quisesse impedi-lo de fugir.

– Eu o encontrei bisbilhotando – disse ele.

– Eu queria apenas dar uma olhada no mosteiro – protestou Alan. – Pensei que estivesse vazio.

– Como pôde verificar, não está – declarou Merthin. – Temos um monge, seis noviços e duas dúzias de órfãos.

– Só que ele não estava no mosteiro, mas sim no claustro das freiras – informou Thomas.

Merthin franziu o rosto. Podia ouvir um salmo cantado a distância. Alan calculara bem a incursão: todas as freiras e noviças estavam na catedral para o serviço da Sexta. A maioria dos prédios do priorado se encontrava vazia àquela hora. Alan devia ter circulado sem ser interpelado durante algum tempo.

Não parecia mera curiosidade ociosa.

– Felizmente, um ajudante de cozinha o viu e foi me chamar na catedral – acrescentou Thomas.

Merthin se perguntou o que Alan estaria procurando. Tilly? Ele não ousaria sequestrá-la do interior de um convento em plena luz do dia. Merthin se virou para Ralph.

– O que vocês estão tramando?

Ralph desviou a pergunta para Alan.

– O que você pensava que estava fazendo? – indagou ele, furioso, embora Merthin percebesse que a ira era simulada.

Alan deu de ombros.

– Apenas dava uma olhada por aí enquanto esperava por você.

Não era plausível. Homens de armas ociosos esperavam por seus senhores em tavernas e estábulos, não em claustros.

– Bom... não faça mais isso – disse Ralph.

Merthin compreendeu que Ralph insistiria na história. Fui franco com meu irmão, mas Ralph não é franco comigo, pensou Merthin, desolado. Ele voltou ao assunto mais importante:

– Por que não deixa Tilly aqui por algum tempo? Ela ficará muito bem. E, depois de algum tempo, talvez ela compreenda que você não quer lhe causar nenhum mal e volte para casa.

– É vergonhoso demais – alegou Ralph.

– Nem tanto. Uma mulher da nobreza às vezes passa umas poucas semanas num convento, se sente a necessidade de se afastar do mundo por algum tempo.

– Em geral se fica viúva ou quando o marido vai para a guerra.

– Mas nem sempre.

– Quando não há razão óbvia, as pessoas sempre dizem que a mulher quer

fugir do marido.

– Até que ponto isso é ruim? Você pode gostar de passar algum tempo longe de sua esposa.

– Talvez você tenha razão.

Merthin se surpreendeu com a resposta. Não esperava que Ralph se deixasse persuadir com tanta facilidade. Levou um momento para superar o espanto antes de dizer:

– Então estamos combinados. Dê três meses a Tilly, depois volte e converse com ela.

Merthin tinha a impressão de que Tilly nunca mudaria de ideia, mas pelo menos a proposta adiaria a crise.

– Três meses – repetiu Ralph. – Combinado.

Ele se levantou para ir embora. Merthin apertou sua mão.

– Como estão o pai e a mãe? Não os vejo há meses.

– Envelhecendo. O pai não sai mais de casa.

– Irei visitá-los assim que Caris melhorar. Ela está se recuperando de uma icterícia.

– Transmita os meus votos de rápida recuperação.

Merthin foi até a porta e ficou observando Ralph e Alan se afastarem. Estava profundamente perturbado. Ralph tramava alguma coisa, e não era apenas levar Tilly de volta.

Voltou ao seu desenho e ficou olhando para a lousa sem ver nada por um longo tempo.



Ao final da segunda semana, era evidente que Caris iria melhorar. Merthin estava esgotado, mas feliz. Aliviado, ele pôs Lolla na cama cedo e saiu pela primeira vez.

Era um final de tarde ameno de primavera. O sol e o ar fragrante o deixaram inebriado. Sua própria taverna, a Bell, estava fechada para reforma, mas a Holly Bush tinha um grande movimento, com clientes sentados em bancos no lado de fora com suas canecas. Havia tantas pessoas aproveitando o tempo bom que

Merthin parou e perguntou se era um feriado, pensando que poderia ter perdido a noção da data.

– Cada dia é um feriado agora – respondeu um dos homens. – De que adianta trabalhar quando vamos todos morrer da peste? Tome um copo de cerveja com a gente.

– Não, obrigado.

Merthin seguiu em frente. Notou que muitas pessoas usavam roupas elegantes, chapéus elaborados e túnicas bordadas, que em circunstâncias normais não teriam condições de comprar. Presumiu que haviam herdado esses trajes ou simplesmente os haviam tirado de cadáveres de gente rica. O efeito era um pouco de pesadelo: gorros de veludo sobre cabelos imundos, fios de ouro e manchas de comida, calções rasgados e sapatos com pedras preciosas.

Encontrou dois homens em roupas de mulher, com vestidos que iam até o chão e toucas. Caminhavam pela rua principal de braços dados, como esposas de mercadores ostentando sua riqueza... mas eram inconfundivelmente homens, com mãos e pés enormes, pelos no queixo. Merthin começou a se sentir desorientado, como se não fosse possível confiar em mais nada.

Enquanto o crepúsculo se tornava mais escuro, ele cruzou a ponte até a ilha dos Leprosos. Construíra uma rua de lojas e tavernas ali, entre as duas pontes. O trabalho já acabara, mas os prédios estavam desocupados, com tábuas pregadas nas portas e janelas para impedir o acesso de vagabundos. Ninguém além dos coelhos vivia ali. As instalações continuariam vazias até que a peste acabasse e Kingsbridge voltasse ao normal, calculava Merthin. Se nunca mais fosse embora, os prédios nunca seriam ocupados, mas, neste caso, a locação de propriedades seria a menor de suas preocupações.

Merthin voltou à cidade velha no momento em que o portão estava sendo fechado. Parecia haver uma imensa festa na taverna White Horse. Encontrava-se toda iluminada e a multidão se derramava pela rua.

– O que está acontecendo? – perguntou a um homem com uma caneca de cerveja na mão.

– O jovem Davey pegou a peste e não tem herdeiros para ficar com a taverna. Por isso, resolveu distribuir toda a cerveja. – O homem exibia um sorriso de satisfação. – Pode beber à vontade. É de graça.

Ele e dezenas de outros vinham aplicando esse princípio, e já havia muitos bêbados. Alguém batia um tambor e vários dançavam. Merthin viu um círculo de homens e espiou por cima de seus ombros para descobrir o que encobriam. Uma mulher completamente embriagada, em torno dos 20 anos, estava inclinada sobre uma mesa enquanto um homem a penetrava por trás. Vários outros homens esperavam sua vez. Merthin se virou, com repulsa.

Ao lado do prédio, meio escondido entre os barris vazios, avistou Ozzie Ostler, um rico negociante de cavalos, ajoelhado diante de um homem mais jovem e chupando seu pênis. Isso era contra a lei e passível de pena de morte, mas era evidente que ninguém se importava. Ozzie, um homem casado e membro da guilda da paróquia, avistou Merthin, mas não parou. Ao contrário, continuou com mais entusiasmo, como se estivesse excitado por ser observado. Merthin balançou a cabeça, atordoado.

Perto da porta da taverna havia uma mesa com alimentos parcialmente comidos: pedaços de carne assada, peixe defumado, pastelões e queijos. Havia um cachorro em cima da mesa devorando um pernil. Um homem vomitava o ensopado. Ao lado da porta estava Davey Whitehorse, sentado numa enorme cadeira de madeira, segurando um enorme copo de vinho. Espirrava e suava, o filete de sangue característico escorrendo de seu nariz, mas ele olhava ao redor e exortava os bebedores. Parecia querer se matar de tanto beber antes que a peste o liquidasse.

Merthin ficou nauseado. Deixou o local e voltou apressado ao priorado. Para sua surpresa, encontrou Caris de pé e vestida.

– Estou melhor e retornarei ao trabalho amanhã. – Ao ver a expressão cética de Merthin, ela acrescentou: – A irmã Oonagh disse que eu poderia voltar.

– Se está aceitando ordens de outra pessoa, isso significa que ainda não voltou ao normal.

Caris riu. A cena trouxe lágrimas aos olhos dele. Ela não ria há duas semanas e houve momentos em que Merthin tivera dúvidas se algum dia voltaria a ouvir aquele som.

– Onde você estava? – perguntou Caris.

Ele relatou seu passeio pela cidade e as imagens chocantes que testemunhara.

– Não havia um sentimento de maldade no que as pessoas faziam. Mas não

posso deixar de pensar no que acontecerá em seguida. Quando todas as inibições desaparecerem, as pessoas passarão a se matar?

Uma empregada da cozinha trouxe uma terrina com sopa. Caris tomou alguns goles com a maior cautela. Durante muito tempo, toda e qualquer comida a deixava nauseada. Mas agora ela pareceu achar a sopa de alho-poró apetitosa e tomou uma tigela inteira. Depois que a criada tirou a mesa, Caris disse:

– Enquanto estava doente, pensei muito na morte.

– Não pediu um padre.

– Quer eu tenha sido boa ou má, não creio que Deus se deixe enganar por uma mudança de estado de espírito no último minuto.

– O que pensou então?

– Perguntei a mim mesma se havia alguma coisa de que realmente me arrependia.

– E havia?

– Muitas coisas. Não fui amiga de minha irmã. Não tive filhos. Perdi aquele casaco escarlate que papai deu a mamãe no dia em que ela morreu.

– Como o perdeu?

– Não tive permissão para trazê-lo quando entrei no convento. Não sei o que aconteceu com o casaco.

– Qual foi seu maior arrependimento?

– Na verdade, foram dois: não ter construído meu hospital e ter passado tão pouco tempo na cama com você.

Merthin ergueu as sobrancelhas.

– O segundo pode ser solucionado com a maior facilidade.

– Sei disso.

– O que me diz das freiras?

– Ninguém mais se importa. Você viu o que acontece na cidade. Aqui no convento, estamos ocupadas demais lidando com a morte para nos preocuparmos com as antigas normas. Joan e Oonagh dormem juntas todas as noites num dos quartos do segundo andar do hospital. Não importa mais.

Merthin franziu o rosto.

– É estranho que elas façam isso e mesmo assim continuem a comparecer aos serviços na catedral durante a noite. Como conciliam as duas coisas?

– O Evangelho de São Lucas diz: “Aquele que tem dois casacos, que ajude quem não tem nenhum.” Como acha que o bispo de Shiring concilia isso com suas incontáveis roupas? Todo mundo usa o que gosta dos ensinamentos da Igreja e ignora as partes que não são convenientes.

– E você?

– A mesma coisa. Mas sou honesta a respeito. Por isso, vou viver com você, como sua esposa. E se alguém questionar, direi que estes são tempos estranhos. – Ela se levantou, foi até a porta e a trancou. – Você vem dormindo aqui há duas semanas. Não precisa mais sair.

– Não há necessidade de me trancar – disse Merthin, rindo. – Ficarei voluntariamente.

Ele a envolveu com os braços.

– Começamos uma coisa poucos minutos antes de eu desmaiar. Tilly nos interrompeu.

– Você estava febril.

– Sob esse aspecto, ainda estou.

– Talvez devêssemos recomeçar do ponto em que paramos.

– Podemos ir para a cama primeiro.

– Está bem.

De mãos dadas, subiram a escada.

71

Ralph e seus homens estavam escondidos na floresta ao norte de Kingsbridge, esperando. Era o mês de maio e o entardecer foi longo. Quando a noite caiu, Ralph exortou os outros a tirarem um cochilo, enquanto ele permanecia sentado, vigilante.

Com ele estavam Alan Fernhill e quatro mercenários, soldados desmobilizados do exército do rei, guerreiros que não haviam conseguido encontrar seu lugar em tempos de paz. Alan os contratara na Red Lion, em Gloucester. Não sabiam quem era Ralph e nunca o haviam visto à luz do dia. Fariam o que lhes fosse mandado, receberiam seu dinheiro e jamais fariam perguntas.

Ralph ficou acordado, observando a passagem do tempo automaticamente como fazia quando lutara com o rei na França. Entendera que, se tentasse com muito afinco descobrir quantas horas haviam se passado, acabava em dúvida; mas, se apenas adivinhasse, o que aflorava a sua cabeça era sempre certo. Os monges usavam uma vela acesa, marcada com círculos, para indicar as horas, ou uma ampulheta com areia ou água escorrendo por um funil estreito, mas Ralph tinha uma medida melhor em sua cabeça.

Sentado imóvel, encostado numa árvore, olhava para o fogo baixo que haviam acendido. Podia ouvir o sussurro dos pequenos animais entre as moitas, o pio ocasional de uma coruja predadora. Nunca se sentia tão calmo quanto nas horas de espera que antecediam a ação. Havia sossego e escuridão, tempo para pensar. O conhecimento do perigo iminente, que deixava nervosa a maioria dos homens, na verdade o tranquilizava.

O maior perigo naquela noite, a bem da verdade, não vinha dos riscos do combate. Haveria alguma luta corpo a corpo, mas o inimigo consistiria de gordos

habitantes da cidade ou monges flácidos. O verdadeiro perigo era a possibilidade de Ralph ser reconhecido. O que estava prestes a fazer era chocante. Seria comentado com indignação em todas as igrejas da Inglaterra, talvez da Europa. Gregory Longfellow, por quem Ralph faria aquilo, seria o mais exaltado na condenação. Se algum dia vazasse a informação de que fora o culpado, Ralph seria enforcado.

Mas, se tivesse êxito, ele se tornaria o conde de Shiring.

Quando calculou que passavam duas horas da meia-noite, acordou os outros.

Deixaram os cavalos amarrados, saíram da floresta e seguiram para a cidade pela estrada. Alan carregava o equipamento, como sempre fazia quando lutavam na França. Levava uma escada, um rolo de corda e um croque, que usavam quando atacavam muralhas de cidades na Normandia. Tinha em seu cinturão uma talhadeira e um martelo. Podiam não precisar das ferramentas, mas haviam aprendido que era sempre melhor estar preparados.

Alan também levava vários sacos grandes, enrolados de forma bem apertada e amarrados com um cordão para formar uma trouxa.

Ao chegarem à vista da cidade, Ralph distribuiu sacos com fendas para os olhos e a boca. Todos os puseram. Ralph também usava uma luva na mão esquerda, para esconder os cotos denunciadores dos três dedos que perdera em combate. Estava completamente irreconhecível... a menos, é claro, que fosse capturado.

Todos meteram os pés em sacos de feltro, amarrados nos joelhos para abafar os sons dos passos.

Havia centenas de anos Kingsbridge não era atacada por um exército. Por isso, a segurança era relaxada, ainda mais desde o advento da peste. Mesmo assim, a entrada sul da cidade fora fechada. No lado da grande ponte de Merthin que dava para a cidade havia uma casa da guarda de pedra, com espesso portão de madeira. Mas o rio defendia a cidade apenas pelos lados sul e leste. Ao norte e a oeste não havia ponte e a cidade era protegida apenas por uma muralha, em lamentável estado de conservação. Era por isso que Ralph se aproximava da cidade pelo norte.

Residências humildes se amontoavam fora das muralhas, como cães nos fundos de um açougue. Alan efetuara o reconhecimento do percurso vários dias

antes, quando os dois visitaram Kingsbridge para perguntar por Tilly. Agora, Ralph e os mercenários seguiam Alan, esgueirando-se entre as choupanas tão silenciosamente quanto possível. Até mesmo os pobres nos subúrbios poderiam dar o alarme se fossem acordados. Um cachorro latiu. Ralph ficou tenso, mas alguém gritou e o animal silenciou. Mais um momento e alcançaram um trecho em que a muralha desabara. Poderiam subir com facilidade pelas pedras caídas.

Desceram para uma viela estreita, por trás de alguns armazéns, que vinha direto do portão norte da cidade. Ralph sabia que ali, junto do portão, havia um homem de sentinela numa guarita. Os seis invasores se adiantaram silenciosamente. Embora estivessem agora dentro das muralhas, um homem de sentinela os interrogaria se os visse e gritaria por socorro se não ficasse satisfeito com as respostas. Para alívio de Ralph, no entanto, o homem estava mergulhado num sono pesado, sentado num banco encostado na lateral da guarita, um toco de vela pingando na prateleira ao seu lado.

Ainda assim, decidiu Ralph, era melhor não correr o risco de o homem acordar. Ele se adiantou na ponta dos pés, inclinou-se pela guarita e cortou a garganta do homem com uma faca comprida. O homem acordou e tentou gritar de dor, mas só sangue saiu de sua boca. Quando arriou, Ralph o amparou e o segurou por alguns momentos, o tempo necessário para que perdesse os sentidos. Depois encostou o corpo na parede da guarita, limpou a lâmina ensanguentada na túnica do morto e tornou a guardar a faca na bainha.

O grande portão duplo que barrava a passagem tinha uma porta menor que dava para apenas um homem de cada vez. Ralph removeu a tranca dessa porta menor, deixando-a pronta para uma fuga rápida mais tarde.

Os seis foram caminhando sem fazer barulho pela rua que levava ao priorado. Não havia lua – Ralph escolhera aquela noite justamente por esse motivo –, mas havia uma tênue claridade da luz das estrelas. Ele observava, ansioso, as janelas do segundo andar nas casas dos dois lados. Se pessoas insones por acaso olhassem para fora, veriam a cena inegavelmente sinistra de seis homens mascarados. Por sorte, não fazia bastante calor para que as casas ficassem com as janelas abertas à noite. Mesmo assim, Ralph puxou o capuz ainda mais, seguiu em frente tão depressa quanto era possível, na esperança de manter o rosto oculto e evitar que percebessem a máscara, e sinalizou para que

os outros fizessem a mesma coisa.

Aquela era a cidade em que passara sua adolescência, por isso as ruas lhe eram familiares. Seu irmão Merthin ainda vivia ali, embora Ralph não soubesse onde exatamente.

Desceram pela rua principal e passaram pela Holly Bush, fechada e trancada para a noite horas antes. Aproximaram-se da catedral. A entrada tinha portões altos de madeira, reforçados com ferro, mas eles permaneciam sempre abertos. Há anos não eram fechados, as dobradiças enferrujadas e emperradas.

O priorado estava às escuras, exceto por uma claridade mínima nas janelas do hospital. Ralph calculava que aquela era a hora em que monges e freiras estavam ferrados no sono. Dentro de uma hora, mais ou menos, seriam acordados para o serviço das Matinas, que começava e terminava antes do amanhecer.

Alan, que fizera também o reconhecimento do priorado, levou os homens para o lado norte da catedral. Passaram em silêncio pelo cemitério e pelo palácio do prior, para depois seguir pela estreita faixa de terra que separava a extremidade leste da catedral da margem do rio. Alan apoiou sua escada pequena numa parede sem janelas e sussurrou:

– O claustro das freiras. Sigam-me.

Ele subiu pela parede até o telhado. Seus pés quase não faziam barulho nas telhas de ardósia. Por sorte, não precisou usar o croque, o que poderia causar um estrépito alarmante. Os outros subiram atrás, Ralph por último.

Lá dentro, pularam do telhado e caíram com um mínimo de barulho no gramado do claustro. Ali, Ralph olhou cauteloso para as colunas de pedra das galerias ao redor. As arcadas pareciam observá-lo, como vigias, mas não havia qualquer movimento. Ainda bem que monges e freiras não tinham permissão para ter cachorros de estimação.

Alan os conduziu por uma passagem inteiramente nas sombras e atravessou uma pesada porta.

– A cozinha – sussurrou. O lugar era um pouco iluminado pelas brasas numa lareira enorme. – Tomem cuidado e andem devagar para não esbarrarem em panelas.

Ralph esperou um pouco, deixando que seus olhos se ajustassem à escuridão.

Não demorou muito para poder divisar os contornos de uma mesa grande, vários barris e uma pilha de tachos de cozinha.

– Encontrem algum lugar para sentar ou deitar e tentem ficar confortáveis – disse aos homens. – Ficaremos aqui até todas as freiras se levantarem e irem para a catedral.



Uma hora depois, espiando da cozinha, Ralph contou as freiras e noviças que deixavam o dormitório e, arrastando os pés, atravessavam o claustro e seguiam para a catedral. Algumas carregavam lampiões, que projetavam sombras extravagantes no teto das arcadas.

– São 25 – sussurrou para Alan.

Como Ralph já esperava, Tilly não estava entre elas. As mulheres da nobreza em visita não precisavam comparecer aos serviços durante a madrugada.

Depois que todas desapareceram, ele se adiantou. Os outros ficaram para trás.

Só havia dois lugares em que Tilly poderia estar dormindo: o hospital e o dormitório das freiras. Ralph calculara que ela se sentiria mais segura no dormitório, então seguiu para lá primeiro.

Subiu em passos suaves pelos degraus de pedra, os pés ainda envoltos nos sacos. Deu uma espiada no dormitório. Era iluminado por uma única vela. Torcia para que todas as freiras estivessem na catedral, pois não queria que outras pessoas atrapalhassem seus planos. Tinha medo de que uma ou duas pudessem ter ficado ali, por doença ou apenas por preguiça. Mas o dormitório estava vazio... nem mesmo Tilly se encontrava ali. Ele já ia se retirar quando avistou uma porta na outra extremidade.

Atravessou toda a extensão do dormitório, pegou a vela e passou pela porta sem fazer qualquer barulho. A chama mínima da vela iluminou a cabeça de sua jovem esposa num travesseiro, os cabelos desarrumados em torno do rosto. Parecia tão inocente e bela que Ralph experimentou uma pontada de remorso. Teve de lembrar a si mesmo quanto a odiava por se interpor no caminho de seu sucesso.

O bebê, seu filho Gerry, estava num berço ao lado da mãe, os olhos fechados, a boca entreaberta, dormindo sereno.

Ralph chegou mais perto. Com um movimento rápido, usou a mão direita para tapar a boca de Tilly; acordou-a, ao mesmo tempo que a impedia de fazer qualquer ruído.

Tilly arregalou os olhos e o fitou com pavor.

Ele largou a vela. Trazia no bolso uma variedade de coisas úteis, inclusive pedaços de pano e tiras de couro. Meteu um pedaço de pano na boca de Tilly, para mantê-la calada. Apesar da máscara e da luva, teve a impressão de que ela o reconhecera, embora não tivesse falado coisa alguma. Talvez Tilly fosse capaz de sentir seu cheiro como uma cadela. Não tinha a menor importância. Ela não contaria a ninguém.

Ele amarrou as mãos e os pés dela com as tiras de couro. Ela não se debatia agora, mas haveria de fazê-lo mais tarde. Ralph verificou se a mordaça estava firme. Depois se acomodou para esperar.

Podia ouvir o canto que vinha da catedral: um coro forte de vozes femininas e umas poucas vozes masculinas tentando acompanhá-las. Tilly continuava a fitá-lo, com olhos enormes e suplicantes. Ele a virou para não ter de olhar seu rosto.

Tilly já adivinhara que ele ia matá-la. Lera seus pensamentos. Devia ser uma bruxa. Talvez todas as mulheres fossem bruxas. De qualquer forma, ela já percebera sua intenção antes, quase no instante mesmo em que ele tomara a decisão. Começara a vigiá-lo, especialmente à noite, os olhos amedrontados o seguindo por toda parte quando estavam juntos, não importava o que ele fizesse. Mantinha-se rígida e alerta ao seu lado à noite, enquanto ele dormia, e pela manhã, quando ele acordava, Tilly invariavelmente já estava de pé. Após uns poucos dias assim, ela desaparecera. Ralph e Alan a haviam procurado sem sucesso, até ouvirem o rumor de que Tilly se refugiara no priorado de Kingsbridge.

O que por acaso se ajustava à perfeição a seus planos.

O bebê fungou no sono e ocorreu a Ralph que ele poderia chorar. E se as freiras voltassem nesse momento? Ralph pensou a respeito. Uma ou duas provavelmente viriam até o quarto para perguntar se Tilly precisava de ajuda.

Ralph decidiu que as mataria. Não seria a primeira vez. Já matara freiras na França.

Finalmente ele ouviu as freiras voltando ao dormitório.

Alan estaria observando da cozinha, contando-as ao retornarem. Quando todas estivessem no dormitório, Alan e os outros quatro homens desembainhariam as espadas e entrariam em ação.

Ralph pôs Tilly de pé. Ela exibia o rosto molhado de lágrimas. Ele a virou de costas, passou o braço por sua cintura e levantou-a para junto de seu quadril. Ela era leve como uma criança.

Ralph sacou sua adaga comprida.

Ouviu um homem dizer no dormitório:

– Silêncio ou morrerão!

Era Alan, ele sabia, embora a máscara distorcesse a voz.

Aquele era um momento crucial. Havia outras pessoas no priorado – freiras e pacientes no hospital, os monges em seus aposentos – e Ralph não queria que aparecessem para complicar a situação.

Apesar da advertência de Alan, houve vários gritos abafados de choque e gritos estridentes de medo... mas, pensou Ralph, não muito altos. Até agora, tudo bem.

Ele abriu a porta e saiu para o dormitório carregando Tilly no quadril. Podia ver a cena à luz dos lampiões das freiras. Na outra extremidade do dormitório, Alan segurava uma mulher, a faca em sua garganta, na mesma pose de Ralph com Tilly. Mais dois homens se postavam por trás de Alan. Os outros dois mercenários estariam montando guarda ao pé da escada.

– Prestem atenção, todas vocês!

Quando Ralph falou, Tilly estremeceu convulsivamente. Reconhecera sua voz. Mas isso não importava, desde que ninguém mais reconhecesse.

Fez-se um silêncio apavorado.

– Qual de vocês é a tesoureira? – perguntou Ralph. Ninguém respondeu.

Ralph encostou a beira da lâmina na pele da garganta de Tilly. Ela começou a se debater, mas era pequena demais e ele podia dominá-la sem qualquer dificuldade. Agora, pensou Ralph, é o momento de matá-la, mas ele hesitou. Já matara muitas pessoas, inclusive mulheres, além de homens, mas subitamente

parecia terrível enfiar uma faca no corpo quente de uma mulher que ele abraçara e beijara, uma mulher com quem dormira e que gerara seu filho.

Além disso, ele decidiu, o efeito sobre as freiras seria mais chocante se uma delas morresse. E Ralph acenou com a cabeça para Alan.

Com um movimento firme, Alan cortou a garganta da freira que estava segurando. O sangue esguichou do pescoço para o chão.

Alguém gritou.

Não foi apenas um grito abafado ou estridente, mas um berro fortíssimo, de puro terror, capaz de despertar os mortos. O grito se prolongou até que um dos mercenários acertou um poderoso golpe na cabeça da mulher com seu porrete. Ela caiu ao chão, inconsciente, sangue escorrendo pelo rosto. Ralph perguntou de novo:

– Qual de vocês é a tesoureira?



Merthin acordou por um breve instante quando o sino tocou para as Matinas e Caris saiu da cama. Como sempre, ele virou para o outro lado e caiu num cochilo leve. Assim, quando ela voltou, parecia que estivera ausente apenas por um ou dois minutos. Caris estava gelada ao se deitar, e ele a puxou e envolveu em seus braços. Muitas vezes ficavam acordados por algum tempo, conversando, e em geral faziam amor antes de tornarem a dormir. Era o momento predileto de Merthin.

Caris se comprimiu contra ele, os seios esmagados em conforto no seu peito. Merthin beijou sua testa. Assim que ela esquentou, ele estendeu a mão para tocar nos cabelos macios entre suas pernas.

Mas ela estava com vontade de conversar:

– Ouviu o rumor que circulou pela cidade de que havia bandidos na floresta, ao norte de Kingsbridge?

– Parece um pouco improvável.

– Não sei, não. As muralhas estão decrépitas naquele lado.

– Mas o que eles querem roubar? Podem pegar qualquer coisa que quiserem. Se precisam de carne, há milhares de ovelhas e vacas vagando pelos campos,

sem ninguém para reivindicar a posse.

– É isso que torna a situação muito estranha.

– Roubar hoje em dia é se inclinar por cima da cerca para respirar o ar do vizinho.

Caris suspirou.

– Há três meses eu pensava que essa peste terrível já havia terminado.

– Quantas pessoas mais já perdemos?

– Enterramos mil pessoas desde a Páscoa.

Parecia um número mais ou menos certo para Merthin.

– Ouvi dizer que outras cidades estão passando por situações semelhantes.

Ele sentiu os cabelos de Caris roçarem em seu ombro quando ela assentiu com a cabeça no escuro.

– Creio que cerca de um quarto da população da Inglaterra já morreu.

– E mais da metade dos padres.

– Isto acontece porque eles fazem contato com muitas pessoas cada vez que celebram uma missa. É muito difícil escapar.

– E por isso metade das igrejas está fechada.

– O que é uma boa coisa, se perguntar minha opinião. Tenho certeza de que as multidões espalham a peste mais depressa do que qualquer outra coisa.

– Seja como for, a maioria das pessoas perdeu o respeito pela religião.

Para Caris, isso não era uma grande tragédia.

– Talvez elas parem de acreditar na medicina de superstições e comecem a pensar sobre que tratamentos fazem diferença.

– Você diz isso, mas é difícil para as pessoas comuns saberem o que é uma cura genuína e o que é um falso remédio.

– Eu lhe darei quatro regras.

Merthin sorriu no escuro. Ela sempre tinha uma lista.

– Está bem.

– Uma: se há dezenas de remédios diferentes para uma doença, você pode ter certeza de que nenhum deles funciona.

– Por quê?

– Porque, se um deles funcionasse, as pessoas esqueceriam o resto.

– Lógico.

– Duas: só porque um remédio é desagradável, não significa que é bom. Miolos crus de cotovia não servem de nada para uma garganta dolorida embora façam você vomitar. Por outro lado, uma boa xícara de água quente e mel serve para aliviar a garganta.

– É bom saber disso.

– Três: esterco humano e de animal nunca fizeram bem a ninguém. Ao contrário, em geral fazem com que as pessoas piorem.

– Fico aliviado em saber disso.

– Quatro: se o remédio se parece com a doença... por exemplo, as penas cheias de pintas de um tordo para a varíola ou a urina de ovelha para icterícia... provavelmente não passa de uma besteira imaginativa.

– Você deveria escrever um livro sobre isso.

Caris soltou um muxoxo desdenhoso.

– As universidades preferem os textos gregos antigos.

– Não seria um livro para estudantes da universidade, e sim para mulheres como você: freiras e parteiras, barbeiros, curandeiras.

– Curandeiras e parteiras não sabem ler.

– Algumas sabem e outras têm pessoas que podem ler para elas.

– Suponho que as pessoas possam gostar de um livro pequeno que diga o que fazer em relação à peste.

Caris ficou pensativa por um momento. No silêncio, soou um grito.

– O que foi isso? – indagou Merthin.

– Parecia um musaranho apanhado por uma coruja.

– Não, não foi.

E Merthin se levantou.

Uma das freiras se adiantou para falar com Ralph. Era jovem – quase todas eram jovens –, com cabelos pretos e olhos azuis.

– Por favor, não faça mal a Tilly – suplicou ela. – Sou a irmã Joan, a tesoureira. Nós lhe daremos qualquer coisa que quiser. Mas, por favor, não cometa mais nenhuma violência.

– Sou Tam Hiding – disse Ralph. – Onde estão as chaves da tesouraria das freiras?

– Estão aqui em meu cinto.

– Leve-me até lá.

Joan hesitou. Talvez sentisse que Ralph não sabia onde ficava a tesouraria. Em sua expedição de reconhecimento, Alan examinara o convento com o maior cuidado antes de ser descoberto. Determinara o caminho para entrar, identificara a cozinha como um bom esconderijo e localizara o dormitório das freiras. Mas não conseguira descobrir a tesouraria. Era evidente que Joan não queria revelar sua localização.

Ralph não tinha tempo a perder. Não sabia quem poderia ter ouvido o grito. Comprimiu a ponta da faca contra a garganta de Tilly até tirar sangue.

– Quero ir até a tesouraria.

– Está bem. Só peço que não machuque Tilly. Mostrarei o caminho.

– Era o que eu esperava.

Ralph deixou dois mercenários no dormitório, para manter as freiras quietas. Junto com Alan e levando Tilly, desceu a escada para o claustro logo atrás de Joan.

Lá embaixo, os outros dois mercenários detinham mais três freiras, sob a ameaça de facas. Ralph calculou que eram freiras de serviço no hospital que tinham vindo averiguar o motivo do grito. Ficou contente: outra ameaça fora neutralizada. Mas onde estavam os monges?

Ele mandou as três freiras para o dormitório. Deixou um mercenário ao pé da escada e levou o outro em sua companhia.

Joan seguiu na frente, através do refeitório, que ficava no térreo, diretamente por baixo do dormitório. Seu lampião tremeluzente iluminou mesas de cavaletes, bancos, uma plataforma e uma parede pintada com a cena de Jesus num banquete de casamento.

Na outra extremidade do refeitório, Joan afastou uma mesa para revelar um alçapão no chão. Tinha uma fechadura, como uma porta vertical comum. Ela pôs a chave ali, girou e levantou o alçapão. Dava para uma estreita escada de pedra em espiral. Ela desceu pela escada. Ralph deixou o mercenário de guarda e desceu atrás, carregando Tilly, meio sem jeito. Alan o seguiu.

Ralph chegou ao pé da escada e olhou ao redor com um ar satisfeito. Ali era o santo dos santos, a tesouraria secreta das freiras. Era uma apertada sala subterrânea, como uma masmorra, porém mais bem construída: as paredes eram de pedra de cantaria, lisas e quadradas, como as da catedral; o chão, pavimentado com lajes de pedra bem ajustadas. O ar era frio e seco. Ralph largou Tilly no chão toda amarrada, como uma galinha.

A maior parte da sala era ocupada por uma enorme caixa com tampa, parecendo um caixão de gigante, acorrentada a uma argola cravada na parede. Não havia muito mais ali: dois bancos, uma escrivaninha e uma prateleira com rolos de pergaminho, presumivelmente as contas do convento. Num gancho na parede havia dois casacos grossos de lã. Ralph calculou que eram para a tesoureira e sua assistente quando trabalhavam lá embaixo nos meses mais frios do inverno.

A caixa era muito grande para ter descido pela escada. Devia ter sido trazida em pedaços e montada no local. Ralph apontou para o fecho e Joan o abriu com outra das chaves em seu cinto.

Ralph deu uma olhada. Havia mais dezenas de rolos de pergaminho, obviamente todos os cartulários e títulos que provavam a propriedade e os direitos do convento sobre seu patrimônio; uma pilha de bolsas de couro e lã que continham com certeza ornamentos cravejados de pedras preciosas; e outra caixa, menor, em que devia haver dinheiro.

A essa altura, ele tinha de ser sutil. Seu objetivo era se apoderar dos cartulários, mas não queria que isso se tornasse evidente. Tinha de roubá-los, mas sem dar a impressão de que essa era sua única intenção.

Ele ordenou que Joan abrisse a caixa menor. Continha umas poucas moedas de ouro. Ralph ficou perplexo ao descobrir como havia pouco dinheiro. Talvez houvesse mais escondido em algum lugar daquela sala, possivelmente por trás de pedras nas paredes. Mas ele não se parou para pensar a respeito: só estava fingindo que se interessava por dinheiro. Despejou as moedas na bolsa em seu cinto. Enquanto isso, Alan abria um saco enorme e começava a meter ali os ornamentos da catedral.

Depois de deixar que Joan visse isso, Ralph mandou que ela subisse de volta.

Tilly continuou lá embaixo, observando tudo com os olhos arregalados e

aterrorizados. Mas não importava o que ela visse, pois nunca teria a oportunidade de contar a ninguém.

Ralph abriu os sacos e começou a jogar neles os rolos de pergaminho tão depressa quanto podia. Depois que encheram os sacos, ele disse a Alan que quebrasse as caixas de madeira com a talhadeira e o martelo. Tirou os casacos de lã dos ganchos, fez uma trouxa e aproximou a chama da vela. A lã pegou fogo no mesmo instante. Ele empilhou os pedaços de madeira por cima dos casacos de lã em chamas. Não demorou muito para que a fogueira se tornasse intensa. A fumaça ardia na garganta de Ralph.

Ele olhou para Tilly, estendida no chão, desamparada. Sacou a faca. E, mais uma vez, hesitou.



Uma porta pequena levava direto do palácio do prior para a casa do capítulo, que por sua vez tinha também uma ligação direta com o transepto norte da catedral. Merthin e Caris seguiram por esse caminho, à procura da origem do grito. A casa do capítulo estava vazia, então eles passaram para a catedral. A única vela acesa não dava para iluminar o vasto interior, mas eles pararam na interseção, escutando com o máximo de atenção.

Ouviram o estalido de uma fechadura.

– Quem está aí? – indagou Merthin, envergonhado do medo que fazia sua voz tremer.

– Irmão Thomas.

A voz veio do transepto sul. Pouco depois, Thomas apareceu no tênue círculo de luz projetado pela chama da vela.

– Tive a impressão de ouvir alguém gritar – disse ele.

– Também pensamos ter ouvido um grito. Mas não há ninguém aqui na catedral.

– Vamos verificar em outros lugares.

– Onde estão os noviços e os meninos?

– Mandei que voltassem a dormir.

Atravessaram o transepto sul e entraram no claustro dos monges. Mais uma

vez, não viram ninguém e não ouviram nada. De lá, seguiram por uma passagem através das despensas até o hospital. Os pacientes estavam deitados, como era normal, alguns dormindo, outros se agitando na cama e gemendo de dor... mas, Merthin percebeu passado um momento, não havia freiras ali.

– Isso é estranho – disse Caris.

O grito poderia ter partido dali, mas não havia sinal de emergência ou de qualquer outro tipo de perturbação.

Foram para a cozinha, que se encontrava deserta, como era de esperar. Thomas inspirou fundo, como se sentisse algum cheiro.

– O que foi? – perguntou Merthin, descobrindo-se a sussurrar.

– Os monges são limpos – respondeu Thomas. – Alguém sujo passou por aqui.

Merthin não foi capaz de sentir qualquer cheiro fora do normal.

Thomas pegou um cutelo, do tipo que os açougueiros costumam usar para cortar carne e osso.

Foram até a porta da cozinha. Thomas levantou o coto do braço esquerdo num gesto de advertência. Eles pararam. Havia uma claridade mínima no claustro das freiras. Parecia vir de um recesso na extremidade próxima. Era o brilho refletido de uma vela distante, adivinhou Merthin. Podia vir do refeitório das freiras ou da escada de pedra que levava ao dormitório, se não mesmo dos dois lugares.

Thomas tirou as sandálias e avançou, os pés descalços não fazendo qualquer barulho nas lajes de pedra. Ele desapareceu nas sombras do claustro. Merthin mal pôde divisá-lo quando ele se aproximou do recesso na parede.

Um cheiro fraco mas penetrante alcançou o nariz de Merthin. Não era o cheiro de corpos sujos que Thomas captara na cozinha, mas sim algo diferente e novo. Um momento depois, Merthin o identificou como fumaça. Thomas devia ter percebido também, pois ficou imóvel de repente, encostado na parede.

Alguém invisível soltou um grunhido de surpresa. No instante seguinte, uma figura saiu do recesso para a galeria do claustro, claramente delineada, a luz fraca mostrando um homem com alguma espécie de capuz que cobria a cabeça e o rosto. O homem se voltou para a porta do refeitório.

Thomas o golpeou.

O cutelo faiscou por um instante no escuro, depois houve um baque assustador quando afundou no corpo do homem. Ele soltou um grito de terror e dor. Enquanto caía, Thomas golpeou de novo. O grito se transformou num gorgolejo horrível que de repente parou. Ele bateu nas pedras do piso com um barulho sem vida.

Ao lado de Merthin, Caris soltou um grito abafado de horror. Merthin correu para a frente.

– O que está acontecendo?

Thomas se virou para ele fazendo sinais com o cutelo para que recuasse.

– Quieto! – sussurrou.

A luz mudou numa fração de segundo. Subitamente, o claustro foi iluminado pelo brilho intenso de uma chama.

Alguém veio correndo do refeitório com passos pesados. Era um homem grande carregando um saco em uma das mãos e uma tocha acesa na outra. Parecia um fantasma, até que Merthin percebeu que usava um capuz tosco com buracos para os olhos e a boca.

Thomas se postou na frente do homem correndo e ergueu o cutelo. Mas assumiu a posição tarde demais. Antes que pudesse golpear, o homem esbarrou nele, jogando-o para longe.

Thomas bateu numa coluna. Houve um estrondo, que parecia ser da cabeça se chocando com uma pedra. Ele arriou no chão, sem sentidos. O homem correndo perdeu o equilíbrio e caiu de joelhos.

Caris passou apressada por Merthin e foi se ajoelhar ao lado de Thomas. Vários outros homens apareceram, todos encapuzados, alguns segurando tochas. Merthin teve a impressão de que alguns vinham do refeitório, enquanto outros desciam a escada do dormitório das freiras. Ao mesmo tempo, ouviu o som de mulheres gritando e gemendo. Por um instante, a cena foi de caos.

Merthin correu para junto de Caris e tentou protegê-la da debandada com seu corpo.

Os intrusos viram seu companheiro caído e pararam de repente, chocados. À luz das tochas, podiam ver que ele estava indubitavelmente morto, o pescoço cortado quase por completo, o sangue se derramando abundante pelo piso de pedra do claustro. Olharam ao redor, as cabeças se deslocando de um lado para

outro, espiando através dos buracos nos capuzes como peixes num rio.

Um deles viu o cutelo de Thomas, vermelho de sangue, caído ao lado de Thomas e Caris. Apontou-o para os outros. Com um grunhido de raiva, desembainhou a espada.

Merthin ficou apavorado por Caris. Adiantou-se, atraindo a atenção do atacante. O homem avançou para Merthin e ergueu a espada. Merthin recuou, afastando-o de Caris. À medida que o perigo para ela diminuía, ele se sentia mais assustado por si mesmo. Foi recuando, trêmulo de medo, e escorregou no sangue do morto. Perdeu por completo o equilíbrio e caiu de costas no chão.

O atacante parou à sua frente, a espada erguida para matá-lo.

Foi nesse instante que um dos outros interferiu. Era o mais alto dos intrusos e movimentou-se com surpreendente rapidez. Com a mão esquerda, agarrou o braço levantado do atacante de Merthin. Devia ter alguma autoridade, pois não precisou falar: limitou-se a sacudir a cabeça de um lado para outro, em negativa, para que o atacante baixasse a espada, obediente.

Merthin notou que seu salvador usava uma luva na mão esquerda, mas não na direita.

A interação durou apenas o tempo suficiente para que um homem contasse até dez e terminou tão abruptamente quanto começara. Um dos homens encapuzados se virou para a cozinha e desatou a correr, logo seguido pelos outros. Deviam ter planejado a fuga por aquele caminho. Merthin compreendeu o motivo: a cozinha tinha uma porta que dava para o pátio gramado da catedral, a saída mais rápida. Todos desapareceram e, sem o clarão de suas tochas, o claustro voltou a mergulhar na escuridão.

Merthin permaneceu imóvel, sem saber o que deveria fazer. Era melhor correr atrás dos intrusos, subir até o dormitório para saber por que as freiras estavam gritando ou procurar o incêndio? Ajoelhou-se ao lado de Caris e perguntou:

– Thomas está vivo?

– Acho que ele bateu com a cabeça e ficou inconsciente, mas continua a respirar e não há sangue.

Por trás dele, Merthin ouviu a voz familiar de irmã Joan:

– Socorro! Ajude, por favor!

Ele se virou. Joan estava parada na porta do refeitório, o rosto grotescamente iluminado pela chama do lampião de vela em sua mão, a cabeça envolta por fumaça, como se fosse um elegante chapéu.

– Pelo amor de Deus, venha depressa!

Merthin se pôs de pé. Joan desapareceu de volta no refeitório, e ele correu atrás dela. O lampião projetava sombras confusas, mas ele conseguiu evitar qualquer esbarrão nos móveis enquanto a seguia até a extremidade do refeitório. A fumaça saía de um buraco no chão. Merthin constatou no mesmo instante que o buraco era obra de um construtor meticuloso: era perfeitamente quadrado e tinha bordas bem acabadas e uma impecável porta de alçapão. Adivinhou que era a tesouraria secreta das freiras, construída em sigilo por Jeremiah. Mas os ladrões a haviam descoberto naquela noite.

Ele inspirou a fumaça e tossiu. Especulou sobre o que estaria ardendo lá embaixo e por quê, mas não tinha a menor intenção de descobrir... parecia perigoso demais. Foi nesse momento que Joan gritou para ele:

– Tilly está lá dentro!

– Santo Deus!

Desesperado, Merthin desceu a escada. Teve de prender a respiração. Perscrutou o local através da fumaça. Apesar do medo que sentia, o olho de construtor notou que a escada de pedra em espiral era benfeita, cada degrau exatamente do mesmo tamanho e formato, cada um no mesmo ângulo para o seguinte; por isso pôde descer com confiança, mesmo sem ver onde pisava.

Alcançou num instante a câmara subterrânea. Podia ver as chamas perto do centro. O calor era intenso e ele compreendeu que não poderia ficar ali por mais que uns poucos instantes. A fumaça era densa. Ainda prendia a respiração, mas seus olhos começaram a ficar marejados de lágrimas, a visão se tornando mais e mais turva. Ele enxugou os olhos com a manga e esquadrinhou a escuridão. Onde estava Tilly? Não dava para ver o chão.

Ficou de joelhos. A visibilidade melhorou um pouco: a fumaça era menos densa perto do chão. Merthin engatinhou ao redor, tateando com as mãos onde não podia ver.

– Tilly! – gritou. – Onde você está?

A fumaça ardeu em sua garganta, e ele sofreu um acesso de tosse que teria

abafado qualquer resposta. Não podia aguentar por mais tempo. Tossia convulsivamente e cada respiração parecia sufocá-lo com mais fumaça. Os olhos lacrimejavam demais, a ponto de quase cegá-lo. Em desespero, ele se aproximou tanto do fogo que as chamas começaram a chamuscar sua manga. Se tivesse um colapso e perdesse os sentidos, morreria com certeza.

E foi então que sua mão tocou em carne.

Ele a segurou. Era uma perna humana, uma perna pequena, uma perna de garota. Puxou-a em sua direção. As roupas estavam fumegando. Mal podia ver o rosto e não tinha como saber se ela estava consciente. Mas as mãos e os pés haviam sido amarrados com tiras de couro, por isso ela não podia sair dali por si mesma. Com um esforço para deixar de tossir, Merthin enfiou os braços por baixo do corpo e o ergueu.

Assim que ficou de pé, a fumaça se tornou mais densa e ofuscante. Subitamente, Merthin não pôde mais se lembrar da direção em que ficava a escada. Cambaleou para longe das chamas e esbarrou na parede, quase largando Tilly. Para a direita ou esquerda? Foi para a esquerda e chegou a um canto da parede. Mudou de ideia e voltou.

Tinha a sensação de que se afogava. Quase sem forças, caiu de joelhos. Isso o salvou. Mais uma vez, descobriu que podia ver melhor perto do chão. Um degrau de pedra surgiu bem à sua frente como uma visão do paraíso.

Desesperado, com o corpo inerte de Tilly nos braços, avançou de joelhos até a escada. Com um último esforço, levantou-se de novo. Pôs um pé no degrau mais baixo e subiu; depois, conseguiu escalar o degrau seguinte. Com uma tosse incontrolável, forçou-se a continuar a subir, até que não havia mais degraus. Cambaleou, caiu de joelhos, largou Tilly e arriou na porta do refeitório.

Alguém se debruçou sobre ele.

– Feche o alçapão! Pare o fogo! – balbuciou Merthin.

Logo depois ouviu uma batida forte quando a pesada porta de madeira foi fechada.

Ele foi agarrado pelos braços. Abriu os olhos por um momento e deparou com o rosto de Caris virado para baixo; sua visão se turvou. Ela o arrastou pelo chão. A fumaça ficou menos densa e ele passou a aspirar grandes quantidades de ar para os pulmões. Sentiu a transição de um lugar fechado para o ar livre.

Saboreou o gosto do ar noturno limpo. Caris o largou. Merthin ouviu seus passos voltando ao refeitório a correr.

Ofegou, tossiu, ofegou, tossiu de novo. Lentamente, a respiração foi se normalizando. Quando os olhos pararam de lacrimejar, ele viu que o dia amanhecia. A tênue claridade mostrava um bando de freiras de pé ao seu redor.

Ele sentou. Caris e outra freira arrastaram Tilly para fora do refeitório. Puseram-na ao lado de Merthin. Caris se inclinou sobre ela. Merthin tentou falar, mas tossiu. Tentou de novo e conseguiu perguntar:

– Como ela está?

– Ela foi apunhalada no coração. – Caris começou a chorar. – Já estava morta antes de você alcançá-la.

72

Merthin abriu os olhos para o dia claro. Dormira até tarde: a inclinação dos raios do sol passando pela janela indicava que era o meio da manhã. Recordou os acontecimentos da noite anterior como um pesadelo e, por um momento, acalentou a esperança de que pudesse ter sido isso mesmo. Mas o peito doía quando respirava e a pele do rosto estava dolorosamente chamuscada. O horror do assassinato de Tilly lhe veio à mente. E o da irmã Nellie também... duas jovens inocentes. Como Deus podia permitir que coisas assim acontecessem?

Entendeu o que o despertara quando seus olhos se fixaram em Caris pondo uma bandeja na mesinha perto da cama. Ela estava de costas para ele, mas Merthin percebeu, pela posição dos ombros e a inclinação da cabeça, que Caris estava furiosa. O que não era de surpreender. Ela lamentava por Tilly, enfurecida porque a santidade e a segurança do convento haviam sido violadas.

Merthin se levantou. Caris puxou dois bancos para a mesinha e ambos se sentaram. Ele estudou afetuosamente o rosto dela. Havia linhas de tensão em torno dos olhos. Merthin especulou se ela havia dormido. Uma mancha cinza se destacava em sua face esquerda e ele lambeu o polegar para limpá-la com extrema delicadeza.

Ela trouxera pão fresco e manteiga, junto com um jarro de sidra. Merthin percebeu que estava com muita fome e sede e começou a comer. Caris, reprimindo sua fúria, não tocou em nada. Com a boca cheia de pão, Merthin perguntou:

– Como Thomas se sente esta manhã?

– Está deitado no hospital. A cabeça ainda dói, mas ele fala de maneira coerente e pode responder a perguntas. Portanto, é provável que não haja lesões permanentes no cérebro.

– Ainda bem. Terá de haver um inquérito sobre as mortes de Tilly e Nellie.

– Já mandei uma mensagem para o representante do rei em Shiring.

– Provavelmente vão atribuir a culpa a Tam Hiding.

– Tam Hiding está morto.

Merthin assentiu com a cabeça. Sentira-se mais animado com a comida, mas agora tornava a cair em depressão. Sabia o que estava por vir. Engoliu em seco e empurrou o prato para o lado.

– Quem quer que esteve aqui ontem à noite desejava esconder sua identidade, por isso mentiu sem saber que Tam morreu em meu hospital há três meses.

– Quem você acha que pode ter sido?

– Alguém que conhecemos, por isso eles usaram as máscaras.

– É possível.

– Salteadores não usam máscaras.

Era verdade. Como viviam de qualquer maneira à margem da lei, não se importavam com quem soubesse sobre eles e os crimes que cometiam. Os intrusos da noite passada eram diferentes. As máscaras sugeriam que se tratava de cidadãos respeitáveis que tinham receio de ser reconhecidos. Caris continuou, com uma lógica implacável:

– Mataram Nellie para obrigar Joan a abrir a tesouraria, mas não precisavam tirar a vida de Tilly: já estavam lá dentro a essa altura. Queriam Tilly morta por outro motivo. E não se contentaram em deixá-la ali para ser sufocada pela fumaça e arder até seu fim. Também fizeram questão de apunhalá-la no coração. Por alguma razão, queriam ter certeza de sua morte.

– O que isso lhe diz?

Caris não deu uma resposta direta.

– Tilly achava que Ralph queria matá-la.

– Sei disso.

– Um dos homens encapuzados estava prestes a matar você.

Caris sentiu que a voz ficava presa na garganta e teve de parar de falar. Tomou um gole da sidra de Merthin para recuperar o controle antes de conseguir continuar:

– Mas o líder o deteve. Por que ele faria isso? Já haviam assassinado uma

freira e uma nobre. Por que o escrúpulo em matar um simples construtor?

– Você acha que foi Ralph.

– Você não?

– Também acho que foi ele.

Merthin deixou escapar um suspiro fundo.

– Reparou na luva?

Merthin assentiu.

– Apenas uma, na mão esquerda. E não uma luva normal, mas uma sem dedos.

– Para esconder a falta dos três dedos.

– Não posso ter certeza, e não seríamos capazes de provar qualquer coisa, mas tenho uma terrível convicção a respeito – afirmou Caris e se levantou. – Vamos verificar os danos.

Dirigiram-se ao claustro das freiras. As noviças e as órfãs estavam limpando a tesouraria, subindo pela escada de pedra em espiral com sacos de madeira queimada e cinzas. Entregavam tudo o que não fora completamente destruído à irmã Joan e levavam o resto para o monte de lixo.

Numa mesa no refeitório, Merthin viu os ornamentos da catedral: castiçais de ouro e prata, crucifixos e vasos, tudo muito bem lavrado e cravejado de pedras preciosas. E ficou surpreso.

– Não levaram esses ornamentos?

– Levaram, mas parecem ter mudado de ideia e os largaram numa vala fora da cidade. Foram encontrados esta manhã por um camponês que vinha vender seus ovos na cidade. Por sorte, ele era honesto.

Merthin pegou um jarro de ouro usado para lavar as mãos. Tinha formato de galo, com as penas do pescoço esculpidas à perfeição.

– É difícil vender uma coisa assim. Poucas pessoas teriam dinheiro para comprar, e a maioria adivinharia que era roubada.

– Os ladrões poderiam derreter e vender o ouro.

– Obviamente, decidiram que daria muito trabalho.

– Talvez.

Caris não estava convencida. Nem Merthin: sua própria explicação não se ajustava. Era evidente que o assalto fora planejado com todo o cuidado. Então

por que os ladrões não haviam decidido antes o que fazer com os ornamentos? Ou levá-los, ou deixá-los no convento?

Caris e Merthin desceram a escada para a câmara subterrânea. Merthin sentiu um frio de medo no estômago ao recordar a terrível provação da noite anterior. Mais noviças limpavam as paredes e o chão com esfregões e baldes.

Caris mandou as noviças subirem e descansarem um pouco. Quando ficou a sós com Merthin, pegou um pedaço de madeira numa prateleira e usou para levantar uma das lajes no chão. Merthin não notara antes que a pedra não estava tão justa quanto as outras, pois havia um espaço estreito ao redor. Ele então viu que havia um grande buraco por baixo contendo uma arca de madeira. Caris se inclinou para o buraco, tirou a arca e a abriu com uma chave que levava no cinto. Estava cheia de moedas de ouro. Merthin ficou surpreso.

– Eles não encontraram isso!

– Há mais três cofres escondidos. Outro no chão e dois nas paredes. Eles não abriram nenhum.

– Não devem ter procurado direito. A maioria das tesourariass tem esconderijos. Todo mundo sabe disso.

– Especialmente os ladrões.

– Portanto, talvez o dinheiro não fosse a principal prioridade.

– Exatamente.

Caris trancou a arca e a guardou de volta no cofre.

– Se eles não queriam os ornamentos e não estavam tão interessados em dinheiro a ponto de procurar os esconderijos com mais empenho, por que vieram até aqui?

– Para matar Tilly. O assalto foi um disfarce.

Merthin pensou por um momento.

– Para isso, não precisavam de uma história com uma cobertura elaborada. Se tudo o que queriam mesmo era matar Tilly, poderiam tê-la liquidado no dormitório e fugir antes que as freiras voltassem das Matinas. Se fossem cuidadosos, por exemplo, sufocando-a com um travesseiro de penas, nem mesmo teríamos certeza de seu assassinato. Teria parecido que ela morreu no sono.

– Então não há explicação para o ataque. Acabaram sem quase nada... apenas

com umas poucas moedas de ouro.

Merthin correu os olhos pela câmara subterrânea.

– Onde estão os cartulários?

– Devem ter queimado. Não tem importância. Tenho cópias de tudo.

– Pergaminhos não queimam muito bem.

– Nunca tentei queimar nenhum.

– Um pergaminho arde um pouco, encolhe, fica distorcido, mas nunca se queima por completo.

– Talvez os cartulários tenham sido retirados dos detritos.

– Vamos verificar.

Subiram a escada em espiral. No claustro, Caris perguntou a Joan:

– Encontrou algum pergaminho entre as cinzas?

Joan sacudiu a cabeça.

– Absolutamente nenhum.

– Podem ter escapado à sua atenção?

– Creio que não... a menos que estivessem reduzidos a cinzas.

– Merthin diz que os pergaminhos nunca queimam completamente. – Caris se voltou para ele. – Quem poderia querer nossos cartulários? Não têm qualquer utilidade para outras pessoas.

Merthin seguiu o fio da meada de sua própria lógica só para verificar até onde poderia levar.

– Vamos supor que haja um documento em seu poder, que você poderia ter ou que outras pessoas pensam que está em suas mãos, e quisessem se apossar dele.

– O que poderia ser?

Merthin franziu o rosto.

– Documentos são feitos para serem públicos. Só faz sentido escrever alguma coisa para que as pessoas possam ver no futuro. Um documento secreto é uma coisa estranha...

E foi nesse momento que ele se lembrou de uma coisa. Afastou Caris de Joan e levou-a pelo claustro até um ponto em que ninguém poderia ouvi-los, antes de dizer:

– Conhecemos um documento secreto.

– A carta que Thomas enterrou na floresta.

– Isso mesmo.

– Mas por que alguém haveria de imaginar que estaria na tesouraria do convento?

– Pense um pouco. Aconteceu alguma coisa ultimamente que poderia despertar suspeitas?

Uma expressão de consternação estampou-se no rosto de Caris.

– Oh, meu Deus! – exclamou ela.

– Houve alguma coisa.

– Já lhe contei que Lynn Grange nos foi doada pela rainha Isabella por aceitarmos Thomas, há muitos anos.

– E você falou a respeito com alguém?

– Falei... com o bailio de Lynn. E Thomas ficou furioso por eu ter feito isso. Disse que haveria terríveis consequências.

– Portanto, alguém teme que a carta secreta de Thomas esteja em seu poder.

– Ralph?

– Não creio que Ralph tenha conhecimento da carta. Fui o único que viu Thomas enterrá-la. Tenho certeza de que ele nunca contou nada a ninguém. Ralph deve estar agindo por conta de outra pessoa.

Caris parecia assustada.

– A rainha Isabella?

– Ou o próprio rei.

– É possível que o rei tenha ordenado que Ralph invadisse um convento?

– Não pessoalmente. Ele teria usado um intermediário, alguém leal, ambicioso e absolutamente sem escrúpulos. Encontrei muitos homens assim em Florença quando frequentava o palácio do doge. São a ralé do mundo.

– Eu gostaria de saber quem foi.

– Acho que posso imaginar – disse Merthin.

Gregory Longfellow se encontrou com Ralph e Alan dois dias depois em Wigleigh, no pequeno solar de madeira. Wigleigh era um lugar mais discreto do

que Tench.

Havia pessoas demais em Tench Hall observando todos os movimentos de Ralph: criados, inúmeros servidores, os pais. Ali em Wigleigh os camponeses tinham muito trabalho extenuante para fazer; ninguém questionaria Ralph sobre o conteúdo do saco que Alan carregava.

– Imagino que tudo correu conforme o planejado – comentou Gregory.

A notícia da invasão do convento se espalhara num instante por todo o condado.

– Não tivemos nenhuma dificuldade – respondeu Ralph.

Ele ficou um pouco decepcionado com a reação contida de Gregory. Depois de todos os problemas que enfrentara para se apossar dos cartulários, era de esperar que Gregory demonstrasse algum entusiasmo.

– O representante do rei no condado já anunciou que fará um inquérito, como não podia deixar de ser – disse Gregory, ainda em tom seco.

– Atribuirão a culpa a salteadores.

– Vocês não foram reconhecidos?

– Usávamos capuzes.

Gregory fitou Ralph com uma expressão estranha.

– Eu não sabia que sua esposa estava no convento.

– Uma coincidência útil – disse Ralph. – Permitiu que eu matasse dois coelhos com uma só cajadada.

A expressão estranha do advogado ficou ainda mais intensa. O que ele estava pensando? Fingiria estar chocado por Ralph ter assassinado a própria esposa? Se assim fosse, Ralph estava pronto para ressaltar que Gregory era cúmplice de tudo o que acontecera no convento... ele fora o instigador. Não tinha o direito de julgar. Ralph esperou que Gregory se manifestasse. Mas, após um tempo, o advogado se limitou a dizer:

– Vamos dar uma olhada nesses cartulários.

Mandaram a governata, Vira, sair para um longo serviço. Ralph pôs Alan de vigia na porta, para despachar qualquer visitante inesperado. Depois, Gregory derramou na mesa os cartulários que estavam no saco. Sentou da maneira mais confortável e começou a examiná-los. Alguns pergaminhos estavam enrolados e presos com cordões; outros, alisados e amontoados um por cima do outro; uns

poucos costurados em brochuras. Ele pegou um, leu algumas linhas à luz forte do sol que entrava pelas janelas abertas, depois jogou o cartulário de volta no saco e pegou outro.

Ralph não tinha a menor ideia do que Gregory procurava. Ele só comentara que o documento poderia criar constrangimentos para o rei. E Ralph não imaginava que tipo de documento Caris poderia ter em seu poder que fosse capaz de produzir esse efeito. Ele logo se cansou de observar Gregory ler, mas não queria se retirar. Entregara o que Gregory queria e continuaria sentado ali até que o advogado confirmasse a sua parte do acordo.

O advogado alto continuou a examinar os documentos com a maior paciência. Um deles atraiu sua atenção e ele leu até o fim, mas depois o jogou também no saco, junto com os outros.

Ralph e Alan haviam passado a maior parte da última semana em Bristol. Não era provável que alguém lhes pedisse explicações sobre seus movimentos, mas mesmo assim eles haviam tomado todas as precauções. Beberam em tavernas todas as noites, exceto naquela em que foram a Kingsbridge. Seus companheiros se lembrariam da cerveja de graça, mas era provável que não se recordassem de que numa noite daquela semana Ralph e Alan haviam se ausentado ou, se lembrassem, com certeza não saberiam se fora na quarta-feira depois da Páscoa ou na quinta-feira antes de Pentecostes.

Finalmente a mesa ficou vazia e o saco, cheio de novo. Ralph perguntou:

– Não encontrou o que procurava?

Gregory não respondeu.

– Você trouxe tudo?

– Tudo o que estava lá.

– Ótimo.

– Quer dizer que não encontrou?

Gregory escolheu as palavras com todo o cuidado, como sempre fazia:

– O item específico não está aqui. Mas encontrei um documento que pode explicar por que... essa questão foi falada em meses recentes.

– Portanto, está satisfeito – insistiu Ralph.

– Estou.

– E o rei não precisa mais ficar preocupado.

Gregory demonstrou impaciência:

– Não deve se interessar pelas preocupações do rei. Deixe que eu cuido disso.

– Nesse caso, posso esperar minha recompensa imediatamente.

– Pode, sim. Será o conde de Shiring na próxima colheita.

Ralph sentiu um ímpeto de satisfação. Conde de Shiring, finalmente. Conquistara o prêmio pelo qual sempre ansiara e o pai ainda estava vivo para ouvir a notícia.

– Obrigado.

– Se eu fosse você, iria cortejar lady Philippa.

– Cortejá-la? – indagou Ralph, surpreso.

Gregory deu de ombros.

– Ela não tem alternativa neste caso, é claro. Mas ainda assim as formalidades devem ser observadas. Diga a lady Philippa que o rei lhe concedeu permissão para pedi-la em casamento. Diga também que espera que ela venha a amá-lo tanto quanto você a ama.

– Ahn... Está bem.

– E leve um presente – aconselhou Gregory.

73

Na manhã do enterro de Tilly, Caris e Merthin se encontraram no telhado da catedral ao amanhecer.

Era um mundo à parte. Calcular a área das telhas de ardósia era um permanente exercício de geometria na classe de matemática avançada da escola do priorado. Os trabalhadores precisavam de acesso constante para reparos e manutenção, por isso havia uma rede de caminhos e escadas ligando as encostas e cristas, cantos e depressões, calhas e gárgulas. A torre da interseção ainda não fora reconstruída, mas a vista do alto da fachada oeste era impressionante.

O priorado já estava bastante movimentado. Seria um funeral importante. Tilly não fora ninguém em vida, mas agora era a vítima de um assassinato muito comentado, uma nobre morta num convento. Seria lamentada por pessoas que nunca lhe haviam dirigido sequer três palavras. Caris preferia desencorajar o comparecimento das pessoas, por causa do risco de disseminar ainda mais a peste, mas não havia nada que ela pudesse fazer.

O bispo já estava em Kingsbridge, hospedado no melhor quarto do palácio do prior, e era por isso que Caris e Merthin haviam passado a noite separados, ela no dormitório das freiras e ele com Lolla, na Holly Bush. O viúvo enlutado, Ralph, fora para um aposento particular no segundo andar do hospital. Seu filho, Gerry, continuava sob os cuidados das freiras. Lady Philippa e a filha, Odila, que eram tudo o que restava da família da jovem morta, também estavam hospedadas no hospital.

Nem Caris nem Merthin haviam falado com Ralph quando ele chegara, no dia anterior. Não havia nada que pudessem fazer, nenhum meio de obter justiça pela morte de Tilly, pois nada podiam provar: mas mesmo assim eles sabiam a verdade. Até agora, não haviam contado a ninguém sobre sua convicção: não

havia sentido. Hoje, durante o funeral, teriam de simular um comportamento normal com Ralph. O que seria bastante difícil.

Enquanto as personalidades importantes dormiam, as freiras e os empregados do priorado trabalhavam no preparo do almoço do funeral. A fumaça se elevava da padaria, onde dezenas de pães de trigo compridos, pesando um quilo, já eram assados no forno. Dois homens rolavam um enorme barril de vinho para o palácio do prior. Várias noviças arrumavam bancos e uma mesa de cavaletes no pátio gramado para as pessoas enlutadas que compareceriam à cerimônia.

Enquanto o sol surgia além do rio, projetando uma claridade dourada enviesada sobre os telhados de Kingsbridge, Caris estudou as marcas deixadas na cidade por nove meses de peste. Lá de cima, podia ver as falhas nas fileiras de casas, como dentes arrancados. Os prédios de madeira estavam sempre desmoronando, por causa de incêndios, danos causados pela chuva, construções malfeitas ou apenas a passagem do tempo. O que era diferente agora era o fato de que ninguém se dava o trabalho de reconstruí-los. Se sua casa desabava, bastava se mudar para uma das casas vazias na mesma rua. A única pessoa que decidira construir alguma coisa era Merthin, que era considerado um otimista desvairado com dinheiro demais.

No outro lado do rio, os coveiros já haviam começado a trabalhar em outro cemitério recém-consagrado. A peste não dava nenhum sinal de que poderia diminuir. Onde acabaria? As casas continuariam a desmoronar, uma de cada vez, até que não restasse mais nenhuma e a cidade fosse um monte de escombros, com telhas quebradas e madeiras calcinadas por toda parte e uma catedral deserta no meio de um cemitério de uma centena de acres?

– Não vou permitir que isso aconteça – declarou ela.

Merthin a princípio não entendeu.

– Está se referindo ao funeral? – indagou ele, o rosto franzido. Caris fez um gesto amplo, para abranger a cidade e o mundo além.

– Tudo. Bêbados mutilando uns aos outros. Pais abandonando as crianças doentes na porta de meu hospital. Homens fazendo fila para fornicar uma mulher bêbada em cima de uma mesa na frente da White Horse. Animais morrendo nos pastos por falta de cuidados. Penitentes seminus se açoitando e depois cobrando moedas dos espectadores. E, acima de tudo, uma jovem mãe assassinada aqui,

em meu convento. Não me importo se todos vamos morrer da peste. Enquanto ainda estivermos vivos, não vou deixar que o mundo desmorone.

– O que vai fazer?

Ela sorriu, agradecida a Merthin. A maioria das pessoas lhe diria que ela era impotente para lutar contra a situação, mas ele estava sempre disposto a acreditar nela. Caris olhou anjos de pedra esculpidos num pináculo, os rostos indefinidos por duzentos anos de vento e chuva; e pensou no espírito que impulsionara os construtores da catedral.

– Vamos restabelecer a ordem e a rotina aqui. Vamos obrigar a população de Kingsbridge a voltar ao normal, quer goste ou não. Vamos reconstruir esta cidade e sua vida, apesar da peste.

– Está certo.

– Este é o momento de agir.

– Porque todos estão furiosos com a morte de Tilly?

– E porque se sentem apavorados como o pensamento de que homens armados podem entrar na cidade à noite e assassinar quem quiserem. Acham que ninguém mais está seguro.

– O que pretende fazer?

– Direi a todos que isso nunca mais deve acontecer.



– Isso nunca mais deve acontecer! – gritou Caris.

Sua voz ressoou pelo cemitério e ao mesmo tempo ecoou nas velhas paredes cinzentas da catedral.

Uma mulher nunca podia falar como parte de um serviço na igreja, mas a cerimônia à beira do túmulo era numa área neutra, um momento solene que ocorria fora da igreja, uma ocasião em que leigos – como pessoas da família do falecido – às vezes faziam discursos ou entoavam orações em voz alta.

Mesmo assim, Caris se expunha ao fazer isso. O bispo Henri oficiava a cerimônia, ajudado pelo arquidiácono Lloyd e o cônego Claude. Lloyd era membro da diocese há muitos anos ao passo que Claude fora colega de Henri na França. Em companhia clerical tão eminente, era uma audácia para uma freira

fazer um discurso imprevisto.

Só que essas considerações, é claro, nunca foram importantes para Caris.

Ela falou no momento em que o pequeno caixão era baixado para a sepultura. Várias pessoas da congregação começaram a chorar. Havia pelo menos quinhentas pessoas ali, mas todas se calaram ao som de sua voz.

– Homens armados entraram em nossa cidade à noite e mataram uma jovem no convento, e não vou mais admitir que isso aconteça!

Subiu um burburinho de concordância da multidão. Ela elevou a voz mais ainda:

– O priorado não vai admitir, o bispo não vai admitir e os homens e mulheres de Kingsbridge nunca mais vão admitir que isso aconteça!

O apoio se tornou mais clamoroso, as pessoas começando a berrar:

– Nunca mais!

E ainda:

– Amém.

– Todos dizem que Deus mandou a peste. Eu digo que, quando Deus nos manda a chuva, procuramos abrigo. Quando Deus nos manda o inverno, acendemos o fogo. Quando Deus nos manda as ervas daninhas, nós as arrancamos pelas raízes. Devemos nos defender!

Ela olhou para o bispo Henri, que parecia confuso. Ele não recebera qualquer aviso prévio sobre aquele sermão e, se fosse solicitado a conceder permissão, teria recusado. Mas, percebendo que Caris tinha o povo do seu lado, não ousou intervir.

– O que podemos fazer?

Caris olhou ao redor. Todos estavam voltados em sua direção, em expectativa. As pessoas não sabiam o que fazer e queriam que ela oferecesse uma solução. Aplaudiriam qualquer coisa que ela lhes dissesse, se ao menos propiciasse um pouco de esperança.

– Devemos reconstruir a muralha da cidade! – gritou ela.

Todos rugiram em aprovação.

– Uma muralha nova, mais alta, mais forte e mais comprida do que a antiga que desmoronou! – Ela fixou o olhar em Ralph. – Uma muralha que mantenha os assassinos fora da cidade!

A multidão bradou:

– Sim!

Ralph desviou os olhos.

– E devemos eleger um novo chefe da guarda, com uma força de ajudantes e sentinelas, para manter a lei e a ordem, para impor o bom comportamento!

– Apoiado!

– Haverá uma reunião da guilda da paróquia esta noite para definir os detalhes práticos. As decisões da guilda serão anunciadas na catedral no próximo domingo. Obrigada e que Deus abençoe todos vocês!



No banquete do funeral, no grande salão de jantar do palácio do prior, o bispo Henri sentou à cabeceira da mesa. À sua direita ficou lady Philippa, a condessa viúva de Shiring. Do outro lado dela sentou o principal enlutado, o viúvo de Tilly, sir Ralph Fitzgerald.

Ralph exultou por ficar junto de Philippa. Podia admirar seus seios enquanto ela se concentrava na comida. Cada vez que Philippa se inclinava para a frente, ele podia dar uma espiada pelo decote quadrado do vestido leve de verão. A condessa ainda não sabia, mas não estava longe o dia em que Ralph lhe ordenaria que tirasse as roupas e ficasse nua na sua frente. Poderia então contemplar aqueles seios magníficos em todo o seu esplendor.

O jantar providenciado por Caris foi abundante, mas não extravagante, ele notou. Não havia cisnes dourados ou torres de açúcar, mas havia bastante carne assada, peixe cozido, pão fresco e frutas da primavera. Ele serviu Philippa da sopa de carne de galinha moída e leite de amêndoa. Ela lhe disse:

– Esta é uma terrível tragédia. Você pode contar com meus mais profundos sentimentos.

As pessoas se mostravam tão compadecidas que às vezes, por alguns momentos, Ralph pensava em si mesmo como a vítima desesperada de uma terrível perda e esquecia que fora ele quem cravara a faca no jovem coração de Tilly.

– Obrigado – respondeu ele, solene. – Tilly era muito jovem. Mas nós,

soldados, estamos acostumados à morte súbita. Um dia um homem salva sua vida e você lhe jura eterna amizade e lealdade; no dia seguinte ele é abatido por uma flecha do inimigo que atinge seu coração e você logo o esquece.

Philippa lhe lançou um olhar estranho que o fez lembrar da maneira como sir Gregory o fitara, com um misto de curiosidade e repulsa, e não pôde deixar de pensar sobre o que havia em sua atitude em relação à morte de Tilly que pudesse provocar tal reação.

– Você tem um filho – disse Philippa.

– Gerry. As freiras estão cuidando dele hoje, mas vou levá-lo para Tench Hall amanhã. Arrumei uma ama de leite. – Ralph achou que era a oportunidade para fazer uma insinuação: – Mas é claro que ele precisa dos cuidados de uma nova mãe.

– Tem razão.

Ele recordou a perda recente de Philippa:

– Mas você sabe o que é perder o cônjuge.

– Fui afortunada em ter meu amado William durante 21 anos.

– Deve estar se sentindo solitária. – Aquele podia não ser o momento apropriado para o pedido de casamento, mas Ralph pensou em levar a conversa para esse assunto.

– É verdade. Perdi meus três homens: William e nossos dois filhos. O castelo parece bastante vazio.

– Mas talvez não por muito tempo.

Philippa o fitou aturdida, como se não pudesse acreditar em seus próprios ouvidos. Ralph compreendeu que dissera uma coisa ofensiva. Philippa se virou para falar com o bispo Henri, do seu outro lado. À direita de Ralph sentava a filha de Philippa, Odila.

– Gostaria de provar um pouco desse pastelão? – perguntou ele. – É de pavão e lebre.

A jovem anuiu com a cabeça e Ralph cortou uma fatia.

– Que idade você tem?

– Este ano completarei 15 anos.

Ela era alta e já tinha o corpo da mãe, busto e quadris largos de mulher feita.

– Parece mais velha – comentou ele, olhando para os seios.

Sua intenção era fazer um elogio – os jovens em geral queriam parecer mais velhos –, mas Odila corou e desviou os olhos.

Ralph baixou os olhos para seu prato de madeira e espetou um pedaço de carne de porco cozida com gengibre. Pôs-se a comer de mau humor. Não era muito bom no que Gregory chamava de cortejar.



Caris estava sentada à esquerda do bispo Henri, com Merthin como regedor de seu outro lado. Junto de Merthin estava sir Gregory Longfellow, que viera para o funeral do conde William três meses antes e ainda não deixara a região. Caris tinha de fazer esforço para reprimir sua repulsa por sentar à mesma mesa que o assassino Ralph e o homem que, quase com certeza, o instigara. Mas tinha um trabalho a fazer naquele jantar. Elaborara um plano para a recuperação da cidade. A reconstrução da muralha era apenas a primeira parte. Para a segunda parte, precisava contar com o bispo Henri do seu lado.

Serviu-lhe uma taça do melhor vinho tinto gascão. O bispo tomou um longo gole, limpou a boca e comentou:

– Você fez um bom sermão.

– Obrigada. – Ela percebeu a censura irônica que havia por trás do elogio. – A vida nesta cidade estava degenerando para a desordem e a devassidão. Se queremos endireitar, precisamos inspirar as pessoas. Tenho certeza de que concorda.

– É um pouco tarde para perguntar se concordo com você. Mas eu concordo.

Henri era um pragmático que não se empenhava em batalhas perdidas. Caris contava com isso. Serviu-se de garça-real assada com pimentão e cravo, mas não começou a comer: ainda tinha muito a dizer.

– Há mais em meu plano do que apenas as muralhas e a nova guarda.

– Era o que eu pensava.

– Creio que deve ter, como bispo de Kingsbridge, a catedral mais alta da Inglaterra.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Eu não esperava por isso.

– Há duzentos anos este era um dos priorados mais importantes da Inglaterra. Deve voltar a ser. Uma nova torre da catedral simbolizaria o renascimento, e sua eminência entre os bispos.

O bispo deu um sorriso irônico, mas ficou satisfeito. Sabia que estava sendo lisonjeado... e gostava.

– A torre também serviria à cidade – acrescentou Caris. – Seria visível a distância e ajudaria os peregrinos e mercadores a encontrarem o caminho até aqui.

– Como pagaria por isso?

– O priorado é rico.

Henri ficou surpreso de novo.

– O prior Godwyn sempre se queixou de problemas de dinheiro.

– Ele não era um bom administrador.

– Parecia-me bastante competente.

– Dava essa impressão para muitas pessoas, mas sempre tomava as decisões erradas. Logo de início, ele se recusou a consertar o moinho de pisoar, que lhe daria um bom rendimento, mas gastou dinheiro neste palácio, que nada rendeu.

– E como as coisas mudaram?

– Dispensei a maioria dos bailios e pus em seu lugar homens mais jovens, dispostos a promover mudanças. Converti metade da terra em pasto, que é mais fácil de administrar nestes tempos de escassez de trabalhadores. E também nos beneficiamos do *heriot* e dos legados de pessoas que morreram sem herdeiros em decorrência da peste. O mosteiro é agora tão rico quanto o convento.

– Todos os arrendatários são livres?

– A maioria. Em vez de trabalharem um dia por semana na terra do senhor, guardarem suas ovelhas nos redis do senhor e vários outros serviços complicados, eles simplesmente pagam o que devem em dinheiro. Todos preferem assim, o que torna a nossa vida mais simples.

– Muitos proprietários de terras, os abades em particular, condenam esse tipo de ocupação. Dizem que estraga os camponeses.

Caris deu de ombros.

– O que perdemos com isso? O poder de impor mudanças insignificantes, favorecendo alguns servos e perseguindo outros, mantendo-os subservientes

todos eles. Monges e freiras não devem tiranizar os camponeses. Eles sabem que colheitas semear e o que podem vender nos mercados. Trabalham melhor quando tomam as decisões.

O bispo ainda parecia desconfiado.

– Acha então que o priorado tem condições de pagar por uma nova torre?

Henri esperava que ela lhe pedisse dinheiro, percebeu Caris.

– Acho, sim, mas com alguma ajuda dos mercadores da cidade. E é nesse ponto que você pode nos ajudar.

– Imaginei que devia haver alguma coisa.

– Não estou lhe pedindo dinheiro. Desejo sua ajuda em algo que vale mais do que dinheiro.

– Estou intrigado.

– Quero solicitar ao rei uma carta de burgo.

Ao dizer as palavras, Caris sentiu que suas mãos começavam a tremer. Voltou à batalha que travara com Godwyn dez anos antes, que terminara quando ela fora acusada de bruxaria. Quase morrera na luta pela carta de burgo. As circunstâncias agora eram completamente diferentes, mas nem por isso a carta de burgo era menos importante. Ela largou os talheres e cruzou as mãos no colo, para mantê-las imóveis.

– Entendo – disse Henri sem se comprometer.

Caris engoliu em seco e continuou:

– É essencial para a recuperação da vida comercial da cidade. Kingsbridge foi travada por muitos anos pelo poder de mão-morta do priorado, que impediu transferências de propriedades. Os priores são cautelosos e conservadores, e instintivamente dizem não a qualquer mudança ou inovação. Os mercadores vivem pela mudança, estão sempre à procura de novos meios de ganhar dinheiro – ou pelo menos os melhores. Se quisermos que os homens de Kingsbridge ajudem a pagar nossa nova torre, devemos lhes conceder a liberdade de que precisam para prosperar.

– Ou seja, uma carta de burgo.

– A cidade teria seu próprio tribunal, faria seus próprios regulamentos e seria dirigida por uma guilda apropriada em vez da guilda da paróquia como temos agora, que não conta com poder de fato.

– Mas o rei concordaria?

– Os reis gostam de burgos, pois pagam muitos impostos. No passado, porém, o prior de Kingsbridge sempre se opôs a uma carta de burgo.

– Acha que os priores são conservadores demais.

– Tímidos.

O bispo soltou uma risada.

– Timidez é uma coisa de que você nunca será acusada.

Caris insistiu em sua argumentação:

– Acho que uma carta de burgo é essencial se quisermos construir a nova torre.

– Sim, posso ver isso

– Quer dizer que concorda?

– Com a torre ou com a carta de burgo?

– As duas coisas estão juntas.

Henri parecia estar achando engraçado.

– Está me propondo um acordo, madre Caris?

– Se estiver disposto.

– Está bem. Construa a torre e eu a ajudarei a obter a carta de burgo.

– Não. Deve ser o inverso. Precisamos da carta de burgo primeiro.

– Para isso, devo confiar em você.

– É tão difícil assim?

– Para ser franco, não.

– Ótimo. Então estamos de acordo.

– Estamos.

Caris se inclinou para a frente e olhou além de Merthin.

– Sir Gregory?

– Pois não, madre Caris?

Ela se forçou a ser polida:

– Já experimentou este coelho com molho de açúcar? Eu recomendo.

Gregory aceitou a travessa e se serviu.

– Obrigado.

– Deve se recordar de que Kingsbridge não é um burgo.

– Claro que sim.

Gregory usara esse fato, há mais de dez anos, para vencer Caris no tribunal, na disputa sobre o moinho de pisoar.

– O bispo acha que já está na hora de pedirmos uma carta de burgo ao rei.

Gregory assentiu com a cabeça.

– Creio que o rei pode ser favorável a esse pedido, ainda mais se for apresentado da maneira correta.

Na esperança de que a aversão que sentia não transparecesse em seu rosto, Caris sugeriu:

– Talvez queira fazer a gentileza de nos aconselhar.

– Podemos conversar sobre os detalhes mais tarde?

Gregory exigiria um suborno, com toda a certeza, embora preferisse dizer que seriam honorários de advogado.

– Claro – respondeu ela, controlando um calafrio.

Os criados começaram a tirar as travessas. Caris baixou os olhos para seu prato de madeira. Não havia comido nada.



– Nossas famílias são aparentadas – disse Ralph a lady Philippa. Após uma pausa, ele se apressou a acrescentar: – Não intimamente, é claro. Mas meu pai descende do conde de Shiring, que era filho de lady Aliena e Jack Builder.

Ele olhou através da mesa para o irmão Merthin, o regedor de Kingsbridge.

– Creio que herdei o sangue dos condes e meu irmão, o sangue dos construtores.

Ele fitou Philippa para observar sua reação. Ela não parecia impressionada.

– Fui criado no círculo de seu falecido sogro, o conde Roland.

– Lembro-me de você como escudeiro.

– Servi sob o comando do conde no exército do rei na França. E na batalha de Crécy salvei a vida do príncipe de Gales.

– Uma atitude magnífica – comentou ela, polida.

Ralph tentava fazer com que Philippa o considerasse um igual, a fim de que parecesse mais natural quando anunciasse que ela deveria se tornar sua esposa. Mas parecia não estar surtindo qualquer efeito. Philippa apenas se mostrava

entediada e um pouco perplexa com o rumo da conversa.

As sobremesas foram servidas: morangos açucarados, bolachas com mel, tâmaras com passas e vinho temperado. Ralph esvaziou o copo e se serviu de mais vinho, na esperança de que isso o ajudasse a relaxar no contato com Philippa. Não sabia por que sentia tanta dificuldade para conversar com ela. Porque aquele era o funeral de sua esposa? Porque Philippa era uma condessa? Ou porque fora perdidamente apaixonado por ela durante anos e ainda não podia acreditar que agora se tornaria sua esposa?

– Quando sair daqui, voltará para Earlscastle? – perguntou Ralph.

– Isto mesmo. Partimos amanhã.

– Permanecerá lá por muito tempo?

– Para onde mais eu poderia ir? – Ela franziu o rosto. – Por que pergunta?

– Irei visitá-la, se me permitir.

A reação de Philippa foi de frieza:

– Com que finalidade?

– Quero tratar de um assunto que não seria apropriado discutir aqui e agora.

– Como assim?

– Irei visitá-la nos próximos dias.

Ela estava nervosa agora. Elevou a voz ao perguntar:

– O que pode ter para me dizer?

– Como eu falei antes, não seria apropriado falar a respeito hoje.

– Porque é o funeral de sua esposa?

Ele assentiu com a cabeça. Philippa empalideceu.

– Oh, meu Deus! Não pode estar sugerindo...

– Já disse que não quero tratar do assunto agora.

– Mas eu preciso saber! – gritou ela. – Está planejando me pedir em casamento?

Ralph hesitou, deu de ombros e acenou com a cabeça.

– Mas por que essa pretensão? – perguntou ela. – Afinal, precisaria da permissão do rei!

Ele a fitou e ergueu as sobrancelhas por um breve instante. Philippa se levantou abruptamente.

– Não!

Todos à mesa se viraram para ela, que fitou Gregory.

– Isso é verdade? O rei quer me casar com ele?

Ela sacudiu o polegar para Ralph, num gesto desdenhoso. Ele se sentiu apunhalado. Não esperava que Philippa demonstrasse tanta repulsa. Ele seria mesmo tão repulsivo? Gregory lançou um olhar de censura a Ralph.

– Este não era o momento para tratar do assunto.

– Então é verdade! – exclamou Philippa. – Que Deus me ajude!

Ralph olhou para Odila. Ela o fitava com total horror. O que ele fizera para merecer tamanha aversão?

– Não posso suportar – acrescentou Philippa.

– Por quê? – indagou Ralph. – O que há de errado? Que direito você tem de me desprezar e à minha família?

Ele correu os olhos pela companhia: seu irmão, seu aliado Gregory, o bispo, a prioresa, os nobres menores e os cidadãos eminentes. Todos permaneciam em silêncio, chocados e aturdidos com a explosão de Philippa.

Ela o ignorou. Dirigiu-se a Gregory:

– Não farei isso! Está me entendendo? Não farei isso!

Philippa estava pálida de raiva, lágrimas escorrendo pelas faces. Ralph pensou em como ela era linda, até mesmo quando o rejeitava e humilhava com sua irritação.

– A decisão não é sua, lady Philippa, muito menos minha – disse Gregory com frieza. – O rei fará o que achar melhor.

– Você pode me obrigar a usar um vestido de noiva e a marchar pela nave até o altar. – Philippa apontou para o bispo Henri. – Mas quando o bispo perguntar se aceito Ralph Fitzgerald como meu marido, não direi sim! Nunca, mas nunca mesmo!

Ela saiu furiosa da sala, acompanhada por Odila.



Quando o banquete acabou, os moradores da cidade voltaram para suas casas enquanto os hóspedes importantes iam para seus aposentos para a sesta. Caris supervisionou a limpeza. Sentia pena de Philippa, um pesar profundo, ainda mais

por saber – e ela não – que Ralph matara a primeira esposa. Mas estava mais preocupada com o destino de toda uma cidade, não apenas de uma única pessoa. Sua mente se concentrava nos planos para Kingsbridge. As coisas haviam corrido melhor do que ela imaginara. Os habitantes da cidade a haviam aplaudido e o bispo concordara com tudo o que ela propusera. Talvez a civilização voltasse a Kingsbridge, apesar da peste.

Além da porta dos fundos havia uma pilha de ossos com restos de carne e de cascas de pão. Ela avistou ali o gato de Godwyn, Arcebispo, se banqueteando na carcaça de um pato. Tratou de afugentá-lo. O gato se afastou por uns poucos metros e parou em seguida, a cauda de ponta branca erguida numa pose arrogante.

Absorta em seus pensamentos, Caris subiu a escada do palácio pensando em como começaria a pôr em prática as mudanças acertadas com Henri. Sem qualquer pausa, abriu a porta do quarto que partilhava com Merthin e entrou.

Por um momento, ficou desorientada. Havia dois homens no meio do quarto e ela pensou: Devo estar na casa errada. E depois: Devo ter entrado no quarto errado. Só então se lembrou que seu quarto, o melhor do palácio, fora naturalmente cedido ao bispo.

Os dois homens eram Henri e seu assistente, o cônego Claude. Caris levou um momento para compreender que os dois estavam nus, enlaçados, se beijando.

– Oh! – balbuciou ela, chocada.

Eles não ouviram a porta ser aberta. Até ela falar, não sabiam que eram observados. Quando ouviram a exclamação de surpresa, ambos se viraram. Uma expressão de culpa e horror se estampou no rosto boquiaberto de Henri.

– Desculpem! – disse Caris.

Os dois se separaram de um pulo, como se esperassem que isso pudesse negar o que estava acontecendo, depois se lembraram que estavam nus. Henri era o mais gordo, barrigudo, braços e pernas roliços, cabelos grisalhos no peito. Claude era mais jovem e mais esguio, com poucos pelos no corpo, exceto por um triângulo castanho na virilha. Caris nunca antes vira dois pênis eretos ao mesmo tempo.

– Perdão! – exclamou, constrangida. – Engano meu. Eu esqueci.

Ela compreendeu que balbuciava e que os dois homens estavam atordoados.

Não importava: nada que qualquer um dissesse poderia melhorar a situação.

Caris recuperou o controle, recuou, saiu do quarto e bateu a porta.



Merthin deixou o salão do banquete em companhia de Madge Webber. Gostava daquela mulher pequena e roliça, com seu queixo projetado para a frente e o traseiro, para trás. Admirava a maneira como ela se comportava depois que o marido e os filhos haviam morrido da peste. Mantivera o negócio, fazendo tecido e tingindo-o de acordo com a receita de Caris. Ela comentou com ele:

– Caris está certa como sempre. Não podemos continuar desse jeito.

– Você continuou normalmente, apesar de tudo.

– Meu único problema é encontrar pessoas para fazer o trabalho.

– Todos estão na mesma situação. Também não consigo arrumar trabalhadores.

– A lã crua é barata, mas os ricos ainda pagam altos preços pelo tecido escarlate – comentou Madge. – Eu poderia vender mais se produzisse mais.

Merthin pensou um pouco.

– Vi um tipo de tear mais rápido em Florença... um tear de pedal.

– É mesmo? – Ela o encarou com uma curiosidade atenta. – Nunca ouvi falar.

Ele pensou na melhor maneira de explicar.

– Em qualquer tear, você estica vários fios sobre a armação, para formar o que se chama de urdidura, e depois passa outro fio na transversal através da urdidura, por baixo de um fio e por cima de outro, por baixo e por cima, de um lado a outro e de volta, para formar a trama.

– É assim mesmo que os teares mais simples funcionam. Os nossos são melhores.

– Sei disso. Para tornar o processo mais rápido, vocês prendem cada segundo fio na urdidura a uma barra móvel, chamada liço. Ao se levantar o liço, esses fios são afastados do resto. Assim, em vez de passar por cima e por baixo, por cima e por baixo, você pode passar o fio da trama direto, através do espaço, num movimento fácil. Depois, você baixa o liço para o retorno da urdidura.

– Isso mesmo. E, já que está falando a respeito, posso informar que o fio da urdidura se chama canilha.

– Cada vez que você passa a canilha através da urdidura, da esquerda para a direita, tem de baixá-la, usar as duas mãos para deslocar o liço, pegar a canilha e levá-la da direita para a esquerda.

– Exatamente.

– Num tear de pedal, você move o liço com os pés. Assim, nunca tem de largar a canilha.

– É mesmo? Incrível!

– Não acha que faria uma grande diferença?

– Uma enorme diferença! Seria possível tecer duas vezes mais depressa, ou mais!

– Foi o que eu pensei. Quer que eu faça um tear de pedal para você experimentar?

– Quero, sim, por favor!

– Não me lembro direito como era. Acho que o pedal operava um sistema de roldanas e alavancas... – Merthin franziu o rosto, pensando. – Seja como for, tenho certeza de que posso descobrir.



Ao final da tarde, quando passava pela biblioteca, Caris deparou com o cônego Claude saindo com um pequeno livro na mão. Ele a fitou e parou. Os dois pensaram no mesmo instante na cena que Caris flagrara uma hora antes. A princípio, Claude se mostrou constrangido, mas logo um sorriso elevou os cantos de sua boca. Ele ergueu a mão para o rosto, na tentativa de ocultá-lo, obviamente pensando que era um erro achar engraçado. Caris se lembrou de como os dois homens nus ficaram surpresos e também sentiu um riso impróprio aflorar. Num súbito impulso, ela disse o que estava pensando:

– Vocês dois pareciam tão engraçados!

Claude riu contra a vontade. Caris também não pôde mais se controlar. A situação se tornou ainda pior até que os dois caíram nos braços um do outro, as lágrimas escorrendo pelas faces, às gargalhadas.



Ao anoitecer, Caris levou Merthin para o canto sudoeste do terreno do priorado, onde havia uma horta à beira do rio. O ar estava agradável e a terra úmida exalava uma fragrância de vegetação em crescimento. Caris podia ver cebolas e rabanetes brotando do solo.

– Então seu irmão será o conde de Shiring – disse ela.

– Não se lady Philippa puder evitar.

– Uma condessa tem de fazer o que o rei determina, não é mesmo?

– Todas as mulheres devem ser subservientes aos homens, em teoria – comentou Merthin com um sorriso. – Mas algumas desafiam as convenções.

– Não entendi o que você está querendo dizer com isso.

Ele mudou de assunto na mesma hora:

– Que mundo! Um homem assassina a esposa e depois o rei o eleva ao posto mais alto da nobreza.

– Sabemos que essas coisas acontecem. Mas é chocante quando ocorrem em nossa própria família. Pobre Tilly.

Merthin esfregou os olhos, como se quisesse apagar visões.

– Por que me trouxe até aqui?

– Para falar sobre o elemento final em meu plano: o novo hospital.

– Eu já me perguntava...

– Pode construí-lo aqui?

Merthin olhou ao redor.

– Não vejo por que não. O terreno é inclinado, mas todo o priorado foi construído numa encosta. Além do mais, não estamos falando de outra catedral. Um ou dois andares?

– Um só. Mas quero que o prédio seja dividido em cômodos de tamanho médio, cada um contendo apenas quatro ou seis camas. Dessa maneira as doenças não vão se espalhar tão depressa de um paciente para todos os outros no hospital. Deve ter sua própria farmácia, uma sala grande e bem iluminada para o preparo de medicamentos, com uma horta de ervas do lado de fora. E uma latrina espaçosa e arejada, com água encanada, bastante fácil de manter limpa. O mais importante, porém, é que deve ficar a pelo menos cem metros do restante do

priorado. Temos de separar os doentes dos sadios. Essa é a característica fundamental.

– Farei alguns desenhos pela manhã.

Caris olhou ao redor. Ao constatar que não eram observados, ela o beijou.

– Compreende que isso será a culminação do trabalho de toda a minha vida?

– Você tem 32 anos... Não é um pouco cedo para falar sobre a culminação do trabalho de sua vida?

– Ainda não aconteceu.

– Não deverá levar muito tempo. Começarei a executar o projeto quando estiver fazendo as escavações para as fundações da nova torre. E, assim que o hospital for concluído, posso mandar os pedreiros trabalhar na catedral.

Eles começaram a voltar. Caris podia perceber que o maior entusiasmo de Merthin era pela torre.

– Que altura terá?

– Cento e vinte e quatro metros.

– Qual é a altura de Salisbury?

– Cento e vinte e três metros.

– Então será o prédio mais alto da Inglaterra.

– Pelo menos até que alguém construa outro ainda mais alto.

O que significava que Merthin também realizaria sua ambição, pensou ela. Caris passou o braço pelo dele enquanto se encaminhavam para o palácio do prior. Sentia-se feliz. O que era estranho, não é mesmo? Milhares de pessoas de Kingsbridge haviam morrido da peste e Tilly fora assassinada, mas Caris estava esperançosa. Porque tinha um plano, é claro. Sempre se sentia melhor quando tinha um plano. A nova muralha, a força da guarda, a torre, a carta de burgo e, acima de tudo, o novo hospital: como encontraria tempo para organizar tudo isso?

De braço dado com Merthin, ela entrou no palácio do prior. O bispo Henri e sir Gregory estavam ali, absorvidos em conversa com um terceiro homem, de costas para Caris. Havia alguma coisa desagradavelmente familiar no recém-chegado, mesmo de costas. Caris teve um arrepio de apreensão. Então o homem se virou e ela viu seu rosto: sardônico, triunfante, desdenhoso, cheio de malícia.

Era Philemon.

74

O bispo Henri e os outros convidados deixaram Kingsbridge na manhã seguinte. Caris, que vinha dormindo no aposento das freiras, voltou ao palácio do prior depois do desjejum e subiu para o seu quarto.

Encontrou Philemon ali.

Era a segunda vez em dois dias que era surpreendida pela presença de homens em seu quarto. Mas Philemon estava sozinho e vestido, parado junto da janela e olhando para um livro. Ao vê-lo de perfil, ela percebeu que as provações dos últimos seis meses o haviam deixado mais magro.

– O que está fazendo aqui? – perguntou Caris. Ele fingiu surpresa com a pergunta.

– Esta é a casa do prior. Por que eu não deveria estar aqui?

– Porque não é o seu quarto!

– Sou o subprior de Kingsbridge. Nunca fui afastado desse posto. O prior morreu. Quem mais deveria viver aqui?

– Eu, é claro.

– Você nem sequer é monge.

– O bispo Henri me fez prior em exercício. E ontem à noite, apesar de sua volta, não me dispensou do posto. Sou sua superiora e você deve me obedecer.

– Mas você é uma freira e deve viver com as freiras, não com os monges.

– Há meses venho vivendo aqui.

– Sozinha?

Subitamente, Caris compreendeu que pisava em terreno difícil. Philemon sabia que ela e Merthin viviam mais ou menos como marido e mulher. Eram discretos, sem ostentar o relacionamento, mas as pessoas percebiam essas coisas, e Philemon tinha a intuição de um animal selvagem para as fraquezas alheias.

Caris pensou por um momento. Podia exigir que Philemon deixasse o prédio imediatamente. Se necessário, poderia mandar expulsá-lo: Thomas e os noviços lhe obedeceriam, não a Philemon. Mas o que aconteceria em seguida? Philemon faria tudo que estivesse ao seu alcance para atrair as atenções para o que ela e Merthin faziam no palácio. Suscitaria uma controvérsia e levaria as pessoas da cidade a tomarem partido. A maioria apoiaria Caris, independentemente do que ela fizesse, tamanha era a sua reputação; mas haveria alguns que censurariam seu comportamento. O conflito enfraqueceria sua autoridade e afetaria tudo o que ela quisesse fazer. Seria melhor admitir a derrota.

– Pode ficar com o quarto, mas não deve usar a sala. Eu a uso para reuniões com os cidadãos mais eminentes da cidade e com autoridades visitantes. Quando não estiver nos serviços na catedral, ficará no claustro, não aqui. Um subprior não tem um palácio.

Ela se retirou sem lhe dar oportunidade de discutir. Salvara as aparências, mas ele vencera.

Caris fora lembrada na noite anterior de toda a astúcia de Philemon. Interrogado pelo bispo Henri, ele parecia ter uma explicação plausível para tudo o que fizera de desonroso. Como justificava o abandono de seu posto no priorado e a fuga para St.-John-in-the-Forest?

O mosteiro corria perigo de extinção e a única maneira de salvá-lo era seguir o ditado popular: “Parta cedo, vá para longe e permaneça a distância por muito tempo.” Ainda era, pelo consenso geral, a única maneira segura de evitar a peste. O único erro que havia cometido fora o de permanecer por tempo demais em Kingsbridge. Por que então ninguém informara ao bispo sobre esse plano? Philemon lamentava muito, mas ele e os outros monges apenas obedeciam às ordens do prior Godwyn. Então por que ele fugira de Saint John quando a peste os alcançara lá? Fora chamado por Deus para cuidar das pessoas de Monmouth e Godwyn lhe dera permissão para partir. Como o irmão Thomas não tinha conhecimento dessa permissão e até negava firmemente que ela tivesse sido concedida? Os outros monges não haviam sido informados da decisão de Godwyn por receio de que isso pudesse acarretar ciúmes. Por que então Philemon deixara Monmouth? Encontrara frei Murdo, que lhe dissera que o priorado de Kingsbridge precisava dele, o que considerara como mais uma

mensagem de Deus.

Caris concluíra que Philemon fugira da peste até compreender que devia ser uma daquelas pessoas afortunadas que não eram propensas a contraí-la. Soubera por Murdo que Caris dormia com Merthin no palácio do prior e percebera no mesmo instante como poderia aproveitar a situação para restaurar sua posição. Deus nada tinha a ver com tudo aquilo.

Mas o bispo Henri acreditara na história de Philemon. Afinal, Philemon tomara o cuidado de parecer humilde ao ponto da subserviência. Henri não conhecia o homem e não era capaz de ver abaixo da superfície.

Ela deixou Philemon no palácio e seguiu para a catedral. Subiu pela longa e estreita escada em espiral na torre noroeste. Encontrou Merthin no sótão dos pedreiros, fazendo desenhos no chão de projetos à luz das janelas altas viradas para o norte.

Caris estudou com interesse o que ele havia desenhado. Era sempre difícil decifrar plantas, ela sabia. As linhas delgadas traçadas na argamassa tinham de ser transformadas, na mente do observador, em largas paredes de pedra com janelas e portas.

Merthin a fitou em expectativa enquanto ela estudava seu trabalho. Era evidente que ele esperava uma reação entusiástica.

A princípio, ela ficou desconcertada com o desenho. Não parecia nem um pouco com um hospital.

– Mas você desenhou... um claustro!

– Exatamente. Por que um hospital tem de ser uma sala comprida e estreita como a nave de uma igreja? Você quer que o lugar seja claro e arejado. Por isso, em vez de espremer os quartos todos juntos, preferi dispô-los em torno de um quadrilátero.

Ela visualizou a construção: o jardim central, o prédio ao redor, as portas dando para quartos com quatro ou seis camas, as freiras circulando de um para outro ao abrigo da galeria coberta.

– É mesmo inspirado. Eu nunca teria pensado nisso, mas parece perfeito.

– Pode cultivar as ervas no jardim, onde as plantas terão sol mas ficarão protegidas do vento. Haverá uma fonte no meio do jardim, para fornecer água fresca, que pode ser drenada através da latrina ao sul até o rio.

Caris o beijou, exultante.

– Você é tão inteligente!

Mas depois ela se lembrou da notícia que tinha para lhe dar. Merthin devia ter percebido que seu rosto murchara, pois perguntou:

– Qual é o problema?

– Temos de sair do palácio. – Caris relatou a conversa com Philemon e por que tivera de ceder. – Prevejo grandes conflitos com Philemon e não quero ser intransigente logo nessa questão.

– Faz sentido. – O tom de voz dele era racional, mas ela soube pela expressão dele que Merthin estava furioso. Olhava para o desenho, mas sem pensar realmente a respeito.

– E há mais uma coisa – acrescentou Caris. – Estamos dizendo a todas as pessoas que elas devem viver tão normalmente quanto possível, com ordem nas ruas, um retorno à vida familiar, não mais orgias embriagadas. Devemos dar o exemplo.

Ele assentiu com a cabeça.

– Uma prioresa vivendo com seu amante é uma coisa tão anormal quanto muitas outras, eu suponho.

Mais uma vez, o tom sereno de Merthin era contrastado pela expressão furiosa.

– Sinto muito – disse ela.

– Eu também.

– Mas não queremos arriscar tudo o que ambos desejamos... sua torre, meu hospital, o futuro da cidade.

– Não, não queremos. Mas para isso estamos sacrificando nossa vida em comum.

– Não por completo. Teremos de dormir separados, o que é angustiante, mas ainda assim teremos muitas oportunidades de ficar juntos.

– Onde?

Caris deu de ombros.

– Aqui, por exemplo.

Um impulso de malícia a dominou. Ela se afastou de Merthin e foi até a porta no alto da escada, levantando o hábito lentamente.

– Não vejo ninguém subindo – disse Caris, erguendo o hábito até a cintura.

– Pode ouvir, de qualquer maneira – disse Merthin. – A porta lá embaixo faz bastante barulho quando alguém a abre.

Ela se inclinou fingindo olhar para baixo, pela escada.

– Pode ver alguma coisa fora do comum do lugar em que se encontra?

Merthin riu. Quase sempre o jeito brincalhão dela conseguia fazer sumir a irritação dele.

– Posso ver uma coisa piscando para mim – disse ele, rindo de novo.

Caris voltou para junto dele, ainda com o hábito na cintura e um sorriso triunfante.

– Não precisamos renunciar a tudo.

Ele se sentou num banco e a puxou. Caris passou as pernas pelos lados das coxas dele e ficou em seu colo.

– É melhor você trazer um colchão de palha aqui para cima – disse ela, a voz rouca de desejo.

Merthin acariciou os seios dela.

– Como eu explicaria a necessidade de uma cama no sótão dos pedreiros? – disse ele sussurrando.

– Diga que pedreiros precisam de um lugar macio para pôr suas ferramentas.



Uma semana depois, Caris e Thomas Langley foram inspecionar a reconstrução da muralha da cidade. Era um trabalho grande mas simples. Depois de tudo definido, o serviço podia ser executado por jovens pedreiros e aprendizes inexperientes. Caris estava contente pelo fato de o projeto ser iniciado tão depressa. Era necessário que a cidade fosse capaz de se defender em momentos de crise... mas ela tinha um motivo mais importante. Convencer as pessoas a se precaverem contra ameaças do exterior levaria naturalmente, ela esperava, a uma nova consciência da necessidade de ordem e bom comportamento também entre elas.

Ela achava profundamente irônico que o destino a levasse a assumir esse papel. Nunca fora de obedecer às normas. Sempre desprezara a ortodoxia e

desafiara as convenções. Acreditava que tinha o direito de criar as próprias regras. Agora era obrigada a reprimir as pessoas que só queriam se divertir. Era um milagre que ninguém a tivesse chamado de hipócrita até então.

A verdade era que algumas pessoas cresciam num clima de anarquia, o que já não acontecia com outras. Merthin era um dos que exibiam o seu melhor quando não havia restrições. Ela recordou a escultura em madeira que ele fizera das virgens sábias e das insensatas. Era diferente de qualquer outra coisa que qualquer pessoa já vira antes, por isso Elfric inventara aquela desculpa para destruí-la. Os regulamentos só serviam para prejudicar Merthin. Mas homens como Barney e Lou, os trabalhadores do matadouro, precisavam de leis para impedir que mutilassem um ao outro em brigas de bêbados.

Mesmo assim, ela sabia que sua posição era precária. Quando se tentava impor a lei e a ordem, era difícil explicar que as regras não se aplicavam a você pessoalmente.

Ela pensava a respeito ao voltar para o priorado com Thomas. Fora da catedral, encontrou a irmã Joan andando de um lado para outro na maior agitação.

– Estou furiosa com Philemon – explicou Joan. – Ele alega que você roubou o dinheiro dele e que tenho de devolvê-lo.

– Procure se acalmar.

Caris levou Joan para o pórtico da catedral. Sentaram num banco de pedra.

– Respire fundo e me conte o que aconteceu.

– Philemon foi me procurar após a terça e disse que precisava de 10 xelins para comprar velas para o santuário de Santo Adolfo. Eu lhe disse que teria de falar com você.

– É isso mesmo.

– Ele ficou irritado e gritou que era dinheiro dos monges, que eu não tinha o direito de recusar. Exigiu que lhe entregasse minhas chaves e acho que tentaria arrancá-las de mim se eu não ressaltasse que seriam inúteis, pois ele não sabia onde ficava a tesouraria.

– Foi uma boa ideia manter a localização em segredo – comentou Caris.

Thomas estava parado ao lado delas, escutando.

– Ele escolheu um momento em que eu não estava aqui. Covarde.

– Joan, você tinha todo o direito de recusar, e lamento muito que ele a tenha pressionado – disse Caris. – Thomas, encontre-o e leve-o para conversar comigo no palácio.

Ela os deixou e atravessou o cemitério, absorta em seus pensamentos. Era evidente que Philemon queria criar problemas. Mas ele não era do tipo valentão arrogante a quem ela podia subjugar com facilidade. Era um adversário astucioso e ela teria de tomar o maior cuidado.

Ao abrir a porta do palácio do prior, Caris encontrou Philemon na sala, sentado à cabeceira da mesa comprida. Ela parou na porta.

– Você não deveria estar aqui. Eu lhe disse expressamente...

– Eu estava à sua procura.

Caris percebeu que teria de trancar o prédio. De outra forma, Philemon sempre encontraria um modo de desrespeitar suas ordens. Fez um esforço para controlar sua raiva.

– Veio me procurar no lugar errado.

– Mas eu a encontrei agora, não é mesmo?

Caris o estudou. Ele fizera a barba e cortara os cabelos depois que chegara e usava um hábito novo. Era um membro típico do priorado, calmo e autoritário. Ela disse:

– Conversei com a irmã Joan. Ela ficou muito aborrecida.

– E eu também.

Caris percebeu que Philemon estava sentado na cadeira grande, enquanto ela estava de pé. Era como se ele estivesse no comando e ela não passasse de uma suplicante.

– Se precisa de dinheiro, deve me pedir.

– Sou o subprior!

– E eu sou o prior em exercício, um posto superior. – Caris elevou a voz: – Portanto, a primeira coisa que você deve fazer é se levantar quando falar comigo!

Ele estremeceu, chocado com o tom de Caris, mas logo se controlou. Com uma lentidão insultuosa, ele saiu da cadeira.

Caris sentou em seu lugar e o deixou ficar de pé. Philemon se manteve inabalável.

– Soube que está usando o dinheiro do mosteiro para pagar a nova torre.

– Isso mesmo, por ordem do bispo.

Um lampejo de irritação assomou ao rosto de Philemon. Era evidente que ele esperara se insinuar nas boas graças do bispo e convertê-lo em seu aliado contra Caris. Até mesmo quando menino ele já bajulava as pessoas com autoridade. Fora assim que conseguira ingressar no mosteiro.

– Devo ter acesso ao dinheiro do mosteiro – declarou Philemon. – É meu direito. Os bens dos monges devem ficar sob meus cuidados.

– Você os roubou na última vez em que ficaram aos seus cuidados.

Ele empalideceu: a flecha acertara direto o alvo.

– Isso é um absurdo! – exclamou Philemon, tentando encobrir seu constrangimento. – O prior Godwyn levou tudo para guardar em segurança.

– Ninguém vai levar nada para “guardar em segurança” enquanto eu for o prior em exercício.

– Deve pelo menos me entregar os ornamentos. São joias sagradas, que devem ser cuidadas por padres, não por mulheres.

– Thomas tem cuidado dos ornamentos, levando-os para as missas e devolvendo-os à tesouraria depois.

– Isso não é satisfatório...

Caris se lembrou de uma coisa e o interrompeu:

– Além do mais, você não devolveu tudo o que levou.

– O dinheiro...

– Estou falando dos ornamentos. Há um castiçal de ouro desaparecido, presente da guilda dos fabricantes de velas. O que aconteceu com ele?

A reação de Philemon a surpreendeu. Esperava por outra negativa veemente, mas ele pareceu sem graça e disse:

– Sempre foi guardado no quarto do prior.

Ela franziu o cenho.

– E o que aconteceu?

– Eu o mantive separado dos outros ornamentos.

Caris ficou atônita.

– Está me dizendo que você ficou com o castiçal durante todo esse tempo?

– Godwyn me pediu para cuidar do castiçal.

– E por isso você o levou em suas viagens para Monmouth e outros lugares?

– Era o desejo dele.

Era uma história absolutamente implausível, e Philemon sabia disso. O fato é que ele roubara o castiçal.

– Ainda está com você?

Ele anuiu com a cabeça, contrafeito. Nesse momento, Thomas entrou na sala.

– Então é aqui que você está!

– Thomas, suba e reviste o quarto de Philemon – pediu Caris.

– O que devo procurar?

– O castiçal de ouro perdido.

– Não precisa procurar – disse Philemon. – Vai encontrá-lo no genuflexório.

Thomas subiu. Voltou pouco depois com o castiçal. Entregou-o a Caris. Era pesado. Ela o examinou, curiosa. Os nomes dos doze membros da guilda dos fabricantes de velas estavam gravados na base, em letras pequenas. Por que Philemon levara o castiçal? Não fora para vender nem para derreter o ouro, sem dúvida: ele tivera bastante tempo para se desfazer do castiçal, mas não o fizera. Parecia que queria apenas ter seu próprio castiçal de ouro. Será que ficava olhando e acariciando o castiçal sozinho em seu quarto?

Ela o fitou e viu lágrimas em seus olhos.

– Vai tirá-lo de mim? – perguntou Philemon. Era uma pergunta estúpida.

– Claro. Pertence à catedral, não ao seu quarto. Os fabricantes de velas deram o castiçal de presente para a glória de Deus e o embelezamento dos serviços da catedral, não para o prazer particular de um monge.

Ele não discutiu. Parecia desconsolado, mas não arrependido. Não compreendia que fizera uma coisa errada. Sua dor não era de remorso por um erro cometido, mas de pesar pelo que lhe fora tirado. Philemon não sentia vergonha, ela compreendeu.

– Creio que isto encerra nossa conversa sobre o seu acesso aos bens do priorado – disse Caris a Philemon. – Pode se retirar agora.

Ele saiu. Ela entregou o castiçal a Thomas.

– Leve-o para a irmã Joan e diga a ela para guardá-lo. Avisaremos aos fabricantes de velas que o castiçal foi encontrado e será usado no próximo domingo.

Thomas também saiu.

Caris permaneceu onde estava, pensando. Philemon a odiava. Ela não perdeu tempo a especular por quê: ele fazia inimigos mais depressa do que um mascate pode fazer amigos. Mas era um inimigo implacável e completamente sem escrúpulos. Era evidente que estava determinado a criar problemas para ela em todas as oportunidades. Cada vez que o superasse nessas pequenas escaramuças, a maldade de Philemon arderia com mais intensidade. Mas, se o deixasse vencer, ele seria encorajado em sua insubordinação.

Seria uma batalha sangrenta, e ela não podia nem imaginar como acabaria.



Os flagelantes voltaram ao final de uma tarde de sábado, em junho.

Caris estava na sala dos manuscritos escrevendo seu livro. Decidira começar pela peste e como enfrentá-la e depois passar para as doenças menores. Descrevia as máscaras de linho para o rosto que introduzira no hospital em Kingsbridge. Era difícil explicar que as máscaras, embora eficientes, não ofereciam imunidade total. A única salvaguarda segura era deixar a cidade antes que a peste chegasse e permanecer longe até que ela se fosse, mas isso nunca seria uma opção para a maioria das pessoas.

Proteção parcial era um conceito difícil para aquelas que acreditavam em curas milagrosas. A verdade era que algumas freiras mascaradas ainda pegavam a peste, mas não tantas quanto se poderia esperar de outro modo. Ela decidiu comparar as máscaras com escudos. Um escudo não garantia que um guerreiro sobrevivesse ao ataque, mas com certeza lhe proporcionava uma valiosa proteção. Por isso mesmo, nenhum cavaleiro partia para a batalha sem levar seu escudo. Ela escrevia isso numa folha de pergaminho nova quando ouviu os flagelantes. Soltou um gemido de desânimo.

Os tambores soavam igual a passos de bêbados, as gaitas de foles eram como uma criatura selvagem experimentando os tormentos da dor e os pequenos sinos mais pareciam a paródia de um funeral. Ela saiu da sala dos manuscritos no exato momento em que a procissão entrava no priorado.

Havia mais pessoas dessa vez, setenta ou oitenta, e pareciam ainda mais

desvairadas do que antes: os cabelos compridos e desgrenhados, as roupas em farrapos, os gritos estridentes mais lunáticos. Já haviam circulado pela cidade e atraído uma extensa esteira de espectadores, alguns olhando por diversão, outros participando, rasgando as roupas e se açoitando.

Caris não esperava vê-los de novo. O papa Clemente VI condenara os flagelantes. Mas estava muito longe, em Avignon, e cabia a outros fazer cumprir suas decisões.

Frei Murdo liderava os flagelantes, como antes. Quando ele se aproximou da fachada oeste da catedral, Caris notou, espantada, que as enormes portas estavam escancaradas. Não autorizara isso. Thomas não as abriria sem lhe perguntar. Portanto, Philemon devia ser o responsável. Ela recordou que Philemon se encontrara com Murdo em suas viagens. Concluiu que Murdo informara Philemon com antecedência de sua visita e que os dois haviam conspirado para garantir o acesso dos flagelantes à catedral. Não restava a menor dúvida de que Philemon argumentaria que era o único sacerdote ordenado no priorado e por isso tinha o direito de decidir que tipo de serviços religiosos seriam realizados na catedral.

Mas qual era o propósito de Philemon? Por que se importava com Murdo e os flagelantes?

Murdo levou a procissão para a nave da catedral. Os moradores da cidade entraram em seguida. Caris hesitou, não querendo se envolver numa manifestação daquele tipo. Mas sentiu necessidade de saber o que estava acontecendo, por isso também entrou, relutante, atrás da multidão.

Philemon estava no altar. Frei Murdo se juntou a ele. Philemon ergueu as mãos para pedir silêncio e então disse:

– Viemos aqui hoje para confessar nossa iniquidade, para nos arrependermos de nossos pecados e fazer penitência em expiação.

Philemon não era um orador e suas palavras não despertaram muita reação, mas o carismático Murdo assumiu o comando em seguida.

– Confessamos que nossos pensamentos são lascivos e nossos atos, sórdidos! – gritou. E todos gritaram confirmando.

Os procedimentos foram os mesmos da ocasião anterior. Levadas ao frenesi pela pregação de Murdo, as pessoas se adiantavam, berravam que eram

pecadoras e se açoitavam. Os moradores da cidade assistiam, quase que hipnotizados pela nudez e a violência. Era uma encenação, sem dúvida, mas os golpes eram reais. Caris não pôde deixar de ficar horrorizada com os cortes e vergões nas costas dos penitentes. Alguns já haviam feito aquilo muitas vezes antes e estavam cobertos de cicatrizes. Outros tinham ferimentos recentes, que foram reabertos pelos novos açoites.

Alguns moradores da cidade logo se juntaram à flagelação. Ao se adiantarem, Philemon estendia uma tigela de coleta. Caris compreendeu que a motivação dele era o dinheiro. Ninguém podia confessar e beijar os pés de Murdo enquanto não pusesse uma moeda na tigela de Philemon. Murdo estava de olho na coleta, e Caris compreendeu que os dois dividiriam as moedas mais tarde.

Houve um crescendo dos tambores e gaitas à medida que mais e mais moradores da cidade se adiantavam. A tigela de Philemon logo ficou cheia. As pessoas “perdoadas” dançavam, frenéticas, ao som da música alucinada.

Até que, por fim, todos os penitentes estavam dançando e mais ninguém se juntou a eles. A música chegou a um clímax e parou abruptamente. Foi então que Caris notou que Murdo e Philemon haviam desaparecido. Presumiu que tinham saído pelo transepto sul a fim de contar seus lucros no claustro dos monges.

O espetáculo terminara. Os dançarinos caíram no chão, exaustos. Os espectadores começaram a se dispersar, saindo pelas portas abertas para o ar puro do final da tarde de verão. Não demorou muito para que os seguidores de Murdo encontrassem forças para deixar a catedral. Caris também saiu. Ela percebeu que a maioria dos flagelantes seguia para a Holly Bush.

Foi com alívio que voltou ao sossego e frescor do convento. Enquanto o crepúsculo caía no claustro, as freiras compareceram às vésperas e jantaram em seguida. Antes de se deitar, Caris foi verificar a situação no hospital. O lugar permanecia lotado: a peste continuava a se alastrar sem esmorecer.

Encontrou pouca coisa passível de crítica. A irmã Oonagh adotava os mesmos princípios de Caris: máscaras no rosto, nada de sangrias, higiene meticulosa. Caris já ia se retirar quando um dos flagelantes foi trazido para o hospital.

Era um homem que desmaiara na Holly Bush e batera com a cabeça num

banco. Suas costas ainda sangravam e Caris calculou que a perda de sangue era tão responsável quanto o golpe na cabeça pela perda de consciência.

Oonagh lavou os ferimentos com água salgada enquanto ele permanecia inconsciente. Para fazê-lo recuperar os sentidos, ela ateou fogo ao chifre de um cervo e pôs a fumaça pungente debaixo de seu nariz. Depois, fez o homem beber dois copos de água misturada com cravo e açúcar, para repor o líquido que o corpo perdera.

Mas ele foi apenas o primeiro. Vários outros homens e mulheres foram trazidos para o hospital, sofrendo de alguma combinação de perda de sangue, excesso de bebidas fortes e ferimentos sofridos em acidentes ou brigas. A orgia de flagelação multiplicou por dez o número normal de pacientes da noite de sábado. Havia também um homem que se flagelara tantas vezes que tinha as costas pútridas. Finalmente, depois de meia-noite, trouxeram uma mulher que havia sido amarrada, açoitada e estuprada.

A fúria foi aumentando em Caris enquanto ela trabalhava com as outras freiras para cuidar desses pacientes. Todos os ferimentos deles resultavam de noções pervertidas de religião apregoadas por homens como Murdo. Diziam que a peste era a punição de Deus para o pecado e que as pessoas poderiam evitar a peste se punissem umas às outras daquela maneira. Era como se Deus fosse um monstro vingativo empenhado num jogo com regras insanas. Caris acreditava que o senso de justiça de Deus devia ser mais sofisticado que o do líder de 12 anos de uma gangue de meninos.

Ela trabalhou até as Matinas na manhã de domingo, depois foi dormir por duas ou três horas. Quando se levantou, saiu para se encontrar com Merthin.

Ele vivia agora na mais imponente das casas que construíra na ilha dos Leprosos. Ficava na praia ao sul, no meio de um extenso jardim recém-plantado com macieiras e pereiras. Contratara um casal de meia-idade para cuidar de Lolla e da casa. Seus nomes eram Arnaud e Emily, mas chamavam um ao outro de Arn e Em. Caris encontrou Em na cozinha e foi orientada a ir até o jardim.

Merthin mostrava a Lolla como seu nome era escrito usando uma vareta de ponta fina para desenhar as letras na terra. Fez a filha rir quando desenhou um rosto no “o”. Ela estava com 4 anos; era uma linda menina de pele azeitonada e olhos castanhos.

Ao observá-los, Caris sentiu uma pontada de pesar. Dormia com Merthin há quase meio ano. Não queria ter um bebê, pois isso acarretaria o fim de todas as suas ambições. Contudo, uma parte dela lamentava não ter engravidado. Sentia-se dividida, e era provavelmente por isso que assumia o risco. Mas nada acontecera. Ela imaginava se perdera a capacidade de conceber. Talvez a poção que Mattie Wise lhe dera para abortar a gravidez, dez anos antes, tivesse afetado o útero de alguma forma. Como sempre, ela gostaria de saber mais sobre o corpo e seus males.

Merthin a beijou. Deram uma volta pelo jardim, com Lolla correndo à frente, brincando, em sua imaginação, um jogo elaborado e impenetrável que envolvia conversar com cada árvore. O jardim parecia inacabado, com todas as plantas novas e a terra trazida de outros lugares para enriquecer o solo pedregoso da ilha.

– Vim conversar com você sobre os flagelantes. – Caris relatou o que acontecera no hospital na noite anterior. – Quero bani-los de Kingsbridge.

– Boa ideia. Todo o espetáculo é apenas um meio para Murdo ganhar dinheiro.

– E Philemon também. Era ele quem segurava a tigela da coleta. Pode conversar com a guilda da paróquia?

– Claro.

Como prior em exercício, Caris assumia o papel de senhor do solar. Teoricamente, podia tomar a iniciativa de banir os flagelantes sem ter de consultar ninguém. Mas o pedido de carta de burgo já fora apresentado ao rei e ela esperava entregar em breve a administração da cidade à guilda da paróquia. Por isso considerava a atual situação uma transição. Além do mais, era sempre sensato obter apoio antes de tentar impor o cumprimento de uma norma.

– Eu gostaria que o chefe da guarda levasse Murdo e seus seguidores para fora da cidade antes do serviço do meio-dia – disse ela.

– Philemon ficará furioso.

– Ele não deveria abrir a catedral para aquela gente sem consultar ninguém.

Caris sabia que haveria problemas, mas não podia permitir que o medo da reação de Philemon a impedisse de fazer a coisa certa para a cidade.

– Temos o papa do nosso lado – acrescentou. – Se cuidarmos do problema

com discrição e rapidez, podemos resolvê-lo antes que Philemon se levante para o desjejum.

– Tudo bem – concordou Merthin. – Tentarei reunir os homens da guilda na Holly Bush.

– Eu me encontrarei com você lá daqui a uma hora.

A guilda da paróquia estava bastante desfalcada, como todas as outras organizações na cidade, mas um punhado de eminentes mercadores sobrevivera à peste, inclusive Madge Webber, Jake Chepstow e Edward Slaughterhouse. O novo chefe da guarda, Mungo, filho de John, também compareceu. Seus ajudantes ficaram do lado de fora, aguardando instruções.

A discussão não foi prolongada. Nenhum dos cidadãos eminentes participara da orgia e todos desaprovavam aquelas exibições públicas. A decisão do papa foi o fator fundamental. Formalmente, Caris, no posto de prior em exercício, promulgou uma norma que proibia os açoites nas ruas e a nudez pública. Aqueles que a violassem seriam expulsos da cidade pelo chefe da guarda, a pedido de qualquer membro da guilda. A guilda aprovou em seguida uma resolução de apoio ao novo regulamento.

Depois, Mungo subiu e tirou frei Murdo da cama.

Murdo não se deixou levar sem protestos. Ao descer a escada, se debateu, gritou, chorou, orou e praguejou. Dois ajudantes de Mungo o agarraram pelos braços e literalmente o carregaram para fora da taverna. Na rua, ele se tornou mais exaltado. Mungo seguiu na frente e os homens da guilda foram atrás. Alguns adeptos de Murdo apareceram para protestar, mas também foram levados sob escolta. Uns poucos moradores da cidade acompanharam o grupo, descendo a rua principal a caminho da ponte de Merthin. Nenhum dos cidadãos fez qualquer objeção ao que estava sendo feito, e Philemon não apareceu. Até mesmo alguns dos que haviam se açoitado no dia anterior não disseram nada agora, parecendo um pouco envergonhados com tudo aquilo.

A multidão ficou para trás quando o grupo começou a atravessar a ponte. Com um público reduzido, Murdo ficou mais quieto. Sua indignação virtuosa foi substituída por um rancor fumegante. Solto na outra extremidade da ponte dupla, ele se afastou cambaleando, sem olhar para trás. Alguns discípulos o seguiram, indecisos.

Caris teve o pressentimento de que nunca mais tornaria a vê-lo. Ela agradeceu a Mungo e seus homens e voltou ao convento.

No hospital, Oonagh estava dando alta às vítimas de acidentes durante a noite a fim de abrir espaço para novos doentes com a peste. Caris trabalhou no hospital até meio-dia, depois saiu, agradecida, liderando a procissão que seguiu até a catedral para a missa principal do domingo. Descobriu que aguardava ansiosa por uma ou duas horas de salmos e orações e um sermão tedioso: seria repousante.

Philemon exibia uma expressão irada quando entrou com Thomas e os monges noviços. Era evidente que já tomara conhecimento da expulsão de Murdo. Sem dúvida considerara os flagelantes como uma fonte de renda pessoal, independente de Caris. Essa esperança fora destruída e ele estava lívido de raiva.

Por um momento, Caris especulou o que ele faria com raiva. Depois pensou: Deixe-o fazer o que quiser. Se não fosse por isso, seria por outra coisa. Qualquer coisa que ela fizesse deixaria Philemon furioso, mais cedo ou mais tarde. Não havia sentido em ficar se preocupando com isso.

Ela cochilou durante as orações, mas despertou quando ele iniciou o sermão. O púlpito parecia acentuar sua falta de charme e seus sermões eram em geral mal recebidos. Naquele dia, porém, ele atraiu a atenção dos presentes desde o início ao anunciar que seu assunto seria a fornicação.

Tomou como texto um versículo da primeira carta de São Paulo aos primeiros cristãos de Corinto. Leu o texto em latim e depois traduziu, com voz retumbante:

– Agora escrevo para que vocês não convivam com um fornicador!

Ele discorreu de maneira tediosa sobre o significado de conviver:

– Não comam com essas pessoas, não bebam com essas pessoas, não se relacionem com essas pessoas, não falem com essas pessoas.

Mas Caris pensava, ansiosa, sobre onde ele queria chegar com o sermão. Ele não ousaria atacá-la diretamente do púlpito, não é? Ela olhou ao longo do coro para Thomas, no outro lado, com os monges noviços, e percebeu seu olhar de preocupação.

Tornou a fitar o rosto de Philemon, sombrio de ressentimento, e compreendeu que ele era capaz de qualquer coisa.

– A quem isso se refere? – indagou ele, retórico. – Não aos forasteiros, o santo escreve expressamente, pois cabe a Deus julgá-los. Mas ele diz também que vocês são os juízes daqueles em sua companhia.

Philemon apontou para a congregação.

– Vocês! – Tornou a baixar os olhos para o livro e leu: – Afastem de vocês essa pessoa iníqua!

A congregação permaneceu em silêncio. Todos sentiam que aquilo não era uma exortação genérica visando a um comportamento melhor. Philemon tinha uma mensagem.

– Devemos olhar ao nosso redor – continuou ele. – Nossa cidade, nossa igreja, nosso priorado! Existem fornicadores aqui? Se existem, devem ser expulsos.

Não havia mais qualquer dúvida na mente de Caris de que Philemon se referia a ela. E todos os cidadãos mais espertos já deveriam ter chegado à mesma conclusão. Mas o que ela podia fazer? Não havia como se levantar e contestá-lo. Não podia sequer sair da catedral, pois acentuaria o argumento de Philemon e deixaria óbvio, até para os membros mais estúpidos da congregação, que era ela o alvo daquela diatribe.

Por isso ela se limitou a escutar, mortificada. Philemon falava bem, pela primeira vez em sua vida. Não hesitava nem tropeçava nas palavras, se expressava com clareza e projetava a voz, conseguia variar o tom monótono habitual. Para ele, o ódio era uma inspiração.

Ninguém ia expulsá-la do priorado, é claro. Mesmo que fosse uma prioresa incompetente, o bispo a manteria no cargo quanto menos não fosse por causa da escassez crônica de sacerdotes. Igrejas e mosteiros por todo o país estavam fechando porque não contavam com ninguém para oficiar os serviços ou cantar os salmos. Os bispos estavam desesperados para designar mais padres, monges e freiras, não para dispensá-los. De qualquer forma, os moradores da cidade se revoltariam contra qualquer bispo que tentasse se livrar de Caris.

Mesmo assim, o sermão de Philemon era pernicioso. Agora seria mais difícil para os líderes da cidade fecharem os olhos à ligação de Caris com Merthin. Esse tipo de coisa abalava o respeito das pessoas. Perdoavam a um homem por um pecadilho sexual mais depressa do que a uma mulher. E, como ela percebeu,

angustiada, sua posição convidava à acusação de hipocrisia.

Ela continuou sentada, rangendo os dentes, durante toda a peroração, que continuou transmitindo a mesma mensagem, só que em voz ainda mais alta, pelo restante do serviço. Assim que freiras e monges deixaram a catedral em procissão, Caris foi para sua farmácia e se sentou para escrever uma carta ao bispo Henri, solicitando a transferência de Philemon para outro mosteiro.



Em vez disso, Henri o promoveu.

Duas semanas haviam se passado desde a expulsão de frei Murdo. Estavam no transepto norte da catedral. O dia de verão era quente, mas no interior do templo ficava sempre fresco. O bispo estava sentado numa cadeira de madeira toda esculpida, enquanto os outros se acomodavam em bancos: Philemon, Caris, o arquidiácono Lloyd e o cônego Claude.

– Eu o designo prior de Kingsbridge – disse Henri a Philemon.

Philemon sorriu de satisfação e lançou um olhar triunfante para Caris.

Ela ficou consternada. Duas semanas antes, oferecera a Henri uma longa lista de sólidas razões para que Philemon não tivesse permissão de permanecer numa posição de responsabilidade ali... a começar pelo roubo de um castiçal de ouro. Mas parecia que sua carta surtira o efeito oposto.

Ela abriu a boca para protestar, mas Henri lhe lançou um olhar furioso e ergueu a mão. Por isso, Caris decidiu ficar calada para descobrir o que ele tinha a dizer. O bispo continuou a se dirigir a Philemon:

– Estou fazendo isso apesar... não por causa... de seu comportamento desde que voltou para cá. Tem sido maldoso e criado problemas, e, se a Igreja não estivesse tão desesperada por pessoas, eu não o promoveria nem em uma centena de anos.

Então por que fazê-lo agora?, perguntou-se Caris.

– Mas precisamos ter um prior e simplesmente não é satisfatório que a prioresa assuma esse papel, apesar de sua indubitável capacidade.

Caris teria preferido que ele designasse Thomas. Mas Thomas recusaria, ela sabia. Ficara com muitas cicatrizes da luta encarniçada pela sucessão do prior

Anthony doze anos antes e jurara que nunca mais se envolveria numa eleição no priorado. Era bem possível que o bispo já tivesse conversado antes com Thomas, sem o conhecimento de Caris, e soubesse de tudo isso.

– Mas há várias condições para sua designação – continuou Henri, olhando para Philemon. – Primeiro, não será confirmado no posto até que Kingsbridge tenha obtido a carta de burgo. Você não é capaz de administrar a cidade e não tenho a menor intenção de deixá-lo nessa posição. Durante a espera, portanto, madre Caris continuará como prior em exercício. Você viverá no dormitório dos monges. O palácio será trancado. Se você se comportar mal durante esse período de espera, sua nomeação será revogada.

Philemon parecia furioso e magoado com isso, mas ficou de boca fechada. Sabia que vencera e não pretendia discutir as condições.

– Segundo, terá sua própria tesouraria, mas o irmão Thomas será o tesoureiro. Nenhum dinheiro será gasto nem qualquer objeto precioso será retirado da tesouraria sem seu conhecimento e consentimento. Além disso, ordenei a construção de uma nova torre e autorizei os pagamentos de acordo com a programação preparada por Merthin Bridger. O priorado fará esses pagamentos com os fundos dos monges e nem Philemon nem qualquer outra pessoa terá o poder de alterar essa disposição. Não quero uma torre pela metade.

Merthin pelo menos teria seu sonho realizado, pensou Caris, agradecida. Henri se virou para ela.

– Tenho mais uma ordem a dar, e envolve você, madre prioresa.

O que será agora?, pensou Caris.

– Houve uma acusação de fornicação.

Caris olhou aturdida para o bispo, pensando no momento em que o surpreendera com Claude, os dois completamente nus. Como ele ousava levantar esse assunto?

– Não direi nada sobre o passado – continuou Henri. – No futuro, no entanto, não é possível que a prioresa de Kingsbridge tenha um relacionamento com um homem.

Ela teve vontade de dizer: Mas você vive com seu amante! Só que notou subitamente a expressão de Henri. Era um olhar suplicante. O bispo lhe implorava que não fizesse uma acusação que o denunciaria como hipócrita. Ele

sabia que era injusto o que fazia, compreendeu Caris, mas não tinha alternativa. Philemon o forçara a essa situação.

Mesmo assim, ela ficou tentada a pressioná-lo com uma censura. Só que de nada adiantaria. Henri estava acuado contra a parede e fazia o melhor que podia nas circunstâncias. Caris decidiu não falar nada.

– Posso ter sua garantia, madre prioresa, que deste momento em diante não haverá absolutamente a menor base para essa acusação? – acrescentou ele.

Caris olhou para o chão. Já passara por isso antes. Mais uma vez, sua opção era renunciar a tudo por que trabalhara – o hospital, a carta de burgo, a torre – ou se afastar de Merthin. E, mais uma vez, ela optou pelo seu trabalho. Ergueu a cabeça e encarou o bispo.

– Pode, milorde bispo. Tem minha palavra.

Ela conversou com Merthin no hospital, os dois cercados por outras pessoas. Tremia e estava à beira das lágrimas, mas não podia vê-lo em particular. Sabia que sua determinação enfraqueceria se ficassem a sós, que o abraçaria e diria que o amava, prometeria deixar o convento e se casar com ele. Por isso, mandou um recado pedindo que ele viesse ao seu encontro. Recebeu-o na porta do hospital, falou em tom descontraído, os braços cruzados com toda a força sobre o peito, a fim de não se deixar levar pela tentação e estender a mão, num gesto afetuoso, para tocar no corpo que tanto amava.

Quando acabou de relatar o ultimato do bispo e sua decisão, Merthin dava a impressão de que poderia matá-la.

– Esta é a última vez – declarou ele.

– Como assim?

– Se fizer isso, será para sempre. Não vou mais esperar, na esperança de que um dia você se torne minha esposa.

Caris teve a sensação de que ele a agredira. Merthin continuou, desferindo mais um golpe a cada frase.

– Se fala mesmo sério, vou tentar esquecê-la agora. Estou com 33 anos. Não tenho toda a eternidade, meu pai está morrendo aos 58 anos. Eu me casarei com

outra mulher, terei mais filhos e serei feliz em meu jardim.

A imagem descrita por Merthin a torturou. Ela mordeu o lábio, tentando controlar a dor, mas lágrimas quentes escorriam por suas faces. Ele se mostrou implacável.

– Não vou desperdiçar minha vida amando você – disse Merthin, fazendo-a sentir que fora apunhalada. – Deixe o convento agora ou fique para sempre.

Caris tentou encará-lo com um olhar firme.

– Não o esquecerei. Sempre o amarei.

– Mas não o suficiente.

Ela permaneceu calada por longo tempo. Não era isso, ela sabia. Seu amor não era fraco ou inadequado. Apenas acarretava opções insuportáveis. Mas parecia que de nada adiantaria argumentar.

– É nisso que você realmente acredita? – indagou ela.

– Parece óbvio.

Caris assentiu com a cabeça embora não concordasse com ele.

– Lamento muito – disse. – Lamento mais do que em qualquer outra ocasião da minha vida.

– Eu também.

Merthin lhe deu as costas e deixou o prédio.

75

Sir Gregory Longfellow voltou para Londres, mas retornou com uma rapidez surpreendente, como se fosse uma bola quicando na muralha da grande cidade. Apareceu em Tench Hall na hora do jantar, com a aparência perturbada, a respiração forte através das narinas dilatadas, os cabelos grisalhos emaranhados e úmidos de suor. Entrou com algo menos do que o seu ar habitual de quem comandava todos os homens e animais que cruzavam seu caminho. Ralph e Alan estavam de pé junto da janela examinando um novo tipo de adaga de lâmina larga conhecido como basilardo. Sem dizer nada, Gregory arriou o corpo alto na cadeira toda lavrada de Ralph: independentemente do que pudesse ter acontecido, ainda era importante demais para esperar por um convite para sentar.

Ralph e Alan o fitaram em expectativa. A mãe de Ralph torceu o nariz, numa expressão de censura: não gostava de maus modos. Gregory finalmente declarou:

– O rei não gosta de ser desobedecido.

Isso assustou Ralph, que olhou ansioso para Gregory enquanto se perguntava o que fizera que pudesse ser interpretado como desobediência pelo rei. Não se lembrou de nada. Nervoso, disse:

– Lamento que Sua Majestade esteja insatisfeito. Espero que não seja comigo.

– Você está envolvido – disse Gregory de um jeito vago irritante. – E eu também. O rei acha que é um mau precedente quando seus desejos são frustrados.

– Concordo plenamente.

– É por isso que você e eu sairemos daqui amanhã e iremos a Earlscastle para conversar com lady Philippa e obrigá-la a se casar com você.

Então era isso. Ralph ficou aliviado. Não podia ser considerado responsável pela recalcitrância de Philippa, com toda a justiça... não que a justiça fizesse alguma diferença para os reis. Mas, lendo nas entrelinhas, compreendeu que a pessoa que arcara com a culpa fora Gregory. Por isso agora ele estava determinado a salvar o plano do rei e se redimir. Havia fúria e rancor na expressão de Gregory ao acrescentar:

– No momento em que eu acabar com ela, prometo que lady Philippa estará lhe implorando para se casar com ela.

Ralph não podia imaginar como isso seria possível. Como a própria Philippa ressaltara, podia-se levar uma mulher a desfilar pela nave de uma igreja, mas não havia como obrigá-la a dizer “Eu aceito”. Ele disse a Gregory:

– Ouvi dizer que o direito de uma viúva a recusar o casamento é garantido pela Magna Carta.

Gregory lhe lançou um olhar irritado.

– Não me lembre. Cometi o erro de mencionar isso para Sua Majestade.

Nesse caso, refletiu Ralph, que ameaças ou promessas Gregory planejava usar para que Philippa cedesse à sua vontade? Ele próprio não podia pensar em qualquer outro meio para obrigá-la a casar que não fosse sequestrá-la e levá-la para alguma igreja isolada onde um padre generosamente subornado se mostraria surdo a seus gritos de “Não, nunca!”.

Eles partiram na manhã seguinte bem cedo com uma pequena comitiva. Era a época da colheita. No North Field, os homens ceifavam os talos altos do centeio, enquanto as mulheres seguiam atrás, prendendo as hastes em feixes.

Ultimamente, Ralph passara mais tempo preocupado com a colheita do que com Philippa. Isso acontecia não por causa do tempo, que era favorável, mas por causa da peste. Ele também tinha poucos arrendatários e quase nenhum trabalhador. Muitos lhe haviam sido roubados por senhores inescrupulosos, como a prioresa Caris, que seduziam os homens de outros proprietários, com a oferta de salários altos e arrendamentos vantajosos. Em desespero, Ralph concedera arrendamentos livres a alguns de seus servos, o que significava que não tinham obrigação de trabalhar em terras de sua propriedade... uma disposição que o deixara com escassez de pessoal na época da colheita. Em consequência, era provável que uma parte de sua safra apodrecesse nos campos.

No entanto, ele achava que seus problemas poderiam acabar se conseguisse casar com lady Philippa. Teria dez vezes mais terras do que controlava agora, mais a receita de uma dúzia de outras fontes, inclusive tribunais, florestas, mercados e moinhos. E sua família recuperaria sua legítima posição na nobreza. Sir Gerald seria o pai de um conde antes de morrer.

Ele se perguntou de novo o que Gregory tinha em mente. Philippa assumira uma posição difícil ao desafiar a formidável determinação e as poderosas ligações de Gregory. Ralph não gostaria de estar em seus sapatos de seda cheios de contas.

Chegaram a Earlscastle pouco antes do meio-dia. O som das gralhas escarnecendo nas ameias sempre lembrava Ralph do tempo que passara ali como escudeiro, a serviço do conde Roland... os dias mais felizes de sua vida, ele pensava às vezes. Mas o castelo estava muito quieto agora, sem um conde. Não havia escudeiros empenhados em jogos violentos no primeiro círculo nem cavalos de guerra relinchando e batendo com os cascos no solo enquanto eram tratados e exercitados fora dos estábulos, nem homens de armas jogando dados nos degraus da torre.

Philippa estava no antiquado saguão, em companhia de Odila e de um punhado de mulheres de sua corte. Mãe e filha trabalhavam juntas numa tapeçaria, sentadas lado a lado num banco diante do tear. Tudo indicava que seria uma cena de floresta quando ficasse pronta. Philippa cuidava dos fios marrons para os troncos das árvores, enquanto Odila usava os fios verdes brilhantes para as folhas.

– Muito bonito, mas precisa de mais vida – comentou Ralph com uma voz que procurou tornar alegre e cordial. – Faltam umas poucas aves e coelhos, talvez alguns cachorros perseguindo um veado.

Philippa permaneceu alheia a seu charme, como sempre. Levantou-se e recuou, afastando-se dele. A jovem fez o mesmo. Ralph notou que mãe e filha tinham a mesma altura.

– Por que veio até aqui? – indagou Philippa.

Seja como você quiser, pensou Ralph, ressentido. Ele virou de lado para Philippa.

– Sir Gregory tem uma coisa para lhe dizer.

Ralph foi até uma janela e olhou para fora, como se estivesse entediado.

Gregory cumprimentou formalmente as duas mulheres. Disse que esperava não as estar incomodando. Era uma mentira, pois ele não estava nem um pouco preocupado com a privacidade delas, mas a cortesia pareceu abrandar Philippa, que o convidou a sentar.

– O rei está aborrecido com você, condessa – anunciou Gregory.

Philippa baixou a cabeça.

– Lamento muito ter desagradado a Sua Majestade.

– Ele deseja recompensar seu leal servidor, sir Ralph, fazendo-o conde de Shiring. Ao mesmo tempo, estará lhe proporcionando um jovem e vigoroso marido, um bom padrasto para sua filha. – Após uma pausa, Gregory acrescentou, ignorando o horror de Philippa: – O rei está surpreso com seu obstinado desafio.

Philippa parecia assustada, como não podia deixar de ser. As coisas seriam diferentes se ela contasse com um irmão ou um tio para sair em sua defesa. Mas a peste exterminara sua família. Sendo uma mulher sem parentes do sexo masculino, ela não tinha ninguém para protegê-la da ira do rei.

– O que ele vai fazer? – indagou ela, apreensiva.

– O rei não mencionou a palavra “traição” ainda.

Ralph não tinha certeza se Philippa poderia ser legalmente acusada de traição, mas mesmo assim a ameaça a fez empalidecer.

– Ele me pediu, em primeira instância, para convencê-la – continuou Gregory.

– O rei, é claro, considera o casamento uma questão política... – disse Phillipa.

– E é mesmo uma questão política – interrompeu ele. – Se sua linda filha aqui tivesse a fantasia de se apaixonar pelo filho encantador de uma criada da cozinha, você diria a ela, como eu digo a você, que as mulheres da nobreza não podem se casar apenas com quem desejam, e você a trancaria em seu quarto e mandaria açoitar o rapaz na frente da janela até que ele renunciasse à sua filha para sempre.

Philippa parecia afrontada. Não gostava de ouvir de um mero advogado preleções sobre os deveres de sua posição.

– Compreendo as obrigações de uma viúva aristocrática – declarou ela, altiva. – Sou uma condessa, minha avó era condessa e minha irmã também foi condessa até morrer da peste. Mas o casamento não é apenas política. Também é uma questão de coração. Nós, mulheres, ficamos à mercê dos homens que são nossos senhores e amos e que têm o dever de decidir sabiamente nosso destino e suplicamos que não seja ignorado por completo o que sentimos no coração. Essas súplicas são em geral ouvidas.

Ela estava transtornada, Ralph podia perceber, mas ainda assim Philippa mantinha o controle, mostrava-se competente. O uso da palavra “sabiamente” continha uma insinuação de sarcasmo.

– Em tempos normais, talvez você tivesse razão, mas estes são dias estranhos – respondeu Gregory. – Em geral, quando o rei olha ao redor à procura de alguém que esteja à altura de um condado, sempre encontra uma dúzia de homens sábios, fortes e vigorosos, leais a ele e ansiosos por servi-lo de todas as maneiras que puderem. O rei poderia designar qualquer um para o título com absoluta confiança. Mas, agora que muitos dos melhores homens foram abatidos pela peste, o rei é como uma dona de casa que vai ao peixeiro no final da tarde... obrigada a aceitar qualquer coisa que ele ainda tenha disponível.

Ralph entendeu a força do argumento, mas também se sentiu insultado. Preferiu, no entanto, fingir que não notara.

Philippa mudou de rumo. Acenou para uma criada e pediu:

– Traga um jarro do melhor vinho gascão, por favor. E sir Gregory almoçará aqui. Comeremos cordeiro novo com alho e alecrim.

– Pois não, milady.

– É muito gentil, condessa – disse Gregory.

Philippa era incapaz de ser coquete. Fingir ser apenas hospitaleira, sem qualquer outro motivo, ia além de sua índole. Voltou direto ao assunto:

– Sir Gregory, tenho de lhe dizer que meu coração, minha alma e todo o meu ser se revoltam contra a perspectiva de me casar com sir Ralph Fitzgerald.

– Mas por quê? – indagou Gregory. – Ele é um homem como qualquer outro.

– Não é, não.

Os dois falavam sobre Ralph como se ele não estivesse presente e de uma forma que ele achou profundamente ofensiva. Mas Philippa estava desesperada e

diria qualquer coisa que pensasse, e Ralph estava curioso, querendo saber o que havia nele que ela tanto detestava. Philippa fez uma pausa, ordenando os pensamentos.

– Se eu dissesse estuprador, torturador, assassino... as palavras pareceriam abstratas demais.

Ralph foi pego de surpresa. Não pensava em si mesmo dessa maneira. Claro que torturara pessoas a serviço do rei. Também estuprara Annet. Assassinara vários homens, mulheres e crianças em seus dias como salteador. Pelo menos, consolou-se Ralph, Philippa não parecia ter adivinhado que fora ele o homem encapuzado que matara Tilly, sua esposa.

– Os seres humanos têm dentro deles algum elemento que os impede de fazer essas coisas. É a capacidade... não, a compulsão para sentir a dor de outra pessoa. Não podemos evitar – continuou Philippa. – Você, sir Gregory, não poderia estuprar uma mulher, porque sentiria sua dor e agonia, sofreria com ela, e isso o compeliria a se conter. Não poderia torturar ou assassinar, pelo mesmo motivo. Alguém que carece da capacidade de sentir a dor de outra pessoa não é um homem embora possa andar sobre duas pernas e falar.

Ela se inclinou para a frente e baixou a voz, mas ainda assim Ralph pôde ouvi-la com toda clareza:

– E eu não irei para a cama com um animal.

Ralph explodiu:

– Não sou um animal!

Ele esperava que Gregory o apoiasse. Em vez disso, o advogado pareceu ceder:

– Essa é sua palavra final, lady Philippa?

Ralph estava espantado. Gregory deixaria o comentário passar sem resposta, como se fosse no mínimo uma meia verdade?

– Preciso que volte ao rei e diga que sou sua súdita leal e obediente, que desejo conquistar seu favor, mas que não posso casar com Ralph mesmo que o arcanjo Gabriel me ordene – disse ela.

– Entendo. – Gregory se levantou. – Não ficaremos para o jantar.

O que significava tudo aquilo? Ralph esperava que Gregory apresentasse sua surpresa, uma arma secreta, algum suborno ou ameaça irresistível. Será que o

esperto advogado não tinha nenhuma carta escondida dentro da elegante manga de brocado?

Philippa também se mostrou surpresa com o súbito encerramento da discussão. Gregory se encaminhou para a porta. Ralph não tinha opção além de segui-lo. Philippa e Odila ficaram olhando para os dois, sem saber o que deduzir daquela saída fria. As damas de companhia permaneceram em silêncio.

– Por favor, implore ao rei para ser misericordioso – disse Philippa.

– Ele será, milady – garantiu Gregory. – Autorizou-me a informá-la que, diante de sua obstinação, não a obrigará a se casar com um homem que detesta.

– Obrigada! – exclamou Philippa. – Salvou minha vida!

Ralph abriu a boca para protestar. Havia uma promessa. Cometera sacrilégio e assassinato por aquela recompensa. Decerto não podiam lhe tirar tudo agora.

Mas Gregory falou primeiro:

– Em vez disso, a ordem do rei é para que Ralph se case com sua filha. – Ele fez uma pausa. Apontou para a jovem alta de 15 anos parada ao lado da mãe. – Odila. – Como se houvesse necessidade de enfatizar de quem estava falando.

Philippa soltou uma exclamação de espanto e Odila gritou. Gregory fez uma reverência.

– Bom dia para as duas.

– Espere! – balbuciou Philippa.

Gregory não lhe deu atenção e saiu. Atordoado, Ralph o seguiu.

Gwenda estava exausta quando acordou. Era a época da colheita e ela passava todas as horas dos longos dias de agosto nos campos. Wulfric movia a foice de um lado para outro, incansável, do amanhecer ao anoitecer, ceifando o trigo. O trabalho de Gwenda era formar os feixes. Durante o dia inteiro ela se abaixava e pegava os caules ceifados, abaixava e pegava, até que as costas pareciam arder de dor. Quando ficava escuro demais para ver qualquer coisa, ela cambaleava de volta para casa e caía na cama, deixando a família se alimentar com qualquer coisa que encontrasse no aparador.

Wulfric despertou ao amanhecer e seus movimentos penetraram no sono

profundo de Gwenda. Ela fez um esforço para ficar de pé. Todos precisavam de uma primeira refeição substancial: ela pôs na mesa carne de carneiro fria, pão, manteiga e cerveja forte. Sam, de 10 anos, levantou-se logo, mas Davey, que tinha apenas 8, teve de ser sacudido e puxado.

– Esta terra nunca foi cultivada apenas por um homem e sua esposa – resmungou Gwenda enquanto comiam.

Wulfric respondeu de forma irritantemente positiva.

– Você e eu fizemos a colheita sozinhos no ano em que a ponte desabou – comentou, jovial.

– Eu era doze anos mais jovem na ocasião.

– Mas é mais bonita agora.

Ela não estava com a menor disposição para galanteios.

– Mesmo quando seu pai e seu irmão eram vivos, vocês contratavam trabalhadores na época da colheita.

– Não tem importância. É nossa terra, semeamos tudo e vamos nos beneficiar com a colheita em vez de ganharmos apenas salários de 1 *penny* por dia. Quanto mais trabalhamos, mais ganhamos agora. Não é o que você sempre quis?

– Eu sempre quis ser independente e autossuficiente, se é disso que você está falando. – Gwenda foi até a porta. – Um vento oeste e umas poucas nuvens no céu.

Wulfric pareceu ficar preocupado.

– Precisamos torcer para que não chova por mais dois ou três dias.

– Acho que não choverá antes. Vamos, meninos, é hora de ir para o campo. Vocês podem comer enquanto andam.

Ela estava fazendo uma trouxa com pão e carne para o almoço quando Nate Reeve passou pela porta.

– Oh, não! – exclamou Gwenda. – Não hoje! Estamos quase terminando a nossa colheita!

– Nosso senhor também tem uma colheita para ser feita – declarou o bailio.

Nate era seguido por seu filho de 10 anos, Jonathan, conhecido como Jonno, que no mesmo instante começou a fazer caretas para Sam.

– Por favor, mais três dias para cuidarmos de nossa terra – pediu Gwenda.

– Nem se dê o trabalho de discutir comigo a respeito. Vocês devem ao senhor

um dia de trabalho por semana e dois na época da colheita. Hoje e amanhã vão colher a cevada dele em Brookfield.

– O segundo dia é normalmente perdoado. Essa é a prática há muito tempo.

– Era mesmo assim nos tempos de trabalho abundante. O senhor está desesperado agora. Tantas pessoas negociaram arrendamentos livres que quase não há mais ninguém para cuidar de suas colheitas.

– Então as pessoas que negociaram com você e exigiram ser liberadas de seus deveres costumeiros são recompensadas, enquanto pessoas como nós, que aceitaram as condições antigas, são punidas com o dobro de trabalho nas terras do senhor.

Ela lançou um olhar acusador para Wulfric, recordando como ele a ignorara quando lhe dissera para negociar as condições com Nate.

– É mais ou menos isso – confirmou Nate, indiferente.

– Que inferno! – exclamou Gwenda.

– Não pragueje – disse Nate. – Terão almoço de graça. Haverá pão de trigo e um novo barril de cerveja. Não é uma bela perspectiva?

– Sir Ralph alimenta com aveia o dia inteiro os cavalos que pretende montar.

– Não demorem – recomendou Nate, saindo.

Seu filho, Jonno, mostrou a língua para Sam, que tentou agarrá-lo. Mas Jonno se esquivou e correu atrás do pai.

Exaustos, Gwenda e sua família se arrastaram pelos campos até o lugar em que a cevada de Ralph esperava para ser colhida, balançando ao vento. Começaram a trabalhar. Wulfric ceifava e Gwenda formava os feixes. Sam seguia atrás, recolhendo os caules que ela esquecia, até ter quantidade suficiente para um feixe, quando os entregava à mãe para amarrar. As outras famílias que ainda trabalhavam nas condições antigas de arrendamento também estavam no campo, enquanto os servos mais espertos cuidavam da própria colheita.

Quando o sol alcançou o ponto mais alto no céu, Nate apareceu numa carroça com um barril atrás. Cumprindo a palavra, forneceu o delicioso pão fresco de trigo a todas as famílias. Depois de comerem, os adultos se deitaram à sombra para descansar enquanto as crianças brincavam.

Gwenda cochilava quando ouviu uma irrupção de gritos infantis. Percebeu no mesmo instante, pela voz, que não era nenhum de seus filhos que gritava.

Mesmo assim, levantou-se de um pulo. E viu seu filho Sam brigando com Jonno Reeve. Embora fossem mais ou menos da mesma idade e tamanho, Sam derrubara Jonno e o esmurrava e chutava sem piedade. Gwenda se encaminhou para os meninos, mas Wulfric foi mais rápido e puxou Sam com uma das mãos, tirando-o dali.

Gwenda olhou consternada para Jonno. O menino sangrava pelo nariz e pela boca e tinha o rosto machucado em torno de um olho, que já começava a inchar. Comprimia as mãos contra a barriga, gemendo e chorando. Gwenda já vira muitas brigas entre meninos, mas aquela era diferente. Jonno levara uma tremenda surra.

Ela ficou olhando para seu filho de 10 anos. Não havia qualquer marca no rosto de Sam: ao que parecia, Jonno não conseguira acertar um único soco. Sam não exibia nenhum sinal de remorso pelo que fizera. Em vez disso, sua expressão era arrogante e triunfante. Era uma expressão vagamente familiar e Gwenda vasculhou a memória à procura da recordação. Não demorou muito para se lembrar de quem ela já vira com aquela expressão depois de surrar alguém.

Fora no rosto de Ralph Fitzgerald, o verdadeiro pai de Sam.

Dois dias depois que Ralph e Gregory visitaram Earlscastle, lady Philippa foi a Tench Hall.

Ralph estivera considerando a perspectiva de se casar com Odila. Era uma linda jovem, mas era possível comprar lindas jovens por uns poucos *pence* em Londres. Ralph já tivera a experiência de ser casado com alguém que era pouco mais que uma criança. Depois que passara a excitação inicial, ele se sentira entediado e irritado com ela.

Refletira por algum tempo se poderia se casar com Odila e ter Philippa também. A ideia de se casar com a filha e ter a mãe como amante o fascinara. Podia ter as duas juntas ao mesmo tempo. Fizera sexo uma ocasião com uma dupla de mãe e filha, ambas prostitutas, em Calais, e o elemento de incesto criara uma sensação excitante de depravação.

Mas, pensando bem, sabia que isso não aconteceria. Philippa jamais

consentiria. Poderia procurar meios de coagi-la, mas ela não se deixava intimidar com facilidade.

– Não quero me casar com Odila – declarara ele a Gregory ao voltarem a cavalo de Earlscastle.

– Nem precisará – assegurara Gregory, que se recusara a explicar.

Philippa chegou com uma dama de companhia e um guarda, mas sem a filha. Ao entrar em Tench Hall, pela primeira vez ela não parecia orgulhosa. Nem mesmo parecia bonita, pensou Ralph: era evidente que não dormia fazia duas noites.

Haviam acabado de sentar para jantar: Ralph, Alan, Gregory, um punhado de escudeiros e um bailio. Philippa era a única mulher na sala.

Ela foi até Gregory. A cortesia que ele demonstrara antes fora esquecida. Não se levantou, além de fitá-la de maneira grosseira de alto a baixo, como se tivesse à sua frente uma serva com alguma queixa.

– E então? – indagou ele após um longo momento de silêncio.

– Decidi me casar com Ralph.

– É mesmo? – O ar de surpresa dele era zombeteiro. – Por que se decidiu agora?

– Eu mesma me casarei com ele para não ter de sacrificar minha filha.

– Milady parece pensar que o rei a levou a uma mesa cheia de pratos e a convidou a escolher o de que mais gosta – disse ele, sarcástico. – Está enganada. O rei não pergunta qual é o seu prazer. Ele ordena. Você desobedeceu a uma ordem, por isso ele deu outra. Não houve alternativa.

Philippa baixou os olhos.

– Lamento muito por meu comportamento. Por favor, poupe minha filha.

– Se dependesse de mim, eu recusaria seu pedido, como punição por sua intransigência. Mas talvez seja melhor suplicar a sir Ralph.

Ela olhou para Ralph. Ele viu a raiva e o desespero nos olhos de Philippa. E ficou excitado. Era a mulher mais altiva que já conhecera, e conseguira dobrar seu orgulho. Queria se deitar com ela agora, imediatamente. Mas ainda não acabara.

– Tem alguma coisa para me dizer? – indagou ele.

– Peço desculpas.

– Venha até aqui.

Ralph se achava sentado à cabeceira da mesa. Ela se aproximou e parou ao seu lado. Ele acariciou a cabeça de um leão esculpido no braço da cadeira.

– Continue.

– Sinto muito tê-lo rejeitado antes. Gostaria de retirar tudo o que disse. Aceito sua proposta. Eu me casarei com você.

– Mas não renovei meu pedido. O rei ordena que eu me case com Odila.

– Se pedir ao rei que ele volte ao plano original, tenho de certeza que será atendido.

– E é isso que você me pede para fazer.

– É, sim. – Ela o fitou nos olhos e engoliu em seco, na humilhação final. – Estou pedindo... suplicando. Por favor, sir Ralph, faça de mim sua esposa.

Ralph ficou de pé, empurrando a cadeira para trás.

– Pois então me beije.

Philippa fechou os olhos.

Ele estendeu o braço esquerdo por seus ombros e a puxou. Beijou-a nos lábios. Philippa se submeteu sem reagir. Com a mão direita, Ralph apertou seu seio. Era tão firme e cheio quanto ele sempre imaginara. Desceu a mão pelo corpo, enfiou-a entre as pernas. Ela se encolheu, mas não ofereceu qualquer resistência ao abraço. Ralph comprimiu a mão contra a bifurcação das coxas. Envolveu toda a elevação triangular com a mão. Depois, mantendo essa posição, rompeu o beijo e correu os olhos pelos companheiros.

76

Na mesma ocasião em que Ralph se tornou o conde de Shiring, um jovem chamado David Caerleon foi elevado a conde de Monmouth. Tinha apenas 17 anos e seu parentesco com o falecido conde era distante, porém todos os herdeiros do título mais próximos haviam sido eliminados pela peste.

Poucos dias antes do Natal daquele ano, o bispo Henri celebrou uma missa na catedral de Kingsbridge para abençoar os dois novos condes. Depois, David e Ralph foram os convidados de honra no banquete oferecido por Merthin na casa da guilda. Os mercadores também celebravam a concessão da carta de burgo a Kingsbridge.

Ralph considerou que David fora extraordinariamente afortunado. O jovem nunca estivera fora do reino nem lutara em qualquer batalha, mas mesmo assim era conde aos 17 anos. Ralph marchara por toda a Normandia com o rei Eduardo, arriscara a vida em uma batalha após outra, perdera três dedos e cometera incontáveis pecados a serviço do rei, mas ainda assim tivera de esperar até os 32 anos.

Mas finalmente conseguira, e sentou à mesa ao lado do bispo Henri, usando um custoso casaco de brocado com fios de ouro e prata. Era apontado a estranhos pelas pessoas que o conheciam; mercadores ricos lhe davam passagem e inclinavam a cabeça respeitosos; a mão da criada tremia de nervosismo ao servir vinho em seu copo. Seu pai, sir Gerald, confinado ao leito agora, mas se apegando à vida com grande tenacidade, comentara:

– Sou o descendente de um conde e o pai de um conde. Estou satisfeito.

Era tudo profundamente gratificante. Ralph precisava conversar com David sobre o problema dos trabalhadores, que diminuíra temporariamente agora que a colheita terminara e a aradura do outono fora concluída: naquela época do ano,

os dias eram curtos e o tempo, bastante frio, por isso não se podia fazer muito trabalho nos campos. Infelizmente, assim que a semeadura da primavera começasse, com o solo macio o suficiente para que os servos espalhassem as sementes, o problema voltaria: os trabalhadores tornariam a criar agitações para obterem salários mais altos e, se estes lhes fossem negados, fugiriam ilegalmente para empregadores mais perdulários.

O único meio de parar com isso era a nobreza assumir uma posição coletiva firme, resistir às exigências de pagamentos maiores e se recusar a contratar fugitivos. Era isso que Ralph queria dizer a David.

O novo conde de Monmouth, no entanto, não demonstrou a menor disposição para conversar com Ralph. Estava mais interessado na enteada dele, Odila, mais próxima de sua idade. Já haviam se encontrado antes, Ralph podia apostar: Philippa e o primeiro marido, William, haviam sido hóspedes frequentes no palácio no tempo em que David era um jovem escudeiro a serviço do velho conde. Qualquer que fosse a história anterior, os dois eram amigos agora: David falava animado e Odila absorvia cada palavra que ele dizia: concordava com suas opiniões, se deliciava com suas aventuras e ria de seus gracejos.

Ralph sempre invejara os homens capazes de fascinar as mulheres. Seu irmão possuía essa capacidade e, em consequência, podia atrair as mulheres mais lindas, apesar de ser baixo e feio e ter cabelos ruivos.

Mesmo assim, Ralph sentia pena de Merthin. Desde o dia em que o conde Roland escolhera Ralph como seu escudeiro e sentenciara Merthin a ser um aprendiz de carpinteiro, o irmão era um condenado. Embora Merthin fosse mais velho, era Ralph quem estava destinado a ser conde. Agora sentado do outro lado do conde David, Merthin tinha de se conformar em ser um mero regedor... e em ter charme.

Ralph não conseguia nem seduzir a própria esposa. Philippa mal falava com ele. Tinha mais a dizer para seu cachorro. Como era possível, Ralph se perguntava, um homem desejar tanto uma coisa quanto ele desejara Philippa e ficar insatisfeito depois ao conseguir? Ansiara por ela desde que era um escudeiro, aos 19 anos. Agora, depois de três meses de casamento, queria com toda a força do coração se livrar dela.

Mas era difícil para ele se queixar. Philippa fazia tudo que uma esposa era

obrigada a fazer. Cuidava do castelo com a devida eficiência, como vinha fazendo desde que o primeiro marido se tornara conde, depois da batalha de Crécy. Os suprimentos eram pedidos, as contas, pagas, as roupas, costuradas, a lenha queimada nas lareiras, a comida e o vinho, servidos sem qualquer falha. E ela se submetia às atenções sexuais de Ralph. Ele podia fazer qualquer coisa que quisesse: rasgar suas roupas, enfiar os dedos nela sem a menor gentileza, possuí-la de pé ou por trás. Ela nunca se queixava.

Mas não retribuía suas carícias. Seus lábios nunca se mexiam no contato com os dele, sua língua jamais entrava pela boca de Ralph, as mãos não o acariciavam. Philippa mantinha sempre à mão um frasco de óleo de amêndoa e lubrificava o corpo, indiferente, sempre que ele queria fazer sexo. Permanecia tão imóvel quanto um cadáver enquanto ele grunhia por cima. Assim que Ralph rolava para o lado, ela se levantava e ia se lavar.

A única coisa boa no casamento era o fato de Odila gostar do pequeno Gerry. O bebê despertava o nascente instinto maternal da jovem. Ela adorava conversar com Gerry, entoar cantigas infantis e niná-lo para dormir. Proporcionava o tipo de cuidado maternal afetuoso que o menino nunca teria de uma ama paga.

Apesar de tudo, porém, Ralph se sentia desapontado. O corpo voluptuoso de Philippa, que contemplara com tanto anseio por muitos anos, agora lhe era repulsivo. Não a tocava havia semanas e provavelmente nunca mais o fizesse. Olhava para os seios cheios e os quadris arredondados e desejava as pernas mais esguias e a pele mais jovem de Tilly. A mesma Tilly que ele apunhalara com uma faca comprida e afiada, que subira por baixo das costelas e alcançara o coração ainda batendo. Era um pecado que não ousava confessar. Durante quanto tempo, ele refletia, angustiado, sofreria por isso no Purgatório?

O bispo e seus acompanhantes estavam instalados no palácio do prior enquanto a comitiva de Monmouth lotava os quartos de hóspedes no hospital. Por isso, Ralph, Philippa e seus servidores estavam alojados numa estalagem. Ralph escolhera a Bell, a taverna reformada que agora pertencia a seu irmão. Era a única casa de três andares em Kingsbridge, com uma sala enorme e aberta no térreo, dormitórios para homens e mulheres por cima e o último andar com seis quartos de hóspedes individuais, que custavam bastante caro. Quando o banquete terminou, Ralph e seus homens foram para a taverna, onde se instalaram diante

do fogo, pediram mais vinho e começaram a jogar dados. Philippa ficou para trás, para conversar com Caris e acompanhar Odila e o conde David.

Ralph e seus companheiros atraíram uma multidão de admiradores, rapazes e moças, que sempre se reuniam em torno de nobres que gastavam generosamente. Pouco a pouco, Ralph esqueceu seus problemas, na euforia da bebida e na emoção do jogo.

Notou uma jovem loura que o observava com ar ansioso enquanto ele perdia alegremente pilhas de moedas de *penny* no rolar dos dados. Chamou-a para se sentar ao seu lado no banco e ela informou que se chamava Ella. Em momentos de tensão, a jovem apertava a coxa de Ralph como se dominada pelo suspense, embora devesse saber com precisão o que fazia. As mulheres quase sempre sabiam.

Pouco a pouco, ele perdeu o interesse pelo jogo e transferiu sua atenção para Ella. Seus homens continuaram a apostar enquanto ele aprofundava seu conhecimento da jovem. A garota era tudo o que Philippa não era: feliz, sensual e fascinada por Ralph. Tocava nele e em si mesma a todo instante: afastava os cabelos do rosto, acariciava o braço de Ralph, levava a mão ao pescoço, batia de leve no ombro dele. Parecia muito interessada nas experiências de Ralph na França.

Para irritação de Ralph, Merthin entrou na taverna e se sentou com ele. Merthin não dirigia a Bell pessoalmente – alugara-a para a filha mais jovem de Betty Baxter –, mas se interessava em ajudar para que a arrendatária tivesse sucesso. Perguntou se Ralph estava satisfeito com tudo. O irmão apresentou sua companheira e Merthin disse, num tom desdenhoso e descortês nada comum nele:

– Já conheço Ella.

Aquela era apenas a terceira ou quarta vez que os irmãos se encontravam desde a morte de Tilly. Nas ocasiões anteriores, como o casamento de Ralph com Philippa, quase não haviam tido tempo para conversar. Mesmo assim, Ralph sabia, pela maneira como o irmão o fitava, que Merthin desconfiava de que fora ele o assassino de Tilly. O pensamento tácito era uma presença constante, nunca expresso, mas impossível de ignorar. Se fosse mencionado, Ralph calculava que seria a última conversa entre os dois.

Por isso, naquela noite, como por consentimento mútuo, eles se limitaram, mais uma vez, a trocar amenidades. Depois Merthin se retirou, alegando que tinha trabalho a fazer. Ralph refletiu por um instante sobre que trabalho ele poderia ter num crepúsculo em dezembro. Não tinha a menor ideia de como Merthin passava seu tempo. Ele não caçava, não reunia uma corte, não acompanhava o rei. Seria possível que ficasse o dia inteiro, todos os dias, fazendo desenhos e supervisionando construtores? Uma vida assim levaria Ralph à loucura. E ele também estava surpreso com todo o dinheiro que Merthin parecia ganhar com seus empreendimentos. O próprio Ralph tivera problemas financeiros mesmo depois que se tornara o senhor de Tench. O irmão mais velho, porém, parecia ter sempre dinheiro disponível.

Ralph tornou a concentrar sua atenção em Ella.

– Meu irmão é um pouco mal-humorado – disse, à guisa de desculpa.

– Isso é porque ele não tem mulher há seis meses. – Ella riu. – Ele costumava fornicar com a prioresa, mas ela teve de dispensá-lo depois que Philemon voltou.

Ralph fingiu estar chocado.

– As freiras não deveriam fornicar.

– Madre Caris é uma mulher maravilhosa, mas ela tem a coceira, dá para perceber pela maneira como anda.

Ralph ficou excitado com a conversa tão franca da mulher.

– É horrível para um homem passar tanto tempo sem ter uma mulher – comentou ele, entrando no jogo.

– Também acho.

– Deixa o homem... duro.

Ella inclinou a cabeça para o lado e alteou as sobrancelhas. Ele olhou para o próprio colo. A jovem acompanhou seu olhar.

– Oh, meu caro... Parece muito desconfortável...

Ella estendeu a mão para o pênis ereto. Nesse momento, Philippa entrou.

Ralph ficou imóvel. Sentia-se culpado e assustado e, ao mesmo tempo, furioso consigo mesmo por se importar se Philippa via ou não o que ele fazia.

– Vou subir e... oh...

Ella não soltou o pênis de Ralph. Ao contrário, apertou-o gentilmente ao mesmo tempo que olhava para Philippa com um sorriso triunfante.

Philippa ficou vermelha, o rosto denotando vergonha e repulsa.

Ralph abriu a boca para falar, mas não soube o que dizer. Não estava disposto a pedir desculpa àquela megera que era sua esposa: ela própria atraíra aquela humilhação. Mas também se sentia um tanto idiota, sentado ali com aquela meretriz de taverna segurando seu pênis, enquanto sua esposa, a condessa, estacava na frente dos dois, constrangida.

A cena durou apenas um momento. Ralph deixou escapar um som estrangulado, Ella deu uma risadinha e Philippa soltou de novo uma exclamação de espanto impregnada de exasperação e nojo. Depois, Philippa se voltou e se afastou, com a cabeça erguida numa posição fora do normal. Encaminhou-se para a escada larga e subiu, tão graciosa quanto uma corça numa encosta, desaparecendo sem olhar para trás.

Ralph sentiu ao mesmo tempo raiva e vergonha embora dissesse a si mesmo que não precisava sentir nenhuma das duas coisas. Entretanto, seu interesse por Ella murchou por completo e ele tratou de afastar a mão da mulher.

– Tome mais um pouco de vinho – disse ela, servindo-o do jarro na mesa.

Mas Ralph começava a sentir uma dor de cabeça e empurrou para o lado o copo de madeira. Ella pôs a mão em seu braço e sussurrou de modo sugestivo:

– Não me deixe na mão depois de me fazer ficar, você sabe, toda excitada.

Ralph empurrou a mão da jovem e se levantou. Ela endureceu o rosto.

– É melhor me dar alguma coisa como compensação.

Ele meteu a mão na bolsa e tirou um punhado de moedas de prata. Sem olhar para Ella, largou o dinheiro na mesa. Não queria saber se era muito ou pouco.

A mulher se apressou em recolher o dinheiro. Ralph a deixou e subiu.

Philippa já estava na cama, encostada na cabeceira. Continuava vestida, apenas tirara os sapatos. Fitou Ralph com uma expressão acusadora quando ele entrou.

– Você não tem o direito de ficar zangada comigo! – berrou Ralph.

– Eu não estou zangada. Mas você, sim.

Ela sempre dava um jeito de distorcer as palavras dele para que parecesse certa e ele, errado. Mas, antes que ele pudesse pensar numa resposta, Philippa perguntou:

– Não gostaria que eu o deixasse?

Ralph ficou atônito. Era a última coisa que esperava.

– Para onde você iria?

– Viria para cá. Não me tornaria freira, mas mesmo assim poderia viver no convento. Traria poucas pessoas: uma criada, uma secretária, meu confessor. Já conversei com madre Caris e ela está disposta a me aceitar.

– Minha última esposa fez isso. O que as pessoas vão pensar?

– Muitas mulheres da nobreza se retiram para conventos, em caráter temporário ou permanente, em algum momento de suas vidas. As pessoas pensarão que você me rejeitou porque passei da idade para conceber crianças, o que provavelmente é verdade. Seja como for, desde quando você se importa com o que as pessoas dizem?

Por um instante passou pela mente de Ralph o pensamento de que detestaria ver Gerry perder Odila. Mas a perspectiva de se livrar da presença orgulhosa e desaprovadora de Philippa era irresistível.

– Está bem. O que a impede? Tilly nunca pediu permissão.

– Quero ver Odila casada primeiro.

– Com quem?

Ela o encarou como se ele fosse um idiota.

– Ahn... – acrescentou Ralph. – Com o jovem David, eu suponho.

– Ele está apaixonado por Odila, então acho que vão combinar muito bem.

– Ele é menor de idade, terá de pedir permissão ao rei.

– É por isso que mencionei o assunto com você. Pode procurar o rei e declarar seu apoio a esse casamento? Se fizer isso por mim, juro que nunca mais lhe pedirei nada. Eu o deixarei em paz.

Philippa não estava lhe pedindo nenhum sacrifício. Uma aliança com Monmouth só poderia ser benéfica para Ralph.

– E deixará Earlscastle para viver no convento?

– Assim que Odila se casar.

Era o fim de um sonho, refletiu Ralph, mas um sonho que se transformara numa realidade azeda e desolada. Era melhor reconhecer o fracasso e recomeçar mais uma vez.

– Está bem – disse ele, sentindo pesar misturado com libertação. – Negócio fechado.

77

A Páscoa veio cedo no ano de 1350. Havia um fogo enorme ardendo na lareira de Merthin na noite da Sexta-feira da Paixão. A mesa estava posta com um jantar frio: peixe defumado, queijo macio, pão fresco, peras e um jarro de vinho da Renânia. Merthin vestia roupas de baixo limpas e uma túnica amarela nova. A casa fora varrida e havia narcisos num pote no aparador.

Merthin estava sozinho. Lolla fora para a casa de seus criados, Arn e Em. Eles moravam num chalé no fundo do jardim e Lolla, com 5 anos, adorava passar a noite lá. Dizia que era uma peregrinação e levava um saco de viagem com a escova de cabelos e a boneca predileta.

Merthin abriu uma janela e olhou para fora. Uma brisa fria soprava através do rio, passando pela campina no lado sul. A última claridade do final da tarde se desvanecia, a luz parecendo despencar do céu e cair na água, onde sumia na escuridão.

Ele avistou um vulto encapuzado saindo do convento. Viu a pessoa atravessar em diagonal o pátio gramado da catedral, passar apressada pelas luzes da Bell e descer pela rua principal lamacenta, o rosto nas sombras, sem falar com ninguém. Imaginou-a alcançando a praia. Olhava para o lado, contemplava o rio frio e negro. Recordou por um momento o desespero tão intenso que chegara a gerar pensamentos de autodestruição? Se assim foi, descartou prontamente a recordação, pois a pessoa já avançava pelo leito com calçamento de pedras de sua ponte. Logo cruzou o vão e desceu na ilha dos Leprosos. Ali se desviou da estrada e passou entre moitas baixas, por uma campina com a vegetação sempre mantida rasteira pelos coelhos, e contornou as ruínas do antigo lazareto, até alcançar a praia de sudoeste. E, depois, bateu à porta de Merthin.

Ele fechou a janela e esperou. Não houve nova batida. Merthin sentiu-se

tentado a tomar um pouco de vinho, mas não o fez: um ritual se desenvolvera e ele não queria alterar a ordem dos acontecimentos.

A batida apenas soou alguns instantes mais tarde. Ele abriu a porta. Ela entrou, jogou o capuz para trás e deixou o grosso manto cinza escorregar de seus ombros. Era mais alta que Merthin três ou quatro centímetros, e uns poucos anos mais velha. Seu rosto era orgulhoso e podia ser altivo, embora naquele momento o sorriso irradiasse um calor tão intenso quanto o Sol. Usava uma túnica do escarlate de Kingsbridge. Ele a abraçou, comprimindo aquele corpo voluptuoso contra o seu, beijou-a na boca e murmurou:

– Minha querida... Philippa...

Fizeram amor imediatamente, ali mesmo, no chão, mal se despindo. Merthin estava faminto de amor e ela, ainda mais ansiosa. Ele estendeu o manto sobre a palha. Ela levantou a túnica e se deitou. Agarrou-se a Merthin como alguém que se afogava, as pernas a envolvê-lo, os braços esmagando-o contra seu corpo macio, o rosto colado em seu pescoço.

Ela lhe dissera que, depois de deixar Ralph e se mudar para o priorado, pensara que ninguém jamais tornaria a tocá-la até que as freiras preparassem seu corpo frio para o enterro. O pensamento quase fez Merthin chorar.

Por sua vez, ele amava tanto Caris que sentia que nenhuma outra mulher jamais tornaria a despertar sua afeição. Para ambos, portanto, aquele amor fora uma dádiva inesperada, uma fonte de água fresca borbulhando ao sol escaldante do deserto... e os dois beberam como se estivessem morrendo de sede.

Depois do amor, ficaram deitados ao lado do fogo, enlaçados, ofegantes. Merthin recordou a primeira vez. Logo depois de se mudar para o priorado, ela demonstrara interesse pela nova torre. Como era uma mulher prática, tinha dificuldade para preencher as longas horas que deveria passar em oração e meditação. Gostava da biblioteca, mas não podia ler o dia inteiro. Foi procurá-lo no sótão dos pedreiros e ele explicou seus desenhos. Philippa adquiriu o hábito de visitá-lo todos os dias, conversando enquanto ele trabalhava. Merthin sempre admirara sua inteligência e determinação. Na intimidade do sótão, passou a conhecer o espírito afetuoso e generoso que havia por trás da atitude imponente. Descobriu que Philippa tinha um vívido senso de humor e aprendeu a fazê-la rir. Ela respondia com uma risada sonora e gutural, que o levava a desejar fazer

amor com aquela mulher. Um dia, Philippa lhe fez um elogio: “Você é um homem gentil. Não há muitos assim.”

A sinceridade dela o comoveu. Beijou sua mão. Era um gesto de afeto, que ela podia recusar, se assim quisesse, sem qualquer drama: bastava retirar a mão e dar um passo para trás. Merthin saberia então que fora longe demais. Mas ela não o rejeitara. Ao contrário, pegara a mão de Merthin e o fitara com uma expressão nos olhos que parecia ser de amor. Ele a abraçou e beijou seus lábios.

Fizeram amor no colchão que havia no sótão. Merthin só se lembrou mais tarde que havia sido Caris quem o encorajara a levar o colchão lá para cima, com um gracejo sobre os pedreiros precisarem de um lugar macio para pôr suas ferramentas.

Caris não sabia sobre ele e Philippa. Ninguém sabia, exceto a criada de Philippa, Arn e Em. Ela ia para a cama no andar superior do hospital logo depois do anoitecer assim que as freiras se retiravam para seu dormitório. Escapulia enquanto elas dormiam, usando a escada externa que permitia que os hóspedes importantes entrassem e saíssem sem passar pelos alojamentos das pessoas comuns. Voltava pelo mesmo caminho antes do amanhecer enquanto as freiras cantavam as Matinas. Aparecia no refeitório para a primeira refeição como se tivesse passado a noite inteira em seu quarto.

Merthin ficara surpreso ao descobrir que podia amar outra mulher menos de um ano depois de Caris tê-lo deixado pela última vez. Claro que não esquecera Caris. Ao contrário, pensava nela todos os dias. Vinha-lhe o impulso de lhe falar sobre alguma coisa engraçada que acontecera, de pedir sua opinião sobre algum problema difícil ou de relatar que se descobrira executando alguma tarefa da maneira que ela gostaria que fosse feita, como lavar com todo o cuidado o joelho esfolado de Lolla com vinho quente.

Além disso, encontrava-se com ela quase todos os dias. O novo hospital estava quase pronto, mas a torre da catedral mal começara, e Caris acompanhava atenta os dois projetos. O priorado perdera o poder de controlar os mercadores da cidade, mas ainda assim Caris se interessava pelo trabalho que Merthin e a guilda realizavam para criar todas as instituições de um burgo, como novos tribunais, o projeto de uma bolsa de lã e o estímulo às guildas de artesãos para codificar padrões e medidas. Mas seus pensamentos sobre Caris sempre tinham

um ressaibo desagradável, como o amargor deixado no fundo da garganta por cerveja azeda. Ele a amara totalmente, mas no final Caris o rejeitara. Era como recordar um dia feliz que terminara com uma briga.

– Acha que me sinto particularmente atraído por mulheres que não são livres? – perguntou sem mais nem menos para Philippa.

– Não. Por quê?

– Parece estranho que depois de doze anos amando uma freira e nove meses de celibato, eu acabasse me apaixonando pela esposa do meu irmão.

– Não me chame assim – protestou Philippa. – Não era um casamento. Fui obrigada a casar contra a minha vontade. Partilhei sua cama por não mais que uns poucos dias, e ficarei feliz se nunca mais encontrá-lo.

Ele apertou o ombro da mulher, como se pedisse desculpa.

– Mas ainda assim temos de guardar segredo, como acontecia com Caris.

O que ele não disse foi que um homem tinha o direito de matar a esposa se a surpreendesse cometendo adultério. Pelo que Merthin soubesse, isso nunca acontecera, não na nobreza, mas o orgulho de Ralph era uma coisa terrível. Merthin sabia – e contara a Philippa – que Ralph matara a primeira esposa, Tilly.

– Seu pai amou sua mãe sem qualquer esperança por um longo tempo, não é?

– É verdade.

Merthin quase esquecera essa antiga história.

– E você se apaixonou por uma freira.

– E meu irmão passou anos ansiando por você, a feliz esposa de um nobre. Como dizem os padres, os pecados dos pais passam para os filhos. Mas já chega dessa conversa. Quer jantar?

– Daqui a pouco.

– Há algo que você queira fazer primeiro?

– Você sabe.

Merthin sabia. Ajoelhou-se entre as pernas de Philippa, beijou sua barriga e as coxas. Era uma peculiaridade dela: sempre queria gozar duas vezes. Ele começou a excitá-la com a língua. Philippa gemeu e pressionou a nuca dele.

– Sim – murmurou ela. – Você sabe como eu gosto disso, ainda mais quando estou cheia de seu sêmen.

Merthin ergueu a cabeça.

– Eu sei.

E tornou a baixá-la para concluir o que tinha de fazer.



A primavera trouxe uma trégua na peste. As pessoas ainda morriam, mas havia menos gente contraindo a doença. No Domingo de Páscoa, o bispo Henri anunciou que a Feira do Velocino seria realizada como de hábito naquele ano.

No mesmo serviço, seis noviços professaram seus votos e se tornaram monges. Todos haviam tido um noviciado extraordinariamente curto, mas Henri estava ansioso por aumentar o número de monges em Kingsbridge e garantiu que a mesma coisa vinha acontecendo por todo o país. Além disso, cinco padres foram ordenados – também se beneficiando de um programa de treinamento acelerado – e logo enviados para substituir vítimas da peste na região rural ao redor. E dois monges de Kingsbridge vieram da universidade, depois de receberem diplomas de médico em três anos em vez dos cinco ou sete de praxe.

Os novos doutores eram Austin e Sime. Caris se lembrava deles um tanto vagamente: era mestra de hóspedes quando eles haviam partido, três anos antes, para cursarem o Kingsbridge College, em Oxford. Na tarde da segunda-feira da Páscoa, ela lhes mostrou o novo hospital, quase pronto. Não havia ninguém trabalhando na obra, já que era um dia santo.

Os dois tinham a autoconfiança arrogante que a universidade parecia incutir em seus graduados junto com as teorias médicas e uma atração pelo vinho gascão. Mas os anos lidando com pacientes também haviam proporcionado confiança a Caris e ela descreveu com enérgica segurança as instalações do hospital e a maneira como planejava dirigi-lo.

Austin era um jovem magro e sério, os cabelos louros já ralos. Ficou impressionado com a disposição inovadora dos quartos em forma de claustro. Sime, um pouco mais velho e de rosto redondo, não parecia interessado em aprender com a experiência de Caris, que notou que ele sempre desviava os olhos quando ela falava.

– Acho que um hospital deve estar sempre limpo – declarou ela.

– Com base em quê? – indagou Sime, condescendente, como se perguntasse

a uma menina por que sua boneca tinha de levar algumas palmadas.

– A higiene é uma virtude.

– Ahn... isso. Então não tem nada a ver com o equilíbrio dos humores no corpo.

– Não faço a menor ideia se tem a ver ou não. Não prestamos muita atenção aos humores. Esse sistema fracassou de maneira espetacular contra a peste.

– E varrer o chão deu certo?

– No mínimo, um quarto limpo melhora a disposição do paciente.

– Você deve admitir, Sime – interveio Austin –, que alguns dos mestres em Oxford partilham as novas ideias da madre prioresa.

– Um pequeno grupo de heterodoxos.

– O ponto principal aqui é separar os pacientes que sofrem do tipo de doença que é transmitida dos enfermos para os saudáveis, isolando-os do restante – disse Caris.

– Para quê? – perguntou Sime.

– Para restringir a disseminação das doenças.

– E como elas são transmitidas?

– Ninguém sabe.

Um pequeno sorriso de triunfo contraiu os lábios de Sime.

– Então como sabe como restringir a disseminação se posso perguntar?

Ele pensava que a deixara acuada com seu argumento – era a principal coisa que aprendiam em Oxford –, mas Caris sabia como responder:

– Pela experiência. Um pastor não entende o milagre pelo qual um cordeiro cresce no útero de uma ovelha, mas sabe que não acontecerá se deixar o carneiro fora do pasto.

– Hum...

Caris detestou a maneira como ele murmurou “Hum”. Era um homem astuto, pensou ela, mas sua astúcia nunca explicaria o mundo. Sempre se impressionava com o contraste entre aquele tipo de intelectual e o tipo de Merthin. Os conhecimentos de Merthin eram amplos e o poder de sua mente de apreender as complexidades era excepcional... mas sua sabedoria nunca se desviava das realidades do mundo material, pois ele sabia que seus prédios desabariam se errasse. Seu pai, Edmund, fora assim, esperto mas prático. Sime, como Godwyn

e Anthony, se apegava à sua fé nos humores do corpo: não fazia a menor diferença se seus pacientes viviam ou morriam.

Austin exibiu um largo sorriso.

– Ela o pegou de jeito nesse ponto, Sime – disse, com evidente divertimento por seu presunçoso amigo não ter conseguido prevalecer sobre uma freira sem instrução formal. – Podemos não saber exatamente como as doenças se espalham, mas não deve fazer mal algum separar os doentes dos saudáveis.

A irmã Joan, tesoureira das freiras, interrompeu a conversa:

– O bailio de Outhenby está pedindo para lhe falar, madre Caris.

– Ele trouxe o rebanho de bezerros? – Outhenby tinha a obrigação de entregar às freiras, todos os anos, na Páscoa, uma dúzia de bezerros de um ano.

– Trouxe.

– Ponha os animais no cercado e peça ao bailio para vir até aqui, por favor.

Sime e Austin se retiraram. Caris foi inspecionar o chão ladrilhado das latrinas. O bailio a encontrou ali. Era Harry Ploughman. Ela dispensara o antigo bailio, que era muito lento para reagir às mudanças, e promovera ao posto o jovem mais brilhante da aldeia.

Ele apertou a mão de Caris, o que era um excesso de familiaridade de sua parte. Mas Caris gostava dele e não se importou.

– Deve ser um estorvo ter de conduzir um rebanho por todo o caminho até aqui, ainda mais quando a aradura da primavera já começou – comentou ela.

– É mesmo.

Como a maioria dos aradores, Harry tinha ombros largos e braços musculosos. Havia necessidade de força, além de habilidade, para conduzir a equipe de oito bois da comunidade à frente do pesado arado através do solo argiloso úmido. Ele exibia a aparência saudável da vida ao ar livre.

– Não prefere fazer um pagamento em dinheiro? – perguntou Caris. – A maior parte das dívidas com o solar é paga em dinheiro hoje em dia.

– Claro que seria mais conveniente. – Os olhos de Harry se contraíram, com a astúcia de camponês. – Mas quanto?

– Um bezerro de um ano costuma valer de 10 a 12 xelins no mercado, embora os preços tenham caído este ano.

– É verdade... pela metade. Podem-se comprar doze bezerros por 3 libras.

– Ou 6 libras, num bom ano.

Ele sorriu, apreciando a negociação.

– Isso é problema seu.

– Mas você pode preferir pagar em dinheiro.

– Se pudermos chegar a um acordo sobre a quantia.

– Vamos acertar em 8 xelins.

– Mas, nesse caso, se o preço de um bezerro cair para 5 xelins, onde os aldeões vão conseguir o dinheiro extra?

– Já sei o que podemos fazer. No futuro, Outhenby pode pagar ao convento 5 libras ou doze bezerros. A escolha será de vocês.

Harry pensou a respeito por um momento, procurando as desvantagens, mas não pôde encontrar nenhuma.

– Está bem. Vamos selar o acordo?

– Como podemos fazer isso?

Para surpresa de Caris, ele a beijou.

Segurou os ombros esguios de Caris com as mãos rudes, inclinou a cabeça e comprimiu os lábios contra os dela. Se o irmão Sime tivesse feito aquilo, ela teria recuado, horrorizada. Mas Harry era diferente e talvez ela ficasse excitada por seu ar de vigorosa masculinidade. Qualquer que fosse o motivo, submeteu-se ao beijo, deixando que ele puxasse seu corpo, sem resistir, e movendo os lábios contra sua boca barbuda. Ele a apertou ainda mais para que Caris pudesse sentir sua ereção. Ela compreendeu que Harry poderia facilmente possuí-la ali mesmo, no chão de ladrilhos novos das latrinas. Esse pensamento a levou a recobrar os sentidos. Interrompeu o beijo e o empurrou.

– Pare com isso! O que pensa que está fazendo?

Harry não se alterou.

– Beijando-a, minha cara.

Caris compreendeu que tinha um problema. Não podia haver a menor dúvida de que os rumores sobre seu relacionamento com Merthin haviam se espalhado. Afinal, os dois deviam ser as pessoas mais conhecidas em todo o condado de Shiring. Harry com certeza não sabia da verdade, mas os boatos haviam estimulado sua ousadia. Aquele tipo de coisa poderia comprometer sua autoridade. Devia reprimi-lo imediatamente.

– Nunca mais faça nada assim – declarou, com toda a severidade de que era capaz.

– Você pareceu gostar!

– Então seu pecado é ainda maior por ter tentado uma mulher fraca a quebrar seus votos sagrados.

– Mas eu amo você!

Era verdade, perecebeu Caris, e ela podia adivinhar por quê. Ela entrara como um vendaval em sua aldeia, reorganizara tudo, moldara os camponeses à sua vontade. Reconhecera o potencial de Harry e o elevara acima de seus companheiros. Agora, ele devia considerá-la uma deusa. Não era de surpreender que tivesse se apaixonado. Seria melhor que se desapaixonasse o mais depressa possível.

– Se algum dia voltar a me falar desse jeito, escolherei outro bailio em Outhenby.

– Oh...

A ameaça o conteve de maneira mais efetiva do que a acusação de pecado.

– Agora, volte para casa.

– Está bem, madre Caris.

– E encontre outra mulher. De preferência uma que não tenha feito voto de castidade.

– Nunca!

Mas Caris não acreditou nele.

Harry foi embora, mas ela permaneceu onde estava. Sentia-se irrequieta e lasciva. Se pudesse ter certeza de que ficaria a sós por um momento, não hesitaria em se masturbar. Aquela era a primeira vez em nove meses que o desejo físico a perturbava. Depois de finalmente se separar de Merthin, ingressara numa espécie de estado neutro, em que não pensava sobre sexo. Suas relações com as outras freiras lhe proporcionavam amizade e afeição: gostava de Joan e Oonagh embora nenhuma das duas a amasse no sentido físico, como acontecera com Mair. Seu coração vibrava com outras paixões: o novo hospital, a torre e o renascimento da cidade.

E foi pensando na torre que ela deixou o hospital e atravessou o pátio gramado da catedral. Merthin escavara quatro buracos enormes, os mais

profundos que alguém já vira, fora da catedral, em torno das fundações da antiga torre. Construíra enormes guinchos para retirar a terra. Ao longo dos meses chuvosos do outono, os carros de boi se arrastavam o dia inteiro pela rua principal, atravessavam a primeira ponte e despejavam a lama no terreno rochoso da ilha dos Leprosos. Ali, pegavam pedras de construção no cais de Merthin e tornavam a subir a rua, para largar as pedras em torno do terreno da catedral, em pilhas cada vez maiores.

Assim que as geadas do inverno acabaram, os pedreiros começaram a instalar as fundações. Caris foi para o lado norte da catedral e deu uma espiada no buraco que havia ali, no ângulo formado pela parede externa da nave e a parede externa do transepto norte. A profundidade chegava a causar vertigem. O fundo já estava coberto por uma camada de alvenaria, as pedras bem preparadas dispostas em linhas retas, unidas por finas camadas de argamassa. Como as fundações antigas eram inadequadas, a torre estava sendo construída sobre fundações novas e independentes. Subiria fora das paredes existentes da catedral, portanto nenhuma demolição seria necessária acima e além do que Elfric já fizera ao derrubar os níveis superiores da velha torre. Só quando acabasse é que Merthin removeria o teto provisório que Elfric construíra sobre a interseção. Era um projeto típico de Merthin: simples mas radical, uma solução brilhante para os problemas específicos do local.

Como no hospital, não havia trabalhadores ali naquela segunda-feira da Páscoa, mas ela percebeu movimento no buraco e constatou que alguém examinava as fundações. Um momento depois, reconheceu Merthin lá embaixo. Foi até uma das surpreendentemente frágeis escadas de cordas e galhos que os pedreiros usavam e desceu trêmula para o buraco.

Ficou contente ao chegar ao fundo. Merthin a ajudou a sair da escada, sorrindo.

– Você parece um pouco pálida.

– É uma longa descida. Como vai o trabalho?

– Muito bem. Mas levará anos.

– Por quê? O hospital parece muito mais complicado e já está quase pronto.

– Por dois motivos. Quanto mais alto subirmos, menos pedreiros poderão trabalhar lá em cima. Neste momento, tenho doze homens preparando as

fundações. Mas, à medida que subir, a torre se tornará mais estreita e não haverá espaço para todos. O outro motivo é que a argamassa leva mais tempo para assentar. Temos de deixá-la endurecer ao longo de todo um inverno antes de pormos muito peso em cima.

Caris mal prestava atenção. Ao observar seu rosto, recordava como faziam amor, no palácio do prior, entre as Matinas e Laudes, com a primeira claridade do amanhecer entrando como uma benção pelas janelas abertas e iluminando seus corpos nus.

Ela passou a mão pelo braço de Merthin.

– Pelo menos o hospital não vai demorar tanto.

– Creio que poderá se instalar ali antes da festa de Pentecostes.

– Fico contente. Embora tenhamos uma ligeira trégua da peste: menos pessoas estão morrendo.

– Graças a Deus! – exclamou Merthin, emocionado. – Pode estar chegando ao fim.

Caris sacudiu a cabeça, desolada.

– Já pensamos antes que havia acabado, lembra? Foi mais ou menos nesta época, no ano passado. E voltou ainda pior.

– Que os Céus não permitam!

Ela encostou a palma da mão no rosto de Merthin, sentindo a barba grossa.

– Pelo menos você está seguro.

Ele parecia um pouco insatisfeito.

– Assim que o hospital terminar, podemos começar a bolsa de negócios de lã.

– Espero que você esteja certo ao prever que os negócios vão aumentar muito em breve.

– Se isso não acontecer, não terá muita importância, pois estaremos todos mortos.

– Não diga isso.

Ela o beijou na face.

– Temos de agir na suposição de que vamos viver. – Ele falou em tom irritado, como se Caris o estivesse aborrecendo. – Mas a verdade é que não sabemos.

– Não vamos pensar no pior.

Ela o enlaçou pela cintura e comprimiu os seios contra seu corpo esguio, sentindo os ossos duros de Merthin em contato com sua carne macia. Ele a empurrou, num gesto brusco. Caris cambaleou para trás e quase caiu.

– Não faça isso! – gritou Merthin.

Ela ficou tão chocada quanto se tivesse levado um tapa.

– Qual é o problema?

– Pare de me tocar!

– Eu apenas...

– Só peço que não me toque! Você terminou nosso relacionamento há nove meses. Eu disse que era a última vez e falei sério.

Caris não podia compreender tanta raiva.

– Mas eu só o abracei.

– Pois não faça mais isso. Não sou seu amante. Você não tem esse direito.

– Não tenho o direito de tocá-lo?

– Não, não tem!

– Não sabia que precisava de permissão.

– Claro que sabia. Não deixa as pessoas tocarem em você.

– Você não é todo mundo. Não somos estranhos.

Mas, no exato momento em que disse isso, Caris compreendeu que estava errada e ele tinha razão. Ela o rejeitara, mas não aceitara as consequências. O encontro com Harry de Outhenby incendiara seu desejo e ela procurara Merthin para dar vazão a ele. Dissera a si mesma que o tocava numa demonstração de amizade afetuosa, mas isso era mentira. Ela o tratara como se ele ainda estivesse à sua disposição, como uma pessoa que pegava um livro por um momento só para largá-lo de novo. Depois de lhe negar o direito de tocá-la durante todo aquele tempo, era errado tentar restabelecer seu privilégio só porque um arador jovem e musculoso a beijara.

Mesmo assim, ela teria esperado que Merthin ressaltasse isso de maneira gentil e afetuosa. Mas ele se mostrara hostil e ríspido. Retirara sua amizade, além do amor? Lágrimas afloraram aos olhos de Caris. Ela se virou e voltou para a escada.

Teve dificuldade para subir. Era extenuante e parecia ter perdido sua energia. Parou para descansar. Olhou para baixo. Merthin se encontrava parado na base

da escada, firmando-a com seu peso.

Quando já estava quase no topo, Caris tornou a olhar para baixo. Ele continuava ali. Ocorreu-lhe que sua infelicidade acabaria se caísse. Era uma longa queda até as pedras implacáveis. Teria morte instantânea.

Merthin pareceu sentir o que ela pensava, pois fez um aceno impaciente indicando que ela deveria se apressar e deixar a escada. Caris imaginou como ele ficaria devastado se ela se matasse. Por um momento, gostou de imaginar o sofrimento e a culpa de Merthin. Tinha certeza de que Deus não a puniria na vida posterior... se é que havia uma.

Depois, ela subiu os últimos degraus e alcançou terreno sólido. Fora uma idiota apenas por um instante. Não queria acabar com sua vida. Tinha muita coisa a fazer.

E voltou ao convento. Era a hora das vésperas e ela liderou a procissão para a catedral. Como uma jovem noviça, ressentia-se do tempo desperdiçado nos serviços. Madre Cecilia até tivera o cuidado de incumbi-la de trabalhos que permitiam que fosse dispensada na maioria das ocasiões. Agora ela acolhia agradecida a oportunidade de descansar e refletir.

A tarde fora um momento de depressão, concluiu, mas haveria de se recuperar. Mesmo assim, viu-se a fazer esforço para reprimir as lágrimas enquanto cantava os salmos.

No jantar, as freiras comeram enguia defumada, uma carne fibrosa e de gosto forte que não era o prato predileto de Caris. De qualquer forma, não tinha fome naquela noite. Alimentou-se apenas de um pouco de pão.

Depois da refeição, retirou-se para sua farmácia. Duas noviças estavam ali, copiando o livro de Caris. Concluíra o livro logo depois do Natal. Muitas pessoas haviam pedido cópias: boticários, prioresas, barbeiros, até mesmo um ou dois médicos. Copiar o livro se tornara parte do treinamento das freiras que queriam trabalhar no hospital. As cópias eram baratas – o livro era curto, não tinha desenhos elaborados, não exigia tintas caras – e a demanda parecia interminável.

Três pessoas faziam com que a sala ficasse apinhada. Caris aguardava ansiosa pelo espaço e pela luz da farmácia no novo hospital.

Queria ficar sozinha, por isso despachou as noviças. Mas seu desejo não

seria atendido. Pouco depois, lady Philippa entrou no aposento.

Caris nunca sentira muita afeição pela reservada condessa, mas se compadecia de sua situação difícil e sempre ficava contente ao oferecer santuário a qualquer mulher fugindo de um marido como Ralph. Philippa era uma hóspede fácil, quase sem exigências, que passava a maior parte do tempo em seu quarto. Só tinha um interesse restrito em partilhar a vida de orações e abnegação das freiras... mas Caris, entre todas as pessoas, podia compreender isso.

Caris a convidou a sentar num banco junto da bancada de trabalho.

Philippa era uma mulher extraordinariamente direta, apesar de suas maneiras corteses. Sem qualquer preâmbulo, declarou:

– Quero que você deixe Merthin em paz.

– Como?

Caris ficou atônita e ofendida.

– Claro que você tem de conversar com ele, mas não deve beijá-lo nem tocá-lo.

– Como ousa me falar assim?

O que Philippa sabia... e por que ela se importava?

– Ele não é mais seu amante. Pare de perturbá-lo.

Merthin devia ter falado com ela sobre a discussão daquela tarde.

– Mas por que ele lhe contaria...?

Antes mesmo de concluir a pergunta, Caris já sabia a resposta. Philippa se apressou em confirmá-la:

– Ele não é mais seu agora... É meu.

– Oh, não! – Caris ficou atordoada. – Você e Merthin?

– Isso mesmo.

– Vocês já...

– Já.

– Eu não tinha a menor ideia! – Ela sentiu-se traída embora soubesse que não tinha esse direito. Quando isso acontecera? – Mas como... onde...?

– Você não precisa saber dos detalhes.

– Claro que não. – Na casa de Merthin na ilha dos Leprosos, ela calculou. À noite, provavelmente. – Há quanto tempo...?

– Não importa.

Caris podia deduzir. Philippa estava no convento fazia menos de um mês.

– Você agiu depressa.

Era um comentário indigno, e Philippa teve a gentileza de ignorá-lo.

– Merthin seria capaz de fazer qualquer coisa para continuar com você. Mas você o rejeitou. Agora, deve largá-lo. É difícil para ele amar outra mulher, depois de você... mas ele tem se esforçado. Não ouse interferir.

Caris teve vontade de censurá-la, com fúria, gritar que ela não tinha o direito de lhe dar ordens e de fazer exigências morais... só que Philippa estava certa. Caris devia largar Merthin, para sempre. Ela não queria deixar transparecer sua angústia para Philippa.

– Pode se retirar agora, por favor? – pediu, numa tentativa de mostrar dignidade ao estilo de Philippa. – Eu gostaria de ficar sozinha.

Philippa não se deixou intimidar e insistiu:

– Vai fazer o que eu disse?

Caris não gostava de ser pressionada, mas não lhe restava qualquer ânimo.

– Claro que sim.

– Obrigada.

Philippa saiu. Quando teve certeza de que Philippa não podia mais ouvi-la, Caris desatou a chorar.

78

Como prior, Philemon não era melhor do que Godwyn. Sentia-se sufocado pelo desafio de administrar o patrimônio do priorado. Caris fizera uma lista, durante seu período como prior em exercício, das principais fontes de receita dos monges:

1. Arrendamentos
2. Parte dos lucros do comércio e da indústria (dízimo)
3. Lucros agrícolas sobre terras que não foram arrendadas
4. Lucros de moinhos de grãos e outros, moinhos industriais
5. Pedágios de canais e parte de todos os peixes pescados
6. Taxa de instalação de barracas em mercados
7. Ganhos com a Justiça... taxas e multas de tribunais
8. Doações devotas de peregrinos e outras pessoas
9. Venda de livros, água benta, velas etc.

Ela entregara a lista a Philemon, que a devolvera no mesmo instante, como se tivesse sido insultado. Godwyn, melhor do que Philemon apenas no fato de ter um certo charme superficial, teria agradecido e depois, discretamente, ignoraria a lista.

No convento, Caris introduzira um novo método de manter as contas, que aprendera com Buonaventura Caroli quando trabalhava com seu pai. O método antigo era o de simplesmente anotar numa folha de pergaminho uma breve descrição de cada transação para que sempre se pudesse voltar e verificar. O sistema italiano era registrar as receitas no lado esquerdo e as despesas no direito, fazendo as somas ao pé da página. A diferença entre os dois totais

mostrava se a instituição estava ganhando ou perdendo dinheiro. A irmã Joan adotara esse método com o maior entusiasmo. Mas, quando tentara explicá-lo a Philemon, ele se recusara secamente a ouvir. Considerava que as ofertas de ajuda eram insultos à sua competência.

Ele só tinha um talento, que era o mesmo de Godwyn: uma intuição para manipular pessoas. Com a maior astúcia, fez uma filtragem na nova leva de monges, despachando o irmão Austin, o médico de mentalidade moderna, e dois outros jovens brilhantes para St.-John-in-the-Forest, onde estariam muito longe para desafiar sua autoridade.

Mas Philemon era agora problema do bispo. Henri o nomeara para o posto e teria de lidar com ele. A cidade era independente e Caris tinha seu novo hospital.

O hospital seria consagrado pelo bispo no Domingo de Pentecostes, que era sempre sete semanas depois da Páscoa. Poucos dias antes, Caris transferiu seus equipamentos e suprimentos para a nova farmácia. Havia espaço suficiente para duas pessoas trabalharem na bancada, preparando medicamentos, e para uma terceira sentar à escrivaninha, escrevendo.

Caris preparava um emético, Oonagh moía ervas secas e uma noviça chamada Greta copiava o livro de Caris quando um monge noviço entrou trazendo um pequeno baú de madeira. Era Josiah, um adolescente que todos chamavam de Joshie. Ele ficou constrangido na presença das três mulheres.

– Onde devo pôr isto? – perguntou.

Caris se virou para fitá-lo.

– E o que é isso?

– Um baú.

– Dá para ver que é um baú. – Caris foi paciente. O fato de alguém aprender a ler e escrever não o tornava, infelizmente, inteligente. – Quero saber o que contém.

– Livros.

– E por que me trouxe um baú com livros?

– Foi a ordem que recebi. – Após um momento, ao compreender que a resposta não era bastante informativa, Joshie acrescentou: – Do irmão Sime.

Caris alteou as sobrancelhas.

– Sime está me dando livros de presente?

Ela foi abrir o baú. Joshie tratou de escapar, sem responder à pergunta.

Os livros eram textos médicos, todos em latim. Caris os examinou. Eram os clássicos: *Poema sobre a medicina*, de Avicena; *Dieta e higiene*, de Hipócrates; *Sobre as partes da medicina*, de Galeno; e *De Urinis*, de Isaac Judaeus. Todos haviam sido escritos há mais de trezentos anos.

Joshie voltou com outro baú.

– O que é agora? – perguntou Caris.

– Instrumentos médicos. O irmão Sime diz que não devem tocá-los. Ele virá mais tarde para guardá-los nos lugares apropriados.

Caris ficou desanimada.

– Sime quer guardar seus livros e instrumentos aqui? Ele planeja trabalhar aqui?

Joshie não sabia de nada sobre as intenções de Sime, é claro.

Antes que Caris pudesse dizer mais alguma coisa, Sime apareceu, acompanhado por Philemon, correu os olhos pela sala e depois, sem qualquer explicação, começou a tirar suas coisas dos baús. Afastou alguns recipientes de Caris de uma prateleira e pôs seus livros no lugar. Tirou facas afiadas para abrir veias e os frascos de vidro em forma de gota de lágrima usados para examinar amostras de urina. Caris indagou, em tom neutro:

– Planeja passar muito tempo aqui no hospital, irmão Sime?

Philemon respondeu por ele, obviamente tendo previsto a pergunta:

– Onde mais? – O tom era indignado, como se Caris o tivesse desafiado. – Este é o hospital, não é? E Sime é o único médico no priorado. Como as pessoas serão tratadas, senão por ele?

Subitamente, a farmácia já não parecia mais espaçosa. Mas, antes que Caris pudesse dizer qualquer coisa, um estranho apareceu.

– O irmão Thomas me disse para vir até aqui – anunciou ele. – Sou Jonas Powderer, de Londres.

O visitante devia ter em torno dos 80 anos e vestia um casaco bordado e um chapéu de pele. Caris notou o sorriso fácil e a atitude afável e imaginou que ele ganhava a vida vendendo coisas. Ele trocou apertos de mão e correu os olhos pela sala, acenando com a cabeça em aprovação para as meticulosas fileiras de potes e frascos rotulados de Caris.

– Extraordinário! – exclamou. – Nunca vi uma farmácia tão sofisticada fora de Londres.

– É médico, senhor? – O tom de Philemon foi cauteloso: não tinha certeza sobre a posição de Jonas.

– Boticário. Tenho uma loja em Smithfield, perto da igreja de Saint Bartholomew. Não deveria me gabar, mas é a maior da cidade em seu ramo.

Philemon relaxou. Um boticário era um mero mercador, muito abaixo de um prior na hierarquia social. Com uma insinuação de desdém, ele perguntou:

– E o que trouxe o maior boticário de Londres até aqui?

– Eu esperava adquirir uma cópia de *A panaceia de Kingsbridge*.

– Como?

Jonas sorriu, insinuante.

– Cultiva a humildade, padre prior, mas vejo aquela noviça fazendo uma cópia bem aqui em sua farmácia.

– O livro? – interveio Caris. – Não é chamado de panaceia.

– Mas contém curas para todas as doenças.

Havia uma certa lógica nisso, refletiu Caris.

– Mas como soube do livro?

– Viajo muito, à procura de ervas raras e outros ingredientes, enquanto meus filhos cuidam da loja. Conheci uma freira de Southampton que me mostrou uma cópia. Ela chamou de panaceia e disse que o livro havia sido escrito em Kingsbridge.

– A freira era a irmã Claudia?

– Era, sim. Implorei a ela que me emprestasse o livro apenas pelo tempo suficiente para fazer uma cópia, mas ela não quis se separar dele.

– Eu me lembro dessa freira.

Claudia fizera uma peregrinação a Kingsbridge, ficara no convento e ajudara a cuidar das vítimas da peste sem qualquer preocupação com a própria segurança. Caris lhe dera o livro em agradecimento.

– Um trabalho notável – declarou Jonas, entusiasmado. – E em inglês!

– É para curadores que não são padres e por isso não sabem muito latim.

– Não há outro livro de sua espécie em qualquer língua.

– É tão excepcional assim?

– A disposição dos assuntos é incrível! – comentou Jonas com crescente entusiasmo. – Em vez dos humores do corpo ou das classes de doenças, os capítulos se referem às dores do paciente. Assim, quer a queixa do cliente seja dor de barriga, hemorragia, febre, diarreia ou espirro, sempre se pode encontrar a página correspondente!

Philemon interrompeu, impaciente:

– Bastante apropriado para boticários e seus clientes, tenho certeza.

Jonas pareceu não perceber o tom desdenhoso:

– Presumo, padre prior, que é o autor desse livro tão valioso.

– Claro que não!

– Então quem...?

– Fui eu que escrevi – informou Caris.

– Uma mulher! – Jonas estava impressionado. – Mas de onde tirou todas as informações? Praticamente nada aparece em outros textos.

– Os textos antigos nunca provaram ser muito úteis para mim, Jonas. Comecei a aprender a fazer medicamentos com uma curandeira de Kingsbridge, que infelizmente deixou a cidade ao ser perseguida como bruxa. Aprendi mais com madre Cecilia, que foi prioresa aqui antes de mim. Mas reunir receitas e tratamentos não é difícil. Todo mundo conhece pelo menos uma centena. O difícil é identificar os poucos realmente eficientes em todo o entulho. Mantive um diário ao longo dos anos, registrando os efeitos de cada cura que experimentei. Em meu livro, incluí apenas os tratamentos cujos resultados testemunhei com meus próprios olhos em sucessivas ocasiões.

– Estou comovido por falar com você pessoalmente.

– Claro que levará uma cópia do meu livro. Sinto-me lisonjeada por alguém ter vindo de tão longe à sua procura. – Caris abriu um armário. – Esta cópia seria para o nosso priorado em St.-John-in-the-Forest, mas eles podem esperar por outra.

Jonas manuseou o livro como se fosse um objeto sagrado.

– Fico muito agradecido. – Ele entregou a Caris uma bolsa de couro mole. – E, em sinal de minha gratidão, aceite um modesto presente de minha família para as freiras de Kingsbridge.

Caris abriu a bolsa e tirou um pequeno objeto envolto em lã. Quando o

desembrulhou, encontrou um crucifixo de ouro cravejado de pedras preciosas.

Os olhos de Philemon faiscaram de ganância. Caris ficou espantada.

– Mas é um presente muito caro! – Ela compreendeu no mesmo instante que não era o comentário mais apropriado e se apressou a acrescentar: – É muita generosidade de sua família, Jonas.

Ele fez um gesto como se aquilo não tivesse a menor importância.

– Somos prósperos, graças a Deus.

Philemon interveio, invejoso:

– Isso... por um livro de receitas de mezinhas de velhas!

– Ah, padre prior, está acima dessas coisas, é claro – disse Jonas. – Não aspiramos às suas altitudes intelectuais. Não tentamos compreender os humores do corpo. E, assim como uma criança que chupa um dedo cortado porque alivia a dor, ministramos as curas apenas porque funcionam. Quanto a por que e como essas coisas acontecem, deixamos aos cuidados de mentes maiores do que as nossas. A criação de Deus é misteriosa demais para que pessoas como nós possamos compreendê-la.

Caris pensou que Jonas falava com uma ironia quase indisfarçável. Viu Oonagh reprimir um sorriso. Sime também percebeu o escárnio e seus olhos faiscaram de raiva. Mas Philemon não notou e parecia exultar com a lisonja. Uma expressão insidiosa aflorou a seu rosto e Caris adivinhou que ele especulava sobre como poderia partilhar o crédito pelo livro... e também ganhar crucifixos cravejados de pedras preciosas.



A Feira do Velocino foi aberta no Domingo de Pentecostes, como sempre. Era tradicionalmente um dia movimentado para o hospital, e naquele ano não foi exceção. Pessoas idosas caíam doentes depois de realizarem uma longa viagem até a feira; bebês e crianças pequenas tinham diarreia por causa da comida estranha e da água diferente; homens e mulheres bebiam demais nas tavernas e machucavam a si mesmos ou uns aos outros.

Pela primeira vez, Caris pôde separar os pacientes em duas categorias. As vítimas da peste – que diminuíam rapidamente – e outros com doenças como

distúrbios de estômago e erupções na pele, como a varíola, iam para o novo prédio, oficialmente inaugurado pelo bispo no início daquela manhã. Vítimas de acidentes e brigas eram tratadas no velho hospital, a salvo dos riscos de infecção. Ficavam para trás os dias em que alguém entrava no priorado com o polegar machucado e ali morria de pneumonia.

A crise foi deflagrada na segunda-feira de Pentecostes.

No início da tarde, Caris por acaso estava na feira dando uma volta depois do almoço. Estava tranquila em comparação com os tempos antigos, quando centenas de visitantes e milhares de moradores da cidade lotavam não apenas o pátio gramado da catedral, mas também as ruas principais. Mesmo assim, a feira daquele ano era melhor do que o esperado, depois do cancelamento da mesma no ano anterior. Caris calculou que as pessoas já deviam ter notado que o domínio da peste parecia estar enfraquecendo. Os sobreviventes até agora pensavam que deviam ser invulneráveis... e alguns eram mesmo, embora outros não, pois a peste continuava a matar pessoas.

O tecido de Madge Webber era a coisa mais comentada da feira. Os novos teares projetados por Merthin não apenas eram mais rápidos, mas também tornavam mais fácil produzir padrões complexos na trama. Ela já havia vendido metade de seu estoque.

Caris conversava com Madge quando a briga começou. Madge a deixava sem graça ao dizer, como já fizera muitas vezes antes, que sem Caris não passaria de uma tecelã pobre. Caris já se preparava para a negativa habitual quando elas ouviram gritos.

Caris reconheceu no mesmo instante o tom profundo de jovens agressivos. Os gritos vinham das proximidades de um barril de cerveja a cerca de 30 metros de distância. Foram aumentando depressa. Uma mulher gritou. Caris seguiu apressada para o local, esperando impedir a briga antes que escapasse ao controle.

Chegou tarde demais.

O tumulto já se generalizara. Quatro jovens valentões da cidade brigavam com um grupo de camponeses, identificáveis pelas roupas rudes, todos provavelmente da mesma aldeia. Uma moça bonita, sem dúvida a que gritara, tentava separar dois homens que se esmurravam impiedosamente. Um dos

rapazes da cidade sacara uma faca, enquanto os camponeses empunhavam pás de madeira. Quando Caris se aproximou, mais pessoas entravam na briga, nos dois lados. Ela se voltou para Madge, que a seguira.

– Mande alguém chamar Mungo Constable o mais depressa possível. Ele deve estar no porão da casa da guilda.

Madge se afastou às pressas. A briga se tornava cada vez pior. Vários rapazes da cidade empunhavam facas. Um camponês estava estendido no chão, sangue escorrendo abundante de um ferimento no braço. Outro continuava a brigar apesar de um talho no rosto. Enquanto Caris observava, dois rapazes da cidade começaram a chutar o camponês caído no chão. Caris hesitou por um instante, para depois se adiantar. Pegou o rapaz mais próximo pela camisa.

– Willie Bakerson, pare com isso agora mesmo! – gritou ela em seu tom mais autoritário.

Quase deu certo. Willie se afastou do oponente, surpreso, e olhou para Caris com ar de culpa. Ela abriu a boca para falar de novo, mas nesse instante uma pá a acertou, num golpe violento na cabeça certamente destinado a Willie.

Doeu demais. Sua visão ficou turva, ela perdeu o equilíbrio e se estatelou no chão. Ficou caída ali, atordoada, tentando recuperar o controle, enquanto o mundo parecia girar vertiginoso ao redor. Até que alguém a pegou por baixo dos braços e a arrastou para longe.

– Está ferida, madre Caris?

A voz era familiar, mas ela não foi capaz de reconhecê-la. A cabeça finalmente desanuviou e ela fez esforço para se levantar com a ajuda de sua salvadora, que então identificou como Meg Robbins, a musculosa mercadora de trigo.

– Só um pouco atordoada – disse Caris. – Temos de impedir que esses rapazes se matem uns aos outros.

– Lá estão os guardas. Vamos deixar que eles cuidem disso.

Mungo e seis ou sete ajudantes chegaram, todos brandindo porretes. Entraram para apartar a briga, rachando cabeças indiscriminadamente. Causaram tantos ferimentos quanto os combatentes originais, mas sua presença dissolveu o campo de batalha. Os rapazes ficaram aturdidos e alguns fugiram. A briga terminou em pouco tempo.

– Meg, corra até o convento e chame a irmã Oonagh – pediu Caris. – Diga a ela para trazer ataduras.

Meg se afastou apressada.

Os feridos em condições de andar logo desapareceram. Caris começou a examinar os que estavam no chão. Um camponês que fora esfaqueado na barriga tentava segurar as tripas: havia pouca esperança para ele. O que levara o corte no braço poderia sobreviver se Caris conseguisse estancar a hemorragia. Ela tirou seu cinto, passou-o pela parte superior do braço e apertou, até que o fluxo de sangue diminuiu para um filete mínimo.

– Aguente firme – disse ela.

E se afastou para examinar um garoto da cidade que parecia ter quebrado alguns ossos da mão. Sua cabeça ainda doía, mas tratou de ignorá-la.

Oonagh e várias outras freiras apareceram. Um momento depois, Matthew Barber também chegou, com sua bolsa. Entre eles, prestaram os primeiros socorros aos feridos. Por instrução de Caris, voluntários pegaram os feridos com maior gravidade e os conduziram para o convento.

– Levem todos para o velho hospital, não para o novo – recomendou Caris. Ao se levantar da posição ajoelhada, ficou tonta. Segurou-se em Oonagh para não cair.

– Qual é o problema? – perguntou Oonagh.

– Já vou me recuperar. É melhor irmos logo para o hospital.

Elas se esgueiraram entre as barracas do mercado até o velho hospital. Ao entrarem, descobriram que nenhum dos feridos estava ali. Caris praguejou.

– Levaram os feridos para o lugar errado!

Passaria ainda algum tempo para as pessoas compreenderem a importância da diferença, pensou ela enquanto seguia com Oonagh para o novo prédio. Ao se aproximarem, se encontraram com os voluntários que saíam.

– Vocês trouxeram os feridos para o lugar errado! – censurou Caris, irritada.

– Mas, madre Caris... – começou a dizer um deles.

– Não discutam, porque não há tempo! – exclamou ela, impaciente. – Levem todos para o velho hospital!

Ao entrar no claustro, ela viu o garoto com o braço cortado sendo conduzido para um quarto em que sabia que havia cinco vítimas da peste. Correu através do

pátio.

– Parem! – berrou, furiosa. – O que pensam que estão fazendo?

Uma voz de homem respondeu:

– Estão seguindo minhas instruções.

Caris parou e olhou. Era o irmão Sime.

– Não seja tolo! – gritou ela. – O rapaz tem um ferimento de faca. Quer que ele morra da peste?

O rosto redondo de Sime ficou vermelho.

– Não tenho a menor intenção de submeter minhas decisões à sua aprovação, madre Caris.

Era uma estupidez tão grande que ela achou melhor ignorar.

– Todos esses rapazes feridos devem ficar longe das vítimas da peste ou vão pegá-la também.

– Acho que está muito nervosa. Sugiro que vá se deitar um pouco.

– Deitar-me? – Caris estava indignada. – Acabei de prestar os primeiros socorros a todos esses homens e agora preciso tratá-los direito... mas não aqui!

– Agradeço seu trabalho de emergência, madre. Agora pode me deixar examinar os pacientes.

– Seu idiota! Você vai matá-los!

– Por favor, deixe o hospital até se acalmar.

– Não pode me expulsar. Construí este hospital com o dinheiro das freiras. Estou no comando aqui.

– É mesmo? – indagou ele com frieza.

Caris compreendeu que podia não ter previsto aquele momento, mas era evidente que Sime o fizera. Ele estava vermelho, mas mantinha os sentimentos sob controle. Era um homem com um plano. Ela fez uma pausa, pensando depressa. Olhou ao redor e constatou que voluntários e freiras observavam a cena, à espera do desfecho da discussão.

– Temos de cuidar desses rapazes. Enquanto discutimos, eles estão sangrando até a morte. Vamos chegar a um acordo. – Caris elevou a voz para acrescentar: – Ponham todos no chão onde estão, por favor. – Como fazia calor, por enquanto não havia necessidade de levar os pacientes para um quarto. – Vamos cuidar de suas necessidades primeiro e depois decidir onde eles serão

acomodados.

Os voluntários e as freiras conheciam e respeitavam Caris, enquanto Sime era novo para eles, por isso obedeceram à ordem de Caris com entusiasmo. Sime compreendeu que fora vencido e assumiu uma expressão de fúria intensa.

– Não posso trabalhar nestas circunstâncias – declarou, retirando-se em seguida.

Caris ficou chocada. Tentara resguardar o orgulho de Sime com sua proposta, sem imaginar que ele seria capaz de se afastar dos doentes num acesso de petulância.

Mas ela tratou de removê-lo da mente enquanto voltava a cuidar dos feridos.

Durante as duas ou três horas seguintes permaneceu ocupada, lavando ferimentos, costurando talhos, ministrando ervas tranquilizantes e poções revigorantes. Matthew Barber trabalhava ao seu lado, consertando ossos quebrados e articulações fora do lugar. Matthew já estava agora na casa dos 50 anos, mas seu filho Luke o ajudava com a mesma habilidade.

A tarde esfriava e dava lugar à noite quando acabaram. Sentaram junto da parede do claustro para descansar. A irmã Joan trouxe canecas com sidra fresca. Caris ainda estava com dor de cabeça. Conseguira ignorá-la enquanto trabalhava, mas agora a dor a incomodava bastante. Decidiu que se deitaria cedo. Enquanto tomavam a sidra, o jovem Joshie apareceu.

– Milorde bispo pede que o procure no palácio do prior quando puder... madre prioresa.

Ela resmungou, irritada. Tinha certeza de que Sime fora se queixar. Era a última coisa de que precisava.

– Avise a ele que irei imediatamente. – Em voz mais baixa, ela resmungou: – É melhor acabar logo com isso de uma vez.

Caris esvaziou sua caneca e se levantou. Exausta, atravessou o pátio gramado da catedral. Os mercadores fechavam as barracas ao anoitecer, cobrindo as mercadorias e trancando seus baús. Ela passou pelo cemitério e entrou no palácio.

O bispo Henri sentava à cabeceira da mesa, em companhia do cônego Claude e do arquidiácono Lloyd. Philemon e Sime também estavam presentes. O gato de Godwyn, Arcebispo, se achava no colo de Henri, com uma pose presunçosa.

– Sente-se, por favor – disse o bispo.

Ela se sentou ao lado de Claude, que disse, gentilmente:

– Parece cansada, madre Caris.

– Passei a tarde inteira cuidando de garotos estúpidos que se meteram numa briga. Até eu levei uma pancada na cabeça.

– Ouvimos falar da briga.

– E sobre a discussão no hospital novo – acrescentou Henri.

– Presumo que é por isso que estou aqui.

– Exatamente.

– Toda a ideia do novo hospital é separar pacientes com doenças infecciosas...

– Já sei sobre o que é a discussão. – Henri olhou para todos. – Caris ordenou que os feridos na briga fossem levados para o velho hospital. Sime deu uma contraordem. E tiveram uma briga inadmissível na presença de todos.

– Peço desculpa por isso, milorde bispo – disse Sime. Henri ignorou a interrupção:

– Antes de continuarmos, quero que uma coisa fique bem clara. – Ele olhou de Sime para Caris. – Sou o seu bispo e, *ex officio*, o abade do priorado de Kingsbridge. Tenho o direito e o poder de dar ordens a todos, e vocês têm o dever de me obedecer. Aceita isso, irmão Sime?

Sime inclinou a cabeça.

– Aceito.

Henri se voltou para Caris.

– Aceita, madre prioresa?

Não havia como contestar, é claro. Henri tinha todo o direito de lhes dar ordens.

– Aceito – disse ela, confiante de que Henri não era bastante estúpido para obrigar os brigões feridos a contraírem a peste.

– Permitam-me enunciar os argumentos – continuou Henri. – O novo hospital foi construído com o dinheiro das freiras, de acordo com as especificações de madre Caris. Seu plano era ter um lugar para as vítimas da peste e outras pessoas com doenças que, segundo ela, podem se espalhar dos pacientes para pessoas saudáveis. Ela acredita que é essencial separar os dois

tipos de pacientes. E acha que tem o direito, em todas as circunstâncias, de exigir que seu plano seja cumprido. É uma avaliação justa, madre Caris?

– É, sim.

– O irmão Sime não estava aqui quando Caris concebeu seu plano, por isso não pôde ser consultado. Mas ele passou três anos estudando medicina na universidade e recebeu um diploma. Ele ressalta que Caris não tem treinamento. Além disso, tem pouca compreensão da natureza da doença, além da adquirida pela experiência prática. Ele é um médico qualificado e, mais do que isso, é o único no priorado, o único em Kingsbridge.

– Exatamente – murmurou Sime.

– Como pode dizer que não tenho treinamento? – protestou Caris. – Depois de todos os anos em que cuidei de pacientes...

– Fique quieta, por favor – pediu Henri, mal levantando a voz, e algo em seu tom fez Caris se calar. – Eu já ia mencionar sua história de serviços. Seu trabalho aqui tem sido valioso. É conhecida por sua dedicação durante a peste, que ainda não nos deixou. Sua experiência e seu conhecimento prático são inestimáveis.

– Obrigada, bispo.

– Por outro lado, Sime é um padre, formado na universidade... e um homem. Os conhecimentos que ele adquiriu ali são essenciais para a direção apropriada de um hospital de priorado. Não queremos perdê-lo.

– Alguns dos mestres na universidade concordam com meus métodos, pergunte ao irmão Austin – disse Caris.

Philemon interveio:

– O irmão Austin foi enviado para St.-John-in-the-Forest.

– E agora sabemos por quê – comentou Caris.

– Eu é que tenho de tomar a decisão, não Austin ou os mestres da universidade – declarou o bispo.

Caris compreendeu que não se preparara para aquela confrontação. Estava exausta, sentia uma tremenda dor de cabeça, mal conseguia pensar direito. Viera parar no meio de uma luta de poder e não tinha qualquer estratégia. Se estivesse plenamente alerta, não teria vindo quando o bispo a chamara. Iria se deitar, superar a dor de cabeça, acordar revigorada na manhã seguinte, para só se encontrar com Henri depois de formular um plano de batalha. Já seria tarde

demais?

– Bispo, não me sinto em condições de ter uma conversa assim esta noite – disse ela. – Talvez possamos adiar até amanhã, quando estarei me sentindo melhor.

– Não há necessidade – declarou Henri. – Ouvi a queixa de Sime e conheço suas opiniões. Além do mais, partirei amanhã de manhã, ao nascer do sol.

O bispo já tomara uma decisão, compreendeu Caris. Nada do que ela dissesse agora ou depois faria qualquer diferença. Mas o que ele decidira? Para que lado se inclinaria? Ela não tinha a menor ideia. E estava cansada demais para fazer outra coisa que não continuar sentada e ouvir a decisão sobre seu destino.

– A humanidade é fraca – disse Henri. – Como o apóstolo Paulo ressaltou, vemos como em um espelho, obscuramente. Erramos, nos desviamos do curso certo, raciocinamos de maneira precária. Precisamos de ajuda. Foi por isso que Deus nos deu sua Igreja, o papa e o sacerdócio... para nos orientar, porque nossos próprios recursos são falíveis e inadequados. Se seguirmos nossa própria maneira de pensar, haveremos de fracassar. Devemos consultar as autoridades.

Ao que tudo indicava, o bispo ficaria do lado de Sime, concluiu Caris. Como podia ser tão estúpido?

Mas ele era.

– O irmão Sime estudou os textos antigos da literatura médica sob a supervisão dos mestres na universidade. Seu curso de estudo é endossado pela Igreja. Devemos aceitar a autoridade da Igreja e, portanto, a dele. Seu julgamento não pode ficar subordinado ao de uma pessoa sem instrução, por mais extraordinária e admirável que ela possa ser. Suas decisões devem prevalecer.

Caris sentia-se tão exausta e nauseada que quase ficou contente com o término da entrevista. Sime vencera, ela perdera; tudo o que queria agora era dormir. Ela ficou de pé.

– Lamento desapontá-la, madre Caris... – disse Henri e sua voz foi sumindo enquanto Caris se afastava.

– Um comportamento insolente – observou Philemon e ela ouviu.

– Deixe-a ir – disse Henri, tranquilo.

Ela chegou à porta e saiu sem se virar.

O pleno significado do que acabara de acontecer se tornou claro em sua mente enquanto atravessava lentamente o cemitério. Sime ficaria no comando do hospital. Ela teria de seguir suas ordens. Não haveria separação entre as diferentes categorias de pacientes. Não haveria máscaras no rosto nem mãos lavadas com vinagre. As pessoas fracas se tornariam ainda mais fracas com as sangrias; os ferimentos seriam cobertos por cataplasmas feitos com esterco de animais, para estimular o corpo a produzir pus. Ninguém mais se preocuparia com higiene e ar fresco.

Ela não falou com ninguém enquanto atravessava o claustro, subia a escada e cruzava o dormitório, a caminho de seu quarto. Deitou-se na cama de barriga para baixo, a cabeça latejando.

Perdera Merthin, perdera seu hospital, perdera tudo.

As lesões na cabeça podiam ser fatais, pensou. Talvez pudesse dormir e nunca mais acordar.

Talvez fosse melhor assim.

79

O pomar de Merthin fora plantado na primavera de 1349. Um ano mais tarde, a maioria das árvores já enraizara e exibia as primeiras folhas. Duas ou três ainda se debatiam para sobreviver e apenas uma estava indiscutivelmente morta. Ele não esperava que qualquer das árvores desse frutos por enquanto, mas em julho, para sua surpresa, uma muda precoce tinha cerca de uma dúzia de pequenas peras de um verde-escuro, ainda mínimas e tão duras como pedra, mas prometendo amadurecer no outono.

Numa tarde de domingo, ele as mostrou a Lolla, que se recusou a acreditar que cresceriam para virar as frutas sumarentas e de sabor agradável que ela tanto amava. Ela pensou – ou fingiu pensar – que o pai se empenhava em uma de suas brincadeiras para provocá-la. Quando Merthin perguntou de onde ela imaginava que vinham as peras maduras, Lolla o encarou com uma expressão de censura e respondeu:

– Do mercado, seu bobo!

Ela também amadureceria um dia, pensou Merthin, embora fosse difícil conceber aquele corpo pequeno e ossudo adquirindo os contornos macios e suaves de uma mulher. Ele pensou se algum dia Lolla lhe daria netos. Como ela estava com apenas 5 anos, faltava pelo menos uma década para que isso fosse possível.

Merthin pensava sobre a maturidade quando avistou Philippa se aproximando pelo pomar. Mais uma vez, não pôde deixar de admirar os seios cheios e redondos. Como era inesperado que ela o visitasse à luz do dia, ele se perguntou o que a trouxera até ali. Como podia haver alguém a observá-los, ele a recebeu apenas com um casto beijo no rosto, aceitável para um cunhado sem despertar comentários.

Ela parecia preocupada e ele compreendeu que já há vários dias Philippa se mostrava mais pensativa e reservada do que o habitual. Quando sentaram na relva, Merthin indagou:

– Algum problema?

– Nunca fui boa em dar notícias suavemente. Estou grávida.

– Oh, Deus! – Ele ficou chocado demais para disfarçar sua reação. – Estou surpreso, porque você me disse...

– Sei disso. E tinha certeza de que era velha demais. Há dois ou três anos meu ciclo mensal era irregular e depois parou por completo. Pelo menos foi o que pensei. Mas tenho vomitado pela manhã e sinto os mamilos doloridos.

– Notei logo seus seios quando entrou no pomar.

– Já estive grávida seis vezes antes, três filhos e três abortos, e conheço os sintomas. Não há a menor dúvida.

Merthin sorriu.

– Vamos ter um filho.

Ela não retribuiu o sorriso.

– Não fique tão satisfeito. Ainda não pensou nas implicações. Sou a esposa do conde de Shiring. Não durmo com ele desde outubro, não vivo com ele desde fevereiro, mas em julho estou grávida de dois ou três meses. Ralph e o mundo inteiro saberão que o bebê não é dele e que a condessa de Shiring cometeu adultério.

– Mas ele não...

– ... me mataria? Ele matou Tilly, não é mesmo?

– Oh, Deus, é verdade! Mas...

– E se ele me matar, poderá matar o bebê também.

Merthin teve vontade de dizer que não era possível, que Ralph não faria isso... mas sabia que o irmão era bem capaz.

– Tenho de decidir o que fazer – declarou Philippa.

– Acho que não deveria terminar a gravidez com poções, é muito perigoso.

– Não farei isso.

– Então terá o bebê.

– Terei. Mas o que posso fazer depois?

– Não poderia permanecer no convento e manter o bebê em segredo? O lugar

está cheio de crianças que ficaram órfãs devido à peste.

– Mas o que não se pode manter em segredo é o amor de uma mãe. Todos saberiam que a criança ficou sob meus cuidados pessoais. E Ralph descobriria.

– Tem razão.

– Eu poderia ir embora... desaparecer. Londres, York, Paris, Avignon. Sem contar a ninguém para onde, a fim de que Ralph nunca pudesse ir atrás de mim.

– E eu poderia ir com você.

– Mas neste caso não acabaria sua torre.

– E você sentiria saudade de Odila.

A filha de Philippa estava casada há seis meses com o conde David. Merthin podia imaginar como seria difícil para Philippa deixá-la. E a verdade é que seria uma agonia para ele abandonar sua torre. Durante toda a sua vida adulta sempre sonhara construir o prédio mais alto da Inglaterra. Agora que finalmente começara, abandonar o projeto partiria seu coração.

E, ao pensar na torre, ele se lembrou de Caris. Sabia instintivamente que ela ficaria arrasada com a notícia. Fazia semanas que não a via, pois ela estivera de cama, doente, depois de levar uma pancada na cabeça na Feira do Velocino. Agora, embora estivesse recuperada, quase nunca saía do priorado. Merthin imaginava que ela perdera alguma espécie de luta pelo poder, pois o hospital vinha sendo dirigido pelo irmão Sime. A gravidez de Philippa seria outro golpe devastador para Caris.

– E Odila também está grávida – informou Philippa.

– Tão cedo? Mas é uma boa notícia. E mais uma razão para que você não vá para o exílio, pois deixaria de vê-la e não conheceria a criança.

– Não posso fugir e não posso me esconder. Mas, se não fizer nada, Ralph me matará.

– Deve haver uma saída – disse Merthin.

– Só consigo pensar numa solução.

Merthin a fitou. Compreendeu que ela já pensara a respeito. Não lhe contara o problema até ter a solução. Mas tivera o cuidado de lhe mostrar que todas as respostas óbvias eram erradas. Isso significava que ele não gostaria do plano que Philippa formulara.

– Conte qual é.

– Temos de fazer Ralph pensar que o bebê é dele.

– Mas, nesse caso, você precisa...

– Isso mesmo.

– Entendo...

O pensamento de Philippa deitando com Ralph era repulsivo para Merthin. Não era tanto por ciúme, embora esse fosse um fator. O que mais pesava para ele era como seria terrível para Philippa. Ela sentia repugnância física e emocional a Ralph. Merthin compreendia essa repugnância, embora não a partilhasse. Convivera com a brutalidade de Ralph durante toda a sua vida. Mas o homem brutal era seu irmão, e continuaria a sê-lo independentemente do que fizesse. Mesmo assim, ficou angustiado ao pensar que Philippa se obrigaria a fazer sexo com o homem que mais odiava no mundo.

– Eu gostaria que pudesse haver uma maneira melhor – disse ele.

– Eu também.

Merthin a fitou em silêncio por um momento.

– Você já decidiu.

– Já.

– Lamento muito.

– Eu também.

– Mas dará certo? Você seria capaz... de seduzi-lo?

– Não sei. Mas tenho de tentar.

A catedral era simétrica. O sótão dos pedreiros, na extremidade oeste da torre baixa ao norte, dava para o pórtico norte. Na torre sudoeste havia um compartimento de tamanho e formato similares, com vista para o claustro. Era usado para guardar itens de pequeno valor só utilizados raramente. Todos os trajes e objetos simbólicos empregados nas encenações de histórias bíblicas ficavam ali. Havia também uma ampla variedade de coisas que não chegavam a ser completamente inúteis: castiçais de madeira, correntes enferrujadas, vasos quebrados e um livro cujas páginas de velino haviam apodrecido com o tempo, a tal ponto que as palavras escritas de maneira meticulosa não mais eram legíveis.

Merthin foi lá para verificar até que ponto a parede era reta pendurando um peso de chumbo num cordão pela janela; ao chegar à parte de cima, fez uma descoberta.

Havia rachaduras na parede. Isso não era necessariamente um sinal de fraqueza: o significado tinha de ser interpretado por olhos experientes. Todos os prédios se moviam e as rachaduras podiam simplesmente indicar como uma estrutura se ajustava para acompanhar a mudança. Merthin calculou que a maioria delas naquele compartimento era benigna. Mas havia uma que o deixou perplexo por seu formato. Não parecia normal. Um exame mais atento indicou que alguém aproveitara uma rachadura natural para afrouxar uma pequena pedra. Ele a removeu.

Compreendeu no mesmo instante que descobrira um esconderijo secreto de alguém. O espaço por trás da pedra era o refúgio de um ladrão. Ele tirou os objetos que estavam ali, um a um. Havia um broche de mulher com uma enorme pedra verde; um xale de seda; e um pergaminho com um salmo escrito. E no fundo encontrou o objeto que lhe forneceu a pista sobre a identidade do ladrão. Era a única coisa ali que não tinha valor monetário. Um pedaço de madeira lixada, simples, com letras esculpidas na superfície: “M: Phmn: AMAT.”

M era apenas uma inicial. Amat era a palavra em latim para “ama”. E Phmn era com certeza Philemon.

Alguém cujo nome começava com M, homem ou mulher, outrora amara Philemon e lhe dera aquilo, e ele escondera junto com seus tesouros roubados.

Desde a infância havia rumores de que Philemon tinha mãos leves. Coisas costumavam desaparecer em suas proximidades. Parecia que aquele era o lugar em que ele as escondia. Merthin o imaginou subindo até ali, sozinho, talvez à noite, para tirar a pedra da parede e admirar, exultante, seus despojos. Não podia haver a menor dúvida de que era uma espécie de doença.

Por outro lado, nunca haviam circulado rumores de que Philemon tivesse amantes. Como seu mentor Godwyn, ele parecia ser daquela minoria de homens para os quais era muito fraca a necessidade de amor sexual. Mas alguém se apaixonara por ele, em algum momento, e Philemon guardava a lembrança.

Merthin tornou a pôr os objetos no esconderijo exatamente como os encontrara: tinha boa memória para esse tipo de coisa. Ajeitou a pedra solta no

lugar. Depois, pensativo, deixou o compartimento e desceu pela escada em espiral.



Ralph ficou surpreso quando Philippa voltou para casa.

Era um raro dia de sol num verão muito chuvoso e ele gostaria de sair para caçar falcões, mas não podia fazê-lo, o que o deixava furioso. A colheita estava prestes a começar e a maioria dos vinte ou trinta intendentes, bailios e administradores do condado precisava vê-lo com urgência. Todos tinham o mesmo problema: plantações amadurecendo nos campos e insuficiência de homens e mulheres para colhê-las.

Ele não podia fazer nada para ajudar. Aproveitara todas as oportunidades para processar os trabalhadores que desafiavam o regulamento ao deixarem suas aldeias em buscas de salários mais altos; mas os poucos que conseguia encontrar pagavam as multas com seus ganhos extras e fugiam de novo. Por isso, os bailios tinham problemas. Todos queriam lhe explicar suas dificuldades e ele precisava escutar, dar sua aprovação aos planos improvisados.

O salão estava cheio de gente: bailios, cavaleiros e homens de armas, dois sacerdotes e uma dúzia ou mais de criados fingindo que trabalhavam. Num momento em que todos se calaram, Ralph ouviu as gralhas lá fora, os gritos estridentes soando como uma advertência. Ele ergueu os olhos e deparou com Philippa na entrada. Ela falou primeiro para os criados:

– Martha, esta mesa ainda está suja do almoço. Vá buscar água quente para lavá-la, agora. Dickie, acabo de ver o cavalo predileto do conde com o que parece ser lama de ontem, enquanto você fica aqui cortando um pedaço de madeira com sua faca. Volte para o estábulo, que é o seu lugar, e limpe o cavalo. E você, rapaz, leve esse cachorro para fora, pois ele acabou de fazer xixi no chão. O único cachorro que tem permissão para entrar aqui é o mastim do conde. Você sabe disso.

Todos os criados entraram em ação no mesmo instante; até mesmo aqueles a quem ela não havia se dirigido encontraram um trabalho para fazer.

Ralph não se importava que Philippa desse ordens aos criados. Eles se

tornavam indolentes sem uma ama para pressioná-los.

Ela se aproximou e fez uma reverência profunda, como era apropriado depois de uma longa ausência. Mas não se adiantou para beijá-lo. Ralph comentou, indiferente:

– Isto é... inesperado.

Philippa comentou, com alguma irritação:

– Eu não deveria ter a necessidade de fazer essa viagem.

Ralph gemeu por dentro.

– O que a trouxe até aqui?

Qualquer que fosse o motivo, ele tinha certeza, haveria uma briga.

– Meu solar de Ingsby.

Philippa tinha um pequeno número de propriedades pessoais, umas poucas aldeias em Gloucestershire que pagavam tributo a ela, não ao conde. Desde que fora viver no convento, os bailios dessas aldeias a procuravam no priorado de Kingsbridge, Ralph sabia, e prestavam contas diretamente a ela. Mas Ingsby era uma exceção embaraçosa. O solar pagava tributo a ele, que o transferia para Philippa, o que esquecera de fazer desde sua partida.

– Droga! Esqueci por completo.

– Não tem problema. Você tem muita coisa em que pensar.

Isso era surpreendentemente conciliador.

Ela subiu para os aposentos particulares, enquanto Ralph voltava a seu trabalho. Meio ano de separação a melhorara um pouco, pensou ele, enquanto outro bailio discorria sobre os campos com trigo amadurecendo e lamentava a escassez de colhedores. De qualquer forma, Ralph torcia para que ela não planejasse ficar por muito tempo. Deitar a seu lado à noite era como dormir com uma vaca morta.

Philippa reapareceu na hora do jantar. Sentou-se ao lado de Ralph e conversou polidamente com vários cavaleiros visitantes durante a refeição. Mostrou-se fria e reservada como sempre – não havia afeição nem sequer qualquer humor –, mas ele também não percebeu nenhum sinal do ódio gelado e implacável que ela exibira depois do casamento. Desaparecera por completo ou se encontrava oculto lá no fundo. Ao final da refeição, ela tornou a se retirar, deixando-o a beber com os cavaleiros.

Ralph considerou a possibilidade de que ela planejasse voltar em caráter permanente, mas por fim descartou a ideia. Philippa nunca o amaria nem mesmo gostaria dele. Acontecia apenas que a longa separação atenuara um pouco o ressentimento. Era bem provável que o sentimento subjacente nunca a deixasse.

Ele supôs que a encontraria dormindo quando subiu. Para sua surpresa, no entanto, ela estava sentada à escrivaninha, numa camisola de linho cor de marfim, uma única vela projetando uma claridade suave sobre as feições orgulhosas e os cabelos escuros e abundantes. À sua frente, havia uma carta longa, com uma letra infantil, que ele adivinhou ser de Odila, agora condessa de Monmouth. Philippa escrevia uma resposta. Como a maioria dos aristocratas, ela ditava as cartas de negócios para um secretário, mas escrevia as pessoais.

Ralph foi até a latrina. Ao sair, tirou as roupas externas. Era verão e ele costumava dormir só com as roupas de baixo.

Philippa terminou de escrever a carta, se levantou... e derrubou o pote de tinta que estava em cima da mesa. Pulou para trás, mas já era tarde demais. O pote caiu em sua direção, criando uma enorme mancha preta na camisola. Ela praguejou. Ralph quase riu: ela era tão meticulosa que ele achou engraçado vê-la respingada de tinta.

Ela ainda hesitou por um momento, depois tirou a camisola pela cabeça. Ralph ficou surpreso. Em circunstâncias normais, ela não costumava tirar as roupas na sua presença. Devia ter ficado irritada com a tinta. Ele admirou seu corpo nu. Philippa engordara um pouco no convento. Os seios pareciam maiores e mais redondos do que antes, a barriga tinha uma saliência suave mas discernível e os quadris exibiam uma curva ainda mais atraente. Para sua surpresa, Ralph percebeu que ficara excitado.

Ela se abaixou para limpar a tinta do chão ladrilhado com a camisola embolada. Os seios balançavam enquanto esfregava os ladrilhos. Philippa se virou, oferecendo uma vista generosa do traseiro. Se não soubesse que isso era impossível, Ralph diria que ela tentava provocá-lo. Mas aquela mulher nunca tentara provocar ninguém, muito menos ele. Era apenas desajeitada e estava constrangida, o que tornava ainda mais excitante contemplar sua nudez exposta enquanto limpava o chão.

Havia semanas ele não se deitava com uma mulher; a última fora uma

prostituta de Salisbury, bastante insatisfatória.

E quando Philippa se ergueu, ele já tinha uma ereção. Ela notou que era observada.

– Não olhe para mim. Vá se deitar.

Ela jogou a camisola no cesto de roupa suja. Foi até a arca de roupas e levantou a tampa. Deixara a maior parte de suas roupas ali quando fora para Kingsbridge, pois não era apropriado que uma mulher vestisse trajes mais finos num convento, mesmo sendo nobre. Pegou outra camisola. Ralph não foi capaz de desviar os olhos enquanto ela se virava. Os seios empinados e a elevação do sexo, com seus pelos escuros, o deixaram com a boca ressequida. Philippa percebeu o olhar dele.

– Não ouse me tocar.

Se ela não tivesse dito isso, era provável que Ralph acabasse se virando para o outro lado e dormindo. Mas a rejeição o deixou irritado e o espicaçou.

– Sou o conde de Shiring e você é minha esposa. Eu a tocarei sempre que quiser.

– Não ousaria.

Philippa se virou para vestir a camisola. O comentário o enfureceu. No momento em que ela erguia a camisola para enfiá-la pela cabeça, Ralph deu um tapa na bunda dela. Foi uma pancada firme na pele nua e ele pôde sentir que doera. Philippa deu um pulo e gritou.

– Vendo-a assim, como não ousar? – disse ele.

Ela se virou com um protesto nos lábios. Num súbito impulso, Ralph deu um tapa em sua boca. Ela foi lançada para trás e caiu. Levou a mão à boca. O sangue escorria entre os dedos. Mas Philippa estava estendida de costas, nua, as pernas abertas, e ele podia ver o triângulo cabeludo no encontro das coxas, a fenda entreaberta, como se fosse um convite.

Ralph caiu em cima dela.

Philippa se debateu, em desespero, mas ele era maior e mais forte. Superou sua resistência sem muito esforço. E a penetrou logo a seguir. Ela estava seca, o que o deixou ainda mais excitado.

Tudo acabou num instante. Ralph rolou para o lado, ofegante. Olhou para ela depois de algum tempo. Havia sangue na boca de Philippa. Ela não o fitava:

mantinha os olhos fechados. Mas ele teve a impressão de que havia uma estranha expressão em seu rosto. Pensou a respeito por um instante, até chegar a uma conclusão, e ficou ainda mais perplexo do que antes.

Ela parecia triunfante.



Merthin soube que Philippa havia voltado a Kingsbridge quando viu sua criada na Bell. Esperou que a amante fosse até sua casa naquela noite e ficou desapontado quando isso não aconteceu. Não restava a menor dúvida de que ela se sentia constrangida, pensou ele. Nenhuma mulher se sentiria à vontade com o que ela fizera embora as razões fossem prementes e o homem que ela amava tanto soubesse e compreendesse.

Outra noite se passou sem que ela aparecesse. Veio o domingo, e ele tinha certeza de que a encontraria na catedral. Mas ela não foi ao serviço. Era quase inédito que alguém da nobreza perdesse uma missa dominical. O que a mantivera ausente?

Depois do serviço, ele mandou Lolla para casa com Arn e Em. Atravessou o pátio gramado até o velho hospital. Havia três quartos para hóspedes importantes no segundo andar. Merthin subiu pela escada externa.

No corredor, encontrou Caris. Ela não se deu o trabalho de perguntar o que ele fazia ali.

– A condessa não quer que você a veja, mas provavelmente deve fazê-lo.

Merthin notou que a frase era estranha. Não “A condessa não quer vê-lo”, mas sim “A condessa não quer que você a veja”. Ele olhou para a bacia que Caris carregava. Havia ali um pano manchado de sangue. O medo deixou seu coração gelado.

– O que aconteceu?

– Nada muito grave. O bebê está ileso.

– Graças a Deus!

– Você é o pai, não é?

– Por favor, não deixe que ninguém a ouça dizer isso.

Caris parecia consternada.

– Só concebi uma vez em todos os anos que estivemos juntos.

Ele desviou os olhos.

– Em que quarto ela está?

– Peço desculpas por falar a respeito. Sou a última pessoa por quem você se interessa. Encontrará lady Philippa no quarto do meio.

Merthin percebeu a angústia indisfarçada na voz dela e hesitou, apesar de sua ansiedade por Philippa. Tocou o braço de Caris.

– Por favor, não pense que não me interesso por você. Sempre me importo com o que acontece com você, se é feliz ou não.

Caris assentiu, lágrimas brotando em seus olhos.

– Sei disso. Estou sendo egoísta. Vá ver Philippa.

Merthin deixou Caris. Entrou no quarto do meio. Philippa estava ajoelhada no genuflexório, de costas para ele. Interrompeu suas orações.

– Você está bem?

Ela se levantou e se virou. Tinha o rosto arrebentado. Os lábios estavam inchados, três vezes maiores que o normal, a casca da ferida mal se formando. Merthin calculou que Caris lavara o ferimento, o que explicava o pano sujo de sangue.

– O que aconteceu? – indagou ele. – Pode falar?

Ela anuiu com a cabeça.

– A voz sai estranha, mas posso falar – balbuciou de modo quase incompreensível.

– Ficou muito ferida?

– Meu rosto está horrível, mas não é grave. Afora isso, não tenho nada.

Merthin a envolveu em seus braços. Ela encostou a cabeça em seu ombro. Ele esperou. Passado um momento, Philippa começou a chorar. Ele afagou seus cabelos e as costas, enquanto ela tremia com soluços.

– Calma, calma...

Ele a beijou na testa, mas não tentou silenciá-la. Pouco a pouco, os soluços foram diminuindo.

– Posso beijar seus lábios?

Ela concordou com um aceno de cabeça.

– Gentilmente.

Merthin roçou os lábios com os seus. Sentiu um gosto de amêndoas: Caris passara óleo no ferimento.

– Conte-me o que aconteceu.

– Deu certo. Ele foi enganado. E terá certeza de que o bebê é dele.

Merthin tocou nos lábios com as pontas dos dedos.

– E ele fez isso?

– Não fique zangado. Tentei provocá-lo e fui bem-sucedida. Deve ficar contente por Ralph ter me agredido.

– Contente? Por quê?

– Porque ele pensa que teve de me obrigar. Acha que eu não teria me submetido sem violência. Não tem a menor suspeita de que eu tencionava seduzi-lo. Nunca desconfiará da verdade. O que significa que estou segura... e nosso bebê também.

Merthin pôs a mão em sua barriga.

– Mas por que não foi me procurar assim que chegou?

– Com esta cara?

– Quero ficar ainda mais do seu lado quando está machucada. – Ele deslocou a mão para o seio. – Além do mais, tenho sentido muita saudade.

Philippa afastou sua mão.

– Não posso ir de um para outro como uma prostituta.

– Ahn...

Ele não pensara dessa forma.

– Você compreende, não é?

– Acho que sim. – Merthin podia entender que uma mulher se sentisse ordinária ao fazer exatamente a mesma coisa de que um homem se orgulharia. – Mas por quanto tempo...?

Philippa suspirou e recuou.

– Não é o tempo que importa.

– Como assim?

– Concordamos em anunciar ao mundo que o bebê é de Ralph e eu providenciei para que ele pensasse assim. Agora, ele vai querer criá-lo.

Merthin ficou consternado.

– Eu não havia pensado nos detalhes, mas imaginei que você continuaria a

viver no priorado.

– Ralph não permitirá que a criança seja criada num convento, ainda mais se for um menino.

– Então o que pretende fazer? Voltar para Earlscastle?

– Isso mesmo.

A criança ainda não era nada: não era uma pessoa nem mesmo um bebê, mas apenas uma saliência na barriga de Philippa. Mesmo assim, Merthin sentiu uma pontada de tristeza. Lolla se convertera na grande alegria de sua vida e ele aguardava ansioso por outra criança.

Mas pelo menos teria Philippa por mais algum tempo.

– Quando voltará para Earlscastle?

– Imediatamente. – Ela viu a expressão de Merthin e as lágrimas afloraram a seus olhos. – Não posso lhe dizer quanto lamento, mas seria errado fazer amor com você e planejar voltar para Ralph. Seria a mesma coisa que ter dois homens. O fato de vocês dois serem irmãos torna a situação ainda pior.

Os olhos de Merthin ficaram turvos de lágrimas.

– Portanto, está acabado o que havia entre nós? Agora?

Ela acenou com a cabeça em confirmação.

– E há mais uma coisa que tenho de lhe dizer, mais uma razão para que nunca mais voltemos a ser amantes. Confessei meu adultério.

Merthin sabia que Philippa tinha seu confessor pessoal, como era apropriado para uma mulher da alta nobreza. Desde que ela viera para Kingsbridge, o confessor vivia com os monges, um acréscimo bem recebido em suas fileiras reduzidas. Merthin esperava que ele fosse capaz de guardar os segredos do confessionário.

– Recebi a absolvição, mas não devo continuar a pecar – acrescentou ela.

Merthin também assentiu. Ela tinha razão. Ambos haviam pecado. Philippa traíra o marido e ele traíra o irmão. Ela tinha uma desculpa: fora forçada ao casamento. Ele não tinha nenhuma. Uma linda mulher se apaixonara por ele e retribuíra seu amor embora não tivesse esse direito. A angústia e o pesar que sentia agora eram as consequências naturais desse comportamento.

Merthin a contemplou – os olhos angustiados, verde-acinzentados, a boca machucada, o corpo maduro – e compreendeu que a perdera. Talvez ela nunca

tivesse sido sua de fato. De qualquer forma, sempre fora errado e agora acabara. Ele tentou falar, despedir-se, mas a garganta parecia obstruída e nada saiu. Mal podia vê-la, por causa das lágrimas. Virou-se, tateou à procura da porta e conseguiu sair, sem saber como.

Uma freira seguia pelo corredor, carregando um jarro. Ele não podia distinguir quem era, mas reconheceu a voz de Caris quando ela disse:

– Merthin? Você está bem?

Ele não respondeu. Seguiu na direção oposta, passou pela porta e alcançou a escada externa. Agora chorando abertamente, sem se importar com quem visse, Merthin atravessou o pátio gramado da catedral, desceu a rua principal e atravessou a ponte até sua ilha.

80

Setembro de 1350 foi um mês frio e úmido, mas mesmo assim havia um sentimento de euforia. Enquanto os feixes molhados de trigo eram reunidos nos campos ao redor, apenas uma pessoa morreu da peste em Kingsbridge: Marge Taylor, uma costureira de 60 anos. Ninguém pegou a doença em outubro, novembro ou dezembro. Parecia ter desaparecido, pensou Merthin, agradecido... pelo menos por enquanto.

A migração antiga de pessoas irrequietas e empreendedoras indo dos campos para as cidades fora revertida durante a peste, mas agora recomeçara. Muitos vieram para Kingsbridge, instalaram-se nas casas vazias e começaram a pagar aluguel para o priorado. Alguns abriram novos negócios – padarias, cervejarias, manufaturas de velas – para substituir os antigos que haviam acabado quando os proprietários e todos os seus herdeiros morreram. Merthin, como regedor, tornara mais fácil abrir uma loja ou uma barraca no mercado, acabando com o processo prolongado que era imposto pelo priorado. O mercado semanal foi ficando mais e mais movimentado.

Uma a uma, Merthin alugou as lojas, casas e tavernas que construíra na ilha dos Leprosos. Os arrendatários eram recém-chegados empreendedores ou mercadores que já residiam na cidade à procura de melhores locais. A estrada através da ilha, entre as duas pontes, se tornou uma extensão da rua principal e, portanto, uma área privilegiada para estabelecimentos comerciais. como Merthin previra, doze anos antes, quando as pessoas acharam que ele era louco por aceitar a ilha rochosa e árida como parte do pagamento de seu trabalho na ponte.

O inverno chegou e mais uma vez a fumaça de milhares de lareiras pairava sobre a cidade, numa nuvem baixa e marrom; mas as pessoas ainda trabalhavam e faziam compras, comiam e bebiam, jogavam dados nas tavernas e iam à igreja

aos domingos. A casa da guilda testemunhou o primeiro banquete da véspera de Natal desde que a guilda da paróquia passara a ser a guilda do burgo.

Merthin convidou o prior e a prioresa. Eles não tinham mais o poder de se impor aos mercadores, mas ainda se destacavam entre as pessoas mais importantes da cidade. Philemon compareceu, mas Caris recusou o convite: tornara-se retraída a tal ponto que causava preocupação.

Merthin sentou ao lado de Madge Webber. Ela era agora a mercadora mais rica e a maior empregadora em Kingsbridge, talvez em todo o condado. Era vice-regedora e poderia vir a ser regedora, se não fosse sem precedentes a presença de uma mulher nesse cargo.

Entre os muitos empreendimentos de Merthin, havia uma oficina que fabricava os teares de pedal que haviam melhorado a qualidade do Escarlate de Kingsbridge. Madge comprava mais da metade de sua produção; outros mercadores empreendedores vinham de longe, até mesmo de Londres, para comprar o restante. Os teares eram engrenagens complexas e tinham de ser fabricados de maneira impecável e montados com precisão. Por isso, Merthin tinha de empregar os melhores carpinteiros disponíveis. Ele cobrava pelo produto acabado mais do que o dobro do custo de fabricação e ainda assim as pessoas mal podiam esperar para lhe dar o dinheiro.

Várias pessoas insinuaram que ele deveria se casar com Madge, mas a ideia não tentava nenhum dos dois. Ela nunca fora capaz de encontrar um homem que pudesse se comparar a Mark, que tinha o físico de um gigante e o ânimo de um santo. Madge sempre fora cheia de corpo, mas agora estava gorda de fato. Na casa dos 40 anos, virara uma dessas mulheres que parecem um barril, com a mesma largura do comprimento dos ombros ao traseiro. Comer e beber bem eram agora seus principais prazeres, pensou Merthin enquanto a observava se empanturrar de pernil com gengibre num molho de maçãs e cravos. Isso e ganhar dinheiro.

Ao final da refeição, foi servido um vinho temperado chamado hipocraz. Madge tomou um longo gole, arrotou e chegou mais perto de Merthin no banco.

– Temos de fazer alguma coisa com o hospital – disse ela.

– É mesmo? – Merthin não tinha noção de que havia um problema. – Agora que a peste acabou, pensei que as pessoas já não precisavam tanto de um

hospital.

– Claro que precisam. Ainda têm febre, dor de barriga e câncer. Mulheres querem engravidar e não conseguem, ou sofrem complicações quando dão à luz. Crianças se queimam e caem de árvores. Homens são derrubados de seus cavalos ou esfaqueados por inimigos, ou têm a cabeça quebrada por esposas furiosas...

– Já entendi tudo. – Merthin estava achando graça da loquacidade de Madge.

– Qual é o problema?

– Ninguém vai mais para o hospital. As pessoas não gostam do irmão Sime e, além do mais, não confiam em seus conhecimentos. Enquanto estávamos todos aqui enfrentando a peste, ele permaneceu em Oxford, estudando textos antigos. O irmão Sime ainda prescreve tratamentos como sangria, em que ninguém mais acredita. Querem Caris... mas ela nunca aparece.

– O que as pessoas fazem quando estão doentes, se não vão para o hospital?

– Procuram Matthew Barber ou Silas Pothecary, ou uma recém-chegada, Marla Wisdom, que se especializou em problemas das mulheres.

– Então o que a preocupa?

– As pessoas começam a se manifestar contra o priorado. Se não recebem ajuda dos monges e freiras, dizem, por que deveriam pagar a construção da torre?

– Hum...

A torre era um vasto projeto. Nenhuma instituição isolada teria condições de financiá-la. Uma combinação de recursos do mosteiro, do convento e da cidade era a única maneira de custeá-la. Se a cidade suspendesse os pagamentos, o projeto seria ameaçado.

– Estou entendendo – disse Merthin, preocupado. – Isso é mesmo um problema.



Fora um bom ano para a maioria das pessoas, pensou Caris, sentada no coro durante a missa do dia de Natal. As pessoas vinham se ajustando às devastações causadas pela peste com surpreendente rapidez. Além de provocar terríveis

sofrimentos e um quase colapso da vida civilizada, a doença também proporcionara a oportunidade para mudanças drásticas. Quase metade da população morrera, pelos seus cálculos mas um efeito dela era que os camponeses remanescentes só cultivavam agora os solos mais férteis, o que significava que cada homem produzia mais. Apesar do Regulamento dos Trabalhadores e dos esforços de nobres como o conde Ralph para impor seu cumprimento, ela estava satisfeita por constatar que as pessoas continuavam a se mudar para onde os salários eram mais altos, em geral onde a terra era mais produtiva. Os cereais eram abundantes e os rebanhos de vacas e ovelhas cresciam de novo. O convento era cada vez mais próspero e, já que Caris reorganizara também os negócios dos monges depois da fuga de Godwyn, o mosteiro desfrutava de uma prosperidade que não conhecia há mais de cem anos. A riqueza criava riqueza e os bons tempos nos campos traziam mais negócios para as cidades. Assim, os artesãos e lojistas de Kingsbridge começavam a recuperar sua antiga riqueza.

Quando as freiras deixavam a catedral ao final do serviço, o prior Philemon a procurou.

– Preciso lhe falar, madre prioresa. Pode ir até minha casa?

No passado ela aceitaria polidamente o convite, sem a menor hesitação. Mas esses dias haviam acabado.

– Não, não posso.

Ele ficou vermelho no mesmo instante.

– Não pode se recusar a conversar comigo!

– Eu não fiz isso. Apenas me recusei a ir até seu palácio. Não admito ser convocada à sua presença como uma subordinada. Sobre o que deseja conversar comigo?

– Sobre o hospital. Tem havido queixas.

– Fale com o irmão Sime... Ele está dirigindo o hospital, como sabe muito bem.

– Não é possível conversar com você? – indagou ele, exasperado. – Se Sime pudesse resolver o problema, eu conversaria com ele, não com você.

A essa altura, os dois estavam no claustro dos monges. Caris sentou no muro baixo de pedra em torno do pátio. A pedra estava fria.

– Podemos conversar aqui. O que tem a me dizer?

Philemon estava contrariado, mas cedeu. Ficou de pé na frente de Caris; e agora era ele quem parecia um subordinado.

– Os moradores da cidade estão insatisfeitos com o hospital.

– Isso não me surpreende.

– Merthin se queixou para mim no jantar de Natal da guilda. As pessoas não vêm mais para cá. Em vez disso, procuram charlatões, como Silas Pothecary.

– Ele não é mais charlatão do que Sime.

Philemon percebeu que havia vários noviços parados nas proximidades escutando a conversa.

– Vão embora, todos vocês – ordenou. – Voltem para seus estudos.

Os noviços saíram correndo. Philemon tornou a se virar para Caris.

– As pessoas da cidade acham que você deveria estar no hospital.

– Também acho. Mas não sigo os métodos de Sime. Na melhor das hipóteses, seus tratamentos não têm qualquer efeito. Na maioria das vezes, agravam o estado do paciente. É por isso que as pessoas não vêm mais para cá quando ficam doentes.

– Seu novo hospital tem tão poucos pacientes que passamos a usá-lo como casa de hóspedes. Isso não a incomoda?

Foi um escárnio que acertou no alvo. Caris engoliu em seco e desviou os olhos.

– Parte meu coração.

– Então volte. Chegue a um acordo com Sime. Trabalhou sob as ordens dos monges médicos nos primeiros dias, quando veio para cá. O irmão Joseph era o médico mais antigo naquele tempo. Ele tinha o mesmo treinamento de Sime.

– É verdade. Naquele tempo, achávamos que os monges às vezes causavam mais mal do que bem, mas podíamos trabalhar com eles. Na maior parte do tempo, nem os chamávamos, apenas fazíamos o que julgávamos melhor. E, quando eles tratavam de um paciente, nem sempre seguíamos suas instruções ao pé da letra.

– Você não pode achar que eles estavam sempre errados.

– Claro que não. Às vezes os médicos curavam as pessoas. Lembro-me de Joseph abrindo o crânio de um homem e drenando o fluido acumulado que vinha

causando dores de cabeça insuportáveis. Foi impressionante.

– Faça a mesma coisa agora.

– Não dá mais. Sime acabou com essa possibilidade, não é mesmo? Ele levou seus livros e equipamentos para o hospital e assumiu o comando. E tenho certeza de que fez isso encorajado por você. Mais até, é bem provável que a ideia tenha sido sua. – Ela percebeu, pela expressão de Philemon, que acertara em cheio. – Você e ele conspiraram para me expulsar do hospital. Conseguiram... e agora estão sofrendo as consequências.

– Podemos voltar ao antigo sistema. Mandarei Sime sair.

Caris sacudiu a cabeça.

– Tem de haver outras mudanças. Aprendi muita coisa com a peste. Estou mais convencida do que nunca de que os métodos dos médicos podem ser fatais. Não vou matar as pessoas só por causa de um acordo com você.

– Você não compreende quanto está em jogo.

Ele exibia um ar ligeiramente presunçoso. Portanto, havia mais alguma coisa. Caris vinha refletindo sobre a razão pela qual Philemon levantara aquele assunto. Ele não era de se preocupar com o hospital: nunca se importara com o trabalho de cura. Só se interessava pelo que melhorasse sua posição e defendesse seu frágil orgulho.

– Está bem. O que mais você sabe?

– O pessoal da cidade está falando em cortar os recursos para a nova torre. Por que deveriam pagar um extra para a catedral, perguntam, quando não obtêm o que querem de nós? E, agora que a cidade é um burgo, eu como prior não posso mais exigir o pagamento.

– E se eles não pagarem...?

– Seu amado Merthin terá de abandonar seu projeto de estimação – arrematou Philemon, triunfante.

Caris compreendeu que esse era o trunfo de Philemon. E houvera mesmo um tempo em que essa revelação a deixaria sobressaltada. Mas isso não mais acontecia.

– Merthin não é mais meu amado. Você acabou com isso também.

Uma expressão de pânico surgiu no rosto do prior.

– Mas o bispo está empenhado na construção da torre. Você não pode pôr o

projeto em risco!

Caris se levantou.

– Não posso? Por que não?

Ela virou as costas e seguiu na direção do convento. Philemon ficou atordoado. Ainda gritou:

– Como pode ser tão irresponsável?

Caris ia ignorá-lo, mas depois mudou de ideia e decidiu explicar. Virou-se para encará-lo.

– Tudo o que eu sempre prezei me foi tirado – disse ela em tom apático. – E quando você já perdeu tudo...

A fachada sob controle começou a desmoronar e a voz tremeu, mas ela se forçou a acrescentar:

– Quando você já perdeu tudo, não tem mais nada a perder.



A primeira neve caiu em janeiro. Formou um manto espesso no telhado da catedral, cobriu as delicadas esculturas das agulhas, mascarou os rostos dos anjos e santos esculpidos por cima da porta oeste. A alvenaria nova das fundações da torre fora coberta com palha, para isolar a argamassa da geada de inverno; agora, a neve cobria a palha.

Havia poucas lareiras num priorado. A cozinha tinha fogos acesos, como não podia deixar de ser; e era por isso que o trabalho na cozinha sempre fora popular entre os noviços. Mas não havia fogo aceso na catedral, onde os monges e freiras passavam sete ou oito horas por dia. Quando as igrejas pegavam fogo, era em geral porque um monge desesperado levara um braseiro de carvão para o prédio e uma fagulha voara do fogo para o teto de madeira. Quando não estavam na igreja nem trabalhando, deveriam andar e ler nos claustros, expostos ao frio. A única concessão ao conforto era a sala de aquecimento, um pequeno compartimento próximo dos claustros em que se acendia um fogo nos momentos de frio mais intenso. Monges e freiras tinham permissão para entrar na sala de aquecimento por curtos períodos.

Como sempre, Caris ignorou as regras e tradições e permitiu que as freiras

usassem roupas de baixo de lã durante o inverno. Não acreditava que Deus quisesse que suas servidoras tivessem frieiras.

O bispo Henri estava tão preocupado com o hospital – ou melhor, com a ameaça à sua torre – que seguiu de Shiring para Kingsbridge através da neve. Viajou numa pesada carroça de madeira com uma coberta de lona e bancos almofadados, acompanhado pelo cônego Claude e o arquidiácono Lloyd. Fizeram uma pausa no palácio do prior apenas pelo tempo suficiente para secar as roupas e tomar um vinho quente, antes de convocarem uma reunião de crise com Philemon, Sime, Caris, Oonagh, Merthin e Madge.

Caris já sabia que seria um desperdício de tempo, mas foi assim mesmo: era mais fácil do que recusar, o que exigiria que ficasse sentada no convento e lidasse com intermináveis mensagens suplicando, ordenando e ameaçando.

Ela olhava para os flocos de neve que caíam além das vidraças da janela, enquanto o bispo resumia, monótono, uma discussão pela qual não tinha o menor interesse.

– Esta crise foi provocada pela atitude desleal e desobediente de madre Caris – declarou Henri.

Ela ficou tão irritada que não se conteve:

– Trabalhei no hospital aqui por dez anos. Meu trabalho... e o de madre Cecilia antes de mim... fizeram o hospital ser tão popular entre os moradores da cidade. – Caris apontou o dedo para o bispo, num gesto agressivo. – Você mudou isso. Não tente culpar outras pessoas. Sentou nessa cadeira e anunciou que dali por diante o irmão Sime estaria no comando. Agora deve assumir a responsabilidade pelo resultado de sua decisão insensata.

– Você deve me obedecer! – Henri alteou a voz até um som estridente de frustração. – É uma freira, fez um voto!

A discussão perturbou o gato, Arcebispo, que se levantou e saiu da sala.

– Sei disso. E fico numa posição intolerável. – Caris falou sem ter pensado a respeito antes, mas, à medida que as palavras saíam, ela compreendeu que não eram inadequadas. Na verdade, eram o resultado de meses de reflexão. – Não posso mais servir a Deus desta maneira. – A voz era calma, mas o coração batia descompassado quando ela arrematou: – É por isso que decidi renunciar a meus votos e deixar o convento.

Henri se levantou.

– Não pode fazer isso! – gritou. – Não vou liberá-la de seus votos sagrados!

– Mas espero que Deus me libere – insistiu ela, mal disfarçando seu desdém. Isso o deixou ainda mais furioso.

– Essa noção de que as pessoas podem lidar direto com Deus é a pior heresia. Tem havido mais e mais dessa conversa absurda desde a peste.

– Não acha que isso pode ter acontecido porque as pessoas, quando procuraram a Igreja em busca de ajuda durante a peste, descobriram muitas vezes que seus padres e monges... – nesse ponto, ela olhou para Philemon – ... haviam fugido como covardes?

Henri levantou a mão para impedir a resposta indignada de Philemon.

– Podemos ser falíveis, mas mesmo assim é apenas através da Igreja e de seus sacerdotes que homens e mulheres podem se aproximar de Deus.

– Você pode pensar assim, é claro – disse Caris. – Mas isso não faz com que seja certo.

– Você é um demônio!

– Isto posto, milorde bispo, uma discussão pública entre você e Caris não ajudaria ninguém – interveio Claude.

Ele ofereceu um sorriso cordial a Caris. Demonstrava consideração por ela desde o dia em que Caris surpreendera o bispo e ele se beijando, nus, e não dissera nada a ninguém.

– Sua atual falta de cooperação deve ser considerada à luz dos muitos anos de serviços dedicados, às vezes heroicos – acrescentou Claude. – E as pessoas a amam.

– Mas o que acontece se a liberarmos de seus votos? – indagou Henri. – Como isso resolveria o problema?

Foi nesse momento que Merthin falou pela primeira vez:

– Tenho uma sugestão. – Todos olharam para ele. – Deixem a cidade construir um novo hospital. Doarei um terreno grande na ilha dos Leprosos. Será cuidado por um novo convento, separado do priorado. As freiras estarão sob a autoridade espiritual do bispo de Shiring, é claro, mas não terão qualquer vínculo com o prior de Kingsbridge ou qualquer dos médicos do mosteiro. O novo hospital teria um patrono leigo, que seria uma pessoa eminente da cidade,

escolhida pela guilda. Essa pessoa indicaria a prioresa.

Todos permaneceram em silêncio por um bom tempo, enquanto absorviam a proposta radical. Caris estava perplexa. Um novo hospital... na ilha dos Leprosos... pago pelos moradores da cidade... aos cuidados de uma nova ordem de freiras... sem qualquer vínculo com o priorado...

Ela correu os olhos pelo grupo. Philemon e Sime detestaram a ideia. Henri, Claude e Lloyd estavam atônitos.

– O patrono será muito poderoso – falou o bispo – representando os moradores, pagando as contas, designando a prioresa. Quem quer que assuma o papel vai controlar o hospital.

– Isso mesmo – confirmou Merthin.

– Se eu autorizar um novo hospital, os moradores da cidade continuarão a custear a construção da torre?

Madge Webber falou pela primeira vez:

– Se o patrono certo for escolhido, claro que sim.

– E quem deveria ser? – perguntou Henri.

Caris percebeu que todos olhavam para ela.

Poucas horas depois, Caris e Merthin se envolveram em mantos grossos, calçaram botas e caminharam pela neve até a ilha, onde ele mostrou o local que tinha em mente. Ficava no lado oeste, não muito longe de sua casa, à beira do rio.

Ela ainda estava tonta com a súbita mudança em sua vida. Fora liberada de seus votos de freira. Voltaria a ser uma cidadã normal, depois de quase doze anos. Descobriu que podia considerar a perspectiva de deixar o priorado sem angústia. As pessoas que ela amara ali haviam morrido: madre Cecilia, a Velha Julie, Mair, Tilly. Gostava muito da irmã Joan e da irmã Oonagh, mas não era a mesma coisa.

E ainda estaria no comando de um hospital. Como teria o direito de designar e dispensar a prioresa da nova instituição, poderia dirigi-lo de acordo com o novo pensamento que se desenvolvera desde o combate à peste. O bispo

concordara com tudo.

– Acho que devemos usar outra vez a forma de um claustro – disse Merthin. – Pareceu funcionar muito bem no curto período em que você esteve no comando.

Caris contemplou o lençol imaculado de neve e se espantou mais uma vez com a capacidade de Merthin de ver paredes e quartos onde ela observava apenas uma brancura interminável.

– A arcada da entrada era usada quase como uma sala – comentou ela. – Era o lugar em que as pessoas esperavam, onde as freiras efetuavam o primeiro exame dos pacientes, antes de decidirem o que fazer com eles.

– Gostaria que fosse maior?

– Acho que deve ser uma verdadeira sala de recepção.

– Está bem.

Ela continuava perplexa.

– É difícil acreditar. Tudo aconteceu exatamente como eu queria.

Merthin meneou a cabeça.

– Foi assim que planejei.

– É mesmo?

– Perguntei a mim mesmo do que você gostaria, depois planejei como poderia conseguir.

Ela o encarou. Merthin falara em tom de indiferença, como se apenas explicasse o processo de raciocínio que o levara a suas conclusões. Parecia não ter a menor ideia de como era fundamental para Caris descobrir que ele sempre pensava em seus desejos e na maneira certa de realizá-los.

– Philippa já teve o bebê? – perguntou ela.

– Já, sim. Há uma semana.

– Menino ou menina?

– Um menino.

– Meus parabéns. Já o viu?

– Não. Até onde o mundo sabe, sou apenas o tio. Mas Ralph me mandou uma carta.

– Já escolheram o nome?

– Roland, em homenagem ao velho conde.

Caris mudou de assunto.

– A água do rio não é muito pura neste ponto da correnteza. E um hospital precisa de água limpa.

– Instalarei um cano para trazer água de um ponto do rio mais acima.

A nevasca diminuiu, para depois cessar por completo. Tinham agora uma vista clara do rio. Caris sorriu para ele.

– Você tem resposta para tudo.

Ele balançou a cabeça.

– Essas são as respostas fáceis: água limpa, quartos arejados, uma sala de recepção.

– E quais são as difíceis?

Merthin se voltou para encará-la. Havia flocos de neve em sua barba ruiva.

– Perguntas como: “Ela ainda me ama?”

Ficaram se olhando por longo tempo. Caris estava feliz.

PARTE VII

MARÇO A NOVEMBRO DE 1361

81

Aos 40 anos, Wulfric ainda era o homem mais bonito que Gwenda já vira. Havia fios prateados agora em seus cabelos castanho-claros, mas faziam com que ele parecesse mais sábio, além de mais forte. Quando era jovem, os ombros largos se afilavam de maneira drástica até a cintura estreita, enquanto hoje em dia a mudança não era tão acentuada, nem a cintura tão estreita... mas ele ainda era capaz de fazer o trabalho de dois homens. E sempre seria dois anos mais jovem do que ela.

Gwenda achava que mudara menos. Tinha cabelos escuros do tipo que só começavam a se tornar grisalhos bem tarde na vida. Não se tornara mais corpulenta do que era vinte anos antes, embora desde que tivera os filhos os seios e a barriga não fossem mais tão firmes quanto no passado.

Era apenas quando olhava para o filho Davey, com a pele lisa e uma agilidade irrequieta nos passos, que ela sentia o peso dos anos. Agora com 20 anos, ele parecia uma versão masculina do que a mãe fora nessa idade. Ela também tinha um rosto liso e andava em passos vigorosos. Uma vida inteira de trabalho nos campos, em todos os tempos, deixara as mãos calejadas e as faces avermelhadas, além de ensiná-la a andar devagar e poupar suas forças.

Davey era pequeno como ela, astuto e discreto: desde que era pequeno, Gwenda nunca sabia direito o que ele pensava. Sam era o oposto: grande e forte, sem ter inteligência suficiente para ser dissimulado, mas com uma veia de maldade da qual Gwenda culpava o verdadeiro pai, Ralph Fitzgerald.

Já há vários anos os dois meninos trabalhavam junto com Wulfric nos campos... até duas semanas antes quando Sam desaparecera.

Sabiam por que ele havia partido. Durante todo o inverno Sam falara em deixar Wigleigh e se mudar para uma aldeia em que pudesse ganhar um salário

maior. E desaparecera no momento em que começava a aradura da primavera.

Gwenda sabia que ele tinha razão sobre os salários. Era crime deixar sua aldeia ou aceitar um pagamento mais alto que os níveis de 1347. Por todo o país, no entanto, jovens irrequietos ignoravam a lei e fazendeiros desesperados os contratavam. Senhores de terras como o conde Ralph podiam fazer pouco mais do que ranger os dentes, em fúria.

Sam não dissera para onde iria e não dera nenhum aviso sobre a partida iminente. Se Davey fizesse o mesmo, Gwenda saberia que ele teria pensado em tudo com o maior cuidado e decidido que era a melhor coisa. Mas tinha certeza de que Sam apenas seguira um impulso. Alguém mencionara o nome de uma aldeia, ele acordara cedo na manhã seguinte e decidira partir imediatamente.

Ela disse a si mesma para não se preocupar. Sam tinha 22 anos, era grande e forte. Ninguém haveria de explorá-lo ou maltratá-lo. Mas era mãe e sentia um aperto no coração.

Se não podia encontrá-lo, ninguém mais poderia, pelos seus cálculos, e era melhor assim. O que não a impedia de querer saber onde o filho estava, se trabalhava para um bom empregador, se as pessoas o tratavam bem.

Naquele inverno, Wulfric começara a arar os acres mais arenosos de sua terra. Na primavera, Gwenda e ele foram para Northwood a fim de comprar uma relha de arado de ferro, uma das poucas coisas que não podiam fabricar. Como sempre acontecia, um pequeno grupo de moradores de Wigleigh viajou junto para o mercado. Jack e Eli, que operavam o moinho de pisoar de Madge Webber, iam comprar suprimentos: não tinham terras, por isso compravam todos os seus alimentos. Annet e sua filha Amabel, de 18 anos, levavam uma dúzia de galinhas num engradado para vender no mercado. O bailio, Nathan, também foi, acompanhado pelo filho crescido Jonno, o inimigo de infância de Sam.

Annet ainda flertava com todos os homens de boa aparência que cruzavam seu caminho. A maioria exibia um sorriso tolo e flertava também. Na viagem para Northwood, ela conversou bastante com Davey. Embora ele tivesse menos da metade de sua idade, Annet sorria sedutora, balançava a cabeça, batia em seu braço de brincadeira, como se ela tivesse 22 anos em vez de 42. Não era mais uma menina, mas parecia não saber disso, pensou Gwenda, irritada. A filha de Annet, Amabel, que era tão linda quanto Annet fora outrora, permanecia um

pouco à parte, como se ficasse constrangida com o comportamento da mãe.

Chegaram a Northwood no meio da manhã. Depois de fazerem suas compras, Wulfric e Gwenda foram almoçar na taverna Old Oak.

Até onde Gwenda podia se lembrar, havia um venerável carvalho na frente da taverna, uma árvore grossa, com galhos disformes, parecendo um velho encurvado no inverno, mas oferecendo uma sombra profunda e acolhedora no verão. Quando meninos, seus filhos costumavam correr atrás um do outro em torno daquela árvore. Mas a árvore devia ter morrido ou se tornado instável, pois fora cortada. Agora havia apenas um toco, tão largo quanto Wulfric era alto, usado pelos clientes como cadeira, mesa e até mesmo – por um exausto carroceiro – como cama.

Sentado na beira do toco, tomando cerveja numa enorme caneca, estava Harry Ploughman, o bailio de Outhenby. Gwenda no mesmo instante voltou ao passado, doze anos antes. O que aflorou à sua mente, com tanto vigor que trouxe lágrimas a seus olhos, foi a esperança que animara seu coração quando ela e a família, naquela manhã em Northwood, partiram pela floresta em direção a Outhenby e a uma vida nova. A esperança fora destruída em menos de quinze dias, e Wulfric fora levado de volta a Wigleigh – a lembrança ainda a fazia ferver de raiva – com uma corda no pescoço.

Mas Ralph não fizera tudo à sua maneira desde então. As circunstâncias o haviam forçado a devolver a Wulfric as terras do pai dele. É verdade que Wulfric não fora bastante esperto para obter um arrendamento livre, ao contrário de alguns de seus vizinhos. Mesmo assim, Gwenda sentia-se contente por serem agora arrendatários em vez de meros trabalhadores sem terras. Além disso, Wulfric realizara a ambição de sua vida. Mas ela ainda ansiava por mais independência, como um arrendamento livre de obrigações feudais, com a renda paga em dinheiro e o acordo escrito nos registros do solar, para que o senhor não pudesse voltar atrás. Era o que a maioria dos servos queria, e muitos estavam conseguindo desde a peste.

Harry os cumprimentou efusivamente e insistiu em pagar uma cerveja. Pouco depois da breve estada de Wulfric e Gwenda em Outhenby, Harry fora promovido a bailio por madre Caris. Ainda mantinha essa posição, embora Caris há muito tivesse renunciado a seus votos. A prioresa agora era madre Joan.

Outhenby continuava a prosperar, a julgar pela papada e a barriga de cerveja de Harry.

Quando se preparavam para partir com o resto do pessoal de Wigleigh, Harry informou a Gwenda, em voz baixa:

– Tenho um jovem chamado Sam trabalhando para mim.

Gwenda sentiu o coração disparar.

– Meu Sam?

– Não pode ser.

Ela ficou aturdida. Se não era, por que mencioná-lo? Mas Harry bateu de leve em seu nariz vermelho e Gwenda compreendeu que ele estava disfarçando.

– Esse Sam me assegura que seu senhor é um cavaleiro de Hampshire de que nunca ouvi falar, mas que lhe deu permissão para deixar a aldeia e trabalhar em outro lugar. Já o senhor de seu Sam é o conde Ralph, que nunca deixa seus trabalhadores partirem. É claro que eu não poderia empregar seu Sam.

Gwenda compreendeu. Essa seria a história de Harry, se algum dia houvesse perguntas oficiais.

– Portanto, ele está em Outhenby.

– Em Oldchurch, uma das aldeias menores no vale.

– Ele está bem? – indagou ela, ansiosa.

– Prosperando.

– Graças a Deus!

– Um menino forte e um bom trabalhador, embora às vezes possa ser brigão.

Gwenda sabia disso.

– Ele mora numa casa boa?

– Ficou alojado com um casal mais velho de bom coração cujo filho foi para Kingsbridge a fim de aprender o ofício de curtidor de couro.

Gwenda ainda tinha uma dúzia de perguntas, mas nesse instante notou o vulto encurvado de Nathan Reeve encostado na entrada da taverna a observá-la. Ela reprimiu uma imprecação. Queria saber mais, mas teve medo de fornecer a Nathan qualquer indicação sobre o paradeiro de Sam. Precisava se contentar com o que soubera. E ficou emocionada por saber pelo menos onde o filho se encontrava.

Ela se afastou de Harry para dar a impressão de que encerrava uma conversa

sem importância. Pelo canto da boca, ainda disse:

– Não o deixe se envolver em brigas.

– Farei o que puder.

Gwenda acenou em despedida e foi ao encontro de Wulfric.

Na volta para casa, Wulfric carregou a pesada relha de arado no ombro sem qualquer esforço aparente. Gwenda estava ansiosa para lhe dar a notícia, mas tinha de esperar até que o grupo se separasse. Só quando se encontravam a alguns metros dos outros é que ela relatou a conversa com Harry, em voz baixa. Wulfric ficou aliviado.

– Pelo menos sabemos onde o rapaz está – murmurou ele, respirando com facilidade, apesar da carga.

– Quero ir a Outhenby – anunciou Gwenda. Wulfric assentiu com a cabeça.

– Imaginei isso. – Ele quase nunca a contestava, porém demonstrou certa apreensão. – Mas é perigoso. Você terá de dar um jeito para que ninguém descubra para onde foi.

– Tem toda a razão. Nate não deve saber.

– Como você pensa fazer?

– Ele notará com certeza que me ausentei da aldeia por dois ou três dias. Temos de pensar numa história.

– Podemos dizer que você está doente.

– Seria arriscado demais. É bem provável que ele vá até nossa casa para verificar.

– Podemos dizer que foi para a casa de seu pai.

– Nate não acreditaria. Sabe que nunca fico lá por mais tempo que o necessário.

Gwenda roeu uma unha, vasculhando o cérebro em busca da solução. Nas histórias de fantasmas e contos de fadas que as pessoas contavam junto do fogo nas longas noites de inverno, os personagens em geral acreditavam nas mentiras dos outros sem questionar; mas as pessoas reais não se deixavam enganar com tanta facilidade.

– Podemos dizer que fui para Kingsbridge – sugeriu ela por fim.

– Para quê?

– Talvez para comprar galinhas poedeiras no mercado.

– Você poderia comprar as galinhas de Annet.

– Eu não compraria coisa alguma daquela sem-vergonha, e as pessoas sabem disso.

– É verdade.

– E Nate sabe que sempre fui amiga de Caris. Portanto, acreditará que fui encontrá-la.

– Tem razão.

Não era uma história das mais plausíveis, mas ela não pôde pensar em nada melhor. E estava desesperada para ver o filho.

Partiu na manhã seguinte. Saiu de casa antes do amanhecer, envolta num manto grosso para protegê-la do vento frio de março. Atravessou a aldeia sem fazer ruído, na mais completa escuridão, encontrando o caminho por instinto e de memória. Não queria ser vista e interrogada antes mesmo de se afastar da aldeia. Mas ninguém acordara ainda. O cachorro de Nathan Reeve rosnou baixinho, depois reconheceu seus passos, e ela ouviu o baque do rabo batendo na lateral do canil de madeira.

Gwenda deixou a aldeia e seguiu pela estrada através dos campos. Já se encontrava a quase 2 quilômetros de distância quando o dia amanheceu. Olhou para trás, ao longo da estrada. Estava vazia. Ninguém a seguira.

Mastigou um pedaço de pão dormido como primeira refeição. Parou ao meio-dia numa taverna situada no ponto em que a estrada de Wigleigh a Kingsbridge cruzava com a que ia de Northwood a Outhenby. Não reconheceu ninguém ali. Ficou observando a porta, nervosa, enquanto comia uma tigela de ensopado de peixe salgado e bebia uma caneca de sidra. Cada vez que alguém entrava, ela se preparava para esconder o rosto. Mas era sempre um estranho, e ninguém dispensou atenção especial à sua presença. Partiu logo e pegou a estrada para Outhenby.

Alcançou o vale mais ou menos no meio da tarde. Só estivera ali doze anos antes, mas o lugar quase não havia mudado. Recuperara-se da peste com extraordinária rapidez. Afora algumas crianças pequenas brincando perto das casas, a maioria dos aldeões se encontrava no trabalho, arando e semeando e cuidando dos cordeiros recém-nascidos. Olharam para ela através dos campos, sabendo que era uma estranha, especulando sobre sua identidade. Algumas

pessoas a reconheceriam se chegasse mais perto. Estivera ali por apenas dez dias, mas haviam sido momentos dramáticos e as pessoas se lembrariam. Não era com frequência que os aldeões testemunhavam tanta agitação.

Ela seguiu o rio Outhen, que serpenteava pelo terreno plano entre as duas serras. Deixou para trás a aldeia principal e passou por povoados menores, que conhecia do tempo que passara ali, como Ham, Shortacre e Longwater, a caminho do menor e mais remoto, Oldchurch.

Sua excitação aumentava à medida que se aproximava. Até esqueceu os pés doloridos. Oldchurch era um povoado mínimo, com trinta choupanas, nenhuma delas bastante grande para ser um solar nem mesmo a casa de um bailio. Mas, de acordo com o nome, tinha uma velha igreja, que, calculou Gwenda, devia ter várias centenas de anos. Fora construída com pedras toscas e possuía uma torre quadrada, uma nave diminuta e janelas pequenas e quadradas, aparentemente distribuídas ao acaso pelas paredes grossas.

Ela caminhou pelos campos afora. Ignorou um grupo de pastores num pasto distante: o astuto Harry Ploughman não desperdiçaria o enorme Sam em trabalho tão leve. Deveria estar gradando a terra, limpando uma vala ou ajudando a controlar o tiro de oito bois da comunidade. Ela esquadrinhou os três campos de forma metódica. Avistou um grupo, quase todo de homens, de gorro na cabeça, botas enlameadas, vozes bastante fortes para chamarem uns aos outros através dos campos. Esperava encontrar entre eles um jovem que era pelo menos uns 20 centímetros mais alto que os outros. Como não localizou o filho, sofreu uma renovada apreensão. Ele já fora recapturado? Ou fora transferido para outra aldeia?

Encontrou finalmente o filho numa fileira de homens que espalhava estrume por uma faixa recém-arada. Sam estava sem casaco, apesar do frio, e manejava uma pá de carvalho, os músculos das costas e dos braços se contraindo e deslocando por baixo da velha camisa de linho. O coração de Gwenda se encheu de orgulho ao vê-lo... e pensar que aquele homem enorme saíra de seu corpo tão pequeno!

Todos olharam quando ela se aproximou. Os homens a fitaram, curiosos. Quem era ela e o que fazia ali? Gwenda seguiu direto para Sam e o abraçou, apesar do fedor de estrume de cavalo.

– Olá, mãe – disse ele.

Todos os homens riram. Ela ficou perplexa com a hilaridade. Um homem magro e forte com uma órbita de olho vazia disse:

– Calma, Sam, calma... você vai ficar bem agora.

Todos riram de novo. Gwenda compreendeu que eles achavam engraçado que um homem tão grande tivesse uma mãe tão pequena, que ainda por cima vinha verificar se ele estava bem.

– Como me descobriu? – perguntou Sam.

– Encontrei Harry Ploughman no mercado de Northwood.

– Espero que ninguém a tenha seguido até aqui.

– Parti antes do amanhecer. Seu pai ficou de dizer às pessoas que fui a Kingsbridge. Ninguém me seguiu.

Conversaram por uns poucos minutos. Depois ele disse que precisava retornar ao trabalho ou os outros homens ficariam ressentidos.

– Volte para a aldeia e procure a velha Liza – disse Sam. – Ela mora em frente à igreja. Diga quem você é e ela lhe dará alguma coisa para comer e beber. Estarei em casa ao anoitecer.

Gwenda ergueu os olhos para o céu. Era uma tarde escura e os homens seriam obrigados a parar de trabalhar dentro de uma hora, mais ou menos. Beijou o rosto de Sam e se afastou.

Encontrou Liza numa casa um pouco maior que as outras... com dois cômodos em vez de apenas um. A mulher a apresentou ao marido, Rob, que era cego. Como Sam garantira, Liza era hospitaleira: pôs pão e potagem na mesa e serviu uma caneca de cerveja.

Gwenda perguntou sobre o filho deles e foi como abrir uma torneira. Liza falou sem parar sobre ele, da infância ao aprendizado até que o velho a interrompeu, ríspido, com uma só palavra:

– Cavalo.

Todos ficaram em silêncio. Gwenda também ouviu as batidas ritmadas de um cavalo a trote.

– Uma montaria pequena – acrescentou o cego Rob. – Um palafrém ou um pônei. Pequeno demais para um nobre ou um cavaleiro, mas pode estar montado por uma dama.

Gwenda sentiu um calafrio de medo.

– Dois visitantes no espaço de uma hora – comentou Rob. – Devem estar ligados.

Era disso que Gwenda tinha medo.

Ela se levantou e olhou pela porta. Um pônei preto robusto trotava pelo caminho entre as casas. Ela reconheceu o cavaleiro no mesmo instante, e sentiu um aperto no coração: era Jonno Reeve, o filho do bailio de Wigleigh. Como ele a descobrira?

Tentou recuar rápido para o interior da casa, mas Jonno já a avistara.

– Gwenda! – gritou ele, parando o cavalo.

– Seu demônio!

– Posso imaginar o que você está fazendo aqui – disse ele, zombeteiro.

– Como me descobriu aqui? Ninguém me seguiu.

– Meu pai me mandou a Kingsbridge para descobrir o que você estaria tramando lá. No caminho, parei na taverna de Cross Roads e algumas pessoas ali se lembraram que você pegara a estrada para Outhenby.

Ela especulou se não poderia ser mais esperta do que aquele jovem astuto.

– E por que eu não deveria visitar meus velhos amigos aqui?

– Não há nenhuma razão. Onde está seu filho fugitivo?

– Não está aqui, embora eu esperasse encontrá-lo.

Jonno se mostrou indeciso por um momento, como se pensasse que ela poderia estar dizendo a verdade. Mas logo disse:

– Talvez ele tenha se escondido. Vou procurá-lo.

Jonno esporeou o cavalo. Gwenda o observou enquanto se afastava. Não o enganara, mas talvez tivesse plantado uma dúvida em sua mente. Se conseguisse alcançar Sam primeiro, ele poderia se esconder.

Atravessou apressada a pequena casa, com uma palavra rápida para Liza e Rob, e saiu pela porta dos fundos. Cruzou o campo, permanecendo perto da sebe. Ao olhar para trás, na direção da aldeia, avistou um homem a cavalo. O dia começava a escurecer e ela pensou que seu vulto mínimo seria indistinguível contra a sebe escura ao fundo.

Encontrou Sam e os outros voltando, cada um com sua pá no ombro, as botas enlameadas. A alguma distância, à primeira vista, Sam podia passar por Ralph: o

mesmo corpo, as passadas confiantes, a cabeça bonita no pescoço forte. Ao mesmo tempo, porém, ela também podia ver Wulfric no filho: o jeito de virar a cabeça, o sorriso tímido e um gesto desaprovador com a mão que imitava com precisão o pai adotivo.

Os homens a avistaram. Haviam se encantado com sua chegada antes e agora o homem de um olho só gritou:

– Olá, mãe!

Todos riram. Ela ficou lado a lado com Sam e disse:

– Jonno Reeve está aqui.

– Inferno!

– Sinto muito.

– Você disse que não foi seguida!

– Não o vi, mas ele descobriu minha trilha.

– O que farei agora? Não voltarei para Wigleigh de jeito nenhum!

– Ele está à sua procura, mas deixou a aldeia e seguiu para leste. – Gwenda esquadrinhou a paisagem cada vez mais escura, mas não podia ver muita coisa. – Se voltarmos depressa para Oldchurch, poderemos escondê-lo... talvez na igreja.

– Está bem.

Os dois aceleraram o passo. Gwenda olhou para trás e disse aos outros homens:

– Se encontrarem um bailio chamado Jonno, nunca viram Sam de Wigleigh.

– Nunca ouvi falar dele, mãe – disse um dos homens.

Os outros murmuraram em concordância. Os camponeses sempre se mostravam dispostos a enganar qualquer bailio.

Gwenda e Sam alcançaram o povoado sem encontrar Jonno. Foram para a igreja. Gwenda esperava entrar sem dificuldade: igrejas rurais eram em geral vazias, com as portas sempre abertas. Mas, se aquela fosse uma exceção, ela não sabia o que eles poderiam fazer.

Esgueiraram-se entre as casas e se aproximaram da igreja. Ao passarem pela porta da frente da casa de Liza, Gwenda avistou um pônei preto. Soltou um gemido de desespero. Jonno devia ter voltado sob a cobertura do crepúsculo. Apostara que Gwenda encontraria Sam e o traria de volta para a aldeia, e acertara em cheio. Possuía a astúcia insidiosa de Nate, seu pai.

Ela pegou o braço do filho para levá-lo através da estrada e entrar na igreja... e foi nesse instante que Jonno saiu da casa de Liza.

– Pensei mesmo que o encontraria aqui, Sam – disse ele.

Gwenda e Sam pararam e se viraram. Sam se apoiou na pá de madeira.

– E o que pretende fazer?

Jonno deu um sorriso triunfante.

– Levá-lo de volta para Wigleigh.

– Gostaria de ver você tentar.

Um grupo de camponeses, a maioria mulheres, veio do lado oeste da aldeia e parou para assistir à confrontação.

Jonno enfiou a mão no alforje no pônei e tirou um aro de metal com uma corrente.

– Vou pôr um grilhão na sua perna. E, se tiver o mínimo de bom senso, não vai resistir.

Gwenda ficou surpresa com a coragem de Jonno. Ele esperava mesmo capturar Sam sozinho? Era até corpulento, mas não tão grande quanto Sam. Contava com a ajuda dos aldeões? Tinha a lei do seu lado, mas poucos camponeses pensariam que sua causa era justa. Um jovem típico, ele não tinha a menor noção de suas próprias limitações.

– Eu enchia você de porrada quando éramos meninos e tornarei a fazer a mesma coisa hoje – disse Sam.

Gwenda não queria que eles brigassem. Quem quer que ganhasse, Sam estaria errado aos olhos da lei. Era um fugitivo.

– É tarde demais para ir a qualquer lugar agora – afirmou ela. – Por que não conversamos amanhã de manhã?

Jonno soltou uma risada desdenhosa.

– E deixar Sam escapulir antes do amanhecer, como fez ao deixar Wigleigh? De jeito nenhum. Ele vai dormir esta noite com o grilhão de ferro.

Os homens que trabalhavam com Sam apareceram e pararam para olhar.

– Todos os homens que respeitam a lei têm o dever de me ajudar a prender este fugitivo – disse Jonno – e quem tentar me impedir estará sujeito à punição.

– Pode contar comigo – respondeu o homem de um olho só. – Ficarei segurando seu cavalo.

Os outros riram. Havia pouca simpatia por Jonno. Por outro lado, ninguém se manifestou em defesa de Sam. Jonno entrou em ação subitamente. Avançou para Sam segurando o grilhão com as mãos. Abaixou-se, para tentar prender o artefato na perna de Sam, num movimento de surpresa.

Poderia ter dado certo num homem mais velho, de movimentos lentos, mas a reação de Sam foi rápida. Recuou e desferiu um chute, acertando a bota enlameada no braço esquerdo estendido de Jonno.

Jonno soltou um grito de dor e raiva. Ergueu-se e usou o braço direito para desferir um golpe com a corrente, buscando atingir a cabeça de Sam. Gwenda ouviu um grito apavorado e compreendeu que partira dela. Sam recuou outro passo, para ficar fora do alcance.

Jonno percebeu que erraria o golpe e, no último instante, largou o ferro, que saiu voando pelo ar. Sam se encolheu, virou-se e se abaixou, mas não conseguiu se esquivar por completo. O aro de ferro bateu em sua orelha e a corrente roçou o rosto. Gwenda gritou, como se ela própria tivesse sido golpeada. Sam cambaleou, enquanto o grilhão caía no chão. Houve um momento de suspense. O sangue esguichou do ouvido e do nariz de Sam. Gwenda deu um passo em sua direção, os braços estendidos.

No instante seguinte, Sam se recuperou do choque. Voltou-se para Jonno e lhe desferiu um golpe com a pesada pá de madeira, num movimento gracioso. Jonno ainda não recuperara todo o seu equilíbrio depois do esforço para arremessar a corrente. Não conseguiu se esquivar. A beira da pá o acertou no lado da cabeça. Sam era forte: a pancada da madeira no osso ressoou pela rua da aldeia.

Jonno ainda cambaleava quando Sam atacou de novo. O novo golpe com a pá foi de cima para baixo. A beira da pá acertou em cheio a cabeça de Jonno com tremenda força. Dessa vez o impacto não ressoou. Foi mais como um baque surdo, e Gwenda temeu que o crânio de Jonno tivesse rachado.

Enquanto Jonno caía de joelhos, Sam o acertou pela terceira vez com a pá de carvalho. Foi outro golpe desferido com toda a força. Atingiu a testa da vítima. Uma espada de ferro não poderia ser mais mortífera, pensou Gwenda, desesperada. Ela avançou para conter Sam, mas os homens da aldeia tiveram a mesma ideia um momento antes e chegaram na sua frente. Puxaram Sam, dois

homens segurando cada braço.

Jonno estava caído no chão, a cabeça numa poça de sangue. Gwenda ficou angustiada com a cena. Não pôde deixar de pensar no pai do rapaz, Nate, na dor e no desespero pelos ferimentos do filho. A mãe de Jonno havia morrido da peste e pelo menos se encontrava agora num lugar em que a dor não a afligiria.

Gwenda podia ver que Sam quase não se machucara. Sangrava, mas ainda se debatia com seus captores, tentando se desvencilhar para poder atacar de novo. Gwenda se inclinou para Jonno. Ele tinha os olhos fechados e não se mexia. Ela pôs a mão em seu coração e não o sentiu. Tentou encontrar uma pulsação como Caris lhe ensinara, mas não havia nenhuma. Parecia que Jonno não estava respirando. As implicações do que acabara de acontecer afloraram à sua mente e ela começou a chorar.

Jonno estava morto e Sam era um assassino.

82

No Domingo de Páscoa daquele ano de 1361, fazia dez anos que Caris e Merthin estavam casados.

De pé na catedral, assistindo à procissão da Páscoa, Caris recordou o casamento. Como haviam sido amantes durante tanto tempo, de forma intermitente, consideravam a cerimônia como a confirmação de uma união de longa data. Por isso, tolamente, planejaram um evento pequeno e discreto: uma missa simples na igreja de Saint Mark, seguida por um almoço para poucas pessoas na Bell. Mas o padre Joffroi os informara no dia anterior que, pelos seus cálculos, no mínimo 2 mil pessoas pretendiam comparecer ao casamento. Por isso, foram obrigados a transferi-lo para a catedral. Só depois descobriram que Madge Webber organizara um banquete na casa da guilda para os cidadãos mais eminentes e um piquenique para todos os demais habitantes de Kingsbridge em Lovers' Field. Ao final, acabara sendo o casamento do ano.

Caris sorriu à recordação. Usara uma túnica nova de Escarlate de Kingsbridge, uma cor que o bispo provavelmente julgava apropriada para uma mulher assim. Merthin vestira um rico casaco italiano castanho com fios dourados, radiante de felicidade. Ambos descobriram que seu prolongado romance, que imaginavam ser um drama particular, vinha divertindo os cidadãos de Kingsbridge há muitos anos. Por isso todos queriam comemorar o final feliz.

As lembranças agradáveis de Caris se dissiparam quando Philemon, seu antigo inimigo, subiu ao púlpito. Ele se tornara bastante gordo nos dez anos transcorridos desde o casamento. A tonsura monacal e o rosto raspado revelavam um anel de gordura em torno do pescoço, o hábito de monge estufado como uma tenda.

Ele fez um sermão contra a dissecação.

Os cadáveres pertenciam a Deus, proclamou Philemon. Os cristãos eram instruídos a sepultá-los num ritual específico: os salvos em terrenos consagrados, os não perdoados em outros lugares. Fazer qualquer outra coisa com os cadáveres era contra a vontade de Deus. Retalhá-los era um sacrilégio, declarou com insólita veemência. Havia até um tremor em sua voz quando pediu à congregação para imaginar a cena horrível de um corpo sendo aberto, as partes separadas, cortadas e estudadas por supostos pesquisadores médicos. Os verdadeiros cristãos sabiam que não havia desculpa para esses homens e mulheres monstruosos.

A expressão “homens e mulheres” não saía com frequência da boca de Philemon, pensou Caris, por isso não podia deixar de ter um significado. Ela olhou para o marido, parado a seu lado na nave, e ergueu as sobrancelhas, indicando preocupação.

A proibição do exame de cadáveres era um dogma antigo, proposto pela Igreja em tempos muito remotos para Caris se lembrar. Mas houvera um relaxamento durante a peste. Os clérigos mais jovens e progressistas tinham nítida consciência do quanto a Igreja falhara com o povo. Por isso estavam ansiosos por mudar a maneira como a medicina era ensinada e praticada pelos sacerdotes. O clero mais velho e conservador, no entanto, se apegava aos costumes antigos e bloqueava qualquer mudança na política. Em consequência, a dissecação era proibida em princípio e tolerada na prática.

Caris vinha realizando dissecações em seu novo hospital desde o início. Nunca falava a respeito fora do prédio: não havia sentido em perturbar os supersticiosos. Mas ela efetuava uma dissecação sempre que surgia uma oportunidade.

Em anos recentes, era em geral acompanhada por um ou dois monges médicos mais jovens. Muitos doutores treinados nunca haviam visto o interior de um corpo, exceto quando tratavam de ferimentos muito graves. Tradicionalmente, as únicas carcaças que podiam ser abertas eram as de porcos, os animais cuja anatomia era considerada a mais parecida com a dos humanos.

Caris ficou perplexa, além de preocupada, com o ataque de Philemon. Ele sempre a odiara, Caris sabia, embora nunca tivesse descoberto o motivo. Mas desde o grande impasse na nevasca de 1351 ele a ignorava. Como se fosse uma

compensação pela perda de poder sobre a cidade, Philemon enchera seu palácio com objetos preciosos: tapeçarias, tapetes, talheres de prata, vitrais, iluminuras. Ficara ainda mais altivo, exigindo deferências elaboradas de seus monges e noviços, usando trajes espetaculares para os serviços e viajando, quando tinha de ir a outras cidades numa carruagem decorada como a alcova de uma duquesa.

Havia vários clérigos visitantes importantes presentes no coro para a missa – o bispo Henri de Shiring, o arcebispo Piers de Monmouth e o arquidiácono Reginald de York – e podia-se presumir que Philemon contava impressioná-los com seu surto de conservantismo doutrinário. Mas com que finalidade? Buscava uma promoção? O arcebispo estava doente – tivera de ser carregado para a catedral –, mas Philemon, com toda a certeza, não podia aspirar a esse posto, não é mesmo? Já era um milagre que o filho de Joby de Wigleigh se tornasse prior de Kingsbridge. Além disso, a elevação de prior a arcebispo seria um salto excepcional, como ir de cavaleiro a duque sem virar barão ou conde no intervalo. Apenas um favorito muito especial poderia esperar uma ascensão tão rápida.

Só que não havia limite para a ambição de Philemon. Não que ele se considerasse mais qualificado do que todos os outros, pensou Caris. Essa era a atitude de Godwyn, uma autoconfiança arrogante. Godwyn supunha que Deus o fizera prior porque ele era o homem mais inteligente da cidade. Philemon era o extremo oposto: no fundo de seu coração, acreditava que era um ninguém. Sua vida era uma campanha para convencer a si mesmo de que não era completamente sem valor. Era tão sensível à rejeição que não suportava se considerar não merecedor de qualquer posto, por mais elevado que fosse.

Ela pensou em conversar com o bispo Henri depois do serviço. Poderia lembrá-lo do acordo celebrado dez anos antes pelo qual o prior de Kingsbridge não tinha jurisdição sobre o Hospital de Saint Elizabeth, na ilha dos Leprosos, que se encontrava sob o controle direto do bispo; assim, qualquer ataque ao hospital era um ataque aos direitos e privilégios do próprio Henri. Mas, pensando bem, Caris concluiu que o protesto só serviria para confirmar ao bispo que ela realizava dissecações. Com isso, transformaria o que podia ser agora uma vaga suspeita, fácil de ignorar, num fato conhecido, que deveria ser enfrentado. Assim, decidiu ficar calada.

Ao seu lado estavam os dois sobrinhos de Merthin, os filhos do conde Ralph: Gerry, com 13 anos, e Roley, com 10. Os dois estavam matriculados na escola dos monges. Viviam no priorado, mas passavam a maior parte de seu tempo livre com Merthin e Caris, em sua casa na ilha dos Leprosos. Merthin pousava a mão de leve no ombro de Roley. Apenas três pessoas no mundo sabiam que Roley não era seu sobrinho, mas seu filho. Eram o próprio Merthin, Caris e a mãe do menino, Philippa. Merthin se esforçava para não demonstrar favorecimento especial a Roley, mas descobrira que era difícil disfarçar seus verdadeiros sentimentos e experimentava uma satisfação especial quando Roley aprendia alguma coisa nova ou se saía bem na escola.

Caris pensava com frequência na criança de Merthin que concebera e depois abortara. Sempre imaginara que seria uma menina. Seria uma mulher agora, refletiu Caris, com 23 anos, provavelmente casada, com suas próprias crianças. O pensamento era como o latejar de um ferimento antigo, ainda doloroso, mas não angustiante.

Quando o serviço terminou, todos saíram juntos. Os meninos haviam sido convidados para o almoço de domingo, como sempre. Fora da catedral, Merthin se voltou para contemplar a torre, que agora se elevava acima do meio do prédio.

Enquanto Merthin estudava sua obra quase concluída com o rosto franzido por causa de algum detalhe que só era visível para ele, Caris o examinava afetuosamente. Conhecia-o desde que ele tinha 11 anos e o amara por quase todo esse tempo. Merthin estava agora com 45 anos. Os cabelos ruivos recuavam para além da testa e cresciam em torno da cabeça como um halo encrespado. Tinha o braço esquerdo um tanto rígido desde que um modilhão de pedra caíra de um andaime, por descuido de um pedreiro, e atingira seu ombro. Mas ainda exibia a expressão de ansiedade infantil que atraíra a menina Caris de 10 anos, no Dia de Todos os Santos, um terço de século antes.

Ela se virou para partilhar a visão do marido. A torre se projetava de forma impecável nos quatro lados da interseção, o peso apoiado em arcobotantes maciços nos cantos externos dos transeptos, que por sua vez se apoiavam em novas fundações, separadas das originais. A torre parecia leve e arejada, com colunas delgadas e múltiplas aberturas de janelas através das quais se podia ver o azul do céu quando fazia bom tempo. Por cima do topo quadrado da torre havia

uma teia de andaimes erguida para o estágio final, a agulha.

Ao baixar os olhos, Caris viu a irmã se aproximando. Alice era apenas um ano mais velha, com 45 anos, mas Caris sentia que ela pertencia a outra geração. Seu marido, Elfric, morrera da peste, mas ela não se casara de novo. Tornara-se desleixada e sem graça, como se achasse que uma viúva devesse ser assim. Caris brigara com Alice há muitos anos por causa do tratamento que Elfric dispensava a Merthin. A passagem do tempo atenuara a hostilidade mútua, mas ainda havia uma insinuação de ressentimento na inclinação da cabeça quando Alice a cumprimentou.

Ela estava acompanhada por Griselda, sua enteada, apenas um ano mais moça que Alice. O filho de Griselda, conhecido como Merthin Bastardo, estava a seu lado, um homem enorme com um charme superficial, parecido com o pai, Thurstan, que desaparecera há muito tempo. Era tão diferente de Merthin Bridger quanto era possível. E também era muito diferente da filha de Griselda, Petranilla, agora com 16 anos.

O marido de Griselda, Harold Mason, assumira o negócio depois da morte de Elfric. Não era grande coisa como construtor, segundo Merthin, mas vinha se saindo bem, embora não tivesse o monopólio dos reparos e ampliações do priorado que havia enriquecido Elfric. Harold parou ao lado de Merthin e disse:

– As pessoas acham que você vai construir a agulha sem cimbre.

Caris compreendia. O cimbre era a armação de madeira que mantinha a alvenaria no lugar até a argamassa secar.

– Não há muito espaço dentro da agulha estreita para um cimbre – explicou Merthin. – E como seria sustentado? – O tom foi polido, mas Caris pôde perceber, pela forma incisiva, que ele não gostava de Harold.

– Eu poderia acreditar se a agulha fosse redonda – comentou Harold.

Caris compreendia isso também. Uma agulha redonda poderia ser construída ao se colocar um círculo de pedras por cima de outro, cada círculo um pouco menor que o anterior. Não haveria necessidade de caimbre porque o círculo sustentaria a si mesmo: as pedras não podiam cair para dentro porque pressionavam umas às outras. O que já não acontecia em qualquer estrutura que tivesse cantos.

– Você viu os desenhos – disse Merthin. – A agulha será octogonal.

Os torreões de canto no alto de torres quadradas ficavam virados em diagonal para fora, atraindo o olho à medida que subia para a forma diferente da agulha. Merthin copiara esse detalhe de Chartres. Mas só fazia sentido se a torre fosse octogonal.

– Mas como pode construir uma torre octogonal sem cimbre? – indagou Harold.

– Espere e verá – respondeu Merthin e se afastou.

Enquanto desciam pela rua principal, Caris perguntou:

– Por que não conta às pessoas como vai fazer?

– Para que não possam me despedir. Quando eu estava construindo a ponte, assim que terminei a parte mais difícil, eles me dispensaram e contrataram alguém mais barato.

– Não esqueci.

– Não podem fazer isso agora, porque ninguém mais é capaz de construir a agulha.

– Você era mais jovem então. Agora é o regedor. Ninguém ousaria despedi-lo.

– Talvez não. Mas é ótimo saber que não podem fazer isso.

No fundo da rua principal, onde ficava a velha ponte, havia uma taverna mal-afamada, a White Horse. Caris viu Lolla, a filha de 16 anos de Merthin, encostada na parede externa, com um grupo de amigos mais velhos. Lolla era uma jovem atraente, de pele azeitonada e cabelos escuros lustrosos, boca generosa e olhos castanhos intensos. O grupo se reunia em torno de um jogo de dados, quase todos tomando cerveja em canecas. Caris lamentou – embora não ficasse surpresa – ver a enteada bebendo na rua ao meio-dia. Merthin ficou furioso. Foi até Lolla e pegou-a pelo braço.

– É melhor você ir conosco para almoçar em casa – disse ele, a voz tensa.

Ela sacudiu a cabeça, balançando os cabelos para um lado e outro, num gesto que obviamente se destinava a outro que não o pai.

– Não quero ir para casa. Estou feliz aqui.

– Não perguntei o que você queria fazer.

Merthin deu um puxão na filha, afastando-a do grupo. Um rapaz bonito, em torno dos 20 anos, se aproximou. Tinha cabelos crespos e um sorriso zombeteiro.

Palitava os dentes com um graveto. Caris reconheceu Jake Riley, um rapaz sem profissão específica, mas que mesmo assim parecia ter sempre dinheiro para gastar.

– O que está acontecendo? – indagou ele, com o graveto balançando no canto da boca como um insulto.

– Não é da sua conta – respondeu Merthin.

Jake se postou na sua frente.

– A garota não quer ir embora.

– É melhor sair da minha frente, filho, a menos que queira passar o resto do dia no tronco da cidade.

Caris se imobilizou, ansiosa. Merthin estava certo: tinha o direito de disciplinar Lolla, que ainda se encontrava a cinco anos da vida adulta. Mas Jake era o tipo de rapaz que podia agredi-lo mesmo assim e arcar com as consequências. Mas Caris não interferiu, sabendo que isso poderia deixar Merthin furioso com ela, não mais com Jake.

– Suponho que você é o pai dela.

– Sabe muito bem quem eu sou. E acho melhor me chamar de regedor e falar com o devido respeito ou sofrerá as consequências.

Jake o encarou com uma expressão insolente por mais um tempo, depois se virou de lado e disse, demonstrando indiferença:

– Está bem.

Caris ficou aliviada porque a confrontação não terminara em briga. Merthin nunca se envolvia em brigas, mas Lolla podia deixá-lo transtornado.

Seguiram para a ponte. Lolla se desvencilhou do pai e foi na frente, braços cruzados, cabeça baixa, rosto franzido, resmungando para si mesma palavras de irritação.

Não era a primeira vez que Lolla era vista em más companhias. Merthin ficava horrorizado e enfurecido pelo fato de sua filha querida procurar pessoas assim.

– Por que ela faz isso? – perguntou a Caris enquanto atravessavam a ponte para a ilha dos Leprosos.

– Só Deus sabe.

Caris já observara que esse tipo de comportamento era mais comum em

jovens que haviam perdido o pai ou a mãe. Depois da morte de Silvia, Lolla fora cuidada por Bessie Bell, lady Philippa, a empregada de Merthin, Em, e a própria Caris. Talvez ela se sentisse confusa sobre a quem deveria obedecer. Mas Caris não expressou esse pensamento, já que poderia sugerir que Merthin fracassara de certa forma como pai.

– Tive brigas terríveis com tia Petranilla quando tinha essa idade.

– Sobre o quê?

– Coisas parecidas. Ela não gostava que eu me encontrasse com Mattie Wise.

– Isso é completamente diferente. Você não frequentava tavernas de segunda classe com vagabundos.

– Petranilla achava que Mattie era uma péssima companhia.

– Não é a mesma coisa.

– Acho que não.

– Você aprendeu muita coisa com Mattie.

Lolla sem dúvida também estava aprendendo muita coisa com o belo Jake Riley, mas Caris guardou esse pensamento inflamatório para si mesma, pois Merthin já estava bastante furioso.

A ilha se encontrava toda edificada agora e era parte integrante da cidade. Tinha até sua igreja paroquial. Onde outrora havia apenas um terreno árido, seguiram agora por uma trilha reta, entre prédios, com esquinas definidas. Os coelhos há muito tinham desaparecido. O hospital ocupava a maior parte do lado ocidental. Embora fosse até lá todos os dias, Caris ainda sentia um certo orgulho ao contemplar o prédio impecável, cinzento, as janelas grandes em fileiras regulares, as chaminés alinhadas como soldados.

Atravessaram um portão para o terreno de Merthin. O pomar estava cheio de frutas, as flores brancas cobrindo as macieiras como neve.

Entraram pela porta da cozinha, como sempre. A casa tinha uma entrada imponente no lado do rio, que ninguém jamais usava. Até mesmo um arquiteto brilhante pode cometer erros, pensou Caris, divertida. Mas, outra vez, decidiu não dizer naquele momento o que pensava.

Lolla, ainda furiosa, subiu para seu quarto. Uma mulher chamou da sala da frente:

– Olá, todo mundo!

Os dois meninos correram para a sala com gritos de alegria. Era a mãe deles, Philippa. Merthin e Caris a cumprimentaram efusivamente.

Caris e Philippa haviam se tornado cunhadas quando Caris se casara com Merthin. A rivalidade do passado, no entanto, fizera com que Caris se sentisse contrafeita na presença de Philippa por muitos anos. Até que os meninos as aproximaram. Quando Gerry e depois Roley foram matriculados na escola do priorado, era natural que Merthin tomasse conta dos sobrinhos; e, mais tarde, passara a ser normal que Philippa visitasse a casa de Merthin sempre que vinha a Kingsbridge.

A princípio, Caris sentira ciúme de Philippa por ter atraído Merthin sexualmente. Merthin nunca tentara fingir que seu amor por Philippa fora apenas superficial. Era evidente que ainda gostava dela. Mas Philippa hoje em dia era uma triste figura. Tinha 49 anos, mas parecia mais velha, os cabelos grisalhos e o rosto vincado em desapontamento. Vivia agora para os filhos. Era uma hóspede frequente da filha, Odila, condessa de Monmouth, e, quando não estava lá, muitas vezes visitava o priorado de Kingsbridge, a fim de ficar perto dos filhos. Dava um jeito de passar tão pouco tempo quanto possível com o marido, Ralph, em Earlscastle.

– Tenho de levar os meninos para Shiring – informou, explicando sua presença. – Ralph quer levá-los ao tribunal do condado. Diz que é uma parte necessária de sua educação.

– E ele está certo – concordou Caris.

Gerry seria o conde, se vivesse pelo tempo suficiente, e, se isso não acontecesse, Roley herdaria o título. Por isso, ambos precisavam ter conhecimento do funcionamento de um tribunal.

– Eu tencionava assistir ao serviço da Páscoa na catedral, mas a roda de minha carruagem quebrou e tive de esperar toda uma noite pelo conserto – acrescentou Philippa.

– Mas agora que você está aqui, vamos comer – convidou Caris.

Foram para a sala de jantar. Caris abriu as janelas que davam para o rio, deixando o ar fresco entrar. Ela se pôs a pensar sobre o que Merthin faria em relação a Lolla. Ele não a chamou, e Lolla ficou remoendo sua raiva lá em cima, o que foi um alívio para Caris: uma adolescente sorumbática à mesa poderia

deixar todos desanimados.

Comeram cordeiro assado com alho-poró. Merthin serviu vinho tinto e Philippa bebeu com satisfação. Passara a gostar de vinho. Talvez fosse o seu consolo. Durante o almoço, Em entrou na sala com um ar ansioso.

– Há uma pessoa na porta da cozinha querendo falar com a ama.

– Quem é? – perguntou Merthin, impaciente.

– Ele não deu o nome, mas disse que a ama o conhecia.

– Que tipo de pessoa?

– Um jovem. Pelas roupas, um camponês, não um morador da cidade. – Em tinha uma aversão esnobe a aldeões.

– Ele parece inofensivo. Deixe-o entrar.

Um momento depois, entrou na sala um vulto alto, o capuz puxado para a frente, cobrindo a maior parte do rosto. Quando ele o empurrou para trás, Caris reconheceu o filho mais velho de Gwenda, Sam.

Caris o conhecera durante toda a vida dele. Vira-o nascer, observara a cabeça viscosa sair do corpo miúdo de sua mãe. Acompanhara seu crescimento, enquanto mudava e se transformava num homem. Via Wulfric nele agora, na maneira como andava, parava e levantava um pouco a mão quando estava prestes a falar. Sempre desconfiara de que Wulfric não era o pai verdadeiro, mas nunca mencionara essa dúvida, embora sempre fosse muito amiga de Gwenda. Era melhor deixar algumas perguntas sem resposta. Apesar disso, a suspeita inevitavelmente voltara quando ela soubera que Sam era procurado pelo assassinato de Jonno Reeve. Pois Sam, ao nascer, se parecia com Ralph.

Então ele se aproximou de Caris, ergueu a mão no gesto típico de Wulfric, hesitou por um instante e se abaixou, apoiado num joelho.

– Salve-me, por favor.

Caris ficou horrorizada.

– Como posso salvá-lo?

– Esconda-me. Estou fugindo há dois dias. Deixei Oldchurch no escuro, caminhei durante toda a noite e mal descansei desde então. Quando tentei comprar alguma coisa para comer numa taverna, alguém me reconheceu e tive de fugir.

Ele parecia tão desesperado que Caris sentiu um ímpeto de compaixão.

Mesmo assim, ela disse:

– Mas você não pode se esconder aqui, porque é procurado por assassinato!

– Não foi assassinato, mas sim uma briga. Jonno me agrediu. Acertou-me com um grilhão de ferro... veja!

Sam tocou no rosto em dois lugares, para indicar os ferimentos na orelha e no nariz, uma casca começando a se formar.

A médica em Caris não pôde deixar de notar que os ferimentos tinham cerca de cinco dias e que o nariz estava sarando direito embora a orelha precisasse de um ponto. Mas seu principal pensamento foi o de que Sam não deveria estar ali.

– Você tem de enfrentar a justiça – declarou.

– Eles ficarão do lado de Jonno, tenho certeza. Fugi de Wigleigh para ganhar mais em Outhenby. Jonno estava tentando me levar de volta. Dirão que ele tinha o direito de acorrentar um fugitivo.

– Você deveria ter pensado nisso antes de agredi-lo.

Sam protestou, em tom de acusação:

– Você empregava fugitivos em Outhenby quando era prioresa.

– Fugitivos, sim. Assassinos, não – retrucou Caris, irritada.

– Eles vão me enforcar.

Caris estava angustiada. Como poderia recusar? Mas Merthin interveio:

– Há duas razões pelas quais você não pode se esconder aqui, Sam. A primeira é que é crime esconder um fugitivo e não estou disposto a ficar no lado errado da lei por sua causa, por mais que eu goste de sua mãe. Mas a segunda razão é que todos sabem que sua mãe é uma velha amiga de Caris. Portanto, se os guardas de Kingsbridge estiverem atrás de você, este será o primeiro lugar em que virão procurar.

– É mesmo? – disse Sam.

Ele não era muito inteligente, Caris sabia. O irmão, Davey, herdara todo o cérebro.

– Você não poderia pensar num lugar pior do que este para se esconder. Tome um copo de vinho, leve um pão inteiro e saia da cidade. – A voz de Merthin assumira um tom mais gentil. – Terei de procurar Mungo Constable para comunicar que você esteve aqui, mas posso andar devagar.

Merthin despejou vinho num copo de madeira.

– Obrigado.

– Sua única esperança é ir para longe, até um lugar em que não seja conhecido, e começar vida nova. É um rapaz forte e sempre encontrará trabalho. Vá para Londres e embarque num navio. E não se meta em brigas.

Philippa disse de súbito:

– Lembro-me de sua mãe... Gwenda?

Sam confirmou com um aceno de cabeça. Philippa se virou para Caris.

– Eu a conheci em Casterham quando William estava vivo. Ela foi me procurar por causa daquela garota em Wigleigh que havia sido estuprada por Ralph.

– Annet.

– Isso mesmo. – Philippa tornou a fitar Sam. – Você deve ser o bebê que ela tinha no colo na ocasião. Sua mãe é uma boa mulher. Lamento por ela que você tenha se metido em problemas.

Houve um momento de silêncio. Sam esvaziou o copo. Caris estava pensando – e, sem dúvida, Philippa e Merthin também – sobre a passagem do tempo, em como ele pode transformar um bebê inocente e amado num homem que comete um assassinato.

No silêncio, ouviram vozes.

Ao que parecia, havia vários homens na porta da cozinha.

Sam olhou ao redor como um urso acuado. Uma porta levava para a cozinha, a outra para a saída pela frente da casa. Ele foi até a porta da frente, abriu e saiu correndo. Sem qualquer hesitação, seguiu para o rio.

Um momento depois, Em abriu a porta da cozinha. Mungo Constable entrou na sala de jantar, acompanhado por quatro ajudantes, todos empunhando porretes de madeira. Merthin apontou para a porta da frente.

– Ele acaba de sair.

– Atrás dele, rapazes.

Todos saíram correndo pela porta da frente. Caris se levantou e os seguiu, com os outros em sua esteira.

A casa ficava num penhasco rochoso baixo, com menos de 2 metros de altura. O rio passava rápido abaixo do pequeno penhasco. À esquerda, a graciosa ponte de Merthin se elevava sobre o rio; à direita, havia uma praia lamacenta. No

outro lado do rio, as árvores começavam a exibir suas folhas no cemitério antigo da peste. Pequenas choupanas haviam surgido, como ervas daninhas, nos lados do cemitério.

Sam poderia ter virado à direita ou esquerda. Caris viu, com desespero, que ele fizera a opção errada. Seguira para a direita, um curso que não levava a lugar algum. Ele corria pela praia, as botas deixando marcas na lama. Os guardas o perseguiam, como cães atrás de uma lebre. Ela sentiu pena de Sam, como sempre sentia pena da lebre. Nada tinha a ver com justiça; era apenas por ele ser a presa.

Ao perceber que não tinha para onde ir, Sam entrou na água.

Mungo, que permanecera no caminho calçado com pedras na frente da casa se voltou na direção oposta, à esquerda, e correu para a ponte.

Dois guardas largaram os porretes, tiraram as botas e os casacos e entraram na água. Os outros dois ficaram na praia, presumivelmente por não saberem nadar ou talvez relutantes em entrar na água num dia tão frio. Os dois nadadores partiram atrás de Sam.

Sam era forte, mas o grosso casaco de inverno estava encharcado e agora o puxava para o fundo. Caris ficou observando, num fascínio horrorizado, enquanto os guardas diminuíam a distância que os separava.

Soou um grito do outro lado. Mungo corria pela ponte e parara para chamar os outros dois guardas, ainda parados na praia lamacenta. Os homens responderam e partiram em sua direção. Mungo continuou a correr pela ponte.

Sam chegou à outra margem pouco antes de os guardas o alcançarem. Cambaleou pela parte rasa, sacudindo a cabeça, a água escorrendo das roupas. Virou-se e avistou um guarda quase em cima dele. O homem se inclinou para a frente inadvertidamente e Sam acertou um chute em seu rosto com a bota pesada de tanta água. O guarda gritou e caiu para trás.

O segundo guarda foi mais cauteloso. Aproximou-se de Sam, mas parou, ainda fora de alcance. Sam se virou e correu para a frente, saindo da água para a grama baixa do cemitério da peste; mas o guarda partiu em seu encalço. Sam parou de novo e o guarda também. Sam compreendeu que não teria como deixar o homem para trás. Soltou um grito de raiva e partiu para cima de seu perseguidor. O guarda recuou, mas tinha o rio por trás. Entrou na parte rasa,

porém a água o retardou e Sam conseguiu alcançá-lo.

Sam agarrou o homem pelos ombros, virou-o e lhe deu uma cabeçada. No outro lado do rio, Caris ouviu um estalo quando o nariz do pobre coitado quebrou. Sam o empurrou para o lado e ele caiu, esguichando sangue na água do rio.

Sam tornou a se virar para a praia... mas Mungo o esperava. Agora Sam estava numa posição mais baixa, por causa da encosta inclinada, e estorvado pela água. Mungo avançou em sua direção, parou, deixou que ele se adiantasse, depois ergueu o pesado porrete de madeira. Fez uma finta; Sam esquivou-se. Mungo desferiu então o golpe planejado, acertando Sam no alto da cabeça.

Parecia um golpe terrível e Caris soltou um grito, como se tivesse sido atingida. Sam berrou de dor. Num reflexo, estendeu as mãos por cima da cabeça. Mungo, experiente em combates com jovens fortes, o atingiu de novo com o porrete, dessa vez nas costelas desprotegidas. Sam caiu na água. Os dois guardas que haviam corrido pela ponte chegaram ao local. Saltaram em cima de Sam e o seguraram na água rasa. Os dois guardas feridos se vingaram, chutando e esmurrando Sam brutalmente, enquanto os companheiros o seguravam. Quando ele arriou, os guardas o arrastaram para fora da água. Mungo amarrou as mãos de Sam nas costas. Depois, os guardas levaram o fugitivo para a cidade.

– Uma coisa horrível... – disse Caris. – Pobre Gwenda.

83

A cidade de Shiring tinha um clima de parque de diversões durante as sessões do tribunal do condado. Todas as estalagens em torno da praça ficavam lotadas; homens e mulheres em suas melhoras roupas ocupavam as tavernas, sempre pedindo aos berros comida e bebida. Como não podia deixar de ser, a cidade aproveitava a ocasião para realizar um mercado. A praça ficava tão atulhada de barracas que se levava meia hora para percorrer apenas 100 metros. Além dos barraqueiros legítimos, havia dezenas de oportunistas circulando: padeiros com bandejas de bolinhos, um homem tocando rabeca, mendigos aleijados e cegos, prostitutas exibindo os seios, um urso dançando, um frade pregando.

O conde Ralph era uma das poucas pessoas que podiam atravessar a praça rapidamente. Ele seguia a cavalo com três cavaleiros à frente e um punhado de servidores atrás, a comitiva avançando pela confusão como uma relha de arado, afastando a multidão para os lados pela força do impulso e por sua indiferença pela segurança das pessoas em seu caminho.

Subiram pela colina até o castelo do representante do rei. Pararam no pátio com um floreio e desmontaram. Os servidores começaram a clamar por cavalariços e carregadores. Ralph gostava que as pessoas soubessem que ele havia chegado.

Ele estava tenso. O filho de seu velho inimigo se achava na iminência de ser julgado por assassinato. Muito em breve poderia desferir a mais doce vingança possível, embora uma parte dele ainda temesse que isso pudesse não acontecer. Seu nervosismo era tão intenso que estava um pouco envergonhado: não podia permitir que seus cavaleiros desconfiassem de quanto aquilo era importante para ele. Tomava o cuidado de ocultar, até mesmo de Alan Fernhill, como estava ansioso pelo enforcamento de Sam. Temia que alguma coisa saísse errada no

último instante. Ninguém sabia melhor do que Ralph como as engrenagens da justiça podiam falhar. Afinal, ele próprio escapara da forca duas vezes.

Sentaria na plataforma do juiz durante o julgamento, como era seu direito, e faria o melhor possível para evitar que houvesse qualquer descontentamento.

Entregou as rédeas a um cavalariço e olhou ao redor. O castelo não era uma fortificação. Era mais como uma taverna com um pátio, embora fosse bem protegido e a construção, reforçada. O representante do rei de Shiring podia viver ali a salvo dos parentes vingativos das pessoas que prendia. Havia masmorras onde os prisioneiros eram mantidos, assim como aposentos para hóspedes, onde os juízes visitantes não podiam ser incomodados.

Ralph foi levado a seus aposentos por Bernard, o representante do rei no condado, responsável por receber tributos e aplicar a justiça. O posto era lucrativo, o salário muito bem complementado por presentes, subornos e porcentagens das multas e de fianças confiscadas por conta da fuga dos acusados.

A relação entre o conde e o representante do rei podia ser hostil: o conde ocupava uma posição mais elevada, mas o poder judiciário do representante do rei era independente. Bernard, um rico mercador de lã mais ou menos da idade de Ralph, o tratava com um misto constrangido de camaradagem e deferência.

Philippa esperava por Ralph nos aposentos reservados para a família. Os cabelos grisalhos compridos estavam presos por um chapéu refinado. Vestia um casaco luxuoso, em tonalidades de cinza e castanho. A atitude altiva fazia dela outrora uma beldade orgulhosa, mas agora ela apenas parecia uma velha rabugenta. Poderia se passar por mãe de Ralph.

Ele cumprimentou os filhos, Gerry e Roley. Não sabia como lidar com crianças e nunca tivera muita convivência com eles: quando pequenos, eram cuidados por mulheres, como não podia deixar de ser; e agora estudavam na escola dos monges. Ele os tratava de certa forma como se fossem escudeiros a seu serviço, dando ordens num momento, mas no instante seguinte conversando e brincando na maior cordialidade. Seria mais fácil se relacionar com os filhos quando eles ficassem mais velhos. Seja como for, não parecia ter importância: eles o consideravam um herói, independentemente do que fizesse.

– Amanhã vocês se sentarão na plataforma do juiz no tribunal – disse ele. –

Quero que vejam como se faz justiça.

Gerry, o mais velho, perguntou:

– Podemos dar uma olhada no mercado esta tarde?

– Claro... Levem Dickie com vocês – respondeu Ralph, referindo-se a um dos servidores de Earlscastle. – E levem também algum dinheiro para gastar.

Ele entregou a cada filho um punhado de moedas de prata. Os meninos saíram. Ralph se sentou no quarto, longe de Philippa. Nunca a tocava e sempre tentava se manter a distância para que não acontecesse um contato por acidente. Tinha certeza de que ela se vestia e se comportava como uma velha para ter certeza de que o marido não se sentisse atraído. Além disso, Philippa ia à igreja todos os dias.

Era um estranho relacionamento para duas pessoas que haviam outrora concebido um filho juntas, mas mantinham aquele afastamento há anos e isso nunca mudaria. Pelo menos isso o deixava livre para acariciar as criadas e ir para a cama com prostitutas de tavernas.

Mas precisavam conversar sobre os meninos. Philippa sempre tinha opiniões firmes. Ao longo dos anos, Ralph compreendera que era mais fácil discutir as coisas com ela antes em vez de tomar decisões unilaterais e depois se envolver numa briga quando ela discordava. Ralph declarou:

– Gerry já tem idade suficiente para ser um escudeiro.

– Concordo – disse Philippa.

– Ótimo! – disse Ralph, surpreso, pois esperava uma discussão.

– Já falei com David Monmouth sobre ele – acrescentou Philippa.

Isso explicava a disposição dela. Philippa já se encontrava um passo à frente.

– Entendo – disse Ralph, procurando ganhar tempo.

– David concorda e sugere que o mandemos para lá assim que completar 14 anos.

Gerry só tinha 13. Philippa estava na verdade adiando a partida de Gerry por quase um ano. Mas isso não era a maior preocupação de Ralph. David, conde de Monmouth, era casado com a filha de Philippa, Odila.

– O objetivo de ser um escudeiro é transformar um menino num homem – disse Ralph. – Mas Gerry se dá muito bem com David. E a irmã gosta dele... provavelmente vai protegê-lo. Ele pode se tornar mole demais. – Depois de

pensar por um momento, Ralph acrescentou: – Imagino que é por isso que você quer que ele vá para lá.

Philippa não negou, mas argumentou:

– Pensei que você ficaria contente em reforçar sua aliança com o conde de Monmouth.

Ela tinha razão nesse ponto. David era o principal aliado de Ralph na nobreza. Mandar Gerry para a corte de Monmouth criaria outro vínculo entre os dois condes. David podia ficar afeiçoado ao menino. E, futuramente, talvez os filhos de David se tornassem escudeiros em Earlscastle. Essas ligações familiares tinham um valor inestimável.

– Você pode garantir que o menino não será mimado lá? – perguntou Ralph.

– Claro.

– Então está bem.

– Obrigada. Fico contente que esse assunto esteja resolvido.

Philippa se levantou. Mas Ralph ainda não acabara:

– O que faremos com Roley? Ele poderia ir também, assim os dois continuariam juntos.

Philippa não gostou nem um pouco da ideia, percebeu Ralph, mas era esperta demais para contestá-lo expressamente.

– Roley é um pouco jovem – comentou ela, como se pensasse a respeito. – E ainda não aprendeu direito as letras.

– As letras não são tão importantes para um nobre quanto aprender a lutar. Afinal, ele é o segundo na linha de sucessão do condado. Se alguma coisa acontecesse com Gerry...

– Que Deus nos livre!

– Amém.

– Mesmo assim, acho que ele deve esperar até completar 14 anos.

– Tenho minhas dúvidas. Roley sempre teve algo de afeminado. Às vezes ele me lembra meu irmão Merthin.

Ralph viu um lampejo de medo nos olhos de Philippa. A mulher tinha receio de deixar seu bebê ir embora, imaginou ele. Sentiu-se tentado a insistir, só para atormentá-la. Mas 10 anos era mesmo muito cedo.

– Veremos – disse ele, evitando um compromisso. – Mas ele terá de ser

endurecido, mais cedo ou mais tarde.

– Cada coisa a seu tempo – disse Philippa.



O juiz, sir Lewis Abingdon, não era da região, mas sim um advogado de Londres, do tribunal do rei, que viajava pelo condado julgando os casos mais graves nos tribunais. Era corpulento, com um rosto rosado e uma barba loura. Era também dez anos mais jovem que Ralph.

Ralph disse a si mesmo que não deveria ficar surpreso. Tinha agora 44 anos. Metade de sua geração fora exterminada pela peste. Não obstante, ele continuava a se espantar com os homens eminentes e poderosos que eram mais jovens do que ele.

Ficaram esperando, junto com Gerry e Roley, numa sala lateral na Courthouse Inn, a estalagem em que eram realizadas as sessões do tribunal e o júri se reunia e para onde eram levados os prisioneiros do castelo. Sir Lewis estivera em Crécy como um jovem escudeiro, embora Ralph não se lembrasse. Tratou Ralph com cortesia circunspecta.

Ralph tentou sutilmente sondar o juiz para descobrir até que ponto ele era rigoroso.

– Já descobrimos que é muito difícil impor o cumprimento do Regulamento dos Trabalhadores – comentou ele. – Quando os camponeses veem uma maneira de ganhar mais dinheiro, perdem todo o respeito pela lei.

– Para cada fugitivo que trabalha por um salário ilegal, há um empregador que lhe paga – disse o juiz.

– Exato. As freiras do priorado de Kingsbridge nunca obedeceram ao regulamento.

– É difícil processar freiras.

– Não sei por quê.

Sir Lewis mudou de assunto:

– Você tem algum interesse especial nos julgamentos desta manhã?

O juiz já devia ter sido informado de que era excepcional o fato de Ralph exercer seu direito de sentar ao lado do juiz.

– O assassino é um servo meu – admitiu Ralph. – Mas o principal motivo é mostrar a esses meninos como a justiça funciona. Um deles será o conde quando eu morrer. E eles podem também assistir ao enforcamento amanhã. Quanto mais cedo se acostumarem a ver homens morrerem, melhor.

Lewis acenou com a cabeça em concordância.

– Os filhos da nobreza não podem se dar ao luxo de ter coração mole.

Eles ouviram o meirinho do tribunal bater o martelo. O burburinho na sala ao lado cessou. A ansiedade de Ralph não se atenuara: a conversa com sir Lewis não lhe revelara muita coisa. Talvez isso fosse revelador por si mesmo: podia significar que ele não se deixava influenciar com facilidade.

O juiz abriu a porta e ficou de lado para que o conde passasse primeiro.

Na extremidade próxima da sala havia duas enormes cadeiras de madeira em cima de uma plataforma, com um banco baixo ao lado. Um murmúrio de interesse se elevou da multidão quando Gerry e Roley sentaram no banco. As pessoas sempre ficavam fascinadas ao verem as crianças que cresceriam para se tornar seus suseranos. Mais do que isso, porém, pensou Ralph, era a expressão de inocência nos dois pré-adolescentes, o que parecia deslocado num tribunal em que se tratava de violência, roubo e desonestidade. Pareciam cordeiros num chiqueiro.

Ralph sentou em uma das duas cadeiras e pensou no dia, 22 anos antes, em que entrara naquele mesmo tribunal como criminoso, acusado de estupro – uma acusação absurda lançada contra um lorde quando a suposta vítima era uma de suas servas. Philippa se encontrava por trás daquele julgamento inadmissível. E ele a fizera sofrer por isso.

Naquela ocasião, Ralph lutara para escapar da sala assim que o júri o declarara culpado. Mais tarde fora perdoado, ao ingressar no exército do rei para ir lutar na França. Mas Sam não escaparia, pois não tinha arma e estava com os tornozelos acorrentados. E as guerras francesas pareciam ter cessado por completo, o que significava que não haveria mais um perdão real para os condenados.

Ralph estudou Sam enquanto a acusação era lida. Ele tinha o corpo de Wulfric, não o de Gwenda: era alto, de ombros largos. Poderia se tornar um homem de armas muito útil se houvesse tido um nascimento melhor. Não parecia

com Wulfric embora suas feições levassem Ralph a se lembrar de alguma coisa que ele não sabia determinar. Como tantos acusados, exibia uma expressão de desafio superficial se sobrepondo ao medo. Era assim que eu me sentia, pensou Ralph.

Nathan Reeve foi a primeira testemunha. Era o pai do morto, mas, o que era ainda mais importante, declarou que Sam era um servo do conde Ralph e não recebera permissão para ir para Oldchurch. Disse que mandara o filho Jonno seguir Gwenda na esperança de localizar o fugitivo. Nate não era um homem simpático, mas seu sofrimento era genuíno. Ralph ficou satisfeito: foi um depoimento condenador.

A mãe de Sam estava parada a seu lado, o alto da cabeça no nível do ombro do filho. Gwenda não era bonita: os olhos escuros eram muito próximos, por cima do nariz adunco; a testa e o queixo recuados, o que lhe proporcionava a aparência de um roedor determinado. Mas tinha um intenso magnetismo sexual até mesmo na meia-idade. Mais de vinte anos haviam se passado desde que Ralph copulara com ela, mas ele ainda se recordava como se tivesse sido no dia anterior. Acontecera num quarto na Bell, em Kingsbridge, e ele a fizera ajoelhar-se na cama. Podia imaginá-la agora, e a lembrança de seu corpo compacto o deixou excitado. Recordou que tinha pelos escuros.

Subitamente, ela o encarou. Sustentou o olhar de Ralph e parecia sentir o que ele estava pensando. Naquela cama, Gwenda se mostrara indiferente e imóvel no começo, aceitando suas arremetidas passivamente porque ele a coagira; mas no final alguma coisa estranha acontecera com ela, que passara a se movimentar no mesmo ritmo, quase contra a sua vontade. Gwenda devia ter lembrado a mesma coisa, pois uma expressão de vergonha aflorou ao seu rosto feio e ela se apressou a desviar os olhos.

A seu lado havia outro jovem, presumivelmente o segundo filho. Era mais parecido com ela, pequeno e forte, e o fitava com um olhar astuto. Sustentou o olhar de Ralph com intensa concentração como se estivesse curioso sobre o que se passava na mente de um conde e achasse que poderia encontrar a resposta no rosto dele.

Mas Ralph estava mais interessado no pai. Odiara Wulfric desde a briga na Feira do Velocino de 1337. Ele tocou o nariz quebrado, num reflexo. Vários

outros homens o haviam ferido em anos posteriores, mas nenhum deixara um golpe tão grande em seu orgulho. Porém a vingança de Ralph contra Wulfric fora terrível. Privei-o de seu direito hereditário durante uma década, pensou Ralph. Levei sua esposa para a cama. Deixei essa cicatriz em seu rosto quando ele tentou me impedir de deixar este mesmo tribunal. Arrastei-o de volta para casa com uma corda no pescoço quando tentou fugir. E agora enforcarei seu filho.

Wulfric se tornara mais corpulento, mas ainda tinha um porte impressionante. A barba grisalha não crescia em cima da longa cicatriz que Ralph fizera com a espada. O rosto estava agora enrugado e curtido pelo tempo. Enquanto Gwenda parecia furiosa, Wulfric demonstrava desespero. À medida que os camponeses de Oldchurch testemunhavam que Sam matara Jonno com uma pá de carvalho, os olhos de Gwenda faiscavam em desafio, enquanto a testa larga de Wulfric se contraía em angústia.

O primeiro jurado perguntou se Sam sentira medo por sua vida.

Ralph ficou irritado, pois a pergunta insinuava uma desculpa para o assassino. Um camponês magro, de um olho só, respondeu:

– Ele não estava com medo do bailio. Mas ficou apavorado com a mãe.

A audiência riu um pouco. O primeiro jurado perguntou se Jonno provocara o ataque, outra pergunta que irritou Ralph, por indicar alguma simpatia por Sam.

– Se provocou? – disse o homem de um olho só. – Só bateu na cara dele com uma corrente de ferro, se chama isso de provocação.

Houve gargalhadas estrondosas. Wulfric parecia aturdido. Como as pessoas podem achar engraçado, dizia sua expressão, quando a vida de meu filho está em jogo?

Ralph ficava mais e mais preocupado. O primeiro jurado parecia indeciso. Sam foi chamado para depor. Ralph notou que o jovem parecia mais com Wulfric quando falava. Havia uma inclinação da cabeça e um gesto com a mão que eram típicos de Wulfric. Sam relatou como propusera se encontrar com Jonno na manhã seguinte. A reação de Jonno fora tentar prender um grilhão em sua perna.

Ralph falou para o juiz, em voz baixa, contendo sua indignação:

– Nada disso faz a menor diferença. Se ele estava com medo, se foi provocado, se propôs um encontro no dia seguinte. – Sir Lewis não disse nada.

Ralph acrescentou: – O fato puro e simples é que ele era um fugitivo e matou o homem que foi buscá-lo.

– Ele fez mesmo isso – disse sir Lewis, prudente, proporcionando uma satisfação a Ralph.

Ralph olhou para os espectadores enquanto o júri interrogava Sam. Merthin estava na audiência, junto com a esposa. Antes de se tornar freira, Caris gostava de se vestir com elegância, e, depois de renunciar aos votos, voltara a fazê-lo. Usava hoje um vestido feito de dois tecidos contrastantes, um azul e outro verde; um casaco de Escarlate de Kingsbridge com remate de pelo; e um chapeuzinho redondo. Ralph recordou que Caris era amiga de infância de Gwenda, que também se achava presente no dia em que todos viram Thomas Langley matar dois homens de armas na floresta. Merthin e Caris estariam torcendo, pelo bem de Gwenda, para que Sam recebesse um tratamento misericordioso. Isso não vai acontecer se eu puder evitar, pensou Ralph.

A sucessora de Caris como prioresa, madre Joan, estava no tribunal, presumivelmente porque o convento possuía o vale de Outhenby, portanto era o empregador ilegal de Sam. Joan deveria estar sendo julgada junto com o acusado, pensou Ralph, mas, quando a fitou, ela lhe lançou um olhar acusador, como se achasse que o assassinato era mais culpa dele do que dela.

O prior de Kingsbridge não viera. Sam era sobrinho do prior, mas Philemon não queria atrair atenção para o fato de que era tio de um assassino. Philemon tivera outrora uma afeição protetora pela irmã mais jovem, recordou Ralph, mas talvez o sentimento tivesse se desvanecido com o passar dos anos.

O avô de Sam, o infame Joby, estava presente, um velho de cabeça branca agora, encurvado e desdentado. Por que ele se encontrava ali? Há muitos anos que estava brigado com Gwenda e não era provável que sentisse muita afeição pelo neto. Devia ter vindo para roubar moedas das bolsas das pessoas enquanto se mantinham absortas no julgamento.

Sam concluiu seu depoimento e se levantou. Sir Lewis fez um resumo do caso que deixou Ralph satisfeito:

– Sam Wigleigh era um fugitivo? – indagou ele. – Jonno Reeve tinha o direito de prendê-lo? E Sam matou Jonno com sua pá? Se a resposta para todas as três perguntas for sim, então Sam é culpado de assassinato.

Ralph ficou surpreso e aliviado. Não houve qualquer referência à bobagem de Sam ter sido provocado. O juiz merecia toda a confiança, no final das contas.

– Qual é o veredicto? – perguntou sir Lewis.

Ralph olhou para Wulfric. O homem estava arrasado. É isso que acontece com aqueles que me desafiam, pensou Ralph, e desejou poder dizê-lo em voz alta.

Wulfric o fitou nos olhos. Ralph sustentou o olhar, tentando ler o que havia na mente de Wulfric. Qual seria a emoção? Ralph percebeu que havia medo. Wulfric nunca demonstrara medo de Ralph antes, mas agora ele desmoronava. O filho ia morrer e isso o enfraquecia de maneira irremediável. Ralph experimentou uma profunda satisfação enquanto contemplava os olhos apavorados de Wulfric. Finalmente consegui esmagá-lo, pensou, depois de 24 anos. Finalmente você está apavorado.

O júri conferenciou. O primeiro jurado parecia estar discutindo com os outros. Ralph os observou, impaciente. Não podiam ter a menor dúvida depois do que dissera o juiz, não é mesmo? Mas nunca podia haver certeza com júris. Seria possível que tudo saísse errado a essa altura?, pensou Ralph.

Os jurados pareceram ter chegado a uma conclusão, embora Ralph não pudesse adivinhar qual prevalecera. O primeiro jurado se levantou e declarou:

– Consideramos Sam Wigleigh culpado de assassinato.

Ralph manteve os olhos fixos em seu antigo inimigo. Wulfric dava a impressão de que fora apunhalado. Empalideceu e fechou os olhos, como se sentisse uma dor intensa. Ralph tentou não sorrir em triunfo.

Sir Lewis se virou para Ralph, que desviou os olhos de Wulfric.

– Quais são seus pensamentos em relação à sentença? – perguntou o juiz.

– Pelo que posso ver, só há uma opção.

Sir Lewis acenou com a cabeça.

– Os jurados não fizeram nenhuma recomendação de misericórdia.

– Não querem que um fugitivo fique impune depois de assassinar seu bailio.

– A pena máxima?

– Claro!

O juiz olhou para a audiência. Ralph tornou a se concentrar em Wulfric. Todas as outras pessoas olhavam para sir Lewis. O juiz disse:

– Sam Wigleigh, você assassinou o filho de seu bailio, por isso é condenado à morte. Será enforcado na praça do mercado de Shiring amanhã, ao amanhecer, e que Deus tenha misericórdia de sua alma.

Wulfric cambaleou. O filho mais jovem pegou o braço do pai e o amparou; se não fosse por isso, ele teria caído no chão. Deixe-o cair, Ralph teve vontade de dizer, ele está acabado.

Ralph olhou para Gwenda. Ela segurava a mão de Sam, mas o fitava. Sua expressão o surpreendeu. Esperava dor, lágrimas, gritos, um ataque histérico. Mas ela o fitava com firmeza. Havia ódio em seus olhos, mas também algo mais: desafio. Ao contrário do marido, não parecia arrasada. Não acreditava que o caso estivesse encerrado.

Gwenda dava a impressão, pensou Ralph, de que ainda tinha um trunfo escondido na manga.

84

Caris estava em lágrimas quando Sam foi levado, mas Merthin não podia fingir que ficara abalado. Era uma tragédia para Gwenda e ele sentia muita pena de Wulfric. Mas não era tão ruim assim, para o resto do mundo, que Sam fosse enforcado. Jonno Reeve estava cumprindo a lei. Podia ser uma lei péssima, uma lei injusta, uma lei opressiva, mas isso não dava a Sam o direito de matá-lo. Afinal, Nate Reeve também perdera o filho e estava desesperado. O fato de que ninguém gostava de Nate não fazia a menor diferença.

Um ladrão foi levado a julgamento, e Merthin e Caris deixaram o tribunal. Foram para a taverna. Merthin pediu vinho e encheu o copo de Caris. Pouco depois, Gwenda se aproximou da mesa a que eles estavam sentados.

– É meio-dia agora – disse ela. – Temos dezoito horas para salvar Sam.

Merthin ficou surpreso.

– O que pretende fazer?

– Devemos persuadir Ralph a pedir que o rei o perdoe.

Isso parecia bastante improvável.

– Como poderia persuadi-lo a fazer isso?

– Eu não posso – respondeu Gwenda. – Mas você pode.

Merthin sentiu-se acuado. Não achava que Sam merecesse perdão. Por outro lado, era difícil recusar qualquer coisa a uma mãe suplicante.

– Interferi uma vez antes junto a meu irmão por você. Ainda se lembra?

– Claro. Pelo fato de Wulfric não herdar a terra do pai.

– Ele não atendeu a meu pedido, simplesmente.

– Sei disso. Mas você tem de tentar.

– Não tenho certeza se sou a pessoa mais indicada.

– A quem mais ele poderia escutar?

Ela estava com a razão. Merthin tinha pouca possibilidade, mas ninguém mais tinha qualquer uma. Caris percebeu que ele relutava e decidiu se manifestar em apoio a Gwenda:

– Por favor, Merthin. Pense como você se sentiria se fosse Lolla.

Merthin já ia dizer que garotas não se envolviam em brigas, mas depois compreendeu que isso era possível no caso de Lolla. E suspirou.

– Ainda acho que é uma iniciativa fadada ao fracasso. – Ele olhou para Caris. – Mas, por você, vou tentar.

– Por que não o procura agora? – indagou Gwenda.

– Porque Ralph ainda se encontra no tribunal.

– É quase hora do almoço. A sessão acabará daqui a pouco. E você poderia esperá-lo na sala particular.

Merthin não pôde deixar de admirar a determinação de Gwenda.

– Está bem.

Deixou a sala e deu a volta para os fundos da taverna. Havia um guarda na porta da sala particular do juiz.

– Sou o irmão do conde – disse Merthin. – O regedor Merthin, de Kingsbridge.

– Eu o conheço, regedor. Tenho certeza de que não haverá nenhum problema se esperar lá dentro.

Merthin entrou na pequena sala e sentou. Estava constrangido por ter de pedir um favor ao irmão. Os dois não eram ligados fazia décadas. Ralph há muito se transformara em alguma coisa que Merthin não reconhecia. Merthin não compreendia o homem que era capaz de estuprar Annet e assassinar Tilly. Parecia impossível que esse homem pudesse ter crescido do menino que Merthin outrora chamava de irmão. Desde que os pais haviam morrido, eles só se encontravam em ocasiões formais e, mesmo então, pouco conversavam. Era presunção de sua parte usar o relacionamento como justificativa para pedir um privilégio. Ele não faria isso por Gwenda. Mas não podia deixar de fazer por Caris.

Não precisou esperar muito tempo. Passados uns poucos minutos, o juiz e o conde entraram na sala. Merthin notou que a manqueira do irmão – resultado de um ferimento sofrido nas guerras francesas – se agravava à medida que ele

envelhecia.

Sir Lewis reconheceu Merthin e apertou sua mão. Ralph fez o mesmo e comentou, irônico:

– Uma visita de meu irmão é um raro prazer.

Não era uma crítica injusta. Merthin reconheceu assentindo com a cabeça.

– Por outro lado – disse ele –, suponho que, se alguém tem o direito de suplicar misericórdia a você, sou eu.

– Que necessidade você tem de misericórdia? Matou alguém?

– Ainda não.

Sir Lewis riu.

– O que é então? – perguntou Ralph.

– Você e eu conhecemos Gwenda desde que éramos crianças.

Ralph anuiu com a cabeça.

– Acertei uma flecha no cachorro dela com aquele arco que você fez.

Merthin esquecera esse incidente. Fora um dos primeiros sinais do que Ralph se tornaria, pensou ele com uma percepção tardia.

– Talvez você deva misericórdia a ela por isso.

– Não acha que o filho de Nate Reeve vale mais do que isso?

– Não tive a intenção de sugerir o contrário. Apenas acho que você pode agora equilibrar a crueldade com a bondade.

– Equilibrar?

A raiva aflorou à voz de Ralph, e Merthin compreendeu que sua causa era perdida.

– Equilibrar?

Ele bateu no nariz quebrado.

– O que devo equilibrar contra isso?

Ralph apontou um dedo para o irmão, agressivo.

– Eu lhe direi por que não vou conceder perdão a Sam. Porque olhei para o rosto de Wulfric no tribunal hoje, enquanto seu filho era declarado culpado de assassinato, e sabe o que eu vi ali? Medo. Aquele camponês insolente está com medo de mim, finalmente. Foi domado.

– Ele significa tanto para você?

– Eu enforcaria seis homens para ver aquela expressão.

Merthin já ia desistir, mas pensou no sofrimento de Gwenda e decidiu tentar mais uma vez:

– Se conseguiu domá-lo, seu trabalho está realizado, não é mesmo? Então deixe o garoto partir. Peça o perdão real.

– Não. Quero manter Wulfric do jeito que ele está.

Merthin desejou não ter vindo. Pressionar Ralph só servia para atiçar o que havia de pior nele. Merthin estava consternado com a insistência do irmão na vingança e na maldade. Nunca mais queria falar com Ralph. Já passara por aquilo antes. Mas era sempre um choque ser lembrado de como Ralph realmente era.

– Eu tinha de tentar. Adeus.

Ralph se mostrou jovial.

– Venha almoçar no castelo. O representante do rei sempre serve uma boa mesa. Teremos uma conversa de verdade. Philippa veio comigo. Você gosta dela, não é?

Merthin não tinha a menor intenção de aceitar o convite.

– Tenho de falar com Caris primeiro.

Caris, ele sabia, teria preferido almoçar com Lúcifer.

– Se não for possível o almoço, talvez possamos nos encontrar mais tarde.

Merthin tratou de escapar. Voltou à taverna. Caris e Gwenda o fitaram em expectativa quando ele se aproximou. Merthin balançou a cabeça.

– Fiz o melhor que pude. Sinto muito.



Gwenda já esperava por isso. Estava desapontada, mas não surpresa. Achara que tinha de tentar primeiro através de Merthin. O outro recurso à sua disposição era muito mais drástico.

Agradeceu a Merthin de modo formal e deixou a taverna. Seguiu para o castelo na colina. Wulfric e Davey haviam ido para uma taverna no subúrbio, onde poderiam ter um farto almoço por um quarto de *penny* . A força e a honestidade do marido eram inúteis em negociações com Ralph e outros de sua laia.

Além do mais, Wulfric não podia descobrir como ela planejava persuadir Ralph.

Enquanto subia a encosta, ela ouviu cavalos por trás. Parou e se virou. Era ele mesmo, acompanhado por sua comitiva e pelo juiz. Gwenda ficou imóvel, olhando para o conde, cuidando para que ele a visse. Ralph compreenderia que ela queria lhe falar.

Entrou no pátio do castelo poucos minutos depois, mas o acesso à casa do representante do rei estava bloqueado. Ela foi para o pórtico do prédio principal e disse ao chefe da portaria:

– Meu nome é Gwenda de Wigleigh. Por favor, avise ao conde Ralph que preciso lhe falar em particular.

– Olhe em volta. Todas essas pessoas precisam falar com o conde, o juiz ou o representante do rei.

Havia vinte ou trinta pessoas ali, algumas segurando rolos de pergaminho. Gwenda estava disposta a correr um risco terrível para salvar o filho da forca, mas não teria essa oportunidade se não conseguisse falar com Ralph antes do amanhecer.

– Quanto? – perguntou ao chefe da portaria. Ele a fitou com um pouco menos de desrespeito.

– Não posso prometer que o conde a receberá.

– Pode dizer meu nome.

– 2 xelins. 24 *pence* de prata.

Era muito dinheiro, mas Gwenda trouxera todas as suas economias na bolsa. No entanto, achava que ainda não chegara o momento de entregar o dinheiro.

– Qual é o meu nome? – indagou.

– Não sei.

– Acabei de lhe dizer. Como pode dizer meu nome a Ralph se não é capaz de lembrá-lo?

Ele deu de ombros.

– Diga de novo.

– Gwenda de Wigleigh.

– Está bem. Direi ao conde.

Gwenda enfiou a mão na bolsa, tirou um punhado de pequenas moedas de

prata e contou 24. Era o equivalente a quatro semanas do salário de um trabalhador. Ela pensou no trabalho extenuante que tivera de fazer para ganhar aquele dinheiro. Agora, aquele porteiro indolente e arrogante ficaria com o dinheiro sem fazer quase nada.

O homem estendeu a mão.

– Qual é o meu nome? – indagou ela.

– Gwenda.

– Gwenda de onde?

– De Wigleigh. – Uma pausa. – Não foi de lá que veio o assassino condenado esta manhã?

Ela entregou o dinheiro e disse, com o máximo de veemência possível:

– O conde vai querer falar comigo.

O chefe da portaria embolsou as moedas.

Gwenda se retirou para o pátio, sem saber se havia desperdiçado o dinheiro. Um momento depois, avistou uma figura familiar, uma cabeça pequena sobre ombros largos: Alan Fernhill. Era um golpe de sorte. Ele vinha dos estábulos e seguia para a entrada. Os outros suplicantes não o reconheceram. Gwenda se adiantou para interceptá-lo.

– Olá, Alan.

– É sir Alan agora.

– Meus parabéns. Pode dizer a Ralph que quero vê-lo?

– Não preciso perguntar qual é o assunto.

– Diga que quero conversar em particular.

Alan ergueu uma sobrancelha.

– Sem ofensa. Era uma garota na última vez. Agora está vinte anos mais velha.

– Não acha que talvez seja melhor deixar que ele decida?

– Claro. – Alan sorriu, insultuoso. – Sei que ele se lembra daquela tarde na Bell.

Alan estava presente na ocasião. Observara Gwenda tirar a roupa e contemplara seu corpo nu. Ele a vira se encaminhar para a cama e se ajoelhar ali, virada para o outro lado. Rira quando Ralph comentara que ela tinha uma aparência melhor quando vista por trás. Gwenda ocultou agora sua repulsa e

vergonha.

– Eu esperava mesmo que Ralph lembrasse – disse ela, num tom tão neutro quanto possível.

Os outros compreenderam que Alan devia ser alguém importante. Começaram a cercá-lo, falando ao mesmo tempo, suplicando. Ele os empurrou e entrou.

Gwenda se acomodou para esperar.

Depois de uma hora, ficou evidente que Ralph não a receberia antes do almoço. Ela encontrou um lugar não muito enlameado. Sentou no chão, encostada num muro de pedra, sem desviar os olhos da entrada do salão por um instante sequer.

Uma segunda hora se passou, depois uma terceira. Os almoços dos nobres muitas vezes se prolongavam pela tarde inteira. Gwenda não entendia como conseguiam comer e beber durante tanto tempo. Por que não estouravam?

Ela não comera nada o dia inteiro, mas estava tensa demais para sentir fome.

Era um dia cinzento de abril e o céu começou a escurecer cedo. Gwenda tremia no chão frio, mas continuou onde estava. Aquela era sua única chance.

Criados saíram e acenderam tochas em torno do pátio. Algumas janelas se iluminaram. A noite caiu e Gwenda compreendeu que faltavam apenas doze horas para o amanhecer. Pensou em Sam, sentado no chão de uma das celas subterrâneas do castelo, e pensou se ele sentia frio. Fez esforço para conter as lágrimas.

Ainda não acabara, disse a si mesma; mas sua coragem começava a enfraquecer.

Um vulto alto bloqueou a claridade da tocha mais próxima. Ela ergueu os olhos para deparar com Alan. Seu coração disparou.

– Venha comigo – disse ele.

Gwenda se levantou de um pulo e seguiu para a entrada principal.

– Não por aí.

Ela o fitou, inquisitiva.

– Não disse que queria um encontro particular? Ele não vai recebê-la nos aposentos que partilha com a condessa. Pode me seguir.

Gwenda o seguiu por uma pequena porta perto do estábulo. Passaram por

vários cômodos e subiram uma escada. Alan abriu uma porta para um quarto estreito. Ela entrou. Alan ficou do lado de fora, deixando-a lá dentro.

Era um quarto baixo, quase todo ocupado por uma cama de dossel. Ralph estava junto da janela, de roupas de baixo. As botas e roupas externas estavam no chão. Tinha o rosto corado de muita bebida, mas a voz continuava clara e firme:

– Tire o vestido – disse ele com um sorriso de expectativa.

– Não.

Ele ficou surpreso.

– Não vou tirar a roupa – acrescentou Gwenda.

– Por que Alan me disse que você queria se encontrar comigo em particular?

– Para que pensasse que eu estava disposta a fazer sexo com você.

– Mas se não é isso... por que está aqui?

– Para suplicar que peça um perdão ao rei.

– Mas não está se oferecendo a mim?

– Por que eu faria isso? Já fiz uma vez antes e você quebrou sua palavra. Repudiou o acordo. Entreguei meu corpo, mas você não devolveu as terras de meu marido. – Gwenda permitiu que o desprezo ficasse evidente em sua voz. – Você faria a mesma coisa de novo. Sua honra não vale nada. Você me faz lembrar de meu pai.

Ralph ficou vermelho. Era um insulto dizer a um conde que ele não merecia confiança, e ainda mais ofensivo compará-lo a um trabalhador sem terras que capturava esquilos em armadilhas na floresta. Furioso, perguntou:

– Imagina que essa é a maneira de me persuadir?

– Não. Mas você vai obter o perdão.

– Por quê?

– Porque Sam é seu filho.

Ralph ficou aturdido por um momento.

– Essa, não! – exclamou ele, desdenhoso. – Como se eu fosse acreditar!

– Ele é seu filho – reiterou Gwenda.

– Não pode provar isso.

– Não, não posso. Mas sabe que fui para a cama com você na Bell em Kingsbridge nove meses antes de Sam nascer. É verdade que também me deitei

com Wulfric. Então qual dos dois é o pai? Olhe para o garoto. Ele tem alguns trejeitos de Wulfric, admito. Adquiriu em 22 anos de convivência. Mas repare em suas feições.

Ela percebeu que uma expressão pensativa se estampara no rosto de Ralph e compreendeu que alguma coisa atingira o alvo.

– Acima de tudo, pense no caráter de Sam – continuou Gwenda, mais premente. – Ouviu os depoimentos no tribunal. Sam não se limitou a vencer Jonno na briga, como Wulfric teria feito. Não o derrubou e depois o ajudou a se levantar, como seria o jeito de Wulfric. Meu marido é forte e rápido na raiva, mas tem o coração mole. Sam é diferente. Sam acertou Jonno com uma pá, um golpe que teria deixado qualquer homem sem sentidos. Depois, antes que Jonno caísse, Sam tornou a acertá-lo com mais força ainda, embora ele já estivesse impotente, e, antes que o corpo inerte de Jonno alcançasse o chão, Sam o golpeou pela terceira vez. Se os camponeses de Oldchurch não o segurassem, Sam teria continuado a bater com aquela pá ensanguentada até esmigalhar a cabeça do outro. Ele queria matar!

Gwenda percebeu que estava chorando e limpou as lágrimas com a manga. Ralph a fitava com uma expressão horrorizada.

– De onde vem esse instinto assassino, Ralph? Olhe dentro do seu negro coração. Sam é seu filho. E, que Deus me perdoe, meu também.



Depois que Gwenda foi embora, Ralph sentou na cama do pequeno quarto e ficou olhando para a chama da vela. Seria possível? Gwenda mentiria se fosse de sua conveniência, é claro, não havia por que confiar nela. Mas Sam podia ser filho de Ralph tanto quanto de Wulfric? Ambos haviam se deitado com Gwenda na ocasião crucial. Talvez nunca se pudesse saber a verdade com certeza.

Mas até mesmo a possibilidade de Sam ser seu filho já era suficiente para encher de pavor o coração de Ralph. Estaria prestes a enforcar o próprio filho? A terrível punição que imaginara para Wulfric poderia ser infligida a ele mesmo.

Já era noite. O enforcamento ocorreria ao amanhecer. Ralph não tinha muito tempo para decidir. Pegou a vela e deixou o quarto. Tencionava satisfazer um

desejo carnal ali. Em vez disso, recebera o maior choque de sua vida.

Saiu e atravessou o pátio até a entrada das masmorras. No andar térreo do prédio ficavam as salas dos assistentes do representante do rei. Ele entrou e disse para o homem de serviço ali:

– Quero ver o assassino, Sam Wigleigh.

– Está bem, milorde. Mostrarei o caminho.

Ele levou Ralph para a sala ao lado carregando um lampião. Havia uma grade no chão, de onde saía mau cheiro. Ralph olhou pela grade. A cela tinha cerca de 3 metros de profundidade, com paredes de pedra e chão de terra. Não havia móveis: Sam estava sentado no chão, encostado na parede. A seu lado havia um jarro de madeira, que devia conter água. Um pequeno buraco no chão parecia ser a latrina. Sam ergueu os olhos, mas logo tornou a baixá-los, indiferente.

– Abra – ordenou Ralph.

O carcereiro destrancou a grade com uma chave. Ela se abria girando sobre uma dobradiça.

– Quero descer.

O carcereiro ficou surpreso, mas não podia discutir com um conde. Pegou uma escada encostada na parede e a desceu para a cela.

– Tome cuidado, por favor, milorde – disse o homem, nervoso. – Lembre-se de que o vilão não tem nada a perder.

Ralph desceu, com a vela na mão. O cheiro era repulsivo, mas ele não se importava. Chegou ao fim da escada e se virou. Sam o fitava, ressentido.

– O que você quer?

Ralph o estudou atentamente. Agachou-se e aproximou a vela do rosto de Sam. Examinou as feições, tentando compará-las com o rosto que via quando se postava na frente de um espelho.

– O que foi? – indagou Sam, surpreso com o olhar intenso do conde.

Ralph não respondeu. Sam seria mesmo seu filho? Podia ser, pensou. Era bem possível. Sam era um garoto de boa aparência e Ralph era considerado bonito na juventude, antes de ter o nariz quebrado. No tribunal, Ralph pensara que o rosto de Sam o lembrava de alguém que não podia determinar. Agora, na cela, ele se concentrou, vasculhando a memória, tentando pensar. Aquele nariz

reto, o olhar intenso, os cabelos abundantes que as moças deviam invejar...

E, de repente, ele se lembrou.

Sam parecia com a mãe de Ralph, a falecida lady Maud.

– Oh, Deus! – A voz saiu num sussurro.

– O que foi? – indagou Sam, a voz traindo o medo. – O que aconteceu?

Ralph tinha de dizer alguma coisa.

– Sua mãe... – A voz sumiu. Sentia a garganta apertada de emoção, o que tornava difícil a passagem das palavras. Tentou de novo: – Sua mãe suplicou por você com muita eloquência...

Sam o fitou, cauteloso, e não disse nada. Achava que Ralph viera para zombar dele.

– Diga-me uma coisa. Por que você bateu em Jonno com aquela pá? Pretendia matá-lo? Pode ser franco comigo, pois não tem mais nada a perder.

– Claro que eu queria matá-lo. Ele estava tentando me levar prisioneiro.

Ralph assentiu com a cabeça.

– Eu agiria da mesma forma. – Fez uma pausa, olhando para Sam, e repetiu: – Eu agiria da mesma forma.

Ralph se ergueu, virou-se para a escada, hesitou, voltou e pôs a vela no chão, ao lado de Sam. Depois, subiu a escada. O carcereiro ajeitou a grade no lugar e a trancou.

– Não haverá enforcamento – disse Ralph. – O prisioneiro será perdoado. Vou falar com o representante do rei agora mesmo.

Quando ele saía da sala, o carcereiro espirrou.

85

Quando Merthin e Caris chegaram a Kingsbridge, voltando de Shiring, descobriram que Lolla havia desaparecido.

Os antigos criados domésticos, Arn e Em, esperavam no portão do jardim. Davam a impressão de que haviam passado o dia inteiro ali. Em começou a falar, mas irrompeu em soluços incoerentes. Arn teve de dar a notícia.

– Não conseguimos encontrar Lolla – disse, transtornado. – Não sabemos onde ela está.

A princípio, Merthin não entendeu.

– Ela estará em casa na hora do jantar, Em. Não se preocupe.

– Mas ela não veio para casa ontem à noite nem na noite anterior – explicou Arn.

Merthin então compreendeu que eles estavam dizendo. Lolla fugira de casa. Uma rajada de medo, como vento gelado, deixou Merthin com a pele arrepiada e o coração apertado. Ela só tinha 16 anos. Por um momento, Merthin não foi capaz de raciocinar. Apenas via sua imagem, a meio caminho entre a infância e a vida adulta, com os intensos olhos castanho-escuros, a boca sensual da mãe e um ar exultante de falsa confiança.

Quando a razão voltou, ele se perguntou o que saíra errado. Vinha deixando Lolla aos cuidados de Arn e Em, sempre por uns poucos dias, desde que tinha 5 anos. Nunca houvera qualquer problema. Alguma coisa mudara?

Merthin compreendeu que mal falara com ela desde o Domingo de Páscoa, duas semanas antes, quando a agarrara pelo braço e a afastara de seus amigos mal-afamados da frente da taverna White Horse. Lolla ficara em seu quarto, contrariada, enquanto a família almoçava; não saíra nem mesmo quando Sam fora preso. Ainda continuava irritada poucos dias mais tarde quando Merthin e

Caris lhe deram um beijo de despedida e partiram para Shiring.

Ele sentiu uma pontada de culpa. Tratara-a com muito rigor e a afastara. O fantasma de Silvia observava e o desprezava por seu fracasso em tomar conta da filha?

O pensamento dos amigos mal-afamados de Lolla aflorou.

– Tenho certeza de que Jake Riley está por trás disso. Tem falado com ele, Arn?

– Não, amo.

– É melhor eu procurá-lo imediatamente. Sabe onde ele mora?

– Ao lado do peixeiro, atrás da igreja de Saint Paul.

– Irei com você – disse Caris.

Os dois atravessaram a ponte de volta à cidade e seguiram para oeste. A paróquia de Saint Paul abrangia instalações industriais à beira do rio: matadouros, curtumes, serrarias, manufaturas diversas e os tintureiros que haviam brotado como cogumelos em setembro, desde a invenção do Escarlate de Kingsbridge. Merthin se dirigiu para a torre de Saint Paul, visível acima dos telhados das casas. Descobriu a peixaria pelo cheiro e bateu à porta da casa grande e dilapidada ao lado.

Foi aberta por Sal Sawyers, a viúva pobre de um carpinteiro que morrera da peste.

– Jake vem e vai, regedor – disse ela. – Não o vejo há uma semana. Ele pode fazer o que bem quiser, desde que pague o aluguel.

– Quando ele partiu, Lolla foi com ele? – perguntou Caris.

Sal lançou um olhar rápido e cauteloso para Merthin.

– Não gosto de criticar.

– Por favor, conte tudo o que sabe – pediu Merthin. – Não ficarei ofendido.

– Lolla quase sempre está com ele. Faz qualquer coisa que Jake quer. Não direi mais do que isso. Se procurá-lo, vai encontrar sua filha.

– Sabe para onde ele pode ter ido?

– Jake nunca diz nada.

– Pode pensar em alguém que talvez saiba?

– Ele nunca trouxe os amigos para casa, com exceção de Lolla. Mas creio que seus amigos podem ser encontrados na White Horse.

Merthin assentiu com a cabeça.

– Iremos até lá. Obrigado, Sal.

– Ela vai ficar bem – comentou Sal. – Só está passando por uma fase difícil.

– Espero que tenha razão.

Merthin e Caris foram até a White Horse, à margem do rio, perto da ponte. Merthin recordou a orgia que testemunhara ali, no auge da peste, quando o agonizante Davey Whitehorse servira de graça toda a sua cerveja. A taverna permanecera vazia por vários anos depois, mas agora tinha de novo grande movimento. Merthin não entendia por que era tão popular. Os quartos eram apertados e sujos, havia brigas frequentes. Pelo menos uma vez por ano alguém era assassinado ali.

Entraram na sala enfumaçada. Era o meio da tarde, mas havia uma dúzia ou mais de fregueses embriagados sentados nos bancos. Um pequeno grupo estava em torno de um tabuleiro de gamão. Diversas pilhas de moedas de prata indicavam que se apostava no resultado. Uma prostituta de faces vermelhas chamada Joy ergueu os olhos para os recém-chegados, esperançosa, mas depois viu quem eram e recaiu em sua indolência entediada. Num canto, um homem mostrava a uma mulher um casaco que parecia de luxo, com a intenção evidente de vendê-lo, mas, quando viu Merthin, se apressou a dobrá-lo e escondê-lo. Merthin teve certeza de que era mercadoria roubada.

O dono da taverna, Evan, comia um almoço atrasado de toucinho frito. Levantou-se limpando as mãos na túnica e disse, nervoso:

– Bom dia, regedor. É uma honra recebê-lo em minha casa. Posso servir uma caneca de cerveja?

– Estou à procura de minha filha, Lolla – disse Merthin, incisivo.

– Não a vejo há uma semana.

Sal dissera exatamente a mesma coisa sobre Jake, recordou Merthin. Ele disse a Evan:

– Ela pode estar com Jake Riley.

– Já notei que os dois são amigos – disse Evan, com o devido tato. – Mas também não o vejo há uma semana.

– Sabe para onde ele foi?

– Jake é um homem que costuma se manter de boca fechada. Se alguém

pergunta a que distância fica Shiring, ele sacode a cabeça, franze o rosto e diz que não é da sua conta saber dessas coisas.

A prostituta, Joy, prestara atenção à conversa e agora intervinha:

– Mas ele é mão-aberta. Não se pode deixar de reconhecer o que é justo.

Merthin lhe lançou um olhar sério.

– E de onde ele tira seu dinheiro?

– Cavalos – respondeu Joy. – Ele circula pelas aldeias comprando potros de camponeses para vender nas cidades.

É bem provável que ele também roube cavalos de viajantes incautos, pensou Merthin, irritado.

– É o que ele está fazendo agora, comprando cavalos?

– Tudo indica que sim – respondeu Evan. – A temporada das feiras está para começar. Ele foi adquirir sua mercadoria.

– E talvez Lolla tenha ido com ele.

– Sem querer ofender, regedor, acho que sim.

– Não é você quem está me ofendendo.

Merthin acenou com a cabeça numa despedida brusca e deixou a taverna, acompanhado por Caris.

– Então foi isso que Lolla fez – disse ele, furioso. – Foi embora com Jake. Provavelmente pensa que é uma grande aventura.

– Receio que você esteja certo. Só espero que ela não engravide.

– Eu bem que gostaria que isso fosse o pior a temer.

Voltaram automaticamente para casa. Ao atravessarem a ponte, Merthin parou no ponto mais alto e olhou por sobre os telhados suburbanos para a floresta além. Sua filha se encontrava em algum lugar por lá, junto com um negociante de cavalos de reputação duvidosa. Lolla corria perigo e não havia nada que ele pudesse fazer para protegê-la.



Quando Merthin foi à catedral, na manhã seguinte, a fim de verificar a nova torre, descobriu que todo o trabalho havia cessado.

– Ordens do prior – explicou o irmão Thomas quando Merthin perguntou.

Thomas tinha quase 60 anos e demonstrava sua idade. O corpo militar se tornara encurvado e ele quase arrastava os pés, um tanto trôpego.

– Houve um desabamento na nave sul – acrescentou ele.

Merthin olhou para Bartelmy French, um velho pedreiro todo enrugado da Normandia, sentado no lado de fora da oficina amolando uma talhadeira. Bartelmy sacudiu a cabeça numa negativa silenciosa.

– Esse desabamento ocorreu há 24 anos, irmão Thomas – comentou Merthin.

– Tem razão – admitiu o outro. – Minha memória já não é tão boa como antes.

Merthin afagou seu ombro.

– Estamos todos envelhecendo.

– O prior está lá no alto da torre, se quer falar com ele – informou Bartelmy.

Claro que Merthin queria. Foi para o transepto norte, passou por uma pequena arcada e subiu por uma estreita escada em espiral dentro da parede. Ao passar da antiga interseção para a nova torre, a cor das pedras mudou, do cinza-escuro de nuvens de tempestade para o pérola claro do céu da manhã. Foi uma longa subida. A torre já se elevava a quase 100 metros. Mas ele já estava acostumado. Quase todos os dias, há onze anos, subia uma escada que se tornava mais alta a cada vez. Ocorreu-lhe que Philemon, bastante gordo agora, devia ter uma razão compulsiva para obrigar seu corpo volumoso a escalar todos aqueles degraus.

Perto do topo, Merthin passou por um compartimento que alojava a grande roda, um mecanismo de madeira duas vezes mais alto do que um homem usado para içar pedras, argamassa e madeira para os lugares em que eram necessárias. Mesmo depois de a agulha ficar pronta, a roda seria deixada ali, em caráter permanente, para ser usada em trabalhos de reparações por futuras gerações de construtores, até que as trombetas anunciassem o Dia do Juízo Final.

Ele emergiu no alto da torre. Uma brisa firme e fria soprava, embora não fosse perceptível lá embaixo. Havia um passadiço por dentro do cume da torre. Os andaimes haviam sido instalados em torno de um buraco octogonal, pronto para os pedreiros que construiriam a agulha. Pedras aparadas estavam empilhadas próximo; um monte de argamassa secava em desperdício numa plataforma de madeira.

Não havia trabalhadores ali. O prior Philemon estava parado do outro lado, junto com Harold Mason. Os dois conversavam, mas pararam com expressões de culpa quando Merthin apareceu. Ele teve de gritar acima do barulho do vento para ser ouvido:

– Por que interrompeu a construção?

Philemon já tinha a resposta pronta.

– Há um problema com seu projeto.

Merthin olhou para Harold.

– Está querendo dizer que algumas pessoas não são capazes de compreendê-lo.

– Pessoas experientes garantem que não pode ser executado – declarou Philemon em tom de desafio.

– Pessoas experientes? – repetiu Merthin, desdenhoso. – Quem em Kingsbridge é experiente? Quem construiu uma ponte? Quem trabalhou com os grandes arquitetos de Florença? Quem já esteve em Roma, Avignon, Paris, Rouen? Não foi Harold, com toda a certeza. Sem ofensa, Harold, você nunca esteve sequer em Londres.

– Não sou o único que acha impossível construir uma torre octogonal sem cimbre – protestou Harold.

Merthin já ia fazer um comentário sarcástico, mas se conteve. Philemon devia ter mais do que apenas isso, pensou ele. O prior optara deliberadamente por travar aquela batalha. Portanto, devia ter armas mais formidáveis do que a mera opinião de Harold Mason. Era de presumir que obtivera o apoio de alguns membros da guilda... mas como? Outros construtores dispostos a alegar que a agulha de Merthin era impossível deviam ter recebido a oferta de algum incentivo. O que provavelmente significava um trabalho de construção.

– O que é? – perguntou ele a Philemon. – O que você está querendo construir?

– Não sei do que está falando – vociferou Philemon.

– Tem um projeto alternativo e ofereceu a Harold e seus amigos uma parte da construção. Qual é o prédio?

– Você não sabe do que está falando.

– Um palácio maior para você? Uma nova casa do capítulo? Não pode ser

um hospital, porque já temos três. Vamos, diga logo. A menos que tenha vergonha.

Philemon foi espicaçado a responder:

– Os monges desejam construir uma capela para Nossa Senhora.

– Ah...

Fazia sentido. O culto à Virgem era cada vez mais popular. A hierarquia da Igreja aprovava, porque a onda de devoção associada a Maria contrabalançava o ceticismo e a heresia que afligiam as congregações desde a peste. Numerosas catedrais e igrejas vinham acrescentando uma pequena capela especial no lado leste – a parte mais sagrada do prédio – dedicada à Mãe de Deus. Merthin não gostava da arquitetura: na maioria das igrejas, a capela para Nossa Senhora parecia uma lembrança posterior, o que era de fato.

Qual era o motivo de Philemon? Ele estava sempre tentando se insinuar nas boas graças de alguém... era o seu *modus operandi*. Uma capela para Nossa Senhora em Kingsbridge sem dúvida agradaria ao clero mais velho e conservador.

Aquela era a segunda iniciativa de Philemon nessa direção. No Domingo de Páscoa, no púlpito da catedral, ele condenara a dissecação de cadáveres. Estava desfechando uma campanha, compreendeu Merthin. Mas qual era o objetivo?

Merthin decidiu não fazer mais nada até descobrir quais eram as intenções de Philemon. Sem mais qualquer comentário, saiu do topo da torre e desceu por várias escadas até o solo.

Chegou em casa na hora do almoço. Caris veio do hospital poucos minutos depois.

– O irmão Thomas está ficando cada vez pior – comentou Merthin. – Não há nada que se possa fazer por ele?

Caris sacudiu a cabeça em negativa.

– Não há cura para a senilidade.

– Ele me disse que a nave sul desabou, como se tivesse acontecido ontem.

– Isso é típico. Ele se lembra do passado distante, mas não sabe o que está acontecendo hoje. Pobre Thomas. É provável que a deterioração seja bastante rápida. Mas pelo menos ele está num lugar familiar. Os mosteiros não mudam muito ao longo das décadas. Sua rotina diária deve ser a mesma que sempre foi.

Isso ajudará.

Quando se sentaram para comer o ensopado de cordeiro com alho-poró e menta, Merthin relatou os acontecimentos da manhã. Os dois vinham batalhando com os priores de Kingsbridge há dezenas de anos: primeiro Anthony, depois Godwyn e agora Philemon. Haviam pensado que a concessão da carta de burgo acabaria com as constantes disputas. A situação melhorara, sem dúvida, mas parecia que Philemon ainda não desistira.

– Não estou realmente preocupado com a agulha – comentou Merthin. – O bispo Henri vai revogar a ordem de Philemon e mandar que a construção seja reiniciada assim que souber. Henri quer ser o bispo da catedral mais alta da Inglaterra.

– Philemon deve saber disso – ressaltou Caris, pensativa.

– Talvez ele queira apenas destacar sua tentativa de erguer uma capela para Nossa Senhora, recebendo o crédito por isso ao mesmo tempo que atribui o fracasso a outra pessoa.

– Talvez – disse Caris, deixando transparecer sua dúvida.

Na mente de Merthin ainda havia uma questão mais importante:

– Mas o que ele de fato quer?

– Todos os atos de Philemon são motivados por sua necessidade de se sentir importante – declarou Caris, confiante. – Meu palpite é que ele está atrás de uma promoção.

– Que cargo ele pode ter em mente? O arcebispo de Monmouth parece estar morrendo, mas Philemon não pode aspirar a essa posição, não é mesmo?

– Ele deve saber alguma coisa que ignoramos.

Antes que pudessem dizer mais alguma coisa, Lolla entrou na sala.

A primeira reação de Merthin foi um sentimento de alívio tão poderoso que trouxe lágrimas a seus olhos. A filha voltara, sã e salva. Ele a fitou de alto a baixo. Lolla não exibia ferimentos aparentes e andava com os passos firmes e ágeis de sempre. O rosto apresentava apenas a expressão habitual de descontentamento e mau humor.

– Você voltou! Estou tão contente! – falou Caris.

– É mesmo?

Lolla muitas vezes fingia acreditar que Caris não gostava dela. Merthin não

se deixava enganar, mas Caris ficava em dúvida, pois era sensível ao fato de não ser a mãe de Lolla.

– Estamos ambos contentes – interveio Merthin. – Você nos deu um susto.

– Por quê? – Lolla pendurou o manto num gancho e se sentou à mesa. – Eu estava muito bem.

– Mas não sabíamos disso e ficamos na maior preocupação.

– Não deveriam – declarou Lolla. – Posso cuidar de mim mesma.

Merthin reprimiu uma resposta irritada.

– Não tenho tanta certeza se pode mesmo – disse ele, a voz tão suave quanto possível.

Caris interveio para tentar baixar a temperatura:

– Por onde andou? Esteve ausente durante duas semanas.

– Fui a vários lugares.

– Pode nos dar um ou dois exemplos? – pediu Merthin, tenso.

– Mudeford Crossing. Casterham. Outhenby.

– E o que foi fazer lá?

– É uma aula de catecismo? – indagou Lolla, petulante. – Tenho de dar todas as respostas?

Caris pôs a mão no braço de Merthin para contê-lo.

– Só queremos ter certeza de que você não correu perigo – disse a Lolla.

– E eu também gostaria de saber com quem você viajou – acrescentou Merthin.

– Ninguém especial.

– Isso é uma referência a Jake Riley?

Lolla deu de ombros. Parecia constrangida.

– É, sim – respondeu ela, como se fosse um detalhe trivial.

Merthin estava disposto a perdoá-la e abraçá-la, mas Lolla tornava isso difícil. Esforçando-se para manter a voz calma, ele perguntou:

– Quais foram as disposições que você e Jake adotaram na hora de dormir?

– Isto é da minha conta apenas! – gritou Lolla.

– Não é, não! – gritou Merthin em resposta. – É da minha também e de sua madrasta. Se você engravidar, quem cuidará do bebê? Tem certeza de que Jake está disposto a aceitar, virar marido e pai? Já conversou com ele sobre isso?

– Não fale mais comigo!

Lolla desatou a chorar. Saiu da sala e subiu a escada batendo os pés.

– Às vezes eu gostaria que nossa casa só tivesse um cômodo. Assim ela não poderia fazer isso – disse Merthin.

– Você não foi gentil com ela – comentou Caris com ligeira reprovação.

– Como eu deveria agir? Ela fala como se não tivesse feito nada de errado.

– Só que ela sabe a verdade. E foi por isso que chorou.

– Oh, inferno!

Houve uma batida à porta. Um monge noviço apareceu e disse:

– Desculpe incomodá-lo, regedor. Sir Gregory Longfellow está no priorado e agradeceria se fosse procurá-lo para uma conversa assim que for conveniente.

– Droga! – resmungou Merthin. – Pode avisá-lo que estarei lá dentro de poucos minutos.

– Obrigado.

O noviço foi embora. Merthin se virou para Caris.

– Talvez seja melhor dar a ela algum tempo para esfriar.

– E a você também.

– Não vai ficar do lado dela, não é? – indagou ele com alguma irritação.

Caris sorriu e tocou no braço do marido.

– Estou sempre do seu lado. Mas sei como é ser uma garota de 16 anos. Lolla está tão preocupada quanto você com seu relacionamento com Jake. Mas não vai admitir nem para si mesma, pois isso abalaria seu orgulho. E fica ressentida com você por falar a verdade. Ergueu uma defesa frágil em torno de sua autoestima e você a destruiu.

– O que eu deveria fazer?

– Ajudá-la a erguer uma defesa melhor.

– Não sei o que isso significa.

– Tenho certeza de que vai descobrir.

– É melhor eu sair agora para encontrar sir Gregory.

Merthin se levantou. Caris o abraçou e o beijou nos lábios.

– Você é um bom homem fazendo o melhor que pode, e eu o amo com toda a força do meu coração.

Isso atenuou a frustração de Merthin. Sentiu que se acalmava enquanto

atravessava a ponte e subia a rua principal para o priorado. Não gostava de Gregory. O homem era insidioso e inescrupuloso, disposto a fazer qualquer coisa por seu amo, o rei, assim como Philemon quando servia a Godwyn quando este era prior. Merthin refletiu, apreensivo, sobre a conversa. Gregory queria provavelmente falar sobre impostos, sempre uma preocupação do rei.

Merthin foi primeiro ao palácio do prior. Ali, Philemon, parecendo muito satisfeito consigo mesmo, informou-o de que encontraria sir Gregory no claustro dos monges, no lado sul da catedral. Merthin não pôde deixar de se perguntar o que Gregory teria feito para obter o privilégio de conceder uma audiência ali.

O advogado estava envelhecendo. Tinha os cabelos brancos e o corpo alto ficara encurvado. Sulcos profundos se destacavam nos dois lados do nariz. Um dos olhos azuis era agora embaçado, mas o outro continuava vigilante. Reconheceu Merthin no mesmo instante, embora não o visse há dez anos.

– Boa tarde, regedor. O arcebispo de Monmouth morreu.

– Que sua alma descanse em paz – disse Merthin, numa reação automática.

– Amém. O rei me pediu, já que eu passaria pelo seu burgo de Kingsbridge, que lhe apresentasse suas saudações e desse essa importante notícia.

– Fico agradecido. A morte não é inesperada. O arcebispo estava doente.

O rei com certeza não pedira a Gregory que se encontrasse com Merthin apenas para lhe dar uma informação interessante, pensou ele, desconfiado.

– Você é um homem intrigante, se não se importa que eu diga – comentou Gregory, expansivo. – Conheci primeiro sua esposa há mais de vinte anos. Desde então, tenho visto os dois assumirem o controle desta cidade, de forma lenta mas firme. E conseguiram tudo em que se empenharam de coração: a ponte, o hospital, a carta de burgo, um ao outro. São determinados... e pacientes.

Era condescendente, mas Merthin ficou surpreso ao perceber um tom de respeito na lisonja de Gregory. Disse a si mesmo para permanecer desconfiado: homens como Gregory só elogiavam com um propósito.

– Estou a caminho de um encontro com os monges de Abergavenny, que devem votar para escolher o novo arcebispo. – Gregory se recostou na cadeira. – Quando o cristianismo chegou à Inglaterra, há centenas de anos, os monges elegiam seus superiores.

Explicar era um hábito de velho, refletiu Merthin: o jovem Gregory não se

preocuparia com isso.

– Hoje em dia, é claro, os bispos e arcebispos são importantes e poderosos demais para serem escolhidos por pequenos grupos de idealistas devotos que vivem desligados do mundo. O rei faz uma escolha e Sua Santidade, o papa, ratifica a decisão real.

Até eu sei que não é tão simples assim, pensou Merthin. Há em geral alguma espécie de luta pelo poder. Mas não disse nada.

– Mas o ritual da eleição pelos monges ainda persiste – continuou Gregory. – É mais fácil controlá-lo do que aboli-lo. E é esse o motivo da minha viagem.

– Ou seja, vai dizer aos monges quem eles devem eleger – comentou Merthin.

– Em suma, é isso mesmo.

– E que nome pretende indicar?

– Eu não disse? É seu bispo, Henri de Mons. Um homem excelente: leal, digno de confiança, nunca cria problemas.

– Oh, não!

– Não está satisfeito?

A atitude descontraída de Gregory desapareceu por completo. Ele se tornou atento ao extremo.

Merthin compreendeu que era por isso que Gregory se encontrava ali: para descobrir como as pessoas de Kingsbridge – representadas por Merthin – reagiriam ao que ele planejava e se haveria oposição. Merthin organizou seus pensamentos. A perspectiva de um novo bispo ameaçava a agulha e o hospital.

– Henri é a chave para o equilíbrio de poder na cidade – disse ele. – Há dez anos foi acertada uma espécie de armistício entre os mercadores, os monges e o hospital. Em consequência, as três partes prosperaram muito.

Num apelo para os interesses de Gregory – e do rei –, Merthin acrescentou:

– E é essa prosperidade que nos permite pagar tributos tão altos.

Gregory reconheceu o fato com uma inclinação da cabeça.

– A partida de Henri, é evidente, acarreta um risco para a estabilidade de nossos relacionamentos.

– Eu diria que isso vai depender de quem for escolhido para substituí-lo.

– Tem toda a razão. – Agora chegamos ao xis do problema, pensou Merthin.

– Já tem alguém em mente?

– O candidato óbvio é o prior Philemon.

– Não! – Merthin estava consternado. – Philemon! Por quê?

– Ele é um conservador irredutível, o que é importante para a hierarquia da Igreja neste momento de ceticismo e heresia.

– Tudo se torna claro. Agora compreendo por que ele fez um sermão contra a dissecação. E por que quer construir uma capela para Nossa Senhora.

Eu deveria ter previsto isso, pensou Merthin.

– E ele já avisou que não tem nenhuma restrição à tributação do clero... uma fonte constante de atrito entre o rei e alguns de seus bispos.

– Philemon vem planejando isso há algum tempo.

Merthin estava furioso consigo mesmo por não ter percebido isso antes.

– Desde que o arcebispo caiu doente, eu diria.

– É uma catástrofe.

– Por que diz isso?

– Philemon é brigão e vingativo. Se ele se tornar bispo, vai criar disputas constantes em Kingsbridge. Temos de impedi-lo. – Merthin fitou Gregory nos olhos. – Por que veio até aqui para me avisar?

Assim que fez a pergunta, ele soube a resposta.

– Você também não quer Philemon. Não precisa que eu lhe diga que ele vai criar problemas, pois já sabe disso. Mas não pode simplesmente vetá-lo, porque ele conta com apoio entre o clero mais velho.

Gregory exibiu um sorriso enigmático, o que levou Merthin a concluir que estava certo.

– Mas o que quer que eu faça?

– Se eu fosse você, começaria a procurar outro candidato para apresentar como alternativa a Philemon.

Então era isso. Merthin assentiu com a cabeça, pensativo.

– Terei de pensar a respeito.

– Por favor, faça isso.

Gregory se levantou. Merthin compreendeu que a reunião estava encerrada.

– E me avise sobre o que decidir – acrescentou Gregory.

Merthin deixou o priorado e voltou para a ilha dos Leprosos imerso em seus

pensamentos. Quem poderia propor para ser o novo bispo de Kingsbridge? Os moradores da cidade sempre haviam se dado bem com o arquidiácono Lloyd, mas ele estava muito velho... Poderiam conseguir que ele fosse eleito, mas apenas para repetir todo o processo em menos de um ano.

Ele ainda não havia se decidido por qualquer nome quando chegou em casa. Encontrou Caris na sala, à sua espera, ansiosa. Já ia pedir sua opinião quando ela falou primeiro. Levantou-se, o rosto pálido, um ar assustado.

– Lolla foi embora de novo.

86

Os padres diziam que o domingo era um dia de descanso, mas nunca fora assim para Gwenda. Hoje, depois da igreja pela manhã e do almoço, ela trabalhava com Wulfric no terreno atrás da casa. Era meio acre, com um galinheiro, uma pereira e um estábulo. Na horta, no outro lado, Wulfric abria sulcos e ela semeava ervilhas.

Os rapazes haviam saído para um jogo de rúgbi na aldeia vizinha, a recreação habitual dos domingos. O rúgbi era o equivalente dos camponeses às justas da nobreza: uma encenação de batalha em que os ferimentos eram às vezes reais. Gwenda rezava para que os filhos voltassem ilesos para casa.

Naquele dia, Sam voltou mais cedo.

– A bola arrebentou – resmungou ele.

– Onde está Davey? – perguntou Gwenda.

– Ele não foi ao jogo.

– Pensei que tinha ido com você.

– Mas não foi. Muitas vezes ele sai sozinho.

– Eu não sabia disso. – Gwenda franziu o cenho. – Para onde ele vai?

Sam deu de ombros.

– Ele nunca me diz.

Talvez ele esteja se encontrando com uma garota, pensou Gwenda. Davey era chegado a essas coisas. Se era uma garota, quem seria? Não havia muitas jovens aceitáveis em Wigleigh. As sobreviventes da peste haviam se apressado a casar de novo, como se estivessem ansiosas para povoar a terra, e as nascidas desde então ainda eram crianças. Talvez ele estivesse se encontrando com uma garota de outra aldeia em algum lugar secreto na floresta. Esses encontros clandestinos eram tão comuns quanto dor de cabeça.

Quando Davey voltou para casa, duas horas mais tarde, Gwenda o confrontou. Ele não fez qualquer tentativa de negar que estivera fazendo alguma coisa às escondidas.

– Posso mostrar o que tenho feito se você quiser – disse. – Não posso manter em segredo para sempre. Venham comigo.

Foram todos, Gwenda, Wulfric e Sam. O domingo era respeitado até certo ponto: ninguém trabalhava nos campos. Toda a área de Hundredacre estava deserta quando os quatro a atravessaram, sob uma brisa amena de primavera. Umas poucas faixas de terra pareciam negligenciadas: ainda havia aldeões que tinham mais terra do que podiam cultivar. Era o caso de Annet, que contava apenas com a filha de 18 anos, Amabel, para ajudá-la, a menos que pudesse contratar trabalhadores, o que ainda era difícil. Sua faixa de plantio de aveia fora invadida pelo mato.

Davey os levou por pouco menos de 1 quilômetro através da floresta, até uma clareira a alguma distância da trilha.

– É isto – anunciou.

Por um momento, Gwenda não entendeu a que o filho se referia. Estava parada à beira de um terreno indefinido, com moitas baixas crescendo entre as árvores. Ela examinou as moitas com mais atenção. Eram de uma espécie que nunca vira antes. Tinham uma haste meio quadrada, com folhas pontudas, crescendo em grupos de quatro. A maneira como cobriam o solo fazia pensar que eram plantas rasteiras. Uma pilha de vegetação desenraizada num lado da clareira indicava que Davey estivera arrancando ervas daninhas.

– O que é isto? – indagou ela.

– Esta planta é conhecida como garança. Comprei as sementes de um marujo naquela ocasião em que fomos a Melcombe.

– Melcombe? – repetiu Gwenda. – Mas isso foi há três anos!

– Foi o tempo que levou. – Davey sorriu. – A princípio, cheguei a pensar que nem cresceria. Ele me disse que a garança precisava de solo arenoso e tolerava alguma sombra. Preparei a clareira e plantei as sementes, mas no primeiro ano só obtive três ou quatro plantas fracas. Pensei que havia desperdiçado o dinheiro. Mas no segundo ano as raízes se espalharam por baixo da terra e projetaram os rebentos. E agora estão por toda parte.

Gwenda ficou espantada ao descobrir que o filho conseguira manter a plantação escondida dela por tanto tempo.

– Mas para que serve a garança? – perguntou ela. – Tem um gosto agradável?

Davey riu.

– Não é comestível. Você arranca as raízes, seca e mói para fazer um pó que produz uma tintura vermelha. E vale muito. Madge Webber, de Kingsbridge, paga 7 xelins por um galão.

Era um preço espantoso, refletiu Gwenda. O trigo, o cereal mais caro, era vendido a cerca de 7 xelins por quarto, e um quarto tinha 64 galões.

– Isso é 64 vezes mais precioso do que o trigo!

Davey sorriu.

– Foi por isso que eu plantei.

– Por que você plantou... o que mesmo? – indagou uma nova voz.

Todos se viraram e viram Nathan Reeve, parado ao lado de um pilriteiro tão encurvado e retorcido quanto ele. Exibia um sorriso triunfante: ele os pegara desprevenidos. Mas Davey foi rápido na resposta:

– Esta é uma erva medicinal chamada... tirita. Serve para o chiado no peito da mãe.

Gwenda sabia que ele estava inventando, mas Nate não podia ter certeza. Nate olhou para ela.

– Não sabia que você tinha um chiado no peito.

– No inverno – respondeu Gwenda.

– Uma erva? – O ceticismo de Nate era evidente. – Há o suficiente aqui para atender a todo mundo em Kingsbridge. E você ainda prepara o terreno para plantar mais.

– Gosto de fazer as coisas direito – declarou Davey. Era uma resposta insossa e Nate a ignorou.

– Esta é uma plantação não autorizada. Em primeiro lugar, os servos precisam de permissão para o que plantam... não podem cultivar qualquer coisa assim. Isso levaria ao caos total. Em segundo lugar, não podem usar a floresta do senhor para nada, nem mesmo para plantar ervas.

Nenhum deles tinha qualquer resposta para isso. Eram as regras. E podiam ser frustrantes: muitas vezes os camponeses sabiam que podiam ganhar dinheiro

com cultivos fora dos padrões, que tinham grande demanda e ofereciam altos preços. Era o caso do cânhamo para corda, do linho para roupas de baixo de luxo ou das cerejas para o prazer das mulheres ricas. Mas muitos lordes e seus bailios recusavam permissão, por conservantismo instintivo. A expressão de Nate agora era venenosa.

– Um filho é fugitivo e assassino. O outro desafia seu senhor. Que família!

Ele tinha direito a ficar furioso, refletiu Gwenda. Sam matara Jonno e escapara impune. Nate, sem a menor dúvida, odiaria sua família até o dia em que morresse. Então Nate se abaixou, arrancou uma planta do solo e disse, com evidente satisfação:

– Levarei o problema ao tribunal do solar.

Ele se voltou e afastou-se entre as árvores, claudicando. Gwenda e sua família foram atrás. Davey continuava determinado.

– Nate vai aplicar uma multa e terei de pagar. Mas ganharei dinheiro mesmo assim.

– E se ele der ordem para que a plantação seja destruída? – perguntou Gwenda.

– Como?

– Pode ser queimada ou pisoteada.

– Nate não faria isso – interveio Wulfric. – A aldeia não admitiria. A multa é a maneira tradicional de resolver esses problemas.

– Só me preocupo com o que o conde Ralph dirá – disse Gwenda.

Davey fez um gesto depreciativo com a mão.

– Não há razão para que o conde tome conhecimento de uma coisa tão insignificante.

– Ralph tem um interesse especial em nossa família.

– É verdade – concordou Davey, pensativo. – Ainda não compreendi por que ele perdoou Sam.

O garoto não tinha nada de estúpido.

– Talvez lady Philippa o tenha persuadido – Gwenda se apressou a dizer.

– Ela se lembra de você, mãe – informou Sam. – Foi o que disse quando estive na casa de Merthin.

– Devo ter feito alguma coisa para conquistar suas boas graças – disse

Gwenda, improvisando. – Ou pode ter sido apenas porque ela sentiu compaixão, de uma mãe para outra.

Não era uma grande história, mas Gwenda não tinha outra melhor. Nos dias seguintes à soltura de Sam, eles tiveram várias conversas sobre os motivos do perdão concedido por Ralph. Gwenda se limitara a fingir que estava tão perplexa quanto todo mundo. Felizmente, Wulfric nunca fora do tipo desconfiado.

Chegaram em casa. Wulfric olhou para o céu, disse que ainda restava outra hora de claridade e foi para a horta, a fim de terminar de semear as ervilhas. Sam se ofereceu para ajudá-lo. Gwenda se sentou para remendar um rasgão numa roupa de Wulfric. Davey parou na sua frente e disse:

– Tenho outro segredo para contar.

Gwenda sorriu. Não se importava que ele tivesse segredos para os outros, desde que lhe contasse.

– Pode falar.

– Estou apaixonado.

– Mas isso é maravilhoso! – Ela se inclinou para a frente e beijou o rosto do filho. – Fico feliz por você. Como ela é?

– Ela é linda.

Gwenda vinha especulando, antes de saber sobre a garança, se Davey não estaria se encontrando com uma moça de outra aldeia. Sua intuição fora acertada.

– Tive um pressentimento a respeito.

– É mesmo? – Ele parecia ansioso.

– Não se preocupe. Não há nada de errado. Apenas me ocorreu que você podia estar se encontrando com alguém.

– Nós nos encontramos na clareira em que estou cultivando a garança. Foi mais ou menos assim que começou.

– E há quanto tempo vem acontecendo?

– Há mais de um ano.

– Então é sério.

– Quero me casar com ela.

– Fico muito satisfeita. – Gwenda sorriu, afetuosa. – Você ainda tem apenas 20 anos, mas já é idade suficiente se encontrou a pessoa certa.

– Ainda bem que você pensa assim.

– De que aldeia ela é?

– Daqui mesmo, de Wigleigh.

– É mesmo? – Gwenda estava surpresa. Não pensara em nenhuma jovem de Wigleigh. – Quem é ela?

– Mãe, é Amabel.

– Não!

– Não grite.

– Não a filha de Annet!

– Não deve ficar zangada.

– Não devo ficar zangada? – Gwenda fez esforço para se acalmar. O choque era tão grande que parecia até que ela havia levado um tapa. Respirou fundo várias vezes. – Preste atenção. Estamos em conflito com aquela família há mais de vinte anos. Aquela vaca da Annet partiu o coração de seu pai e nunca mais o deixou em paz.

– Lamento muito, mas tudo isso pertence ao passado.

– Nada disso. Annet ainda flerta com seu pai sempre que tem uma oportunidade!

– Isto é problema de vocês, não nosso.

Gwenda se levantou. A costura caiu de seu colo.

– Como pode fazer isso comigo? Aquela vaca será parte da nossa família! Meus netos seriam também netos dela. Ela poderia entrar e sair desta casa a todo instante, fazendo seu pai de tolo com seu jeito coquete e rindo de mim, ainda por cima.

– Não vou me casar com Annet.

– Amabel também será horrível. Olhe só para ela... é igualzinha à mãe!

– Não é, não. Amabel...

– Não pode fazer isso! Eu o proíbo!

– Não pode me proibir, mãe.

– Posso, sim. Você ainda é muito jovem.

– Isso não vai durar para sempre.

A voz de Wulfric veio da porta:

– Por que toda essa gritaria?

– Davey diz que quer casar com a filha de Annet, mas eu não vou permitir! – A voz de Gwenda era cada vez mais alta e estridente. – Nunca! Nunca! Nunca!



O conde Ralph surpreendeu Nathan Reeve quando disse que queria ver a estranha plantação de Davey. Nate mencionou o assunto de passagem, numa visita de rotina a Earlscastle. Um pequeno cultivo sem autorização na floresta era uma violação trivial das normas, que se costumava tratar com a aplicação de uma multa. Nate era um homem superficial, interessado em subornos e comissões. Não tinha a menor noção da profundidade da obsessão de Ralph pela família de Gwenda: seu ódio por Wulfric, o desejo sexual por Gwenda e, agora, a possibilidade de ser o verdadeiro pai de Sam. Por isso Nate se surpreendeu quando Ralph disse que inspecionaria a plantação na próxima vez em que passasse perto de Wigleigh.

Ralph seguiu a cavalo, em companhia de Alan Fernhill, de Earlscastle a Wigleigh, num belo dia entre a Páscoa e Pentecostes. No pequeno solar de madeira encontraram a antiga criada, Vira, encurvada e grisalha, mas ainda firme no posto. Mandaram que ela preparasse o almoço, depois se encontraram com Nate e o seguiram rumo à floresta.

Ralph reconheceu a planta. Não era um camponês, mas conhecia a diferença entre um arbusto e outro. Em suas viagens com o exército, observara muitas colheitas que não cresciam naturalmente na Inglaterra. Inclinou-se da sela e arrancou um punhado de hastes.

– Esta planta é chamada de garança. Já a vi em Flandres. É cultivada pela tintura vermelha que tem o mesmo nome.

– Ele me disse que era uma erva chamada tirita, usada para curar chiado no peito – explicou Nate.

– Creio que tem propriedades medicinais, mas não é por isso que as pessoas a cultivam. Qual será a multa?

– Um xelim seria a quantia habitual.

– Não é suficiente.

Nate ficou nervoso.

– Há muitos problemas, milorde, quando os costumes são ignorados. Eu preferia não...

– Não me interessa – bradou Ralph. Esporeou o cavalo e trotou pelo meio da clareira, pisoteando os arbustos. – Venha, Alan. – Alan o imitou. Os dois circularam pela plantação, pisoteando as plantas. Todos os arbustos foram destruídos em poucos minutos.

Ralp notou que Nate estava chocado com aquilo, mesmo diante do fato de a plantação ser ilegal. Camponeses nunca gostam de ver uma plantação desperdiçada. Raph aprendera na França que a melhor maneira de desmoralizar a população era queimar as plantações nos campos.

– Já é suficiente – disse Ralph, assim que ficou entediado.

Ele estava irritado com a insolência de Davey ao fazer aquela plantação, mas esse não era o principal motivo de sua vinda a Wigleigh. A verdade era que queria ver Sam de novo.

Enquanto voltavam para a aldeia, ele esquadrinhou os campos à procura de um jovem alto, de cabelos escuros. Sam se destacaria, por causa de sua altura, entre aqueles servos nanicos debruçados sobre suas pás. Avistou-o, a distância, em Brookfield. Parou o cavalo e ficou observando, através da paisagem varrida pelo vento, o filho de 22 anos que nunca soubera que era seu.

Sam e o homem que ele pensava que era seu pai – Wulfric – trabalhavam com um arado pequeno, puxado por um cavalo. Havia alguma coisa errada, pois eles paravam e ajustavam os arreios a todo instante. Quando estavam juntos, era fácil perceber as diferenças entre eles. Os cabelos de Wulfric eram castanho-claros; os de Sam eram escuros. Wulfric tinha o peito estufado como um boi; Sam tinha os ombros largos mas era esguio como um cavalo. Os movimentos de Wulfric eram lentos e cuidadosos; os de Sam eram rápidos e graciosos.

Era o sentimento mais estranho olhar para um desconhecido e pensar: meu filho. Ralph se considerava imune a emoções típicas de mulher. Se fosse sujeito a sentimentos de compaixão ou arrependimento, não poderia ter vivido como vivera. Mas a descoberta de Sam ameaçava privá-lo da insensibilidade masculina de que tanto se orgulhava.

Fez esforço para se desvencilhar desse sentimento e seguiu para a aldeia, mas depois sucumbiu à curiosidade e ao sentimento e mandou Nate procurar

Sam e levá-lo para o solar.

Não sabia o que tencionava fazer com o garoto: conversar com ele, escarnecer, convidá-lo para almoçar, qualquer coisa. Deveria ter previsto que Gwenda não lhe daria liberdade para decidir. Ela apareceu com Nate e Sam, acompanhados por Wulfric e Davey.

– O que você quer com meu filho? – perguntou ela, falando com Ralph como se ele fosse um igual, não seu senhor.

Ralph disse, sem pensar:

– Sam não nasceu para ser um servo trabalhando nos campos.

Ele percebeu a expressão de surpresa de Alan Fernhill. Gwenda ficou perplexa.

– Só Deus sabe para que nascemos – protestou ela, tentando ganhar tempo.

– Quando eu quiser saber alguma coisa sobre Deus, perguntarei a um padre, não a você – declarou Ralph. – Seu filho tem o temperamento de um guerreiro. Não preciso conhecê-lo a fundo para perceber isso. É evidente para mim como seria para qualquer veterano das guerras.

– Mas ele não é um guerreiro. É um camponês, filho de um camponês, e seu destino é cultivar colheitas e criar animais, como o pai.

– O pai não interessa.

Ralph recordou o que Gwenda lhe dissera no castelo do representante do rei, em Shiring, quando o persuadira a perdoar Sam.

– Sam tem o instinto de um matador – acrescentou ele. – É perigoso num camponês, mas tem um valor inestimável num soldado.

Gwenda pareceu assustada enquanto começava a imaginar o propósito de Ralph.

– Aonde está querendo chegar?

Ralph compreendeu para onde o levava aquela sucessão lógica.

– Deixe que Sam seja útil em vez de perigoso. Deixe-o aprender as artes da guerra.

– Isso é um absurdo. Ele é velho demais.

– Tem 22 anos. Já é um pouco tarde, mas ele é forte e capaz. Pode conseguir.

– Não vejo como.

Gwenda fingia encontrar objeções práticas, mas Ralph podia perceber,

através da dissimulação, que ela detestava a ideia com toda a força de seu coração. Isso o deixou ainda mais determinado. Com um sorriso de triunfo, ele propôs:

– É muito fácil. Sam pode se tornar um escudeiro. E viver em Earlscastle.

Gwenda dava a impressão de ter sido apunhalada. Fechou os olhos por um momento, o rosto azeitonado empalideceu. Ela movimentou os lábios para dizer "Não", mas nenhum som saiu.

– Ele está com você há 22 anos – acrescentou Ralph. – É tempo suficiente.

Agora é a minha vez, pensou. Em vez disso, porém, apenas comentou:

– Agora ele é um homem.

Como Gwenda permaneceu em silêncio por um tempo, Wulfric interveio:

– Não vamos permitir. Somos seus pais e não consentimos.

– Não pedi seu consentimento – declarou Ralph, desdenhoso. – Sou o conde e vocês são meus servos. Eu não peço, ordeno.

Nate Reeve entrou na conversa:

– Além do mais, Sam já passou de 21 anos. A decisão cabe a ele, não a seu pai.

Subitamente, todos se viraram para Sam.

Ralph não sabia o que esperar. Tornar-se um escudeiro era uma coisa com que muitos jovens de todas as classes sonhavam, mas ele não tinha certeza se Sam era um deles. A vida no castelo era suntuosa e excitante em comparação com o trabalho extenuante nos campos, mas, por outro lado, os homens de armas morriam jovens ou – pior do que a morte – voltavam para casa mutilados, para passar o resto de seus dias miseráveis esmolando na frente de tavernas.

Mas, assim que olhou para Sam, Ralph soube a verdade. O rapaz exibia um largo sorriso, os olhos faiscavam de ansiedade. Mal podia esperar para partir.

Gwenda recuperou a voz:

– Não faça isso, Sam! Não caia na tentação. Não deixe que sua mãe o veja cegado por uma flecha, mutilado pelas espadas de cavaleiros franceses ou entrevado pelos cascos de seus cavalos de guerra!

– Não vá, filho – suplicou Wulfric. – Fique em Wigleigh e tenha uma vida longa.

Sam ficou em dúvida.

– Muito bem, rapaz – disse Ralph. – Ouviu sua mãe e o pai camponês que o criou. Mas a decisão é sua. O que pretende fazer? Continuar sua vida aqui, em Wigleigh, trabalhando nos campos, ao lado de seu irmão? Ou escapar?

Sam hesitou apenas por um momento. Lançou um olhar culpado para Gwenda e Wulfric, depois se virou para Ralph.

– Eu irei. Serei um escudeiro. Obrigado, milorde.

– Bom rapaz – disse Ralph.

Gwenda começou a chorar. Wulfric passou o braço por seus ombros e olhou para Ralph.

– Quando ele partirá?

– Hoje – respondeu Ralph. – Pode seguir para Earlscastle comigo e com Alan depois do almoço.

– Não tão depressa! – protestou Gwenda.

Ninguém lhe deu qualquer atenção. Ralph disse a Sam:

– Vá para casa e pegue qualquer coisa que quiser levar. Almoce com sua mãe. Volte e espere por mim no estábulo. Enquanto isso, Nate pode requisitar um cavalo para sua viagem até Earlscastle. – Ele se voltou, encerrando a audiência com Sam e sua família. – Onde está meu almoço?

Wulfric e Gwenda saíram com Sam, mas Davey ficou. Já descobrira que sua plantação fora pisoteada? Ou era outra coisa?

– O que você quer? – perguntou Ralph.

– Milorde, tenho de lhe pedir um favor.

Isso era quase bom demais para ser verdade. O camponês insolente que plantara garança na floresta sem permissão era agora um suplicante. O dia estava se tornando bastante satisfatório.

– Você não pode ser um escudeiro, pois tem o corpo de sua mãe.

Alan riu ao ouvir o comentário.

– Quero me casar com Amabel, a filha de Annet – explicou o jovem.

– Isto vai desagradar à sua mãe.

– Serei maior de idade em menos de um ano.

Ralph sabia tudo sobre Annet, é claro. Quase fora enforcado por causa dela. A história dele se entrelaçava com a de Annet quase tanto quanto com Gwenda. E ele recordou que toda a família morrera da peste.

– Annet ainda tem algumas terras que eram de seu pai.

– Isso mesmo, milorde. Ela está disposta a transferi-las para mim quando eu me casar com sua filha.

Um pedido assim normalmente não seria recusado, embora todos os lordes cobrassem uma taxa de transferência. Mas o lorde não era obrigado a consentir. O direito dos lordes de recusar esses pedidos por um capricho qualquer, frustrando a vida de um camponês, era um dos maiores ressentimentos dos homens do campo. Mas proporcionava ao senhor um meio de disciplinar os servos que podia ser extremamente eficaz.

– Não, não vou transferir as terras para você. – Ralph sorriu. – Você e sua noiva podem comer garança.

87

Caris tinha de impedir que Philemon se tornasse bispo. Aquela era a manobra mais ousada de Philemon até então, mas ele fizera os preparativos com todo o cuidado e tinha uma chance. Se conseguisse, voltaria a controlar o hospital e teria o poder de destruir a grande obra da vida de Caris. E podia fazer até pior. Restauraria a ortodoxia cega do passado. Designaria padres de coração duro como o seu para as aldeias, fecharia as escolas para moças e pregaria sermões contra a dança.

Ela não tinha voz na escolha de um bispo, mas havia meios de exercer pressão.

E começou pelo bispo Henri.

Viajou com Merthin para Shiring a fim de se encontrar com o bispo em seu palácio. No caminho, Merthin olhava para todas as moças de cabelos escuros por que passavam e, quando não havia nenhuma, esquadrinhava a floresta nos lados da estrada. Procurava por Lolla, mas eles chegaram a Shiring sem deparar com qualquer sinal dela.

O palácio do bispo ficava na praça principal, em frente à igreja e ao lado da Bolsa de Lã. Não era um dia de mercado, por isso a praça estava vazia, exceto pela forca, que ali se encontrava em caráter permanente, uma sinistra advertência aos vilões do que as pessoas do condado faziam com os que violavam as leis.

O palácio era um prédio de pedra despretensioso, com um salão e uma capela no térreo e uma série de escritórios e aposentos particulares por cima. O bispo Henri impusera ao palácio um estilo que Caris achava que devia ser francês. Havia um quadro em cada cômodo. A decoração não era extravagante como no palácio de Philemon em Kingsbridge, onde a profusão de tapetes e joias sugeria a caverna de um ladrão. Mas havia uma elegância artística agradável em tudo na

casa de Henri: um castiçal de prata que refletia a luz de uma janela; o brilho polido de uma velha mesa de carvalho; flores da primavera na lareira apagada; uma pequena tapeçaria de Davi e Jônatas na parede.

O bispo Henri não era um inimigo, mas também não podia ser considerado um aliado, pensou Caris, nervosa, enquanto esperavam no salão. Provavelmente diria que queria se elevar acima das disputas em Kingsbridge. Caris, mais cética, pensava que qualquer decisão de Henri era sempre baseada em seus interesses pessoais. Ele não gostava de Philemon, mas não podia permitir que isso afetasse seu julgamento.

Henri apareceu, acompanhado pelo cônego Claude, como sempre. Os dois pareciam não envelhecer. Henri era um pouco mais velho do que Caris, Claude era talvez dez anos mais moço, mas ambos ainda pareciam meninos. Caris já observara que o clero em geral envelhecia bem, melhor do que os aristocratas. Desconfiava que era porque a maioria dos sacerdotes – com algumas exceções notórias – levava uma vida de moderação. O regime de jejum os obrigava a comer peixe e legumes às sextas-feiras, nos dias santos e durante toda a Quaresma. Além disso, em teoria, nunca se embriagavam. Em contraste, os nobres e suas esposas se entregavam a orgias com carne e vinho. Poderia ser por isso que seus rostos ficavam enrugados, a pele, flácida, o corpo, encurvado, enquanto os clérigos permaneciam empertigados e esguios por muito tempo, em suas vidas sossegadas e austeras.

Merthin deu os parabéns a Henri por ter sido escolhido para arcebispo de Monmouth, depois foi direto ao ponto:

– O prior Philemon interrompeu o trabalho na torre.

Henri indagou, com uma circunspecção estudada:

– Alguma razão?

– Há um pretexto e uma razão. O pretexto é uma falha no projeto.

– E qual é esse suposto defeito?

– Ele alega que uma agulha octogonal não pode ser construída sem um cimbre, mas eu encontrei um jeito.

– E qual é?

– Bastante simples. Construirei uma agulha redonda, que não precisará de cimbre. Depois, acrescentarei ao exterior uma camada de pedras finas e

argamassa, no formato octogonal. Em termos visuais, será uma agulha octogonal, mas a estrutura será um cone.

– Já disse isso a Philemon?

– Não. Se eu disser, ele encontrará outro pretexto.

– E qual é a verdadeira razão?

– Ele quer construir, em vez disso, uma capela para Nossa Senhora.

– Ah...

– É parte de seu projeto para se insinuar nas boas graças do clero mais antigo. Ele fez um sermão contra a dissecação quando o arquidiácono Reginald estava presente. E disse aos conselheiros do rei que não fará campanha contra a tributação do clero.

– O que ele está querendo?

– Quer ser o bispo de Shiring.

Henri alteou as sobrancelhas.

– Tenho de reconhecer que Philemon sempre teve muita ousadia.

Caris falou pela primeira vez:

– Como sabe disso?

– Gregory Longfellow me contou.

Claude olhou para Henri e comentou:

– E Gregory sabe disso melhor do que ninguém.

Caris compreendeu que Henri e Claude não haviam previsto que Philemon seria tão ambicioso. Para ter certeza de que eles não ignorariam o significado da revelação, ela acrescentou:

– Se Philemon realizar seu desejo, você terá um trabalho interminável, como arcebispo de Monmouth, para julgar as disputas entre o bispo Philemon e a cidade de Kingsbridge. Sabe quantos atritos ocorreram no passado.

– Claro que sabemos – disse Claude.

– Fico contente por estarmos de acordo – declarou Merthin.

Claude, pensando em voz alta, sugeriu:

– Devemos apresentar um candidato alternativo.

Era isso que Caris esperava que ele dissesse.

– Temos uma indicação – disse ela.

– Quem? – perguntou Claude.

– Você.

Houve um momento de silêncio. Caris percebeu que Claude gostava da ideia. Imaginou que ele podia sentir alguma inveja da promoção de Henri e especulava se o seu destino seria o de permanecer para sempre uma espécie de assistente de Henri. Ele podia se desincumbir com a maior facilidade das funções de bispo. Conhecia bem a diocese e já cuidava da maior parte da administração prática.

Mas os dois pensavam agora, com toda a certeza, em suas vidas pessoais. Caris não tinha a menor dúvida de que eram em quase tudo como marido e mulher: ela os vira se beijando. Mas décadas haviam se passado desde aquele momento de romance, e sua intuição lhe dizia que eles podiam tolerar uma separação parcial.

– Ainda continuariam a trabalhar juntos a maior parte do tempo – ressaltou ela.

– O arcebispo terá muitas razões para visitar Kingsbridge e Shiring.

– E o bispo de Shiring precisará ir a Monmouth com frequência – acrescentou Henri.

– Seria uma grande honra para mim ser bispo. – Com um brilho nos olhos, Claude acrescentou: – Ainda mais abaixo de você, arcebispo.

Henri desviou os olhos, fingindo não perceber o duplo sentido.

– Acho que é uma ideia esplêndida.

– A guilda de Kingsbridge apoiará Claude posso garantir – declarou Merthin. – Mas você deverá apresentar a sugestão ao rei, arcebispo Henri.

– Claro.

– Posso fazer outra sugestão? – indagou Caris.

– Por favor.

– Arrume outro posto para Philemon. Pode propô-lo para, não sei, arquidiácono de Lincoln. Alguma coisa que ele apreciaria, mas que o levaria para bem longe daqui.

– É uma boa ideia – concordou Henri. – Se ele for candidato a dois postos, sua posição em ambos os casos será enfraquecida. Ficarei atento a todas as circunstâncias.

Claude se levantou.

– Tudo isso é emocionante. Não querem almoçar conosco?

Um servidor se aproximou e se dirigiu a Caris:

– Alguém deseja lhe falar, senhora. É apenas um menino, mas parece transtornado.

– Deixe-o entrar – disse Henri.

Era um menino em torno dos 13 anos. Estava sujo, mas as roupas eram de qualidade. Caris concluiu que pertencia a uma família em boas condições, mas passando por alguma espécie de crise.

– Pode ir à minha casa, madre Caris?

– Não sou mais uma freira, menino. Mas qual é o problema?

O menino falou depressa:

– Meu pai e minha mãe estão doentes, e meu irmão também. Minha mãe ouviu alguém dizer que a senhora estava no palácio do bispo e me mandou chamá-la. Ela sabe que a senhora ajuda os pobres, mas tem condições de pagar. Pode ir comigo, por favor?

Como esse tipo de pedido não era incomum, Caris sempre levava, para onde quer que fosse, uma bolsa de couro com suprimentos médicos.

– Claro que irei, rapaz. Qual é o seu nome?

– Giles Spices, madre, e devo esperar para levá-la.

– Está bem. – Caris se virou para o bispo. – Pode começar a almoçar, por favor. Virei assim que puder.

Ela pegou sua bolsa de couro e saiu com o menino. Shiring devia sua existência ao castelo do representante do rei na colina, assim como Kingsbridge era uma decorrência do priorado. Perto da praça do mercado ficavam as casas grandes dos cidadãos mais eminentes, os mercadores de lã, os assistentes do representante real e autoridades como o juiz de instrução. Um pouco mais adiante ficavam as casas dos que eram relativamente prósperos, mercadores e artesãos, ourives, alfaiates, boticários. O pai de Giles negociava com especiarias, como seu nome indicava. Giles levou Caris para uma rua nessa área. Como a maioria das casas ali, tinha um andar térreo de pedra que servia como depósito e loja, com os aposentos de madeira por cima. A loja estava fechada e trancada. Giles levou Caris pela escada externa.

Ela sentiu o cheiro familiar assim que entrou. Hesitou por um instante. Havia alguma coisa especial naquele cheiro, que despertava uma lembrança em sua

memória... e que a fazia ficar muito assustada. Em vez de ponderar a respeito, ela atravessou a sala e entrou no quarto... para descobrir a terrível resposta.

Havia três pessoas deitadas em colchões ali: uma mulher mais ou menos da idade de Caris, um homem um pouco mais velho e um adolescente. O homem tinha a doença em grau mais avançado. Gemia e suava com febre. A camisa aberta deixava à mostra erupções púrpura escuras no peito e no pescoço. Havia sangue nos lábios e nas narinas.

Ele tinha a peste.

– Ela voltou – disse Caris. – Que Deus me ajude!

Por um momento, o medo a paralisou. Permaneceu imóvel, contemplando a cena com um sentimento de impotência. Sempre soubera, em teoria, que a peste poderia voltar – essa fora a metade da razão para escrever seu livro –, mas mesmo assim não estava preparada para o choque de ver outra vez aquelas erupções, a febre, o nariz sangrando.

A mulher se soergueu, apoiada num cotovelo. A doença não avançara muito nela: tinha as erupções e a febre, mas não havia sinais de hemorragia.

– Dê-me algo para beber, pelo amor de Deus... – suplicou.

Giles pegou um jarro de vinho. A mente de Caris finalmente voltou a funcionar, enquanto o corpo recuperava os movimentos.

– Não dê o vinho, só vai deixá-la com mais sede. Vi um barril de cerveja na sala. Encha um copo com cerveja.

A mulher se concentrou em Caris.

– Você é a prioresa, não é mesmo?

Caris não a corrigiu e a mulher acrescentou:

– As pessoas dizem que é uma santa. Pode curar minha família?

– Tentarei. Não sou uma santa, apenas uma mulher que tem observado pessoas na doença e na saúde.

Caris tirou da bolsa uma faixa de linho e a prendeu sobre a boca e o nariz. Não via um caso de peste há dez anos, mas adquirira o hábito de adotar essa precaução sempre que lidava com pacientes cujas doenças podiam ser contagiosas. Umedeceu um pano limpo com água de rosas e lavou o rosto da mulher. Como sempre, a providência acalmou a paciente. Giles voltou com o copo de cerveja. A mulher bebeu. Caris disse ao menino:

– Eles podem beber quanto quiserem, mas dê sempre cerveja ou vinho aguado.

Ela foi examinar o pai, que não tinha muito tempo de vida. Sua fala não era coerente e os olhos não conseguiam focalizar Caris. Lavou seu rosto, limpou o sangue ressequido em torno do nariz e da boca. Finalmente cuidou do irmão mais velho de Giles. Ele só sucumbira pouco antes e ainda espirrava, mas tinha idade suficiente para compreender a gravidade da doença. E parecia aterrorizado.

Quando acabou, Caris disse a Giles:

– Tente mantê-los confortáveis e deixe-os beber sempre que quiserem. Você tem parentes? Tios ou primos?

– Estão todos em Gales.

Ela fez uma anotação mental para avisar ao bispo Henri que talvez precisasse encontrar um lugar para um menino órfão.

– A mãe disse que eu tinha de lhe pagar.

– Não fiz muito para ajudar. Pode me pagar 6 *pence*.

Havia uma bolsa de couro ao lado da cama da mãe. Giles tirou 6 *pence* de prata. A mulher tornou a se ergueu e perguntou, mais calma agora:

– O que há de errado conosco?

– Sinto muito, mas é a peste.

A mulher assentiu com a cabeça, fatalista.

– Era disso que eu tinha medo.

– Não reconheceu os sintomas da última vez?

– Vivíamos numa pequena cidade em Gales... e escapamos. Vamos todos morrer?

Caris achava que não se devia enganar as pessoas nos assuntos mais importantes.

– Umas poucas pessoas sobrevivem, mas não muitas.

– Nesse caso, que Deus tenha piedade de nós.

– Amém – disse Caris.

Durante todo o caminho de volta a Kingsbridge, Caris meditou sobre a peste.

Haveria de se espalhar, é claro, como acontecera da última vez. Mataria milhares de pessoas. A perspectiva a deixou enfurecida. Era como a carnificina sem sentido da guerra, só que a guerra era causada pelos homens, o que não era o caso da peste. O que ela faria? Não podia ficar sentada e observar a cruel repetição da tragédia que ocorrera treze anos antes.

Não havia cura para a peste, mas ela descobrira meios de retardar seu progresso assassino. Enquanto o cavalo trotava através da estrada pela floresta, ela pensou no que sabia sobre a doença e em como combatê-la. Merthin permanecia calado, reconhecendo a disposição da mulher, provavelmente adivinhando o que ela pensava.

Assim que chegaram em casa, Caris explicou o que queria fazer.

– Haverá oposição – advertiu-a Merthin. – Seu plano é drástico. As pessoas que não perderam parentes e amigos na última vez podem imaginar que são invulneráveis e alegar que você exagera na reação.

– É nesse ponto que você pode me ajudar.

– Nesse caso, minha sugestão é dividir os opositores em potencial e lidar com eles em separado.

– Tudo bem.

– Você tem três grupos para conquistar: a guilda, os monges e as freiras. Vamos começar pela guilda. Convocarei uma reunião... e não chamarei Philemon.

A guilda se reunia agora na Bolsa de Tecido, um prédio de pedra novo e grande na rua principal. Isso permitia que os mercadores fizessem negócios mesmo com mau tempo. A construção fora paga com os lucros do Escarlate de Kingsbridge.

Mas, antes de convocar a reunião, Caris e Merthin se encontraram individualmente com os membros mais destacados, a fim de conquistar seu apoio antecipado, uma técnica que Merthin desenvolvera há muito tempo. Seu lema era: “Nunca convoque uma reunião enquanto não tiver certeza do resultado.”

Caris foi conversar com Madge Webber.

Madge se casara de novo. Para divertimento de todos, ela encantara um aldeão tão bonito quanto o primeiro marido e quinze anos mais jovem. Seu nome

era Anselm, e ele parecia adorá-la embora ela continuasse tão gorda quanto antes e cobrisse os cabelos grisalhos com uma coleção de toucas exóticas. Ainda mais surpreendente, já na casa dos 40 anos, ela concebera de novo e dera à luz uma menina saudável, Selma, agora com 8 anos e cursando a escola das freiras. A maternidade nunca impedira Madge de cuidar dos negócios, e ela continuava a dominar o mercado do Escarlate de Kingsbridge, tendo Anselm como seu ajudante.

Ela ainda morava na casa grande na rua principal para onde se mudara com Mark quando começara a ganhar dinheiro com tecelagem e tintura. Caris a encontrou junto de Anselm recebendo uma carga de tecido vermelho e tentando encontrar espaço para guardá-lo no abarrotado depósito no primeiro andar.

– Estou fazendo estoque para a Feira do Velocino – explicou Madge.

Caris esperou enquanto ela conferia a mercadoria recebida. Subiram em seguida, deixando Anselm a tomar conta da loja. Ao entrar na sala, Caris recordou com absoluta nitidez a cena que encontrara ali, treze anos antes, quando fora chamada para examinar Mark, a primeira vítima da peste em Kingsbridge. E sentiu uma súbita depressão. Madge notou sua expressão.

– O que aconteceu?

Não se podiam esconder coisas das mulheres do modo como se fazia com homens.

– Entrei aqui há treze anos porque Mark estava doente.

Madge anuiu com a cabeça.

– Esse foi o início da pior época da minha vida – disse. – Naquele dia tinha um marido maravilhoso e quatro filhos saudáveis. Três meses depois era uma viúva sem filhos que não tinha nada por que viver.

– Dias de pesar – comentou Caris.

Madge foi até o aparador, onde havia copos e um jarro. Mas, em vez de oferecer uma bebida a Caris, ficou parada ali, olhando para a parede.

– Quer ouvir uma coisa estranha? Depois que eles morreram, eu não podia dizer “amém” ao final do *Paternoster,* o Pai-Nosso. – Ela engoliu em seco e a voz se tornou mais suave: – Sei um pouco de latim. Meu pai me ensinou. *Fiat voluntas tua*: Seja feita a tua vontade. Eu não podia dizer isso. Deus levara minha família, e isso era tortura demais, eu não podia aceitar.

Lágrimas afloraram aos olhos de Madge enquanto ela lembrava.

– Não queria que a vontade de Deus prevalecesse. Queria meus filhos de volta. Seja feita a tua vontade... Eu sabia que iria para o inferno, mas não podia dizer Amém.

– A peste voltou – anunciou Caris.

Madge cambaleou. Teve que se apoiar no aparador para não cair. O corpo sólido de repente ficou frágil e, à medida que a confiança se desvanecia de seu rosto, ela parecia cada vez mais velha.

– Não!

Caris puxou um banco e segurou Madge pelo braço até ela sentar.

– Lamento tê-la chocado.

– Não – repetiu Madge. – Não pode voltar. Não posso perder Anselm e Selma. Não suportaria, não suportaria...

Ela estava tão pálida e tensa que Caris começou a temer que Madge pudesse sofrer alguma espécie de ataque. Caris despejou vinho do jarro num copo. Entregou-o a Madge, que bebeu num gesto automático. Um pouco de cor voltou a seu rosto.

– Compreendemos a peste melhor agora – disse Caris. – Talvez possamos combatê-la.

– Combater a peste? Como faríamos isso?

– É o que vim lhe dizer. Sente-se melhor agora?

Madge finalmente fitou Caris nos olhos.

– Combater a peste... Claro que é isso que devemos fazer. Diga como.

– Temos de isolar a cidade. Fechar os portões, guarnecer as muralhas, impedir que qualquer pessoa entre.

– Mas as pessoas da cidade têm de comer.

– Os camponeses levarão os suprimentos para a ilha dos Leprosos. Merthin agirá como intermediário e pagará os fornecedores. Contraiu a peste na última vez e sobreviveu. Ninguém jamais pegou a peste duas vezes. Os mercadores deixarão as mercadorias na ponte. Depois que forem embora, as pessoas sairão da cidade para buscar os alimentos.

– As pessoas poderiam deixar a cidade?

– Claro, mas não poderiam voltar.

– E a Feira do Velocino?

– Essa pode ser a parte mais difícil. Deve ser cancelada.

– Mas os mercadores de Kingsbridge perderão centenas de libras!

– É melhor do que morrer.

– Se fizermos como você diz, evitaremos a peste? Minha família vai sobreviver?

Caris hesitou, mas resistiu à tentação de dizer uma mentira tranquilizadora:

– Não posso prometer. A peste pode já ter chegado aqui. Pode haver alguém neste momento morrendo numa choupana perto do rio, sem nenhuma ajuda. Por isso, temo que talvez não escapemos. Mas creio que meu plano lhe oferece a melhor chance de ainda ter Anselm e Selma ao seu lado no Natal.

– Então vamos fazer isso – declarou Madge, decidida.

– Seu apoio é crucial. Para ser franca, você perderá mais dinheiro do que qualquer outra pessoa com o cancelamento da feira. Por isso, é provável que as pessoas acreditem em você. Preciso que diga a todos como a situação é grave.

– Não se preocupe, Caris. Direi isso a todo mundo.



– Uma ótima ideia – disse o prior Philemon.

Merthin ficou surpreso. Não podia se lembrar de qualquer outra ocasião em que Philemon tivesse concordado tão prontamente com uma proposta da guilda.

– Então vai nos apoiar – disse ele, para ter certeza de que ouvira direito.

– Vou, sim. – O prior comia passas de uma tigela, enviando-as para a boca tão depressa quanto podia mastigar. Não ofereceu a Merthin. – Mas é claro que não se aplicaria aos monges.

Merthin suspirou. Deveria ter imaginado.

– Ao contrário. Aplica-se a todo mundo.

– Não, não – disse Philemon, no tom de quem instrui uma criança. – A guilda não tem o poder de restringir os movimentos dos monges.

Merthin notou um gato aos pés de Philemon. Era gordo como ele, com um rosto mesquinho. Parecia com o gato de Godwyn, Arcebispo, embora a criatura já devesse ter morrido há muito tempo. Talvez fosse um descendente.

– A guilda tem o poder de fechar os portões da cidade – disse Merthin.

– Mas nós temos o direito de ir e vir como quisermos. Não estamos sujeitos à autoridade da guilda... seria um absurdo.

– Seja como for, a guilda controla a cidade e decidimos que ninguém pode entrar enquanto a peste estiver grassando.

– Não pode criar regras para o priorado.

– Mas posso criar para a cidade, e o priorado por acaso está dentro da cidade.

– Está me dizendo que, se eu deixar Kingsbridge hoje, vai me recusar a entrada amanhã?

Merthin não tinha certeza. Seria altamente constrangedor, para dizer o mínimo, ter o prior de Kingsbridge parado na frente do portão exigindo admissão. Esperava persuadir Philemon a aceitar a restrição. Não queria que a decisão da guilda fosse testada de maneira tão dramática. Mesmo assim, tentou fazer com que sua resposta soasse confiante:

– Claro que sim.

– Vou me queixar ao bispo.

– E aproveite para avisar que ele também não poderá entrar em Kingsbridge.

O pessoal do convento quase não mudara em dez anos, percebeu Caris. Os conventos eram assim mesmo, é claro: uma freira deveria permanecer para sempre. A irmã Joan ainda era a prioresa e a irmã Oonagh dirigia o hospital, sob a supervisão do irmão Sime. Poucas pessoas vinham até ali agora em busca de cuidados médicos: a maioria preferia o hospital de Caris na ilha. Os pacientes de Sime, devotos ao extremo na maior parte, eram tratados no velho hospital, próximo da cozinha, enquanto o novo prédio era usado para hóspedes.

Caris se sentou com Joan, Oonagh e Sime na velha farmácia, a sala agora usada como escritório particular da prioresa. Explicou seu plano.

– As pessoas fora das muralhas da cidade velha que caírem vítimas da peste serão internadas em meu hospital na ilha. Enquanto a peste durar, as freiras e eu ficaremos dentro do prédio noite e dia. Ninguém sairá de lá, exceto os poucos afortunados que se recuperarem.

– E o que fazemos aqui na cidade velha? – perguntou Joan.

– Se a peste entrar na cidade apesar de nossas precauções, pode haver vítimas demais para as acomodações de que vocês dispõem. A guilda decidiu que as vítimas da peste e suas famílias serão confinadas em suas casas. A regra se aplica a qualquer pessoa que viva numa casa atingida pela peste: pais, filhos, avós, criados, aprendizes. Qualquer um que for apanhado saindo de uma casa nessas condições será enforcado.

– É muito rigoroso – comentou Joan. – Mas vale a pena se for para evitar a terrível mortandade da última peste.

– Eu sabia que você diria isso.

Sime permanecia calado. A notícia sobre a peste parecia ter esvaziado sua arrogância.

– Como as vítimas comerão, se estiverem aprisionadas em suas casas? – indagou Oonagh.

– Os vizinhos podem deixar comida na porta. Ninguém pode entrar... exceto monges médicos e freiras. Eles visitarão os doentes, mas não devem ter contato com os saudáveis. Irão do priorado para a casa e da casa de volta ao priorado, sem entrar em qualquer outro prédio, sem sequer falar com as pessoas na rua. Devem usar máscara em todas as ocasiões e lavar as mãos com vinagre cada vez que tocarem num paciente.

Sime parecia apavorado.

– Isso vai nos proteger?

– Até certo ponto, mas não completamente – respondeu Caris.

– Mas nesse caso será muito perigoso cuidar dos doentes!

– Não temos medo – afirmou Oonagh. – Aguardamos ansiosas a morte. Para nós, é o reencontro com Cristo há muito esperado.

– Claro, claro... – disse Sime.

No dia seguinte, todos os monges deixaram Kingsbridge.

88

Gwenda sentiu uma fúria rancorosa quando viu o que Ralph fizera com a plantação de garança de Davey. A destruição sem motivo de plantações era um pecado. Deveria haver um lugar especial no inferno para nobres que arruinavam o que os camponeses suavam para cultivar. Mas Davey não se mostrou desanimado.

– Acho que não tem a menor importância – disse ele. – O valor está nas raízes, que não foram afetadas.

– Destruir as raízes seria trabalho demais para ele – comentou Gwenda, amargurada.

Mas ela logo se reanimou. Na verdade, os arbustos se recuperaram com uma rapidez extraordinária. Ralph não devia saber que a garança se propagava por baixo da terra. Ao longo dos meses de maio e junho, enquanto começavam a chegar a Wigleigh as notícias de uma nova irrupção da peste, as raízes projetaram novos rebentos. No começo de julho, Davey decidiu que era tempo de fazer a colheita. No domingo, ele, Gwenda e Wulfric passaram a tarde desenterrando as raízes. Primeiro, afrouxavam o solo em torno da planta, depois a arrancavam. Removiam a folhagem e deixavam a raiz presa a uma haste curta. Era um trabalho extenuante, do tipo que Gwenda fizera durante toda a sua vida.

Deixaram a plantação como estava, na esperança de que se regenerasse no ano seguinte. Levaram as raízes de garança empilhadas em um carrinho de mão através da floresta até Wigleigh, descarregaram no paiol e as espalharam sobre o feno para secar.

Davey não sabia quando conseguiria vender sua colheita. Kingsbridge era uma cidade fechada. As pessoas ainda compravam suprimentos, é claro, mas apenas por intermediários. Davey estava fazendo uma coisa nova e precisaria

explicar a situação para o comprador. E seria difícil fazer isso por um intermediário. Mas talvez ele tivesse de tentar. Precisava secar as raízes primeiro e depois moê-las até se tornarem pó, o que de qualquer maneira levaria algum tempo.

Davey não dissera mais nada sobre Amabel, mas Gwenda tinha certeza de que os dois continuavam a se encontrar. Ele fingia se manter alegre e resignado com seu destino. Se realmente tivesse desistido, estaria desanimado e ressentido.

Gwenda só podia torcer para que ele deixasse de amá-la antes de ter idade suficiente para se casar sem permissão. Ainda não era capaz de suportar sequer pensar em ver sua família se unir com a de Annet. Afinal, Annet nunca deixara de humilhá-la flertando com Wulfric, que continuava a sorrir como um tolo a cada comentário coquete e estúpido que ela fazia. Agora que Annet estava na casa dos 40 anos, com veias rompidas nas faces rosadas e fios brancos entre os cachos louros, seu comportamento não era apenas constrangedor, mas também grotesco. Wulfric, no entanto, reagia como se ela ainda fosse uma garota.

E agora, pensou Gwenda, meu filho caiu na mesma armadilha. Isso a deixava furiosa. Amabel se parecia com Annet 25 anos antes, um rosto bonito com cachos que balançavam ao vento, um pescoço comprido, ombros brancos e estreitos, seios pequenos como os ovos que mãe e filha vendiam nos mercados. Amabel tinha a mesma maneira de sacudir os cabelos, o mesmo truque de contemplar um homem com uma expressão de falsa repreensão e de bater em seu peito com o dorso da mão, num gesto que pretendia ser uma pancada, mas era na verdade uma carícia.

Davey, porém, pelo menos estava salvo e bem fisicamente. Gwenda estava mais preocupada com Sam, vivendo agora com o conde Ralph no castelo enquanto aprendia a ser um guerreiro. Na igreja, ela rezava para que Sam não fosse ferido em alguma caçada, nem aprendesse a usar uma espada, nem lutasse num torneio. Ela o vira todos os dias durante 22 anos até que, subitamente, ele lhe fora tirado. É difícil ser mulher, pensava ela. Você ama seu filho com todo o coração e alma, aí um belo dia ele vai embora.

Por várias semanas ela procurou um motivo para ir a Earlscastle e verificar como Sam estava. Depois soube que a peste também chegara ali e resolveu partir. Viajaria antes de a colheita começar. Wulfric não a acompanharia: tinha

muita coisa para fazer na terra. De qualquer forma, ela não tinha medo de viajar sozinha.

– Sou pobre demais para ser roubada, velha demais para ser estuprada – gracejava.

A verdade era que ela era muito dura para deixar que qualquer das duas coisas acontecesse. E sempre viajava com uma adaga comprida.

Gwenda atravessou a ponte levadiça para Earlscastle num dia quente de julho. Havia uma gralha pousada nas ameias por cima do portão, como uma sentinela, o sol faiscando em suas penas pretas lustrosas. Crocitou em advertência para ela. O som saiu como “Vá, vá!”. Ela escapara da peste uma vez, mas isso poderia ter sido pura sorte; arriscava a vida ao vir até ali.

A vida na parte inferior do castelo transcorria normalmente, embora um pouco tranquila. Um lenhador descarregava uma carroça cheia de lenha junto da padaria, enquanto um cavalariço desencilhava um cavalo empoeirado diante do estábulo. Mas não havia muita atividade ali. Gwenda notou um pequeno grupo de homens e mulheres junto da entrada oeste da pequena igreja e atravessou a área de terra batida para investigar.

– Há vítimas da peste lá dentro – informou uma criada em resposta à sua pergunta.

Gwenda atravessou a porta sentindo o medo como uma mão gelada que apertava seu coração. Dez ou doze colchões de palha estavam alinhados no chão de forma a que os ocupantes pudessem olhar para o altar, como num hospital. Cerca da metade dos pacientes parecia ser de crianças. Havia três homens adultos. Ela examinou seus rostos, apavorada.

Nenhum deles era Sam.

Gwenda se ajoelhou e fez uma prece em agradecimento. Depois saiu e se aproximou da mulher com que falara antes.

– Estou à procura de Sam de Wigleigh. Ele é um novo escudeiro.

A mulher apontou para a ponte que levava à parte interna do conjunto.

– Procure na torre.

Gwenda seguiu pelo caminho indicado. O guarda de sentinela na ponte a ignorou. Ela subiu os degraus para a torre. O grande saguão era escuro e fresco. Um enorme cachorro dormia na pedra fria da lareira. Havia bancos ao longo das

paredes e duas cadeiras de braços imensas na outra extremidade. Gwenda notou que não havia almofadas, nem assentos estofados, nem ornamentos nas paredes. Deduziu que lady Philippa passava bem pouco tempo ali e não tinha o menor interesse pela decoração.

Sam estava sentado perto de uma janela, junto com três homens mais jovens. As partes de uma armadura estavam dispostas no chão à frente deles, do elmo às proteções dos joelhos e tornozelos. Cada homem limpava uma peça. Sam esfregava o peitoral com um seixo liso, tentando remover a ferrugem.

Ela ficou parada por um momento, observando. Sam usava roupas novas, a libré vermelha e preta do conde de Shiring. As cores combinavam com sua beleza morena. Ele parecia à vontade, conversando descontraído com os outros enquanto todos trabalhavam. Dava a impressão de estar saudável e bem alimentado. Era o que Gwenda esperava, mas mesmo assim sofreu uma descabida pontada de desapontamento por descobrir que o filho passava muito bem sem ela.

Sam ergueu os olhos e a viu. Seu rosto demonstrou surpresa, depois prazer e divertimento.

– Amigos, sou o mais velho entre vocês e podem pensar que sou capaz de cuidar de mim mesmo, mas não é o caso. Minha mãe me segue por toda parte para ter certeza de que estou bem.

Eles olharam para Gwenda e riram. Sam largou seu trabalho e se adiantou. Mãe e filho sentaram num banco no canto, perto da escada que levava aos aposentos de cima.

– É uma vida maravilhosa – disse Sam. – Todos se divertem aqui, na maioria dos dias. Saímos para caçar e falcoar, temos disputas de luta livre, competições de equitação e jogamos rúgbi. Aprendi tanta coisa! É um pouco embaraçoso passar o tempo todo com esses adolescentes, mas posso aturar. Só preciso adquirir a habilidade de usar uma espada e um escudo montando um cavalo.

Ele já falava de maneira diferente, notou Gwenda. Começara a perder o ritmo arrastado da fala na aldeia. E usou palavras francesas para “equitação” e “falcoar”. Já estava sendo assimilado pela vida da nobreza.

– E o que me diz do trabalho? Não pode ser tudo diversão.

– Há mesmo muito trabalho. – Sam gesticulou para os outros que limpavam

a armadura. – Mas é fácil em comparação com arar e colher.

Ele perguntou pelo irmão, e Gwenda deu notícias de casa: a garança de Davey se regenerara e eles haviam arrancado as raízes; Davey continuava envolvido com Amabel; e ninguém em Wigleigh contraíra a peste até agora. Enquanto conversavam, ela começou a sentir que era vigiada e teve certeza de que a sensação não era uma fantasia. Depois de algum tempo, olhou para trás.

O conde Ralph estava parado no alto da escada, diante de uma porta aberta, obviamente após sair de seus aposentos. Gwenda se perguntou havia quanto tempo ele a observava. Sustentou seu olhar, que era intenso. Mas não foi capaz de decifrá-lo, não compreendeu o que significava. Começou a sentir que tinha uma intimidade embaraçosa e se apressou a desviar os olhos.

Quando tornou a olhar, Ralph havia desaparecido.



No dia seguinte, já estava na estrada a meio caminho de casa, um cavaleiro se aproximou por trás, a galope, depois diminuiu e parou. Gwenda estendeu a mão para a adaga comprida no cinto. O cavaleiro era sir Alan Fernhill.

– O conde quer vê-la.

– Então ele deveria ter vindo pessoalmente em vez de mandar você.

– Sempre tem uma resposta esperta, não é mesmo? E acha que isso a faz cair nas boas graças de seus superiores?

Ele tinha razão nesse ponto. Gwenda ficou surpresa, talvez por nunca ter ouvido qualquer comentário inteligente durante todo o tempo em que Alan era comparsa de Ralph. Mas, se ela fosse mesmo esperta, trataria de adular pessoas como o conde em vez de zombar.

– Está bem – disse ela, cansada. – O conde me chama. Devo andar por todo o caminho de volta ao castelo?

– Não precisa. Ele tem uma cabana na floresta, não muito longe daqui, onde às vezes para e descansa um pouco durante uma caçada. Está lá agora.

Alan apontou para um ponto da floresta ao lado da estrada. Gwenda não gostou nem um pouco da situação, mas uma serva tinha de atender ao chamado de seu conde. De qualquer maneira, tinha certeza de que, se recusasse, Alan a

derrubaria, amarraria e levaria até lá.

– Irei até essa cabana.

– Se quiser, pode subir na sela, na minha frente.

– Não, obrigada. Prefiro andar.

Naquela época do ano, o mato rasteiro era espesso. Gwenda seguiu o cavalo pela floresta, aproveitando a trilha que o animal abria pelas urtigas e samambaias. A estrada atrás logo desapareceu. Gwenda especulou, nervosa, sobre o motivo para Ralph realizar aquele encontro na floresta. E pressentiu que não podia ser uma boa notícia para ela e sua família.

Percorreram menos de meio quilômetro e chegaram a uma cabana com teto de colmo. Gwenda teria presumido que era a casa de um guarda-caça. Alan prendeu as rédeas em torno de uma árvore nova e entrou na frente.

A cabana tinha a mesma aparência despojada e utilitária que Gwenda notara em Earlscastle. O chão era de terra batida; as paredes, de taipa; no teto, apenas a parte de baixo do colmo. Os móveis eram mínimos: uma mesa, alguns bancos e uma cama simples de madeira, com um colchão de palha. Havia uma porta entreaberta nos fundos, onde os criados de Ralph deviam preparar comida para ele e seus companheiros de caçada.

Ralph se achava sentado, com um copo de vinho à sua frente. Gwenda parou diante dele, esperando. Alan se encostou na parede, por trás dela.

– Então Alan conseguiu encontrá-la – disse Ralph.

– Não há mais ninguém aqui? – indagou Gwenda, nervosa.

– Só você, eu e Alan.

A ansiedade de Gwenda aumentou ainda mais.

– Por que queria se encontrar comigo?

– Para falar sobre Sam, é claro.

– Você tirou Sam de mim. O que mais há para dizer?

– Ele é um bom rapaz... nosso filho.

– Não o chame assim.

Ela olhou para Alan, que não demonstrou surpresa. Era evidente que já estava a par do segredo. Gwenda ficou consternada. Wulfric nunca deveria descobrir.

– Nunca o chame de “nosso filho” – reiterou ela. – Nunca foi um pai para

Sam. Foi Wulfric quem o criou.

– Como eu poderia criá-lo? Nem sequer sabia que era meu filho. Mas venho compensando o tempo perdido. Ele lhe contou que tem se saído muito bem?

– Já se meteu em brigas?

– Claro. Os escudeiros devem brigar. É um bom treino para quando forem para a guerra. Deveria ter perguntado se ele vence.

– Não é a vida que eu queria para Sam.

– É a vida para a qual ele foi feito.

– Mandou que eu viesse até aqui apenas para se gabar?

– Por que não se senta?

Relutante, Gwenda ocupou uma cadeira no outro lado da mesa. Ralph serviu vinho num copo, que empurrou em sua direção. Ela ignorou.

– Agora que sei que temos um filho, acho que devemos ser mais íntimos – sugeriu Ralph.

– Não, obrigada.

– Você é uma estraga-prazeres.

– Não me fale em prazer. Você tem sido uma praga em minha vida. Com toda a força do meu coração, gostaria de nunca tê-lo conhecido. Não quero ter nenhuma intimidade com você. Prefiro me manter o mais longe possível. Se você fosse para Jerusalém, ainda não seria bastante longe.

O rosto de Ralph se contraiu de raiva e ela se arrependeu da extravagância de suas palavras. Recordou a censura de Alan. Desejou poder dizer não com toda a simplicidade e calma, sem comentários mordazes. Mas Ralph atiçava sua ira como nenhuma outra pessoa.

– Não pode perceber? – indagou ela, tentando ser racional. – Odeia meu marido... há quanto tempo, um quarto de século? Ele quebrou seu nariz e você cortou o rosto dele. Estuprou a mulher que ele amava. Ele fugiu e você o trouxe de volta com uma corda no pescoço. Depois de tudo isso, nem o fato de termos um filho juntos pode fazer com que nos tornemos amigos.

– Discordo. Acho que podemos ser não apenas amigos, mas também amantes.

– Não!

Era o que Gwenda temia, no fundo de sua mente, desde que Alan parara o

cavalo diante dela na estrada. Ralph sorriu.

– Por que não tira o vestido?

Ela ficou tensa.

Alan se inclinou por trás e tirou a adaga comprida do cinto de Gwenda com um movimento suave. Era evidente que ele premeditara o movimento: aquilo aconteceu depressa demais para que ela pudesse reagir. Mas Ralph disse:

– Não, Alan... Isso não será necessário. Ela fará de bom grado.

– Nunca!

– Pode devolver a adaga, Alan.

Relutante, Alan inverteu a posição da adaga, segurando-a pela lâmina ao estendê-la para Gwenda. Ela pegou a adaga e se levantou de um pulo.

– Vocês podem me matar, mas juro que levarei um de vocês comigo!

Gwenda recuou, a adaga estendida à sua frente, pronta para lutar. Alan foi para a porta, cortando sua retirada.

– Pode deixar, Alan – disse Ralph. – Ela não vai a parte alguma.

Gwenda não tinha a menor ideia do motivo pelo qual Ralph se mostrava tão confiante, mas ele estava completamente enganado. Ela sairia daquela cabana, correria tão depressa quanto pudesse e só pararia quando caísse de cansaço.

Alan permaneceu onde estava.

Gwenda alcançou a porta, estendeu a mão para trás e abriu o trinco simples de madeira.

– Wulfric não sabe, não é? – disse Ralph.

Gwenda ficou paralisada.

– Não sabe o quê?

– Não sabe que sou o pai de Sam.

A voz de Gwenda baixou para um sussurro:

– Não, não sabe.

– Fico imaginando como ele se sentiria se descobrisse.

– Isso o mataria.

– Foi o que pensei.

– Por favor, não conte a ele.

– Não contarei... desde que você faça o que eu disser.

O que ela podia fazer? Sabia que Ralph sentia forte atração sexual por ela.

Usara esse conhecimento, em desespero, para conseguir encontrá-lo no castelo do representante do rei. Aquele momento na Bell, tantos anos antes, uma recordação infame para ela, vivera na memória de Ralph como uma ocasião áurea, provavelmente reforçada pela passagem do tempo. E ele metera em sua cabeça a ideia de reviver aquele momento.

Portanto, a culpa era sua. Como poderia desenganá-lo?

– Não somos mais as mesmas pessoas que éramos há tantos anos – argumentou ela. – Nunca serei outra vez uma jovem inocente. Você deve voltar para suas criadinhas.

– Não quero criadas. Quero você.

– Não, por favor...

Gwenda teve de fazer o maior esforço para conter as lágrimas. Mas Ralph se manteve implacável:

– Tire o vestido.

Ela guardou a adaga na bainha e desafivelou o cinto.

89

Assim que acordou, Merthin pensou em Lolla.

Fazia três meses agora que ela havia desaparecido. Ele enviara cartas para as autoridades de Gloucester, Monmouth, Shaftesbury, Exeter, Winchester e Salisbury. Cartas suas, como regedor de uma das maiores cidades da Inglaterra, eram tratadas com a devida seriedade e ele recebera respostas cuidadosas de todas. Só o prefeito de Londres não fora prestativo, alegando que metade das garotas da cidade havia fugido de seus pais e que não era da conta do prefeito mandá-las de volta para casa.

Merthin fizera indagações pessoais em Shiring, Bristol e Melcombe. Conversara com o proprietário de cada taverna, dando uma descrição de Lolla. Todos haviam visto moças de cabelos escuros, quase sempre na companhia de patifes bonitos chamados Jake, Jack ou Jock, mas nenhum pôde afirmar com certeza que vira a filha de Merthin ou ouvira o nome Lolla.

Alguns amigos de Jake também haviam desaparecido, junto com mais uma ou outra garota, essas alguns anos mais velhas que Lolla.

Merthin sabia que Lolla podia estar morta, mas se recusava a perder a esperança. Era improvável que ela contraísse a peste. A nova irrupção vinha devastando cidades e aldeias, matando a maioria das crianças com menos de 10 anos. Mas sobreviventes da primeira onda, como ele e Lolla, deviam ser pessoas que por alguma razão tinham força para resistir à doença ou haviam conseguido se recuperar, em casos raros como o seu, e não estavam ficando doentes dessa vez. A peste, porém, era apenas um dos riscos a que se expunha uma garota de 16 anos que fugira de casa. A imaginação fértil de Merthin o torturava, durante a madrugada, com pensamentos do que poderia ter acontecido à filha.

Uma cidade que não fora devastada pela peste era Kingsbridge. A doença

afetara apenas uma casa em cada cem, na cidade velha, até onde Merthin podia saber pelas conversas que mantinha, gritadas através do portão da cidade, com Madge Webber, que atuava como regedora dentro das muralhas enquanto Merthin cuidava de todos os assuntos externos. Os subúrbios de Kingsbridge e outras cidades vinham tendo a média de uma em cada cinco casas atingida pela peste. Mas os métodos de Caris haviam prevalecido sobre a peste... ou apenas a retardaram? A doença persistiria e acabaria por superar as barreiras que ela erguera? No final, a devastação seria tão terrível quanto na última vez? Não saberiam até que a irrupção refluísse... o que poderia levar meses ou anos.

Merthin suspirou e se levantou de sua cama solitária. Não via Caris desde que a cidade fora fechada. Ela vivia no hospital, a poucos metros da casa de Merthin, mas não podia deixar o prédio. As pessoas podiam entrar ali, mas não podiam sair. Caris decidira que não teria credibilidade se não trabalhasse lado a lado com as freiras, por isso estava retida no hospital.

Merthin passara metade de sua vida separado dela, ao que parecia. Mas isso não tornava a situação mais fácil. Na verdade, ele ansiava mais por ela agora, na meia-idade, do que quando era jovem.

Sua governanta, Em, acordara antes dele. Merthin a encontrou na cozinha, esfolando coelhos. Ele comeu um pedaço de pão e tomou um copo de cerveja fraca antes de sair.

A estrada principal através da ilha já estava abarrotada de camponeses e suas carroças, trazendo suprimentos. Merthin e um grupo de ajudantes conversaram com cada um. Os que traziam produtos habituais, com preços combinados, eram os casos mais simples: Merthin os enviava pela outra ponte para descarregar as mercadorias junto do portão trancado da cidade, depois lhes pagava quando voltavam sem nada. Com aqueles que traziam produtos sazonais, como frutas e legumes, ele negociava um preço antes de permitir a entrega. Para algumas cargas especiais, o acordo era fechado com alguns dias de antecedência, por ocasião do pedido: peles para o comércio de couro; pedras para os pedreiros, que haviam recomeçado a construção da agulha por ordem do bispo Henri; prata para os joalheiros; aço, ferro e cânhamo para os fabricantes da cidade, que tinham de continuar a trabalhar, embora estivessem temporariamente isolados de seus clientes. Havia ainda as cargas especiais, para as quais Merthin precisava de

instruções de alguém na cidade. Hoje, nessa situação, havia um vendedor de brocado italiano que queria vendê-lo a um dos alfaiates da cidade, um boi de 6 anos para o matadouro e Davey de Wigleigh.

Merthin ouviu a história de Davey com espanto e satisfação. Admirou o rapaz por sua capacidade de empreendimento ao comprar as sementes de garança e cultivá-las, apesar das dificuldades, até produzir o pigmento tão caro. Não ficou surpreso ao saber que Ralph tentara sabotar o projeto: o irmão era como a maioria dos nobres em seu desprezo por qualquer coisa relacionada a manufatura ou comércio. Mas Davey tinha coragem, além de inteligência, e persistira. Até pagara a um moleiro para converter as raízes secas em pó.

– Quando o moleiro lavou a mó depois, seu cachorro bebeu um pouco da água que escorreu – disse Davey para Merthin. – O cachorro mijou vermelho durante uma semana. Por isso, sabemos que a tintura funciona.

Agora ali estava ele, com sacos antigos de farinha de trigo de quatro galões empilhados num carrinho de mão, cheios do que acreditava ser as preciosas raízes moídas da garança.

Merthin lhe disse para pegar um dos sacos e levar até o portão. Ali chegando, ele chamou o sentinela no outro lado. O homem subiu para as ameias e olhou para baixo.

– Este saco é para Madge Webber! – gritou Merthin. – Pode providenciar para que ela receba pessoalmente, sentinela?

– Claro, regedor.

Como sempre, algumas vítimas da peste nas aldeias foram levadas para a ilha por seus parentes. A maioria das pessoas agora sabia que não havia cura para a peste e simplesmente deixava as pessoas amadas morrerem. Mas umas poucas eram ignorantes ou bastante otimistas para esperar que Caris fizesse um milagre. Os doentes eram deixados na porta do hospital, como os suprimentos no portão da cidade. As freiras iam buscá-los à noite, depois que os parentes haviam partido. De vez em quando um sobrevivente afortunado saía do hospital com boa saúde, mas a maioria dos pacientes deixava o local pela porta dos fundos, para ser enterrada num cemitério novo no outro lado do prédio.

Ao meio-dia, Merthin convidou Davey para almoçar. Enquanto comiam um pastelão de coelho com ervilhas, o rapaz confessou que estava apaixonado pela

filha da antiga inimiga de sua mãe.

– Não sei por que a mãe odeia Annet, mas é tudo de um passado distante e não tem nada a ver comigo ou Amabel.

Ele falou com a indignação da juventude contra a irracionalidade dos pais. Quando Merthin assentiu, Davey perguntou:

– Seus pais se opuseram a você dessa maneira?

Merthin pensou por um momento.

– Claro. Eu queria ser um escudeiro e passar a vida como um cavaleiro lutando pelo rei. Fiquei infeliz quando me puseram para ser aprendiz de carpinteiro. No meu caso, no entanto, acabou dando certo.

Davey não ficou muito satisfeito com essa história.

À tarde, o acesso à parte interna da ponte foi fechado no lado da ilha e o portão da cidade foi aberto. Carregadores saíram e pegaram todas as mercadorias deixadas ali. Os suprimentos foram levados para seus diversos destinos na cidade.

Não havia nenhuma mensagem de Madge sobre o pó de garança.

Merthin recebeu um segundo visitante naquele dia. Quase no final da tarde, quando o fluxo de mercadores já era bastante reduzido, o cônego Claude apareceu.

O amigo e patrono de Claude, o bispo Henri, estava agora instalado em Monmouth como arcebispo. Seu substituto como bispo de Kingsbridge ainda não fora escolhido. Claude queria o cargo e estivera em Londres para conversar com sir Gregory Longfellow. Voltava agora para Monmouth, onde continuaria a trabalhar como braço direito de Henri, pelo menos por enquanto.

– O rei gosta da posição de Philemon sobre a tributação do clero – comentou, enquanto comiam pastelão de coelho e tomavam o melhor vinho gascão de Merthin. – E o clero mais antigo gostou do sermão contra a dissecação e do plano de construir uma capela para Nossa Senhora. Por outro lado, Gregory detesta Philemon... diz que ele não merece a menor confiança. O resultado é que o rei adiou a decisão ao deliberar que os monges de Kingsbridge não podem realizar uma eleição enquanto estiverem no exílio em St.-John-in-the-Forest.

– Presumo que o rei ache que não há muito sentido em escolher o novo bispo enquanto a peste continua a se espalhar e a cidade permanece fechada –

comentou Merthin.

Claude assentiu.

– Mas consegui alguma coisa, embora pequena. Há uma vaga para embaixador inglês junto ao papa. O designado deve residir em Avignon. Sugeri Philemon. Gregory pareceu atraído pela ideia. Pelo menos não a rejeitou de imediato.

– Isto é ótimo!

A perspectiva de Philemon ser enviado para tão longe deixou Merthin mais animado. Ele desejaria poder fazer alguma coisa para fortalecer a posição de Claude, mas já escrevera para Gregory garantindo o apoio da guilda e esse era o limite de sua influência.

– Tenho mais uma notícia... uma notícia triste, infelizmente – acrescentou Claude. – A caminho de Londres, passei por St.-John-in-the-Forest. Henri ainda é o abade, em caráter oficial, e me mandou repreender Philemon por deixar Kingsbridge sem permissão. Uma perda de tempo, é claro. Seja como for, Philemon adotou as mesmas precauções de Caris e não me deixou entrar. Mas conversamos através do portão. Até agora, os monges escaparam da peste. Entretanto, seu velho amigo, o irmão Thomas, morreu de velhice. Sinto muito.

– Deus permita que sua alma descanse em paz – disse Merthin, triste. – Ele ficou muito frágil no final. Sua mente delirava.

– A mudança para Saint John provavelmente não o ajudou.

– Foi Thomas quem me estimulou quando eu era um jovem construtor.

– É estranho como Deus às vezes leva os bons homens e deixa os maus.

Claude partiu cedo na manhã seguinte.

Enquanto Merthin cumpria sua rotina diária, um dos carregadores voltou do portão da cidade com uma mensagem de Madge. Ela estava nas ameias e queria falar com Merthin e Davey.

– Acha que ela vai comprar minha garança? – perguntou Davey enquanto seguiam para a ponte interna.

Merthin não tinha a menor ideia.

– Espero que sim.

Os dois pararam lado a lado diante do portão fechado e olharam para Madge, inclinada sobre a muralha.

– De onde veio a mercadoria?! – gritou ela.

– Eu cultivei – respondeu Davey.

– E quem é você?

– Davey de Wigleigh, filho de Wulfric.

– Ah... O menino de Gwenda?

– Isso mesmo. O mais novo.

– Testei sua tintura.

– Funciona, não é? – indagou Davey, ansioso.

– É muito fraca. Você moeu as raízes inteiras?

– Moí... O que mais eu deveria ter feito?

– Deveria ter removido as cascas antes de moer.

– Eu não sabia disso. – Davey estava desolado. – O pó não presta?

– Como eu disse, é fraco. Não posso pagar o preço da tintura pura.

Davey estava tão angustiado que Merthin ficou com pena.

– Quanto você tem? – perguntou Madge.

– Mais nove sacos de quatro galões como o que entreguei – informou Davey, desanimado.

– Pagarei a metade do preço habitual... 3 xelins e 6 *pence* por galão. Isso dá 14 xelins por saco, 7 libras exatas por dez sacos.

O rosto de Davey era a própria imagem da alegria. Merthin desejou que Caris estivesse ali para partilhar aquele momento.

– 7 libras! – repetiu Davey.

Madge pensou que ele estava decepcionado e disse:

– Não posso fazer mais do que isso, a tintura não é bastante forte.

Mas 7 libras eram uma fortuna para Davey. Representavam os salários de vários anos de um trabalhador, até mesmo aos preços de hoje. Ele olhou para Merthin e disse:

– Estou rico!

Merthin riu.

– Não gaste tudo de uma vez.

O dia seguinte era domingo. Merthin foi à missa na pequena igreja da ilha, dedicada a Santa Elizabeth da Hungria, a padroeira dos que curavam os doentes. Depois foi para casa e pegou uma pá de carvalho na cabana de ferramentas no

pomar. Com a pá no ombro, atravessou a ponte externa, passou pelos subúrbios e entrou no passado.

Tentou se lembrar do caminho que percorrera pela floresta 34 anos antes, junto com Caris, Ralph e Gwenda. Parecia impossível. Não havia um percurso definido, exceto pelas trilhas imprecisas deixadas pelos veados. Árvores novas haviam crescido e se tornado imensas, poderosos carvalhos tinham sido derrubados pelos lenhadores do rei. Mesmo assim, para sua surpresa, ainda havia pontos de referência reconhecíveis: a água que brotava do solo, onde a menina Caris de 10 anos se ajoelhara para beber; um imenso bloco de rocha que ela dissera que devia ter caído do céu; um pequeno vale de encostas íngremes com um fundo lodoso, onde ela enlameara as botas.

Enquanto andava, as recordações daquele dia na infância foram se tornando mais nítidas. Lembrou como o cachorro, Hop, os seguira pela floresta e como Gwenda o acompanhara. Sentiu outra vez o prazer por Caris ter compreendido sua piada. O rosto ficou vermelho ao recordar como se mostrara incompetente, diante de Caris, com o arco que fizera... e a facilidade com que o irmão mais novo manejara a arma.

Acima de tudo, lembrou-se de Caris como uma menina. Eram pré-adolescentes, mas mesmo assim ele ficou fascinado por sua inteligência rápida, sua ousadia, a maneira como assumira sem esforço o comando do pequeno grupo. Ainda não era amor, mas uma espécie de fascínio não muito diferente.

As recordações o distraíram e ele perdeu o rumo. Começou a sentir que se encontrava em terreno completamente desconhecido. Depois, subitamente, se aproximou de uma clareira e percebeu que chegara ao lugar certo. As moitas eram maiores, o tronco do carvalho era ainda mais largo e a clareira era alegre, com muitas flores de verão, como não acontecera naquele dia de novembro de 1327. Mas ele não teve a menor dúvida: era como um rosto que não via havia anos, um rosto que mudara um pouco, mas continuava inconfundível.

Um Merthin mais baixo e magricela rastejara para baixo daquela moita para se esconder do homem enorme que avançava barulhento pelo mato. Recordou como um exausto e ofegante Thomas parara, encostado naquele carvalho, e desembainhara a espada e a adaga.

Viu em sua imaginação a repetição dos acontecimentos daquele dia. Os

homens de libré amarela e verde alcançaram Thomas e perguntaram por uma carta. Thomas distraiu os homens ao dizer que eram observados por alguém escondido numa moita. Merthin teve certeza de que ele e os outros seriam assassinados e, nesse momento, Ralph, com apenas 10 anos, matara um dos homens de armas, demonstrando os reflexos rápidos e implacáveis que tão bem o serviram, anos mais tarde, nas guerras francesas. Thomas liquidara o outro homem, não sem antes sofrer o ferimento que redundara na perda de seu braço esquerdo, apesar – ou talvez por causa – do tratamento que recebera no hospital do priorado de Kingsbridge. Em seguida, Merthin ajudara Thomas a enterrar a carta.

"Bem aqui", dissera Thomas. "Diante do carvalho."

Havia um segredo, Merthin sabia agora, um segredo tão poderoso que pessoas poderosas tinham pavor de que fosse revelado. O segredo proporcionava proteção a Thomas, mas mesmo assim ele procurara santuário num mosteiro, onde passara o resto de sua vida.

"Se souber que eu morri, gostaria que abrisse o buraco e entregasse a carta a um padre", dissera Thomas ao menino Merthin.

Merthin, o homem, ergueu a espada e começou a cavar.

Não tinha certeza se era mesmo essa a intenção de Thomas. A carta enterrada fora uma precaução para que ele não morresse de forma violenta em vez de falecer de causas naturais aos 58 anos. Será que ainda gostaria que a carta fosse desenterrada? Merthin não sabia. Decidiria o que fazer quando lesse a carta. Sentia uma curiosidade irresistível pelo conteúdo.

Sua memória do local exato em que enterrara a bolsa com a carta não era perfeita, e ele errou na primeira tentativa. Escavou quase meio metro antes de perceber: tinha certeza de que o buraco não fora aberto além dos 30 centímetros. Tentou de novo, um pouco para a esquerda.

E dessa vez acertou.

Trinta centímetros abaixo da superfície, a pá bateu em alguma coisa que não era terra. Era mole, mas resistente. Largou a pá de lado e enfiou os dedos no buraco. Sentiu um pedaço de couro antigo, apodrecido. Com todo o cuidado, retirou a terra ao redor e ergueu o objeto. Era a bolsa de couro que Thomas levava no cinto tantos anos antes.

Limpou as mãos sujas de terra na túnica e abriu a bolsa. Lá dentro havia um saco de lã oleada, ainda intacto. Afrouxou o cordão para abrir o saco. Tirou uma folha de pergaminho, enrolada e lacrada com cera.

Merthin a manuseou com o maior cuidado, mas mesmo assim a cera se esfarelou quando a tocou. Desenrolou o pergaminho. Estava intacto: sobrevivera muito bem a 34 anos debaixo da terra.

Compreendeu no mesmo instante que não era um documento oficial, mas, sim, uma carta pessoal. Pela letra, dava para perceber que fora escrita com todo o cuidado por um nobre instruído, porque não parecia a caligrafia de um escrivão experiente.

Começou a ler. A saudação dizia:

De Eduardo, o segundo desse nome, rei da Inglaterra, no castelo de Berkele; pela mão de seu fiel servidor, sir Thomas Langley, para seu amado filho mais velho, Eduardo, saudação real e amor paternal.

Merthin ficou assustado. Era uma mensagem do velho rei para o novo. A mão que segurava o documento tremia agora. Ergueu os olhos e esquadrinhou a paisagem verde ao redor, como se pudesse haver alguém espiando através das moitas.

Meu amado filho, você ouvirá em breve a notícia de que eu morri. Saiba que não é verdade.

Merthin franziu o cenho. Não era isso que esperava.

Sua mãe, a rainha, a esposa de meu coração, corrompeu e subverteu Roland, o conde de Shiring, e seus filhos, que mandaram assassinos para cá, mas fui avisado por Thomas e os assassinos foram mortos.

Portanto, Thomas não fora o assassino, no final das contas, mas o salvador do rei.

Sua mãe, depois de fracassar na tentativa de me matar, vai sem dúvida tentar de novo, pois ela e seu consorte adúltero não podem se sentir seguros enquanto eu estiver vivo. Por isso, troquei de roupa com um dos assassinos abatidos, um homem da minha altura e aparência, e subornei várias pessoas para que jurassem que o corpo morto era o meu. Sua mãe saberá a verdade quando o vir, mas aceitará a farsa, pois, se eu for considerado morto, não serei mais uma ameaça para ela e nenhum rebelde ou rival na disputa pelo trono poderá reivindicar meu apoio.

Merthin estava espantado. A nação pensara que Eduardo II havia morrido. Toda a Europa fora enganada. Mas o que acontecera com ele depois?

Não direi para onde planejo ir, mas saiba que tenciono deixar o reino da Inglaterra e nunca mais voltar. Apesar disso, rezo para tornar a vê-lo, meu filho, antes de morrer.

Por que Thomas enterrara aquela carta em vez de entregá-la? Porque temera por sua vida e concluíra que a carta era uma arma poderosa em sua defesa. E, depois que a rainha Isabella se comprometeu com a farsa da morte do marido, precisava lidar com as poucas pessoas que conheciam a verdade. Merthin recordou então que o conde de Kent, quando ele ainda era adolescente, fora condenado por traição e decapitado, por alegar que Eduardo II ainda estava vivo.

A rainha Isabella enviara homens atrás de Thomas e eles o haviam alcançado nos arredores de Kingsbridge. Mas o cavaleiro os liquidara, com a ajuda de Ralph, um menino de 10 anos. Depois, Thomas devia ter ameaçado denunciar toda a farsa... e tinha uma prova, a carta do velho rei. Naquela noite, deitado no hospital do priorado de Kingsbridge, Thomas negociara com a rainha ou, mais provavelmente, com o conde Roland e seus filhos, na qualidade de agentes dela. Prometera guardar o segredo sob a condição de ser aceito como monge. Ele se sentiria mais seguro no mosteiro... e, para o caso de a rainha se sentir tentada a romper o acordo, deveria ter avisado que a carta fora escondida em lugar seguro, mas que seria revelada se morresse. Era o motivo para que a rainha precisasse deixá-lo vivo.

O velho prior Anthony soubera de alguma coisa. Antes de morrer, contara para madre Cecilia, que, por sua vez, em seu leito de morte, repetira parte da história para Caris. As pessoas podiam guardar segredos por décadas, refletiu Merthin, mas se sentiam compelidas a dizer a verdade quando a morte era iminente. Caris também vira o documento incriminador que concedia Lynn Grange ao priorado sob a condição de Thomas ser aceito como monge. Merthin agora compreendia por que as indagações dissimuladas de Caris sobre aquele documento haviam causado tantos problemas. Sir Gregory Longfellow persuadira Ralph a entrar no mosteiro e roubar todos os cartulários na esperança de encontrar a carta incriminadora.

O poder destrutivo daquela folha de velino fora atenuado com a passagem do tempo? Isabella tivera uma longa vida, mas morrera três anos antes. O próprio Eduardo II estava quase certamente morto... senão contaria 77 anos agora. Eduardo III ainda temia a revelação de que o pai continuava vivo enquanto o mundo pensava que ele havia morrido? Era um rei muito forte agora para ser seriamente ameaçado, mas enfrentaria grande constrangimento e humilhação.

Mas o que Merthin devia fazer?

Ele permaneceu onde estava, sentado na relva da clareira na floresta, entre flores silvestres, por longo tempo. Por fim enrolou o pergaminho, tornou a guardá-lo no saco e pôs o saco na velha bolsa de couro.

Largou a bolsa no fundo do buraco e o tapou. Também tapou o primeiro buraco, o errado. Alisou a terra por cima de ambos. Tirou algumas folhas dos galhos e as espalhou diante do velho carvalho. Ficou satisfeito com o resultado: as escavações não eram mais perceptíveis a um olhar casual.

Depois deixou a clareira e voltou para casa.

90

No final de agosto, o conde Ralph fez uma excursão por suas propriedades em torno de Shiring, acompanhado por seu antigo comparsa, sir Alan Fernhill, e pelo filho recém-descoberto, Sam. Ele gostava da companhia de Sam, que já era crescido. Os outros, Gerry e Roley, ainda eram muito jovens para aquele tipo de excursão. Sam não sabia sobre sua paternidade, mas Ralph acalentava o segredo com prazer.

Ficaram horrorizados pelo que viam ao redor. Centenas de servos de Ralph estavam mortos ou morrendo, o trigo apodrecia nos campos sem ser colhido. Enquanto viajavam de um lugar para outro, a raiva e a frustração de Ralph foram aumentando. Seus comentários sarcásticos intimidavam os companheiros e sua irritação deixava o cavalo irrequieto.

Em cada aldeia, além das terras que eram ocupadas pelos servos, havia alguns acres que eram exclusivamente de uso pessoal do conde. Deveriam ser cultivados por seus empregados e pelos servos obrigados a trabalhar para ele um dia por semana. Eram justamente as terras que se encontravam em piores condições. Muitos de seus empregados haviam morrido, o que também acontecera com alguns dos servos que lhe deviam trabalho; outros servos haviam negociado condições mais favoráveis depois da última peste e, por isso, não tinham mais de trabalhar para o senhor; e, finalmente, era impossível encontrar trabalhadores para contratar.

Quando chegou a Wigleigh, Ralph foi direto para os fundos do solar e deu uma olhada no enorme celeiro de madeira. Àquela altura, deveria estar abarrotado de cereais para a moagem, mas se encontrava vazio, com uma gata dando à luz uma ninhada no canto.

– O que teremos para fazer o pão? – berrou para Nathan Reeve. – Sem

cevada para fazer a cerveja, o que vamos beber? Por Deus, é melhor você ter um plano!

Nate reagiu de maneira um tanto brusca:

– Tudo o que podemos fazer é redistribuir as faixas de terra.

Ralph se surpreendeu com a rispidez. Nate era normalmente um bajulador. Ele lançou um olhar furioso para o jovem Sam, e Ralph entendeu o motivo do comportamento do verme. Nate odiava Sam por ter matado seu filho, Jonno. Em vez de punir Sam, Ralph primeiro o perdoara e depois o fizera um escudeiro. Não era de admirar que Nate se mostrasse ressentido.

– Deve haver alguns jovens na aldeia capazes de cultivar alguns acres extras.

– Há, sim, só que não querem pagar a taxa de transferência.

– Querem a terra de graça?

– Isso mesmo. Podem ver que você tem terra demais e não dispõe de trabalhadores em quantidade suficiente para cultivar tudo. Sabem que estão em posição vantajosa para negociar.

No passado, Nate era sempre o primeiro a condenar a arrogância dos camponeses, mas agora parecia estar se divertindo com o dilema de Ralph.

– Agem como se a Inglaterra pertencesse a eles, não à nobreza – esbravejou Ralph, furioso.

– É vergonhoso, milorde – disse Nate, mais polido, com uma expressão insidiosa surgindo em seu rosto. – Por exemplo, o filho de Wulfric, Davey, quer se casar com Amabel e assumir as terras da mãe dela. Faz sentido. Afinal, Annet nunca foi capaz de cultivar direito suas terras.

– Meus pais não pagariam a taxa de transferência – interveio Sam. – São contra o casamento.

– Mas o próprio Davey poderia pagar – disse Nate.

Ralph ficou surpreso.

– Como?

– Ele vendeu aquela colheita nova que plantou na floresta.

– Garança. É evidente que não fizemos um trabalho meticuloso para pisotear tudo. Quanto ele ganhou?

– Ninguém sabe. Mas Gwenda comprou uma vaca leiteira de pouca idade e Wulfric tem uma faca nova... e Amabel usava um lenço amarelo para cobrir a

cabeça na igreja no domingo.

E um polpudo suborno foi oferecido a Nate, pensou Ralph.

– Detesto recompensar a desobediência de Davey – disse. – Mas estou desesperado. Deixe-o ficar com as terras.

– Teria de lhe conceder uma permissão especial para se casar contra a vontade dos pais.

Davey pedira isso a Ralph, que recusara. Mas isso ocorrera antes de a peste dizimar os camponeses. Ele não gostava de revogar tais decisões, mas era um preço baixo a pagar.

– Eu lhe darei permissão.

– Está certo.

– Mas vamos visitá-lo. Quero fazer a oferta pessoalmente.

Nate ficou surpreso, mas é claro que não fez nenhuma objeção.

A verdade era que Ralph queria ver Gwenda de novo. Havia alguma coisa nela que o deixava com a garganta ressequida. O último encontro, na pequena cabana de caça, não o satisfizera por muito tempo. Pensara em Gwenda com bastante frequência nas semanas desde então. Encontrava pouca satisfação hoje em dia com o tipo de mulher que normalmente levava para a cama: prostitutas jovens, mulheres de taverna, criadas. Todas fingiam estar encantadas com seus avanços, embora ele soubesse que elas só queriam o presente em dinheiro que vinha depois. Gwenda, em contraste, não escondia o fato de que o detestava e sentia calafrios ao seu contato. E isso o agradava, de forma paradoxal, porque era honesto e, portanto, real. Depois do encontro na cabana de caça, Ralph lhe dera uma bolsa com moedas de prata. Gwenda a jogara em cima dele com tanta força que machucara seu peito.

– Eles estão em Brookfield hoje, recolhendo a cevada colhida – informou Nate. – Eu os levarei até lá.

Ralph e seus homens deixaram a aldeia atrás de Nate. Subiram pela margem do córrego à beira do campo. Sempre ventava em Wigleigh, mas hoje a brisa de verão era suave e quente, como os seios de Gwenda.

Algumas faixas de terra ali haviam sido colhidas, mas em outras Ralph se desesperou ao ver a aveia madura demais, a cevada envolvida pelas ervas daninhas e uma faixa de centeio que fora ceifado, mas não enfeixado, de tal

forma que a colheita se espalhava pelo chão.

Um ano antes, Ralph pensara que todos os seus problemas financeiros haviam acabado. Voltara da mais recente guerra francesa com um cativo, o *marquis* de Neuchatel, e negociara um resgate de 50 mil libras. Mas a família do marquês não conseguira levantar o dinheiro. Algo parecido acontecera com o rei francês, Jean II, capturado pelo príncipe de Gales na batalha de Poitiers. O rei Jean permanecera em Londres por quatro anos, tecnicamente como prisioneiro, embora vivendo em conforto no Savoy, o novo palácio construído pelo duque de Lancaster. Ralph mandara Alan Fernhill a Neuchatel para renegociar o resgate do prisioneiro. Alan reduzira o preço para 20 mil libras, mas outra vez a família não fora capaz de pagar. Pouco depois, o marquês morrera da peste. Por isso, Ralph estava insolvente de novo e tinha de se preocupar com a colheita.

Era meio-dia. Os camponeses almoçavam ao lado do campo. Gwenda, Wulfric e Davey estavam sentados no chão, à sombra de uma árvore, comendo carne de porco com cebolas cruas. Levantaram-se de um pulo quando os cavalos se aproximaram. Ralph seguiu até a família de Gwenda e acenou para que os outros mantivessem distância.

Gwenda usava um vestido verde solto que ocultava seu corpo. Os cabelos estavam presos atrás, o que deixava seu rosto ainda mais parecido com o de um rato. Mas, quando Ralph a fitou, em sua imaginação a viu nua, pronta, à sua espera, com um ar de repulsa resignada pelo que ele estava prestes a fazer, e isso o deixou excitado.

Ralph olhou para o marido dela. Wulfric o fitava com uma expressão serena, nem de desafio nem intimidada. Havia agora fios brancos na barba de um castanho-claro, mas ainda não crescera nenhum cabelo na cicatriz deixada pela espada de Ralph.

– Wulfric, seu filho quer se casar com Amabel e assumir as terras de Annet.

Gwenda, que nunca aprendera a falar apenas quando lhe dirigiam a palavra, interveio com evidente amargura:

– Você me roubou um filho... Quer levar o outro agora?

Ralph a ignorou.

– Quem pagará o *heriot*?

Nate deu o valor:

– São 30 xelins.

– Não tenho 30 xelins – declarou Wulfric.

– Posso pagar – disse Davey com a maior calma.

Ele deve ter ganhado um bom dinheiro com sua colheita de garança, pensou Ralph, para se dispor a pagar essa alta quantia com tanta calma.

– Ótimo. Nesse caso...

Mas, antes que Ralph pudesse continuar, Davey o interrompeu:

– Mas em que condições faz a oferta?

Ralph sentiu que seu rosto ficava vermelho.

– Como assim?

Nate interveio de novo:

– Nas mesmas condições em que Annet detém as terras, é claro.

– Então agradeço ao conde, mas não aceitarei sua generosa oferta – declarou Davey.

– Mas do que está falando? – indagou Ralph.

– Eu gostaria de assumir a terra, milorde, mas apenas como arrendatário livre, pagando a renda em dinheiro, sem as outras obrigações.

– Como ousa regatear com o conde de Shiring, seu filhote de cão insolente? – rugiu sir Alan, de forma ameaçadora.

Davey estava assustado, mas manteve a atitude de desafio:

– Não desejo ofender, milorde. Mas quero ter liberdade para cultivar o que puder vender. Não quero cultivar apenas o que Nate Reeve determina, independentemente dos preços de mercado.

Davey herdara a veia de determinação obstinada de Gwenda, pensou Ralph, que disse, furioso:

– Nate expressa meus desejos! Acha que sabe mais do que o conde?

– Perdoe, milorde, mas o senhor não ara a terra nem vai ao mercado.

Alan estendeu a mão para o punho da espada. Ralph percebeu que Wulfric olhava para a foice no chão, a lâmina afiada faiscando ao sol. Do outro lado de Ralph, o cavalo de Sam se agitou, nervoso, refletindo a tensão do cavaleiro. Se houvesse uma luta, pensou Ralph, Sam lutaria por seu lorde ou por sua família?

Ralph não queria uma luta. Queria que a colheita fosse feita; matar camponeses tornaria isso ainda mais difícil. Ele conteve Alan com um gesto.

– É assim que a peste destrói a moral – comentou ele, repugnado. – Eu lhe darei o que quer, Davey, porque devo.

Davey engoliu em seco.

– Por escrito, milorde? – indagou.

– Está exigindo também um aforamento?

Davey acenou com a cabeça em confirmação, assustado demais para falar.

– Duvida da palavra de seu conde?

– Não, milorde.

– Então por que pede um arrendamento por escrito?

– Para evitar dúvidas em anos futuros.

Todos diziam isso quando pediam um aforamento: o registro nos livros do solar. O que eles queriam dizer era que o senhor não poderia facilmente alterar os termos se o arrendamento estivesse escrito. Era mais uma afronta às tradições consagradas pelo tempo. Ralph não queria fazer mais uma concessão, mas outra vez não tinha alternativa se queria que a colheita fosse feita.

E foi então que pensou numa maneira de aproveitar aquela situação para obter uma coisa que queria. Reanimou-se no mesmo instante.

– Está bem. Darei um arrendamento por escrito. Mas não quero que os homens deixem os campos durante a colheita. Sua mãe pode ir buscar o documento em Earlscastle na próxima semana.

Gwenda seguiu a pé para Earlscastle num dia quente, sufocante. Sabia o que Ralph queria, e a perspectiva a deixava desesperada. Ao atravessar a ponte levadiça para o castelo, as gralhas pareceram rir com ironia de sua situação angustiante.

O sol esquentava, implacável, o castelo, com as muralhas bloqueando a passagem de qualquer brisa. Os escudeiros estavam empenhados em algum jogo diante do estábulo. Sam se encontrava entre eles, absorto demais para notar a presença de Gwenda.

Haviam amarrado um gato num poste, no nível dos olhos, de modo que o animal mexesse a cabeça e as pernas. Um escudeiro tinha de matar o gato com as

mãos amarradas nas costas. Gwenda já vira esse jogo. A única maneira de o escudeiro alcançar seu objetivo era atingir o pobre animal com uma cabeçada, mas o gato naturalmente se defendia, arranhando e mordendo o rosto do atacante.

O desafiante, um garoto em torno dos 16 anos, se mantinha a alguma distância do poste, observado pelo gato apavorado. O garoto avançou com a cabeça num movimento repentino. A testa acertou em cheio o peito do gato, mas o animal reagiu com as garras estendidas. O escudeiro soltou um grito de dor e pulou para trás, o sangue escorrendo pelas faces. Todos os outros escudeiros caíram na gargalhada. Enfurecido, o desafiante avançou e deu outra cabeçada no gato. Foi arranhado de forma ainda pior e tornou a gritar de dor, o que os outros acharam ainda mais engraçado. Chegando mais perto, simulou um ataque, o gato agitou as patas no ar e o escudeiro acertou uma cabeçada em cheio na sua cabeça. O sangue esguichou da boca e das narinas do gato, que arriou, inconsciente, embora ainda respirando. O garoto lhe deu uma cabeçada final para matá-lo e os outros gritaram e bateram palmas.

Gwenda ficou nauseada. Não gostava muito de gatos – preferia cachorros –, mas era sempre desagradável ver uma criatura desamparada ser atormentada. Calculou que os rapazes tinham de fazer aquele tipo de coisa como preparativo para mutilar e matar seres humanos na guerra. Mas precisava mesmo ser assim?

Ela seguiu adiante sem falar com o filho. Suada, atravessou a segunda ponte e subiu os degraus para a torre. Ainda bem que o vasto saguão estava fresco.

Estava contente por não ter sido vista por Sam. Esperava evitá-lo tanto quanto possível. Não queria que ele desconfiasse de que havia alguma coisa errada. Sam não era muito sensível a essas coisas, mas poderia perceber a aflição da mãe.

Ela comunicou ao chefe da recepção no saguão por que estava ali e ele prometeu avisar ao conde.

– Lady Philippa está no castelo?

Gwenda acalentava alguma esperança de que Ralph pudesse se sentir inibido pela presença da esposa. Mas o homem balançou a cabeça.

– Ela está em Monmouth, com a filha.

Gwenda assumiu uma expressão sombria e se sentou para esperar. Não podia

deixar de pensar em seu encontro com Ralph na cabana de caça. Ao olhar para a parede cinza do vasto saguão, ela o viu a observá-la enquanto se despia, a boca entreaberta em expectativa. Enquanto a intimidade do sexo era uma alegria com o homem que ela amava, era repulsiva com o homem que ela odiava.

Na primeira vez em que Ralph a coagira, havia mais de vinte anos, seu corpo a traíra. Sentira prazer físico embora experimentasse ao mesmo tempo uma repulsa espiritual. O mesmo ocorrera com Alwyn, o salteador da floresta. Mas não se repetira dessa vez, com Ralph, na cabana de caça. Ela atribuíra a mudança à idade. Quando era jovem, cheia de desejo, o ato físico desencadeava uma reação automática. Era inevitável embora a deixasse ainda mais envergonhada. Agora, na maturidade, o corpo não era tão vulnerável, o reflexo não era tão imediato. Podia pelo menos se sentir agradecida por isso.

A escada no outro lado do salão levava aos aposentos do conde. Homens subiam e desciam a todo instante: cavaleiros, empregados, arrendatários, bailios. Após uma hora, o chefe da recepção avisou que ela podia subir.

Gwenda teve medo de que Ralph quisesse fazer sexo logo, mas ficou aliviada ao descobrir que ele tinha um dia movimentado. Com ele estavam sir Alan e dois padres escriturários, sentados a uma mesa com materiais de escrita. Um dos escriturários lhe entregou um pequeno pergaminho.

Ela não o examinou. Não sabia ler.

– Pronto – disse Ralph. – Agora seu filho é um arrendatário livre. Não é isso que você sempre quis?

Ela sonhara com a liberdade para si mesma, como Ralph sabia. Jamais conseguira. Mas Ralph tinha razão, Davey conquistara agora essa liberdade. Isso significava que sua vida não fora completamente desprovida de propósito. Seus netos seriam livres e independentes, cultivando as colheitas que escolhessem, pagando a renda e ficando com todo o resto que ganhassem. Nunca conheceriam a existência miserável de pobreza e fome em que Gwenda nascera.

Isso valia tudo por que passara? Ela não sabia.

Gwenda pegou o pergaminho e se encaminhou para a porta. Alan foi atrás e disse, em voz baixa, no momento em que ela saía:

– Passe a noite aqui, no saguão. – O grande saguão era o lugar em que dormia a maioria dos residentes do castelo. – Amanhã, esteja na cabana de caça

duas horas depois do meio-dia.

Ela tentou sair sem responder. Alan estendeu o braço para barrar sua passagem.

– Entendido?

– Está bem. Estarei lá à tarde.

Ele a deixou passar.



Ela não falou com Sam até o anoitecer. Os escudeiros passaram a tarde inteira empenhados em diversas atividades violentas. Gwenda ficou contente por contar com aquele tempo só para si mesma. Sentou no saguão fresco, sozinha com seus pensamentos. Tentou racionalizar que não era nada de mais ter uma relação sexual com Ralph. Não era mais uma virgem, no final das contas. Estava casada havia vinte anos. Fizera sexo milhares de vezes. Tudo acabaria em poucos minutos e não deixaria cicatrizes. Faria aquilo e esqueceria.

Até a próxima vez.

Isso era o pior de tudo. Ele poderia continuar a coagi-la indefinidamente. Sua ameaça de revelar o segredo da paternidade de Sam a deixaria apavorada enquanto Wulfric fosse vivo.

Mas Ralph se cansaria dela em breve e voltaria a procurar prazer nos corpos firmes das jovens das tavernas, não é?

– O que há com você? – perguntou Sam ao crepúsculo quando os escudeiros entraram no salão para jantar.

– Não é nada de mais. Davey comprou uma vaca leiteira para mim.

Sam se mostrou um pouco invejoso. Gostava da vida que levava, mas os escudeiros não eram remunerados. Não precisavam de dinheiro – recebiam comida, bebida, acomodações, roupas –, mas, mesmo assim, um jovem gostava de ter alguns *pence* no bolso. Conversaram sobre o iminente casamento de Davey.

– Você e Annet serão avós dos mesmos netos – comentou Sam. – Terá de fazer as pazes com ela.

– Não seja estúpido – disse Gwenda, ríspida. – Você não sabe do que está

falando.

Ralph e Alan desceram dos aposentos de cima quando o jantar foi servido. Todos os visitantes e residentes se reuniram no saguão. O pessoal da cozinha trouxe três enormes lúcios cozidos com ervas. Gwenda sentou perto da extremidade da mesa, bem longe de Ralph, que não lhe dispensou qualquer atenção.

Depois do jantar, ela se deitou para dormir na palha no chão, ao lado de Sam. Era um conforto dormir em companhia do filho, como fazia quando ele era pequeno. Ela lembrou como ficava escutando a respiração de Sam, leve e contente, no silêncio da noite. Sonolenta, pensou na maneira como as crianças cresciam para desafiar as expectativas dos pais. O próprio pai a via como uma mercadoria a ser negociada, mas ela se recusara, furiosa, a ser tratada dessa maneira. Agora, cada um de seus filhos seguia o próprio rumo na vida, e, nos dois casos, não tinha sido o que ela planejara. Sam seria um cavaleiro e Davey se casaria com a filha de Annet. Se soubéssemos como eles seriam, pensou, ficaríamos tão ansiosos para tê-los?

Ela sonhou que ia à cabana de caça e descobria que Ralph não estava ali. Mas havia um gato na cama. Sabia que precisava matar o gato, mas tinha as mãos amarradas nas costas e, por isso, desferiu várias cabeçadas até que o animal morresse.

Quando acordou, pensou se poderia matar Ralph na cabana de caça. Matara Alwyn, tantos anos antes, enfiando a própria adaga dele pela garganta e empurrando para cima até que a ponta saíra por um olho. Também matara Sim Chapman, mantendo sua cabeça debaixo d’água enquanto ele se debatia até que a água do rio entrara em seus pulmões e ele morrera. Caso Ralph fosse sozinho à cabana de caça, ela poderia matá-lo se escolhesse o momento apropriado.

Mas ele não estaria sozinho. Os condes nunca iam sozinhos a lugar nenhum. Ralph seria acompanhado por Alan, como na ocasião anterior. Era excepcional que ele viajasse com apenas um companheiro. E improvável que não levasse ninguém.

Poderia matar os dois? Ninguém mais sabia que ela se encontraria com Ralph ali. Se os matasse e voltasse para casa, não seria sequer suspeita. Ninguém sabia de seu motivo; era um segredo, desde o início. Alguém poderia concluir

que ela estivera nas proximidades da cabana de caça na ocasião, mas apenas perguntariam se ela vira homens de aparência suspeita. Não ocorreria a ninguém que o enorme e forte Ralph pudesse ser assassinado por uma mulher pequena de meia-idade.

Mas ela seria capaz? Gwenda pensou a respeito, mas sabia, no fundo de seu coração, que não havia a menor possibilidade. Os dois eram homens violentos, experientes. Durante vinte anos participaram de guerras, a mais recente a campanha no inverno retrasado. Tinham reflexos rápidos e suas reações eram mortíferas. Muitos cavaleiros franceses haviam tentado matá-los... e morreram tentando.

Ela até poderia matar um, usando de astúcia e surpresa, mas não os dois. Teria de se submeter a Ralph.

Sombria, Gwenda deixou o saguão, lavou o rosto e as mãos. Quando retornou, o pessoal da cozinha já estava servindo pão de centeio e cerveja fraca como primeira refeição. Sam molhava o pão velho na cerveja para amolecê-lo.

– Você está de novo com aquela cara estranha, mãe. Qual é o problema?

– Nada. – Ela pegou a faca e cortou uma fatia de pão. – Tenho uma longa caminhada pela frente.

– É isso que a preocupa? Não deveria ir sozinha. A maioria das mulheres não viaja sozinha.

– Sou mais dura do que a maioria das mulheres.

Gwenda ficou satisfeita pelo fato de o filho demonstrar preocupação com ela. Era uma coisa que o verdadeiro pai dele, Ralph, nunca faria. Wulfric tivera alguma influência sobre o menino, no final das contas. Mas ela ficou constrangida por Sam ter lido sua expressão e adivinhado seu estado de espírito.

– Não precisa se preocupar comigo.

– Eu poderia ir com você – propôs Sam. – Tenho certeza de que o conde permitiria. Ele não precisa dos escudeiros hoje: vai a algum lugar com Alan Fernhill.

Era a última coisa que ela queria. Se não comparecesse ao encontro, Ralph revelaria o segredo. Podia imaginar o prazer com que ele faria isso. Não precisaria de muita provocação.

– Fique aqui. Nunca se sabe quando o conde vai chamá-lo.

– Ele não vai me chamar. É melhor eu ir com você.

– Eu o proíbo terminantemente. – Gwenda pôs na boca mais um pedaço de pão e guardou o resto na bolsa. – Você mostra que é um bom rapaz ao se preocupar comigo, mas não é necessário.

Ela o beijou no rosto e acrescentou:

– Cuide-se bem. Não corra riscos desnecessários. Se quer fazer alguma coisa por mim, permaneça vivo.

Ela se afastou. Virou-se ao chegar à porta. Sam a observava, pensativo. Gwenda se forçou, antes de sair, a lhe oferecer o que esperava ser um sorriso despreocupado.



Na estrada, Gwenda começou a se preocupar com a possibilidade de alguém descobrir sua ligação com Ralph. Essas coisas sempre davam um jeito de vazar. Encontrara-o uma vez, estava prestes a fazê-lo novamente e temia que pudesse haver outras ocasiões. Quanto tempo levaria para que alguém a visse deixando a estrada e entrando na floresta em determinado ponto da jornada, e começasse a imaginar por quê? E se alguém por acaso entrasse na cabana de caça no momento errado? Quantas pessoas notariam que Ralph saía sozinho com Alan sempre que Gwenda viajava de Earlscastle para Wigleigh?

Ela parou numa taverna pouco antes de meio-dia e pediu cerveja com queijo. Os viajantes costumavam sair dali em grupos, por segurança, mas Gwenda fez questão de se demorar para ter certeza de que estaria sozinha na estrada. Quando chegou o momento de entrar na floresta, olhou para a frente e para trás, para se certificar de que ninguém a observava. Teve a impressão de divisar um movimento entre as árvores, cerca de 1 quilômetro para trás. Espiou atentamente para a distância nebulosa, tentando divisar com mais nitidez o que percebera, mas não havia ninguém ali. Ela estava apenas nervosa.

Pensou outra vez em matar Ralph enquanto avançava pelo mato rasteiro. Se Alan não estivesse ali, por um golpe de sorte, poderia ter uma oportunidade? Mas Alan era a única pessoa no mundo que sabia que ela se encontraria ali com Ralph. Se Ralph fosse assassinado, Alan saberia quem fora a assassina. Teria de

matá-lo também. E isso parecia impossível.

Havia dois cavalos diante da cabana de caça. Ralph e Alan estavam sentados a uma pequena mesa, com os restos de uma refeição à frente: metade de um pernil, um osso, a casca de um queijo e um frasco de vinho. Gwenda fechou a porta depois de entrar.

– Aqui está ela, como foi combinado – disse Alan com um ar de satisfação.

Era evidente que ele recebera a incumbência de atraí-la para o encontro e ficara aliviado ao constatar que Gwenda obedecera às suas ordens.

– Perfeita para sua sobremesa – acrescentou. – Como uma passa, um pouco enrugada mas doce.

– Por que não ordena que ele saia? – perguntou Gwenda a Ralph.

Alan se levantou.

– Sempre um comentário insolente. Você nunca vai aprender?

Mas se retirou. Foi para a cozinha, batendo a porta. Ralph sorriu.

– Venha aqui.

Ela se aproximou, obediente.

– Direi a Alan para não ser tão rude se você quiser – acrescentou Ralph.

– Por favor, não faça isso! – exclamou ela, horrorizada. – Se Alan começar a ser simpático comigo, as pessoas vão desconfiar.

– Como preferir. – Ralph pegou sua mão e tentou puxá-la. – Sente-se no meu colo.

– Não podemos apenas fazer sexo e acabar logo com isso?

Ele riu.

– É o que aprecio em você... sempre franca e honesta.

Ralph se levantou, segurou-a pelos ombros e a fitou nos olhos. Depois, inclinou a cabeça e a beijou.

Era a primeira vez que ele fazia isso. Já haviam feito sexo duas vezes sem nenhum beijo. Gwenda ficou revoltada. Enquanto os lábios de Ralph comprimiam os seus, sentiu-se mais violada até do que no momento em que ele a penetrava com o pênis. Ele abriu a boca e Gwenda sentiu o bafo de queijo. Desvencilhou-se, repugnada.

– Não!

– Lembre-se do que tem a perder.

– Não faça isso, por favor.

Ralph começou a se irritar.

– Terei você de qualquer maneira! – gritou. – Tire o vestido!

– Por favor, deixe-me ir embora.

Ele começou a dizer alguma coisa, mas Gwenda elevou a voz. As paredes eram finas, e ela sabia que Alan, na cozinha, poderia ouvi-la suplicando, mas não se importava.

– Não me obrigue, eu imploro!

– Não me importa o que você diga! – gritou Ralph. – Vá para a cama!

– Por favor, não me obrigue!

A porta da frente foi aberta nesse instante. Gwenda e Ralph se viraram para olhar, aturdidos. Sam estava à porta.

– Oh, Deus, não! – balbuciou Gwenda.

Os três permaneceram paralisados por uma fração de segundo. Nesse momento, Gwenda adivinhou o que acontecera. Sam estava preocupado com ela e, desobedecendo às suas ordens, a seguira desde Earlscastle, permanecendo fora de vista, mas nunca muito atrás. Vira quando ela deixara a estrada e entrara na floresta. Ela percebera um movimento quando olhara para trás, mas o descartara como uma mera impressão de sua imaginação.

Sam devia ter ficado lá fora e ouvido os gritos. E devia ser óbvio que Ralph estava forçando Gwenda a fazer sexo contra a vontade. Recordando tudo num relance, ela compreendeu que eles não haviam mencionado o verdadeiro motivo para que ela se subjugasse. O segredo não fora revelado... ainda.

Sam sacou sua espada.

Ralph se levantou de um pulo. Enquanto Sam avançava, ele conseguiu também desembainhar sua espada. Sam desferiu um golpe contra a cabeça de Ralph, que ergueu sua espada a tempo de apará-lo.

O filho de Gwenda estava tentando matar o pai.

Sam corria um terrível perigo. Pouco mais que um menino, enfrentava um soldado calejado em batalha.

– Alan! – gritou Ralph.

Gwenda compreendeu que Sam tinha de enfrentar não apenas um, mas dois veteranos. Ela correu para o outro lado. Enquanto a porta da cozinha era aberta,

Gwenda se postou ao lado, comprimindo-se contra a parede. Tirou a adaga comprida do cinto.

Alan entrou na sala.

Olhou para os combatentes, mas não viu Gwenda. Hesitou por um instante, apreendendo a cena. A espada de Sam tornou a cortar o ar visando ao pescoço de Ralph, que outra vez aparou o golpe com sua espada.

Alan percebeu à primeira vista que seu amo estava sob um ataque furioso. Estendeu a mão para o cabo da espada e deu um passo à frente. E foi então que Gwenda o apunhalou pelas costas.

Ela enfiou a adaga comprida e a empurrou para cima com toda a força de que era capaz, com o vigor de uma camponesa que trabalhava nos campos. A adaga passou pelos músculos das costas de Alan e subiu pelo rim, estômago e pulmão, na tentativa de alcançar o coração. A arma tinha cerca de um palmo de comprimento, era pontuda e afiada e foi cortando os órgãos. Porém a morte não foi imediata.

Alan rugiu de dor, mas logo ficou em silêncio. Cambaleou e virou-se para agarrá-la, puxando-a num abraço de luta livre. Gwenda desferiu outro golpe, dessa vez atingindo o estômago e, com o mesmo impulso para cima, atravessando órgãos vitais. O sangue esguichou pela boca de Alan. Ele ficou inerte, os braços caíram pelos lados do corpo. Com uma expressão de absoluta incredulidade, fitou por um momento aquela mulher desprezível que acabara com sua vida. Depois, fechou os olhos e desabou no chão.

Gwenda olhou para os outros dois.

Sam atacou e Ralph aparou; Ralph recuou e Sam avançou. O rapaz golpeou de novo e o conde aparou mais uma vez. O pai se defendia vigorosamente, mas sem atacar.

Ele não queria matar o filho.

Sam, sem saber que o oponente era seu pai, não tinha esses escrúpulos e continuou a atacar, golpeando com sua espada.

Gwenda sabia que aquela situação não poderia durar por muito tempo. Um deles feriria o outro e a luta passaria a ser até a morte. Empunhando a adaga suja de sangue, ela procurou, desesperada, por uma chance de interferir, apunhalando Ralph da mesma maneira que fizera com Alan.

– Espere! – gritou Ralph, erguendo a mão esquerda.

Mas Sam estava furioso demais e continuou a atacar. Ralph aparou o golpe e gritou de novo:

– Espere!

Ele ofegava em razão do esforço, mas conseguiu enunciar algumas palavras:

– Há uma coisa que você não sabe.

– Sei o suficiente! – berrou Sam.

Gwenda pôde ouvir o tom de histeria infantil na voz do homem enorme. Sam atacou de novo.

– Não sabe, não! – insistiu Ralph.

Gwenda sabia o que Ralph queria dizer a Sam. Ele ia declarar: “Eu sou seu pai.”

Isso não devia acontecer.

– Precisa me ouvir! – disse Ralph.

Sam finalmente reagiu. Deu um passo para trás, mas sem baixar a espada. Ralph ofegava, recuperando o fôlego para falar, e, quando fez uma pausa, Gwenda avançou para ele.

Ele se voltou para enfrentá-la ao mesmo tempo que deslocava a espada para a direita, num arco. A lâmina a atingiu, derrubando a faca de sua mão. Gwenda ficou completamente indefesa. Sabia que morreria se Ralph a golpeasse de novo, no sentido inverso.

Mas, pela primeira vez desde que Sam sacara a espada, a guarda de Ralph se abriu, deixando a frente do corpo indefesa.

Sam avançou e enterrou a espada no peito de Ralph.

A ponta afiada da lâmina passou pela túnica leve de verão de Ralph e penetrou o peito, no lado esquerdo do esterno. Devia ter passado entre duas costelas, pois afundou ainda mais. Sam soltou um grito de triunfo, sedento de sangue, e pressionou a espada. Ralph cambaleou para trás com o impacto. Os ombros bateram na parede. Mas Sam avançou, cravando a espada com toda a sua força. A lâmina pareceu atravessar todo o peito de Ralph. Houve um estranho baque quando a ponta da espada saiu pelas costas dele e atingiu a parede de madeira.

Os olhos de Ralph se fixaram em Sam e Gwenda compreendeu o que ele

pensava. Ralph sabia que o ferimento era fatal. E, nos últimos segundos de sua vida, refletia que fora morto pelo próprio filho.

Sam largou a espada, que não caiu. Estava cravada na parede, empalando Ralph de maneira sinistra. Sam recuou, transtornado.

Ralph ainda não morrera. Tentou erguer os braços, num esforço para segurar a espada e arrancá-la do peito. Mas já não era capaz de coordenar os movimentos. Gwenda pensou, num lampejo angustiante, que ele se parecia com o gato que os escudeiros haviam amarrado no poste.

Ela se abaixou e pegou sua adaga do chão.

E foi nesse instante, por mais incrível que pudesse parecer, que Ralph falou:

– Sam, eu sou...

O sangue esguichou de sua boca, numa golfada repentina, cortando suas palavras.

Graças a Deus, pensou Gwenda.

A torrente de sangue cessou tão depressa quanto começara, e Ralph falou de novo:

– Eu sou...

Dessa vez ele foi impedido de continuar por Gwenda. Ela saltou para a frente e enfiou a adaga na boca de Ralph. Ele soltou um som estrangulado e horrível. A lâmina afundou em sua garganta.

Gwenda largou a adaga e recuou.

Ficou olhando para o que fizera, horrorizada. O homem que a atormentara por tanto tempo estava pregado na parede, como se crucificado, com uma espada através do peito e uma adaga na garganta. Ele não emitiu qualquer som, mas os olhos indicavam que ainda vivia, deslocando-se de Gwenda para Sam e de volta, em agonia, terror e desespero.

Eles ficaram imóveis, olhando para Ralph, em silêncio, esperando. Até que finalmente ele fechou os olhos.

091

A peste desapareceu em setembro. Pouco a pouco o hospital de Caris foi se esvaziando à medida que pacientes morriam sem que novos dessem entrada. Os quartos desocupados foram varridos e lavados. Lenha de juníperos foi acesa nas lareiras, impregnando o hospital com uma intensa fragrância de outono. No início de outubro, a última vítima da peste foi enterrada no cemitério do hospital. Um sol vermelho envolto em névoa subia pela catedral de Kingsbridge no momento em que quatro freiras jovens e fortes baixaram o cadáver amortalhado para o buraco na terra. O corpo era de um tecelão corcunda de Outhenby. Ao contemplar a sepultura, Caris viu sua inimiga antiga, a peste, estendida na terra fria. Não pôde deixar de dizer:

– Você morreu mesmo ou voltará mais uma vez?

Quando as freiras voltaram ao hospital, depois do funeral, não havia nada a fazer.

Caris lavou o rosto, escovou os cabelos e pôs o vestido novo que guardara para aquele dia. Era um vermelho, de Escarlate de Kingsbridge. Depois deixou o hospital, pela primeira vez em meio ano.

Seguiu imediatamente para o jardim de Merthin.

As pereiras projetavam sombras compridas ao sol da manhã. As folhas começavam a avermelhar e encrespar, com uns poucos frutos atrasados ainda pendendo dos galhos, arredondados e castanhos. Arn, o jardineiro, colhia lenha com um machado. Ao avistar Caris, ele ficou a princípio surpreso e assustado; mas depois compreendeu o que significava a presença dela ali e seu rosto se desmanchou num sorriso. Arn largou o machado e correu para a casa.

Na cozinha, Em fazia um mingau num fogo alegre. Olhou para Caris como se fosse uma aparição divina. Ficou tão comovida que beijou as mãos dela.

Ela subiu e entrou no quarto de Merthin.

Ele estava parado à janela, olhando para o rio, que corria além da frente da casa. Virou-se para ela. O coração de Caris quase parou ao contemplar o rosto familiar, irregular, a expressão de inteligência alerta, o humor rápido na contração dos lábios. Os olhos castanho-dourados a miraram com profunda afeição, enquanto a boca se alargava num sorriso de boas-vindas. Merthin não demonstrou qualquer surpresa: já devia ter notado que menos e menos pacientes chegavam ao hospital e aguardava o retorno dela a qualquer hora. Parecia um homem cujas esperanças haviam se realizado.

Caris parou a seu lado na janela. Ele passou o braço por seus ombros. Ela estendeu o braço em torno da cintura de Merthin. Havia mais alguns fios brancos na barba do que seis meses antes e o halo dos cabelos parecia ter recuado mais um pouco, embora talvez fosse apenas sua imaginação.

Por um instante, os dois ficaram olhando para o rio. A superfície se movimentava, interminável, brilhante como um espelho ou de um preto profundo, em padrões irregulares, sempre mudando e sempre igual.

– Acabou – disse Caris. E eles se beijaram.



Merthin anunciou uma Feira de Outono especial para celebrar a reabertura da cidade. Foi realizada na última semana de outubro. A temporada dos negócios com lã já terminara, mas a lã não era mais a principal mercadoria negociada em Kingsbridge. Milhares de pessoas vieram comprar o tecido escarlate pelo qual a cidade se tornara famosa.

No banquete da noite de sábado que inaugurou a feira, a guilda prestou uma homenagem a Caris. Embora Kingsbridge não tivesse escapado totalmente à nova irrupção da peste, sofrera muito menos que outras cidades. Quase todas as pessoas achavam que deviam a vida às precauções de Caris. Ela era uma heroína. Os membros da guilda insistiram em destacar seu trabalho. Madge Webber planejou uma nova cerimônia, em que Caris recebeu uma chave de ouro, simbolizando a chave do portão da cidade. Merthin ficou muito orgulhoso.

No dia seguinte, domingo, Merthin e Caris foram à catedral. Os monges

ainda continuavam em St.-John-in-the-Forest, por isso a missa foi celebrada pelo padre Michael, da igreja paroquial de Saint Peter. Lady Philippa, condessa de Shiring, compareceu.

Merthin não a via desde o funeral de Ralph. Ela não derramara muitas lágrimas pelo falecido marido. O conde, em circunstâncias normais, seria enterrado na catedral de Kingsbridge, mas, como a cidade estava fechada, Ralph fora enterrado em Shiring.

Sua morte permanecia um mistério. O corpo fora encontrado numa cabana de caça, ferido com uma espada no peito. Alan Fernhill estava caído no chão, também morto por ferimentos de uma lâmina. Os dois pareciam ter almoçado juntos, pois ainda havia os restos de uma refeição na mesa. Era evidente que ocorrera uma luta, mas não ficara claro se Ralph e Alan haviam infligido os ferimentos fatais um ao outro ou se mais alguém estivera envolvido. Nada fora roubado: havia dinheiro nos dois corpos, as armas caríssimas continuavam caídas no chão e dois cavalos valiosos pastavam na relva, na clareira. Por causa disso, o juiz de instrução de Shiring optara pela teoria de que haviam matado um ao outro.

Pensando bem, não havia mistério. Ralph fora um homem violento, e não era surpresa para ninguém que sofresse uma morte violenta. Aqueles que vivem pela espada morrerão pela espada, dissera Jesus, embora esse versículo não fosse citado com frequência pelos padres no reinado de Eduardo III. Se qualquer coisa era extraordinária, era o fato de Ralph ter sobrevivido a tantas campanhas militares, a tantas batalhas sangrentas e a tantas cargas da cavalaria francesa para morrer numa briga a poucos quilômetros de sua casa.

Merthin se surpreendera ao chorar no funeral. Não entendera por que sentira tanta tristeza. O irmão fora um homem perverso, que causara muito sofrimento; sua morte era uma bênção. Merthin não tivera qualquer intimidade com Ralph desde que ele assassinara Tilly. O que havia para lamentar? Por fim, Merthin concluiu que lamentava pelo Ralph que poderia ter sido: um homem cuja violência não era impulsiva, mas controlada; cuja agressividade era orientada não pela ambição por glória pessoal, mas sim por um senso de justiça. Talvez tivesse sido possível outrora que Ralph crescesse para se tornar um homem assim. Quando os dois brincavam juntos, aos 5 e 6 anos de idade, pondo para

flutuar barcos de madeira numa poça lamacenta, Ralph não era cruel nem vingativo. Era por isso que Merthin chorava.

Os dois meninos de Philippa haviam comparecido ao funeral e também a acompanhavam hoje. O mais velho, Gerry, era filho de Ralph com a pobre Tilly. O mais jovem, Roley, era visto por todos como filho de Ralph com Philippa, embora na verdade fosse de Merthin. Por sorte, Roley não era um ruivo pequeno e irrequieto como Merthin. Haveria de se tornar alto e distinto como a mãe.

Roley segurava uma pequena escultura de madeira, que ofereceu a Merthin com a maior solenidade. Era um cavalo muito bem-feito para um menino de 10 anos, constatou Merthin. A maioria das crianças esculpiria o animal firmemente apoiado nas quatro patas, mas Roley o fizera em movimento, as pernas em posições diferentes, a crina esvoaçando ao vento. O menino herdara a capacidade do pai verdadeiro para visualizar objetos complexos em três dimensões. Merthin sentiu um inesperado aperto na garganta. Abaixou-se e beijou a testa de Roley.

E deu um sorriso agradecido a Philippa. Imaginou que ela encorajara Roley a lhe dar o cavalo, sabendo o que significaria para ele. Merthin olhou para Caris e percebeu que ela também compreendia o significado, mas ninguém disse nada.

O clima na vasta catedral era de alegria. O padre Michael não era um pregador carismático e disse toda a missa num murmúrio. Mas as freiras cantaram tão lindamente quanto sempre e um sol otimista brilhava através dos vitrais.

Depois, eles circularam pela feira, ao ar fresco do outono. Caris dera o braço a Merthin, e Philippa seguia do outro lado. Os dois meninos iam na frente, enquanto o guarda pessoal e a dama de companhia de Philippa vinham atrás. Os negócios iam bem, constatou Merthin. Os artesãos e mercadores de Kingsbridge já começavam a reconstruir suas fortunas. A cidade se recuperaria daquela epidemia mais depressa do que da anterior.

Os membros mais velhos da guilda circulavam pela feira verificando pesos e medidas. Havia padrões para o peso de um saco de lã, a largura de uma peça de pano, o tamanho de um alqueire, e assim por diante. Por isso, as pessoas sabiam o que compravam. Merthin encorajava os membros da guilda a fazer as verificações ostensivamente, para que os compradores pudessem perceber como

a cidade controlava com cuidado seus mercadores. Se desconfiassem de que alguém trapaceara, enganando os compradores, é claro que fariam uma conferência discreta. E, se a suspeita fosse confirmada, o culpado seria convidado a se retirar.

Os dois filhos de Philippa corriam excitados de uma barraca para a seguinte. Observando Roley, Merthin disse em voz baixa a Philippa:

– Agora que Ralph morreu, há mais algum motivo para que Roley não deva saber a verdade?

Ela ficou pensativa.

– Eu gostaria de poder lhe dizer, mas seria para o bem de Roley ou pelo nosso? Durante dez anos ele acreditou que Ralph era seu pai. Há dois meses ele chorou à beira da sepultura dele. Seria um choque terrível saber agora que é filho de outro homem.

Os dois falavam em voz baixa, mas Caris podia ouvir.

– Concordo com Philippa – disse ela. – Você tem de pensar no menino, não em si mesmo.

Merthin percebeu que o que elas diziam fazia sentido. Era uma pequena tristeza num dia feliz.

– Há outro motivo – acrescentou Philippa. – Gregory Longfellow foi me procurar na semana passada. O rei quer fazer de Gerry o novo conde de Shiring.

– Aos 13 anos? – indagou Merthin.

– O título de conde é sempre hereditário, depois que foi concedido, embora o mesmo não aconteça com os baronatos. Seja como for, eu administraria o condado pelos próximos três anos.

– Como você fez na ocasião quando Ralph se ausentou para lutar contra os franceses. Deve estar aliviada porque o rei não está lhe pedindo para se casar de novo.

Philippa fez uma careta.

– Estou velha demais.

– Roley será o segundo na linha de sucessão do condado desde que guardemos nosso segredo.

Se alguma coisa acontecer a Gerry, pensou Merthin, meu filho se tornará o conde de Shiring. Imagine só.

– Roley seria um bom suserano – comentou Philippa. – É inteligente e muito determinado, mas não cruel como Ralph.

A natureza impiedosa de Ralph já era evidente desde cedo: ele tinha 10 anos, a idade de Roley agora, quando matara o cachorro de Gwenda.

– Mas Roley pode preferir ser outra coisa.

Merthin tornou a olhar para o cavalo esculpido em madeira. Philippa sorriu. Não sorria com frequência, mas se tornava deslumbrante sempre que isso acontecia. Ainda é uma linda mulher, pensou ele.

– Deixe-o ser o que quiser e se orgulhe dele.

Merthin recordou como o pai ficara orgulhoso quando Ralph se tornara conde. Mas sabia que nunca se sentiria da mesma maneira. Teria orgulho de qualquer coisa que Roley fizesse, desde que ele se empenhasse ao máximo. Talvez o garoto se tornasse um escultor em pedra, criando anjos e santos. Talvez se tornasse um nobre sensato e misericordioso. Ou poderia ser alguma coisa que os pais nunca haviam imaginado.

Merthin convidou Philippa e os meninos para almoçar. Todos deixaram a área do priorado. Atravessaram a ponte contra o fluxo de carroças carregadas a caminho da feira. Cruzaram a ilha dos Leprosos e passaram pelo pomar para entrar na casa.

Encontraram Lolla na cozinha.

Assim que viu o pai, ela desatou a chorar. Merthin a abraçou e ela soluçou em seu ombro. Onde quer que tivesse estado, Lolla devia ter perdido o hábito de se lavar, pois cheirava como um chiqueiro. Mas ele estava feliz demais para se importar com isso.

Demorou algum tempo antes que eles pudessem encontrar algum sentido no que Lolla dizia. Quando finalmente conseguiu ser coerente, ela informou:

– Todos morreram!

E teve um novo acesso de choro descontrolado. Só depois de algum tempo, quando se acalmou um pouco, é que se tornou mais coerente.

– Todos morreram – repetiu Lolla, conseguindo agora reprimir os soluços. – Jake e Boyo, Netty e Hal, Joanie, Chalkie e Ferret, um a um, e nada do que eu fazia por eles ajudava!

Viviam na floresta, deduziu Merthin, como um grupo de jovens fingindo ser

ninfas e pastores. Os detalhes foram aflorando, pouco a pouco. Os rapazes matavam um veado de vez em quando, às vezes se ausentavam por um dia e voltavam com pão e um barril de vinho. Lolla disse que compravam os suprimentos, mas Merthin achou que era mais provável que assaltassem viajantes. Lolla imaginara que poderiam viver assim para sempre: não pensara que a situação poderia ser diferente no inverno. Mas, afinal, fora a peste, em vez do clima, que acabara com o idílio.

– Fiquei muito assustada – disse Lolla. – Queria Caris.

Gerry e Roley escutavam, impressionados. Idolatravam a prima mais velha. Embora Lolla tivesse chegado em casa às lágrimas, a história de sua aventura só serviu para engrandecê-la ainda mais aos olhos dos dois.

– Não quero nunca mais me sentir assim de novo – disse Lolla. – Tão impotente, com meus amigos doentes e morrendo ao meu redor.

– Posso compreender – comentou Caris. – Foi como me senti quando minha mãe morreu.

– Pode me ensinar a curar as pessoas? – pediu Lolla. – Quero realmente ajudá-las, como você faz, não apenas cantar hinos e mostrar a imagem de um anjo. Quero entender sobre ossos e sangue, sobre ervas e as coisas que fazem as pessoas melhorarem. Quero ser capaz de fazer alguma coisa quando uma pessoa fica doente.

– Claro que ensinarei, se é isso que você quer. Terei a maior satisfação.

Merthin estava atônito. Lolla era rebelde e mal-humorada há alguns anos, e parte de sua rejeição à autoridade fora a ideia de que Caris, sua mãe adotiva, não era de fato sua mãe, por isso não precisava ser respeitada. Ele ficou exultante com a reviravolta. Quase fazia valer a pena a agonia da preocupação por que passara. Pouco depois, uma freira entrou na cozinha.

– A pequena Annie Jones está com um acesso de tosse e não sabemos por quê – disse a Caris. – Pode ir ao hospital?

– Claro.

– Posso ir com você? – perguntou Lolla.

– Não. E esta é a sua primeira lição: você tem de estar limpa. Vá se lavar agora. Poderá ir comigo amanhã.

Quando Caris saía, Madge Webber apareceu.

– Já souberam da notícia? – perguntou, com ar sombrio. – Philemon voltou.



Naquele domingo, Davey e Amabel se casaram na pequena igreja de Wigleigh.

Lady Philippa permitiu que o solar fosse usado para a festa. Wulfric matou um porco e o assou sobre uma fogueira no pátio. Davey comprou passas bem doces e Annet fez bolinhos. Não havia cerveja – a maior parte da colheita de cevada apodrecera nos campos por falta de colhedores –, mas Philippa mandara Sam para casa com um barril de sidra de presente.

Gwenda ainda pensava, todos os dias, na cena na cabana de caça. No meio da noite, olhava para a escuridão e via Ralph com sua adaga na boca, o cabo se destacando entre os dentes marrons, enquanto a espada de Sam o pregava na parede.

Depois que Sam e ela arrancaram suas armas de Ralph, o corpo caíra no chão. A impressão era a de que os dois mortos haviam matado um ao outro. Gwenda espalhara sangue em suas armas limpas e as deixara caídas onde estavam. Lá fora, afrouxara as rédeas dos cavalos, para que pudessem sobreviver por alguns dias, se necessário, até que alguém os encontrasse. Depois, ela e Sam se afastaram a pé.

O juiz de instrução de Shiring cogitara que salteadores poderiam estar envolvidos nas mortes, mas afinal chegara à conclusão que Gwenda esperava. Ninguém desconfiara dela ou de Sam. Haviam escapado impunes do assassinato.

Ela apresentara a Sam uma versão alterada do que acontecera. Alegara que era a primeira vez que Ralph tentava coagi-la e que ameaçara matá-la se recusasse. Sam estava assustado por ter matado um conde, mas não tinha a menor dúvida de que sua ação fora justificada. Ele tinha mesmo o temperamento certo para um soldado, compreendeu Gwenda: nunca sofreria as agonias do remorso por matar.

Nem ela sofrera, embora recordasse a cena com repulsa. Matara Alan Fernhill e dera o golpe final em Ralph, mas não sentia o menor arrependimento. O mundo era um lugar melhor sem os dois. Ralph morrera sofrendo por saber que o próprio filho o ferira fatalmente, e era isso que ele merecia. Com o passar

do tempo, Gwenda tinha certeza, a visão do que fizera na cabana deixaria de atormentá-la.

Ela tratou de remover a lembrança da mente. Correu os olhos pelo salão do solar, observando os camponeses se divertirem.

O porco foi comido e o resto da sidra foi bebido. Aaron Appletree pegou sua gaita de foles. A aldeia não tinha um tambor desde a morte de Perkin, o pai de Annet. Gwenda pensou se Davey se tornaria o tocador de tambor agora.

Wulfric queria dançar, como sempre acontecia quando bebia muito. Gwenda dançou com ele a primeira música, rindo muito enquanto tentava acompanhá-lo nas voltas e pulos. Ele a ergueu, girou-a pelo ar, apertou seu corpo contra o dele, largou-a no chão, ficou dando enormes pulos ao seu redor. Wulfric não tinha o menor senso de ritmo, mas seu imenso entusiasmo era contagiante. Quando Gwenda disse estar exausta, ele dançou com a nora, Amabel.

E depois, como não podia deixar de ser, dançou com Annet.

Ele olhou para Annet assim que a música terminou e largou Amabel. Annet estava sentada num banco em um lado do salão do solar. Usava um vestido verde curto como o de uma garota, os tornozelos à mostra. O vestido não era novo, mas ela bordara flores amarelas e rosas no busto. Como sempre, uns poucos cachos escapavam da touca, pendendo em torno de seu rosto. Era velha demais – pelo menos uns vinte anos – para aquele vestido, mas não sabia disso... nem Wulfric.

Gwenda sorriu quando eles começaram a dançar. Queria parecer feliz e despreocupada, mas compreendeu que sua expressão podia ser mais como uma careta e desistiu de tentar. Desviou o olhar dos dois e observou Davey e Amabel. Talvez Amabel não fosse exatamente igual à mãe. Tinha alguns trejeitos coquetes de Annet, mas Gwenda nunca a vira flertando com ninguém, e naquele momento ela parecia não se interessar por qualquer outro que não o marido.

Gwenda olhou em volta e localizou o outro filho, Sam. Ele estava com os jovens, contando uma história, gesticulando, segurando as rédeas de um cavalo imaginário do qual quase caía. Todos se mostravam fascinados. Era bem provável que invejassem sua sorte de se tornar um escudeiro.

Sam ainda vivia em Earlscastle. Philippa conservara a maioria dos escudeiros e homens de armas, pois seu filho Gerry precisaria deles para

cavalgar e caçar, treinar com a espada e a lança. Gwenda esperava que, durante a regência de Philippa, Sam aprendesse um código mais inteligente e misericordioso do que teria adquirido com Ralph.

Não havia muito mais para observar e o olhar de Gwenda voltou para o marido e a mulher com quem outrora ele quisera se casar. Como Gwenda receara, Annet tratava de aproveitar ao máximo a exuberância e o inebriamento de Wulfric. Oferecia sorrisos sensuais quando dançavam separados e grudava nele quando se juntavam – como se fosse uma camisa molhada, pensou Gwenda.

A dança parecia se prolongar por uma eternidade, com Aaron Appletree repetindo várias vezes a animada melodia em sua gaita de foles. Gwenda conhecia os ânimos do marido, então percebeu o brilho em seus olhos que sempre aparecia quando estava prestes a lhe pedir para fazer amor. Annet sabia exatamente o que fazia, pensou Gwenda, furiosa. Ela mudou de posição em seu banco, irrequieta, desejando que a música parasse logo, fazendo esforço para não deixar a ira transparecer.

Mas fervia de indignação quando a música terminou, com um floreio. Tomou a decisão de fazer Wulfric sentar ao seu lado até se acalmar. Trataria de mantê-lo perto pelo resto da tarde e não haveria qualquer problema.

Foi então que Annet o beijou.

Enquanto Wulfric ainda mantinha as mãos em sua cintura, ela se ergueu na ponta dos pés e o beijou em cheio nos lábios, por um breve instante, mas com firmeza. E Gwenda explodiu.

Levantou-se de um pulo do banco e atravessou o salão. Ao passar pelos recém-casados, o filho Davey percebeu a expressão em seu rosto e tentou detê-la. Mas Gwenda o ignorou. Foi até Wulfric e Annet, que ainda se fitavam com sorrisos estúpidos, enfiou um dedo no ombro de Annet e disse:

– Deixe meu marido em paz!

Wulfric se virou para ela.

– Gwenda, por favor...

– Não diga nada! Apenas fique longe desta meretriz!

Os olhos de Annet faiscaram em desafio.

– Não é para dançar que as meretrizes são pagas.

– Tenho certeza de que você sabe tudo sobre o que as meretrizes fazem.

– Como ousa me falar assim?

Davey e Amabel se interpuseram.

– Por favor, mãe, não faça uma cena – disse a garota.

– Não sou eu, mas Gwenda!

– Não sou eu quem está tentando seduzir o marido de outra mulher – protestou Gwenda.

– Mãe, você está estragando o casamento – disse Davey.

Gwenda estava enfurecida demais para ouvir.

– Ela sempre faz isso. Rompeu o noivado há 23 anos, mas nunca o deixou em paz!

Annet começou a chorar. Gwenda não ficou surpresa. As lágrimas de Annet eram apenas outro meio de conseguir o que queria. Wulfric estendeu a mão para apertar o ombro de Annet, mas Gwenda gritou, ríspida:

– Não toque nela!

Ele retirou a mão num movimento brusco, como se a tivesse queimado.

– Você não compreende... – soluçou Annet.

– Compreendo muito bem!

– Não, não compreende. – Annet limpou os olhos e fitou Gwenda. – Não compreende que venceu. Ele é seu. Não sabe que ele a adora, respeita e admira. Não percebe que ele olha para você quando fala com outra mulher?

Gwenda ficou espantada.

– Bom...

Ela não sabia mais o que dizer.

– Ele olha para mulheres mais jovens? Alguma vez fica longe de você? Quantas noites dormiu separado de você nos últimos vinte anos? Duas? Três? Não percebe que ele nunca amará outra mulher enquanto viver? – continuou ela.

Gwenda olhou para Wulfric e teve certeza de que tudo aquilo era verdade. De fato, era óbvio. Ela sabia e todos também. Tentou recordar por que sentia tanta raiva de Annet, mas a lógica do sentimento lhe escapou.

A dança parara e Aaron largara sua gaita de foles. Todos os aldeões se agrupavam agora em torno das duas mulheres, as mães dos recém-casados.

– Eu era uma garota tola e egoísta, tomei uma decisão errada e perdi o melhor homem que já conheci – acrescentou Annet. – E você ficou com ele. Às

vezes não posso resistir à tentação de fingir que aconteceu o contrário e que ele é meu. Por isso sorrio para ele, afago seu braço. Wulfric é gentil comigo porque sabe que partiu meu coração.

– Você partiu seu próprio coração – comentou Gwenda.

– É verdade. E você foi a garota afortunada que se beneficiou da minha insensatez.

Gwenda estava espantada. Nunca pensara em Annet como uma pessoa triste. Para ela, Annet sempre fora uma figura poderosa e ameaçadora, sempre tramando para reconquistar Wulfric. Mas isso nunca aconteceria.

– Sei que fica irritada quando Wulfric é gentil comigo – continuou Annet. – Eu gostaria de dizer que não vai acontecer de novo, mas conheço minha fraqueza. Você tem de me odiar por isso? Não deixe que isso estrague a alegria do casamento e dos netos que ambas queremos. Em vez de me considerar como sua inimiga vitalícia, não poderia pensar em mim como uma irmã leviana que às vezes se comporta mal e a deixa irritada, mas ainda assim deve ser tratada como uma pessoa da família?

Ela tinha razão. Gwenda sempre pensara em Annet como um rosto bonito e uma cabeça vazia. Naquele momento, no entanto, ela era a mais sensata das duas, e Gwenda se sentiu humilhada.

– Não sei, mas talvez eu possa tentar.

Annet se adiantou e deu um beijo no rosto de Gwenda, que sentiu as lágrimas de Annet em sua face.

– Obrigada – disse Annet.

Gwenda ainda hesitou por um instante, mas depois passou os braços pelos ombros ossudos de Annet e a envolveu num abraço.

Ao redor, os aldeões aclamaram e aplaudiram. A música recomeçou logo depois.



No início de novembro, Philemon realizou uma missa de ação de graças pelo fim da peste. O arcebispo Henri compareceu, em companhia do cônego Claude. Sir Gregory Longfellow também foi.

Gregory devia ter vindo a Kingsbridge para anunciar a escolha do rei para novo bispo, pensou Merthin. Formalmente, ele diria aos monges que o rei indicara alguém e caberia aos monges eleger este nome ou algum outro, mas, em última análise, os monges costumavam votar naquele que fora escolhido pelo rei.

Merthin não pôde ler qualquer sinal no rosto de Philemon e calculou que Gregory ainda não revelara a escolha real. A decisão significava tudo para Caris e Merthin. Se Claude ficasse com o posto, seus problemas acabariam. Ele era moderado e razoável. Mas, se Philemon se tornasse bispo, enfrentariam mais anos de disputas e ações judiciais.

Henri conduziu o serviço, mas Philemon fez o sermão. Agradeceu a Deus por atender às preces dos monges de Kingsbridge e poupar a cidade dos piores efeitos da peste. Não mencionou que os monges haviam fugido para St.-John-in-the-Forest e deixado os moradores da cidade para se defenderem sozinhos, nem que Caris e Merthin haviam ajudado Deus a atender às preces dos monges ao fecharem os portões da cidade por seis meses. Pelo sermão, parecia que fora ele quem salvara Kingsbridge.

– Faz meu sangue ferver de raiva – comentou Merthin com Caris, sem se dar o trabalho de baixar a voz. – Ele está distorcendo completamente os fatos!

– Relaxe – retrucou ela. – Deus sabe a verdade, e as pessoas também. Philemon não está enganando ninguém.

Caris tinha razão, é claro. Depois de uma batalha, os soldados no lado vencedor sempre agradeciam a Deus, mas mesmo assim eles conheciam a diferença entre bons e maus generais.

Depois da missa, Merthin, como regedor, foi convidado a almoçar no palácio do prior com o arcebispo. Sentou ao lado do cônego Claude. Após a oração de graças, as conversas começaram. Merthin perguntou a Claude, em voz baixa e ansiosa:

– O arcebispo já sabe quem o rei escolheu para bispo?

Claude respondeu com um aceno de cabeça quase imperceptível.

– É você?

Claude balançou sutilmente a cabeça em negativa.

– Então é Philemon?

Outro aceno de cabeça.

Merthin sentiu um aperto no coração. Como o rei podia escolher um idiota e covarde como Philemon em vez de alguém sensato e competente como Claude? Mas ele sabia a resposta: Philemon manobrara com a eficiência habitual.

– Gregory já instruiu os monges?

– Ainda não. – Claude se inclinou para Merthin. – Provavelmente fará uma comunicação informal a Philemon esta noite, depois do jantar, para em seguida falar com os monges no capítulo, amanhã de manhã.

– Então temos até o final do dia.

– Para quê?

– Para fazê-lo mudar de ideia.

– Não vai conseguir.

– Posso tentar.

– Será em vão.

– Não esqueça que estou desesperado.

Merthin comeu pouco e fez um esforço para se manter paciente. Quando o arcebispo se levantou da mesa, ele disse a Gregory:

– Eu gostaria que me acompanhasse até a catedral. Preciso falar sobre uma coisa que vai interessá-lo muito.

Gregory acenou com a cabeça, em concordância. Caminharam pela nave lado a lado até um ponto em que Merthin teve certeza de que ninguém poderia ouvi-los. Respirou fundo. Era muito perigoso o que estava prestes a fazer. Tentaria dobrar o rei à sua vontade. Se falhasse, podia ser acusado de traição... e executado.

– Há muito tempo circulam rumores de que existe em algum lugar de Kingsbridge um documento que o rei gostaria muito de destruir – comentou.

Gregory manteve o rosto impassível.

– Continue.

Era um bom presságio.

– Essa carta estava em poder de um cavaleiro que morreu recentemente.

– Ele morreu? – indagou Gregory, surpreso.

– É evidente que sabe exatamente de quem estou falando.

Gregory respondeu como um advogado:

– Apenas para argumentar, suponhamos que sei.

– Eu gostaria de prestar o serviço de devolver esse documento ao rei... qualquer que seja o seu conteúdo.

Merthin sabia muito bem qual era, mas podia, prudentemente, fingir ignorar o teor da carta tal qual Gregory.

– O rei ficaria agradecido – disse Gregory.

– Agradecido até que ponto?

– O que tem em mente?

– Um bispo que esteja mais em sintonia com a população de Kingsbridge do que Philemon.

Gregory o encarou firme.

– Está tentando chantagear o rei da Inglaterra?

Merthin sabia que aquele era o ponto perigoso.

– Nós, de Kingsbridge, somos mercadores e artesãos – disse, tentando parecer razoável. – Compramos, vendemos, fazemos negócios. Só estou tentando chegar a um acordo com você. Quero lhe vender uma coisa e disse meu preço. Não há chantagem, não há coação. Não faço ameaças. Se não quiser o que estou vendendo, o assunto estará encerrado.

Chegaram ao altar. Gregory olhou para o crucifixo acima. Merthin sabia exatamente o que ele estava pensando. Deveria prender Merthin, levá-lo para Londres e torturá-lo até que revelasse o paradeiro do documento? Ou seria mais simples e mais conveniente para o rei indicar um nome diferente para bispo de Kingsbridge?

Fez-se um longo silêncio. A catedral estava fria, e Merthin se aconchegou em seu casaco. Gregory finalmente perguntou:

– Onde está o documento?

– Aqui perto. Eu o levarei até lá.

– Está bem.

– E o nosso acordo?

– Se o documento for mesmo o que você pensa que é, honrarei minha parte do acordo.

– E o cônego Claude será o novo bispo?

– Será.

– Obrigado. Precisamos caminhar um pouco pela floresta.

Desceram juntos pela rua principal e atravessaram a ponte, a respiração formando nuvens de vapor no ar. Um sol de inverno brilhava com pouco calor quando entraram na floresta. Merthin encontrou o caminho com facilidade dessa vez, pois fizera o percurso apenas poucas semanas antes. Reconheceu a pequena fonte, o imenso bloco de rocha e o vale lamacento. Alcançaram a clareira com o enorme carvalho e ele foi direto para o lugar em que o pergaminho fora enterrado.

E ficou consternado ao descobrir que alguém estivera ali antes.

Alisara a terra com todo o cuidado e a cobrira com folhas, mas mesmo assim alguém descobrira o esconderijo. Havia um buraco de 30 centímetros, com uma pilha de terra ao lado. E o buraco estava vazio. Ele ficou olhando, aturdido.

– Que inferno!

– Espero que isto não seja alguma brincadeira – disse Gregory.

– Deixe-me pensar! – pediu Merthin, um tanto ríspido. Gregory ficou calado.

– Só duas pessoas sabiam disso – disse Merthin, pensando em voz alta. – Não contei a ninguém. Portanto, só pode ter sido Thomas. Ele estava ficando senil antes de morrer. Creio que tinha revelado o segredo.

– Mas para quem?

– Thomas passou os últimos meses de sua vida em St.-John-in-the-Forest, e os monges não permitiam que ninguém de fora entrasse. Portanto, deve ter sido um monge.

– Quantos são?

– Cerca de vinte. Mas não muitos saberiam o bastante sobre os antecedentes para compreender o significado dos murmúrios de um velho sobre uma carta enterrada.

– Mas onde está a carta agora?

– Acho que sei. Peço mais uma chance.

– Está certo.

Voltaram para a cidade. Ao atravessarem a ponte, o sol baixava sobre a ilha dos Leprosos. Entraram na catedral já escura, foram para a torre do lado sudoeste e subiram pela estreita escada em espiral até o pequeno compartimento em que eram guardados os trajes para as encenações religiosas.

Merthin não entrava ali havia onze anos, mas depósitos empoeirados não

mudam muito, ainda mais em catedrais; aquele continuava como antes. Ele encontrou a pedra solta na parede e a retirou.

Todos os tesouros de Philemon continuavam por trás da pedra, inclusive a mensagem de amor talhada na madeira. E ali estava também um saco de lã oleado. Merthin o abriu e tirou o pergaminho.

– Foi o que pensei – disse ele. – Philemon arrancou o segredo quando Thomas perdia o juízo.

Sem dúvida, Philemon guardara a carta para usar como instrumento de barganha se a decisão sobre o bispado lhe fosse contrária, mas agora era Merthin quem tirava proveito dela.

Ele entregou o pergaminho a Gregory.

O advogado o desenrolou. Uma expressão de espanto se estampou em seu rosto enquanto lia.

– Santo Deus... então os rumores eram verdadeiros!

Ele tornou a enrolar o documento. A expressão era agora a de alguém que encontrara uma coisa que procurava havia muitos anos.

– É o que você esperava? – perguntou Merthin.

– É, sim.

– E o rei ficará agradecido?

– Profundamente.

– Então sua parte no acordo...?

– Será cumprida. Claude será seu novo bispo.

– Graças a Deus!



Oito dias mais tarde, no início da manhã, Caris estava no hospital, ensinando Lolla a prender uma atadura, quando Merthin entrou.

– Quero lhe mostrar uma coisa – disse ele. – Vamos para a catedral.

Era um dia de inverno claro e frio. Caris se envolveu em um grosso manto vermelho. Ao atravessarem a ponte para a cidade, Merthin parou e apontou.

– A agulha foi concluída.

Caris ergueu os olhos. Podia avistar a forma através da teia de andaimes que

ainda a cercavam. A agulha era muito alta e graciosa. Enquanto seu olhar acompanhava a ascensão afilada da agulha, ela teve a impressão de que aquilo poderia se prolongar para sempre.

– É o prédio mais alto da Inglaterra?

Merthin sorriu.

– É, sim.

Os dois seguiram pela rua principal e entraram na catedral. Merthin subiu na frente pela escada por dentro das paredes da torre central. Já se acostumara com a escalada, mas Caris ofegava quando saíram ao ar livre no alto da torre, no passadiço em torno da agulha. Lá em cima soprava uma brisa firme e fria.

Contemplaram a vista, enquanto Caris recuperava o fôlego. Toda a cidade de Kingsbridge se estendia para norte e oeste: a rua principal, o distrito industrial, o rio, a ilha com o hospital. Fumaça se elevava de mil chaminés. Pessoas em miniatura passavam apressadas pelas ruas, a pé, a cavalo ou guiando carroças; carregando sacos de ferramentas, cestas com legumes e frutas ou sacos pesados; homens, mulheres e crianças; gordos e magros; as roupas pobres e finas ou ricas e grossas, quase todas marrons e verdes, mas com alguns nuances de azul e escarlate. A vista de todas aquelas pessoas deixou Caris maravilhada: cada pessoa tinha uma vida diferente, cada vida era rica e complexa, com dramas no passado e desafios no futuro, recordações felizes e pesares secretos, uma multidão de amigos, inimigos e entes amados.

– Está pronta? – perguntou Merthin.

Caris assentiu com a cabeça.

Ele subiu na frente pelos andaimes. Era uma teia de cordas e galhos que sempre a deixava nervosa, embora não gostasse de dizê-lo; se Merthin podia subir, ela também podia. O vento fazia toda a estrutura balançar um pouco. A túnica de Caris adejava em torno das pernas, como as velas de um navio. A agulha era muito alta e a subida pelas escadas de cordas foi extenuante. Pararam na metade para descansar.

– A agulha é muito simples – comentou Merthin, sem precisar recuperar o fôlego. – Apenas uma moldura arredondada nos ângulos.

Caris refletiu que as outras agulhas eram muito ornamentadas, com faixas de pedras e ladrilhos coloridos, recessos que pareciam janelas. A simplicidade do

projeto de Merthin dava a impressão de que se prolongava indefinidamente. Merthin apontou para baixo.

– Ei, olhe só o que está acontecendo!

– Prefiro não olhar...

– Acho que é Philemon partindo para Avignon.

Caris tinha de ver isso. Estava numa plataforma larga de tábuas, mas mesmo assim se segurou com as mãos numa trave vertical para ter certeza de que não cairia. Engoliu em seco e olhou para baixo, numa perpendicular da torre até o chão.

O esforço valeu a pena. Viu uma carruagem puxada por dois bois parada diante do palácio do prior. Uma escolta constituída de um monge e um homem de armas, ambos a cavalo, esperava pacientemente. Philemon permanecia parado ao lado da carruagem enquanto os monges de Kingsbridge se adiantavam, um a um, para beijar sua mão.

Depois que todos o fizeram, o irmão Sime lhe entregou um gato preto e branco, que Caris reconheceu como um descendente do gato de Godwyn, Arcebispo.

Philemon subiu na carruagem e o cocheiro chicoteou os bois. O veículo se arrastou lentamente pelo portão e desceu a rua principal. Caris e Merthin continuaram a observar até que a carruagem passou pela ponte e desapareceu nos subúrbios.

– Graças a Deus ele foi embora – disse Caris.

Merthin olhou para cima.

– Não falta muito para o topo. Daqui a pouco você estará num ponto mais alto do que qualquer mulher jamais esteve na Inglaterra.

Ele recomeçou a subir. O vento foi se tornando mais forte, mas Caris estava exultante, apesar de sua ansiedade. Era o sonho de Merthin, e ele o convertera em realidade. Todos os dias, durante centenas de anos, as pessoas por quilômetros ao redor contemplariam aquela agulha e a achariam linda.

Chegaram ao topo dos andaimes, as tábuas em torno do pico da agulha. Caris tentou esquecer que não havia grade em torno da plataforma para impedir que eles caíssem.

Na ponta da agulha havia uma cruz. Parecia pequena lá de baixo, mas agora

Caris via que era maior do que ela.

– Há sempre uma cruz no alto de uma agulha – disse Merthin. – É uma tradição. Afora isso, há uma variação na prática. Em Chartres, a cruz sustenta uma imagem do Sol. Fiz uma coisa diferente.

Caris viu que, ao pé da cruz, Merthin pusera um anjo de pedra em tamanho natural. A figura ajoelhada não olhava para a cruz, mas sim para oeste, na direção da cidade. Ao olhar mais atentamente, Caris constatou que as feições do anjo não eram convencionais. O pequeno rosto redondo era obviamente feminino. Parecia vagamente familiar, com feições precisas e cabelos curtos.

E então ela compreendeu que o rosto era o seu. Ficou espantada.

– Eles deixarão você fazer isso?

Merthin acenou com a cabeça, em confirmação.

– Metade da cidade já acha que você é um anjo.

– Mas não sou.

– Não, não é – concordou Merthin, com o sorriso que ela tanto amava. – Mas é a coisa mais próxima que já conheci.

Subitamente, o vento soprou mais forte. Caris segurou Merthin. Ele a abraçou bem apertado, com os pés separados, confiante. A rajada passou tão depressa quanto surgira, mas Merthin e Caris permaneceram abraçados, no topo do mundo, por muito tempo.

Agradecimentos

Meus principais consultores históricos foram Sam Cohn, Geoffrey Hindley e Marilyn Livingstone. A fraqueza nas fundações da catedral de Kingsbridge se baseia de forma aproximada no que ocorre na catedral de Santa Maria em Vitoria-Gasteiz, na Espanha; e sou grato ao pessoal da Fundación Catedral Santa Maria pela ajuda e inspiração, especialmente a Carlos Rodriguez de Diego, Gonzalo Arroita e o intérprete Luis Rivero. Também contei com a ajuda do pessoal do York Minster, especialmente John David. Martin Allen, do Fitzwilliam Museum, em Cambridge, Inglaterra, foi muito gentil ao me permitir manusear as moedas do reinado de Eduardo III. No Mont Saint Michel, na França, recebi a ajuda de irmã Judith e irmão François. Como sempre, Dan Starer, da Research for Writers, na cidade de Nova York, me ajudou com a pesquisa. Entre meus conselheiros literários se incluíram Amy Berkower, Leslie Gelbman, Phyllis Grann, Neil Nyren, Imogen Taylor e Al Zuckerman. Também fui ajudado pelos comentários e críticas de amigos e da minha família, especialmente de Barbara Follett, Emanuele Follett, Marie-Claire Follett, Erica Jong, Tony McWalter, Chris Manners, Jann Turner e Kim Turner.

Sobre o autor

© Barbara Follett



Ken Follett irrompeu no cenário da literatura aos 27 anos, com *O buraco da agulha*, thriller premiado que chegou ao topo das listas de mais vendidos em vários países. Depois de outros sucessos do gênero, surpreendeu a todos com *Os pilares da Terra*, um romance que até hoje, mais de vinte anos após seu lançamento, continua encantando o público mundo afora.

Suas obras já venderam mais de 150 milhões de exemplares. Seu livro mais recente, *Eternidade por um fio*, último volume da série "O Século" (composta também por *Queda de gigantes* e *Inverno do mundo*), foi direto para a primeira

posição das listas de mais vendidos de vários países. No Brasil, além dessa trilogia, a Editora Arqueiro publicou *Um lugar chamado liberdade* e *As espiãs do Dia D*.

O autor vive na Inglaterra com sua esposa, Barbara Follett.

Para mais informações, visite o site ken-follett.com/br

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, *Inverno do mundo* e *Eternidade por um fio*, de Ken Follett

Não conte a ninguém; *Desaparecido para sempre*; *Confie em mim*; *Cilada*, *Fique comigo* e *Seis anos depois*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa; *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno; *O símbolo perdido*; *O Código Da Vinci*; *Anjos e demônios*; *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma longa jornada; *O melhor de mim*; *O guardião*; *Uma curva na estrada*; *O casamento*; *À primeira vista* e *O resgate*, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do Universo*; *A vida, o Universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!*, *Praticamente inofensiva*; *Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently* e *O salmão da dúvida*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os Doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e *A nascente*, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
PARTE I
1
2
3
4
5
PARTE II
6
7
8
9
10
11
12
13
PARTE III
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
PARTE IV
30

31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
PARTE V
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
PARTE VI
63
64
65
66
67

68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
PARTE VII
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
Agradecimentos
Sobre o autor
Conheça outros títulos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro